A CAPITAL

Diario republicano da noite

> A solidariedade é uma palavra que custa muito a pronunciar.
>
> Eça de Queiroz

N.º 3969—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Terça-feira, 3 de Janeiro de 1922 | Telefone n.º 2298—Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A vontade nacional

A marcha dos acontecimentos politicos continua a aparentar um aspecto confuso; mas, na realidade, ela vai seguindo uma determinada logica que não deve passar despercebida aos olhos do observador deste genero de fenomenos.

Com efeito, á medida que esses acontecimentos se desenrolam, a politica do sr. Cunha Leal vai-se gradualmente definindo. Essa politica, que parece ter um caracter pessoal, guia-se, de facto, pela concepção que o chefe do governo tem da vontade nacional. E' por ela que amolda os seus actos, é ela que tudo indica presidir ás suas intenções.

Não quer o sr. Cunha Leal ser no poder um simples agente, passivo e inerte, dos partidos politicos, que tantas más provas teem dado na administração dos negocios publicos. Não quer o sr. Cunha Leal transigir com propositos extremistas, que no pronunciamento de 19 de outubro tiveram tão deploravel influencia. Não quer o sr. Cunha Leal sujeitar-se a uma pressão militar, venha ela donde vier.

No seu entender, tanto quanto podemos avaliar dos seus projectos pelos actos publicos que tem praticado, é ele, Cunha Leal, quem pode dar ao governo uma expressão exacta á vontade do paiz, que deseja uma vida nova dentro da Republica. A popularidade que o seu belo gesto da noite de 19 de outubro lhe granjeou no paiz inteiro, procura-a o chefe do governo pôr ao serviço dessa obra, fazendo reverter para um plano governativo que deve corresponder ás principais aspirações da consciencia publica.

Triunfará nos seus designios? Nos breves dias da sua estada no poder, o sr. Cunha Leal tem galgado sucessivas *étapes* no caminho que deve conduzi-lo ao pleno exito da sua politica.

Voltando-se para os outubristas, declarou que repudiava o programa do seu movimento, embora destrinçasse entre os elementos sãos e os elementos criminosos, mostrando-se tão implacavel com os desordeiros e os assassinos, como benevolo com os que sinceramente julgaram servir a Patria e a Republica, contribuindo para o movimento de 19 de outubro. Voltando-se para os partidos, declarou-lhes que não está disposto a permitir a confecção dum Parlamento como os anteriores, em que só a intriga partidaria tem florescido com manifesto damno para a Nação.

O sr. Cunha Leal está hoje a ponto de alcançar a primeira das suas decisivas *étapes*.

Se consegue que os partidos sejam os primeiros a reconhecer os seus erros, a par da sua impotencia, conseguirá já um importante resultado. Tudo leva a crêr que vai num caminho, em vista da atitude dos partidos liberal e reconstituinte, que não lhe levantará atritos.

Depois disto, tem a questão militar, que certamente resolverá tambem em harmonia com o desejo bem expresso do paiz inteiro, que não quer estar á mercê de novas aventuras e pronunciamentos.

Para tudo isto dispõe o sr. Cunha Leal da sua honra, do seu nome, da sua intellgencia. Se conseguir interpretar fielmente a vontade do paiz o seu triunfo é indubitavel, como fatalmente fracassará se a não souber inteiramente compreender e executar.

Um medico inglez elogia Portugal

LONDRES, 3 — Sir John Blanstatten, eminente cirurgião, que ultimamente fez uma rapida visita a Portugal, escreve no "Morning Post" dizendo achar-se encantado sob todos os pontos de vista, falando especialmente da cortezia e da amabilidade dos portuguezes, do doce clima do paiz; elogia muito tambem os proces[sos] adoptados no matadoro de Lisboa

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

As suas bernardices comentadas pelo velho funcionario

— Passemos agora, para desopilar um pouco o figado, aquilo a que eu chamarei as notas picarescas da reforma. Tambem estas revelam da parte dos seus auctores um saber de experiencia feito:

Artigo 228:—«Na Secretaria Geral e em cada Direcção Geral haverá um livro de registo de toda a correspondencia e mais papeis entrados e saidos. Alem deste livro haverá outro de registo dos decretos, portarias e mais diplomas.»

— Mas isso é lei ou regulamento?

— Devia ser regulamento, devia, mas faz parte da lei. Não se admire: o famoso diploma que o seu principal auctor classifica de «um todo uno» que não pode ser modificado, sob pena de ficar amputado, está cheio destas coisas.

Artigo 20:—«Compete á Divisão do contencioso:

a) Negociação de tratados de assistencia judiciaria, etc.;

b) Questões de nacionalidade, etc.;

c) Tribunais mixtos;

d) Jurisdição consular em paizes não cristãos;

e) Processos de extradição, delinquentes, desertores e refratarios...»

«Compete negociação», «compete questões», «compete tribunais» é lingua de pretos. Mas deixemos isso porque quem faz leis no nosso paiz não tem obrigação de saber escrever. E para o corraborar lá está o artigo 105, onde se lê:

«A promoção a Ministro de 2.ª ou 1.ª classe e a Embaixador é de livre escolha do ministro, que deverá sempre fazer preceder o decreto de nomeação de um relatorio em que «larga e concretamente» se indiquem os meritos especiais que determinaram a promoção.»

Mas deixemos tambem o «larga e concretamente». O que se apura da primeira parte da algaravia é que a divisão do contencioso deve ocupar se, entre outros assuntos, dos que dizem respeito a desertores e refractarios. Ora dá-se um pulo ao artigo 26 e verifica se que á Divisão dos Negocios Politicos e Economicos, que, por sinal, pertence a outra direcção geral, compete, entre muitas coisas, citadas em varias alineas, esta: serviço militar

Temos, portanto, que as questões militares passam a ser tratadas por duas direcções gerais. Dir-me-hão que as que se referem a refratarios e desertores podem implicar interpretação de leis e, por isso, foram entregues ao contencioso.

Simplesmente, em materia de jurisdição militar, o Ministerio dos Estrangeiros não pode ter opiniões proprias e tem que sujeitar-se, em tudo, como sempre fez, ás instrucções que recebe do Ministerio da Guerra. O que me leva á conclusão de que a distribuição daqueles assuntos por duas direcções gerais foi simplesmente feita para facilitar o expediente...

Pelo artigo 81 os embaixadores e chefes de missão são prevenidos de que, entre outras obrigações, terão a seguinte:

«Dirigir o serviço da Embaixada ou Legação e regular convenientemente o horario do mesmo serviço».

Ora calcule-se que o reformador não tinha tido a precaução de dar estas instruções. O que seria das embaixadas e das legações de Portugal por esse mundo fóra! Que serie de desastres, que verdadeiros cataclismos para a diplomacia nacional! Os embaixadores e os ministros, atrapalhadissimos da vida, com as mãos na cabeça, perguntando aos secretarios, aos continuos, aos montes e ás hervinhas: «Que hei-de eu fazer? Que hei-de eu fazer?!»

Artigo 75: — «Os consulados da carreira «poderão ser» consulados gerais, consulados de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe. (O reformador continua divorciado da gramatica. Aqui ombrirou com o plural de classe). Os consulados de cada uma destas categorias «são» os indicados nas tabelas n.º 8 a 11».

Ha uma coisa que não se pode negar ao homem: é a logica. Porque creio não restar duvida de que para que uma coisa «seja», é condição essencial que «possa ser». E veja como o que «pode ser» fica realmente «sendo», emquanto o diabo esfrega um olho. Assim, duma penada.

Entre as funções dos consules, segundo o artigo 99, está taxativamente indicada esta:

«Descrever e apresentar os productos das industrias portuguesas e fazer a necessaria propaganda para a sua introdução e consumo».

Um consul a «descrever e a apresentar» os productos das industrias portuguesas... Se nos lembrarmos da tarefa imposta ao tal Instituto de Expansão Economica de organisar feiras e mostruarios volantes, havemos de concordar que pouco faltou para que o sr. Simões puzesse os funcionarios do Ministerio dos Estrangeiros a vender fitas no Grandela e a carregar com caixas de velas de estearina na Companhia União Fabril.

Artigo 215.—«Os funcionarios do quadro diplomatico-consular serão isentos de licença de porte de arma...»

Foi tal a furia de legislar que até se legislou para os paizes estrangeiros. Não sei o que dirão a isto o sr. Briand, o sr. Lloyd George, ou qualquer dos outros primeiros ministros, mas provavelmente não dizem nada com receio do que poderia suceder-lhes. Quanto aos funcionarios da secretaria dos estrangeiros, consta que obtiveram isenção de licença de porte de arma para disputarem á força de Browing os respectivos lugares nos carros da linha de Santo Amaro...

O artigo 7 estabelece a ordem de promoção. E começa por dizer:

«Todo o funcionario será admitido como terceiro secretario de legação ou consul de 3.ª classe, e nesta categoria servirá na Secretaria de Estado pelo menos durante dois anos».

Muito bem. Vamos agora ao artigo 109. Reza assim: «Nenhum funcionario poderá ser promovido a Ministro Plenipotenciario sem ter prestado serviço na Secretaria de Estado, pelo menos, durante seis anos; nas legações e consulados, pelo menos, durante cinco anos, dos quais, pelo menos, um têrço na categoria de Conselheiro de Legação ou Consul Geral».

Optimo. De maneira que o cidadão é admitido na Secretaria, faz ali o seu estagio de dois anos, em seguida ao que é enviado para uma legação. Nessa ou noutras faz a sua *carreira*, é sucessivamente promovido e quando depois de atingir o grau de conselheiro, pretende ser nomeado ministro, tem de voltar á Secretaria para aprender durante mais um ano não sei bem o quê mas talvez a redigir... uma nota diplomatica. O certo é que ele precisa de andar a mourejar pelo menos oito anos para poder ser ministro plenipotenciario.

Haverá quem julgue isto excessivamente rigoroso. Mas não é. E sei até porque o sr. Simões tomou tão sabia providencia. Foi para evitar no futuro casos como o que sucedeu em tempos com um funcionario do ministerio. Eu conto.

Fôra ele nomeado

Consul de 3.ª classe, em 13 de novembro de 1915

e colocado em Manaus, cujo consulado geriu de 6 de março de 1916 a 6 de fevereiro de 1917. Veiu então de licença a Lisboa terminada a qual ficou «demorado em serviço» (nunca se fez serviço quando se é demorado... em serviço; representa isto uma maneira encapotada de se prolongar uma licença) até que foi nomeado

Consul de 2.ª classe, em 25 de fevereiro de 1918

e colocado no Pará. Pouco depois partiu «oficialmente» para o seu posto, mas como tivesse negocios particulares a tratar no Rio de Janeiro, em vez de seguir directamente para o Pará, seguiu para a capital do Brazil. Ali se conservou o tempo necessario para concluir os seus negocios e, concluidos eles, foi chamado em serviço a Lisboa (outra maneira encapotada de se conceder uma licença), para onde partiu sem ter ido ao Pará, tendo recebido, segundo a lei, as respectivas despezas de instalação nesse posto. Conservou-se alguns meses em Lisboa, até que o nomearam

Consul de 1.ª classe, em 30 de maio de 1919

e o colocaram em Cristiania, consulado recentemente creado. A nomeação foi feita em conformidade com o decreto n.º 5229, de 11 de março de 1919, que dá ao governo a faculdade de nomear para certos logares individuos «da confiança do regimen», prescindindo-se das formalidades legais.

Foi esta a unica nomeação feita até agora, segundo essa lei, pelo Ministerio dos Estrangeiros.

Permaneceu em Lisboa até setembro de 1920. Nessa altura partiu para o seu posto que geriu durante trez semanas, pouco mais ou menos, até ser «chamado em serviço» a esta cidade de marmore e de granito. Foi, finalmente nomeado

Ministro de 2.º classe, em 20 de janeiro de 1291

e colocado em Viena. Até então o tempo total de serviço que prestara era este: onze meses como consul de 3.ª classe e trez semanas como consul de 1.ª. Depois disso não houve mais noticias do funcionario. Supõe-se que faleceu, cortando-lhe a Parca o fio da sua exaustiva mas esperançosa carreira. Porque até á data em que estamos não consta que tenha já chegado á terra das valsas.

Chamava-se ele Alberto da Veiga Simões. Paz á sua alma

MOMENTO POLITICO

O CERCO A LISBOA

Ultimas mutações no scenario politico. — Foi, por acaso, interrompido o movimento restaurador da sociedade portugueza?... A Guarda Republicana e a sua função policial — E se as urnas eleitorais falassem?...

Um desastre ocasional impediu que este jornal circulasse ontem. Perdemos muito, mas mais perdeu o nosso leitor habitual, que ficou privado duma informação politica muito pormenorisada. Temos, agora, de recapitular uma parte dela, ainda inedita, e de lhe juntar as noticias de hoje.

Principiamos por reproduzir as seguintes

Importantes declarações do sr. Cunha Leal

A's 15 horas o sr. Cunha Leal mandou chamar ao seu gabinete alguns jornalistas que se encontravam no ministerio do Interior e fez-lhes as seguintes comunicações, cujo caracter de gravidade nos abstemos de salientar:

«Não foi possivel encontrar uma plataforma que conciliasse os pontos de vista do actual governo com a irredutibilidade politica dos organismos partidaristas.

Na ultima conferencia realisada sob a presidencia do chefe do Estado, eu disse, muito claramente, que não admitia umas eleições que conduzissem a uma constituição do Parlamento semelhante áquele que tem determinado os «gacnis» causa primaria de conflagrações deploraveis e desprestigiosas para a Republica e para a Nação; entendia — e nisso era irredutivel — que no Parlamento a eleger deviam figurar nomes de competencia nos diversos ramos da actividade nacional, a fim de que não se esborrasse dum instante para o outro, em novos 21 de maio ou 19 de outubro.

E como os partidaristas insistiram em considerar o Congresso como a Torre de Marfim onde só ingressavam os que são protegidos ou adoptados pelos partidos, eu renovei ao Chefe do Estado o pedido formal da demissão do governo, pedido que foi aceite.

Um dos jornalistas presentes formulou estas perguntas:

—A situação é então identica á que existia quando v. ex.ª foi chamado a formar ministerio?

Não é. Encontra-se pelo contrario singularmente melhorada, porque a firmesa do governo conseguiu consolidar a ordem publica. Não receio agora que ela seja alterada visto que formalmente me foi assegurado, por muitos oficiais do Exercito e da Guarda, que não seria coarctada a plena liberdade do sr. Presidente da Republica para a organisação do novo ministerio.

—O chefe do Estado não encarregará v. ex.ª de formar o novo ministerio? E, nesse caso, v. ex.ª aceitaria a missão?...

—O sr. Presidente fará como entender. Eu é que não aceitarei missão do governo que não seja dentro da formula politica que me forçou a demissão. Parlamento capaz de legislar, formado com elementos de competencia indiscutivel.

De tudo isto se conclue que a situação politica não é ainda tão desanuviada como a principio julgavamos. O sr. Presidente da Republica vai proceder, certamente, ás consultas da praxe. Surgirá delas algum alvitre que torne viavel um governo partidarista?

E' muito pouco provavel, principalmente porque a opinião publica — que não existe sómente em Lisboa... — imediatamente se pronunciaria contra tal solução.

Mantemos, pois, a nossa previsão: o sr. Cunha Leal, com o Governo demissionario ou com outro qualquer, procurará resolver o problema politico.

A previsão acima formulada começa realmente a ter confirmação. Os partidaristas liberais e reconstituintes aproximam-se do governo, prestes a satisfazer-lhe todas as exigencias; os democraticos, mais intransigentes, como sempre tem sucedido desde que, após o 5 de outubro, fizeram a sua entrada na politica portuguesa, começaram esta tarde a dar signais de que terminarão por adoptar o ponto de vista dos outros dois partidos da Conjunção.

E' possivel, pois, que o governo Cunha Leal venha a continuar no Poder tal qual se encontra constituido ou, na hipotese da persistencia na irredutibilidade democratica, recomposto com a entrada de elementos que substituam os ministros democraticos.

Enquanto se debatem todos os interesses politicos em jogo, é um facto verificado.

Cerco militar de Lisboa

constituido por forças do exercito das quatro armas: infantaria, cavalaria, artilharia e aviação.

Lisboa cercada, em tempo de paz, é um caso curioso, que, por certo, ficará na historia pratica como uma das excentricidades do actual momento politico.

Para que se fez esta concentração de tropas? Para que é que ela persiste, desde ha bastantes dias? Por certo que não seria necessaria tanta ostentação de força para reduzir á obediencia os discolos da Brazileira. Milhares de homens do exercito, com artilharia basta e todos os aparelhos da nossa aviação não se aglomeravam em torno de Lisboa senão com um objectivo, que, aliás, parece que vai ser atingido sem derramamento de sangue. Entendemos, pois, que merece ser aqui reproduzida uma parte da nossa informação dontem, que projecta bastante luz sobre os objectivos das forças militares que cercam Lisboa.

Atitude patriotica de alguns oficiaes republicanos

Depois que o sr. Cunha Leal declinou, categoricamente, a missão de formar novo ministerio, a situação politica apresentou-se excessivamente obscura.

Duas forças militares bem armadas e municiadas estavam em presença, separadas apenas por alguns quilometros. Nos arredores de Lisboa acampam milhares de homens de todas as armas; e nos quarteis da cidade abriga-se um verdadeiro exercito, tão numeroso, tão bem armado, e tão bem municiado como o que se encontra fóra de Lisboa. Uma ordem equivoca, um mal entendido qualquer podia dar causa a um choque dessas duas forças militares. Qualquer que fosse o resultado final da batalha, a Republica sairia mal ferida da contenda. Era forçoso evitar tal catastrofe!

Constituiu-se, para esse fim, um comité de oficiais da Guarda, que procurou o sr. Cunha Leal e lhe fez as mais terminantes declarações. Esses oficiais declararam que

A Guarda Republicana aceita a sua propria redução

contanto que ela se faça no Parlamento e respeitando-se as decisões tomadas pela representação nacional.

A' assembleia celebrada para se encontrar a formula de pacificação compareceram, entre outros oficiais, os srs. generais Pedroso de Lima e Alberto da Silveira e coronel Freiria, ministro da Guerra.

Declarações do sr. ministro da guerra

Um dos nossos colegas de redação foi honrado com algumas revelações que lhe fez o sr. ministro da Guerra. Da entrevista extratamos o seguinte:

Um ajudante introduz-nos junto do senhor ministro.

—E' do dominio de toda a gente, que estamos cercados de tropas de Cascais ao Cartaxo. Como v. ex.ª pode calcular fervilham os mais desencontrados boatos. Seria bom, que o sr. ministro nos dissesse, qual o verdadeiro objectivo desta concentração.

—Garantir a ordem publica.

—Tem sido sempre garantida pela Guarda Republicana. Parece no entanto — que desta vez não foi suficiente...

Preparavam-se movimentos de caracter bolchevista. A Guarda não seria bastante. As tropas estão ali unicamente com o fim de cooperarem com a Guarda, nada mais.

—E continuam?

—Não. A ordem publica está assegurada. Já dei ordem para recolherem a quarteis.

—Em Lisboa?

—Em Lisboa os de Lisboa, os outros aos seus quarteis da provincia.

—Diz-se que estas tropas obedecem a influencias estranhas?

—Não é verdade. Essas tropas estão absolutamente disciplinadas, e sob as minhas ordens. Pode garantir isso. Peço-lhe mesmo que o faça.

O jornalista despede-se do sr. ministro, depois duma entrevista, rapida com todo o caracter duma nota oficiosa.

Ainda ha ou já não ha cerco a Lisboa?

O sr. ministro da Guerra aludiu, como se vê, a um movimento bolchevista, prestes a rebentar e para sufocar o qual era insuficiente a Guarda Republicana, com as suas peças de artilharia, os terriveis obuzes e as mortiferas metralhadoras. E' interessante verificar que a versão oriunda do estrangeiro, e segundo a qual Lisboa é um perigoso centro bolchevista se encontra agora confirmada pela palavra autorisada dum ministro de Estado encarregado da pasta da guerra.

Felizmente que o perigo já lá vai. Os bolchevistas nem chegaram a aparecer para poderem ser vencidos; mas as tropas receberam ordem de retirada a quarteis.

O sr. presidente do Ministerio já ontem nos informara de que tinha sido expedidas ordens para não se prosseguir na concentração de tropas e que as restantes, já postadas em torno de Lisboa, recolheriam aos habituais aquartelamentos. Devemos dizer, muito lealmente, que é possivel ter-se resolvido diferentemente do que acima fica exposto, conforme uma informação publicada nos jornaes, da manhã, e que tomamos a liberdade de transcrever.

«Segundo nos consta, não tem fundamento a noticia que hontem circulou, de que o governo havia ordenado a retirada das tropas que foram concentradas em volta de Lisboa. As nossas informações dizem-nos que nada foi resolvido a tal respeito, a não ser no sentido de se suspender a marcha de outros contingentes que deviam vir juntar-se aos que se encontram nos quatro sectores formados.

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras -:- -:- -:- -:- -:- -:- -:- já dantes viajadas...

XIX — No imperio de Franz Lehar

Foi no «Apolo» que eu vi o semi-deus austriaco Franz Lehar. Regia a sua novissima opereta «Die Tango-königin»—a Rainha do Tango.

Para um amador do teatro como eu, foi um espectaculo completo, inesquecivel. O «Apolo» é da Europa, o unico teatro que tenho visto desta forma; duas filas de «fauteuils» depois mesas numeradas para as quais se vendem bilhetes como para qualquer outro lugar. Pelo meio, criados servem as ceias, ou refrescos; as alcatifas adormecem os passos e quando muito a opereta é acompanhada pelos pratos... dos comensais. A orquestra é enorme; enche de lado a lado o teatro; Franz Lehar é um simpatico bigode grisalho á americana, um verdadeiro tipo de viuvo alegre. O scenario é brilhante, cheio de claridade, de efeitos de luz. A musica rivalisa com as suas mais velhas, a «Viuva» e o «Conde», e fica no ouvido á primeira vez. No intervalo, desce um grande pano, com as coplas que mais agradam, e o publico entôa esses graciosos e leves duetos e quartetos que Franz Lehar improvisa para o seculo de hoje. Da representação onde ha vedetas do genero, como a pequena loura Olga Tran, ou a cantorina Russka e o comico, impagavel, cara de lua cheia alegre Josef Konig, o que mais me surpreende é a marcação viva, novidade, toda a pulsar, vibrando, que acompanha a musica e o scenario. Que belos espectaculos não são para os olhos e para os ouvidos estes onde não ha vozes fanhosas meia duzia de pernas indisciplinadas a fazer morosamente cortezias ou rodinhas que são a ultima palavra da marcação das operetas nacionais! Foi esta a «opereta» que mais me impressionou, mas não deixo de reservar aplausos para «Die Prinzessin vom Nil», para «Die Frau in hermelin», para «Die Tanzgräfin» que conjuntamente a outros tres ou quatro entre as quais a «Gueicha», enchem os teatros de Viena.

Se aqui é a patria da «opereta», da musica leve, cantante, saltitante; se «Strauss» é um nome que forma dinastia; se a cada canto, nos jardins e nas salas proprias ha bandas tocando musicas e publico silencioso a escutar, se na mesma noite ha 3 operas a representarem-se porque hei-de eu mostrar este sorriso atonito de recemchegado da provincia perante tais espectaculos?

O bilhetinho do Apolo custou 1500 coroas com direito a... pagar uma ceia ou jantar, visto que o espectaculo começou ás 7 e meia.

Nos intervalos dos actos, exibe-se cinema com reclames, algumas fitas comicas que servem de pretexto a um anuncio de peles ou pneus. Mastigo, emquanto rio com os quartetos de Franz Lehar, uma sopa tiroleza, cabeça de vitela com molho á americano, rost-beef e espinafres, doce de chocolate com peros e cerveja, tudo isto por menos de 400 coroas, ou sejam uns portuguesissimos 2 escudos e quatrocentos.

E' claro que um jantar de 400 corôas para um austriaco é qualquer coisa como 80 escudos e por isso a vida é insuportavel e para mim um... ceu aberto, com um pequenino deus a reger... na pessoa de Franz Lehar.

Ele, com Walter Kollo, Hermann Dostal são os deuses tutelares da Viena raidosa, bailarina, que afaga os seus males em danças tziganas, ardentes, savanas, «jazz, fox trotts», o diabo.

A historia musical de Viena tem mais esta pagina modernista, semi-selvagem, orgiaca; á epoca de Haidn e Mozart, á epoca de Beetoween e Schubert, á epoca de Litz e Thalberg, á epoca dos Strauss, popular, espirituosa, saltitante, segue-se a epoca de Franz Lehar, actual imperador de Viena.

No «Stad park» figura a estatua do ultimo rei falecido: e Johann Strauss o autor da «Onda sobre o Danubio» e o autor ainda mais feliz da frase «hoje é hoje» com que defendia as suas valsas voluptuosas, lentas quasi pecaminosas. O monumento de «Strauss» é estranho, e por ter sido inaugurado apenas ha um ano tem qualquer coisa de... confeitaria. E' um monumento em açucar e ovos. Sob um portico em Carrara onde se esculpem corpos de mulheres—a musica de Strauss é feita de corpos de mulheres—segue-se em dourado, tamanho natural, o violinista fazendo gemer a prima... e todas mais. E' original embora sem grandeza; creio porem que o sr. Hedmund Hellmer, o escultor, quiz apenas perpetuar o seu gesto elegante de tocar que Tissot diz ter feito um dia exclamar a uma dama vienense de 16 anos: «E' belo como um deus!»

O vienense ama a musica como coisa alguma mais; a sua educação musical é enorme e completa, o seu prazer unico.

Li algures que «na opera o francez abre os olhos, o alemão os ouvidos, o italiano o coração e o inglez abre a bocca» porque para o francez é uma distração, para o alemão um prazer, para o italiano uma sensação e para o inglez uma vaidade. Para o austriaco é como um alimento; o seu natural pede musica como... como... nós andamos sempre metidos em danças.

Já que estamos no «Stad park», ouvindo num coreto, uma orquestra a tocar valsas modernas e trechos de Mozart, aproveitemos o intervalo para visitar o monumento a Schubert, bem acarinhado em marmore muito branco sem «patine», e mais aqui perto, sobre uma avenida larga, no meio duma tranquila praça Beethowen, de fronte larga, gesto revoltado, um Prometheu no pedestal e muitos anginhos em volta.

Só a figura do genio musical interessa no monumento. Beethowen morreu em Viena e á mesa do «Kursalon» onde o evoco não posso deixar de recordar duas anedoctas da sua vida e que me foram contadas por um austriaco. Um dia Beethowen entrou num café, ficou uma hora sentado entregue a profunda meditação e por fim chamou o criado:—Quanto devo?

— O sr. não pediu ainda nada.

— E' verdade—retorquiu Beethowen, então traga-me qualquer coisa e deixe-me em socego.

Doutra vez o rei da Prussia para pagar-lhe uma obra musical ofereceu ou uma condecoração ou 50 ducados. Embora no tempo em que os ducados eram mais baratos... Beethowen opinou por estes.

Todo o vienense sabe a vida de seus grandes idolos; a proposito contam-se as aventuras de Mozart na corte, a vida de Gluc, os triunfos de Berlioz. Wagner tem o seu busto sobre a opera e nos cinemas, entre dois filmes, improvisam-se pequenos concertos, solos de violinos, que o publico corôa com sentidas salvas de palmas. O entusiasmo com que milhares de pessoas acorrem hoje a disputar uma primeira representação regida por Lehar, é o mesmo com que um espectador de outros seculos arrancou a batuta das mãos de Berlioz depois deste tocar a sinfonia da «Condenação de Fausto», para ficar com uma recordação do maestro.

Até nós, simples «touristas», passando, em fugitivos dias pela capital austriaca não podemos deixar, tal é a influencia e importancia da musica na vida nacional, de procurarmos este ou aquele concerto, este ou aquele nome para irmos escutar, como uma multidão, um povo, escuta a fala dum profeta ou dum Deus.

O monumento de «Mozart» é cheio de figuras, crianças, anjos, amontoado caprichoso que não tem rasgo de genio. Fica perto da «Operae».

Esta sim; é monumental. O interior deslumbrante, a escadaria magnificente. Depois da «Opera» de Paris é a mais brilhante das suas manas. Simplesmente a «Opera» de Viena, tal como se vê nestes seculos de civilisação, já não é uma sombra sequer do que diz a sua historia. Raros espectadores, raras belezas, nada de faustosidade. Os globos de cristal da Boemia espargem luz insuficiente, e em vez de lacaios de gala, dos trintanarios, em vez das equipagens ricas, em vez dos toiletes ricas, do luxo das pedrarias, de todo o scenario que daria um quadro a Paul Veronese, ha apenas «taxis» cinzentos, negros, poucos que param enfadonhamente á porta semicerrada da grande casa de espectaculo e vomitam, depois de pagos as corridas, para a escadaria nobre uma duzia de estrangeiros em busca de sensações.

❖ ❖ ❖

Para um povo assim tão musical não é de estranhar que a guerra tivesse sido uma «gaita»; o que espanta é ter ficado sem ... «concerto»

ARMANDO FERREIRA

A SEGUIR:

XX — Schoenbrunn, ninho do «Aiglon»

A Solução da Crise

não demorará muito tempo, sem possível que em «Ultima Hora» possamos dar, a tal respeito, alguma informação interessante.

O Conselho Supremo em Cannes

II

Muito embora o presidente do Conselho Francez, respondendo a Mr. Klotz, ha dias na Camara tenha afirmado não saber ainda quais as resoluções que em Cannes, tomará o Conselho supremo, se, em quanto forem os debates e os discursos a que esta reunião dê origem o que parece provavel e talvez não erre quem o queira afirmar, é que, entre outros, dois problemas de suma importancia, um de ordem financeira, concreto e positivo e outro de ordem economica, pela sua incommensuravel vastidão, vago ou pelo menos imprecisamente definido, são postos ao Supremo Conselho.

O problema financeiro deriva da convenção de Paris de 13 de Agosto, deste ano, ainda não ratificada pelo governo francez apesar das inumeras vantagens que para a França e á primeira vista parecia essa convenção trazer.

Bem vistas porem as coisas, espiados os primeiros entusiasmos com que foi acolhida a convenção de 13 de Agosto, submetida que a uma analise mais minuciosa verificou-se que essa convenção não permitia nem á França nem á Italia o poderem utilisar-se do primeiro bilião pago em especies pela Alemanha em 1921, nem tão pouco consentia que sobre as somas em especies que a Alemanha deve pagar em 1942, lhes tocasse, a França a Italia e a Inglaterra em quanto essas somas não atingissem a quantia de onze ou doze milhões marcos-ouro; e isto pela razão de que a convenção de 13 de Agosto, violando o pacto de Londres, não só estipula que 45 o|o do primeiro bilião teutonio seja destinado ao pagamento de despesas feitas pelo exercito inglez de ocupação quando essa quantia, em seu total deve ser exclusivamente destinada ao pagamento de reparações, mas ainda porque as minas da bacia de Sarre continuam, a ser levadas a debito da França apesar de ter caducado o acordo de Spa pelo qual se estipulava que o valor em capital dessas minas se destinaria a suprimir as despesas militares da França! Dest arte chega-se a esta situação verdadeiramente paradoxal: emquanto que as despesas militares inglesas continuam de pé em detrimento do 1.º bilião que a Alemanha pagou em 1921 e ate á concorrencia como acima vimos de 450 milhões marcos-ouro as despesas militares francezas consideram-se liquidadas por continuarem inscritas como debito da França o valor das minas do Sarre destinadas a suprimir essas despesas, quando na realidade, o acordo Spa que isso estipulava, tendo caducado, nulos são, implicitamente todos os seus efeitos.

O Conselho Supremo terá pois ao que parece de pronunciar-se e de decidir sobre estas duas questões em que se decompõe o problema financeiro: terá de pronunciar-se sobre o pacto de 45 o|o do primeiro bilião marcos-ouro, terem sido aplicados ao pagamento de despesas militares do exercito inglez de ocupação, quando a totalidade dessa quantia devia destinar-se unica e exclusivamente ao pagamento de reparações; deverá ainda pronunciar-se e decidir sobre a não menos importante questão de terem sido reduzidos das despesas militares francesas, 500 milhões de marcos-ouro, por injustamente e em virtude de um acordo nulo em todos os seus efeitos, continuarem a debito da França as minas do bacio de Sane.

O correspondente do «Sunday Times» em Paris informa que o ponto principal discutido no sabado foi em que especie de moeda seria subscrito o capital da sociedade. A Inglaterra propoz que o capital fosse em dinheiro esterlino, por julgar provavel que tres quartos partes dos participantes assim o preferiram. Tendo sido objectado que essa proposta criaria dificuldades aos paizes que tivessem a sua moeda depreciada, foi ela modificada permitindo a subscripção do capital em libras ou em francos. Depois de uma longa discussão que teve por fim chegar a uma solução satisfatoria a todos os interessados, resolveu-se que o assunto fosse submetido a peritos nomeados pela comissão organisadora franco-ingleza. O primeiro fim da corporação será estabelecer os principios sob os quaes se possa efectuar com segurança o comercio internacional. Depois dedicar-se-ha ao estudo, nos paizes que aceitem as condições, das medidas a tomar para o restabelecimento da vida industrial desses mesmos paizes. O primeiro resultado desse estudo seria inevitavelmente a reorganisação dos caminhos de ferro e de outros meios de transporte. A politica da Corporação será auxiliar as empresas particulares a estabelecerem-se em bases seguras, e o seu capital de vinte milhões esterlinos é uma garantia não só o sinceridade mas tambem de activa colaboração.

O mesmo correspondente acrescenta que um dos maiores problemas iniciados será consolidar o credito dos paizes que querem beneficiar por esse plano, tendo ficado resolvido que nenhum paiz da Europa Central ou Oriental se poderá aproveitar do projecto sem que ofereça garantias pela sua acção legislativa ou pela consolidação do seu credito e segurança das empresas e da propriedade particular.

Referindo-se á Alemanha ser incluida, nesto plano, diz o «Observer» que participaria imenso no fornecimento á Russia e aos estados na fronteira. Seria um elemento vital nesse plano de cooperação europeia. Uma boa parte dos seus lucros aplicada ao pagamento das reparações.—(R.)

Parece que na entrevista realisada em Londres entre Mr. Briand e Lloyd George se combinou fazer um bloco unico do bilião pago em 1921 e dos 500 milhões que se esperam receber nos primeiros mezes de 1922 devendo esse bloco ser dividido entre os interessados segundo os novos metodos de repartição.

Chegará essa combinação a ser presente ao Conselho Supremo? E no caso dela ser presente, essa ou outra —porque esse problema tem de ser discutido e resolvido em Cannes—e de ser aprovada, que atritos, que novas questões surgirão na repartição do saindo belo, atento o direito de prioridade que tem a Belgica sobre o 1.º bilião direito que nem todos estão ao que parece, dispostos a reconhecer, que estão mesmo alguns na disposição de contestar embora se esfarrape uma vez mais o tratado de Versailles tão combalido, tão desautorisado já, mais por alguns daqueles que o fizeram do que por aqueles outros que foram obrigados a assina-lo.

Este é o problema financeiro que segundo todas as probabilidades e a confirmarem-se os rumores que correm insistentes deve ser apresentado discutido, estudado, resolvido não garantimos pelo Conselho Supremo que daqui a dias deve reunir-se em Cannes.

Passemos ao problema economico.

Este é o mais vasto, mais extenso e por isso mesmo como de principio o fixei mais vago, mais impreciso. E' mesmo na frase de Poincaré o ceu a descer á terra, trazido pelas mãos dos homens da velha Albion!

E' a felicidade dos homens, é a reconstituição do Paraiso Terrestre, e disso estão convencidos principalmente os alemães e alguns inglêses.

Mas não suponham os senhores que o Conselho Supremo ambiciona chamar a si a gloria de resolver este problema, Ah! não. O Conselho Supremo apenas estudará uma serie de medidas que lhe serão apresentadas pela grande comissão de banqueiros industriais, negociantes, de que lhes falei na minha ultima cronica, nomeada por Lloyd George, quando se verificou que os peritos que acompanhavam este estadista e Mr. Briand na entrevista de Londres não tinham chegado a um acordo apreciavel.

Essas medidas, pois, estudadas pela grande comissão em «uma semana» já o frisei ante-hontem como o programa elaborado por delegados tecnicos, que devem reunir esta semana em Paris são devidamente apreciadas pelo conselho que logo após sugerirá ou convocará, ainda se não sabe bem, para a Primavera um grande congresso economico europeu ao qual nem a Alemanha nem mesmo a Prussia serão recebidos.

Embora, ao que dizem os jornaes a questão da concessão d'uma moratoria á Allemanha, tenha sido posta de parte pelos dois Premiers, tendo muito ao contrario ficado assente a não concessão, embora sobre este assunto pareça correr no melhor dos céus para a França o pessimamente para a Alemanha, o que é certo é que uma grande parte da opinião ingleza representada pelos trabalhistas e pelos ultra-radicaes, tendo á frente e como oráculo o economista Kimes continua insistindo que a Allemanha não pode pagar sem ser levada a mais completa das ruinas e que a prosperidade economica da Europa depende no seu todo da prosperidade economica da Alemanha.

Trata-se pois no futuro congresso economico europeu de levantar a Alemanha suprimindo, se fôr preciso, a sua divida de guerra que quer dizer que no futuro congresso economico europeu se se realisasse, o Tratado de Versailles levará o seu golpe de misericordia. Será essa gente sincera em suas opiniões?

Se o é a Alemanha, aproveitando-se como já se tem aproveitado da sua propaganda ha de fatalmente escondidamente rir-se da sua ingenuidade. E senão vejamos:

Ha dias os acionistas da «London American Maritime Trading Company» reuniram-se em assembleia geral sendo-lhes dito pelo seu presidente que nunca a marinha mercante ingleza sofrera uma crise semelhante e depois de num intenso discurso ter mostrado as inumeras perdas que as companhias vinham sofrendo com a baixa de preços a fim de fazer concorrencia a marinha alemã terminara por afirmar que os armadores inglezes não podiam contar com uma melhoria por estes 12 meses mais proximos. No mesmo dia porem em que os armadores e acionistas das London American se reuniam em Londres os acionistas da Norddeutscher Lloyd reuniram-se em Brenceau não para ouvir um tão grande estendal de perdas mas para votar um duplo aumento do seu capital social. As acções ordinarias representadas por 250 milhões de marcos vem juntar-se agora outras num valor de 225 milhões. Esta operação tem por fim pagar construcções novas e comprar navios no estrangeiro; mas alem destas acções a Nosudeutscher Lloyd emitirá acções de preferencia no valor de 125 milhões as quaes serão atribuidas a uma sociedade novamente constituida em Bremen e que tem por fim impedir que as campanhias de navegação caiam sob a acção de capitaes estrangeiros.

Se por outro lado analisarmos o relatorio publicado ha quinze dias pela Hamburg Amerika Line, verificamos que como ele supõe os seus navios servem já as antigas linhas de New-York ao Extremo Oriente, passando pela costa de Africa, pela America do Sul e Pacifico e que tendo melhorado a situação na Europa Oriental, alargados mesmo os serviços que tinhamos antes da guerra como o relatorio activamente afirma.

Não pode pois dizer que a situação dos armadores alemães seja tão desesperada como a dos seus colegas de Alem-Mancha e que o futuro se lhes não apresenta desanuviado e prometedor.

Por outro lado e para qualquer que nos voltemos encontramos sempre a mesma disparidade, os jornais inglezes tem ultimamente publicado as estatisticas oficiais sendo para o nosso caso, particularmente interessante a dos serviços da assistencia publica.

A leitura de numeros é sempre uma leitura erida; mas se eles dizem tanto que remedio senão lê-los. E lendo-os verificamos quanto é grave a situação da Inglaterra pelo que diz respeito aos assistidos e aos sem trabalho. Assim verifica-se que estes nos fins de setembro de 1921 eram 1 milhão 243.083 em vez de 449.000 que existiam na mesma data de 1920. Relativamente a 1920 o numero de assistidos por augmento de 183 o|o na capital e 208 o|o nas outras cidades. E se melhor ideia quizermos fazer do que de grave esses numeros representam, basta tomar o numero de assistidos na mesma data de diferentes anos: em 1881.702.433; em 1910 766.426; em 1914, 641.000.

Por aqui se vê pois quanto as estatisticas deste ano são carregadas de sombras e quão grave para a Inglaterra é a situação que ela nos patenteia.

Compare-se este milhão e meio dos sem trabalho inglezes com os numeros das estatisticas oficiais alemães publicadas no «Norwaerts» e reproduzidos no «Temps»:

Verifica-se que em Berlim em 3.800.000 habitantes se encontram 61.000 chomeurs; Munich com 630.000 habitantes tem 4.300 chomeurs; Koenisgsberg com 260.000 habitantes tem 4.100 chomeurs; Hamburgo com 988.000 tem 3.300 chomeurs; Dresde com 529.000 tem 3.200 chomeurs; Breslau com 528.000 tem 2.800 chomeurs; Kiel com 205.000 habitantes tem 2.700 chomeurs, Magdebourg com 285.000 habitantes tem 1.700 chomeurs; Planeo com 104.000 tem 1.400 chomeurs; e acrescenta o Vorwaertz que em nenhuma outra cidade existe mais de 700.000 chomeurs. Acrescente-se que o opererario alemão em virtude da grande baixa do marco ganha, relativamente aos operarios dos outros paizes uma insignificancia onde resulta a mão de obra alemã fazer uma tremenda concorrencia á mão de obra estrangeira.

Como explendidamente frisa o «Temps» os aliados não se encontram pois em face duma Alemanha que é necessario elevar economicamente mas em face duma Alemanha que sobreproduz, que desafia toda a concorrencia e que realisa este prodigio de ser ao mesmo tempo um credor formidavel por exposta numa abundancia extraordinaria e um devedor insolvel em materia de reparações. Antes de mais nada pois o conselho supremo devia principiar por fazer cessar este paradoxo.

Seria pois bem que preferivel que os primeiros para a realisão do Congresso economico europeu, fossem a realisação duma aliança entre a França e a Inglaterra que acabasse, duma vez para sempre com os atritos e mal entendidos que a par e passo estão a surgir entre os dois povos e que puzesse ponto indubitavelmente, a todas as veleidades de revanche por parte da Alemanha. De facto essa aliança existe já pelos art.os 42 e 43 do Tratado de Versailles e o Conselho Supremo nada mais teria a fazer do que, dando maior amplitude a esses artigos, reforçar e firmar melhor esse facto, estabelecer depois entre os dois paizes e como garantia para a França uma zona onde nem fortificação nem sombra de armamento pudesse existir; Conceder ao comité dos garantias poderes amplos para ele poder agir eficazmente; darás comissões da reparações força e autoridade, bastante, enche-las de prestigio de tal modo que as decisões desta não fossem consideradas pelo governo do Reich como letra morta; estabelecer, se tanto fosse preciso uma rigorosa fiscalisação sobre o modo como são geridas as finanças da Republica Imperial. Seria já realisar um vasto programa, compor uma obra pratica e admiravel. Assim acabariam zelos e mal—entendidos entre os governos aliados, terminaria a agitação em que a Europa se debate, acabariam sobresaldos e incertezas. E estabelecida que fosse a confiança nesta Europa tão perturbada seria então ocasião de pensar na Reunião do Congresso Economico, querer porem realisar esse Congresso, tentar restabelecer a prosperidade europeia, sem que antes se tenha assegurado uma intima, uma inequivoca união de todos os aliados e principalmente da França e da Inglaterra é perder tempo lançando semente em terreno arenoso e preparar ao Congresso Economico Europeu a mesma sorte que tem tido tantos e tantos congressos e conferencias que nós conhecemos.

E demais os senhores verão.

CARREIRO DE FREITAS.

A Provincia na "Capital,,

ALMADA, 31.—Nesta vila, presidirá ao acto eleitoral o sr. Manuel Maria dos Santos Parada, vice-presidente da comissão executiva da Camara Municipal; em Caparica, o sr. Julio Augusto Gil, vereador substituto. —(C.)

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DO ANO NOVO

Quando no relogio da torre da igreja de S. Paulo acabou de bater a sexta das doze badaladas da meia noite o Novo Ano entrou de mãos a abanar e mascara ao face.

Que expressão trazes? Vamos cá a ver a tua fisionomia...

Nenhuma! Uma mascara preta, lisa, anonima.

E então projectos, planos, a bagagem literaria, scientifica, etc., etc?

As mãos vasias, sem bolsos (porque não trazia fato o petiz), um certo ar bamboleante de pandego, um chapeo ás tres pancadas.

Bem!

O ano novo aparece-nos como um misterioso ponto de interrogação.

Um petiz travesso e endemoninhado que logo de entrada nos dá conjuntamente com muitas edições de muitos jornais de muitas e variadas paginas e muitissimos anuncios (de coisas sempre mais caras!) a noticia do mar nos ter roubado (o velho Oceano feito pirata!) aqueles dois desgraçados navios ex-austriacos que nos tinham cabido em partilhas e que ora vinham mar fóra rebocados pelo Patrão Lopes, bem longe da sorte que os esperava.

Tambem para se virem encravar fundeados ante as mesuras do cavalo de D. José, prisioneiros do estuario do Tejo, do Tejo que já nem tagides possui, mais lhes valsa a morte heroicamente longe dos litorais, em pleno mar, em plena tempestade, com urros imprecações e blasfemias dos elementos e da marinhagem.

Quando a meia noite bateu estava eu a entrar em casa duma familia o que nem quiz dizer que fosse eu o Novo Ano, nem quere dizer que eu passe o ano a entrar em casa de toda a gente.

Entrei, olhei e dei com toda a gente em cima das cadeiras e dos sofás.

Depressa todos me gritaram:

—Suba, suba tambem.

E depressa subi tambem, espesinhando o assento bordado a ouro dum cadeirão antigo.

—Bôas entradas! Um ano muito feliz!

A Aninhas que estava com o noivo em cima do sofá dizia, referindo-se ao casamento:

—Será já este ano?

O Carlos, quintanista da medica, matandreava do lado:

—Eminencia, a asa, o peito, talvez uma perninha...

De cima ainda do cadeirão bordado cumprimentei.

E aproveitando a minha «elevada» situação obrigaram-me a recitar o Melro e a Lagrima e o Estudante alsaciano.

Fatigado, cansado, moido de tanto esmutrar o peito—que á França está aqui—baixei ao chão.

A D. Mariquinhas que joga o lôto furiosamente dizia-me:

—Já estamos em 1922, hein? 22, patinhos...!

—Tem v. ex.ª muita razão, sr.ª D. Mariquinhas...

Vai ser um ano de patinhos e de patinhas...!

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

Tal como no ano findo, como em todos os anos, numerosas pessoas foram postar-se, desde as dez horas da noite, e na noite do Natal, junto das grades da egreja de Notre Dame. Pacientemente, envoltos na sua fé, esperavam, tranquilas, na noite glacial, que as portas da basilica fossem abertas.

Debalde os guardas do tempo e da segurança, repetiram á multidão enorme, que do minuto a minuto mais se avolumava, junto ás grades do templo, que não haverá jámais, missa em Notre Dame, á meia noite. Nada a demovia, obstinava-se com afinco indizivel. Era impossivel fazer-lhe compreender que o primeiro templo de Paris, e da França, se fechava á hora em que, em honra do nascimento do Redentor, se iluminavam, festivas, as pequenas capelinhas das aldeias.

Por fim tiveram que render-se á evidencia. A meia noite soou, vagarosa, nas suas doze badaladas. As portas do santuario quedaram-se na sua impenetrabilidade. Despeitada sob uma carvinha glacial, a multidão debandou a ouvir o final das missas nas egrejas proximas: Saint-Gervais, Saint-Severin, Saint-Louis...

Mas porque se queda, cerrada, na noite festiva do Natal, a basilica de Nossa Senhora? E' que—dizem as autoridades eclesiasticas—é quasi impossivel conter a multidão durante a noite, espalhada pelas cinco naves e por todas as suas capelinhas...

❖ ❖ ❖

Quando no teatro de S. Carlos sobe o pano para dar começo a um acto é sempre uma tragedia.

O deus do vento, o deus do frio, os varios batalhões dos microbios da pneumonia, da gripe, avançam pela platéa em furia louca.

As senhoras arreliadissimas escondem os decotes nos largos mantos. Os homens que não levam mantos, mas vão passar a levar cobertores, cruzam os braços tentando defender o peito descoberto contra aquela invasão de barbaros.

Esta tragedia que todos veem... e sentem, ainda não veio criticada em nenhum jornal.

❖ ❖ ❖

A politica portuguesa inaugurou o novo ano com prenuncios e boatos de crise...

Já é azar!

❖ ❖ ❖

Os jornais com o esforço de darem ao publico vastas paginas empalideceram...

Veem quasi todos amarelos, quasi anemicos.

❖ ❖ ❖

A «Mocidade de Lisboa» publicou ontem um numero especial que vem brilhantemente colaborado.

MUSICA

Orquestra Sinfonica Portugueza

Concerto Blanch

A orquestra que Pedro Blanch dirige continua a melhorar de concerto para concerto.

Assim a «Scheherazade» que ontem nos deu foi sensivelmente superior áquela que ouvimos ha dois concertos. Flaviano Rodrigues foi muito mais feliz na sua dificil parte, conseguindo imprimir muito mais brilho á sua tarefa de solista.

Em 1.ª audição «cinco romances sem palavras» de Mendelssohn, um arranjo de Hellemacher; cinco pequenos trechos cheios de belesa e de graciosidade a que Blanch soube imprimir um grande relêvo.

A abertura do «Coriolan» de Beethowen e o «L'apprenti sorcier» de Dukas tiveram uma execução cuidada tendo a orquestra, neste segundo numero, sabido tirar os maravilhosos efeitos de que está recheado este extraordinario poema modernista.

O «menueto» de Bolzoni numa feliz execução teve honras de bis.

Constatando com prazer o acentuado aperfeiçoamento da orquestra continuamos a lamentar que Pedro Blanch se esqueça de que existem originais portuguezes.

B. C.

PELO TELEGRAFO

Noticias de toda a parte

O Kaiser não tornará a casar-se

LONDRES, 3.—Segundo diz o correspondente do New-York Herald em Doorn uma personalidade que vive na intimidade do ex-Kaiser declarou que é absolutamente destituido de fundamento que este pense em casar-se de novo.—(R).

Os partidarios do rei-Carlos da Austria em actividade

BUDAPEST, 3.—Os realistas partidarios do ex-imperador Carlos estão de novo em actividade, em lucta pelo trono da Hungria. O movimento recomeçou especialmente depois de ter sido posto em liberdade o Conde Julius Indrassy.—(R).

A conferencia do desarmamento

Briand partiu para Cannes

PARIS, 3—Parte hoje para Cannes mr. Briand que deseja trocar ainda com Lloyd George que já se acha instalado na vila «Valetta», impressões acerca dos assuntos de que se vae ocupar o Conselho Supremo que deve reunir no proximo dia 6.—(Lut. Am.)

ULTIMA HORA

A Crise Ministerial está solucionada

Continua no Poder o sr. Cunha Leal.—A tranquilidade publica não será perturbada.

O sr. Rodrigues Gaspar foi hoje ao Ministerio do Interior e entregou ao sr. presidente do Ministerio a adesã por escrito, do Partido Democratico, ao programa politico que o sr. Cunha Leal formulara para continuar á testa do Poder Executivo. Obtida, assim a anuencia dos trez partidos da Conjunção, encontra-se resolvida a crise politica.

As bases do acordo são as seguintes:

1.ª—As eleições serão adiadas para o fim do mez corrente, talvez para o dia 29;

2.ª—Uma «entente» entre o governo e os partidos permitirá ao primeiro certa liberdade de acção em determinados circulos;

3.ª—Uma comissão mixta de oficiais do exercito e da Guarda Republicana estudará a reorganisação desta ultima unidade;

4.ª—A reforma será presente ao Parlamento, que sobre ela se pronunciará;

5.ª—As forças do exercito, postadas em torno de Lisboa, regressarão a quarteis.

O conselho de ministros foi convocado para as 17 horas, resolvendo-se então se o governo deve ficar tal qual está constituido ou se deve fazer-se uma recomposição que, em todo o caso, será muito pouco extensa.

O sr. Cortez dos Santos, Chefe de Estado Maior da Guarda Republicana, celebrou esta tarde uma demorada conferencia com o sr. Presidente do Ministerio.

Com o chefe do governo conferenciaram tambem alguns oficiais superiores do exercito.

A conferencia que o sr. Cunha Leal realisa hoje, que estava anunciada para a Sociedade de Geografia realisar-se-ha na sala da Academia das Sciencias de Lisboa.

O directorio do Partido Reconstituinte, á hora a que fechamos, está reunido no ministerio das Colonias.

A concentração de tropas

Noticias chegadas a Lisboa dão como desembarcadas hontem em Santarem mais contingentes de tropas, dizendo-se que o seu transporte foi feito em trez comboios.

Os presos politicos

Devem hoje ficar concluidos os processos referentes aos presos sr. Orlando Marçal, que continua doente, e o chefe Xavier.

E' provavel que o sr. governador civil ainda hoje lance o despacho.

A explosão das bombas na C. G. T.

O chefe Zeferino da P. S. E. prosegue hoje nas suas diligencias e investigações sobre a explosão das bombas na C. G. T. ouvindo varias pessoas nesse sentido.

O chefe Zeferino voltou hoje ao hospital de S. José a ouvir os feridos cujo estado continua sendo o mesmo.

"A Capital,, no quartel do Carmo

Ouvindo o sr. Cortez dos Santos, chefe do Estado Maior da G. N. R.

No seu gabinete no Comando Geral da G. N. R. procurámos hoje o sr. Cortez dos Santos, chefe do Estado Maior daquela corporação.

—Então que o traz por cá?—diz s. ex.ª apertando-nos a mão e indicando-nos um «fauteuil» junto á sua mesa de trabalho.

—Perguntar a v. ex.ª que efeito moral teem produzido na G. N. R. os boatos do desarmamento?

O sr. Cortez dos Santos fita-nos, um pouco surpreso:

—Mas, meu caro jornalista, os boatos não encontram aqui éco e unicamente nos fazem unir mais para a defeza dos legitimos interesses do paiz e para a manutenção da ordem.

«De resto eu não creio que alguem tivesse pensado levianamente em desarmar a Guarda pela violencia...

—Mas o cêrco a Lisboa...

—Ah! sim, o cerco de Lisboa!..» Mas eu, oficialmente, não sei para que fim se encontram as forças do exercito á volta de Lisboa!

«Ninguem pode dizer que tudo isso é feito com o fim de nos desarmar, tanto mais que o governo sabe que pode contar com a Guarda para a defeza das instituições e manutenção da ordem, e não vejo porque motivo se pensaria em nos fazer tal afronta.

—Mas então como explica v. ex.ª o cerco de Lisboa?

—Ah! eu não sei, mas asseguro-lhe que a Guarda não se deixará dissolver, reduzir e desarmar pela violencia, porque á violencia responderiamos com a violencia.

«A Guarda não se criou a si propria, foi creada por uma lei aprovada pelo Parlamento, o que quer dizer, pelo paiz.

«E assim, só por uma lei decretada pelo mesmo Parlamento, pela vontade expressa da Nação, a Guarda se poderá dissolver, reduzir ou desarmar.

«Já se vê que em caso de ditadura ministerial nos acatariamos dum governo semelhante ordem. E só nesse caso, pode ficar certo.

«A corporação da G. N. R. é um elemento de ordem para a defesa da Republica, é disciplinada e acata as ordens do governo, como não podia deixar de ser, mas tudo dentro da lei e da justiça.

[illegible]

Graça Aranha

RIO DE JANEIRO, 2—Embarcou no paquete «Lutetia» o sr. Graça Aranha, secretario de Embaixada.—(H)

TEATRO

Gémier, faz um pouco de historia e esboça o programa a executar no Odeon.

—Receio apenas uma coisa—a tragedia e os tragicos.

Quando vejo esses individuos, que na cidade são muito gentis, quando os ouço vociferar os versos de Racine, embora tão humanos, tão harmoniosos, pergunto-me se esses senhores e essas senhoras não terão a intenção de nos mistificar.

O tragico tem razão de existir ainda? Na minha opinião, é um monstro fantastico, qualquer coisa de um animal estranho vestido de calças ou de saias. Em repouso, é um bipede solene e doce, qualquer coisa de um sangalheiro dirigindo um enterro. O seu desempenho merece sempre as censuras de Shakespeare e Molière.

O que é extraordinario, é que, na nossa epoca, rapazes normalmente constituidos, parecem, desde que estão em scena, evadidos dum asilo de alienados. A sua maneira de falar chama-se declamação. E esta palavra desusada lê-se no frontão do Conservatorio nacional.

E la aulas em que se ensina a gritar falso, a fazer gestos desiludidos e inuteis.

Os professores, que tem propositos caseavais, que pesam as suas palavras, que são decorados, ensinam aos seus alunos a maneira de andarem, de não se sentarem como uma pessoa natural. O tragico guarda para si o segredo da magestade e da nobreza. Ele é sempre do grande século. Não pode ser pouco magnifico.

Um tragico nunca é calvo. A sua cabeleira é longa e magnifica. A sua voz pode fazer concorrencia com a do canhão: a sua sonoridade é magnifica. Não tem senão duas coisas comuns aos outros homens: possue pés enormes, e dirige um auto-novel. Depois da morte de Flocuit e da ida de Fratellini para a Inglaterre, já não conheço senão os tragicos que me fazem rir.

Ha de parecer que estou emitindo criticas brutais e aventurosas.

Ouçam o parecer do maior de todos os tragicos preteritos e presentes, o parecer de Talma a proposito da palavra declamação:—«Esta palavra que parece designar somente a maneira de dizer natural, que traz consigo a ideia de uma certa enunciação de convenção e cujo emprego remonta provavelmente á epoca em que a tragedia era com efeito cantada, provocou muitas vezes uma falsa direcção ... estudos dos noveis actores. Com ... acrescenta Talma, declamar é ... com enfase, e a arte de declamação ... pois falar como não se fala. ... disse, parece-me extravagante, ... designar uma arte, empregar um termo do que nos servimos para lhe fazer ao mesmo tempo a critica».

Esta opinião do grande artista, esta opinião que condena definitivamente a palavra e a arte, é certamente partilhada por dois artistas como de Max e como Paul Mornet.

O modo por que os tragicos interpretam Corneille e Racine exige gregos em trajos da côrte do grande rei, as fitas e os capacetes emplumados, que Antoine nos restituiu com o «Cid». E eu pregunto a mim mesmo se a musica não é necessaria, se esta pompa emplumada não é a que melhor convem aos tragicos do seculo dezasete, pois que Corneille e Racine viam os gregos pelos cortezãos de Versailles e que Lebrun pintava as paisagens da Grecia de Alexandre segundo a visão faustosa d Luiz XIV.

Pensai que as grandes «estrelas» dos seculos dezasete e dezoito, como Moddory e Montfleury, morreram por terem gritado demasiado. «Já não haverá poeta, dizia-se depois da morte de estas duas vitimas, que não queira ter a honra de arrebentar um comico na sua vida». Por excesso do seu zelo dramatico morreram Brécourt e Champmeslé.

Quando puzer em scena uma tragedia, escolherei artistas átonos. Pedir-lhes-ei que substituam a sonoridade pela sensibilidade e reflexão. Acredito-me: o que nós chamamos a arte do actor tragico deve ser desterrado para as cocheiras reservadas, que em Versailles, guardam as carruagens dos reis de França.

Sociedades de recreio

Academia Recreativa «Leais Amigos»

Com grande brilhantismo e um entusiasmo pouco vulgar inaugurou ontem esta colectividade na sua elegante séde na Calçada de S. Vicente 91, 1.º a serie de festas que durante todo o mez de janeiro ali serão levadas a efeito por iniciativa duma comissão de cavalheiros e damas socios da mesma academia. Pelas 14 horas realisou-se uma brilhante «soirée» á francesa, dirigida pelo sr. Jeronimo Duarte, sendo todos os elementos que nela tomaram parte delirantemente aplaudidos. A' «soirée» seguiu-se a abertura da kermesse e tombola. A' noite realisou-se um grandioso baile graciosamente dirigido pela sr.ª D. Cecilia Moreira, que decorreu animadissimo, dançando-se com verdadeiro entusiasmo até de madrugada.

Brindes

Da importante casa de maquinas John M. Summer & C.ª, sucessores, recebemos um elegante calendario de parede para o ano corrente, que agradecemos.

A expedição de Schakleton ao Polo Norte

As aventuras da viagem no mar do gelo

(Continuação)

Sei da minha tenda para dizer ao guarda da noite que vigiasse bem, e, no momento em que passava em frente á tenda do homem, ele começou lentamente a estender-se. O gelo havia fendido exactamente debaixo da vela. Gritei: «Estão todos salvos?» Responderam-me: «Estão dois na agua». Havia sómente um porém em sua bolsa de dormir Falsa tanta probabilidade de nadar como uma mumia egypcia. Os dois pedaços de gelo estavam agora apartados seis pés um do outro e balançando-se perigosamente. Debrucei-me sobre o gelo e alcancei o companheiro e com um gesto consideravel de forças consegui arrancal-o fóra de agua. Dez minutos depois o gelo se uniu com um ruido de estrondo. Tudo o que me disse foi isto: «Perdi a minha maldita lata de tabaco».

Nós nos juntámos e, ás 5 horas da madrugada, tomámos os nossos fogos de graxa de baleia. A's 8 horas botá nos os nossos botes na agua. Na mesma tarde saimos ao mar aberto, mas as ondas se quebravam nos costados dos botes e os vestuarios dos homens transformaram-se em cotas de malha de modo que tivemos de regressar. Passámos a noite sobre um pedaço de gelo. Na manhã seguinte não se via agua, mas somente um pesado mar coberto de gelo, vindo de este-nordeste. Eu estava sentado sobre o meu bloco, e, de uma altura de 15 pés, buscava, em vão, a linha negra que me indicara o mar aberto.

A' visão do mar aberto

A's 9,30 dessa mesma manhã, por cima da grande planicie branca, apareceu uma linha negra. Pouco e pouco foi aproximando-se, porém com tanta lentidão, que os minutos transcorriam como se fossem séculos. Entretanto, o nosso pedaço de gelo era demolido por outros pedaços da corrente. A's 11,30 começamos a balancear-nos, e, ás 12, exactamente no momento em que o gelo estava a ponto de emborcar, alcançavamos a agua aberta. Arrojámos os botes por cima do bordo do bloco bamboleante, saltámos dentro e seguimos viagem. Essa noite não encontrámos gelo para acampar, porém juntámos os três botes e remámos toda a noite, uma noite longa, severa e fria. O amanhecer chegou calmo e indiferente. Olhei as caras dos meus companheiros. Muitos estavam enfraquecidos e desfigurados pelas intemperies e privações. Eu lhes disse: «Logo que vejámos um lindo tôro de gelo, sahiremos e almoçaremos. Por conseguinte, alerta» e cada um podia julgar do grau de fome dos demais pela propria.

Almoçámos, por fim, e voltamos a navegar rumo do oeste. O sol alumiou-nos pela primeira vez depois de quatro dias. Tomamos algumas observações que demonstraram que, a despeito do forte vento propicio, dos nossos remos dois!

Isto era cousa séria. Consultei o Wild e a Worsley, e resolvi desandar 90 milhas para o sul, até encontrar o continente antartico.

Na manhã seguinte, soprava com violencia o vento sul e decidi provar a minha ultima sorte, correndo ao norte para a ilha do Elefante, numa distancia de 100 milhas. Assim fizemos e ao meio dia estavamos fóra do gelo e em pleno mar livre. Corremos levados pelo temporal até o anoitecer. Foi uma noite má, com a sêde como sensação predominante.

A terra da esperança

O dia seguinte amanheceu doce e pudemos ver os picos da ilha Clarence e os sete cumes brancos da ilha do Elefante. Primeiro navegámos á vela. Logo o vento cahiu. Tirámos os remos e remários até á terra prometida de nossas esperanças. Os tormentos da sêde eram quasi intoleraveis. A boca dos homens estavam tão resequidas que eram incapazes de tragar qualquer alimento. A's 4 da tarde estavamos á vista dos cerros da ilha. Diziamo a nós outros: «Agora já é certo que vamos apartar». Mas ninguem devia ser assim. O nosso velho inimigo, o vento, levantou-se contra nós e, em vez do desembarcar, bolinámos toda a noite contra um rugidor furacão.

A unica indicação que tinhamos de que não estavamos vencidos e que mantinhamos a nossa posição em relação á ilha, era a lua errante, que, entre as rajadas, alumiava os pontos da terra.

Quando chegou a manhã estavamos tão cercanias de seus pontos. Seguimos remando outros dez milhas, rodeando a ilha, até que, dobrando o cabo, vimos um arrecife e uma nesga de praia. Atracámos os nossos botes e saltámos em terra.

A alegria de pisar em terra

Os homens de alegria, corriam pela praia em todas as direcções, colhendo a areia e deixando-a cair por entre os dedos, exactamente como o teria feito um usurario com o seu ouro.

Pela primeira vez, desde ano e meio, pisavamos terra firme. Pela primeira vez, em seis meses, tivemos a impressão de dormir sem o receio de fundir-se o gelo debaixo de nós e deixar-nos cair ao mar.

Em busca de auxilio

No dia seguinte foi impossivel ficarmos na praia, pois que com a maré alta; o mar a cobria. Fiz o inventario das provisões e da «equipa» e vi que seria necessario destacar uma partida de voluntarios no bote de 22 pés, em busca de auxilio.

Por conseguinte, em 24 de abril, em companhia de Worsley, Crean, Mcnish e McCarty, levantámos a vela em direcção a ... rumo a Georgia do Sul distante 800 milhas.

Os 16 dias seguintes foram um periodo de tempestade e angustia. Eventualmente alcançamos Georgia do Sul e logo, tres dos nossos, Worsley, Crean e eu; chegámos á estação baleeira de Stromness Bay, sahido, á tarde 20 de maio, havendo cruzado a ilha pela primeira vez, em 36 horas.

Com ajuda da tripulação do baleeiro norueguez Southern Sky, nos dirigimos ao sul, tratando de salvar os homens deixados atraz na ilha do Elefante. O tempo era mau e o gelo nos bloqueou o caminho, e eu me vi forçado a ir ás ilhas Falkland, Ilhando o meu proposito de ir até os meus companheiros. Uma segunda tentativa em um trawler uruguayo não teve melhor sorte. O terceiro esforço na pequena goleta «Emma», fretada em Punta Arenas, tambem resultou em fracasso.

Emfim, chegou a quarta tentativa, esta vez coroada de exito. Foi a obra do rebocador chileno «Yelcho», tripulado e capitaneado por oficiais da armada chilena. Com a Republica chilena temos esta divida de eterna gratidão.

Volvemos sem perda de vida para com e parte na quarda paisagem.

O destino da «Aurora»

Passo a parte Mar de Ross da expedição. A «Aurora» baixou até ao Mar de Ross, desembarcou um destacamento em Memurdo e foi aos quartéis de inverno.

Em 8 de maio de 1915, um furacão de neve lançou-a em meio do campo de gelo. Ficou á mercê da corrente durante nove mezes e, finalmente, chegou a Nova-Zelandia, em péssimas condições, sem o leme e tendo deixado dez homens em terras antarticas.

Depois de salvar a parte «Endurance» da expedição, fui em busca dos outros e recolhi sete dos dez. Os tres restantes haviam perecido, inclusivé o chefe Mc Cintosk.

Um dos mortos foi vitima do escorbuto e os dois outros pereceram afogados, por se haverem arribado sobre pequenos blocos de gelo, de onde cahiram á agua.

PROSAS DE «A CAPITAL»

SINFONIA DO INVERNO

por REBELO DE BETTENCOURT

O Inverno! O Inverno!

Esta chuva que me açoita os vidros não sei que misterios traz na sua voz molhada. E' monotona, bem sei, a sua musica. Mas quando me fico a escutal-a, entendo-lhe, na sua monotonia, coisas estranhas. A sua voz arripiada, tiritante, é como se fosse uma voz humana, uma voz sem corpo, mas uma voz com alma...

O' voz estranha da chuva, de quem é essa alma, que te enche de expressão e de misterio?

A chuva cai, a chuva canta. Eu bem lhe ouço a voz, eu bem lhe entendo a alma.

Toda a tristeza da sua cantiga de agua, a minha alma a entende, a minha tristeza com ela se irmana e junta...

O Inverno! O Inverno!

A paisagem sem sol, anda agora arripiada e triste. Como os pobres que andam de porta em porta, sem eira nem beira, descalços, a escorrer e a tiritar de frio,—as arvores, aquelas arvores tão minhas amigas, pendem os seus galhos sem folhas, como braços nus, e tremem tambem, e como esses pobres, elas teem uma expressão de dôr e desconforto!

Oh! arvores tristes e amigas, eu tambem vos entendo, eu tambem vos ouço as misteriosas falas e, no meu coração, sinto tambem, a palpitar, o vosso coração ignoto.

Leio em vossos galhos despidos a vossa vida inteira, em todos os seus pormenores. Nas altitudes dos vossos troncos, revelais á minha sensibilidade esquisita e intensa, a vossa biografia... Que dôr profunda é essa que vos contorciona, dolorosamente, os troncos gigantescos?

Eu bem sei, eu bem vejo que não é só o vento que vos dobra para o chão, com o vencidos. Alguma coisa mais forte do que o vento, vos abala e comove, vos domina e tiraniza. O vento, eu bem vejo, leva-vos as ultimas folhas, as ultimas ilusões da primavera, da vida triunfal dos ninhos e do sol.

O' arvores! que amargura é essa que vos curva e contorciona? Que dôr é essa, tam grande e tam funda, que vos torna humanas?

O Inverno! O Inverno!

Como eu compreendo e sinto a sua beleza barbara, ó Inverno plangente e convulso!... Teus encantos inéditos para a minha alma inquieta, que uma sensibilidade, dolorosa por vezes, agita dominadoramente.

Todo eu tirito. Esta propria pena com que eu escrevo, com o meu contacto, está tambem friorenta e tiritando, que eu bem na sinto deboixo dos meus dedos; que eu bem vejo como as letras lhe saem do bico, tremulas e arripiadas!

Aconchego-me a mim proprio. Agasalho-me o mais que posso, para aquecer o corpo e para aquecer a alma, que este frio de inverno a tocou tambem com sua mão gelada.

Nesta hora indecisa e livida da tarde, quando as arvores, lá fóra, se contorcem e gemem esfarrapadas, e teem gestos de mendigos seus galhos nús, e a chuva me vem narrar misterios na sua voz tamborilante, eu quasi que me desconheço. Sinto que em mim ha mais «alguem», que uma «outra» voz se arrasta e fala na minha voz. Quando ha pouco me olhei ao espelho, não me reconheci. Uma «outra» expressão animava o meu rosto, e o meu olhar, com um «outro» brilho, parecia que vinha de além...

Bem sei, bem sei. São os meus Mortos que se desdobram em mim, que continuam a reviver em mim. Compreendo agora a vida. E' uma continuidade que ou não devo interromper. Esta vida que eu possuo, vem de muito longe, vem desde aquele maravilhoso dia em que Deus, com sua mão e seu sopro, creou o mundo e o animou.

Se eu quizesse escreveria agora olhando para dentro de mim, escutando na minha voz uma «outra» voz—todo o poema de sangue dos meus Maiores, dos meus Mortos que eu sinto caminhar dentro em minha alma. Eu não me engano. Eu sinto-lhes bem os passos... Meu Deus! Meu Deus! Para que me deste uma sensibilidade assim? Nesta hora em que eu escrevo e sofro, por eles e por mim tambem...

O meu filho agora, aqui, ao lado, acordou e chora baixinho. O teu choro enternece-me... O' Morte! Deixa-o! Consigo não acabará a vossa e a minha vida. Sinto-me prolongado já por este filho que esta chorando. A nossa imortalidade vae longa, continuará ainda. Ainda não morri, o já meu filho a continua...

O Inverno! O Inverno!

A chuva bate-me na janela, a chuva canta, a chuva chora, que eu bem a sinto chorar na sua cantiga de agua. Agasalho-me mais ainda. Aconchego-me mais ainda a minha propria, para aquecer a minha alma e para que as almas dos meus, na minha, desdobradas, não sintam tambem o frio deste Inverno, que escreve elegios espantosos nesta paisagem livida da tarde...

5—Folhetim de «A CAPITAL»—2 de Janeiro de 1922

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

X

—E's livre porque todos o devem ser sem a lei dura da guerra, sem o odio dos homens que mandam sos que são forçados a obedecer não seria preciso que eu te dissesse estas palavras. E's livre! E's livre porque ao nascer livres entramos no mundo.

—E quais as condições dessa liberdade?!

—O quê? Que julgas?!...

—Que me vais mandar até ás legiões de Crassus para lhe levar o recado do teu desafio...

Um relampago fusilou nos olhos do grande chefe mas uma doce expressão de magua lhe sucedeu.

—Oh! tu não acreditas, então, na sinceridade dos que vencem? Tens razão. Nunca vistes mais nada do que o odio dos senhores, do que a represalia dos triunfantes; já mais soubeste um vencedor que estendesse generosamente e dignamente a mão ao vencido... Estás habituado em Roma a sentires os escravos vindos das guerras, pobres reféns, miseros que não souberam morrer servindo os que melhor se batem; o estás costumado a sentil-os sem palavra, emudecidos, aterrados, de rastos ou fazendo a cosinha de seu amo sem tocar num dos apetitosos pratos que fabricam ou escrevendo as seus discursos sem participar das glorias que de taes orações tirassem os seus amos que os pronunciam no senado onde todos os que cumpriam os humildes não os escravos dos consules. Tu não tens culpa por que nunca te mostraram que não deve ser assim e que uma grande guerra, a unica, a ultima só tem razão de se fazer para acabar com essas distinções entre vencedores e vencidos. Tu, Manlio, patricio, filho de patricio, desde a hora em que caista em meu poder sentiste a injustiça?... Fala.

—Sim. Eu sou um patricio.

Calara-se receoso, sem coragem para lhe dizer tudo quanto lhe acudia aos labios, tomado do seu enorme orgulho de raça, sentido pelo horror da situação para onde a sorte das armas, apenas essa, o tinha lançado.

Uma onda do sangue subira-lhe ao rosto, logo uma grande palidez lho desbotava os labios.

Spartacus sorria com a sua melancolica expressão e respondeu como se continuasse o pensamento do outro:

—Eu sou um patricio e fui vencido na luta, encadeado e trazido para a patria do vencedor, sofri todos os vexames desde a chibatada á apresentação no circo; acharam-me forte em demasia para ser um escriba e fizeram-me gladiador e nessa posição de matador para não ser vitima ganhei rios de ouro para os amos, recebi insultos, vivi num ginasio como um animal que se trata para dar lucro, como um cavalo de corridas de quadrilhas, como um boi de arena, como um tigre de lucta.

Era um patricio e meditei que não devia ser, que já, de facto, do nada valia desde que servia os outros desde que o horror da guerra, a má sorte, me tornara escravo. E então meditei que apenas nós nossos da força residia esse desencontro de destino e ele singular, eu gladiador herculeo, desprezando a força mas empregando-a dia a dia no anfiteatro para pôr o meu pé calçado de ferro sobre a gorja do adversario.

—Mais valera morrer.

Manlio soltára insensivelmente aquela exclamação como se fosse o seu destino que se lhe juntasse naquela invocação da vida do outro que volvia logo;

—Sim. Mais valia morrer se não tivesse no mente um sonho alto de não querer que os outros sofressem o que eu sofri.

—Eras então tu? Era de ti que falavas? Interrogou o romano num pasmo.

—Pois de quem?

—Julguei que me ameaçavas; julguei que desenhavas o futuro. Falaste dum patricio.

—Era eu!

—Tu? Tu Spartacus, patricio?

A sua admiração subia; agora melhor comprehendia ainda os passos que ele dava; duvidava do que ouvia e insistia na sua interrogação ofensiva:

—Tu, patricio?

—Eu sou neto dos principes Sparteidas. Por isso sou Spartacus. Sim eu, vindo dos leitos reais, nascido á beira dum trono sou, o que olaste pela igualdade e porque?

Porque vi de perto o sofrimento humano, porque batendo-se os meus pela sua patria foram infelizes relegados para a escravatura! Todo o meu orgulho se abateu na desventura e como se fossem os deuses que me trouxessem aquele extremo para eu meditar na origem do mundo, na formação das desigualdades, passava dia a dia maiores tormentos que iam temperando a minha alma para a luta dedicada ao bem de todos.

Não me compreenderam, julgarás. Não é assim. Demais o antevi ram, mais do que eu, até, os adversarios, sentiam aterrados a onde isto poderia conduzi-los. Por toda a parte os escravos se erguem, os pobres se levantam, os soldados meditam se servir os ricos não é trahir os seus iguais, não é apertar as cadeias que prendem o mundo, e se abater os grandes não é servir todos os que vierem á terra.

—Não... Será a fundação duma Roma nova, será o renascimento dum mundo...

Desfilavam os ultimos soldados; seguiam-se as alas fortes que engravaram os prisioneiros e junto deles Tercia, a corteză cuja liteira fôra mandada para a retaguarda, olhava, cheia de um terror vago aquele montão de gente em farrapos, centuriões romanos e ricos capturados nas terras vencidas, mulheres que tinham nos rostos a beleza com o cançasso, o parecer com a suplica.

Spartacus via-os e continuava:

—Será a madrugada dum mundo em que não haja mais semelhantes espectaculos do mundo tiranisante, da supremacia cunhada em pratos de ouro e do que trabalha roendo as cascas das frutas cujos sumos deliciosos são servidos nas festas.

Fizera-se um alto, houvera um momento de paragem. Atraz do chefe aparecia Lavinia encostada ao braço de Mirta. Ficavam ambas a escutar aquela voz do general que soava num apostolado. Tercia apeava-se como envergonhada de ir na sua liteira como as duas mulheres estavam a pé chegava-se, ainda a tempo de ouvir o que o antigo gladiador ia dizendo, na sua toada a um tempo doce e profunda:

—Sa me escutei... quanto eu vejo de injusto desapareça, e, se, mesmo alguns dos meus companheiros não me compreenderam, é somente desta luta ficará nas almas triumfante porque eu hei-de vencer... Vencer!...

Calara-se e quedava-se olhando o espaço onde passava um bando branco de pombas; todas as vistas seguiam a sua, e o chefe, como tomado duma superticiosa ideia, exclamava ante as aves alvas rutilantes nos ares:

—E' a paz! Mas será a paz!

Avançara, numa passada larga ... seus coturnos vermelhos para a ... dos soldados; erguera a mão espalmada a detel-os, um brado de saudação rebôara ao verem-no assim belo, com a sua alta estatura, a cota reluzente, nos derradeiros raios do poente sanguineo.

—Amigos, tomai as armas e ... tai-vos ao exercito!...

(Continua)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da bocca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires n.º 16
Armazens — Poço do Bispo, n.º 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 108, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag. Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Badal & C.º Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario republicano da noite

> Ha maior grandeza numa boa ação do que num belo poema ou numa grande victoria.
>
> Lamartine

N.º 3969-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 4 de Janeiro de 1922 | Telefone n.º 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

MOMENTO POLITICO

Breves comentarios ao discurso do sr. Cunha Leal

Afinal, toda a politica governamental parece resumir-se nesta formula, já aqui exposta e defendida: nem extremismos da Direita nem extre- -o- -o- -o- mismos da Esquerda -o- -o- -o-

O discurso politico, pronunciado ontem pelo chefe do governo, não ficou constituindo uma oração banal na copiosissima colecção da palração nos comicios populares ou nas assembleias legislativas. Entendemos, pelo contrario, que o sr. Cunha Leal expoz, com [illegible] eloquencia, as aspirações nacionais no que respeita a ordem publica, unico tema que, de resto, se propoz tratar. Confessamos que não foi sem alguma surpreza, aliás bastante agradavel, que ouvimos o sr. Cunha Leal expôr ideias do governo sem descambar nos tropos explosivos a que nos habituára o sr. Afonso Costa ou nas banalidades palavrosas dos outros politicos, feitos e educados á sua imagem e semelhança. O discurso do chefe do Governo foi uma exposição de ideias, onde a verdade simples, nua e crua, calou no animo dos ouvintes, sem de resto, os lisonjear, antes pelo contrario. «Todos nós, governantes e governados, temos culpas, disse o orador. Pois penitenciemo-nos delas e arrepiemos caminho, endireitando, de vez, pela estrada da Ordem». E a Ordem é obedecer a Lei, que regula o direito do mando e as obrigações da obediencia». Se bem que, por singular felicidade, não nos reconheçamos culpados da desordem, visto que não incitamos ás revoluções periodicas, nunca aliciamos militares para nelas colaborarem nem somos chefes ou comparsas dos numerosissimos grupos civis que têm querido, a ferro e fogo, fazer a felicidade da Nação,—reconhecemos, todavia, que a desordem social em que temos vegetado se deve mais á anarquia dos espiritos, que ás crises materiais da vida dificil, apezar da importancia real deste ultimo factor.

Em muito pouco tempo demonstrou o sr. Cunha Leal uma certa habilidade politica, evitando um choque entre facções, mais ou menos possuidas dessa anarquisação espiritual, que [illegible] o meio de resolver problemas politicos.

Mas para haver ordem é indispensavel o respeito á lei, tanto da parte dos governantes como dos governados ou talvez ainda mais do lado dos primeiros que dos segundos. Foi por isso, talvez, que o sr. Cunha Leal claramente acentuou a repulsa do governo ao emprego de meios ilegais: «Nada de ditadura! Nem a fiz, nem a farei!... Até agora o governo não transigiu com criminosos. Não transigirá jamais!... Mas dominou os acontecimentos e subordinou os homens, prevendo os primeiros e não satisfazendo inteiramente os segundos». O governo foi assim o fiel da balança, conservando-se no justo meio: a Guarda Republicana não fez tudo quanto quiz, o Exercito não fez tudo quanto quiz, os partidos não fizeram tudo quanto quizeram. O sr. Cunha Leal não o disse mas nós julgamos adivinhar que tambem o governo não atingiu completamente o seu objectivo. Transigiu temporariamente. E' nisso que reside, talvez, o seu maior elogio. Mas o sr. Cunha Leal não desiste. E' dar tempo ao tempo!...

Por isso o sr. Cunha Leal acentuou o seguinte: a causa da desordem, a causa principal, é a desorientação dos individuos e até das classes. Quanto aos individuos, o Estado desvia-os de profissões uteis para os instalar na burocracia parasitaria: um excelente cirurgião passa a ser um mediocre diplomata, um eximio barbeiro vai escrevinhar oficios numa repartição publica, um jornalista de renome alapardo-se num triste consulado exotico..., e, por outro lado, as associações profissionais transformam-se em focos de revolucionarios de oficio e beneficio ou em fabricas clandestinas de bombas homicidas... Tudo fóra dos eixos!

O governo—afirmou o sr. Cunha Leal—vai olhar por isso. Cada qual no seu logar, exercendo o seu mister profissional, contribuindo, dentro da legalidade, para o progresso da Nação e para o perfeito equilibrio da sociedade portuguesa.

De modo que chegamos a esta conclusão: de hoje em deante, não mais o sr. Cortez dos Santos, chefe do Estado Maior da Guarda Republicana, poderá expor, ao publico, ideias como as que ontem vieram estampadas neste jornal; nem ao sr. general Gomes da Costa será permitido referir-se publicamente em termos depreciativos, ao Chefe do Poder Executivo. Cada qual no seu logar!

❖ ❖ ❖

Entretanto, nós estamos tão viciados pela politica demolidora que ha já quem diga que o sr. Cunha Leal abandonou os ideias radicais, para se converter num conservador feroz.

A este respeito, nós discordamos da visão dos pessimistas e, principalmente, dos arrivistas e pescadores de aguas turvas. A experiencia adquirida em longos anos de acidentada vida já nos ensinou que o radicalismo de certos homens publicos é uma ótima escada para subir rapidamente ao Olimpo governamental. A questão reduz-se, em ultima analise, a qualidade dos processos de governar. Exemplifiquemos:

No tempo da monarquia, o partido regenerador dizia-se conservador e o progressista era radical. Na realidade, os regeneradores fizeram a obra progressiva dos melhoramentos publicos—estradas, caminhos de ferro, etc.,—emquanto que os progressistas se limitaram a «conservar» o «statu-quo», sempre que o sr. Fontes Pereira de Melo lhes dava a alternativa, sempre de curta duração, duma velegiatura no Terreiro do Paço.

Os regeneradores tinham, pois, ideas conservadoras que executavam por processos radicaes, emquanto que os progressistas faziam estendal de radicalismos teoricos, impossibilitados de os porem em pratica por causa dos seus processos arcaicos. Na vigencia da Republica já tivemos um grande estadista, hoje voluntariamente homisiado, que professava, intimamente, as ideas mais conservadoras, mas apregoava, para hipnotisar a Nação analfabeta, os mais radicalismos processos. Este politico fez escola.

Estamos absolutamente convencidos que o chefe do governo não pertence á falange dos discipulos do grande Mestre, a quem atraz aludimos. Como homem moderno, como politico do seu seculo, o sr. Cunha Leal só pode ser radical como o é, por exemplo, Lloyd George: as reformas radicaes devem executar-se por processos conservadores. Assim se explica que ele não queira fazer politica de extremismos, nem para a Direita, nem para a Esquerda.

Essa politica não conduz senão a resultados negativos, graças ás resistencias que fatalmente provoca. Com pancadaria de cego, não se governam animais e, muito menos, cidadãos livres duma Republica.

Nada de dictadura! disse o sr. Cunha Leal. Sim, dizemos nós. Nenhum arbitrio, nenhum impulsivismo no governo da Nação. Mas administre-se com a Lei, sem hesitações e com firmeza. E se, em casos urgentes e de manifesta utilidade publica, fôr indispensavel providenciar ocasionalmente não seremos nós, não será a Nação, que censure o governo e o não absolva da culpa. Mas sómente nesses casos. E' este o pensar do governo?

Acreditamos que é, pelo menos, o proposito do seu chefe. Por isso, ele disse ontem:

—O governo vai até onde deve ir e não vai alem!...

O PROBLEMA DO INQUILINATO

A exploração das rendas de casa

O que deve ser a lei

Com o sr. dr. Carlos Xavier Chaves Gomes, antigo deputado e membro da comissão juridica encarregada do estudo do projecto do sr. dr. Matos Cid sobre a reforma da lei do inquilinato, tivemos hoje ocasião de trocarmos algumas palavras acerca das reclamações feitas pela C. G. T. sobre a lei que regulamenta o inquilinato.

Eis o que acerca de tão importante assunto nos diz o distinto advogado:

—A Confederação Geral do Trabalho quer que nas acções de despejo por falta de pagamento de renda cesse todo o procedimento judicial se o inquilino pagar dentro do prazo da contestação a renda e as despezas a que der causa.

«Este principio, que já se encontra consignado em lei de varios paizes, é o que desde ha muito venho defendendo, e se não se encontra na lei actualmente em vigor não foi certamente por falta de toda a minha boa vontade.

«Tambem a mesma confederação deseja que se tornem extensivos aos hospedes ou sob-arrendatarios de parte de casa, os direitos concedidos aos outros inquilinos, não podendo as rendas ser superiores ao que proporcionalmente lhes cabe na renda total que o arrendatario pague.

—E qual é a opinião de v. ex.a sobre esse ponto de pretenções da C. G. T.?

—Estou plenamente de acordo com essa doutrina, tanto mais atendendo ás exorbitancias escandalosas de certos arrendatarios, que exigem quantias fabulosas pelas rendas de um ou dois quartos, ficando com a casa paga e um lucro muito apreciavel.

«Estou, portanto, de acordo com as pretenções da Confederação, embora haja a considerar o facto de que, sem lucro, ninguem suportará a vida em comum com familias muitas vezes desconhecidas e até ás vezes de feitios, genios e modos muito diferentes e que a carencia de meios, e portanto a necessidade reciproca, os leva a não poderem ter casa em separado.

«São milhares as familias que vivem em quartos ou parte de casas e que cumpre não deixar explorar, mas este problema tem de ser estudado com meticuloso cuidado para não caminharmos para uma seria crise de habitações que necessariamente se produziria se as novas determinações da lei acerca desse assunto importassem a escacez de quartos ou parte de casa.

—Não então é quasi impossivel pôr côbro á exploração que com o aluguer de quartos se está fazendo?

—Mas, afianço-lhe que com a aprovação do projecto do sr. dr. Matos Cid a exploração não continuará, e isso basta para a tranquilidade destes modestos inquilinos, talvez os mais desprotegidos de todos.

—Mas a C. G. T. quér ainda que o inquilino possa recorrer da autorização para obras?

—Sim, mas não é tomando essa procedente quando o prédio não ameace ruina.

«Efectivamente, a lei actual nesta materia já não oferece garantia, tanto mais que o sr. auditor administrativo tem o costume de revogar as deliberações camararias que se opoem, em caso de obras, á saída dos inquilinos sem o acordo destes.

«Torna-se, pois necessario remodelar por completo o que a lei actual determina quanto ás obras necessarias á conservação dos prédios, e certamente os inquilinos hão-de ser ouvidos em tão importante assunto, o que actualmente não acontece.

Um grande perigo

Sobretudo para as creanças, consiste em dar-lhes preparação de Iodo, em solução, por conterem acido iodidrico e por isso dae-lhes «Iodol» (granulado de Iodo Iodetado) para os robustecer, augmentar o apetite, curar o raquitismo e linfatismo.

Funcionalismo

O que pensa o sr. Joaquim Belford acerca das subvenções

Segundo sabemos o aquele Director Geral é de opinião que os subvenções de 50 60 e 70 escudos estão «ás avessas» porquanto as de 70$00 deviam ser dadas ao pessoal que menor vencimento tem e depois a seguir de forma que os funcionarios mais bem remunerados, como os directores gerais, recebessem apenas os 50$00 mensais.

Que a questão é principalmente de alimentação, e como tal se um director geral tem, ao jantar 3 pratos, pode reduzi-los a 2; se um primeiro oficial tem, por exemplo dois pratos, ainda os poderá reduzir a um; mas que o pessoal menos bem remunerado que hoje tem um só prato é que não pode fazer redução alguma. Eis porque o sr. Joaquim Belford entende que o acrescimo de subvenção deve começar de baixo para cima e não de cima para baixo.

Migalhas

Lucinda do Carmo

Quando soube da morte de Lucinda do Carmo, já o seu corpo, que fôra tão cheio de graça e gentileza, ultimamente tão alquebrado pela doença, descançava no cemiterio.

Ha tres semanas ainda conversavamos num canto do palco do Nacional do desejo que eu esperava realisar de a ter como interprete e ela dizia-me com a sua voz inesquecivel:

—«Mas depressa, depressa, meu amigo...

Veiu a morte e remeteu a sua tragedia antes que eu começasse sequer a minha comedia. Levou a comediante mais interessante e a mais inteligente que eu conheci em teatros portuguezes, deixou em certos corações uma saudade que nunca se apagará. E nunca foi tão exacta esta expressão banal.

Os baldões a que tem andado sujeito o teatro portuguez fizeram com que Lucinda do Carmo não lhe desse quanto deveria e poderia e queria ter dado. Não há um autor portuguez que ligasse, com o seu, o nome da grande actriz a uma obra imorredoura. No emtanto todos nós sentimos que ela foi a grande, a maior de todas as que com ela viveram. Tinha sobre todas uma vantagem; era espirituosa. A sua inteligencia, a sua cultura, que já a distanciavam muito, completavam-se com essa qualidade tão rara em Portugal entre os homens e mormente entre as mulheres.

Os que privaram com Lucinda, os que a conheceram intimamente sabem quanto essa mulher curiosa e seductora, aliava a uma sensibilidade de coração cuja pagina mais pungente é a da sua morte uma alegria maliciosa que tinha como mais clara expressão o seu riso, um riso inconfundivel, que no teatro sugestionava uma multidão e na intimidade varria as tristezas, enchia de sol uma casa, punha asas numa palestra, um riso que ainda sôa aos meus ouvidos, que aprendi a amar quando cumpria os meus vinte anos,—ha outros vinte—e que ela ainda tinha há tres semanas a iluminar aquele rosto que fôra tão lindo e tão expressivo que os cabelos brancos [illegible] agora e onde a doença se revelava, impiedosa e brutal.

Num meio que infelizmente é de uma banalidade desconsoladora, de uma vulgaridade atroz, onde tantas coisas mesquinhas e tantas almas pequenas se arrastam dentro de uma profissão que deveria ser uma arte e, portanto, um manancial de emoções variadas e todas elas tendentes á beleza, Lucinda do Carmo passou, alegre, maliciosa, fina, inteligente, encantadora.

O que me desconsola, ao vê-la partir, é—como disse—que o teatro lhe não tenha pedido nos ultimos tempos o que ela tão generosamente estava pronta a dar-lhe. Ha toda uma geração que a não conheceu quasi. Hoje, ainda que a doença a tivesse prematuramente envelhecido, Lucinda teria sido ainda a interprete ideal de uma peça bem portugueza que afinal ninguem escreveu e que todos os autores dramaticos, creio bem, tem o desgosto de não ter escrito, para que as plateias de hoje, na hora da sua morte, sentissem bem que grande actriz era aquela pequenina mulher que levaram ante-ontem a enterrar.

ANDRÉ BRUN

SEGREDOS A TODA A GENTE

As mamãs

Quando se namora uma rapariga ha sempre que contar com um obstaculo tremendo: a mamã. Se assim é, o primeiro passo a dar nos dominios, aliás vastissimos, da arte de namorar—é conquistar a mamã. Todas as mulheres se parecem—e parecem-se tanto que muitas vezes os proprios maridos chegam a confundi-las. Todas as mulheres, por consequencia, se conquistam da mesma maneira. Os processos usados para uma, podem sem grande esforço, indicar-se para todas. Tudo consiste numa questão de paciencia. No amor, meus amigos, só triunfam aqueles que sabem esperar. Entretanto como não se pretende conquistar as mamãs por amor—neste caso restrito nada, absolutamente nada aconselha a que se espere. Pelo contrario. Convem desde o primeiro instante não esperar. Sabem qual é ainda o melhor argumento para conquistar uma rapariga? Um beijo. E uma velha? Um doce. Se a mamã for velha—um doce. Se o não for—um beijo. Em todo o caso, meus amigos, se quizerem conquistar as filhas comecem sempre por namorar as mães. E' remedio infalivel.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

A péssima redacção das leis

Para obviar a este inconveniente reclama-se em França a elaboração do Conselho de Estado

Queixam-se os francezes da má elaboração e pessima redacção das suas leis que, segundo o seu modo de ver, estão longe de, sob este ponto de vista, poderem servir de modelo, embora a legislação dos ultimos 25 ou 30 anos faça grande honra á Republica pelo que diz respeito ao seu generoso espirito de justiça social, de solidariedade e de fraternidade.

As leis sáem, em geral, do parlamento obscuras e, por consequencia susceptiveis de interpretações diversas, ofendendo por vezes a logica e muito freqnentemente a gramatica.

«O codigo de 1804, escreveu Ambroise Colin, conselheiro do Supremo Tribunal, e Capitsin, professor de direito civil na Faculdade de Direito de Paris, redigido com uma rapidez prodigiosa, é uma verdadeira obra prima se a compararmos com as nossas mais recentes leis, penosamente elaboradas no seu articulado, muitas vezes depois de anos de trabalho, e que apesar disso sáem obscuras, incertas e por vezes incompreensiveis.»

A má redacção das leis modernas é considerada como um perigo grave pelos funcionarios encarregados de as aplicar e pelos professores que as comentam.

A élite dos parlamentares francezes concorda com isso francamente.

No seu livro—Problema da competencia na democracia—o professor Barthélemy deu-se ao trabalho de citar numerosos exemplos de falhas, contradições e omissões das leis modernas.

O jornal de que extraimos estas observações cita alguns desses exemplos realmente curiosos que não trasladamos para aqui, porque interessam á França e não a nós.

O resultado das numerosas imperfeições legislativas assinaladas é ter de estar a maquina de fazer leis sempre sob pressão a trabalhar em correcções sucessivas.

A mesma materia é assim objecto de varias leis cada uma das quais representa uma correcção da precedente e raras vezes se chega a uma redacção clara e inteligivel.

Os inconvenientes destas correcções sucessivas todo o mundo os apreende. Tanto os profissionais como o publico encontram grandes dificuldades em estudar e conhecer uma legislação que está sempre a modificar-se. Os cidadãos, habituando-se a tantas variações, não tomam as leis a serio, sempre a espera da redacção definitiva. Esta sofre de um duplo defeito: ser feita por pessoas de competencia tecnica insuficiente e de afogadilho no ambiente tumultuoso duma assembleia numerosa. Um jurisconsulto não se improvisa.

Precisa duma preparação scientifica e até de estilo gramatical.

Os parlamentares são competentes para dizer o que o paiz quer, mas não o são para redigir a respectiva lei. Uma coisa é indicar o sentido duma lei, outra coisa é formular a lei no seu articulado. A primeira pertence ao Parlamento que é a interprete da vontade nacional, a segunda cabe a especialistas encarregados de traduzir em artigos o pensamento das camaras legislativas.

Deliberar é a missão duma assembleia politica numerosa, redigir deve ser encargo dum conselho tecnico de poucos membros.

Assim os reformadores, que aspiram a melhorar o mecanismo da maquina governamental reclamam que o legislador seja obrigado a recorrer á competencia dos tecnicos.

«Deixam-se as Camaras, diz m eles, inteira liberdade de propor e discutir a lei. Mas quando o principio desta lei estiver assente, quando todas as emendas tiverem sido discutidas e admitidas ou regeitadas, quando o pensamento do legislador estiver perfeitamente definido e quando emfim a discussão estiver encerrada, entendemos que o texto assim elaborado, muitas vezes penosamente, deverá ser enviado com os trabalhos preparatorios ao Conselho de Estado, que lhe dará a sua redacção definitiva. E este texto, elaborado na calma duma reunião de magistrados especialisados na coordenação e estilo dos artigos das leis, seria de novo presente ao Parlamento que sem reabrir a discussão, a adoptaria ou regeitaria por votação».

Esta tese de colaboração do Conselho de Estado na elaboração das leis conta numerosos partidarios, tanto entre os parlamentares como nas Faculdades de Direito.

Museu regional de Grão Vasco

Catalogo e guia sumario

O ilustre director do Museu Grão Vasco, sr. Francisco de Almeida Moreira, acaba de publicar o respectivo catalogo, que é sem duvida uma das mais belas e completas obras que nós possuimos sobre arte portugueza. O interessante volume abre com as seguintes palavras do dr. Aarão de Lacerda: «O Museu de Grão Vasco é hoje um dos melhores Museus portuguezes, não pela quantidade, mas pela qualidade das obras expostas».

Estas palavras são o suficiente para qualificar o valor da obra agora publicada.

Rasão forte

(Caricatura de Eduardo de Faria)

—Tu acreditas que teu marido foi hontem á caça?
—Acredito.
—Mas ele não trouxe peça nenhuma...
—Pois é exactamente por isso

POLITICA

Actividade eleitoral no ministerio do interior

Desanuviados os horisontes politicos, o sr. Cunha Leal pode dedicar, desde já, a sua atenção ao problema eleitoral. Persistente no seu proposito de organisar um Parlamento capaz de legislar, o chefe do governo convidou a comparecerem hoje, ás 16 horas, na Presidencia do Ministerio, os presidentes das seguintes associações, com as quais deseja trocar impressões: Associação Comercial, Associação Industrial, Associação Patronal e Associação dos Lojistas.

Para as 17 horas está convocado o conselho de ministros, que se ocupará, tambem, do problema eleitoral.

O regresso das tropas a quarteis

Segundo as nossas informações as tropas que foram aglomeradas nos arredores de Lisboa não ingressam todas nos quarteis do Campo Entrincheirado, como se disse nos jornais da manhã. O que se está fazendo reduz-se a restabelecer o «statu-quo-ante», indo para a provincia as unidades que a ela pertencem e regressando apenas a Lisboa e ao Campo Entrincheirado as forças que de lá sairam para os acampamentos. E' certo, todavia, que se pensa em restabelecer a antiga guarnição militar de Lisboa, pouco mais ou menos como existia antes de 1910.

Candidatos dos outubristas radicais

Noticiamos, ha tempos, que os outubristas radicais propuniam alguns candidatos ao sufragio popular. Alguns oficiais do Exercito, incluidos na lista, pediram realmente a licença regulamentar para a sua propaganda, licença que a todos foi concedida. Sabemos que um desses oficiais já desistiu da candidatura, provavelmente porque reconheceu o predominio duma tal impopularidade politica que, por força, impediria que ele viesse a obter, no pleito eleitoral, uma votação que não fosse desprestigiosa.

As pautas aduaneiras

O que sobre o momentoso assunto nos diz o sr. dr. Lopes Cardoso

O sr. dr. José Lopes Cardoso, um dos deputados do ultimo parlamento que mais se interessa pelo decreto das pautas aduaneiras, deu-nos hoje o prazer de nos falar sobre tão magno assunto.

—Sobre pautas—diz s. ex.ª—não lhe posso dizer muito, quasi nada, mas faça da nossa palestra uma simples noticia.

«Como sabe, até aqui temos tido sómente uma pauta aduaneira, que data de 1892. Esta pauta era antiquada e incompativel com o comercio moderno; impedimos a realisação dos tratados de comercio.

«Todos os paizes protecionistas teem essas pautas, numa maxima que se aplica de um modo geral, uma minima de que beneficiam sómente os paizes com quem temos tratado de comercio.

«O criterio ultimamente adotado foi considerar a pauta de 1892 a pauta minima, e aumental-a de 50 °/o para obter a pauta maxima.

—E quais serão os efeitos da nova pauta na nossa vida economica?

—Como se tem visto, o decreto das pautas aduaneiras tem tornado sensivelmente mais cara a vida, e não tarde o tempo em que as culpas venham recair sobre o governo que as reformou.

«Nós não temos tratados de comercio e não os podemos negociar, não possuimos duas pautas.

«E isto para interesse nosso. O regime do direito unico é-nos sómente prejudicial porque não podemos alterar quando quizermos proteger uma industria nacional que nasça. Imagine que nós importamos da França um produto pelo regimen do direito unico, e de um dado momento em diante começamos a fabricar o mesmo producto. Sucede que temos que suportar a concorrencia estrangeira.

«Uma vez no regimen das duas pautas que podemos alterar a nosso arbitrio impediremos essa concorrencia subindo a pauta, substituindo a relação entre os dois expoentes.

«No caso de um tratado de comercio, possuindo nós essas duas pautas, não temos que estar a regatear o direito unico sujeitando-nos ás contingencias que dai resultem.

«Estabelecemos a nossa pauta e negociamos livremente.

—V. Ex.ª pronuncia-se, então, pela conservação do direito sobre as pautas aduaneiras?

—Certamente, visto não haver ainda, por menos até agora, nada que melhor venha solucionar o importante assunto.

Lei do selo actualisada

Editada pelo sr. Couto Martins, com escritorio de advocacia e procuradoria na Rua da Prata N.º 178 2.º, recebemos um exemplar da lei do selo actualisada com toda a legislação que lhe faz referencia, varios diplomas até agora publicados, diversas notas e informações que todos devem ler antes de aplicar as taxas da tabela, especialmente de alguns artigos.

Oque dizem os assassinos do Dato

O que dizem os assassinos de Dato

MADRID, 4.—Um jornal alemão publica uma entrevista com um dos assassinos de Dato, Ramon Casanela que se encontra em Moscou. Casanella viveu em Paris e em Berlim até que no fim de setembro partiu para Moscou fugindo á perseguição da policia que ele diz desprezar profundamente e cujo zelo havia sido excitado pelo premio de um milhão de pesetas. Declara que a morte de Dato foi a consequencia do procedimento de Martinez Anido e Arlegui e acrescentou que Mateu está [illegible].—

Ginasio Club Portuguez

Campeonato de Florete

Está servindo para o dia 15 do corrente o Campeonato Nacional de Florete que o Ginasio Club Portuguez organisa anualmente.

Esperam-se grandes numeros de concorrentes das varias salas de armas.

Os premios são medalhas de vermeil e prata para os tres primeiros classificados e um diploma para a sala que o vencedor represente.

A taxa de inscrição é de 5$00 por concorrente podendo requisitar á secretaria do club os respectivos boletins.

A inscrição fecha no dia 8 do corrente. Caso o numero de concorrentes seja grande começar-se-ha a prova no sabado, fazendo-se a final no domingo com a entrega dos premios depois de feita a classificação.

A Direcção está cuidando em que a organisação seja boa boa e que a assistencia a esta prova seja numerosa para o que nos intervalos far-se-ha ouvir um sexteto, realisando-se no fim do Campeonato um baile sob a direcção do professor [illegible] Magalhães, [illegible]

MUSICA

Homenagem da orquestra Blanch a Saint-Saens

Vai ser uma brilhante tarde a de domingo no São Luiz, com a grandiosa homenagem, prestada ao celebre compositor Saint-Saens pela «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro [illegible] concerto extraordinario no qual toma parte pela [illegible] vez o grande pianista Vianna da Motta, que executará com orquestra o famoso «Concerto n.º 5 em fá maior». Entre outras obras de Saint-Saens a orquestra executará [illegible] a celebre «[illegible] de Sansão» da opera «[illegible]», a «Dansa Macabra», o poema sinfonico «A roda d'Omphale», uma «Tarantella» para flauta e clarinete, sendo solistas os professores José Henriques dos Santos, [illegible] Gonzaga, [illegible] numeros [illegible] «Algerie» [illegible].

Assombroso programa.

AMANHÃ

«A CAPITAL» publicará um artigo de André Brun intitulado

--- Vinte anos depois ---

— OU —

O filho dos dois mosqueteiros

Factos e palavras

... DA CONFERENCIA

Nove e meia da noite. Uma neblina que mais tarde se transforma em chuviscos impertinentes, esmalta as ruas. Luz mortiça, automoveis de farois acesos, luz incisiva que penetra as esquinas e as ruas, patrulhas a cavalo, grupos dispersos, o compassado bater dos passos no lagêdo. Um foco de luz desenha sombras pelo chão, saindo duma larga porta, aberta, onde se somem os que passam.

[illegible] este o scenario, dado em mancha [impr]essionista, da entrada da Academia das Sciencias, hontem, ás nove e meia da noite.

Entrei, subi a escadaria, penetrei na sala. Tem um aspecto conventual, monastico. De roda, até ao alto, transpondo a galeria a meia altura, livros, largas costaneiras antigas, perfiladas, metodicamente silenciosas e quietas, titulos em latim, em portuguez de outrora sobre amarelecidos pergaminhos.

O tecto em branco, manchado de alegorias, espalha uma luz que se esforça por ser clara naquele ambiente pesado e rigido.

E' sempre mais curioso o aspecto das multidões visto do alto. Subi á galeria. Um «mare magnum» de cabeças ondulante, irrequieto, espera que principie a conferencia.

Ha gente ainda que persiste em entrar, que fura, que se acomoda, que torna mais densa aquela massa humana que quere ouvir, ficar sabendo.

Entre essa gente ha velhos que teem o aspecto de ha muito não sairem de casa; rapazes novos que veem trazer o fogo dum entusiasmo; politicos, ministros, oficiais, gente aegravata encarnada, honrados comerciantes.

Todos querem ouvir, ficar sabendo.

Ha comentarios interessantes:

—Venho estafado; julguei que fosse lá em baixo; eu não queria perder. E' o homem, o grande homem; monta o Afonso.

Isto é dito a correr, com entusiasmo, com calor.

Dois velhos que se encontram:

—Olá, por cá!

E outro, pausadamente:

—Trata-se de ordem, venho com a minha presença trazer o meu apoio.

—Que lhe parece o homem?

—Sim, parece-me bem.

E assim por toda a parte em todas as bocas, a todos os instantes.

Uma nota curiosa: senhoras, muitas senhoras, enluvadas, sorridentes, tomando um grande entusiasmo na ovação de entrada.

Cunha Leal acaba de entrar agora mesmo. Vem de casaca.

A sala está cheia de fumo. Os cigarros sucedem-se para acalmar os nervos. Os nervos despedaçam-se numa grande ovação.

A multidão que o ouve freneticamente o interrompe a cada instante.

Tal como Vitor Hugo o disse no «Homem que ri» o orador construiu uma [?] do auditorio e ergue-se acima dela.

As suas palavras caiem.

Caiem sobre a sala. Veem do alto. Dominam.

Apenas por instante a sua voz se quebra e as suas palavras começam a subir, a erguer-se, tocando o cimo das colunas, transpondo a aboboda, penetrando o azul, alongando-se no espaço infinito. E' a oração erguida á Patria, em que as suas mãos se enclavinham bem erguidas, como se da estreitesa dum vale imenso, quizesse tocar o espaço constelado.

Ha na comoção da sua voz o sentido magico da adoração. Por entre as fibras de aço do seu peito tambem tem um coração que sente.

Mas o extase quebra-se e as palavras voltam a cair pesadamente sobre a sala.

E no ambiente o rifão popular, a grande e eterna filosofia dos povos dansa-nos na memoria:

«Manda quem pode, obedece quem deve».

Na sala continuava o tufão do entusiasmo.

Cá fóra a chuva miudinha continuava a esmaltar as ruas.

BOTTO DE CARVALHO

◆ ◆ ◆

Os mares da China voltam neste seculo de sofrimentos, em que—«eles» é que dizem isto—a desvalorisação da moeda é causadora de todos os males,—a ser teatro das façanhas audazes dos piratas chinezes, espalhando o terror nos navegantes que evocam os idos tempos em que os bandidos imperavam nos mares.

Não ha muito que todos os navios de guerra chinezes, correndo os mares, enforcaram, nas gaveas e nos mastros da mezena alguns dos famosos piratas, carniceiros e crueis; não ha duvida, porem, de que algum dos chefes, escapando, fugindo covardemente, voltou a recrutar outros bandidos, os ladrões, os emigrantes e, formando quadrilhas, inaugurou os seus crimes assaltando o vapor «Kavanglee». Foi ao dobrar o cabo de altissimos alcantilados, a poucas milhas de Hong Kong, que os tripulantes viram singrar para ele, e velozmente um veleiro, que levava içado o pavilhão comercial. Já perto do «Kavanglee» e, por uma manobra habil, encostaram ao costado do vapor, lançando rapidamente «bicheiros» que cingiram as duas embarcações.

Então, os piratas, trepando ás obras mortas invadiram a coberta, onde a tripulação estava desarmada e tomada de terror. Só o capitão, Mr. Craford, tinha um revolver, que disparou sem resultado. Vendo-o desarmado, os piratas encerraram a tripulação nos porões, e, senhores do navio, saquearam-no, levando artigos no valor de 20 contos da nossa moeda, inutilisando as maquinas.

◆ ◆ ◆

Afinal parece possivel rehaver os dois ingratos navios ex-austriacos que nos tinham fugido.

A ver vamos...

◆ ◆ ◆

No proximo domingo 8, realisar-se-hão duas «poules» no Hipodromo de Sete-Rios notando-se já grande entusiasmo no meio sportivo.

Os socios poderão requisitar os seus bilhetes com direito a fazerem-se acompanhar do numero de senhoras que desejarem, na séde da Sociedade Hipica Portugueza, rua Ivens, 56 1.º

◆ ◆ ◆

Estão mostrando muito interesse os compradores do ultramar pela feira das industrias britanicas que deve realisar-se em Londres breve e que está sendo organisada, pela Direção do Comercio Ultramarino.

Este interesse é devido á grande campanha de publicidade, que tem dado origem a que cerca de vinte mil firmas tenham já escrito pedindo esclarecimentos sobre a feira.

◆ ◆ ◆

Realisou-se em Paris uma conferencia de tecnicos da especialidade para estudarem a reconstrução economica da Europa.

◆ ◆ ◆

O projecto da reorganisação do exercito de Marrocos divide-o em varias brigadas e concede uma completa autonomia ao Comando Geral de Melilla que fica ligado ao general em chefe nos negocios do Alto Comissariado respeitantes aos problemas da politica a seguir no protetorado.

POLITICA INTERNACIONAL

O que tem sido a paz

Um germen continuo de desordens — Vai tentar-se a cura em Cannes

A guerra—a Grande Guerra—durou um pouco mais de 4 anos. A paz levará muito mais tempo a fazer-se. Ha mais de tres anos (novembro de 1918) que foi celebrado o armisticio e não ha maneira de vêr o termo das miserias que a guerra desencadeou. O poder de destruição do homem é enorme; muito mais modesto é o seu poder de reconstrução!

Volvâmos os olhos em torno de nós—mas não para tão perto que avistemos as miserias proprias; olhemos o que se passa nas grandes nações que entraram na guerra, as vitoriosas como as vencidas; e veremos que se estas ultimas estão sofrendo o castigo do mal que espalharam pelo mundo, as outras estão sofrendo as consequencias do mesmo mal e doutros que provocaram com as suas desinteligencias, depois da guerra, ou com a insuficiencia das suas condições de paz.

A França e a Inglaterra são as duas nações em que mais se acentuaram as divergencias de interesses; começaram durante as negociações dos tratados de paz, embora as atenuasse a pressão do presidente Wilson, que conseguiu disfarçal-as nas dobras de clausulas genericas e imprecisas; mas ao tratar de lhes dar execução, aparecem a nu todos os seus defeitos. Vejam-se todas as dificuldades que surgiram ao impôr á Alemanha a execução das clausulas das reparações e as do desarmamento. Quantas conferencias para modificar tal ou tal disposição, para regulamentar aquela outra; e no fim, a Alemanha esquivava-se e os aliados não se concertavam numa acção conjunta para a obrigar a cumprir aquilo que lhe tinha sido imposto. A França, alguma vez, teve de proceder sósinha, carregando com todos os riscos da empreza... e com a má vontade da Inglaterra, que a devia ajudar!

A mesma imprecisão noutros pontos. Vejam-se os mezes, os anos perdidos, por não se ter querido resolver nas Conferencias da paz a questão da Alta Silesia, deixando a sua solução dependente dum plebiscito, que esteve a ponto de produzir conflagração, e que afinal não contentou alemães nem polacos. Veja-se ainda a historia de outros plebiscitos—sim, des expedientes para adiar dificuldades—como esse que esteve quasi a acender a lucta entre a Austria e Hungria. Digam-nos ainda se a Tcheco-Slovaquia, a Yugo-Slavia, a Romania, que foram creação dos aliados ou suas companheiras na guerra, estão hoje animadas da mesma fé, do mesmo entusiasmo, pela causa daqueles a cujo lado ontem combateram.

A luta entre a Grecia e a Turquia resulta da precipitação com que foi feita a paz no oriente, sem um entendimento previo das duas potencias ocidentais; ou antes, com manifesta desinteligencia da França e da Inglaterra. Quando esta viu o general Franchet d'Esperey obrigar a Bulgaria a capitular, e que se preparava para completar a obra, marchando contra a Turquia, interveio, porque não lhe convinha que um general francez conquistasse uma posição de destaque no oriente, onde ela tem interesses importantissimos. Assim foi um almirante inglez quem, apressadamente, formulou as condições do armisticio para a Turquia; foi um general inglez quem se instalou em Constantinopla, como chefe dos exercitos aliados. Ai começaram as rivalidades politicas que conduziram ao desgraçado tratado de Sèvres—tão fragil como a preciosa porcelana do mesmo nome. O tratado está feito em cacos; a Grecia e a Turquia continuam frente a frente, incapazes de vitoria decisiva, uma como a outra.

A Russia continua no mesmo cáos, hesitando entre transigir ou manter as aparencias. Aqui e além surge um movimento de revolta, que os bolchevistas afogam em sangue; só uma força comparavel á deles os pode submeter. Lemos ha dias a frase de Karl Marx—a força, a grande parteira das sociedades—A revolta que vem da Siberia Oriental valerá mais do que as outras? Não cremos. Só as grandes potencias poderão resolver o problema. Esperarão para isso que a Polonia seja atacada pelas tropas vermelhas?

Eis o balanço de tres anos de paz. E não nos referiremos, por brevidade, ás dificuldades da Italia, aos embaraços com que a Inglaterra topa dentro dos seus dominios (Egito, India), e a alguns outros motivos de discordia. Quem ha de trazer a paz definitiva a este mundo conturbado? Ah! vem ai, a 6 de janeiro, o Conselho Supremo de Cannes...

Os inqueritos

Continuam as investigações

O contra almirante sr. Silveira Moreno, encarregado de sindicar os casos ocorridos dentro do Arsenal de Marinha, na noite de 19 de outubro, continuou hoje nos seus trabalhos, tendo ouvido o sr. Augusto Moraa, redactor do jornal «A Epoca», que esteve naquela noite no Arsenal e no Terreiro do Paço.

Os bombistas

Os enterros das victimas

Realisam-se amanhã pelas 13 horas os funerais das victimas da explosão ocorrida na C. G. T.

Nos mesmos funerais encorporam-se todos os sindicatos operarios, para o que a comissão fez os respectivos convites.

Os cadaveres ficam sepultados em covais separados no Cemiterio Oriental.

Uma escola de sciencias politicas

Parece ser remedio eficaz para os vencidos. Em França foi criada depois da derrota de 1870 e a Alemanha fundou tambem uma ha dois anos

Apoz a guerra franco-prussiana de 1870 fundou-se em Paris uma escola de sciencias politicas. Foi obra de Boutmy, historiador e filosofo politico eminente, discipulo e por assim dizer, o herdeiro intelectual de Alexis de Tocqueville.

Emilio de Boutmy criou a escola inspirado decerto pela derrota da França cujas causas ele discernia perfeitamente.

Não foi só por insuficiencia militar que a França foi batida; foi tambem por carencia de conhecimentos politicos. Em epoca alguma a diplomacia franceza se mostrou tão medíocre como naquela. Acusaram-se os chefes militares de nem sequer saberem ler uma carta; pois a diplomacia nem sequer geografia sabia, nem historia, ela era contraditoria e impulsiva, fraca e violenta, e no interior um regimen de governo pessoal, praticamente absoluto, tinha afastado o povo dos negocios publicos, tornando o indiferente a tudo que não fosse o seu interesse particular.

Boutmy quiz fundar uma escola de diplomatas, financeiros, homens de Estado e, evidentemente, não se lhe pode atribuir tudo, mas teve sem duvida alguma uma parte muito importante na restauração politica e diplomatica da França.

* * *

A Alemanha sofreu agora um desastre muitissimo pior que o da França ha cinquenta anos. Foi amachucado o seu incomensuravel orgulho, desfez-se como o fumo o seu sonho mistico da dominação universal, mas, contrariamente ao que se fez em França ha meio seculo, ela não acusa de impericia os seus chefes militares que continua a admirar sem restrições, conscia de que eles cumpriram heroicamente o seu dever, opondo uma formidavel resistencia ao mundo inteiro.

A Alemanha pensa que as suas instituições militares devem ser ainda perfeiçoadas e nunca destituidas e julga que os chefes militares e o povo perderam a guerra porque não estavam «politicamente educados» e que é necessario formar «dirigentes capazes de abraçar em toda a sua largueza politica os problemas da guerra».

E, então, coisa curiosa, tal e qual como a França ha cinquenta anos, a Alemanha reclama o ensino oficial das sciencias politicas.

Na «Revista das Sciencias Politicas» Mauricio Lair, aluno da escola fundada por Boutmy, refere-se a esse facto nos seguintes termos:

«Ha dois anos que a juventude alemã e grande numero de homens já «maduros» manifestam um apaixonado ardor pela «quinta faculdade», a das sciencias politicas. A Alemanha exige hoje não em fragmentos, como outrora nas universidades, mas um corpo de doutrina para todos aqueles que tiverem um papel de dirigente a desempenhar, modesto ou importante. Ela possue já organisado esse ensino. A escola superior de politica foi inaugurada em Berlim pelo dr. Simons em 24 de outubro de 1920—Os alunos concorrem em grande numero e, coisa estranha, são na sua grande maioria oficiais.»

E' na verdade um extranho fenomeno. A Escola de Sciencias politicas franceza visava e visa ainda decerto, a formar bons diplomatas e homens de Estado para a paz, mas a de Berlim parece que pretende ser considerada, como um instrumento de guerra. E' curioso, mas pouco tranquilisador.

E, entretanto, um facto a existencia na Alemanha desse partido democratico ainda em via de formação, mas já poderoso e pacifico; infelizmente não é ele que frequenta a Escola Superior de politica de Berlim, são os oficiais do exercito alemão.

Esta escola representa assim, pelo menos por agora, uma como que ressurreição parcial da escola do grande estado maior alemão inspirada pelo tratado de Versailles.

Em Portugal, uma escola de sciencias politicas, moldada em qualquer das duas, franceza ou alemã, com instintos de paz, bem entendido, seria de toda a vantagem, porque aqui toda a gente se mete em politica e ningeem sabe nada de tão complicada sciencia.

A conferencia do desarmamento

A tonelagem das grandes potencias

WASHINGTON, 4.—A comissão naval concordou em levantar os cruzadores a uma montagem de 10.000 cada, sujeito a aprovação do governo francez. Tambem ficou resolvido que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos tenham cada um 135.000 toneladas em aparelhos aereos e a França e a Italia 60.000 toneladas cada.—(Lut. Am.)

A questão irlandesa

Continua o debate no «Dail Eireann»

DUBLIN, 4.—Continuou ontem o debate sobre o acordo anglo-irlandez no «Dail Eireann». O acordo continua tendo o apoio dos partidarios do sr. Griffith, e a oposição dos do sr. De Valera.—(R.)

Ultima Hora

POLITICA

Uma reunião no ministerio do Interior

Conforme noticias que demos na primeira pagina deste jornal, o sr. presidente do Ministerio reuniu hoje no seu gabinete os seguintes individualidades, representantes das Associações Comercial, Industrial, dos Lojistas e Patronal: Albert Macieira, Alvaro de Lacerda, Mario de Carvalho, Ivens Ferraz, Eduardo Rodrigues e Sergio Pinto.

O sr. Presidente do Ministerio disse-lhes que julgava conveniente que lhe fossem indicados nomes para representarem as forças das suas assembleias no futuro parlamento. Como estava marcado conselho de ministros para as 17 horas, conselho que a esta hora se está efectuando na presidencia, o sr. Cunha Leal deixou no seu gabinete os representantes das associações para trocarem impressões acerca da forma de satisfazer os desejos do governo.

Um assunto financeiro

O sr. presidente do Ministerio marcou para amanhã uma conferencia que lhe foi solicitada por pessoas interessadas em negocios com o governo português, sobre uma operação financeira.

E' cedo, por emquanto para dar mais pormenores sobre esta noticia.

A reorganisação da G. N. R.

A reunião da Comissão

Embora os jornais da manhã anunciassem não reuniu hoje no ministerio da guerra a comissão de oficiais encarregada de estudar a reorganisação da G. N. R.

Segundo fomos oficialmente informados a nomeação dessa comissão ainda se não fez, indigitando-se, no entanto, os nomes de diversos oficiais que nela hão de vir a figurar.

E' provavel que depois da reunião do conselho de ministros marcada para a tarde de hoje, saia para a Imprensa Nacional o decreto que reorganisa a Guarda Republicana, devendo essa comissão ficar ainda hoje nomeada.

O MOVIMENTO DE TROPAS

As tropas que se encontravam concentradas nos arredores da capital, receberam hoje ordem de retirada, o que se fez ás primeiras horas da manhã.

Em Queluz apenas ficaram uma companhia de infanteria n.º 5 e uma força de metralhadoras na Trafaria.

Promoção a general do comandante da G. N. R.

Acaba de ser promovido a general o coronel, sr. Vieira da Rocha, comandante da G. N. R. devendo a sua nomeação ser publicada na proxima ordem do exercito.

O desastre no tunel de Lisboa-Rocio

Efectuou-se hoje a autopsia ao cadaver de Mario Candido e Silva, que conforme noticiamos foi victima do desastre no tunel da Estação da Avenida.

O cadaver depois de amortalhado, foi colocado numa carreta e seguiu para a egreja do Soccorro, onde ficou depositado.

O funeral realisa-se amanhã pelas 15 horas, para o cemiterio oriental.

PELO TELEGRAFO

A conferencia de Cannes

A atitude da Alemanha

BERLIM, 4.—O sr. Rathenau seguiu para Cannes.

Nos meios financeiros comentando-se a Conferencia que ali vai realisar-se julga-se que a França conseguirá pelo menos a maior parte das suas reclamações, visto que o sr. Briand declarou na Camara que não cederá garantia alguma das que ela tem sobre a Alemanha.

A Belgica tem recusado, por emquanto, conceder a redução nos pagamentos devidos pela Alemanha em 1922, de dois milhões para um milhão e meio de marcos ouro.

Por outro lado a imprensa abandona a esperança de que a Conferencia de Cannes encontrará o meio de resolver as enormes dificuldades originadas não só pelo Tratado de Versailles como tambem pelos acordos de Spa e de Londres.—(R.)

Os assuntos a versar na conferencia

LONDRES, 4.—Na agenda da reunião do Supremo Conselho que se realisará no dia 6 de janeiro em Cannes, onde Lloyd George se encontra em vilegiatura, figuram os seguintes assuntos:

Reparações e convocação de uma conferencia internacional.

Esta conferencia ocupar-se-ha do importante problema da reorganisação economica da Europa.

A discussão das medidas que devem ser adoptadas para a restauração do [illegible] dependerá das decisões [illegible] ... mesmo Conselho proponha a sua participação.—(Lut. Am.)

Noticias de toda a parte

Continua o apaziguamento no Cairo

LONDRES, 4.—As noticias recebidas do Egypto indicam que a situação continua melhorando no Cairo, continuando a policia e as forças militares de prevenção. Espera-se que a situação se normalise rapidamente.—(R.)

Vai renascer o comercio russo?

LONDRES, 4.—Diz-se nos meios bem informados que será possivel que o renascimento do comercio com a Russia comece explorando-se parte dos seus territorios incultos com o auxilio do trabalho alemão.—(Lut. Amer.)

Os governos francez e japonez não fizeram nenhum acordo para intervirem na Siberia

PARIS, 4.—O ministro dos extrangeiros desmente em absoluto o boato sobre os falsos documentos comunicados á imprensa americana pelo pretendido representante da republica Siberiana de Tchita, segundo os quais a França e o Japão teriam concluido um acordo para uma acção comum na Siberia. O sr. Sarraut [illegible] mento uma carta ao [illegible] desmentindo o boato, assim [illegible] a acção ilegal e maliciosa [illegible] por esse representante sem mandato, da pseudo republica de Tchita e fim de crear mal entendidos entre as potencias representadas na conferencia de Washington, pretendendo contrariar directamente os objectivos de paz que se pretendem alcançar.—(H.)

"Empreza Electrica de Lisboa, Limitada"

Para os legaes effeitos se publica; que por escritura de 24 de Setembro de 1919, lavrada a folhas 4, do competente livro numero 422, do notario desta comarca Mario Rodrigues, a sociedade que gira nesta praça sob a denominação de «Empreza Electrica de Lisboa, Limitada», em consequencia da entrada de um novo socio, deliberou alterar o Artigo 4.º e seu § primeiro do seu pacto social, que fica substituido pelo seguinte:

Art. 4.º—A presente sociedade adopta a denominação «Empreza Electrica de Lisboa, Limitada», e a sua gerencia fica incumbida aos cinco socios.

§ 10 —Os gerentes ficam dispensados de prestar caução e perceberão as retribuições que entre si combinarem:—

Julio Neves Ferreira—Ajud. de Not.

1921

O ano que passou

Comercial

O nosso movimento comercial sofreu diversas alternativas, durante o ano; mas o aspecto dominante é de incerteza.

Não é pelos valores das mercadorias que hoje pode fazer ideia precisa acerca desse movimento, visto que os preços teem sofrido consideravel alta. Para ajuizar rigorosamente da situação dos diversos ramos do comercio portuguez seria preciso conhecer as quantidades das mercadorias movimentadas, e essas quantidades só tardiamente virão a ser conhecidos, por que as estatisticas aduaneiras reunidas em volume não vão alem de 1916 e, ainda assim, parcialmente.

Tudo leva a crêr, porem, que as importações hajam diminuido sensivelmente, durante o ano de 1921, e que as exportações tenham estacionado, ou descido um tanto.

A nossa anormal situação monetaria criou, indubitavelmente, serios embaraços á expansão dos negocios.

O comerciante carece de ser hoje essencialmente cauteloso, para não se embaraçar em dificuldades graves a que qualquer rasgo mais aventuroso poderá arrastal-o. Victima constantemente de aleivosias e de suspeições, o comerciante encontra-se, por vezes, em situação angustiosa e tendo de prevenir-se com lucros, em determinadas operações, para suprir os prejuizos que de outras lhe resultem. Infelizmente, nem sempre a devida justiça lhe é feita.

Financeiro

A situação financeira de Portugal agravou-se consideravelmente, durante o ano, principalmente porque um dos factores que podia concorrer para a melhorar não foi posto em pratica:—A boa administração publica.

O Estado manteve o desregramento da administração financeira: aumentou consideravelmente as despezas improductivas, sobretudo mantendo e creando empregos publicos, que não correspondem ás legitimas exigencias dos serviços.

Nessa vertigem financeira, teve de recorrer a dois expedientes, qual deles mais funesto:—o aumento da circulação fiduciaria e o agravamento da divida do tesouro ao Banco de Portugal.

O aumento da circulação fiduciaria torna-se bem evidente pela seguinte nota.

Notas em circulação

Janeiro	614:080	contos
Fevereiro	615:180	»
Março	631:859	»
Abril	626:337	»
Maio	641:867	»
Junho	6.9:844	»
Julho	645:621	»
Agosto	656:927	»
Setembro	669:667	»
Outubro	665:276	»
Novembro	696:090	»

O aumento de 82.000 contos na nossa circulação fiduciaria representa, nestas alturas, consideravel agravamento na situação monetaria de Portugal.

A par do aumento da circulação fiduciaria, é preciso ter em conta o aumento da divida do Estado ao Banco de Portugal. Esse aumento resulta nitidamente dos seguintes algarismos:

Divida do Tesouro
Milhares de contos

	Janeiro	Dezembro
Emprestimos de 1918	498:000	620:000
Conta corrente	4:048	:336
Credito agricola	2:675	4:324
	504:723	624:860

A divida aumentou, pois, 120.135 contos, se bem que o saldo de conta corrente houvesse baixado 17.500 contos, de 23 a 30 de novembro ultimo.

Estes numeros significam, por um lado, que o Estado está pezando com os seus desmandos de administração sobre o Banco Emissor, desviando-o das principais funções que a sciencia das finanças marca a estabelecimentos desta natureza.

Por outro lado, prova que a maior parte da emissão fiduciaria é destinada a satisfazer exigencias do tesouro, insaciavel de dinheiro para gastar desordenadamente.

Sendo assim, como pode estabelecer-se a confiança, e melhorar-se devidamente a economia geral? Impossivel!

A prova mais evidente aki está na situação cambial que, de trimestre para trimestre, se foi agravando, como provam as seguintes cotações médias da nossa divisa sobre Londres:

Cotação cambial media

1.º trimestre	57|16
2.º »	67|16
3.º »	623|32
4.º »	5

Tal é o sudario, bem confrangedor e dolorosamente comprovativo da situação a que nos arrastaram desatinos sem conto, erros sem remissão.

Senão considerarmos as consequencias desses desatinos e desses erros, a situação tornar-se-ha ainda mais tenebrosa e não haverá quem possa julgar-se immune ás fatais consequencias dela.

Universidade livre

4.ª conferencia sobre geografia

Realisa ámanhã nesta colectividade, o Ex.mo Sr. Coronel Miguel Garcia a 4.ª conferencia sobre geografia, continuando as interessantes comunicações referentes á utilidade do conhecimento das chamadas sciencias geograficas, principalmente na parte referente á geografia matematica. Como de costume, a conferencia será ilustrada com varias projecções luminosas, para mais perfeito conhecimento dos ouvintes.

Brindes

Do sr. Alvaro Costa, proprietario do Guarda Roupa Moderno, fornecedor de Teatros Publicos, rua da Palma, 73-1.º D.—recebemos um lindissimo cromo, reclame da mesma casa e que é um primôr no genero. Agradecemos muito reconhecidos.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

UMA DESPEDIDA

Encontrei ha dias o Ano Velho, muito cançado, tropego e triste, caminhava no passo egual e regular que o tempo lhe ensinára, mas os olhos que na mocidade se erguiam para o horizonte baixavam-se agora continuamente para a terra como procurando um rasto...

Parei e preguntei-lhe:

—Ano Velho, que procuras?

Respondeu-me:

—O rasto dos meus antecessores mas a humanidade cobriu-lhes os passos com o pó de tanto esquecimento que não consigo encontra-lo.

—Não te aflijas, acompanho-te e tu verás como descobrirás esse rasto indo eu junto de ti.

Caminhámos. Só faltavam umas horas para que ele desaparecesse para todo o sempre deste mundo. Inclinei-me com ternura para a sua figura alquebrada e principiei falando-lhe de coisas passadas, de sorrisos e de lagrimas, de horas felizes e tristes que ia fazendo surgir num longo cortejo do meu coração fiel e á medida que as minhas palavras caíam, abria-se sob os passos do velho um sulco luminoso todo florido de saudades. Encontrára emfim o caminho que os companheiros tinham seguido.

Depois pouco a pouco a nossa conversa mudou de rumo e eu agradeci-lhe tudo quanto me tinha feito, a sua bondade em querer suavisar com minutos duma felicidade intensa as longas horas tristes que o Destino lhe tinha metido no saco endereçado a mim.

Quando terminei ele parecia mais novo e olhando-me disse:

Sabes que acabas de me dar uns momentos de mocidade? Reverdeci na tua memoria.

Ah! se a humanidade quizesse não morreriamos tão cedo, a nossa vida prolongava-se ainda por muito tempo.

Sim? como poderia ela conseguir isso?

— Fazendo-nos viver pela recordação.

Então, num grande impulso afectuoso estendi-lhe as mãos e prometi-lhe:

—Vai em paz e quando daqui a algumas horas tiveres desaparecido deste mundo para nunca mais voltares não morrerás, estarás vivo em mim, na minha alma, no meu coração. Prometo que emquanto eu viver tu viverás tambem com todas as tuas horas negras e os teus minutos deslumbrantes.

E depois dum longo olhar, cheio de ternura da minha parte, de gratidão da parte do Ano Velho separamo-nos.

Batia meia noite em todos os relogios da cidade.

FRIOLEIRAS

Julgava que em todo o mundo cristão era no dia de Natal que as crianças punham na chaminé o sapatinho para o Menino Jesus lhes encher de brinquedos.

Pois sonha agora que me enganava No Algarve o sapatinho não é colocado sobre a chaminé nesse dia mas sim na vespera de Reis.

Explicam eles esse facto dizendo que não é o Menino Jesus que traz os presentes mas sim os Reis Magos, que ao dirigirem-se para a Divina Criança afim de o adorarem e de a presentearem param em todas as casas onde haja crianças e deixam qualquer lembrança em recordação d'Aquele que mais tarde ha de vir a pronunciar as doces palavras que todas as mães gostam de repetir «Deixae vir a mim os pequeninos».

CONSELHOS PRATICOS

Toda a dona de casa deve ter uns aventais praticos e ao mesmo tempo bonitos para que possa aparecer ás pessoas intimas mesmo, no meio dos seus arranjos domesticos sem ofender os olhos artistas.

E' facil de se conseguir esse resultado. Por exemplo, pode-se fazer um avental da mesma côr dos vestidos que habitualmente se usam por casa enfeitando-os do mesmo tom que os enfeites do vestido.

TRABALHOS FEMININOS

Dois modelos de aventais

Falei-lhes no meu conselho de aventais praticos agora dou-lhes duas ideias para realisarem esse concelho.

—Um avental de cretones com um desenho bonito é de bom gosto. Necessita dois metros de fazenda, o avental leva uma largura e meia de fazenda, o resto chega para o peitilho e para as pontas que se cruzam nas costas e vem dar um laço adiante.

—O outro modelo tambem muito elegante e pratico leva apenas 1 metro e meio de fazenda, sendo 1\|2 metro de largura.

Corta-se a fazenda em duas partes eguais que se juntam nos ombros, dando o geito para o decote. Põe-se um cinto para conservar as duas partes no seu logar e leva duas algibeiras.

Se a fazenda for lisa e se quizer mais enfeitado borda-se uma barra no cinto, nas algibeiras e no avental.

MEDICINA CASEIRA

Espasmos nervosos

Ha pessoas que sofrem muito desta doença que não tem gravidade alguma mas que incomoda terrivelmente.

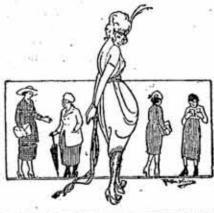
O tratamento imediato a fazer-se é molhar-se uma esponja em agua a ferver e pôr-se na garganta sem atender ás reclamações do doente, repetindo-se o processo tantas vezes quantas forem necessarias.

Ao mesmo tempo é bom dar-se-lhe no principio do ataque, uma colher de chá bem quente, com trez gotas de licor Hoffmann.

Inscripção

O' caminhante pára: aberto á luz do dia
Verás um coração enamorado
Cruel paixão levou-o á agonia...
Hoje dorme cançado.

Se amaste e se sofreste, uma oração
Ergue por ele a Deus:
E' teu irmão!

Se não amaste—não sofreste portanto!...
Não voltes mais aqui;
— A Dôr atrae a Dôr
E o Pranto chama o Pranto...

Segue: não queiras ter amor!
E louva a Deus
Por não teres sofrido o que eu sofri.

JOSE BRUGES D'OLIVEIRA

PENSAMENTOS

Não mereceu nascer quem vive só para si.

METASTASIO

CINEMA

CHARLOT

Coisas da sua vida — O que dizem os jornalistas — Max Linder e Fatty

Falar de cinema sem falar de Charlie Chaplin é quasi um sacrilegio... cinematografico. Concebe-se lá que se passe em falso por cima do Rei do Riso?

Ora reparem bem. Lá está ele... Não vêem? Os seus olhinhos fulgurantes, irrequietos, são a principal razão da sua personagem original de cómico... Foi á roda deles que o tipo de Charlot, ridiculo e guinguinholesco se criou e a sua Arte—Arte de Charlot—floresceu rapidamente.

Urbain Dhere, o cronista elegante da revista franceza «Les hommes du jour», escreve, a proposito dos olhos diabolicos de Chaplin: «Ele exprime tudo com os seus olhos, com os seus magnificos olhos, algumas vezes incisivos de palhaço ferido de morte... A ternura, o enjôo, a colera, o medo, a malicia, a gulodice, a cupidez, a surpreza, o desespero, a loucura, tudo isso ele nos dá com um só olhar».

«El-Rei Charlot», como lhe chamam em Londres, tem por si, todos os publicos que adoram a projecção animada no «écran».

Depois dos olhos ha um outro detalhe na sua fisionomia, que o mundo inteiro conhece de sobra: o bigodinho, «um esbôço do bigode por debaixo do nariz», na frase dum jornalista.

Cabelo farto em pôpas dos lados, Charlot, mesmo quando pretende estar sério, faz-nos rir. E' até mesmo quando ele esta sério que nos faz rir mais—até chorar—ao olharmos o seu perfil grotesco. Depois, ha aquela pequenina bengala flexivel—um brinquedo nas mãos de Charlie—e aquele [illegible] ultra-cómico, de palhaço desengonçado.

As botas do Charlot, teem tambem, como de resto a sua atribulada vida, uma historia interessante. Foi Roscoe Arbuckle, o obeso Fatty, que nós apreciamos tanto, quem contribuiu, poderosamente, para o triunfo do seu amigo Charlot, oferecendo-lhe umas botas monumentais, já descambadas...

Charlot e Fatty são dois bons amigos. E para prova-lo basta notar que Chaplin não acreditou na noticia dando o seu colega como sendo o assassino duma artista de cinema: Virginia Rappe, caso que os jornais relataram em grossos caracteres. O cronista do «Diario de Lisboa», disse a respeito da boa camaradagem existente entre o Rei do Riso e Max Linder:

«Cada paiz tem o seu comico popular, seja do «écran», seja do palco. Paris tem Max Linder que, actualmente, faz uma longa «tournée» pela America—Max Linder, que é amigo de Charlot. Os dois fizeram já uma viagem em aeroplano. O ultimo «film» de Max alcançou um grande exito na America. Foi Charlot que o disse aos jornalistas em Paris:—Se é possivel ve-lo neste momento, digam-me em que cinema, quero ve-lo, quero aplaudir Max, em Paris, na sua cidade...»

Charlie Chaplin resolveu-se a descansar um pouco de fazer fitas e partiu da America para a Europa a «beber sol»... Um belo dia desembarcou em Londres, que o recebeu entusiasticamente. Depois foi de longada até á Cidade-Luz, o Paris da nossa ardente imaginação, onde, desde o «gavroche» e da «midinette» gentil, aos senhores sizudos do «faubourg», ele teve ocasião de conhecer como é idolatrado e distinguido. Defronte do Hotel Claridge, nos Campos Elisios, a multidão refluia impetuosa, na ancia de o ver, de o saudar...

Porque Charlot não pertence a si proprio. A sua personagem é de todo o mundo. Os seus papeis, as suas modalidades excentricas representam, «ao vivo» a caricatura de nós outros miseros mortais, ridiculos tambem...

José de Almada Negreiros—talvez o futurista mais bem equilibrado da geração—a proposito dos papeis criados por Charlot, escreveu: «Ele faz exactamente o que cada um de nós faz, é assim que se faz; mas ele faz o que todos fazem duma maneira só, inemitavel». E mais adiante: «Charlot é o unico homem de quem conheço a obra completa».

O grande cómico depois de estacionar em Paris alguns dias, emalou e partiu para a Alemanha Ai, o que mais o fez admirar, foi como a industria alemã se desenvolve, se bem que os teutões tenham saido, ingloriamente, duma guerra formidavel, que durante anos, flagelou o mundo inteiro.

Charlot—há já quem o afirme—vai a Barcelona, e, a convite dum nosso emprezario cinematografico, visite Lisboa.

«A Mocidade» não podia, de maneira alguma, esquecer, nesta página dedicada á Arte do Silencio, esse homem extraordinario, que ora viaja pela Europa, em procura de outros civilisações e de outro sól mais brilhante.

Por mim, ainda não encontrei, até hoje, melhor remedio para mandar ao diabo as tristezas, do que, por um preço seguramente rasoavel, assistir a uma sessão de cinéma onde se exiba um «film» de Charlie Chaplin.

P. de M

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

X

Esses prisioneiros ficam livres... Ide-vos! ..

Os militares estupefactos não pensavam mais em deter a onda que rompia os cadeias, se desalgemava. Soltavam gritos alegres. Uns corriam para o general, a agradecer-lhe, outros ajoelhavam, saudavam no sem que parecesse ouvi-los, enleado nalguma ideia bondosa e as mulheres atavam os cabelos, aconchegavam os farrapos, tomavam as mãos dos parentes, procuravam os conhecidos, choravam, pediam aos deuses pelo bravo tornado magnanimo, os homens seguiam-nas e a soldadesca, sem se atreverem a mormurar, pensavam que esse acto não lhes deixaria nas mãos mais carne para a vingança se a derrota chegasse.

Mas como poderia ela vir com aquele chefe sempre victorioso que os entusiasmavam, ao bradar para os libertos que o contemplavam ainda:

—Ide-vos, procurae o abrigo dos romanos; dizei-lhes que não os temo nem á morte; que a minha victoria é certa, senão hoje, atravez dos seculos quando já não houver gente com fome, sem miseria, sem cadeias e o amor for um encontro dalmas e não uma entrega de corpos por interesse; quando não haja mais perdidas... Ide-vos com os deuses!...

Ninguem estranhava esse falar suave, essas frases que estavam costumadas a ouvir da sua boca.

Ele ficava no extasi; as pombas tinham-se sumido, a noite descia e quando despertou sentiu que as suas duas mãos estavam tomadas. Dum lado ajoelhava Lavinia, do outro Manlio, vencidos por tanta bondade.

Num rumor longo as que tinham sido libertos perdiam-se na encosta e ele tornava para os noivos prostrados:

—Sois livres... Amae-vos...

Mirta sentia deslisar duas lagrimas vagarosas pelas faces brancas; uma grande calada se fazia e Spartacus, ao cabo duns instantes acentuava:

—Sois livres... Parti...

Um grito forte de alarme reboou de atalaia em atalaia:

—Os romanos! Os romanos!

Manlio erguera-se, olhara o chefe e pedira num arranco:

—Uma espada! Uma espada! Spartacus vou contigo...

As duas mulheres abraçavam-se, um crescente esbranquecado de lua despontava no ceu e, num soluço, Tercia, a cortezã balbuciava sonhadora:

—Quando não haja mais perdidas!

XI

Um centurião romano apontava a Spartacus os ultimos movimentos dos fachos agitados em extranhos traços de fogo no [illegible] negrume da noite. A linguagem [illegible] indica que os romanos procuravam envolver o exercito rebelde não conseguindo, porém, tomar os caminhos do mar nesse repręgo da Apulia onde tinham já formado em ordem de batalha. Passavam as ultimas rondas «d'equites», os «bucinarios» atiniam nos espaços os seus toques marciais. Aos romanos responderam as grandes trombetas recurvas do acampamento dos escravos que riam e se dispunham á lucta fiados na voz que correra do auxilio dos piratas com os seus «lingae naves» de fortes esporões, a «rostra»; as «biremes» ligeiras com as suas duas filas de remadores e as «triremes» mastreadas de vastas velas de purpura.

Dos despojos fartos dos vencidos as legiões dos escravos tinham feito as suas armas e agora surgiam em verdadeiros exercitos colocando-se em linha de batalha numa formação que admirava os veteranos da Asia e da Hespanha soldados curtidos nas grandes guerras.

Crassus mandara pedir o auxilio de Pompeu e aventava-se que o grande general já vinha a caminho atravez dos mares e o mesmo sucedia a Luculus; este em marchas forçadas desde Parthenop onde desembarcara da Asia. Tinha que dividir a sua gloria com os dois guerreiros mas tudo era preferivel ás constantes derrotas que, havia tres anos os escravos inflingiam aos senhores.

Era no dealbar dum dia primaveril na Lucania, as primeiras nuvens rosadas, desviando o borrão negro da noite, deixavam ver os vultos fortes das madeiras de guerra, a «arcubaliste» com as suas cordas, a que chamavam «tormentos», as complicadas catapultas, e os basiliscos que arremessavam grossas pedras ou blocos ponteagudos de rijas madeiras e, por detraz, as legiões com as suas «alas» «dextra» e «sinistra», do capacetes ponteagudos, escudos e gladios, os «fundibularios» com as suas fundas, «pedites» com os arcos, os «hustati» erguendo as lanças eram acompanhados pelos «quistes», os cavaleiros bravos, cujas espadas começavam a scintilar com as armaduras dos cavalos aos primeiros raios de sol; lá para o fundo perdidos na confusa massa dum pardacento bosque, advinhavam-se todos os carros, as barracas ligeiras, os «musculus» destinados a minar muralhas, uma ou outra torre ambulatoria, toda a «impedimenta» do maior exercito até então reunido contra os escravos.

Jamais os «aquiliferes», os porta-aguias, os «vexilarios», que conduziam as signas dos cavaleiros tinham erguido com tanto respeito os distintivos dos cultos, Jupiter, aguia, Marte, o lobo, como nessa madrugada primaveril da Lucania. Tambem nunca se tinham feito tantas ofertas aos idolos, tão constante e fervorosamente consultado as entranhas das aves nem seguido tão ardorosamente o seu vôo.

Um «aruspice» curvara-se atento e grave para um carneiro esventrado, sangrento, contorcido e palpitante, falara a um tribuno e logo o «vexilum», a cota de purpura, aparecera içada, os «luminarios» sopraram nos instrumentos alarmando as campinas resoando num trombetear infernal a que se respondeu da crasta de Spartacus num clangor de «tubicinios», «cornicinios» e «tubas», alem da viva soada dos «lituces» á frente da cavalaria. Um ensurdecedor berreiro, de vozes, de gritos, de brados, roucos, fortes, agudos, uma tempestade saida dos peitos rolou e os romanos avançaram em ordem disparando os arcos, atirando as flechas, arrastando as maquinas de guerra que rangiam os cordames de fortes pelos de animais, procurando um ponto para abrirem a brecha na cerrada e impecavel formatura inimiga. Rolos de poira, ao longe, anunciavam a galopada da cavalaria manobrando no apoio da «ala sinistra».

O centurião, que se dedicara a Spartacus, via o chefe montado no seu cavalo, firme, olhando a sua linha de «velites» recuar e as primeiras falanges respondendo ao chuveiro de pedras, de balas de chumbo onde os nomes dos que se procuravam atingir estavam gravados. O general conservava a sua grande serenidade; nem quizera vestir-se com o «pala da mentum», a grande capa; apresentava-se como um gladiador, os braços nus, manilhados de ouro, a espada hespanhola na mão forte o peito coberto na armadura luzente, escanchado no cavalo que fôra de Publius-Varinus.

Aumentava a gente; os projecteis cruzavam-se, já havia mortos e aos rangidos das das machinas de guerra, que arremeçavam os fortes blocos, respondia-se rijamente entre clamores despejando pedregulhos.

Corria numa desfilada larga a hoste de Eunoxio; a sua alta estatura dominava tudo, o seu braço erguendo a pesada espada parecia levantar uma leve pena de ave rez e num jogo guerreiro.

(Continua)

A CAPITAL

Diario repub ic mo da noite

N.º 3970—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 5 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2298—Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 cent

Amanhã, em Cannes reune o Conselho Supremo para tratar não só do problema das reparações como da reconstrução economica da Europa.

Estamos cercados!...

As sobre-taxas ferro-viarias e a vida cada dia mais cara — Um circulo vicioso, do qual ninguem parece querer sair!...

O sr. Cunha Leal, falando ás massas do alto da tribuna augusta da Academia de Sciencias, fez saber ao povo que a crise economica, consequencia das angustias do Tesouro Publico cuja sêde de numerario é mitigada pela fonte inexaurivel dos assignados do Banco de Portugal, só pode remediar-se perante uma inundação aurifera, vinda do estrangeiro, e despejada sobre a Nação pela cornucopia dos credores exoticos que a tal se prestem. O que é preciso—acrescentou—é haver ordem, afim de que a confiança na solvencia do Tesouro Nacional absolutamente se restabeleça.

Esta maneira de encarar a crise nacional é talvez demasiadamente simplista, mas concordamos em que, se as causas da penuria fossem expostas com raciocinios mais verdadeiros embora mais complicados, a ilustre e heterogenea assembleia talvez não compreendesse e desatasse a fazer juizos temerarios, sem tom nem som.

E' certo, porem, o seguinte: se a vida só se baratear quando vierem os dollars ou os esterlinos, teremos todos nós, pobres e famintos, tempo de sobra para esticar a canela, reduzidos á expressão simplicisssima a que voluntaria e patrioticamente se votou o celebre lord maior de Cork. E isso é que não convem!

Annuncia-se que as mercadorias a importar pela viação acelerada dos nossos ronceiros caminhos de ferro vão ser castigadas com mais sobretaxas. Esta providencia será, talvez, transitoria.

Não durará senão o tempo necessario para que a convicção da nossa solvabilidade se faça no animo receioso e desconfiado do prestamista externo. Mas entretanto, o custo da vida irá aumentando, graças ao cuidado que terão, o productor e a legião de intermediarios que dele partem ao encontro do consumidor, de nos fazer pagar tudo, com sobretaxas ferro-viarias e as alcavalas a que elas darão pretexto. E a barriga do consumidor dará horas, que só poderão ser preenchidas com elevação de salarios, conquistados á má cára com gréves, mais ou menos tumultuosas e sempre prejudiciais á economia publica. E' certo que já se vai dizendo, á guisa de premio de consulação ou douradura de pilula, que das sobretaxas será isento o transporte das subsistencias. Tudo isso, porem, livra de sezões depois de morto, porque bastará a influencia do reflexo da alta nas outras mercadorias para que o simpatico mercieiro se lembre e não dispense de elevar o seu lucro de 500 para 600 ojo. E, por outro lado, as empresas ferro-viarias pouco dinheiro aproveitarão se, com efeito, não poderem cobrar as sobre-taxas senão sobre certas mercadorias, que não constituem o grosso dos transportes diarios.

Estamos cercados! é agora ocasião de bem o dizer. E não ha forma de romper o cerco da vida cara, que nos mata lentamente e definha as gerações futuras: quanto mais sobe o custo da vida, mais aumentam as subvenções, os salarios, os ordenados; e quanto mais estes crescem, mais cara fica a desgraçada (vá lá o eufemismo!) da vida. Estamos cercados!

"A CAPITAL"

publicará brevemente

DUAS EDIÇÕES

OS NOSSOS MALES POLITICOS...

O sr. dr. José de Castro

preconisa

O plesbicito para a constituição dos governos

e

A concessão de voto ás mulheres

—O sr. dr. Alvaro de Castro está?

E a uma resposta negativa dam empregado o jornalista pede para ser recebido pelo sr. dr. José de Castro.

—Entre!—grita de dentro o velho caudilho das lutas republicanas—Diga o meu amigo o que o traz por cá?

—O desejo de perguntar a V. Ex.ª a sua autorisada opinião sobre o momento politico.

—Mas eu agora não tenho opinião a emitir!—exclama o distinto advogado—Com esta serie de acontecimentos imprevistos ninguem, e muito menos eu, pode compreender, duma maneira clara, a situação politica. Não se sabe o que se quer, o que se pretende, e tudo isto é um verdadeiro caos em que cada um anda ás apalpadelas em logar de compreender toda esta tremenda embrulhada.

—A respeito da atitude do sr. Cunha Leal: V. Ex.ª concorda com a sua atitude?

—Sim, em parte, discordando em certos pontos, já se vê.

—Por exemplo...

—Olhe: eu não compreendo absolutamente nada! A revolução de 19 de outubro fez-se, dizem eles, para acabarem com os partidos e o resultado foi contraproducente, porque em logar de se extinguirem criou-se mais um partido: o dos «outubristas». O sr. Cunha Leal vai ao poder, ataca os partidos e mais tarde pede-lhes o apoio, agora declara-se ao lado dos «outubristas» que por seu turno atacam os mesmos partidos... Enfim, isto tudo é uma tremenda embrulhada que eu de maneira alguma tenho esclarecer!

«Fez-se o 5 de dezembro para se acabar com os partidos e criou-se mais um: o dos «sidonistas»!...

E s. ex.ª exclama:

—Como quer o meu amigo que eu lhe dê a minha opinião sobre a situação politica?

—V. Ex.ª não concorda com uma ditadura ministerial?

—Não, porque a ditadura traz unicamente um regime de perseguições, de sangue e de prisões, e assim nunca um povo consentirá em deixar-se governar.

—Como remediar tais males?

—Não sei, mas parece-me que se fosse possivel eleger os governos por um plesbicito, limitando, bem entendido, o eleitorado, de forma a que a massa do povo ignorante fosse excluida do numero dos eleitores, tal vez se pudesse conseguir um governo com mais estabilidade. Porque, é preciso dizer, os governos só poderão governar bem, quando representem a vontade expressa duma Nação, quando as leis e decretos sejam arrancados do seio das grandes massas populares. Assim talvez se conseguisse governar bem, a contento de todos e sem as repetidas crises ministeriais.

—V. ex.ª preconisa então o sufragio para a nomeação dos governos do paiz?

—Restringindo, como já disse, o numero dos eleitores, e dando o voto ás mulheres, aquelas que o seu estado de cultura intelectual permitisse avaliar a situação politica e financeira do paiz.

E s. ex.ª continua, após uma ligeira pausa:

—E' assim, compenetrando-se todos do seu dever de cidadãos talvez se pudesse, emfim, sair do atoleiro em que a politiquice nos tem lançado.

E já á porta do seu gabinete, apertando-nos a mão, o sr. dr. José de Castro diz-nos ainda:

—Lembre-se disto, meu caro jornalista, que é da autoria do grande Augusto Conti: «Nul ne possède plus d'outre droit que celui de faire toujours son devoir».

Uma informação do "Times"

Os comissarios bolchevistas vão a Londres?

LONDRES, 6—Diz o «Times» saber de boa fonte que os presidentes dos governos da França e da Inglaterra resolveram, em principio, convidar os srs. Tchecherin e Litvineff, comissario bolchevista e comissario ajudante de Negocios Extrangeiros, a virem a Londres. Não está ainda fixada a data da sua chegada que provavelmente será no dia 8 de fevereiro. Consta que o fim principal da conferencia será pedir-lhes respostas claras e categoricas sobre importantes problemas politicos.—(L. Am.)

IMPRESSÕES DE TEATRO

Vinte anos depois

OU

O filho dos dois mosqueteiros

POR ANDRÉ BRUN

Faz hoje vinte anos. E' de noite e no entanto chuvisca e um frio glacial regela as faces de dois mancebos, que descem apressadamente a calçada da Gloria, emquanto, na velha esthedral de S. Roque, os bronzes tangem as oito badaladas do que nós hoje chamamos as vinte horas.

Um desses mancebos vae envolto numa capa á hespanhola, um tanto coçada—viva Diós!—, tem os cabelos compridos, uma barba flavial e brande com violencia uma bengala de volta, grossa como uma perna de um menino de seis meses.

O outro mancebo veste um sobretudo amarelo que, segundo a moda do tempo, lhe dá muito por cima do joelho. Não tem quasi barba e faz uma deligencia terrivel por ter bigode para o que puxa e retorce a meudo um buço que teima em não crescer.

O primeiro tem vinte e quatro anos, o segundo vinte e ambos descem a calçada da Gloria em direção ao teatro da Rua dos Condes.

O segundo diz ao primeiro:

—«Agora aqui ao atravessar a Avenida é que é trotar.

Se o tenente ajudante me caça á paisana...

Rebuça mais a gola do tal sobretudo amarelo que hoje pareceria uma jaléca e ambos atravessam a Avenida correndo, o segundo como uma lebre porque é magro e tem medo, o primeiro bufando como uma fóca porque é gordo e não tem medo de tenentes, mesmo quando são ajudantes e andam á noite á caça dos cadetes que se vestem á paisana ou usam colarinhos fóra da ordem.

❖ ❖ ❖

Na frontaria do teatro os cartazes estão postos. Resam assim.

RECITA DO ACTOR SILVA PEREIRA

Primeira representação da comedia em 3 atos

O TABELLIÃO DO POTE DAS ALMAS

Original de Carlos Simões e André Brun

Os nossos dois mancebos mal param á porta do teatro. O das barbas contempla um instante esse cartaz irmão de muitos outros que ele andou todo o dia namorando pelas esquinas da capital; o de casaquinho amarelo não deixa de lhe deitar um olhar, mas todas as suas atenções são para o lado do Rocio e lançando mão do braço do seu compadre, arrasta-o para uma porta escura da travessa dos Condes e ambos se enfiam por ela. Estão na caixa do teatro onde nessa noite se vae estrear uma comedia que escreveram.

❖ ❖ ❖

Por essa epoca, num segundo andar da praça das Flores, reunia-se todas as noites uma dezena de rapazes. Uns eram pintores, outros escultores, um era musico, outros eram poetas. Todos tinham vinte anos e nenhum tinha dinheiro. Esse cenaculo literario e artistico, mobilado com caixotes de sabão, iluminado com côtos de velas, retinia até altas horas da madrugada de discussões de esthética e de canções mais ou menos bachicas.

Ali se viam o caricaturista Francisco Valença que é hoje um grande artista, a pintor Trindade Chagas que dirige atualmente uma escola industrial no Norte, o arquitecto Tertuliano Lacerda Marques que reconstruiu o teatro S. Luiz, o poeta Eugenio Vieira que escreveu a «Flor da Lama» e os «Conto Vagabundos», Julio Monsó Navarro, que foi um dos pilares dos orgãos reacionarios—foi o unico que descarrilou, Luiz Silva, Manuel Ribeiro, João Silva, que deixaram as veleidades de arte ativa para tomarem o ramo certo da burocracia e da industria, mais dois ou tres que morreram...

Ali se viam infalivelmente tambem Carlos Simões o humorista dos «Varões assinalados», das «Figuras e figurões», dos «Catalogos comicos» das nossas exposições, de mil e uma cronicas dispersas por varios jornais, hoje severo bibliotecario do Instituto de Agronomia, na tapada da Ajuda, e finalmente, o meu melhor amigo, o que me tem mais fielmente acompanhado com o seu conselho em todos os disparates da minha existencia, o que me leva a gentileza ao ponto de me fazer a barba todos os dias com uma navalha Gilotte: André Brun, em resumo, como certamente os nossos leitores já terão advinhado.

❖ ❖ ❖

Um dia foi preciso pagar a renda da casa do cenaculo da rua da Madre de Deus, onde, alem dos socios efectivos, passavam diariamente pessoas que hoje são muito ilustres e outras que levaram a modestia ao ponto de o não quererem ser, quando afinal é tão simples nesta terra.

Ao chegar o recibo do semestre não havia dinheiro em caixa, tanto mais que caixa nunca existira. O senhorio reclamava os seus metais sonantes e a consternação era geral. Foi então que um lampejo genial atravessou aqueles cerebros. Carlos Simões e André Brun, que, dentro daquele grupo de mosqueteiros de arte, formavam na ala dos poetas e prosadores, escreveriam uma comedia. O grupo alugaria o teatro das Trinas, então em grande voga de recitas de amadores, e o grupo representaria a peça, passando os bilhetes ás pessoas de familia e conhecidos.

Em menos de um mez se escreveu, se ensaiou, se realisou a festa e se pagou ao senhorio. A comedia era uma historia de 1840, tres actos ingenuos mas doidamente alegres que encheram de contentamento, autores, interpretes e o publico composto de gente amiga. Caido o pano, guardou-se a peça na gaveta e ainda lá dormiria se o Destino, sob a fórma de um amigo do pai de André Brun, não tivesse firmemente aconselhado o joven autor, então cadete de artilharia de Entre-Muros, a que levasse a comedia a um teatro publico.

❖ ❖ ❖

André Brun, alem de cadete e mosqueteiro do grupo «Aguia», era tambem da Tuna Academica e membro do grupo dramatico da mesma. Estreara-se em D. Maria, no dia em que Acacio de Paiva se estreava como autor dramatico numa opereta para estudantes «Sejamos castos» e Chaby se revelava como amador interpretando o principal papel da opereta.

Tinha, pois, André Brun relações d'amisade com Vale que era o ensaiador das recitas de estudantes e assim, certa tarde ás sete horas, foi bater-lhe á porta, no segundo andar do predio que torneja da Santissima Trindade para as escadinhas do Duque. Vale recebeu o canudo da peça com um ar desconfiado e explicou que só muito mais tarde a poderia ler ocupado como estava a pôr em scena a revista de Eduardo Schwalbach «Niclos».

André Brun prometeu esperar pacientemente, veiu dar parte do ocorrido ao seu amigo que o esperava na casa das iscas da travessa da Queimada e ambos se deitaram nessa noite sem pensar no caso, quando, no dia seguinte, ás nove da manhã, o cadete de que se tem tratado nos capitulos antecedentes recebe uma carta intimando-o a comparecer nesse dia pelas onze e meia no teatro da Rua dos Condes para assistir ao ensaio de prova do «Tabelião do Pote das Almas». Foi nessa altura que os dois amigos começaram a acreditar em milagres.

A' porta do camaroteiro—Josué, v. recorda-se?—o Vale explicou o caso. Schwalbach demorava o terceiro acto do «Niclos», o teatro estava fechado, havia urgencia em representar qualquer coisa e, tendo Carlos Borges, o empresario de então, ido a casa do creador do «Comissario» na noite em que André Brun lá deixara o seu canudo, abrira-o por curiosidade, lera-o dum folego e deliberou que o primeiro acto se copiaria nessa noite, que se começaria a ensaiar no dia seguinte e que a comedia se representaria dez dias depois em beneficio de Silva Pereira.

❖ ❖ ❖

Não paravam aqui os milagres. Os dois paes do «Tabelião do Pote das Almas» iam ser servidos por uma das mais brilhantes interpretações que ao tempo se podiam reunir. Os tres comicos maiores da peça seriam Vale, Joaquim de Almeida e Silva Pereira. Beatriz Rente faria um dos galãs em «travesti». Eusebio de Melo, que Vale fora buscar á feira, interpretaria um creado. A ingenua seria uma actriz galantissima então em seus debutes e que, depois de ter sido esposa de Silva Pereira, abandonou o teatro. Virginia Farrusca seria a caracteristica e um actor novo que então dava esperanças, Carlos Leal, se encarregaria de um galã secundario.

Os ensaios duravam, como disse, dez dias. Durante esse curto espaço de tempo, nas poucas vezes que puderam ir ao teatro, os dois autores desconsoladissimos assistiram a uns ensaios rezados á pressa, sem que o grande Joaquim soubesse, como de costume, uma letra do seu papel e sem que do papel Vale conseguisse perceber uma palavra, pois o engraçadissimo artista ensaiava para dentro e fazia sempre «caixa» do seu trabalho.

❖ ❖ ❖

Chegou finalmente a noite da recita e, no borborinho do beneficio de um actor estimado e relacionado com toda a roda dos intelectuais e jornalistas, subiu finalmente o pano. Ninguem se ocupava dos autores que se foram esconder junto do regulador da direita a assistir á sua peça.

Continuou o milagre. Mal se travou a representação, Vale e Joaquim de Almeida, nos dois grandes papeis, o do tabelião e o do escrevente, quasi constantemente em scena, quizeram, na velha rivalidade artistica que os separava, levar-se mutuamente á parede e então surgiram os mais extravagantes e inesperados jogos de scenas, as mais divertidas inflexões e, ao passo que a plateia ria, ria, sem cessar, duas pessoas riam mais do que ninguem, os dois autores escondidos atraz do regulador o que passaram toda a noite sem se lembrarem sequer que a peça era deles, e divertindo-se como qualquer bom espectador.

Quando o pano caiu ainda estavam a rir e, com surpreza sua, vinham os artistas buscal-os para os levar á scena e passavam dos abraços de Rafael Bordalo para os de D. João da Camara, dos vivas clamorosos dos «Aguias» reunidos no galinheiro para as felicitações de amigos e desconhecidos, emquanto o velho Silva Pereira, radiante, os apresentava a toda a gente, enchendo-lhes a cara de perdigotos.

❖ ❖ ❖

A peça foi um exito. Representou-se um mes a fio, o que era enorme. Carlos Borges, o velho amigo a quem de aqui aperto a mão, pagava pouco; mas nesse tempo uma libra de direitos era uma fortuna. Não sei o que Carlos Simões fez ao dinheiro que o «Tabelião» lhe rendeu. Lembro-me que André Brun mandou fazer um fato novo e, mal andou, pois, tendo tido a veleidade de ir exibir-se á paisana para os «boulevards», caiu nas garras do visconde de Benalcoufor, ajudante de artilharia 1, que lhe pregou oito dias de detenção.

Para rematar estas notas do que foi a nossa estreia de autores dramaticos, direi apenas que, na manhã seguinte, Carlos Simões e eu precipitámo-nos sobre a imprensa e corremos á esquina da critica dramatica.

Eduardo Coelho dizia no «Diario de Noticias»:

—«Surgiram emfim os sucessores de Gervasio Lobato. A graciosissima comedia, tão portugueza, que ontem, se estreou na Rua dos Condes, etc. etc. etc...

Jorge de Abreu dizia na «Vanguarda»:

—«O publico que ontem para se recolher da chuva entrou no teatro da Rua dos Condes aplaudiu para aquecer as mãos uma trapalhada em tres actos... etc. etc. etc.

❖ ❖ ❖

Faz hoje vinte anos. Parece que foi ontem.

Feira de Barcelona

Recebemos um artistico cartaz da Feira de Barcelona, bem como diversos folhetos elucidativos da mesma feira.

Os comerciantes portugueses terão toda a conveniencia em concorrerem a tão interessante manifestação de actividade social.

A Russia

Ordena a mobilisação geral

RIGA, 5.—Foi ordenada em toda a Russia a mobilisação geral, tendo já sido chamadas as classes de 1899 a 1900. Presume-se que esta ordem é motivada pelos sucessos obtidos pelos rebeldes da Carelia contra as forças bolchevistas.—(R)

Os leitores de «A Capital»

Teem visto bem documentado que o «Iodal» (granulado de Iodo-Iodetado) (é a unica descoberta até agora feita para evitar o iodismo, por não conter acido Iodidrico e por isso é aconselhado pelos directores das Faculdades de Medicina.

POLITICA

As candidaturas dos outubristas radicais

Publicamos, ha dias, uma lista quasi completa dos candidatos que os radicais outubristas iam propor no eleitorado de Lisboa. Essa noticia, que era exacta mas foi talvez inoportuna ou indiscreta, levou alguns dos indigitados a desistirem da problematica eleição, contando-se, entre eles, o sr. Ladislau Batalha, antigo deputado socialista, que já declarou que, desta vez, não quer pertencer á «elite» nacional que costuma dar ingresso e assentar arraiais no velho Palacio de S. Bento. Houve necessidade, portanto, de rever as listas, estando só nesta resolvida, por emquanto, a lista dos candidatos a deputados pelo circulo ocidental de Lisboa.

Eis os nomes dos politicos que nela devem figurar: Orlando Marçal, José Pinto de Macedo, Pires de Carvalho, 2.º tenente da Armada José de Freitas, Henrique Martins Vaguaro e Francisco Luiz Ramos.

Vai fazer-se a historia do outubrismo.—Parece que conterá revelações interessantes.

Sabemos que esta sendo religida, com larga copia de pormenores, a historia completa do Outubrismo. A publicação será feita em tres livros: o primeiro narrará toda a conspiração, revelando que ela foi conduzida sob a inspiração dos srs. dr. Magalhaes Lima e coronel Ramos de Miranda, até á data de 30 de setembro de 1921, marcada para a eclosão do movimento, que foi afinal adiado para 19 de outubro; o segundo fará a descripção dos acontecimentos secretos ocorridos desde 30 de setembro a 19 de outubro; o terceiro, finalmente, ocupar-se-ha da narrativa historica desde 19 de outubro até a posse do gabinete Cunha Leal.

O produto liquido da venda dos livros será entregue ao Asilo de S. João, instituição que, como se sabe, é protegida pelo Grande Oriente Lusitano Unido, de que o sr. Magalhaes Lima é Grão-Mestre.

Um livro do sr. Orlando Marçal

Informam-nos que o sr. dr. Orlando Marçal esta escrevendo um livro de documentação e critica historicas, abrangendo o periodo que vai desde a restauração da Trauliania até ao pronunciamento militar outubrista.

A ordem

O problema português é sobretudo, neste momento, o problema da ordem. Ordem nas ruas—ordem nos espiritos. Ainda ha pouco o afirmava, num dos seus artigos de «A Manhã»—o eminente jornalista Mayer Garção. De facto assim é. Sem ordem, sem tranquilidade, sem socego—é impossivel realisar, em Portugal, uma obra util. A desordem nas ruas não consente a ordem nos espiritos e a falta de ordem nos espiritos é a razão de ser da desordem das ruas. E' neste paradoxo inquietante que a vida portuguesa se agita e se move—e hoje, mais do que nunca, é absolutamente necessario que este paradoxo desapareça. Impõe-o a tranquilidade nacional. Exige-o os mais altos interesses portugueses. Emquanto Lisboa não desmentir, á evidencia, o titulo inquieto de «cidade de revoluções», emquanto os «profissionais da desordem politica», não se convenceram de que as suas excelentes intenções são projudiciais — nós continuaremos neste «gachis» permanente de alvoroço, de desasocego, de perturbação. Ha talvez quem lucre — entretanto o país perde e perde-se. Notem bem.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

A situação economica da Europa

é estudada por Harding

WASHINGTON, 5—O presidente Harding reuniu com o gabinete para discutir a situação economica da Europa. A conferencia durou duas horas.—(R)

A Russia e a China contra o Japão?

LONDRES, 5—Confirma-se que o governo dos soviets mandou um enviado especial a Pekin para propor a união da Russia e da China contra o Japão.—(R)

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

E' necessario suspender a mesma

Agora que a crise ministerial foi resolvida, isto é, que está decidido continuar á frente do Ministerio dos Estrangeiros o sr. dr. Julio Dantas, que, por outro lado, este ilustre homem publico se encontra restabelecido da doença que durante alguns dias o forçou a desviar um pouco as atenções dos negocios da sua pasta, parece-nos chegado o momento de alguma coisa se fazer no sentido de restabelecer a ordem nos serviços internos daquele Ministerio, profundamente anarquisados pela reforma do sr. Veiga Simões e, ao mesmo tempo, acabar de vez com a «chantage» que á sombra dela se vem fazendo.

Ninguem já hoje tem o direito de ignorar o que representa esse aborto. E a prova de que toda a gente o considera como tal é que até agora só apareceram a defende-lo—e apenas com palavras—os directamente interessados na sua adopção: o seu autor, alguns dos mais largamente contemplados por ele e, finalmente, o presidente da Associação Comercial que, numa entrevista, considerou otima a reforma, sob o seu aspecto economico.

A atitude deste ultimo cavalheiro—por quem, aliás, temos o maior respeito e consideração—explica-se logicamente: pela reforma, o papel do comercio de exportação passava a ser apenas este: combinar preços e cobrar as facturas; tudo o mais devia ser feito pelos funcionarios do Ministerio dos Estrangeiros.

Mas otima, ou não otima, isso apenas tem para nós um interesse de pormenor. O que é importante é que a reforma tal como esta, ou modificada, se transforme numa lei, o que só se conseguirá fazendo-a passar pelo parlamento. E' só isso o que nós queremos, e parece-nos que não exigimos muito. Pois pode conceber-se que, num periodo constitucional, se faça em ditadura uma reforma de serviços tão importante como a do Ministerio dos Estrangeiros, que o seu proprio autor considera como o ponto de partida para o nosso resurgimento economico?

Será urgente pô-la em execução? Talvez. Mas desde que toda a vida portugueza está ha longo tempo parada, supomos que não será demasiado esperar um mês mais para que se resolva, com toda legalidade e moralidade, um dos seus aspectos que, pensinal, não é das mais importantes do momento.

O que se torna necessario é que «oficialmente» se tome e se publique uma decisão a tal respeito. Isso torna-se tanto mais indispensavel quanto é certo que os ratinhos e ratões das Necessidades andam por ai a proclamar á bôca cheia que o queijo não lhes sairá das garras porquanto o sr. dr. Julio Dantas está disposto a adoptar dictatorialmente a reforma, isto é, a cobrir com o seu nome os inumeros escandalos que ela envolve. Que s. ex.a o saiba.

A explosão na C. G. T

Os funerais das victimas

Pelas 13 horas, de hoje sairam do edificio da Morgue os funeraes das victimas, ocasionadas pela explosão de bombas, na C. G. T.

Muito antes da hora acima indicada, já era extraordinaria a aglomeração de povo, junto do edificio da Morgue, na sua maioria constituido pelo operariado.

Os cadaveres encerrados em caixões forrados de negro, tendo ao meio uma lista vermelha, estavam colocados, sobre umas eças, donde á hora do saimento foram cobertos com as bandeiras dos sindicatos, C. F. Manipuladores de Calçado e correeiros e artes correlativas.

Abria o prestito, os operarios do Sindicato Unico das classes mobiliarias, transportando a sua bandeira, seguindo-se todos os outros sindicatos, levando tambem os seus estandartes.

Fizeram-se representar, a C. G. T e M. S. O., Sindicato da Construção Civil, metalurgicos, mobiliarios, Juventude Sindicalista, Partido Comunista, S. C. C. de Almada, Arsenal de Marinha, Grupo dos Jovens Sindicalistas, etc.

Sobre o feretro da vitima Joaquim Estrela, foram colocadas duas corôas, uma oferecida pela familia, e outra pelo grupo anarquista «Os principiados».

No cemiterio foram, organisados turnos, proferindo discursos, os srs. Antonio Monteiro, Fernando de Almeida, Arsenio Ramos da Cunha e J. Cordeiro.

Ler amanhã:

XX e ultimo croquis.

Sonjeabrunn, ninho do "Aiglon"

por ARMANDO FERREIRA

Factos e palavras

A PROPOSITO ... DE UMA REPRESENTAÇÃO

No teatro Politeama realisou-se anteontem ás 4 horas da tarde uma representação particular da «Mulher sem importancia».

A noticia breve que li num jornal da manhã acrescenta que a assistencia era composta dalguns artistas e suas familias.

Não sei se já alguma vez se realisou entre nós um espectaculo com este fim. Não sei mas crêio que não. No entanto em qualquer das circunstancias não deixa de vir a proposito este... «a proposito».

Porquanto inovação ou continuação duma ideia já realisada, ela é bastante interessante e merece um aplauso desinteressado e sincero.

Bem andou a Companhia que tem á sua frente Lucilia Simões e Erico Braga em o ter feito, realisando acidentalmente uma coisa que tinha todas as vantagens em se tornar um costume.

De facto deve existir o maximo interêsse em que os actores duma Companhia possam assistir aos espectaculos das outras não só para que fiquem conhecendo as peças, como tambem para verem as interpretações dos artistas seus colegas.

Alem de ser uma manifestação de cortezia que tão bem fica a toda a gente, seria um incentivo e um meio de ilustração e educação espiritual interessante.

Não sei mesmo, confesso, como esta idéia ainda não lembrou a ninguem, ou se foi lembrada, como não foi ainda posta em execução.

Será o gesto da Companhia Lucilia-Erico Braga o primeiro passo para a sua realisação?

Oxalá que assim seja, e bem haja, se o fôr.

Além do que teria a enorme vantagem de patentear e estreitar a solidariedade entre os artistas, dessa grande familia, que possuindo os mesmos ideais, a mesma maneira de sentir, vive para o mesmo fim. Que lhes sirva o exemplo d'Essa que foi a enterrar, ainda não ha tres dias, e que tão bem compreendeu a sua Arte.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

Noticias de Guilherme II dizem que o ex-imperador envelhece rapidamente, embora precario, trabalhando, erguendo-se cedissimo e tomando o seu habitual banho frio, conservar aquele porte, aquela robustez que, ha uma dezena danos, encantava os alemães que, em verdade, o idolatravam.

Come com apetite de soldado. Este apetite não é porem, dagora. Não: Guilherme II foi sempre um «bom garfo», como entre nós se dizia—E daqui um homem a quem o Destino guardou, arrancando-lhe os elogios que ele receberia se a morte o tivesse colhido um ano antes da guerra. Então, Guilherme II seria o primeiro Chefe do Estado: o mais trabalhador, erguendo-se ás 6 horas da manhã e recolhendo-se ás duas da madrugada; o mais activo; o mais querido...

Mas a guerra estalou e os elogios desapareceram. E o kaiser, sabendo que este mundo são dois dias, procurou, no menos comer bem. E foi assim que, vencido, deposto, ao ser assaltado o seu palacio imperial, lhe encontraram nas dispensas estes insignificantes fornecimentos:

20.000 quilos de farinha de trigo; 4150 quilos de farinha de centeio; 1:120 quilos de ervilhas de conserva; 225 quilos de arroz 3:132 quilos de assucar; 11:975 quilos de legumes diversos em conserva; 790 quilos de marmelada; 2:820 quilos de frutos em conserva; 829 quilos de doces varios; 1:305 garrafas de leite esterelisado; 100 quilos de frutos e 500 boiões de mostarda.

Coisa de 46 toneladas de generos!

❖ ❖ ❖

Uma senhora do Mexico bateu ha dias o «record» da fecundidade, acrescentando a prole com oito filhos que deu á luz... duma vez só.

Faça o excelentissimo leitor idéia! Oito filhos duma vez só!

Segundo dizem os jornais, a Associação de Medicina vai dedicar um exame especial a este caso nunca visto.

Faz muitissimo bem. Mais uma vez que os medicos reunem para estudar o caso é de inteira necessidade que examinem com igual atenção o marido da parturiente que em presença de tal ninhada concerteza não ficou bom... da cabeça.

❖ ❖ ❖

Um cantor russo contou a um jornalista que na Russia dos «soviets» o teatro não morreu. A Opera de Petrogrado dá constantes representações, sempre com publico á farta como é de calcular, visto não pagarem as entradas.

Como se sustentam então as companhias!

Isso é que o cantor não disse e nem a nós nos importa, bastando-nos tomar conhecimento da novidade das entradas gratuitas, que achamos muito racional e muito digna de se adotar entre nós.

Opera «á borla»!

Decididamente aqueles bolchevistas estão dando grandes lições ao mundo... teatral.

❖ ❖ ❖

O celebre fabricante Ford disse a um importante negociante, de visita á sua fabrica, quando este notou uma massa de desconhecida aparencia nos laboratorios, que essa massa viscosa era um novo produto—grude de algodão formaldohydrico destinado ao fabrico de automoveis. O novo produto chamar-se-ha «cotteneido».

❖ ❖ ❖

O presidente Ebert recebeu a deputação dos «Quakers» inglezes e americanos que nos ultimos dois anos se teem dedicado a socorrer os necessitados na Alemanha. O presidente agradeceu-lhes em nome da nação, pelo seu auxilio ás mulheres e ás crianças pobres, ás quais aquela associação ofereceu até agora trezentos e cincoenta milhões de refeições.

❖ ❖ ❖

Recebemos um volume da Biblioteca do Instituto de Missões Coloniaes, intitulado As Missões em Angola e Moçambique da Autoria do sr. Borges Grainha. Agradecemos.

LISBOA ANTIGA

UMA FAMILIA DE MUSICOS

A harpa na orquestra portugueza. Fontana e os seus trez filhos. Rapidos traços do Chiado de outros tempos.

Na sociedade elegante e aristocratica creada pelo constitucionalismo, logo após o termo das lutas civis, graças aos esforços do bom gosto artistico do Farrobo, figurou um artista distincto que havia emigrado da sua terra natal, a irrequieta Milão. Chamava-se Caetano Fontana e era em 1835 um harpista notavel e um musico de larga inspiração. Tinha 35 anos e em Portugal viveu com a familia que se compunha então da mulher e tres filhos.

Foi a morte muito recente do filho mais velho, que mais tarde havia de ser uma figura de destaque entre os homens do seu tempo, como artista, como janota e como chefe de familia, que nos leva a recordar os primeiros passos dados por essa trindade artistica que tinha tambem um Deus verdadeiro—o pai, o primeiro harpista efectivo do teatro de S. Carlos.

As grandes transformações politicas e sociais foram sempre propicias ao deslocamento dos individuos mal avindos com o seu paiz ou com os seus contemporaneos. Dahi, o aluvião de emigrados que a esse tempo acudiram tanto ao Porto como a Lisboa, avidos de trabalhar, de progredir, e de lutar pela vida. Uns foram comerciantes, outros industriais, e ainda outros artistas. Estes eram os mais idealistas e os menos ambiciosos.

Desse chefe de familia Fontana que morreu aos 84 anos ocupa-se o «Diccionario bibliografico dos musicos portuguezes», do sr. Ernesto Vieira e de um concerto que ele deu em 1844, ha um tocante e pequeno artigo descritivo na «Revista Universal Lisbonense», de Castilho, referente ao mez de julho.

Foi nesse concerto que Fontana apresentou ao publico da capital a prole constituida pelos 3 filhos: Achilles, de 13 anos, Galeazzo, de 11 e Alfredo, cremos que de 5.

Todas as damas, escrevia o director da Revista, a respeito dos pequenos artistas, os haveriam devorado com beijos, nenhum dos homens que os palmeavam deixou de sentir um abalo de inveja, aos gosos secretos e inefaveis do progenitor. Que tres musicos distinctos se não adivinha já, sem grande metamorfose, neste apertado e firme ramalhete de tres botões!

E concluia que esse concerto fora a demonstração brilhante do que pode a educação de um pai eminente nas materias que ensina a seus filhos. Não havia duvida e dos prodigios realisados pelo mais pequeno, uma creança então, conta-se um caso sucedido em Madrid, quando era apenas um rapazola dos seus quatorze anos, e fora escriturado como harpista para a orquestra do teatro da Cruz. Corria o ano de 1847. Alfredo Fontana chegara á capital espanhola e fora apresentado aos musicos da orquestra, na maioria professores e notabilidades artisticas. A' presença de uma creança, todos eles se indignaram. Entendiam que, encanecidos na vida, lhes ficava mal a colaboração do rapazinho tão novo e protestaram vivamente contra ele, recusando-se a admiti-lo na companhia.

A creança não desanimou. Parecia que adivinhava já o espirito combativo que mais tarde havia de confirmar na carreira das armas, no seu paiz, liberto e unificado. Pediu para dar um concerto gratuito a esses ilustres mestres de musica. Deu-o, e foi tal o efeito produzido, que todos correram a abraçá-lo, movidos pelo invisivel sopro artistico que partia da sua execução excepcional e brilhante. Alfredo Fontana triunfava aos 14 anos em Espanha como havia triunfado aos 5 em Portugal, onde se estabeleciam o pae e os irmãos mais velhos, aquele como professor muito distinto de harpa, e estes, pianista um e outro harpista tambem. Foi Galeazzo quem morreu mais cedo, tendo apenas 42 anos.

Emquanto se sucediam as novas lutas politicas, até 1850 a familia artistica prodigalisou-se, em concertos; Aquiles, tocava no piano; Galeazzo, na harpa, Alfredo no violino; os dois mais velhos chegaram a cantar em duelo, e pae compunha odes que artistas italianos recitavam, e uma das quais era dedicada á filha mais velha de Farrobo, a sr.ª D. Maria Joaquina Quintela que foi a mãe da linda baroneza da Regaleira, ha pouco falecida.

Surgiu a acção pacificadora de Fontes. Ao impulso artististico de Farrobo, sucedeu o impulso economico do grande estadista da regeneração. Alfredo Fontana voltou para Italia a cumprir o serviço militar. Galeazzo dedicou-se quasi exclusivamente ás suas lições e o pai que já então estava á frente do seu armazem de pianos ao Chiado e Aquiles, nonagenario que ha poucos dias desceu á sepultura regada pelas lagrimas estremecidas de uma viuva dedicadissima e de tres filhas, que ele adorava com justo orgulho, entrava como empregado no Banco de Portugal, no qual durante longos anos, deu o esforço, do seu trabalho e da sua inteligencia.

Os problemas da contabilidade não o fizeram esquecer a Arte, que lhe encaminhara os primeiros passos na vida, como o doutoramento em direito não privára o pai de trocar a jurisprudencia pela musica. Aquiles Fontana, que Lisboa, havia dez anos, muito raramente via, a ponto de o julgar já desaparecido, foi uma das ultimas figuras, e das mais simpaticas e elegantes da sociedade da ultima metade do seculo XIX. Entre os amadores mais distintos que crearam a Real Academia de Amadores de Musica, da presidencia honoraria do rei D. Luiz, foi ele dos mais incansaveis, e ao fundo da orquestra, no meio dos aristocraticos Duque de Loulé e Marquez de Borba, com o peitilho polido da sua alva camisa, sobresaia sempre a casaca bem talhada de Fontana, com a sua bela cabeça branca, o fulgor de um olhar sempre juvenil e a delicada expressão de uma fisionomia alegre que só pode dar a satisfação do dever cumprido.

Aquiles Fontana tinha 91 anos. Isolava-se com a familia em uma pequenina casa propria, sita em um arredor de Lisboa, proximo do Campo Grande, e a cujas janelas acudiam, logo ao romper da primavera, fortes roseiras a saudá-lo com os seus floridos botões. Adorou muito a rosa, e durante anos, no tempo em que os elegantes enfeitavam sempre a «boutonnière» das sobrecasacas irrepreensivelmente talhadas pelo Keil ou pelo Strauss, nem um só dia esqueceu uma companheira viçosa.

O Chiado era então o campo de acção da sociedade que se divertia, e que á noite não faltava em S. Carlos, ou nos salões em voga. Como ele está já mudado! Perdeu em caracteristico o que ganhou em movimento. Agora ha mais visção mas ha menos cavaco. Ou antes, ha outro cavaco, ha um cavaco diferente, disinteressante, aborrecido, todo feito de boatos, e bordado á roda de can-cans oriundos da imaginação inventiva de uma frondulagem politica.

Sobrevivem ainda algumas lojas do tempo. Desapareceu o Magalhães dos bonecos, poiso diario dos Hortas, matematicos, dos elegantes) Aranhas, e do excentrico Frederico Ferreira Pinto, mas em compensação a livraria Bertrand continua no mesmo ponto, embora com mais livros e com menos leitores.

Essa livraria forma na literatura nacional todo um ciclo notavel que vai de Alexandre Herculano, do «Pároco de Aldeia», ao Trindade Coelho, do «Idilio tempore», os dois ultimos escritores que nos lembra ter visto á miude á porta do Chiado. Herculano já em Vale de Lobos vinha distrair-se do espectaculo monotono das suas oliveiras, como as absurdas atoardas da geração que se reunira em casa dos seus editores; o delegado Trindade Coelho, vinha reconfortar-se da poeira dos processos, na variada concorrencia de poetas e contistas que, ao cair da tarde, esvoaçavam ali pelas alturas, com a persistencia por vezes incomodativa com que a passarada de hoje-se empoleira nos raros troncos das arvores do Loreto e fios telefonicos seus visinhos.

E ambos tinham para esse turbilhão de anonimos á procura de celebridade, um riso compassivo de ironia.

ALERIA

PELO TELEGRAFO

A questão irlandesa

Continuam os tiroteios

LONDRES, 5.—Na noite passada houve terriveis tiroteios nas ruas de Belfast. A semana tem decorrido agitadissima, tendo havido desde segunda-feira seis assassinios. De hoje em deante os sinos tocarão ás oito horas da noite, não podendo depois desse toque andar qualquer pessoa pelas ruas.—(R)

Noticias de toda a parte

A questão do «Banco di desconto»

ROMA, 5.—Em conformidade com o decreto de 5 do corrente, o tribunal decretou a destituição dos actuais administradores do «Banco di desconto», nomeou quatro novos administradores para os substituirem e ordenou o arresto dos bens dos administradores incriminados.—(H)

As dividas externas alemã e franceza

PARIS, 5.—O «Excelsior» publica o quadro comparativo mostrando que a divida externa do Reich é de 707 milhões de dolars e a interna de 2961 milhões de dolars. Para a França as cifras correspondentes são respectivamente 6.856 e 17.670 milhões de dolars. As receitas previstas no orçamento alemão para os encargos financeiros determinados pelo tratado de Versailles é de 787 milhões de dolars emquanto que o orçamento francez prevê para a reconstrução das regiões devastadas 1.570 milhões de dolars. O imposto por habitante é de 13,88 dolars na Alemanha e 88,45 na França.—(H.)

A conferencia do desarmamento

A questão de Shantung

WASHINGTON, 5.—A delegação Chinesa pediu ao sr. Hughes e ao sr. Balfour a decisão imediata da questão de Shantung.—(R).

A França e os submarinos

WASHINGTON, 5.—A França aceitou as propostas que limitam a acção dos submarinos. O sr. Sarraut declarou que a França aceita de muito bom grado as resoluções dos srs. Root e Balfour.—(R.)

A conferencia de Cannes

As opiniões da imprensa

PARIS, 5.—O correspondente do «Daily Mail» entrevistou o sr. Briand sobre a conferencia de Cannes, o qual lhe declarou que a pedra angular da situação da Europa era a segurança da França e que uma aliança franco-inglesa seria a sua melhor garantia.

O «Intransigeant» escreve que a Inglaterra vai á conferencia para melhorar o cambio do marco alemão, e a França vai ali para defender o direito que tem sobre o que lhe é devido.

A «Action Française» concorda com as apreensões manifestadas pelo «Times» de que na conferencia de Cannes se acentuarão as diferenças de opiniões.

O jornal alemão «Allgemeine Zeitung» refere-se aos esforços da França para que se torne definitivo o plano da restauração da Europa, baseado exclusivamente sobre considerações economicas. Diz que o sr. Briand está firmemente resolvido a jogar todos os seus trunfos, e que ele fará salientar o facto de que a França é obrigada a crear uma defesa militar para opôr aos ataques da Alemanha e aos ex rotos bolchevistas, e que ele, bem assim, lembrará ao Supremo Conselho que só a Comissão das Reparações terá o direito de dizer a ultima palavra.—(R.)

Os alojamentos de Briand e Lloyd George

CANNES, 5.—A conferencia que se realisa no dia 6 do corrente reunir-se-ha no Cercle Nautique (na Croisette) o club mais antigo da Riviera. Mr. Briand mandou reservar aposentos no Hotel da California e o sr. Harvey, embaixador dos Estados Unidos hospedar-se-ha no Carlton, onde descançará até á reunião do Supremo Conselho. O presidente do ministerio inglês veio acompanhado pelo sr. Churchill e pelo capitão Guest.—(Lat-Am.)

MUSICA

HOMENAGEM A SAINT SAENS NO S. LUIZ

No proximo domingo, em concerto extraordinario, fóra da assinatura, a Orquestra Sinfonica Portuguesa dirigida pelo maestro Pedro Blanch, presta homenagem ao celebre compositor Saint Saens, que Wagner e Liszt dizem ser o maior compositor francez, executando algumas das suas mais notaveis obras, entre elas em 1.ª audição, a famosa «Marche de Synode», da opera «Henry VIII» e tomando parte pela unica vez o grande pianista Vianna da Mota que executará o grandioso «Concerto n.º 5 em fá maior, considerada a melhor obra no genero, de Saint Saens.

ULTIMA HORA

POLITICA

As eleições

O decreto adiando o acto eleitoral para 29 do corrente será hoje assinado e amanhã publicado no «Diario do Governo».

Realisou-se hoje, no gabinete do sr. presidente do ministerio e com assistencia do sr. Ribeiro de Carvalho, outra reunião dos representantes das associações. Ficou resolvido que as listas de candidatos patrocinados pelas chamadas forças vivas sejam aprezentadas ao eleitorado de Lisboa e Porto.

Ha quem duvide que as eleições se realisem; nos circulos oficiais nega-se, todavia, que exista qualquer duvida a tal respeito.

Quanto aos resultados finais, é opinião geral que os partidos obterão a grande maioria das cadeiras. A razão é esta: a não ser em Lisboa e Porto, quem elege são os caciques, todos partidaristas; os cidadãos apenas votam...

Com respeito a novas autoridades administrativas apenas, por enquanto, se pensa nisso, sendo prematuras quaisquer afirmações.

A Duqueza do Porto chega ámanhã a Lisboa

A sr.ª Duqueza do Porto, viuva do ex-Infante de Portugal, sr. D. Afonso de Bragança, chega ámanhã á estação do Rocio, no comboio de Paris.

O sr. Presidente do Ministerio encarregou o seu secretario, sr. tenente Rosa Mateus de ir esperar a ilustre senhora, apresentando-lhe cumprimentos por parte do governo portuguez.

A sr.ª Duqueza hospeda-se no Avenida-Palace, onde ja estão reservados aposentos.

Quanto ao cerimonial a observar por ocasião da trasladação para S. Vicente do cadaver do sr. D. Afonso de Bragança, nada se resolveu ainda porque tudo depende da conferencia a realisar entre o chefe do Governo e a sr.ª Duqueza. E' certo, todavia, que serão prestadas honras militares, com assistencia do Governo no cortejo funebre e nas cerimonias religiosas.

Foi preso o general Gomes da Costa

A' hora de fecharmos o nosso jornal acaba de ser preso o general sr. Gomes da Costa, por ordem do governo.

O sr. Gomes da Costa disse-nos que o motivo da sua prisão foi a publicação duma entrevista sua num jornal da tarde.

O sr. general seguiu ás 18 horas para Caxias acompanhado do sr. general Pedroso de Lima

POEIRA DA ARCADA

A comissão delegada dos funcionarios dos correios e telegrafos apresentou hoje ao sr. ministro das finanças as reclamações da classe acerca da diferença da nova ajuda de custo de vida estabelecida entre o pessoal em serviço nas sédes de distrito, sedes de concelho e outras localidades.

—O sr. dr. Hermano Neves, que está desempenhando interinamente as funções de chefe da 1.ª repartição da administração politica e civil de Benguela, vai prestar serviço na repartição do gabinete do alto comissario em Angola.

—O sr. ministro da guerra está procedendo ao estudo da promoção, por diuturnidade, dos alferes das diversas armas, logo que completem 4 anos de posto.

—Vae ser feita uma sindicancia aos actos do governador do districto do Cubango, tendo sido nomeado para a realisar o capitão sr. Freire Quaresma.

—Pelo vapor «Andorinha» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira e Las Palmas, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos as 11.

—O contra almirante sr. Silveira Moreno conferenciou esta tarde com o sr. ministro da Marinha.

Os presos politicos

Foi posto em liberdade o chefe Xavier Estrela

Foi hoje posto em liberdade o chefe da 4.ª secção da policia de investigação criminal, sr. Xavier Estrela ficando porem, suspenso do exercicio das suas funções.

De tarde foram conduzidos do presidio militar da Trafaria para a P. S. E. o revolucionario Armando de Azevedo e Carlos Pinto.

A' hora que fechamos o nosso jornal estão sendo novamente interrogados, devendo, ao que nos consta, serem postos em liberdade.

TEATRO

Nota do dia

Lucinda do Carmo

Depois de grandes discursos consideraveis nos elogios funebres perfeitamente em regra, e dos rebarbativos cronicas do costume, mo estamente com uma sincera tristeza e uma atitude voluntariamente humilde, quero deixar hoje á pobre velhinha que foi, pequenica e debil, a enterrar, ante-hontem, quatro palavras.

Da Lucinda do Carmo de que falam. grande actriz, creadora alegre da «Mlle. Nitouche» e da «Cossaca» nada, sei.

O que vi sempre em scena com o seu nome, foi uma velhinha que representava os seus papeis, quasi sempre ultimamente pequenas rabulas despercebidas, com uma notavel naturalidade, uma articulação e uma inflexão justissima, e rica de variedades e cambiantes esta ultima. Tinha, sem duvida, o perfeito instincto da inflexão dramatica—aquele exagero que é afinal a compreensão estilizada da vida, tão preciso e tão justo como as linhas sinteticas dum bom desenho expressionista.

Dos seus papeis, algumas gratas e lindas recordações guardo.

Da sua simpatia, da sua figura cheia de terna feminilidade, da sua encantadora e fragil proporção de mulher, ao seu pequenino cerebro que fazia versos e das suas pequeninas mãos que faziam rendas,—ainda da sua doce voz suave e romantica com essa sugestão e esse ritmo tranquilo, de claustros silenciosos e jardins de conventos, balsamicos, com manchas de sol por entre os alecrins do norte e um murmurio fino e agudo como um violino, na fonte de granito azul,— ainda maior recordações guardo.

Era uma atriz do tempo do teatro do Rato e do Circo de Price—uma elegante de escandalo do Passeio Publico e da Ferrari, ofuscante de «paniers» de «taffetás» na inauguração ruidosa e simbolica da «neve» no Martinho e dos [illegible] de ga[illegible] pelo Chiado.

No entanto, transitou ainda, muito pequenina,—toda pequenina—para este nosso moderno tempo que fazia tanta confusão, e foi, no Teatro de costumes como na comedia e no drama uma cita comediante.

Estou ainda a ouvi-la, na caricatura impagavel da «D. Perpetua que Deus haja», franzindo levemente o sobrolho, no seu geito particular:

«Já que estou de espartilho agora vou ás Mattas!»

O HOMEM QUE PASSA

MUSICA

S. Carlos

Madame Butterfly

Em 3.ª recita de assinatura ordinaria representou-se hontem em S. Carlos a sempre mimosa opera de Puccini «Madame Butterfly». Depois do exito enorme do «Tristão e Isolda» esta opera enfermou um pouco a sua interpretação.

Kiwa Teiko que representou admiravelmente o papel de Butterfly, cheia de graciosidade e de delicadeza, tem uma voz bastante agradavel, dizendo com muita intenção. A maneira como, principalmente, cantava o dueto do 2.º acto, agradou-nos.

Não é ainda, no entanto, uma artista em pleno esplendor da sua arte.

Baguariol, possuidor de uma linda voz, deu ao papel de Pinkerton o relevo merecido.

Spadoni foi bastante feliz na maneira como interpretou a parte de Goro.

Luisa Conde, Fontana e os restantes artistas contribuiram para o conjunto.

Côros e orquestra sob a direcção de Versé bem.

Guarda roupa bastante interessante; efeitos de luz lamentavelmente atrazados.

B. C.

A Provincia na "Capital,,

CASTELO BRANCO, 4.—Em comboio especial seguiram hoje para Lisboa cerca de mil volumes de cortiça pertencentes á firma Tavares & C.ª com fabrica nesta cidade, afim de ser enviada para varios mercados externos.

Urge que a Companhia Caminhos de Ferro Portuguezes forneça o material ha muito tempo requisitado pela referida fabrica para transportar mais alguns milhares de produtos da sua fabricação destinados á exportação e que representa ouro de que tanto necessitamos.

—Em Assembleia Geral do Centro Dr. Afonso Costa foram eleitos os seguintes corpos gerentes para 1922: Assembleia Geral: Drs. Adolfo de Lemos Viana e Jaime Robalo Cardoso, presidente e vice-presidente, Francisco Nunes e João dos Santos Nunes, secretarios. Direcção: Antonio Nunes Branco Pardal, Eduardo da Silva Salavisa, João Martins, João Nascimento Costa e Dr. Martinho Tavares Cardoso, João Afonso Salavisa, João dos Santos Caio e Vicente José de Moura, suplentes. Conselho fiscal: Alfredo Jacoby Rosa, Antonio Guilhermino Lopes e Carlos Augusto de Sousa; João Dias Carreiro e Pedro dos Santos Mereiro, suplentes.—C.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES AO BORRALHO

1922! Mais um ano passou!

Um ano mais entrou! Ha gente que gosta do principio do ano; é uma novidade, vem aureolado de esperanças e sorrisos e de mil possibilidades de ventura.

Eu, não gosto do Ano Novo. Recebo-o sempre com receio e desconfiança, é um Desconhecido. Sei lá se os sorrisos com que entra são verdadeiros ou hipocritas, tendo por unico fim captar-me as simpatias!

Tenho por costume espera-lo sempre de janelas abertas é hospitaleiro, mas se lessem até ao fundo da minha almo, veriam que o meu proposito não é tanto esperar o recem-chegado como acompanhar o amigo velho que me deixa a vida mas não a memoria.

Qual de nós não tem no ano que passa uma hora feliz, uma hora que deseja reviver, um sorriso que lhe adeja saudoso no pensamento, um olhar que se prende ao espirito!

E esse ano que passou doze mezes junto de mim criou na minha existencia raizes que jamais se arrancarão, ficou fazendo parte integrante de mim mesma e ao passar leva atraz de si um cortejo de palavras, pensamentos, sorrisos e acções que me pertenciam!

E o Ano Novo, quem é? Sei lá! Traz um manto de ilusões e esperanças, o seu saco de viagem é, feito de sonhos côr de rosa e está muito cheio de promessas mas tem o ar frio e imponente dos que veem conquistar e a sua coroa é ainda de rosas frescas e garridas.

Ano novo! ano novo! quando principiarás tu a deixar cair as petalas viçosas substituindo-as pelas unicas flores que tornam a existencia suportavel: as saudades — provas vivas do que fomos felizes—só então serás recebido no numero dos meus amigos.

RESPOSTA AO INQUERITO

Qual é preferivel, amar ou ser amado?

... Para compartilhar a minha opinião, para preferir adorar a ser adorado, é preciso saber ajoelhar a preceito, saber erguer as mãos com pragmatica unção, saber procurar uma atitude. Para os idolatras do Amor-sentimento pouco representa o amor-objecto. Ha tempos, rezei um rapido e delicado «Padre-Nosso», diante da imagem da Rainha Santa, escultura preciosa de Teixeira Lopes, á saida, vi uma tricana a chorar, numa suprema expressão de crença, perante uma imagem monstruosa da mesma Senhora.

Eu quero dizer que, para quem «ama o Amor», é indiferente o ser ou não amado, assim como para quem «ama alguem», esse dilema é de fundamental importancia.

Só no objecto do meu amor, ou vir o o Amor que o embeleza e espiritualisa e o coloca num alto lugar de excepção que nenhuma imperfeição humana pode atingir ou macular, eu não cuido do saber se Deus ouve as minhas orações. Sou feliz amando, como o sou rezando. Prefiro «adorar» —ha mais grandesa, mais sublimidade, mais encantadora «passividade» na voz activa deste verbo. «Ser adorado» é para quem sinta a coragem de ser idolo, de «pousar» na vida numa eterna atitude de quietação e de rigidez.

Tenho a impressão de que «Tanagrette», ao ler esta carta, julgará que ressuscitou alguma das heroinas de Camilo. Mas se ser «romantica» é ter horror ao positivismo, ao egoismo e ao «narcizismo», eu atrevo-me a assinar, resolutamente, extemporaneamente,

UMA ROMANTICA

(Excerpto duma carta)

CONSELHO PRATICO

... sobre molas

E' muito aborrecido, ao vestirmonos com presso, encontrar molas que não abotoam por isso vou-lhes dar alguns concelhos sobre o assunto.

Ao desapertar as molas, não o façam nunca com força porque em geral o resultado é ficarem ambas do mesmo lado. Se a mola está dificil de desapertar é conveniente meter entre as duas partes a ponta de uma tesoura, separando-as assim e se pelo contrario a mola estiver lassa, então põe-se a parte inferior sobre uma pedra qualquer outro material resistente e bate-se ao de leve, com um martelo na parte protuberante, que alarga para os lados, remediando assim o inconveniente.

MODAS

Em todas as reuniões mundanas, domina actualmente o preto, porem no verão os tecidos eram baços, agora o que se escolhe de preferencia são setins e crepes da China brilhantes.

A cintura comprida presta-se a uma grande maleabilidade de linhas, mas, e insisto neste ponto, é indispensavel o espartilho flexivel; as ancas devem ser estreitas e o seio deve desaparecer a bem dizer por completo. As mulheres robustas apertam o peito com largas fitas de sede afim de obter a silhueta da moda.

Os lados das saias trazem-nos todos os dias novidades; fôlhos tiras mais compridas que a frente e costas, tecidos diferentes do resto da saia, etc.

GULOSEIMAS

Bolo de chocolate

Meio quilo de manteiga, meio quilo de assucar, ovos, 250 gramas de chocolate em pó, meio quilo de farinha, um copo de agua-ardente de cana.

Bate-se a manteiga com o assucar, até ficar em creme, juntam-se-lhe os ovos um a um, acrescenta-se a farinha e o chocolate, mistura-se tudo e depois deita-se a aguardente. Põe-se a polma numa forma bem untada e deve ir ao forno que não deve estar muito quente. No fim duma hora, tira-se e deixa-se esfriar.

Põe-se numa caçarola uma colher de sopa dagua e 250 gramas de assucar cristalizado, e uma colher de agua-ardente, aquece-se ligeiramente e junta-se-lhe com esta pasta o bolo, depois de meia hora põe-se outra ca[illegible].

Á unica confidente

A Saudade sentou-se á beira do meu leito.
Baixinho me falou do meu perdido bem...
Tinha a voz carinhosa e simples duma mãe
Quando adormece um filho em seu bercinho estreito...

Falou-me desse amor, que de venturas feito
Em magoas se tornou, e recordou-me alguem
A quem busco esquecer e todavia a quem
Reclamam em serrar as fibras de meu peito...

Afinal irritou-me e quiz mandal-a embora
—«Porque vens relembrar-me um bem que já perdi?
Para isso basta a dôr que na minha alma chora.»

Porém, logo a seguir, num brado lhe pedi
—«Saudade! Não te vás!...
E' porque, Amor, agora
Não tenho mais ninguem com quem falar de ti.

ANDRÉ BRUN.

PENSAMENTOS

Á dor é uma força: pelo caminho da dôr se vae ao amor.

(*Vargas*).

Nunca se deve bater numa mulher com uma flor, deve-se-lhe bater com um pau.

(*Elcime Rey*).

O que é a republica dos soviets

Poder descricionario - Organisação inquisitorial - Mais forte que o governo

O tenente-coronel do exercito francês, M. Reboul, que tem estudado a fundo a nova organização da Russia dos «soviets», está publicando uma série de artigos interessantes sobre tal assunto. Esta revista baseia-se num deles.

A Tcheka, escreve o mesmo oficial, tem por fim combater a reacção e tudo que a favorece. Persegue tanto os reacionarios como os mencheviks, tanto os que pretendem restabelecer o antigo tsarismo como os que pensam em instaurar um governo liberal assente sobre a aceitação das massas.

A Tcheka persegue a especulação: prende os comerciantes acusados de rarefazer artificialmente os viveres; imiscue-se nas empresas do Estado; proibe as gréves, fuzila qualquer operario suspeito de «sabotage». Vigia os funcionarios publicos; atira para as enxovias aqueles que lhe são denunciados por praticas ilegais.

Nenhum acto da vida lhe escapa. As suas decisões não teem apelo.

Não se apoia em nenhuma regra, nem se baseia em nenhuma lei. O seu lema é agir para o melhor bem da Russia revolucionaria. Captura sem prova, julga sem tribunal, sem adiamento, sem defensor. Decreta a seu bel-prazer as penalidades mais terriveis. Não ha recurso das suas decisões; a execução é imediata.

Um tal poder, comenta o coronel Reboul, de que não se encontra nenhum vestigio na sociedade moderna, seria funesto pela sua exorbitante omnipotencia, mesmo exercida por pessoas integras animadas unicamente da paixão do bem publico.

Faz reinar o terror, suprime as iniciativas, emudece as energias. Seja quem fôr está á mercê de uma denuncia.

* * *

Esta situação agrava-se pelo facto, assevera ainda o mesmo coronel Reboul, da Tcheka só ser composta de pessoas que procuram essas funções para se vingar ou enriquecer. A venalidade campeia infrene. Quem se quer vingar duma pessoa pode faze-la desaparecer. E' simples. Basta entender-se com um agente da Tcheka. Breve se descobre um motivo para que o inimigo vá parar a uma masmorra. A maioria das vezes nem se dão ao trabalho de descobrir esse motivo. Conforme o preço oferecido, o «indesejavel» ou vai parar á casamata ou é deportado ou é fuzilado. A's vezes acontece que o inimigo visado é mais generoso. Nesse caso é o primeiro mandatario quem sofre tudo que planeara infligir ao outro.

Os principais agentes da Tcheka são os que pertenciam á antiga policia tzarista, a terrivel «Ochrana». Conservam a antiga mentalidade e os mesmos costumes. O chefe só é que mudou. Os bolchevistas servem-se hoje exactamente da mesma arma que combatiam ontem.

A composição da Tcheka é muito complexa. Liga-se intimamente com o serviço de Propaganda. Os dois organismos penetram-se com frequencia e substituem-se amiude. A Tcheka divide-se em tres grandes secções, uma que se ocupa do exercito; outra do interior; a terceira do extrangeiro.

A Tcheka no exercito compreende um tribunal revolucionario que funciona junto do estado-maior do exercito e uma comissão extraordinaria por cada divisão.

* * *

O tribunal revolucionario pode conhecer qualquer causa interessante a conduta das operações, atitude do comando, dos quadros, das tropas, a secção, as suas relações com o inimigo ou população civil. Esta depende igualmente desse tribunal em todo a região onde estacionam as tropas e os serviços anexos do exercito. Os julgamentos do tribunal revolucionario são secretos, sem apelo e executados imediatamente. Dispõe permanentemente de um destacamento especial.

As comissões extraordinarias das divisões dependem directamente deste tribunal revolucionario. Cada uma delas compreende trez secções. A primeira, denominada de informação esclarece o comissariado central dos «soviets» sobre a moral da divisão. Envia sobre este assunto frequentes relatorios ao comissariado da guerra. Dispõe para os seus inqueritos de um numero consideravel de agentes de toda a especie; homens e mulheres, que constituem uma segunda secção chamada dos agentes. Estão estes incumbidos da propaganda revolucionaria junto das tropas e da manutenção de um contacto intimo com os operarios politicos que andam dispersos pelas companhias e baterias.

A terceira secção, secção activa está incumbida da execução da decisão do tribunal revolucionario e das comissões extraordinarias.

A organisação da Tcheka no interior é quasi identica. No interior ocupa-se do comercio, e da circulação. Sem sua autorisação é impossivel alguem deslocar-se; não se pode sequer sair da cidade, não se pode vender o minimo objecto. Os delegados estrangeiros das comissões de socorros teem de se entender com estes agentes.

A's eleições só se apresentam os candidatos da Tcheka. Mantem agentes em todos os centros europeus. Esses agentes são agrupados e organisados solidamente. Formam uma celula bolchevista. Teem por missão principal informar Moscou do movimento comunista no paiz em que estão acreditados e de vigiar os movimentos dos inimigos dos «soviets».

67—Folhetim de «A CAPITAL»—5 de Janeiro de 1922

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

XI

Manlio surgira apetrechado para o combate; deixara a noiva com Myrtha e as creanças na «impedimento» e acercava-se de Spartacus com uma sentida resolução no olhar. O grande chefe olhava-o, tambem, encarreu o nas suas armas e, sem perder um lance da batalha, disse-lhe serena e gravemente:

—Dou-te á liberdade! A guerra desta vez, não tem quartel; fica livre o caminho para o mar e Verres, pretor da Sicilia, te receberá com amisade e a Livinia... Patricio, vai te!... Parte e vai dizer aos romanos que somos mais dignos do que eles. Ainda hontem crucificaram duzentos dos nossos... Vai-te. — concluia, ordenando para Jarmelo, que era o seu ajudante:

—Conduze-o á noiva ao extremo do campo.

Um projectil passara rijamente, sibilando, e caira amortecido a distancia. Um soldado apanhava-o e lia com colera, o nome do seu chefe a quem era destinado.

Mal se ouviu a voz de Manlio no grande rumor da batalha; tinham-se calado os buzinadores mas confundiam-se os gritos para dar animo, excitar, atemorisando o inimigo.

O patricio era sobrio nos dizeres:

— Fico!...

— O quê? Acaso pensas ainda em combater os romanos?

Naquela pergunta ia uma anciedade enorme. Acaso as suas ideas, o seu procedimento, a sua ação teriam arrancado-a esse nobre os preconceitos e as coleras; te-lo-iam tornado tambem um soldado do povo? Se assim era maior conquista o considerava do que a de todas as terras dessa Lucania ensoalhadas esmeraldina e primaveril.

Um rumor maior reboou de centuria em centuria, e correu como um marulho de vaga ululante a encapelar-se; quando Spartacus se voltou já não viu Manlio, ouvio, porem, um grasuido a seus pés e Opalia, enrodilhada em farrapos, apartando um bando unido de codornizes celere e assustado.

—Vão para a direita... E' infausto! Emerencia recusa-se a cantar... A musa cala-se... o dedo recurvo da advinha indicava nos espaços a fuga das aves. Jarmelo enxotou-a num brado. Spartacus encolheu os hombros quando ela agourou:

—A divina só levantará o cantico na morte dum grande heroi...

E sem medo, como se esperasse viver um milheiro de anos, foi de corrida pelo tumulto da batalha em que as legiões avançavam sob um chuveiro de balas, de pedras, de grandes troços de madeira ponteagudos, tudo isso arremeçado já de perto, na ancia do encontro. Nas orlas do mar, no terreno arenoso, as alas sinistras dos romanos fizeram recuar as gentes de Spartacus. Ali, onde ele estava, a furia dos escravos repelira os homens de Crassus.

Fôra então que se ouvira o grande vagalhar rumoroso e de eco gigantesco de centuria em centuria.

Aquecera o sol; viera ardente e os soldados mal tinham tempo para beber a «posca»; as gargantas ressequidas mais uivavam do que arrancavam palavras, porém, o pasmo, o espanto manifestava-se nesse ulular de mar revolto.

Brilhando em scintilações ruivas, movendo-se como braseiros, uma mole imensa surgiu lá ao fim, de junto das «torres ambulatarias», e movia-se, primeiro num passo cadenciado, depois num tropel que fazia tremer a terra.

A distancia era um laseiro violento, como uma onda de lume escorrende, depois uns blocos a separar-se e a deslumbrar irradiando scentelhas fusilantes. Agora já era galope e á medida que avançavam essas massas pesadas e refulgentes, ensoalhadas, vibrantes de luz, que faziam cerrar os olhos, os projecteis choviam por milhares no campo, nuvens de balas subiam e sentia-se recurvar-se, num terror, a primeira linha do exercito que rugiu:

—Os elefantes! Os elefantes!

Eram doze amontoados de ferro, orriçado de espadas as suas armaduras, embebedados com vinho e mirra de que eram gulosos as suas trombas elasticas que fremiam.

Lembravam fortalezas movediças, muralhas ambulantes, ocultavam «funditores e engenhos de guerra, e tornavam-se inacessiveis aos projecteis inimigos, assim encarapuçados sob o seu coiro rijo e ouriçados de alfanges de cutelos e de espadas.

A ala recuara; os soldados romanos tinham espicaçado quatro, lançado nas suas orelhas vastas fez ardente e os animais loucos de dor, sacudindo as trombas, correndo galopando, numa devastação, tinham furado, esgarçado, rompido a grande brecha na ala por onde os romanos poderiam entrar. Já se ouviam, aproveitando o alarme, as primeiras centurias num berreiro de vitoria.

Spartacus, lançara o cavalo n um salto brusco; o animal, porem, recuara o freio tomado por um homem envolto num capuz gaulez e que o chefe ia rasgar com um só golpe.

—Sou eu! Crixos!

Vestia farrapos, os bigodes loiros pendiam-lhe a confundir-se com a barbaça, duas cicatrizes fundas, laivadas e roxas, abriam-se-lhe da testa á boca; nos seus olhos faulhava uma febre de loucuras.

—Tu... Que vens aqui fazer?! Deixa-me... Sem a tua traição teriamos envolvido esses romanos... Mas não vês como avançam... Sai do meu caminho...

—Chefe! Venho para morrer bem... e pedir-te perdão! Não te apareço coberto de rosas mas coberto de feridas!

—Morrer bem!—exclamou Spartacus, sentindo uma alegria funda— Quem sabe? Rebelde de ontem; talvez que por tua causa jamais haja a egualdade no mundo... Mas vai... Jarmelo, busca armas... Dá lh'as tu, Crixos... Queres realmente, bem morrer?

Não respondeu: rugiu. Debruçado no pescoço do cavalo, o general, retorquiu.

—E' preciso deter a marcha daqueles elefantes... Sacrifica cem, duzentos, quatrocentos homens... Crixos... paga a Ereo o mal que lhe fizeste...

Envergara as armas chorando, na baciinada:

—Quiz gozar, quiz ser como os senhores...

— Sim. Talvez fizesses com que haja escravos eternamente... Mas... Depressa... Vai... Vence...

Ordenou e foi tambem, como tomado duma força nova, num impeto, para o seio da sua legião.

Recuara-se no ataque brutal daquelas montanhas oscilantes, sob o chuveiro das setas, das pedras, dos madeiros pregueados. Eles já calcavam corpos caidos, sentia-se na sua andadura ossos estralejando, espirrava-se sangue e materias fecais para os ventres dos animais saindo pelas bocas, e pelas barrigas arrebentadas dos que estavam por terra. Diante do horror os mais proximos fugiam e os quatro paquidermes, encarapuçados, defendidos pelas espadas, como colossais ouriços num arsenal de gumes, não podiam ser tocados nem feridos a sua vestidos de ferro e de laminas. Se lhes rasgassem a pele, maior seria o perigo dessas bestas já enfurecidas, pela dôr do pez derretido nas suas orelhas vastas e pelo ensopado de vinho quente e mirra engolido gulosamente. O seu galope violento tinha um desvio: quando em quando baixavam as trombas, enrolavam um soldado e atiravam-no á distancia como um boneco empalhado. Era na sua sombra, no terror que espalhavam, que a vitoria vinha certa tendo para demais já sido rota a vala das brenhas do mar.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

O mundo só existe para desenvolver o espirito.

Renan

N.º 3871-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 6 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

UM PONTO A ESCLARECER

No funeral dos jovens sindicalistas vitimados pelas bombas que estavam fabricando, certamente para atentados ou movimentos subversivos de toda a ordem social, falou em nome dos revolucionarios de 19 de outubro, o sr. Vagueiro.

Quem é o sr. Vagueiro?

O sr. Vagueiro é realmente um dos revolucionarios civis que no movimento de 19 de outubro mais se destacaram, e sendo ainda ele, com outros companheiros da mesma causa, quem mais lutou, apoz esse movimento, pela execução do seu programa. Será por isso mesmo que entre as candidaturas outubristas que se propõem disputar as maiorias, nos dois circulos de Lisboa, nas proximas eleições, se encontra a do sr. Vagueiro, a par da de outros outubristas conhecidos.

Falou o sr. Vagueiro no funeral dos sindicalistas, vitimas do seu acto criminoso. E não falou como particular. Não falou como amigo pessoal, que podia ser, dos falecidos. Falou em nome dos revolucionarios de 19 de outubro. Semelhante atitude tem uma significação politica que não pode passar despercebida ao publico.

Nós queremos acreditar que o sr. Vagueiro só terá falado em nome dos revolucionarios civis. Pelo menos, estamos convencidos de que nunca poderia ter falado em nome de todos os revolucionarios que realisaram o movimento de 19 de outubro. Mas basta o sr. Vagueiro ter sido, rialmente, um conjurado desse movimento, basta pertencer ao numero dos que reivindicam mais entusiasticamente o programa que a ele presidiu, e em nome do qual actuaram todas as forças que se pronunciaram, para nós termos o direito de estranhar que tivesse ido representar mesmo apenas um certo numero de revolucionarios no funeral de creaturas que preparavam engenhos destinados a destruir vidas e fazendas.

O sr. Vagueiro falou. Vão dar os jornais relatos do seu discurso; mas certamente não foi ali acusar os mortos. Não seria digno nem humano, e, de resto, o facto de se encorporar, com uma representação de revolucionarios, no funeral das vitimas provava já que não nutria por elas nenhum sentimento de odio. Nestas circunstancias, julgamos ser-nos licito concluir que a assistencia do sr. Vagueiro ao funeral dessas vitimas, e o seu discurso, só podem ser consideradas como um testemunho de solidariedade ou pelo menos de simpatia. Parece-nos que não exageramos.

Mas, neste caso, que ligação, que afinidades de principios ou de processos conjugam os outubristas, de que o sr. Vagueiro foi representante, aos sindicalistas que se empenhavam numa obra de destruição social? Que ha de comum entre o celebre programa revolucionario, pelo qual o sr. Vagueiro se bate como um paladino defensor da sua dama e as doutrinas destruidoras do sindicalismo rebelde? Seria bem interessante que o sr. Vagueiro nos elucidasse sobre este ponto, se é que no seu discurso do cemiterio não teve ensejo de o fazer.

A opinião publica abomina os equivocos. Só lhe agrada, só aprecia as situações difinidas. Para o sr. Vagueiro e os seus companheiros, sindicalismo e outubrismo são doutrinas que se ligam, como processos que se irmanam? Representam uma aspiração identica? Tendem ao mesmo fim? Afigura-se-nos que haveria a vantagem em elucidar este ponto, tanto mais que dizendo-se o movimento outubrista um movimento nacional, é de justiça que a nação saiba quais as doutrinas e quais os propositos que se acobertam com o seu nome.

A situação politica

O general Alberto da Silveira disse-nos:

«O governo Cunha Leal oferece grande estabilidade porque é uma garantia da ordem».

O general sr. Alberto da Silveira regressava de Coxias quando o encontramos, proximo do Cais de Sodré, acompanhado por seu filho e por um oficial de artilharia.

Feitos os cumprimentos do estilo perguntamos ao general:

—Então, meu general, o que diz V. ex.ª da situação politica?

—Você já sabe que eu não digo nada absolutamente nada aos jornalistas. As entrevistas são boas para os politicos e eu não o sou.

—Mas v. ex.ª pertence ao Partido Liberal...

—Sim, mas agora apenas sou militar, e os militares, em nenhum paiz do mundo, teem o direito de vir para a imprensa fazer revelações.

—Mas nós só desejavamos saber a opinião do meu general acerca do governo do sr. Cunha Leal. Parece-lhe que ele terá agora mais estabilidade?

—Mas, certamente que sim. Os partidos politicos da Nação deram-lhe o seu apoio... não vejo nada, portanto, que venha agora entravar a marcha politica do sr. Cunha Leal.

«De resto, não vejo mesmo que outra solução pudesse ser dada á situação politica do momento.

«O governo do sr. Cunha Leal representa a Ordem, e todos aqueles que não desejem ver o paiz caminhar a passos largos para a sua ruina devem manter-se socegados, porque o momento é grave e não para que se aniquilem governos em experiencias desprestigiosas para Portugal.

—Então, na opinião de V. Ex.ª, o governo Cunha Leal oferece a maior estabilidade?

Certamente que sim!—Repete v. ex.ª—e oferece estabilidade porque representa a garantia soberana da ordem, e só com ordem o paiz pode sair do atoleiro onde o lançoram as politiquices comesinhas de tanta gente

POLITICA

Eleições

Dia morto em novidades. As Arcadas desertas. Um ou outro comentario ao caso do general Gomes da Costa.

Com respeito a eleições, continuam as conferencias no Ministerio do Interior, onde o Chefe do Governo recebeu esta tarde os representantes das associações.

Bico ou cabeça?

Sr. Redactor.—O «Diario do Governo» publicou, ontem, a seguinte comunicação:

Ministerio dos Negocios Estrangeiros

Direcção Geral dos Negocios Politicos e Diplomaticos

1.ª Repartição

Por ordem superior se faz publico que foram notificadas ao Governo Francez, respectivamente em 2 de Julho e 22 de Agosto ultimos, as adesões do Principado de Monaco e da Cidade Livre de Dantzig á Convenção Internacional de 4 de Maio de 1910, para repressão do trafico de brancas.

Direcção Geral dos Negocios Politicos e Diplomaticos, 30 de Dezembro de 1921. —O Director Geral, *A. de Oliveira Soares.*

Então que salgalhada é esta? A famosa reforma do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, que a «Capital» tem escapelizado com tão raro vigor, está em execução ou foi suspensa? Se está em execução, não ha «Direcção Geral dos Negocios Politicos e Diplomaticos», porque as «expansões economicas» do reformador deram cabo deste organismo. Se foi suspensa, não ha «Director geral, A. de Oliveira Soares, porque, voltando-se á primeira forma, o Director Geral dos Negocios Politicos e Diplomaticos é o sr. Henrique de Vasconcelos, ministro no Japão... «in partibus!»

Dá-se um Veiga Simões de chocolate a quem decifrar esta charada.

—X.

Morte do actor Pato Moniz

Faleceu hoje o actor Pato Moniz, motivo porque não ha hoje espectaculo no teatro Nacional.

Chegou hoje a Sr.ª Duqueza do Porto

No rapido de Madrid chegou hoje a Lisboa a sr. duqueza do Porto.

Sua Alteza era aguardada na gare do Rocio por grande numero de pessoas da nossa primeira sociedade.

O sr. presidente do ministerio fez-se representar pelo seu secretario sr. Rosa Mateus.

Conferencia

O sr. ministro da Alemanha teve esta tarde uma conferencia com o sr. Presidente do Ministerio.

CROQUIS DE VIAGEM

Por terras -:- -:- -:- -:- -:- -:- -:- já dantes viajadas...

XX-Schoenbrunn... o ninho do "Aiglon,,

Em Schoenbrunn que quiz ir visitar antes de deixar Viena, fui ver o leito onde morreu a Austria. Sim, porque sem duvida a velha Austria dos Habsburgs morreu com Francisco José, esto velho barbichas anceando por um dominio do mundo, e que o destino crivou de punhaladas, semeando sempre a morte em sua volta.

Schoenbrunn fica a um extremo, no limite de uma hora de caminho em eletrico, partindo do centro de Viena. O palacio é em amarelo de quartel, crivado de janelas, longo e sem relevos. Antes de entrar, eu sou avisado que ha pouco tempo, após o triunfo da democracia, o conservador do palacio proibira o «ingresso a pessoas não decentemente vestidas». Dou instintivamente uma escovadela ao latinho de uso externo quando me elucidam que os socialistas protestaram contra essa medida retrograda.

Por isso o parque que foi todo o sonho de beleza dos Habsburgos é hoje completamente presa das virtudes... civicas do povo e da incuria dos guardas.

Os jardins de Viena são todos de grande serventia publica da democracia e Schoenbrunn é um dos que mais se prestam ao pic-nic familiar, ao passeio higienico dos meninos de mamã e á fuga bucolica dos arranginhos particulares.

Os jardins são belos, duma amplidão reconfortante e dum arranjo a Lenôtre muito bem aparadinho nas «parterres» floridas. Olhando do palacio, vê-se, sobranceira, em frente, ao topo duma elevação, uma arcada elegantissima: a «Gloriette» portico romano recostado sobre o azul do ceu, e que o capricho de Fernando de Hohemberg ali mandou plantar, sem outra utilidade senão a da elegancia, da beleza e da arte.

Trepei até á «Gloriette»—já que me desiludi de subir dia algum á Gloria—para deslumbrar a vista. A golpe de aguia apanho daqui os jardins. Tinham razão os senhores imperadores: isto é deslumbrante, tão deslumbrante que o seculo XX aproveita para os seus «films». Aqui passam o dia companhias cinematograficas em reconstituições historicas onde figura o pequeno filho de Napoleão. E quedo-me em cogitações sobre o cinema, vendo passar figuras empoadas do tempo de Maria Tereza, e que á noite são comparsas dum teatro do «Ring», quando reparo que a demorar-me assim não posso ir na ultima leva de visitantes, a visitar palacio. Por isso desço a correr a encosta, lá como cá e como no tempo do Veloso amigo, muito mais facil de descer do que a subir, passo de fugida ao pé dum abandonado jardim tirolez, dumas «ruinas» romanas tão bem arranjadinhas que até parecem verdadeiras, ao pé duma fonte rococó mas imponente que se diz de «Neptuno» e venho agregar-me a duas duzias de inglezes que esperam á porta do palacio a hora de entrada.

Os inglezes gorgeteando coroas para a direita e para a esquerda com a consciencia de que então desbaratando apenas alguns dodecagagessimos duma libra lembram-me aqui em Schoenbrunn, aquelas seus dois compatriotas que um dia se abeiraram ao imperador Fernando e lhe pediram para mostrar os jardins do palacio.

O modesto imperador conduziu-os por toda a parte, explicou-lhes tudo, e foi gratificado no final por dois florins. «A primeira vez na minha vida, dizia ele, que ganhei algum dinheiro.»

Mas, eis que a porta se abre, se esportulam 50 coroas por cada curioso, e galgam as escadarias marmoreas atraz dum guarda monotono como o de todos os palacios e museus e que começa o seu disco sempre por:

—«Dieser zimmer»... Este quarto... etc. etc.

Da visita a minha instrução pouco aumentou. A impressão foi só uma: é que Schoenbunn, palacio, é muito comprido. Ora estas triviais impressões para quem atravessou os maravilhosos, opulentos quartos que visam a juventude de Maria Antonieta, a mesma que veiu a perder a cabeça em Paris, as salas sombrias e plenas de recordações onde brincou o pequeno N. II, o salão das lacas—«Vieuxlaquezimmer — autentico 2.º acto do «Aiglon»; para quem passou em frente de tapeçarias, quadros, maravilhas da historia, para quem gravemente parou alguns minutos no quarto onde morreu Sarah Bernardt, digo, o duc de Reichstadt hão de constituir clausa grave aos eruditos e aos devotos das coisas mortas. E tem razão; mas eu confesso que acharia muito belo este palacio, que mumifica o seculo a que pertenceu nas curvas rococós onde se engaixam prodigamente todos os motivos chinezes, as miniaturas indianas, as porcelanas, se em vez deste cheiro a mofo por aqui passassem algumas das belezas vivas que outrora lhe davam frescura e vida. Mas, as arquiduquezas brancas, louras, formosas, as princezinhas de encantar transformaram-se neste guarda com botões amarelos empurrado como um bando lento de perus, de quarto para quarto os «touristes» sedentos de impressões.

Mais belo do que isto, vá sacrilegio, foi o 6.º acto da obra de Rostand na «Sarah Bernard», só porque á historia emprestava o seu talento vivo uma alma artista e uma inteligencia rara; sim, meus leitores confesso; gostei muito mais do quarto do Schoenbrunn parisiense onde vi morrer o «Aiglon», do que o autentico, frio, a ranger botas de duas solas vindas do Gimege e a transpirar uma humidadesinha de bolor de se lhe vestir um sobretudo forte.

E, mal comigo mesmo, voltei a Viena a ver se encontrava os restos de alguma arquiduqueza em saldo mais barato para me reconciliar com o Passado, dando-me um bom presente.

❖ ❖ ❖

Em materia de jardins publicos ha a acrescentar o «Belvedere» a dois passos do ring, com o seu palacio imperial, as suas alas sombrias, um ponto de vista esplendido sobre Viena. Aqui como em Berlim, os carrinhos de mão com «bébés» são ás centenas. Virados para o sol, os petizes com as cabecitas carecas, ou tão louras que assim parecem, a apanhar aqueles duches duma terapeutica moderna, e as mães ao lado a costurar. No palacio mais um museu que dispenso de visitar.

No Volkgarten, junto ao Ring, deparo com um templo do Theseu, albergando uma exposição modernista. Em frente cogitando talvez no eterno principio de que os extremos se tocam, está meditando o poeta nacional «Grielparzer».

O certo é que de corrida se gastaram os poucos dias que restavam para Viena. Antes que me fechem as portas pois anuncia-se novamente a greve ferroviaria terminada dois dias antes de eu chegar, vou pôr-me em marcha, desistindo de dar uma saltada a Budapest como era do programa.

Mas aqui recomeça a tragedia das viagens. Para agarrar bilhete para «Munich» estende-se uma bicha em frente á agencia desde as 6 da manhã. Todos os serviços estão atrazados; não ha bilhetes alguns para 15 dias já. Na perspectiva duma congestão com a noticia, vale-me um cavalheiro que alvitra a ida em III classe até á fronteira, caso tenha urgencia, e para a qual ele, por preço especial me consegue bilhetes. Não ha que hesitar; a viagem é de dia, nos comboios ha ainda IV classe, e a dona da casa esclarece que ninguem hoje na Austria viaja senão em III classe.

E rialmente no dia seguinte digo adeus á minha vida de milionario, dispeço-me num relancear de olhos saudoso e comiserativo das avenidas e construções lindas da Paris oriental, distribuo os ultimos papeis compridos que valem muitas corôas e não valem cinco dos nossos já magros escudos, e instalo-me sobre um banco de pau da III classe do Expresso do Oriente em companhia dum banqueiro, dum professor, de duas senhoras, que certamente foram ricas e me lançam olhares desprezíveis por eu... não ir em I sendo estrangeiro.

Com efeito só eu e um turco velhote, de fez e pernas cruzadas, cebola de prata entalada no cinto negro e que viaja com uma mulher, orientalmente feia, exoticamente vestida á europeia, sômos a desafinação do grupo de viajantes austriacos. E quando parto, deixando quem sabe para sempre, a desolada Viena, tão linda e de unhas tão crescidas, eu constato e anoto no meu livro de notas, que é tambem a primeira vez que faço uma viagem de combolo... com uma turca, de se lhe tirar o chapeu.

ARMANDO FERREIRA

Dr. Orlando Marçal

Foi ontem posto em liberdade o sr. Orlando Marçal por se reconhecer serem infundadas as acusações que lhe faziam como pretencendo a um «complot» contra o sr. presidente do Ministerio.

O MOMENTO

O clamor dos esfomeados

Se o governo quer, realmente, restabelecer a ordem publica necessita de atenuar, pelo menos, uma das causas principais da intranquilidade geral

No discurso que o sr. Cunha Leal pronunciou na sala da Academia de Sciencias expoz-se o programa de suprimir as causas da desordem afim de consolidar a ordem publica. Eis o que se chama falar co o cabeça! Não se cura um doente só pelo ataque aos sintomas da molestia; é mais eficaz procurar as causas do desiquilibrio fisico do individuo e extirpa-las, para que a saude volte florescente. Isto, em patologia, é doutrina assente. Por certo que tambem o é nas agitações épilepticas de que enfermam as sociedades modernas e de que nós portuguezes, tão contaminados, parece que estamos. Se o governo quer, pois, restabelecer a ordem, deve estudar os meios de contraminar as causas principais da intranquilidade publica. E, para isso, não precisa de inventar coisa alguma, bastando-lhe transplantar para terras de Portugal as providencias que no estrangeiro teem sido adoptadas, com bom exito.

Ha uma causa de angustia geral da população citadina, — e falamos só desta porque não temos, na realidade, informações seguras do que, a tal respeito, se passa fóra de portas. A população de Lisboa alimenta-se quasi que ao Deus dará, tal a elevação dos preços a que subiram os generos de primeira necessidade. Já não são apenas afetadas as classes humildes da sociedade, os parias, os infortunados ou os indigentes; a fome entrou nos lares das classes medias e só a não sentem os ricos, aqueles para os quais tanto faz que uma coisa custe um tostão como um escudo. E como estes ultimos constituem uma excepção rara, pode escrever-se sem exagero, que as familias lisboetas definham á falta de alimento, que só é acessivel aos felizes da fortuna.

Eis, presentemente, a causa maxima da desordem, visto que a fome é má conselheira e que, quando ela entra pela porta, foge a virtude pela janela. Concluimos, pois, que o governo precisa de olhar para isto. E' indispensavel dar remedio á situação. Mas como? Façamos o nosso depoimento, como é da logica, porque a censura é apenas destructiva e nós queremos contribuir para a reconstituição da sociedade portuguesa, tão repugnante é ao nosso espirito cruzar passivamente os braços perante o descalabro geral ou concorrer para agravar este por meio da verrina dissolvente ou da intriga insidiosa dos berradores politiqueiros.

❖ ❖ ❖

Foram instituidos os armazens reguladores, que bons serviços teem prestado a uma parte da população da cidade. E dizemos que sómente a uma parte, porque o numero dos armazens é exiguo e estes não podem aliviar, portanto, senão a miseria de uma parte infima da população. E' forçoso multiplicar, até ao maximo possivel, o numero de armazens reguladores, dessiminando-os por todos os bairros, até mesmo em todas as ruas.

A experiencia já demonstrou que os preços comparados dos armazens reguladores com os do chamado comercio livre acusam uma grande diferença, quanto aos primeiros, a favor do publico. A manteiga vende-se nas mercearias a dez escudos o quilo emquanto que nos armazens reguladores é fornecida a pouco mais de quatro escudos. Esta diferença, que é colossal para a economia domestica, mantem-se, pouco mais ou menos, em relação a todos os outros generos de alimentação publica, principalmente naqueles a que se usa chamar de primeira necessidade. E' evidente que se o numero dos armazens reguladores fôr consideravelmente aumentado o custo da vida baixará e a população não sentirá, pelo menos no mesmo grau de acuidade, as torturas da fome. Estude, pois, o governo este problema, encarando-o mesmo sob o aspecto da venda ambulante dos generos, transportados aos bairros excentricos da cidade em camions ou carroças do Estado.

Se não fosse por parecer proposito ironico, chamariamos tambem a atenção da ilustre edilidade lisboeta, porque estamos convencidos que poderia, se soubesse, contribuir dalguma forma para o alivio da miseria de nós todos. A Camara Municipal não concluiu ainda as obras da Santa Engracia que se venera no Rocio, e não temos grande esperança que se possa ocupar, por emquanto, de coisa de pouco mais ou menos monta. Em todo o caso e para descargo de consciencia, sempre lhe vamos fornecer um exemplo.

O lavrador dos arredores de Lisboa vende a hortaliça e mais legumes por preços baixissimos; mas quando a mercadoria chega á venda domiciliaria desta capital de raro mormore e escassissimo granito só é acessivel a peso de escudos. E porquê? E' que o numero de intermediarios é infinito, constituindo um exercito muito mais numeroso, sem comparação, do que aquele que o governo poz no historiquissimo cerco a Lisboa. O caso passa-se assim: o productor vende uma carroçada de hortaliça (por exemplo) ao preço de tostão o quilo; a carroça vem para a praça da Figueira, «onde não pode estacionar senão umas duas horas», sendo, pois, forçoso vende-la ao primeiro intermediario, que a compra em tres lotes, em regra, ao preço de dois tostões o quilo: esses tres lotes são divididos em doze que são vendidos para os logares da praça ao preço de tres tostões o quilo; e os arrendatarios dos logares vendem a hortaliça, aos molhinhos, a um preço dificil de calcular, mas que não é inferior a cinco tostões o quilo. E' natural, por isso, que a hortaliça apareça á porta do consumidor pelo preço usual e que não é inferior a um ou dois ou tres escudos (conforme as distancias) o molho de... meio quilo! Não é dificil de concluir que, se os inefaveis edis do Froutão permitissem o estacionamento das carroças para venda directa ao consumidor, o custo da vida, neste particular baixaria logo alguns mil por cento.

Mas—dir-se-ha—seria um espectaculo indecoroso, improprio duma cidade civilisada, capital esplendorosa do Portugal d'Aquem e d'Alem-mar, esse estendal de carroças hortaliceiras, impedindo a via publica. Nós respondemos que esta Lisboa já nada perde com isso, graças ao estado de immundicies a que foi reduzida. Quem tiver duvida venha aqui, á Praça Luiz de Camões e verificará o sorriso complacente que no Grande Epico desperta a contemplação de estrumeira dos passarinhos, estrumeira que fede como mil diabos, principalmente á hora em que o sol faz o seu oficio de vaporisador...

❖ ❖ ❖

Os armazens reguladores são, pois, um remedio de certa eficacia. O sr. Peres Trancoso procurou desenvolve-los, quando foi dictador das subsistencias.

O ex. ministro do Estado ficou tão convencido da sua propria acção beneficente, que ainda ha poucos dias se lembrou de a avaliar numa quantia qualquer, não pequena. Ao governo, pela pasta da Agricultura, requereu o ilustre homem publico uma gratificação. A petição foi presente em conselho de ministros. O Governo, porem não partilhou o ponto de vista do sr. Peres Trancoso e devolveu-lhe o requerimento, que não era de receber por falta de lei que autorisasse o pagamento.

Acreditamos que o Governo procedeu bem. A Assistencia Publica precisa, realmente de dinheiro para socorrer os indigentes, que são aos milhares. A petição do sr. Peres Trancoso não tinha, pelo visto, fundamento.

O PROBLEMA DO INQUILINATO

Como vai sêr a nova lei

O que nos disse sobre o magno assunto o sr. dr. Vaz Pereira, membro da comissão que está estudando o projecto de reforma

Tinhamos ido ao Ministerio da Justiça para trocarmos com o titular daquela pasta algumas palavras sobre a reforma da lei do inquilinato, mas o sr. dr. Abranches Ferrão escusa-se á entrevista apresentando-nos ao sr. dr. Vaz Pereira, inspector notarial e membro da comissão de estado á lei do inquilinato.

—Fale com o sr. Vaz Pereira—diz o sr. ministro—pois ele melhor do que eu o poderá informar ácerca do tal assunto.

Eis o que nos disse o sr. dr. Vaz Pereira:

—O que lhe vou dizer sobre o projecto em estudo da lei do inquilinato, representa apenas a minha opinião pessoal sobre esse assunto, porquanto ha pontos sobre os quais ha porventura divergencia entre os membros da comissão. Alem disso, como v. sabe, nós não temos nenhumas funções de ordem legislativa e o nosso encargo resume-se a fornecer ao sr. ministro os elementos para o projecto que ele transformará em decreto com força de lei, com as correções que decerto lhe ha de introduzir, ou apresentará nas camaras como projecto de lei. E assim, a minha opinião pouco pode interessar.

—Mas—dizemos nós—v. ex.ª sempre nos poderá dizer o que entende sobre tão magno assunto?

—Parece-me que a questão deve subordinar-se a principios diferentes, conforme se trata de arrendamentos que no futuro se realisem e dos arrendamentos vigentes. «Quanto a estes parece-me que nem as pessoas de orientação mais conservadora lhes quererão aplicar os principios de direito de propriedade em toda a sua amplitude; porque restituir no actual momento social aos proprietarios esse direito, seria sem duvida, provocar a maior das convulsões. Ao direito de propriedade teve sempre de se sobrepôr o direito á vida, e por isso não consideramos revolucionarios nem subversivos os principios excepcionais que hoje vigoram em materia de inquilinato; mas entendemos que esses principios devem restringir o direito de propriedade sómente no necessario para não ferir o direito á vida.

«E assim, não compreendemos que o inquilino se valha da circunstancia de lhe ter sido dado, tacita ou expressamente o direito á sublocação para com isso auferir quaisquer lucros. Em harmonia com este modo de ver, entendo que não deve ser permitida a sublocação das casas para habitação ainda que essa sublocação fosse autorisada no titulo do arrendamento, pois que esse arrendamento, por força do contrato, já ha muito terminou, e se foi prorogado por disposição e força de lei foi apenas para que o inquilino não se visse na rua sem casa, e não para se valer das demais clausulas do contrato e contrariar, assim, sem ser necessario a ordem social, os principios de propriedade, que ainda caracterizam o actual regimen.

—E que nos diz v. ex.ª da imoralidade das ações de despejo de que os tribunais estão cheios?

—A maior parte dessas ações baseiam-se em protestos futeis e em alçapões abertos pela lei que é preciso, tanto quanto possivel, remediar. E assim é que a comissão parece estar disposta a reduzir consideravelmente o numero de processos de despejo por falta de pagamento de rendas. O que parece poder-se obter dando ao inquilino o direito de ir depositar ao Tribunal, depois da ação instaurada, a renda em debito; e para compensar o senhorio do prejuizo que teve com esse atrazo, pensa-se em lhe dar neste caso o direito ao duplo ou ao triplo da renda acrescido, é claro, das despezas judiciais.

«E não se diga que os senhorios se poderão valer desta disposição para se esquivarem a receber a renda e terem jus, por esta forma, á essa indemnisação, pois que continua a ser licito aos inquilinos o depositar a renda como até agora.

«Ha tambem muitas questões nos tribunais baseadas em pretextos futeis, de que os senhorios se servem para requerer despejo, invocando a circunstancia de os predios serem utilisados para fim diferente daquele que consta do respectivo titulo. E' frequente requerer-se despejo contra um medico porque recebe uma vez ou duas, clientes em sua casa, autorisando apenas o arrendamento que a casa fosse só para habitação; e o mesmo acontece com certos individuos que cometem «o crime» de uma vez ou outra escreverem a sua profissão de alfaiate, sapateiro, etc. em sua casa, sem que com isso encomodem a vizinhança.

«E' certo que essas ações, em geral não teem vingado nos nossos tribunais, o que não obsta a que dê origem a canceiras aos inquilinos que precisam de se defender.

«Ora a meu vêr, a disposição da lei que se presta a isto deve ser modificada no sentido de que só dê motivos ao despejo o uso do predio para fim diverso do que consta do contrato, etc «quando desse uso resulte, directa ou indirectamente, prejuizo para o predio ou prejuizo ou incomodo para o senhorio ou para a vizinhança».

«A disposição que hoje vigora não faz mais do que entravar a atividade industrial sem lucro para ninguem, e parece que a missão da lei seria fomentar essa actividade em vez de a reprimir.

Rendez-vous

Ela é loira e tem vinte e trez anos; ele é palido e tem a mesma edade. E' numa pequenina sala, estilo inglês de seda verde, no mesmo «Maple» onde todas as manhãs costuma ler o «Times» e tomar a sua chavena de café com leite, o elegante conde de ... que eles vão esconder todas as quintas-feiras, na luz vagamente doirada das cinco horas, o seu «rendez vous blanc». Conversam muito sempre e tomam sempre chá—um chá verde, aromatico, delicioso, servido num «tête-a-tête» de Japão por um velho creado, evangelicamente calvo e discreptamente surdo. Colecionam beijos com a mesma volupia com que a Marqueza de Viana colecionava relogios. Ele tem já um album cheio de beijos dela; ela tem já um album cheio dos beijos dele—que guarda religiosamente como quem guarda uma coleção de selos. Todos os «rendez-vous» são assim—idilios de bocas que se unem, de frazes que se trocam, de mãos que se entrelaçam. O interessante é que todas quintas-feiras, na luz vagamente doirada das cinco horas, esse par delicioso entorna, a certa altura, pelo menos, uma chicara de chá... E nós que não sabemos bem porquê dizemos sempre, sorrindo de malicia:

—As raparigas de hoje são assim...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

A ceia dos Diplomatas

Num paiz balkanico onde ha erupções vulcanicas e dinamitistas. Restaurant barato. Salão abrindo sobre um jardim com roseiras secas. Decoração dos Gobelins. Moveis em branco, forrados a seda azul. Anjos rindo pelos tectos.

UM DIPLOMATA
UM CONSUL GERAL
UM CONSUL DE 3.ª

DIPLOMATA

E' amanhã então que sai essa reforma!?
Eu vejo agora bem, como é que desta forma
Vamos ganhar dinheiro! A grande solução
A patria descobriu a sua salvação

CONSUL GERAL

O que vamos fazer. Imaginai agora
Ganhei um novo posto! Ah, bemdita a aurora
Desse novo Pombal que descobriu a luz
Que pelo mundo inteiro enleva e nos conduz
Nós podemos falar. Nós somos o futuro
O que se torna tristo, o que é louco, o que é duro
E' não nos dareis mais em ouro e gerarquia
Mas eu vou expandir e chegará o dia.

CONSUL DE 3.ª (*Servindo Vinhos*)

Bordeus, ou outro porto!?

DIPLOMATA

Oh! Malaga ou Pauz
Com champagne e Xerez eu sempre fui feliz

CONSUL DE 3.ª

Vamos então cear. Sabem que tenho fome

DIPLOMATA

Então se quer comer; olhe, meu caro, tome
Vamos saborear a carta da Europa
E' muito para nós, mas o resto da tropa
Limita-se a comer o que nós não quizermos
E terão de gramar tudo o que nós fizermos
Que lhe parece amigo?

CONSUL DE 3.ª (*Servindo*)

Anvers! Paris? Berlim!
Um pouco de Washington. Não vai melhor assim?

CONSUL GERAL

A questão é pagar, é sempre essa questão
Que me fez dedicar com grande devoção
A toda esta embrulhada onde vamos entrar
Eu cá sou pela lei e tenho o meu concurso.

CONSUL DE 3.ª

Do que serve isso assim? E' seguir como um urso.
Eu sou technico, sabe?

DIPLOMATA

Eu amo a discussão
O Genio é superior a toda esta questão
Ainda se ha-de ver dum guarda na fronteira
Fazer um diplomata ou consul de carreira
Eu queria ser ministro, a reforma faria
E num decreto novo, original daria
Em duas linhas só como se deve entrar
Qual é o nosso dever, como se deve amar
Uma mulher gentil, e pôr a flor ao peito
Então podiam ver o codigo desfeito
Serviços bastarão em paiz estrangeiro
Ter-se arrojo, ignorancia e ser-se aventureiro
E' bom, ainda assim, lembrar essa carreira
Onde tanto escrevi, fizemos tanta asneira
Desta festa o melhor são longos relatorios
Que provocam o sono e são uns vomitorios
De contas! Pastelão! sem nexo, e estatistico
Ah, a tesoura a cortar bordando a estatistica
Bastará procurar; aqui e alem, depois misturar, trabalhar...

CONSUL GERAL (*Tapando o rosto*)

Mas senhor, por quem sois!

DIPLOMATA (*cortando*)

Depois distribuir por cada associação
Fazendo por ganhar alta consideração
Quanto papel gastei, guardado no arquivo
Ah! sinto-me imortal. Estarei sempre vivo!

CONSUL GERAL

Não ha para brilhar como um bom Consulado

DIPLOMATA

Não diga essa tolice. Isso pode dar brado.
Se fosse a legação em trabalho profundo
Só poder declarar a guerra a todo o mundo
Alta preocupação! E mais eu citaria.

CONSUL GERAL

Ah não me diga mais. Eu sei o que faria.
Senhor! um relatorio é caso p'ra pensar
Talvez nunca os fizesse, eu posso imaginar
Emfim, só conhecer o preço do feijão
Onde ha vinho barato! O preço do carvão.
Isto tudo em prosa elegante e com unto
Que nos faz bem perder, por vezes, o bestunto
Emquanto que, senhor, essa diplomacia
Faz-nos uma dorsita e vamos á bacia.
Se quizesse contar! Que dolorosas chagas
Que Batalha tão cara e sem peça ou adagas
Que vejo neste mundo ao rugir do leão
Que se agarra ao seu posto e gane como um cão.
Que mal! Tuberculose! Até o proprio leite
Está falsificado! E já não dá azeite
A Oliveira em flor! Por vezes um ferrão
Entranha-se na carne e fere o coração.
E todo este vai-vem nesta louca baralha
Por isso, é registar o custo da Batalha
Julgo demais preciso abrir passo a Machado
Talvez que de nascença estivesse rachado
Tenha paciencia agora. O amigo não gosta
Veja como Madrid já deu tambem á costa
Como vê, isto assim, não é já b[...] ado ra
Eu não ando no ar, como fosse bandeira
Sobre isto senhor eu vejo uma negrura
Avançar! Avançar! hostil e com secura.

CONSUL DE 3.ª

Mas meu senhor, então...

CONSUL GERAL

Eu lhe digo! Eu lhe digo
Tomam tudo d'assalto e chamam lhes um figo.
Diplomatas do figo e negros e parceiros
Da sombra, vejo-os vir gatsar loucos dinheiros
E' um nunca acabar de serviços prestados
Desta obra genial ficamos espantados
Ah! Talento! Talento! A quem falta esse ar
A cabeça é que é pouca. O resto faz andar
Quanto ao serviço audaz desta diplomacia
Se não fossemos, nós, consules, que seria
Dos chefes de missão.

DIPLOMATA

O quê! Que vai dizer
Dá-me vontade amigo de o mandar

CONSUL DE 3.ª (*cortando*)

Suster!
Esta grande questão. Não haja divergencias
Eu sinto o genio, a luz, de Vossas Eminencias
Mas vejo em tudo isto é que não teem razão
Quem vem a este paiz para salvar a nação
O futurismo mata o estro, as belas artes
Que resolve o problema e todas as mais partes
Sou eu que dizeis sós?!

CONSUL GERAL (*com saudade*)

Ah os tempos antigos
Em que para viajar se afrontavam mil perigos
Quantas vezes ficaram as mais belas lembranças
Nós todos, não quer crer, só vivemos d'esperanças
Lembra-se?! Desse tempo eu só guardei saudade
Sejamos pois em paz

DIPLOMATA

E' verdade! E' verdade!
Contemos todos nós as heroicas façanhas
Que a historia guardará, as nossas proprias manhas
Lembrar a mocidade é remoçar um pouco
A velhice que a aterra

CONSUL GERAL

O chefe está louco

DIPLOMATA

Antigamente a arte animava a carreira
Eu lembra-me ainda bem, da minha derradeira
Proeza de senhor. Eu atacava tudo
A guerra dependia dum gesto, sobretudo
Era sempre o terror. Estivera em Hamburgo
E fôra examidar a Corte a Petersburgo
Não pode imaginar o que lá fez!

CONSUL DE 3.ª

Venceu?

DIPLOMATA

Toda a gente dizia. Diplomata só eu!
Mesmo em pleno salão, ouvia voz tremente
Chamando-me com medo! e voltei, de repente
O rosto com desdem. Vira o imperador
Que olhava para mim todo cheio de terror
Deixava os outros reis vinha falar comigo!
Ah nunca tive, nunca, um tão ilustre amigo.
Era sempre um poder. Faziam-me a vontade
Eu era para temer na minha gravidade.
O czar, serviçal, das minhas ambições
Deixava-me mandar em todas as acções
Não havia ninguem para fazer tratados
Os reis, do meu valor ficavam aterrados
Impavido e feliz eu impunha respeito
Por isso é que criei a doença do peito

CONSUL GERAL

Gastou-se no amor?!

DIPLOMATA

Havia uma Rainha
Que me jurou paixão, que seria só minha
Esteve para haver uma revolução
Eu não queria ser rei, não tinha essa tenção
E por fim acabei esse amor infeliz
Troquei-a logo assim por uma imperatriz
Dessa posso falar, e ainda me faz pena
Nunca houve entre nós, a questão mais pequena
Que tristeza que faz

CONSUL DE 3.ª

Tambem eu hei-de ter
Muito linda mulher para bem as...

CONSUL GERAL (*cortando*)

Conter!
Não estamos nós, emfim, no reino da expansão
Economica e tal?! um pouco de paixão
Não faz mal á carreira. Eu sou um sensual

DIPLOMATA

Tenha cuidado, amigo. A's vezes é fatal.
Vou-lhe agora narrar que numa ocasião
Em que loura mulher me enchera de...

CONSUL DE 3.ª

Então!
Não conte o seu amor que nos faz aquecer
Em vez da expansão não sei que vou fazer.

DIPLOMATA

Faça amigo o que eu fiz e deixe lá o resto
Eu para essa afeição nervosa já não presto
Mas emfim ainda faço uma nota, um oficio
E' sempre esta missão que nos destroe o vicio
E os climas fataes!?

CONSUL GERAL

Não me fale de tal.
Mesmo quando estou bem, eu falo sem-mal,
Convem sempre chorar um grande sacrificio
Não conheçamos nós o que é este oficio
E falta de dinheiro?! E' um nunca acabar.
Eu tambem vou dizer, tambem vos vou contar
Nos postos que segui e sempre triunfei
Como a colonia amava o consul. Já nem sei
Os triunfos que tive uma grande homenagem
Atapetado o chão de flores á passagem
Não cheguei a fazer grandes economias
Tive luvas! Pois sim - Mas não todos os dias
Mensagens nem contar.

DIPLOMATA

E' bem facil fazer
Encarrega-se alguem da ideia e é ver,
Tudo vem assinar

CONSUL GERAL

Depois no meu paiz
Falava com orgulho e erguia o nariz
Os serviços! Valor! Para uma promoção
Censurava o ministro e fazia questão.
Enviava o jornal que de mim bem falasse
P'ra que no Ministerio este caso constasse
Pedia desta vez aumento de ordenado
Seis mezes de licença e á custa do Estado
Viajar! Viajar! *Triste* mas que infeliz carreira!
Não posso mais contar. Abafo de canseira
Eu vi o que servia a sua legação
Chagas! Chagas d'oficio! e a minha intenção
Era de protestar contra o que se fazia
Todos devem comer! Eu nisso não comia.
Arranjadas por mim, tive horas imortaes
E o retrato em pose em todos os jornaes
Eu bem sei que pagava e sempre conseguia.
Sob o meu nome usava essas academias
Sociedades de Sport, Danças, Geografias
E lá fora, ora ver, como dava imponencia
Bem pode imaginar. Veja vossa eminencia
Ah! arranjei tambem o habito de Cristo
Se pudesse Jesus vir cá abaixo, ver isto!
E mesmo Santiago! E' um nunca acabar
O que soube vencer para me celebrisar.
Em habitos, nem conto. Eu cá dos meus, nem falo.
Não são lá muito bons. Qu'importa não me ralo.
Que a minha ambição vivesse á luz do dia
Fazia acreditar em meritos bastantes
E desaparecer o burro que eras dantes.
Eu vou purificar esta nossa missão
De habitar o corpo á falada expansão.
Estas provas dapreço encheram-me de dor
O colega, é tambem, creio comendador?!

DIPLOMATA (*desdenhoso*)

São tantos os crachás, são tantas as gran-cruzes
Que não sei que fazer, que não sei, se as use
São coisas dagradar quando se é rapaz

CONSUL DE 3.ª

Porque as não põe, senhor penduradas detraz?!
Eu cá arranjaria um uso especial
Que poderia dar brado até em Portugal
Não houve já alguem por nós agraciado
Que foi condecorar com elas o creado?!

CONSUL GERAL

Então! Não diga tal! Isso é por não saber
As honras que nos dão, lá fóra! Olhe! vai ver,

DIPLOMATA (*batendo-lhe na perna*)

E mesmo é dagradar Aumenta a expansão

CONSUL DE 3.ª (*afastando-se*)

Pois sim! Pois sim! Pois sim! mas tire lá a mão!

DIPLOMATA

Eu ainda hei-de escrever a turbulenta historia
Da nossa convulsão, de que não ha memoria
A ambição que avança, o salto da janela,
Que esta vida nos tem aberto com chancela,
A nossa sociedade amando moribunda
Os idolos de lama a colisão profunda.
A dôr deste paiz, a hora derradeira
Trabalhando na sombra a insidia estrangeira.
Crimes sem punição, grandes incompetencias
Governando a nação, todas as insolencias
Da Republica e mais, toda a politiquice
Que leva este paiz ao crime e á tolice
A morte combinada em cinismo e frieza

CONSUL GERAL

Republica?! Mas qual?!

DIPLOMATA

Talvez, a de Veneza
Ha muito que narrar

CONSUL GERAL (*ao consul de 3.ª absorto*)

Em que pensa Cardeal?

CONSUL DE 3.ª

Em como o feijão branco é caro em Portugal
Eu tambem vou contar, pobres aspirações
Que ha-de comover os feros corações
Toda a minha expansão tão cheia de verdade
Que me leva a seguir esta calamidade
Vão-nos pagar melhor. Esta vida mudou
Mas antes de partir, mostrarei onde vou
Semear! Expandir! E' uma outra carreira
Farei exposição. E vou fazer uma feira
Sobre gado lhe digo; eu posso bem falar
Não andasse constante e sempre a examinar
Eu vivo do progresso e vê desta maneira
Trarei a nova luz a esta sã carreira.
Serei tudo que quero e serei embaixador
Pode bem esperar deste meu grande amor
Porque neste paiz, apesar dos disparates
Ha muita coisa sã, magnificos tomates
Imagina? Quer ver?

DIPLOMATA (*afastando se*)

Não tenho essa tenção
Não me pode interessar a sua exposição
Faça como quizer.

CONSUL DE 3.ª

Specimens de pepino?

DIPLOMATA

Disso gostei demais quando era menino
São lembranças d'amor, fazem-me entretecer.
Agora a bem pensar, nem já os posso ver
Sinto uma irritação e começo a chorar
O tempo de rapaz em que os ia apanhar
Depois desse trabalho e que fui diplomata
Tempos! Vi-me metido em tanta carrapata
Vivia em casa dum, com outro ia cear
Andei cá nesta vida, ás vezes, sem pagar
Fustigando-os por cima em prosa, com teanra
Jornalista o meu pulso era de ferradura
Não pode imaginar o que sou delicado
Todo o meu sentimento.

CONSUL GERAL (*fazendo baid*)

Olá, tenha cuidado!
Ao impeto feroz deve-se pôr um freio
Não pensa assim agora?

DIPLOMATA

Oh não tenha receio
Estes fofos sofás da minha legação
Fizeram-me caiar. Adormeci então.

CONSUL DE 3.ª

Ser diplomata assim, é como um reformado
A quem umbom calor deixou aconchegado
Pouco lhe importa então o futuro da raça
Eu sei que esta carreira, é feita de chalaça
Ah, não tenho outro fim, outro ponto de vista
O galo quando é novo erguerá sempre a crista
Eu cá vou triunfar. Tenho o entusiasmo.
Não me aterra lutar, não me aterra o sarcasmo
Esta reforma foi um passo que nos deu
A chave de vencer; Quem triunfou, fui eu!
A vida está pr'a nós e pr'a vós acabou.

DIPLOMATA

Foi ele de nós trez aquele que ganhou.

Incognito.

A Provincia na "Capital,,

ALMADA, 5.—Realisou-se a experiencia oficial da iluminação electrica, dando esplendido resultado. Por este motivo, num restaurante desta vila reuniram-se numa festa varios municipes e os vereadores srs. Alfredo Simões Pimenta, Raul Flores e Manuel Parado, membros da comissão executiva.

Nota-se grande entusiasmo —(C.)

COIMBRA, 5. — Faleceu em Pampilhosa do Botão o empregado dos caminhos de ferro Antonio de Almeida, irmão dos comerciantes das praças de Lisboa e Coimbra, Almeida Junior e Manoel de Almeida e sobrinho do ilustre professor Mauricio de Oliveira. A sua morte foi muito sentida. Enviamos condolencias a toda a familia.—(H).

Ecos & Noticias

ANIVERSARIO

Faz amanhã dois anos a gentilissima menina, Gabriela Maria Pinto d'Almeida, filha da sr.a D. Julieta Pinto d'Almeida e do nosso camarada de imprensa sr. Joao Pinto d'Almeida. Os nossos parabens.

Factos e palavras

... DA SALOMÉ

Trata se da celebre Salomé, mas não se trata de nenhuma Salomé célebre.

Trata-se da celebre Salomé posta em film pela Phoenix com grande aparato, um luxo oriental, uma riqueza desmedida.

Não vou discutir se a interpretração é aqui la que em novos espiritos vivia. Estou mesmo convencido que muitas desilusões hão de ter surgido acerca da perversa Salomé.

Tão pouco vou discutir sobre o valor real do film, sobre a sua «mise-en-scéne», sobre as atitudes dos artistas que a interpretam.

Contra o habitual não direi de que maneira a protagonista põe as mãos, os pés, revira os olhos, alteia o seio.

Apenas quero notar as barbaridades dignas daquele seculo, cometidas pelo tradutor.

Eu não compreendo bem qual o fim que ele pretendeu atingir, fazendo daquele modo a tradução. Se foi o desejo de produzir a gargalhada, conseguiu. Assim como conseguiu em duas penadas dar ao publico por momentos a impressão de que a Salomé não passava duma mulher dos nossos dias, S. João Batista um conspirador politico, e as masmorras de Herodes dum calabouço do governo civil rodeado por agentes da P. S. E.

Assim, quando Salomé a meio do barbaro e orgiaco banquete vai contemplar do alto da masmorra a figura iluminada de S. João Batista, mordida pelo desdem daquele homem extranho, cuja figura a fascinava, encontra um guarda.

Curto dialogo.

Salomé arrogante, hieratica, senhora do seu querer do amador, declara:

—Quero falar com o Batista.

O guarda, fiel cumpridor das ordens recebidas responde:

—Não póde ser. Está incomunicavel.

O que o tradutor nos não diz é se Salomé para conseguir falar com o santo prisioneiro teve alguma entrevista com o sr. presidente do Ministerio ou se teve para isso autorisação do sr. dr. Barbosa Viana.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

O jornal «O Tempo» publicou uma edição especial pelo Ano Novo. Muito agradecemos a oferta do exemplar oferecido a esta redação.

❖ ❖ ❖

Segundo um telegrama de «Philadelphia Public Ledger» o engenheiro de minas americano, sr. Gardner, descobriu em Marrocos depositos de cobre de pelo menos 100 quilometros e talvez 300 quilometros de extensão. O sr. Gardner, com outros engenheiros, disfarçados em naturais do paiz, teem andado a explora-lo e dizem que o cobre á vista, nos depositos que encontraram, pode-se calcular num quarto de milhão de toneladas, assim como reputam o valor do cobre das minas que descobriram suficiente para pagar toda a divida de guerra da França.

❖ ❖ ❖

Os telegramas que o «Dail Mail» recebeu dos seus correspondentes nas principais cidades da Europa, tornam bem evidente o facto do ano de 1922 se apresentar com todas as aparencias de um melhor desenvolvimento de comercio internacional.

❖ ❖ ❖

A comissão dos negociantes de Inglaterra e da França que se reuniram em Paris, esboçaram um projeto para ser apresentado ao Conselho Supremo que se reune em Cannes a fim de se angariarem os creditos necessarios para a restauração da vida economica e industrial da Europa, afetada pela guerra. O projeto consiste na formação de Uma Corporation Industrial com o capital de 20 milhões de libras, no qual a Inglaterra, a França, os Estados-Unidos e a Alemanha entrariam com partes iguais, sendo o seu primeiro trabalho a reorganisação do sistema de comunicações e as facilidades de trabalho.

❖ ❖ ❖

Na semana passada houve na Bolsa de Londres uma grande revivescencia na especulação sobre valores russos, sobretudo nos das companhias mineiras e das com petroleo. Esta revivescencia é atribuida á mudança de politica do governo dos soviets sobre os assuntos economicos. Estão-se preparando negociações para que de novo as minas da Siberia entrem na posse dos seus antigos proprietarios.

Se se conseguir com sessões na Russia Asiatica um resultado de modificação da atitude do governo, serão em breve recomeçados os trabalhos nas minas que pertenciam a companhias inglezas antes da revolução russa.

PELO TELEGRAFO

A conferencia de Cannes

As negociações tornar-se-hão dificeis

BERLIM, 6.—A imprensa franceza considera as controversias sobre a politica mundial, entre a Inglaterra e a França na vespera da conferencia de Cannes, surpreendentemente enraizadas o prevê que as negociações se tornarão muito dificeis.

As controversias existem sobre os armamentos, sobre os submarinos, sobre a questão da Russia e bem assim sobre a questão financeira e economica mundial e ainda sobre outros problemas. A imprensa duvida se poderão ser resolvidas com uma outra «entente».

O correspondente Londrino do «Corriere della Sera» confirma que as divergencias franco-inglesas são mais serias do que se supõe. Esse jornal diz que a França é especialmente atingida pelo programa do sr. Lloyd George para a reconstrução da Russia, que se julga ter sido provocado pelo sr. Rathenau, sendo, portanto, considerado pela França, como um projecto alemão.

A «Westminster Gazette» diz que a França, devido a sua atitude de imperialismo perdeu muitas simpatias o ano passado.

Aparentemente a Inglaterra deseja fazer concessões um tanto largas sobre o problema das reparações para habilitar a Alemanha a fortificar a sua situação durante 1922, mas exige garantias financeiras e de segurança que incluem a reorganisação do «Reichsbank», a reforma do orçamento e um «controle» mais severo, e assim a posição do Governo alemão não se tornará mais facil.

Por consequencia a imprensa alemã toma, como até aqui, uma atitude de pessimismo em virtude dos acontecimentos que se estão desenrolando, emquanto que na Bolsa de Berlim a cotação do marco chegou novamente a atingir por cada dolar 200 marcos. —(R.)

Briand e Lloyd George chegaram a um acordo

CANNES, 6.—Os srs. Lloyd George e Briand conferenciaram demoradamente e chegaram a um acordo sobre as condições da convocação da conferencia economica internacional e fixaram o programa desta, da qual são formalmente excluidas as questões politicas. A conferencia que é apenas economica e financeira, procurará sobretudo melhorar os cambios, activar as trocas comerciais e regulamentar o mercado mundial. Naturalmente a Alemanha e a Russia serão convidadas a fazerem-se representar, mas com relação á Russia isso não implicaria de forma alguma o reconhecimento dos soviets. E' provavel que a America tambem se faça representar, quanto mais não seja por um observador.—(R.)

A conferencia do desarmamento

Vai ficar resolvida a questão dos submarinos

PARIS, 6.—Ha grandes esperanças de que o desgraçado episodio dos submarinos termine com satisfação de todos em Washington. Um projecto de que se fala poderia muito bem ser aceite como base de discussão entre a França e a Inglaterra. A importancia de uma esquadra submarina para a França liga-se, sobretudo, com o Mediterraneo, podendo por tanto a acção da sua frota submarina limitar-se a esse mar, servindo de traço de união entre a França e as suas colonias norte africanas. Em troca exigir-se-ia á Inglaterra que tomasse para com a França o compromisso existente antes da guerra, de proteger as costas francezas do norte e do ocidente.

Este acordo dissiparia toda a ideia reservada de que uma esquadra de submarinos francezes poderia ser, num dado momento, uma ameaça contra as ilhas britanicas.—(Lit. Am.)

MUSICA

Saint-Saens, Viana da Motta, Pedro Blanch

Como se tem feito em todos os centros musicaes do estrangeiro, a «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, a mais antiga, a mais notavel orquestra portugueza, a de maiores tradições artisticas e composta dos mais distintos professores dedica o concerto de domingo, que é extraordinario, em homenagem ao celebre compositor Saint-Saens, tomando parte pela unica vez o grande pianista Viana da Motta que executa o «Concerto n.º 5 em fá maior», com orquestra, a qual executará em 1.ª audição a «Marcha de Synoles» da opera «Henry VIII», a «Tarantelle» para flauta e clarinete sendo solistas os professores J. Henriques dos Santos e A. Grazina, a «Dansa Macabra», o «Rouet d'Omphale», alguns numeros da «Suite algerienne» e outras obras.

ULTIMA HORA

Porque foi preso o sr. general Gomes da Costa

Como o nosso jornal estava a fechar não pudémos dizer hontem aos leitores de «A Capital» os motivos da prisão do sr. general Gomes da Costa.

Este oficial deu, como se sabe duas entrevistas comentando os ultimos acontecimentos, a dois jornais da tarde.

O sr. ministro da Guerra entendeu que devia inquerir do proprio entrevistado sobre a veracidade das palavras que lhe eram atribuidas. O sr. Gomes da Costa respondeu que á parte a troca de dois nomes tudo o que vinha nesses jornais era a expressão fiel do que dissera; então o sr. coronel Freiria fez ver ao sr. general Gomes da Costa a necessidade de assinar uma declaração retratando-se de tudo quanto afirmára, ao que o sr. Gomes da Costa se recusou.

Hontem por volta das 16 horas como o general antigo comandante do exercito portuguez em França fosse ao Ministerio da Guerra, foi prevenido por um dos secretarios do sr. coronel Freiria que este lhe desejava falar. O titular da pasta da Guerra insistiu com o sr. Gomes da Costa para que este assinasse a declaração; novamente a resposta foi uma recusa o que levou o sr. coronel Freiria a castigar com vinte dias de detenção em Caxias, o antigo comandante do corpo expedicionario portuguez á França.

Sabemos que o sr. Gomes da Costa está na disposição de abandonar a politica.

Ourivesaria assaltada

Um roubo de 20 contos

Os gatunos assaltaram ás primeiras horas da manhã de hoje a ourivesaria relojoaria «Dragão de prata», sita na rua Eugenio dos Santos, 17 e 19, levando dali objetos de ouro furtados duma vitrine, na importancia aproximada de 20 contos.

Os assaltantes cortaram habilmente com uma tesoura a porta ondulada do referido estabelecimento por onde entraram depois.

Pelas 6 horas da manhã passando por ali o sr. Antonio Maria Fernandes, amigo do proprietario do «Dragão de prata», teve logo a suspeita que o estabelecimento fôra assaltado.

Na suposição de que os gatunos ainda ali se encontrassem, puxa da pistola que consigo trazia, verificando assim que de facto eles já haviam retirado. Em seguida chamou pelo sr. Roque Freire, proprietario da ourivesaria, participando-lhe o roubo de que tinha sido victima.

Imediatamente prevenida a policia do roubo cometido, foram as investigações entregues aos agentes da policia de investigação criminal, srs. Serra e Pimentel.

Pouco depois havia conhecimento de que dois dos larapios se encontravam já nas mãos da policia.

De facto, como dois dos assaltantes, ao passarem no Alto do Pina, se tornassem suspeitos ao guarda ali de serviço, este conduziu-os á respectiva esquadra para os interrogar, verificando-se então que levavam comsigo grande numero de objectos de ouro, que mais tarde se soube tratar-se do furto praticado na rua Eugenio dos Santos. Aos gatunos presos, que teem já um longo cadastro, foram encontrados objectos na importancia de 15 contos, tendo confessado que haviam sido em numero de tres os individuos que assaltaram o Dragão de prata.

Questões do dia

Os novos impostos, distribuidos pela forma simplista dos cegos que dão pancada, começaram a levantar graves clamores.—Ha casos verdadeiramente espantosos!...

Ha gente que repete incessantemente, que o parlamento bi-dissolvido (para não dizer que o foi trez vezes) nada produziu, gastando todo o tempo em retaliações politiqueiras. Não ha nada menos verdadeiro. O congresso, pelo contrario, trabalhou tão bem ou tão mal, que os contribuintes estão agora a sentir os efeitos das portentosas congeminações legisliferas dos ilustres Paes da Patria, gloriosos representantes do povo pagante e não bufante. E' que somente agora chegou o momento de alargar os cordões á bolsa e pôr ali no balcão do recebedor das contribuições os escudos, aos centos e aos milhares, com que cada qual tem que esportular. Já os politicos se aproveitam desta circunstancia para lançar sobre o sr. Cunha Leal as responsabilidades de sangueira pecuniaria, visto que, segundo diz a sabedoria do povo, o sangue é dinheiro. A verdade, porem, é que o sr. Cunha Leal tem a tal respeito, a responsabilidade de Pilatas, porque, como este e em tempo devido lavou as mãos, a lei da exaustão do pé de meia burguez é obra do sr. Barros Queiroz, segundo o diploma que ele fez discutir e aprovar, apesar da oposição do sr. Cunha Leal. Assim é que está certo.

A tal lei era e é simplesmente inexequivel, tal a voracidade com que se atira á bolsa dos contribuintes. Para exemplo, basta isto: um predio rende mil escudos; a contribuição, com alcavalas futuristas, passou a ser de mil e quinhentos escudos; o Estado arrecada os mil escudos do proprietario, que fica sem nada, e recebe os restantes 500 escudos do inquilino. Oh cerebros portentosos dos nossos legisladores bi-dissolvidos, que resistis a tudo, até mesmo aos raios que o Pai dos Deuses dispara contra a terra!...

Mas a lei isenta os predios de rendas mensais até cincoenta escudos. De modo que, está-se já a ver o resultado final de tão sabia medida: dentro em pouco não ha rendas superiores a cincoenta escudos, visto que o do interesse mutuo do inquilino e senhorio inventarem uma formula legal de ficar ao segundo garantido, por baixo da mão o pagamento do excesso.

Nós entendemos que se o governo, e, principalmente, o sr. Ministro das Finanças, não querem ver-se, em breve, perante o problema, quasi insoluvel, duma greve de contribuintes, devem vigiar, com muita atenção, a marcha da cobrança dos novos impostos. Se o não fizerem, poderão ser surprehendidos por males irremediaveis!...»

A explosão das bombas na C. G. T.

Consideram-se quasi concluidas as investigações acerca da explosão de bombas na C. G. T..

As 13 bombas apreendidas nas salas do edificio da C. G. T. foram enviadas, hoje ao Arsenal do Exercito, onde lhes será feita a respetiva analise.

Os inqueritos

O contra almirante Silveira Moreno esteve ouvindo hoje um cabo de marinheiros sobre as mortes da noite de 19 de Outubro.

CRONICA SCIENTIFICA

O direito aereo

O que foi o congresso internacional de Monaco

O «comité» juridico internacional da navegação aerea, fundado em 1911 por alguns jurisconsultos, sob a presidencia honoraria do Alexandre Millerand, e cuja actividade fôra suspensa pela guerra, acaba de retomar o curso dos seus trabalhos. Quinze governos, entre os quais os Estados-Unidos, a Belgica, a França, a Italia e o Japão fizeram-se representar oficialmente no congresso. O secretario geral da Sociedade das Nações delegou um dos seus colaboradores para seguir «ad audiendum» as deliberações. Aberta em Monaco em 19 de dezembro sob a alta protecção do principe, cuja divisa é «ex abyssis ad alta», a sessão foi inaugurada pelo ministro de Estado do principado, Leo Bourdo. Desenrolou-se sob a presidencia do professor de Lapradelle em deliberações de um alto interesse pratico, graças ao concurso de eminentes personalidades do mundo juridico: Clunet, Talamon, Sycee, Zubrecq, Dionsy, (França), Waterbeek, Mailer, (Paizes Baixos), Perourne (Gran-Bretanha); os professores Cagliolo (Italia); Pittard (Suissa), Holza (Tcheco-Slovakia), Rippert, Cohendy, Hamel, universidades de Pariz, São e Caen, Henri Couannier, instituto dos altos estudos internacionais; magistrados, entre os quais Roupis, consulheiro do tribunal de Athena; armadores, entre os quais Canali, presidente do «comité» dos armadores maritimos de Genova; jurisconsultos aviadores, o coronel Poceio (Italia), os tenentes Zieffy (Belgica) e Pelagaud (França).

Foram lidas duas estatisticas, uma por Harry Conannier, sobre a conducta relativa á navegação aerea de 13 de outubro de 1919, outra do professor Pittard, sobre o projecto do Codigo do professor Pittard, suspenso em 1913 no congresso precedente, projecto que tinha por fim pôr-se de acordo com os progressos tecnicos levados a efeito.

Por unanimidade das nacionalidades representadas, menos os Estados-Unidos que, encontrando em varios pontos da convenção de 13 de outubro de 1919 menções á Sociedade das Nações, julgaram, por tal razão—mas al rezão sómente—dever abster-se.

O congresso, após um exame profundo, não hesitou em expressar o seu voto formal que os governos tomassem, o mais promptamente possivel, todas as medidas uteis á convenção em vigor.

No que respeita ao projecto de Codigo do ar, cuja primeira parte fôra suspensa em 1913, fizeram-se-lhe muitas modificações de forma e de fundo: fôra o caso de necessidade, as aeronaves só poderão aterrar nos aerodromos abertos ao publico, emquanto em 1913 reconhecia-se-lhe tal direito com toda a liberdade, salvo nas propriedades fechadas.

Mas, por outro lado, o principio que a nacionalidade da aeronave deve ser determinada pela do proprietario, e que em caso de co-proprietarios de 2/3, pelo menos, dos co-proprietarios, devem ter a mesma nacionalidade, para acompanhar a aeronave, foram estrictamente mantidos.

O congresso expressou igualmente o voto porque o seguro seja obrigatorio, tanto o pessoal como o material. Emfim, sobre a legitimidade das clausulas de responsabilidade do conductor aereo, travou-se vivo debate. Uns, como o professor Cagliolo, pediam a anulação; outros, como o professor Rippest, reclamavam o seu rigor. Emfim, quando na ultima fase dos seus trabalhos, o congresso abordou a questão dos seguros aereos, foram apresentadas considerações de muito alto interesse sobre o privilegio da hypotheca da aeronave pelos professores Hamel (Caen), Rippert (Pariz) Cohendy (Lião); mas foram tantos os apertos que a questão foi adiada para estudo, assim como a das condições que devem responder as Sociedades para se ser proprietario de aeronaves, para o proximo congresso.

TEATRO

Noticiario

O actor Alves da Cunha foi convidado por uma grande empreza cinematografica para filmar um trabalho de grande espectaculo.

—Já está concluido o film «O Rei da Força» interpretação do nosso redactor sportivo sr. Ruy da Cunha, o qual deve ser exibido nos principios do proximo mez.

—Um grupo de grandes capitalistas do Porto pensa em organisar uma empreza para explorar dois teatros, um em Lisboa e outro no Porto, formando uma companhia com os melhores elementos de declamação que andam dispersos pelos varios teatros.

—No proximo dia 8, domingo, que no Teatro dos Anjos, faz a sua 2.ª apresentação a companhia infantil que tanto sucesso fez no Teatro Avenida. Representa duas operetas e numeros de variedade.

—São cinco os numeros com que vai ser ampliada a revista «Bichinha Gata...» em scena no Foz. Nessa noite, no elegante teatro, estreiar-se-á a gentil actriz Lina Damoel.

SPORT

Coisas de sport...

O amador Abel da Cunha teve a idea, ou tiveram-na por êle, alguns amigos do diabo, de desafiar o profissional Faustino Pereira, para um combate. Este colocou a questão dentro da logica pedindo uma bolsa. Era justo, quem quer luxos, paga-os...

Mas no dia seguinte Faustino pensa reconsidera e diz que aceita mesmo sem bolsa.

Pensaste, estragaste...

◆ ◆ ◆

O grupo Tcheco-slovaco foi emfim batido por um team portuguez.

Ha quem diga que os estrangeiros estavam cançados, que sim, mais que tambem...

Mas em sport o resultado é que conta, e o Sport Lisboa e Bemfica, batendo o grupo estrangeiro salvou a honra do convento.

Um bravo ao Bemfica que pode adotar como divisa «o sempre fixe»...

◆ ◆ ◆

—Diz um jornal de sport, que o sueco Kalbug, foi de grande dedicação e teve grande carinho com os portuguezes, na ida a Madrid.

Mais vale tarde, do que nunca...

◆ ◆ ◆

Escrevendo sobre box, o dr. Salazar Carreira, diz que não ha tratados de box...

Ora conheço uma boa meia duzia de livros do genero, sendo um dos melhores o do antigo campeão do mundo Tomy Burns.

A viagem a Madrid do nosso amigo desmemoriou-o...

Aquelas espanholas...

◆ ◆ ◆

O sub-secretario de estado dos sports em França, discursando em publico, diz que «os dirigentes das Federações, devem fazer todos os esforços para evitar a invasão do profissionalismo no meio dos amadores».

Quer dizer, nada de misturas...

Entre nós a F. P. B. confia a amadores a direcção de combates entre profissionais...

A França é um paiz muito atrasado...

RUY DA CUNHA

Box

Carpentier, que está em Inglaterra, começou já os seus treinos em publico.

—Para disputa do titulo de campeão do mundo da sua categoria vão encontrar-se Peter Herman, e Johnny Kichan, na America.

—Violas desafiou todos os «boxeurs» pesos leves.

—O negro Batling Siki, tão discutido em França ultimamente, vai jogar em Inglaterra, contra um dos melhores ingleses de categoria dos meios-pesados.

Natação

A travessia do Sena no dia de Natal, foi ganha pela terceira vez pelo francez Panillez.

Entraram 19 nadadores, que fizeram o precurso sob uma temperatura de 4 graus.

Law-Tennis

Os americanos para a disputa da taça Edvil, convidaram 15 nações, mas excluiram desse convite os imperios centrais.

Portugal não foi convidado, apesar de ter sido ... aliado.

Cicilsmo

Em New-York, vai haver outra corrida de 6 dias, com elementos de primeira ordem.

—Numa prova de velocidade em Paris, entre os primeiros ciclistas estrangeiros, e franceses, ganhou o suisso Kaufman, mas dos franceses o melhor ainda foi o antigo campeão do mundo Paulani, apesar dos seus 40 anos.

Aviação

A comissão inter-aliada não consentiu que a Alemanha vendesse á America um modelo de «Zepelin», que seria o mais forte da actualidade. Teria 100 mil metros cubicos, 240 metros de comprido, 30 metros de diametro, e podia atingir 146 quilometros de velocidade.

—Em Espanha vai tentar-se a travessia Sevilha Buenos-Ayres em dirigivel.

NOTICIARIO

FEDERAÇÃO DE ESGRIMA

No dia 16 na redacção de «Os Sports», realisa-se a reunião do delegados das salas de armas, para traçar as bases da «Federação Nacional de Esgrima».

JORNALISTAS SPORTIVOS

Vai ainda este mez, a convite de um jornal da especialidade, realisar-se uma reunião de jornalistas sportivos, para fazer reviver a antiga «Associação dos Jornalistas Sportivos».

FOOT-BALL—DESAFIOS PARA DOMINGO 8

«Segunda divisão»—1.ª categoria—Carcavelinhos contra Belenense, em Palhavã, ás 15 horas; juiz o sr. John Armour.

Vitória contra Atletico, em Palhavã, ás 13 horas; juiz o sr. Vitor Gonçalves.

2.ª categoria—Carcavelinhos contra Belenenses, em Bemfica, ás 13 horas; juiz o sr. Antonio Pimenta.

Vitória contra Atletico, no Campo Grande, ás 15 horas; juiz o sr. Jaime Ribeiro.

3.ª categoria—Atlético contra Belenenses, nas Larangeiras, ás 13 horas; juiz o sr. Antonio Braz.

4.ª categoria—Atlético contra Belenenses, nas Larangeiras, ás 11 horas; juiz o sr. Eduardo Costa (S. C. P.).

«Promoção»—1.ª categoria—União Lisbon contra Sacavenense, em Chelas, ás 15 horas; juiz o sr. Eduardo Vasconcelos de Azevedo.

Royal contra Portugal, no Lumiar A, ás 15 horas; juiz o sr. Albert Mendes Leal.

2.ª categoria—Chelas contra Cruz Quebrada, em Chelas ás 13 horas; juiz o sr. Humberto Mayer.

Sacavenense contra Royal, em Sacavem, ás 15 horas; juiz o sr. Alfredo da Silva.

Portugal contra União Comercio, no Campo Grande A, ás 13 horas: juiz o sr. José Serrano.

3.ª categoria—1.ª série—União Lisboa contra Sacavenense, em Chelas, ás 11 horas; juiz o sr. Angelo da Rocha Pinto.

Cruz Quebrada contra Fosforos, no Lumiar A, ás 13 horas; juiz o sr. José da Costa Brito.

3.ª categoria—2.ª série—Bom Sucesso contra Ateneu, no Bom Sucesso ás 13 horas; juiz o sr. Dionisio Duarte.

Marvilense contra Nacional, em Sacavem, ás 13 horas; juiz o sr. Manuel Correia Junior.

4.ª categoria—2.ª série—Cruz Quebrada contra Ateneu, no Lumiar A, ás 11 horas; juiz o sr. Francisco Leote.

BOX

A matinée de amanhã no Coliseu dos Recreios

Principia ás 16 horas e meia a matinée de «box», que amanhã se efectua no Coliseu dos Recreios.

O programa está elaborado a rigor, pois alem do grande combate Ruivo—Faustino que se disputará em 15 «rounds» de 3 minutos ainda se disputam mais dois combates de amadores e uma exibição.

O combate Ruivo—Faustino vae ser o encontro de maior importancia que se tem disputado entre nós, não só por se tratar de um titulo, como por se realisar em 15 «rounds».

A Federação Portugueza do Box, nomeou arbitro do combate Ruivo—Faustino o antigo amador sr. Humberto Caldas e como juizes servirão os srs. Francisco Guedes e Miguel da Silveira.

Os distinctos medicos srs. drs. Salazar Carreira e Antonio da Silva Martins assistem oficialmente ao combate afim de verificarem o estado dos «boxeurs» no caso de algum desistir.

A pesagem de Ruivo e Faustino realisa-se amanhã, pelas 10 horas, no atrio do Coliseu dos Recreios, resolvendo o organisador tornar este ato publico, tanto mais que se afirma no nosso meio que Ruivo passará o limite da categoria dos «leves».

O programa, que tem sido organisado a rigor é o seguinte:

1.º exibição em 3 «rounds» entre os amadores José Rosa Brito e Aragão Andrade.

2.º Combate em 3 «rounds» entre os amadores Gilberto Fernandes e Faustino Rodrigues.

3.º Combate em 4 «rounds» de 3 minutos entre os amadores Francisco Brito e José Araujo.

4.º Combate Ruivo—Faustino em 15 «rounds» de 3 minutos com luvas de 4 onças.

«A CAPITAL» NO ESTRANGEIRO

Carta de Londres

O problema do restablecimento da Europa = Politica ingleza e politica franceza = Griffiths e De Valera = Contrastes

Vai haver uma nova reunião do Supremo Conselho e, se Lloyd George conseguir o seu intento, uma grande conferencia, á qual todas as principais potencias da Europa enviarão representantes para discutir a melhor forma de restaurar a Europa sobre os sãos principios economicos e politicos se efectuará. Ele gostaria, segundo corre aqui, de ver a Alemanha e a Russia assentados á meza desta conferencia, e pensa que uma plena e franca discussão, provavelmente seguindo a norma seguinte em Washington, aclararia o caminho para a renascença da Europa. O exito de Washington e a convenção com os delegados irlandezes imprimiram a este fim de ano uma atmosfera de confiança e esperança. O grande problema a resolver proximamente, considerado em harmonia com as perspectivas de Londres, é o restabelecimento da Europa.

O primeiro passo foi uma confrontação dos pontos de vista respectivos feita pelos governos britanico e francez e, ainda que não possa agora ser tomada uma decisão antes de a Italia e a Belgica terem vindo juntar-se aos seus aliados na reunião do Conselho Supremo, as conversações aqui realisadas entre Lloyd George e Briand foram de imensa importancia. As divergencias de vistas entre os dois grandes aliados teem que ser vencidas, e viu-se a necessidade de fazer concessões de parte a parte.

As vistas da Gran-Bretanha teem sido constantemente adulteradas em França, e o publico de aqui acolheu com satisfação o oportuno discurso de Lord Derby em Paris, no qual lembrou aos francezes que a Gran-Bretanha, assim como a França, teem uma area devastada—a area industrial, na qual ha quasi dois milhões de desempregados, e que só poderá ser reconstruida quando as engrenagens do comercio internacional se começarem novamente a evoluir convenientemente. Apesar do que se tem dito em discursos varios em França, aqui julga-se que a politica franceza não está contribuindo para este almejado fim. A opinião ingleza tem estado profundamente incomodada com a atitude da França em Washington, primeiramente sobre a questão militar e depois a proposito do desarmamento naval; e a opinião britanica, posto que aprecie os sofrimentos da França legados pela guerra, para falar com toda a franqueza, com certeza não sancionará que se lhe dê assistencia financeira, até haver garantias satisfatorias de que o dinheiro que ela obtem, graças aos sacrificios britanicos, não será gasto fazendo, ao mesmo tempo, de fanfarrão.

Ela deve preparar-se para calar a sua buzina militar e imitar a Gran-Bretanha, dando a toda a Europa o exemplo de uma pacifica economia, a qual envolve a substituição de razoaveis acordos ás ocupações armadas.

Ainda que não fosse por outra razão o debate no «Dail Eireann» em Dublin, foi interessante por ter mostrado a incorrigivel irreconciliabilidade de De Valera. Ninguem duvida da honestidade do «presidente» irlandez e é uma honra para os seus adversarios e agora o publico britanico, já bastante impaciente, que nenhum tenha manifestado que ele não é responsavel por todo o sangue derramado na Irlanda, que durante a época de maiores aflições ali ele proprio se achava confortavelmente estabelecido no outro lado do Atlantico. Nem tambem foi sugerido que o facto de se ter feito o tratado e de consequentemente o seu posto de «presidente da republica irlandeza» contribuiu até certo ponto para a sua intratabilidade. A luta passou-se, em geral, naquela assembleia considerando os meritos do tratado em relação ao povo irlandez, e, durante a sua marcha o acerrimo fanatismo de De Valera revelou-se abertamente. Deveriam estar lá os que se admiravam de que a questão irlandeza não estivesse resolvida ha muito. A resposta é simples e clara para todos os que sabem ter na revelação do fanatismo, sobre o qual não tem poder a voz da razão. Griffiths, Collins, Mekeon — esses souberam ouvir a voz da razão. Eles representaram o realismo em oposição ao romantismo de De Valera e aos seus amigos.

«E' unicamente baseado sobre o seu simples jogo de palavras que o senhor pede a Irlanda que rejeite este tratado e volte ao estado de guerra», declarou Griffiths a De Valera. Noventa e cinco por cento do povo irlandez deseja a aceitação do tratado. Farei tudo o que me for possivel para que não se perca a vida de um só moço irlandez por causa dos sofismas do senhor. O juramento de fidelidade é perfeitamente compativel com a honra de todo o irlandez. Certo é que a ele couberam as honras do debate, assim como a Michael Colins. De Valera estava meramente frio, acerbo e frouxo. A Irlanda pode agradecer a Deus por De Valera não ter ido a Londres tomar parte nas negociações.

Ainda ha um grande numero de desempregados na Gran-Bretanha; mas, posto que o Natal não lhes tenha sido um largo motivo de alegria, ainda assim não se póde dizer que haja actualmente verdadeiras privações.

Estão sendo dispendidas pelo Estado grandes somas de dinheiro para evitar o sofrimento e a fome, e está sendo lentamente comprehendido que a falta de trabalho, ou antes o operariado sem trabalho é victima de circunstancias que a politica nacional está resolvida a corrigir.

Esses homens são habitantes da area britanica devastada.

68—Folhetim de «A CAPITAL»—6 de Janeiro de 1922

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

XI

Houve, porem, um momento de pasmo; Spartacus deteve a montada, ficou a olhar sem compreender ao começo aquilo que a seus olhos se deparava sob o tiroteio formidavel das maquinas de guerra no rangido forte do seu cordame, no granzinar das suas cavilhas.

Num instante tinham-se abatido, lançado por terra, duzentos ou trezentos homens; abrira-se uma clareira na linha principal, os soldados na rectaguarda do lençol de cadaveres, deitavam-se como se mortos fossem tambem e logo outros os secundavam, deixando de pé apenas os oficiais, erectos como hastes de papoulas num campo devastado mas para logo se abaterem tambem ante os projecteis que os alvejavam. O grande chefe dominava tudo e, de repente, via cair um dos pesados elefantes. Um côro rijo de brados subiu; um bando de abetardas passou voando para a esquerda, para os lados do exercito romano.

Então, como se fosse um vozear a subir naquela vaporação do sangue que o sol parecia sorver da terra empapada, nesse meio ardente da Lucania, um sussurro passou festivo e feliz dirigido ás aves que davam na sua carreira esse pressagio aos escravos. Outro elefante baqueou e logo mais quatro vieram de corrida, ardentes e de orelhas incendiadas, fremindo e buscando presas ao tempo a que já mais dois estrebuchavam no sólo; um dos novos desviara-se e galopava com as tripas largas num rast

Os soldados que se tinham lançado para o chão, ás ordens de Crixos, estavam sacrificados; pegavam nas suas espadas agudas como em punhais, eriçavam o campo onde os elefantes chegavam e só assim os venciam, abrindo-lhes os ventres, esgarçando-lhes as barrigas ou cortando-lhes os tendões ficando a maioria esmagados sob uma chuva de sangue, de detritos, formando um tapete de carnes palpitantes, uma esteira fôfa de cadaveres e de agonisantes cujos ossos estralejavam sob as patas dos paquidermes enfurecidos.

Rostos pisados, olhos vasados, as bocas torcidas, os peitos rebentados deixando vêr as costelas saidas, rompendo a carne e lembravam cavernames de barcos naufragados surgindo de sangrentos lodos; outros montões enrodilhavam-se no pavor da luta e enovelados com os animais que os rasgavam ainda ao cairem com as suas espadas, mostravam braços decepados, feridas largas, afogavam-se naquele sangue fetido, misturado de fezes saidas dos ventres esmagados. A' beira da relva um «velite» syrio, que fôra lindo, segurava ainda a espada e uma rosa branca na mão decida; o corpo era uma pustula; o rosto escapara ás patas do animal mas ficara embostado, sujo, repelente.

Aquele heroismo gerara uma força nova; Crixos, na ala dos «hostiarios», palido, de olhos faiscantes, ordenava ainda a mais fileiras que se deitassem mas vinham para traz os feridos, aqueles cujas carnes retalhadas faziam horror, apareciam destroçados, arrastando-se e um rugido de colera subiu quando os romanos, sentindo a desmoralisação, avançaram de chofre. A ala das bandas do mar fôra derrotada.

Os bucinarios de Crassus tocavam desesperadamente, como num glorioso «barlali».

Lançando-se num recuo formidavel a ala sinistra dos rebeldes começava a abandonar as armas quando Eudoxio, tomando o varal quebrado duma maquina de guerra se colocou na frente dos fugitivos. Do alto do cavalo, feria, esmigalhava, enchia-se de sangue sem sentir como o seu corria do peito ferido, borbulhava pelas malhas da loriga como duma nascente farta.

—Salvé! Salvé Spartacus! —gritava ele—Salvé! Salvé!

Aquele nome assim lançado, com as bordoadas rijas da clava manejada pelo hercules, detinham alguns; do outro lado um homem elegante, de espada nua, montado num cavalo branco, ordenava tambem:

—Ninguem fuja! Salvé Spartacus! Salvé!

Era extranho como lhe obedeciam. Manlio não se reconhecia nessa luta, ele, patricio, clamando por um rebelde.

Tornava-se, porém, impossivel fazer recuar essa onda humana aterrorisada. Sob o sol ardente dessa tarde de batalha, os soldados espavoriam-se e os destroços das duas alas iam encontrar-se quando uma voz indicou o caminho aberto para o mar, ladeado de consoros empenachados de amarelidões de giestas, talhados como fortalezas nos seus altos rebordos. Emquanto uma retirada se operasse buscando as naus dos piratas, do topo do cerro defender-se-ia a passagem larga para o exercito e que os romanos não atingiriam.

Spartacus acorrera; empreendera a derrota. Sentiu que não se podia resistir mais á cavalaria que acutilava dum lado as suas hostes desfeitas nem aos elefantes furiosos que tudo calcam aos pés. Olhava os destroços as suas grandes massas caidas e scentilantes, os corpos ouriçados de espadas, as tripas como cordas enrodilhadas, e via tambem os homens esmagados, as maquinas devastadas, armas caidas, toda uma legião a convergir para a entrada da passagem na qual já se sumiam as bagagens, a «impedimenta», mulheres e crianças, invalidos e velhos na ancia desses navios que os deviam levar para talarem os campos da Sicilia.

Apareceu, hirto, de mão espalmada o capacete encristado de vermelho na sua cabeça formosa e ordenou aos businarios que tocassem a silencio com o seu sinal de chefe bem retinido e demoradamente.

Dentro em pouco ninguem se ouvia; como se tivessem ficado suspensos por um poder superior dos deuses, uns escravos aguardavam talvez um milagre outros baixavam-se timidamente envergonhados a procurar as armas repelidas a este, num arrojado galope, passando, por entre as legiões, gritou a Eudoxio banhado de sangue:

—Detem esta retirada... Vamos a eles... Vamos morrer bem!

—Contigo estou, Eudoxio! exclamava Crixos submerso, mal ouvindo as palavras gratas que Spartacus lhe dizia:

—Foste um heroe... Sem o teu heroismo já teriamos sossobrado vinte vezes. Assim ainda temos o caminho do mar e quem sabe se o futuro será melhor... Basta deter mais umas horas a união das duas alas romanas...

Concertava-se o exercito; por sobre os cadaveres deixados no campo formava-se uma nova linha de batalha emquanto os que não combatiam, os velhos, as mulheres, os feridos, se escoavam no caminho defendido honrosamente. Spartacus recebera ainda as homenagens dos seus soldados que lhe soltavam o nome como se pronuncial-o constituisse uma armadura invulneravel

Crixos e Eudoxio arremeçavam-se com o resto dos «equites» e uma legião forte de infantes sobre os romanos que se detinham, preparavam de novo as maquinas de guerra e pareciam espantados de não se dar a debandada que eles perseguiram e de verem aqueles homens bandidos chegarem, numa temeridade louca, a atacar.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

> A verdade é, no meu entender, a maior divindade que a natureza revelou aos homens e aquela a quem concedeu os maiores poderes.
>
> **Polybe**

N.º 3972-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sabado, 7 de Janeiro de 1922 | Telefone n.º 2293—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Caso esclarecido

Não podemos alegar nenhuma razão de queixa contra o sr. Martins Vagueiro, de cuja atitude no funeral dos jovens sindicalistas que estavam preparando bombas de dinamite e delas foram vitimas ontem detida mente nos ocupámos. Pedimos que se esclarecesse o facto de nesse funeral, que foi uma manifestação de bem acentuado caracter sindicalista revolucionario, se terem feito representar elementos outubristas, e o sr. Martins Vagueiro, que deles foi interprete num discurso que pronunciou, elucida-nos efectivamente sob esse ponto que só pode ser banal para quem, enlevado na literatura classica, passa estas agitadas horas lendo tranquilamente as «Peregrinações de Fernão Mendes Pinto» que não temos duvida em reconhecer serem moldadas num estilo naturalmente bastante superior ao do discurso do sr. Vagueiro.

Com efeito, na carta que o sr. Vagueiro nos dirigiu e que os leitores encontrarão na segunda pagina, porque as conveniencias da paginação, a isso nos forçaram, está claramente explicada a rasão porque os outubristas, companheiros do sr. Vagueiro, se fizeram representar nesse funeral, tomando uma atitude de significado bem patente.

Que queríamos nós saber? Queríamos saber o que havia de comum entre outubristas e sindicalistas em relação ao movimento revolucionario de 19 de outubro e ao respectivo programa. O sr. Vagueiro responde-nos que «ninguem ignora que os elementos operarios, sindicalistas e comunistas, cooperaram no movimento de 19 de outubro.»

Esta declaração é já importante. Mas outras a completam, porque o sr. Martins Vagueiro afirma ainda que os jovens sindicalistas queriam a execução do programa revolucionario, tal qual, como o sr. Vagueiro que, se no movimento não teve situação de destaque, não deixou d'i em diante dedar gosto contínuo á sua eloquencia em todas as reuniões onde os revolucionarios outubristas procuraram impôr a sua vontade, exigindo o cumprimento desse programa que o pais inteiro repudiava e repudia.

Mas ha mais ainda; o sr. Vagueiro declara que os jovens sindicalistas estavam fabricando bombas para não permitir que os elementos ordeiros vencessem os exageros outubristas.

Logo, a conclusão a tirar de tudo isto é que entre outubristas, sindicalistas e comunistas tem existido uma acção comum, e pelas revelações do sr. Vagueiro já não deve ser motivo de espanto que o sr. Maia Pinto tivesse pensado em oferecer candidaturas a deputados dos comunistas que, como os sindicalistas, tem por certo exclusivo a destruição violenta da sociedade actual.

Diz o sr. Vagueiro que os sindicalistas e comunistas querem defender a Republica. E' possivel que disso esteja convencido; mas se tivesse seguido, desde os seus inicios, a propaganda da «Batalha», orgão do sindicalismo portuguez, nela teria sempre encontrado a afirmação expressa de que o sindicalismo nada quer com a Republica.

Os sindicalistas e os comunistas não pensam senão na destruição social, e se eles pugnavam e continuam pugnando pela execução do programa outubrista não nos parece que isso constitua uma recomendação desse programa para todos os republicanos que não sejam inconscientes ou traidores.

Pode ser que esta constatação pouco valor represente para certos orgãos cuja cumplicidade com o outubrismo foi manifesta, e que porventura pensam eximir-se ás suas sangrentas responsabilidades refugiando-se na historia amena dos classicos, talvez com o tardio proposito de aprimorar a sua linguagem. Mas para a Patria, para a Republica, para toda a sociedade portugueza, ela é altamente significativa.

O roubo da ourivesaria Dragão de Prata

Prisão duma receptadora

O agente Ferreira da Silva prosseguiu durante o dia de hoje nas suas investigações sobre o roubo praticado na manhã de ontem na ourivesaria «Dragão de Prata», sita na rua Alves Correia.

Os dois meliantes e o receptador Eloy presos ainda ontem continuam incomunicaveis.

Hoje foi preso mais uma receptadora, em cassa da qual foram tambem apreendidos alguns dos objectos furtados no estabelecimento assaltado.

Antiqualhas Historicas

Devido aos muitos afazeres do ilustre professor Ladislau Batalha, só na proxima segunda feira podemos voltar a publicar esta interessante secção onde o nosso colaborador vai principiar os investigação das causas da acintosa perseguição aos judeus no seculo XVI, e as determinantes politicas da Inquisição em Portugal.

AS ENTREVISTAS DE «A CAPITAL»

O sr. dr. Orlando Marçal

explica-nos o motivo da sua prisão

—Diga-nos alguma coisa acerca da sua prisão e das acusações que lhe fazem.

—Não, meu amigo, só lhes peço que me deixem tranquilo, entregue ao meu labor profissional, absolutamente afastado da politica que tantos sacrificios e canceiras me tem trazido. D'ixe apagar as paixões e que os homens recuperem aquela serenidade que tão necessaria é para eles e para os outros. Quero viver completamente apartado do campo da ação politica para me entregar de todo á advocacia.

—Mas, insistimos, o dr. não tinha já declarado que tinha passado á inatividade...? A mim proprio me garantiu. A que obedeceu, pois a sua prisão?

—Não insiste, peço-lhe. Só lhe digo com afouteza, porque é verdade, que todos os que me conhecem, me teem trazido a sua solidariedade e manifestado duma maneira eloquente que nunca acreditaram em semelhante arguição que gravemente ofendeu o meu caracter. Mas como o caso vai ser debatido nos tribunais...

—Então sempre foi remetido para juizo?

—Não, não foi verdade, diz o nosso interlocutor com energia. Fui posto em liberdade, por nada, «absolutamente nada», se haver provado contra mim. Nem se podia provar, pois eu era incapaz de entrar em porcarias dessa ordem que avitam os homens á face dos seus semelhantes! Eu, como já disse, que não consentiria, por principio algum, tal procedimento para com os meus inimigos mais irredutiveis—todos nós os temos e eu tambem os deveria ter—jamais poderia compreender que se acreditasse que poderia concordar um ato violento dirigido a um homem de quem era sincero amigo e a quem tantas provas dei de franca, leal e nunca desmentida camaradagem. Quando me refiro a que o caso ha-de ser debatido nos tribunais, é porque espero que os que deram origem á intriga, tão levianamente, pretendendo prejudicar-me, arrumam inteira responsabilidade no devido campo. Não se apoucam assim os direitos dum cidadão, nem se pode menospresar desta maneira a liberdade que a todos pertence, porque é sagrada.

—Mas de quem se queixa? Quem deu origem a tão lamentavel situação?

—Os boateiros que infelizmente impestam a sociedade portuguesa. Bem vê é sempre legitimo que os detentores do poder se defendam. E' mesmo necessario para prestigio e salvaguarda do mesmo poder. Nestas cousas sempre aparecem á tona de agua uns arrivistas que querem agradar, transformam as coisas mais simples em casos complicados, que vão passando palavra, aumentando sempre, até que quando chegam ás altas esferas onde pairam as autoridades vão com foros de verdade revelada. E essas autoridades procedem, como não podem deixar de o fazer. Se esses boateiros forem sujeitos ao duro castigo dos seus atos, arripiam caminho e não voltarão a reincidir na proesa, deixando-nos em socego.

—Sim, não se compreendia que o sr. presidente do ministerio, sendo seu amigo, o mandasse prender se não lhe levassem a acusação com todos os visos da verdade.

—Só estranho que o tivesse acreditado. Convivemos intimamente durante anos, fomos companheiros no Parlamento, na propaganda e na defesa do programa partidario, na praça publica, no tablado dos comicios, frequentei a sua casa, vi sempre da sua parte uma funda e viva simpatia, um afeto fraternal, por minha parte dei-lhe sempre a sinceridade do meu entusiasmo, a grandeza do meu carinho, que não desejo encarecer, para que jamais podesse julgar-me capaz duma abjeção de tal natureza que me revolta só ao pensar nela. Não, não foi verdade, ter-se passado na minha presença qualquer coisa que pudesse sequer ser levado á conta de simples ameaça.

—Mas como apareceu tal disparate?

—Uma desgraçada confusão. Em duas palavras: no dia em que Cunha Leal procedia ás «démarches» para organisar o seu ministerio, tendo-se realisado uma reunião no «Centro Coronel Baptista» para se apreciar a situação—e para cuja reunião fui vivamente instado,—no intervalo dessa sessão que foi suspensa para prosseguir ás 21 horas, fui a convite do major Filipe de Sousa e com o alferes Pimento jantar ao «Central». Parece que na noite anterior, quando Cunha Leal foi encarregado de formar governo, no mesmo local foram produzidas afirmações de ordem politica, que me dizem terem sido adulteradas, que depois conjugaram com a nossa estada ali. Ha sómente uma testemunha, que não conheço, que a isso se reporta, pois as restantes são «por ouvir dizer». De modo que tudo isso, adulterado, foi levado ao Ministerio do Interior e as entidades que ali teem o dever de velar pela ordem procederam. Ai está o que houve. Mas, repito, nada tive com o caso, nem muitas das pessoas apontadas ali estiveram. E disto se fez espalhafato, quanto a mim e a outros, bem como depois á mistura, e aproveitando a confusão, despoutou um dô lo anonimo e malzinador, que abusando da boa fé de alguns orcamentos da imprensa, deu noticias a meu respeito totalmente insidiosas e miseraveis, como «as das provas esmagadoras» contra mim, a de que tinha sido posto em liberdade por ter expirado o praso dos 8 dias da lei! que o assunto ia ser relegado ao tribunal militar e... tutti quanti! Ah! meu amigo, terminou o sr. dr. Orlando Marçal, num sorriso triste e com um aperto de mão, que importam a covardia e a maldade, se a minha consciencia está tranquila!

SEGREDOS A TODA A GENTE

Ler em publico

Ha raparigas de menos de trinta anos que logo depois de se terem instalado comodamente no electrico e antes mesmo de olharem á volta, «tout le monde et son père»—abrem um livro e começam a ler. E' necessario desconfiar um quasi nada destas pequeninas «bas-bleu» impertinentes que «adorum Beriget—pela mesma rasão que detestam Zola. O livro que elas têem é sempre um livro que nós não supomos nunca. Quando imaginamos Julio Diniz—sae-nos Jorge Ohnet. Quando, iamos jurar que é a «Morgadinha de Val-Flor—Surge-nos a «Lise Fleuron». As mulheres que lerem diante de toda a hente, afetando desdenhosamente, uma pesada erudição, quasi nunca deixam de ser duma profunda ignorancia. Ainda ha pouco, num electrico, eu olhei interessado, uma rapariga muito loira, muito côr de rosa, quasi bonita, que foi todo o caminho absorvida num livro de capa amarela. Sabem que livro era? Perdoem-me se sou indiscreto: Era nem mais nem menos; «Como se conquistam os homens?» Olhe, minha senhora, não lendo nos electricos.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES.

A proposito duma entrevista

Uma carta do sr. dr. José de Castro

S. C.—7-1-922.

...Sr. Manuel Manuel Guimarães e meu presadissimo amigo:

Só hontem tive possibilidade de ler na «Capital» uma especie de entrevista que a mim se refere. Tem por epigrafe—«Os nossos maiores politicos» e sub-epigrafe—o meu nome—e «que preconiso o plebiscito para a constituição dos governos e a concessão do voto ás mulheres». Deplorarel confusão!

Eu lhe conto. Penso que foi na segunda ou terça-feira que me foi anunciado no meu escritorio que alguem me queria falar. Mandei entrar. Era um cavalheiro que me dizia vir em nome do meu amigo pedir-me para lhe dar a minha opinião com respeito á situação politica. Respondi que agradecia muito ao sr. Manuel Guimarães o haver-se lembrado de mim mas que eu nada podia dizer a respeito da situação, visto que ainda não tinha podido formular o meu juizo.

Deste modo ficava prejudicado em absoluto o intento em rasão do qual eu era procurado. Não obstante aquele cavalheiro continuou fazendo-algumas perguntas. E pois que se tratava de pessoa recomendada pelo meu amigo, por mera delicadeza respondi a uma ou outra pergunta, observando-lhe desde logo que aquilo que eu fosse dizendo era «simples conversa» sem valor, não devendo fazer parte de qualquer entrevista.

Concordou. Vejo, porem que mudou de parecer. Não tem duvida. Ha, porem, um ponto que carece de rectificação: é aquelo em que se afirma que—«preconiso o plebiscito para a constituição dos governos e a concessão do voto ás mulheres». Não! Houve um equivoco. Falei com efeito em plebiscito e no voto ás mulheres; mas para fim diferente. Exponho. Quando aquele senhor me perguntou em certa altura da conversa se eu concordava com uma «ditadura ministerial»?

Depois demonstrei-lhe que havia varias especies de ditaduras, terminei com efeito por significar-lhe a minha repugnancia contra todas elas. E daqui do rasões de meu ponderei que comquanto o parlamento tivesse defeitos ainda assim não conhecia instituição politica superior e que melhor podesse representar a vontade popular.

E acrescentei: que, segundo o meu modo de ver, havia talvez uma maneira de corrigir alguns desses defeitos, sendo um deles e talvez o principal, publicar leis que não assentam no espirito publico. Esse seria instituir o plebiscito, de uma forma mais ampla do que já a temos, para alguns casos especiaes em que o povo devia intervir directamente, como por exemplo—se devia crear-se a cedula pessoal ou não, se deviam restringir-se ou ampliar-se as horas e os dias de trabalho ou se o trabalho devia ser absolutamente livres e as camaras municipais, conhecendo as necessidades dos operarios rurais deviam ou não fixar os salarios destes, segundo o preço das subsistencias, se devia ou não estabelecer-se o sufragio universal — e finalmente qualquer outro assunto que estivesse dentro da compreensão do mais humilde dos cidadãos e do menos ilustrado. E isto dizia eu, acentuando que um grande numero de leis se não executam, porque, alem do não obedecerem a uma necessidade publica, contrariam o espirito popular.

Foi nesta altura que aquele mesmo senhor me perguntou: «E as mulheres tambem devem ter voto nesse plebiscito»? Por certo respondi. Se a mulher como o homem concorre com a sua quota parte para as despesas do Estado não pode, sem uma grave injustiça, negar-se-lhe o direito de intervir quanto possivel, na factura das leis e até na fiscalisação da administração publica.

E acrescentei: é claro que este assunto do plebiscito com a aplicação que eu entendo se podia dar-lhe, carece de ser estudado com todo o cuidado para dar o resultado desejado.

Foi nesta altura que o seu enviado disse: «E' um assunto interessante a respeito do qual vou escrever. Depois virei mostrar-lho e o senhor modificar o que julgar conveniente.»

Mas não voltou a mostrar-me o escrito. Eis a rectificação que julgo essencial e urgente. Do outra forma julgariam os leitores d'A Capital que ando ainda em busca da forma de governo a estabelecer no paiz, que é o diabo com setenta e tantos por cento de analfabetos poderia servir de superior criterio para escolher a forma de governo quando o problema, sem duvida, duma alta complexidade por nele entrarem em jogo elementos nacionais e internacionais, de varias ordens, que o nosso povo, apesar de sua natural inteligencia, não poderia discutir e muito menos resolver.

Convem que se faça a emenda com respeito á alteração do nome—Augusto Coute—e não «Conti».

Relevo-me, meu bom amigo a impertinencia desta carta; mas entendi que era inevitavel para desfazer futuras duvidas.

Aperto-lhe as mãos e creia-me,—De v. etc.,—José de Castro.

A conferencia de Cannes

A primeira sessão discutiu apenas assuntos de méra formalidade

BERLIM, 7.—O «Gaulois», em contrario do que até agora tem sentido, apreensivo pelo facto do problema das reparações poder ser deixado para traz em favor do problema das reconstruções, visto a Inglaterra deixar olhivar os encargos da Alemanha para favorecer a restauração do seu proprio comercio.

A imprensa ingleza mostra-se um tanto pessimista sobre as relações anglo-francezas. No entretanto as controversias dos tecnicos financeiros em Cannes estão dando a causa a serios divergencias nas suas opiniões. Certos sintomas indicam que a França deseja aceitar a formula do Lloyd George, contanto que os encargos monetarias da Alemanha para com a França sejam aumentados em 1922 para XX 1250 milhões de marcos ouro, e em 1923 para 1500 milhões. Até agora as sub-comissões ainda não chegaram a acordo, e em especial a Belgica que não deseja ceder.

Por consequencia, a primeira reunião do Supremo Conselho discutiu só assuntos de mera formalidade, tendo unicamente o senhor Lloyd George exposto as suas ideias sobre a situação geral e sobre a reconstrução economica da Europa, que senhor Briand imediatamente respondeu.

Considera-se que predomina no Conferencia a influencia do senhor Lloyd George, enquanto os delegados francezes se mostram visivelmente abatidos.—(R.)

Juramento de bandeiras

No quartel de marinheiros, do Alcantara, efectuou-se hoje o juramento de bandeiras das praças da Armada, tendo assistido ao acto, alem de toda a oficialidade daquele corpo de marinheiros o sr. ministro da Marinha, que se fez acompanhar pelo pessoal do seu gabinete.

Lena de Valois

Fez uma peça. Se fosse só isto, para que se escreveria o seu nome! Peças quem as não tem? Ainda hontem a mulher de mais talento, a portugueza que melhor escreve, nos dizia:

—Toda a gente em Portugal tem uma peça—

E é verdade. Rebusquemos as gavetas dos notaveis, semi-notaveis, e lá no fundo de todas elas, recente ou já amarelecida pelo rodar dos anos, a peça aguardará impassivel, estatica, os nossos dedos pesquizadores.

Terra bemdita! que ao dar-nos pouco trigo, se exubéra em poetas liricos e dramaturgos.

Não é pois por ter feito uma peça que A CAPITAL se ocupa hoje de Lena de Valois. E' que a sua obra teatral é alguma coisa no meio deste dessóramento tão geral que já chegou até aos que se arvoram em guias da nossa mentalidade.

Para se escrever teatro é necessario ter-se vivido e compulsado a sociedade em todas as modalidade e idiosincrasias; não é olhando para ela, como as efemeras contemplam o nascer do sol no seu unico dia de existencia.

E' preciso ter sofrido, ou ter lealmente, intensivamente acompanhado o sofrimento das pessoas queridas; surpreendido as alegrias fogazes dos fortes, a piedade e os desanimos dos vencidos. A observação deve ter sido preparada na escola, no conhecimento intrinseco do que se nos depára.

Ora os teatristas dos nosssos dias fogem das mais tenues verosimilhanças da vida, e atiram-nos para a scena com pedaços incompreensiveis da hipertrofia balofa dos seus egotismos.

A vaidade da-lhes de lado, sopra-os da pôpa; de velas enfonadas, até da gosto vê-los a caminho da chimera ridicula das suas consagrações interinas.

Que fartos estamos de tudo isto! E de tanto se transigir com o que assim é, com o que não presta, se fez este divorcio cada vez mais sem concerto entre o publico e adee amação.

O cinema sim; esse progride e assenta o seu pedestal sobre as ruinas do teatro europeu.

Mas Lena de Valois não quiz saber do culto da sua individualidade; esqueceu-se de si para pôr, em toda a exuberancia da sua força propria, a quasi-tragedia a que chamou SULCOS. E leu-nos o dialogo, cuja naturalidade enamorou os artistas que o escultaram; a sua rara emotividade imprestou sómente aos lances mais violentos. o colorido e logo que lhe sobeja nos nervos e lhe escalda o cerebro.

A sua audição sensibilisou pessoas endurecidas na simulação dos sentimentos a que o teatro obriga; e quando a poetisa terminou a sua leitura havia no salão aquele psiquismo que não sabe, que não pode quebrar o silencio. Era a emoção sempre trazida pelas coisas grandes, que não se anima a arriscar pequenas rubricas ou comentarios insulsos.

Pareceu-nos então que Lena de Valois conseguira empolgar. O nosso entusiasmo aglutinou-se na admiração dos outros; mas o local da leitura, o «raffinement» elegante intelectual da autora começaram, se não estamos em erro, logo ali uma obra tão impercetivel quão corrosiva nos espiritos dos que não querem olhar para cima.

O drama é cheio de teatro vivo e repassado de dôr, de pungentissima dôr; mas Lena de Valois tem a casa mais encantadora de Lisboa, toda um requinte de arte e de antiquaria invocação historica; tem toilletes e joias que não são da Rua da Palma; perfumes que se não vendem a peso nos Mendonças,—e, sobretudo tem talento.

Despolarisou-se acaso a nossa gente, deixaram os nossos de ter o que sempre foram na envesgada e odienta contemplação dos que se erguem enormes? Deixou isto de ser a terra ocidental, aquela onde até o sol morre além no Oceano?

Infelizmente esta caracteristica não nos abandona; a má lingua e a relutancia em reconhecer merito ás pessoas que podem ter estimulado invejas, ainda contribue a ser o atributo preponderante de nós todos, e dahi o pensarmos que a autora dos ideais sonetos do «Diario de Lisboa» acaba de entrar na via dolorosa da sua superioridade de sentir e de escrever.

Oliveira Santos

Teve a amabilidade de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida, o sr. capitão Oliveira Santos, governador do distrito de Loando para onde parte amanhã.

Agradecendo a sua gentileza lhe fazemos votos por uma boa viagem.

Lomelino Silva

Um portuguez que se estreia com exito no Scala de Milão

MILÃO, 7.— Fez a sua estreia no teatro «O da Scala» de Milão, cantando o «Rigoletto», o portuguez Lomelino Silva, cuja bela voz e apresentação scenica e bastante encomiado pelos jornais desta cidade.

Lomelino Silva fôra empregado Bancario em Lisboa na casa Totta, que abandonou para se dedicar á vida de teatro.—(R.)

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

O velho funcionario continua o seu depoimento

—Como é de prever, o disparate, nem sempre anda sósinho através uma reforma que teve como principais objetivos o exibicionismo e a corrupção.

Já citei esse zarzuelesco Instituto de Expansão Economica, graças ao qual os funcionarios do Ministerio dos Estrangeiros andariam por esse paiz fóra, como dentistas de feira a apregoar as belezas do seu elixir. E já citei tambem o facto muito curioso de, para dirigir esse organismo que, segundo o reformador, será «o propulsor de toda a nossa actividade», se ir buscar um jovem de tenros anos que poucos dias antes tinham nomiado adido de legação. Eu não sei ao certo se foram buscar o mancebo para o lugar, ou o lugar para o mancebo, mas parece-me que se realisou a segunda hipotese, porquanto na reforma havia sido cautelosamente metida a clausula de que «a primeira nomeação para os cargos de director e Secretario do Instituto de Expansão Economica poderá recair em quaisquer funcionarios do Ministerio que não tenham respectivamente a categoria de Consul Geral e Consul de 1.ª classe...» Estava assim garantido o lugar ao mancebo.

Estava garantido o lugar, mas não stava garantida a estabilidade, porque o lugar não é vitalicio. Pois garanta-se a estabilidade!—E logo se criou o artigo 236, que diz: «O funcionario nomeado em comissão para exercer o cargo de Director do Instituto de Expansão Economica, por ocasião da publicação do presente diploma, será mantido nesta comissão por espaço de cinco anos...» E, pronto!

Simplesmente, devia ter havido o pudor de não fazer seguir aquela clausula destas palavras: «...e que pelos seus conhecimentos especiais estejam indicados para mais convenientemente instalar esse Instituto e iniciar a sua ação», e o artigo 236 destoutras: «...a fim de poder convenientemente instalar, definir, orientar e dar continuidade aos serviços a seu cargo.»

Ora veja: um mancebo, tudo quanto se de mais mancebo, vinte e tal rosadas primaveras, escolhido expressamente para instalar o «propulsor de toda a nossa actividade», em virtude «dos seus conhecimentos especiais» e mantido no posto cinco anos para poder «definir, orientar e dar continuidade aos serviços»... E é sob as ordens de tal mancebo que passam a servir alguns funcionarios de carreira! E' isto sério? E' isto, sequer, decente? Eu pergunto aos homens de bem deste paiz, mesmo aos que indirectamente lucram com as expansões mais ou menos economicas, se isto não bastaria para atirar por terra a mais bem feita e proveitosa reforma.

Mas, além do já citado, o Instituto terá pessoal tecnico, compreendendo chefes, sub-chefes e consultores, e assim como pessoal auxiliar recrutado entre empregados do comercio e industria, espalhado todo este exercito pela sede e pelas agencias que serão montadas por esse paiz fóra.

E aqui entramos num dos mais tenebrosos capitulos da reforma: o dos contractados.

Como vimos, quasi todo o numeroso pessoal do instituto é admitido por contracto. Mas não é só elo. Os contractados constituem legião. Ha tradutores e escriturarios contratados para executarem trabalhos de expediente na Secretaria Geral e nas direcções gerais; ha adidos consulares contratados para se ocuparem dos serviços de emigração; do Conselho de Emigração e Colonisação fazem parte dois especialistas na materia, contratados; cria-se uma agencia oficial de informação colonial, com subagencias em todas as capitais dos distritos, cujos funcionarios são contratados; os proprios adidos de legação, durante a sua aprendizagem, são contratados.

Quer dizer: os contratados atingem algumas dezenas. Pois bem! o decreto, tão prodigo em nos impingir materia regulamentar, não indica as condições dos respectivos contractos, e se formos vasculhar na sua parte orçamental não encontraremos nela uma unica verba que lhes diga respeito. O orçamento da despeza foi, portanto, fraudulentamente fixado. Ha fraudulentamente como foi o de receita, com a patacoada do imposto da cedula pessoal e a imbecilidade do emolumento de dois por cento «ad valorem» nas declarações de carga. E assim, além de uma obra de soberba e de exibicionismo, a reforma é tambem uma pura mistifição.

Os inqueritos

O contra-almirante sr. Silveira Moreno esteve ouvindo hoje o depoimento duma praça e um foguetão da Armada, testemunhas dos mortes praticadas na noite de 19 de outubro no Arsenal de Marinha.

Factos e palavras

A PROPOSITO ... DAS POETISAS

Aqui ha uns anos atraz começou se a esboçar a furia dos poetas. Todos os dias aparecia um novo livro nas montras, um novo poeta que prometia, estrêla radiosa, mas não era nada. Hoje são as poetisas que aparecem em bandos todas as primaveras como as andorinhas. Todas elas são, em geral, duma pequena envergadura literaria. Cheias de suavidade mas incapazes de construir uma obra.

A vida apenas as interessa pelo prisma do amor.

Umas são correspondidas, outras não o são. E costumam declara-lo como se escrevessem uma carta á sua melhor amiga.

O tema é fôrça de ser velho, cansou por Ihe não darem uma nova tonalidade.

E' ei sou principalmente pela insipidez e pela monotonia desses amores vulgares gargarejados num qualquer andar para a rua.

Principalmente os nervos, esse fluido que se não empresta, e com que se escreveram as obras destinadas a marcarem, são duma deploravel debilidade. No entanto, é esse o caracter curioso da epoca, são todas na opinião publica grandes artistas. E todas elas possuem um grupo destinado a declarar solenemente que A B ou C é a primeira poetisa portuguesa.

Para não ferir susceptibilidades seria interessante dizer de to as elas que são «a 2.ª poetisa portuguesa».

São todas tão parecidas... Todas são. Ha tres anos conheci em uma que publicou um livro e de quem nunca mais se teve noticias.

O livro passou quasi desapercebido. Chamava-se «Livro de Magnas». Revelava um talento... que a critica não notou. Ela lá soube porquê.

Quando se faz em 1.ª poetisa portuguesa, não se conta com ela.

No entanto...

Chamava-se Florbela Espanca.

BOTTO DE CARVALHO

◆ ◆ ◆

A Casa da Moeda de Berlim está preparando a cunhagem de novas moedas de um e cinco marcos, feitas de aluminio e cobre.

◆ ◆ ◆

Emquanto em Calcutá se fazia uma brilhante despedida ao principe de Galles, o Gandhi e os partidarios do Caliphato prepararam uma vigorosa oposição a favor do «Swara (home rule). O presidente da Liga do Islaismo de toda a India, no seu discurso, defendeu a implantação da republica indiana sob o nome de «Estados Unidos da India» e o emprego de todos os meios legais para implanta-la, recorrendo-se á guerra de guerrilhas se fosse proclamado o estado de sitio.

◆ ◆ ◆

O assassino de Dato encontra-se na Russia fornecendo materia para um folhetim que Victor Serge está publicando na «Rote Fahne».

A passagem de Casanella para a Russia foi um verdadeiro desastre para a policia espanhola que perdeu o milhão de pesetas prometido a quem conseguisse deitar-lhe a unha.

E' verdade que a policia não se poupou a esforços para meter na algibeira a gôrdo maquia, chegando a prender varios Casanellas falsos, quando afinal precisava só dum... verdadeiro.

Emquanto, porem gastava o seu tempo sem resultado, o criminoso alcançava os dominios dos «soviets» e agora assobiam ás botas... do milhão de pesetas.

◆ ◆ ◆

Segundo um jornal de Nova York, é tal a febre do reclamo entre os artistas americanos, que a conhecida atriz Alby se lembrou no dia 12 do mez findo de, em pleno dia, e no ponto mais concorrido de Baltimore, se despir, ficando apenas com um transparente «maillot», a dançar um «fox-trot». Presa imediatamente, foi remetida ao tribunal, onde, na presença do juiz, executou a mesma dança, a fim de provar não ser esta imoral. Constando-se apenas a animação á custa do reclamo, foi absolvida. Deste escandalo origem a que sejam inumeros os que actuais contratos, pagos a peso de «dollars».

Como se vê, bom e barato!

Quanto ao juiz, verificando pelos seus proprios olhos a moralidade do «fox-trot» e «maillot» transparente, absolveu a atriz. Deus sabe com que vontade de a acompanhar na dança.

Sigam pois as nossas artistas o exemplo, fazendo reclamo pelos melhores processos, e verão o que é ganhar dinheiro.

◆ ◆ ◆

As experiencias para se falar pelo telefone sem fios entre Londres e Amsterdam, deram os melhores resultados. O sistema usado foi parte por fio e parte sem fio. As chamadas foram transmitidas de Londres para Southwell pelo fio ordinario dos telegrafos ou linhas e daí para Zandvoort, atravez do Mar do Norte, primeiro sem fio, e depois pelo fio até Amsterdam. Ás vezes ouviam-se perfeitamente, tendo a conversação durado hora e meia.

◆ ◆ ◆

O Boletim do Tesouro Britanico mostra ter havido nos ultimos nove meses um «deficit» de sessenta e trez milhões de libras esterlinas.

◆ ◆ ◆

O governo da Servia encomendou á Alemanha vinte mil construções de edificios identicos aos que foram oferecidos á França, a titulo de reparações.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

Ainda os submarinos

WASHINGTON, 6.—Noticias de Paris dizem que o governo francez não se opõe a assinar um acordo para proibir que os submarinos desprezem as leis da guerra de cruzeiro, atacando os navios mercantes. Mas a adesão do governo francez, segundo a opinião dos seus delegados, deve ser condicional, porque depende duma resposta satisfatoria á seguinte pergunta: «O que é um navio mercante?»

A pergunta visa a impedir que os Estados Unidos possam armar a sua marinha mercante.—(Lat Am.)

Os soviets

As tropas brancas

BERLIM, 6. — O governo dos Sovie s recebeu de Chita informações sobre o avanço das tropas brancas na Siberia ocidental e oriental, ameaçando cortar a retirada ao exercito dos Soviets no distrito de Mour.

Consta que as forças bolchevistas expulsaram de Kamtschatka as tropas de Vladivostok.

A imprensa de Moscow pede para que o Japão e a França cooperem com as forças de Vladivostok, as quais hastearam a antiga bandeira Imperial Russa.—(R.)

A questão irlandesa

Vai ser votado o acôrdo?

LONDRES, 7. — De Valera depois de ter sido oferecem-se para ser reeleito nas condições de 1916 e com o compromisso de que lhe sejam dados todos os recursos para que seja defendida a Republica. Esta declaração deu lugar a exaltados discursos na Assembleia.

Espera-se que o tratado seja votado nesta tarde.—(R.)

Noticias de toda a parte

Vai reunir o comité executivo da Terceira Internacional

RIGA, 7. — Está convocada para o dia 1 de fevereiro proximo uma reunião plenaria do Comité Executivo da Terceira Internacional. O Congresso ocupar-se-ha dos seguintes pontos principaes:

Primeiro—Unidade de frente revolucionaria.

Segundo—Os deveres imediatos no sindicalismo vermelho internacional.

Terceiro—A situação na Russia soviética.

Quarto—A imprensa Mundial.

Quinto — Preparação para o quarto Congresso da Terceira Internacional. Em vista da importancia deste programa, os partidos filiados são convidados a dobrar o numero dos seus representantes.—(R.)

Instituto Branco Rodrigues

O bom e os cegos

A casa bancaria Fonseca, Santos & Viana enviou ao fundador deste Instituto, acompanhado por uma carinhosa carta o valioso donativo de 3.000$00.

A Sociedade Agricola do Ganda e a Companhia do Amboim 2000$00, a Empreza Carbonifera do Douro 1000 quilos de briquetes; a Empreza da «Estoca» 75$00; o sr. José Henriques Tota em seu nome, 50$00; os empregados da casa J. H. Tota, protectora do Instituto 30$00; a Sociedade de Vidros de Mossingo (Moçambique) 22$00; srs. Silva, Leitão & Campos, produto duma subscripção 13$00.

Receberam-se mais durante esta semana os seguintes donativos: dos srs. Bernardino Gomes 5$00; Eduardo Augusto Fernandes 10$00; M. Mme. W. Gilva Ledoux 20$00; F. Faria Pereira Bastos 5$00; D. Juliana Vaz Brandão Alves 20$00; Adolfo Wusser 5$00; dr. Augusto F. Assis, de Alhandra, 1 saco com feijão frade; dos srs. Joaquim e Raul Tojal, 50$00; Adelino Fernandes Torres 20$00; Luiz Ferreira, de Vila Nova de Ourem, 1 saco de feijão, 1 saco de batatas, 1 barril de vinho; D. Maria da Conceição Martins 10$00; Jeronimo Santos 5$00; do sr. conselheiro José de Almeida 20$00; sr. Eduardo José Santos 5$00; Empreza Vul do Rio, 1 barril de vinho; sr. A. Pinho Costa, 1 caixa de passas; Jeronimo Martins & Filho, uma porção de bacalhau, arroz, grão e feijão branco; Fabrica de Fiação e Tecidos Oriental, 1 peça de pano.

Homenagem á memoria de Claudio Lagrange

O pessoal menor da Estamparia do Banco de Portugal, por ocasião do falecimento do sr. Claudio Carlos Lagrange, abriu uma subscripção, a fim de adquirir uma corôa para ser depositada sobre o ferétro do seu saudoso chefe.

Por determinação, porem, do falecido, todos os donativos para a homenagem deviam ser entregues ao Instituto de Cegos Branco Rodrigues (Escola) de que era protector.

Em cumprimento desta disposição foi entregue pela viuva a sr.ª D. Maria Guilhermina de Lagrange, ao Instituto o donativo de 138$00 escudos.

Um ponto a esclarecer

Uma carta do sr. Martins Vagueiro

...Sr. Director de «A Capital»— Com a epigrafe «Um ponto a esclarecer», publicou ontem o conceituado jornal de v. ex.ª um artigo de fundo, onde, alem de me serem feitas varias referencias é salientada a vantagem de ilucidar algumas passagens do referido artigo, entre as quais figura, como originaria, a de ter falado á beira da campa dos jov. ns sindicalistas a quem a morte surpreendeu, ha dias, precisamente no momento em que fabricavam instrumentos mortiferos «certamente para atentados ou movimentos subversivos do todo a ordem social» e no afirmar o referido artigo.

Dentro do curto espaço de que poderei dispor, como é natural, para fazer a ilucidação reputada vantajosa, no mesmo artigo, vou responder, o mais concisamente possivel, ás preguntas que nele são formuladas.

Em primeiro lugar, devo declarar a v. ex.ª, em nome da verdade, que não tive o menor destaque durante o movimento de 19 de outubro, quer na sua preparação, quer nas curtas horas que durou o acto revolucionario, embora tivesse estado num dos pontos mais arriscados e onde periga a minha vida se tivesse havido luta ou onde teria comprometida a minha liberdade se o movimento houvesse fracassado.

Apoz o movimento de 19 de outubro se teve algum destaque deve-se unicamente ao entusiasmo com que pugnei sempre pelo programa revolucionario.

Tendo tomado porte no referido movimento, muito pude conformar-me com a constatação deste facto absolutamente deploravel: o de termos feito uma revolução para ficarmos peor do que estavamos, com a agravante, ainda, de os conservadores capciosamente aproveitarem para os dirigir e o maior esforço em inutil que nos podia ser lançado; o de termos feito a revolução, apenas, para serem assassinados os desventurados que, durante ela, tão tragica e tão barbaramente perderam a vida.

Não é segredo para ninguem que os elementos operarios, sindicalistas e comunistas, cooperaram no movimento de 19 de outubro no proposito com que cooperei, tambem, de se cumprir o programa do referido movimento, onde entre outros modificações que não cabe analisar agora, havia a de ser concedida a liberdade aos presos por questões sociais.

Ninguem, ignora igualmente, que para o movimento citado, contribuiram individuos de diversos matizes politicas e os chamados elementos avançados com quem houve os necessarios e previos entendimentos, embora sem caracter oficial, para cooperarem nesse movimento, em que motivaram uma atitude verdadeiramente ordeira.

O facto apontado ocasionou, naturalmente, relações e simpatias reciprocas, entre elementos republicanos e os elementos revolucionarios avançados, no numero dos quais figuravam os jovens sindicalistas que ha poucos dias perderam a vida.

Como poderia eles ser sem simpatia os elementos que tinham conhecimento, por exemplo, que os jovens sindicalistas tinham dado o seu concurso para um movimento que tinha como principal objectivo a dignificação da Republica?

Como poderiam eles ser com odio aqueles que eram informados de que os jovens sindicalistas, na madrugada em que perderam a vida, se preparavam para defender a Republica de que se dizia ameaçada com a ação de inimigos civis em alguns quarteis e em varios pontos da cidade?

Foi levado por essa natural simpatia que fiquei no numero dos elementos que acompanharam os dois que entenderam dever acompanhar ao cemiterio os seus companheiros de 19 de outubro, aqueles, embora que não fossem sindicalistas, mais uma vez se preparavam para defender a Republica.

Chegados ao cemiterio, os elementos civis outubristas, por sinal, republicanos, pediram-me para proferir algumas palavras á beira da campa daqueles que tinham sido seus companheiros no 19 de outubro.

Acedi a esse pedido, posto apenas em relevo a circunstancia de os sindicalistas terem perdido a vida quando preparavam engenhos que poderiam causar a morte a muitos infelizes que poderiam ser seus companheiros e até seus amigos.

Ao contrario do que afirmou alguem em destaque no Partido Republicano não disse que a bomba merecia uma oração mas como homem de pensamento e de coração ela nos devia inspirar horror e repulsa.

«Que os elementos civis de 19 de outubro se fazem representar no funeral dos sindicalistas para recordar que se sentiam sensibilizados a uma questão de reconhecimento para todos aqueles que defendem a Republica nos seus momentos de perigo.

«Que os monarquicos que tanta vez afirmam que toca a restaurar a monarquia restaurada na dia em que venceram as maiorias nas eleições de Lisboa, pretendam a manifestação de pesar que fizeram aqueles que morreram quando se preparavam para defender a liberdade, é indestrutivel por mais violencias e infamias que pratiquem contra ela.

«Que todos deviam contribuir para que reinasse a paz e a ordem na Sociedade Portuguesa, mas aquela ordem que não consiste em se transformar a Nação numa caserna obedecendo cegamente ás ordens do governo. Que todos queriamos a ordem, mas a que resulta da satisfação das necessidades materiais e morais de todos os cidadãos, nos justos limites do possivel e do respeito que nos devem merecer todas as crenças e todos os interesses mais ou menos legitimos que não podem nem devem ser conquistados por processos que se opunham ás leis supremas da Humanidade.

Em resumo foi isto que eu disse no cemiterio, em nome dos revolucionarios civis do 19 de outubro e com todos aplausos de quantos me escutaram.

Quer isto dizer que sindicalismo e outubrismo são doutrinas que se digam, como processos que se irmanam? E

«Representam uma aspiração identica?

«Tendem ao mesmo fim?»

Não!

Creio, porem, sr. Director de «A Capital» que é absolutamente desnecessario detalhar a resposta pelo que termino esta que já vai longa, confessando-me

De V. etc.

Henrique Martins Vagueiro.

DESCARREGADORES DO PORTO

Solução infeliz duma questão de trabalho — O sr. Governador Civil de Lisboa e a sua justiça de Salomão.

Recebemos a seguinte nota oficiosa:

Uma comissão de descarregadores do Barreiro, acompanhada do administrador do concelho, capitão do porto e seu delegado de classe, Rider da Costa, foi ontem recebida pelo sr. Governador Civil de Lisboa, com quem tratou da questão pendente entre a Direcção da sua Associação e um numeroso grupo de associados.

Os operarios ficaram devendo pertencer a Associação e o ilustre governador civil de Lisboa, pela forma justa e inteligente como resolveu a questão dando um praso de oito dias para a direcção da Associação readmitir os seus socios ilegalmente demitidos e fazer a distribuição do trabalho equitativamente por todos os associados, sob pena de encerramento da respectiva Associação.

A Comissão pede-nos para tornar publico o seu reconhecimento não só ao ex.mo sr. Governador Civil, administrador do concelho, capitão do porto, Ryder da Costa, associações operarias do Barreiro, como a todos que lhe prestaram o seu apoio moral.

O sr. Governador Civil de Lisboa resolveu o problema que lhe foi posto. Simplesmente, nós entendemos que a solução foi má, sob o ponto de vista dos interesses gerais, embora resultasse optima para os interesses particulares, como aliás, bem se vê da afirmação louvaminheira da «nota oficiosa». Vamos dizer das nossas razões:

Os armadores impõem aos consignatarios a descarga dum minimo de 500 toneladas diarias o fazem-no porque os navios ficariam meses no Tejo, descarregando lentamente, ás grandes, como convinha a quem convinha, se, por acaso se deixasse levar a quantidade de descarga diaria.

Do modo que, para se efectivar esse minimo de descarga, são precisos uns tantos trabalhadores, que os consignatarios requestam, ás associações de classe, visto que os não pode recrutar onde quizer, em razão de acordos impostos e aceites. Em todo o caso, o consignatario tinha a faculdade de escolher os trabalhadores e, naturalmente, fazia selecção entre bons e maus, preferindo os primeiros aos segundos. Vem agora o sr. Governador Civil de Lisboa e manda que a Associação do Barreiro admita bons e maus trabalhadores, profissionais competentes e incompetentes, e, por escala equitativa, os impinja aos consignatarios, que tem de pagar a todos eles, da mesma maneira, como se todos fossem ótimos.

Tal criterio, embora simplista ou exactamente por o ser, vem arrancar o serviço de descargas no porto, o que é excelente meio para cada vez tornar mais deserto o porto de Lisboa, em favor dos seus rivais da Espanha, onde se não magicam questões como estas e onde os governadores não fazem justiças salomonicas.

E' sempre a mesma questão, aquela questão maxima que transformou Portugal num azilo de invalidos: a relação dos profissionais faz-se em sentido negativo, ficando sempre vencedores os incompetentes ou os ineptos.

Na politica o aparte raras excepções, medram o são grandes estadistas os profissionais. Lá dos na luta pela vida um medico se acredita, um advogado de causas perdidas, um sapateiro que ter que tocar rabecão, um palavroso arengador, estes e muitos outros que não vale a pena citar, triunfam sempre na arena do Terreiro do Paço, doude fogem, escorraçados pela mediocridade triunfante, os habeis, os competentes, os inteligentes.

Nas relações entre o operario e o patrão está fazendo carreira a intervenção do Estado para a selecção negativa dos trabalhadores. Os incompetentes fazem echados bravo contra os que melhor trabalham, porque sabem e porque se querem; logo o Estado intervem e dá razão a estes contra aqueles... E querem, depois, que a Nação se restabeleça da doença da preguiça, da inepcia e da improdutividade!...

ULTIMA HORA

Questões do dia

Complica-se, de dia para dia, a cobrança dos novos impostos.— Olhe o governo, com atenção, para este momentoso problema

Já ontem o dissemos, mas convem repeti-lo, por forma a que não pague o justo pelo pecador: o sr. Cunha Leal não tem a menor responsabilidade na elevação dos impostos. Ha, sim, tres responsaveis, mas nenhum deles é o sr. Cunha Leal. O primeiro, dentro os tres, foi o sr. Barros Queiroz, que fez a lei; em seguida vem o Parlamento, que a aprovou; e o terceiro é o proprio contribuinte, que não reagiu a tempo proprio, desinteressando dos trabalhos parlamentares. Este ultimo gorme, agora, e começa a bradar que não pode pagar, ainda que queira. E' verdade, pelo menos, numa certa parte. Mas isso não impede de lhe dizer que, se em tempo conveniente tivessem feito ouvir a sua voz para iludir os legisladores, talvez as coisas não corressem pela forma tumultuaria e iniqua que se está esboçando. O actual chefe do governo é que não tem culpa alguma, porque combateu a proposta de lei governamental, tendo, aliás, o desconsolo de verificar que era voz a pregar no deserto. Isso, aliás, ainda tem uma vantagem: O sr. Cunha Leal conhece muito bem o caso e sabe que não é possivel arrancar ao contribuinte mais do que ele possue. E é essa a hipotese: muitos proprietarios são colectados por importancias superiores ao rendimento dos seus predios. Este contrasenso, esta rematadissima tolice, não pode deixar de ser corrigida, no Parlamento ou fora dele. O que não pode ser, porque constitue um revoltante atentado contra a bolsa alheia, é que se continue a exigir do contribuinte um imposto que é superior aos seus proprios haveres. Que diabo de bolchevismo será esse?...

Não sabemos o que o governo pode fazer, imediatamente. Podiamos mesmo dispensar-nos de indicar remedios para curar os males da administração publica, porque não é essa a missão que nos compete. Isso é com os politicos!

Mas sempre diremos alguma coisa a tal respeito, simplesmente para que se não alegue que a «Capital» aponta apenas os defeitos sem curar das virtudes.

E' dever do governo, em primeiro lugar, facilitar o pagamento dos novos impostos, na parte da lei que é exequivel. Os prasos para o pagamento voluntario devem ser alongados, evitando-se os relaxes, que mais iniqua tornam a lei pelo agravamento do montante a pagar do Estado. E' urgente que isso se faça, porque as Execuções Fiscais começam a afluir montanhas de processos para a cobrança coerciva das contribuições relaxadas.

Deve abrir-se a porta das reclamações, fazendo-se, ao mesmo tempo, um estudo consciencioso da lei, suspendendo a sua execução na parte que se reconhecer absurda.

Deve ser decretada a suspensão temporaria das execuções, emquanto se estuda o regimen transitorio.

Estas providencias não constituem novidade. Era vulgar, no tempo da monarquia, conceder ao Estado um praso maior para cobrança de novos impostos ou de contribuições recentemente aumentadas. Isto é tudo quanto ha de mais justo, porque a cobrança dessa quantia maior do que a ordinariamente paga, altera todo o orçamento, quer o domestico quer o industrial, comercio ou agricultura.

E' impossivel acreditar que o governo, e especialmente ao seu chefe, não mereça atenção este gravissimo assunto. Por muito que os cuidados dos eleiçoeiros preocupem o sr. Ministro do Interior, convencidos estamos que o sr. Presidente do ministerio ainda disporá de algumas horas para se dedicar ao estudo e solução do problema tributario, presentemente numa phase de doentia agudeza.

Policia de Segurança do Estado

Foi hoje demitido o seu director

Foi esta tarde resolvida a demissão do sr. dr. Barbosa Viana, Director da Policia de Segurança do Estado. Não sabemos se a exoneração deste funcionario foi imposta, mas queremos parecer que não foi, de bom grado, solicitada ao governo.

Ouvimos algumas versões acerca dos motivos que determinaram esse acto do Poder Executivo, mas não queremos fazer-nos echo deles porque não encontramos confirmação de sua veracidade. Cremos, todavia, que as investigações acerca da noite tragica não são estranhas ao facto de ser pedida demissão do alto funcionario policial.

Diz-se que já amanhã será nomeado o sucessor do sr. dr. Barbosa Viana, que nos dizem ser pessoa muito afecta ao Ministerio do Interior.

Muito engraçado!

Como todos sabem não vem longe a exposição do Rio de Janeiro. Só nós já acordamos tarde para a marcação de terrenos, etc., é certo que o comercio, a industria e a agricultura não terão, praso muito longo para preparar a sua apresentação á referida exposição. Com os nossos processos rotineiros, necessitamos, mais do que nunca e com urgencia fazer trabalhar as classes productoras, levando-lhes diariamente, por meio da publicidade todas as indicações necessarias e fazendo-lhes ver as vantagens que todo o paiz terá com uma completa representação. Pois sabem os senhores, segundo parece, a quem vai ser confiada essa publicidade? A' Cruzada das Mulheres Portuguesas.

Tableau!

Duquesa do Porto

A sr.ª Duquesa do Porto que tem sido muito cumprimentada no Avenida Palace, visita amanhã pelas 14 horas o Panteon de S. Vicente.

Carris de ferro

Em vista de não ter visto as suas reclamações satisfeitas, consta-nos que o pessoal da C. Carris de Ferro vai ainda esta noite para a greve.

A imperatriz Zita

No paquete S. Miguel, que entrou ontem no Tejo, chegou a imperatriz Zita da Austria, que se dirige a Suissa por motivo de doença de um seu filho. O vapor ficou ao largo, só se efectuando o desembarque hoje de manhã. A imperatriz será hospeda do sr. Conde de Almada e Avronches durante a sua permanencia nesta cidade.

A junta central do integralismo lusitano, cumprimentou a imperatriz que é neta de D. Miguel I.

POEIRA DA ARCADA

O sr. ministro da Agricultura ficou ontem detido em casa, com um ataque de gripe.

—As funcionarios do quadro interno das alfandegas manifestaram ao director geral das alfandegas o seu descontentamento pelo facto da nova subvenção os colocar em situação inferior aos demais funcionarios do Estado.

—Foi hoje assinado um decreto demitido o sr. dr. Barbosa Viana das funções de director da Policia de Segurança do Estado.

O JOGO

Voltamos á mesma?

Estão de novo em acção as chamadas de policia!

Estamos de novo a policia na faina de assaltar os clubs onde se suspeita que se joga, ou, antes, onde se sabe que não se joga, pois, os sitios onde o facto só dá se mantem clandestinos, sem que a policia os conheça.

Nós já equi, largamente, expozemos as nossas opiniões sobre o assunto; mas estamos dispostos a dizê-lo de novo, com o mesmo desassombro, pois a questão é a mesma, não se modificou, e não é nosso costume mudar de ideias. Com uma administração publica inteligente, os clubs deveriam lealmente ser colectados, faz um bom administrador não perde uma unica receita, e a receita que dos clubs deveria formar um rendimento opiparo.

Seria uma renda explendida, mesmo que a nossa situação economica fosse desafogada; mas a nossa bolsa está vasia, o Estado não tem vintem; nessas circunstancias, desaproveitar tais rendimentos é reincidir num erro que todo o homem inteligente o pratica condena.

O Brazil, o ano passado, regulamentou o jogo, o Club de experiencia, pois tais resultados deu esta medida, que precisamente nesto momento, o Estado de S. Paulo está alargando a area das concessões.

A França até tambem a regulamentação, e igual medida adotou a Belgica para varias cidades mais concorridas.

Pois é nesta altura que nós voltamos ás antigas correrias, fingindo anular o malarrico para que ele consegue se instale...

Deu-se o facto com o previo conhecimento do sr. Cunha Leal?

Não acreditamos. O sr. Cunha Leal é um homem novo e de cerebro desempoeirado. Não quererá ir atraz dos seus colegas, que, pessoas mais entradas em anos, teimavam em ver no jogo uma tentação do demonio...

Seria ridiculo, na verdade, que um homem de idade e actual chefe do governo pensasse como pensam... por exemplo, o sr. Barros Queiroz.

A questão do jogo espera apenas, para ser resolvida, o contento de todos, que um homem pratico e sem alaratas nos olhos, a veja como ela é.

Brindes

Da casa Jayme da Costa, Lda., engenheiros, 16 Rua dos Correeiros, 26, recebemos um calendario de parede, que agradecemos.

MUSICA

O concerto Blanch de amanhã em homenagem a Saint-Saens

Damos em seguida, completo, o magnifico programa do grandioso concerto extraordinario que em homenagem ao celebre compositor Saint-Saens, ha pouco falecido, realisa amanhã no São Luiz a Orquestra Sinfonica Portuguesa, dirigida pelo maestro Pedro Blanch e no qual toma parte pela unica vez o grande pianista Vianna da Motta:

1.ª parte—I a) «Argel»: b) «Reverie do sul» da Suite Algerienne; II «Tarantella» para flauta e clarinete; solistas, srs. José Henriques dos Santos e A. Grazian; III «La Danse Macabre», poema sinfonico.

2.ª parte—IV «Concerto n.º 5 em fá maior» para piano e orquestra; a) Allegro vivace; b) Andante (sobre motivos egypcios) c) Allegro.

3.ª parte—V «Le Rouet d'Omphale», poema sinfonico; VI «La Marche du Synodas, da opera «Henri VIII». (1.ª audição).

Actor Pato Moniz

O seu funeral

Pelas 12 horas de hoje, realisou se o funeral do actor Pato Moniz.

Depois das orações funebres, foi o caixão colocado num carro forrado de negro seguindo-se-lhe a corrugem transportando o rev. Prior dos Anjos, e seu acolito, e após esta uma extensa fila de trens conduzindo colegas e amigos do finado.

Sobre o ataude foram colocadas duas corôas com sentidas dedicatorias oferecidas pela filha do extinto e outra p los seus netos e muitos ramos de flores naturais.

No acompanhamento que era numerosissimo, viam-se representados todas as empresas teatrais.

No cemiterio foram organizados turnos, ficando o cadaver depositado no jazigo dos artistas dramaticos, no cemiterio ocidental.

TEATRO

Nota do dia

Luiz Galhardo

Eu sou absolutamente insuspeito para elogiar o sr. Luiz Galhardo, como antigo administrador do Teatro Nacional. As poucas vezes que tive contacto com s. ex.ª, sentiram-me para, atravez das amabilidades duma correcção meramente corrente, perceber sem ser preciso grande esforço, que ele me ligava importancia nenhuma. Nunca lhe pedi, de resto, para mim coisa alguma. Representei apenas alguem junto dele, com bastante infelicidade, velha a verdade.

Esta situação, de lhe não dever favores, de nunca lhos ter pedido com exito, de-me um á vontade para poder focar esse homem, tão discutido, tão acusado, tão odiado e tão lisonjeado neste cubiculo de bastidores velhos que é o teatro portuguez.

Hoje, que o sr. Luiz Galhardo, pelo menos aparentemente, quiz descançar do seu velho vicio das gerencias teatrais—que o negocio do teatro é um vicio—deve dizer-se crutamente que é ele, apesar de certas orientações discutiveis se deve, sem duvida, todo o renovamento, todo o pouco fulcro da vida que se respira na atual scena portugueza.

Ospicio, politico, negociante, escritor, actor dramatico, empresario, Luiz Galhardo é uma fisionomia e um caracter bem portuguez, bem destes portuguezes de boje, dispersos, fazendo a vida a sea modo, gastando perdulariamente a sua actividade verdadeiramente superior e as suas faculdades de organisação e de trabalho, sem duvida excepcionais.

Luiz Galhardo, num momento, monopolisou o teatro, açambarcou as peças e as companhias, fez em teatro ditadura. Mas deu ao publico de Lisboa, por isso mesmo, conjuntos como já não é facil tornar a dar.

Ele mobilisava um actor com golpe de telefone e deslocava um ensaiador, como quem mexe um «bibelot».

Uma «divette» desaparecia hoje do Eden e reaparecia amanhã ou depois, transformada, no Avenida ou no S. Luiz. Com este movimento, completava elencos, harmonisava conjuntos, valorisava repertorios.

Quem fica hoje ahi, com o seu valor de iniciativa, com o seu tacto teatral, com o seu instinto de marchar ao encontro do publico, lisonjeando lhe muitas vezes os defeitos mesmo—e talvez até em exagero, mas enfim compreendendo o?

O sr. Augusto Pina que o foi por eleições substituir no Nacional, é um homem inteligente e viajado; culto, conhecendo teatro e dotado duma sensibilidade equilibrada.

Alem disso é um senografo com largas provas das suas faculdades de artista. Nele ha o direito de esperar tambem uma orientação moderna á casa de «Garrett» uma cuidada «mise-en-scène» das peças, e sobretudo uma senografia á altura do nosso primeiro teatro de comedia.

No entanto, como calculam que manejar os pinceis é mais facil ainda que manejar os actores, só fazemos votos para que ninguem possa dizer que como senografo o sr. Pina se administra e como administrador... borra a pintura.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

—A seguir á opereta «Sua Alteza Valsa» subirá á scena no Teatro de S. Luiz a nova produção de André Brun e Carlos Simões, com musica de Pedro Blanch «A lenda dos tarlatanas».

—Depois de «A Lenda dos Tarlatanas, far-se-ha a reprise no Teatro de S. Luiz da opereta de Beato Faria e João Bastos, «O Fado», em festa de Alfredo Santos.

—A reconstrução do Teatro do Ginasio deve custar cerca de 600 contos.

—A plateia do Ginasio deve ficar com uma area aumentada um quarto da primitiva.

—Contra as noticias que correm o arrendatario do Ginasio não será o sr. Luis Galhardo.

—Sabemos que Antonio Ferro fará o papel principal da sua peça ao noito da 15.ª representação.

—A peça «Mar alto» de Antonio Ferro será a ultima a subir á scena no Teatro Politiama antes da partida da companhia Lucilia Simões para o Brazil.

—Chaby Pinheiro estreia-se no Porto no dia 1 de Fevereiro.

—André Brun foi convidado para escrever uma peça para o Politeama.

—As quatro peças do concurso de «A Capital» vão ser representadas numa noite e em espetaculo unico no Teatro Chiado Terrasse.

—Telegrama recebido de Paris anuncia a partida para Lisboa, do delegado dum importante grupo financeiro, que vem aqui tratar de obter varias concessões no «Parque Mayer».

Universidade livre

Curso de direito comercial

Realisa-se amanhã nesta colectividade, a 3.ª lição deste curso, o Ex.mo Sr. Dr. Carneiro de Moura, que tratará das assembleias gerais, da civilisação economica, dos inventarios, balanços, contas, fundos de reserva, dividendos; da emissão de obrigações e dos comanditas. Tratará mais do valor social do comercio, das contas em participação, das emprezas, do mandato, da função dos gerentes, dos auxiliares, caixeiros e da comissão comercial. Letras, livranças, cheques e saques; referir-se-ha ao aceite, ao endosso e ao aval. Por ultimo, tratará do vencimento e pagamento das letras do comercio, do protesto e do resaque.

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Já aqui disse e hoje de novo, repito que todas devemos estudar muito o temperamento e a disposição das creanças que estão a nosso cargo e aproveitar as aptidões especiais de cada uma.

Uma das que mais utilidade ha em aproveitar é o gosto para a costura. Não sou de opinião que se ponham as filhas num «atelier» de modista mas se virem nelas uma disposição especial para esses trabalhos não fariam mal em chamar a casa uma costureira habil para as dirigir no seu trabalho.

Quem quer saber nadar precisa atirar-se á agua, assim tambem para saber cortar um vestido é preciso sacrificar fazenda.

Na profissão de que tratamos, o importante é aprender a cortar, a juntar e a provar, tudo reside nesta triplice sciencia.

Não se deve pois recear estragar alguns metros de fazenda visto que de todas as tentativas, mesmo das que teem mau resultado, se tira qualquer proveito.

E' bom não se aproveitar a agulha apenas em rendas e bordados, ainda que isso sirva muito para embelezar a casa, mas tambem se deve pensar nos trabalhos que ajudam a fazer economias como fazermos nós mesmas a roupa branca e os nossos vestidos, pelo menos os mais modestos.

Numa familia de posses modestas é um grande auxilio fazer uma pessoa que tenha disposição para modista.

O arranjo dos chapeus já é muito mais facil e agradavel e são frequentes os casos de pessoas que sentem o maior horror para todo o trabalho de costura terem até prazer em fazer e enfeitar chapeus.

Ha qualquer coisa de artistico no colocar duma flor, no formar dum laço.

Já pomos um pouco do nosso espirito quando pousamos sobre uma capa uma avesita com as suas azas abertas como dispondo-se para uma viagem até ao paiz do Sonho, quando balouçamos com elegancia uma pluma branca numas abas que mais tarde gritarão: «Segui a minha pluma branca, ela vos levará pelo caminho do Amor», parafraseando a celebre frase de Henrique IV: «Segui a minha pluma branca, ela vos levará pelo caminho da honra e da gloria».

Ora vejam, minhas senhoras, se tenho razão ou não... logo que trate da confecção de chapeus encontreime falando numa das figuras mais cavalheirescas e romanticas da historia de França.

FRIOLEIRAS

A guerra ensinou-nos muita coisa e deu-nos numerosas ideias. Os celebres «fogareiros da palha», as «bailarinas», que aquecem a agua com jornais, as «bolas» feitas de cisco, cordeis de papel, chapeus de papel emfim mil outras coisas que toda a dona de casa e toda a pessoa de posses modestas conhece mas a moda mais fantastica foi a dos chapeus de cera.

Neste verão eram a grande moda em Inglaterra e eu fico-me a scismar como é que conseguiram que o chapeu não se derretesse nos dias de calor, pois até o sol de Inglaterra habitualmente envolto em nevoas ás vezes se esquece da sua obrigação de ser eterno enevoado a derruma ondas de grande calor sobre os inglezes e as suas excentricidades. Felizmente essa moda de cera não chegou nunca até cá porque o nosso sol lhes contaria um conto.

CONSELHO PRATICO

Experimentem ainda a dieta

Quando as crianças estiverem muito irritadas, mal humoradas, rabugentas, é muito conveniente mudar-se-lhes de dieta. E' frequente esse mal estar provir de qualquer alimento que não se dá bem com a natureza da criança.

Aconselho as mães o que experimentem esse systema, muitas vezes dá um explendido resultado.

HIGIENE DA BELESA

Pastilhas contra o mau halito

Uma das coisas que mais aflige e com muita razão, toda a mulher é ter mau halito. Logo que se sinta atacada desse mal deve ir a um dentista para saber se é dos dentes, se do estomago, e seguir um tratamento rigoroso. Mas ás vezes é uma indisposição ocasional e passageira, e para isso é muito bom mandar fazer estas pastilhas:

Café pulverisado	45	grs.
Carvão vegetal em pó	15	»
Assucar pulverisado	250	»
Baunilha pulverisada	10	»

Para se fazerem as pastilhas acrescenta-se a mucilagem necessaria.

AS NOSSAS CASAS

Cortina de janela

Não são só os moveis que dão conforto á casa, as cortinas, os papeis de forrar as paredes, e os reposteiros dividindo os aposentos, tambem teem lugar predominante na belesa do lar.

A moda baniu os pesados cortinados e reposteiros do tempo dos nossos pais e os papeis de grandes romagens e paisagens tambem desapareceram. Em seu lugar vieram as côres lisas para as paredes e os tecidos leves para os cortinados.

Vou-lhes falar hoje dumas cortinas que tanto podem servir para uma janela como para uma divisoria.

São duma cor lisa, que dependerá do tom das paredes e dos moveis, nos cantos superiores serão enfeitadas com umas flores grandes que poderão ser bordadas ou em aplicações de setim, seda ou tule contornadas por um cordão de seda. As flores devem ser nenufares ou lirios, amarelos ou vermelhos escuros, segundo o tom das cortinas.

ARTE DE COSINHA

Cabrito estofado

Compra-se uma boa perna de cabrito e corta-se aos bocados deixando-se durante quatro horas em escabeche de vinho tinto misturado com um pouco de vinagre, cebola e cenoura cortada ás rodelas, louro e sal.

Tira-se os bocados de cabrito, seca-se numa toalha limpa e passa-se por manteiga muito quente, juntando-se-lhe um copo de agua de vinho tinto e duas chavenas de caldo, deixando-se ferver e engrossa-se com um pouco de farinha. Coze durante duas horas.

PENSAMENTOS

Ha espiritos de todas as côres.

BERLIOZ

Todos os equilibrados são tarados: Teem a tara do equilibrio.

S. MONTEIRO

O espectaculo mais atraente para o homem é sempre o da alma humana.

D'ANUNZIO

RESPOSTA AO INQUERITO -:-

Ser amada é melhor do que amar; dá menos desilusões.

MARIETTA

SPORT

Law-Tennis

Os campeonatos do mundo que terão lugar a 15 de fevereiro, receberam a inscrição duma excelente equipe franceso, como Borotra, Decugés, e Laurents.

Aviação

A casa Peugeot criou um novo premio de 20 mil francos para o aviador que faça um vôo de 50 metros unicamente pela força muscular, isto é sem auxilio de motor.

Luta

Emilio Deriaz que tanto trabalhou entre nós, faz depois de longos anos de descanço, a sua reaparição num match de luta contra Raul Fabre.

No dizer dos entendidos, Deriaz parece estar em forma.

O tão falado match entre Constant le Marin e Zaysco, deve por fim realisar-se na Europa.

Academia de Sports

Ainda não resolveu a quem se deve dar o premio anual de 10 mil francos a Academia de Sports.

Esgrima

Vai ter lugar um encontro entre uma équipe italiana e outra franceza, em varios assaltos á espada, sabre e florete.

Entre outros figura o italiano Sassoni, um dos melhores mestres italianos.

Para o match entre Gaudin e Aldo Nadi, a bolsa é de 50 mil francos. E' o premio maior que até hoje se dá em esgrima.

Box

O campeão do mundo Dempsey, tem continuado a dedicar-se ao cinema e ao teatro.

Os jornais franceses citam o resultado do ultimo campeonato de Portugal.

NOTICIARIO

TIRO AOS POMBOS

Inicia-se ámanhã, pelas 14 horas, a epoca de tiro aos pombos no Stand do Gun Club, disputando-se pela primeira vez a Taça oferecida por Vitor Sarasqueta. Para esta taça, que será disputada em sessões, inicia-se um sistema interessante, que consiste em ser atribuida uma miniatura em prata a cada um dos 10 vencedores, ficando a pertencer a taça oferecida por V. Sarasqueta áquele que maior numero de vezes a tiver ganho nas dez «pontes» a realizar, sendo estas em 10 pombos e alternadamente a 26 metros «handicap».

A inscrição é de 30$00, sendo atribuidos 40 0|0 das entradas ao 1.º premiado, e respectivamente 20 0|0 e 15 0|0 para os 2.º e 3.º além da taça miniatura, que fica pertencendo definitivamente ao primeiro classificado.

Tambem haverá uma «poule» a um pombo («handicap»), inicio de uma serie de 8 «poules», que terão em conclusão como premio, para o vencedor do maior numero de «poules», uma espingarda V. Sarasqueta, modelo Eder.

E' de notar que a concorrencia ao Gun Club deve ser muito grande, porque será inaugurado o retrato do seu fundador, o conhecido e respeitado engenheiro sr. Luis Oliva Junior, que, como de todos é sabido, é um dos nossos melhores atiradores, devendo-se á sua energia e persistencia a criação em Lisboa de um «stand» de tiro, organizado de harmonia com todos os preceitos modernos.

O sr. Oliva, actualmente no estrangeiro, terá, sem duvida, satisfação e regosijo ao saber que os seus amigos lhe promoveram esta justa e sincera manifestação de simpatia.

Sá Cardoso

Banquete de homenagem

Realisa-se num dos dias da proxima semana o banquete de homenagem ao ilustre republicano sr. coronel Sá Cardoso.

Para esta homenagem já se inscreveram os srs. ministro dos Estrangeiros, Lima, Alves, Elias Garcia, Melo Barreto, Amaral Frazão, Mateus de Barros, João Augusto Madeira, Lucio Escorcio, Julio Caiola, José Garcia, capitão Oliveira Santos, dr. Pedro Pita, capitão Americo Olavo, dr. Carlos Olavo, Rodolfo Xavier da Silva, major Pereira Bastos, Antonio Pereira Nunes e João Martins de Oliveira (do Alcochete).

Preside ao banquete o ilustre parlamentar dr. Alvaro de Castro.

Associam-se a esta homenagem membros do governo, deputados e senadores, oficiais de terra e mar, comissão municipal e paroquiais do P. R. Reconstituinte.

A inscrição encontra-se patente na redacção dos jornais «A Manhã» e «Victoria».

Cruzada das Mulheres Portuguesas

Para lhes ser comunicado um assunto da maior importancia a Direcção da «Cruzada das Mulheres Portuguesas» convida todas as suas consocias a comparecerem no Instituto de Reeducação dos Mutilados de Arroios, ás 14 horas e meia, sem falta, na segunda feira 9 do corrente.

A Direcção pede a maior pontualidade por se tratar de um caso muito importante.

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

XI

Muitos voltaram os rostos para traz julgando-se cercados pois só assim se compreenderia aquela volta furibunda dos escravos. Mas lá no alto eram as reservas romanas que se fauavam, era a tenda do chefe com a purpura içada, o acarvoado dos seus «impedimentos» e de materiais do cerco.

Os grouviados pescoços de «cegonhas», cabeçalhos das torres, complicados engenhos de cordames e cavilhas, barracas e feixes de lanças, do reserva era junto das oficinas fumegantes onde se reparavam as armas.

Detiveram-se, todavia, como se consultassem bem entre si, antes de avançarem ao encontro dos temerarios que eram os vencidos de ha pouco.

Gritava-se na legião que se constituira em reforço; soltavam-se brados de entusiasmo e Spartacus sorria, levantava a espada, aclamava o seu exercito:

— Salvé oh! bravos!

— Salvé Spartacus!...

Foi no meio deste entusiasmo louco, gerador, dos costumados heroismos que Jarmelo chegou.

— Chefe! Spartacus! Escuta-me!...

Afastou o cavalo; ficou sobre um tapete de relva, hirto como uma estatua, bem destacado, enquanto altivamente o lusitano, limpando bagadas de suor, rouquejando cheio de zêlo, lhe dizia:

— Vim numa corrida veloz embaraçado pelos que retiram sobre o mar... chefe, não ha nas aguas nem sombra dum mastro, nem espuma de remados, nem nesga de uma vela... Os piratas não vieram porque foram vencidos ou porque foram comprados...

Nem um musculo se moveu no seu rosto, nem uma palavra saiu dos seus labios; quedou-se a meditar. Depois, num movimento pausado, desmontou, tomou o focinho do cavalo, olhou-o bem nos olhos, aproximava os labios das narinas fremitantes do animal que relinchava e de subito, num golpe rapido, como se fosse um coriscо ferindo e matando, mergulhou-lhe a espada no pescoço, cortou lhe as veias o viu-o cair como uma massa pesada, estrebuchar, ainda, quedar-se a seus pés de olhos abertos, negros e lendidos a refletir nos raios do sol da tarde que descia.

— Chefe que fizeste?... perguntaram em volta, Jarmelo encarava-o, num pasmo, mirando a lança esguia:

— Se morrer não que o meu cavalo sirva de trofeu no triunfo do vencedor... Se vencermos não faltarão cavalos no campo dos romanos...

Deu uns passos depois de contemplar o cavalo e para Jarmelo que o seguira, murmurou:

—Maldito poder do ouro... Sem ele não haveria guerras nem lutas, as mais simples, entre os homens...

—Foi ele que gerou a traição dos corsarios...

—Sim... Agora...

Não concluiu; um clamor formidavel, terrivel dominou o ruido da batalha. Era uma multidão aterrada, confusa, extranha, agarrando os mais diversos objectos de uso domestico, roupas entrouxadas, botelhas largas, moveis, cestos de viveres que se lançava no acampamento, soltando o seu grande brado que os romanos compreenderam:

—Não ha naus... não ha navios... O mar está liso... Não se veem os piratas... Fujamos! Fujamos!

Era a debandada, a balburdia das derrotas na qual tudo se largava, armas, bagagens, honra, vergonha, inundando o campo de destroços e de despojos, capacetes, gladios, saias, as maquinas de guerra que erguiam para os ares os seus arcabouços já inuteis diante dos elefantes avançando, calcando, ferindo, arremetendo numa furia, emquanto Eudoxio, já apeado, procurava ainda conter a onda redemoinhando a sua grande massa de armas.

Spartacus, a seu lado, combatia bravamente, gritava e o seu grito era uma ultima ordem:

—Vamos morrer bem...

Depois procurava em volta, vira Jarmelo, a dizer-lhe baixinho:

—Salva-te... leva Mirta. Dize-lhe que morri bem...

Atirou-se para o meio da batalha; sabia-se onde ele estava porque se via á sua volta uma clareira feita pelo varal de ferro molhado de sangue, branqueado aqui e ali de restos de miolos, que o negro redopiava como um Hercules suado, enorme, sem cançasso, querendo guardar o chefe, que, de espada nua, scintilava, feria, fazia recuar. Crixos alcançado por um troço de madeira pontеagudo caira e sobre o seu corpo passara o rosto duma centuria aterrorisada.

— Eudoxio! Eudoxio! — gritou Spartacus.

Vira-o cambalear, querer segurar-se ainda sob o vigor do golpe da bala ponteaguda que lhe arrancara o capacete e lhe rasgara a testa.

Não poude, porem, dizer mais nada. Um projectil sibilara e bateu-lhe numa fonte: atirara-o por terra emquanto e numida espumando, de olhos dilatados, fazia de novo recuar uma decuria; depois ao sentir o chefe ferido, baixou-se para o tomar nos hombros e fugir mas ao largar a clava sentiu-se retalhado de golpes, deixou-se cair, agarrou Spartacus contra si, num abraço de duas raças, e sentiu já a morte esse escravo que se tornara o seu chefe e o seu deus. O golpe fôra bem dirigido; a bala de chumbo tinha gravado o seu nome. E então, naquele momento em que sobre os seus corpos passavam vencidos e vencedores, o negro numa clarividencia de hora final, balbuciou como se o grande amigo, o seu general, o pudesse ouvir:

—Vencem os poderosos porque se guerreiam os humildes!

Finara-se e tinha nos olhos a expressão dum bom cão feliz por agonisar junto do dono.

O sol agonisava tambem e um cheiro a sangue subia, vaporava da terra entre os destroços.

Os romanos passavam numa furia, numa devastação; nem tinham ainda glorificado o vencedor. Debruçavam-se sobre os cadaveres na pilhagem e lançavam-se de roldão sobre a crasta. Acarvoara-se o ceu; um recorte doce e palido de lua, surgira no alto, ainda muito vago, muito esbranquiçado.

Ficara no caminho do mar uma turba aterrada; vultos espalhavam-se ao acaso, procurando fugir, tropeçavam uns nos outros, insultavam-se; viam-se os rostos feros ou ironicos dos romanos a detê-los, a grita redobrava e de repente, no meio do acampamento destroçado, uma chama azulada começou a subir para logo se alargar num incendio

—Fujamos! Fujamos! — exclamava Jarmelo tomando o braço de Manlio que vira combater pelos escravos e que segurava Lavinia, semi-desfalecida—Tu és um patricio; os romanos não te farão mal nem aos captivos...

— Os romanos?!—exclamou o noivo da filha de Arenco com desgosto —Não... não ficarei mais entre eles. Procuro outro rumo, outro canto do mundo onde tu Lavinia, se quizeres será Caia em casa de Caio.

Ela como se cortasse de vez os laços que a prendiam á Roma vencedora, á sua sociedade de patricios, aos preconceitos e até á familia balbucio

— Depressa... Depressa... Leva-me para longe disto!...

A CAPITAL

Diario republicano da noite

O medo do bolchevismo causa mais dano do que a sua propaganda.

Painlevé

N.º 3973—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 9 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2233—Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O aumento das tarifas dos caminhos de ferro

Todos nós estamos fartos de ouvir clamar e de dizer que é necessario, urgente mesmo, adotar medidas que vão contribuir de uma forma eficaz na restauração economica do paiz.

Não são somente as areas incultas ou cultivadas por processos rotineiros; não são apenas as fraudes constantes que se realisam no estrangeiro com os nossos vinhos; não é apenas o abandono a que temos votado os nossos portos e os nossos mares; não é só isso que urge fazer desenvolver, progredir, tornar util.

De toda a parte, de norte a sul, o mesmo brado, o mesmo clamor chega até junto de nós: a vida está cara, insuportavel, produz a asfixia.

Pertubações politicas permanentes não doixam os espiritos retomar aquela serenidade e confiança que traz o trabalho honesto, propulsor das grandes actividades, benção recompensadora das grandes lutas.

Todas teem culpas; as culpas batem a cada porta. Entrou-se no circulo vicioso do aumento do custo produção que, infalivelmente, trará consigo o aumento das despezas. O capital não conhecerá limites.

A dentro do paiz, caracterisado em cada uma das suas regiões, por uma produção especial, não existe, infelizmente, aquele regimen de comunicações que tornaria facil a transferencia dos generos dum ponto para o outro. Mas se este facto, já de si grave, porque as suas consequencias se fazem sentir poderosamente nos preços dos generos, não é de remedio rapido, ha um outro talvez, ainda mais grave, que infelizmente os poderes publicos tem descurado, e até auxiliado com a sua passividade e com a sua sanção.

Num recente decreto foi permitido ás companhias de caminhos de ferro elevarem os preços das passagens e do trafego até 800 %, em atenção a aumento de vencimentos a fazer ao seu pessoal.

Citar estes 800 % de aumento nas tarifas ferro-viarias é dizer que se agravou a vida em todas as suas actividades e manifestações duma forma tão grave que nos levará a nós, pobres consumidores, aos mais incriveis sacrificios. Se está resalvado nesse decreto o transporte de generos de primeira necessidade, nós sabemos, porque no-lo dizem todos os economistas, que o sistema de transportes dum paiz tem uma ligação intima com todas as actividades desse mesmo povo.

E neste caso, mesmo resalvado o transporte dos generos de primeira necessidade, a economia da nação agravou-se duma maneira assustadora—nada menos de 800 ojo.

Tinham porventura os caminhos de ferro necessidade deste tão grande augmento? Não o sabemos, porque tambem desconhecemos as bases que levaram o sr. ministro do comercio a sancionar mais esse agravante á vida de nós todos. Mas queremos citar um facto—um facto que merece ser citado: a companhia Estoril só agravou as passagens e trafego em 16 ojo, aquilo que reputa necessario para satisfazer as reclamações dos seus empregados.

Não queremos fazer comparações, a diferença é enorme e por si propria, diz tudo.

A guerra de Marrocos

O general Navarro—Uma escaramuça

MELILLA, 9. — No comando Geral recebeu-se uma informação acerca do numero de presioneiros que Abd-El-Krin tem em seu poder e que são os seguintes: general Navarro, quarenta e oito oficiais e oficiais subalternos vinte e um sargentos, cabos e soldados e um paisano. —(R.)

MELILLA, 9.—Foi feito fogo sobre um comboio formado por camions automoveis que se dirigia a Tauriat Hamed, tendo os mouros fugido após a agressão.—(R.)

A proxima conferencia economica

A Italia perante a Russia dos «soviets»

ROMA, 8.—O governo italiano, por intermedio da delegação economica russa convidou Lenine a assistir á conferencia que deve efectuar-se em Genova.—(H.)

Outros convites

CANNES, 8.—A proxima conferencia economica será nos comecos de Março, na cidade de Genova. Foram convidados os Estados Unidos, bem como a Russia, a Alemanha, a Bulgaria, a Austria e a Hungria. Não se menciona a Turquia.—(R.)

A conferencia de Cannes

A divida da Alemanha

LONDRES, 9.—Pelos tecnicos financeiros na Conferencia de Cannes foi aumentada de 500 para 700 miliões de marcos ouro a importancia devida pela Alemanha em 1922.—(R.)

As reparações

CANNES, 8.—Os tecnicos financeiros reuniram-se de manhã e decidiram aumentar para 700 milhões as prestações em generos. Esta proposta será apresentada a discussão do Supremo Conselho. Os mesmos tecnicos discutirão ainda o modo de fazer a repartição desta soma. A França reclama desde já 300 milhões de marcos ouro. Observar-se-ha neste assunto a prioridade belga.—(R.)

O que diz a imprensa

PARIS, 9.—Referindo-se á conferencia de Cannes, os jornais dizem que relativamente ao projecto do pacto anglo-francez, um acordo provisorio poderia ser formalmente estabelecido antes do termo da conferencia. Depois os gabinetes de Londres e Paris liquidariam todas as questões em litigio entre os dois paises. Por ultimo, chegar-se-ia a um acordo europeu, cujas bases poderão ser lançadas na conferencia de Genova. O sr. Briand teria insistido especialmente no projecto de uma verdadeira união continental, concebida segundo o modelo do acordo do Pacifico, realisado em Washington e compreendendo todos os estados constituidos ou modificados pelo tratado de Versailles. O sr. Lloyd George teria aprovado esse projecto mas haveria preferido limitar as sanções á arbitragem moral anglo-franceza e encarou um formula permitindo conciliar as duas teses. O sr. Briand entregou ao sr. Lloyd George um memorando expondo o ponto de vista francez respeitante ao pacto de garantias.—(H.)

A questão das reparações preocupa os governos dos dois paizes

CANNES, 8.—Os srs. Briand e Lloyd George conversaram demoradamente sobre as condições em que poderia concluir-se um acordo franco-britanico. Os ministros devem proseguir amanhã nas suas conversações, que não estão ainda muito adiantadas, mas que se apresentam sob os auspicios mais favoraveis. Dubois, presidente da comissão das reparações, veio juntar-se em Cannes aos seus colegas britanico, italiano e belga. Assim completa, a comissão prestará o seu concurso aos governos aliados, na conformidade do tratado.—(A).

Uma aliança?

PARIZ, 9 — A Agencia Havas recebeu telegrama de Cannes, dizendo que os Srs. Lloyd George e Briand trocaram as comunicações preliminares acerca do acordo de garantia e segurança com a França para a manutenção do estatuto europeu. Os dois paizes comprometem-se mutuamente a prestar o seu concurso militar, naval e aereo no caso de uma proxima agressão alemã. E' provavel que a Belgica e eventualmente a Italia se juntem ao acordo franco-inglez. O acordo abriria para a França a possibilidade da redução dos seus efectivos militares e a readopção do programa naval. E' possivel que este acordo sirva de base a uma «entente» internacional que englobe todas as potencias europeias, as quais se comprometeriam por um tratado comum a abster-se de toda e qualquer agressão para com os visinhos. Em virtude da demora necessaria para a realisação deste projecto, de vasta envergadura, é possivel que as negociações se prolonguem alem das sessões do conselho supremo.—(H).

Associação dos proprietarios lisbonenses

Na respectiva associação de classe reuniram ontem de tarde os proprietarios lisbonenses, e deliberaram não pagar as contribuições predial nem e a sumtuaria sem que o sr. ministro das Finanças responda ás reclamações que em tempos, por eles lhe foram apresentadas.

Os proprietarios lisbonenses voltarão a reunir na proxima quinta-feira e não hoje, como os jornais noticiaram.

A Associação dos proprietarios do norte, com séde no Porto, apresentou ao sr. ministro das Finanças identicas reclamações ás apresentadas pelos proprietarios lisbonenses.

Na Hungria

Modificação, em sentido radical, da politica governamental.—Os agrarios no Poder

BUDAPEST, 8.—A reunião ontem realisada pelo partido agrario representa uma profunda mudança na politica futura do gabinete do conde Bethlen. O presidente do Conselho declarou que renunciava a formar parte da coligação majoritaria para entrar com os seus amigos no partido agrario que por este motivo fica sendo o partido governamental. O Conde Bethlen declarou que estava decidido a lutar sem treguas contra a propaganda carlista.—(R.)

Segredos a toda a gente

Caracoes

Se lhe fica bem esse penteado? Mas, minha senhora, que lucraria eu em dizer-lhe que não? Absolutamente nada. As mulheres obedecem á moda — não obedecem aos homens. De resto ficam-lhe muito bem esses pequeninos caracois loiros que ás segundas, quartas e sextas lhe caem sobre os olhos, que ás terças, quintas e sabados lhe desaparecem sob o chapeu—só não gosto deixe-me confessar-lhe, de a vêr ao domingo, apenas com um caracol no meio da testa, um caracol rebelde, agressivo, impertinente que muitas mulheres (você sabe-o tão bem como eu) chegam a colar com goma-arabica. Só não gosto desse caracol—e entretanto não lhe digo muito mal dele, como vê. Porque afinal esse pequenino caracol loiro tem-o «seu quê» de logico, de justificavel, de aceitavel até sobretudo quando reveste, forma, como a ultima moda exige, de ponto de interrogação. Ainda ha de vir o primeiro homem que negue totalmente que um ponto de interrogação na cabeça das mulheres—não lhes vem muito a proposito.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES.

As nossas orquestras sinfonicas

O que delas pensa o maestro Francisco de Lacerda

O notavel maestro portuguez sr. Francisco de Lacerda, escreve para o «Correio dos Açores» uns bilhetes de Lisboa que são sob todos os pontos de vista, muito interessantes. Dum desses bilhetes destacamos os periodos que abaixo se transcrevem e que são bem para meditar:

Actualmente, Lisboa possue duas grandes orquestras, regularmente constituidas, independentes e rivais—e, aos domingos, de tarde, faz-se musica «por um sarilho»!

Estes concertos sinfonicos — esta manifestação de Arte, tão especial e rara, que ainda aqui ha uns vinte e cinco anos não conseguia reunir tres duzias de maduros sinceros e atentos nas «Reais Academias de Amadores» —tornaram-se tambem a inabordaveis e são rijamente disputados a escudos e a murro.

E, como era de prever, crearam-se logo, no publico lisboeta, entre os «aficionados», duas corrente e dois partidos — como nas touradas—: os «blanquistas» e os «fãosistas»...

Para os blanquistas, o maestro Fão é uma maquina, um homem rigido e seco, desalmado, metronomico, etc., etc.; para os faosistas, o maestro Blanch é uma especie de «espada» musical, com «requiebros» e «pôse», balofo e abonecado, sem base e sem compreensão, etc. etc.

Para mim, que não sou nem «blanco nem preto», ambos eles teem reais qualidades e evidentes defeitos,—os defeitos das suas proprias qualidades...—Mas isto não vem, agora, para o caso:—vamos adiante.

Como lhe dizia, faz-se musica sinfonica «por um sarilho». As salas, «sempre á cunha»... e o publico, que já não é o sonolento publico das «Academias de Amadores», parece ouvir com manifesta atenção e agrado o que ali se executa.

Programas d'arromba! Gramei eu um que comprehendia (palavra de honra!) nada menos de «cinco». «Aberturas», uma enorme «Sinfonia», um longo «Poema-Sinfonico» e varias outras mindezas de menor vulto e importancia. Fiquei derreado... assim como os pobres dos executantes—mas o publico, esse, ficou como se nada fosse; e, apoz trez longas horas de aturadas e retumbantes sonoridades, lá se foi, fresco como uma «alface», cantarolando, assobiando, repisando os temas mais faceis e mais «melodiosos», numa inocente confusão de Glinka, Besthoven e Sibelino..8

A questão irlandesa

O regosijo pela retificação do acordo

LONDRES, 9.—A ratificação do acordo anglo-irlandez pelo «Dail Eireann» continua dando logar a manifestações de regosijo.

Por noticias recebidas de Australia sabe-se que a noticia de ratificação encontrou em todo o pais um sentimento de satisfação.

O sr. Balfour, ao receber a noticia em Washington, exprimiu a sua opinião com uma simples palavra «Esplendido».

O sr. Briand felicitou pessoalmente o sr. Lloyd George.

De Valera continua aparentemente irreconciliavel, tendo reunido o seu partido em sessão secreta.

Os membros da Assembleia, que provaram o Tratado, reuniram-se particularmente na «Mansion House» em Dublin.—(R.)

UM PINTOR PORTUGUEZ

Teixeira Bastos

Na estagnação da nossa vida artistica surgem por vezes nomes que despertam o adormecimento geral, Artistas que trabalham silenciosamente, sem espavento e sem grita, exibindo depois uma obra solidamente feita com consciencia e com amor.

Teixeira Bastos ha onze anos que deixou o nosso publico. As suas exposições até então tinham-lhe marcado um logar de destaque entre os Artistas. De então para cá em terras de França e de Espanha, trabalhando sempre, cuidando a sua obra, mais afirmou o seu talento. Senhor de uma tecnica perfeitamente original, de que ele sabe tirar uns explendidos efeitos, principalmente em temas de nevoeiro e meia luz, as suas telas lembram evocações deliciosas.

Durante a sua estada em Paris, convidado por uma companhia cinematografica para colaborador artistico, dedica os seus esforços á beleza das decorações e dos ambientes.

Foi uma nova faceta da sua arte, dentro da qual ele venceu com galhardia e com valor.

Teixeira Bastos voltou de novo a Portugal. O seu nome reviveu nos jornais. As suas telas, impressões de França, de Espanha, evocações de tipos portugueses, voltaram a exibir-se aos nossos olhos.

Duma eterna mocidade, aquela eterna mocidade dos bons espiritos, o seu pincel da-nos sorrisos de creanças, sentindo o seu encanto e a sua alma.

E já a sua atenção se volta para as nossas paisagens, para os nossos horisontes perenemente iluminados, num desejo veemente de crear, de gravar nos palmos duma tela a fascinação dum instante.

Teixeira Bastos é um exemplo, a sua obra uma lição.

No acolhimento carinhoso que o rodeou Teixeira Bastos viu o muito que é estimado e compreendido.

Viagens aereas

Projecta-se o estabelecimento de viagens regulares entre a Espanha e a Argentina

BERLIM, 9.—Continuam ativamente em Friedrichshaven os trabalhos dirigidos pelo dr. Fokener e pelo sr. Herrera oficial espanhol, para a montagem dos serviços de transportes aereos entre a Espanha e a Argentina.

Os dirigiveis que farão viagem entre os dois paizes serão movidos por nove motores de quatrocentos H. P., medirão duzentos e cincoenta metros de extensão, poderão levar quinze toneladas de carga e quarenta passageiros, tendo uma velocidade de cem a cento e vinte kilometros por hora.

Os planos destes aparelhos, que estão destinados a estabelecer comunicações regulares entre os dois continentes, já estão em poder do grupo financeiro espanhol que se abalançou a esta empreza. A duração da viagem da Espanha para a Argentina está calculada em oitenta e oito horas. O regresso será mais demorado devido aos ventos contrarios, contudo subindo-se a uma altitude de mil oitocentos a dois mil e quinhentos metros poder-se-hão evitar os ventos contrarios incurtando-se as viagens.

Está tambem em via de solução o projectado serviço aereo entre Sevilha e as Canarias, que seria uma especie de treno para as viagens mais ousadas entre a Espanha e a Argentina.—(R).

A representação das classes no futuro parlamento

Conversando com o sr. Alvaro de Lacerda

Em sua casa, o sr. Alvaro de Lacerda recebe o jornalista.

Um ambiente confortavel com uma nota de gosto e arte.

—Como encara a representação das classes no futuro parlamento, interrogámos.

—Sempre fui partidario da representação das classes economicas no parlamento. O parlamento inglez é, como sabe, composto na sua grande maioria por individuos saidos destas classes, e é essa talvez a rasão porque esta instituição ali funciona melhor do que em qualquer outro paiz. Na America do Norte sucede o mesmo. E a mesma tendencia se nota nos paizes latinos da Europa, onde os homens que fazem parte das classes produtoras, da agricultura do comercio e da industria, começam a ter em larga escala assento nos parlamentos. Carece-se do seu espirito pratico, e como hoje as nações não são mais do que grandes fabricas, os grandes conhecimentos que esses homens possam ter sobre o poder economico da sua nação são preciosos dentro de um parlamento.

«Entre nós tardiamente se enveреda por este caminho, mas é sempre tempo de tentar vida nova.

—Julga então que as classes economicas estejam dispostas a fazer eleger os seus representantes no futuro parlamento?

—Julgo que sim. Nenhuma animosidade move estas classes contra os partidos politicos, a cuja acção não pretendem sobrepor-se. Se conseguirem eleger alguns representantes seus, o que não é facil dado que não possuem organisação eleitoral, irão dentro do parlamento elaborar com consciencia e isenção na solução dos problemas economicos nacionais, e estes teem sido em absoluto menos presados ha anos a esta parte, sendo a este facto que eu atribuo o nosso mal estar presente.

—Parece-lhe que os partidos politicos verão bem a entrada das forças economicas no parlamento?

—Não sei; mas suponho que não possam ver mal. Estas forças vão apenas ali prestar o seu concurso, o qual não pode ser mal visto por aqueles que sinceramente desejam subtrair o paiz das presentes dificuldades. Os seus representantes no parlamento não vão defender interesses pessoais ou de classe, vão tão sómente com o intuito de, como bons portuguesos, expor qual deva ser a orientação a seguir para que Portugal possa extrair de seu solo e vastissimos são os seus dominios ultramarinos, a riqueza que neles se contem, promover o seu desenvolvimento, de que só um maior bem estar pode resaltar para a nação. O sr. Alvaro de Lacerda tinha posto nas suas palavras o programa dos futuros parlamentares representantes das forças vivas.

A nossa conversa afastava-se já do objetivo determinado. O jornalista repara numa edição do «Só» sobre uma mesa. Começa-se então a falar de livros, do preço exorbitante das nossas edições, que o sr. Lacerda compara com as explendidas edições inglezas, que possue.

Efectivamente abre-se na nossa frente um volume completissimo sobre faianças, com gravuras de uma nitidez extraordinaria, e as marcas em «fac-simile», ensinando-nos a conhecer os Sevres, os Delft, os vasos chineses e tantos outros. Dos livros, passamos em revista os programas das escolas, a reduzida craveira mental dos nossos estudantes, que saem para a vida sem nenhuma preparação tecnica, que os habilite a ganhar longe das muletas da empenhoca ou do emprego publico.

—Não formamos homens nem caracteres, e com os detestaveis programas de ensino, que possuimos concorremos para abastardar as gerações novas, que terão a cargo a direção do paiz,

Era tarde já. O sr. Alvaro de Lacerda, admirador entusiasta da educação ingleza, a cada passo nos faz referencias á forma como ali se educam rapazes e raparigas, amadurecendo-lhes gradualmente o espirito, sem saltos bruscos como acontece entre nós, e creando assim um ótimo senso critico, que tanto nos falta, e nos faz caminhar ao sabor das mais variadas prixões.

Brindes

Da casa Neto & Fernandes L.da, proprietarios da Papelaria Verissimos Amigos, Praça Luiz de Camões, 30, recebemos um calendario de parede para 1922, que agradecemos.

—Do Centro Colonial Tipografico tambem recebemos 3 calendario de parede para o ano corrente que agradecemos.

—Tambem a Grafica L.da Rua da Assunção 18 a 24 nos enviou um elegante calendario para o ano corrente.

Migalhas

Um crime

Cometeu se hoje um crime em Lisboa: D. Aninhas foi, pela primeira vez, ao colegio. Ao que parece, era urgente e necessario para que houvesse um pouco de socego em casa. O poder legislativo hesitava; o poder executivo, cujas ditaduras são temiveis, tomou finalmente a resolução.

D. Aninhas andava radiante. Para ela o colegio é um local onde ha outros meninos com quem se brinca, para onde se levam as polainas de pelica inglesa, e o gorro de peles e as luvas de lã. Duas cousas sobretudo enlevavam o seu espirito nestes ultimos dias: estrear uma mala de oleado onde se meteria uma ardosia e uma caixa de costura e transferir para o colegio a sua cadeirinha de verga.

A sua amiga ultima, a minha afilhadita Maria Irene, tem sobre os colegios uma ideia definida que é todo um sistema de filosofia:

—«Tomára já ir para o colegio que é para vir a ferias e ficar em casa á quinta feira.

D. Aninhas, essa, tem outras ambições: quer ir para o colegio mostrar ás outras meninas que sabe falar francez.

Enfim lá foi esta manhã. Minha pobre pequenina, que vão fazer de ti, as senhoras mestras do teu colegio? Em primeiro logar, tu que és tão sinceramente mal educada, que dizes sempre a verdade e nunca calas o que pensas, que contas o que ves e preguntas o que não sabes, vais conhecer a tiranica hipocrisia das regras do bom viver. Vão-te ensinar a sorrir ás pessoas de quem não gostas, a calar o que te apetece gritar, a moderar os teus gestos, a esconder os teus intentos. Vão em resumo fazer de ti uma pessoa de sociedade e só Deus sabe que horrivel e complicado bipede é uma pessoa amestrada pelos usos, pelas leis, pelos preconceitos.

Depois um belo dia—não será já porque a isso ainda me não resolvi—hão-de ensinar-te a ler e então esses livros, esses venenosos mestres, feitos de quantas mentiras prejudiciais e maldade dos seculos tem sabido inventar, acabarão a obra terrivel que hoje se iniciou. Em mil compendios —e principalmente naqueles que se não dão ares de o serem—aprenderás todos os dias uma lição contraditoria, em cada um encontrarás um conselho que, afinal, é sempre mau, falsidades tremendas que te parecerão encantadoras verdades e aqui e acolá, uma verdade que te parecerá inverosimil e que tu despresarás.

O colegio primario e os livros depois encaminhar-te-hão na vida e far-te-hão conhecer a humanidade. Não te gabo a sorte, minha pequenina que não conheceis senão os beijos dos que te querem bem e a ingenua ilusão dos teus brinquedos.

Para o meu coração, o peor de tudo é que infalivelmente um dia ha-de chegar em que tu amaldiçoarás a hora em que te mandaram para o colegio e te ensinaram as letras. Um dia has-de sentir que é do saber que a dor provem e que a ignorancia é talvez a unica garantia de felecidade relativa que a existencia nos oferece. Nesse dia só poderei dizer-te que tambem a mim me fizeram o mesmo quando tinha a tua idade e que, como tu, eu parti radiante.

ANDRE BRUN.

A China aos retalhos

Doze governos.—Condottieri de rabicho.—Banditismo desenfreado

Os acontecimentos caminham rapidamente na China. As nações com interesses no antigo Celeste Imperio dispõem-se a intervir. Di-lo a imprensa estrangeira, o considera-la, a que pensa, a que é eco dos poderes publicos ou mais ou menos cominatoriamente os orienta. A causa imediata das perturbações é de ordem financeira. O principal motivo é a politica.

Ha doze governos diferentes na China. Alguns são inteiramente independentes, dois ou tres são semi-independentes, e os demais não se sabe bem o que são. Ha governos formais e não formais, mas todos superintendem em amplas extensões de territorio. Em Pekin, no norte, existe o governo central, o coração da antiga maquina administrativa. Essa maquina trabalha em redor da capital, mas fraqueja e emperra a certa distancia.

De um certo ponto para lá deixa de pulsar completamente. Substitue-a ao longe, como nas velhas estações das mudas, uma outra maquina que haure a rasão do seu poder noutras fontes. Este governo tem um presidente e um ministerio, mas não sem parlamento. O seu estatuto constitucional é considerado irregular. No entanto foi reconhecido pelas potencias estrangeiras que concorrem para manter a ficção de que administra legalmente.

Em Kuong-Tong, no sul, ha o governo de Cantão que figura com presidente, gabinete, parlamento e outras formalidades. Esta organisação argumenta com a sua constitucionalidade, mas só um pequeno partido a reconhece; todos os outros politicos chinezes lhe voltam as costas. As potencias estrangeiras não teem nada que fazer com o governo de Cantão, Kuang-Tong derrotou ha pouco a visinha provincia de Kuangsi depois de tres meses de guerra e proclamou um governo autonomo. Nestas circunstancias, embora Cantão pretenda representar o sul, de facto o governo apenas impõe a sua vontade em duas provincias.

◆ ◆ ◆

Sem ser governo formal, nem coisa que se pareça, aparece Chang-Tsolin, inspetor geral de tres provincias manchurias, com adicional superintendencia no Chihli do norte, limitrofe de Mongolia.

O governo de Pekin está, na verdade, sob as ordens de Chang Tso-lin, que mantem tropas suas dentro da capital e fóra. Muitos dos actuais ministros são criaturas suas. Recebeu ha pouco quantias avultadas para realisar uma expedição para a reconquista da Mongolia. Esse caudilho tratou de outros assuntos, não deu nenhuma especie de satisfação a Pekin. O ministerio não se atreveu a abrir a boca. Chang-Tson-lin tem uma secretaria dos estrangeiros para seu uso particular e governa como um aristocrata.

No Yunann e Szechuan, provincias militares, ninguem governa, porque governam todos. O Yunnan trabalha mais ou menos aliado a Kueichó. Não ha muito que Szechuan atacou com cincoenta mil homens o Hupeh ocidental, com o fim de se apoderar do rendimento do sal, receita avultadissima.

Ninguem se entende naquela Babilonia tão socegada e disciplinada em tempo e agora tão anarquica que os de fóra querem lá intrometer-se.

◆ ◆ ◆

Um general de prestigio, Wu Peifu, tem ás suas ordens cem mil homens, que ele faz render o mais possivel. E assim uma especie de «condottiero» que dança conforme lhe tocam. Apoderou-se das linhas ferreas e doutras receitas que ele distribue á sua vontade.

Como é facil de prever todos os mananciais dos rendimentos publicos são poucos para saciar esses militares que cardam a maior soma da lan possivel em seu beneficio. Ao lado e a par destes exercitos que, em lugar de defender o governo só o atacam, e expoliam, pulula uma infinidade de quadrilhas de salteadores que rouba, mata, saqueia e exige resgates a todos que os podem pagar.

Ora o extrangeiro tem ali o seu querido dinheirinho empregado em titulos da divida publica e ha anos que não recebe nenhuma especie de juros. Eis a razão principal da intervenção em perspectiva.

Eis o que ha ao presente no vasto e rico paiz que, de ora em quando, nos quer cercear os nossos direitos a Macau. Desta vez não se sabe bem donde parte a agressão, se de Cantão se de Pekin.

A gripe

faz vitimas na Inglaterra e na Alemanha

PARIS, 8.—As noticias do estado sanitario na Alemanha e Inglaterra preocupam as autoridades fancezas. A gripe está fazendo muitas victimas nesses dois paizes, annunciando-se com tão mau aspecto como em 1918.

O frio em França tem sido intenso. Nos departamentos do sul ha vilas e aldeias bloqueadas pelo gelo. Apezar disso, o estado sanitario do paiz não sofreu alterações, sendo normal em toda a parte.

Duqueza do Porto

é hoje recebida pelo chefe do governo

Sua Alteza a Senhora Dona Maria Pia, Duqueza do Porto e Princeza da Bragança, é hoje recebida, ás 16 horas, pelo sr. presidente do Ministerio.

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DUM DECOTE

Vi-a ha dois dias num teatro. Alta, esguia, coleantemente elegante, erguia os seus cabelos negros sobre uma pele deliciosamente branca. Uma grande raposa negra envolvia-lhe a cintura.

E para baixo descia-lhe uma tunica azul-prateada que lhe cingia as formas desenhando-as caprichosamente.

Para cima, para cima da cintura havia vagamente qualquer coisa de que me não recordo bem.

A primeira impressão, essa não me esqueceu, era de que não existia coisa alguma. Apenas o explendor do busto bem lançado, do colo divinamente nú.

Estava na plateia num fauteuil á meio da sala. De volta de ela olhares furtivamente curiosos percorriam lhe o tronco, aqueciam-lhe as formas.

Em toda a parte se fala dela.

—E' uma beleza provocante, diziam todos.

E os binoculos, as lunetas, os simples cristalinos cravavam se afincadamente sobre ela.

Desdenhosa, altiva, indiferente ela limitava-se a sorrir para um rapasito imberbe que a acolitava.

A meu lado um velho libertino, acostumado a todas as sensações fortes, declarou-me:

—Mas é demais, não lhe parece?

—Não, meu querido amigo. Quando um decote chega aquela altura, limito-me a dizer... que é de menos.

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

A população actualmente existente na França segundo o ultimo censo, é de 39209766 habitantes, incluindo 170.749 pessoas residindo em Alsacia Lorena. No penultimo censo, feito em 1911, a população franceza era de 3969409[?] almas. Em março passado, os numeros deram uma perda de 2191975 habitantes nos Departamentos da França comparadas as da população existente antes da guerra. Paris no ultimo censo deste ano, mostra uma população de 2906472 habitantes, Marselha 586341, Lyon 561592 e Bordéus 267409.

Pelo relatorio anual dos tribunais desta cidade ficou demonstrado que as questões em litigio aumentaram 25 % sobre 1921, mas os divorcios baixaram, havendo 1107 casos de divorcio contra 1254 no ano de 1920. O aumento dos 25 % das acções em litigio deve-se a execução da lei da proibição das bebidas alcoolicas.

❖ ❖ ❖

Um grande jornal de New York dá a noticia atribuida a monsenhor Antonio de Santa Capetas, particular do rei de Espanha, de uma proxima viagem de Afonso XIII aos Estados Unidos e á America Latina.

❖ ❖ ❖

Realisou-se em Mandalay um extraordinario cortejo noturno em honra do Principe de Gales em visita aquela cidade. O cortejo compunha-se de milhares de indigenas e de uma grande quantidade de animais.

❖ ❖ ❖

Calcula-se que uma quinta parte dos empregados da marinha mercante ingleza se encontram desempregados.

Entre eles contam-se 2.000 oficiais.

❖ ❖ ❖

Afirma-se que a rotura de 2 cabos que ligam a America do Norte á do Sul é devida a perturbações sismicas no oceano.

❖ ❖ ❖

As letras

Deve sair nos começos do proximo mez de março um poema com o titulo de «Dom Sebastião», do moço poeta da «A Legenda das horas» sr. Correia da Costa. O poema que é altamente simbolista encara a figura do rei como uma tendencia moral da raça e considera o sebastianismo como uma incerteza de realisação, um desejo continuo de quimera.

A capa é do pintor Teles Machado, um desenho que é uma sintese dos motivos decorativos da batalha e do rei a mais alta lança da grei. O poema tem seis contos e em todos eles, a hora de Alcacer-Kibir, o rei incerto, o luto da raça, a creação da saudade a manta da nevoa, passa a figura ausente de D. Sebastião.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

Não mais se combaterá com gazes asfixiantes

WASHIGTON, 9.—Foi adoptada pelos Estados Unidos, Japão, Gran-Bretanha, França e Italia a proposta do sr. Root proibindo o uso de gazes asfixiantes na guerra.

Ficou assente que todas as outras nações serão convidadas a dar o seu acordo a esta resolução.—(R.)

Os delegados ingleses retiram a 14

WASHINGTON, 9. — Lord Lee e o sr. Balfour, os principais delegados ingleses a conferencia embarcam para Inglaterra no dia 14, entregando a conclusão dos assuntos que interessam a Inglaterra nas mãos do sir Aukland Geddes, embaixador britanico nos Estados Unidos.

As razões da França sobre submarinos

WASHINGTON, 9.—O «New York World» diz saber de fonte autorisada que a razão apresentada pela França explicando o seu desejo de liberdade de acção para construir submarinos é a seguinte: A Alemanha se cumprir as obrigações a que a França tem direito, pr'oto a ameaça de uma esmagadora força militar.

Esta força dependerá da facilidade de deslocar para a França contingentes de sengalenses, algerianos e marroquinos.

Para conseguir este fim seria necessario uma respeitavel esquadra submarina que podesse conservar as esquadras inglêsas fora do Mediterraneo.

Uma esquadra submarina francêsa só se tornaria superflua por uma aliança garantindo a integridade do territorio e colonias da França, assim como das regiões em que vigorassem «Mandatos» em que os Estados Unidos seriam instados a terem participação. A politica da França é diferente da dos seus visinhos e que faz com que se encontre isolada; portanto, se lhe faltar o apoio dos Estados Unidos, a França tem que preparar-se para se defender das provaveis consequencias do seu isolamento.—(Lat-Am.)

Espanha

MADRID, 9.—Tem sido exercida uma tão rigorosa censura nos telegrafos e telefones que nestes em se pronunciando a palavra «general» cortaram logo a comunicação. Um correspondente não poude transmitir a noticia duma reunião scientifica por ela ter sido presidida pelo general Marva.—(Lat. Am.)

MADRID, 9.—«La Correspondencia Militar» assinala a unanimidade de todos os elementos do exercito para combater a La Cierva. Diz que é impossivel ocultar por mais tempo o que tem sucedido em Melilla — que os centenares de enfermos e feridos narram quando sem medo de pressões falam na intimidade.—(Lat. Am.)

MADRID, 9.—Assegura-se que existe um documento que poderia chamar-se «Memorial de Agravos» em que se expõem todas as razões de queixa que o exercito tem contra o ministro da guerra, não só de ordem moral mas tambem de ordem material. Uma alta personalidade a qual havia sido confiado o documento em questão entregou-o ao ministro da guerra.—(Lat. Am.)

MADRID, 9.—Não obstante o seu desejo de se subtrair a manifestações quando o general Weyler se dispunha a partir para Guadalajara foram a sua casa os oficiais do Estado Maior Central e os oficiais da guarnição deixar bilhetes de visita.—(Lat. Am.)

BILBAU, 9.—Cerca de [illegible] operarios abandonaram o trabalho dos molhos em atitude pacifica, negando-se a aceitar a diminuição de 20 % no salario que a Companhia lhes quiz impôr.—(Lat. Am.)

OVIEDO, 9.—A greve mineira agravou-se consideravelmente. A guarda civil concentra-se na previsão de desordens graves.—(Lat. Am.)

MADRID, 9 — Comunicam de Melilla que se suicidou, na clinica dos presos do Hospital Central, um soldado da Legião Estrangeira, tirando a ligadura da ferida e enforcando-se com ela na bandeira duma janela.

Um legionario que se encontrava de sentinela disparou sobre dois companheiros, julgando que eram mouros e matando os dois.

Diz-se que o general Picasso terminou já o relatorio sobre o inquerito e discriminação de responsabilidades no desastre de Marrocos. Diz-se mais que esse relatorio causará muitas surpresas.

De Alhucemas comunicam que chegou a comissão da Cruz Vermelha que hoje começou as suas diligencias para o resgate dos prisioneiros.—(Lat. Am.)

Alemanha

BERLIM, 8.—A companhia da casa Krupp apresentou o seu balanço e relatorio anual, declarando que decorridos tres anos sem que fosse possivel distribuir remuneração ao capital, propõe dar no corrente ano o dividendo de 4 % aos accionistas da serie A, 6 % aos da serie B e C. A importancia dos dividendos é de 14.500.000 marcos o que representa uma pequena parcela dos lucros liquidos, que sobem a 38 milhões de marcos. As receitas da Companhia avaliam-se em 208 milhões de marcos e as despezas feitas com contribuições, seguros melhoramentos 174 milhões de marcos.—(Lat. Am.)

Um Landru britanico

As seis mulheres do José Schmidt

Antes de sobre ele recairem suspeitas e ter sido preso, Schmidt cometeu tres assassinios.

A sinistra carreira deste homem, apesar dos inqueritos feitos pela policia inglesa, não foi conhecida no decurso do processo senão muito imperfeitamente. Esposou seis mulheres e matou tres.

As outras tres ainda estão vivas. Só uma parece ter sido poupada voluntariamente, e por amor.

Schmidt experimentou por esta um afecto fiel. Ignorante de todos os seus crimes, ela foi a sua companheira amante e dedicada.

Ambos tinham um pequeno armazem de antiguidades, o que lhe dava motivo para justificar as suas constantes ausencias, pois que tinha coisas antigas a comprar.

Deixava o lar conjugal, sob este pretexto; partia para a caça; encontrava uma presa, subjugava-a, despojava-a, matava-a, roubava-a e em seguida voltava a casa.

Antes de irmos mais longe, resumamos brevemente o que se sabe da sua juventude e dos principios da sua vida.

José Schmidt nascera na Inglaterra em 1873 e pertencia a uma boa familia.

Na idade de 25 anos contraiu o seu primeiro casamento sob um falso nome:

John Lloyd, desposando uma rapariga que, por motivos ainda desconhecidos, em breve foi para o Canadá. A partir de este momento, e até ao seu segundo casamento conhecido, que teve lugar dez anos mais tarde não se sabe nada sobre a vida de José Schmidt.

Encontramo-lo dez anos mais tarde. Tem então em Bristol um armazem de objectos antigos.

E' nessa ocasião que ele por meio de anuncio começa a procurar uma stenografa. Como Landru, tambem este se utilisava de anuncios para atrahir as suas victimas. Apresenta-se-lhe uma rapariga, de nome Isobel Pugler que morava precisamente em frente do armazem.

Schmidt toma-a como empregada, e uma semana mais tarde diz-lhe, sem mais rodeios:

—Miss Pugler, eu desejaria casar consigo.

Com a naturalidade e sem cerimonia que as inglesas costumam imprimir a todos os seus actos, ela respondeu-lhe, mesmo sem se admirar:

—Tambem eu.

A pobre rapariga tinha algumas economias; e apenas casado, Schmidt explicou-lhe que era indispensavel que cada um fizesse testamento a favor do outro. Ela consentiu. Todavia não a matou.

Voltou, após o casamento de Bessie Munsy, para junto de Isabel, e ahi viveu durante alguns mezes uma vida pacifica. Quasi logo, sem a prevenir, Schmidt abandona sua mulher.

E' da gare que lhe envia uma carta na qual lhe anuncia que é obrigado a fazer uma longa viagem a Espanha.

Todavia não sae de Inglaterra e até nem se afasta para muito longe. Vae para uma praia visinha onde no proprio dia da sua chegada trava conhecimento a saida duma egreja com uma rapariga de 25 anos, Alice Burham, enfermeira de um hospital de sangue.

Como as outras, esta é imediatamente seduzida pelas palavras do sedutor.

Tambem esta, parece estar sob a influencia do magnetismo que emana deste homem.

Escreva a sua irmã nestes termos:

«Minha querida Rosa—Sou uma mulher feliz. Agradeço ao bom Deus ter-me feito conhecer um tão perfeito cavalheiro».

As nupcias são anunciadas oficialmente. O pai de Alice Burham, um rico rendeiro, convida os futuros esposos a vir passar alguns dias a sua casa.

Em 4 de Novembro em Portsmouth realisa-se o casamento, sem que os pais da recemcasada sejam advertidos do facto.

O pai indignado com este procedimento envia ao genro uma carta muito viva a que este responde nos seguintes termos:

«O seu ponto de vista é absolutamente egoista; e eu despreso-o em absoluto. Recordo lhe que o senhor deve cem libras a minha mulher. Intimo-o a que me remeta essa quantia o mais depressa possivel.»

Trocam-se cartas violentas entre um e outro, e o pai é obrigado a restituir as cem libras que Schmidt recebe a 1 de dezembro.

A 10 parte com sua mulher para Blackpool e toma aposentos num hotel com sala de banho.

Nesse mesmo dia acompanha sua esposa ao consultorio dum medico que, apesar de seu marido a dizer enferma, lhe não encontra sinal de doença.

E' a mesma «mise en scene» posta em pratica quando do seu primeiro assassinio. Passam alguns dias. A joven esposa passa perfeitamente e parece feliz.

Seu marido acompanha-a a passeio, mostra-se solicito e todas as noites a leva ao cinema.

Uma tarde, enfim, Alice em conversa com a proprietaria da casa, manifesta-lhe a intenção de tomar um banho antes de jantar.

Dirige-se para a sala de banho.

Seu marido que a acompanhou, dentro em breve para junto da proprietaria do hotel. O crime que sem duvida já estava cometido. Schmidt sobe.

Ouvem-se gritos. Toda a gente corre ao local donde eles partem.

Schmidt está na sala de banho, como que alucinado, junto á banheira onde jaz afogada a esposa, Alice Burham, cuja cabeça lhe repousa no braço.

Parece louco, mas teve cuidado em arregaçar as mangas do casaco, que era novo.

Esta inverosimil precaução em semelhante movimento, enche de pasmo os espectadores da scena que no entanto não lhe ligam grande importancia.

Vão procurar o medico que Schmidt já tinha consultado e que se contentou em verificar o obito. Ainda desta vez o juri concluiu por uma morte natural.

Logo após a cerimonia do enterro, o viuvo entra em casa, toma a mala, e parte sem demora para Bristol onde Isabel Pugler o espera.

Está-se nas vesperas do Natal.

Por coisa alguma do mundo, ele não queria deixar de celebrar no lar conjugal esta festa tradicional.

A seguir, Schmidt desposou duas mulheres. A primeira foi uma criada de quarto. Logo no dia seguinte fugiu, roubando-lhe as suas magras economias.

A sua sexta mulher foi a sua terceira e derradeira vitima.

Desta vez operou com uma pasmosa rapidez.

Casou com Isabel Lofty, a 17 de dezembro de 1914, pediu-lhe para fazer o testamento no dia 18 de manhã; á tarde retirou do banco tudo o que ela possuia, e á noite matou-a.

Para a realisação deste crime, empregou os meios de que se tinha já servida; mas desta vez as suspeitas recairam sobre ele, por causa da sua extraordinaria avareza.

E' que Schmidt com o fim de evitar despezas grandes, apenas atrabalhava-os em logares proximos á localidade onde residia.

Por isso a policia em face de tantas coincidencias resolveu lançar-lhe a mão.

O celebre «detective» Neil, incumbido de seguir este caso, reunia habilmente todos os elementos deste processo que mesmo durante os dias da guerra com as suas violentas comoções, apaixonou profundamente toda a Inglaterra.

MUSICA

S. Carlos

HUGUENOTES

A conhecida opera de Meyerber que ha já dez anos se não cantava em Lisboa, dada a sua extraordinaria dificuldade, teve em S. Carlos na noite de sabado uma magnifica interpretação cujo conjunto para ser admiravel pouco lhe faltou.

Jean Sullivan, a estreia e grande promessa da noite, esteve absolutamente á altura da fama que trazia.

Possuidor duma voz lindissima, lendo as notas agudas com grande brilho, foi ao mesmo tempo um belo actor e um belo «diseur». A plateia bastante carinhosa, sublinhou logo a romanza do primeiro acto com uma grande ovação de que foi absolutamente merecedor. No entanto onde Sullivan melhor patenteou todas as suas qualidades e todos os seus segredos da sua sorte foi na maneira assombrosa como cantou o dueto do quarto acto.

Raul de Nangis tem em Sullivan um dos seus melhores interpretes.

A sr.ª Thalia Sabanceyeva na parte de Margarida de Valois compartilhou justamente dos aplausos. A sua voz cheia de doçura, dum lindo timbre, é muito agradavel, principalmente nos agudos que os sabe dar sem esforço, cheios de naturalidade e de som.

As sr.as Elsa Bland, Maria Capuana, o baritono Formichi e o baixo Cirino foram os grandes artistas de sempre. A' maneira como desempenharam os seus papeis coube em grande parte o exito obtido. Todos eles tiveram jus á manifestação de agrado que lhes foi feita.

O baixo Griff muito bem.

Os restantes artistas contribuindo para a impressão de conjunto, excluindo côros por vezes incertos e bailados bastante exitantes, principalmente o do 2.º acto.

A orquestra sob a direcção de Pedro Blanch muito bem.

Orquestra Sinfonica Portugueza

CONCERTO DE HOMENAGEM A SAINT-SAENS

O maestro Pedro Blanch fez executar ontem no S. Luis musica exclusivamente de Saint-Saens, rendendo assim homenagem ao grande compositor francez ha pouco ainda falecido.

Bem o compreendeu e bem o sentiu o publico que por completo encheu a vasta sala do espectaculo.

As honras da tarde couberam a Vianna da Mota. Foi assombrosa a maneira como executou o concerto n.º 5 sempre num crescendo de brilho até atingir no «Alegro» em toda a sua dificuldade o maximo de encantamento.

A ovação interminavel que recebeu fez com que tocasse a solo a dansa do «Alceste» de Gluck-Saint-Saens onde mais uma vez nos mostrou a admiravel perfeição da sua tecnica.

O concerto abriu com dois andamentos da Suite Algerienne seguindo-se a Tarantella para flauta e clarinete muito bem executada por José Henriques dos Santos e A. Grazina. A fechar a Dansa Macabra tendo-nos parecido muito bem a interpretação dada por Flaviano Rodrigues.

A «Rouet d'Omphale» teve uma execução muito feliz, sendo muito aplaudida.

Em 1.ª audição «La Marche du Synode» e de «Henrique VIII» cheia de som e colorido fechou o concerto.

B. C.

ULTIMA HORA

POLITICA

As eleições sofrerão novo adiamento

Em certos meios politicos, mais afectos ao partidarismo, considerava-se esta tarde como muito provavel um novo adiamento eleitoral. Mencionamos o boato a titulo de mera informação pouco fundamentada. Realmente ele é formalmente desmentido pelos politicos que mais privam com o ilustre chefe do Governo.

Eleições

Apezar do boato acima mencionado, nota-se no ministerio do Interior uma certa febre nos trabalhos preparatorios do pleito eleitoral.

O sr. Presidente do Ministerio teve durante a tarde, numerosas conferencias com personalidades em evidencia, como, por exemplo, com srs. governadores civis de Lisboa e Porto, ministro do Comercio, representantes de associações varias, etc.

General Vieira da Rocha

O sr. general Vieira da Rocha, comandante geral da Guarda Republicana, esteve hoje, acompanhado do seu ajudante, no Ministerio do Interior, sendo recebido pelo chefe do governo, com quem demoradamente conferenciou.

Policia de Segurança do Estado

A vaga deixada pela demissão do sr. dr. Barbosa Viana não será preenchida. A corporação da P. S. E. vai ser extinta, sendo demitidos todos os funcionarios que dela ainda fazem parte.

Em substituição criar-se-ha um gabinete de informações, de caracter absolutamente secreto e que funcionará sob as vistas e ás ordens dos chefes dos districtos de Lisboa e Porto.

A sra. Duqueza do Porto na Presidencia do Ministerio

A sr.ª Duqueza do Porto e Princeza de Bragança foi hoje, ás 17 horas, a presidencia do Ministerio, afim de conferenciar com o chefe do governo de quem solicitara audiencia.

Ao Avenida Palace foi buscá-la, um automovel do Estado, o Sr. Tenente Marrecas Ferreira, chefe do gabinete da presidencia do Ministerio.

Quando a sr.ª Duqueza se apeou do carro, foi saudada por pessoas diversas. A ilustre senhora foi introduzida, logo que chegou ao salão do Ministerio, no gabinete do Sr. Cunha Leal.

Os reporters fotograficos tiraram alguns clichés.

Incendio

Pelas 9 1/4 de hoje manifestou-se incendio, com certa violencia na residencia, do sr. José da Silva, que vive juntamente com seu filho, Gustavo da Silva, na calçada do Conde de Penafiel n.º 61., devido ao primeiro pretender acender, o lume com gazolina, tendo-se esta enflamado.

Compareceu, auto de pronto socorro, da Estação n.º 8, que extinguiu o incendio.

O filho do locatario na intenção de acudir a seu pae, ficou bastante ferido tendo de recolher ao hospital de S. José.

A Provincia na "Capital,,

TAVIRA—Principiou a publicar-se nesta cidade um quinzenario «A União Militar» defensor dos interesses militares, sob a direcção do major sr. Vasco Peres de Campos, com boa colaboração de oficiais do exercito e de marinha.

—Andou em propaganda monarquica pelo Algarve o sr. dr. Martins Calçada, de S. Braz de Alportel. Propaganda republicana nada vejo. Estão fartos disto?

—Partiu para a capital o nosso amigo sr. dr. Ascenção Contreiras, medico, filho do nosso velho amigo sr. José Antonio da Trindade Contreiras, consul do Panamá.

—Encontra-se nesta cidade o nosso amigo sr. dr. Jaime Bruto da Silva, medico, aquele benemerito que curou os feridos quando foi que os barbaros fizeram descarrilar o comboio do Alentejo.

—Está melhor da queda que deu no teatro Tavirense o comerciante sr. José Antonio da Silva, antigo vereador, pai daquele medico.

—Os lavradores queixam-se da falta dagua nos campos.

—Continua a não se pesar o pão, cada um rouba como pode, e a mais $80 o quilo!... Com tanto trigo que ha!

—Os que teem muito azeite não o querem vender a menos de 25$00 o decalitro.

—O bacalhau vende-se o 3$20 o quilo. O comercio está todo riquissimo, ha alguns comerciantes com chalets e agricultores tambem, só quem vive pobre são os funcionarios civis e militares, porque o que o governo dá é para enriquecer os ladrões.—(C.)

POEIRA DA ARCADA

A Comissão organisadora da Liga dos ex-combatentes da guerra comunicou ao governo ter resolvido dar todo o esforço dos elementos da Liga a bem da obra de reorganisação nacional em que está empenhado o ministerio a que preside o sr. Cunha Leal, a quem muito devem e por quem tudo farão.

—O sr. Anibal Lucio de Azevedo, administrador da Casa da Moeda, teve hoje demorada conferencia com o sr. ministro das finanças.

—Os fiscais dos impostos reclamaram perante o chefe do governo e o sr. ministro das finanças contra o facto de o decreto da nova subvenção diferencial coloca-los em situação inferior á dos seus colegas do ministerio da agricultura.

—Está melhor o sr. ministro da agricultura, tendo já comparecido hoje na sua secretaria.

TEATRO

Nota do dia

Pato Moniz

Morreu mais um actor do Teatro Nacional. E' curioso observar como morrem os actores. Penso muitas vezes que esses homens, cuja missão na vida foi, tantas vezes saber morrer, terão no momento supremo da revelação, o instincto seguro e sincero de que muitas vezes falsearam a verdade da morte. Ao estudar definitivamente o seu ultimo papel—o de morrer—esse papel que não tem em geral ensaios e que nunca se repete — um grande actor representa ainda.

Augusto Rosa, polia as unhas, apressou no alfaiate a ultima casaca e disposou o scenario da sua morte como se entrasse em scena. O seu enterro foi uma apoteose, a sua velada funebre a ultima festa artistica.

Esta propria Lucinda do Carmo, ainda morreu teatralmente, como um presagio, com a cabecinha inteligente envolta em damasco, e flôres pela salinha intima.

Como morreu Pato Moniz, o velho actor dos dramalhões terriveis do Principe Real, o civico interessante e «pozeur» da «Conspiradora» e até ultimamente o interprete dos «films» portuenses?

Morreu dolorosamente, tragicamente, ou burguesmente com uma bronquite dupla?

Esses punhos que se calçaram de rendas, que mandaram matar, que empunharam, truanescos, cetros de papelão dourado e bastões de bambú, como cairam?

Penso muitas vezes na dolorosa fição que é a grande sala da sena para os actores humildes, e nequelas palavras de Sidney, o actor inglês morto na guerra, que são inesperadamente um grito tão humano e tão sincero:

«Não ahem para mim quando eu morrer. Fui sempre actor, tenho medo de nesse momento não saber representar.»

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

Far-se ha brevemente a leitura dum original em quatro actos, já concluido, da sr.ª D. Teresa Leitão de Barros. O tema desta peça, ainda não explorado, põe em contraste o caracter do povo do Alemtejo com o do Douro.

—Faz hoje a sua 2.ª apresentação no teatro dos Anjos, a companhia infantil que tanto sucesso obteve no teatro Avenida.

Representam duas operetas e 2 actos de variedades. Completam o espectaculo fitas de gargalhada, entre elas, a fita Charlot é uma bela mulher.

Aliança Mutualista

Ha cerca de dois mezes que nos jornais se mantem séria polemica com referencia a esta instituição de socorros mutuos, aonde se encontram federados algumas associações que, segundo informações que temos, prestam na verdade, bastantes serviços aos seus associados.

Montou a Aliança Mutualista para seu uso exclusivo, seis farmacias que teem dado excelentes resultados e tanto assim é, que provocou a inveja de algumas farmaceuticos que resolveram assaltar a referida colectividade, apoderando-se por meios capciosos das suas farmacias, lançando sobre elas acusações infamantes e calunicsas, pelo que já lhes está instaurado processo crime por difamação e fazendo-as encorrer, afim dos associados terem que recorrer as farmacias de que são proprietarios e aonde estabeleceram numerosos consultas.

Tendo um grande numero de socios recorrido para o Conselho Superior de Previdencia Social, contra semelhantes factos, foi pelo mesmo Conselho, nomeada uma comissão de inquerito, que apesar de decorridos perto de tres mezes, ainda nada se viu dos seus trabalhos.

Por portaria do ministerio do trabalho tambem foi nomeada uma comissão administrativa composta de socios, que por sua vez tomou posse de direito, mas apesar de decorrido mais dum mez, ainda não tomou posse de facto, parecendo dormir o sono dos justos, com grande contentamento dos formaceuticos que se riem da «rapidez» com que as comissões trabalham e com o inorme prejuizo sofrido pela Aliança Mutualista.

Para estes factos, que muito prejudicam o bom nome desta instituição de previdencia, chamamos a atenção do sr. Ministro do Trabalho.

Sociedades de Recreio

Academia Recreativa "Leais Amigos"

Na elegante séde desta Academia, na Calçada de S. Vicente, 31, prosseguiram ontem, com grande entusiasmo as festas que durante todo o mez corrente ali serão levadas a efeito por iniciativa duma comissão composta das gentis meninas-demoiselles Cecilia Moreira, Eugracia Moreira, Olivia Moreira, Beatriz Silva, Maria Candida, Dozina Nazaret, Maria Antunes e dos srs. Jeronimo Duarte, Martins Ferreira, Filipe Fernandes, Fernando Pereira, Alberto Silva e Carlos Silva. Na festa de ontem que decorreu com um brilhantismo pouco vulgar realisou-se uma interessante sessão cinematografica e um grandioso baile, sendo a festa graciosamente dirigida por mademoiselle Beatriz Silva.

CRONICA LITERARIA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por **Ladislau Batalha**

Antagonismos profissionais

Motivos da perseguição aos Judeus no seculo XVI.—O Edito geral de 1492.—Os Safardanas.—Os distinctivos e as judiarias.—As aptidões israelitas

O contentamento religioso do monarca (1) encobria os mais sólidos interesses de um mercantilismo abjecto e torpe.

Tratava-se da espoliação dos judeus, a carta mais util, mais proveitosa e mais adiantada de Portugal naqueles tempos.

Numa outra carta de D. João III com data de 10 de Dezembro de 1539 (2), reconhecia-se que os Cristãos-Novos, (judeus convertidos) constituiam uma grande parte da população, parte mais util que toda o restante.

Por eles, pelos seus cabedais, diz o referido documento, o comercio, a industria e as rendas publicas cresciam de dia para dia, quando a perseguição veiu mirrar a seiva de prosperidade geral, sendo notoria, por esse ocasião e a despeito das leis em contrario, a saída de somas enormes de Portugal para Flandres, desde que a Inquisição se estabeleceu.

Esta perseguição iniciara-se em Espanha, com o celebre edito geral de expulsão dos judeus de Aragão e Castela em 31 de Março de 1492, após a conquista de Granada por Fernando e Izabel.

As velhas motivações do judeus iam da muito esquecidas, por se reconhecer quanto os seus merecimentos e actividade eram aproveitaveis.

Só a datar daquele odioso Edito se iniciou novamente a valer na Peninsula a perseguição aos Judeus, não já por motivos de doutrina, que eram apenas um pretexto justificativo aos olhos do povo, mas por intuitos de ganancia e espoliação que o espirito do fanatismo disfarçava.

O processo generalisou-se, e os israelitas passaram a merecer nomes desprestivos.

«Askenasim» se chamavam es da Alemanha e da Polonia.

Os de Espanha e Portugal tornaram-se odiosos com o nome de—Sephardim»—, donde provavelmente o epiteto projorativo de —safardana— mais e hoje outro nos empregado no sentido de homem indigno, desprezivel indecente.

Até, então, o que em Portugal se dava contra os judeus, era mais o ciume e a inveja pelas suas qualidades de esforço e deligencia, que lhes asseguravam certa preponderancia, do que odio inveterado contra a raça.

Quando se fundou a Monarquia, não nos consta de documento que tratasse os judeus e os cristãos sob o pé de desigualdade.

Em tempos de D. Sancho, mandou-se-lhes que usassem distintivos, apenas por ciumes da Igreja perante a protecção que o monarca lhes dispensava e consequencia direta da luta já iniciada entre o clero e a realeza, o chamado conflito do templo com o espiritual.

D. Afonso III intensificou a sua protecção; D. Diniz seguiu-lhe as pisadas.

Os Bairros especiais ou Judiarias, em vez de oprobio, constituiam antes uma prerogativa, o principio concedido aos Judeus, aos quais era permitido ter a sua magistratura propria com «dois parts» de Alvazis, um Arabi-mouro, Arabis-menores e outras autoridades proprias para julgar dos pleitos entre judeus e cristãos e realisar cobranças de impostos, etc. (3)

Enquanto assim se procedeu, acataram-se as disposições do Concilio de Latrão e outros, que reconheciam a importancia e conveniencia de tolerar e em suas respeitar os judeus.

Nem sempre, porém, poude em Portugal o espirito de ganancia manter as disposições dos Concilios Catolicos.

Como é proprio da natureza humana, os judeus, no uso das suas prerogativas e no exercicio das suas funções, abusavam dos cristãos que reciprocamente exerciam represalias.

Demais, os seus oficios de cobradores do fisco e executores das sentenças e outros, tornavam-nos antipaticos aos olhos do vulgo.

Até que a Inquisição se tornosse um facto em Portugal, a Judiaria fôra mais ou menos protegida no exercicio dos seus misteres, ritos, costumes e etc.

A despeito de certas prescrições por delimitação de crenças, no geral realidade eram aceites e preferidos para o desempenho de certos cargos, realisação de emprestimos, etc.

As dissidencias populares contra eles não tinham aspecto religioso; eram puramente de caracter egoista, filiado em motivos de inveja.

O judeu revelava-se industrial, trabalhador, activo, cauto e com um tacto especial para o comercio, entravez, pois, em todas as transacções lucrativas, como eram as arrematações dos mercados e impostos, e semelhantes.

E' obvio que a situação de cobradores forçados cria a prole proprio Estado fiscal que lhe buscava explorar as populações, excitando-se o odioso do procedimento.

E' pelo menos o que se depreende do procedimento de D. João II, quando em Cortes de 1493 se recusou terminantemente a excluir os judeus das cobranças publicas.

Foi, pois, a cobiça de riqueza e o despotismo do oiro o que motivou a profunda dissidencia entre os judeus e o povo cristão.

No seculo imediato, a Igreja, por via da Inquisição, seu principal agente, havia de tirar o maximo partido desta situação que, tornada insustentavel pelos estimulos do fanatismo, conduziu aos horrores ditirambicos da morte e latrocinio.

Retrogradando um pouco, vê-se que já nas lutas intestinas com D. Leonor Teles até ao advento do Mestre de Aviz, o Reino achava-se abatido e o Tesouro esgotado. Como os judeus se fornessem parciais da viuva de D. Fernando, logo ocorreu a lembrança de saquea-los, acusados de detentores da riqueza.

Não poude consequentemente servir-lhes favoravel D. João I que, ao subir ao trono, logo curou a fazer doações atrabiliarias dos bens dos judeus, reservando para si os pertencentes a um D. David Negro, celebre organisador e politico israelita daquela época.

Não tardou, porém, que os interesses da politica já então orientada por sugestões externas, viessem der nova orientação e transformar as represalias em protecção, mercê do ouro que os proprios israelitas distribuiam a jorros.

Assim lhes foi licito, sob o influxo oficial, voltar a ser arrendadores-móres da fazenda do Reino, fisicos, medicos e «solorgiões» (cirurgiões), astrologos d'El-Rey e outros cargos de alta influencia.

Mas a inveja dos seus bens, da sua riqueza, e ainda mais, dos suas faculdades produtivas, despertava a cobiça do Estado e dos particulares. As suas qualidades superiores tornavam-nos odiados mas indispensaveis.

Por um lado origavam-nos a trazer como distinctivo uma estrela de pano vermelho de seis pernas, apocada no peito acima do estamago, como se lê nas Afonsinas (4), já no trajo visto de apontá-los à execração publica.

E proibiam-lhes ter serviçais cristãos sob penas graves que chegavam até ao confisco. Nem sequer entrar em casas de cristãos já lhes era permitido, com risco de serem açoutados.

Por outro lado, porem, a sua capacidade administrativa era tal, que o estado via-se na necessidade de confiar-lhes a administração dos seus haveres, e a propria Igreja entregava-lhes a gerencia dos seus altares.

As suas faculdades scientificas e eruditas, aproveitou-as D. João II para dar impulso ás navegações.

Com efeito eles contavam no seu gremio astronomos, cosmografos e medicos de saber profundo. Na corte de D. João II distinguiram-se, Mestre Moyses, mestre José e Mestre Rodrigo, todos medicos notaveis e judeus portugueses, alem de D. Diogo Ortiz, judeu espanhol, o afamado Martim Behaim, Diogo Rodrigues Caçuto, autor de uma celebres «Tabuas Astronomicas», e tantos outros cuja enumeração seria longa.

Na corte de D. Manuel distinguiu-se entre muitos pelo seu saber, o conhecido Ben Zicuto, «astrologo d'El-Rey», como diz a Cronica.

A penetração inicial da Imprensa em Portugal deve-se aos judeus que, como representantes das letras, foram notaveis editores e chegaram a crear em Lisboa uma bela Academia, a principio situada no «Bairro de Pedreira, entre a Igreja do Carmo e a da Trindade, tendo-se depois mudado para o «Bairro da Conceição» (5).

A nossa bibliografia antiga é riquissima de obras hebraicas e outras de todos os generos.

Tambem os que ingressaram, vindos de Espanha, nos trouxeram uma vasta literatura rabinica e talmudica.

(Continua.)

(1) D. João III.
(2) Apud Alex. Herc.—Hist. das Origens da Inquisição em Portugal.
(3) Oliveira—Elementos, etc. I 290, e n.—Memorias dos Remedios—Os Judeus em Portugal.
(4) Ord. Aff. Liv. II—Tit. 86.
(5) Mem. da litt. sag. dos Judeus no Seculo XV—Cap. IV.

SPORT

O combate Ruivo-Faustino

Que o belo «sport» do «box», tem já publico e, ficou completamente provado ante-hontem, no Colizeu dos Recreios, que encheu quasi por completo com o anuncio do combate entre os nossos profissionais Silva Ruivo, campeão da categoria dos «leves», e Faustino Pereira, campeão dos «meios-medios».

O encontro era para disputar o ultimo titulo, que em virtude do resultado passou para Silva Ruivo, hoje detentor oficial das duas categorias.

O «match», fa em 15 «rounds», o que achamos desnecessario, e foi essa só a razão do encontro ter sido em extremo monotono.

Nem um nem outro dos adversarios, estava preparando para a distancia, e daí a poupar-se. Em 10 «rounds», talvez fosse um combate emotivo.

Ruivo mais forte, do que nas ultimas exibições, foi o que deixou ma impressão, que recuperar a sua antiga popularidade e, conseguindo, demonstrando vantagem, sendo grande, mas em todo o caso o bastante para ser considerado vencedor.

Mas não vi velocidade, a «defensiva», o golpe seco, que faz o «punch» eficaz, e estou certo, que com treno inteligente, Ruivo apanharia essa qualidade, tão util ao «boxeur». Faustino deve estar contente. Deante do seu adversario mais pratico, mais conhecedor, manteve-se com coragem, demonstrou ser bem «encaisseur», o que alias era conhecido, desde o seu encontro com Violás, e prouvou bater forte, pois no antepenultimo «round», Ruivo foi tocado duramente, e esteve alguns segundos «Groggy». Fez uma bela figura.

A organisação com dificiencias tanto de corrigir, como a falta de quadros anunciadores dos «rounds», a altura do «ring» demasiado para os espectadores das primeiras filas das cadeiras.

Em todo o caso parabens a Armando Batalha, que se saiu airosamente da sua empreendimento.

Os amadores devem estar, tambem prontos a fazer marcada no programa.

E justo que haja respeito pelo «publico» que paga, e que se cumpra aquilo a que se obrigam junto do empresador.

Como já dissemos a decisão do arbitro foi justa, mas durante o combate houve um pouco de indolencia. Os «boxeurs» bateram com a mão aberta, serviram-se do ante braço fizeram «poussing» sem que o arbitro fizesse intervenção.

Antes do «contest Ruivo-Faustino», houve uma exibição em que o amador «Russo Britos», demonstrou conhecimentos, e uma «coisa» entre outros dois amadores, mas que o arbitro mandou justamente parar.

Automobilismo

O automovel amfibio que já aqui descrevemos, que pode andar em estrada e na água fez um precurso entre «Lyon» e «Viena», com grande exito. Andou parte em estrada e parte no rio Rodano.

Patinagem

Vai realizar-se em «Davos», o campeonato do mundo de patinagem no gelo.

Ciclismo

Em Berlim, vai realizar-se uma corrida ciclista de seis dias, no genero da disputada ultimamente em New York.

NOTICIARIO

FOOT BALL

Os resultados de ontem

No campo de Palhavã disputaram-se ontem os dois desafios da primeira categoria do campeonato de 2.ª divisão, cujos resultados foram os seguintes:

Vitoria de Setubal vence Casa Pia por 4 goals a 2 e Benfica vence Carcavellinhos por 3 goals a zero.

HIPISMO

No hipodromo de Sete Rios realisaram-se ontem as anunciadas provas hipicas cujos resultados foram os seguintes:

1.ª «poule»—1.º «Biltroye»; Jorge Oom; 2.º «Snorelaer» Nunes de Carvalho, 3.º «Mimoso»; Jorge Oom.

2.ª «poule»—1.º «Gouverneur» Filipe Velhaso; 2.º «Mimoso» Jorge Oom; 3.º «Quekel» J. Oliveira.

70—Folhetim de «A CAPITAL»—9 de Janeiro de 1922

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

XI

As chamas subiam e com ellas um cheiro enjoativo de carne queimada; faulhava em estolidos o montoro para onde iam arremeçando corpos sobre corpos e, ao clarão da fogueira colossal, donde por vezes, vinham gemidos dos velhos atirados para lá, viam-se passar os romanos agarrados ás mulheres que os seguiam humildes, decorticos ajoujados com despojos, oficiais beijando nos labios ophebos sirios, e vultos de soldadesca lançando-se numa loria sobre os vencidos, roubando-os. Soavam gritos de mulheres violentadas e num rumor forte, devorando, enfim, estranho, uma grande aclamação subia do campo incendiado para o ceu onde o recorte, já amarelecido da lua se recortava na lumarada do incendio:

—Salvé Crassus! Salvé oh! «divus»! Salvé Crassus! «Imperator»!

—Oh! o hediondo! exclamou Lavinia—Vamos... Vamos...

Docemente Jarmel, como se cansasse, com os olhos no caminho do mar, balbuciou:

—Lá longe ha um cantinho onde só gente boa vive... E' uma raça que se bate mas chora, luta mas canta, é deslitosa mas acolhe os humildes, é desprotegida mas ama os deuses e os pobrezinhos... Chama-se a Lusitania... Lá os romanos são doces e brandos depois de terem condenado a traição feita a Viriato... Chama-se a Lusitania...

Os noivos abraçam-se naquele clarão violento, enlaçaram-se e começaram a caminhar por um atalho ondado de giestas, deixando a entrada atulhada de carros, de destroços, da «impedimenta» e onde os denunciadores andavam pilhando, violentando, arrastando as vitimas naquele clarão que se alargava no campo talado de Lucania, na noite primaveril em que os perfumes da terra eram abafados pelo fartum dos cadaveres.

—Salvé Crassus! Salvé! Crassus!

Um tribuno passava escudidamente, metia-se pelos grupos, tomava os braços das mulheres, encarava-as, dama louco e depois largava-as, ia procurando sempre outras e fazendo a mesma gesto de arremeço. Era Marcio em busca de Lavinia.

—Salvé Crassus! Salvé... a aclamação reboava e o romano, tomado da sua ancia de encontrar a irmã, nem a ouvia.

Passou rente de dois vultos, deteve-se naquele escuro da volta do caminho, longe do clarão da fogueira, e soltou um grito.

—Emerencia! viste Lavinia?

A cantora apertava sob o braço uma urna branca onde guardava as cinzas de Oenomaus na mão segurava a lira e a seu lado, acoxado, Opalia espreitava colericamente, o filho do seu antigo amo.

—Viste Lavinia?

Era como uma estatua; não respondia, nos seus olhos um clarão fixo scintilava e foi a velha que respondeu em seu lugar, aos haustos:

—Talvez morta, talvez longe. A deusa emudeceu. Já não canta nem na morte dos heróis...

—Mas, minha irmã, fala, mulher, fala e pede o que quizeres...

Uma gargalhada retiniu naquele campo onde a fogueira alas rava como uma chaga sangrenta envolada de fumarada e a cujo clarão se viam passar homens ajoujados com cadaveres para os lançarem no gigantesco brazeiro.

—Que preciso eu... O heroi o disse... Morrer bem... morrer bem... gaguejava a adivinha.

Uma multidão passava como enlouquecida, clamando:

—Salvé Crassus! Salvé!

O tribuno sentiu-se empurrado; quando se voltou já não viu as mulheres, agora confundidas na turba muito excitada, dançante, como as chamas altas do incendio que subia com o seu cheiro enjoativo de carne queimada.

—Salvé Crassus! Salvé!

—Como é fatida a gloria de Crassus! disse uma voz junto de Marcio a Remigio, cheirando uma amoroshina de essencia de cravo, e que tinha a forma dum Leda, concluiu ante o amigo desvairado: Bastou uma aurora e um poente, com algum sangue e algum ouro para que o mundo rotulasse a sua face alterada por uma aureola!

E as chamas da fogueira colossal tinham o vermelho do sangue, e louro vivo de ouro, a mancha violenta de uma aurora rubra num ceu de tormenta: o fumo negro que toldava o espaço.

XII

Ao longo da estrada da Campania, de dez em dez passos, alteava-se uma cruz—e eram seis mil na extensão, esguias e de longos braços; em cada uma estava pregado um escravo que se condenara. As contorsões dos braços e das pernas, as convulsas agonias tinham salpicado de sangue o intervalo das madeiras. Estendia-se um tapete vermelho de sangueira fresca e renovada diariamente desde as faldas do Vesuvio ao fim da campina alegreda qual os senhores tinham retomado a posse.

Estava-se no começo do verão, e como tres anos, antes, na estancia de Araneo, onde Crassus descançava, á volta da guerra, falava-se nos escravos sob as roseiras em flôr. Desta vez, porem, não era o desdem que aflorava nos labios; era ainda o terror.

Daria chorava pela filha que Marcio não encontrara.

Mais valia, porem, julga-la morta do que sabe-la eivada da repulsa pela vida romana, pela tradição, pelos antepassados e fugida, com o noivo, para onde as pudesse olvidar. Cyrena, emagrecida, palida, passava os dias, desgrenhada no fundo da cisterna onde recolhera Manlio. Era uma louca, de olhos acesos, que as servas vigiavam batendo os dentes de medo a cada uma das suas coleras nas quais falava dum grande amor que o esposo, julgava sentido pelo filho morto ou perdido na guerra larga que anos durara.

Tinha-sem botado pregões e bandos de promessas para que encontrassem o pequenito e a ama; questores, edis e pretores votaram as buscas mais minuciosas o cousa alguma se soube para saber dessa Numesia, da escrava que levara com seu filho Janio, Elio o herdeiro dos seus amos.

Remigio, encantado com a derrota dos rebeldes, vigiava a conclusão da sua estancia das faldas do Vesuvio e era a unica voz alegre na quadra do antigo companheiro de Sylla tornado senador da republica. Aparecia ali, vestido com uma rebuscada elegancia, aspirava as emanações do campo de onde vinha um fartum de podridões dos corpos colados nas cruzes, apagava a vista pelas seis mil cruzes que pareciam um escadorio na estrada bronze, larga e deslumbrante e murmurava:

—O melhor perfume é o do cadaver dum inimigo.

E cheirava tão mal esta gente em vida!...

Todas as tardes aguardava o centurião principal, Hanson, que andara nas guerras da Bretanha e servira tambem com Sylla, e referindo-se aos prisioneiros condenados para o ergastulo, antes de lhes chegar a vez de suplicio, perguntava:

—Vem algum curioso?

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

A nação salva-se com uma facilidade enorme. A Republica prestigia-se de um dia para o outro. O que é preciso? Que nos unâmos.

Antonio José d'Almeida

N.º 3974—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães · Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Terça-feira, 10 de Janeiro de 1922 | Telefone n.º 2293—Endereço tel. CAPITAL · Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

IMPOSSIVEL!

Fala-se dum novo adiamento eleitoral. Se tal sucedesse, seria juntar á violencia a mistificação, e se a violencia ao menos se explica, a mistificação é sempre um recurso baixo, mesquinho, grotesco, e sobretudo ineficaz.

A verdade é que os precedentes adiamentos foram já manifestas violações constitucionais. A letra da Constituição é expressa. Sempre que se resolve uma dissolução, no decreto em que ela se efectua tem de se designar o dia da nova eleição, dentro do praso improrogavel de quarenta dias. Saltou-se por cima da Constituição quando se mudou o dia da convocação dos colegios eleitorais de 11 de dezembro para 8 de janeiro, e esse abuso, essa violencia, esse delito, foi reconhecido no proprio decreto que reconheceu o anterior como irrito e nulo, precisamente por esse facto. Dissolveu-se depois o parlamento que já fôra dissolvido, e sem ele chegar a reunir de novo, resolução com que se creou uma interpretação inteiramente contraria ao espirito da lei, e que permitiria ao Presidente da Republica nunca mais deixar reunir em Portugal o poder legislativo.

Pois bem! Depois de tantos atropelos, ainda se quer continuar neste comedia indigna duma democracia, e por isso se pensa em adiar outra vez as eleições, para o que seria necessario dissolver terceira vez um parlamento já dissolvido!

Não! Isto não pode ser! Já demasiadamente se abusou da paciencia dos republicanos, da paciencia do paiz!

Nada, absolutamente nada justifica um novo adiamento. Tem-se dito que o praso de quarenta dias apoz uma dissolução parlamentar é escasso para os trabalhos eleitorais. Mas a verdade é que se as eleições se realisassem em 29 do corrente mez já esse praso terá sido mais do que duplicado.

Ninguem se iluda. Não são os trabalhos eleitorais que necessitam mais espaço de tempo.

O que necessita maior espaço de tempo é o esforço preciso para falsificar o acto eleitoral, conseguindo que sejam eleitos candidatos que não teem votos, e alguns dos quais o paiz indignadamente repele, porque não esquece a sua responsabilidade num dos mais tristes episodios da nossa historia.

O que se pretende fazer é uma afronta até ao nosso nome de povo civilisado. Perante este estendal de atentados mercenarios contra a constituição do paiz, que o mesmo é dizer contra a Republica, ninguem deixará de se indignar. Não pode ser! Antes a dictadura, que ao menos é franca, a aceitar as responsabilidades, sempre tremendas, das situações que origina.

Mas a ditadura tambem ja não tem rasão de ser. Para que um povo aceite uma ditadura, é necessario que tenham confiança nela. O governo do sr. Cunha Leal já não pode fazer uma dictadura.

Desatenderam-se, desprezaram-se as claras indicações da opinião publica, que nunca se embrenha em meandros, que nunca se prende nos enredos maquiavelicos em que é fertil a mediocre ambição politica que consiste em criar uma força pessoal em vez de tentar a salvação da coletividade nacional. O resultado só podia ser o que foi, tratando-se duma situação que não admitia senão soluções claras, positivas, logicas e justas. Perdeu-se a fé. Tanto custa a creal-a na alma popular, e com tanta imprudencia se desbarata!

Agora, não ha senão um caminho: fazer as eleições no praso marcado, para não morrermos esmagados de ridiculo depois de termos sido oprimidos pelo arbitrio.

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

Sabemos que, na sessão do sabado ultimo, o Conselho Superior de Finanças recusou o «visto» aos diplomas feitos á sombra da famosa reforma do Ministerio dos Estrangeiros.

Não suponha, porem, o leitor que esse facto tenha lançado o panico entre as hostes dos cadetes da Mesa Redonda. De facto, ainda ontem eles proclamavam, muito seguros do que diziam, que, a despeito da recusa do Conselho, a reforma seria mantida.

Neste jornal nunca tivemos o intuito de desprestigiar o sr. dr. Veiga Simões, que foi em tempos um nosso brilhante colaborador e estando actualmente de luto, pelo falecimento dum cunhado que muito estremecia, entendemos não nos referir á reforma por estes tres dias mais proximos, certos de que o sr. dr. Julio Dantas e o sr. Presidente do Ministerio, até lá, tambem não tomarão resoluções sobre o assunto.

A biblioteca Braamcamp Freire

Falando com o dr. Jayme Cortezão

Braamcamp Freire, o historiador erudito, deixa em testamento a sua valiosa biblioteca á cidade de Santarem.

Parecer-nos-ia talvez, que tamanha preciosidade não deveria sair de Lisboa, onde melhor serviria aos estudiosos, atendendo á acentuada concentração nesta cidade, da vida mental do paiz.

Não sabendo se as disposições testamentarias eram determinantes, expressando bem o desejo de que os livros fossem integralmente para Santarem, e ignorando se as estações oficiais tinham procurado interferir neste legado, fomos procurar o sr. dr. Jayme Cortezão, ilustre director da Biblioteca Nacional, com quem trocamos estas palavras:

—V. Ex.a conhece a biblioteca de Braamcamp Freire?

—Muito bem, tinha obras de grande valor, era vasta e muito completa.

—Como v. ex.a sabe estes livros vão sair de Lisboa.

—E' facto. O sr. Braamcamp Freire, legou-os em testamento á cidade de Santarem.

—Não acha v. ex.a, que se deveria providenciar para que algumas obras raras fossem enriquecer a Biblioteca Nacional?

—As disposições testamentarias, creio que são terminantes.

O legado consta alem dos livros, de uma casa na rua da Amargura naquela cidade, e de uma dotação de 10 contos em inscrições. Estou certo que se Braamcamp Freire quizesse deixar alguns livros em Lisboa, não se teria esquecido de o mencionar no testamento. Depois acho até bem e justo, que determinasse assim.

—...:

—Compreendo, eu tenho o maximo interesse em enriquecer a Biblioteca de que sou director, mas muitos livros deste legado já ali existiam. Ha no entanto alguns que não temos... Mas por que se ha-de fazer uma excessiva centralisação de livros em Lisboa? Pode sobrevir uma catastrofe um incendio, e perdemos assim todo o nosso patrimonio literario.

Depois Santarem não é muito longe...

—V. Ex.a tem-se conservado alheio a execução dessa clausula do testamento.

—Absolutamente.

Não serei eu quem dará um passo, para protestar da generosa ideia de enriquecer Santarem com um precioso legado.

O testamento é bem expresso; cumprir-se-ha como é de justiça.

E com estas palavras deixamos o ilustre poeta da «Sinfonia da Tarde».

AMANHÃ

Teatro Chiado Terrasse

O juiz de fóra

adaptação de *André Brun*

Meninas com um cão

Eu não sei se repararam já para certas mulheres—muitas vezes bonitas—que atravessam a cidade seguidas solicitamente por um cão, quasi sempre um pequenino cão branco, vivo, felpudo com um laço cor de rosa ao pescoço. Pois estes cães pequeninos brancos e felpudos que certas mulheres trazem consigo sempre são hoje, como o foram no seculo XVIII os frades bernardos, uma especie de alcoviteiros de amor. São eles que chamam a nossa atenção para a sua dona — quando nós não reparamos nela e quando ela tem, por isso mesmo a fantasia de reparar em nós. O cão vem roça-se ás pernas, instintivamente fazemos-lhe festa, a mulher pára logo, se é bonita pergunta-se-lhe, sorrindo, como se chama o cão, ela responde sempre. O resto adivinha-se. A menina ri, o homem ri, e outros riem—apenas o cão, muito alegre, muito vivo, senhor do seu papel deita a lingua de fóra, fatigado. Não ha que errar. Mulher, sósinha, com um cão póde seguir-se sempre. Se for casada, ou não traz cão — ou traz o cão e o marido.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

AMANHÃ

Teatro Chiado Terrasse

O juiz de fóra

adaptação de *André Brun*

Só os analfabetos!

Usarão preparador de Iodo em soluções, por desconhecerem os perigos de se envenenarem com acido Iodidrico e os «Iodatos». Usai por isso o «Iodal», granulado de Iodo—Iodetado no tratamento das primeiras manifestações do reumatismo na sifilis arterioesclerose.

ANTE-PRIMEIRAS

Amanhã, no Teatro Terrasse...

Caricatura de Amarelhe

Teatro Chiado Terrasse

Quarta-feira, 11 de Janeiro

Companhia LUZ VELLOSO

1.ª representação da comedia em 3 actos

O JUIZ DE FÓRA

Adaptação liberrima de André Brun

Interpretada nos principaes papeis por *Luz Velloso, Maria Clementina, Alice Pereira, Ricardina Maia, Deolinda Soares, Raquel Moreira, Maria Teresa Alves, Alice Costa, Teodoro Santos, Salvador Costa, Rafael Gomes, Zenoglio, Froes, Miranda.*

Encenação de Luz Velloso

Scenarios e mobiliarios novos

O que nos diz Luz Velloso acerca da estreia de amanhã

E' a azafama dos ultimos ensaios. Caso raro, ainda não estamos no ensaio geral e já se ensaia com scenario, mobilia e adereces. Caso singular tambem: o ponto mal se ouve. No meio da plateia, André Brun, de pé, segue o movimento dos artistas em scena e, de longe em longe, interrompe para fazer uma observação, corrigir um movimento, chamar a atenção para uma indicação já dada e que se não cumpre.

Vae terminar o primeiro acto, numa situação verdadeiramente comica cujos detalhes a ensenadora, Luz Velloso, afina e corrige.

—«Não adormeçam. Vida e alegria confirma André Brun do fundo da sala.

Acertou-se finalmente o final e a creadora do «Poema de Amor» e da «Migalha» pode enfim dizer-nos alguma coisa da sua peça nova.

◆ ◆ ◆

—«Ah, meu amigo. Por mo i mal é a sexta peça que ponho em scena esta epoca; mas, como vê, não me falta nem a fé nem a coragem. Outra vontade que não fosse a minha teria o direito de se sentir abatida com este trabalho formidavel, em geral tão mal apreciado ou por outra apreciado por tão pouca gente.

«Quando abrimos o Teatro Terrasse, organisámos um reportorio pelo qual supunhamos que o publico se interessaria. Eram algumas peças estrangeiras, consagradas por grandes exitos no seu paiz de origem, contavamos tambem com originais portuguezes assinados por nomes consagrados e aplaudidos.

O meu grupo de artistas, onde não havia celebridade, mas onde não faltavam as vocações e boas vontades, empregava todos os seus esforços. Pela minha parte puz ao serviço desta casa e da minha empresa, tudo quanto a minha vida de teatro e as lições colhidas junto dos grandes mestres, me ensinaram da disciplina e arte do tablado.

Mas a terrivel crise economica que atravessamos, a agitação politica dos ultimos tempos e talvez um pouco de falta de interesse do publico, que nós não mereciamos, fizeram até ha pouco a minha temporada bastante dificil.

Convenci-me ultimamente que os espetaculos alegres mais se coadunavam com o estado de espirito geral, que as plateias preferem rir a pensar ou comover-se com peças de entrecho dramatico. A tentativa feita com a farça que acabamos de reprentar foi concludente. O publico, veiu, riu e voltou. Sentimos uma alma nova e era o momento de afirmar a nossa existencia.

◆ ◆ ◆

Mal André Brun chegou de Paris pediramos-lhe com o maior interesse um original. Não me esqueço que fui a creadora dalgumas das suas peças, do «Cavalheiro respeitavel,» da «Maluquinha de Arroios» é que aqui perto, no antigo D. Amelia sob a direção do querido visconde, representei tambem algumas traduções e adaptações do autor da «Visinha do lado». André Brun acedeu ao nosso pedido e, dias depois, contava-nos o entrecho de «Os novos pobres», a peça que tencionava escrever para nós e em que eu tinha um papel muito curioso e que me agradava muito.

Circunstancias independentes da nossa vontade e da vontade de André Brun fizeram com que tivessemos de adiar a representação do seu novo original e, porque o tempo urgia e porque não dispensavamos a colaboração desse querido camarada, ele, em quatro dias, adaptou «O juiz de fóra».

Quando nos veiu lêr a sua comedia passámos cerca de tres horas divertidissimos. Os tres actos de «O juiz de fóra» são cheios de graça, de inesperadas situações e, sendo a peça muito movimentada, especialmente no seu segundo acto, os tipos mantem-se de comedia, nunca descambando na farça.

Nos ensaios quiz ceder a André Brun, como me cumpria fazê-lo, a direção dos ensaios, pois que ele pertence ao numero dos autores que sabem bem o que fazem e o que querem. Depois é exigente, tem nervos e sabe impôr, a tempo, com uma observação bem ajustada ou com um dito de espirito, a sua opinião.

André Brun não quiz, porém, que eu lhe cedesse em absoluto o meu lugar de ensenadora e, tomando dias nos ensaios uma parte importante em que todos podemos apreciar que, se ele quizesse, poderia ser um actor muito interessante, deixou-me o cuidado principal da direção.

Os ensaios, como lhe disse, correram com o maximo interesse. Ainda ontem ouve substituição em um dos papeis, afim que o desempenho seja o melhor que possamos dar ao «Juiz de fóra».

◆ ◆ ◆

Pela minha parte estou satisfeitissima com o meu papel.

A meu lado Salvador Costa, Joaquim Miranda e Froes desempenham tres dos mais extensos papeis masculinos, que são bem desenhados e chefes de situações. Rafael Gomes e Zenoglio criam dois tipos secundarios, mas qualquer deles cuidados com amor pelo adaptador e de exito seguro.

Na parte feminina Maria Clementina, Ricardina Maia, Alice Pereira são as figuras principais. Raquel Moreira, Alice Costa, Maria Thereza e Deolinda Soares, que se estreia na minha companhia, completam um conjunto que tudo faremos para que seja harmonico.

A Teodoro Santos, o meu companheiro de tantos anos, devo uma referencia especial. E' ele que incarna o juiz de fóra da terra, cujas aventuras em Lisboa... Mas lá ia endesvendar um pouco do entrecho! Teodoro terá na peça uma das suas melhores creações.

◆ ◆ ◆

—«Que mais lhe poderia dizer? Estamos contentes com a peça, com o seu autor, com os novos papeis. Temos fé no exito da comédia e tudo fizémos, quanto em nós cabia, para o assegurar. Resta apenas esperar a sentença do publico, o grande juiz de fóra, que julga e sem apelo em ultima instancia. Mas, dentro das hipoteses sempre faliveis do teatro, cuido poder dizer-lhe que desta vez é que se vai finalmente inaugurar o Teatro Terrasse, isto sem desprimôr algum para as obras que muito nos honrrámos em representar, mas porque o publico quer principalmente rir nesta epoca de tristezas e o «Juiz de fóra» fará rir os mais sisudos.

J. C.

PORTUGUEZES INSULTADOS

A pagina 69

de RENÉ MARAN

O escandaloso livro, premiado em França e que se atribue um pouco duvidosamente ao revolucionario Renné Maran tem causado nos meios intelectuais latinos um reflexo de criticas e de comentarios, algum tanto febril.

Podemos dar hoje aos nossos leitores o texto em francez das escandalosas palavras atribuidas a esse literato, que não sendo positivamente «da côr», nem por isso deixa de ter entre os intelectuais brancos um certo renome.

Como se explica a insolita agressão de alguem que, por afinidades de sentimento, por ascendencia etnica, e até por espirito liberal tão perto está desta nossa grande alma e deste nosso pobre e desvairado coração, cheio de sentimentalidade, de lirismo, deste quieto e doce lirismo, suave, triste e generoso, como a brisa eterna, eternamente suave do oceano?

Uma injustiça, uma injustiça irritante, porque falsea a fé que temos em nós proprios como povo, porque mente sobre a esplendida e transbordante mocidade da nossa boa gente das provincias, porque amesquinha a raça mais cheia de ideal e de fé viva que ainda hoje anima a Europa, sobretudo porque conscientemente ofende, sem espirito e sem superioridade, porque injuria sem pretender atingir um fim que não seja o da propria injuria.

◆ ◆ ◆

A pagina 69 do livro escandaloso, certo personagem vai-se queixar ao comandante dum navio de que um portuguez o havia escandalisado, e ele, o comandante, responde, cheio de espirito «raisonneur»:

Quoi! pauvre vieil idiot, tu ne sais pas encore qu'on «poutriguess» ne compte pas.

E depois conta:

«Eh! bien, au commencement des commencements—tu me sens, n'est ce pas—le N'Gakoura des blancs prit ce qu'il avait le mieux sous la main et en tira les blancs.

«Ensuite, il ramassa leurs de'chets pour en fabriquer les sales négres, comme toi.

Beaucoup plus tard, desireux de creer les Portugais, il chercha autour de lui. Il ne restait plus rien que des excréments de négres.

C'est de cette matière qu'il pétrit les prémiers Portugais.

Les rires roulérent.

◆ ◆ ◆

Que em 1921, em Paris se escreva com geral aplauso e premios academicos o que ahi fica, é um simptoma edificante para aqueles que creem num forte e fecundo entendimento de raças e de civilisações.

Esta atitude de superioridade comodamente «blagueuse» que certos intelectuais como René Maran adotam para comentar com um sorriso esta s sediças e consideraveis ambições da humanidade, não deixa de ser notavelmente curiosa, se repararmos que eles por outro lado exploram a «panache» da sua situação de revolucionarios tremendos, impondo ao mundo o papão dum novo mundo de teorias.

...

"O MUNDO"

Suspendeu hoje a sua publicação este nosso prezado colega da manhã que reaparecerá brevemente com os seus serviços completamente remodelados.

POLITICA

As eleições

A actividade dos outubristas radicais não se tem desmentido, nos ultimos tempos.

Considerando-se os legitimos representantes das aspirações radicais da Republica, os seus dirigentes apresentam-se ao eleitorado, não só em Lisboa, como noutros pontos do paiz. Eis mais alguns dos seus candidatos, já definitivamente escolhidos:

Por Vizeu:

Deputados:—Aurelio Cruz, (oficial do Exercito), Abel Pessoa Ferreira, (funcionario publico), Eduardo Rodrigues de Carvalho, (Consul em Boston).

Senador:—Dr. José Falcão Ribeiro, (antigo Governador Civil de Lisboa).

Por Gouveia:

Deputados:—Bernardo José da Costa Amaral, (Professor do Ensino Primario Superior), Manuel Joaquim da Fonseca Ruivo (medico militar).

Senador:—Eugenio d'Arriaga Brun da Silveira, (funcionario publico).

Pelo Porto:

Deputados:—Raul Tamagnini Barbosa, (funcionario publico), dr. Teixeira Rego, (lente da Faculdade de Letras), Virgilio Ferreira Marques, (funcionario publico e jornalista), Lino Figueirôa, (proprietario), Padre Camilo d'Oliveira, (professor), Azeredo, (major da G. N. R.).

Senadores:

Coronel Djalme d'Azevedo, (oficial de artilharia e antigo colonial), Adalberto de Souza Dias, (funcionario publico).

Os outubristas radicais vão lançar a publico um semanario de propaganda, que se intitulará «O outubrista». O primeiro numero sairá, talvez, no proximo domingo. O seu director politico será o sr. Antonio Bernardo, funcionario publico.

Os funerais do ex-principe real, D. Afonso Henriques

O Sr. tenente Marrecas Ferreira, Chefe do gabinete da Presidencia do Ministerio, irá hoje conferenciar com o sr. dr. Costa Cabral chefe do protocolo do Ministerio dos Estrangeiros, afim de se elaborar o programa do cerimonial a observar por ocasião da trasladação do cadaver do Sr. D. Afonso para as catacumbas de S. Vicente. Não se sabe, ainda, se o Estado se fará ou não representar nas solenidades religiosas.

As honras militares serão as correspondentes a general de divisão, exercendo comando.

Um telegrama ao general Gomes da Costa

Falou-se bastante num telegrama de felicitações enviado pelo sr. tenente coronel Augusto Taveira ao sr. general Gomes da Costa, logo em seguida á punição disciplinar que o sr. ministro da Guerra impoz a este. O texto é o seguinte:

Bragança, 6 de Janeiro 1922—General Gomes da Costa—Lisboa—Cumprimento V. Ex.ª pela sua briosa atitude de portuguez valente e general necessario á Republica para ajudar a salvar a Patria a tenente coronel Augusto Taveira.

A repartição telegrafica de recepção enviou copia do telegrama para a Presidencia do Ministerio.

A herança de D. Afonso Duque do Porto

Confirma-se que a sr.ª D. Maria Pia, Duquesa do Porto e Princesa de Bragança, reivindicará perante os tribunais portugueses, a transmissão dos bens de seu falecido marido, o ex-principe real D. Afonso Henriques.

O sr.ª Duqueza desejaria que lhe fossem desde já entregues, sem mais formalidades, alguns objectos, alegando que eles eram de uso particular por assim dizer domestico, do sr. D. Afonso, mas o governo julga imprescindivel uma habilitação judicial que o isente de futuras responsabilidades. Se o processo judicial for proposto, o Estado constituir-se-ha parte. E' possivel que, durante o pleito, sejam juntas ao processo algumas custas, expeditas e recebidas pelo principe, e que farão bastante luz sobre a vida publica da ex-familia real portugueza, experimentada pelos revezes do exilio.

Os partidos vão-se dissolvendo...

O sr. João Batista Afonso, que foi presidente da Comissão da freguezia da Penha de França, pede-nos para declararmos que abandonou, definitiva e irrevogavelmente, as fileiras do partido democratico «por se encontrar profundamente desgostoso com a orientação dos dirigentes do partido».

Lembra-nos, a proposito, uma anedocta. Quando D. Filipe, rei de Espanha, perdeu o dominio sobre Portugal, em 1640, proclamou-se, em publico, mais poderoso que nunca, dando pouca importancia ao retalho subtraido ao vasto imperio dos Espanhois. Um aulico fez então a seguinte observação:

—El-rei é como os buracos: quanto mais terra lhe tiram, maior fica.

Ao partido democratico acontece semelhantemente: os partidarios vão-se, mas o partido cada vez é maior...

AMANHÃ

Teatro Chiado Terrasse

O juiz de fóra

adaptação de *André Brun*

A realesa morta

Definições da atitude dos monarquicos da fação pedrista, perante o cadaver do principe real D. Afonso, Duque do Porto

O «Diario de Lisboa», quiz saber muito a proposito, se os restantes partidaristas da monarquia morta compareceriam ou não á trasladação dos restos mortais do ex principe real D. Afonso para as catacumbas de S. Vicente. Interrogou, para tal efeito, o sr. dr. Melo Breyner, que disse que ia ao funeral, importando-lhe pouco ou nada que os seus correligionarios lhe seguissem o nobre exemplo. Apressou-se hoje o «Correio da Manhã», representante, na imprensa, duma das facções monarquicas, a fazer publico que os seus correligionarios não deixarão de prestar homenagem á memoria daquele que classificam de «desditoso principe, tão bom e tão leal subdito do seu real sobrinho». Só, pois, uma questão de parentesco força os vassalos do ex-rei fidelissimo a participarem das homenagens postumas ao bonissimo portuguez. Mas o «Correio da Manhã» acrescenta o seguinte, que ortina como luz num ponto obscuro da vida do popular infante:

«Se infelizmente, o estado de saude do Senhor Infante nos ultimos anos da sua vida foi tal que lhe causou as graves perturbações observadas com magôa por todos os seus antigos amigos que por esse tempo se acercavam de Sua Alteza, isso só pode servir para que ainda mais profundamente deploremos o amargo destino do saudoso Principe, a quem as tempestades da politica, á qual ele sempre se manteve escrupulosamente estranho, levaram a morrer não só longe da Familia e da Patria, mas ainda em tão sombrias e desgraçadas circunstancias como essas a que aludimos».

A insinuação é clara. Segundo o «Correio da Manhã» o malogrado principe não conservou, nos ultimos anos de vida, a integridade das suas faculdades mentais. Com a razão perdida ou semi-perdida, o principe bo...misiado contraiu um enlace matrimonial, que os preconceitos da nobreza e «virille-roche» classificam geralmente de «mesalliance». A lei, que a todos obriga, não reconhece tais escrupulos, mas é livre, cada qual, de explicar os actos dos seus principios, vivos ou mortos.

A sr. D. Maria Pia, Duqueza do Porto e Princeza de Bragança, testemunha, aliás, o contrario do que insinua o «Correio da Manhã». O principe gosava de todos os seus direitos politicos quando casou com a ilustre senhora, hoje viuva; mas houve, todavia, uma coisa grave, que o levou ao casamento e que, segundo diz a Alteza-Viuva, foi o abandono a que o principe foi votado pelos seus ricos parentes, sem exclusão do ex-real sobrinho. O desventurado sobrinho do ex-rei de Portugal vivia paredes meias com a miseria!

Segundo as ultimas mais fidedignas informações a questão gira em torno da herança do ex-principe real, sucessão a que a sr.ª Duqueza do Porto se julga com direito, contestado, parece, pelos tais parentes ricos. Os tribunais resolverão o caso, se lhes for posto. O governo é que, evidentemente, não intervirá decisivamente, nem para a direita nem para esquerda, limitando-se, em tempo proprio, a defender os direitos do Estado, que são tambem para considerar e supomos mesmo que absolutamente decisivos.

Esta ultima parte é digna, talvez, de ser considerada pelos parentes do ex-principe real D. Afonso, ou esses parentes sejam direitos ou tortos.

Caça-minas francez

S. JULIÃO, 10.—Entrou a barra o caça-minas francez L. R. 2.510, vindo do norte.—(H.)

Não ha acordo oficial entre a França e o Japão

para uma intervenção na Siberia

WASHINGTON, 10.—O sr. Sarraut dirigiu uma carta ao sr. Hughes, na sua qualidade de presidente da Conferencia, declarando serem falsos todos os documentos publicados pelos delegados da Republica do Extremo Oriente (Siberia Bolchevista).

Estes documentos foram apresentados como documentos secretos de um acordo entre os governos do Japão e da França sobre a Siberia Oriental em uma acção comum na conferencia de Washington.

Com a carta do sr. Sarraut findou oficialmente este incidente, propositadamente provocado para intensificar, na opinião publico americano, as suspeitas e a desconfiança na diplomacia estrangeira.—(Lat. Am.)

Factos e palavras

A PROPOSITO ...DE UMA COISA

Cada vez estou mais convencido de que em Portugal todos fazem tudo menos aquilo que deviam fazer. Nunca esteve tanto a proposito aquela frase «Quem te manda a ti sapateiro tocar rabecão».

E a grande verdade é que todos os sapateiros desataram a tocar rabecão e todos os mestres de rabecão desataram a fazer botas.

Chega-se á altura dum meni o escolher carreira. Tem vocação para medico? Vai para direito. Tem vocação para musico? Vai para medico. Não tem vocação para coisa nenhuma? Pois neste caso vai para homem dos sete oficios.

Andam todos realmente com as profissões trocadas.

Cá na redação existe um moço de recados com toda a vocação para Charlot. Pois aposto simples contra dobrado em como ainda o hei-de ver homem serio.

Se quizesse e tivesse espaço para entrar em exemplos havia de fazer uma lista interminavel, e que talvez tivesse algum espirito. Porque a inversão das vocações coloca por vezes as pessoas em atitude bastante criticas.

Ainda hoje por exemplo me mostraram uma...

Mas, perdão, isto vêo tudo a proposito dum... de uma coisa que eu cá sei.

BOTTO DE CARVALHO

✤ ✤ ✤

As populações de Amazonas continuam a viver na mais horrivel penuria. O credito de 25 mil contos votado pelo senado em favor dos productores da borracha é para os proprietarios e industriais desta regiao acudirem á sua quasi falencia. A população proletaria aproveitará desse credito.

O governo do Brazil resolveu, por isso, trazer ás nossas desgraçadas populações socorros imediatos que serão bemvindos e sobretudo muito bem aplicados.

✤ ✤ ✤

As maquinas, seja qual for a sua aplicação, pagarão nas alfandegas do Brazil direitos que não mais serão calculados ad valorem, mas segundo o peso dos maquinismos. Foi a direção geral das alfandegas que tomou a iniciativa de tal modificação.

✤ ✤ ✤

A conferencia de Cannes foi primitivamente convocada para tratar da questão das reparações, mas agora terá tambem que estudar uma proposta dos homens de negocios das nações aliadas para se levantar a soma de 20 milhões de libras, subscritos pela Inglaterra, França, Alemanha, e talvez os Estados Unidos, aplicando-se esta importancia para a restauração das areas da Europa devastadas pela guerra.

✤ ✤ ✤

A nova estação telefonica que vai ser construida em Londres será a mais vasta da Europa. O seu custo está orçado em cincoenta mil libras e poderá ser utilisada por trinta mil subscriptores.

✤ ✤ ✤

O sr. Reavis, deputado republicano, dos Estados Unidos apresentou na camara dos deputados uma moção para que o governo dos Estados Unidos insistisse na cobrança dos emprestimos de guerra feitos aos aliados.

O sr. Reavis disse que, enquanto que o congresso desejava obter os fundos necessarios para saldar as dividas da Europa, a França insistentemente apregoava a sua intenção de «aumentar o mais barbaro e deshumano utensilio de guerra, o submarino» e que era necessario, sem mais delongas, encarar de frente a situação actual.

✤ ✤ ✤

As letras

Recebemos e agradecemos o primeiro volume da «Luza Epopeia», poema heroico do sr. Q. irino de Jesus.

—Soneto de Virginia Victorino:

Quando te vi

A manhã era clara, refulgente,
Uma manhã doirada. Tu passaste,
Abriu mais uma flor em cada haste.
Teve mais brilho o Sol, fez-se mais quente.

E eu inundei-me dessa luz ardente.
Depois não sei mais nada. Olhei... olhaste...
E nunca mais te vi.—Estranho contraste!—
A madrugada transformou-se em poente

Luz que nasceu e apenas scintilou!
Deixou-me triste apenas se apagou.
A's vezes fecho os olhos; vejo-a ainda...

E ha tanto sol doirando esses trigais!
Olhaste, olhei, fugiste... Ai nunca mais,
nunca mais tive outra manhã tão linda!

Os Açôres existem!

A proposito do que temos a receber da Alemanha

Nós não sabemos se os senhores têm conhecimento, que ali, no meio do Atlantico, estão perdidas, nove ilhas, portuguesas e bem portuguesas, que nós, os continentais trazemos sempre no rol do esquecimento, votados ao abandono e desprezo...

Pois ali no meio do Atlantico está o arquipelago dos Açores...

Os jornais teem trazido o minuto noticias de que os sucessivos ministros do Comercio que passam pelo Terreiro do Paço inquirem daqui e dali o que é necessario para progressos ou melhoramentos locais... E todos mandam uma nota, e todas as terras vão sendo incluidas nas reparações que a Alemanha nos ha-de satisfazer, num dia, um dia qualquer, se Deus quizer e o sr. Wirth tambem... Mas os senhores já leram nos jornais que os Açores tivessem pedido alguma coisa? Nada. Os sucessivos ministros do Comercio que têm passado pelo Terreiro do Paço desconhecem absolutamente a existencia dessas nove ilhas perdidas no meio do Atlantico... alguns que têm ouvido falar dos Açores como nós ouvimos falar da Patagonia, nem sequer pensam que fonte de riqueza constitue o arquipelago e qual é o formidavel valor-ouro, que todos os vapores chega ali ao cais de Santos, directinho para os Bancos...

Pois os Açores, ponto admiravel de escala para os portos da America do Norte, com um movimento comercial muito para considerar na nossa balança economica, teem necessidade, para o seu desenvolvimento, de muito material que a Alemanha pode ceder.

Ao sr. ministro do Comercio afirmamos daqui que os Açores existem, esperando que s. ex.ª trate de cuidar dos seu desenvolvimento economico. Mesmo o sr. Jaime de Sousa, que é o nosso representante oficial na comissão das reparações, agora em Paris, deve ter uma vaga idéa de que o arquipelago não é um sonho...

O sr. Jaime de Sousa varias vezes deputado pelo circulo do Ponta Delgada, é que tem sido eleito.

Os Açores existem!

AMANHÃ
Teatro Chiado Terrasse
O juiz de fróa
adaptação de *André Brun*

Os Voluntarios Portugueses em Marrocos

A Direcção da «Cruzada das Mulheres Portuguesas» acaba de chegar de fonte segura, a mais triste informação de quanto teem sofrido em Marrocos os portugueses, que iludidos por falazes promessas se foram alistar na legião estrangeira.

Os desgraçados que ali se encontram narram como foram aliciados duma forma enganosa.

Nos «bandarins do enganche», onde procuravam as condições foi-lhes dada uma falsa informação, de modo que se esta faltando ao que lhes foi prometido e se deu em Espanha á publicidade e a notas oficiais. Do contracto fazia parte o vencimento diario de 4 1/2 pesetas, mas os legionarios só recebem a terça parte desta quantia. O «premio de enganche» que se devia ser pago na totalidade, logo que chegasse a Ceuta, conforme as condições apresentadas nos «banderinas», não só o não fazem na totalidade a alguns, como até há desgraçados que só encontram em Marrocos, sem o receberem. No respeitante a trabalho o legionario é considerado um mouro. E' submetido a toda a qualidade de serviço e chega a ser espancado. Não ha descanço nem nos domingos, e os castigos chegam a ser barbaros.

A Inglaterra, em vista das queixas semelhantes reclamou os seus patricios e não se encontra nenhum soldado inglez na Legião. A America procedeu da mesma forma e os portugueses, os victoriosos, heroicos e aclamados das nossas guerras, não tem quem deles se lembre?

A «Cruzada das Mulheres Portuguesas» que se fundou para manter bem alto o bom nome da nossa pátria, auxiliando e protegendo os soldados, que lutava m em Africa e em França para manter a tradição gloriosa da raça, não pode abandonar esses que voluntariamente foram, não só iludidos pelas promessas vantajosas de Espanha, mas tambem levados pelas qualidades combativas da raça.

Que o governo de Espanha se não desobriga o seu dever averiguando da verdade das queixas e siga o exemplo dos outros paizes fazendo libertar e repatriar os portugueses que se encontram servindo em Marrocos.

A «Cruzada das Mulheres Portuguesas» pede á imprensa o maximo interesse para um assunto em que está empenhada a honra nacional e que precisa de ser esclarecido e remediado quanto antes. Temos consules e vice-consules portugueses em toda a fronteira espanhola e na Africa, eles que informem o governo e este que proceda como lhe cumpra.

Politica internacional

Considerações gerais—«A situação da Europa—Suas causas A paz do mundo—As conferencias de Cannes e Washington—Preconisa-se o restabelecimento das relações comerciais com a Russia e a reunião de uma Conferencia Internacional de Economia—A Inglaterra e os seus dominios: Irlanda, India e Egypto—Espanha em Marrocos—As revoltas anti-bolchevistas

O abalo tremendo, o revoltear profundo e desastroso de dificuldades sem conta com que a grande guerra assoberbou e perturbou as nações, depois de lhes ter ceifado á vida milhões de braços produtores, continuam a fazer-se sentir, a manifestar-se com a mesma, senão com mais intensidade, com que se manifestavam durante a guerra, e após a assinatura do armisticio.

Como já tivemos ocasião de afirmar, foi, por assim dizer, após a guerra que as nações mais sentiram e reconheceram os profundos ferimentos, os tremendos chagas que haviam experimentado os seus organismos outrora fortes e vigorosos.

Com as suas industrias em bancarrota, incapacitadas de produzirem, com o comercio enfraquecido, definhado, paralisado, esgotadas, gastas as economias de muitos anos, endividadas quasi todas, as nações vivem presentemente uma vida de dificuldades, topam, a cada momento com um sem numero de obstaculos, deparam-se-lhes ininterruptamente intransponiveis e inumeros escolhos, o sentem-se presas e abarcadas a um estado de enfraquecimento e aniquilamento tais que as impossibilita, ou antes, as tem impossibilitado de poderem modificar ou melhorar no menos o plano inclinado das suas augustiosas e dificeis situações.

Umas, porque durante a guerra se viram forçadas a dispor dos braços que movimentavam e tornavam imensamente productoras as suas industrias, e a abandonar os mercados estrangeiros para onde faziam convergir todos os seus productos que lhes garantiam uma vida financeira desafogada e após a guerra não souberam ou não poderam, por razões poderosas, lançar mão de todos os meios para recuperar o perdido e equilibrar as suas balanças economicas, outras porque, vendo as suas riquezas agricolas, comerciais e industriais aniquiladas e improductivas, esgotando-se os recursos que julgavam inesgotaveis, viram misteriosamente ou por via de tratados inviaveis e inexequiveis nos seus cofres, nas cuidaram de as reabilitar, levando-as a readquirir aquela acção produtora que tinham antes de 1914, outras ainda porque, apesar de arruinados, esqueceram e desprezaram todos os principios de ordem necessarios ao progresso de qualquer nacionalidade e protelaram e protelam a resolução de problemas de que dependem o seu bem estar e a sua reabilitação, as nações da Europa vêem-se a braços com uma crise das mais poderosa crise de todos os tempos.

E' ao mesmo tempo que as suas situações economicas e financeiras são desastradas e desoladoras, algumas delas sentem ainda ameaçada a sua integridade nacional e o seu dominio colonial.

Por umas e outras razões a situação da Europa não só é bastante intrincada, problematica e deprimente, mas ainda assustadora.

Por via de umas e outras razões a paz do mundo, por que todas as nações parecem tanto ansear, continua ainda, como no primeiro dia do armisticio, ameaçada.

Para obviar ás dificuldades economicas e financeiras com que a Europa está a braços e por que se sente ameaçada e ameaçada, os representantes de algumas nações aliadas, reunidos em Londres, resolveram propor ao Conselho Supremo, agora reunido em Cannes, que este tomasse a iniciativa de crear uma organização internacional que, explorando os caminhos de ferro, a marinha mercante, emfim, todos os ramos do comercio e industria de todas as nações da Europa, lhes podesse trazer o equilibrio, economico e financeiro de que ela tanto carece.

Pelos comunicados que nos chegam, constatamos, que, na sessão inaugural do Conselho Supremo, presidida por Briand, foi precisamente sobre o estado economico em que se encontram as nações, que recairam todas as considerações.

Coube a Lloyd George expôr, em primeiro logar, o seu modo de ver iniciando as suas considerações por procurar demonstrar a necessidade que ha no restabelecimento das relações comerciais entre a Europa oriental e ocidental e afirmou que os destinos de todas as nações estão intimamente ligados entre si e que a situação economica da Russia se repercute indubitavelmente no mundo inteiro.

Segundo se depreende desses mesmos comunicados, o ponto de vista de Lloyd George mereceu a aprovação dos representantes de todas as outras nações, mas não sem que se condicionasse esse restabelecimento de relações ao reconhecimento das dividas russas pelo governo de Lenine.

Seguidamente, e com ainda os comunicados, o Conselho aprovou, em principio, as propostas dos peritos industriais e financeiros que reconheceram a conveniencia da convocação de uma Conferencia Internacional para a qual serão convidadas a Alemanha e a Russia, que estude a reconstituição economica da Europa. No entanto, segundo o «Petit Parisien», a Conferencia ainda voltará a ocupar-se da situação economica da Europa e terminará mesmo pelo estudo do problema da sua reconstituição.

Quanto ao pagamento das reparações a fazer pela Alemanha em 15 de janeiro e 15 de fevereiro, parece ter já ficado resolvido que a quantia respectiva seja paga em prestações mensais de 100 milhões de marcos.

E' isto até agora o que parece provido para conseguir-se o ressurgimento... economico da Europa.

Por outro lado, procurando-se tambem conseguir edificar o castelo da Paz mundial em alicerces firmes, a Conferencia de Washington prossegue, procurando os representantes das nações nela presentes, levar a França a ser menos exigente nas suas pretenções.

Os seus representantes, porem, continuam defendendo o seu ponto de vista, teimando em que carecem de uma marinha de guerra bastante forte para que bem possam ter seguras as suas relações comerciais da França com as suas colonias, assim como para defender-se do qualquer ataque imprevisto dos seus inimigos.

Lá que os submarinos sejam apenas utilisados para facilitarem, os seus relações economicas, ainda concordam. Mas para alem, não vão nem mais um passo. E, em face da portinaz defeza do seu modo de ver... já se pensa em convocar, para outros tempos uma outra conferencia para a limitação de armamentos.

Pois, pois, afirmar-se que a paz na Europa e no mundo esteja assegurada? Os resultados a que se tem chegado em todas as conferencias internacionais bastam para demonstrar que ela continua ameaçada, e que tão cedo não seria um facto se porventura outros factores não surgissem a demonstrar-nos que a guerra entre os povos prossegui ininterruptamente.

Assim, é que a Inglaterra, que ainda ha bem pouco teve de assignar um acordo com a Irlanda, que ainda está pendente da ractificação do parlamento irlandez, ractificação que parece dificil e que tem sido tão pouco favorecida pelos irlandezes, vê-se mais uma vez ameaçada por agitações tremendas que põem em perigo a integridade de seus dominios na India e no Egypt.

Estas agitações, talvez mais perigosas do que propriamente as da Irlanda, vão-se prolongando e as suas consequencias podem ser funestas para o imperio britanico.

Em Marrocos a Espanha prossegue na luta contra os rifenhos e na Russia afastam intensamente as revoluções anti-bolchevistas.

Se, pois, a situação economica financeira das nações continua preocupando poderosamente todos os espiritos, a paz mundial está ainda longe de ser uma realidade palpavel permanecendo antes ameaçada por todos os lados e por todas as formas.

Uma carta

Da Cruzada das Mulheres Portuguesas, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director d'A Capital: A Direcção da «Cruzada das Mulheres Portuguesas» encarrega-me de vir dizer a v. ex.ª que muito a surpreendeu e magoou a referencia ridicula que lhe é feita sob o titulo sugestivo «Muito engraçado» inserta na «Capital» de 7 do corrente.

Não se vê motivo que justifique tal desprimor visto a C. M. P. só até hoje ter feito uma obra propria, simplesmente patriotica, social e altruista, sem se encarregar de qualquer outra missão que vá afetar os interesses alheios.

Esta agremiação estava bem longe de pensar em que poderia ser alvejada por esse jornal, onde até agora só contou boas vontades e deferencias e, sobretudo, num assento do qual está tão afastada que nem sequer ainda pensou na forma em como poderá colaborar na grande exposição, quando se tratar de mostrar que em todos os grandes assuntos da vida nacional tem o seu logar, como agremiação patriotica, mas tão somente nessas condições.—De V. S.ª etc.—A secretaria da direcção.—E. Silva.

Publicando esta carta nós temos a dizer á Cruzada das Mulheres Portuguesas que a local inserta neste jornal com o titulo «Muito engraçado» tem origem no facto de pessoas muito chegadas a essa instituição andarem a exercer essa sua influencia para que os reclames, cartazes, etc., fossem concedidos á C. M. P. Não sendo propriamente essa missão de tão util agremiação, ninguem levará a mal, que lhe fizessemos esse comentario tendo no fundo vistos de verdade.

A situação economica da Europa vista pelos Estados Unidos

O Presidente Harding e o seu governo levaram duas horas a discutir a situação economica da Europa.

Foi declarado oficialmente que não se chegará a nenhuma resolução sobre a atitude dos Estados Unidos no que se refere á sua participação na proposta conferencia europeia.

Associação Protectora da Primeira Infancia

Efectua-se no Domingo uma sessão solene nesta benemerita associação de beneficencia, que, instituida exclusivamente por iniciativa particular distribue diariamente leite puro a algumas dezenas de creanças.

ULTIMA HORA

Os ferro-viarios da C. P.

Nova gréve?

Na respectiva associação de classe devem reunir hoje, pelas 19 horas, os ferro-viarios da C. P.

Nessa reunião sabemos que se votará a greve em principio se o governo dentro dum determinado praso não satisfizer as reclamações apresentadas.

O roubo da ourivesaria "Dragão de Prata,,

Como foram presos dois gatunos

O agente da policia de investigação sr. Ferreira da Silva tem quasi concluidas as suas investigações sobre o roubo praticado ha dias na ourivesaria «Dragão de Prata», sita na rua Alves Correia.

Apurou-se não ter sido o guarda 18... da esquadra do Alto de Pina quem prendeu os dois meliantes logo apoz o crime por se lhe tornarem suspeitos.

Aquelas duas prisões devem-se ao sr. José Sebastião da Cunha, contramestre do receptador Eloy preso tambem no governo civil.

O sr. José Sebastião da Cunha depois de os meliantes terem estado na casa do sr. Eloy perseguiu-os sempre por ordem daquele receptador.

Chegado ao Alto do Pina o sr. Cunha dirigiu-se a esquadra daquela area e pediu ao guarda que capturasse os dois individuos que ali parto seguiam.

Enviados então dois guardas e feitas as referidas prisões verificou-se que de facto traziam nas algibeiras grande quantidade de objectos d'ouro.

AMANHÃ
Teatro Chiado Terrasse
O juiz de fora
adaptação de *André Brun*

Legação de Madrid

Carece em absoluto de fundamento a noticia de que o sr. dr. Trindade Coelho seja nomeado nosso ministro para a legação de Madrid.

Nota oficiosa

Carecem absolutamente de fundamento as noticias publicadas por jornais ácerca do provimento da Legação de Madrid, assunto de que o sr. Ministro dos Estrangeiros ainda não se ocupou.

Conselho de ministros

Foi adiado para esta noite o conselho de ministros que estava marcado para hoje de manhã.

Carvalho de Araujo

O cruzador «Carvalho de Araujo» deve sair amanhã para Angola, ás 18 horas.

A Imperatriz Zita seguiu hoje de Paris para a Suissa

PARIS, 10.—A ex-imperatriz Zita procedente de Lisboa, via Espanha, chegou partindo hoje com destino á Suissa.—(R.)

Saudação ao Governo

A comissão paroquial do Partido Republicano Reconstituinte da Pena, de Lisboa, comunicou ao Governo que na sua ultima sessão aprovou, por unanimidade, uma saudação ao sr. Cunha Leal felicitando-o pelo bom exito que teve na organização do seu ministerio, fazendo votos para que a sua estabilidade seja longa, oferecendo todo o seu apoio moral e pessoal e desejando que ele e todo o governo sejam inexoraveis com os bandidos anonimos e agitadores de profissão, para de vez se entrar no caminho da legalidade, da ordem e do respeito pelas leis e cidadãos honrados. Saúda tambem os seus correligionarios que nesta situação tão critica e de tantas incertezas, aceitaram pastas que só por muito amor á Patria e á Republica poderão desempenhar tal carga.

PELO TELEGRAFO

A conferencia de Cannes

Os ministros das Finanças aliados chegaram a acordo sobre as reparações

LONDRES, 10.—Segundo noticias recebidas de Cannes os ministros das Finanças dos Aliados conferenciaram ali com os tecnicos sobre a questão das reparações, e chegaram a acordo sobre diversos pontos.

As principais discussões versaram primeiro sobre a importancia que a Alemanha deverá pagar, a qual está praticamente fixada; em segundo logar o oficio do moratorio em cada um dos aliados, e em terceiro logar sobre as garantias a exigir da Alemanha e a execução das necessarias reformas financeiras naquele paiz.

Consta ter ficado resolvido que a séde da Comissão de Garantias será definitivamente fixada em Berlim, sendo os seus poderes consideravelmente reforçados para a habilitar a superintender na estricta execução das garantias exigidas.—(R.)

A opinião da Alemanha

BERLIM, 10.—A imprensa refere-se largamente aos resultados da Conferencia de Cannes. O «Tageliche Rundschau» receia que essa conferencia prepare o controle financeiro da Alemanha pela «Entente».

No «Tageblatt» o sr. Dernburg diz que a França receando o perigo da politica do isolamento que seguiu em Washington, concorda com os desejos do sr. Lloyd George em deixar a Alemanha respirar um pouco mais.—(R.)

A conferencia do desarmamento

A questão da navegação aerea

WASHINGTON, 10. — A Comissão do Armamento das cinco potencias, na Conferencia desta cidade, decidiu ser por agora impossivel chegar-se a um acordo sobre a limitação do desenvolvimento ou do uso da navegação aerea. Resolveram, contudo, que uma comissão internacional seja nomeada para estudar a questão com o fim da sua limitação poder ser realisada no futuro.—(R).

O que é um navio de guerra

WASHINGTON, 10. — Está sendo agora estudada pela Comissão a questão do uso em tempo de guerra dos navios mercantes armados em navios de guerra.

As delegações japonesa, franceza e italiana opõem-se ao armamento dos navios mercantes, mas a Grã-Bretanha é a seu favor. Julga-se que provavelmente ficará registada no Tratado a definição do que é um navio de guerra.—(R).

O problema japonês

WASHINGTON, 10.—Informações fidedignas afirmam que, antes de se encerrar, a conferencia encontrar-se-ha maneira de excluir os territorios que formam o continente do Japão da acção da quadrupla aliança, que veio substituir a aliança anglo-japoneza. Provavelmente será o proprio Japão, cujo orgulho tem sofrido muito pelo teor das discussões senatoriais, que virá declarar que o tratado das quatro nações só é aplicavel ás suas possessões insulares fóra do Japão.—L. (Am).

A proxima conferencia economica

O governo dos Soviets aceitou o convite

LONDRES, 10.—Por informações recebidas nesta cidade consta que o Governo dos Soviets aceitou o convite das potencias para assistir á Conferencia internacional economica que se realisará em Genova. (R.)

Noticias de toda a parte

A questão militar em Espanha

MADRID, 10.—Parece que a situação politico-militar é ainda delicada, mas segundo as informações colhidas á ultima hora nos meios politicos, ministeriaes e nas redacções dos jornais, entrou-se já no caminho de uma solução. O ministro da Guerra, sr. La Cierva, conferenciou hoje por vezes com o comandante do corpo de exercito de Madrid e tambem com os juntos militares, as quais declararam firmemente resolvido a impedir que o poder publico cedesse ante qualquer outro poder, isto do pleno acordo com e consulta de ministros que se reuniu esta manhã e que so solidarisou formal e absolutamente com o ministro da Guerra. Os jornais são de parecer que o dia de amanhã será decisivo e que a ultima palavra pertencerá ao ministro. De resto os jornais fazem notar que nem todas as juntas estão contra o ministro, mas somente a da infantaria e que as outras juntas apenas intervêm no conflito afim de facilitar uma solução.—(R.)

Morreu o conde de Kuma

NEW-YORK, 10.—Dizem esta mtragada de Tokio á Associated-Press que o conde o Kuma faleceu hontem ás 7 horas da manhã.—(H.)

Um casamento real

BELGRADO, 10.—Foi hoje oficialmente anunciado o casamento do Rei Alexandre da Servia com a princeza Maria da Romenia.—(H).

TEATRO

Nota do dia

Reapareceu ontem no teatro Salão dos Anjos a companhia infantil que ainda ha mezes trabalhou no Avenida. Nesse tempo a imprensa ocupou-se do caso, fazendo-lhe o comentario devido e pedindo ao sr. governador civil providencias para que as crianças não fossem assim, abruptamente, atiradas para um palco, a respirar a atmosfera sempre perigosa dos bastidores, tão prejudicial como o ar viciado dum teatro. Pois agora já não é no Avenida que se encontram os petizes da companhia infantil; passaram para uma caixa sem nenhumas condições higienicas, frequentada por mau publico. Tudo isto representa um sintoma alarmante de crise. Não podemos consentir sem o nosso protesto, que continue a descurar-se a educação das creanças a ponto de as colocar a representar revistas, num baixo teatro de Lisboa.

Bem sabemos, infelizmente, que muito pouco se faz entre nós em materia de educação. Mandar os filhos á escola a aprenderem a ler e escrever é para a maioria dos portuguezes um luxo que pedantemente concedem aos seus filhos.

Ninguem se lembra que instruir não é educar, apezar de uma coisa não poder existir sem a outra. — Olhemos para as crianças, e já que não é este o logar para tratarmos de assuntos pedagogicos, recordemos a quem compete que ali, nos Anjos, estão se atrofiando cerebros, depravando caracteres em formação.

JAIME DO COUTO

AGENDA DA SEMANA

HOJE — No Teatro Apolo, recita de Raul Leal, Alfredo Gameiro e Candido Malheiro, autores da revista «E' o Levas»...

AMANHÃ — Première da comedia «O Juiz de Fóra», adaptação de André Brun.

5.ª FEIRA — Festa no Teatro de S. Luiz dos autores de «A Moreninha», D. José Paulo da Camara e Sousa d'Oliveira.

— No Eden-Teatro festa artistica do actor Nascimento Fernandes, quadro novo, «1922» no «Tic-Tac» e reposição do quadro «Pax» da revista «O Novo Mundo».

6.ª FEIRA — 4.ª recita de assinatura e primeira representação da peça «O Centenario» dos irmãos Quinteros.

— Reaparição da Luisa Satanela no Teatro Avenida, na opereta «O Toureador».

SABADO — Festa artistica de Lucinda Simões no Teatro Politeama com as peças «Declaração» e «Idilio de Venus».

BRINDES

A pastelaria Marques, como tem feito nos demais anos, enviou nos alguns bolos rei para serem distribuidos pelas creanças do nosso jornal agradecemos a amabilidade da oferta que coube a Mario Lourenço, Luiz Pereira, Antonio Ferreira, Carlos Henriques, Isidro Silva e Antonio Duarte.

Noticiario

Portugal

E' a seguinte a distribuição da peça «9 d'Abril» original de D. Teresa Leitão de Barros que em breve sobe á scena no Teatro Chiado Terrasse:

O Avô — Teodoro Santos.
A neta — Maria Clementina.
Um criado — Almeida Cruz.

Trata-se dum acto simbolista, em que se põe em fóco a atitude portugueza perante a guerra.

— A protagonista da peça «A Conquista» que o nosso camarada de redacção Armando Ferreira está escrevendo para a Companhia Chaby Pinheiro, é uma artista de opereta a qual será desempenhada pela atriz Cremilda d'Oliveira e chama-se Cremilda.

— A peça «9 d'Abril» um dos premios do concurso d'«A Capital» só subirá á scena no Teatro Chiado Terrasse com as restantes tres peças que foram premiadas nesse concurso.

— A premiere de «A Conquista» de Armando Ferreira deve realisar-se no Porto.

— Veio apresentar-nos os seus cumprimentos, Mireille Bertteon, do Teatro de S. Carlos. Agradecemos.

— A actriz do Teatro Apolo, Maria de Lourdes Cabral, dedica á imprensa de Lisboa, a sua primeira festa artistica que se realisa a 24 deste mez.

BÕAS NOITES, MINHA SENHORA

CARTAS A... VOCE

Ha tempos entregou-me você um jornal dizendo-me: Leia.

Quando cheguei a casa e o abri deparei com o nome de Rostand.

Não procurei mais, estava certa que era isso que você me apontara.

Porem não se tratava de Rostand, era apenas do filho e da sua peça «La Gloire».

Ao encontrarmo-nos de novo tivemos ambos a mesma frase — isso acontece tantas vezes, por isso você é para mim... você — exclamamos: «Quem me déra ter la estado!»

Hoje tive ocasião de ler a peça, instintivamente o meu pensamento voltou-se para si e tive desejos de lhe falar nela.

Gostei muito, achei os versos de uma grandeosidade sublime, de uma infinda emotividade, muitas e muitas vezes a respiração suspendia-se me e passava por mim um fremito de admiração ante a belesa do verso e a grandeza da concepção.

Talvez ainda me emocionasse mais por me parecer ver ali muito da alma de Maurice Rostand, muitos dos seus sonhos e das suas angustias. Compreendo que deve ser terrivel para um homem o sentir-se esmagado por um nome, uma mulher é raro experimentar essa sensação, é-lhe tão agradavel estar em adoração deante de quem ama e senti-lo superior a ela!

Voltemos á nossa peça: apesar de toda a admiração que experimentei por Maurice Rostand o meu espirito e o meu coração continuam tendo saudades do grande Rostand.

Que falta a Maurice para ser Edmond? Nem sei bem explicar-lhe — é mais arido, mais egoista, mais duro e falta-lhe especialmente o dom da ternura e da alegria — não sabe amar não sabe sorrir.

Nunca Catulle Mendes diria de Maurice o que disse do Rostand: «Tem o dom de espalhar alegria ás mãos cheias, profusamente, sempre, sempre e mais que sempre. O seu espirito irradia alegria e deslumbra pela sua vivacidade inexgotavel».

E porque Catulle Mendes póde dizer estas palavras a respeito de Edmond Rostand e porque não as poderia dizer a respeito de Maurice Rostand, para mim o Rostand que soube ser pathetico, que soube ser heroico; o Rostand que soube falar de amor, que soube sorrir, o Rostand que até soube rir será sempre o Rostand, será sempre Rostand.

Perdoe este lirismo mas Rostand faz em mim o efeito de «champagne», sóbe-me á cabeça.

SUA TANAGRETTE

FRIOLEIRAS

O anel

O anel foi um simbolo desde os idades mais remotas.

Entre os Egipcios e os Fenicios era emblema do poder. Todos nos recordamos de Pharaó colocando no dedo de José um anel ao conferir-lhe uma autoridade igual á dele.

Entre os romanos havia uma verdadeira paixão por aneis e usavam-nos com grandes pedras gravadas pelos melhores artistas servindo-lhes, em geral, de sinete e com ele firmavam todas as suas cartas. Os camafeus em relevo tambem tiveram a sua época no seculo de Augusto.

Mais tarde empregavam-se esses camafeus para ornamentar vasos sagrados e paramentos religiosos e assim é que chegaram alguns ás nossas mãos.

A partir da Idade Media, todo o rei tinha um anel gravado que lhe servia de chancela, os Doges de Veneza, que se consideravam os senhores e esposos das aguas do oceano atiravam ao mar um anel no dia da cerimonia de noivado.

Mais tarde, no seculo XV, na epoca dos envenenamentos, o anel tornou-se uma arma mortifera, os aneis chamados «aneis de morte» continham um veneno subtil que comunicavam ao dedo por meio de duas pontas imperceptiveis e a mais leve picada era mortal.

No seculo XVI, tornou-se em arma de amor, entrou em moda o anel trocado entre namorados, costume que se prolongou até hoje.

Na actualidade, o anel é uma das joias preferidas, e onde a fantasia de cor e forma se póde exercer com grande liberdade.

HIGIENE DA BELESA

Essencia de violeta (imitação)

Como os perfumes estão muito caros e como não ha mulher que prescinda por completo deles vou dar hoje uma formula muito boa:

20 grs. de essencia de limão
30 grs. de tintura de almiscar
15 grs. de essencia de flor de laranja
30 grs. de essencia de cassia
20 grs. de balsamo de tolu
550 grs. de raises de violeta
50 grs. de essencia de violeta

Mistura-se tudo e põe-se de infusão em 500 grs. de alcool de 90º, passa-se por um pano e deita-se uma segunda dose de alcool para uma nova infusão e mistura-se depois com a primeira porção de alcool.

CONSELHO PRATICO

Como limpar quadros a oleo

Se a pintura for invernisada o metodo de limpar varia segundo a qualidade do verniz. Se for salmel procede-se assim: coloca-se o quadro em posição horizontal e passa-se uma esponja com agua a ferver sobre a pintura até amaciar o verniz e vai-se arrefecendo pouco a pouco a agua á medida que o verniz vai amolecendo, depois deita-se alcool por toda a pintura e deixa-se estar por 10 minutos, limpando em seguida com um pano sem esfregar.

Repete-se este processo varias vezes até que todo o pó saia.

Se a pintura tiver nodoas deve-se lavar com agua quente secando com um trapo macio e passando-lhe por cima azeite quente e depois lavando de novo com agua quente.

GULOSEIMAS

Bolos de côco

250 gramas de farinha, 125 gramas de margarina, 125 de assucar, 2 ovos 1 colher de chá de baking powder, uma pitada de sal, 2 colheres de sopa de leite e 1 colher de sopa de côco ralado.

Põe-se este polme numa lata rasa forrada de papel untado de manteiga e vae a cozer em forno quente de 10 a 15 minutos. Deixa-se arrefecer, corta-se aos quadrados e pinta-se com geleia de fruta salpicando-as com côco ralado.

SONETO

Fogos fatuos

Corriam pelo campo, em flamas pequeninas
Mil pirilampos de oiro. — Ela era uma creança;
Olhava o céu e o campo, e vendo a semelhança
Via estrelas tambem no escuro das campinas

Colhi-os, a soltar risadas cristalinas
Feliz, como quem corre atraz duma esperança,
E deles constelava a sua loira trança,
Ou deixava-os morrer nas suas mãos franzinas.

E esses astros da terra — estrelas dum momento,
Mortas constelações dum falso firmamento,
Deixavam-me a scismar,

Nos meus sonhos do amor, nessas visões tão belas
Pirilampos tambem que eu supuzéra estrelas,
Quando o meu coração era creança ainda

ALFREDO DA CUNHA.

SPORT

Por aqui e acolá

Um super-critico, escrevendo sobre box, diz em tom dogmatico que todas as profissões teem a sua preparação e com essa preparação para arbitros não vemos nós ninguem, infelizmente em Portugal. Quem dera que houvesse, no menos, alguns.

Mas na mesma folha em que diz esta sentença, ha pouco tempo, dizia tambem que para servirem de arbitros havia bastante gente e entre eles, Xavier de Araujo, Humberto Caldas, Miguel Silveira, Francisco Guedes, M. e Nickol, Brun da Silveira, Rosa Brito, Abel da Cunha, Ventura Junior, Ruy da Cunha.

Afinal ha ou não ha? E' bico ou cabeça?...

❖ ❖ ❖

Os obesos e barrigudos, que fazem a apologia do sport, lembram os vendedores de elixires para o cabelo, que são calvos...

❖ ❖ ❖

O ministro de Os Sports, em França, disse num discurso que aqueles que teem por missão dirigir as massas populares, devem habituar se a pensar que não podem pôr de parte a educação fisica.

Pois sim, rala-te... dizem os nossos politicos..

❖ ❖ ❖

Queremos que o match dure os 15 rounds dizem alguns espectadores no Coliseu, pagámos 9.000 reis.

E eu estive para lhes perguntar se na bilheteira tinham comprado 9 mil reis de box...

Era a teoria do sport a pezo, ou a metro...

❖ ❖ ❖

Mario, o boxeur que entre nós fez os primeiros papeis, acaba na sua reaparição em Paris, de fazer apenas um match nulo.

Os ares ali são outros...

❖ ❖ ❖

Vai no Coliseu debutar uma nova companhia de circo.

No elenco, os artistas nacionais brilham pela sua ausencia.

E no entanto alguns ha, cujo valor é pelo menos igual a algumas celebridades extrangeiras.

Mas ninguem é profeta na sua terra...

RUY DA CUNHA

Box

Por lapso não saiu ontem assignada a critica do «match» de box no Coliseu, que foi feita pelo nosso colaborador Ruy da Cunha.

NOTICIARIO

ESGRIMA

Realisou-se no domingo no Ginasio Club Portuguez uma animada «poule» de florete a que concorreram 7 esgrimistas, tendo ficado classificados: Albino dos Prazeres, D. Pedro de Alarcão, Francisco Paiva, Raul Pereira, Ruy Oliveira, Carlos de Barros, Armando Baily.

Presidiu ao Jury o professor da sala sr. Antonio Martins.

— Realisa-se no domingo 15 no Ginasio Club Portuguez, o 5 campeonato de Florete que aquele Club anualmente vem organisando desde 1917.

A este campeonato teem concorrido os nossos melhores floretistas, tendo se já classificado em 1.º logar em 1917 Antonio Vilas, em 1918 Antonio Muñoz, em 1920 Henrique Fonseca, em 1921 o dr. Manoel Queiroz.

Estão inscritos este ano o Ateneu Comercial de Lisboa, Centro Nacional de Esgrima, Lisboa Ginasio Club, Caixa Escolar do Liceu Passos Manuel, Grupo d'Armas e Sports e Ginasio Club Portuguez, no total de 18 concorrentes.

Os delegados das salas reunem na 3.ª feira para elaborar o programa e examinar o regulamento da prova.

NATAÇÃO

No proximo domingo 15 ás 13 horas terá logar a Assembleia Geral desta Liga, para eleição e discussão do Relatorio da Gerencia que findou o seu mandato.

CLUB RECREATIVO BELGA

O Club Recreativo Belga, depois de completamente destruido por um violento incendio ha uns seis mezes, acaba de ser reconstruido com o acrescimo de tudo quanto é preciso para pratica de ginastica aplicada, luta greco-romana, pesos e alteres, esgrima e box.

Todo o professorado é composto por distintos desportistas de reconhecido valor.

A sua reabertura fez-se no dia 29 deste mes, com sessão solene seguida de baile, havendo na segunda-feira, 30, recita e baile, seguindo-se, a 31, um sarau á franceza e baile.

Em fevereiro haverá um grande sarau desportivo.

FOOT-BALL

Consta que o «Sport Lisboa e Benfica», irá ao Funchal, jogar contra o «Club Sport Maritimo», que é um «team» de classe.

FEDERAÇÕES

A fim de se organisar a Federação Nacional de Esgrima, realisa-se no dia 21 deste mez uma reunião de representantes de salas d'armas de Lisboa e do Grupo d'armas e sport do Porto.

71 — Folhetim de «A CAPITAL» — 10 de Janeiro de 1922

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

XII

Com um riso gargarejado o veterano, apoiando-se ao seu bordão de cepa, indicava o que chamava os grotescos dos escravos agarrados nas covas, nas lezírias, nas choças ou nos montes; um que chorava pela mãe e garguejava; outro que falava dos deuses e tinha os ossões no nariz e ainda os isentos de defeitos fisicos mas que mergulhavam em pranto ou negavam a morte de Spartacus.

Um gado vil que não merecia a madeira gasta nas suas cruzes!

— Sim... sim... Muito engraçados! — dizia o elegante e casquinava ao lembrar-se como os servira, naquela mesma estancia, humildado, magoado no seu orgulho, rasgadas as fibras do seu brio de patricio — Sim... sim... muito curiosos!

Inventava, então, suplicios; variava as expiações, como dizia gravemente, e ia vêr os prisioneiros afim de lhes descobrir nos rostos algumas expressões que o divertissem.

A sua imaginação provia-se de requintes para os suplicios.

A um herculeo, que servira nos «oquites», mandara-o untar de mel e amarrar a uma arvore. Dentro, em pouco, no declinio longo dessa tarde tarde ardente o homem começava a cobrir-se de insectos, formigas que penetravam na sua pele, moscas que chupavam os seus labios, golosas dos bocados mais pegajosos, mordiam as suas palpebras, procuravam os seus ouvidos; vespas que o zarguncharam, grandes bezouros zunidores a poisarem nas suas carnes. Era devorado como um verdadeiro torrão de doçura, explicava sarcastico, querendo reconhecer nele um dos que servira. A outro mandara-o atolhar de cal viva e constituira um espectaculo tragico o desse corpo cambaleteando, o de sa boca ardente urrando e a fumegar quando se lhe deitava a agua para a sua sêde gerando nas suas visceras a chaga viva. Tambem imaginara lança-los do ar, numa queda brusca, para sobre um matagal de lanças espetadas no solo como uma floresta de ferros ponteagudos e via-os a estorcer-se, a suplicar, estendido numa cama fôfa, abanado por um leque de penas de pavão agitado por uma escrava grega, de grandes olhos melancolicos, chegada ha pouco da Thessalia.

A seu lado um escultor famoso esculcava as expressões dolorosas e estava encarregado de fazer bustos e estatuas destinadas ao atrio da sua estancia de verão e — dizia na maior seriedade — para educação pratica da remonta de escravos que aguardava das suas propriedades da Sicilia onde o flagelo da revolta não se desencadeara tanto.

— Os bandidos acabariam por o fazer utilisar só asiaticos e negraides!..

Crassus sorria lisongeado ao ouvi-lo dizer que sem ele — sem a sua vitoria — jamais o mundo seria tão singulares expressões de dôr em troca das quais lhe doavam o triumfo no carro das idolatrias, lhe aumentavam a riqueza, a ele, «dives dos dives».

Na face gorda do vencedor, lusente, refegada e feliz, passava um clarão quasi rubro, tinha impaciencias mas não as confessava, de subir a essa quadriga e chegar até ao Capitolio. Duvidava que lhe decretassem a homenagem; imaginava-se vitima duma intriga dos amigos de Pompeu, ávidos tambem da honraria maxima para o general que batera os fieis de Sertorio nas Espanhas.

Mas o que era isso?! Sim que valia essa vitoria numa colonia longiqua, comparada com a sua grande acção, essa derrota maxima infligida aos escravos anciosos de poderio?!

Ardia em ambições e dava a entender que, sendo o mais rico e tendo obtido aquela superioridade lhe competiria o logar mais alto na republica.

O elegante, mostrava-lhe no intervalo das suas analises dos suplicios, como devia pousar nos partidos de novo desligados após a destruição dos escravos. Unidos diante dessa rebelião agora queriam mandar sosinhos, esmagar-se numa colera funda mas dando ao seu dominio uma aparencia de legalidade no fim sonhando como ele, Crassus, com a oligarquia. Remigio, encarava-o e perguntava-lhe de chofre:

— Diante dessa colisão das facções, esquecidas de que só as suas ambições levantam as plebes, quem será o ditador?

As beiças de Crassus coloriam-se; os seus olhinhos soterrados na carne, acenavam desejos e avançava a mão papuda para a bola da encosta da ladeira como se quizesse tomar um mundo. Falava, então, da sua alma republicana quando julgava que o outro se referia a Pompeu, adorado pelos soldados e que hesitaria entre a sua ambição do mundo unico, da realeza e as suas convicções democraticas; reclamava a sua amisade pelo verdadeiro par, os cidadãos romanos, os libertos, os militares pelas armas se batera contra essa horda, dos miseros trabalhadores e era, numa forma, que ouvia Remigio assentar:

— Republicano, tu?! Ora nem fales nisso.. A republica que amas é a do teu dominio. Acaso queres ser igual a esses que bateste?! Republicano, tu e eu, todos nós, a que gosamos a vida?! Só amamos a republica que nos dá os nossos sestercios, o nosso oiro, as nossas estancias... Tão bem vivemos aqui como na Espanha ou na Bitinia desde que mandemos...

Aurelio acudira da sua tristeza balbuciando:

— Quer dizer... Se Roma não fosse senhora da ordem nem amariamos a patria...

Crassus ia replicar, dizer como salvara a sua republica plutocrata da arremetida desses escravos egualitarios quando o centurião surgiu, de mão espalmada, anunciando que tinham trazido uma mulher com duas creanças, decerto a ama tão esperada.

Dum salto Aruncio ergueu-se; Aurelio correu pela sua toldada de roseiras, a propria Daria movera-se como um duende apoiado no braço fraco de Marcio, ainda abatido pela guerra.

Da horda que se conduzia para o fundo do ergastulo, nos seus lamentos doloridos, destacava-se a mulher, esfarrapada, a tunica tranjada de rasgões e de lama a que se agarravam os dois pequenitos tão miseraveis como ela, mostrando as carnes sujas, as facesitas encovadas e os olhos melancolicos.

Parara no rebordo do lago das moreias que espreitavam movendo as cabeças largas, tintas de amarelo e verde, nas aguas extensas do tanque vasto entulhado de rosas e faunos no angulo por quatro faunos de marmore, carrancudos e sarcasticos, reflectindo na superficie glauca os seus rostos ironicos. As creanças olhavam pasmadas aqueles ricos senhores que pareciam devora-los com a vista.

Aurelio, num rompante, bradara diante dos seus hospedes, ao contrario e aos soldados que se tinham aproximado:

— Mulher... quero o meu filho!

Numesia, com uma calma imensa, apoiava as mãos sobre as cabecitas dos garotos, levados daquele lar, havia tres anos, chupando o seu seio de «nutrix» e que voltavam crescidos, envoltos, como ela, em farrapitos.

— O meu filho! O meu filho! — tornava o romano sob o olhar ironico de Remigio e atenção profunda de outros.

Hesitava, porém, diante deles, encarava-os, quedava-se, numa funda duvida, a interrogar:

— Mulher... Qual é o meu?

(Continúa)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — PORTO

R. do Ouo, 18 a 24 — 28, Paça da Liberdade, 29

Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte

Cirurgia da boca e dentes

P. RESTAURADORES, 13

Telef. 114 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo. Santos, Bahia, Pernambuco, Parahiba, Pará e Manaus.

Recomendam se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directos ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: **Escudos 100.000:000$**

CAPITAL EMITIDO: **Escudos 10.000:000$**

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires nº 16
Armazens — Poço do Bispo, nº 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 108, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamelos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias -·- -·- -·- -·- -·-
-0- -0- -0- -0- -0- Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag. Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Badal & C.º Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos.

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

O dever de obedecer á razão
é a unica lei da vontade.

V. Cousin.

Diario republicano da noite

N.º 3975—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 11 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2293—Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

A Exposição Portugueza no Rio de Janeiro

Os planos do sr. Comissario Geral e a aplicação da verba votada pelo Parlamento — Intervenção da Cruzada das Mulheres Portuguezas

Temos informações detalhadas ácerca dos planos do Comissariado Geral na exposição do Rio de Janeiro. Iniciamos, hoje, o relato circunstanciado do que se projecta fazer, não nos esquecendo de destacar o espirito verdadeiramente grandioso que preside á direcção dos trabalhos. Já, a tal proposito, o sr. Malheiro Dias escreveu um artigo interessante, ao qual se apressou a responder o sr. Leal da Camara, cujas actividades com a Cruzada das Mulheres Portuguezas são do dominio publico. Não sabemos, ao certo, de quando elas datam, mas recordamo-nos que o sr. Leal da Camara fez, intensivamente, a propaganda da «Aldeia Portugueza na Flandres,» reclame que importou em cerca de sete mil escudos, retirados do cofre da Cruzada. Por emquanto, da «Aldeia Portugueza na Flandres» só existe a Flandres.

Persistindo na sua orientação muito patriotica, o sr. Leal da Camara secunda o ponto de vista do sr. Malheiro Dias e preconisa a construção, no recinto da exposição do Rio de Janeiro, dum monumental «Altar da Patria», onde autentica terra portugueza esteja encerrada num coração de filigrana. Ainda ninguem se lembrou de transportar para o Rio de Janeiro a Torre dos Clerigos, mas sente-se que pouco a pouco, lá chegaremos. Tudo isto, porem, é para segundas leituras. Limitemo-nos, por agora, á parte noticiosa.

◆ ◆ ◆

O espaço reservado á Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro abrange uma area de 4.400 metros quadrados. Esse terreno será ocupado por duas construções, ambas monumentais.

O «Pavilhão de Honra», de 400 metros quadrados, é destinado á exposição de Belas Artes compreendendo-se nesta designação generica a documentação historica e o grandioso «Altar da Patria», patrocinado pelo sr. Leal da Camara—sucedaneo da «Aldeia Portugueza na Flandres».

Os restantes quatro mil metros quadrados serão preenchidos por um pavilhão grande.

Nesse Pavilhão far-se-ha a exposição propriamente dita, isto é, um completo mostruario de todos os variadissimos produtos das nossas industrias. Será todo em ferro e cimento.

O Comissariado Geral da Exposição encomendou o Pavilhão Grande á industria metalurgica nacional, tendo de ser feito simultaneamente em todas as oficinas da especialidade, visto que não era possivel, a uma só ou mesmo á maior parte, dar vasão a tão grandioso plano.

Ha, aqui, um interessante promenor. Como os Pavilhões são de armar e desarmar, fica o comissariado com a faculdade de os fazer regressar a Portugal, aplicando-os depois a qualquer obra util. A idea do comissariado Portuguez é, aliás, pouco original, porque já o Brazil fez semelhantemente, quando concorreu a uma exposição norte americana e fez transferir de New-York para o Rio de Janeiro o seu Pavilhão Monstro, hoje magestosamente erguido na Avenida Beira Mar e cognominado de Palacio Monroe. Está lá instalada, por signal, a Camara dos Deputados.

As exposições regionais serão custiadas pela bolsa particular, o que será de grande alivio para o Estado que poz para toda a exposição, ao dispor descricionario do sr. comissario geral, a quantia de dois milhões e meio de escudos, o que não é demais para tanta grandeza, como se verá quando nos ocuparmos da parte financeira deste problema.

Por aqui se vê que, com tão grandiosas ideias, nós não poderemos fazer má figura, antes pelo contrario.

Outros projectos, todos magnificos, preocupam o sr. Comissario Geral Lisboa de Lima. O ilustre funcionario projecta tambem a edição de catalogos parciais que coligidos, formam um «Livro de Ouro», documentação grafica, «ad aeternum», do trabalho portuguez na actualidade. E haverá, ainda por cima, um «Boletim» onde será feita a historia de tantos e tão grandes esforços.

O Parlamento votou para tudo isto 2.500 contos, como já dissemos. Veremos se, para tanta coisa junta, o dinheiro chega ou sobra. E não deixaremos de fazer a analise da aplicação dessa verba que, reduzida a moeda forte, que é agora a do Brazil sofre uma consideravel redução.

Duqueza do Porto

A princeza converteu-se ao catolicismo, do qual é agora fervorosa praticante

Tem causado estranheza que Sua Alteza a Duqueza do Porto se assine com o nome heraldico-historico de Maria Pia, abandonando o apelido Nevada, com que primitivamente foi adornada. A explicação do facto é simples e absolutamente legitima.

A Princeza-Viuva converteu-se ao catolicismo, abandonando o erro heratico da Egreja Anglicana. Ora o nome que o seu padrinho escolheu para a batisar foi o de Maria Pia, em homenagem á memoria da excelsa ex-rainha de Portugal. Sua Alteza Maria Pia é, hoje, uma catolica fervorosa cumprindo, com extremo rigor, os seus deveres religiosos,—e a tal ponto que no Avenida-Palace lhe são servidos pratos especiais, ás refeições, em obediencia aos preceitos do jejum. Nem Sua Alteza poderia realisar o seu consorcio religioso com o excelso ex-principe real, se não reconhecesse, como unica e verdadeira, a Igreja de Roma; o ex-Infante de Portugal que, em materia religiosa, foi sempre dum grande escrupulo, não se submeteria a ter ele de renunciar á religião dos seus maiores, por muito que a paixão o cegasse.

O milagre da conversão exerceu-se, pois, sobre o espirito de sua Alteza a Princeza Maria Pia.

Por informações que reputamos absolutamente seguras, podemos opor o mais formal desmentido ao boato, de que o «Correio da Manhã» se fez eco,—e, segundo o qual, o ex-Infante D. Afonso Henriques teria dado nos ultimos anos de vida, manifestações de desiquilibrio mental.

Abusa-se da ignorancia

Insistindo em aconselhar preparados de «Iodo» em solução, apesar de se saber que contem acido Iodidrico, irritante caustico. Usai o «Iodol» (granulado de Iodo-Iodetado), recomendado pelos directores de todos os Hospitais.

AS ENTREVISTAS D'A CAPITAL

O sr. coronel Sá Cardoso diz-nos:

Só com a verdade se poderá governar bem

O conhecido homem publico e velho republicano, sr. Sá Cardoso, recebe-nos no seu amplo e confortavel gabinete da Companhia Angolares, e é com um sorriso franco e um vigoroso «shake-hand» que pergunta:

—Então, meu caro jornalista, que o traz por cá?

—A curiosidade explicavel de perguntar a v. ex.a a sua opinião sobre o momento politico.

O sr. Sá Cardoso, esboçando um sorriso leve exclama:

—Mas meu amigo, eu não posso de modo algum conceder-lhe uma entrevista, tanto mais que o meu partido vai em breve explicar publicamente a sua atitude.

—Mas nós apenas queriamos conhecer a sua opinião pessoal. De resto, se o partido a que v. ex.a pertence está na disposição de fazer explicações...

—Sim, e eu acho que os directorios dos partidos devem falar ao publico para esclarecer a sua atitude e desfazer a má impressão, que sem razão alguma, se procura lançar sobre eles.

«Actualmente, os partidos são a unica força da Republica, e por muito maus que eles sejam, são o que ha!...

«Aqueles que fóra dos partidos passam o tempo a dizer mal deles, que filiem e venham trazer aos partidos a sua força intelectual, o seu valor politico, e assim terão ocasião de verificar o quanto teem sido injustos.

«As forças dispersas que andam por fóra dos partidos falando e dizendo o que muito bem entendem sem responsabilidades, são pior do que aqueles, porque essas forças, desconexas, sem um ponto de coesão, que por aí existem destrambalhadas, só fazem baralhar isto e entravar a bôa marcha politica do paiz.

—V. Ex.a não é partidario do rotativismo?

—Aquilo que era mau na monarquia de modo alguma pode ser bom na Republica!

—Qual é a sua opinião sobre o resultado do proximo acto eleitoral?

—Não sei o que será, mas é minha opinião que se devem deixar vir ao novo Parlamento as forças realmente existem no paiz, tais quais elas são, deixando-se de formar novos partidos e acabando-se com o caso ridiculo de cada um, no seu gabinete, procurar descobrir novos partidos e «fabricar deputados».

«Ainda até ha pouco os partidos dividiam, é verdade, os seus votos, mas diviam aquilo que era seu. Era mau, mas davam o que era exclusivamente seu,

«Agora parece que se divida o que não pertence a quem fez a divisão. E' peor.

—Que deveria fazer o governo, em sua opinião, com as proximas eleições?

—A função do governo, neste momento é, a meu ver, simples: garantir na urna a possivel e máxima liberdade de voto. Deixar os partidos entregues á sua propria força, e assim o Parlamento seria, pela primeira vez uma coisa que se aproximasse, tanto quanto possivel, da verdade.

E concluindo, s. ex.a ajunta, apertando-me a mão em signal de despedida:

—Eu estou convencido de que só com uma politica de verdade se poderá solucionar o «gâchis» que tanto tem dado que fazer, porque só com verdade se poderá governar bem.

O "Carvalho de Araujo"

Saiu hoje do Tejo

O cruzador «Carvalho de Araujo» saiu do Tejo pelas 13 horas de hoje.

Legação de França

O encarregado dos negocios de França, oferece no proximo dia 14, um chá que será seguido de uma soirée para a qual está convidado mr. Berthelot e sua esposa.

A França e a Inglaterra

O que deve ser o novo pacto

PARIS, 10.—O «Temps» define os fins que a França tem em vista ao propôr o pacto com a Inglaterra.

A França quere que na Europa reine o sentimento da segurança e da estabilidade.

No dia em que a França e a Inglaterra proclamassem publicamente que farão respeitar a desmilitarisação dos paizes renanos e que se levantarão ambas contra qualquer agressão alemã, os profissionais da desforra perderiam provavelmente o ganha-pão na Alemanha.

Quanto mais parecer claramente que a reacção militar seria funesta á Alemanha, mais as ideias republicanas e pacificas terão probabilidades de se enraizarem no Reich na medida que desaparecerem os homens que não sabem evolucionar.

A perspectiva de uma paz duradoura incitaria ao mesmo tempo, por toda a parte, o restabelecimento dos negocios.

A Inglaterra teria menos gente sem trabalho e poder-se-hia realizar a grande e indispensavel operação internacional o credito com que se pagaria por antecipação á França, á Belgica e á Italia, credoras da Alemanha, a titulo de reparações. Na Polonia, na Roumania, Tcheco-Slovaquia e na Iugo-Slavia os capitais, reanimados, encontrariam colocação e estabelecendo-se o cambio, as mercadorias estrangeiras, encontrariam ali mercados. Procurar-se-iam recursos na Austria e poder-se-ia tentar efectivamente e não por meio de palavras ressuscitar a vida economica na Russia. O «Temps» conclue por dizer que espera que o pacto franco-inglez seja uma manifestação de solidariedade e uma obra de interesse geral.—H.

Repressão do jogo

O assalto de ontem á noite

Continuam presos nos quartos particulares do governo civil os 27 individuos ontem á noite encontrados a jogar a roleta, no club Redondo, que a policia assaltou pelas 23 horas.

E' provavel que amanhã sejam enviados ao tribunal, saindo dali afiançados.

MUSICA

Festival wagneriano pela orquestra Blanch

Em o concerto de assinatura realisa no proximo domingo no São Luiz a «Orquestra Sinfonica Portuguesa» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, um grandioso «Festival wagneriano» que pela primeira vez é este ano compreendido na assinatura, e que, como sempre sucede, está despertando o maior entusiasmo, porquanto constitue um dos maiores exitos do maestro Blanch—da sua orquestra a rigorosa interpretação e magistral execução que imprimem á musica de Wagner, e que constitue um dos gloriosos predicados que tornam a orquestra Blanch a primeira e a mais notavel orquestra portuguesa e que se pode pôr a par dos melhores do estrangeiro.

A conferencia de Cannes

A Russia irá a Genova

LONDRES, 11.—As mais interessantes noticias chegadas de Cannes são, em primeiro logar que foram convidados a apresentarem-se os representantes alemães e, em segundo, que a Russia, sem esperar por um convite formal á conferencia de Genova, aceitou a proposta num telegrama de Lenine, comunicando a sua resolução de enviar delegados investidos de plenos poderes. Calcula-se que aceitará as garantias que lhe forem exigidas nos debates realisados ontem. Diz-se que progridem com exito as tentativas para um acordo sobre a questão das reparações apezar dos jornais apresentarem a esse respeito divergencias de opiniões.—(Lit. Am.)

O sr. Rathenau

LONDRES, 11.—Partirão ámanhã para Cannes o sr. Rathenau e outros delegados da Alemanha, a fim de se apresentarem ao Supremo Conselho.—(R).

O convite feito á Alemanha

LONDRES, 11—O «Sunday Times» referindo-se ao convite feito á Alemanha para enviar os seus delegados a Paris e a Cannes, declara que poucas pessoas em Inglaterra desaprovarão essa medida, visto a Alemanha ser a maior potencia comercial na Europa e no Continente, e que nenhum projecto de reconstrução que tenda deixa-la em estado de servidão, poderá ser bem sucedido.—(R).

Resoluções do Conselho Supremo

PARIS, 11. — O conselho supremo adoptou uma resolução aprovando a constituição de um sindicato internacional e sindicatos nacionais nele filiados, para a reconstrução economica da Europa e para a restauração e prosperidade normal, aprovou tambem a constituição de um comité em organisação, para o qual foram votadas 10.000 libras, o que consta de 2 ingleses, 2 franceses, 1 italiano, 1 belga e 1 japonez e eventualmente 1 representante dos outros paises.—(H.)

Declaração de Briand

CANNES, 11.—A' saida da reunião do conselho supremo o Sr. Briand declarou aos jornalistas franceses que nas conversações travadas para fazer reviver o pacto de garantias não se tratou, para obter esse resultado, de discutir os penhores da França e os seus direitos de organisar a sua defesa nacional.

O sr. Briand afirmou que a unica questão que se discutiu foi a da associação da França e da Inglaterra para assegurarem, no interesse comum, a fronteira franco-alemã contra qualquer tentativa por parte dos alemães.

Parece que o sr. Briand encarou ainda a questão mais largamente, mas a Inglaterra não quere comprometer-se senão pelo que respeita a fronteira franco-alemã.

O sr. Briand pensou então num comprimisso por parte de todas as potencias em respeitarem as suas fronteiras reciprocas e em não se atacarem mutuamente. Por fim o sr. Briand falou dos trabalhos da conferencia, acrescentando que em todas as resoluções que se tomaram não se tratou e não se trataria nunca de dar a França para o ano de 1922 menos que aquilo que normalmente e justamente lhe pertence.—(H.)

A questão de Tanger

O que diz Briand

PARIS, 10.—O sr. Briand escreveu ao presidente do comité parlamentar de Marrocos que o desejo manifestado nas cortes de que Tanger se torne uma terra espanhola ou seja incorporada na zona de influencia espanhola não está em harmonia com os tratados que prescrevem que Tanger deve ter um regimen especial a que lhe dá direito a presença do corpo diplomatico e uma administração municipal e sanitaria. Tanger fica pois, sob a soberania do sultão, que é protegido da França, e receberá ulteriormente o regimen especial previsto pelos tratados.—(H).

BRINDES

—Do sr. Joaquim José Nunes, ourives-joalheiro da rua da Prata, 171, recebemos uma linda faca de cortar papel que muito agradecemos.

—Da Sociedade Alemtejana de Seguros «A Patria», com séde em Evora, recebemos seis elegantes agendas de algibeira para o corrente ano. Os nossos agradecimentos.

Descarregadores do porto

Uma carta elucidativa—Comentarios

Sr. Director de «A Capital». — Só hoje a comissão dos descarregadores, por um acaso, teve conhecimento duma local inserta no jornal de v. ex.a de 7 do corrente onde o sr. Governador Civil de Lisboa era injustamente atacado o que nos força a pedir a v. ex.a a publicação destas linhas, o que esperamos da sua lealdade, para mostrarmos ao publico qual a questão existente entre nós e a direcção da nossa Associação e até que ponto foi a interferencia daquela autoridade. Assim começamos por refutar todas as afirmativas que contem a referida noticia por serem, em absoluto, destituidas do menor fundamento.

O serviço de cargas e descargas foi sempre feito por todos os filiados na respectiva Associação, sem que até então tivessem havido os transtornos aludidos de que resulta a má fama de que goza o porto de Lisboa. Todos sabem que essa má fama não provem do serviço de cargas e descargas feitas por nós mas sim da falta de maquinismos apropriados, alargamentos dos caes, construção de docas, etc, etc,. Mas ainda para provar a má fé dessa noticia basta que se oficie á casa Herold onde temos trabalhado para que esta o ateste da forma correcta como temos exercido a nossa profissão. Logo não é como diz a noticia a nossa lucuria pelo trabalho que fez a direção proceder tão malevolamente. Não, a verdadeira razão é esta;

O trabalho é executado por todos os descarregadores que ao fim do dia dividem pelo seu numero o total dos seus lucros. Ora como o trabalho rareou devido ao pouco movimento de importação e exportação, era preciso dividir o total de ferias por um numero mais pequeno para que coubesse mais dinheiro a cada homem. Para isso era preciso pôr fóra do serviço alguns camaradas e foi o que se fez. Os apaniguados da direcção tinham sempre trabalho e ganhavam uma media de vinte e trinta escudos diarios, enquanto uma boa centena de camaradas jaziam á fóme por não ter onde aplicar a sua actividade. Seria isto moral e humanitario? Não e por o não ser é que resolvemos iniciar um movimento de protesto, querendo primeiro resolver a questão a dentro das normas sindicais tendo ao nosso lado como provamos ao Ministerio do Trabalho e ao sr. Governador Civil cartas de solidariedade de todas as associações operarias do Barreiro, confederação Geral do Trabalho e Partido Socialista Portuguez.

Começaram depois as perseguições aos iniciadores desse movimento chegando a direcção a expulsa-los contra todas as regras dos estatutos. Foi só então que, tendo ao nosso lado toda a população do Barreiro, resolvemos apelar para as entidades oficiais onde tais questões se dirimem. Fomos para o Ministerio do Trabalho e ai apresentámos a nossa queixa. Entretanto a direcção pretendia, chegando mesmo a oferecer dinheiro a funcionario do dito Ministerio que o não aceitou, modificar as ocultas e contra a lei basilar da nossa associação, os nossos estatutos. Não conseguiram o seu intento.

O Ministerio encetou o seu inquerito tendo enviado expressamente um funcionario ao Barreiro para ouvir ambas as partes bem como as autoridades locais e foi em face desse inquerito que o Ministerio oficiou para a direção para a fazer cumprir os estatutos readmitindo e dividindo o trabalho por todos os socios, sob pena da lei que mandava encerrar a associação quando tal se não fizesse. Ainda mais uma vez mostrámos o nosso espirito de sacrificio e apelamos para o Sr. Administrador do Concelho, o Sr. Anacleto da Silva, um dos consignatarios de cargas e descargas que esteve sempre ao nosso lado e foi perante esta autoridade, capitão do porto e delegados de todas as associações operarias do Barreiro que se mostrou á direção qual a nossa razão Perante todas essas testemunhas resolveram fazer reunir a associação dentro do praso de trez dias para solução do conflito e passados mais de vinte dias ainda não tinhamos uma resposta. Foi então e só então fartos de esperar e cheios de fome que resolvemos apelar para o Governo Civil para que desse ordem ao administrador deste concelho para fazer cumprir como lhe competia por lei as disposições transcritas no oficio do Ministerio do Trabalho e que eram as resultantes do inquerito. Fomos acompanhados do sr. Ryder da Costa que como delegado do Partido Socialista sempre esteve ao nosso dispôr para nos acompanhar em todas as demarches, ao Governo Civil e bom será frisar que este senhor não é amigo pessoal do Sr. Governador Civil nem tão pouco seu correligionario.

S. Ex.a recebeu-nos como é dever do seu cargo e prometeu-nos; depois de estudar o processo de proceder conforme a lei. Na segunda vez que procuramos o Governador Civil foi-nos dito que ja tinha tratado com o sr. dr. Joyce da nossa questão e que por lei não tinha mais a fazer do que intimar a direcção a cumprir o que fôra resolvido pelo Ministerio do Trabalho sob pena de encerramento da Associação. Eis sr. redactor o que foi a nossa questão e o que com a mesma se passou. Sobre a nota «louvaminheira» a que se refere a noticia do dia 7, devemos dizer que de facto prestamos homenagem ao caracter justiceiro do sr. Governador Civil, depois e só depois de S. Ex.a ter procedido com justiça e o que já é alguma coisa nesta nossa pobre terra onde as leis se fizeram para cumprir o belo talante de quem com elas lida. Triunfou a razão e a justiça nada pois temos mais a dizer do que corroborar os nossos agradecimentos a S. Ex.a, a todos que tão desinteressadamente nos acompanharam e agora mais a V. sr. redactor com a publicação destas linhas dando-nos assim o ensejo de provarmos mais uma vez a justiça da nossa causa.

Assim, nos subscrevemos com muita consideração estima e reconhecimento. De V. etc.,—«A Comissão».

Esta questão, que já foi tratada no nosso jornal, oferece dois aspectos. O primeiro é aquele como revela a nota acima publicada, o que é dentro do assunto um detalhe. O segundo aspecto parece e sem duvida muito mais interessante é aquele porque encaramos a questão, o qual consiste na forma de trabalho estabelecida pelas associações operarias.

Nós dissemos que o porto de Lisboa era prejudicado pela morosidade dos seus serviços de carga e descarga. E' claro que isso provem da falta de guindastes modernos e de aparelhos varios, como diz a associação, mas só em parte, pois o porto de Lisboa, apesar das suas deficiencias ainda tem apetrechamento apto a produzir trabalho mais intenso do que aquele que produz atualmente se não fosse a engrenagem de trabalho estabelecido pelos sindicatos e pelas associações operarias. Ora um dos pontos dessa engrenagem que especialmente referimos deve-se á circunstancia de se ter estabelecido: 1.º que o serviço de carga e descarga só pode ser feito por pessoal inscrito nas associações; 2.º que durante um certo tempo sendo obrigatorio a condição anterior era entretanto facultativa a escolha de pessoal, isto é, os consignatarios ou armadores tinham o direito a escolher entre os associados aqueles que se recomendavam pelas suas aptidões e seriedade; 3.º ultimamente as associações respectivas estabeleceram que essa escolha não pode ser feita, ficando elas as unicas entidades recrutadoras do pessoal associado, oferecendo portanto aos consignatarios e armadores de navios pessoal sem distinção de aptidões ou doutras qualidades.

Dissemos e continuamos afirmando que este sistema só favorece os maus profissionais; que acabando com o estimulo impedia o aperfeiçoamento do trabalho porque ninguem estará disposto a trabalhar melhor ou mais em virtude da igualdade estabelecida pela associação.

As organisações operarias tendem sempre a proteção do mau e do fraco e dai a falta de profissionais competentes.

Como se vê o aspecto porque encaramos as questão é mais amplo do que aquele que se verifica na nota acima a qual foi trazida a esta redacção pelo sr. Reider da Costa, vereador socialista.

A questão irlandesa

O novo parlamento

DUBLIN, 10.—O sr. Griffith foi eleito presidente do Dail Eireann por unanimidade menos um voto. Do novo gabinete fazem parte Collins, como ministro das finanças, Gavan Duffy, estrangeiros e Mulcahy, defeza nacional.—(H.)

A MODA

(Caricatura de Eduardo Faria)

— O senhor tem seda azul?
— Tenho apenas dez centimetros.
— Chega. E' para fazer uma sáia...

UM LANDRU BRITANICO

O Barba Azul do banho

Em vez de queimar as suas vitimas, afogava-as

A Inglaterra teve tambem o seu Landru. Foi mais feroz ainda e mais audacioso que o Landru que tanto agitou a opinião publica em França nos ultimos dias. Este não queimava as suas vitimas; afogava-as numa banheira, donde lhe veio o cognome de «Barba Azul do banho». Ao contrario do homem de Gambais, casava com as suas vitimas antes de as matar.

O processo referente a este individuo foi julgado em Inglaterra durante a guerra e foi esse o motivo porque não fez tanto barulho.

Chamava-se José Schmidt, e no caso a que hoje nos referimos, usava o nome de Henry Williams.

A 22 de agosto de 1910, a uma pequena cidade da costa ingleza, Weymouth, chegaram duas pessoas, ali completamente desconhecidas.

Era um homem duns quarenta anos de idade, tipo de «gentleman» e uma senhora elegante e ainda fresca, embora um pouco robusta e de elevada estatura.

Deram os nomes de Henry Williams e Bessie Mundy.

No proprio dia da sua chegada Henry Williams foi ter com o dono da casa alugada e anunciou-lhe que ia desposar a sua companheira, pedindo-lhe para lhe servir de testemunha, ao que o homem amavelmente se prestou.

Com as poucas formalidades da lei ingleza o casamento realisou-se no dia seguinte.

Bessie Mundy devia ter aproximadamente uns 30 anos. Filha dum director de banco, tinha herdado por morte de seu pai uma pequena fortuna, 2.500 libras, que tinha confiado a seu tio e irmão para a administrar...

Vivia numa modesta casa de pensão com o rendimento de 100 libras que lhe era entregue periodicamente, e a sua existencia tinha decorrido sempre solitaria até encontrar o homem que tinha mais tarde que esposar.

O homem em questão tinha-lhe inspirado uma paixão irresistivel e fatal; essa pobre mulher obedecia cegamente a todas as suas vontades.

O imperio que ele exercia no seu espirito era tão grande que algumas testemunhas o comparavam ao que o magnetisador exerce sobre o seu «medium».

Foi assim que para lhe obedecer, ela não preveniu dos seus projectos de casamento a familia, tendo-lhe ocultado tudo.

Foi apenas na tarde do dia em que se tinha casado, que aos seus parentes escreveu para os prevenir da sua mudança de estado.

Ao mesmo tempo, seu marido escrevia-lhes a seguinte carta:

«Senhores—Cumpro um dever, informando-os que hoje, 26 de agosto, desposei miss Mundy na mairie de Weymouth.

Vosso *Henry Williams*».

Esta carta foi brevemente acompanhada duma outra «de negocios» em que reclamava aos parentes de sua mulher, da forma mais imperiosa, a totalidade das somas que lhe pertenciam e que estavam entre as suas mãos. O tio e o irmão ficaram mergulhados em profunda estupefacção.

Entretanto mandaram a quantia pedida num cheque logo na volta do correio.

Como para receber esse cheque fosse necessaria uma demora de tres ou quatro dias, Williams dirigiu-se a um usurario que a troco duma pesada comissão, lhe pagou o cheque cujo dinheiro foi recebido por Mme. Williams.

Os dois esposos dirigiram-se para casa onde o dinheiro foi guardado á chave. Quasi logo Mme Williar

...saiu, incumbida por seu marido de comprar um objecto.

A' volta em vez de o encontrar, deparou com a seguinte carta que rasgou febrilmente o que leu:

«Minha querida mulher

Sou forçado, por motivos que mais tarde te explicarei, a partir imediatamente. Se alguma coisa te perguntarem sobre o assunto, responde que fui á França tratar de negocios e que em breve espero estar de volta.

Se teu tio te perguntar o que fizeste ao dinheiro que te enviou, dize-lhe que to roubaram o saco em que o levavas, quando tinhas adormecido na praia. Se não seguires as minhas instruções da maneira mais formal, este negocio pode atrair a atenção da policia e causar-te, a ti e aos teus, as maiores contrariedades.

Recomendo-te que queimes esta carta. Dentro dalguns anos voltarei.

Teu Henry.»

O miseravel tinha levado tudo comsigo. Tudo, não. A' desgraçada que vilmente abandonava, sem recursos, deixava apenas por uma delicada atenção uma fotografia em tamanho natural.

Madame Williams caiu gravemente enferma. A sua propria rasão esteve ameaçada, tendo de recolher a uma casa de saude.

Saiu um ano depois, curada, mas mortalmente ferida no coração, e voltou envergonhada e no meio do mais profundo desespero, a retomar a sua existencia solitaria.

Mezes passados, um dia, no mercado das flores onde passava desconsoladamente, encontraram-se outra vez frente a frente.

Ela não teve animo para soltar um só grito e desmaiou. Ao voltar a si encontrou-se junto dele. E tal era o seu poder de dominação, que nada lhe custou a levá-la a uma reconciliação pela qual ela suspirava; e Bessie, mais apaixonada que nunca, sentiu-se extremamente feliz ao recomeçar a sua vida conjugal.

Ele convenceu-a então a escrever a seu tio a seguinte carta:

«Meu caro tio.—Tudo se arranjou. Sou completamente feliz com meu marido que acaba de voltar a meus braços, arrependido e confuso. Peço-lhe que esqueça tudo o que ele me fez, como eu mesmo já o esqueci. Conheço agora meu marido como nunca; é o melhor e o mais gentil dos homens. Tem um coração deouro. Ame-o e seu feliz. — Sua sobrinha muito amiga, Bessie.

Em maio de 1912, o casal que então vivia na mais perfeita união veio estabelecer-se em Ramsgate. Williams aluga uma casa, mas só pelo espaço dum mez. Apenas instalado vai ter com um tabelião com o fim de fazer ele e sua esposa testamento, pelo qual o sobrevivente é o unico herdeiro do outro falecido.

Quando tudo ja está regulado, Williams pensa em se instalar comodamente em sua casa.

Dirige-se á oficina dum fabricante de banheiras, escolhe uma, discute o preço, e sem tomar resolução alguma, retira-se dizendo que sua esposa virá dar a resposta.

Mme Williams veio realmente pouco depois, tendo comprado a banheira e fazendo-a levar para sua casa.

Nessa mesma tarde Williams conduziu sua esposa ao consultorio de um medico da visinhança o dr. French. Mostrava uma profunda inquietação declarando que sua esposa se tinha encontrado mal na vespera.

A doença era real; Mme Williams teve um desmaio.

O dr. French, conquanto não encontrasse na mulher vestigios de doença grave, receitou-lhe uma poção calmante.

Nessa mesma noite, cerca da uma hora, o medico é acordado por Williams que lhe pede para o acompanhar, visto que sua mulher acaba de sucumbir a um novo desmaio.

O medico segue-o. Examina de novo a enferma; mas, como de tarde, não chega a descobrir o mais leve sinal de qualquer doença.

Volta para casa muito aborrecido por ter sido acordado para nada inutilmente.

No dia seguinte logo de manhã pelas 8 horas, o medico recebe o seguinte cartão:

Vinde já; temo que minha mulher tenha morrido.

Williams».

O dr. French procura o seu cliente a toda a pressa. Encontra madame Williams desmaiada na banheira com a cabeça debaixo de agua tepida e ensaboada.

Está morta, Williams aparenta um profundo desespero.

A consternação do medico é grande. Acusa-se de negligencia e receia que esta historia o venha prejudicar na sua reputação profissional.

Encontra-se em presença duma cliente observada por duas vezes no mesmo dia, em quem não reconhecera o estado morbido grave que a inibisse de se meter no banho.

Teve a impressão de que ela tinha falecido dentro dagua, em virtude dum desmaio; e para evitar complicações de maior pediu ao marido que não falasse a ninguem no modo porque sua esposa tinha falecido.

O medico, porém, enganara-se. Mme. Wiliams fora assassinada por seu marido que não só herdou a sua fortuna mas ainda recebeu um importantissimo seguro de vida, pois que cautelosamente tinha feito dias antes esse seguro.

Este homem que se fazia passar por Henry Wiliams chama-se realmente, José Schmidt.

Este nome é agora famoso nos anais judiciarios de Londres, porque o seu possuidor acabava de inaugurar então uma serie de crimes que fazem dele um dos mais celebres criminosos contemporaneos.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

A questão do emprego de navios da marinha mercante

WASHINGTON, 11.—A França insistirá na conferencia do desarmamento em que se combinem regras definidas estabelecendo os casos e fórmas em que os navios mercantes possam armar-se ou converter-se em navios de combate, na futura guerra naval. Este caso ficou estabelecido hoje pela aceitação em principio dos delegados franceses, da proposta Root, que proibe os ataques dos navios mercantes pelos submarinos e declara que os comandantes das esquadras submarinas que façam esses ataques, serão considerados como piratas. O sr. Sarraut declarou que aceitava a proposta Root e a emenda Balfour. Com referencia a esta está perfeitamente de acordo e disse que os tecnicos navais terão que tratar destes assuntos de forma que fiquem completamente claros. Os delegados ingleses disseram não concordar em que houvesse entraves ou algum limite para o armamento dos navios mercantes, excepto em caso de se adoptarem medidas para impedir os ataques de submarinos ás frotas mercantes.—(Lat. Am.)

O que pensam os delegados da Grã-Bretanha

WASHINGTON, 11.—Os delegados da Grã-Bretanha julgam que a França abandonará o seu plano a grandes construções de submarinos em vista do tratado de aliança com a Inglaterra, e pensam tambem que o seu paiz julgará por sua vez ser desnecessario executar o programa de construção duma grande esquadra de navios auxiliares.—R.

O tratado de redução

WASHINGTON, 11.—O projecto do tratado que será assinado pelas cinco grandes potencias que chegaram a acordo sobre a redução e a limitação do seu armamento naval o qual foi elaborado pelos tecnicos navais, acaba de ser entregue aos representantes das respectivas potencias.

Não se conhecem ainda os termos desse projecto, mas consta que entre os pontos mais importantes ha os seguintes:—o tratado vigorará até 1937, o calibre dos canhões usados a bordo dos navios mercantes não excederá seis polegadas, sendo de oito polegadas o calibre dos que serão permitidos para os navios de guerra auxiliares, não será permitida a construção de navios de guerra por qualquer das cinco potencias para outra potencia estranha, desde que a tonelagem desses navios não exceda a que pelo tratado é atribuida ás cinco potencias. —(R.)

A proxima sessão plenaria

WASHINGUON, 11.—Os membros da delegação inglesa esperam que a sessão plenaria da Conferencia se realisará quinta-feira para complemento do Tratado sobre o armamento naval, e que uma outra sessão se realisará no proximo sabado, a qual provavelmente será a ultima da Conferencia.—R.

Noticias de toda a parte

O conflito politico-militar em Espanha

MADRID, 11.—A maior parte dos jornais consideram o conflito politico-militar como terminado, senão virtual pelo menos definitivamente; todavia o «Diario Universal» crê que ele subsiste ainda, pelo menos quanto ao fundo. O ministro da guerra, respondendo á pergunta que lhe foi feita pelos jornalistas se era verdade que as suas impressões eram boas, respondeu: assim o creio.—H.

Factos e palavras

...DE JOÃO DE DEUS

Ha vinte e seis anos que, processional e grave, Ele foi a enterrar. Um ano antes das janelas daquele primeiro andar que deita sobre o largo da Estrela tinha recebido a maior apoteose que uma geração pode fazer a um Poeta.

Em frente a basilica da Estrela era a casa de Deus.

A casa de João de Deus, esse primeiro andar de asulejos verdes, era o Santuario dum Poeta, era a casa dum Santo.

Ali com os amigos, com Antero de Quental, com tantos outros, iam as conversas de longada até ás cinco horas da manhã num grande calor de animação, num irreparavel ambiente de fumo.

Erguiam-se em piramides em cima dos cinzeiros as pontas dos cigarros. E no ar, de envolta com os espirais do fumo erguia-se a Bondade do Poeta, erguiam-se as provas filosofias de Antero. Que de evocações nesse escritorio que eu conheço, onde eu entro sempre como num templo. Evocar, recordar, arquitetar, por um pequeno nada toda na epoca, toda uma geração, toda uma alma, é das maiores faculdades da nossa inteligencia, daquelas que maior encantamento nos podem oferecer.

E se atirar os olhos para a frente, se sondar o futuro é grande, para que se não perca a linha ascencional é preciso ter primeiro reconstruido, aprendido a ler nas coisas mortas.

João de Deus é das maiores evocações do nosso tempo. Ele, mais do que qualquer outro, nos pode abendiçoar. Teve o raro sentido da Bondade; soube como ninguem escrever do coração, compreendeu, como poucos, a finalidade duma vida.

Quando a negra multidão da Academia o coroou de loiros—nesse tempo em que uma Academia soube sentir a sua mocidade; soube viver, soube agitar com uma directriz definida a alma da nação — o Poeta, emocionado, sentindo a elevação da Hora, clamou num improviso:

«Que vindes cá fazer, oh! mocidade».

«Despedir-vos de mim?...

Sim. Era bem a despedida, a mais vibrante despedida que uma geração de novos podia ter feito a quem melhor do que ninguem soubera amar as almas que despontam.

Pouco tempo depois, faz hoje vinte e seis anos, levaram-no a enterrar, comovidamente; caladamente, aquela mesma multidão que o cobrira de louros.

Faz hoje vinte e seis anos!

E eu que não o vi nunca, apenas o sinto pelo que a sua alma abendiçoou a minha, ao falar d'Ele, ao senti-lo curvado sobre o meu ombro, tenho desejos de lhe dizer, como lhe chama um grande amigo meu:

—Avôsinho...

SOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

E' esperada muito brevemente em Madrid a eminente actriz, societaria da Comedia Franceza, Mme. Pierat, a qual trabalhará no teatro da Princeza, onde representará varias peças do seu admiravel reportorio.

A revista oficial do consorcio, comparando os relatorios dos fins de anos com o do dezembro ultimo, demonstra a subida das transações e a restauração gradual das condições normais dos Estados Unidos. Os dias sem trabalho foram 10 % alem dos do ano passado. O trabalho das fabricas afrouxou um pouco por falta de ordens na estação propria. Houve redução de trabalho nas ultimas semanas nas fundições de ferro aço, mas as industrias algodoeiras e texteis teem trabalhado em cheio. A melhoria dos cambios estrangeiros em dezembro aumentou o comercio com o estrangeiro, mas continua a mesma cautela na concessão de aberturas de creditos.

❖ ❖ ❖

A redação do Tratado Anglo-Francez é quasi a mesma da triplice aliança realisada em Versailles.

A opinião que prevalece na America é que a nova aliança conseguirá para a Europa o auxilio economico dos Estados Unidos.

A proposta do sr. Briand para que a aliança inclua a Polonia e os Estados Orientais encontrou poucos adeptos, especialmente na Inglaterra; por outro lado é possivel que a Italia aceite o convite para fazer parte da aliança.

❖ ❖ ❖

O «New-York Herald» diz que a America retirará a sua simpatia a todas as nações que como a França e a Polonia manteenham grandes e exagerados exercitos.

❖ ❖ ❖

O «Shipping Board» dos Estados Unidos deu ordem para que fossem reduzidos os fretes maritimos entre os Estados Unidos e Africa Ocidental 5 % para alguns produtos que tenham que competir com os dos outros mercados, e 33 % para outros. Esta redução visa a colocar na Africa produtos americanos em igualdade de fretes com os importados de Inglaterra ou dos outros portos da Europa, a fim dos Estados Unidos se assenhorearem duma grande parte do comercio africano.

❖ ❖ ❖

O vulcão de pico Ometope, a oito milhas da margem ocidental está, ha poucos dias em activa erupção produzindo enormes prejuisos nas colheitas e nos gados, tendo fugido os habitantes.

❖ ❖ ❖

Fazem-se grandes preparativos para a caçada que anualmente se celebra em Donana, em honra do rei. Vão muito adeantados os trabalhos que para esse efeito se estão realisando no palacio da «Marisinilla», mas a caçada terá de ser adiada se o rei fôr, como se diz, a Melilla.

❖ ❖ ❖

As letras

O sr. dr. Vasco de Mendonça Alves acaba de publicar, pela livraria Portugal-Brazil, a sua peça «Noite de Santo Antonio», ha anos representada no teatro de S. Luiz.

—Na nossa secção de Prosas, na terceira pagina, publicaremos um excerto do livro «Vencidas» de Carreiro de Freitas, o qual, quando aparecer, vai constituir certamente um sucesso no nosso meio literario.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

José Candido Freire

Apoz prolongado sofrimento, faleceu esta madrugada, na casa da sua residencia, Avenida da Liberdade 123 A. o notavel contabilista, funcionario distinto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses onde mercê do seu talento, do seu saber, rapidamente alcançou o logar de Chefe do Serviço da Contabilidade Central.

Ultimamente, exercia o cargo de Secretario Geral da Companhia, de que a doença forçou a aposentar-se em 1919.

Candido Freire, foi um musico eximio, colaborador do notavel artista Conselheiro José Arroio, deu inumeras provas da sua competencia artistica.

Atualmente, embora de longe em longe, ainda a sua invejavel competencia de eximio contabilista, dizia do seu valor na casa bancaria da firma Santos Carvalho & C.ª onde era socio e muito havia a esperar da sua valiosa colaboração.

O seu funeral, realisa-se amanhã, ás 15 horas, para o jazigo de familia no cemiterio oriental.

ULTIMA HORA

POLITICA

Os insondaveis abismos dos Transportes Maritimos do Estado

Segundo hoje ouvimos nos corredores do ministerio do Interior o governo já está de posse do relatorio da Comissão Administrativa dos Transportes Maritimos do Estado. Embora não conseguisse-mos obter informações preciosas acerca das conclusões desse documento, julgamos que não nos afastamos da verdade revelando que se confirma quasi em absoluto, o descalabro financeiro da famosa empreza. Constanos que o debito é de 80 mil contos, pouco mais ou menos e levando em conta alguns creditos reputados coloniais.

O relatorio finalisa com um parecer sobre o regimen futuro para exploração da frota mercante do Estado

Sidonio na Lenda

Deve ser depois de amanhã posto á venda o livro «Sidonio na Lenda», de que é autor o sr. Antonio de Albuquerque. Como se sabe, este publicista celebrisou-se, ha bastantes anos, com a publicação dum outro livro de escandalo politico, intitulado «O Marquez da Bacalhoa», o que hoje constitue uma raridade. Dizem-nos que vai sair outra edição.

Uma demissão

Por motivos de factos ocorridos durante os ultimos acontecimentos militares pediu a exoneração do seu cargo o 2.º Comandante do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, major de Engenharia, Sr. José dos Anjos.

Duqueza do Porto

O sr. Agatão Lança, governador civil foi hoje cumprimentar a sr.ª Duqueza do Porto, com quem teve uma pequena conferencia.

E' esperado no proximo dia 16 do corrente, o cadaver de D. Afonso de Bragança.

O sr. Costa Cabral, chefe do protocolo, esteve de tarde em companhia do sr. Marrecas Ferreira, no Hotel Avenida Palace.

POEIRA da ARCADA

As comissões delegadas dos manipuladores de tabacos e dos operarios dos fosforos, voltaram hoje a procurar o sr. ministro das Finanças, para instar por melhoria de salarios. Foram ambas atendidas pelo chefe de gabinete sr. capitão Costa Dias.

❖ ❖ ❖

— Uma comissão de pessoal menor dos ministerios procurou hoje o chefe do governo para agradecer o ter sido equiparado em vencimentos ao pessoal do ministerio das Finanças e pedir-lhe que mantenha essa resolução do governo.

❖ ❖ ❖

— Uma numerosa comissão das diferentes categorias de pessoal da Companhia das Aguas de Lisboa procurou, hoje, o sr. presidente do ministerio, para solicitar a sua interferencia a bem de melhoria da sua situação.

TEATRO

Nota do dia

As vagas do Nacional

Seja-nos licito, sem pretendermos dar conselhos ou orientar a administração do Nacional, pôr em fóco uma questão que, de resto, nos parece evidente:

A companhia do Teatro Nacional, composta de soci tarios e elementos contratados é, a nosso vêr, de tão pesados encargos, que a missão de a administrar se tornou um problema certamente muito dificil.

São ás dezenas os artistas que pertencem ao seu elenco e que fazem no palco, durante mezes uma notada ausencia.

Assim, a Sociedade Artistica, longe de ser um organismo vivo e fecundo, em plena rasão de existencia, passou a dar-nos uma vaga impressão de asilo, ante-camara de reformas, algo parasitaria como certas secretarias de Estado, e insofismavelmente decadente sob o ponto de vista de interesse de muitos dos artistas pela scena, de falta de ideal e de espirito creador, de entusiasmo, de ausencia absoluta de «frisson» de nervo, de ancia, de preocupação artistica.

Tudo aquilo, salvo raras e flagrantes excepções nos dá sinceramente uma impressão de cansaço, de fadiga, de amolecimento. São os pesados actores, «bien campés», com catarro e «c. che colle», amnesicos ou o que é peor um pouco preguiçosos. São as actrizes, notavelmente de meia edade, pouco interessadas nos seus papeis e nas suas «toilettes», trabalhando com a reforma garantida e um enorme ar já de reformados.

Nós temos pelo brilhante e vivo espirito desse homem de Teatro que é Augusto Pina — um gentleman entre os bastidores — uma admiração grata e sincera. Ele irá certamente fazer uma obra interessante, mas, justamente pelo muito que o consideramos nos faz pena vê-lo tão desacompanhado de entusiasmo.

Aquele palco não tem ambiente. Tudo aquilo gira a papel selado. Onde se vê ali uma grande mocidade a dar impulso e genio aquelas representações?

Certamente nomes gloriosos ha no elenco — nomes dos primeiros. Mas, confessemos, ás vezes já cançados, ás vezes já a aconselharem uma certa parcimonia de esforços.

E os novos?

Sim, tambem o nome de Ilda Stichini, é já um grande nome.

Mas, é tudo? Não. O que fazem tantas senhoras, cheias de recursos, e que gosam o titulo interessante de societarias?

Laura Cruz, Augusta Cordeiro, Maria Pia, Palmira Torres, etc., etc.

Como se explica que seja preciso contratar ainda mais, muitas mais?

E, com esta enorme, com esta descomunal companhia, em que ha artistas que não são mobilisados durante mezes, tem-se conseguido uma entensa vida scenica.

Não. As peças são até quasi arrastadas ao ultimo. Caiu por exemplo o «Frei Satanaz» na frequencia ao publico, e quando uma «première» se esperava — porque com os recursos da enorme companhia do Nacional havia isso a esperar — de novo Pierre Frondaie foi chamado com a sua «Maison cernée».

Esperemos que realmente, com a novidade de processos ao conhecimento que Augusto Pina possue, seja possivel despertar no Nacional certos elementos um tanto dormentes e fazê-los reaparecer.

Tanto mais que ha actrizes que nos dão a impressão de que desapareceram... apenas para reaparecer.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Chama-se «Ave de rapina» a peça que Americo Durão acaba de concluir com destino a uma das nossas primeiras companhias de declamação.

—Lucilia Simões ainda não escolheu definitivamente a peça com que realisará a sua festa artistica.

—E' a seguinte a distribuição da peça «O juiz de fóra», adaptação liberrima de André Brun, e que sobe hoje á scena no teatro Chiado Terrasse:

«Dr. Aniceto Barrudas», Teodoro Santos; «Artur Formosinho», Salvador Costa; «Ernesto Pampilhosa», Alfredo Froes; «O primo Pacheco», Joaquim Miranda; «Silvestre Saramago», Almeida Cruz; «Pescadinha», Zenoglio, «Helena», Luz Veloso; «A viuva Sarmentinha», Alice Pereira; «Serafina»; Ricardina Maia; «Sofia», Maria Clementina; «Rosa», Raquel Moreira; «Vitoria», Maria Alice; «Lulu Gôgó», Deolinda Soares; «Lili Gôgó» Maria Tereza.

—O emprezario sr. Augusto Gomes não acompanha a «tournée» da sua companhia do teatro Apolo no Brasil, delegando a direcção da mesma nos srs. Henrique Alves e Luiz Lemos respectivamente director artistico e secretario da Empreza.

PROSAS D'«A CAPITAL»

VENCIDA

(EXCERTO DUM LIVRO EM PUBLICAÇÃO)

por Carreiro de Freitas

....

Pedro e Maria do Ceu voltaram para casa. Distraida, absorvida por um mundo de pensamentos e de ideias que passavam e perpassavam atravez o seu cerebro, rapida, vertiginosamente como se fossem transportados e impulsionados por um violento ciclone, mal respondia ás perguntas que de vez em vez o pai lhe fazia; sentia contudo que uma alegria muito intima e vaporosa, uma doce e inexplicavel satisfação, lhe enchia o cerebro, o coração, lhe tomava todo o seu ser, lhe girava de mistura com o sangue nas veias, dilatando-se, parecendo querer trasbordar transformando-se, emfim num desejo intenso de correr, de saltar, de contar a toda a gente esse jubilo inexplicavel que a embriagava e lhe emprestava essa estranha vivacidade.

Até as pessoas e as coisas, pareciam ter perdido esse duro aspecto de hostilidade que a perturbava ou então era a sua alma contente e feliz que lhes emprestava um ar risonho e meigo.

Chegaram a casa; e, posto a ceia na meza, comeu rapido, apressadamente, anciosa por se encerrar no seu quarto a sós com os seus pensamentos, agora numa gloriosa aleluia, numa tão bela mutação, transfigurados, despidos da tule negra, que de costume os revestia. Despediu-se do pai, e, já no seu quarto, fechada a porta á chave, como se assim quizesse tornar maior o seu isolamento, dirigiu-se para a janela. A noite estava serena, encantadora; o ceu dum azul profundo, mostrava-se semeado de estrelas que, como scintilantes pontas de fogo, o iluminavam intensamente, apenas algumas nuvens brancas de formas bizarras, imitando passaros exoticos, monstruosos, anti-diluvianos, esfarrapavam e corriam na imensa abobada de ametista. a lua como um fosco e imenso globo de fogo, de uma palidez doentia, subia no horizonte. lentamente, melancolicamente pondo na imensidade azul do mar uma esteira fosforecente e prateada.

Noite de sonho! Reinava uma calma profunda, letargica, uma consoladora quietação apenas quebrada levemente pela estranha sinfonia que o debil rumor das ondas compunha e pelo leve e voluptuoso ciciar das folhas beijadas pela aragem.

A atmosfera parecia saturada de perfumes raros e enervantes, como vindos da alma de flores misteriosas e sensuais.

Maria do Céu sentou-se em frente da janela o olhar perdido no espaço mudo, gosando a divina beleza dessa noite, cheia de caricias; sentia como que invadi-la uma extranha voluptuosidade que lhe distendia os nervos e punha no seu sangue miasmas de desejos desconhecidos; uma doçura cheia de misterio embalava-a, e como em extasis, hipnotisada, bebeda de sonho, via alcar-se, em sua frente, gloriosa, prometedora, uma esperança, salutar e doce, de muita ventura; as palavras de Maria da Luz, sem essa estridencia aguda e aspera de clarins, sem essa cor rubra com que a sua imaginação a principio as tingira soavam agora aos seus ouvidos, orchestrais, armoniosas, conjugando-se numa meiga e sublime melodia de tentadoras promessas; e cada uma delas, crescendo, ia-se transfigurando num cantico de esperanças, numa gloriosa e soberba epopêa de estrofes vivas e fortes de incitamento e Victoria.

Um mundo de sensações vagas, indeterminadas, enchia a sua alma de uma beatitude e de uma paz consoladoras. povoava-lhe a mente de sugestivas visões, em que o seu futuro parecia perder esse aspecto enigmatico, esfingico e iluminar-se, cercado por um halo de luz deslumbrante.

Uma indolencia, um torpor fundia a, adormecia-lhe a vontade e a inteligencia, tornando-a incapaz de pensar, incapaz de tomar uma resolução, todo o seu ser a perder-se em grandes esquecimentos; só a sua imaginação desperta, e incançavel a transportava a desconhecidas e quimericas regiões de sonho e encanto.

Nesse estado de alma, nesse doce abandono, o tempo ia passando rapido, veloz, sem que ela o sentisse; a lua, já alta, fazia agora incidir os seus raios sobre ela banhando-a de luz, mergelhando-a numa soberba fotosfera que dava ao seu corpo tons lacteos e melancolicos enchendo-a de diafaneidades e transparencias que a transfiguravam numa éterea e vaporosa figura de sonho.

Uma aragem fria, desagradavel, começava a espalhar-se no quarto; um relogio bateu horas; Maria do Ceu não as poude contar; não devia porem ser cedo; levantou-se num doce espreguiçamento, arrepiada e dirigiu-se á janela a admirar o sulco luminoso e deslumbrante deixado por um enorme aerolitho, rasgando o espaço azul numa corrida louca epileptica até sumir-se no azul insondavel e misterioso.

Junto ao muro fronteiro, uma forma a principio imprecisa mexeu-se; depois foi deslisando como um fantasma doloroso, medrosamente, furtivamente, encolhendo-se, empequenecendo-se tentando diluir-se na sombra que o muro projetava, como se receasse de ser descoberto.

Maria do Ceu estremeceu assustada; quiz fechar a janela; depois chocou-a um presentimento; os seus olhos cortavam rompiam a escuridão, tentando focar esse vulto, iluminar-lhe as formas, precisar-lhe os contornos. avidos de o reconhecer; já não tinha duvidas: era ele! E emquanto os seus olhos o seguiam a sua alma enternecia-se por esse rapaz meigo, romantico, apaixonado, cujo amor por ela se contentava em permanecer todas as noites frente á casa dela, horas consecutivas talvez, olhando o quarto dela, embebido no goso espiritual de a saber ali, bem perto...

....

Fechou a janela, acendeu o candeeiro, conservando uma meia luz, baça e indecisa, receiando que a demasiada claridade despertasse o pai.

Começou então a despir-se vagarosamente; e como que emergindo da penumbra suave que a meia luz do candeeiro espalhava no quarto, começaram surgindo em toda a sua esbeltez em toda a sua graça fragil e terna os delicados contornos, as curvas suaves do seu corpo de virgem! Em frente ao espelho os seus olhos castanhos, dum castanho violeta carregados de nostalgias, brilhando suavemente na brancura do seu rosto que os longos cabelos loiro-escuros, tombados desfeitos, emolduravam, seus olhos castanhos pareciam deleitar-se na belesa atrativa e fascinadora das suas formas impecaveis no mais perfeito ritmo de suas linhas, nas curvas estatuarias, e triunfais dos seus seios erguidos com botões de alvas camelias, que uma fina camisa deixava advinhar.

Era belo, reconhecia-o; e, como que enamorada pela imagem que o espelho reflectia, procurava atitudes estatuarias, atitudes de cariatides, que dessem mais relevo á perfeição divina de suas formas.

De novo as palavras de Maria da Luz mais prestigiosas agora e como que focados por uma luz mais bela começaram surgindo-lhe como átomos luminosos de esperança; iam pouco e pouco, tomando, perante o seu espirito, um aspeto mais convincente mais verdadeiro; engrandeciam-se e soavam já aos seus ouvidos como himnos gloriosos; infiltravam-se mansamente na sua alma como um doce veneno que a ia corroendo e enchendo-a de goso.

E embalado por elas, começou pensando que talvez Maria da Luz tivesse razão. Tinha ela o direito de se deixar estiolar ao contrato desse meio esteril e acanhado, em que vivia, de abandonar o seu espirito, numa regressão lenta, mas continua, tenaz e inevitavel, ao mais completo embotamento?

Transigir com o meio, féria o seu orgulho e era para ela um sacrificio superior ás suas forças, pois que essa transigencia representava o embrutecimento da sua inteligencia com tanto amor desenvolvida pela sua madrinha, o aniquilamento de todas as suas faculdades e de todas as suas aspirações; o meio que a cercava era incapaz de a compreender e só a aceitaria, totalmente derrotada, completamente vencida, para depois despiedadamente, ferozmente a esmagar rindo no goso supremo do seu triunfo na vingança mesquinha e soez do seu ciume; doutro modo ela seria sempre a malquerida que a inveja dos outros empurrava para um campo inimigo, indispondo-a com o pae, martirisando-lhe a vida...

Apagou a luz, deitou-se e mergulhada na escuridão do quarto que apenas um frouxo raio da lua, agora no seu declinio, iluminava, a sua mente e a sua imaginação despertar continuavam trabalhando intensamente.

Não! Tudo lhe dizia que não devia pactuar nem transigir com esse meio que só desejava vê-la humilhada; e toda a sua sensibilidade sofria e frémitos de revolta estremeciam a sua alma reconhecendo a sua impotencia para tomar uma resolução grande, definitiva; compreendia que a vida assim não podia continuar e via claramente que todas as suas qualidades lhe davam bem o direito de realisar as suas aspirações mais belas.

As palavras de Maria do Ceu, afinal não tinham feito mais do que, como um intenso raio de sol, desfazer nevoas e clarear horizontes brumosos cuja beleza ela comtudo já vagamente presentira. Porque não marcharia então lá para lá forte e resolutamente?

....

A escuridão que enchia o quarto era cada vez maior; e ela a sua alma penetrada de anciedades e sensações até ahi nunca formulados, os seus nervos batidos por emoções tão variadas, torturada na impotencia de uma decisão, sentia um delicioso torpor feito de um mixto de cansaço, beatitude e goso apoderar-se de todo o seu corpo; vozes ciciantes de uma harmonia celestial de uma uncção magica, saltitavam, com intercadencias, como fogos-fatuos sonoros segredando-lhe esperanças deslumbramentos coisas belas; eram ainda ainda e sempre as palavras de Maria da Luz soando-lhe cada vez mais melodiosas, cada vez mais prometedoras compondo como sereias, cantares de tentação; uma febre intensa queimava-lhe o corpo; a sua alma inquieta e batida por sentimentos tão contraditorios não lhe davam a serenidade precisa para tomar a resolução porque anceava; forças e sentimentos estranhos prendiam-na, encadeiavam-na num amplexo herculeo; sentia a necessidade de um impulso forte, duma vontade poderosa que a levasse a reagir contra receios e preconceitos pueris que a dominavam...

Prostrada, vencida por essa luta intima, deixou-se finalmente adormecer. Sem ter ainda tomado uma decisão; a sua alma comtudo sacudida violentamente, nesse dia, por uma forte rajada de emoções, esperava sómente, talvez, a mais pequena hostilidade, para se resolver a voar livremente atravez o espaço magestoso para esse outro mundo que ela antevia e concentrava numa prestigiosa formula de Beleza.

72 —Folhetim de «A CAPITAL» — 11 de Janeiro de 1922

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

XII

Ao cabo de tanto tempo o seu coração de pai não tinha o dom instintivo de o reconhecer, de descobrir qual era o filho amado, naqueles dois rapazitos que tão iguais pareciam agora, decorridos os anos da guerra, dos terrores em que tinham brincado juntos, bebido o mesmo leite, recebido eguais caricias.

Sem uma palavra, as mãos estendidas para cobrir as cabeças dos inocentes, ela, cibava com algum orgulho aqueles patricios entre os quais via o vencedor dos escravos, o supremo chefe que os escravisava de novo e nem a suplica doce de Daria, falando-lhe do neto, nem a ameaça rancorosa de Arunco, tampouco a nova interrogação de Aurelio a demoviam da sua calada.

—Qual deles é o meu?! Fala e dou-te a liberdade, dou-te ouro... Não é verdade, Crassus, que consentes em que a liberte e a enriqueça?! Dize-me, oh! Numesia, dize-me qual é o meu filho?!... A velha patricia chorava; o centurião arrimado ao bastão de cepa, pensava que os desgostos teriam emudecido aquela mulher esfarrapada.

Já Aurelio se aproximava das creanças, investigando-lhe os traços, agarrando-os esperando, talvez, do ceu uma inspiração, uma revelação que lhe permitisse tomar nos seus braços o filho e leva-lo comsigo. Mas as crianças fugiam ás suas mãos, juntavam-se com a escrava, ouvindo ainda aquela pergunta magoada e anciosa:

—Qual é o meu?! Qual é o meu?!... —e sem reparar, na sua ancia de bem observar os pequenos, estava ajoelhado de rojo, aos pés da serva.

Ela parecia deleitar-se com esse espectaculo, quedava-se, erecta, firme nos seus trapos,

No rosto de Crassus nascera uma prega de ironia; um torcicolo desdenhoso surgia da bôca de Remigio mas essas expressões fundiam-se ante a enormidade que saia dos labios da escrava:

—Não sabes qual é o teu?... Nem eu... São ambos meus... Criei-os ao meu peito; fui eu a sua mãe... Senhor bem sei o que querias... Que eu te dissesse... E' este o teu filho, é esta a carne da tua carne... Poderias á vontade fazer dele o patriciosinho que esmagaria o meu... Pois não sei, quero lhes tanto que já não distingo qual é que nasceu do meu ventre... Apenas sei que a ambos embalei...

—Numesia, Numesia... exclamou Daria aproximando-se com uma ternura infinita: Di-me o filho do meu peito...

—Pois tu não sabes que eu tambem tenho um e não sei nem quero saber qual é... Vê como se amam e se querem... Separados eles seriam inimigos quando crescessem e um fosse o escravo outro o senhor... Não... eu fui presa e quiz vir aqui para te dizer, Aurelio, que não tem mais filhos... Eu podia mentir-te e dar te o meu... Mas ele será o senhor amanhã, o filho da escrava tornado patricio... Não... não... São ambos meus e não mos roubas...

Tomara-os, numa ancia, contra o peito, bem ligados consigo, ao tempo em que Arunco, como se estivesse ainda nas guerras da Cicila, decretava:

—Tu o dirás no suplicio... Entrega-nos os pequenos... Soldados... Prendam-na... chicoteiem-na!

—O centurião deu um passo; dois militares que conduziam prisioneiros pararam e iam executar a ordem mas Numesia, segurando as creanças pulara para o rebordo do lago, onde as moreias espreitavam, e bradava numa voz rija que enchia o jardim, o ergastulo, a estancia.

—São meus... são ambos meus...

Depois num salto rapido, segurando convulsamente os dois corpitos de Junio e de Elio, lançara-se no lago profundo, viu se revoltear de agua, as moreias grossas mergulhando gulosamente, os circulos das ondas a moverem-se refletindo os rostos contorcionados dos faunos, alargando as suas bocarras, as suas expressões cum destrambelhado sarcasmo em que passava todo um fantastico mundo de caretas sinistras, extravagantes e ironicas.

—Esta mulher é uma filosofia inteira...

Ao soar da frase Remigio voltou-se e, apesar da dôr que acometera toda a gente, que fazia Arunco querer lançar-se á agua, e causava o convulso desespero dos seus, não podera deixar de sorrir ante o prisioneiro que encolhia a sua alta estatura entre os soldados que o traziam, no bando, encadeado. Reconhecera-o, e dissera-lhe:

—Oh «homero», oh! poeta das canções gregas... Tu vais filosofar tambem... Crassus... eis o teu detractor, o que te acusou de não saberes o idioma dos deuses!

Felux ao ouvir o antigo amo, endireitara a sua estatura, o seu corpo esguio e magro que lhe colara a alcunha de «cegonha», revistira se de dignidade. Da banda da mina vinha uma vozearia; servos corriam atraz de Cyrene que dobrada, ao longe, no lago, gritava ante os circulos das ondas a serenarem:

—Os faunos riem... Oh! que caras as suas! Os faunos riem! Riem de mim; do meu louco amor!

A familia recolhera-se num pranto; Aurelio procurava segurar a esposa louca emquanto Crassus, defrontando o antigo secretario, que os soldados agarravam pela primeira vez parecia interessar-se nos suplicios que Remigio inventava.

Cyrene debatia-se; levavam-na, á força para que não fosse mergulhar no outro lago entulhado de que se gerara um paul no qual andavam negros procurando esgotar os lameiros vastos salpicados de abroteas, estrelados de florinhas brancas de malmequeres.

A decuria guardava o poeta encadeado; as suas pernas escanifradas não tremiam; alteava a cabeça, numa audacia, ao retorquir ante a curiosidade do vencedor acerca dos castigos saidos da fantasia de Remigio.

—O' «dives» — exclamou gargalhando—decerto achou alguma coisa melhor do que a tua pronuncia grega. Que queres?! A minha vida?! Dou-ta porque já não a posso gozar em liberdade... Que te chame sabio?! Dar-te-ia antes duas vidas... se as tivesse! Que podes tu contra mim?! Matar-me? Só me obrigas a abençoar te tanto quanto chasqueio a tua mania do suplicio... Odeio esta vida detesto esta existencia de homem que só trabalhou para os outros... Lembra-te que levei dez anos a escrever os discorsos que tu pronunciavas e o Senado aplaudia. Já me roubaste mais do que a existencia, grande feliz, pilhaste a minha gloria...

—Levem-no! Levem-no! Açoitem-no! Crucifiquem-no!

Hanock, o centurião, erguera o seu bordão de cepa e Remigio acudira a tempo de evitar que ele se descarregasse sobre o grego. Falou baixinho ao militar que ria, casquinou, e olhou num cumprimento e como Crassus repetisse a ordem dos açoites, o elegante, censurou-o:

—Oh! Lembra-te que te será concedido o triumfo!...

—O triumfo!—Oh! Zona em que epoca vivemos!—gritou o poeta desacando-se da decuria.—O triumfo! Oh! Deuses que sois ingratos! Tu, Crassus, és o mais opulento de Roma e eu vou corrigir, aqui, na tua frente, os pessimos designios da divindade!

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

A França actualmente preocupa-se com trez grandes problemas: as reparações, a aliança com a Inglaterra e o desarmamento.

N.º 3976—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 12 de Janeiro de 1922 | Telefone n.º 2298—Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

T. M. E.

— OU —

Trapalhada Maritima do Estado

— OU —

Temos Mais Escandalos

relatorio da Comissão Administrativa dos Transportes Maritimos do Estado

Um jornal da manhã causou desmentir a informação que ontem demos acerca da entrega ao sr. ministro do Comercio do relatorio da Comissão Administrativa dos Transportes do Estado. Pois hoje ainda melhor informados que ontem, confirmamos a noticia, em toda a sua extensão. O desmentido é que é falso, seja qual for a sua origem e ainda que ela tenha o caracter de oficioso.

O relatorio foi entregue. E' um extenso documento, de cerca de 50 paginas de papel comercial datilografado. Nesse relatorio, que já foi lido em conselho de ministros, faz-se a historia da gerencia da Comissão Administrativa, expondo-se, com pormenores o destino muito obscuro uma grande parte dos rendimentos da exploração da frota mercante do Estado. Não haverá, nesse relatorio, referencias curiosas a subsidios para jornaes de Lisboa? Eis uma particularidade de que não nos foi possivel obter informação fidedigna.

O relatorio oferece ao governo conclusões interessantes, proprias para o guiar nas futuras gestões ácerca deste complicado problema dos transportes maritimos. Esta industria atravessa agora uma calamitosa crise, que não é somente portugueza mas até mundial. Em todos os portos da Europa e da America ha navios de carga amarrados, por falta de carga a transportar, devido á paralisação geral de exportações causada, especialmente, pelo desiquilibrio cambial; como consequencia dessa diminuição de actividade maritima, os armadores oferecem navios á venda, com falta de compradores. Realisaram-se assim as previsões de «A Capital», que aconselhou, em tempo competente, a entrega da frota mercante do Estado á iniciativa particular. Não se seguiu, em tempo competente e quando havia pretendentes, o parecer fundamentado deste jornal.

Agora é tarde para tal, porque não haverá quem pegue nos navios, a não ser em condições desastrosas para o tesouro publico.

O relatorio da comissão, que menciona estes e outros aspectos da questão, conclue, em substancia, por indicar o seguinte, como remedio provisorio e obedecendo ao criterio de que de todos os males é preferivel o menor:

1.º—Os navios devem continuar na posse do Estado, sendo explorados por ele;

2.º—Devem ser utilisados, muito especialmente, para a intensificação das relações entre a Metropole e as colonias;

3.º—Num segundo plano, devem ser empregados no serviço de cabotagem entre os portos do continente;

4.º—Em terceiro logar e apenas para prestigio da bandeira, devem manter-se carreiras entre o Brazil e a Europa Central (Hamburgo), sempre com escala, por Lisboa, tanto á ida como á volta;

5.º—Os navios que sobrem destes serviços devem ser amarrados, utilisando-se, sómente, quando apareçam fretes compensadores;

6.º—O pessoal deve ser reduzido, em conformidade com as exigencias do novo estado de coisas.

Eis, nas suas linhas gerais, a noticia positiva que nós opomos, formalmente, ao desmentido negativo do jornal da manhã.

Foram 72 os navios que Portugal aprisionou aos alemães, por motivo da guerra.

Devidamente aproveitados, constituiriam valiosissimo elemento para a nossa expansão economica.

Desses 72 navios, perderam-se já 30, quasi metade, sem contar o vapor «India», que ultimamente foi atingido por um incendio.

A sorte dos 30 navios perdidos, foi a seguinte:

Torpedeados

«Aveiro», «Barreiro», «Berlengas», «Boa Vista», «Brava», «Caminha», «Cascaes», «Damão», «Diu», «Espinho», «Foz do Douro», «Graciosa» (veleiro), «Horta», «Ilha do Fogo», «Lagos», «Loulé», «Madeira», (desaparecendo toda a sua tripulação), «Ovar», «Ponta Delgada», «Porto Santo», «Santa Maria» (afundado a tiro), «S. Nicolau» (desaparecendo uma baleeira com 18 homens), «Trafaria» e «Tungue».

Afundados por minas

«Sagres» da sua tripulação composta de 53 homens, salvaram-se apenas 5. Já um destroçamento francez que transportava, composto de 110 homens, salvaram-se 2.

Abalroados debaixo da nevoa

«Cavado» e «Mira».

Encalhados (devido a navegações perigosas)

«Belem» e «Setubal».

Destruido por explosão de material de guerra (dentro do porto de Marselha)

«Alemtejo».

O rebocador do alto mar «Patrão Lopes» está ao serviço da marinha de guerra e o «Extremadura» ao serviço da Companhia Nacional de Navegação.

Restam pois, para o nosso renascimento economico, 38 navios, confiados aos chamados Transportes Maritimos do Estado.

O que tem sido a administração desses serviços é bem sabido, até por testemunho irrefragavel de chefes do governo.

A questão do jogo

A proposito dos assaltos aos clubs

A policia foi ontem ao Polais-Royal. Entrou lá, por denuncia, atravessou a sala de espectaculos e foi direito ao elevador que não funcionava por qualquer motivo. A policia encarregou-se de fazer mover o elevador e na sua cupula encontrou uma roleta e mais apetrechos de jogo. Fez-se a apreensão mas a policia, representada pelo chefe Nazareth e alguns guardas não se contentou com esse acto, apesar desses objectos, no sitio onde se encontravam, não terem nenhuma significação, partiu os vidros do elevador, etc.

De maneira que em materia de jogo temos mais uma arbitrariedade praticada pela policia. No entanto, mais roleta, menos roleta, a questão fica de pé, pois não é nem será o chefe Nazareth e os seus guardas quem resolverá a questão.

O problema do jogo é muito antigo em Lisboa. Ha tres maneiras de o encarar: ou pela extinção, ou pela repressão ou ainda pela regulamentação.

Extinguir o jogo em Lisboa e até em todo o paiz era uma excelente ideia e quando a chegarem a conseguir devemos tirar privilegio de invenção e comunicar essa nossa descoberta a todos os paizes do mundo. Esta ideia da extinção do jogo pertence ao numero das asneiras classicas que se cultivam entre nós e que servem para hipocritamente se manterem policias de dois lados: a policia que o Estado tem para perseguir o jogo e a policia que o jogo tem para evitar a sua extinção. Daqui resulta a existencia em Lisboa duma população especial: a população do jogo, que se espalha pela baixa e onde se recruta a peor qualidade de revolucionarios de toda a casta de ideias politicas.

A extinção do jogo que depois da Republica encontrou no sr. dr. Afonso Costa o seu maior paladino está demonstrado que se não conseguirá nunca.

Segue-se a repressão. Neste caso os criterios têm variado. Algumas vezes as autoridades entendem que devem ser pacientes e conciliadoras procurando encapotadamente, no jogo, uma forma de melhorar as verbas destinadas á assistencia publica, verbas que em Lisboa são absolutamente mesquinhas, atendendo a espantosa mendicidade, especialmente de menores, que a cada passo encontramos nas ruas.

O lucro do jogo consentido, jogo que é a loteria da Santa Casa, reverte a favor duma parte da assistencia a mendicidade, mas não chega.

Não ha, infelizmente, instituição de caridade, a começar pelas cosinhas economicas, que não esteja falida.

O Estado é obrigado a dar continuamente subvenções para amparar essas instituições.

Outras autoridades não pensam assim e investem com o jogo como se fosse realmente sua unica missão entreter o publico com assaltos mais ou menos pitorescos.

A regulamentação é portanto a terceira forma de encarar o jogo e uma vez estabelecida ela só iria prejudicar as variadas policias que fingem ocupar-se a extinguir, reprimir ou defender o jogo.

A regulamentação do jogo moralisaria a frequencia dos jogadores; tirava-se, por outro lado, do jogo, um bom rendimento e com ele atender-se-hia a muitos problemas da assistencia que são verdadeiramente dolorosos.

O sr. governador civil actual, com quem desde ha muito mantemos as melhores relações de amisade, é uma pessoa culta, inteligente e viajada e deve ter sobre o assunto esta nossa opinião. Só necessita de coragem para encarar o problema e essa sabemos que a possue.

Com a pretendida extinção não resolverá nada o sr. governador civil e a sua passagem pelo governo civil será, neste ponto, perfeitamente inutil.

OS GALOS DE APOLLO

por JULIO DANTAS

O prosador eminente que é o dr. Julio Dantas acaba de contribuir com mais uma obra para o enriquecimento da literatura portugueza. Livro de cronicas, aquelas cronicas admiraveis que só o autor de Ao ouvido de Madame *sabe escrever, tivemos nele o grande prazer de encontrar alguns trechos insertos neste jornal, honrando estas colunas.*

Uma das mais completas formações de intelectual portuguez ele consegue que a sua forma de arte seja sempre bela, quer no drama, quer no verso, quer ainda nas suas soberbas paginas de historia.

Hoje mesmo o dr. Julio Dantas deve tomar posse dum elevado posto nas letras portuguesas: Presidente da Academia das Sciencias de Lisboa. Poucas vezes esse lugar terá sido ocupado tão nobremente como hoje.

Damos em seguida aos nossos leitores, uma cronica de Os Galos de Apollo:

Como se faz uma peça?

Um dia, alguem perguntou a Alexandre Dumas filho como se fazia uma peça. O mestre da «Princesse de Bagdad» sorriu, olhou o seu ingénuo interlocutor, e disse-lhe com a maior naturalidade do mundo:—«Meu caro amigo, o senhor compra alguns cadernos de papel, assenta-se á mesa, fuma um cigarro, começa a escrever o primeiro caderno, e quando acabar de escrever o ultimo a peça está pronta.» Com esta «blague», o ilustre Dumas, a quem Mæterlinck—Mæterlinck!—chamou «un commis-voyageur de la litterature», quiz apenas significar que a complicada arte de fazer peças não se ensina, e que só ha uma receita infalivel para triunfar na literatura de teatro: é ter talento.

A segunda parte destas conclusões é rigorosamente exacta; a primeira não me parece que o seja. A experiencia dos mestres tem, pouco a pouco, capitalizado um certo numero de regras gerais a observar na composição das obras dramaticas, especialmente no que se refere á arte de preparar, de combinar, de conduzir, de desenvolver; de mecanizar a ficção teatral da vida, e embora essas regras não aproveitem senão a quem tiver talento, nem por isso deve prescrever-se duma maneira absoluta o didatismo em matéria de dramaturgia, antes pelo contrario, penso eu, convem que os mais velhos vulgarisem e reunam em breves corpos de doutrina as aquisições da sua experiencia, porque elas podem servir de lição, de sugestão ou de conselho aos mais novos. A arte de escrever peças pode, por conseguinte, ensinar-se como se ensina a arte de as representar,—o que não quer dizer, naturalmente, que o conhecimento das suas regras opere o prodigio de converter em grandes dramaturgos ou em grandes actores pessoas que não possuam o instinto, a intuição, o sentimento,—numa palavra, o génio do teatro.

Como se faz uma peça?

E' evidente que um tratado de dramaturgia não se escreve em meia duzia de paginas. Limitar-me-ei a expôr alguns rapidos pontos de vista —que não aspiram á honra de constituir regras ou preceitos técnicos— ácerca da estrutura das obras dramáticas e daquilo a que George Meredith chama o teatro fundamental: a acção; as personagens.

Teatro é medularmente, estructuralmente—acção. A literatura é excelente; mas a acção é indispensavel. Em geral, os homens de letras, quando realisam as primeiras tentativas de teatro, principiam a escrever sem ter feito previamente a construção solida da fabula da sua peça.

As obras dramaticas ficam assim, com o caracter de narrativas dialogadas. As personagens contam, durante os actos, com mais ou menos brilho o que se passa nos intervalos. E' o processo usado pelos romancistas quando fazem teatro,—e é um processo inferior. Em toda a obra scenica, a narração deve reduzir-se ao minimo e a acção ao maximo.

A narração é, na evolução do teatro, uma forma primitiva e infantil, é o balbuciar de Dyonisos. A acção é a adolescencia, a virilidade,—a força. As peças valem mais pelo que nelas se «faz», do que pelo que nelas se «diz». O espectador quer antes de tudo, assistir a acontecimentos.

O teatro é, essencialmente, dinamico. Como se constroe uma acção? Com uma unica serie logica de factos (forma simplista da tragedia grega); com duas series paralelas de acontecimentos uma das quais serve de comentario á outra) tecnica shakespeareana, teatro espanhol do seculo XVII); ou com duas ou mais series logicas e convergentes de factos (teatro de conflicto, de intriga) surgindo as situações nos pontos de intersecção das series.

No teatro moderno, de processos complexos, todo o trabalho de invenção e de combinação deve ser subordinado a um fim essencial: a preparação das situações culminantes e dos efeitos capitais. O teatro é a arte de preparar.»

Cada uma das scenas de uma peça deve ser a consequencia logica da anterior e a preparação necessaria da imediata. As scenas inuteis são sempre scenas prejudiciais. Em rigor, dever-se-ia, na construção de uma acção, partindo fim para o principio: isto é, fixar a situação final culminante, e retroceder, por um processo de sucessivas preparações, até á scena inicial. As peças de teatro—dizia Villiers-de-l'Isle-Adam — devem pensar-se de traz para diante e escrever-se de diante para traz.

Não é indispensavel a «unidade» classica de acção: o que é preciso é que haja na acção «continuidade logica»; rapidez; interesse progressivo; clareza absoluta.

Quanto mais complicadas forem as series de acontecimentos a dramatisar, mais simples devem ser os processos de dramatisação. Quanto mais frequentemente se sucederem as situações, melhor elas teem de ser preparadas e justificadas.

Um alemão, autor de um tratado de arte scenica, afirma que o numero de situações dramaticas que é possivel obter pelas combinações de series de factos é muito limitado, não existindo senão 42 tipos ou formulas de situações fundamentais, de que todas as outras conhecidas são meios variantes.

Pela fixação esquematica de essas 42 situações poder-se-ia organisar um formulario de dramaturgia, permitindo variar ao infinito as hipoteses dentro dos mesmos tipos de mecanisação scenica. O maior recurso da acção na comedia, é a automatisação da vida.

O maior recurso da acção, na tragedia, é o conflicto moral.

O automatismo na génese do comico (teorias de Bergson), o conflicto moral na genese do patetico (formulas da tragedia euripidiana e raciniana) dominam todo o teatro.

Uma vez construida a acção de uma peça, temos de crear as personagens que hão-de realisar a ficção teatral, a representação animada dessa acção. E' uma das operações mais delicadas na poiese duma obra dramatica. E' indispensavel que cada personagem tenha a sua composição, a sua fisionomia, o seu caracter a sua historia pessoal, a sua atmosfera moral propria. O autor antes de começar a escrever uma peça precisa de «ver» as suas figuras, de «saber» quem elas são. A organisação da biografia de cada personagem é um trabalho decisivo na preparação duma obra de teatro.

A verosimilhança da acção depende da verdade das personagens.

Não ha acções inverosimeis desde que as figuras sejam reais, verdadeiras, humanas.

Dizia Haraucourt: «precisamos de ter excelentes relações com as nossas humanidades imaginarias». E' aqui que os autores inexperientes soçobram. A maneira porque são representadas as figuras duma peça dá-nos a medida exata do poder de tecnica dum dramaturgo. Em regra, a apresentação do carater, a revelação do denominador psicologico duma personagem deve sempre fazer-se por processos indirectos.

Nas fórmas ingenuas, nas fórmas arcaicas do teatro, a apresentação era directa, imediata.

Um hipocrita diria:—«Eu sou um hipocrita». Nas fórmas mais perfeitas da evolução dos processos scenicos, uma figura preparatoria precederia aquela que o autor quer apresentar, e preveniria os espectadores, como na «Mandragora» de Machiavel:

—«Vai daqui a pouco entrar Fra Thimoteo, que é um hipocrita». Mas formas modernas, definitivas, a apresentação é indirecta, e as figuras revelam-se não pelo que os outros «dizem» delas ou pelo que elas «dizem» de si mesmas,—mas pelo que «fazem», pelos seus actos, pelo seu jogo histrionico, pela sua acção, de modo que o proprio espectador seja forçado a concluir, sem que ninguem lho diga, como na comedia imortal de Molière:—«Tartufo é um hipocrita».

As personagens não devem ter apenas a logica do caracter; devem ter, tambem, a logica do movimento.

Todas as entradas e saidas de figuras precisam de ser preparadas e justificadas,—evitando-se, nas situações dramaticas, o paralelismo, a repetição de movimentos, o automatismo, que conduzem inevitavelmente ao comico. Duas figuras que entram por um lado quando duas outras saem por outro; duas figuras semelhantes que se sucedem (observação das caras iguais, de Pascal), a viveza e a aceleração de ritmos; tudo quanto torne aparente a mecanisação da vida «boite-à-surprises», de Bergson; é um defeito na dinamica do drama, —e pode ser uma qualidade na dinamica da comedia.

Finalmente, outro elemento de grande importancia na dramaturgia moderna são as «personagens inanimadas», os objectos que fazem parte integrante da acção ou que contribuam para a definição do caracter ou do estado moral das figuras. Um leque é o elemento fundamental da acção na peça de Oscar Wilde, «O léque de Lady Windermere»; com um simples boneco chinez, no «Pantano», João da Camara consegue, quasi sem palavras, caracterisar o estado nevropatico duma mulher; todo o interesse da mais dramatica situação da «Casa da Boneca», de Ibsen, gravita em volta duma caixa de correio.

Na construção duma obra de teatro não basta crear as personagens indispensaveis ao desenvolvimento logico da acção; é preciso tambem pensar nesse pequeno mundo de coisas inanimadas que as rodeia, e a chama inquieta da vida empresta uma palpitação e uma alma.

Tudo isto se ensina, sem duvida; são acquisições, são regras que a experiencia capitalisou.

Mas o melhor não é aprende-las; e adivinha-las. E, para isso, basta ter talento.

SEGREDOS A TODA A GENTE

«Aneis de aliança»

Nunca em Portugal se casou tanta gente com hoje—nem no seculo XVIII. Todos os dias os jornais do paiz trazem no seu «carnet mondain», uma chuva de casamentos. Amor? Ingenuidade? Conveniencia? Distracção? De tudo um pouco. A palavra «sim» que forma os casamentos é rapida talvez com o proposito de não dar tempo a reflexões. Disse-o Duppuy. Podiam dizê-lo senão todas as mulheres — pelo menos quasi todos os maridos. Ha quem combata hoje como afinal ha quem tenha combatido sempre, a existencia do solteirão. Em nome de quê? Em nome da familia. Em nome de fisiologia. Em nome da crise da população. Em nome de tudo. Em alguns paizes até tem-se procurado combate-lo em nome da lei. Santo nome de Deus! Todos nós condenamos mais ou menos a existencia do celibatario — e afinal todos reconhecemos, com maior ou menor evidencia, que o casamento é o unico meio, que a lei coloca ao nosso dispôr, para que duas creaturas de sexo diferente se aniquilem mutuamente...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Partido Socialista Portuguez

Recebemos a seguinte «nota oficiosa», cuja publicação nos é solicitada:

«Nucleo Socialista de Santa Izabel». Reuniram ontem em conjunto, a direcção e a comissão de resistencia eleitoral tomando conhecimento do andamento dos trabalhos eleitorais respeitantes á freguezia e deram conhecimento aos varios delegados das instruções dimanadas dos corpos directivos do partido. Registaram valiosos e voluntarios oferecimentos dos paroquianos, referentes ao acto eleitoral. Resolveram iniciar na proxima semana uma intensa propaganda em toda a freguezia.

Exposição de Pintura

No «Salão da Ilustração Portugueza»

E' no proximo sabado que abre o ra a imprensa a anunciada exposição de quadros do pintor Carlos Porfirio.

A inauguração para o publico far-se-ha na segunda-feira, 16, sendo de esperar que as obras apresentadas marquem um verdadeiro sucesso.

A Exposição do Rio de Janeiro

Instalações coloniais --- Uma visita ás obras em construção---O estado atual dos serviços---A Camara brasileira transferida...--- O pavilhão Ford

Rio de Janeiro, 21 de Dezembro

Enquanto se desmonta o morro do Castelo, arrojando-se ás aguas pedaços de seus flancos, na conquista ao mar de espaço onde pompeará um perimetro da Exposição do Centenario, sobre o aterro que já se consolidou e sobre a terra que sempre foi firme, num esforço brilhante, demonstrativo, em seu resultado, da nossa capacidade de trabalho, as instalações do grande certamen, surgindo e crescendo dia a dia, aparecem esplendorosas, sob a luz, á margem da bahia.

Na área em que se concentrará, principalmente, a comemoração do grito do Ypiranga, em trabalho ousado e proficuo, a engenharia brasileira improvisa, constroe, reconstroe e adapta, primando sobretudo no levantamento de edificios em que se apreciará esse belo estilo colonial das nossas tradições. O emprego exclusivo de material brasileiro, o surto de novas industrias, como as de telhas esmaltadas, mosaicos e ferragens; os elementos de nossa flora e da nossa fauna fornecendo motivos artisticos de decoração, estimulam o nosso engenho, consolando o nosso patriotismo, tantas vezes ferido pela preferencia injusta com que tantas vezes se olvida, em nossas obras publicas, a capacidade de nosso paiz.

Uma visita ao recinto que será o da exposição, deixa adivinhar ou prever, desde já, as magnificencias que a caracterisarão. Proporcionado, pelo arquiteto Morales de los Rios, reunido, depois aos seus colegas e companheiros de trabalho, tivemos o agradavel ensejo de realisar esse passeio, de que participou, alias, o dr. Carlos Sampaio juntando-se aos jornalistas em excursão pelo campo da futura exposição onde viram em primeiro logar

O Parque de diversões

Compreende um vasto recinto que apenas ultimamente foi possivel locar sobre o novo aterrado e inclue umas trinta edificações maiores ou menores desde o grande portico com 100 metros de extensão até os quiosques destinados á venda avulsa de curiosidades e lembranças da exposição.

As grandes edificações desse parque, agora iniciadas, serão: o Portico destinado á entrada, com cafés, bars, sorveterias, tabacarias e um extenso abrigo, (contra os maus tempos) no andar terreo; diversões e recreios diversos, no andar superior, sobre o qual correrá um grande terraço e tendo quatro torreões terminados em mirantes, cujos angulos são moinhos de vento giratorios com as aspas por sua vez a rodemoinharem, com cascaveis apensos e luzes a girarem em varias cores cambiantes. Todo esse edificio de original decoração tornará lembradas todas as personagens da Humanidade, que a divertiram desde o ancestral grego do «Machus» romano até «Fregoli» e «Carlitos», passando por todos os «Bufões» que existiram, desde «Triboulet» e «Caillette» até os «bobos do Paço» de Velasquez; desde o «guignol» francez até o «Karaghenz» turco; desde o «Pagé» brasileiro, na sua feição de dançarino, até o portuguesinho a fazer palhaçadas que nos diz a carta de Pero Vaz de Caminha.

Defronte desse portico, uma larga piscina daguas calmas refletirá esse edificio na forma iluminada que agora projecta o especialista sr. Ryan e, cujo elemento decorativo não havia escapado á iniciativa dos nossos engenheiros arquitetos, como não escapou a iluminação em aurora boreal do lindo edificio da ilha Fiscal.

Os outros edificios e construções do parque de diversões são o de festas e particularmente bailes e concursos, diversos em estylo Luiz XVI em cujo sobrado haverá recreios e comodidade para os forasteiros que durante horas nos visitem: sala de cinematografia, circo equestre, circo de cavalinhos teatro ao ar livre para representações por secções, em que particularmente se farão apreciar as musicas e canções populares, quer dos nossos sertanejos quer dos «ministreis» inglezes e norte-americanos, com os seus «banjos», quer os «hawaianos», «flamengos» espanhoes; «Payadores» platinos dansarinos javaneses, uma serie de programas que estão em estudo.

Uma das edificações em vias de inicio é a «Casa de loucos», onde tudo gira, á vista do espectador imovel, que parece arrastado nesse movimento desordenado. Outras das novidades do parque serão as altas e extensas gangorras de origem anamita que hão de pôr á prova, sem perigo, a vertigem dos mais afoitos.

Montanhas russas, trem liliputiano, rink, tiro ao alvo, balões e bicicletas captivos, tabogan, dioramas, guignol para creanças, bazares, etc., etc. formam a miuçalha mais corriqueira e conhecida do fundo dessas diversões populares, ao lado das quais serão exibidas os mais modernas e ineditas para nós.

Cada um desses edificios tem estylo arquitectonico peculiar e caracteristico.

Num dos torreões do portico estará instalada a «sereia», cujo bramido anunciará a abertura e fechamento diario da exposição.

O portão monumental

E' constituido por tres grandes arcos, com a largura, cada um, da rua do Ouvidor e altura dos segundos sobrados da mesma, ladeados da dois torreões rematando em mirantes, uma elevação de 30 metros cada um e precedidos de corpos que avançam na frente principal, dando á planta um feitio geral de U invertido.

Não é uma obra de mero luxo porque os seus diversos andares, estão destinados a repartições da exposição, policia assistencia, etc., reunindo assim a utilidade á necessidade de fechar o recinto da exposição de uma maneira condigna. Os corpos avançados teem o especial destino de bilheterias.

A largura total do portão é aproximadamente o de vez e meia a largura da avenida Rio Branco.

Para se ter uma idéa das proporções grandiosas desse portão, basta dizer que as carrancas que formam as chaves dos arcos com os seus penachos, teem a altura total de dois homens de avantajada estatura postos em pé, um sobre o outro.

Toda a decoração do portão é de cuidadoso estylo colonial ou tradicional e ornado de azulejos, cujos motivos são todos maritimos a esse ultimo respeito, em alusão á Guanabara, e representando os golfinhos do brazão municipal da cidade como motivo principal e bem assim frisos de outras classes de peixes e de crustaceos e mariscos, cujos elementos são as sardinhas que aqui introduziu D. João VI e que em bandos salpicam os fundos das composições dos azulejos.

O resto da decoração esculptorica compreende medalhões, escudos, cartuchos, cornucopias, etc., com disticos, datas e as armas do brazão actual da cidade do Rio de Janeiro.

A parte mais interessante dessa decoração é a alusiva a nossa flora e a nossa ethnogia indigena. Esta ultima é representada pelas carrancas já referidas representando as tres principais povoações primitivas do nosso territorio—Tapuyas, Guaranys e Tupy, com os seus toucados de penas ou «a angatares», colares, «Mirakutaus», «Iberapemas», «Maracás», arcos, flexas, etc., entrelaçados com folhagem e frutos da nossa terra, abacaxis, cajus, maracujás, jambos, palmas e floraita.

Os palacios das festas e industrias

A comitiva percorreu a pé o largo trecho que vai da igreja de Santa Luzia a Ponta do Calabouço, apreciando a marcha do serviço de aterro, sendo que a area dos mesmos destinados ao recinto da Exposição já esta quasi totalmente conquistada ao mar. E' sobre essa area que será edificado o Parque de Diversões e que serão colocados os jardins.

Os pavilhões estrangeiros ficarão situados sobre a actual avenida Wilson, em terreno, pois, já solidificado. Vão começar em breve as construções dos pavilhões estrangeiros, sendo que os da França e Inglaterra terão caracter permanente, pois acabada a Exposição, os respectivos governos os oferecerão ao Brazil.

Visitando o Palacio de Festas e Conferencias, nos foi dado apreciar a alterosa cupula com 40 metros de diametro, sem apoio nenhum central que cobrirá o salão.

Essa construção é dirigida e foi planejada pelo arquitecto Arquimedes Memoria. Os trabalhos de decoração desse edificio acham-se muito adiantados, havendo um deposito abundante material. Esses serviços estão confiados aos escultores Lacombe, Modestino Kanto, Cunha e Melo e Armando Magalhães Correia. Os elementos decorativos, são todos inspirados na flora e na fauna do paiz devidamente estilisados.

Percorremos, tambem, o Palacio das Industrias, que é o antigo quartel do Trem Real, depois Arsenal de Guerra, onde foi assassinado o marechal Bittencourt. Ali vimos os enormes salões e galerias e os belos pateos observando os forros interessantissimos, as decorações em via de execução, os beirais de telhas multicores.

Do antigo quartel foi aproveitado tudo quanto se poude, procurando-se somente melhorar.

O estilo adoptado é o colonial. Subimos em seguida ao alto do mirante, na ponta do Calabouço, onde vae ser erguida uma elegante torre de 50 metros de altura. A vista é verdadeiramente surpreendente.

Foi visitado, em seguida, o palacio dos Estados, enorme edificio em cimento armado, projecto do arquiteto sr. Pujol Junior e construcção da Companhia Constructora em Cimento Armado. Nele ficarão localisadas as exibições estaduaes.

Em companhia do arquiteto Rebecchi Filho, foi dado aos visitantes conhecer o Pavilhão da Administração, em adeantado estado de construcção.

O estilo do edificio é moderno e pela pureza das linhas e acabamento impressiona bem.

Compõe-se de 5 edificios de porão habitavel e pavimento nobre.

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DE DIPLOMACIA

Ser-se diplomata não é uma coisa ao alcance de todas as pessoas. Nasce-se diplomata, como se nasce mal creado. Está na massa do sangue, é uma vocação, que se não aprende, e que raro se transmite.

E no entanto é uma das grandes qualidades para se triunfar na vida.

Consegue-se tudo, quasi tudo, pela diplomacia.

Uma entrada a tempo bem marcada, com a correção que a diplomacia exige é muitas vezes um triunfo.

Saber com fino tacto conduzir uma questão, leva-la para o nosso lado sem que os outros o sintam, é a grande sciencia da vida.

E então para destruir para afundar não ha não ha nada como a boa diplomacia.

Sem que os outros o pressintam pega-se no que é falso, no que é mau, no que é perverso e leva-se desde o alto em que falsamente está colocado até ao nivel deprimente em que merece estar.

Depois consegue-se deste modo uma grande tranquilidade espiritual, aquela tranquilidade espiritual que nos é indispensavel se quizermos produzir na vida qualquer coisa de proveitoso.

Ser-se diplomata é quasi o mesmo que ser-se vencedor.

E no entanto entre nós, no modo como vivemos em Portugal neste luminoso seculo vinte, a diplomacia é letra morta, coisa que ninguem conhece ou finge não conhecer.

Isto estava até certo ponto bem, se apenas tivessemos de lidar uns com os outros.

De igual para igual não havia diferença. Mas...

Ora isto vem, duma maneira geral, a proposito não da Diplomacia com D maiusculo, que sai do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, mas da diplomacia com d pequeno daquela que todos nós deviamos possuir para tratar dos nossos interesses, e dos interesses dos outros.

Daquela principalmente que nós deveriamos usar quando tratamos com pessoas que a teem toda.

BOTTO DE CARVALHO

Fundou-se em Santiago do Chile uma Sociedade Portugueza de Beneficiencia, que não só tem por fim proteger os nossos compatriotas necessitados, mas tambem difundir a cultura portugueza.

A Comissão de inquerito á higiene industrial do Conselho de Engenharia da America, nomeada pelo ministro sr. Hover, chegou á conclusão de que a média da vida de cada cidadão dos Estados Unidos aumentou cinco anos. A Comissão é de opinião que o registro da necrologia acusa um ganho economico de muitos milhões em doenças e invalidez. Calcula-se que nos Estados Unidos ha continuamente 2.400:000 doentes. A tuberculose é ainda o peior flagelo posto que os seus estragos diminuem gradualmente. A Comissão declara não haver motivo para supôr que a raça melhorou fisicamente, mas que a duração da vida aumentou é a convicção geral dos tecnicos investigadores.

❖ ❖ ❖

O ex-ministro, senador Root, um dos membros da conferencia de Washington, oferece um premio de 200 libras esterlinas a quem prender os gatunos que roubaram a adega da sua casa do campo em Utica, perto de New-York levando-lhe os preciosos vinhos que constituiam a sua frasqueira. A familia do senador encontra-se actualmente, assim como o senador, em Washington, e a casa estava a cargo de um guarda. Os gatunos; depois de terem cortado os fios telegraficos para evitar qualquer sinal de alarme, carregaram as preciosas bebidas num «camion» e desapareceram.

❖ ❖ ❖

Houve em Londres 151 mortos por influenza na semana que terminou em 31 de dezembro, comparado com 54 na semana anterior. Tres quintos destes casos foram em pessoas com mais de 45 anos. Houve tambem 9 mil casos de escarlatina e diphteria.

❖ ❖ ❖

A Espanha vai possuir tambem os celebres cães-policias que, em França e na Inglaterra, tão valiosos serviços tem prestado na caça aos bandidos que, felizmente, já não infestam tão livremente como que assolando-os, aqueles paizes.

Os primeiros animais, cinco, por sinal, foram comprados, por ordem do chefe supremo da policia madrilena, a bordo de um navio que tocára no porto de Ceuta.

Se a policia espanhola colher vantagens com os valentes animais—estes são—dizem—cinco molossos famosos—o governo espanhol está disposto a dotar com animais parecidos a policia de todas as cidades.

A parte esculptorica está em vias de execução.

O edificio da Viação e Agricultura

O edificio da Viação e Agricultura é um pavilhão monumental com 2400 metros quadrados. Foi autor do projecto e dirige a construção o engenheiro arquiteto A. Morais de los Rios Filho.

O palacio é de proporções grandiosas, cingindo-se o seu autor de maneira muito concreta ao denominado estilo tradicional especialmente do do seculo XVIII.

São especialmente dignos de nota, sob esse ponto de vista, o conjunto ou silhueta do projectado edificio, caracterisado, principalmente, pelo lanternim central, os torreões laterais, as varandas das fachadas laterais, bem como os minuciosos pormenores de cada elemento componente. Janelões, nichos, balcões, molduras, etc., estão em harmonia com o estilo, sendo de destacar o primor da composição dos nichos, iluminados á noite pelos farois e lanternas do estilo. Tambem nesse edificio procurou-se tirar todo o partido dos azulejos criteriosamente distribuidos.

A parte escultorica recebeu do arquiteto Morais de los Rios Filho um grande cuidado.

Por meio dum processo especial, de sua invenção, o referido arquiteto conseguiu fazer e ter em deposito pronta a ser colocada a decoração do porão e a do 1.º pavimento, estando em execução a do 2.º pavimento.

Compõe-se o edificio de tres pavimentos afora os torreões.

O porão ou seja o primeiro pavimento, é destinado a exibição de grandes maquinas e aparelhos, tendo 10 metros de largura e 60 de extensão. O efeito desse salão é muito agradavel.

O 2.º pavimento, ou pavimento nobre tem as mesmas dimensões tendo uma altura porem de 700 metros Está dotado de uma grande escadaria com 12 metros, que dá para o exterior e do outro, não menos bem lançada, para o andar superior.

O 3.º pavimento tem um grande salão de honra e duas enormes galerias.

Em todos os andares os corpos laterais são ligados entre si por uma monumental rotunda, ja completamente coberta.

Os trabalhos estão adeantadissimos calculando-se que em menos de um mez estará todo o grande edificio totalmente coberto.

Os palacios das pequenas industrias e da caça e pesca

O interessante Palacio de Pequenas Industrias foi projectado pelos arquitetos Nestor de Figueiredo e San Juan. Ideado no mesmo estilo colonial, o pavilhão está com a construção adeantadissima, já começando a receber as primeiras telhas. A decoração estilisada tem exemplares belissimos, sendo dignos de atenção os beirais e molduras dos telhados.

O pavilhão tem dois pavimentos, 8 metros de largura e 60 de extensão.

Por fim, os visitantes estiveram na antiga doca do Mercado, vendo as obras do Pavilhão da Caça e da Pesca, sob a direcção do engenheiro-arquiteto Armando de Oliveira. Vai ser um edificio bizarro, construido totalmente sobre o mar. O estilo é o colonial, tendo o arquiteto sr. Oliveira sabido tirar partido das decorações e da especial situação do edificio.

O palacio da Camara vai ser empregado na Exposição

O Brazil concorreu á exposição de S. Luiz que se realisou na America do Norte em 1908. As suas instalações eram monumentais e em tudo dignas daqueles nossos irmãos de alem-mar. O pavilhão brazileiro que servia naquela exposição todo de ferro voltou para o Rio.

Nesse tempo dizia-se que era uma vergonha que a Camara dos deputados continua-se instalada no pardieiro desconjuntado, conhecido pela Cadeia Velha. Foi então que o pavilhão que serviu na exposição de S. Luiz foi adaptado a Camara. E' nele que se tem realisado todas as sessões agitadas da agressiva politica brazileira.

Como se sabe, o Congresso Nacional votou recentemente um projecto de lei, abrindo o credito de 12.000.000$ a construção de novos edificios para a Camara e para o Senado. Ambas estas Casas do Congresso resolveram que os seus palacios fossem, respectivamente, levantados no local da Cadeia Velha e no proprio local do Senado. Durante as obras, a Camara permaneceria no Monroe e o Senado iria provisoriamente para uma edificação nos fundos da Casa da Moeda.

Ocorre, porem, agora, que o Sr. prefeito do Districto Federal tem necessidade urgente do Palacio Monroe, para adapta-lo para a exposição do Centenario. Por isso, a Camara tratou logo de encontrar uma instalação provisoria.

A Camara vai para a Cadeia Velha.

Enquanto lá estiver, será começada a edificação do palacio, na ala principal, voltada para o Ministerio da Viação. Finda a construção dessa ala, deixará a Camara a outra, e, então, será levantada a parte de traz do edificio.

O poder americano

Por todo o mundo vai uma azafama grande para conseguir representação condigna na Exposição. Só a casa Ford, a grande fabrica americana de automoveis, vai gastar um milhão de dollars.

—Os trabalhos do aterro da parte maxima da bahia de Guanabara e do arrasamento do morro estão avaliados em cem mil contos. A venda duma faxa dos terrenos conquistados tem produzido cerca de 80 mil contos.

—A iluminação da Exposição será intensissima e a cores diversas, havendo surpreendentes efeitos de luz.

MUSICA

O grandioso Festival Wagneriano pela Orquestra Blanch

A Orquestra Sinfonica Portugueza dirigida pelo maestro Pedro Blanch é a mais notavel interprete da musica wagneriana, reconhecida como tal por todo o publico que com entusiasmo concorre sempre ao São Luiz nas tardes de domingo; o proximo concerto é um grandioso Festival Wagneriano, em assinatura, sendo executadas as mais celebres paginas das obras de Wagner tais como: o «Parsifal», «Mestros Cantores», «Fausto», «Tristão e Isolda», «Crepusculo dos Deuses», «Siegfried», «Tannhauser», «Cavalgada das Walkirias» pela ultima vez e outras obras, tendo a orquestra consideravelmente aumentada.

PELO TELEGRAFO

A conferencia de Cannes

O tratado anglo-francês

LONDRES, 12.—Foram tomadas decisões definitivas para a realisação do tratado anglo-francês.

Julga-se possivel que a Belgica faça parte do tratado.

Continua a suposição de que a proxima conferencia se realisará nesta cidade em vez de se efectuar em Genova.—(R).

A opinião publica e o tratado entre a França e a Inglaterra

LONDRES, 12.—A opinião publica inclina-se fortemente a favor da proposta para a realisação do Tratado anglo-francês, a qual tem recebido tambem a aprovação dos jornais ministeriais assim como dos parlamentares oposicionistas.

O visconde Grey, que era o ministro dos Estrangeiros ao começar a guerra, e que como liberal independente é um dos membros da oposição na Camara dos Lords, no seu discurso de hontem fez referencia á necessidade da Inglaterra manter estreitas relações com a França. Disse dar plena aprovação ao objectivo que os primeiros ministros da Inglaterra e da França tinham tido em vista nas suas conversações em Cannes. Ao fazer a observação de que em sua opinião a França estava realmente, e não sem razão, anciosa por assegurar o seu futuro, o seu auditorio fez-lhe uma ovação de aplauso. Disse ainda que considerava como desejaveis e essenciais os resultados das conversações de Cannes.

Comtudo a imprensa mostra-se um tanto surpreendida pela critica hostil que o Tratado em questão levantou em França.

Julgava-se, em geral, que ao realisarem-se as conversações de Cannes, com o fim de se chegar a um acordo que defendesse mutuamente os dois paizes, o primeiro ministro britanico interpretava não sómente os desejos da nação ingleza mas tambem os da França. Portanto, a oposição que a imprensa franceza tem demonstrado, está causando um certo desapontamento.

Espera-se, comtudo, que quando fôr bem conhecido o significado dos compromissos tomados por ambos os paizes, essa oposição deixará de existir.

O «Times» liga grande importancia á rapida conclusão do Tratado, que ele declara ser a primeira necessidade do momento.

O «Times» acrescenta que o Tratado, poderá gradualmente receber a adesão de outras nações. Poderá tornar-se um nucleo que ofereça garantias de paz na Europa. Não se concluindo esse acordo pelo qual a Grã-Bretanha garante a segurança da França e a não ser que ele constitua a base duma cooperação entre os aliados, de nada servirá discutir o projecto geral da restauração da Europa.—(R.)

A conferencia do desarmamento

A China e o Japão procuram chegar a acordo

WASHINGTON, 12.—Os representantes da China e do Japão estão tentando chegar a um acordo sobre a questão de Shantung. Uma das condições do tal acordo será a retirada das tropas japonezas que se encontram ao longo da linha ferrea de Shantung.—(R).

A questão irlandesa

De Valera resignou

LONDRES, 12.—O sr. De Valera, que acaba de resignar o seu mandato de presidente da republica irlandeza, declarou depois de ter tomado essa resolução: «Estou enjoado e cançado da politica, tão enjoado que, suceda o que suceder, eu volto á vida privada, absolutamente desiludido. Ha só trez semanas ou um mez que eu conheço bem a fundo a politica, que me enche de nojo».—(Lat. Am.)

A imprensa americana e a atitude De Valera

NEW-YORK, 12.—Toda a imprensa americana é unanime em condenar a tentativa do sr. de Valera para conseguir que o tratado anglo irlandez fosse regeitado. O «New York World» estigmatisa-o de «mestre na arte de armar aos passaros». O «Public Ledger» de Philadelfia publicou um artigo de fundo, intitulado «matando a paz aos pontapés!» O «New York Times» fala da decepção que os amigos americanos da Irlanda sentem pela atitude do sr. De Valera pretendendo reacender o fogo das amargas questões partidarias. As condenações mais acerbas ao sr. De Valera veem dos seus antigos amigos e associados dos Estados Unidos.—(Lat. Am.)

Uma carta

Declarações do sr. Virgilio Pinhão

Sr. Redactor:—Publica «O Seculo», na edição da noite, de ante-ontem, uma entrevista com o sr. Damião dos Santos, actual adjunto da P. S. E.

Não sei qual o fim que o «defensor» do Estado, sr. Damião teria em vista ao fazer as afirmações que fez, só sei que me cumpre o dever, em nome da verdade, da honra, do bom senso e da Republica de declarar peremptoriamente serem falsas, caluniosas e dissolventes todas as afirmações tão levianamente feitas nessa entrevista, quanto ao tempo em que eu servi a Policia da Segurança do Estado sob as ordens dos seus directores, capitão de fragata João Augusto de Madeira, major Joaquim Marreiros e dr. Barbosa Viana, cujos nomes estão, em honra e republicanismo, muito acima do sr. Damião dos Santos para que os possa atingir.

O que tenho a dizer é longo e carece de algum tempo para as devidas provas.

Reservo-me os direitos de repelir quaisquer insinuações dessa entrevista se é que a mim se referiam, e, em nome da verdade e da honra alheia e propria que o sr. Damião tão pouco presou, vir a publico com declarações e detalhes que o bom senso e o dever profissional me teem obrigado a calar. Então se ficará vendo o que o paiz e a ordem devem á P. S. E., as dedicações e sacrificios que este organismo tão alvejado pelos inimigos da Republica e da Ordem, tem tido no seu seio; a luta que ela tem sustentado contra os proprios elementos oficiais, e ainda a facilidade com que certos elementos propagandistas do bolchevismo e negociadores de campanhas escuras e outras coisas conseguem dissolver a familia republicana e os orgãos de defeza da Sociedade e da Republica.

Esperando dever a fineza de v. da publicação desta carta me confesso de v.—Virgilio Ribeiro Pinhão, ex-adjunto da P. S. E.

POEIRA DA ARCADA

Foi nomeado Governador Civil substituto de Vizeu o sr. Francisco Ribas de Souza, director da Escola Comercial de Vizeu e amigo politico do sr. Presidente do Ministerio.

—Amanhã de tarde ha conselho de ministros, para exame do problema eleitoral e continuação do debate sobre questões de administração publica, especialmente pelas pastas do Comercio, Agricultura e Estrangeiros.

—Os funcionarios superiores da direcção geral de estatistica procuraram hoje o sr. presidente do ministerio a quem solicitaram que desistisse do seu pedido de exoneração de director geral daquele organismo.

O sr. Cunha Leal agradeceu a manifestação e declarou que sustaria o pedido até pensar e resolver sobre o caso.

— Pelo vapor «Aguila» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira e Las Palmas, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 10.

Duqueza do Porto

Ao Hotel Avenida Palace, voltou hoje o sr. Marrecas Ferreira, que ali foi convidar a sr. duqueza do Porto, afim de conferenciar com o sr. presidente do Ministerio, sobre a organisação das solenidades a efectuar, pela chegada do cadaver de D. Afonso de Bragança.

Na Associação Lisbonense dos Proprietarios

Reunião dos construtores de casas

Na Associação Lisbonense dos Proprietarios, reuniram esta tarde os construtores de predios para acordarem nas reclamações a apresentar ao Governo e ao Parlamento no sentido de suavisar as dificuldades que veem atravessando de modo a não terem dentro em pouco quem alugue ou compre os predios ultimamente feitos.

Depois do sr. Carvalho da Silva detidamente expôr a actual situação criada ao proprietario e lembrar o numero de reclamações a fazer junto do Governo, dirigiu-se essa numerosa comissão ao Ministerio das Finanças para se avistar com o respectivo ministro.

ULTIMA HORA

POLITICA

Manobras infelizes para se conseguir o adiamento das eleições. O ministerio do Interior é absolutamente adverso a tal providencia

Tem se feito circular o boato dum adiamento das eleições, marcadas para 29 do corrente. Nós mencionamo-lo, por dever de oficio Estamos agora habilitados a revelar as origens e propositos a que obedeceu a manobra politica, iniciada pela propagação do boato e não tendo atingido, até hoje, o fim a que se propunham os manobradores da intriga. Eis uma parte do que sabemos,—a parte aproveitavel sob o ponto de vista noticioso.

Alguns politicos querem forçar o governo (ou, mais propriamente, o ministerio do Interior) á decretação do adiamento eleitoral. Já, para tal fim, se fizeram diligencias tendentes a fazer supurar um novo tumor revolucionario, semelhante aquele que se resolveu pelo celebre movimento das espadas, de tão infeliz memoria.

O ambiente militar não foi favoravel á manobra, que tinha por centro o sr. General Gomes da Costa, talvez até com desconhecimento de tão ilustre cabo de guerra. Abandonado, pois, este expediente, graças ao espirito de disciplina que ganha terreno, todos os dias, nas classes armadas, os intrigantes procuraram imiscuir-se arteiramente nos meios operarios, incitando ás greves, sempre perturbadoras da economia geral e, porventura, embaraçadores da acção governamental. Dizem-nos, a proposito, que se teem efectuado reuniões, a que não é estranha a anunciada greve da viação electrica, que certos politicos pretendem aproveitar como ponto de partida para uma agitação operaria que force o governo á adopção de medidas de repressão para a manutenção de ordem publica.

O ministerio do Interior, que está informado de toda a intriga mantem intacto todavia, o seu ponto de vista primitivo e que, em ultima analise, se seduz a esta formula: fazer as eleições no dia 29 do corrente, interessando-se por elas simplesmente no sentido de melhorar a massa geral dos legisladores.

O sr. Cunha Leal não quer o adiamento eleitoral. Tivemos ocasião de o interrogar ácerca das informações que damos acima, mas não obtivemos do presidente do Ministerio nenhuma confirmação ou desmentido. Ele guardou o que sabe e nós dizemos apenas uma parte do que é do nosso conhecimento, obtido em fontes de informação que nos merecem o mais absoluto credito. No que repeita, todavia, aos boatos dum novo adiamento eleitoral, o sr. Cunha Leal foi preciso nas suas declarações, que nós resumimos assim:

—Não consentirei no adiamento eleitoral. Ou faço as eleições no dia 29 ou não as faço, por já não pertencer ao governo da Republica. A minha intransigencia, a tal respeito, é absoluta. Nem com uma revolução na rua assignarei o decreto adiando o acto eleitoral. E, digo-lhe isto: emquanto me restar um atomo de força material ou moral (talvez me baste, apenas, a força moral da confiança do Chefe do Estado) as eleições hão-de realisar-se. O programa do governo é, aliás, isso; manter a ordem publica e fazer as eleições.

Em vista de tão categoricas afirmações, não temos senão que concluir pela insubsistencia dos boatos que dão como possivel o adiamento da consulta ao eleitorado nacional no proximo dia 29 do corrente.

D. Virginia Quaresma

Procurou-nos a nossa ilustre colega, sr.ª D. Virginia Quaresma, a pedir-nos que declaremos que é absolutamente estranha á apreciação que ontem fizemos acerca do comissariado da exposição do Rio de Janeiro.

Não precisava a sr.ª D. Virginia Quaresma que nós fizessemos essa declaração, pois que a direcção de «A Capital» não abdicou ainda seja em quem for, dos seus direitos.

A sr.ª D. Virginia Quaresma tem comnosco muito boas relações de amisade mas ha muito tempo que não nos honra com a sua colaboração. Além destas relações de amizade tem comnosco as mesmas ligações que mantem com toda a imprensa portugueza.

A apreciação que ontem fizemos do comissariado do Rio de Janeiro é de nossa inteira responsabilidade como tudo quanto se escreve no nosso jornal.

Briand regressou a Paris

PARIS, 12.—De regresso de Cannes chegou pelas 9 horas da manhã o sr. Briand.

TEATRO

Primeiras representações

TEATRO CHIADO-TERRASSE — O juiz de fóra — 3 actos. — Adaptação liberrima de André Brun.

A peça

O Chiado-Terrasse cuja pequena companhia tem feito o que humanamente é possivel para agradar e conquistar o publico de Lisboa, conseguiu ontem, com uma grande honestidade, um notavel sucesso com a primeira representação do «vaudeville» «O juiz de fóra» que André Brun, a'dtou com os seus conhecimentos de teatro excepcionais, o seu espirito cheio de sintilação parisiense, e paradoxalmente a sua bela graça bairrista, muito nossa, muito aqui da Praça da Alegria, muito da Lisboa pessoal e intransmissivel.

Girando em torno duma fragil urdidura, «O juiz de fóra» são tres actos leves, onde flutua o trocadilho, e que se ouvem sem preocupações e sem fadiga.

O que ali vale é, sobretudo, a facil dialogação, bem natural e flagrante, a leveza e movimentação das figuras, e esse sentido que André Brun possue numa graça superior de fazer teatro moderno, desempoeirado e elegante, vivo, saboroso, equilibrado.

O desempenho

Distribuiu-se pela Companhia de Luz Veloso toda a representação do «juiz de fóra» e podemos sinceramente aplaudi-la, pois com os elementos que ela dispõe melhor não era possivel fazer-se.

Luz Veloso foi excelente na «Helena» muito bem estiveram as suas companheiras, sem excepção.

Dos homens Teodoro Santos foi o excelente actor de sempre, criando um tipo cheio de naturalidade que fica bem na sua galeria. Joaquim Miranda esteve muito á vontade no «primo Pacheco». E' um actor que marca cada vez melhor o seu logar. Gostariamos de o ver tambem em papeis de galã, pois da sua passagem pelo Avenida temos uma bela impressão. Agora, sem favor, tem os nossos aplausos.

Zenoglio teve a parte mais comica da peça. Tirou um partidão. Está ali um actor comico de recursos. No dia em que não exagerar tanto e tiver o dominio sobre si de forma a não acompanhar a plateia, será notavel.

Froes foi muito alegre e cheio de vivacidade.

Scenarios, «toilettes»

Os scenarios passaveis, embora de certo mau gosto. Detestavel por exemplo a junção da mobilia azul do 2.º acto com as paredes encarnadas da scena.

A «Garçonière» podia ser um pouco mais elegante, já se não podem ver os quadros fingidos.

As «toilettes» de Luz Veloso muito interessantes, e as outras quasi todos boas.

Resumindo: o publico, supremo juiz do «Juiz de fóra» absolveu-o, e os criticos, mais ou menos delegados desse ministerio publico, absolveram tambem.

A audiencia teve uma enchente e André Brun poude sair em liberdade.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

E' amanhã definitivamente, que sobe á scena no Nacional, em 4.ª recita de assignatura, a peça hespanhola, em 3 actos, dos Irmãos Quintero, tradução do dr. Alberto de Morais, «O Centenario», que vai ser posta com a maior propriedade, com cenarios de Campos d'Oliveira, guarda roupa da Empreza de Materiais de Teatro, e protagonista desempenhado por José Ricardo e os demais papeis por Ilda Stichini, Augusta Cordeiro, Joaquim Costa, Rafael Marques, Acacio Reis, Laura Hirsch, Ana de Oliveira, Luiz Leitão e Jorge Grave.

—Alem dos dois primeiros actos das peças «Medico á força» e «Burguez fidalgo», tambem se representa na noite de 18 do corrente, no Nacional, data do tri-centenario de Molière, a peça do mesmo escritor «Sabichonas», desempenhado por artistas deste teatro.

—No Apolo estão marcadas para este mez, as seguintes recitas:

Dia 20—Justina Magalhães, actriz;
» 21—Vila Nova, chefe de claque;
» 23—João Santos, ponto;
» 25—Rosa Mateus, ensaiador;
» 28—Maria de Lourdes, cantora;
» 30—Dora Vieira, atriz,

Para todas se preparam programas especiais.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Em S. Carlos, terceira representação dos «Huguenottes», festa do Teatro de S. Luiz dos autores de «A Moreninha» D. José Paulo da Camara e Sousa d'Oliveira.

AMANHÃ—4.ª recita de assinatura e primeira representação da peça «O Centenario» dos irmãos Quinteros.

—No Eden-Teatro festa artistica do actor Nascimento Fernandes, quadro novo, «1922» no «Tic-Tac» e reposição do quadro «Pax» da revista «O Novo Mundo».

—Reaparição de Luisa Satonela no Teatro Avenida, na opereta «O Toureador».

SABADO—Festa artistica de Lucinda Simões no Teatro Politeama com as peças «Declaração» e «Idilio de Velhos».

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES AO BORRALHO

A mulher deve ou não ser garrida, deve ou não «coquetter»? Acho que sim. Toda a mulher deve ter um bocadinho de garridice, dessa garridice simpatica e isenta de toleima para a qual a nossa lingua tem uma linda palavra «faceirismo», que deixamos cair em desuso indo buscar ao estrangeiro um termo que aportuguesamos em «coquetismo» Coisas nossas! Os brazileiros que teem mais amor á sua lingua que nós á nossa conservam-na muito mais pura e nos seus livros vamos encontrar muitas vezes termos expressivos que nós só empregamos como archaismos.

Mas onde eu já vou, meu Deus?

Bem se vê que sou mulher e que estou refletindo. As reflexões da mulher são como a eternidade, não se lhes conhece o principio nem o fim.

Voltemos á «faceirice»

Quando digo que a mulher deve ser «faceira» não quero tratar de manobras grosseiras e levianas para atrair os olhares oferecendo-se á adulação do primeiro que chega por meio de momices e de afectações.

Não, isso não, isso seria abaixarnos aos nossos proprios olhos. O que eu entendo por garridice é cultivar o nosso «eu» tornando-o agradavel, espirituoso, culto de fórma a que agrade não só aos olhos como ao espirito.

A falta de limpesa fisica, o desmazelo é uma coisa terrivel para os homens mas não é menos terrivel um espirito inculto e arido, futil e insignificante que não se interessa senão por bagatelas e trapos.

Toda a mulher deve dispôr de duas a tres horas por dia para a sua «toilette», claro está que não me refiro ás mulheres que trabalham, essas coitadas teem de se resumir a estar limpas e arranjadas, falo das que teem todo o seu tempo livre e que não teem desculpas para que o seu corpo não esteja bem tratado e o seu fato muito cuidado.

Não veja tambem nada de repreensivel no desejo da mulher de se embelezar, procurando pôr as coisas que melhor lhe fiquem ao parecer, recordando-se que em geral a porta do coração são os olhos, mas depois lembremo-nos tambem que o coração precisa de alimento e que a «dispensa» da maior parte dos homens é o espirito; tratemos pois, de nos preparar, cultivando o nosso, a alimentar-lhes o coração.

Esse garridice de parecer bem; de fazer com que o homem sinta a influencia benefica da mulher, chega a ser uma virtude e não um vicio, como o excessiva austeridade de algumas chama severamente ao coquetismo feminino.

FRIOLEIRAS

A historia do cachimbo

Agora clama-se muito contra o fumo e contra os seus maus efeitos mas o fumar é quasi tão antigo como o mundo.

Nas excavações teem-se encontrado cachimbos de ferro das epocas prehistoricas e entre os romanos tambem estava em uso o cachimbo de ferro e de bronze porem a diferença é que não se fumava nesses tempos tabaco mas sim raizes de diferentes plantas cogumelos venenosos, opio e outras substancias egualmente bem toxicas.

Os portuguezes foram os primeiros que aprenderam a fumar a planta do tabaco, e Jean Mist, embaixador de França em Lisboa, nessa epoca levou o costume para o seu paiz quando ai regressou tendo-se espalhado mesmo nas camadas inferiores. Luiz XIV dava a cada soldado um cachimbo e uma isca pois dizia que o soldado quando fumava esquecia a fome.

No seculo XVIII o cachimbo dá logar á caixa do rapé mas o romantismo tral-o de novo tornando-se então a decima Musa a quem se pede o Sonho e a Inspiração.

Hoje, especialmente depois da guerra europeia, o cachimbo faz parte da «mobilia» de todo o homem.

CONSELHO PRATICO

Como se experimentam ovos

E' muito conveniente saber se os ovos estão bons ou não antes de se partirem. Ha uma maneira infalivel de os experimentar: é mete-los numa solução de agua salgada; uma parte de sal e duas de agua.

Se os ovos mergulharem ate ao fundo e ficarem ali horizontalmente é que foram postos 36 horas antes. Se são mais antigos os ovos não chegam ao fundo, ficam entre duas aguas com uma leve tendencia a endireitarem-se pela extremidade mais larga. Quanto mais direitos ficarem menos frescos estão e quando tomarem a posição perfeitamente vertical é porque não estão bons.

MEDICINA CASEIRA

Os bacilos da tuberculose

Os medicos descobriram que todo o rapaz que vive na cidade adquire pelos 15 anos o bacilo da tuberculose mas se as condições de vida forem higienicas não tem importancia o caso porque é uma especie de vacina.

Porém o que é preciso é evitar a todo o custo a excessiva fadiga porque isso muitas vezes provoca a tuberculose ou prepara o terreno para a infecção.

Bom alimento, bom ar e passeios regulares são um grande preventivo contra a tuberculose.

HIGIENE DA BELESA

Para endurecer as gengivas

O sumo dos agriões é muito eficaz para as fortificar. Faz-se um cosimento muito forte de agriões e lava-se todos os dias a boca com esse liquido.

GULOSEIMAS

Pudim de créme

Este pudim deve ser preparado de vespera.

Tomam-se um certo numero de biscoitos «La Reine» e vae-se formando-o dois e dois metendo-se-lhe recheio de doce de pecego ou de framboezas. Colocam-se em camada numa fórma de porcelana e depois cruza-se nova camada de biscoitos, regando-se de rhum ou de qualquer licor. Alterna-se assim os biscoitos e o licor até encher a forma. Depois cobre-se com um prato, pondo-se-lhe por cima um peso para acamar o pudim e deixa-se um dia em sitio fresco.

No dia seguinte tira-se da forma e cobre-se com um créme feito de tres ovos, meio litro de leite, 1 chavena de assucar e algumas gotas do licor que se poz no pudim. O créme só deve ser posto depois de bem frio e no momento de servir.

PENSAMENTOS

Amar é bom. Ser amado é ás vezes uma tremendissima maçada.

Forjaz Sampaio

A inferioridade da mulher é o coração.

AFONSO DE BRAGANÇA

MUSICA

S. Carlos

THAIS

O sucesso que ontem obteve em S. Carlos, em 3.ª recita de assinatura extraordinaria, a primeira representação do Thais de Massenet, andou em volta de quatro nomes: Mireille Berton, Formichi, Pedro Blanch e René Bohet.

O publico que, dia a dia, mais vai enchendo a vasta sala engalanada, aplaudiu com calor e até algumas vezes um pouco fóra do momento proprio. Mireille Berton recebeu flores, flores das quais, num rasgo de gentileza, algumas pétalas atirou sobre a platéa, algumas rosas sobre René Bohet.

Mireille Berton é uma artista que possui as qualidades indispensaveis para nos poder dar uma Thais que seja na verdade Thais, a baiadeira, a provocante, que depois vem morrer numa atitude espiritual de elevação.

Esguia, elegante, coleante, foi, fisicamente, uma Thais cujo encantamento se compreende.

Possuindo uma linda voz, senhora duma tecnica perfeitissima, cantou muito bem, plena de intenção, a sua parte. Disse admiravelmente toda a scena da morte.

Mas onde Berton foi maior, onde tocou a linha da perfeição foi na maneira como representou, como encarnou, como interpretou essa figura delicada de Thais:

Logo na entrada no 1.º acto ela marcou deliciosamente a figura de Thais.

A scena da sedução, feita por ela, deu-nos a impressão real da Thais, baiadeira e provocante. Berton soube dançar, teve requinte nas suas atitudes.

Mas onde mais ainda nos agradou foi na «Meditação.» Sem cair no exagero sempre perigoso, revelou-nos todos os cambiantes duma alma. Teve expressões duma felicidade enorme. Quando, já convertida a uma fé que a divinisava quasi, Mireille Berton transforma-se por completo. E' outra a sua mascara. Foi uma grande Artista.

Formichi, «Atanael», tem nesta opera a maior criação dos que entre nós representam. Confirmando os seus creditos de baritono, possuidor duma voz cheia de encantos, que ele conduz admiravelmente, veio juntar á sua Arte os dotes dum actor cheio de honestidade, de verdade na maneira como interpreta os seus personagens.

A maneira como realisou a figura de «Atanael», cingindo-se á criação do autor, preparando no final 5.º quadro a interpretação da scena ultima da morte de Thais, a expressão, a atitude que o domina ao dar na boca da mulher que ele purificara o beijo sensual que o torturava, o modo como faz a saída de scena, merece uma referencia especial.

Blanch dirigiu muito bem a orquestra que teve ontem um grande direito aos aplausos do publico.

René Bohet, admiravel no solo da «Meditação» que teve de bisar, mostrou mais uma vez as suas raras qualidades de violinista.

A sr.ª Conde, Prati e Griff, muito bem. Sturt e Stegani bem. Côros muito bem, bailados um pouco incertos, sendo correcta a primeiro bailarina Pratolongo. Scenarios deixando um pouco a desejar.

B. C.

SPORT

Diz o «pontifice maximo», sobre o combate do coliseu que «no 4.º round Ruivo parece cançado, no 7.º round, o cansaço de ambos começa a ser evidente, no 8.º round, fadiga visivel de ambos, no 11.º round ambos se manteem dificilmente, no 12.º round o mesmo aspecto de esgotamento e Ruivo combatia, no 13.º round a mesma fraqueza mutua, no 15.º round encostam-se mas não batem.

Emfim prova-se que tanto um como outro, não estavam preparados para um combate longo, e é o que se deduz da prosa vernacula do «magister» do «box».

Mas de repente desdiz tudo quanto escreveu, e termina as suas observações dizendo que: «Provaram levando o combate até ao fim, que se prepararam com cuidado».

Bolas para tanta ciencia...

◆ ◆ ◆

Falando sobre a arbitragem, diz que esta foi correta, mas observa que «Ruivo bateu com a mão aberta, que Ruivo bateu baixo uma vez, que houve faltas de ambos, e que Ruivo encostava a cabeça, o que é uma classica falta. Ora como o artista não interveio durante essas faltas, vê-se que a arbitragem foi indolente, e não correta como diz o «bonzo».

Parece-me que «Caleiro», resuscitou.

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

ESGRIMA

CAMPEONATO DE FLORETE

Realisa-se no sabado e domingo no Ginasio Club Portugues, o campeonato nacional de florete.

O juri do torneio, que reuniu hontem, registou as seguintes inscrições:

Ginasio Club Portugues—Francisco Oliveira-Saturio Paiva; Carlos Barros-Albano dos Prazeres; Armando Baily-Eloy Pereira; Ateneu Comercial de Lisboa, Xavier Botome-Mayor dos Santos, Antonio Montez; Centro Nacional de Esgrima—Carlos Barelo-Jr. Manuel Queiroz, Daniel Oliveira Fonseca, Mendonça; Caixa Escolar do Liceu Passos Manuel—Gonçalves Gaia-Manuel Pinto; Lisboa Ginasio Club—Carlos José dos Santos.

A entrega dos premios far-se-ha no domingo, seguindo-se um baile dirigido pelo sr. Magalhães Pedroso.

O juri da prova será presidido pelo sr. Frederico Paredes e constituido pelos delegados das salas concorrentes.

A entrada é feita por convites.

SPORT ALGÉS E DAFUNDO

No proximo sabado realisa-se no Palacio da Conceição em Algés a distribuição de premios do Sport Algés e Dafundo aos vencedores das provas de natação, remo e vela que aquele club organisou na epoca finda.

LISBOA GINASIO CLUB

No Lisboa Ginasio Club vai realisar-se brevemente a assemblea geral ordinaria.

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

XII

O grande rico é como o grande suino que fossa sempre em todas as imundicies para mais engordar as suas banhas superfluas!

Condena me que eu rio! Já vi as seis mil cruzes da Campina e o sofrimento tornou-se-me familiar...

O vencedor, ardendo em odio, viu que o centurião o arrastava pela tunica, o conduzia, sob o olhar imperioso de Remigio que, numa explosão, bradava:

—O maroto tem a frase lapidar... Perdeste um grande secretario.

—Um completo patife!... Mas quero ve-lo a contorcer-se...

—Isso é indigno de ti! Os primeiros suplicios são iguais... Vais assistir ao derradeiro... Quero mostrar-te a sua fantasia aplicada á sua hora final.

Desce e fe-lo subir para a liteira, mandou que caminhassem de vagar, por entre os ciprestes, para a banda do lago entulhado tornado num paul florido. Havia impaciencia nos olhos do «dives» que só socegou quando viu Felux, quasi arrastado pelos soldados, as mãos escorrendo sangue, os pés deixando no caminho tambem um sangrento rastro, trasido assim, torturado, arrancado do madeiro, que não se chegara a altear mas onde o tinham pregado.

Era um farrapo embebido em sangueira e miseria, um horrivel destroço a procurar equilibrar-se em frente do antigo senhor, levado até ali sem compreender o que queriam eles dele para assim lhe salvarem a vida ou antes lhe prolongarem o martirio.

Começava, porem, a entender; levavam-no até á orla do paul florido de abroteas, os seus pés chagados afundaram se e logo os seus joelhos, por fim as suas mãos feridas, procurando apoio, sumiam-se loivando de vermelho a lama pestilenta que os escravos deviam exgotar.

Uma risada funda saía da garganta do soberbo rico que, dizia a Remigio, com um ar agradecido:

—Quizeste aplicar-lhe a imagem... O suino agora é ele que vai fossar nas imundicies.

—Enganaste—exclamou uma voz dolorida do meio das lamas que se abriam para o tragar, o sorviam até aos cotovelos como uma abertura infecta de cloaca.

—Cada um morre como quem é... Tu morrerás fossando; eu acabo cantando aquilo que tu nunca entendeste. Versos de Homero, oh! suino que queres gorduras superfluas!... Não vos digo no teu hediondo latim porque perderiam a grandiosidade!

Foram as palavras do grande poeta contra ... atidão que saíam dos seus labios:

«Que eles sejam desherdados de toda a recordação e que sofram as penas devidas aos que insultam a desgraça e repelem o indigente. Eu saberei de coração firme suportar o destino que os deuses me deram ao infligirem-me a existencia. Já meus pés impacientes me arrastam...»

Só restava no pantano a cabeça tambem ensanguentada; da lama rara saía a voz dolorida do vate que assim se finava no lodo dizendo versos de infinita beleza:

«Já os meus impacientes me arrastam por si proprios para longe desta cidade ingrata...»

Abriu-se mais a lama, depois quando um ultimo sorvo guloso daquele paul o engulio, houve um borbulhar, um ruido, o gorgolejar da superficie munindo-se sobre a presa que acabara numa visão radiosa murmurando os versos de Homero e afogada num pantano; toda a beleza do ceu e toda a porcaria da terra, a alma numa ancia de graça o corpo na maxima podridão!

Tambem na sua ultima hora, ele julgou vêr as cruzes nos seus pedestais altos ensombrando a Campania e numa que pairava, feita de luz, um revoltado lindo, contorcido, a morrer em nome da humanidade. Era, na agonia, a extranha visão do supliciado 71 anos antes da vinda á terra do que seria o assombroso rebelde que da ternura e do bem faria nascer uma alma nova num mundo velho.

Crassus parecia ter ficado meditativo; depois erguia a cabeça para a voltar, num assomo de pasmo, ao apontar a Remigio o lago das moreias em cuja superficie boiavam duas creancinhas abraçadas, mortas, Elio e Junio, o patricio e o escravo que a revolução unira e o supremo fim soldara no seu derradeiro amplexo. Avidamente as moreias grossas achegavam-se; e lá de cima, no lago morto no pantano do suplicio, abroteas e malmequeres esteiravam d'ouro e prata o paul do martirio.

Um grande berro soou; Haneck o centurião, ancioso duma recompensa, gritava:

—Crassus, oh! «dives!» E' o triunfo! O Senado chama-te, oh! «dives!»

As belfas do rosto do grande rico tremeram; os seus olhos encheram-se dum brilho intenso, viu, fulgurante e dominador, a sua voz subiu, desdenhosa, importante, enjoada:

—Vamos lá a receber esse triunfo de Roma! Deve lá fazer agora muito calor!

Foi, com efeito, no fim do verão, quando pairava o mau cheiro na cidade, que ele passou para o Capitolio, com a cabeça e os hombros embandados de vermelho. A turba aclamava-o. A' frente marchavam os senadores revestidos nas tunicas brancas franjadas de escarlate, a «latus clavus,» botas até meio da perna, com a sua meia lua de prata e logo as trombetas de guerra e os instrumentos marciaes num alarido soavam num clamor formidavel, ante os aplausos do povoleu ao consagrado.

Os carros de guerra, que deviam conduzir os despojos do inimigo, apenas traziam as armas pelos rebeldes tomadas aos romanos e agora deixadas no campo, e os escudos alteados, em cujas placas era costume inscrever os nomes das cidades conquistadas, representavam só regiões revoltadas e que os escravos tinham ganho á republica; avolumavam-se carros guerreiros, as torres, o material de assalto, dourado, prateado, luzindo como soes e um bando de vencidos com as cadeias bem presas nos pulsos, caminhava conduzindo lobos, ursos, e grandes cães negros encadeados tambem. Eram os escravos mais importantes apanhados na Campania, terra de punição, onde as seis mil cruzes estendiam uma vasta e estranha sombra, os de Silarus, e de Bratium, de Nola e Nuceria gente de Petelia, de Strangoli, da Lucania á crucificação destruada apoz o cortejo. O lictares arvoravam as seus machados cercados de varas de carvalho e no carro redondo, puxado por quatro cavalos brancos, Crassus, apareceu de pé, vestido na toga triunfal de ouro, purpura palmas bordadas; mostrava-se aos romanos que lhe gritavam o nome, ás prostitutas que o aclamavam, a multidão dos que esperavam a distribuição do trigo ou que lhe agradeciam a salvação da propriedade. Os principais oficiais, montados em explendidos cavalos, acaudilhavam o triunfador e os legionarios fechavam o cortejo scentilante, á luz suave, as armas, os capacetes e as couraças.

Salvé, Crassus! clamava-se; Salvé «dives» oh! Crassus!

E ele, hirto solene, grandioso como um idolo, mal olhava essa turba que o saudava e á sua gloria e á sua riqueza.

(Continua)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

TEATRO CHIADO TERRASSE — HOJE — **O Juiz de fóra** — Comedia em 3 actos de ANDRÉ BRUN

N.º 3977-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 13 de Janeiro de 1922 | Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Tarifas ferro-viarias

Ha estimaveis pessoas que se dedicam, muito intensivamente, ao estudo de maior proveito a tirar das sementes oleaginosas, não descurando, ainda por cima, o problema do desenvolvimento das associações de classe. E depois de terem sondado as estopinhas e queimado as pestanas sem terem encontrado o valor das incognitas, ainda teem tempo para nos censurarem a sanha que pomos na defeza do publico contra novas extorsões, todas elas destinadas, por fatalidade, a tornarem mais tormentosa a vida das classes pobres, pelo encarecimento progressivo e interminavel dos generos alimenticios. Pois (em que peze a tais luminares, tão desinteressadamente censores) nós reincidimos no proposito já expresso e não temos pejo algum, antes pelo contrario, em terminantemente o declarar.

As tarifas ferro-viarias foram ao montadas com um acrescento, que tão apressadamente foi projectado pelo ministerio do Comercio, e já está dando os seus mirificos resultados: a vida encarece diariamente. E quem paga tudo é, em ultima analise, o consumidor, que não pode banquetear-se nos restaurantes luxuosos da cidade e já não sabe que contas dei tar á vida para atar as duas pontas da sua amargurada economia domestica. Permitir-se um aumento de tarifas que pode ir até 300 °/₀ é castigar as populações com a elevação correspondente dos preços do que é indispensavel para ir entretendo o estomago, cada vez mais esfomeado, da grande massa da população, todos os dias, aliás, escarnecido publicamente com o espectaculo do luxo imoderado dos banquetes pantagruelicos com que se cevam os felizes da sorte e da fortuna. Essas é que não teem pejo nem compreendem os perigos de tão mau exemplo...

E' certo que a lei (que já publicamos) exceptua do aumento das tarifas os generos de consumo. Que diabo se entenderá, na execução do decreto, por esta vaga expressão de generos de consumo? Em nela se compreende tudo quanto se transporta por caminhos de ferro, visto que tudo é para consumir, ou então não se exceptua coisa alguma, porque não ha forma de distinguir se tal ou tal mercadoria é ou não é de consumir. E ainda que o aumento tarifario não incidisse sobre generos alimenticios (o que não se verifica, no caso que se está examinando), a ação reflexa da incidencia do aumento sobre o transporte ferroviario dos restantes mercadorias far-se-ia fatalmente sentir na elevação do preço dos generos alimenticios de primeira necessidade.

Diz-se, muito gratuitamente, que o problema não admitia senão a solução do aumento tarifario concedido ás emprezas ferro-viarias. Isso é o que resta provar! Desde que as questões que mais interessam ao publico são resolvidas (admitamos que tambem são estudadas...) no segredo impenetravel dos gabinetes ministeriais, os interpretes da opinião publica não possuem elementos para julgar a favor dos apressados estadistas, antes ficam habilitados a presumir que eles erram, se não por falta da visão intelectual, ao menos por escusada precipitação de movimentos.

Os trigos

Ao governo vai ser presente uma nova proposta de fornecimentos

Sabemos que um «consortium» financeiro apresentará brevemente (se já não apresentou) uma proposta para fornecimento, ao Estado, de trigo exotico, em quantidades grandes, com pagamento a prazo, etc.

Não é importuno dizer que a proposta a que nos referimos se baseia, nas suas linhas gerais, em condições semelhantes áquelas que se tornaram do dominio publico, quando se ventilaram a «Questão Pinder», durante o primeiro ministerio Granjo, e o «Misterio dos 50 milhões», na vigencia dos governos Antonio Maria da Silva e Barros Queiroz.

Quintanista de medicina

Os alunos da Faculdade de Medicina visitaram ha dias o Laboratorio Farmacologico e verificaram que o «Lipobiase» é uma preparação agradabilissima de tomar, apesar de conter 60 % de oleo de figado de bacalhau. Peçam este produto excelente a Roul Vieira L.da Rua do prata 51.

BRINDES

Da «Eletro vidreira» recebemos seis calendarios para o ano corrente que muito agradecemos.

—Do sr. Ernesto Mosquita Costa, agente de seguros maritimos, terrestres e de vida, Estrada de Bemfica, 640, recebemos dois calendarios para 1922. Os mesmos agradecimentos.

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

O velho funcionario continua o seu depoimento

A administração do Instituto de Expansão Economica é autonoma. Assim, o «propulsor de toda a nossa actividade» tem um orçamento proprio. Vamos a ver como ele é organisado.

Diz o artigo 221 que as despesas do Instituto são cobertas por:

a) Receitas proprias;

b) Donativos de quaisquer associações, sociedades ou particulares;

c) Dotações inscritas nos orçamentos dos ministerios dos Negocios Estrangeiros, Comercio e Comunicações, Agricultura e Colonias.

Quais são as receitas proprias do Instituto? Di-lo o artigo 222:

a) O produto da venda das suas edições e pu'licações;

b) O produto das consultas e informações que, nos termos regulamentares, não sejam gratuitas;

c) O rendimento das suas oficinas.

Antes de ir mais longe é preciso explicar que este Instituto de Expansão Economica, que mais parece ser um instituto de socorros a naufragos, alem das suas funções burocraticas, exercidas na sua séde e nas agencias espalhadas pela provincia, de organisar feiras e certames, por esse pais fóra, nas quais não faltarão por certo as barracas com farturas e os cascos de vinho em carros de bois, se darão sessões de animatografo, e porventura se mostrarão ás turbas o boi com um braço no pescoço, a mulher eletrica e o atleta que levanta duzentos kilos no dedo polegar (—E' entrar, meus senhores, é entrar! Quem não tem cabeça não paga nada!) — tambem terá oficinas graficas, expressamente montadas, nas quais se executarão todas as publicações do ministerio e todos os impressos destinados aos respectivos serviços. Quere dizer que o Estado vai criar uma nova Imprensa Nacional para competir com a já existente. Não se descortinam muito bem as vantagens economicas de tal medida, sobretudo se atendermos a que, para se instalarem oficinas graficas que possam executar os multiplos trabalhos exigidos por publicações oficiais, com os seus mapas, os seus diagramas, as suas gravuras, as competentes maquinas para as imprimir e brochar, etc.,—é necessario empatar um capital que, no actual momento, deve orçar por centenas de contos.

Porventura o produto da venda das publicações oficiais e o rendimento das oficinas darão, ao menos, para cobrir esta prodigalidade? Mesmo que assim fosse, isso não a justificaria, desde que existe a Imprensa Nacional com todos os seus serviços devidamente montados. Mas o pior é que tal hipotese nunca se poderia dar.

E a demonstração é simples: noventa por cento, pelo menos, das publicações oficiais do Ministerio são distribuidas gratuitamente, e quanto aos impressos são em tão diminuta quantidade que representariam para o efeito uma gota de agua no oceano de orçamento privativo.

Temos, portanto que dos trez grupos de receitas proprias do instituto, dois de nada valem. Vamos ao terceiro. E' «o producto das consultas e informações que nos termos regulamentares não sejam gratuitas». Não está ainda publicado o regulamento e, por isso, ignoramos quais serão as tais consultas e informações que os interessados terão de pagar. Mas não devem ser muitas, porquanto é de uso no nosso pais, como em todos os outros, o Estado fornecer gratuitamente aos interessados, nacionais ou estrangeiros, todas as informações de caracter economico que lhes possam ser uteis; porque disso tambem advem vantagens para o proprio Estado.

Daqui resulta que todas as receitas proprias do instituto não chegam para mandar cantar um cego. Mas ha outras. Por exemplo: os «donativos de quaisquer associações, sociedades ou particulares». Destas pode dizer-se que «esperem por elas...»

Supõe-se, então, que os interessados — agricultores, comerciantes e industriais que teem ganho rios de dinheiro á sombra das consequencias da guerra e que saltam como tigres logo que se lhes fala em aumento de impostos—são tão generosos que vão contribuir para despesas que, apesar de feitas em seu proveito, eles sabem antecipadamente que serão pagas mesmo sem a sua contribuição? Ninguem supõe tal, é claro, nem sequer os tecnicos que com isto pretendem apenas, como em tudo o mais, lançar poeira nos olhos do publico.

Conclue-se, portanto, que as unicas receitas efectivas e certas com que o Instituto conta são as dotações dos ministerios dos Estrangeiros, do Comercio, da Agricultura e das Colonias. E cá chegamos onde queria chegar: que é ainda o Estado o bode expiatorio das expansibilidades do gabinete tecnico. São mais uns tantos centos de escudos que sairão dos cofres publicos quando deviam sair das algibeiras dos interessados—os ilustres cavalheiros que nos ultimos anos não teem feito outra coisa senão escravisar e empobrecer este desgraçado país.

Na Academia das Sciencias

A posse do sr. dr. Julio Dantas—Homenagem a Braamcamp Freire—O discurso do sr. dr. Antonio Baião

Como ontem dissemos, o sr. dr. Julio Dantas tomou posse do cargo de Presidente da Academia das Sciencias de Lisboa.

O eminente homem de letras foi muito cumprimentado por todos os academicos presentes, entre os quais se viam alguns, como o sr. Ramiro Dias, que ha muito tempo não compareciam ás sessões.

Na sessão de ontem prestou-se sentida homenagem á memoria de A. Braamcamp Freire.

O sr. dr. José Maria Rodrigues propoz um voto de sentimento.

O sr. dr. Antonio Baião disse que no intervalo posterior á ultima sessão da classe se deu um facto que veio enlutar o paiz, a nossa Academia e especialmente a classe de Letras. Refere-se ao falecimento de Anselmo Braamcamp Freire. Trata dele como erudito e como historiador. Tendo cursado as heraldicas veio, no ultimo quartel da vida, a tornar-se um dos nossos mais eminentes historiadores. A ele é bem aplicado o «escripta manent» dos latinos, pois a sua obra ha de resistir á destruição dos seculos, firmado como é no granito bronzeo do documento autentico, abonada, como é, a cada passo, por provas irrefragaveis e incontestaveis. Referé-se o sr. dr. Baião ás «Sepulturas do Espinheiro», a «Conde de Vila Franca e a Inquisição», e aos «Brasões da sala de Cintra», a historia documentada da aristocracia quinhentista, cujos brazões ornamentam uma das salas daquele historico palacio.

Lê á classe a lista das monografias publicadas por Braamcamp Freire no seu «Arquivo Historico Portuguez», e algumas das quais se refere especialmente, salientando que a obra do Braamcamp Freire, assim como não conhece [illegible] de assuntos, assim tambem não conhece epocas.

E' a historia literaria, com os seus trabalhos acerca de Gil Vicente, d. André de Rezende e de Garcia de Rezende; é a historia artistica com a publicação e estudo dos inventarios reais quinhentistas etc. é a historia economica com as publicações interessantissimas das cartas de quitação de D. Manoel I, que pacientemente exhumou da chancelaria real e dos cadernos de assentamentos principalmente respigados do «Corpo cronologico». Não conhece epocas pois estudando principalmente o seculo XVI publica documentos inéditos referentes aos seculos XIV e XV.

Que grande messe não oferecem ao ceifeiro estudioso esse dez pesados volumes, pesados pela materia que encerram! Ao serviço dos eruditos do nosso paiz por Braamcamp Freire o seu cerebro, as suas faculdades de trabalho e até a sua bolsa. Da imensa documentação conscienciosa e escrupulosamente publicada quantos estudos historicos não poderá brotar!

Termina por um o sr. dr. Antonio Baião:

Anselmo Braamcamp Freire trabalhou até á ultima. No seu leito de agonia, com a morte a espreita-lo, revia provas: provas da 2.ª edição dos «Brasões», provas das «Saudades», de Bernardim. Legou-nos pois dois grandes exemplos muito de ponderar na hora presente: em vida, trabalho metodico, persistente, continuado; na morte exemplo de humildade e modestia.

Oxalá tais exemplos fructifiquem.

O sr. dr. Julio Dantas, que presidia á sessão, anunciou uma sessão solene para comemoração dos socios falecidos e convidou o sr. dr. Antonio Baião para, nessa sessão, proferir o elogio do finado presidente da Academia.

Sociedade das Sciencias Medicas

Realisa-se amanhã, sabado, pelas 21 horas, a sessão inaugural da Sociedade das Sciencias Medicas, rua do Alecrim, 53, 2.º. Deve assistir o sr. ministro do Trabalho.

ARTE

Realisou-se hoje a «vernissage» da exposição dos artistas Adriano Costa, Joaquim Costa, Albertino Guimarães, Alberto de Lacerda, Leopoldo de Almeida e Fernando dos Santos, na Sociedade Nacional de Belas Artes. A abertura ao publico é amanhã.

—E' amanhã a «vernissage» no Salão da Ilustração Portugueza das obras do pintor Carlos Porfirio. A abertura ao publico realisa-se na proxima segunda feira.

O que o sr. Presidente da Republica disse a um jornalista brazileiro

«A Republica iniciou uma nova era de tranquilidade»

Uma agencia telegrafica de Lisboa enviou para o Rio de Janeiro um telegrama com data de 20 de Dezembro em que relata a entrevista que o sr. dr. Antonio José d'Almeida concedeu ao inspector da mesma agencia.

O Chefe de Estado mostrou-se cheio de esperança e optimismo quanto ao futuro de Portugal. S. ex.ª achou que a Republica iniciou uma era nova de tranquilidade e trabalho e que os chefes dos diversos partidos compreenderam emfim, a necessidade de um entendimento em proveito do bem estar da Nação. Fez um ligeiro estudo sobre o comercio portuguez, sua importação e exportação depois da guerra, afirmando que, a despeito dos muitos incidentes que se observaram nodecurso dos ultimos anos, a balança comercial é favoravel ao paiz.

Aludiu ao desenvolvimento que têm tomado as colonias e ao seu progresso economico, melhoramentos estes que se refletem beneficamente na vida de Portugal.

Demorou-se na apreciação das relações entre Portugal e Brazil, dizendo que é surpreendente o crescimento da exportação para esse paiz, depois da guerra, sendo de esperar que esse fenomeno tome maiores proporções, desde que o povo se possa entregar inteiramente ao trabalho, confiado no politica e garantido na administração publica, o que não tem faltado, para honra deste paiz, homens capazes e patriotas decididos.

Fez referencia aos ultimos acontecimentos e á sua posição delicadissima perante a Nação, assinalando a paz que presentemente se disfruta em todo o territorio nacional e a confiança que se observa em todos, do que essa situação se conservará.

Acrescentou o sr. dr. Antonio José d'Almeida que ele é dos que confiam em absoluto, nos grandes destinos da Republica brazileira.

Passando-se a falar sobre o Brasil, mostrou-se o Chefe do Estado muito interessado pelo momento politico, que vem acompanhando, com vivo interesse.

Fez referencias elogiosas aos candidatos que disputam a presidencia e ao povo brasileiro cuja cultura politica se evidencia sob todos os aspectos. Assinalou os grandes empreendimentos e realizações do actual governo do Brasil.

O sr. dr. Antonio José d'Almeida nada adeantou sobre a sua provavel visita ao Brasil podemos assegurar que, essa visita constitue objecto das cogitações do ilustre estadista e é um desejo seu, ardente, o de realiza-la.

A Exposição do Rio de Janeiro

Quanto vai custar a sua propaganda ao Brasil

Ontem demos aos nossos leitores uma nota elucidativa do que vão ser as colossais instalações da Exposição do Rio de Janeiro. Pois agora vamos fornecer-lhe uma outra informação preciosa: só para serviço de propaganda da Exposição do centenario vai abrir-se no Brasil um credito de 35.000:000$000 (trinta e cinco mil contos)!

Em prol da instrucção

Merece seguir-se com atenção o valioso trabalho que o nosso antigo colaborador, e professor Ladislau Batalha, continua a prestar á instrução nacional nesta ultima fase da sua já avançada idade.

O erudito professor, descontente com a má direcção que levam os destinos do nosso paiz e convencido de que o principal modificador do actual estado de coisas reside na instrução e educação nacional, dedicou-se a esta missão espinhosa, dentro do ambito das suas faculdades.

Alem das suas investigações historicas, de que alguns especimens temos vindo a publicar na nossa já longa secção de «Antiqualhas», e cujo primeiro volume, subordinado ao titulo de — «Historia dos adagios portuguezes»—está a entrar no prelo, prepara uma longa serie de conferencias publicas em que tratará da «Historia das Religiões», sem espirito de combate, mas apenas de vulgarisação de conhecimentos.

E ainda o tempo lhe chega para uma leccionação intensa da lingua ingleza, franceza, e outras em particular e em colegios, e todo o curso geral dos liceus, na sua casa da rua do Telhal, 32, 1.º, e na dos alunos.

Nem os seus sessenta e seis anos ainda lhe abateram as energias de professor que faz da leccionação um sacerdocio.

Na proxima segunda feira publicaremos a continuação dos seus estudos sobre as origens historicas da perseguição dos judeus no seculo XVI e suas consequencias, na nossa secção «Antiqualhas historicas».

Ao nosso velho amigo exortamos que não afrouxe no proseguimento da sua bela obra que tão proveitosa se apresenta nos tempos que vão correndo.

T. M. E.

O relatorio da Comissão Administrativa dos Transportes Maritimos do Estado

O jornal que ousou desmentir-nos, reincidiu hoje na mesma tolice, depois de andar ontem de Herodes para Pilatos á procura de informações. Forneceram-lhas, afinal. Mas falsas como Judas!...

Nós já dissemos que nos é indiferente que o informador se deixe ou não iludir pelas palavrinhas doces das regiões oficiais. Temos a certeza absoluta do que noticiamos e insistimos que se ao ministro do comercio foi presente o relatorio da Comissão Administrativa dos T. M. E. e que, nesse documento, se mencionam as conclusões por nós ontem reveladas ao publico. Não convem ás altas esferas das governação que tal se saiba? E' possivel.

Está talvez nisso a explicação da versão impingida á ignenuidade do jornal matutino, assim transformado, até sem dar por isso, um orgão oficioso dos T. M. E., na sua novissima fase administrativa.

Concordamos, porem, em que ha pontos obscuros no relatorio. Assim, permitimo-nos lembrar que seria interessante saber-se se nesse documento se fazem referencias ás relações muito intimas, por largo tempo mantidas, entre o cofre escancarado dos T. M. E. e algumas emprezas jornalisticas. E' claro que essas relações, se realmente existiram e forem produtivas por qualquer dos lados, se verificaram no consulado administrativo do sr. Nunes Ribeiro.

Tambem nos parece extremamente sofistico o desmentido quando diz tratar-se duma «nota», e não de um «relatorio». Não vale a pena, evidentemente, fazer questão do nome que se deve dar ás cincoenta e tantas folhas dactilografadas, contendo, alem do que ontem dissemos, vasta materia analitica dos problemas respeitantes á navegação mercante do Estado. Se querem, preferente e teimosamente, que se trate duma frota, não vemos que d'ahi venha mal ao mundo nem bem á integerrima administração dos bens publicos.

Em todo o caso, ou se trate do «relatorio» ou da «nota», o jornal nosso gracioso contraditor podia juntar os seus esforços aos nossos afim de se rogar, clamorosamente, ao Ministerio do Comercio, que diga ao publico se, por acaso, alguma coisa se escreveu, no documento em questão, acerca das relações economicas dos T. M. E. com jornais de Lisboa, que ainda não sabemos quais foram.

Para terminar (por hoje) acrescentamos que o sr. ministro do Comercio não deixará de apresentar no Parlamento todos os documentos, sem excepção e como tinha decorrido o que, se prendem com a administração dos T. M. E. Sempre ha-de haver, por força, quem lhos peça...

Uma festa de teatro

«O Juiz de Fora» em matinée para artistas e jornalistas

Luz Veloso e Rafael Gomes, directores do Teatro Terrasse e André Brun, adaptador de «O juiz de fora», que acaba de obter um grande exito na «boite» da rua Antonio Maria Cardoso, lembraram-se de, á semelhança do que ultimamente se tem feito em Paris, oferecer aos artistas dos outros teatros, retidos em geral á noite pelos seus espectaculos, uma «matinée» á porta fechada no proximo domingo pelas duas horas da tarde precisas.

Os promotores contam tambem com a presença dos autores, compositores, dramaturgos, scenografos, costumiers e bem assim de todos os jornalistas e noticiaristas teatrais que queiram aproveitar este ensejo de ouvir a comedia adaptada por André Brun.

Este abrirá o espectaculo com uma curta palestra acerca de «A camaradagem no teatro».

Não se fazem convites especiais nem se determinam lugares afim de que os convidados se agrupem segundo as suas simpatias e se sintam perfeitamente na sua casa.

A questão irlandeza

Como o rei Jorge recebeu a noticia da aprovação do acordo

LONDRES, 13.—A noticia de que o Dail Eirann havia definitivamente aprovado o tratado anglo-irlandez, foi transmitida ao rei George, do palacio Buckingham para Sandringham pelo telefone. O rei achava-se só e ele proprio respondeu á chamada do telefone ancioso por saber o resultado da votação, que ultimamente se tinha discussão. O seu contentamento foi enorme e nada inferior ao que sentiu em 6 de dezembro quando soube que o tratado preliminar havia sido assinado em Downing Street. Nesta ocasião o rei George exclamou: «Enche-me de alegria esta noticia e pelo que toca por ter com o meu discurso pronunciado em Belfast, contribuido para tão grande acontecimento.—(Lut. Am.)

"A CAPITAL"

publicará brevemente DUAS EDIÇÕES

Segredos de toda a gente

Cartas de amor

Descancem. Não lhes vou falar desta vez nas cartas de Sóror Mariana de que todas as mulheres falam — e que muito poucas mulheres tem lido. Quero referir-me hoje apenas ás pequeninas cartas que todas as mulheres escrevem, que geralmente só as feias escrevem bem e que, muitas vezes, trazidas pelas azas côr de rosa dum amor, mais côr de rosa ainda, vem pousar sobre a nossa mesa de trabalho, como um grande sorriso de papel. As carta de amor são sempre curiosas. Eu escrévi uma vez que as cartas das mulheres são o que elas dizem e não o que elas pensam. E' assim. Entretanto todas as cartas se parecem senão no papel que varia de côr, conforme o pensamento, senão na tinta que ora é vermelha ou azul ou preta conforme a pequenina mão que a escreve, senão na mancha doirada dos pingos de lacre onde batem ás vezes, os sinetes de armas — entretanto, dizia eu, todas as cartas, pelo menos aquelas verdadeiramente apaixonadas, se parecem num interessante pormenor: trazem sempre um pequenino borrão logo ao voltar da primeira pagina...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Eleições á porta...

O que pensa o ex-senador sr. Fernando Rego

Com o capitão-tenente da Armada, sr. Fernando Rego, que foi senador democratico no ultimo Parlamento, tivémos ocasião de trocar algumas impressões sobre o proximo acto eleitoral.

—Eu não apresento a minha candidatura!—exclamou o sr. Fernando Rego. Não vale a pena ser deputado ou senador a seis mezes de vista!

—Como assim?

—Pois v. não tem visto o que tem sucedido? Dissoluções e mais dissoluções!...

«Demais, para se ser legislador por tão curto praso não vale a pena fazer-se uma despeza consideravel com a eleição. Sim, porque embora se não paguem os votos, não ha duvida de que os cumprimentos ao eleitorado, a propaganda necessaria, etc., tudo isso importa hoje numa avultada soma, principalmente com o elevado custo dos transportes.

—Que prevê v. ex.ª do resultado das eleições?

O sr. Fernando Rego fala-nos dos circulos de Coimbra, por onde se costuma propôr:

—Olhe, pelos meus circulos tudo me leva a crêr que seja eleito o Moura Pinto, liberal, e o Antonio Dios, democratico.

—E o sr. dr. Paulo Menano não se propõe tambem por Coimbra?

—Sim, propõe-se, e é provavel que seja um dos deputados eleitos.

—E que diz v. ex.ª acerca das candidaturas monarquicas?

—Digo-lhe que são para recear, meu caro jornalista. Olhe que eles já fizeram inscrever mais 3 mil eleitores, isto só em Lisboa! Eu sou de opinião de que os republicanos se unam, sem distinção de partidos, para evitar que a eleição de 19 ou 20 deputados monarquicos venha pôr em chéque o prestigio da Republica.

E com energia, s. ex.ª afirma:

—Agora, mais do que nunca é necessario que todos nos unamos para opormos uma forte barreira á eleição dos candidatos monarquicos. Já se vê que eu entendo que a liberdade do voto deve ser absolutamente mantida, mas os republicanos podem unir-se de forma a evitar a divisão dos votos, de maneira a não se perder qualquer eleição de candidatos republicanos.

—E das candidaturas dos «outubristas» pode v. ex.ª falar-nos?

—Eu nada sei, meu amigo, mas parece-me que eles não conseguirão nenhum deputado eleito. Pela Guarda talvez venha a ser eleito o sr. Ribeiro de Melo, mas esse nem será incluido nas listas democraticas e não se proporá como «outubrista».

E concluido, s. ex.ª ajuntou:

—E' tudo quanto a tal respeito lhe posso dizer.

MACAU — É O — Monte Carlo do Extremo Oriente

LONDRES, 13.—Lord Northcliffe publicou no «Dail Mail» as suas impressões da viagem. Referindo-se á colonia portugueza de Macau chama-lhe o Monte Carlo do Extremo Oriente. Teve grandes elogios a Macau e a obra dos portuguezes. Visitou o governador com quem discutiu a questão de Macau com a China. O governador falou em termos moderados sobre o assunto que espera virá solucionar-se a contento das duas partes, embora mais tarde; nessa mesma noite lord Northcliffe verificasse em Hong-Kong, a impressão prevalecente sobre o resultado desta complicada questão, e o receio de que Portugal acabará por ser despojado da posse da sua linda cidade, depois de um dominio secular.—(Lut. Am.)

POLITICA INTERNACIONAL

O conselho supremo em Cannes

por Carreiro de Freitas

Os primeiros assuntos tratados

Onze horas da manhã. Sob a presidencia do Mr. Briand são inauguradas as secções do Conselho Supremo, á frente, considerou o problema das reparações um mero corolario do grande empreitada da reconstituição economica da Europa não foi piquena a surpreza, nem menor o desafrontamento ao verem que as secções do Conselho Supremo começaram, dando-se assim toda a prioridade ao primeiro problema, pela nomeação das sub-comissões encarregadas de estudar as multiplas questões que se encontram intimamente ligadas com o problema maximo das reparações como sejam o acordo financeiro de 13 de Agosto de 1921, pagamento a efectuar p.la Alemanha no corrente ano e sanções a aplicar no caso de não pagamento.

O caminho, para os sub-comissões nomeadas chegarem a um resultado feliz encontra-se já bastante desbravado, em virtude do acordo a que os governos, aliados chegaram nas conferencias preliminares.

De facto, a Belgica parecia ter cedido uma parte do seu direito de prioridade sobre as quantias a pagar pela Alemanha em 1922 devendo em vez de receber a totalidade dessas quantias embolsar apenas uma parte do modo a poder a França ainda este ano participar dos pagamentos alemães. A Inglaterra por seu lado, limitar-se-ha a receber 60 a 80 milhões marcos-oiro e a Italia que devia ainda este ano receber 180 milhões, renunciara a uma grande parte dessa quantia não estando porem fixado ainda de quanto ela se poderá utilisar.

Nessas conferencias preliminares parece, embora isto não esteja ainda confirmado oficialmente, que em ultimo caso, mas só em caso extremos sera concedido á Alemanha a moratoria de um ano.

Estas sub-comissões deverão, ao que se diz entregar os seus trabalhos no proximo sabado devendo logo após sobre eles incidir a discussão do conselho.

O terreno como acima iamos dizendo encontra-se pois bem desembraçado de obstaculos e dificuldades que pareciam a principio irremoviveis. O sacrificio d'alguns, o desinteresse de outros, a boa vontade de todos conduziram o conselho a esses primeiros resultados, indubitavelmente satisfatorios.

Lloyd George é contra as sanções violentas

E' pois para desejar que a mesma boa vontade, o mesmo desinteresse, o mesmo espirito de sacrificio animo até á resolução final, os membros do Conselho Supremo; e assim sucederá se a opinião dos delegados tecnicos britanicos a respeito da redução da divida alemã não se transformar numa teimosia preconcebida e irredutivel, muito do gosto dos inglezes; assim será ainda se os inglezes que são violentas, conseguir inventar um outro meio, que não seja a força, capaz de obrigar a Alemanha a honrar os seus compromissos.

Assim terminou a primeira sessão da reunião do Conselho Supremo em Cannes no dia 6 do corrente. O extracto porem foi curto; o sr. Lloyd George tinha pressa de mostrar á Europa «epatée» o grande quadro alegorico da Reconstituição da Europa de que ele, com o auxilio da sua imaginação prodigiosa fôra o desenhador maravilhoso.

De facto aberta a sessão da tarde por Mr. Briand que com um fino sorriso de ironia a aluminar-lhe o rosto sorriso que alguns dizem ter sido de auticismo e troço, principiou por dosejar que o local, o clima e o resplendor do sol actuassem sobre o espirito dos membros do Conselho, pelo presidente do conselho francez iamos dizendo foi logo após dada a palavra a Lloyd George afim de que este homem de Estado fizesse uma exposição geral do seu plano de Reconstituição da Europa.

Lloyd George pediu licença para falar sentado, começando por se defender da acusação que a miudo lhe é feita de tentar perfilhar a causa da Alemanha em detrimento da França, dos seus companheiros de armas, da causa pela qual a Inglaterra se bateu em detrimento até do proprio tratado de Versailles de que ela é um dos principais signatarios.

Afirmou que só a prudencia e uma grande moderação tinham levado a Inglaterra a seguir a linha de conduta que ela ha trez anos percorria. Fala depois sobre o equilibrio orçamental inglez, da crise de trabalho dessas enormes quantias que em virtude dessa crise e do grande numero de pensões a mutilados o estado inglez tinha anualmente a dispender da aparta do comercio e da industria ingleza, dirige a America duas frases lisongeiras, faz-lhe outras tantas festas por que só o mais sublime e soberbo delicado amor pela Europa a tinham levado a ele Lloyd George a tomar sobre os seus fragois ombros a iniciativa desta sublime empreitada. Por isso declarou que queria indicar á França que o acusa a todo o momento de ele Lloyd George, ter tratado com a Republica dos Soviets quando a França pela acordo de Angora fez já passar das mãos ensanguentados, pelas mãos das Ag...

Coliseu dos Recreios

Nova temporada de circo com a estreia, ámanhã, de uma grande companhia

E' definitivamente ámanhã que se estreia, no Coliseu dos Recreios, a mais completa e formidavel companhia que tem vindo a Lisboa. Inteligentemente organisada por Mr. Leonard Parish, emprezario e director do Circo Parish de Madrid, a nova Companhia de circo vai certamente causar a mais extraordinaria sensação pelos seus numeros de assombro, pelo valor artistico e da maior emais completa novidade, por quanto o criterioso organisador empregou todo o seu escrupulo na escolha dos artistas que a compõem e que são, sem duvida alguma, os melhores, mais completos e mais ovacionados de todos os circos estrangeiros.

Da nova companhia fazem parte entre outros os seguintes elementos: *Les Stones*, magnificos equilibristas; *Fasola*, o mais notavel ilusionista dos ultimos tempos; *Christian Cristensen*, invencivel campeão pedestre do mundo; *Les Serçerse*, inimitaveis ginastas; *Les Soeurs Carré* e *Ernest Edith*, artistas equestres da maior reputação; *Massagen*, notabilissimos acrobatas japonezes; *Troupe Staig* maravilhosos motociclistas que executam o sensacional e arriscadissimo numero *Looping the loop* dentro de uma esfera de aço; *Troupe Reinat*, mais conhecidas pelas *Aguias humanas*, que executam vôos surpreendentes; *Lintens*, ciclistas de extraordinario valor; *Lucy Mary*, assombrosos acrobatas olimpicos e *Busto*, celebre domesticador de macacos, cães, gatos e ratos.

Este magnifico e grandioso programa, acrescido dos interessantes e espirituosos intermedios comicos apresentados pelos populares e queridos *clowns* Rico & Alex e Irmãos Albanos, é de molde a satisfazer o publico que continuará a encontrar no Coliseu, cuja bilheteira hoje abre, os espetaculos mais variados, mais artisticos e mais economicos de Lisboa.

menta, dos turcos, depois desta estocada dirigida á França iamos vos dizendo apresentou a sua proposta para a reconstituição economica da Europa.

Tenho em minha frente o texto da resolução adotada no fim da sessão de 6.ª-feira pelo Conselho Supremo para a reconstituição economica da Europa.

Tenho pena que a falta de espaço não me permita transcrever para aqui o texto completo das resoluções de Cannes; porque me-bia a comentarios que á inteligencia do leitor iraria a mais elementar analise desse documento. Ainda assim resumindo-o tanto quanto possivel, vejamos se os leves comentarios não são aqueles mesmos que aos senhores saltarão imediatamente em face do resumo que vos dou!

Depois dumaserie de considerandos justificativos da proposta, a resolução começa por convidar todas as nações europeias, representadas pelos chefes dos seus governos, a reunirem-se na 1.ª quinzena de março numa das cidades industriais da Italia. Sabe-se já que a cidade escolhida para esse fim é Genova. Aqui veremos, pois, todo o caso que a conferencia se vae a realisar, «bras-dessus, bras-dessous», dos antigos que sempre mais ou menos se entenderam, o sr. Lloyd George e o comunista Lenine.

Belo espectaculo, senhores, para as objectivas fotograficas, que nos teremos ocasião de apreciar nas revistas ou projectado nos ecrans dos cinemas de Lisboa.

Depois o texto consigna os seguintes principios alguns dos quais nada mais são do que insofismaveis condições para a admissão da Russia dos Soviets no Congresso de Genova.

Estabelece que o regimen politico e economico dum paiz é de exclusiva escolha desse paiz, com o minimo intervenção de qualquer outro estado; que para a abertura de creditos a qualquer paiz que deles necessite para se reorganisar economicamente só pode efectuar-se no caso desse estado:

1.º —reconhecer todas as dividas e obrigações publicas que tenham sido ou sejam contraidas ou garantidas pelo Estado, Municipalidades e outros organismos publicos e a reconhecer igualmente a obrigação de restituir, restaurar ou indemnisar as perdas e danos que tenham causado a confiscação ou o sequestro de propriedades.

2.º—Estabelecer um sistema legal e juridico que sancione e assegure a execução de toda a especie de contratos.

3.º—Dispor de meios de troca convenientes.

4.º—Abster-se de toda e qualquer propaganda subversiva da ordem ou do sistema politico adoptado nos outros paizes.

5.º—Tomar o compromisso de não agredir nenhum dos seus visinhos.

As condições pois para que a Russia possa tomar parte no Congresso de Genova para a Reconstituição da Europa são: protecção da propriedade individual, reconhecimento das dividas, regimen legal que assegure a execução dos contractos saneamento da moeda, repressão de toda a propaganda subversiva.

Só no caso pois da Russia aceitar todas estas condições, garantindo-as devidamente, é que ela poderá tomar parte no futuro Congresso.

Note-se porem este facto que ha-de ter passado despercebido a muita gente: a Russia não pedia para tomar parte no Congresso de Genov. Embora tivesse vontade, mesmo necessidade de ali se fazer representar, estucionamente, soube esconder essa vontade, desfazer essa necessidade. Em ultima analise a Russia é, já foi mesmo convidada. Singular paradoxo este de convidar uma nação a fazer-se representar numa dada assembleia, impondo-lhe ao mesmo tempo condições que a nós se nos afiguram inaceitaveis.

Ora bem vistas as coisas se é certo que a Russia ficará com o programa da reconstituição da Europa não é menos que outras nações lucram incomparavelmente mais.

No fundo o projecto da reconstituição tem por fim entregar a Russia á exploração industrial aleriã; segundo a opinião de Lloy George era essa mesmo o unico processo de reconstituir economica e financeiramente a Alemanha; ha mesmo quem afirme que o projecto foi a Lloyd George inspirado por Stine e outros magnates da grande industria alemã e não nos repugna aceitar a afirmação. Gilhe pois com o bom resultado do Congresso de Genova a Alemanha e a Inglaterra que assim se vão comercialmente abrir os mercados teutonicos; e isto se a Russia declinar o convite que lhe fazem as outras nações da Europa recusando-se a tomar no Congresso, o projecto do Primeiro inglez não terá a minima viabilidade e consequentemente o Congresso não se realisará.

E agora digam-me os senhores se acham possivel a aceitação por parte da Russia de condições que são a condenação mais completa de muitos dos seus principios e dos pontos primordiaes do seu programa?

E ainda que ela o aceite, que garantia mesmo, a fim de poder tomar parte nessa assembleia, que confiança pode merecer um governo que sempre e em todos os campos tem usado da manha, da falsidade, que só tem caracterisado pela ausencia mais completa de escrupulos e que sem a mais pequena duvida no dia seguinte ao encerramento do congresso procuraria por todos os meios ao seu alcance iludir todas as garantias financeiras?

A Inglaterra sabe-o. E Lloyd George, que devia melhor do que ninguem não ignorar de que força são em materia de falta de escrupulos os homens dos Soviets, os iludo o que ipoi para se esquecer do que se passou quando do acordo comercial anglo-russo, ou então tem a realidade um incomensuravel prazer em ser vilipendiado pelos representantes da Russia soviestista.

A Inglaterra sabe-o, disse-o! Sabe-o. A imprensa de Northcliffe mormente o «Morning Post» lembra a Lloyd George que os Russos são discipulos aproveitaveis dos alemães e o Times que preconisando uma aliança anglo-franceza e a resolução do problema das reparações favoravelmente á França, como base duma futura reconstituição economica da Europa contra o mesmo estatista que a entrada da Russia no concerto europeu só pode dar-se depois desta infeliz nação ter derrubado os Soviets e voltado ao antigo sistema politico.

Sirvo me pois das proprias palavras deste jornal que representa a grande maioria da opinião ingleza para mostrar o que na Inglaterra se pensa sobre o futuro do Congresso de Genova.

«Todo o homem de Estado cuja ambição ou loucura destruisse a entente incorreria numa responsabilidade tremenda perante o mundo; o a entente ficará em perigo de destruição se se não chegar a um acordo favoravel á França a respeito das reparações. O projeto de origem alemã da reconstituição da Europa apoiada nos bolchevistas é absolutamente vão. A reconstituição da Europa é um problema tão vasto que não é em algumas secções prementes que ele deve ser resolvido. Só em associação intima e simpatica com a França se poderá atacar, com algumas probabilidades de exito o problema da reconstituição europeia.»

E agora o «Morning Post» o metodo diplomatico consistindo em conferencias sucessivas nada vale para o bom nome da Inglaterra no estrangeiro, tendo em atenção que Lloyd George em materia de diplomacia estrangeiras, sempre se enganou. Enganou-se a respeito dos alemães antes da guerra; a respeito de Venizelos, a respeito do Tratado de Sévres, a respeito da Russia. Tem-se enganado sempre!»

Querem condenação mais formal da politica de Lloyd George por parte da grande opinião ingleza? E para que falar do que se pensa em França sobre a reconstituição da Europa?

Pergunta-me agora aqui do lado um amigo se Portugal que toma parte no Congresso e que poderá ele auferir nesse explendido e grandioso programa?

Sim, Portugal toma parte no Congresso com certeza. E a minha afirmação vae baseada de quaisquer informações que tenha nesse sentido mas no facto de Portugal nunca faltar a essas reuniões. E o que poderá ganhar no caso da Conferencia se realisar e de nela se terem tomado decisões apreciaveis?

Mas absolutamente nada.

Antes de mais nada devo-vos informar que o Congresso, diz o texto mais modesto que as palavras de Lloyd George é para a reconstituição da Europa Central e Oriental.

Ora Portugal fica no Ocidente.

Em segundo logar porque a Inglaterra não tem interesse imediato na reconstituição economica de Portugal. Não pensem pois que será ainda desta vez que nos serão abertos creditos, que a nossa moeda se valorisará, que o custo da vida diminuirá Não meus senhores, Portugal é um paiz de pouco juizo e das coisas minimas não tratam os donos.

Factos e palavras

...DO FRIO

Andamos todos a bater o queixo. Em vão se levantam os olhos para o céu em busca duma nuvem. Mas elas não veem, a chuva não cái e o frio continúa. Ora não de concordar que isto não passa dum despropósito.

Andamos todos a bater o queixo e até parece que trazemos o interior apertado.

De toda a parte da provincia chegam os telegramas desoladores. O frio é cada vez maior os campos de trigo estão que metem dó.

L' a perspectiva duma pessima colheita. E' o Tempo, esse velho cidadão de barbas brancas e foice e de empunhadura a conspirar contra a economia nacional.

Palavra que, a continuar assim, está a pedir uma revolução. Isto é demais, não pode prolongar-se por mais tempo este bom tempo que é mau tempo.

E no entanto, ironias do ceu, quanto mais o frio gela os corpos, mais os corações se aquecem, mais as almas se congestionam.

Vesperas de eleições, o calor vai apertando... enquanto o frio continúa. Por toda a parte são acaloradas as discussões. Andam os espiritos aquecidos, é de quarenta graus a temperatura dos animos, é equatorial o ambiente... e o povo de Lisboa continua a bater o queixo.

As declarações de amor são cada vez mais queixas, ao som rabro dos foxs. Mas... quanto ó aquecimento mental não passa, torna-se a bater o queixo ainda com mais força.

Enfim, por dentro calores de morte, por fóra frios de morrer.

Digam-me agora todos se isto não está a pedir chuva?!

Era uma consolo sentir cair uma bátega de agua para nivelar as temperaturas.

Fazia bem á agricultura, ás almas e aos corpos.

Que o tempo tenha pena de nós e nos dê a todos nós aquilo que todos estamos a pedir: chuva!

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

O sr. Vilgraim, comissario francez do abastecimento durante a guerra, foi preso á ordem das autoridades militares por não ter cumprido os seus deveres militares, evitando-os em primeiro logar, por infligir a si proprio um ferimento e apresentando mais tarde um atestado, declarando ter uma apendicite.

❖ ❖ ❖

Vão ser feitas conferencias na Universidade de Berlim sobre os americanos Sul, futuro mercado mundial.

O Professor Sapper, de Columbia, fará duas conferencias sobre a origem e o desenvolvimento das republicas espano-americanas.

❖ ❖ ❖

Os interessados na industria do petroleo, americanos e inglezes, vendo não conseguirem chegar a um acordo. Este espirito de cooperação foi celebrado no banquete da Comissão Nacional de Petroleo do Serviço da Guerra, em que Mr. John Cadman, ex-presidente do Conselho Interaliado do Petroleo, declarou que a politica da Inglaterra sobre o petroleo era a da «porta aberta» e que a cooperação do capital americano seria muito bem recebido.

Foi inaugurado solenemente na Universidade de New York, o busto do Cardeal Arcebispo de Malines, Mons. Mercier.

O barão Cartier de Marchienne, embaixador da Belgica, e outras notabilidades fizeram o elogio do Arcebispo de Malines. Entre outros oradores figuravam os srs. Elmer Ellsworth Brown, reitor da Universidade, Guthrie, presidente da Associação dos Jurisconsultos e Maurice Francis Egan Fornez, ministro dos Estados Unidos na Dinamarca.

O busto, obra de Salvatore Paolo, foi adquirido por subscripção publica.

O Embaixador da Belgica, referindo-se a atitude do Cardeal Mercier durante a guerra e a sua influencia universal como educador, disse:

«Como belgas queremos muito ao Cardeal Mercier. Pelo seu nascimento pertence á Belgica, mas pelas suas qualidades filosoficas, pela sua fé, gentileza e pela sua intelectualidade pertence ao mundo da sciencia, da filosofia, da religião e da humanidade.»

❖ ❖ ❖

Como se sabe Ukrania está em pleno regimen bolchevista. O que nem toda a gente sabe é que este regimen se manteve, não por vontade do povo, mas por imposição duma pequena minoria que conseguiu dominar a grande massa da nação, impingindo-lhe uma forma de «desgoverno» que ainda agora com o lançamento de pesos impostos conseguiu provocar a revolta dos camponezes em varios pontos.

E' pelo menos o que diz o jornal comunista que se publica em Kokow, o qual confessa que o partido comunista ukraniano conta apenas 60.000 membros numa população de 30 milhões de habitantes.

Pois essa pequena minoria conseguiu empalmar o governo da nação e lá está tripudiando á vontade sobre todos os direitos pela forma bizarra porque o sabe fazer o bolchevismo.

❖ ❖ ❖

O numero dos desempregados tem diminuido em França duma maneira lenta mas regular, devendo-se atribuir esse facto ao aumento das relações comerciais e ao desenvolvimento da industria.

❖ ❖ ❖

O parlamento persa votou uma moção aceitando o adiantamento feito por um grupo dos Estados Unidos garantindo pelas futuras concessões do Anglo Persian Oil Company. O nome do grupo americano não é ainda conhecido mas sabe-se que o adiantamento é de um milhão e meio de dollars que na sua maioria será entregue ao ministro da guerra para pagamento do soldo das tropas que tem mezes de atraso.

As letras

—Alfredo Pimenta acaba de publicar o livro das *Chymeras*, numa elegante edição da «Portugalia». Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

—Saiu mais um numero da «Seara Nova» brilhantemente colaborado.

—D. Oliva Guerra acaba de publicar um interessante livro de versos chamado «Espirituais».

—Saiu o n.º 14 do «Boletim das Missões Civilisadoras» de que é director o sr. dr. Abilio Marçal.

Pelo Telegrafo

O rescaldo da guerra

Os grandes problemas da politica dos aliados

A imprensa inglêsa aprova o acordo com a França

LONDRES, 13.—A imprensa ingleza aprova em geral o memorandum do sr. Lloyd George que contem as condições acerca das quais a Gran-Bretanha entrará com a França.

Salientam dois dos pontos mencionados nesse memorandum. Um deles refere-se á declaração de que o Imperio britanico e a França se reunem estreitando as suas relações tanto em tempo de paz como no caso de declaração de guerra. O outro ponto diz respeito á defesa da França em caso de invasão, considerando a Gran-Bretanha este caso como sendo do seu proprio interesse. Acrescenta o memorandum que o que a Inglaterra faz uma vez pela civilisação, fá-lo-ha novamente se for necessario.

O «Times» diz que os francezes deviam examinar com estas passagens do memorandum antes de chegarem a conclusões temerarias, julgando que estamos tentando colher os aliados numa armadilha cuja politica seja prejudicial para eles e só proveitosa para nós».

O mesmo jornal observa que a Inglaterra propõe á França a maior segurança possivel contra uma futura agressão da Alemanha, mas não se compromete a entrar em empreendimentos militares no centro ou no oriente da Europa, pois está certa que o povo inglez não rancionaria uma tal medida.

Conclue o mesmo jornal que os inglezes estão prontos, como sempre estiveram, a reunir-se á França para a sua defesa no caso de uma agressão por parte da Alemanha. Estão igualmente prontos a colaborar com a França para o bem estar da Europa. Eles estão tambem ancioses, por entrar num acordo com ela e terminar com a sua justa inquietação, restabelecendo a sua antiga amisade pela França.

O «Daily Chronicle» refere-se á simpatia e á solicitude pela França, que são manifestadas pelo memorandum.

O «Morning Post» declara que a realisação do Tratado de Versailles fica salvaguardado, se não fica mesmo garantido pela projectada aliança. Diz ser este um ponto importante e contribuir muito para a regularisação da situação na Europa Central.—R.

O comentario dos jornais á crise

PARIS, 13.—Os jornais, comentando a crise ministerial, põe em relevo a surpresa causada pela demissão do sr. Briand, quando o ultimo voto da camara antes da conferencia de Cannes lhe havia dado uma grande maioria. Observando que o chefe do governo, chamado a tratar em nome da França, deve estar afeito de si a quasi unanimidade do Parlamento, os jornais prestam homenagem á nobreza das razões que conduziram o sr. Briand a considerar-se o que devia ser abandonar o poder.

Recordam, egualmente, a obra realisada pelo sr. Briand, especialmente, a paz com os turcos, o restabelecimento da embaixada do Vaticano, e a defeza enérgica dos interesses da França na conferencia de Washington. Ainda que se torne presentemente, impossivel prever se o sr. Poincaré aceitará a missão de que foi incumbido, os jornais felicitam-se por esse a colha que lhes ou plena confiança para se manter o acordo com os aliados ao mesmo tempo que

Universidade Popular Portugueza

Realisa-se hoje, na sede desta instituição, pelas 21 horas, a 2.ª das conferencias populares sobre «Historia da Civilisação» que na semana passada foram inauguradas com extraordinario exito.

E' conferente o sr. dr. Vieira de Almeida, professor assistente da Faculdade de Letras, que acompanhará a sua lição de numerosas projecções luminosas.

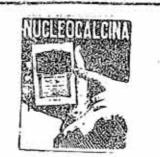
Associação Popular de Beneficencia de S. Cristovão e S. Lourenço

Em sua sessão de ontem, resolveu a Direcção desta prestante colectividade ministrar uma substanciosa refeição no proximo Domingo 15 do corrente aos seus 150 pequenos protegidos, comemorando desta arte as melhoras na pertinaz doença do seu ilustre presidente honorario e mui digno Regente da Escola Oficial Primaria n.º 10, ex.mo sr. José de Carvalho e Silva, que tão insignes veis serviços tem prestado á causa da Beneficencia.

Esperanto

Esperanta Portugala Policа Societo. R. de S. Marta 205—1.º

Realisa-se no proximo domingo, ás 15 pelas 13 horas a festa solene comemorativa do 1.º aniversario da mesma sociedade, falarão sobre o objectivo de esperanto os srs. Saldanha Carreira Capitão Carlos d'Andrade e Martins d'Almeida. A direcção da dita sociedade por intermedio convida para assistir á sessão solene todo a imprensa e bem assim todos os esperantistas e mais pessoas que desejem assistir.

Durante domingo e segunda estarão em exposição ao publico diversos artigos de esperanto.

se prosseguirá energicamente na execução de todos os compromissos tomados pela Alemanha.—(H.)

Os motivos da crise de gabinete

PARIS, 13.—O sr. Briand apresentou ao sr. Millerand a demissão colectiva do gabinete. A crise foi motivada por divergencias com os pontos de vista apresentados pelos delegados inglezes na conferencia de Cannes acerca da limitação dos submarinos, concessão de Tanger á Espanha e resolução do estreito de Dardanelos.

O sr. Briand tinha recebido em Cannes um telegrama do sr. Poincaré e do actual presidente da comissão de negocios estrangeiros do Senado, e um outro de duzentos e quarenta deputados protestando contra quaisquer concessões na questão das reparações e mantendo o direito da França poder ocupar territorios alemães. Depois da recepção destes telegramas o sr. Briand saiu de Cannes tendo submetido os termos do pacto aliança aos seus colegas de gabinete e tendo acerca dele surgido divergencias entre os membros do Governo.

Fala-se no nome do sr. Poincaré para presidir á nova situação.

A imprensa alemã continua mostrando-se muito pessimista acerca da conferencia de Cannes, não obstante o comité do Associação dos industriais alemães em que dessa conferencia resulta qualquer beneficio para a Alemanha.—(R.)

A queda do gabinete Maura

São dissolvidas as juntas?

MADRID, 13.—O rei tem continuado as suas consultas aos politicos a proposito da crise do gabinete Maura. Parece que o soberano assina um decreto dissolvendo as juntas militares o que o sr. Maura continuara no poder.—(H.)

Os politicos aconselham a continuação do governo Maura

MADRID, 13.—Os presidentes da Camara e do Senado e os ex-presidentes de conselho marquez de Alhucemas, conde de Romanones e Allendesalazar, sendo consultados hoje pelo rei sobre a crise, foram unanimes em aconselhar a conservação, como imprescindivel, do sr. Maura no poder, mas com, como de resto qualquer outro gabinete que lhe suceda devo providenciar munir-se dum decreto que dissolva as ultimas juntas militares. Outros personalidades politicos com designações foram convocadas para hoje, de tarde, ao palacio real. Os circulos parlamentares são de parecer que o sr. Maura no poder, mas é muito provavel que seja ele a sair a favor do ministro da Guerra.—(H).

Afonso XIII não se recusou a assinar o decreto dissolvendo as juntas

MADRID, 13.—Todas as personalidades politicas consultadas hoje pelo rei acerca da solução a dar á crise do gabinete, declararam aos jornalistas que é inexacto que o rei se recusasse a assinar o decreto que lhe foi apresentado pelo ministro da Guerra acerca das juntas militares. O soberano limitou-se a fazer objecções sobre a oportunidade de assinar o decreto imediatamente.—(H.)

Ultima Hora

Presidente da Republica

E' esperado e aguardado do lado da Beira, ao fim, o sr. Antonio José de Almeida. S. Ex.ª recebe hoje o sr. presidente do Ministerio.

Mr. Berthelot

Parte no domingo uma companhia de sua especie, e do sr. ministro da França, para a Batalha Mr. Berthelot, antigo ministro dos Estrangeiros em França, donde regressará em 20 do corrente.

O caso de "O Radical"

Por causa de uma entrevista publicada no jornal «O Radical» foram hoje presos o director, editor e um redactor daquele colega. Depois de varias investigações apurou-se ser incorrecta a entrevista em questão, sendo seu autor, conforme confessou o sr. Alexandre Rigalo.

Por esse motivo vão ser postos em liberdade o director e o editor.

O assalto ao «Redondo»

No Tribunal da Boa-Hora começaram hoje a ser ouvidos os 27 individuos presos há dias no club *Redondo*, devendo voltar ali ámanhã.

São advogados de defesa os srs. drs. Orlando Marçal e Heiss.

O sr. ministro da guerra recebe ámanhã pelas 14 horas, os cumprimentos da oficialidade em serviço no Ministerio, na primeira divisão do exercito, no campo entrincheirado e nos estabelecimentos dependentes da sua secretaria.

❖ ❖ ❖

Os governadores do Banco de Portugal e do Banco Ultramarino conferenciaram hoje demoradamente com o sr. ministro das Finanças.

❖ ❖ ❖

Regressou de Fornos de Algodres o sr. dr. Francisco Alberto da Costa Cabral, director geral do ensino secundario e ex-ministro da Instrução.

❖ ❖ ❖

Uma numerosa comissão de proprietarios e construtores de casas esteve hoje no ministerio das Finanças solicitando do respectivo ministro a revogação do decreto n.º 7856.

O sr. ministro das Finanças prometeu estudar o assunto.

A ex-imperatriz Zita

ZURICH, 12.—Chegou a Zurich a ex-imperatriz da Austria, que veio á Suissa assistir á operação dum seu filho.—(H.)

Uma vitoria de Carpentier

LONDRES, 13.—Carpentier venceu o campeão de pesos pesados, o australiano Cook, por um «knock-out» no quarto «round».—(H.)

Musica

O Festival Wagneriano no S. Luiz

Os magnificos festivaes wagnerianos que a esplendida «Orchestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, vem anualmente realisando no S. Luiz, são sempre os mais concorridos e os de maior sucesso, pois que a Orchestra Blanch é hoje, entre nós, a mais notavel na interpretação e execução da musica wagneriana. O festival deste ano vae ser um grande acontecimento artistico e mundano, não só pelo programa, mas porque é compreendido na assignatura dos concertos, executando-se a «ouverture» do «Fausto», o «Canto de Walter no concurso dos Mestres Cantores», a «Morte de Isolda», o «Encanto de Sexta-feira Santa do Parsifal», os «Mercenarios da floresta», o «Cortejo funebre», a «Morte de Siegfried», a «ouverture» do «Tanhauser», a «Cavalgada das Walkyriss», não se tornando a repetir nenhuma destas belas paginas wagnerianas, sendo a orchestra consideravelmente augmentada.

Politica

São insubsistentes os boatos de crise ministerial

Tem circulado, nos ultimos dias, o boato duma crise total no gabinete e Cunha Leal. Não vemos que, por enquanto, exista qualquer dificuldade para o governo, pelo menos em crise, que total quer parcial. Temos, pelo contrario, informações que nos permitem assegurar a perfeita estabilidade governamental.

A harmonia de vistos dentro do Governo continua a não sofrer, até já, modificação depressiva, mantendo que isso; embora o conselho do Governo tenha forçado, por vezes, a remover algumas dificuldades de politica geral, o caminho encontra-se aplanado, podendo prosseguir na acção eleitoral fixado para 29 do corrente.

E' certo que, nos tempos que vão correndo, se não podem fazer previsões que excedam 48 horas.

Aparte essa circunstancia, pode admitir-se que o gabinete Cunha Leal ira alem das eleições, que delinearão, com certeza, a orientação futura na politica geral da Republica.

Autoridades administrativas

As modificações a introduzir nas chefias de certos distritos ficarão assentes ámanhã, podendo dar-se como certo que tudo ficará regularisado nos primeiros dias da semana proxima.

Fausto de Figueiredo

Ao contrario do que se disse, o sr. Fausto de Figueiredo propõe-se a ir o deputado, aceitando expressamente uma candidatura que lhe foi oferecida.

D. Afonso de Bragança

Amanhã, deve conferenciar com o sr. presidente do ministerio, a sr. duqueza do Porto, sobre as solenidades a realisar por ocasião da chegada do cadaver de D. Afonso. Pode-se já afirmar que haverá solenes exequias na Sé Patriarcal.

O cadaver ficará exposto tres dias, depois do que será transportado para o Panteon de S. Vicente.

Na Albergaria de Lisboa

Visita do sr. governador civil

O 2.º tenente sr. Agatão Lança, governador civil de Lisboa, acompanhado do seu secretario, sr. Raul Esteves dos Santos, visitou pelas 14 horas de hoje a Albergaria de Lisboa, na Luz, instalada nos antigos conventos do Espirito Santo e Santa Tereza.

Depois de recebido pelos directores daquela instituição, visitou todas as suas dependencias colhendo as melhores impressões pelo estado de asseio como tudo encontrou tendo palavras de carinho e conforto para com os albergados.

O sr. Agatão Lança, prometeu dentro das possibilidades do cofre do governo civil, auxiliar a Albergaria de Lisboa.

O sr. Leal de Matos, um dos directores da Albergaria, agradeceu ao chefe do distrito a sua visita e colaboração prometida retirando este em seguida.

Companhia de Seguros Fidelidade

Por ordem do ex.mo sr. Presidente da Meza da Assembleia Geral é convidada a mesma assembleia a reunir-se na séde desta Companhia, Largo do Corpo Santo, 13, 1.º, no dia 18 do corrente mez, ás 17 horas (5 horas da tarde), a fim de dar cumprimento ao que determina o art. 16.º dos Estatutos.

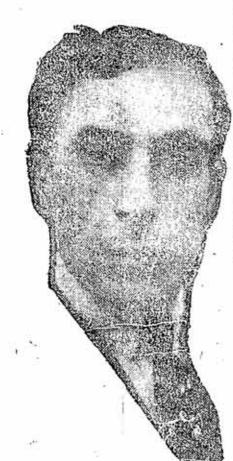
Lisboa, 12 de Janeiro de 1922.

O Secretario

(a) Guilherme Augusto Ferreira

TEATRO

A festa de Nascimento Fernandes

Hoje no Eden e em espectaculo inteiro realiza-se a récita de homenagem a Nascimento Fernandes, o popular e querido artista; vai á scena pela unica vez o celebre quadro «Pax» da revista «Novo Mundo» ...

que ... em especial e amavel deferencia, as suas antigas creações de o Fado do Gauga e do compère Zé Canhoto, os ilustres artistas Estevam Amarante e Rafael Marques.

Estreia-se tambem o quadro novo da espirituosa revista «Tic-Tac», 1922, que nos dizem ser originalissimo e duma bela fantasia.

Emfim uma noite de festa e alegria que ficará memoravel nos anais do Teatro ligeiro.

Nota do dia

O juiz de fóra

Eu peço licença a v. ex.ª, eu peço licença a «O homem que passa...» — Chama-se a isto meter a foice em seara alheia e por isso peço licença...

Uma comedia, — os senhores sabem-no melhor do que eu — é uma forma de arte como qualquer outra; o proprio riso é uma arte. A gente nova a todo o momento pensa na elegancia da frase e não na vernaculidade da frase; na musica das palavras e nunca na clareza do pensamento. Fala-se na mocidade, e com isso pretende-se fazer entrar ás baforadas pelas janelas da literatura um modernismo exquisito e petulante... E a arte, meus amigos, tem horizontes tão largos e tão complexos que não pode qualquer perceber-lhe muitas vezes os limites. A mocidade na arte, é aquela alegria comunicativa, franca, ingenua portuguesa, que André Brun nos deu hontem no Terrasse. «O juiz de fóra» pode não ser «silva isoterica para raros aptas» mas é com certeza saude e vida para os portugueses dos quatro costados, para os portugueses saudaveis á moda de Ramalho Ortigão.

Afirma-se a cada passo que não ha um teatro portugues, caracteristica e genuinamente portugues. Um povo que existe ha oito seculos não pode deixar de ter teatro com modalidade propria. E' um trabalho que ainda está por fazer mas com saude e tempo, demonstrarei um dia que, embora dispersamente, o teatro existiu sempre na nossa literatura, ás vezes até com um brilho invulgar.

Em Portugal conhece-se demais o teatro frances e de menos o teatro nacional.

Ha uma graça, um espirito, um riso português. Manifesta-se em Gil Vicente e em nossos dias, acompanhando o progresso, aparece-nos em Gervasio, resurge em Schwalbach, apresenta-se-nos em André Brun. «O juiz de fóra» é uma peça portuguesa. Nela expande-se saude e alegria, a alegria portuguesa, tão pura e tão bela. Mas não foi só na graça foi tambem na conslextura na mecanica da peça que André Brun nos conseguiu dar uma obra perfeita no seu genero. O ilustre criador do Fraxedes bem merece de nós todos como um autentico valor no moderno teatro nacional

JAIME DO COUTO

Antiqualhas

Os teatros da cidade de Vizeu

O primeiro teatro do que ha noticias certas pois que nada ou pouco se sabe do teatro que era propriedade da familia Valeres do Mundo, — foi construido pelo conego Gilpreira, no Largo do Pintor, não se sabendo onde era situado, pois apenas consta que era limitado do lado do norte pela muralha da cidade, pelas casas do Pintor que lhe deu o nome e pelas do mestre ferrador Joanolves.

Este celebre teatro era, no tempo vago, o deposito de fatiotas pintadas pelo mestre e seus discipulos, assim como de papeis e paineis, servindo igualmente de casa de escola de primeiras letras regida por um conego.

O segundo teatro ficava contiguo ao terraço da Sé, e quasi em frente da Rua da Corredoira (hoje Rua das Ameias).

Era o teatro das danças e momices (teatro do Povo), celebre pelas desordens e desastres a que deu origem.

O terceiro era no Largo da Arvore, ao cimo da rua que ainda hoje se chama Rua da Arvore.

Era tambem teatro do Povo e ai se representavam comedias, farças e entroactos, se faziam habilidades e se davam bailes de senhoras e cavalheiros.

Estava arrendado ao Juiz do Povo.

O quarto era na actual Rua Escura e ficava pouco mais ou menos onde hoje está o teatro da Rua Escura.

Todos estes teatros acabaram pelo fogo.

O ultimo, depois de estar muito tempo em completa ruina, foi adquirido pelo negociante José Ribeiro de Carvalho, que o reformou e acrescentou, vindo a inaugurar-se com o drama «Mascara negra» representado por curiosos da cidade.

Este teatro, que foi o quinto que houve em Vizeu e em que se levaram á scena muitos dramas e farças, e foi a escola de muitos e bons actores visienses, está hoje fechado e ultimamente só servia para bailes de mascaras durante a epoca de Carnaval.

Tambem no mesmo teatro, pela primeira vez, se representaram magicas, oratorias e zarzuelas.

O sexto teatro é o actual Viriato, antigo Bôa União, foi inaugurado em 13 de junho de 1883 com o drama «Paralitico», desempenhado pelos actores Antonio Pedro, Gil, Ferreira Brandão, Costa e Ferreira e pelas actrizes Elvira e Alexandrina.

Actualmente ha em Viseu, alem do Viriato, o teatro do Circulo Catolico, o teatrinho do Gremio Visiense e prestes a inaugurar-se o Avenida.

Uma pergunta

Não seria possivel, agora que se encontram em Lisboa todos os principais artistas criadores do celebre «Conde Barão», reviver essa inesquecivel interpretação, embora numa recita unica?

Noticiario

Portugal

Realisa-se amanhã ás 15 horas no Teatro Nacional de Almeida Garrett uma conferencia sobre a «Arte scenica no Japão». E' conferente o sr. Carlos Abreu, actor da Companhia Chaby Pinheiro que como enviado especial dum jornal do Rio de Janeiro visitou demoradamente o imperio niponico.

—A comedia em 3 actos «O Centenario», original dos irmãos Quintero, traduzida pelo sr. Alberto de Morais, que hoje em «premiere» e 4.ª recita de assinatura, vai á scena no Nacional está assim distribuida:

«João do Monte» José Ricardo; «Raul, seu neto» Rafael Marques; «Evaristo» Joaquim Costa; «Romão, hortelão» Jorge Grave; «Afonso» Luiz Leitão; «Manuel, creado» A. Nascimento; «Mariquinhas» Ilda Stichini; «D. Joana, sua tia» Augusta Cordeiro; «D. Filomena» Laura Hirsch; «Eulalia, sua filha» Ana de Oliveira; «Maria do Carmo» Acacia Reis; «Rosa, creada» Maria Helena.

A ensceneção é de Augusto de Melo e a nova peça será apresentada com scenarios novos de Campos & Oliveira.

—O actor-ensaiador do Apolo, Rosa Mateus prepara para a sua festa na noite de 25 do corrente, um programa inteiramente novo.

E' definitivamente amanhã que se realisa a estreia no Coliseu dos Recreios da grande companhia de circo que traz no seu programa as maiores celebridades e as mais sensacionais novidades de circo.

AGENDA DA SEMANA

HOJE — 4.ª recita de assinatura e primeira representação da peça «O Centenario» dos irmãos Quinteros, no Teatro Nacional de Almeida Garrett.

—No Eden-Teatro festa artistica do actor Nascimento Fernandes, quadro novo, «1922» na «Tic-Tac» e reposição do quadro «Pax» da revista «O Novo Mundo».

AMANHÃ — Festa artistica de Lucinda Simões no Teatro Politeama com as peças «Declaração» e «Filho de Velhos».

—Segunda representação em S. Carlos da «Thais» de Massenet.

Questões do trabalho

A crise das 8 horas

O discurso pronunciado em 25 de outubro, na assembleia geral do Congresso Internacional do Trabalho pelo presidente Schulthess, contem numa das suas passagens, uma opinião sintomatica no que diz respeito ao destino das «oito horas».

Para quem julga que a Suissa tem uma predilecção especial pela legislação operaria, é um eloquente sinal dos tempos, uma confissão dita pelo chefe daquela republica.

A redução da duração do trabalho — disse Schulthess — encontra uma resistencia cada vez mais viva nos paizes em que a inovação foi introduzida. Ha vozes que reclamam o seu desaparecimento. A prova está em que a primeira e a principal das convenções de Washington foi sómente ratificada por um pequeno numero de Estados, relativamente restricto. Parece, no entanto, que estamos em via de reviramento. Isto, porem, ameaça que nos inclinomos demais em sentido inverso».

O receio de Schulthesse parece vão. Não tem razão em pensar que se poderá voltar a um numero de horas que não seja nem reclamada pela situação da industria, nem tolerada pelo conjunto do proletariado, com o qual é preciso contar e muito.

O operariado ficou visivelmente admirado com a rapidez duma reforma cuja obtenção honrou alguns dos seus dirigentes por formular reinvindicações extremistas.

Não tiveram rasão por terem procedido tão levianamente.

Os factos, mais cedo ou mais tarde vingam-se das teorias. As oito horas de trabalho foram aceites, parece, como uma plataforma de paz social. Pareceu aos governos e parlamentos que, em saindo da guerra, era de prudencia politica inclinarem-se perante o desejo geral da massa operaria «que sómente via os factos através de um prisma particular».

Implacavelmente, as circunstancias revelaram que nem só a massa operaria imperava no mundo. Trabalhando oito horas, os operarios contribuiram para o aumento do preço da vida, tornaram mais raros os pedidos e provocaram a crise de uma falta de trabalho endemica. Não devemos tambem admirarmo-nos que, em se dando o triunfo da regulamentação, pelo acontecimento do seu quadro internacional, «adviesse a falencia, a derrocada, que a industria registou». Com efeito, as consequencias da crise economica obrigaram o patronato a reduzir as horas de trabalho para 40, 30 e 20 horas por semana. A vida venceu a lei. Jámais nenhum governo, mesmo apoiado pela Confederação Internacional do Trabalho, poderia obrigar este ou aquele chefe de empreza a fazer trabalhar o seu pessoal para além das necessidades dos seus negocios.

Pelo contrario, quando o pedido se tornou imposição, as minas e fabricas tiveram de recorrer ás horas suplementares, ao consentimento, bem entendido, dos seus colaboradores, encantados pelo suplemento de um salario. Que instruções receberam os inspectores do trabalho? «Se eles obrigassem a cumprir a lei, teriam entravado a produção e perpetuado a crise: eis, portanto a condenação severa da lei».

Ergue-se então a questão de saber se as oito horas são aplicadas, que altas derogações são concedidas e se, sob a pressão das exigencias, mais fortes que o texto, não se modifica esta disposição, ainda que seja para o interesse geral.

O problema resume-se, em suma, num aspecto de oportunidade. O momento foi, felizmente, escolhido, para empreender e continuar uma experiencia que se chega á conclusão que é prematura em certos misteres. Para o interesse do trabalhador, foi o voto das oito horas adquirido e promulgado num momento conveniente, quando «nada, absolutamente nada, se fizera para organisar os seus ocios»? E' o principio do «trabalho minimo» que triunfa quando é com a divisa contraria que se estabelecerá o equilibrio economico.

Emfim, quem negará os estranhos efeitos do desacordo internacional? O desacordo é flagrante.

Ora, obrigarem-nos a caminhar na via da restrição da duração do trabalho, porque não convinha que Portugal fosse o eterno atrazado. As suas escusas, no entanto, eram uma previsão da ruina. Ela faz aparecer hoje o contraste entre uma reforma precipitada e a crise que todos sofrem.

As mais entusiastas em fazer aceitar o principio das oito horas de trabalho foram as nações que primeiro o abandonaram. Os Estados Unidos deram o exemplo. Ofereceram-nos o espetaculo de uma energica reação contra o idialismo, verdadeiramente surpreendente de Wilson.

Depois a Inglaterra, paiz da Europa com o qual a anologia da situação franceza é mais formal recusou-se em ratificar a convenção de Washington na sua forma actual.

Invocou os acordos coletivos tidos com os ferroviarios, que provêem, a despeito do pedido das 48 horas, o trabalho nos domingos. O governo inglez, nas considerações que transmitiu á Sociedade das Nações sobre este ponto, insistiu muito na ligeireza das convenções colectivas que são preferiveis ao rigor dos regulamentos nacionais ou internacionais.

«Posto que essas convenções colectivas, diz ele, não tenham tido força de lei, são observadas como tal e os operarios do nosso paiz assim obtiveram, por via de acordos, a maior parte da proteção que o projeto da convenção se propõe a assegurar-lhes.»

E' natural que se pense que a Gran-Bretanha não se prenda ao regulamento em plena crise industrial. Eis uma questão que se tornaria mais grave se o patronato não tivesse a facuidade de adaptar as suas possibilidades de rendimento ás necessidades do consumo.

A França ainda não tratou do problema. Mas basta-nos ter invocado as duas atitudes, americana e britanica, para legitimar o direito de examinarmos a questão. Porque sómente nós e a França havemos de praticar o malthusianismo operario?

E que dizer da habilidade alemã que soube instituir as oito horas só até 31 de março de 1922, acrescentando ao principio uma enormidade de derogações que, de facto, anulam a sua força.

Numa legislação como a da duração do trabalho será em uso internacional.

E' tempo que olhemos a serio para o problema.

O principio das oito horas de trabalho está evidentemente em mente para as industrias uma posição precaria. Não póde certamente levar ao maximo o esforço humano.

E tanto é assim, o problema apresenta-se com tal clareza que por toda a parte em que o operario seja o primeiro a pedil-o convenções colectivas se consagram na ideia de liberdade das duas partes contratantes e a vontade de produção intensificada!

SPORT

Verdades...

Mario Duarte, um sportman da velha guarda, daqueles que conseguiram os seus antigos titulos de campeão, trabalhando, que não se limitam a dizer coisas sem nexo, mas que praticamente demonstram na pista, na prancha, etc., o que vale o treno inteligente, escreve num dos ultimos numeros do nosso colega «Os Sports» o seguinte:

«Tratando-se agora da disputa dum trofeu internacional, nós tinhamos obrigação, custasse o que custasse, de constituirmos um onze com os nossos melhores e mais fortes elementos.

Porque o não fazemos?

Porque a actual indisciplina social e politica transmite-se, como um mal contagioso, a todos os organismos; dentro dos clubs e principalmente entre os seus sectarios a intriga tece sempre as suas redes mais perigosas.

Mas ás direcções dos clubs compete reagir eficazmente, formando e imprimindo caracter aos seus associados.

E' mais dificil a certos individuos caminhar pela estrada lisa da verdade do que trilhar o escabroso caminho da asneira; mas a estes, uma vez repreendidos, devemos depois po-los á margem como reincidentes perigosos.

E aqui está a razão porque não podemos levar a Madrid um «team» bem constituido, isto é, forte e homogeneo.»

São verdades, que custam a ouvir, mas verdades como punhos, unicamente ha um engano na doutrina exposta pelo simpatico sportman.

E' que a indisciplina vem de cima, e que são as proprias direcções que perdem a sua força moral, exorbitando, que dão o exemplo da confusão, e logico é, que essa mesma indisciplina, se reflecta depois nos associados.

Vejamos...

Foi a União de Foot-ball que escolheu o «team» representativo do nosso paiz no «match» peninsular. Todos os que lidam nesse meio, sabiam que se poderia mudar melhor; os jornais quasi todos disso se fizeram eco, mas por sua vez, as direcções dos clubs acataram sem um protesto essa decisão.

Porquê?

Porque acima do interesse nacional, puzeram o interesse do clubismo.

O paiz foi prejudicado, mas alguns socios aproveitaram o passeio.

Era o importante...

Foi tambem por decisão superior, que um estrangeiro acompanhou o team e que durante o desafio serviu de juiz de linha.

Porquê?

Não havia entre os milhares de amadores quem pudesse desempenhar esse cargo?

Havia, mas esse estrangeiro chegado a uma «coterie», foi talvez imposto por ela.

Ora quando os «mandões» assim procedem, não admira que isto marche mal.

Isto é o foot-ball.

Mas se nos voltarmos para a ... F. P. B., a quem competia estar de sobre-aviso, e não consentir misturas, zelar pelo amateurismo, é ela a primeira a fazer quasi profissionalismo, pois recebendo uns tantos por cento sobre as bolsas dos profissionais, manda em troca um director amador, dirigir combates de profissionais.

Bem se esfalfa o seu presidente num jornal, defendendo os erros que comete, mas o caso é que a disciplina sofre.

E' claro que as coisas hão de entrar na normalidade, e que o tempo dos Calinos, ha de passar.

Temos visto tantos idolos cair...

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

CENTRO NACIONAL DE ESGRIMA

Resultado da assembleia geral

Presidente: João Sassetti; Vice-Presidente: Jaime Paredes; 1.º secretario: Arnaldo Fonseca; 2.º secretario: João Nunes Correia.

DIRECÇÃO

Presidente: Dr. Luiz Loureiro de Melo Borges; Vice-Presidente, Dr. Manuel Teixeira de Queiroz; Tesoureiro: Henrique da Cunha da Silveira; 1.º Secretario: Dr. Americo Pinto da Rocha; 1.º Vogal: Antonio de Sousa da Camara; 2.º Vogal: Paulo de Eça Leal.

CONSELHO DE INSTRUÇÃO

D. Sebastião de Heredia, Francisco Paredes, Ernesto Vieira da Rocha, João Sassetti, Dr. Manuel Teixeira de Queiroz, Dr. Americo Pinto da Rocha, Dr. Luiz Loureiro de Melo Borges, Henrique da Cunha da Silveira, Paulo de Eça Leal, José da Cunha da Silveira.

CONSELHO FISCAL

Conde de Fontalva, Candido do Carmo Fernandes, Dr. Mario Côrte-Real da Silva; Suplentes, Dr. Americo ..., Mario Xara Brazil.

Reunem no dia 21 na redação de «Os Sports», os delegados das salas de armas, para começo dos trabalhos sobre a «Federação Portugueza de Esgrima».

Box

Dizem pelo telegrafo que «Carpentier», venceu por «K. O.» o campeão de australia «Cook».

E' uma victoria, de que o campeão da Europa, não se deve orgulhar muito, visto que «Cook» é um homem de segunda classe, apezar do que diz o «manager» de «Carpentier».

74 — Folhetim de «A CAPITAL» — 13 de Janeiro de 1922

ROCHA MARTINS

Spartacus

Romance das lutas proletarias em Roma

XII

Um pouco adiante do Circo Maximo, no caminho do Capitolio, houve tumulto; uma mulher, vestida de tunica escura, abrira a linha dos pretorianos e atirara-se, de choffre, para debaixo das patas dos cavalos, enrolarase e ficara sob o carro, esmagada, espargindo do seu corpo um esguicho de sangue que esparzinhara os lictores e fizera Crassus mover-se indignado ao sentir nos labios um gosto adocicado, morno, estranho, esse ineguaiavel saibo do sangue que o alcançara tambem vindo da vitima para a sua boca avida de gosos, gorda, e sensual.

Quando atiraram o corpo da esgnagado para um canto da via larga ninguem reconheceu Mirta, a viuva de Spartacus, a probreza, a miseria, o farrapo vencido, calcado pelo triunfador, na deificação, naquela tarde ardente em que subia para o Capitolio consagrado a Jupiter, pai dos deuses.

Aquele laivo de sangue nos seus labios sabia-lhe mal, parecia aechel-o de agouros e mais se perturbou quando Remigio lhe disse, após o sacrificio do boi gordo e alvo oferecido ao Deus capitolino em espadanas de sangue, e em mugidos ferozes:

—Era o troféu que á tua gloria faltava... Mas não é esse o manjar de que mais gostas!

Esta alusão ao que ouvira a Opalia, o gosto do ouro que lhe profetisara Felux para a hora da morte, irritaram o glorificado que bradava:

—Ainda me faltam outros... Emerencia para o cantico e Spartacus para o circo...

Os «tibicines», as flautas sagradas, tocavam, e o homem mais rico de Roma, o triunfador, não era feliz.

Aquela hora ia subindo, sob o sol vivo e escaldante, pelas ribas do Vesuvio, Emerencia que tão apaixonadamente evocava, Arrimava-se a um bordão de marfim, levava sob o braço formoso a urna das cinzas de Oeno e pendente das suas costas, revestidas duma tunica branca, a citara que a tornava uma deusa quando a tocava; quasi de rastos, tropeçando, agarrando-se nos pedregulhos, Opalia seguia a filha.

Iam para longe, por esses caminhos, agrestes, mal trilhados pelos que as podiam deter.

Num momento a cantora parou; alongou a vista pelas estancias que enchiam a Campania e que pareciam casinhas de bonecos, vistos lá do alto; adivinhou os carros que enchiam as estradas brancas e, seguindo o vôo dum bando de aguias que ia para o norte, sorriu extranhamente. Quedou-se uns instantes; a seus pés ficava a terra romana vencedora; troncos de vinhas surgiam no intervalo dos pedregulhos, eriçavam-se espinheiros de bagas vermelhas, aqui e alem, no arbusto escarpa, e então, ela, tomando a urna, abriu-a, encheu com um punhado de cinzas do noivo vencido a concha da sua mão divina e num largo gesto de semeadora, lançou-as ao vento do Vesuvio. Opalia, saltitando, agarrava-se ás flores rubras dos espinheiros, sem sentir que se feria e que rasgava os dedos e atirava-as tambem, bagas de planta e bagas de sangue atraz das cinzas do escravo heroico que a cantora dispersava nos ares.

A voz estranha da advinha, tomava uma entonação formidavel; elevava-se, gritava numa ameaça a Roma, ás conquistas, ao orbe, segundo os bagulnhos que o vento levava a poeira do rebelde que voava para longe para todo o espaço, para toda a terra, para todo o mundo:

—Vão... Vão... E semeiem a revolta... através dos seculos, através dos tempos, através das idades...

Emerencia quebrara a citara contra um pedregulho alto e ficara, branca na sua tunica branca, encostada á sua vara branca de marfim, olhando em frente como se visse, através dos tempos, dos seculos, das idades, mais escravos rebeldes com outras vestes, com outras armas, batendo-se pelos mesmos principios, vencidos sempre, ao degladiarem-se entre si e os ricos triunfais no forçado equilibrio das sociedades.

Em Roma, Tercia, a cortezã fechara a sua porta ás queixas de amor. Chorava-se no seu atrio, sempre atapetado de rosas pelos amorosos; ela era insensivel desde que lançara a um homem um beijo, o unico que não vendera; e Emerencia, espectro da deusa da rebeldia, olhava sempre o céu azul, doce, onde o sol vivo, ardente, sanguineo toucava num grande nimbo incandescente e rubro o Vesuvio que parecia vomitar chamas no declinar da tarde ardente dum verão romano.

Aquele pôr do sol, violento e vermelho, mais parecia uma aurora e fazia meditar os patricios, os soldados, os cidadãos, que o viam e dourar duns reflexos doces os rostos dos crucificados na vastidão florida, por aquela Campania, alem onde os escravos tinham passado em toda a balburdia da sua vitoria e depois na fatalidade da sua eterna derrota.

Voejavam brancas pombas sobre um templo de Ceres e as aguias, mais altas, no espaço, de azas pandas, dominavam dos ares, os monumentos as cidades e pareciam querer descer para levarem nos bicos fortes as aves alvas que arrulhavam amorosas nos telhados brancos do branco altar da abundancia.

(Fim)

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3978-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 14 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Preocupações graves...

O telegrafo informa repentinamente o mundo de que o ministerio Briand pedira a demissão e que o Presidente da Republica Franceza encarregára o sr. Poincaré de organisar novo governo. O facto é de molde a preocupar-nos e com muito mais razão do que a ansiedade que desperta o resultado eleitoral do dia 29 de Janeiro. Vamos tratar de nos fazer compreender.

O sr. Briand representava, na politica franceza, a corrente moderada em relação á Alemanha.

Ou porque o sr. Briand se convencera de que as lamurias do Wilhelmstrass tinham um fundo de verdade ou porque reputasse perigoso sepa rar-se abruptamente do ponto de vista britanico, o sr. Briand cedeu um pouco e deu mostras de querer encarreirar a politica franceza no caminho das concessões reclamadas pela chancelaria germanica.

Contra tal orientação se pronunciou a opinião publica e o sr. Briand viu-se forçado a abandonar, com os seus colegas do gabinete ministerial, a direcção governativa da França.

Vai suceder-lhe o sr. Poincaré. Este politico interpreta a opinião adversa ao sr. Briand.

Será talvez excessivo afirmar que ele fará politica belicosa em relação á Alemanha; mas será talvez crivel que não cederá um centimo na questão das indemnisações e nos prasos assentes para pagamento. E' diguo de nota que o comandante francez do exercito de ocupação da Renania proibiu a continuação das obras de demolição das fortalezas germanicas, e que não se pode explicar senão admitindo a hipotese de que ele julgue que, dum momento para o outro, se pode ver obrigado a aproveita-las pa a uso proprio.

Mas qual é, então, a atitude do gabinete de Londres? E' manifesto que no governo inglez não convem o aniquilamento financeiro da Alemanha, que não foi senão um inimigo ocasional da velha Albion. Digo-se o que se disser, a Inglaterra sempre olhou a França de revez, mesmo quando entre os dois paizes não existia o es tado de guerra.

Os oficiais inglezes que batalharam em França, durante a grande guerra, tartavam se do assunto, sempre que lhes falava na amizade franco-britanica:

—Alliés, oui. Mais pas amis!

Adivinhar, neste momento que parece aproximar-se doutro minuto decisivo para a paz do mundo, que a Inglaterra vai cruzar os braços perante um acto de força da França sobre a Germania, é ir demasiadamente longe na penetração antecipada dos acontecimentos.

So nós tivessemos uma boa representação diplomatica no estrangeiro...

A reforma do Ministerio das Colonias

A imprensa tem-se feito eco de que o sr. ministro das Colonias tenha nomeado uma comissão para estudar a reforma a fazer no seu ministerio.

Procuramos o sr. Carveira de Albuquerque ilustre secretario Geral do Ministerio, que nos informou que essa comissão já existe, tendo sido creada pelo sr. Paiva Gomes quando ministro. E' destituido de fundamento que o sr. ministro tivesse encarregado os directores Gerais do Ministerio, de qualquer estudo relativamente a reforma alguma.

Abuso de confiança

Continuam activamente as diligencias efectuadas pela policia de investigação acerca de um crime de abuso cometido por um empregado no elevador de Santa Justa na pessoa de uma senhora portuense quando ali seguia.

Essa senhora, que em seguida apresentou queixa á policia, declarando que o referido empregado sustivera o andamento do elevador para a violentar então, saiu já para o Porto, terra da sua naturalidade.

Como não haja testemunhas que autentiquem o caso ainda não foi efetuada a captura do empregado em questão.

A queda do gabinete Maura

Qual será o seu sucessor

MADRID, 14.—Parece que a solução da crise ministerial será a seguinte: muito provavelmente a conservação do sr. Maura no poder, mas separando-se do ministro da guerra, sr. La Cierva ou então uma concentração de conservadores, presidida pelo sr. Sanchez Guerra, actual presidente da camara dos deputados. A grande dificuldade para se conseguir a primeira solução é que o sr. Maura esteja disposto a dispensar a colaboração do sr. La Cierva.—(H.)

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

Em que ficamos?

O que se está passando com a tão decantada reforma é verdadeiramente fantastico! Havia-se anunciado que a questão seria resolvida no conselho de ministros efectuado ontem. Mas vem a respectiva nota oficiosa e diz isto:

«O conselho ocupou-se, depois, largamente, da reforme do ministerio dos Negocios Estrangeiros e do facto de o Conselho Superior de Finanças lhe haver negado o «Visto», ficando a resolução definitiva do assunto para o proximo conselho de ministros, que se realisará na segunda feira pelas 10 horas».

Quer dizer: são precisos trez conselhos de ministros para decidir uma questão simples como as mais simples mas que é primeiro que tudo, uma questão de moralidade. Dir-se-ia que nas altas regiões oficiais ha o proposito de, a todo o transe, fazer triunfar a ignominia que ela representa, sem se reparar no desprestigio que isso traria para o governo e até mesmo para o bom nome dos que o compoem.

O certo é que a atitude do gabinete, considerado no seu conjunto, justifica perfeitamente as iarronesas dos cadetes da mesa redonda, afirmando que, graças á pressão da judiaria financeira e de certo comercio mais ou menos estrangeirado, a reforma será mantida para honra e proveito deles.

No meio de tudo isto entrevemse, o que nos apraz registar, os esforços titanicos do sr. dr. Julio Dantas para defender os interesses do paiz... ao mesmo tempo para deter a marcha da enxurrada que ameaça subvertê-lo. Com ele está a maioria dos seus colegas e, entretanto, esta jiga-joga arrasta-se ha um mez—ha um mez!—para lustre e gloria... das instituições republicanas!

Acabe com isto, sr. Cunha Leal! O caso é claro como agua e para o resolver não devia ter havido um minuto de hesitação: quando este governo subiu ao poder encontrou, forjada á pressa pelo seu antecessor, uma reforma de serviços pela qual a opinião publica manifestara desde logo a maior repulsa, não só devido á sua inconstitucionalidade, como ás graves suspeições que a sua factura originou. Está mesmo já demonstrado que algumas dessas suspeições tinham fundamento. Depois disso, o Conselho Superior de Finanças pronunciou-se contra ela. O que restava, portanto, fazer a um governo cioso do seu nome? Desde que o parlamento vai reunir em breve o que a reforma não exige imediata aplicação, apenas isto: lavar as mãos, como Pilatos, e entregar aos verdadeiros representantes do paiz a resolução do assunto. Daqui não ha que fugir.

Colegio Militar

O ilustre clinico em serviço neste estabelecimento de instrução, o sr. dr. Santa Barbosa, tem empregado com exito a «Farinha Lacto-Bulgara na convalescença dos febres tifoides. E' como se sabe Raul Vieira L.da Rua da Prata 51—o seu depositario exclusivo.

Os olhos

Dizia uma vez Serpa Pimentel: «E' preciso desconfiar sempre dos olhos das mulheres». E' até certo ponto assim. Não ha nada mais provocante do que uns olhos pretos, não ha nada mais perturbador de que uns olhos verdes, não ha nada mais perverso do que uns olhos azues—entretanto todos eles seduzem, todos eles encantam e todos eles mentem. E é talvez por isso, porque os olhos das mulheres mentem muito mais e enganam muito melhor do que qualquer outro pormenor da beleza dessas mulheres—que nós homens, pobres faianças frageis, nos sentimos irresistivelmente atraidos, primeiro do que tudo, pelos olhos de «notre-soeur-farduche». Uma mulher que tenha uns lindos olhos é para o nosso conceito de «D. Juans» paradoxaes e modernos, uma mulher senão bonita pelo menos interessante. E ser interessante hoje é quasi tudo. Se me perguntarem, com esta vaga curiosidade com que nós todos, envolvemos as pequeninas coisas do «fait-divers» feminino, quais os olhos que enganam menos—se os pretos, se os verdes, se os azues—responder-lhes-hei apenas:

— As mulheres deviam andar de olhos fechados—se não fosse o perigo de nos atropelar.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Migalhas

Bilhete aos meus amigos

«O homem verdadeiramente forte é aquele que está só», diz algures o pontifice do individualismo, esse Nietzsche, de cuja cruel experiencia se socorrem os que se sentem isolados dentro do seu orgulho ou, melhor, dentro das desilusões do seu orgulho.

Tambem eu o tenho dito em certos lances da minha vida aos meus botões. Noutras horas senti que essa verdade—haverá alguma coisa que não seja verdade neste mundo?—é das mais dolorosas entre as dolorosas verdades e que bem mais grato é, senão ao espirito, pelo menos ao coração sentir em torno de si o apoio e o incitamento da amizade, da camaradagem, da simpatia.

Tudo isto vem a proposito de um esforço que ha dias tentei, em que polarisei uma grande parte dos meus nervos e que teve a felicidade de ser excelentemente ajudado pelos que mais uma vez tenho a ocasião e o gratissimo prazer de considerar meus amigos.

No resultado feliz desse esforço ha uma parte que evidentemente me pertence. Uma outra parte, a maior talvez, compete áqueles que, pela vida fóra, tem apertado sinceramente a minha mão.

De nada valem, em absoluto, os elementos que me dizem respeito e que compõem esse facto. O que me interessa é o facto em si e o que ele representa no seu significado geral. Vem ele demonstrar-me que numa epoca, que as circunstancias tendem a fazer de um egoismo feroz, ainda é possivel reunir em torno de uma ideia, embora pequena na aparencia, um grande numero de sentimentos id nticos.

E isso dá-me uma esperança: a de que não vá tudo definitivamente perdido nesta terra, de que ainda sejam possiveis os actos de solidariedade indispensaveis á nossa marcha comum.

ANDRÉ BRUN.

P. S.—O meu querido camarada Jorge de Abreu escreve-me do Porto, onde dirige «O Primeiro de Janeiro» a dizer-me que lhe não pode de modo algum ser atribuida a autoria de uma critica dramatica a que me referi, quando ha dias, numas rapidas notas contei a minha estreia de autor dramatico. Proveiu o meu engano de ter o nome de Jorge de Abreu apontado a lapis á margem dessa noticia recortada ha vinte anos numa gazeta. Não posso recordar-me agora quem nessa altura pretendeu intrigar-me com tão excelente rapaz e, se noutro dia citei a critica que me parecia dele, foi unicamente para provar que ha vinte anos, como hoje, podia haver opiniões diametralmente opostas acerca da mesma peça. De resto, como Jorge de Abreu me faz notar, nada disso impediu que tivessemos sido sempre, como sempre continuaremos a ser, dois amigos e dois camaradas que podem contar um com o outro.

A. B.

O que é a crise politica em Espanha

A questão das juntas militares

Está preocupando a atenção publica de Espanha o conflito suscitado entre as juntas governativas militares e o ministro da guerra, sr. La Cierva, conflito que parece tomar proporções duma catastrofe politica.

As juntas militares, que em Espanha são uma força, acusam o ministro de ter praticado erros graves, considerando que a sua permanencia no governo é funesta e perigosa para os organismos militares fundamentais. Estão sobretudo convencidos de que nas mãos do sr. La Cierva periga a organisação tecnica dos Institutos armados e a sua eficacia, queixando-se tambem de serem os preteridos pelo ministro. Nesta conformidade impõem a sua saida e daí os boatos insistentes de crise e as reuniões sucessivas do conselho de ministros, por um lado e dos elementos militares da Junta de Infantaria, por outro.

Parece que o sr. Maura, presidente do governo, está solidarisado com o sr. La Cierva a ponto de abandonar o ministerio se aquele tiver de sair pela atitude das Juntas.

Entretanto diz-se que a situação actual é uma consequencia da politica inaugurada pelo proprio sr. Lacierva em 1918; pretendendo então implantar as reformas militares, por decreto sem contar com o parlamento, deu alento ás Juntas para se imporem ao poder constitucional. O sr. La Cierva qualificou essas juntas de providenciais, aplaudindo os seus actos que deram como resultado a saida de Barcelona do governador civil sr. Montañes e a demissão do governo de Romanones, em 1919.

Por seu lado, as Juntas militares exaltaram o actual ministro comparando-o ao general Cassola.

Ha quem assegure que essas Juntas de terem sido, desde 1918, não organismos preocupados em reorganisar uma sociedade mas sim obstaculos a toda a ideia de reformar e sobretudo uma barreira forte para qualquer aspiração liberal.

O facto é que a situação se torna um tanto confusa, dizendo-se que Afonso XIII se intervir para solucionar o conflicto.

Os jornais «El Sol» e «Heraldo de Madrid» manifestam-se contra as Juntas. Este ultimo diz que o momento politico é grave e que a Espanha não póde viver sob a continua coacção das Juntas militares.

Transcreve o formosa frase de Maura: «Que governem os que não deixam governar» e acrescenta:

«Não comparamos o sr. La Cierva ao general Cassola mas julgamos que não ha ninguem no exercito, onde se rende ferveroso culto ao patriotismo que pretenda «portugalisar» a Espanha fazendo-nos entrar numa étape de divisão militar precisamente quando se está lutando na Africa.

«Julgamos que não ha quem pretenda levar a Espanha aos anos tristes da Grecia, com sua «Liga de oficiais» do coronel Torres destruia a soberania do Estado ao mesmo tempo que o prestigio dos Institutos armados».

A «Correspondencia Militar» publica um «suelto» dizendo que causou grande surpreza e tristeza um artigo publicado pelo «A B C» falando nos desplantes e provocações do sr. La Cierva.

«Num jornal de tanta simpatia entre o elemento militar—acrescenta—é inconcebivel que se estejam a exaltar as paixões contribuindo para que estalem as discordias entre os elementos militares».

«Falar de discordias, tendo a significação que tem o «A B C» é acender uma fogueira junto a um deposito de polvora».

«Com as informações falsas deu um encontrão a Espanha, colocando-a á beira do precipicio».

«Nós não vamos, por nossa parte, contra o governo, contra a tranquilidade publica ou contra as conveniencias da patria; quem assim procede é o sr. La Cierva no ministerio».

* * *

Nos meios politicos de Madrid afirma-se que o presidente do conselho e o ministro da guerra concordam na necessidade absoluta de manter a todo o transe a disciplina, impedindo que a pressão das comissões informativas militares determine uma alteração na situação politica. Corria mesmo com insistencia o boato de que a Junta da arma de infantaria ia ser processada, sendo dissolvida.

«El Sol» diz que uma das consequencias mais que provaveis de toda essa luta politico-militar seria a implantação da censura telegrafica e telefonica, havendo já dificuldades em se transmitirem noticias relacionadas com a situação politica.

As informações colhidas entre os elementos militares contradiziam as que provinham dos circulos politicos, afectos ao governo. Davam a impressão de que a luta continuava aberta e de que ainda se não havia chegado ao fim deste episodio da vida publica espanhola.

D. Laura Robido Guimarães

«A Capital» publicará em breve um conto da ilustre escritora uruguayana sr.ª D. Laura Robido Guimarães que teve a gentileza de honrar as nossas colunas com o brilho da sua prosa scintilante.

A senhora ilustre e escritora distinta é sobrinha do notavel general Robido, que se tornou na historia contemporanea do Uruguay uma figura de realce primacial.

A' chegada do principe de Gales a Madrasta

dão-se graves tumultos

MADRASTA, 13.—A' chegada do principe de Gales esta manhã houve tumultos bastante graves, que obrigaram a policia em automoveis blindados a intervir.

Da refrega resultaram muitas vitimas. As autoridades tomaram medidas energicas a fim de evitar que as desordens se repitam.—(H.)

Eleições á porta...

O que pensa o sr. dr. Ramada Curto

—Que nos diz v. ex.ª sobre o proximo acto eleitoral?

A' nossa pergunta, o sr. dr. Ramada Curto, um dos mais categorisados elementos do Partido Socialista, sorri-se e diz-nos:

—Não julgo que as eleições venham resolver o problema do equilibrio moral e politico da sociedade portugueza. A culpa deste estado social foi dos dirigentes republicanos que, logo após a implantação da Republica, perderam o contacto com as massas obscuras da população que fizera a Republica, e que eram, no entender de toda a gente, as unicas capazes de a aguentar. Para esses politicos o regimen republicano traduziu-se apenas numa mutação de pessoal superior das secretarias e na faculdade de mandarem de si por deante, tendo sido mandados até então.

«Daí o cansaço e o scepticismo das massas. As divisões politicas personalistas, tendo como recurso unico o apêlo á força dos quarteis. Idealistas de curto folego, eivitos de pechisbeque dividiram-se esses senhores em conservadores e radicais. Mas todos são feitos da mesma massa. Os conservadores são demagogos que se ignoram. Os radicais são aristocratas que se desconhecem. Daí o apêlo prestante duns e doutros aos quarteis.

«Conservadores em Portugal estão divorciados do regimen. São retintamente monarquicos.

Os radicais são inuteis para amparar a Republica porque lhes falta uma ideologia socialista, sem o que, a palavra radical é uma expressão vazia de sentido com um significado algebrico, apenas.

«Em resumo, para se fazer o processo destes dez anos de Republica, basta observar esta desoladora verdade: as classes operarias caídas no extremismo moscovita—num paiz de formação economica de Portugal—as gerações das escolas sinceramente anti-republicanas.

«E' não se diga que são creanças, porque as creanças são sempre sinceras.

«Porisso as eleições não vem resolver coisa nenhuma. Só um forte partido socialista das direitas reformista constituido por todos os elementos dispersos que podem integrar-se nele afirmando, rapida e corajosamente, a sua acção, pode salvar a democracia.

Por emquanto, o que ha é o governo do sr. Cunha Leal patrocinando uma lista das forças vivas!

«As forças vivas que teem feito morrer os outros á fome.

E apoz uma brusca pausa, s. ex.ª acrescenta sorrindo:

—Ah! E temos tambem o meu amigo Trindade Coelho e as suas inciolicas e cartas aos corintios.

A festa de amanhã no Teatro Terrasse

A «matinée» de «O Juiz de fora» dedicada aos artistas dos teatros de Lisboa

Luz Veloso e Rafael Gomes, directores do Teatro Terrasse e André Brun, adaptador de «O juiz de fora», que acaba de obter um grande exito na «boite» da rua Antonio Maria Cardoso, lembraram-se de, á semelhança do que ultimamente se tem feito em Paris, oferecer aos artistas dos outros teatros, retidos em geral á noite pelos seus espectaculos, uma «matinée» á porta fechada, amanhã domingo, pelas duas horas da tarde precisas.

Os promotores contam tambem com a presença dos autores, e compositores dramaticos, scenografos, costumieres, pontos e contraregras e bem assim de todos os jornalistas e noticiaristas teatrais que queiram aproveitar este ensejo de, ouvindo a comedia adaptada por André Brun, se reunirem durante algumas horas.

Não se fizeram convites especiais nem se determinaram lugares afim de que os convidados se agrupem segundo as suas simpatias e se sintam perfeitamente em sua casa.

A todas as empresas foram enviadas, afim de serem afixadas nas tabelas de serviço, umas cartas de convite geral, salientando-se que, para as companhias que exploram o genero musicado, os corpos corais, tão preciosos auxiliares, eram tambem incluidos nessa reunião.

O espirito que presidiu a esta festa é o de favorecer uma ocasião aos artistas de se encontrarem e estreitarem laços de uma solidariedade tão necessaria na sua classe como em todas as outras. E' o que porá em destaque André Brun numa curta palestra acerca de «A camaradagem no teatro» que abrirá a festa.

A ideia, desde que foi conhecida, produziu uma excelente impressão. As primeiras figuras do nosso teatro assistirão a essa festa e a empresa do «Salão Foz» fez acompanhar a afixação do convite na tabela com agradabilissimas palavras de aplauso aos promotores da «matinée».

A minha viagem á Alemanha

POR

Charlot

(Charles Chaplin)

Em Berlim hospedei-me no hotel Adion que na ocasião, estava cheio por causa duma corrida de automoveis que ia começar. A atmosfera parece-me diferente e acho que será dificil expandir-me e sofrer as reacções normais ao contacto desta gente. Ninguem me conhece, é certo. Nunca ouviram falar de mim.

E' o que principalmente me interessa e, entretanto, creio que, apesar de tudo, isso me incomoda um pouco.

Tratam-me aqui como a toda a gente. Reparo como os alemães se mostram atenciosos para os extrangeiros. Mas ha nas suas maneiras uma ligeira marca de amargura.

Pergunto a mim mesmo a impressão que produziriam neste paiz os meus films e o efeito que exerceria a minha personalidade sem o atractivo da minha reputação.

Sinto-me mais tranquilo neste meio onde ninguem me presta atenção. Mas os alemães depressa souberam quem eu era. Dizem-lhes que sou a adoração dos americanos.

Então a sua atitude é divertida.

Não tenho grande linha externa e custa-lhes a acreditar o que lhes contam.

No vestibulo, uma compacta multidão, muitos americanos e inglezes.

Não tardam a descobrir-me e varios reporters inglezes, francezes e americanos, precipitam-se para mim a cumprimentar-me. Mas os alemães conservam-se de parte o olham-me com ar de espanto.

Wiegand, Karl von Wiegand vem ver-me e põem-se á minha disposição para todo o tempo que me demorar. Tudo isto produz uma certa impressão nos alemães, mas não manifestam nenhum entusiasmo. Acolhem-me com o alguem de importancia mas nada mais.

O teatro «Scala», onde fui passar a noite, é dos mais interessantes, mas um pouco antigo se se comparar com os teatros do mesmo genero da America e de Inglaterra. Pode conter cinco mil espectadores, a maior parte na plateia, porque a galeria é muito pequena. O espectaculo é genero «music-hall». Muitos numeros de mimica, sem palavras, nem canto, «jongleurs», acrobatas. Um comico alemão diverte-me. Canta uma canção duma vintena de versos. O auditorio entusiasma-se e aplaude quasi a cada palavra.

Nos intervalos, salchichas de Francfort e cerveja são servidas no teatro.

Observo toda esta gente... Veem ao teatro em familia... Observo os diferentes tipos de beleza. Mas a beleza não é vulgar. Aqui e ali algumas raparigas bonitas mas não muitas... O que é caricato é ver os espectadores nos intervalos a girar por aqui e por ali e ao mesmo tempo a beber cerveja e a comer coisas varias...

Saindo do teatro fui ao café Scala, uma especie de casino impressionante. O Scala é um dos maiores cafés de Berlim; o estilo moderno revela-se nele em toda a sua plenitude. As paredes são de côr verde, verde de agua, verde esbatido e chapeus esmeralda. São ligeiramente inclinadas produzindo o efeito de que estão a cair. A iluminação é por reflexão, estando as lampadas dissimuladas por detraz de paliencias irregulares de pedra dispostas ao longo da linha na junção das paredes e do tecto.

Esta assemelha-se ao de uma caserna, tendo ao centro uma estrela de prata colossal que brilha intensamente. O conjunto produz um efeito lugubre, quasi sinistro. A propria forma da sala é irregular e dá uma impressão de catastrofe. Mas estas sensações parecem harmonizar-se com o estado de espirito dos bebedores alemães.

Do café fui ao palacio Heinroth, o restaurante mais caro de Berlim e o mais chic estabelecimento para passar algumas horas da noite.

A profusão da luz fere-me a vista, porque a cidade está, em geral, mal iluminada, as ruas estão mergulhadas na sombra, senão é que mais se sentem os efeitos da guerra e da derrota.

No restaurante

No Heinroth toda a gente está de casaca, exceto eu e os meus companheiros. A minha entrada não produz sensação nenhuma. Ficamos com os sobretudos e os chapeus e pedimos uma mesa.

O patrão do estabelecimento encolhe os hombros. Ha uma no fundo num dos logares mais obscuros da sala. Isto faz-me recordar que sou ali apenas um desconhecido. Esta ideia desconcerta-me. Mas afinal o que eu queria era repouso; tenho-o agora.

Estamos a ponto de aceitar humildemente a mesa isolada que nos ofereciam, quando ouvi um grito. Puxam-me pelo casaco e alguem solta um verdadeiro urro: «Charlie!» E' Kaufmam, da sociedade Lasky e director da famosa firma de cinema Players, de Berlim.

—Vem para a nossa mesa, disse ele Pola Negri deseja conhecer-te.

Eis-me de novo no meu elemento. Os alemães olham-me com ar surprezo. Fiz enfim sensação! Oiço uma orquestra que vejo ser constituida por americanos. No meio do trecho, os musicos param de tocar e gritam com todas as forças:

«Hurrah por Charlie!»

O patrão encolhe de novo os hombros e a orquestra recomeça a tocar. Parece que os musicos são antigos moços de padeiro americanos. Não posso furtar-me ao prazer de ter produzido alguma impressão nestes alemães.

A' nossa mesa estamos Rita Kaufmam, mulher de Al Kaufmam, Pola Negri, Carl Robinson (secretario de Charlot) e eu.

Pola Negri é realmente bela. E' de origem poluca. Um verdadeiro tipo. Cabelo negro de azeviche, dentes de brancura brilhante, cor magnifica. Pena é que uma tão bela côr só possa ser apreciada no film.

E' o ponto de atracção de todos os olhares. Apresentam-me. Que voz encantadora! A sua boca fala lindamente o alemão, a sua voz tem acentuação duma doçura carinhosa e dum timbre delicioso. Bebemos. Ela toca o meu copo dizendo-me as unicas palavras inglezas que sabe: «Jazz boy Charlie».

De novo é a lingua que me embaraça. Que penal Mas com o auxilio de um interprete que providencialmente apareceu, arranjamo-nos maravilhosamente. Al. Kaufmann murmura-me: «Charlot, você acaba de fazer uma conquista. Pola disse-me que o acha encantador».

Respondi logo: Diga-lhe que ela é a pessoa mais adoravel que vi em toda a Europa». Depois pergunto a Kaufman como se diz em alemão: «Acho-a divina». Ele diz-me ao ouvido algumas palavras que eu repito a Pola. Ela estremece, olha para o olhar, dá-me uma palmadinha na mão e diz-me: «Mau».

Desatam todos a rir e eu compreendi que tinha sido ludibriado por Kaufman. «Que me teria ele feito dizer?» Pola compreendeu o gracejo e não se zangou.

Dizem-me então que as minhas palavras queriam dizer: Você é «horrivel». Bem. Aprenderei o alemão quando regressar a minha casa.

No momento em que me disponho a sair o patrão do Heinroth aproxima-se e diz-me cerimoniosamente: «Senhor, acabo de saber que sois celebre na America. Desculpai-me de o ignorar e crêde que as portas deste estabelecimento estarão sempre abertas de par em par». Descupo-o duma maneira igualmente ceremoniosa, mas sinto que devo ter, ao responder-lhe um ar terrivelmente opera comica.

Não me agrada nada este patrão.

(Continua.)

A ex-imperatriz Zita

ZURICH, 14.—A ex-imperatriz Zita logo que chegou a esta cidade dirigiu-se ao hospital onde se acha seu filho, o qual vai sofrer a operação de apendicite.—(R.)

A Exposição do Rio de Janeiro

Coisas fantasticas!...

A comissão de assistencia ao comissario geral portuguez na Exposição do Rio de Janeiro, alem do Catalogo do Livro d'ouro que se fará sobre o catalogo do Boletim, e da coordenação que se fará sobre o Boletim, pensa em publicar uma Revista semanal ilustrada! Ha resoluções, que a gente por mais que as oiça apregoar como verdadeiras quasi nos acredita nelas. Para a condigna representação de Portugal no Rio no que menos se fala é nos Pavilhões onde mostraremos o faremos a necessaria propaganda dos nossos mostruarios. Neste momento nos ha pavilhões, mas fasciculos, catalogos, Livro d'ouro, revistas, emfim publicações de todo o genero não nos faltaro! Para muita coisa vão dar 2.500:000$00 (dois mil e quinhentos contos)!

O general Joffre em Tokio

TOKIO, 13.—O marechal Joffre, nos primeiros cinco dias da sua estada em Tokio foi hospede da Casa Imperial e depois hospedo do governo. Começaram os preparativos para as recepções em sua honra, sendo uma no palacio imperial.—(Lat. Am.)

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DA LOTAÇÃO DAS CASAS DE ESPECTACULO.

Nós somos todos, benza-nos Deus, de uma espantosa inconsciencia.

Antes de uma sala de espectaculos ser aberta ao publico faz-se uma vistoria para que a Policia e os Bombeiros verifiquem se ela oferecem garantias no caso de sinistro.

E, é mais que evidente, os espectaculos só se realisam se a sala oferecer garantias.

Quando o Eden-Teatro se inaugurou levantou-se uma certa celeuma sobre as condições em que se encontrava; fizeram-se varias vistorias e acabou por se chegar á conclusão de que estava bem para a lotação do teatro.

Pois hontem a enchente foi de tal ordem — e parabens a Nascimento Fernandes por a ter tido — que a policia e os bombeiros declararam que se não responsabilisavam no caso de sinistro. E pretenderam mesmo que o espectaculo não continuasse.

Ora o caso, coloca tal como o deve ser, resume se nisto: O espectaculo tinha de continuar, como continuou, porque os espectadores tinham todos pago o seu bilhete para estarem até ao fim. Mas o que se não compreende é que a bilheteira tenha vendido bilhetes de modo a que a sala ficasse cheia como ficou; não havia um só logar onde se podesse encaixar uma pessoa que não estivesse ocupado.

A promenoir estendia-se por toda a parte.

Ora isto é que francamente se não compreende.

Não se compreende que a bilheteira o faça, não se compreende que a policia o consinta.

E a proposito ainda deste assunto é igualmente incompreensivel o que se passa nos animatografos, cuja lotação é escandalosamente excedida; olha-se apenas ao lucro sem se ter a mais pequena consideração pelo publico.

Mas que as empresas o façam é logico. Estão dentro da sua maneira de ser.

Agora que a policia e os bombeiros o consintam, fechando os olhos, é que por mais que se faça, se não consegue compreender.

BUTTO DE CARVALHO.

❖ ❖ ❖

Nevou sem interrupção durante tols dias em Cuerolos; todos os montes estão cobertos de uma camada de neve de 20 centimetros.

Em Remiremont o termometro marcou 12 graus abaixo de zero, em pleno centro da cidade.

Foram averiguadas temperaturas muito baixas nos Vosges.

❖ ❖ ❖

A chegada a Cannes do sr. Franklin Bouillon que negociou com o governo de Angora em nome do governo francez, leva a crer que a questão do Oriente será discutida em Cannes e não em Paris, como se previa.

O boato corrente de que Mme. Curie é candidata de um logar vago da Academia de Medicina de Paris, levou um jornalista a procurar o professor Richelot, que tem presidido á ultima assembléa. Richelot disse não poder responder com precisão á pergunta; que ha, de facto, um logar a preencher na secção de associados livres da Academia, á qual preside o dr. Roux. Acrescentou que, naquela secção, os serviços regulamentares são organisados do modo que é ali dispensada a formalidade do acto, para ser eleito, e declarou que á secção a que presido não chegara ainda o aviso da candidatura apresentado por Mme. Curie, — o que não queria dizer que os membros da Academia não sejam suficientes para apresentar aquela candidatura.

Mme. Curie, por sua vez interrogado, respondeu que não apresentára a sua candidatura, embora o boato já tivesse chegado até ela.

O que se assegura é que certos membros da Academia pensam em defender a candidatura da ilustre senhora, confiando em que a modestia de Mme. Curie não a levará a recusar a manifestação dos seus admiradores e amigos — pois sabe quanto lhes é querida a sua presença no seio da douta coletividade.

❖ ❖ ❖

Consta nos circulos financeiros desta cidade que os banqueiros dos Estados Unidos estão concordes em garantir um emprestimo de 50 milhões de dollars á republica de China, se o orçamento que vai ser apresentado pelo governo chinez acusar um saldo de receitas satisfatorio e uma garantida redução de despezas.

❖ ❖ ❖

Chegaram nestes ultimos dias a New York, importantes remessas de ouro, incluindo 2836000 de dollars de Londres, 20400.0 dolars da Suecia e 100000 dollars da Alemanha. Supõe-se que a maior parte do ouro que se recebeu da Suecia provém da Russia.

❖ ❖ ❖

No Bairro Social do Arco do Cego instalou-se uma biblioteca.

❖ ❖ ❖

As letras

Recebemos o livro «Sidónio no lenda» do sr. Antonio de Albuquerque. Agradecemos.

Esperança

Quando o outono, a chorar, desfolha os ramos
Que se encapelam num saudoso véu,
A reviver a hora que passou,
Olhos nos olhos, mãos nas mãos, ficamos...

Na memoria dos ecos escutamos
A voz que em nossos labios expirou;
A luz que a nossa vida deslumbrou,
Tristes, em cégas lagrimas, choramos.

Na alegria do Tempo que repassa
As almas dos enfermos da Lembrança,
Nosso passado, a luz do ocaso evoca...

Beijo os teus olhos, num adeus creança;
Chóras... é no ar de sonho a tua graça
Sorri no seu outono de Esperança!

MARIO BEIRÃO

LOTERIA

Numeros mais premiados na extracção de hoje:

9349	40.000$00
5106	6.000$00
5713	2.000$00
3405	1.000$00

PELO TELEGRAFO

A crise politica em França

Os comentarios da imprensa alemã

BERLIM, 14. — A imprensa alemã comenta a nova situação creada por o sr. Poincaré ter assumido a presidencia do novo governo, dizendo que ele advoga vivamente a politica da força.

A opinião publica mantem-se na espectativo, como até aqui, justificadamente, embora ninguem pudesse provar que a Conferencia de Cannes tivesse um fim tão prematuro.

A imprensa considera que a situação se agravou para a Alemanha. — (R).

O que diz Lloyd George

CANNES, 14. — O sr. Lloyd George ao ser entrevistado sobre a crise franceza disse que a nova situação em nada alterava o pacto franco-inglês, que ele estava autorisado a assinar, sujeito é claro á ratificação do Parlamento.

Acrescentou que tinha já chegado a um acôrdo com o sr. Briand antes deste ter saido de Cannes. — (R).

Declarações de Poincaré

PARIS, 13. — Recebendo uma delegação de parlamentares o sr. Poincaré declarou-lhe que queria formar um gabinete sem caracter politico, mas apenas de união entre os republicanos.

Amanhã deve conferenciar largamente com o sr. Lloyd George e por isso antes de domingo á noite não poderá concluir a formação do gabinete.

Quanto ás futuras conferencias o sr. Poincaré é de parecer que as reuniões do conselho supremo devem ser preparadas pelos embaixadores, visto que o conselho supremo só deve reunir para a troca de assinaturas. — (R).

Poincaré iniciará démarches hoje

PARIS, 13. — Na recepção dos parlamentares o sr. Poincaré declarou-lhes tambem que só no sabado pela manhã começaria as suas «démarches» a fim de escolher os seus colaboradores. — (R.)

A conferencia de Cannes

O discurso de Rathenau

BERLIM, 14. — O supremo Conselho convidou os membros da Comissão de Reparações a fazerem parte da conferencia de Cannes.

O sr. Rathenau discursando nessa Conferencia declarou que o orçamento ordinario da Alemanha saldava com oitenta e três mil milhões de marcos papel, e que a Alemanha desejava cumprir os desejos da «Entente» relativos á autonomia do «Reichsbank», assim como partilhar da conferencia economica europêa e fornecer tecnicos e capital para a reconstrução da Russia.

O sr. Lloyd George agradecendo ao sr. Rathenau as suas declarações, disse-lhe que o supremo conselho responderia por escrito.

Os delegados da Alemanha assim como os membros de Italia e da Belgica deixaram já Cannes. O sr. Lloyd George tenciona regressar a Londres no proximo domingo. — (R).

Declarações de Lloyd George

PARIS 14. — Interviewado em Cannes antes da sua partida para Paris, o sr. Lloyd George exprimiu o desejo de que o pacto franco-britanico seja assinado antes da conferencia de Genova e explicou que o governo italiano não será convidado a aderir ao pacto porque a configuração das fronteiras italianas a isso não obriga rigorosamente. Acrescentou que receiava os submarinos pelos interesses do governo britanico, porque ficaria uma parte do mundo em geral mais que os não tenha nas mãos da França, como nação amiga. — (H).

A questão irlandesa

A transferencia de poderes

LONDRES, 14. — A Comissão especial, sob a presidencia do sr. Churchill, tem já quasi completamente preparado tudo o que é necessario para a transferencia dos poderes executivos para o Governo provisorio do novo Estado Livre da Irlanda.

Espera-se que esta transferencia será oficialmente feita na proxima segunda-feira nesta cidade, ao enviado do Governo provisorio.

O sr. Griffith e o seu gabinete tratarão das eleições sem mais demora e ficará assim legalmente constituido o Parlamento da Irlanda do Sul. — (R.)

A conferencia do desarmamento

Os armamentos navais

WASHINGTON, 14. — A Conferencia continua trabalhando sobre o Tratado relativo aos armamentos navais. Consta que o Pacifico será excluido devido ás fortificações da Australia e da Nova Zelandia. Aguarda-se a resposta de Tokio. — (R.)

CARTA DA INGLATERRA

Londres, 8 de Janeiro

Preparando-se o caminho da paz — Historiando a questão irlandeza — Palavras patrioticas do rei Jorge V no Ulster — Quem é o general Smuts; o seu valor como militar e como politico — Pontos principais do oferecimento da prerogativa do «Dominio» feito pela Inglaterra á Irlanda

Foi o rei Jorge V quem, pelo seu discurso na inauguração do parlamento do Ulster a 22 de junho ultimo, pôz a caminho as negociações que eventualmente tiveram por resultado a solução do problema irlandez — problema que durou seculos. O momento, á primeira vista, parecia estar longe de ser propicio. Apenas algumas semanas antes fôra tentado um secreto e autorisado esforço para aproximar as portes litigantes. Esse esforço foi inutil em face da colera e da desconfiança que por tão largo tempo conservou separadas a Irlanda e a Inglaterra. Parecia que a paz estava mais do que nunca distante. A Irlanda achava-se dominada pela rebelião e pelo odio; a Gran-Bretanha meditava o emprego de mais poderosas forças para suprimir o crescente aumento da violencia dos ataques. Soldados timoneos e resolutos faziam frente a homens cegos de furia e de fanatismo. As perspectivas eram tão escuras que só um profeta ou um invencivel otimista poderia augurar a aproximação rapida de uma bela madrugada de paz.

A Irlanda foi sempre um problema para os psicologos bem como para os politicos. Ainda em junho, quando as paixões se achavam elevadas ao rubro, muitos havia, tanto na Irlanda como na Inglaterra, convencidos que aquela furia era uma verdadeira loucura e que não se poderia chegar a qualquer solução proficua baseada na supressão ou tambem na sucessão. Antes de tudo deviam ser reprimidas as paixões e transformada a atmosfera; e foi quando mais se sentia a necessidade disto que o rei foi a Belfast abrir o parlamento do Ulster. Não falou somente para os homens do Norte da Irlanda. Falou para todos os irlandeses. Usou de frases que coincidiam com a solenidade da ocasião. Fez apelo fervoroso ao desejo duma Irlanda unida, aspiração tão cara aos rebeldes do Sul.

«Eu falo com todo o meu coração ao fazer ardentes votos por que a minha vinda á Irlanda neste dia, seja o primeiro passo para o termo definitivo da discordia existente entre o seu povo qualquer que seja a sua raça ou a sua religião. Eu apelo para todos os irlandeses afim de que parem, reconsiderem e estendam enfim a mão á indulgencia e á conciliação, para que perdoem e esqueçam, e para que se unam no intuito de fazer em roiar para a Patria que eles tanto amam uma nova era de paz, alegria e boa vontade.»

Possa esta historica cerimonia ser o preludio dum dia em que o povo irlandez do Norte e do Sul, sob o impulso dum parlamento ou de dois, como esses parlamentos teem faculdade de decidir por eles proprios, trabalharão unidos no seu amor comum pela Irlanda e sobre a mesma base da justiça e do respeito mutuos».

Estas palavras foram bem acolhidas em todo o imperio e penetraram fundo nos corações mesmo dos irlandezes exasperados pela recordação de largos anos de discordia. Não sobreveio, comtudo, uma resposta imediata, e os ataques dos «sinn-feiners», na Gran-Bretanha assim como na Irlanda continuaram ou eram frustrados. Parecia pois que, em fim de contas, o discurso nada adiantara, quando se reavivaram as esperanças devido a um convite emanado de Lord George aos «leaders» dos «sinn-feiners» e aos representantes do parlamento do Norte para se reunirem em Londres com os representantes do governo com o proposito de «pôr todas as maneiras examinar a possibilidade de um acordo». O Norte aceitou imediatamente.

De Valera enviou uma resposta evasiva dizendo que não via meio de realizar uma paz duradoura se se recusasse á Irlanda a sua indispensavel unidade e se fosse posto de parte o principio da independencia das diferentes nacionalidades». Sugeriu ele uma conferencia com o primeiro ministro do Ulster, mas J. Craig recusou-se a aceital-a. J. Craig, efectivamente, recusou-se a reconhecer o «presidente» rebelde precisamente como de Valera se recusara a reconhecer o direito do governo britanico se ocupar dos assuntos que á Irlanda interessam.

Felizmente esta pouco prometedora situação foi remediada mediante os bons trabalhos do general Smuts, primeiro ministro da Africa do Sul, o qual estava assistindo á Conferencia imperial celebrada nessa ocasião em Londres. Alguns anos antes Smuts fôra «leader» boer de uma luta que inglês e combatera contra os ingleses com uma pericia e um vigor notaveis.

A concessão da completa liberdade que a Gran-Bretanha fez á União Sul Africana depois da conquista deste territorio, ganhou no imperio britanico o completa lealdade daquele seu inflexivel inimigo de antes. Smuts tem a inteira confiança do governo imperial na formação da Liga das Nações, com respeito ás suas vistas e ideias sobre a Irlanda, e a sua indubitavel honestidade e talvez tambem a sua brilhante celebridade como rebelde tornaram-no «persona grata» perante os «leaders» irlandezes. Smuts foi a Dublin. Falou com De Valera e com os outros «leaders» dos «sinn-feiners». E' provavel, a julgar por uma carta que depois foi publicada, que lhes dissesse que a Irlanda poderia ser mais livre e mais poderosa como membro da Comunidade Britanica constituida pelos diversos nações do

que nunca viria a ser como republica independente.

Em todo o caso, alguns dias depois da sua visita, com grande alegria e alivio da população de todo o imperio conseguiu-se uma tregua na Irlanda. A 11 de julho findou na Irlanda o morticinio e a violencia.

Tres dias mais tarde, De Valera veiu a Londres onde se avistou com o primeiro ministro — passo mais aparente do que real dado em direcção á paz, porquanto o «presidente» irlandez, aparentemente, se limitou a expôr as suas proprias opiniões em termos um tanto indecisos. Um pouco mais tarde o governo fez á Irlanda o oferecimento da prerogativa de «Dominio», tendo este oferecimento sido geralmente considerado em todo o mundo como extremamente generoso. O oferecimento compreendia a completa autonomia quanto a impostos e finanças, e direito de manter forças para defeza nacional, a faculdade de os irlandezes decidirem por si mesmos se a Irlanda deverá ou não começar a nova era dos seus destinos como um todo unico. As unicas reservas estipuladas no oferecimento referiam-se á segurança naval da Gran-Bretanha, á interdição de direitos protectivos entre os dois paizes e á responsabilidade da Irlanda por uma parte da divida nacional

Duqueza do Porto

Algumas noticias ineditas

Ao contrario do que se tem noticiado, não é intenção da Princeza Maria Pia, duqueza do Porto, mandar celebrar sumptuosas exequias, por ocasião da trasladação das cinzas de seu marido, o ex-principe Real D. Afonso Henriques, para as catacumbas de S. Vicente. A Princeza-viuva fará executar, todavia, um serviço religioso junto dos feretros existentes em S. Vicente, não expedindo convites para assistencia, mas vendo, com realcomplacencia, a presença ao acto catolico dos amigos do Principe, que em tão grande numero existiram e tão dedicados lhes foram emquanto residiu no Paço d'Ajuda.

Logo que a tão piedosa missão esteja concluida, a Princeza ausentar-se temporariamente de Lisboa, encarregando pessoa da sua confiança de tratar em Portugal, de assuntos de certo interesse.

Alguns jornais portuguezes, mais afeiçoados á realeza morta, apareceram, nos dias do funeral do Infante D. Afonso Henriques, tarjados de luto e publicarão artigos encomiasticos da memoria do malogrado condestavel do ex-reino, artigos que serão firmados por nomes de monarquicos militantes.

A intervenção do Estado nos funerais será puramente a preceituada pela pragmatica e pela cortezia, desinteressando-se absolutamente das honras que serão prestadas á memoria do extinto, excepção feita das que lhe competem como ex-oficial general do Exercito Portuguez e em concordancia com as determinações da ordenança.

C. F. S. S.

Posse do sr. Plinio Silva

Pelas 14 horas, de hoje tomou posse do logar de director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, o sr. engenheiro Plinio Silva.

Ao acto assistiu o pessoal superior de todas as repartições, sendo-lhe a posse dada pelo administrador interino, que fez um pequeno discurso no qual enalteceu os dotes de caracter do novo director.

Ao terminar o acto o sr. Plinio Silva foi muito cumprimentado.

Legação de França

O encarregado dos negocios de França oferece hoje um jantar ao corpo diplomatico assistindo mr. Berthelot e sua esposa.

MUSICA

O Grande Festival Wagneriano de amanhã no «S. Luiz»

Damos em seguida, completo, o belo programa do Grandioso Festival Wagneriano que em concerto de assinatura, realisa amanhã no «S. Luiz» a «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que tão extraordinario entusiasmo está despertando:

1.ª parte — I «Fausto», ouverture; II «Maestros Cantores-Canto de Walter no concurso», Violino solo sr. Flavio Rodrigues. III «Tristão e Isolda, «Morte de Isolda».

2.ª parte — IV. «Parsifal, Encanto de Sexta-feira Santa; V. «Crepusculo dos Deuses, Cortejo funebre á morte de Siefried». VI. «Cavalgada das Walkyrias».

3.ª parte — VII «Siegfried-Murmurios da floresta»; VIII. «Tannhauser», ouverture. A orquestra é augmentada conforme as exigencias das partituras.

Associação protetora de primeira infancia

A sessão solene que nesta colectividade se realisava no proximo domingo ficou adiada para 22 do corrente ás 15 horas.

ULTIMA HORA

O caso d'«O Radical»

Continua preso no governo civil, tendo recolhido a um dos quartos particulares o sr. Alexandre Regalo, redactor do jornal «O Radical» e autor de uma entrevista apocrifa ali publicada com um cidadão hespanhol.

A questão do jogo

Continuou hoje no tribunal da Boa Hora o julgamento dos 27 individuos ultimamente presos no club Redondo. Depuseram apenas as testemunhas.

Duqueza do Porto

Devido a encontrar-se incomodada de saude, não se realisou a conferencia anunciada para hoje com o sr. presidente do Ministerio.

O Banco italiano de desconto

ROMA, 14. — A situação financeira indica uma notabilissima melhoria, pelo que se pensa que com um pequeno sacrificio e uma moratoria concedida ao Banco de Desconto, a crise entrará na sua fase resolvida. — (Lat Am.)

NO NACIONAL

A Arte Scenica no Japão

A conferencia de Carlos de Abreu

O ilustre actor brazileiro sr. Carlos de Abreu, teve a feliz ideia de reunir no salão nobre do Teatro Nacional um selecto grupo de artistas, para lhes ler as suas impressões sobre o Teatro niponico.

Tarde encantadora de arte, em que Carlos de Abreu, admiravel «diseur» soube evocar esse Japão de maravilha, cavalheiresco e romantico, precioso de detalhes, vivendo as suas paixões dramatisadas num ambiente perfumado pela magia incomparavel das suas «geishas».

Cheio de colorido, de minucioso descritivo, a conversação de Carlos de Abreu, desvendou-nos o misterioso oriente, onde a vida é um sonho que não finda, tanto os mortos, são os melhores companheiros dos vivos.

E' desta recordação de heroismo, tonificador das inergias da raça, que vive o teatro japonez, desde a aparição sagrada do bailarino Okini; até ao teatro dos nossos dias, onde se canta a bravura, e a fidelidade medieval dos «Sete Vagabundos».

A Carlos de Abreu devemos uma tarde inolvidavel de arte, no conchego intimo dos velhos sofás do Nacional e daqui sinceramente felicitamos o camarada ilustre que tão bem soube sentir a eterna beleza do Oriente.

POLITICA

Eleições

A' medida que nos vamos aproximando do dia 29 do corrente, fixado para a consulta ao eleitorado, nota-se maior actividade entre os politicos das diversas fações partidarias. A concorrencia dessas personalidades ao ministerio do Interior é todos os dias maior, — embora se afirme que os partidarios se separaram quasi totalmente, do governo. Cremos que esse divorcio é mais aparente que real.

O que parece certo é que os directórios partidaristas viram-se forçados a reconhecer legitimo um facto de consumada indisciplina, que os embaraçava seriamente. E vem a ser que, não conseguindo fazer-se obedecer nos diversos circulos eleitorais, obrigaram essa indisciplina dando liberdade ás influencias locais para a realisação de acordos regionais, conforme melhor entendessem aos interesses do respectivo partido.

Tudo isto, aliás, não pode deixar de favorecer as gestões governamentais, que adquiram, por esse efeito, uma maior liberdade de movimentos.

Embora seja cedo para fazer previsões de certa segurança, eis a composição provavel do futuro Parlamento: Democraticos, 85; Liberais, 18; Monarquicos, 4; Catolicos, 6; Independentes, compreendendo alguns amigos do sr. Cunha Leal, 25; Soma, 163.

Restam vinte e cinco cadeiras, que serão preenchidas por outubristas e representantes das chamadas forças vivas.

Manifestação significativa

O sr. ministro da Guerra recebeu hoje, pelas 14 horas, os cumprimentos da oficialidade das divisões e das repartições do ministerio da Guerra, trocando-se os discursos costumados.

Foi notada a presença de delegações de algumas divisões da provincia, facto que se dá pela primeira vez.

Afirmava-se nos circulos militares que o Exercito quizera assim significar ao Governo o seu apoio na manutenção da ordem publica, alheando-se, por completo, das intrigas e cabalas politicas.

Conferencias

O sr. Presidente do Ministerio recebeu hoje varias personalidades em destaque na politica. A conferencia mais significativa realisou-a com o sr. ministro do Comercio e com o sr. Pedro Mourão, do Porto, sendo de presumir que se tratasse da questão dos carris electricos daquela cidade.

TEATRO

Primeiras Representações

TEATRO NACIONAL — O Centenario, *tres actos de Serafim e Joaquim Alvarez Quintero. Trad. de Alberto de Morais* — — —

A sala. O Palco

Foi hontem uma noite de grande festa para o Teatro Nacional.

Augusto Pina teve, de parte do publico, a justa compreensão de que a

José Ricardo

forma por que se representou a encantadora comedia dos Quinteros estava em tudo á altura dum grande teatro moderno de declamação.

Em toda a sala se via, se sentia um bem estar reconfortante.

Um efluvio de generosidade conquistava, partindo do palco, atravez a velhice encantadora de José Ricardo. Desde a casaca impecavel do Augusto Pina, ao camarote dos escritores Lino Ferreira e Felix Bermudes, aos fauteils da critica—tantas vezes torcida em outras peças, num sorriso amarelo—um grande ar de simpatia pairava, perfumava, tumultuava no ambiente.

No proprio palco, havia notas duma pureza inedita, dum encanto subtil.

Estive no camarim de Ilda Stichini. A ante-camara estava deserta.

Sobre um sofá, um melhor leve, branco virgem, de «organdys» e rendas, um «manton de manilla», branco tambem, de largas franjas: estava em scena uma peça dos Quintero—uma peça branca, uma peça leve, uma peça virgem...

A peça

Na dispensa farta do teatro hespanhol, as peças dos Quintero tem a pureza sadia e biblica do pão alvo.

«O Centenario» é uma encantadora comedia, feita com sardinheiras e cravos de Hespanha, uma mantilha de renda, um hespanhol estouvado e um delicioso velhinho de 100 anos.

Ha ali Julio Diniz e D. João da Camara. Ha ali pensamentos que só homens da peninsula escreveriam,

Ilda Stichini

que só—em todo o mundo, portuguezes ou hespanhoes, poderiam sentir. Não se explica nem se descreve esse bom lirismo dos Quintero, magistral e infantil, fluctuante, leve como uma renda, suave e perturbante como uma brisa—essas brisas que se sentiram melhor no romantismo e foram tantas vezes o «zéfiro da tarde».

O desempenho

Não se pode representar melhor do que ontem se representou no teatro de Almeida Garrett.

Desde a mais insignificante rabula á dificilima parte de Ilda Stichini, todos,—todos!—sem excepção, compuseram um notavel conjunto scenico como, ha muito tempo, se não via no Teatro Nacional.

A verdade deve dizer-se, só nos podia ficar bem este aplauso sem restrições.

Tiveram, no entanto, pelos seus notabilissimos papeis, um destaque especial, José Ricardo que foi assombroso de tecnica, comovendo desde logo a plateia com a sua explendida caraterisação e Ilda Stichini que foi uma ingenua, como ela sabe ser, marcando notavelmente as inflexões e representando como uma actriz iminente que é. Que se lhe pode dizer de mais sobre o seu trabalho? Que está ali uma grande realidade, um grande orgulho daqueles que pertencendo á sua geração a poderão acompanhar pela vida fóra na sua grande arte, tão inteligente, tão expontanea e tão portuguesa.

Rafael Marques esteve notabilissimo tambem. Ha que aplaudil-o, que dizer-lhe que o seu trabalho nos pareceu completo.

Augusta Cordeiro num papel fóra do que tem feito, muito bem.

Joaquim Costa, como peixe n'agoa, Jorge Grave, Luiz Leitão, Acacio Reis e Ana de Oliveira todos, todos explendidamente.

Laura Hirsch, numa caricatura, flagrante de verdade.

Papeis, sabidos na ponta da lingua, marcação impecavel, treco a justo.

Scenarios, «toilettes»

Tradução

O scenario, um só, regular. A arquitectura dos arcos incaracteristicos e pouco logica. Estava ali a pedir pilares de tijolo, ou outra dessas notas vivas tão vulgares na arquitectura espanhola dos ultimos cincoenta anos. O longe bem pintado, com muitos rompimentos e certo ar de perspectiva.

No entanto progressos marcados: os quadros das paredes tão-n'o «do verdade», e não de papel pintado como era costume.

Ilda Stichini e Ana de Oliveira vestidas encantadoramente.

A tradução de Alberto de Morais duma grande correção e sem uma falha que maculasse a obra dos Quintero, o que seria sacrilego.

Emfim, o «Centenario» foi um verdadeiro sucesso, e daqui, um grande bravo a Augusto Pina.

O HOMEM QUE PASSA

A festa de Nascimento Fernandes no Eden-Teatro

Com uma casa ultra á cunha (estavam perto de 5000 pessoas) realisou ontem Nascimento Fernandes a sua festa no Eden.

O «Tic-Tac» estreiou um quadro novo, infeliz, que veio talvez ferir de morte a popularissima revista.

O programa foi aumentado com o quadro «Pax» do «Novo Mundo» em que Amarante, Rafael Marques e o festejado se afirmaram como sempre, tres magnificos artistas.

Amarante cantou seis vezes o «Fado do Ganga», que o publico apreciou, insatisfeito de ser tão pouco. Da ultima vez meteu-lhe uns versos novos dedicados a Nascimento Fernandes.

Depois, abraços muitos abraços. Nascimento Fernandes tirou a prova real de quanto o publico lhe quere... e chorou.

Aquele momento de ontem, devia te lo compensado de alguns dissabores de bastidores. Nascimento mereceu o bem.

A meio do espectaculo os bombeiros apavorados com a imensa gente, que surgia por todos os lados, declararam que se não responsabilisavam no caso de sinistro. A autoridade quiz suspender o espectaculo. O publico protesta, e continua-se como dantes ordeiramente.

Nascimento Fernandes recebeu abraços e prendas ás dezenas. Hontem com certeza, fatigado de ovações, esborrachado de abraços, ao enfiar no conchego tipico de vale de lençois (isto na hipotese de se ter deitado esta noite) disse a sorrir para o travesseiro velho amigo:—Emfim venci absolutamente!

Noticiario

E' menos verdadeiro que a companhia Palmira Bastos já tenha as casas passadas para os espectaculos que pretenda dar no teatro de Ponta Delgada.

—Na festa da gentil actriz Justina de Magalhães, os principais artistas da companhia do Apolo, farão numeros especiais, cantando a festejada um dos mais aplaudidos fados da revista «Paz armada», e o numero «Boneca de trapos» da revista «Negocio da China».

Instituto Branco Rodrigues

O administrador do conselho de Cascais sr. Julio Franco do Cruz visitou esta instituição, onde poude avaliar o estado de adiantamento do ensino dos cegos. Depois da visita declarou ao fundador do Instituto que ficava incondicionalmente á sua disposição para tudo quanto possa interessar—o progresso daquele estabelecimento e entregou o donativo de 50$00.

Durante a semana receberam-se donativos: das senhoras Viscondessa de Cavalcanti, de San Remo (Italia) 100 francos; D. Sofia de Sousa Viterbo 5$00; D. Julia Azulay 10$00; D. Maria Guilhermina de Jesus 20$00; dos srs. Oliveira Meca peça de pano para factó; E. Azulay 10$00; Santos Amaral 10$00; Campos Melo Irmão, 20$00; C. Internacional Mercantil 5$00; Pires d'Almeida, 5$00; Julio Rei L.da 10$00, dr. Antonio Craveiro Lopes, 20$00.

Bilhetes dos electricos

Os srs. Julio Rei L.da Joalheiros da P. Restauradores 31 e Ramiro Pinto L.da rua Augusta 148 ofereceram-se espontanea e generosamente para receberem nos seus estabelecimentos bilhetes dos carros electricos para esta instituição.

SPORT

Indice de robustez

São imensas as modalidades, que varios medicos e professores teem apresentado como base, para se conhecer a robustez fisica de qualquer pessoa.

A ultima que conhecemos, da autoria do medico francez Rufier, é interessante, pois difere bastante de todas conhecidas.

Rufier indica o seguinte:

a) Medida de volta do torax, medida na volta dos peitorais e em inspiração maxima.

b) A volta do ventre á vontade, medida na altura do umbigo.

c) O peso nu em kilos.

d) A altura, contando só os centimetros dum metro para cima.

Feito isto a operação é a seguinte:

Diminue A de B, depois faz nova diminuição entre o resultado da primeira e o resultado entre C e D.

Exemplificando: um individuo tem 1 metro e 67 de altura, 60 kilos de peso, 90 de volta de peito e 71 de ventre

$$90-70-(67-60)=12-7=5$$

a robustez é tanto maior, quanto o numero que resultou foi mais elevado.

Assim 5 corresponde a uma robustez mediocre, menos de 5 fraqueza, de 5 a 10 boa constituição de 10 a 20 robustez atletica.

RUY DA CUNHA

Ciclismo

Numa prova á americana de 100 kilometros, a que puzeram o nome de a «americana dos azes», por só entrarem especialistas de nomeada, ficou vencedora a «equipe» «Aerts-Berthet», que bateu o «record» de distancia.

—«Panlain», ganhou uma prova importante em Bruxelas, prova a que assistiu o principe herdeiro, que felicitou o francez, pela sua vitoria.

Law-Tennis

A taça do natal, jogada no «Sporting Club de Paris», foi ganha por «Brugnan», que venceu facilmente.

Box

O nosso conhecido «boxeur Violas» continua a exibir-se em Paris.

Agora deve combater «Demay».

—O campeão belga «Hobin», vai fazer uma «tournee» na America.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

AS DESAFIOS DE AMANHÃ

Primeira divisão. —1.ª categoria.—Internacional contra Sporting, em Bemfica, ás 13 horas; juiz o sr. Alberto Rio.

Bemfica contra Império, em Bemfica ás 15 horas; juiz o sr. João Armour.

2.ª categoria.—Sporting contra Internacional, no C. Grande, ás 15 horas; juiz o sr. Antonio José do Vale.

Bemfica contra Império, nas Laranjeiras, ás 13 horas; juiz o sr. Antonio Gonçalves d'Oliveira.

3.ª categoria.—Sporting contra Internacional, no C. Grande, ás 13 horas; juiz o sr. Joaquim Augusto dos Santos.

Bemfica contra Império, nas Laranjeiras, ás 11 horas; juiz o sr. Jorge Pancada da Silveira.

4.ª categoria.—Sporting contra Internacional, no C. Grande, ás 11 horas; juiz o sr Alfredo Podroso.

Bemfica contra Império, nas Laranjeiras, ás 15 horas; juiz o sr. Eduardo Vasconcelos de Azevedo.

CROSS-COURTRY

O bi-semanario «Os Sports» está tratando da organisação de uma «cross-courtry» que se deverá efectuar nos meados do mez de Fevereiro.

AUTOMOBILISMO

Está um jornal da especialidade a tratar, segundo se diz, duma prova automobilista no circuito da Beira.

RUY DA CUNHA

Vão ser editados num volume a memoria que o professor Ruy da Cunha acabou de publicar em «Os Sports».

CONTOS D'«A CAPITAL»

A NOIVA DO SAM...

Por PAULO BARRETO

Estavamos na sala malva, a sala dos recepções intimas, dos conversas leves em torno da mesa do chá. M.me de Sousa, linda no seu «tailleur» cór do pecego, posava entre a trefega M.me Werneck e a sizuda viscondessa de Santa Maria, e nós, eu e o barão Belfort, já tinhamos esgotado o ataque á musica italiana, quando M.me Werneck deu conta da sua ultima descoberta:

—O barão está triste.

—Pois se venho de acompanhar um enterro.

—Triste por isso? O barão, o homem sem emoções, triste porque acaba de fazer a coisa mais banal deste vida, entre pessoas da sociedade!

—Não é propriamente por isso. Estou triste porque vi enterrar a ultima mocinha romantica deste agudo começo de seculo. Se lhes contasse a historia da pobre Carlota Pais, ficavam todos para ahi a chorar, e antes de tudo, nesta hora agradavel, nunca me perdoariam ter envermelhecido os lindos olhos de M.me Werneck.

—Mas pelo que vejo, a sua historia tem a propriedade do diluvio!! fez asperamente a viscondessa.

—Conte-nos isso, barão, disse M.me Werneck; com a sua historia contemporanea do diluvio faremos decididamente colecção de antiguidades sisudas.

Houve um aproximar de cadeiras. O barão bebeu um gole de chá.

—Não conheceram a Carlota Pais? Pois a pobre Carlota Pais, coitada! já com um começo de tisica e um perfil romantico, dava mesmo pena, á noite, no parapeito da janela, muito branca, como desmaiada. Ninguem lhe sabia da vida, e vendo-a assim, á janela daquela velha casa, todos a deploravam. Quando a Carlota atravessava a brutalidade do bairro pobre; com a apagada dor dos humildes aristocratas, trazia no rosto um tal desgosto que era por quantos a conheciam um dó lastimar.

Tambem sahia apenas para acompanhar a mãe, uma senhora escalavrada e roida como um vaso antigo, para acompanhar com o seu passo de visão a pobre velha carregada de pesadas costuras. Fôra assim desde nascida! Olhava os pobres e os parentes como se guardasse na alma a recordação de um mundo melhor, alheiava-se deles, e quando a viam recolher no sobrado em ruina, já todos tinham a certeza de ve-la aparecer á janela muito loira, e muito branca.

Que fazia ela, assim, por longas horas, alheia á rua, olhando o ceu, com um personagem de romance? Coitada! Era o unico meio de esquecer a miseria da casa, a miseria que embota a alma e engrossa as delicadezas. Carlota ficava ali, numas atitudes serenas de passaro triste, com o olhar cravado no infinito, e toda a sua vida de sensitiva, quebrada pela incompreensão dos outros, rendilhava uma dolorosa espectativa.

Parecia um typ de lenda á espera da fada que o fosse salvar do bairro escuro e daquela pobre senhora sempre a trabalhar e sempre de preto.

Como estão a ver, era uma menina romantica, e que romantismo mi[...] olhos senhoras! Até eu cheguei a admira-lo. Tossia mais, estava diafana, parecia uma ninfa virada em anjo da saudade—porque, de certo, quem lhe visse o olhar e os irresolutos gestos, julga-la-ia perdida de um paraiso artificial. Não lhe pude saber a origem desse exquisito feitio, e certo vez que lhe levava «bonbons» e lhe falei em paixão, ela teve um gesto tal que me esfriou a alma. Tambem, como sumida da realidade, nunca ninguem a tinha visto á janela baixar o seu severo perfil as vulgaridades do namoro.

Esperava, nada via, e com a sua anciedade, assim ficava até tarde, muito branca e muito loira, olhando o ceu.

Uma vez, no mez de Junho, a Carlota estava a chorar, nem sabia bem porque, diante da algida luz do luar, quando na casa junto, o harpejo brusco e sonoro de um piano sobressaltou-a. Do outro lado lentas espirais melodicas espraiavam-se, envolviam-na. Era, num turbilhão continuo de notas, de expressões subitaneas e diversas, a expressão persistente, torturante do desejo que não se termina e se prelucia, do amor cuja volupia jamais alcança o paroxismo. Ela ficou presa, estarrecida. Quem seria? Nunca ouvira aquilo, nunca sentira os nervos tocados daquele brusco quebranto, daquele epidermico encanto do som, exprimindo o inexprimivel. Os sons, como caricias de rosas, iam a pouco e pouco desfibrando-a, envolvendo-lhe a alma, machucando-a. Toda ela palpitava agora com uma tremura de folha ao vento. Teria chegado a felicidade, o impalpavel prazer até então vedado? Aconchegou-se mais ao chale, com um arrepio de goso que lhe subia pelos braços e lentamente se irradiava pela nuca.

Do outro lado a musica, veludinea, num resumo de mil emoções, esboçava paisagens subtis e esfumadas, desfiava risos perlados, cavava-se em soturnas maguas, e como se a vida extra-humana fosse um só gemido d'amor, toda ela espiralava tormentosos queixumes, endeixas dolorosas, perdidos soluços de paixão. Para os grandes sensuais só ha um goso integral que exprima a ancia de acabar e a fraqueza humana—o som, a vibração de uma corda na lamentavel evocação de vidas que se não realisam.

Para que o sentir da pobre criança fosse mais intenso, no espaço, as estrelas palpitavam e a luz do luar lustrava as casas com o seu misericordioso brilho, entrava pela janela num rectangulo de oiro que parecia milagre. Oh! nunca a doce Carlota se sentira tão emocionada, ela que sempre vivera na expectativa do bem!

Essa noite passou-a á janela até muito depois do piano calar, ouvindo-lhe o ultimo som perdido na cinza avelhada do luar, e desde então andava o dia á escuta e toda a noite passava, em que o oculto pianista tocava, presa ao parapeito, entre a luz dos astros e os sons misteriosos.

Nós já rimos da paixão.

—Então a Carlota?

—Ai! meu senhor, continua a viver dos sons, está de todo virada!

E quando eu lhe levava alguma cousa:

—Então a sr.ª D. Carlota sempre com os sons?

Ela pendia na cadeira sussurrando:

—E' tão bom!

Aqueles sons, como um rosario sem fim, que se desfiasse, iniciavam-na numa religião do amor desencarnado, e quando qualquer dificuldade emperrava do outro lado a mão do tocador, a Carlota sentia uma agonia como se hesitasse em compreender todo o alcance pecaminoso da frase.

Vinha-lhe ás vezes a curiosidade de saber quem era esse tocador. Passava os dias á espreita; a casa do lado, uma pensão, não lhe deixava adivinhar entre as muitas pessoas que entravam o artista estranho da noite. Perguntou á mãe se a informavam e a velha senhora respondeu que não sabia, que não era possivel saber.

Bruscamente, então, perdeu esse desejo. Conhecel-o para quê? Bastava a delicia de ouvil-o, bastava a inconsutil paixão que a rojava a seus pés! E perdia totalmente as noites, essas noites de Agosto, traidoramente frias, em que a luz brilha mais, ha mais perfume no ar e as brumas, ao longe, parecem sudarios consoladores. Era um inebriamento até ao romper de alva. No fim, quasi se arrastando, ia para o peitoril, como para uma tortura e do outro lado, a musica inquisidora amortalhava-a, desabridamente no delirante tropel do amor!

Ah! o goso do som! Os seus nervos sensiveis chegavam ao pranto, ao soluço, ao sorriso, como hipnotisados. Cada nota já lhe exprimia um sentimento; os trechos repetidos pelo artista ela os seguia, adivinhando acordes, adivinhando sons, como se fizesse o exame da sua alma de amorosa, e de cada vez, mais maravilhada ficava, bebendo a pleno trago o delirio, a morte, o extase da musica encantada. De certo, ninguem no mundo amava, sentia-se ainda com esse sagrado e impalpavel amor. Encostava-se ao parapeito, esperava e era sempre com susto que, de repente, ouvia abrir-se uma escala, como acordando o piano, e as duas vibrações de bordão, dois acordes do contra baixo, pesados e sonoros. Depois, um som subia, outro respondia, o aviario se encadeava num trinado. Muita vez, o pianista que fundia a alma com as notas, tocava varios artes simples, com um ar velho, como se os seculos todos chorassem a vida; doutras, eram trechos modernos, traçando no ar uma flora bizarra de nervosos acordes e era então uma revoada de vozes, ais sem fim, queixas em harpejos arquejados, rugidos rabros de ciume, em que o piano parecia abalado e a musica estrebuchava...

Nos ultimos dias, a coitada ardia em febre, plenamente fóra do mundo, gosando com um goso feroz de agonisante, o amor incorporeo, emquanto ao lado, noites em fóra, as mãos invisiveis soluçavam a magua e a tristeza.

Ora, hontem, quando eu subia a escada ingreme da sua velha casa, D. Ana apareceu-me desgrenhada.

— Venha, acuda, a Carlota morre...

— Como foi isso?

— Sei lá! Passou toda a noite á janela; o musico não tocou, a chuva, hemoptises, sangue...

Na sala de visitas, a pobre Carlota, coitada! estava caida numa cadeira de braços, entre as bacias, as botijas, os panos, a lugubre confusão que precede o eterno descanso. Fez um esforço, estendeu a mão.

— Estou á espera da musica...

Deixei-a, despreguei-me pelas escadas. Era preciso que a musica lhe levasse o supremo consolo. Entrei pela casa ao lado.

—O pianista? perguntei ao encarregado.

—O maluco? No primeiro andar, á direita, quarto n.º 5.

Subi, bati com força no quarto, empurrei a porta, desesperado. Encontrei um velho homem, magro e aduaco.

—E' o senhor o pianista?

—Sou.

—Ha aqui ao lado uma creança que agonisa. Vinha pedir...

—Para não tocar hoje. Vá com Deus.

Não. Venho pedir que toque. Não é possivel explicações. Essa menina vive ha um mez de ouvil-o. Está morrendo. Pede-lhe que toque.

O homem passou a mão pelos cabelos.

—Escute, é uma loira, muito loira? Meu Deus! Pobre pequenina! Então ela me ouvi? Vá, eu toco, vou tocar já.

Depois agarrou-me o braço.

—Mas escute, não lhe diga como eu sou. Eu sou feio, perdia o encanto!

Quando outra vez entrei na sala a Carlota morria. Como a querer beijal-a, o luar entrava pelas janelas, num golfão de ouro e ela com as mãos de magnolia cruzadas sobre o peito, tinha na face a tortura da agonia.

Mas, subitamente, teve um estremeção. Ao lado, como uma ronda de astros que se despregassem do infinito, o piano explodia uma indisivel revolta. Um tropel de sons, reboou, estrechocou-se, deslisou, rasgando o ar, da terra ás estrelas, com uma dor infinita. Depois, pareceu parar, tremulou brevemente, abrindo um paraizo, onde os arcanjos cantassem e, emquanto Carlota sorria, os acordos, como um coro de rosas, envolveram-na, beijaram-na. E ella morreu, docemente, sem uma contracção ouvindo a musica do amor...

Houve um longo silencio na sala malva, onde ha conversas tão alegres, a hora suave do chá. O barão limpou o monoculo:

—Ora, aqui está porque eu estou triste.

—Cousas da sua fantasia macabra, fez a severa viscondessa de Santa Maria.

—Para entristecer a gente, acrescentou Mme. de Souza, linda e sentimental.

E, de novo, emquanto Mme. Werneck fazia um grande esforço para não chorar, todos nós com silencio e prodigio, atacamos a musica italiana

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3978—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 16 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

Para orientar alguns ministros no Conselho desta noite

Recapitulemos:

A famosa reforma começou por ser uma obra de suborno. Com ela pretendeu-se corromper a imprensa de Lisboa e, por intermedio desta mistificar a opinião publica. Chegou-se a ponto de num dado momento se enviar do ministerio dos Estrangeiros ás redacções de certos jornais longas entrevistas, já redigidas, acompanhadas de mapas, graficos e as proprias zincografias dos retratos dos reformadores, para serem publicadas, como se fossem obra dessas redacções.

A casual intervenção dos directores dos referidos jornais, fez abortar á ultima hora esse plano de... publicidade.

Eis os principais topicos da reforma e do que á sombra dela se fez:

—Aumentou-se o pessoal dos quadros em mais 46 funcionarios.

—Criou-se uma nova categoria, na escola, com vencimentos proprios, para preencher a qual foram desde logo feitas 24 promoções.

—Crearam-se 17 consulados de carreira, 12 dos quais, pelo menos, absolutamente inuteis por óra. Com eles agravou-se o orçamento do Estado em cerca de 120 contos, oiro, por ano sem contar com as verbas de instalação dos respectivos funcionarios e dos proprios consulados.

—Transferiram-se vinte e tantes secretarios e consules, o que representa quarenta e tantas viagens desses funcionarios e respectivas familias, e as correspondentes despezas de instalação, tudo pago em oiro.

—Creou-se o grotesco Instituto de Expansão Economica, com agencias por todo o paiz, as suas oficinas graficas—talvez adquiridos a uma grande casa de Lisboa, que já em tempos quiz fazer identico negocio com a secretaria da camara dos deputados—os seus laboratorios e o seu pessoal que deve orçar por algumas dezenas de individuos contratados. E deu-se a direcção deste organismo a um adido de legação.

—Creou-se a Agencia de Informações Coloniais, com sub-agencias em todas as capitais de distrito e, é claro, o respectivo pessoal contractado.

—Crearam-se os lugares de tradutores e escriturarios contratados.

—Crearam-se inspectores tecnicos, contractados.

—Crearam-se escolas secundarias no estrangeiro, as mais modestas das quais com quatro professores.

—Promoveram-se funcionarios duas vezes no periodo de doz dias.

—Deu-se a um funcionario das alfandegas que no Ministerio dos Estrangeiros desempenhava funções especiais, a categoria de ministro plenipotenciario de primeira classe, fazendo-o entrar na carreira.

—Desorganisaram-se os serviços do Ministerios de Estrangeiros, Agricultura, Comercio e Colonias.

Cremos que isto basta para orientar por alto alguns dos membros do gabinete, mas se os srs. presidente do ministerio e ministro do comercio, por exemplo, quizerem dados mais precisos, não teem mais do que consultar o decreto da reforma e o da fixação dos quadros, ou o que seria mais facil a coleção da «Capital». Na parte relativa ás oficinas graficas decerto o sr. ministro do comercio dará ao conselho preciosas informações.

Quanto custam umas eleições em Inglaterra

LONDRES, 16.—Parte da imprensa diz que se houver eleições gerais no mez de fevereiro, milhares de libras serão desperdiçadas sem o menor beneficio, alem de se produzir uma deslocação do comercio, segundo afirmam os banqueiros e os negociantes. O custo de uma eleição geral deve orçar pelo menos em dois milhões de libras. Todos os homens de negocios consideram uma eleição, no momento actual, um verdadeiro desastre para o comercio, tornando os contractos duvidosos, suspendendo a emissão de novos capitais para a industria e creando uma atmosfera de incerteza entre os que trabalham.—(Lat. Am.)

A vida impossivel

O Estado, legislando a torto e a direito e sem tom nem som, ha-de conseguir tornar insuportavel a vida dos cidadãos

Ha um indice seguro, em Lisboa, para marcar o grau das dificuldades em que se debate a economia das familias. As Execuções Fiscais registam, sem duvida possivel, se a economia particular está agravada com «deficites» ou se, pelo contrario, ha «superavit» no orçamento domestico. As contribuições são pagas a tempo e horas? Então é porque não existem graves dificuldades caseiras.

Mas se, pelo contrario, os relaxes aumentam despropositadamente, é evidente que as receitas não foram suficientes para se conseguir, já não dizemos mais, mas apenas o equilibrio do orçamento das familias. Neste ultimo caso, todos perdem: o Estado porque, por muito que receba no final dos processos, nunca arrecada tanto como se a cobrança não fosse coerciva, graças aos processos fiscais que teem que se dar por incobráveis.

Presentemente, a situação apresenta-se particularmente aflitiva. As Execuções Fiscais nunca tiveram tantos relaxes.

Só pelo primeiro bairro de Lisboa foram enviados ás Execuções Fiscais seis mil processos (seis mil!...) para a cobrança coerciva da taxa militar. E, com respeito á contribuição sumptuaria que incide sobre habitações citadinas, não é melhor a perspectiva sendo, aliás, de acreditar que os relaxes surjam em verdadeira avalanche. E porquê? Simplesmente porque o legislador não soube o que fez, espetorando para o papel, que tudo consente, quanta fantasia lhe povoava o cerebro. E' facil a demonstração.

A lei isenta de contribuição sumptuaria o inquilino que paga de renda menos de cincoenta escudos mensais. Teoricamente, quiz-se dest'arte beneficiar o cidadão que pobremente vive; o objectivo, na realidade, não foi atingido, porque uma renda mensal de cincoenta escudos por habitação é coisa rara, apenas paga pelos miseraveis e nunca pelos remediados. Qualquer cubiculo custa muito mais que isso. Qualquer andar de predio modesto, para abrigar uma familia de quatro pessoas, não se obtem por menos de cem a duzentos escudos, quantias que constitue hoje metade do ordenado dum burguez, mesmo que ele exerça funções do Estado de certo destaque.

Um general de divisão, exercendo comando, ganha quatrocentos escudos; um diretor geral pouco mais de trezentos escudos; daí para baixo a corrida para o abismo é vertiginosa. E como a uma renda de cem escudos mensais correspondem, pouco mais ou menos, cento e vinto escudos de contribuição, nós perguntamos, muito simplesmente, se não é natural e inevitavel o relaxe? Evidentemente que é. Imagine-se agora quantas angustias uma tal situação de desespero vai ocasionar!

E por cima de tudo, não ha habitações disponiveis. E' certo que nos bairros excentricos ha casas com escritos, mas por preços absolutamente inacessiveis. Por um andar construido nos predios dos gaioleiros pedem-se trezentos a quatrocentos escudos. Muito mais que outro tanto se terá que pagar de contribuição. Assim, já nem os abastados lhe chegam! Entretanto, o problema da habitação não é insoluvel. Se ele fosse devidamente estudado nas suas particularidades, o Estado alguma coisa poderia fazer, forçando, pela concorrencia, ao barateamento das habitações. Em ruas da cidade, mesmo centraes, como, por exemplo, na Avenida da Liberdade, ha terrenos para edificações, terrenos que estão na posse de particulares desde ha muitos anos, absolutamente inaproveitados.

Esses benemeritos cidadãos nem edificam nem deixam edificar. O Estado devia, por lei apropriada, po-los na contingencia de edificarem imediatamente, sob pena de expropriação do terreno e sua venda a outro cidadão que o aproveitasse para edificar.

E' vulgar vêr tambem erguerem-se predios em ruas recentemente abertas, mas todos distantes uns dos outros, com enormes soluções de continuidade. Isto, alem de inestetico, é inconveniente, não só sob o ponto de vista do conforto geral dos cidadãos, obrigados a percorrerem, a pé, distancias enormes, como tambem no que respeita ao dispendio forçado dos edis da Camara Municipal, que tem de andar atraz dos predios para as canalisações convenientes. Emfim e por toda a parte, é sempre o mesmo desgoverno!

Mais uma vez aqui deixamos dito: se o governo não olha por estes e outros casos, não será com os sabres e as metralhadoras da Guarda que se abafará um formidavel clamor de revolta...

Questões do dia

A lista unica na eleição republicana de Lisboa

Não pertencendo nós, hoje como sempre, áquela «élite» republicana que cosinha a Representação Nacional, mexendo desesperadamente o grande caldeirão eleitoral, não temos um perfeito conhecimento do que se fará em 29 do corrente, quando se deitar o «forceps» á montanha que dará á luz a representação parlamentar da cidade de Lisboa. Isto, porem, não nos dispensa de expôr uma opinião, que muito provavelmente, não será de receber, exactamente porque se não faz acompanhar dum côro de morrorio e vivorio, com bombas á mistura. Mas constitua ou não a nossa voz um murmurio no deserto (visto que clamor não é, com certeza) virmos dar o nosso parecer, sustentando a unica tese que se nos afigura verdadeira e desinteressadamente republicana.

Tem dito o sr. Cunha Leal, por vezes, que ambiciona melhorar a qualidade dos nossos legisladores.

Está muito bem. Entendemos, porem, que é condição essencial para se conseguir em objectivo, mandar ao Parlamento cidadãos que exerçam efectivamente o mandato popular, prescindindo, duma vez por todos, de fazer eleger quem, no final de contas, não quer ser legislador e dá até demonstrações inequivocas de despreso pela honra que á força se lhe quer conferir.

Nas fileiras, aliás reduzidas, destes dignos portugueses, exerce funções de comando o sr. Afonso Costa, que se homisiou em Paris e não quer voltar á ingrata Patria nem á mão de Deus Padre. E antes que o ilustre estadista se resigne a restituir á terra o corpo inerte—o que acontecerá, esperamos e desejamos, o mais tarde possivel—não deixará muito provavelmente, de parodiar o forte romano negando á terra portuguesa o privilegio de lhe consumir o esqueleto. São assim as almas fortes, de todos os tempos e de todos os mundos!

Se, portanto, o sr. Afonso Costa não quer ser eleito para que diabo se ha-de incluir o seu nome numa lista de candidatos á representação parlamentar da cidade de Lisboa? E que ele não quer nada com a pielheira lusitana, já se sabe de sciencia certa, porque estentoriamente o chamou a terreiro o actual chefe do governo a quando do debate parlamentar do misterio dos Cincoenta Milhões», sem que o enorme e invencivel estadista désse quaisquer sinais de ter ouvido o pedido da Nação, feito por um dos pares do suplicado. A nada ele se moveu.

Pois bem. E' forçoso dar como certo e assente que o sr. Afonso Costa está-se nas tintas para a governação republicana. E como uma eleição não é consagração nem primeiro premio de virtude, ponha-se de parte o nome laureado do sr. Afonso Costa e substitua-se, na lista da cidade, pelo doutro cidadão que não exteriorise repugnancia em servir á Republica.

Falamos em lista da cidade. E, se falamos, é porque entendemos que por Lisboa se devem eleger republicanos e só republicanos. Essa é a tradição. Deixa-la perder, é ceder o campo aos adversarios das Instituições, cuja força aparente só pode resultar, não da fraqueza republicana, mas da divisão dos eleitores republicanos. Não vemos razão para se ocultar que a perda da eleição de Lisboa, no todo ou em parte, é desprestigiosa para a Republica.

Não será isto razão suficiente para que os partidaristas e o governo se entendam, por forma a que por Lisboa seja efectivada a chamada Frente Unica?

Não nos parece muito dificil realisar um entendimento que conclua á confecção duma lista unica, contendo os nomes dos mais prestigiosos republicanos, sem distinção de partidos ou «nuances» partidarias. Mas se, pelo contrario, os votos republicanos se dosimetrarem em listas varias, confecionadas, segundo as irredutiveis paixões partidarias, o inimigo que está vigilante não desprezará a feliz circunstancia (feliz para ele) e penetrará, ousadamente, na fortaleza, pela bucha aberta pela ininteligencia republicana. E' isto que desejam os membros do Governo e dos Partidos? E, se assim acontecer, haverá jámais absolvição para tão grande culpa?...

Arte

Exposição Carlos Porfirio

Abriu hoje no Salão da Ilustração Portuguesa a sua exposição o pintor Carlos Porfirio. Trinta e um quadros se espalham pelas paredes e teem a faculdade de nos convencer que estamos em frente de um Pintor, sentindo e vendo a natureza atravez a sua sensibilidade profundamente artistica.

Isto porem não significa de modo algum que o sr. Carlos Porfirio se nos apresente em todos os seus quadros numa perfeição completa. Ha quadros mesmo que não perderiam nada em ter ficado a descançar no atelier do expositor.

Outros porém, e são em maior numero estes, merecem a nossa atenção.

Na verdade não é vulgar aparecer uma exposição onde um artista se nos revele tão virginal e dentro da verdade como Carlos Porfirio o faz agora no Salão da Ilustração Portuguesa.

Ha assuntos que se repetem, mas felizmente só no titulo. Temos para exemplo três «crepusculos», e quatro «alvoreceres». Gostamos mais destes quadros do que do «Vale cantante», «No caes», «Uma rua»

Migalhas

O riso

Evidentemente eu não podia ter deixado de enviar a Praxedes uns bilhetes de favor para ele levar a familia a ouvir «O juiz de fóra».

D. Genoveva, sua filha D. Fifi, seu genro o alferes, o nosso Quico, que traz a cara cheia de borbulhas pela barba que começa a romper, ocuparam um camarote a que presidia o nosso querido amigo é que deu sempre o sinal da gargalhada.

Dizia-me ele esta manhã um tanto comovido:

—«Meu caro, você e os seus artistas são uns benemeritos. Não ha dinheiro que vos pague o bem que nos fazem. Todos os que, como vocês, se empregam no cuidado de divertir os pobres alfacinhas, cumprem neste momento terrivel uma missão para o elogio da qual não chegam as palavras que se digam.

São vocês os unicos que se erguem a defender-nos. Todos os demais, desde os politicos até aos padeiros, são contra nós. Todos estão combinados para nos aborrecer da vida, para suscitar os odios entre nós todos, para nos tornar amargo o escasso bocado que mastigamos. Todo o dia, mal rompe o sol, desde as noticias dos jornais até ás conversas de cada esquina, tudo é de molde a que o mono nos caia como o dos perus quando o Natal se aproxima. A vida não só está dificil e cara; está tambem aborrecida.

Surgem, porém, vocês e entornam sobre as nossas feridas o balsamo do riso, como diria uma pessoa que falasse muitissimo bem. Durante tres horas a gente não pensa em nada. Ri, sem indagar porquê, como desejariam certos sensaborões, e nesse riso desaparecem todos os cuidados, os de hoje que não são poucos e os de amanhã que se anunciam maiores.

Não me canço de o dizer. São vocês, os «humoristas da pena e do tablado, os unicos que se interessam por nós, que nos defendem, que nos animam. Não se admire que o povo corra para o seu teatro. Não vai lá por sua causa nem para lhe demonstrar a sua admiração, descanse. Vai porque ouviu dizer que ali ri-se e hoje o riso é quási um desforço. Bem se importa o publico com os nomes do cartaz. A maior parte ignora os mesmo. O que ele ali vai buscar são horas de esquecimentos, é uma provisão de alegria que o anime um pouco para o dia seguinte.

O governo, se fosse inteligente, retiraria imediatamente as contribuições e encargos que pesam sobre os teatros alegres. Se estes não existissem, ao cabo de trez dias haveria uma revolução na rua, a revolução dos aborrecidos sem remedio...»

Praxedes tem razão. Sou forçado a confessa-lo embora pese á minha modestia. Somos nós, os divertidores, que os pontifices da sensaboria miram com certo desdem, que ainda mantemos a ordem publica em Portugal. Não sei se é completo o apoio da força armada ao sr. Cunha Leal. Com a companhia do Terrasse pode ele contar absolutamente. Por essa respondo eu.

ANDRÉ BRUN

Segundas nupcias

Ha hoje talvez mais do que ontem uma tendencia acentuada para as mulheres casarem segunda vez. O papel de viuva—papel que nem sempre é tarjado de preto—ou de simples divorciada não se harmonisa nem com as idéas ultra-avançadas, da mulher moderna. Porquê? Todos nós sabemos—de resto já o afirmou do alto da sua elegancia e dos seus cravos verdes, Oscar Wilde—que as mulheres casam a primeira vez apenas por curiosidade, essa curiosidade fulva, envolvente, feminina, tão feminina que ás vezes obriga certas mulheres bonitas a fechar os olhos. Mas não será licito saber-se que misteriosas razões levarão as mulheres, principalmente aquelas que se não deram bem com o primeiro marido, a procurar por suas mãos—nem sempre irrepreensiveis—mais uma desilusão, mais um aborrecimento, mais um inferno! Decerto que é. As mulheres casam-se a segunda vez—por conveniencia. Daí por diante casam-se apenas—por uma questão de habito.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Aos senhores farmaceuticos

Podem garantir aos seus freguezes, que a Firma Raul Vieira L.da, recebe devolvidos os frascos de «Lipabiose» (extracto glicermado — hipofosfitado de oleo de figado de bacalhau, em compota de banana), quando algum deles não o ache agradavel de tomar

Eleições á porta...

O que pensa o sr. dr. Vasco de Vasconcelos

Noticiaram os jornais que o antigo «leader» do Partido Popular, sr. dr. Vasco de Vasconcelos, abandonara as fileiras daquele agrupamento politico para se dedicar com mais afan á sua vida comercial. Nós, ávidos de colher noticias, procurámos ha pouco o sr. dr. Vasco de Vasconcelos no Banco Industrial Portuguez, que s. ex.ª ha muito vem dirigindo.

—Uma entrevista?...—e s. ex.ª sorri-se, pouco disposto a conversar com o jornalista.

—Mas eu nada sei de politica, meu caro amigo. Voltei ha pouco duma viagem pela provincia e a politica para mim quasi que não existe...

—V. Ex.ª abandonou então o Partido Popular?

—Abandonar não é precisamente o termo. Saí, de facto, do Partido Popular, mas essa resolução de ha muito que eu tencionava po-la em pratica, e os meus antigos correligionarios já não o ignoravam.

«V. compreende, amigo jornalista: os afazeres da minha vida comercial, os mil nadas que somados representam muito e que é indispensavel levar em linha de conta, impossibilitavam-me de militar num partido.

—Segundo ouvimos dizer, v. ex.ª apresenta a sua candidatura nas proximas eleições?

—Não o tenciono fazer, garanto-lhe. «E' verdade que me constou tencionar o governo incluir o meu nome nas listas governamentais, mas isso mesmo não é positivo e apenas o sei porque alguem de tal facto me informou.

E sorrindo-se, o antigo «leader» dos populares exclama:

—Se eu lhe disser que tenho evitado ir ao Ministerio do Interior só para que não se julgue que eu vou tratar da minha candidatura!...

—Então v. ex.ª desinteressa-se em absoluto da politica?

—Em absoluto, não. Eu creio que ninguem tem, nesta ocasião, o direito de abandonar por completo a politica portugueza, de tal forma é grave a nossa situação, mas entendo que cada um tem tambem o dever de sacrificar á politica a sua vida particular.

—Houve tambem quem dissesse que v. ex.ª seria proposto candidato numa lista das forças vivas?...

—Constou isso?! Mas eu nada sei e posso-lhe afirmar que a tal respeito de nada tenho conhecimento. De resto, estou em crêr que tudo isso não passou dum dos muitos boatos que costumam correr.

—Então v. ex.ª não nos pode falar acerca da atitude que tomará o Partido Popular nas proximas eleições?

—Consta-me apenas que ficou resolvido pelo partido não se apresentar candidatura alguma.

—Fala-se na dissolução do partido?...

—Isso não sei, mas é muito provavel que os populares venham mais tarde a ingressar no Partido Democratico ou no Reconstituinte, como fizeram os dissidentes.

—Não pode v. ex.ª falar-nos do que prevê como resultado das proximas eleições?

—Oh! meu caro amigo! Tudo quanto a esse respeito se disser será prematuro. Unicamente lhe posso dizer que tudo me leva a crêr que o proximo parlamento será mais uma vez uma esfarrapada manta de retalhos...

—Qualquer coisa como o Parlamento de 1919?...

—Talvez peor.

—E acerca do partido liberal?

—Esses, os liberais, como já formavam um partido tri-partido, talvez recebam agora o golpe de misericordia...

«Eles estão muito divididos. São forças demasiadamente heterogéneas.

—Que diz v. ex.ª das candidaturas dos monarquicos?

—Não digo nada, mas creio que o perigo monarquico, como ha quem diga, não existe.

—E dos outobristas?...

—E' bem que esses, os moderados, consigam alguns deputados para que possam explicar a sua atitude, para que se justifiquem.

E s. ex.ª conclue com um sorriso e um aperto de mão ligeiro.

Na livre America...

NEW YORK, 16.—Chegou ontem a esta cidade a bordo do «Estonia» o sr. Mayres Molemed, natural de Dantzig, e passageiro de primeira classe, estando indicado no seu passaporte que era acompanhado pela esposa. A policia de emigração, perguntando pela sr.ª Molemed foi informada que esta era passageira da prôa. Mostrando-se o funcionario policial surpreendido, o sr. Molemed explicou-lhe que sendo homem de elevada cultura intelectual, necessitava de um ambiente diverso do da mulher, que era pessoa inculta. O agente de policia, indignado com as ideias do sr. Molemed sobre a desigualdade dos sexos, que declarou não estarem em harmonia com as que existem na livre America, resolveu pôr os dois conjuges «em deposito» na Ellis Island.—(Lat. Am.)

A minha viagem á Alemanha

— POR —

Charlot

(Charles Chaplin)

Nos bairros pobres

Desejo visitar os bairros pobres de Berlim e informo-me a este respeito com um jornalista alemão. Diz-me que sou como todos os londrinos e noviorquinos que pela primeira vez veem á capital alemã; que eu desejaria ver a Witechapel ou a Bovery de Berlim e que não existem nesta cidade bairros semelhantes áqueles. Acrescenta que noutros tempos havia um pequeno bairro cheio de barracas infectas, mas que tudo isso desaparecera havia muito.

Eis, a meu ver, um verdadeiro progresso da civilisação.

E nesta altura diz-me o meu jornalista que vai oferecer-me o que de melhor ha no genero em Berlim e levou-me ao Krogel.

O Krogel! Que films se poderiam aqui tirar! Estou fascinado. Percorremo-lo. Ha velhas casas com paredes oscilantes e antiquissimos pateos mas tudo aceado. Vamos á rua dos Campos e olhamos para os pateos e caves. Num café conversamos com alguns homens e mulheres e bebemos cerveja. Ali, estive a ponto de desencadear nova guerra, tirando da minha algibeira um masso de cincoenta notas de mil marcos para pagar uma conta de um marco.

Logo o meu companheiro se apressa a pagar com uma nota pequena e arrasta-me para fóra vivamente, dizendo-me que figuras suspeitas nos vigiam. Tem talvez razão mas eu gosto desta pobre gente tão humilde.

Depois fomos de auto ao bairro situado ao norte da cidade. Paramos aqui e ali para conversar com algumas pessoas. Gostaria imenso de jantar aqui, mas não tenho a coragem precisa para decidir o meu companheiro que não quer ouvir falar em tal. Atravessando este bairro, vejo muitas coisas que me parecem bem. O meu amigo diz-me que não passam por ser bonitas. Propõe-me mostrar-me alguma coisa diferente disto mas eu recuso, porque isso me obrigaria talvez a modificar a impressão que tenho de Berlim e que me causaria pena.

E' uma experiencia curiosa de repouso e tranquilid de atravessar a cidade sem ser reconhecido.

Mal acabo de pensar isto, vejo uma jovem elegante com uma filha cujos sorrisos me indicam ter sido reconhecido.

Depois encontramos Frits Kreisler e sua mulher que estão a ponto de partir para Munich. Conversamos todos e marcamos um encontro problematico em Los Angelos na primeira vez que ele lá fôr.

Noto que os alemães teem todos um ar escrupulosamente honesto. Talvez esta impressão me venha da maneira amavel e confiante com que o cocheiro do trem que nos conduz, nos tem tratado. Apeamo-nos, com efeito, varias vezes do seu trem, ausentamo-nos durante meia hora ou mais, e apesar disto, ele espera-nos pacientemente sem nunca nos pedir pagamento adeantado.

No banco comercial encontramos muitos mutilados. Divisa-se-lhes na fisionomia uma expressão de amargura e descontentamento. Dir-se-ia que pagaram qualquer coisa que não chegaram a obter. Um soldado sem as duas pernas aproxima-se de nós e estende a mão: eis a marca da guerra; por toda a parte em Berlim se nos deparam espectaculos destes.

Berlim de noite

Sou introduzido, graças a uma autorisação da policia, no grande Club de Berlim. E' uma coisa no genero das reuniões que se encontram na America em quasi toda a parte, depois da proibição.

De fóra nenhum sinal se vê que denuncie a animação que lá vai dentro. Sobe-se por escadas e corredores estreitos e sombrios e depois, de repente, chega-se a salas brilhantemente iluminadas que recordam muito os cafés parisienses. O que me impressiona á entrada é a musica e os estalos das rolhas do champagne que saltam. Todas as raparigas que trabalham na casa são submetidas a uma rigorosa vigilancia. Duas delas pegam-nos na mão á chegada, conduzem-nos a uma mesa e pedem bebidas para nós.

São muito nervosas estas raparigas.

Para falar verdadeiramente toda a vida de noite de Berlim me parece nervosa, tensa, sobreexcitada.

As raparigas dançam, mas muito mal. Teem o ar de não gostarem daquilo e fazerem-no por obrigação. Interessam-se novamente pelo meu amigo, julgando que é ele o endinheirado para passar a noite.

Em tais ocasiões é sempre o meu fiel Robinson que tem a carteira e elas fixam sobre ele os olhos.

Eu sinto-me ali, um pouco pacifico, embora uma das raparigas faça tudo quanto lhe é possivel para... me interessar.

Ouço-a perguntar a Robinson o que eu tenho. Sorrio e faço-me cortez. Isto diverte-me. Mas quando ela fez aquilo que lhe ditava o seu dever, a sua atenção voltou-se de novo para Robinson. Isso irrita-me um pouco.

Que vale então a minha personalidade? Tantas vezes me disseram que tinha uma e eis ahi patente a prova de que a personalidade nada vale em comparação com a bolsa.

Mas não tarda que uma das raparigas note as atenções que teem para comigo os meus amigos. Julga adivinhar que sou pessoa de importancia sem, todavia, chegar a tirar o caso a claro.

—Quem é este sujeito, pergunta ela ao ouvido de Robivron, é um diplomata inglez?

Ele responde-lhe a meia voz que sim, que sou alguem de muita importancia na diplomacia ingleza, serio com benevolencia e ela fica ainda mais intrigada. Trata-a paternalmente e sinto que me torno filosofo, interrogo-a sobre a sua existencia. Que faz ela?

Quais são as suas ambições?

Ela diz-me que lê muito que devora livros. E' doida por Schopenhauer e Nutzsche.

Depois, de encolher os hombros com ar indiferente e tragico e diz: «A vida? Que importa a vida? Fazemol-a conforme a queremos. Ela não existe senão no teu cerebro e apenas é necessario um esforço para o nosso bem estar fisico».

Eis o que ela me conta. Tornamo-nos amigos.

Mas ela deve ter um fim qualquer na vida. Deve ter ainda a viver nela alguns sonhos dum futuro desejado. Gostava de conhecer o fundo do seu pensamento. Interrogo-a sobre a derrota da Alemanha e ei-la logo discutir. Censura o Kaiser, aborrece a guerra e o militarismo. E' tudo o que chego a tirar dela. De resto, faz-se tarde, vamo-nos embora.

(Continua)

Cinematografia em Portugal

E' realmente grande, o impulso que ultimamente se tem dado á arte do silencio em Portugal. Cabe decerto a gloria deste triunfo á «Invicta Film» do Porto, a qual devido á iniciativa de briosos patriotas e tendo á sua frente um incansavel trabalhador, Henrique Alegria, lucta e vence a passos agigantados. Tem este como auxiliar principal, o grande Metteur-en-scene Jorge Pallier, que executou entre outras, obras literarias como os «Fidalgos da Casa Mourisca» de Julio Diniz, e o «Amor de Perdição» do imortal Camilo.

Ultimamente admiramos na «Invicta» um outro genero de trabalho, não menos interessante. «As mulheres da Beira». Neste film, outro artista, Rino Lupo, metteur-en-scene, italiano, revela-nos as sublimes belezas dos nossos panoramas, a riqueza da nossa incomparavel e fecunda terra.

Dum pequenino conto de Abel Botelho, Rino Lupo que o desenvolveu e lhe deu vida, extraiu situações encantadoras, desenrolando ante os nossos olhos extasiados, belezas que muitos portuguezes decerto desconhecem, como a frecha da Misarela e outras.

Nobre é a obra de propaganda literaria feita por Jorge Pallier, sobrenatural e digno de elogio o trabalho de Rino Lupo que põe em foco as inumeraveis belezas que possuimos; as quais constituem a nossa verdadeira e grande riqueza. Riqueza que não duvidamos fará enorme propaganda ao paiz.

Com tais processos, «sneegs» e «atracções», Portugal podia e deveria ser o primeiro Paiz de turismo na Europa.

Qual é a terra que pode ufanar-se de ter, no coração do inverno, em pleno Janeiro, um clima doce como o nosso? Nice ou Monte-Carlo? Não, mil vezes não.

O frio ali é intenso, apesar do sol que por lá brilha.

Acabamos de ler, que Rino Lupo, o artista italiano, abre uma escola cinematografica em Lisboa.

Bem haja, mais um motivo de reconhecimento, mais um impulso á arte muda em Portugal.

MARIA JUDICE.

Antiqualhas historicas

Só amanhã nos será possivel inserir a continuação do notavel trabalho que com o titulo acima o nosso ilustre colaborador Ladislau Batalha vem publicando nestas colunas.

Factos e palavras

... DUMA COISA QUE SE PENSA FAZER

Neste nosso querido Portugal abundam os pensamentos. Toda a gente pensa fazer imensas coisas. E' raro o que consegue realisar aquilo que pensou.

Mas... vamos lá ao «a proposito.» Pensa-se completar a rede ferro-viaria do paiz aproveitando o pagamento das indemnisações alemãs.

Ora muito bem! Perfeitamente! Optimamente!

Aqui está uma medida que, no dia em que se conseguir realisa-la, ha de trazer inormes vantagens ao paiz. E' duma pobreza franciscana a nossa actual rede ferro-viaria. Importantes centros de produção não teem um meio rapido de comunicação. Isto, claro, é um factor importantissimo para o nosso constante estacionamento.

Se, como se vem dizer a publico em vesperas de eleições, isto fôr dentro do tempo necessario uma realidade, louvores daremos os maiores porquanto terse-ha contribuido duma maneira poderosa para o nosso renascimento.

Mas no entanto não basta ampliar a nossa rede. Urge tambem melhorar os serviços ferroviarios já existentes. A linha do Vale do Vouga, por exemplo é uma vergonha. Combóios miniaturais que, durante horas sem fim se arrastam por uma das mais lindas paisagens portuguezas, que o menor conforto.

A linha do Sul, a unica que existe entre Lisboa e o Algarve, outra vergonha ainda maior.

Ir ao Algarve, passar pelo Alemtejo é uma coisa que precisa de ser bem pensada primeiro.

E... agora por Alemtejo, oxalá este melhoramento das linhas ferroviarias não seja como as tais irrigações que todos os deputados, todos os senadores, todos os economistas, todos os ministros querem dar ao Alemtejo, esse eterno padecente, de riquezas intestinas inexgotaves, tão inexgotaves que—apesar da ausencia de remedio—ainda não morreu.

BOTTO DE CARVALHO.

❖ ❖ ❖

Os jornais publicavam ontem o seguinte telegrama:

«HELSINGFORS, 12.—O governo dos «soviets», querendo demonstrar o seu acordo com o desejo dos politicos inglezes, partidarios da não intervenção na politica interior dos Estados, suspendeu as subvenções que concedia a grande numero de jornais comunistas estrangeiros».

Como se vê, o camarada Lenine, não obstante ter o seu povo a morrer, de fome, subsidiava jornais estrangeiros para fazerem a propaganda das suas ideias.

Que grande idialista! E que grandes idiotas... os que o aturam!

❖ ❖ ❖

Segundo dados oficiais, faleceram em 1921 nos Estados Unidos cerca de quinze mil pessoas por desastres provocados por automoveis. Só no distrito de Nova York morreram, por este motivo, 1981 pessoas.

❖ ❖ ❖

O Globo Teatro de New York acaba de inaugurar uma sala de fumar, só para senhoras. O proprietario do teatro declarou ter feito esta inovação para aceder ás repetidas instancias da clientela feminina desta casa de espectaculos. E' pintada de cinzento, luxuosamente mobilada e provida de gr mofone, «magazines» e grande variedade de cigarros.

❖ ❖ ❖

Em Paris, foi preso um espanhol que exercia a «simpatica» profissão de exportar raparigas para a America, confessando ás autoridades que só para os Estados Unidos havia despachado mais de 100, cuja edade não ia alem de 17 anos.

Como o traficante está nas mãos das autoridades, o monstruoso crime não ficará impune.

Não é, pois, para pedir justiça que falamos no caso, mas tãosómente para fazermos votos porque a imprensa espanhola ao ter conhecimento dele não se indigne contra a escravatura... em S. Tomé.

❖ ❖ ❖

Continua muito tempestuoso o tempo na Grãn-Bretanha. Tem nevado em muitos pontos, tendo na Escossia a neve atingido algumas polegadas devido a uma forte tempestade que passou sobre o norte daquele territorio.

❖ ❖ ❖

O presidente Harding concedeu autorização para que pudesse pedir a sua demissão o director geral dos correios, a quem foi oferecido um logar importante numa companhia de cinematografia e cujo vencimento consta ser de trinta e sete mil libra

❖ ❖ ❖

O senador Mr. Cornick resolveu propôr ao Senado americano que se colhessem informações sobre o estado financeiro dos paizes da Europa e sobretudo das despesas que eles faziam com armamentos terrestres. Nos Estados Unidos criticam-se os governos europeus, especialmente a França, por manterem grandes exercitos, dizendo-se que se lhe não deve prestar qualquer auxilio, emquanto os paizes europeus não acabem com as suas rivalidades.

❖ ❖ ❖

Aos comunistas de Italia foi ha dias apreendida uma grande porção de armamento que tinham escondido num cemiterio, dentro dos caixões dum jazigo.

Pelo que informam os jornais, aquilo era um deposito em ordem a que não faltavam explosivos de alta potencia, espingardas, metralhadoras, e até um canhão de trincheira.

Levados da bréca, os comunistas italianos!

Teem um tal respeito pelos mortos que o ensino de seduzir... os vivos.

❖ ❖ ❖

O vulcão de Popocape Petlegear, no Mexico, entrou em violenta actividade, lançando cinzas a uma grande distancia. A neve dos cumes tem sido derretida pelo extraordinario calor que a erupção provoca

---

Problemas pedagogicos

Os ideais da educação

O homem realiza-se em funcções fisiologicas ou de vida animal e em funcções cerebraes ou de vida social. A educação, que é a arte de secundar a vida, é, por isso, corporea e psyquica, fisica e mental.

A educação fisica faz-se consoante os ensinos da fisiologia, que se junta á higiene; a mental, segundo as exigencias da psicologia.

A mentalidade humana comporta tres grandes funcções: a estetica, a moral e a intelectual; por isso mesmo, a psicologia se alia a Estetica, que procura o Belo pela afectividade; a Etica que conduz ao Justo pela vontade; e a Logica, que leva á Verdade pela inteligencia.

Em analise, a educação divide-se em: estetica, moral, intelectual e fisica. E para cada uma destas divisões, oferece ideais bem distinctos.

Na educação estetica, o ideal é a realização do belo pela harmonia, que é o ritmo no tempo e simetria no espaço. A literatura, a dansa e a musica exigem o ritmo, emquanto que a pintura, a escultura e a arquitetura requerem a simetria. Na escola primaria, a cultura estetica, porém, se deve fazer propriamente no sentido de levar a creança a amar a beleza infinita e o valor creador da Terra, em admirar e gozar mais a beleza natural, que enleva e extasia, do que a beleza artistica que encanta e seduz.

O ideal, na educação intelectual é simples. A educação intelectual é o cultivo da inteligencia. Ora, a aquisição das verdades, que é o cultivo da inteligencia, só se faz realmente quando o cerebro infantil trabalha, dispendendo esforços e energias. Não basta dizer á creança que a verdade A se enuncia deste ou daquele modo; o que interessa em rigor, é levar o espirito infantil de conhecimento em conhecimento á dedução espontanea da verdade, que lhe queriamos dizer.

Cultiva-se a inteligencia levando-a a trabalhar. Pensar é ser inteligente. O ideal na educação intelectual é, pois, fazer com que a creança, auxiliado pelo mestre, chegue por si mesma á acquisição da verdade: «Nenhuma recepção sem reação, nenhuma impressão sem expressão correlativa» eis o aforismo que W. James aconselha, ao educador, a grande regra que nenhum deve esquecer.

Na educação fisica o ideal será o desenvolvimento harmonico dos orgãos. Por isso nem todos os desportos devem ser praticados: sel-o-ão apenas os que não desenvolverem sómente certos grupos de musculos, mas sim os que concorrerem para a expansão integral do organismo.

A educação moral é a formação do caracter, a efectivação da virtude e da solidariedade, a pratica da justiça, a educação da vontade para o bem.

Justo é todo acto necessario e util para o individuo, e principalmente para a sociedade. Tudo quanto fizermos, qualquer acto que praticarmos se reflete na sociedade ou no meio social em que evoluimos e agimos. A sociedade é a soma, nós somos a unidade; assim é preciso que todo acto necessario e util satisfaça antes á sociedade do que a nós mesmos. Em outras palavras: é imprescindivel que os nossos actos tenham um cunho mais altruista que egoista, mais social que individual. Só é justo, e, portanto, moral, todo acto que, alem de necessario e util para nós, não prejudique a colectividade de que fazemos parte; faz se mister que ele nos satisfaça e não tenha a repulsa implicita ou explicita, inteligente ou instintiva do criterio geral. Uma acção boa é a que se conforma com a lei moral das consciencias.

Donde se vê que o ideal da educação moral e a subordinação dos pendores egoistas aos altruistas, o predominio, por conseguinte, de nossas manifestações sociais sobre nossos actos individuais.

Este é o ideal que nos deve guiar na pratica da educação moral; é o ideal qualitativo. O ideal quantitativo, isto é, o meio de reforçarmos a intensidade das tendencias justas é, precisamente, a pratica dos actos justos. Ninguem será virtuoso se não praticar a virtude, ninguem terá dignidade se não agir dignamente: as tendencias de ordem moral só se reforçam pelo exercicio continuo, e foi pelo exercicio continuo da caridade que S. Vicente de Paula chegou a ser o simbolo do devotamento ao proximo.

Por isso dizemos uma verdade, afirmando que as normas, que se praticam, adquirem-se: repetidas, reforçam-se; abandonadas, anulam-se.

«Um mau habito, diz F. Parker, póde ser corrigido sómente pelas repetições dos actos bons, que lhe são opostos. Assim, a uma criança egoista pode-se oferecer-lhe muitas oportunidades de executar actos altruistas e generosos, a crueldade pode, do mesmo modo, ser mudada em bondade e amor».

VEM AHI A CHUVA?

Lisboa não terá agua no proximo verão

Está na memoria de todos, a dolorosa quadra da falta de agua, que Lisboa atravessou o verão passado.

Surgiram clamores por todos os lados, e pavor dos incendios inextinguiveis, foi um pesadelo de todos os dias.

As ruas ficaram intransitaveis, com nuvens de poeira que subiam até aos quartos andares, e a higiene nos bairros pobres foi mais do que nunca sumaria.

Chegou o inverno e na vertigem em que vivemos tudo é facil de esquecer. Ninguem mais pensou na falta de agua, embora o tempo decorra seco, como poucas vezes acontece.

Sucede, que com um inverno como este, sem chuvas, os reservatorios do Alviela não atingirão a cubagem de agua suficiente para resistir ao ardor do verão, e nós estamos na dolorosa perspectiva de na quadra de calor, ficarmos sem ao menos agua indispensavel, para ás necessidades mais urgentes.

Lisboa é uma cidade que se não lava.

Se percorrermos os bairros velhos mesmo as casas remediadas, notamos sempre a ausencia de casa de banho, e a agua ainda é comprada aos barris. E' facil adivinhar o estado de higiene, em que se encontrarão esses interiores, onde não raro, familias se amontoam, em cubiculos sem luz e sem largueza.

Os habitos de limpeza são sempre rudimentares, para não sobrecarregar o orçamento domestico. A roupa muda-se restrictamente, e lava-se mal em dornas pequenas. Todas as coisas á nossa volta teem um desolador aspecto, que vem contribuir quasi exclusivamente para que esses lares se tornem inabitaveis.

O horror inato do lisboeta ao seu interior, deriva unicamente da falta de conforto sadio, que nele encontra. E em nada ele contribue para o melhorar, porque criado ali sem conforto nem higiene, habituou se a ver na casa unicamente o buraco onde pernoita, julgando sempre encontrar na rua, a sua unica razão de existir.

E' manifesta a influencia da higiene no vigoramento da raça e na sua formação moral.

O banho não somente nos tonifica o corpo como tambem o espirito, e é uma fonte de energia moça.

Os inglezes devem sem duvida ao seu alto conceito de higiene, á sua superioridade fisica e o seu equilibrio moral, nós somos uma raça dessorada e enferma, porque desconhecemos o beneficio salutar da agua, que na nossa vida quasi exclusivamente desempenha um papel alimenticio.

Nesta conformidade é com tais habitos, restringir ainda o consumo da agua, tornando-a rara ou periodica nos encanamentos, é contribuir unicamente por que o numero da gente que se lava baixe consideravelmente, pondo os bairros infectos onde abundam os pateos e as vielas, na contingencia de albergarem uma epidemia, que nos flagele e dizime.

E então ai de nós! Sem agua que é como quem diz sem higiene, com as ruas mal regadas e abrazadas pelo sol ardente, com nuvens de poeira e de microbios entrando-nos pelas janelas, uma epidemia—e para ver isto não é necessario ser-se higienista encartado — seria uma calamidade quasi impossivel de debelar, uma especie de peste grande, como nos velhos tempos medievais.

Torna-se por isso urgente providenciar para que seja aumentado o numero de fontes abastecedoras, para que a agua não falte nos contadores particulares e muito especialmente nos chafarizes, onde as classes pobres, que a não podem comprar, se abastecem.

Informam-nos que a Companhia não pode nem já mesmo assim continuar a fornecer nos agua pelo preço actual e que por esse motivo vai ser permitido o aumento do seu custo. E' uma maneira simplista de resolver um problema tão grave como o do abastecimento de agua a uma população inteira, já de si obstinada em a desprezar.

Esperamos que esse aumento se não dê. Seria votar a população de Lisboa a mais uma espoliação, com ou sem justiça. Primeiro do que tudo trataremos da saude.

Mens sane in corpore sano.

Politica internacional

A crise franceza—Suas relações com a politica da Inglaterra—Os homens da situação: Poincaré, Millerand

Tinhamos a impressão de que todo o trabalho de Cannes havia de ter como base um pacto de inteligencia entre a França e a Inglaterra. Citamos uma frase de Briand que vinha em acordo com a nossa opinião, anteriormente exploud da. Dissemos ali tambem que esse pacto de aliança—transitoria, embora—não era prejudicado com as desinteligencias que se tinham evidenciado entre as politicas das duas nações. E apontamos o que se passara com a «entente cordiale», firmada em 1904. Vimos depois disso que Lloyd George tambem se servira do mesmo argumento (telegrama do dia 10, publicado nos jornais de 11).

Estavamos todos conformes. Se não quando, rebenta a noticia de que Briand pedira a demissão, que lhe fôra concedido por Millerand. Inutil lembrar que nenhum incidente de politica interna ocorrera que justificasse um tal acto; o mesmo vale que dizer que foi motivado pelas dificuldades encontradas em Cannes. E que essas dificuldades não podem provir senão da Inglaterra.

O que se terá passado? Só nos são licitas conjecturas, emquanto noticias mais circunstanciadas não expliquem a crise. Teria sido na redação do pacto franco-britanico que os dois primeiros ministros se encontrariam em desacordo? Talvez não. Parecé que Lloyd George se convenceu da importancia que esse pacto teria para a politica que advoga—a da reconstrução da Europa. Mas Lloyd George, jogador terrivel, procuraria a ocasião de arrancar á França algumas concessões, em troco do pacto, embora as vantagens fossem reciprocas. Tem sido sempre assim, desde a paz: quando a França, em braços a qualquer dificuldade, precisa do auxilio dos aliados, a Inglaterra, esquiva-se a principio, para depois negociar a sua adesão, mesmo quando essa adesão tem apenas por fim fazer respeitar os tratados a que a mesma Inglaterra apuzera a sua assinatura. E de cada vez a França tem de deixar em farrapos uma parte dos seus direitos ou das suas garantias.

A França cançou-se de tantas transigencias. Antes de partir para Cannes, em pleno parlamento, Briand declarou que não consentiria uma nova diminuição dos direitos da França. Por varias vezes, mesmo depois de chegar a Cannes, repetiu a declaração. De resto, o parlamento francez e importantes corporações o incitavam a que não desfalecesse na defeza dos interesses francezes, e as palavras que eram atribuidas a Lloyd George pareciam confirmar um pleno assentimento do primeiro inglez. A França teria as suas reparações.

Mas, então? Porque se demitiu Briand? Por ter condescendido em fazer concessões noutros pontos? Em quais? Na politica oriental? Não sabemos. Mas vêmos que á presidencia do ministerio foi chamado Poincaré, e essa simples indicação é significativa —quer aceite quer não.

Poincaré foi o presidente da Republica franceza durante a guerra, e «durante as negociações da paz», com Clemenceau na presidencia do ministerio. Encontraram-se esses dois homens fortes, mas não colaboraram. Eram fundas as divergencias que os separavam, apenas recalcadas por um motivo superior: a salvação da França. Mas Clemenceau entendeu que essa salvação lhe estava confiada a ele, e o presidente da Republica pequena acção teve na guerra como na paz. Parece que Poincaré não concordou com a orientação de Clemenceau nas negociações — como Foch, que tambem não aprovou o tratado no que respeita ás sanções.

Mas presidente constitucional submeteu-se. Acabado o seu mandato (fevereiro 1920) não quiz ser reeleito presidente e retomou a sua actividade politica. Ainda nos lembram alguns artigos seus em que ele combatia a constituição franceza, pelos poderes limitados que confere ao seu presidente. Combatia-a, queria ve-la reformada mas respeitava-a emquanto essa reforma não viesse. Eis a boa doutrina.

Poincaré, que ainda está na força da vida, quebrou a tradição segundo a qual um Presidente da Republica, desde que deixasse de o ser, passava a ser uma figura ornamental. De ha dois anos para cá a sua actividade politica tem sido notavel, especialmente no campo da imprensa. E nesses artigos, sem atacar a Inglaterra, cujos serviços não nega no passado, ocm regeita para o futuro, critica sem ambages a sua politica interesseira; a falta de solidariedade que ela tem manifestado pela França. Poincaré não é um admirador de Lloyd George (encarado sob o ponto de vista francez). Eis o que dá um especial sentido á sua chamada neste momento para o Ministerio. Aceitará?

Tambem nos ocorre que Millerand não é um incondicional partidario da «entente cordiale». Q[illegible] dizer com isto que nos lembramos de que, num dado momento [illegible], quando a Inglaterra se esquivava a acompanhar a França, ele resolveu proceder sem a Inglaterra (ocupação das cidades renanas, auxilio a Polonia). E que foi, sob o prestigio que esses actos lhe trouxeram, que ele ascendeu á Presidencia da Republica.

ULTIMA HORA

POLITICA

Ordem publica

Apesar da aparente serenidade do ambiente politico, é certo que alguma coisa se trama na sombra e no misterio das endimicas conspiratas. O foco da desordem, agora, não é Lisboa. Quem o quizer encontrar tem de o procurar numa cidade do norte, onde um irrequieto ex-parlamentar procura congregar elementos d'oposição violenta ao actual estado de coisas.

E' certo que, por emquanto, não ha motivo para demasiado alarme, mas nem por isso deixa de ser verdade que as más intenções são evidentes. O governo deve estar vigilante...

Afinal, o que se pretende é adiar o acto eleitoral, apesar das noticias que chegam de toda a parte darem inteira satisfação ás aspirações republicana. Com excepção, talvez, de Lisboa...

General Sousa Rosa

O sr. General Sousa Rosa, comandante da 3.ª divisão militar, chegou a Lisboa, realisando esta tarde uma demorada conferencia com o sr. Presidente do Ministerio.

Os governadores civis no Ministerio do Interior

E' amanhã que se realisa, a hora que ainda não foi fixada, a assembléa dos governadores civis, que se celebrará no salão da Presidencia do Ministerio. A assembléa tem por fim examinar a situação eleitoral do paiz.

O caso da prisão do coronel Taveira

Consta que o tenente-coronel sr. Augusto Taveira tenciona desligar se do partido popular logo que regresse a Lisboa. Aquele oficial reclamou do sr. ministro da guerra contra a sua prisão em Alijó, por um tenente-coronel mais moderno do que ele e por se encontrar preso ha mais de oito dias sem culpa formada e sem ter sido ouvido, tanto mais que a sua prisão foi devida a um relatorio falso, apresentado no Ministerio do Interior por agentes da policia de segurança do Estado que já foram demitidos.

Boas Novas

No gabinete dos reporteres do governo civil recebeu-se hoje o seguinte radio de Las Palmas, de bordo do vapor «Beira»:

«Os passageiros de 2.ª classe do vapor «Beira» seguem boa viagem e saudam suas familias e seus amigos».

A questão do jogo

Foram absolvidos os individuos presos no Club «Redondo»

No tribunal da Boa Hora, terminou hoje, pelas 16 horas o julgamento dos 27 individuos presos no Club «Redondo».

Findo o depoimento das testemunhas de acusação e da defeza, falou o advogado defensor, sr. dr. Orlando Marçal.

Depois de saudar o juiz e o delegado do procurador da Republica pede a absolvição de todos os acusados, demonstrando, com o depoimento das proprias testemunhas de acusação e da defesa, que os seus constituintes não estavam jogando.

Em seguida falou o advogado sr dr. Ideias, que afirmou não se encontrarem jogando no club «Redondo» naquela noite os acusados que ali veiu defender, rasão porque esperque o integerrimo juiz sr. dr. Julião Sarmento os restitua já á liberdade

Dez minutos depois era lida a sentença, que como era de prever, foi absolutoria.

Conselheiro Pereira de Miranda

O seu funeral

Pelas 15 horas, de hoje, realisou-se o funeral do sr. conselheiro Antonio Augusto Pereira de Mirando, provedor da Santa Casa da Misericordia.

O cadaver esteve exposto na igreja da Santa Casa, sobre uma rica eça dourado, ladeada por tocheiros.

A's 15 horas, a urna colocada no carro funebre da Santa Casa e coberta com a bandeira da Sociedade de Geografia, seguindo-se-lhe a carruagem do Reverendo Manuel Pedro dos Santos, e seu acolito, e apoz esta um longa fila de trens, e automoveis conduzindo pessoas das mais intimas relações do finado, na maioria titulares.

O sr. Barão de Linhó, representava a direcção do albergue nocturno; Eduardo Valerio Vilaça, representava a Camara Municipal de Lisboa, Vasconcelos Porto representava a Companhia dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Dr. Castro Lopes, representava a direcção da Assistencia Nacional aos tuberculosos.

O espadim e o chapeu armado do finado, era conduzido pelo sr. Dr. Caetano Beirão, chefe dos serviços medicos externos, e a insignia de provedor, por um continuo da direcção da Santa Casa da Misericordia.

No funeral encorporaram-se os azilos de S. Pedro de Alcantara albergados de ambos os sexos da Santa Casa e muitos velhinhos, que ali tambem se encontram albergados.

A urna contendo os restos mortais ficou depositada em jazigo no Cemiterio Ocidental, onde foram organisados turnos, até junto do jazigo.

PELO TELEGRAFO

A crise politica em França

Uma conferencia entre Lloyd George e Poincaré

LONDRES, 16—A entrevista realisada entre os srs. Lloyd George e Poincaré efectuou-se na Embaixada de Inglaterra em Paris. A conferencia durou hora e meia, tendo depois o sr. Lloyd George recebido os srs. Theunis, e Naspar, ministros belgas, e mais tarde conferenciou com o sr. Briand.

O sr. Poincaré ao ser entrevistado sobre os resultados dessa conferencia declarou que a sua conversação com o primeiro ministro britanico tinha sido cordealissima. O sr. Lloyd George pediu ao sr. Poincaré para conferenciar tambem com Lord Curzon, que é esperado hoje nesta cidade.

O sr. Viviani recusou sobraçar pasta no actual gabinete.—(R).

O novo governo

PARIS, 16—Todos os grupos do senado e camara estão representados no gabinete com exclusão da direita e dos socialistas. Um Ministerio, quatro sub secretariados e tres altos comissariados da expansão franceza e preparação militar das tropas coloniais foram suprimidos. Estas e outras medidas demonstram a resolução de se entrar na pratica de rigorosa economia.

O pacto anglo-francez

LONDRES, 16.—As negociações até hoje do pacto anglo-francez, segundo diz o «Dayl Mail», limitam-se ao acordo entre os dois paizes de se ligarem para uma mutua proteção naval e militar em caso de agressão. Não desagradaria á França que o pacto ficasse por aqui, porque, acima de tudo, deseja precaver-se contra a Alemanha. Lloyde George, porém, não deseja que o pacto seja dirigido contra qualquer paiz e aspira a colocar os territorios do Rheno no mesmo pé de neutralidade em que ficou o Oceano Pacifico pela conferencia de Washington. Para atingir este «desideratum», desejaria incluir no pacto a Alemanha e até todos os paizes interessados em manter a paz da Europa.—(Lat. Am.)

Declarações de Poincaré

PARIS, 16. O sr. Poincaré declara-se ardente partidario, como sempre o foi e continua a ser, da estreita entente anglo franceza a qual necessitará previamente da regulamentação de todas as questões pendentes. —(H.)

A conferencia do desarmamento

Um acordo entre os delegados da China e do Japão

WASHINGTON, 16.—Os Delegados da China e do Japão á Conferencia desta cidade chegaram a acôrdo sobre os preliminares da transferencia para a China da administração do territorio de Nisochew.—(R).

Vão ser afundados alguns navios de guerra americanos

WASHINGTON 16.—Propoz-se e parece que será assim resolvido que um dos navios de guerra americanos que deve ser inutilisado em virtude do acordo a que chegou na conferencia do desarmamento de Washington, seja escoltado até ao mar largo por outros navios de guerra sendo ahi afundado com as bandeiras nos topos e sendo-lhe prestadas todas as honras navais.—(R).

As reparações

Quando Rathenau regressar

BERLIM, 16. — Apoz o regresso de Rathenau o governo estabelecerá o novo programa de lançamentos das prestações pedido pela comissão de reparações. Esse programa deverá estar pronto num praso fixo.

A Gazeta da Alemanha do Norte acentua a importancia da moratoria concedida á Alemanha, prevendo tres pagamentos de 32 milhões e adeando o pagamento de 152 milhões. No artigo que é de Helferich, este deva, apesar de tudo, que os pagamentos excedem ainda a capacidade da Alemanha.

O preço do trigo e da farinha será aumentado a partir de 14 de fevereiro; o preço do pão elevar-se-ha de 75 %. O governo concederá uma subvenção de 15$600.000 marcos para compra de cereais.—(Lat. Am.)

TEATRO

A matinée de hontem no Teatro Terrasse

Foi uma bela ideia aquela que hontem a companhia Luz Veloso, sugestionada por André Brun, pôz em execução. Aquilo que o nosso teatro conta de bom espalhava-se despretenciosamente pela sala, formando grupos, conversando, sorrindo. Raras vezes os nossos artistas se encontram para uma «causerie», trocando impressões, discutindo os seus interesses e a sua arte. O isolamento é tão grande que os artistas quasi se desconhecem.

André Brun, o adaptador da peça, com a sua verve admiravel, manteve com os seus camaradas uma conversa que a todos fez sorrir. Prometeu—e essa promessa feita pelo trabalhador infatigavel que é o auctor da «visinha do lado» vale de muito—dedicar a sua actividade para que dentro em breve a Casa de Gil Vicente seja um facto. Consoladoras palavras foram essas que bem gratas devem ter sido aos artistas que as escutaram. Se todos olhássem para a sua profissão convencidos de que a vida não é uma simples e mesquinha luta de interesses, menos egruros e intrigas se urdiriam entre bastidores.

A companhia Luz Veloso foi muito aplaudida e André Brun vivamente felicitado.

Entre os artistas que assistiram lembramo-nos de Lucinda e Lucilia Simões, Auzenda de Oliveira, Sofia Santos, Aldina de Sousa, Raquel de Barros, Maria de Lourdes Cabral, Eduardo Brazão, Joaquim Costa, José Ricardo, Vitoriano Braga, Boavida Portugal; Luiz Pinto, Armando de Vasconcelos, Carlos Viana, Alfredo de Sousa, Otelo de Carvalho, Filipe Duarte, Herminio do Nascimento, Reis (pai), Alves da Silva, Erico Braga, etc.

Noticiario

Portugal

A companhia Alves da Cunha deve chegar amanhã a Lisboa, de volta da sua triunfante viagem pela provincia.

—Da actriz cantora Justina de Magalhães, do teatro Apolo, que realisa a sua festa brevemente naquele teatro, recebemos um fauteuil d'orquestra, uma cadeira e duas gerais reservadas, cujo produto reverte a favor dos nossos pobres. Agradecemos muito reconhecidos.

—Na festa de Rosa Mateus representa-se o quadro «Hotel de Pirilau» da revista «O Burro em pé».

—A festa do actor João Santos que se realisa a 23 no Apolo é constituida pela peça «O Fado» do Bento Mantua.

AGENDA DA SEMANA

HOJE — 4.ª recita de assinatura extraordinaria em S. Carlos com a primeira representação nesta epoca da opera «O Fausto» de Gounod.

AMANHÃ—Reaparição de Luiza Satanela no Teatro Avenida com a primeira nesta epoca da opereta «O Toureador».

4.ª-FEIRA—Espectaculo classico no Theatro Nacional, homenagem a Molière, com uma conferencia por André Brun.

5.ª—Festa de Lucinda Simões com a primeira das peças «Idilio de Velhos» e «Visita de casamento», no teatro Politeama.

6.ª FEIRA—No teatro Apolo festa artistica da actriz-cantora Justina de Magalhães.

SABADO—Recita de homenagem a André Brun adaptador da peça «O Juiz de fóra» no Teatro Chiado Terrasse.

MUSICA

Orquestra Sinfonica Portuguesa
O festival Waqueriano no S. Luiz

Wagner caiu bem no animo das nossas plateias. São variadas as rasões pelas quais o nosso publico adora Wagner. Mas... neste momento apenas nos interessa constatar o facto. Em virtude desta verdade o Teatro S. Luiz teve ontem uma enchente, das maiores este ano. E essa enchente deu-se apesar de se terem realisado no mesmo dia dois festivais Wagnerianos. E foi sempre com entusiasmo que o publico aplaudiu.

A primeira parte do programa compreendia o «ouverture» do «Fausto», «Canto de Walter no Concurso» dos «Muestros Cantores» e «Morte de Isolda» do «Tristão e Isolda».

Não queremos deixar de fazer referencia em primeiro logar ao modo como Flaviano Rodrigues executou o solo de violino dos «Maestros Cantores».

Flaviano que esteve hontem duma grande felicidade tem jus á ovação que recebeu.

A execução deste numero do concerto foi dos melhores do programa. A orquestra executou-o muito bem.

O «Tristão e Isolda» que ainda ha pouco ouvimos em S. Carlos numa magnifica interpretação foi igualmente bem executado, sendo muito aplaudido.

Na segunda parte, Parsifal Crepusculo dos Deuses e Walkyrias. A Cavalgada dos Walkyrias uma execução mais brilhante daquela que ja este ano ouvimos no S. Luiz.

«Encanto de sexta feira Santa» e «Cortejo funebre á morte de Lieyfried» bem.

Na terceira parte «Murmurios da Floresta» do «Lieyfried» e ouverture do «Tanhauser».

Todo o concerto nos deixou a impressão de a orquestra não teve os ensaios precisos. Na ouverture do «Tanhauser» os metais estiveram um pouco zangados e uns resolveram eliminar os outros.

Pedro Blanch, cheio de afazeres com S. Carlos e com a Orquestra Sinfonica Portuguesa e que tão belas tardes de Arte nos tem proporcionado velho teatro de S. Luiz, merecedor dos nossos elogios pelo que entre nós tem feito pela expansão da musica Sinfonica precisa de não deixar perder as velhas tradições da Orquestra Sinfonica Portuguesa, que tão brilhantemente tem dirigido.

B. C.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Está-se aproximando o tempo em que a folia reinará com permissão de Deus e dos homens e a gente nova sente-se bem disposta e alegre, ao pensar em todos os divertimentos que em breve ha-de gosar.

O carnaval é o tempo dos novos e das creanças; desde a quarta feira de cinzas do ano passado que eles pensam com entusiasmo nesta epoca do ano.

De todos os divertimentos do carnaval o que mais me seduz são as matinées infantis. São tão graciosos esses bébés risonhos e felizes que se incarnam nos seus papeis muito melhor que a maioria dos nossos actores nos deles!

Ha pessoas que sentem uma certa repugnancia em levar as creanças a essas matinées com a ideia de que a atmosfera artificial seja nociva á sua saude moral inspirando-lhes pequeninas vaidades e emulações.

Talvez realmente isso aconteça, mas é um inconveniente que se pode contrabalançar por conselhos, emquanto que o rancor que despertará na alma da criança o ver os companheiros irem divertir-se emquanto ela fica em casa ou «vai ver as mascaras» é muito mais dificil de dissipar chegando muitas vezes a durar toda a vida.

Lembremo-nos das horas alegres da nossa infancia, recordemos com que anciedade esperavamos a hora da «matinée» e com que alvoroço vestiamos os nossos fatos e não queiramos privar as crianças dessas horas felizes.

Não ficamos mais vaidosas nem menos puras por isso porque lhes ha de fazer pior a elas do que nos fez a nós?

Depois o querer preservar as crianças de toda a palavra lisongeira, de todo o cumprimento subtil não é um processo razoavel. A' força de se cobrir com um veu de grande espessura, a vida, chega-se a desfigurá-la e a apresentá-la sob um falso ascepto preparando grandes desilusões e malentendidos ao futuro dessas crianças.

Recordemo-nos que uma ignorancia total da vida é quasi tão perniciosa como um excessivo conhecimento dela.

FRIOLEIRAS

Sobre indumentaria

A França foi ha muitos seculos quem deu a moda; uma das ocasiões em que essa influencia se fez mais sentir foi no seculo XVII quando as «Preciosas» decidiram transformar as «toilettes» para que elas deixassem de ser um martirio.

Repudiaram por completo as golilhas alcatroadas, as rigidas golas colocadas sobre uma armação de aramesé as anquinhas forradas de aço que supliciavam os corpos.

O vestido de cintura curta torna-se flexivel, aparecem os decotes, a gola abaixa-se e é adornada de lindas rendas.

A's linhas rigidas e contrafeitas seguem-se atitudes cheias de graça e de harmonia. A mulher deixa de ser uma imagem, uma especie de idolo sobre o altar e torna-se humana, libertando-se dos espessos brocados e das joias pesadas. Nascera a elegancia franceza.

CONSELHO PRATICO

Barrela

Agora ha muita gente que prefere lavar em casa mas que acha uma certa dificuldade em fazer barrelá.

Para essas é que eu dou esta receita que talvez lhes sirva. As proporções devem ser muito exactas:

Para 25 litros de agua quente, põe-se 1 kilo de sabão, 60 gramas de essencia de terebentina e 75 gramas de amoniaco.

Põe-se a agua quente numa celha, deita-se-lhe o sabão aos bocados, logo que esteja derretido junta-se a terebentina e o amoniaco, mexe-se com uma vassoura limpa.

Mete-se a roupa, tapa-se muito bem e deixa-se estar trez horas. Lava-se em seguida, esfregando com pouca força, passa-se em agua morna e põe-se a secar.

Essa agua serve para uma segunda barrela, aquecendo-se de novo e acrescentando-se-lhe uma terça parte da terebentina e do amoniaco empregado no fim de lavar toda a roupa aproveita-se em geral essa barrela para os panos de cozinha e rodilhas que ficam muito limpas.

HIGIENE DA BELESA

Pezemo-nos

Quem se peza, conhece-se.

O peso duma pessoa deve corresponder á sua altura. Assim quem tiver de

Altura		Pezo
1m,50	deve pezar	52 kilos
1m,55	»	54 »
1m,60	»	60 »
1m,70	»	67 »
1m,80	»	79 »

O pezo toma-se sempre descontando o fato.

ARTE DE COSINHA

Espargos á polaca

Este prato póde fazer-se egualmente com espargos de conserva e com espargos frescos.

Neste ultimo caso corta-se a parte verde a 3 centimetros de altura.

Cozem-se em agua com sal a ferver depois põe-se a escorrer. Pica-se muito meudinho salsa, algumas folhas de alface, 2 cebolas de tamanho regular, refuga-se isto tudo em caldo até aloirar e junta-se sal e pimenta, deita-se-lhe os espargos e um grande bocado de manteiga terminando o cozimento em fogo lento.

RESPOSTA AO INQUERITO

Prefiro ser amada porque amar traz grandes amarguras á nossa vida.

Moreninha.

—E' tão bom amar! Querer a alguem com toda a nossa alma e coração.

Uma sentimental.

PENSAMENTOS

Tantas palavras, tantas!
Para alguem nos ouvir, nos entender
Tanto tempo perdido!
Porque só afinal se é entendido
Quando não se precisa de as dizer

Maria de Carvalho.

SPORT

O que ele diz...

Fazendo alarde de competencia, «Times», no seu jornal dizia ha tempos havia algumas pessoas competentes para dirigirem um combate de box. e citava nomes, e entre eles o de Nobre Guedes.

Ora «Time» é o Sobriquet, que Nobre Guedes adopta no jornal em que escreve, logo fica provado que «Time» se elogia a si propeio.

Presunção e agua benta...

❖ ❖ ❖

Calino em Travesti de espirituoso diz, que parece que no sports ha gente que se julga com preparação para tudo.

E' uma auto-biografia, um grito de alemã.

Decididamente Calino viu-se no espelho.

❖ ❖ ❖

«Time» transformado em «Tartufo», deixa cahir de sua olimpica boca o seguinte:

«Que mal fize-mos ao cronista de A Capital?

Ora já que finge esquecer, ahi vai para lhe avivar a memoria.

Ha tempos «Times», quiz dar-nos uma «rasteira», no jornal em que é «grande Manitou», nós respondemos aqui, e quando quizemos numa simples carta, por «Times» no seu logar, este fez com que o director de «Os Sports» nos cortasse o direito de lhe responder...

Pensou Calino, que sabia ficar depois de discussão em mau terreno, que tirando-me as colunas do jornal em que «escrevinha», ficavamos desamparados. Puro engano. Falamos daqui, e caso seja preciso.

Temos guarida em muita parte, para lhe pôr a careca á mostra.

Depois ultimamente, desceu o nosso «Times», a impôr ao organisador duma prova de box, «que não me contratase», fazendo assim o possivel, para me prejudicar financeiramente.

De nada lhe serviu a «faslistice», pois comigo vieram ter, porque de mim precisavam.

Ora ahi está o motivo, pois que eu quero mostrar, o que de mau ha na figura esqueletica do presidente de F. P. B.

«Maça-o o que lhe digo...» chora o poqueno...

Pois ainda agora vai a procissão na praça...

❖ ❖ ❖

Que me não responde mais, para me tirar o assunto, diz Guedes.

Mas não sabes que a tua figura é o suficiente para um folhetim?

E que te hei-de imortalisar, cantando os teus feitos, e criando uma personagem que eguale Calino e o amigo Banana?...

❖ ❖ ❖

O super-Calino de «Os Sports», querendo desfazer uma calinada, balbucia, que sim, que tem razão, e que é bem dito estarem os boxeurs exgotados, e apesar disso preparados...

Mas ó pedreneira, isso era bom, se efectivamente tu tivesses dito que estavam exgotados no fim, mas no 6.º round já dizes que a fraqueza é grande, etc.

Logo como estavam preparados pa. 15. se a menos de metade já estavam cançados?

A preparação é para um esforço maximo, e se a meio esforço, ó sportman teorico, os homens estão atrapalhados, como queres tu convencer-me que a preparação fôra boa?

Tu deliras pobresinho... de espirito.

❖ ❖ ❖

Numa imitação servil duma secção Time-Calino, emitiu os seguintes sons antes do combate Ruivo-Faustino:

«Que ou Ruivo ganha nos 3 primeiros rounds, ou então Faustino pode ganhar».

O vaticinio falhou.

Cessa Saraiva. que é inteligencia de mais para um homem só..

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

FOOT-BALL

Nos jogos de ontem o «Sporting» venceu o «Internacional» por dois a um, e o «Imperio» bateu o «Bemfica».

Este ultimo resultado, admirou, em virtude da «forma» que o S. L. B. tinha mostrado ultimamente.

OS ENCONTROS DE DOMINGO

No domingo joga a segunda divisão, encontrando-se o «Vitoria» contra «Carcavelinhos», ás 13 horas, e os «Belenenses» contra «Atletico», ás 15 horas, e realizando-se ambos os desafios nas Laranjeiras.

ESGRIMA

Realizou-se no Gimnasio Club Portuguez o campeonato de florete de Portugal, tendo sido as seguintes as classificações:

1.º Dr. Manuel Queiroz, do Centro Nacional de Esgrima; 2.º Daniel de Oliveira, da mesma sala; 3.º Carlos Barela, da mesma sala; 4.º Antonio Montez, do Ateneu; 5.º Albino Prazeres, do Gimnasio Club; 6.º Mario Gaio, do liceu Passos Manuel; 7.º, D. Pedro de Alarcão, do Gimnasio Club; 8.º, Francisco Botelho, do Ateneu Comercial.

O sr. dr. Manuel Queiroz já tinha ganho o campeonato de 1921.

CONTOS D'«A CAPITAL»

A derradeira máscara

por JOÃO LORRAIN

—Duas horas da madrugada! Falou exatamente durante meia hora.

E Maxence de Vergy, com uma semi-inclinação para Neplaskoff, levantou-se da sua poltrona, dizendo:

—Creio que são horas de nos retirar-mos.

—Abusei?—perguntou o russo.

—Não. O meu amigo é um narrador admiravel; mas nós já falámos muito em mortos, esta noite. De trez historias que se contaram, duas foram de mortes violentas e uma de... ressureição! Dizeis que os espectros atraem os espectros! Vamo nos embora?

—Duas horas da manhã!—murmurou Baudrant, olhando para um relogio Luiz XVI.—E este quadrante marca apenas onze horas e meia. Este relogio não trabalha?

—Está como tu, está um pouco fatigado. Nem sempre se pode marcar meio dia!

Quand on est jeune on a des matins trionphants

—Sim, são horas de ir para casa—dizia Baudrant, enfiando o sobretudo.—Parece que saimos dum lupanar, e, contudo, apenas falamos da morte.

—O facto é que é tarde—dizia o dono da casa, afastando a cortina de seda «liberty» da grande sacada do fundo.—Não se ouve rodar um carro.

Uma onda de luz azulada entrou no aposento, fazendo amortecer a claridade das velas.

—Já é dia! exclamaram algumas vozes.

—Não, é o luar. E que luar! Olhem para o «Sacré-Coeur»... Que magico aspecto! Digam lá se ha pincel que possa reproduzir isto! Decididamente não ha nada como Paris..

—E não encontraremos um carro antes de chegar á «Trinité.» Conheço o bairro—disse Faverny.—Salvo se subirmos a praça «Blanche».

—Ora muito obrigado! Para irmos cair aos estetas do «Moulin-Rouge!» Antes irmos a pé... Está um tempo esplendido.

—E se nós fossemos comer ostras ás «Halles»?

—Vamos lá ás ostras. E' Neplaskoff quem paga.

—Mas esse é o meu desejo!—exclamou o russo.

—Nós já o sabiamos. E's um senhor feudal.

—Vamo-nos embora! Estas velas dão-nos o aspecto de quem está a velar um morto. Dirigimo-nos todos para a porta.

—Mas isto está escuro que nem um poço! Alumia-nos Quinsonas. Queres-nos fazer partir a cabeça?

—Esperem, que vou buscar a vela. E' natural que esteja escuro. Apagam o gaz ás onze horas... Começamos a descer a escada a um de fundo. O amigo Quinsonnas habita no quinto andar, e se o seu atelier é um dos mais vastos de Paris, a escada é uma das mais empinadas do bairro de S. Jorge.

Quinsonas ao cimo da escada com uma vela na mão, presidia ao nosso exodo.

—Não façam barulho, não ponham a casa em alarme—repetia ele.

E eram gargalhadas abafadas, no silencio da casa adormecida, sobresaindo apenas o riscar dos fosforos dos que caminhavam adiante.

—Deixa-te de brincadeiras! Não apagues. E' uma brincadeira estupida! Que bruto nos saiu este Baudrant!

Era uma verdadeira alegria de escolares em fuga, excitados pelo receio de serem agarrados.

—Queres ir vêr «mademoiselle» de Néthisy?

—Ou a amante do marquez de Allieghe?

—Ou o espectro da variola; o americano da mulher de Toulouse?

—São divertidas estas noites em casa de Quinsonnas! Mas no intimo tenho horror a todas essas historias. E' uma coisa que confrange e que povôa de larvas a atmosfera. Estou na minha: os espectros evocam espectro

—Estás a repetir-te muito Maxence.

Os primeiros iam chegando ao corredor da saida.

—Vamos, andem, despachem-se. E, ao mesmo tempo, Baudrant soltava um grito horrivel e caia por terra.

—Maguaste-te?

Ajudamo-lo a levantar-se. Estava tremulo e comovido. De novo os fosforos começaram a riscar as caixas.

—Não foi nada—gritava Baudrant a Quinsonnas, que se conservava ainda com a vela na mão, nos primeiros degraus.—Mas, podia ser uma entorse... Quizeste meter-me medo, mas a tua farça é de romances de Eugenio Sue.

—O quê?... Não entendo...

E' que...—E Baudrant esfregava os joelhos.—E' que este imbecil poz ali um manequim estendido no chão, ao pé da porta e eu tropecei nele.

—Mas, que manequim? O que é que ele diz?

E Quinsonnas precipitou-se para a porta, empurrando-nos.

—Julgavas, então, que tinha medo do teu macchabeu? Mas, que lhe meteste tu dentro, que está frio que parece de gelo? Apalpa. Parece um cadaver.

Todos nos inclinamos para o vulto intrigados.

—Mas que é isto? Eu não percebo nada!

E Quinsonnas inclinou-se tambem.

—Não percebes nada? Farçante! Até lhe cortaste a cabeça.

Sobre o pavimento, exibia-se a nudez duma mulher. A carne, de um tom de cera, estava tão bem imitada que nos iludia. Nem sequer faltava a mancha violacea dos seios e uma fina penugem loira ornando-lhe o baixo ventre. Era um corpo de mulher nova, de ancas um pouco achatadas, de pernas compridas, mas de formas delicadissimas...

—Um Jean Gorjon—observou Faverny sintetisando a belesa do pseudo-cadaver.—Onde diabo arranjaste tu isto, Quinsonnas?

—Mas, vocês estão doidos, com certeza...

—E tambem a decapitaste, não é verdade?

E' uma farça inspirada no necroterio. A scena de homem cortado aos pedaços!

Emquanto discutiamos, Vergy tinha ajoelhado junto do manequim, e. apalpando-o curiosamente, exclamou de subito, com voz alterada:

—Meus amigos, não se trata de uma brincadeira, é, na verdade, uma mulher morta!

—Um cadaver!

E todos nós recuamos, instintivamente. Uma mulher sem cabeça, assassinada á porta, ali, junto do portão da casa... E eramos nós que descobriamos o cadaver... Alguma infeliz assassinada pelo amante! Em que sinistra e horrorosa aventura iriamos tropeçar? Em que lama? Em que lôdo?

Era positivamente uma mulher decapitada, e a morte devia ser recente, porque os membros tinham ainda uma certa flexibilidade. O côrte do pescoço devia ter sido feito por um profissional, um cirurgião ou um carniceiro, porque o ferimento bem nitido, não apresentava qualquer irregularidade. Alem disso, mais: a ferida tinha sido lavada.

(Conclue amanhã).

A CAPITAL

Diario republicano da noite

TEATRO CHIADO TERRASSE
— HOJE —
O Juiz de fóra
Comedia em 3 actos de ANDRÉ BRUN

N.º 3980-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º || LISBOA — Terça-feira, 17 de Janeiro de 1922 || Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Monarquicos e republicanos

A questão eleitoral está na ordem do dia, sobretudo no ponto que se refere á eleição de Lisboa. Não é já só a curiosidade, não é já só o interesse. E' a paixão. Mais uma vez as pretensões dos monarquicos, reincindindo nas suas quimericas esperanças da restauração da realeza, e recorrendo a todos os meios para a alcançar dá um resultado, contraproducente, porque desperta no paiz inteiro, e muito especialmente em Lisboa, os sentimentos republicanos que podem estar adormecidos, mas que nunca podem considerar-se extintos.

Até agora os monarquicos teem aproveitado da divisão dos republicanos. Mercê dela conseguiram nas passadas eleições obter as minorias dum dos circulos de Lisboa. Esse aparente sucesso despertou no seu espirito a mania das grandezas, ja julgam possivel obter as maiorias nos dois circulos da capital, e acabar com a denominação honrosa da cidade mais republicana do mundo que ninguem se atrevia a contestar a Lisboa. Quem sabe mesmo se pensam em substitui-la pela da cidade mais monarquica do mundo! Tudo se pode esperar de creaturas que vivem num manifesto estado de permanente alucinação.

Não tarda que esses sonhos se desfaçam, e hão-de desfazer-se porque os republicanos, sempre que veem a Republica, não diremos em perigo, mas em risco de sofrer uma diminuição do seu prestigio, acorrem sempre a cumprir o seu dever. Não faltarão agora a esse dever, como não teem faltado em todas as ocasiões em que os monarquicos julgam aproximar-se a hora do triunfo.

Juntos estavamos quando se deu a primeira incursão monarquica. Juntos estavamos quando a segunda incursão se realisou. Juntos estavamos quando se restaurou a monarquia no Porto e em Monsanto. Juntos havemos de estar na eleição de Lisboa, provando aos monarquicos que temos a força suficiente para se bater em todos os campos.

Só poderá haver para nós um perigo: o da abstenção dos republicanos. Se a luota fôr só entre os partidos da Republica esse perigo dificilmente se poderá evitar. Mas sendo a luota travada entre a bandeira monarquica e da Republica nenhuma duvida pode legitimamente nutrir-se. A victoria ha-de ser, como sempre, da Republica!

Para isso o que é necessario? Isto simplesmente, que nos unamos. Não dispersemos forças. Evidentemente se desaparecessem varias listas republicanas, a lista monarquica teria outras tantas probalidades de se aproveitar das circunstancias.

E' isso que é preciso evitar. E evitar-se-ha, estamos certos, porque se assim não fosse a derrota não nos viria dos monarquicos mas dos maus republicanos que pelo seu egoismo prejudicassem a causa comum.

Tal não sucederá, porém. Estamos certos disso. A opinião republicana exige uma ação de conjunto. Não se pode ir contra a sua vontade, em que palpita um ardente amor dos principios e em que se define uma firme noção das circunstancias politicas do momento.

Antigualhas historicas

Por motivos alheios á nossa vontade só amanhã nos é possivel publicar este interessante trabalho do nosso ilustre colaborador e erudito professor sr. Eudoxio Batalha.

"OS SPORTS"

Este bi-semanario vai organisar

O CIRCUITO DA BEIRA

PROVAS AUTOMOBILISTAS DE VELOCIDADE E TURISMO

UM «CROSS-COUNTRY»

Vae ser aberta brevemente a inscripção

FEDERAÇÃO DE ESGRIMA

Vão reunir no dia 21 os delegados das salas d'armas

A "Capital" no Ministerio da Marinha

O novo Arsenal do Alfeite

O bairro operario — As construções — -§- -§- -§- A Escola Naval -§- -§- -§-

O ilustre titular da pasta da marinha passeiava a largos passos pelo seu gabinete, apertado no seu jaquetão de corte irrepreensivel, quando o jornalista pedia licença para entrar.

—Então que o traz por cá?—e um sorriso franco animava o rosto austero do distinto marinheiro.

—Se é da politica que me vem falar, provino-o do que não temos nada feito! Abandonei por completo a vida politica e creia v. de que me sinto com isso imensamente satisfeito.

Tranquilisamos s. ex.ª assegurando-lhe que o unico fim que nos levava a procura-lo era simplesmente o desejo de informar os leitores da «Capital» acerca do estado em que se encontram as obras de construção do novo Arsenal, no Alfeite.

—Mas não para entrevista!—impoz o sr. ministro da marinha—O senhor sabe que eu tenho razão para me esquivar a ser entrevistado A imprensa tem por vezes sido injusta para comigo.

—Mas «A Capital», que nos conste...

—Ah! sim, «A Capital»—tenho pelo seu jornal uma grande simpatia, e nunca deixei de o ler, mesmo quando me encontrava em Londres, como adido naval. Mas ainda assim não vejo que interesse possa ter uma entrevista comigo. Não ha nada de novo e interessante para a imprensa.

—Acerca das obras no Alfeite?

—Olhe, meu caro jornalista: se fosse de politica dizia-lhe redondamente que não. E' assunto de que não me ocupo e creio fazer bem. Calcule v. que, ha dias, numa reunião de varios amigos, todos eles cairam das nuvens quando eu lhes disse que jamais entrara dentro do hemiciclo do nosso Parlamento!

—Permita v. ex. que nós tambem lhe manifestemos a nossa admiração!

—E' verdade, meu amigo: nunca entrei dentro do nosso Parlamento, embora já tivesse visitado alguns edificios de Congresso, no estrangeiro. Já vê o quão pouco me interesso pela politica. Sou ministro, embora com sacrificio, porque entendo que não tinha o direito de me eximir ao convite que me fizeram para esse cargo.

E após uma bréve pausa, durante a qual s. ex.a assignou vários despachos o sr. ministro continuou:

—Para lhe falar, como v. deseja, acerca do Arsenal que se projecta construir no Alfeite, dir-lhe-hei que visitei no sabado as obras.

—E qual foi a impressão colhida por v. ex.a nessa visita?

—Eu lhe digo, meu caro amigo. As obras para a construção do bairro operario vão já muito adeantadas, tendo-se já gasto com as mesmas a consideravel soma de oito mil contos.

—E esse bairro destina-se?...

—Aos operarios que hão-de trabalhar no Arsenal a construir.

—Disseram-nos que os operarios que veem trabalhar na construção do Arsenal teriam tambem habitações proprias?

—Pensou-se nisso, com efeito, mas sei que tal projecto foi posto de parte.

—Então o Arsenal virá, de facto, a ser construido?

—Actualmente, a junta autonoma ocupa-se sómente dos trabalhos necessarios para a construção do bairro operário, da escola naval e das escolas de aplicação. Tudo isso dará muito que fazer, e como a construção do Arsenal só poderá ser feita por uma empreza constructora tecnica, os trabalhos serão entregues a quem fornecer a melhor proposta.

«Já se receberam varias propostas para a construção do Arsenal, que deverá importar em vinte mil e tantos contos, mas parece que a mais aceitavel será a duma sociedade, em que entrarão grandes capitais portuguezes.

—Porque não se inicia, desde já, a construção do Arsenal?

—Tudo depende da aprovação, no Parlamento, dum emprestimo necessario para a sua construção.

—E após essa aprovação quanto tempo demandará a construção do Arsenal?

—Talvez uns cinco anos. Antes disso, porém, e apenas terminados os diques e necessarias oficinas, já o Arsenal dará um rendimento deveras apreciavel, com o arranjo e diversos fabricos de navios de emprezas de navegação nacionais e estrangeiras. Actualmente nada disso existe, e se um navio entra a barra necessitando de qualquer arranjo, está sob a alçada do nosso, porque pode ficar uma eternidade á espera de encontrar vaga nos diques que actualmente possuimos.

«Decerto, é necessario que todos se convençam da necessidade de construir o Arsenal, tanto maisque o capital empregado na sua construção estaria longe de ser um capital morto, pois desde logo começaria a dar um bom rendimento.

—Com os concertos dos navios?

—E mesmo com construções, porque a mão de obra em Portugal, apesar de tudo, é ainda mais barata do que no estrangeiro. Calcule V. que a conhecida casa de construções navais Jarrow, teve primeiramente os seus arsenais em Poplar, proximo de Londres; foi obrigada, pelo preço da mão de obra, a transferi-los para Glasgow, e passado tempo para proximo do Canadá, na costa do Pacifico, na British Columbia, onde o preço da mão de obra é sensivelmente mais barato. E' ali que está agora executando os mais importantes trabalhos de construção naval, possuindo grandiosos arsenais.

—Dizia-se que a escola de torpedos, em Val de Zebro, seria transferida para o Alfeite?

—Talvez, quando o Arsenal estiver construido. E a Escola Naval necessita tambem ser ali instalada, para não suceder o que actualmente verificamos: os estudantes perderem o tempo nos cafés, esquecendo os estudos para se dedicarem á politica, cooperando em movimentos revolucionarios.

«Lá fora, no estrangeiro, as escolas navais são sempre instaladas longe das cidades, adotando-se sempre o regimen do internato.

E com tristeza, num aperto de mão, o sr. ministro da Marinha, conclue:

—Aqui, em Portugal, observa-se o espectaculo triste e deprimente de se ver simples e jovens aspirantes de marinha comprometidos em revoluções, em movimentos como o de 19 de outubro!... E' triste! muito triste!...

A reconstrução da Russia e da Europa Central

Vinte milhões de libras!

LONDRES, 17.—Os peritos financeiros junto ás delegações franceza, ingleza e italiana da conferencia de Cannes, modificaram o plano financeiro esboçado em Paris de um consorcio internacional para a reconstrução da Russia e da Europa Central. Em logar de uma sociedade anonima com o capital de 20 milhões de libras como se tinha pensado em Paris.

O novo projecto consta de uma serie de companhias nacionais ficando os governos das respectivas nações possuidores da maioria das acções, sob a fiscalisação de uma corporação ingleza. Esta terá um capital de 20 milhões de libras, subscrito pelas varias companhias nacionais subsidiarias sob a sua fiscalisação. O capital total destas companhias deve atingir 20 milhões conforme foi primitivamente delineado em Paris. Estas companhias subsidiarias teem que formar outras companhias e não fazem explorações por conta propria. Os negocios serão realisados por intermedio da Companhia Chefe Ingleza, a quem compete investigar a situação nas zonas desorganisadas da Europa e prestar os auxilios necessarios em troca de seguras garantias. Quando estas forem dadas, a companhia chefe ingleza promoverá a formação de uma companhia industrial para executar uma determinada parte industrial da reconstrução.

As companhias promotoras das empresas industriais tomarão uma parte do capital, mas o resto será oferecido á subscrição particular de entidades interessadas nos trabalhos da especialidade a executar.—(Lu. An.)

Aos srs. droguistas

Prevenimos que a firma Raul Vieira L.da recebe devolvidos os frascos de «Lipobase», extracto glicerinado de oleo de figado de bacalhau, (em compota de banana), quando lhe sejam regeitados por alguma pessoa a que a possa repugnar este superalimento hidro carbonado.

A Semana Literaria

No proximo sabado o nosso querido camarada de redação Armando Ferreira recomeçará nestas colunas a sua secção «A Semana Literaria». Os srs. editores devem enviar-nos dois exemplares de cada obra.

Do valor psicologico do riso

O riso de Voltaire

O retrato, para ser obra de verdadeira arte, precisa reunir á plasticidade da forma a exacta exteriorisação dos sentimentos. Não basta que a fidelidade dos traços vingue a verdade fisica. Acima de tudo, o retrato é um estudo psicologico. E' mister, que da tela ou da estatua dimane aquela expressão de vida que contenha em si os elementos necessarios para a sugestão dum acertado diagnostico moral. O artista tem que ser um observador sagaz, um psicologo de fina intuição para poder devassar as almas, para, sobretudo, salientar o sentimento predominante, a caracteristica especifica que destingue a personalidade do modêlo. Todo o retrato de Luiz XIV que não dê ao grande rei a magestade do quadro de Rigaud, é uma obra que se desclassifica, é um documento falso.

Das artes plasticas, porém, aquela que pelas especiais condições da sua propria estructura, mais possibilidades possue, para, com verdade e vigor, exprimir paixões e reflectir estados dalma, é, sem duvida, a escultura. Haverá, quem conceba uma mais energica concentração despirito do que aquela que nos sugere o «Penseur» de Rodin? Reparem na obra-prima que é a estatua de Voltaire por Houdon e digam se aquele sorriso que lhe encrespa a face em pregas de incisiva ironia, que lhe sublinha as orbitas com duas rugas maliciosas não define por si só, o zombateiro filosofo do seculo XVIII. E' que o riso é a modalidade da mimica humana, que mais fielmente traduz a natureza dos sentimentos intimos. M. Dugas, depois de, num consciencioso estudo, passar pela fieira da sua critica as varias construções doutrinarias tendentes a produzirem a explicação do riso, parodiando a celebre frase de Buffon, não hesita em formular esta radical conclusão:—«o riso é o homem».

Em toda a sua singeleza fisiologica o riso—esta tão vulgar expressão da mascara humana no comercio social, que, mesmo no conceito dos austeros filosofos, basta para retratar a feição psicologica do homem—reduz-se ás minguadas proporções dum acto mecanico, consiste na modestia de algumas expirações entrecortadas, acompanhadas pela contração de certos musculos da mimica. Mas, é que, a este elementar fenomeno da nossa fisiologia, preside uma diversidade extraordinaria de complexas operações psiquicas. Evidentemente, não cabem neste conceito generico, aqueles risos espasmodicos dalguns psicopatas e certos doentes do fôro neurologico, nos quais uma impotencia da inibição normal do cerebro causada por lesões do cortex—abandonando a si mesmo o automotismo emocional—não modera os excessos de riso, provocados pelos motivos mais futeis.

São formas patologicas, não compreendidas no campo onde se debatem as numerosas teorias, que sobre o riso normal teem sido emitidas de Spencer a Bergson, sem que nenhuma delas, em sua inteira independencia encontre a formula geral da explicação que procura. Para satisfazermos a nossa curiosidade de porquês, hemos de dedicidir nos pelo mais amplo ecletismo.

Mas—desde aquelas saudaveis gargalhadas pobres em influencias elevadas, que em algumas paginas do nosso Eça teem um delicioso elogio, até aos seus aspectos superiores—a verdade, é que, como escreveu o proprio Voltaire, o riso não é só um movimento de musculos, é sobretudo uma emanação da alma.

Eis porque o riso da estatua de Houdon dá a medida exacta da estrutura moral do Voltaire. Os risorios alargando o diametro transversal da boca e os zigomaticos elevando as comissuras labiais, fazem irradiar daquela face velha um ar de faiscante ironia, que a atrofia do maxilar inferior parece acentuar.

Mas, se o repouso do musculo do desgosto exclue toda a ideia de tristeza—o frontal, cavando na pele da raiz do nariz as rugas da atenção, mostra que áquele sorriso, não é estranha uma grande força de pensamento. De nenhum modo ele se justapõe áquelas brandas expressões de alegria, que coloram a face dos homens nascidos com as virtudes duma sã moral. E' um sorriso mordaz, ironico, zombateiro. Mas, sai dos limites da verdade quem ali queira vêr o «rictus sardonico» denunciador de naturezas pérfidas. O grande filosofo francez, a par das faltas do seu caracter, teve merecimentos, que, se não o absolvem, ao menos atenuam as suas culpas.

Não foi Voltaire o mais fervoroso combatente da tortura?

Lisboa—1921.

A. S.

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

Assim, sim!

Triunfou a razão. Triunfou a decencia. O conselho de ministros reunido hontem resolveu suspender a já celebre reforma do Ministerio dos Estrangeiros, que no momento oportuno será apresentada ao parlamento com as modificações que forem julgadas necessarias.

Está muito bem. Era isso mesmo que nós queriamos, o que queria a maioria dos funcionarios que não fazia parte da alcateia, o que queria o contribuinte, o que queria a opinião publica, já farta de escandalos.

Deram-nos razão. Deram razão á campanha que aqui temos travado, mostrando dia a dia com factos e só com factos o que era o decreto-gazua que, de resto, até hoje ainda ninguem veio defender senão com abstrações, com palavras ôcas, ocultando ou as boas intenções de amigos ou discutiveis e até mesmo sordidos interesses em perigo.

Bem sabemos que nas regiões oficiais onde ela já fôra estudada, a reforma não contava nenhuma simpatia. Bem sabemos que alguns dos ministros, entre eles o sr. dr. Julio Dantas, já ha muito haviam formado sobre ela o merecido juizo, E ninguem tinha decerto o direito de supôr que pessoas de autoridade moral como essas não hesitassem, um minuto sequer, em seguir o caminho do dever.

Mas era preciso que outras as acompanhassem, era preciso abrir os olhos a alguns dos proprios membros do gabinete, preocupados com outros assuntos da administração, era preciso, enfim, criar na praça publica o ambiente de evidencia indispensavel para poder ser bem compreendida a acção daqueles que não estavam dispostos a transigir com a inepcia, com a corrupção, com a falcatrua.

Tomámos nós a peito essa tarefa, e orgulhamo-nos com isso. Vamos agora para o parlamento. Lá iremos direta ou indiretamente, levar as nossas razões, assim, como esperamos que os defensores da reforma para lá tambem enviem os seus argumentos que lamentavelmente se teem esquecido de apresentar. Ali, á clara luz do dia, longe das alfurjas suspeitas dos corrilhos de compadres, é que todos se devem congregar para discutir e resolver definitivamente o assunto.

Assim, sim!

Questões do dia

O aumento das tarifas ferro-viarias

Razão tinhamos nós quando aqui fizemos algumas ligeiras observações acerca da providencia governativa que autorisou as empresas ferro-viarias a onerarem as tarifas com um aumento até 300 o/o. E que tinhamos a razão pelo nosso lado confessa-o agora o proprio Estado, que foi por certo quem enviou para os jornais da amanhã a seguinte nota com todo o feitio de oficiosa:

Tendo-se levantado algumas duvidas no publico sobre a aplicação das taxas provenientes do aumento de tarifas auctorisado pelo governo, podemos esclarecer que esse aumento geral foi apenas de 100 o/o sobre as tarifas que vigoravam antes da guerra, ou seja a elevação a 300 dos 200 o/o que vigoraram até ao dia 8.

Parece, porem, que o criterio adoptado para a distribuição da nova percentagem não foi uniforme, havendo por isso disparidades flagrantes de empresa para empresa, o que levou o governo, segundo nos consta, a intervir no assunto, e procurando, por isso a junta consultiva dos Caminhos de ferro, junto de varias empresas, conseguir uma quanto possivel unificação.

Se bem compreendemos a embrulhada explicação da «nota oficiosa» (siguêe «Ministerio do Comercio...») algumas empresas ferro-viarias aplicaram um acrescimo de 300 o/o sobre o montante dos actuais tarifas, já agravadas com 200 o/o em relação a 1914.

O gravame seria, nesta hipotese, de 300 o/o e não até 300 o/o. Ora se os outros erraram, sendo profissionais da especialidade, bem facil foi o nosso engano, dando interpretação igual á confusa presa da autorização do estado pelo sr. ministro do Comercio, quarenta e oito horas após ter tomado posse. O nosso erro, que foi partilhado em boa companhia, mereceu indelicada referencia dum colega, que, aliaz, engoliu em seco a resposta que lhe demos, redigida no mesmo caso da pergunta, conforme ordenam as boas regras gramaticaes.

Voltando, porem, a tratar deste caso do aumento das tarifas ferro-viarias, mais uma vez acentuamos que não é justificavel este prurido de querer remediar a crise economica com medidas irreflectidas, que não fazem senão agrava-la. Se a solução para remediar o continuo aumento no custo da vida residisse, simplesmente, em inundar de papel moeda inconvertivel todas aquelas empresas ou todos aqueles individuos a quem o dinheiro falta para as suas mais imprescindiveis despesas, ja ha muito tempo que viveriamos felizes e contentes, porque os nossos inefaveis estadistas não se pejam de ir povoando cofres e bolsas com aumentos no custo das mercadorias e na bolsa dos consumidores. Mas isto de nada vale, ou antes, isto é contraproducente, porque o aumento de hoje conduz ao aumento de amanhã, pela intima correlação que existe entre a super-abundancia da moeda inconvertivel e o seu poder aquisitivo da mercadoria.

O sr. ministro do Comercio autorisando, após o exame da questão—exame quasi instantaneo, porque não excedeu quarenta e oito horas—o aumento até 300 o/o nas tarifas ferro-viarias, não conseguiu senão preparar a economia geral da Nação para dentro de pouco tempo, tornar indispensavel novo aumento tarifario e novos acrescimos nos salarios e ordenados dos que vivem «au jour le jour» e que constituem, desgraçadamente, a grande massa populosa do paiz. E' o sistema do motu-continuo aplicado na governança publica. E o metodo velho e revelho, já experimentado e reprovado, que levou a antiga França á total desvalorisação dos «assignats» da Revolução e a moderna Austria á pavorosa crise presente, com a corôa a valer meio centavo da nossa tambem desvalorisada moeda.

De resto o aumento de 100 o/o sobre os 200 o/o já autorisados não faz uma diferença inteiramente sensivel dos 300 o/o redondos. Mas serviu, em todo o caso, para dar «cavacos» a uma defesa de meia duzia de linhas, tão inuteis como infrutuosas.

A minha viagem á Alemanha

— POR —

Charlot (Charles Chaplin)

Voltando para casa passamos pela de Al. Kaufman que encontramos no Heinroth. Ahi falamos muito sobre films e das recordações de Los Angeles que já se me afiguram longiquas.

Fui convidado para um jantar solene no dia seguinte em casa de herr Werthaner, um dos maiores juristas da Europa no presente momento e um dos principais adversarios do Kaiser durante a guerra. Este jantar celebrava os esponsais de herr Werthaner com aquela que virá a ser a sua terceira mulher.

A sua casa magnifica está situada no mais belo bairro de Berlim.

Entre os convidados figuram alguns dos seus amigos pessoais e, além destes, Pola Negri, Al. Kaufman e sua mulher Robinson e eu.

Uma orquestra russa tocou arias do seu paiz durante o jantar.

Sem saber porquê, ponho-me a pensar na historia de Raspoutine. Esta casa parece-me predestinada a assassinios cometidos com mestria.

E' talvez a musica russa que me sugere tais ideias. O enorme escadorio de marmore, duma glacial austeridade, parece feito para vos gelar até á medula. Os criados são tão cerimoniosos e o jantar tão solene que tenho a impressão de me encontrar num palacio. As melodias populares russas que nos fazem ouvir, gemendo, as cordas dos bisarros instrumentos, exercem sobre nós um efeito lugubre. Comer e beber aqui não é lá muito divertido, não!

Ha qualquer coisa de misterioso, de exotico, de estranho que nos dá a ilusão de misterio em tudo quanto nos rodeia; de resto, todos os convivas parecem partilhar esta impressão.

As apresentações foram feitas, mas está bastante gente e não posso por isso recordar-me quem são algumas das pessoas presentes, nem ligar os nomes ás pessoas. Ha muitos «herr», «frauleins» e «fraus»; é já muito recordar-me da sua condição de mulheres casadas ou solteiras.

Alguem levanta-se e começa a pronunciar um discurso longo e cerimonioso, em alemão; cada qual escuta-o atentamente. Depois levanta-se o dono da casa e brinda á sua noiva. Levantamo-nos todos e bebemos á saude do futuro casal. Tudo isto é extraordinariamente solene.

Agora é um discurso que me diz respeito, sem duvida, porque o dono da casa dirige-se a mim.

Não compreendo uma palavra do que ele diz. Fala, fala e de novo toda a gente se levanta, elevando o copo. *Porquê? Não sabia*, mas faço como eles, levanto-me e elevo o meu copo tambem.

Rebenta então uma gargalhada geral e eu pergunto a mim mesmo que calamidade acaba de cair sobre mim. Terei qualquer coisa de extraordinario no vestuario? Toda a minha vida tive o receio de sair um dia de casa sem calças.

Olho logo para as pernas, mas felizmente lá estão as calças e eu respiro.

Compreendo então o que se passa. O dono da casa está a fazer-me um brinde. Fal-o em pessimo inglez, mas os gestos e o tom da voz tornam-no muito gracioso.

Em todo o caso tem o ar algum tanto pedante e quando não sabe o termo que deseja em inglez, emprega-o em alemão.

A cada novo prato, novos brindes.

Atrazo-me sempre a levantar-me e a elevar o copo. Eles andam tão depressa!...

Ao quarto prato Kaufman inclina-se para mim e ao ouvido diz-me que preciso de responder ao dono da casa, brindando-o e dizendo-lhe qualquer coisa amavel.

Fiquei quasi sufocado pela perturbação que se apoderou de mim. E costume, parece, responder aos brindes. Levanto-me hesitante; «Senhores»... Sinto que alguem me dá uma canelada e ouço Mme Kaufman dizer-me a meia voz: «Herr...» Eu julgue que ela me falava da noiva e digo: «Madam!...»

«Ah! Zut! ela ainda o não é...»

Meu Deus, é horrivel o meu supplicio.

Desesperado, nada mais me importa e lanço-me a todo o vapor, vivamente, com furia: «Os meus respeitosos cumprimentos á sua futura esposa...» Enquanto falo, olho para uma joven sentada lá n uma das extremidades da mesa e que eu julgava ser a noiva. Sentei-me confuso... Que horrivel «gaffe!...»

O dono da casa inclina-se e agradece.

Mme Kaufman diz-me com um ar de troça: «Não é aquela a noiva, é aquela que está na outra extremidade da mesa... Sinto-me tomado de convulsões... Faço por dominar... Parece-me estar para morrer... E quando me mostram a verdadeira noiva, eu rebento a rir com um riso nervoso histerico sufocando-o com o guardanapo...

Rita Kaufman não resiste e ri comigo.

Deus seja louvado! Ela sente o comico...

Sinto-me esgotado e nervoso e estou ancioso por me retirar. A noiva leva a mão ao seu copo... Ela quer corresponder ás minhas atenções. Ela deve achar-me ridiculo... Não sei como ela adivinhou que eu lhe disse qualquer coisa amavel. Não consegue falar, porque o dono da casa lançou-se de novo num discurso interminavel... Declara que em circunstancias tão raras como esta, é costume provar os melhores vinhos da adega. Desenvolve magistralmente; todos começam a sorrir...

Sinto que tambem eu me regalo...

Julgava que já tinham sido servidos os melhores vinhos e não sabia que havia ainda algum de reserva... Esta promessa dum novo vinho decidiu-me a arriscar-me a um novo brinde á noiva... Levanto-me e desta vez olho para ela...

Mas ela não está no seu logar e eu não consigo descobri-la.

Fico de pé com o copo na mão e o braço estendido na direcção da sua cadeira vasia... Então torno-me a sentar sem que ninguem tenha dado pelo meu novo desastre, excepto Rita Kaufman que, seguramente, a hora a que escrevo, ainda ri de mim.

(Continua)

SEGREDOS A TODA A GENTE

Um monoculo

Sabe, minha senhora, que não gostei nada de a vêr hontem descer o Chiado, de monoculo. Dir-me-ha que é moda, lá fóra, em Paris. Mas se é moda lá fóra, em Paris — isso quêr dizer, simplesmente, se os meus conhecimentos de mapa-mundo me não atraiçoam neste instante, que não é moda ainda, cá dentro em Lisboa. O monoculo, minha senhora, não lhe fica bem e não lhe fica bem porque a obriga a uma imobilidade, de expressão fisionomica, porque a impede de rir como v. ex.ª ria antes de o usar, porque a impede de chorar—pelo menos do seu olho direito—como v. ex.ª chorava antes de o pôr, porque a impede de voltar a cara com aquela excessiva desenvoltura com que v. ex.ª, conseguia vêr ao mesmo tempo dos quatro lados os seus inumeros admiradores. O monoculo não tem para si senão inconvenientes. A sua miopia? Uma blague. Ainda ha pouco me disse que era moda lá fóra. A miopia? Não. O monoculo. Não o usa mais, minha senhora. Ou deite-o fóra ou dê-mo a mim—para eu a vêr melhor...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DA CHUVA DE HONTEM

D pois daquele interminavel inverno cheio de sol e frio, apareceu hontem aquela chuva que todos nós estavamos pedindo para bem das nossas terras e das nossas almas.

Mas, neste bemdito Portugal, quer seja em opiniões, em modas ou em tempo não ha meio termo.

Ou oito ou oitenta!

Ora hontem não podia ter vindo uma chuvasinha rasoavel que regasse as terras, confortasse os corpos e não fizesse disparates?

Claro que podia ter vindo. Podia... mas não veio.

Foi logo o temporal. Uma ventania atroz, com aguaceiros chicoteantes, chapeus virados, chapeus postos em fuga, saias bailando desordenadamente, quebrando o misterio de algumas ligas desconhecidas ainda dos nossos olhos. uma verdadeira cavalgada de bruxas nas ruas de Lisboa.

Como resultado, partiram se alguns guarda-chuvas, desfiseram-se algumas ilusões, a terra ficou quási na mesma, e as nossas almas continuaram irritadas, despenteadas, ainda a pedir chuva, uma chuva normal, cantante e compassada.

O sol voltou hoje de novo. O frio nem sequer chegou a desaparecer.

Os chapeus de chuva foram para a via a concertar e as saias voltando á primeira forma continuaram a fazer nascer as ilusões que hontem tinham desfeito.

BOTTO DE CARVALHO.

◆ ◆ ◆

Segundo as informações transmitidas pelos agentes da secção comercial em Berlim tem diminuido a tensão existente nos meios financeiros e industriais da Alemanha, mas a situação economica continua praticamente sem alteração.

◆ ◆ ◆

O decrescimento da população está aterrando os varios paizes. Em um congresso celebrado em Bordeus, verificou-se que, embora os nascimentos tenham aumentado, se está bem longe do periodo de repovoação tão necessario. Uma lei de 1913 institue um subsidio ás familias numerosas, a alguns resultados vai dando, ao que se assegura.

Ora esta lei, de que tanto se fala, não tem nada de novo. Em 1666, certo intendente da Bretanha mostra ao seu monarca a necessidade de socorrer o sr. La Baronais que, dizia ele, tinha dezasete filhos. Pedia mil libras e dois logares em colegios, o que lhe foi concedido. Anos depois, outro fidalgo, que tivera quinze filhos, dos quais apenas viviam dez, pedo um auxilio, alegando que os cinco, mortos, vivos estariam se não passassem tantas privações. Outro fidalgo, pai de doze filhos, pedindo auxilio, dizia-se descendente do quinto filho de Luiz VI. Foram-lhe dadas seiscentas libras, mas lavraram este aviso: — «para falar dos seus filhos escusa de ir até ao seculo XII.»

A distribuição de esmolas era feita com tanto cuidado que um intendente normando dizia: — «Sua majestade quer que os seus donativos não sejam só para nobres, mas sim para alivio de todo o povo.»

Luiz XIV deu inumeros destes subsidios; abria a bolsa muitas vezes, mas só depois — é o intendente quem o diz — de conhecer as condições dos necessitados, visto que a «el-rei ninguem engana».

Como se vê, a lei de 1913, já vem de 1666 — pelo menos.

◆ ◆ ◆

O governo americano informou o governo de Cuba que poderá negociar nos Estados Unidos o emprestimo de cinco milhões de dolars, mas que a realisação dum novo emprestimo de cincoenta milhões de dolars, sugerido pelo governo de Cuba, dependerá da capacidade que as autoridades daquela ilha mostrarem para diminuir ainda mais o orçamento cubano.

Diz-se que a resolução do governo americano em permitir aquele emprestimo foi baseada no relatorio que lhe apresentou o seu representante especial que foi a Cuba estudar a situação, e que acaba de regressar a esta cidade.

◆ ◆ ◆

A America desejava fazer um entendimento com a Alemanha para aperfeiçoamento de aeroplanos, mas a companhia R. 34 de zeppelins mostra-se relutante em confiar segredos de guerra aos competidores da Inglaterra.

As comissões interaliadas inclinaram-se perante as informações da comissão aeronautica alemã mas receiam que a America não retifique o tratado.

◆ ◆ ◆

A condessa Leonor Von Schlieffen, os seus dois filhos e trez outros cumplices foram julgados quarta-feira sendo acusados de preparar o assassinato do Conde George von Schlieffen, o actual chefe da familia. O motivo era por á frente da avultada fortuna o titulo o filho mais velho da condessa.

A vitima e dois irmãos que tambem conspiravam contra ele, são primos do marechal de campo von Schlieffen sucessor do grande Moltke como Chefe do Estado Maior do Exercito e foi quem delineou o plano da invasão da França atravez a Belgica na ultima guerra.

As letras

Recebemos a oração lida pelo sr. Visconde de Carnaxide em homenagem a Ruy Barbosa, em sessão de 5 de março de 1919, na Academia das Sciencias de Lisboa. Os nossos agradecimentos.

—D. Oliva Guerra, um elegante temperamento artistico, acaba de publicar um livro de versos «Espirituais» do qual damos hoje aos nossos leitores o soneto.

A Saudade

Eco triste de um bem que se evolou
Reflexo de uma extinta claridade,
Tem o estranho póder, sempre, a Saudade
De dar vida ao que o tempo sepultou

Revivendo um «ontem» que passou,
A essencia de uma eterna mocidade,
E' um sonho de morte e de ansiedade
Que a vida, de sonhar jámais cansou.

«Ontem» reveste-se da luz intensa
Em que toda a saudade se condensa
Tornando as coisas mortas imortais,

Em «ontem» ha o encanto indifinivel,
Essa atração suprema, irresistivel,
De tudo aquilo que não volta mais.

QUEM DÁ AOS POBRES EMPRESTA A DEUS...

A assistencia publica é deficiente

Lisboa foi sempre uma cidade de mendigos.

Desde tempos imemoriais, que se espiolhavam pelas portarias dos conventos legiões de pedintes á espera do caldo, ou nos pateos das casas fidalgas, depois de dadas as graças.

Desapareceram os conventos, as casas de alta linhagem decairem, mas os mendigos ficaram, resistindo á civilisação, invadindo as arterias elegantes, mesclando os seus undrajos com as peliças e as sedas das mulheres.

O vicio da esmola, tem resistido sempre a todas as tentativas de moralisação de costumes, e a todos os fecundos planos de regeneração social.

Pelo desleixo dos governos pelo egoismo feroz dos particulares, e por uma falta de criterio orientador, a assistencia publica, vegeta entre nós mirrada e apagada, como uma instituição secundaria, quando é sem duvida o principal factor de regeneração de uma raça, e deveria ser objecto de particulares cuidados.

E' inconcebivel, que em nossos dias se pateutei ao sol o espectaculo da miseria, que para ahi se vê.

E' uma escola de degradação, uma forma de curso no «não te rales que Deus dará pão», e que sómente vem contribuir, para aumentar a degenerescencia moral a que chegamos.

Em certas classes, que não são miseraveis, a esmola pedinchada de porta em porta com lamurias e risos, é encarada como a coisa mais natural deste mundo, quer se trate de creanças ou de invalidos.

Aos pequenos, acha-se-lhes muita graça quando começam a pedinchar dezreisinhos para o Santo Antonio; para os velhos existe sempre a piedade exibicionista, que nos leva a desabotoar o sobretudo para depôr na mão que se nos estende, a cedula velha de meio tostão.

Um são criterio do que devia ser o auxilio aos desvalidos, tanto velhos como creanças sem familia, não existe, mesmo em algumas classes que aparentam cultura. E é por isso, que essa assistencia, que para ai se esboça, se vê a braços com a miseria, porque o Estado empobrecido mais nada pode dar, do que já dá.

As cosinhas economicas edificadas em todos os bairros, pela iniciativa generosa duma senhora muito ilustre, debatem-se presentemente numa crise angustiosa, e talvez tenham que encerrar as suas portas.

O auxilio particular é cada vez menor porque divorciada do regimen, por senobismo muita gente bastante rica, não ocorre com o seu auxilio, como se o regimen tivesse alguma coisa com a elevada compreensão da caridade, que deve existir nas almas cultas e bem formadas.

Outros auxilios ainda são dados a medo, e muito diminutos para a fortuna de quem os presta, e assim nós vemos em algumas casas de caridade soprarem-se aos quatro ventos os nomes de A e de B como generosos protectores, quando é o Estado quem aguenta com a quasi totalidade da despeza, e se não fosse ele essas casas tinham que fechar a porta.

E' preciso lançar um grande apelo aos bons sentimentos da nossa gente para que algum auxilio seja dado a assistencia publica, contribuindo todos para limpar a cidade dos mendigos, que nos envergonham aos olhos dos extrangeiros, e para que as gerações novas seja dada uma grande lição de moral.

Urge tambem estudar, cuidadosamente, um vasto plano de reforma dessa assistencia, moldando-a num criterio moderno e educativo, afim de entre a escumalha dos que pedem, se recolherem ainda algumas inergias aproveitaveis.

E' necessario que não deixemos encerrar por falta de verba essas prestantes instituições, que são as cosinhas economicas, onde tanta gente encontra com limpeza uma malga de sopa para matar a fome; e antes ajudemos a alargar o seu ambito para que os nossos olhos apavorados não continuem a ver por todos os cantos bocas famintas que nos pedem uma esmolinha por amor de Deus.

Isto em pleno seculo XX, e no limiar da Europa, é degradante para nós, que blasonamos com «pose» por esse Chiado abaixo, na inconsciencia de nos julgarmos sivilisados.

O que se passa em Angola

Algumas informações interessantes, que merecem ser transcritas

Já encontramos, uma vez e por ocaso, numa repartição do Estado, um lindo cartão de visita, com dizeres semelhantes a estes:

> **Fulano de Tal e Coisas**
> Procurador Geral de Angola

Desconheciamos a existencia oficial do cargo. E como o habito de reportagem nos incutiu o vicio da curiosidade, tratamos de saber a significação do exotismo... E foi assim que nos revelaram a existencia, em Lisboa, duma Agencia Geral de Angola, especie de Legação de Angola, e dum Procurador Geral de Angola, com funções de Ministro Plenipotenciario de Angola junto do governo da Republica Portugueza.

Esta Agencia Geral de Angola recebeu por infiltração uma parcela dos poderes majestaticos do governo da Livre Colonia... E o que abaixo vai transcrito, que é a parte que, nos pareceu mais interessante dum certo numero, muito rasoavel, de revelações produzidas em «A Batalha» de hoje, não deixará, por certo, de provocar explicações da parte de Sua Excelencia o Procurador Geral de Angola:

Gabriel Neves Junior é um operario fundidor que andou por Angola durante quatro anos e conhece aquela provincia ultramarina como poucos.

Proporcionou-se ontem uma ocasião excelente para falarmos ácerca da propaganda que, desde a ida do sr. Norton de Matos para a referida provincia, se tem feito e não perdemos o nosso tempo com tam interessante conversa.

—Parece-nos que vale a pena agora ir para Angola, hein? Ha por lá bons alojamentos para os colonos...

—Vejo que o camarada—disse-nos ele por fim—está tam iludido como muitos dos que daqui teem ido. Angola não é esse tal paraiso que os jornais descrevem. Olhe, quer ouvir um exemplo?

—Diga, diga?

—Foram daqui varios camaradas ferroviarios contratados para o caminho de ferro de Loanda. Tambem, coitados, levavam grandes ilusões. Tinham-lhes falado até em «chalets» e outras coisas bonitas. O resultado? Ao chegarem a Loanda não tinham onde alojar-se. Os tais «chalets» não existiam. Alguns que havia já estavam ocupados pelos chefes de serviço do caminho de ferro. Foi uma verdadeira desilusão...

....

—O caminho de ferro de Loanda ao Malange—declarou o nosso entrevistado, após um silencio—encontra-se num estado verdadeiramente lastimoso. Apenas uma parte, que vai de Locala ao Malange, se aproveita porque assenta sobre vigas de ferro; o resto construido sobre barrotes de madeira, chega a ser perigoso.

—Porquê?

—Porque a madeira naquelas paragens pouco dura, a formiga branca fá-la apodrecer rapidamente. Nesse espaço mal construido, os descarrilamentos são frequentes e para mais numa zona perigosa, cheia de precipicios. Tanto que de noite os maquinistas não se arriscam a fazer andar os comboios.

— Essa deficiencia de transportes deve causar grandes transtornos—dissemos.

—Enormes—respondeu-nos Gabriel Neves Junior.

Acomodando-se melhor na cadeira, o nosso interlocutor conta:

—Fui encontrar, uma vez, em Malange, grandes quantidades de milho, fuba, batata, etc., completamente estragados. Sabe porquê? Porque a falta de transportes obrigou os agricultores a guardar as suas colheitas durante muito tempo. Assim, aquele milho, bem como os outros produtos, apodreceram á espera de transportes. O caminho de ferro não dá vasão a todos os transportes que urge fazer, de forma que os agricultores trabalham quasi inutilmente. De que serve, pois irem daqui mais colonos, nestas condições?

Não dispomos de espaço para transcrever, na integra, o artigo de «A Batalha». Mas afirmamos a s. ex.ª o Procurador Geral de Angola que é, na totalidade, duma grande eloquencia.

General Braz Mousinho de Albuquerque

O seu funeral

Pelas 15 horas de hoje realizou-se o funeral do general de divisão, Braz Mousinho de Albuquerque.

O cadaver encerrado em caixão de chumbo, e este numa urna de mogno, esteve exposto até á hora do saimento, numa sala armada em camara ardente.

A' hora acima indicada a urna foi colocada num carro forrado de negro, seguindo-se a carruagem conduzindo o rev. Prior da Ajuda e seu acolito e após esta uma longa fila de trens.

Sobre o ataude foram colocadas coroas e muitos ramos de flores oferecidos por pessoas de familia.

No cemiterio foram organisados turnos, ficando o cadaver depositado em jazigo de familia no cemiterio da Ajuda.

MUSICA

S. Carlos

FAUSTO

Com um interesse crescente da parte do publico que a pouco e pouco vae enchendo a vasta sala de S. Carlos realisou-se ontem a primeira representação do Fausto de Gounaud.

A empresa que para poder abrir este ano as portas deste teatro teve de lutar com tremendas dificuldades, conseguiu um grupo de artistas que nos tem proporcionado belas noites de opera.

Ontem a representação do Fausto foi mais um sucesso.

Cirino, cujo valor o publico já conhecia teve na interpretação do Mefistofeles uma verdadeira criação.

Cantou muito bem e representa admiravelmente.

A sua figura, a maneira como disse Satanismo foi perfeita.

A canção do 2.º quadro, a scena do coro das cruzes. a serenata, foram verdadeiros titulos de gloria.

Mireille Berton cujo valor ficára bem afirmado na Thais, lutando desta vez com uma parte musical de maior responsabilidade triunfou em absoluto. Mantendo a mesma linha impecavel de artista, cantou muito bem. Foi magnifica a maneira como disse todo o encantamento das joias. Atingiu uma naturalidade a que não estavamos habituados.

Jean Sullivan apesar de não ser o Fausto a opera ideal para a sua voz, foi o grande cantor que se revelára nos Huguenotes, tendo atacado os agudos duma maneira brilhante.

Cecilia Sherl, que tem uma voz muito agradavel, fez um Siebel interessante, sendo pena que não tenha ainda no tablado a naturalidade e o «á vontade» necessarios.

Luiza Conde, Fontana e Evanzkni contribuindo com brilho para o belo conjunto.

Côros muito bem, bailados correctos.

Explendido o guarda roupa das figuras principais.

Scenarios e efeitos de luz sofriveis.

A orquestra sob a direcção brilhante de Gui teve no sucesso de ontem uma grande parte. Gui que teve chamadas especiais dirigiu brilhantemente continuando a revelar-se o grande artista de sempre.

B. C.

Wilson préga confiança na Liga das Nações

WASHINGTON, 17. — O antigo Presidente Wilson discursando da janela da sua residencia para uma grande multidão que ali o foi cumprimentar, declarou de novo a sua confiança na vitalidade da Liga das Nações, e que se acautelassem aqueles que lhe são contrarios.—(R.)

Albergaria de Lisboa

Reuniu a Direcção dessa benemerita casa de caridade e viu com satisfação que não tem sido infrutifero o apelo feito a todos os corações altruistas, afim de virem em seu auxilio, evitando o seu encerramento 30 infelizes sem pão, pois que tomou conhecimento da oferta de donativos importantes.

Entre outros assuntos de interesse para a Albergaria foi resolvido apelar para a população da capital, solicitando a entrega de bilhetes de $15 á Companhia dos Electricos para, em conformidade com a sua deliberação, cobrar a importancia de 1 milavo por cada.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

Os limites do armamento naval

WASHINGTON, 17.—A proibição de construções navais durante quinze anos em logar de 10, é uma das clausulas emendadas no tratado do limite do armamento naval, cujo texto está quasi completo. Esta prorogação foi motivada para se poder executar combinações recentemente feitas para desarmar os navios de guerra e dar tempo suficiente para as nações maritimas estabelecerem o seu radio de força naval nas proporções combinadas.—(Lat. Am.)

Os retoques finais

WASHINGTON, 17.—Os retoques finais no tratado de limitação dos armamentos navais ficaram em suspenso, aguardando umas instruções que a delegação japoneza pediu de Tokio. A Conferencia reuniu-se novamente para estudar as questões do Oriente e do Pacifico.—(R.)

A politica franceza

A atitude da imprensa para com o novo governo

BERLIM, 17.—A imprensa alemã aponta o facto, que já se esperava, de tanto a imprensa ingleza como a italiana mostrar uma pequena mudança de atitude para com o novo gabinete presidido pelo sr. Poincaré.

A «Westminster Gazette» diz ser infundada a apreensão de que o sr. Poincaré descuidaria as relações com a Inglaterra. O «Times» diz esperar que o novo governo não se oporá ás medidas que fôr necessario tomar para a reconstrução da Europa.

O «Messagero Romano» diz ter confiança no respeito do sr. Poincaré pela solidariedade da Europa.

O «Tempo» pede á imprensa que tenha cuidado com os ataques contra as intenções do sr. Poincaré.—(R.)

O sr. Briand vai repousar

PARIS, 17.—O sr. Briand sairá brevemente de Paris para ir fazer uma cura de repouso no sul da França e uma viagem pelo Mediterraneo.—(H.)

Sarraut continua na pasta das Colonias

PARIS, 17—O sr. Sarraut telegrafou comunicando que aceita continuar na pasta das Colonias e declarando-se muito reconhecido pelo testemunho de confiança que lhe deu o sr. Poincaré, a quem assegurou afectuosamente uma fiel dedicação.—(H.)

A proxima conferencia de Genova

A participação da Belgica

BRUXELAS, 17.—Falando da participação da Belgica na conferencia de Genova mr. Theunis declarou que a Russia tem de prometer não só o reembolso dos emprestimos feitos pelas provincias e municipalidades mas garantir tambem a restituição á Belgica das feitorias estabelecidas na Russia. A Belgica tem 3 biliões e meio em francos em ouro na Russia.—(Lat-Am.)

A Alemanha e as reparações

O que diz Rathenau

BERLIM, 17.—O sr. Rathenau no seu regresso de Cannes no domingo á noite conferenciou imediatamente com o presidente Ebert e com o Chanceler.

Ontem discutiu a situação com o Gabinete reunindo-se de tarde com a Comissão dos Negocios Estrangeiros do Reichstag.—(R.)

ULTIMA HORA

Terminou a gréve do pessoal do Matadouro

O pessoal do Matadouro municipal reuniu hoje ás 14 horas para resolver sobre a gréve que ontem foi declarada.

Depois de falarem varios grevistas foi resolvido retomarem o trabalho amanhã ás oito horas.

Hoje apenas foram abatidos para consumo dos hospitais civis, tres bois.

C. F. S. S.

O sr. Plinio Silva, actual director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste visita amanhã as oficinas gerais no Barreiro.

A partida de Lisboa para o Barreiro efetuar-se-ha pelo vapor que parte ás 13 horas da estação do Terreiro do Paço e o regresso no vapor que parte do Barreiro ás 17,5

POEIRA DA ARCADA

A direcção da Associação Comercial de Lisboa conferenciou hoje com o sr. ministro da Agricultura sobre assuntos relativos á questão vinicola

◆ ◆ ◆

O sr. Agatão Lança, governador civil de Lisboa, recebeu hoje os cumprimentos do sr. Melo Barreto, ex-ministro dos Estrangeiros.

◆ ◆ ◆

A direcção do Centro Escolar Republicano Almirante Reis, oficiou hoje ao sr. ministro do Comercio, congratulando-se pela nomeação do engenheiro sr. Plinio da Silva, para director da Companhia dos Caminhos de Ferro do Estado.

O TURISMO

Uma proposta do sr. Roldam y Rego

O engenheiro sr. Roldan y Rego apresentou uma proposta ao sr. ministro do Comercio para o desenvolvimento do turismo em Portugal, devendo s. ex.ª fazer em breve uma conferencia sobre o mesmo assunto.

Reunião dos governadores civis

Devem reunir, hoje, pelas 18 horas, no Ministerio do Interior, os governadores civis de todos os distritos, para tratar das proximas eleições.

Informações sobre alguns candidatos

O sr. dr. Falcão Ribeiro, que já foi governador civil de Lisboa, propõe-se candidato a senador, nas listas «outubristas», pelo circulo de Coimbra.

S Ex.ª foi tambem proposto candidato a senador pelo circulo de Vizeu.

—O sr. Antonio Mantas, governador civil de Faro, desistiu da sua candidatura em favor dum candidato governamental.

Segundo nos consta, por aquele circulo, os democraticos devem obter 1700 e tantos votos; os liberais uns 700; reconstituintes 1000; e os monarquicos, mais de 800 votos

Os reconstituintes terão essas votações por motivo dum acordo feito com democraticos e liberais.

POLITICA

O barometro politico, nas ultimas quarenta e oito horas, baixou bruscamente. Mau signal!

Estas descidas, sem causa aparente, são, como é dos livros, signal certo do temporal proximo. E as nuvens negras, que se avistam no horizonte, nada presagiam de bom.

O caso é este: pretende-se evitar as eleições. Mas quem? Não o governo, com certeza. A haver tempestade ela esta ainda afastada, ao menos por alguns dias. Esperemos que a noite de 19 para 20 do corrente decorra tranquilamente...

Eleições

E' hoje ás 17 horas que começa a conferencia do sr. presidente do Ministerio com os Governadores Civis dos diversos distritos.

A unica eleição que desperta interesse é a de Lisboa. Tudo se tem feito, junto dos democraticos, para a organisação duma lista unica, que combate, vantajosamente, ao candidatos monarquicos. Os esforços resultaram baldados, mantendo o partido democratico a sua intransigente tactica de disputarem as eleições em lista completa e isolada.

Pensam agora alguns republicanos em oporem á lista democratica uma outra, da conjunção das restantes forças constitucionais. E' possivel que este expediente consiga ainda evitar que por Lisboa sejam eleitos monarquicos.

Um jornalista estrangeiro entrevistou o chefe do governo

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou hoje, durante hora e meia, um jornalista holandez.

O assunto da entrevista versou sobre a situação politica do paiz.

Na presidencia da Republica

O sr. presidente da Republica, recebeu hoje pelas 15 horas, os srs. presidente do ministerio e ministro da Guerra.

Suspensão da reforma do sr. Veiga Simões

Verificamos, sem sombra de duvida, que nos meios politicos causou boa impressão a solução que o governo deu á questão provocada pela improvisada reforma dos serviços do ministerio dos Estrangeiros.

Como os intrigantes politicos de tudo se aproveitam, havia quem afirmasse que o chefe do governo ficára contrariado com a solução dada ao caso mas as nossas ultimas informações desmentem essa versão e da forma mais categorica.

Não tendo querido o directorio do Partido Republicano Português tornar possivel o reingresso dos dissidentes de Guimarães estes mantêm-se fora daquele organismo politico tendo a acompanha-los na sua atitude o antigo deputado por aquele circulo sr. dr. Lucio dos Santos.

O novo governo francez e o marechal Pétain

Paris, 17.—O Conselho de ministros resolveu que o marechal Pétain desempenhe no ministerio da Guerra as funções de generalissimo analogas ás que o major general desempenha nos outros exercitos.

Aguarda-se a resposta do marechal Pétain. Parece concluir-se desta nomeação que Pétain apoiará perante o Parlamento os projectos militares.—(H.)

TEATRO

Nota do dia

Luisa Satanela

Reaparece hoje, depois duma grave doença a actriz Luisa Satanela.

E' o momento de eu a cumprimentar com a rara simpatia que a sua gentil figura de scena me inspira.

Luisa Satanela é uma rapariga alegre inteligente e bondosa. Tem espirito e leveza a representar.

Veste com uma distinção muito sua, uma arrojada elegancia, um bizarrismo atraente. E' sempre o ultimo grito da moda.

Vê-la ali saltitar nas operetas, representar cheia de graças, contrascenar

com o Amarante é um bom espectaculo para os olhos.

Depois aquele «tic» na voz, com que alguns não concordam, dá-lhe, quanto a mim, um sabor especial. A Satanela tem o seu «sotac» perdia.

Ela foi feita para ter aqueles olhos só dela, aqueles dentes (tambem creio que dela..) e aquela voz que só a ela se ouve, e que noutra seria talvez peor. E' essencialmente uma actriz de opereta.

Representar a opereta — a vida com «can cans» — é estilisar a verdade em compassos de dois por quatro, ser natural dentro duma valsa lenta. Ora isto não é facil. Para o conseguir ha que ter o instincto duma «chanteuse» e a naturalidade duma comediante.

Satanela tem sobretudo a graça e o encanto duma gentilissima «divette».

Chega a parecer impossivel que aquela alegre rapariga, de perna no ar e tufos de gazes côr de rosa, possa, prosaicamente sofrer como nós de pneumonias duplas...

O HOMEM QUE PASSA

Uma pergunta

Resposta a uma nossa pergunta de ha dias: — A comedia «O Conde Barão», de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, será de facto representada obsequiosamente, em récita unica, na proxima quarta-feira 25, no Teatro Avenida, pelos seus primitivos interpretes, Chaby Pinheiro, Estevam Amarante, Jesuina de Chaby, Luiza Satanela, etc., a favor do Asilo-Oficina Santo Antonio de Lisboa.

Noticiario

Portugal

A seguir á peça de André Brun, «O Juiz de fóra», a companhia do Terrasse dará num espectaculo unico as peças premiadas no concurso de «A Capital».

—A companhia Luz Velozo vai fazer reprise de algumas peças do seu repertorio, representadas com Augusto Rosa, no Teatro de S. Luiz. Os papeis que o grande artista desempenhava vão agora ser interpretados por Teodoro Santos.

—Será o actor Luiz Pinto quem interpretará a peça em 3 actos, arranjo de Alberto Morais e Mario Duarte, «O milagre da boneca».

—Por não poder ir ao Brazil deixou de fazer parte da companhia do Apolo a actriz Tereza Gomes que actualmente se encontra no norte.

—Naquele teatro tambem este mez fazem festa as actrizes Judith de Sousa e Dora Vieira, respectivamente a 26 e a 30.

—Está concluido o programa para recita que, na proxima quinta-feira, se realisa no teatro Nacional, comemorativa do tricentenario de Molière.

Conforme já foi dito, alem dos artistas societarios, que participam desse espectaculo, no qual se representam actos das «Sabichonas» e «Burguez Fidalgo», lendo-se trechos e monologos no acto da apresentação em que André Brun fará uma conferencia, Cremilda de Oliveira e Chaby Pinheiro, que pela primeira vez, representam em Lisboa depois da sua longa ausencia no Brasil, farão com os seus artistas um acto da celebre comedia «O medico á força».

A esta recita deverá assistir o sr. Presidente da Republica, ministerio e o ministro de França em Portugal.

—Foi aplaudidissimo o numero equestre exibido ontem, em estreia, pelas notabilissimas artistas Irmãs Carré—As Ninfas—no Coliseu dos Recreios. O seu trabalho que constitue uma absoluta novidade é lindo e alegre e os cavalos apresentados são duas soberbas estampas. E' mais um numero a enriquecer a magnifica companhia.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Ultima, em S. Carlos, do «Tristão e Isolda».

—Reaparição de Luiza Satanela no Teatro Avenida, com a primeira nesta epoca da opereta «O Toureador».

AMANHÃ—Especlaculo classico no Teatro Nacional, homenagem a Molière, com uma conferencia por André Brun.

—Festa de Lucinda Simões com a primeira das peças «Idilio de Velhos» e «Visita de casamento», no teatro Politeama.

6.ª FEIRA—No teatro Apolo festa artistica da actriz-cantora Justina de Magalhães.

SABADO—Recita de homenagem a André Brun adaptador da peça «O Juiz de fóra» no Teatro Chiado Terrasse.

POLITICA INTERNACIONAL

O problema do desarmamento — A paz da Irlanda — A França e a Inglaterra

A'parte as sessões do Conselho Supremo que continuam decorrendo mais ou menos agitadas, mais ou menos confusas, incidindo agora a discussão sobre o problema das Reparações para o qual ainda não foi possivel achar uma solução que concilie os interesses e os direitos dos aliados, á parte isso, três factos dignos de registo marcaram esta semana na vida politica internacional, apesar do telegrafo no-los ter enunciado com o mesmo laconismo e com o mesmo desprendimento, com que vae bisbilhotar-nos cada dia as coisas mais insignificantes, mais mediocres e comezinhas que se vão desenrolando sobre a terra. Enunciemo-los pois pela sua ordem cronologica:

Aprovação dos estatutos que regulam a acção dos submarinos em tempo de guerra

Como em uma das nossas crónicas anteriores o tinhamos previsto, a conferencia de Washington vai, por um destes dias encerrar as suas sessões — suponos mesmo que alguns dos seus delegados já teem as suas cabines marcadas — sem que se tivesse conseguido ainda desta vez, encontrar para o problema do desarmamento naval, uma solução indiscutivelmente pratica e positiva.

De facto, depois de um longo debate travado principalmente entre os delegados francezes e inglezes á conferencia, apesar da multiplicidade de rasões e do peso dos argumentos alinhados por cada uma das partes, não foi possivel chegar-se a um acordo sobre a supressão dos submarinos como desejavam os delegados da Grã-Bretanha na ancia egoista de conseguirem para o seu paiz uma supremacia naval incontestavel, nem mesmo obter da conferencia uma redução de tonelagem como já se fizera para as grandes unidades de combate dada a oposição da França que desta luta disfarçada de supremacias, não quiz sair com as mãos a abanar.

Mas como se tinha apregoado aos quatro ventos que a Conferencia de Washington seria a admiravel panaceia o remedio magnifico e eficaz que curaria os povos do mal da Guerra, como tinha sido dito e assoprado em todas as direcções que a Conferencia iniciaria uma era de paz e de fraternal amor entre todas as nações era preciso procurar uma formula que não quebrasse por completo a ilusão criando ao mesmo tempo uma formula que salvasse o prestigio dos homens que em Washington se tinham proposto resolver o problema da Paz universal e désse a impressão de que tudo acabaru no melhor dos mundos.

Foi o senador Root, o alchimista prodigioso que encontrou o filtro magico, a sereia que se propoz encantar-nos e adormecer-nos ao som dum cantico deslumbrante e rico de esperanças.

E esse cantico entoado á dias em Washington e aprovado imediatamente pelas cinco potencias navais, foi, nem mais nem menos do que a proposta logo apoz transformada em um estatuto que regulará de futuro a acção dos submarinos em tempo de guerra, o que de si já quer dizer que a guerra n'um futuro mais ou menos proximo é uma hipotese aceitavel pelos conferentes de Washington.

E' claro que nesse documento como em todos os documentos de igual jaez, as palavras humanidade, civilisação, normas de direito das gentes pululam abundantemente; e o respeito que os congressistas representando as suas respectivas nações confessam por esses principios são dignos de enternecer o coração mais empedernido.

Do que porem esses senhores se esqueceram ou fingem esquecer-se é de que todas as formulas de direito, todos esses principios de justiça e humanidade, respeitam-nos as nações durante a paz ou emquanto elles não colidem com os seus interesses essencialmente vitais.

Esqueceram-se ou fingem esquecer-se de que a guerra não conhece leis e de que acordos e tratados, nada mais são, di-lo a experiencia não só da ultima, mas de todas as guerras que tem devastado o mundo desde que elle é mundo, nada mais são, iamos dizendo, do que «chiffons de papier», logo que eles vão de encontro a toda e qualquer acção considerada essencial e necessaria á vida da nacionalidade.

Na paz como na guerra, sempre assim foi e sempre assim será—a força a unica coisa real, a necessidade a unica norma positiva de direito que as nações respeitam.

Poder-me-hão dizer, em ar de contestação que o resultado da conferencia não foi nulo, visto se ter votado a redução da tonelagem das grandes unidades de combate.

E eu replicar-vos-hei, a vós senhores que ainda acreditais em contos de fadas e filtros misteriosos, que a ultima guerra veiu-nos provar que no mar o submarino é a arma de guerra por excelencia e que a Conferencia reduzindo as grandes unidades apenas regular a acção daqueles, deixando-o contudo, impotente para determinar a sua abolição ou mesmo uma comesinha redução que as nações pudessem aumentar as suas frotas submarinas sem fins bem limites.

E' isto desarmar? E' isto limitar armamentos? São estas as medidas conducentes a uma paz duradoura?

Quanto a nós a unica medida capaz de evitar qualquer guerra futura, seria aquela em virtude da qual as nações se encontrassem desprovidas de meios de combate. Tudo o mais são platonismos, platonismos vãos e estereis. E a Conferencia de Washington conforme previmos e dissemos no nosso primeiro artigo foiem materia de desarmamento das mais platonicas que se tem realizado.

A questão irlandeza

O Tratado de Dowing-street foi finalmente ratificado pelo Dail Eireann na quarta-feira passada. A Republica Irlandeza deixou pois de existir para dar lugar ao Estado Livre da Irlanda.

A sessão desse dia historico para a Irlanda foi tempestuosa, agitada pelo pedido da demissão de De Valera da Presidencia do Dail depois de ter acusado Arthur Griffith e os partidarios do Estado livre da Irlanda de traidores á causa irlandeza. Aqueles que, guiando-se pelas noticias tendenciosas espalhadas pelas agencias afectas ao governo inglez, acreditaram que o tratado anglo-irlandez fora entusiasticamente aceite por toda a população da Irlanda, dentro em breve, talvez terão ocasião de verificar que se deixaram um pouco ingenuamente enganar por essas noticias. E' facto que o Dail ratificou o tratado de Dowing-street, é facto que a demissão de De Valera foi aceite, que para o substituir foi eleito de seguida Griffith o mais acerrimo partidario do Estado livre da Irlanda; é certo que do governo provisorio constituido logo apoz a ratificação do tratado foram excluidos todos os partidarios de De Valera e substituidos por partidarios de Griffith; a sessão desse dia constitui mesmo para Arthur Griffith e Mechael Collins o mais estrondoso sucesso. Mas o que não é menos certo é que o sonho duma Republica irlandeza não morreu em De Valera, como ele proprio o declarou em pleno parlamento com a ratificação do tratado e que para os destinos deste, vai e em muito, pesar a sua demissão.

A atitude e a oposição do ex-presidente começa mesmo a encontrar já eco numa grande parte da população do sul da Irlanda. E não nos admirará muito se virmos, mesmo antes da eleição das constituintes que darão ou não o seu apoio á obra de Griffith, recomeçarem, aprovadas, as scenas tragicas que ha dois anos vimos presenceando.

O acordo anglo-francez

Começam-se já a esboçar os primeiros passos no sentido duma aliança anglo-ingleza, a qual no fundo não será afinal mais do que a objectivação do celebre pacto das garantias que não chegou a realisar-se por os Estados Unidos se terem recusado a ratificar o Tratado de Versailles.

O actual pacto existe apenas em embrião. Parece porém que inicialmente foi ele sugerido a Lloyd George por Mr. Briand quando da entrevista de Londres.

O primeiro ministro inglez aceitou-o em principio, e a realisar-se ele, a Inglaterra compromete-se a prestar todo o seu apoio moral e material no caso duma invasão por parte da Alemanha das suas fronteiras, não só a França mas ainda a Belgica com a qual aliás já aquela nação se encontra ligada por um acordo militar.

O plano do sr. Briand era mais vasto, visto nesse pacto querer introduzir a Polonia com a qual a França se encontra tambem ligada por um acordo militar.

A Inglaterra porém não promete garantir a fronteira da Polonia e ao que dizem os jornais tem sido este o obstaculo que se tem levantado para que o pacto não esteja já firmado.

As coisas porem parecem encaminhar-se bem; a imprensa conservadora inglesa apoia-o, acha-o mesmo indispensavel e tudo leva a crer que dentro em breve, desfeitas as dificuldades, que sempre surgem ao realisarem-se actos dessa natureza, o tratado de aliança anglo-francez seja um facto.

Dissemos num dos nossos artigos anteriores que antes de mais nada, antes de atacar o problema das reparações, o problema da reconstituição da Europa, o problema do Oriente europeu, e toda essa legião de problemas que afligem os governos da velha Europa, uma entente franca e leal entre os governos francez e inglez se impunha.

E os factos encaminham-se a dar-nos um pouco de razão.

CARREIRO DE FREITAS

SPORT

Preparação para o esforço

Para um esforço maximo, para estabelecer ou bater um «record», a preparação do atleta deve ser adequada ao «desideratum», que o atleta quer atingir.

Um ciclista de velocidade, que quer fazer 200 metros, em plena «embalagem», o acterafilo, que pensa levantar 100 kilos o saltador que quer saltar 2 metros, ou o «boxeur» que tem em vista um combate de 11 «rounds», trena-se, prepara-se, para que possa atingir esse esforço. Fica cançado, claro, visto que pela preparação metodica atingiu o limite que ambicionava, mas fica cançado, só depois de «atingir o que se propoz».

E' claro como agua...

Mas se o ciclista querendo fazer 200 metros, só conseguirá estar em plena acção 100 metros, se o atleta em logar dos 100 kilos levantar só 90, se o saltador atingir apenas 1 metro e meio, em logar dos 2, e o «boxeur» para durar os 15 «rounds», fez um jogo de espera, e a meio da distancia, está vacilante nas pernas, provado está, que nenhum deles teve a preparação perfeita, e para a qual realmente trabalhou.

Foi o reparo que fizemos, a quando do combate «Ruivo-Faustino», que a meio da distancia estavam extenuados.

Não foi a nossa opinião isolada, porque o «Seculo da Noite», o «Foot-ball», e o «Sport Lisboa», disseram o mesmo; o que provaremos dando recortes das criticas destes nossos colegas.

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

TIRO AOS POMBOS

Disputou-se, pela segunda vez, a taça oferecida pelo fabricante de espingardas V. Sarasqueta, tendo-se classificado em primeiro lugar o sr. João de Gouveia, em segundo o sr. A. Leite de Faria e em terceiro o sr. Joaquim Ereira.

Na «poule» para disputa da espingarda Eder, classificaram-se em primeiro lugar o sr. A. Leite de Faria e em segundo o sr. J. Araujo e Gama.

Ainda houve uma «poule» em 5 pombos, na qual se classificaram em primeiro lugar o sr. J. Araujo e Gama, em segundo o sr. João de Gouveia e em terceiro o sr. A. Leite de Faria.

—Para dar maior impulso ás provas a realizar foi constituida uma comissão de desportistas que está procurando a forma de facilitar a todos, sobretudo aos principiantes, a pratica do tiro sem grandes encargos, acabando com as grandes series e dando handicap a todos aqueles que ainda não tenham conseguido obter classificação.

ESGRIMA

No campeonato de florete, ficou vencedor, como já dissemos, o sr. dr. Manuel Queiroz. E' bom acentuar que este sr. representou nesse torneio, o Centro Nacional de Esgrima, de que é professor o antigo mestre de armas Antonio Martins.

Tambem o nosso amigo José Pinto Martins, apresentou um discipulo seu, que representava o liceu de Passos Manuel e que ficou classificado em quinto lugar.

—Vai realizar-se, numa das salas do Instituto Superior de Agronomia, a disputa duma magnifica taça oferecida pelos ilustres professores desta escola, para ser disputada entre os alunos das escolas superiores de Lisboa, em torneio de espada franceza. Consta que, para dar mais brilho a esta festa, alguns dos nossos mais distintos esgrimistas internacionais farão assaltos de demonstração ás tres armas.

EDUCAÇÃO FISICA

A Festa Nacional de Educação Fisica está despertando o maior entusiasmo no país.

A comissão encarregada da organização da festa tem recebido valiosas adesões, entre as quais a do Instituto Feminino de Educação e Trabalho de Odivelas, que pediu a introdução no programa dos jogos «Ring-tennis», «Veley-ball» e «Basket-ball», o que foi permitido pela Inspeção Geral de Sanidade Escolar, para serem disputadas por outros institutos femininos que o queiram fazer.

Além destes jogos, o Instituto de Odivelas apresentará na parada de gimnastica um grupo de cem meninas.

FOOT-BALL

Provas escolares de foot-ball

Realisou-se na segunda-feira 16, pelas 21 horas, o sorteio para a elaboração do calendario destas provas.

Universidade Popular Portugueza

Na 4.ª secção desta Universidade, Campo de Santa Clara, 87, 1.º realisa-se hoje pelas 21 horas a 4.ª conferencia sobre «Literatura» pelo sr. dr. Camara Reys.

Na 5.ª secção, Rua da Esperança, 204, 2.º realisa-se a 2.ª palestra sobre «Geografia economica» pelo sr. prof. Emilio Costa.

CONTOS D'«A CAPITAL»

A derradeira máscara

por JOÃO LORRAIN

Fizemos estas observações, em menos tempo do que levámos a escrevei-as. Houve um momento de silencio, de estupefacção, e, seguidamente, precipitamo-nos para casa do porteiro. Vergy e Baudrant ampararam Quinsonas, que empalideceu e estava prestes a desmaiar.

— Em minha casa... Em minha casa!...— repetia ele, passando as mãos pelo rosto desfigurado.

Tivemos um trabalhão para acordar o porteiro, que se obstinava em puchar maquinalmente o cordão do trinco. Por fim, lá saiu do cubiculo, aparvalhado, julgando, tambem, tratar-se de uma brincadeira de Quinsonas:

—Isto não são horas de vir acordar um honesto chefe de familia! Estes senhores artistas!...

E só abriu verdadeiramente os olhos quando chegou em frente do cadaver.

—Mas que é isto? Foram os senhores que trouxeram isto? Vão fazer-me perder o meu logar.

E, na perturbação do sono, só se resolveu a compreender, quando o obrigamos a apalpar a carne mole e fria. Então, aterrado, começou a gritar:

—Socorro! Assassinos! Socorro!

A gritaria despertou os locatarios do primeiro e do segundo andar, e, em breve, a escada enchia-se de gente, dominada por um terror cinico. No entanto, chegavam dois guardas da policia, que Nepinskoff fôra chamar.

Um terror crescente agitava a esse. Todos falavam ao mesmo tempo.

—Certamente, não fôra nenhum dos moradores que praticára o crime. Conhecia todos os locatarios e não havia um só capaz de lhe dar tal desgosto... conhecia-lhes o coração. Aquele cadaver fôra trazido de fóra: havia por ali, tanta malandragem!

E, com o bonete na mão, suando por todos os poros, o senhor Bézuchet multiplicava-se em recriminações burlescas. As velas dos locatarios iluminavam esta scena ridicula e punham um sulco de sombra entre os seios maduros da porteira, que apareciam pela abertura da camisola.

—Está muito seguro dos locatarios—insinuava a creada do segundo andar—mas mete toda a especie de petites nas mansardas.

O senhor Bézuchet decidiu-se a acender o gaz e, entretanto, chegava o comissario da policia.

Ouvia-se o rodar duma carruagem, entrou um golpe de ar, e viu-se o aspecto carrancudo de um homem a quem incomodam alta noite. Envolveu-nos a todos com um olhar desconfiado procurando os culpados; mas, desde que viu o corpo modificou a sua atitude de estase e tomou um ar de gravidade.

Mandou colocar o cadaver na posição em que o tinhamos encontrado quando Baudrant tropeçara nele. Depois obrigou-nos a contar em termos claros, como o tinhamos encontrado. Tomou nota da hora e data da descoberta, prescrutou com o olhar todos os espectadores e pediu a lista dos locatarios. Para ele, como para nós, o cadaver fôra trazido de fóra. Tinham-no trazido de longe para desnortear a policia, e certamente de carro. Chamando o porteiro perguntou-lhe:

—A quem abriu a porta durante a noite?

O sr. Bézuchet porém não se recordava. Puxava maquinalmente o cordão e passava as noites dormitando.

—Mas, pelo menos, quem viera de carruagem?... Todos os locatarios aqui estão. E' facil saber. Depois das 11 horas?

A gente do primeiro andar tinha estado na Opera, havia entrado á meia noite e um quarto e o corpo ainda ali não estava.

A senhora do quarto andar, tinha ido a um baile com a filha e voltára á uma e meia. Ela até lhe servira a ceia—informava a criada.

O cadaver devia pois ter sido ali posto entre a uma e meia e as duas horas. Contudo, Quinsonnas, alguns minutos antes de nós descermos, tinha feito esta observação: «Deve ser tarde porque já se não ouvem rodar carros».

Depois o processo foi instruido e seguimos o seu curso. Nós fomos incomodados com repetidas chamadas ao juizo de instrução. Nem eu sei quantas vezes! Por fim o processo foi arquivado... apesar do ruido da imprensa e dos grandes premios oferecidos. A morta não foi reconhecida, o cadaver ficou durante cerca de um mez exposto no necroterio, mas ninguem indicou o nome da decapitada. E, contudo, o achado coincidiu com algumas desaparições de mulheres em Paris, mas, mulheres e homens desaparecem e aparecem todos os dias...

Um jornal da manhã chegou mesmo a insinuar que a morta era amante de Ronsin Designac e que o «Sindicato Humbert» tivera por conveniente suprimi-la. Não obstante, a opinião dos magistrados optou que era uma mundana de baixa condição, porque, apesar da elegancia das fórmas, dos vestigios da ancia que os seus dedos ostentavam, e dos seus pés bem tratados, as unhas não estavam pulidas e a carne das côxas mostrava, logo acima do joelho, sinais de ligas. E, a pele de uma mulher de alta estirpe devia estar indemne desses vestigios.

Este caso que, durante um mez, apaixonou Paris inteiro, foi finalmente classificado entre as baixas vinganças e os crimes anonimos da plebe amorosa. Ficou sendo a mais bela historia da máscaras de uma noite consagrada a falar de desprezos, de surprezas e de aventuras de mascarados...

FIM

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3981—12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 18 de Janeiro de 1922 | Telefone n.º 2298—Endereço tel. CAPITAL. Oficina da impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Ilusões perdidas

Na reunião dos governadores civis, realizada no ministerio do Interior, o sr. Cunha Leal adquiriu uma certeza: é a de que os seus propositos de fazer eleger determinados elementos não encontram nenhuma especie de viabilidade.

O sr. Cunha Leal queria eleger certos candidatos outubristas, sobrecarregados com a terrivel responsabilidade dum dos mais funestos movimentos que se registam na nossa historia. O sr. Cunha Leal já a estas horas deve estar capacitado de que é impossivel essa eleição, porque o paiz inteiro se recusa a dar essa recompensa a homens que essa responsabilidade esmaga.

O sr. Cunha Leal queria eleger representantes das chamadas forças vivas. Dificil lhe será fazer triunfar algumas candidaturas, porque as proprias forças vivas não designam ao eleitorado os seus mais considerados representantes. Assim, só irão ás urnas aqueles comerciantes e industriais que tiverem o apoio dos partidos.

O sr. Cunha Leal queria rodear-se dum grupo de creaturas eleitas pela sua influencia. Já reconheceu que o não podia fazer, porque não tem já essa influencia, e ele proprio declara que não apresenta candidatos governamentais.

Mas então para que se rasgou o decreto que fixava o dia 8 de Janeiro para as eleições? Para que se cometeu uma nova violação constitucional? Para que se demorou o regresso á normalidade do regimen, em que se havia de tratar das questões que mais afectam a vida portugueza?

Hoje o cambio está a 4. Não deixou de se agravar desde o lugubre e lutuoso dia de 19 de Outubro em que Portugal ofereceu ao mundo o mais triste espectaculo da indisciplina conjugado com o mais miserando quadro de incapacidade revolucionaria, isto sem falar já nos abominaveis crimes que mancharam a noite que se lhe seguiu.

O sr. Cunha Leal não soube auscultar o sentimento da nação. E todavia ouvira-se então, cegamente, o coração nacional. Bastava ser o homem da ordem e da justiça. O sr. Cunha Leal preferiu parar a meio caminho, não teve folego para realisar todo o percurso que se impunha á sua energia e ao seu talento.

Ei-lo exausto, esfalfado, já quasi não podendo articular palavra, dando a todos a impressão de que falhou á missão que a consciencia nacional lhe atribuira.

Como é que pode ter forças? Os partidos não lh'a dão, o povo não lh'a dá, o mal estar do exercito é inegavel. Tudo porquê? Porque não executa a vontade nacional.

Se o fizesse, teria força para transportar montanhas, mas está escrito que, neste paiz, ninguem robustecido um dia pela confiança do paiz, ha-de saber ir até ao fim, se não desviando um apice do caminho traçado pela logica do direito.

Sentimos realmente a situação em que o sr. Cunha Leal se colocou. Mas só s. ex.ª é culpado de a ela ter chegado. Só s. ex.ª é que é o causador de, a dois dias de eleições, ser forçado a gaguejar as mesmas reclamações do sr. Manuel Coelho e do sr. Maia Pinto, apelando para a eleição de altas personalidades republicanas que não se nomeiam, e se realmente se pensam em altas personalidades, que realmente o sejam, quem garanta ao sr. Cunha Leal que elas não vejam, com tristeza igual á nossa, a sua indecisão, a sua fraqueza, quando se tratava de garantir a manutenção da ordem e o imperio da justiça, reprimindo a indisciplina e o crime por forma tal que a sociedade portugueza não mais tivesse de recear esses flagelos?

Não ha duvida. A historia da Republica faz-se com ilusões perdidas.

A' MARGEM DO TRI-CENTENARIO

MOLIÉRE

O QUE PENSAM DELE OS ALEMÃES :-: :-:
:-: :-: -:- COMO ELE ESCREVIA A LUIS XIV

por ANDRÉ BRUN

Para que nada falte á legitima gloria desse João Batista Poquelin, que lançou ás ortigas a toga de advogado em Orléans para se fazer comediante sob o apodo de Molière, para que essa gloria tenha uma indelevel marca gauleza, curioso é apontar a incompreensão e até certo ponto o odio que os alemães tem demonstrado pelo creador de «As preciosas ridiculas».

Aparte Goethe que dizia:—«Molière é tão grande, que cada vez que o vemos maior é o nosso espanto. E' um homem unico! Que alma pura! Nada nele é reservado ou disforme. E que grandeza! Molière governava os costumes do seu tempo»—os alemães nunca entenderam nem amaram o autor do «Misantropo».

Tratam-no com um certo desdem, como um plagiario e um fazedor de baixas farçalhadas, que nunca viu, dizem eles, a boa sociedade senão de longe e cujo oficio vulgar era escrever bufonerias de toda a especie, inventadas á pressa para obedecer a um amo.

Nas suas peças de um tão baixo comico, declaram eles ainda, o que mais efeito produz é o que foi roubado. As melhores scenas do «Avarento» e do «Amfitrião» são traduzidas de Plauto, a ideia do «Casamento forçado» foi tirada a Rabelais, Esganarelo reproduzindo impudentemente as perguntas que Panurgio faz a Pantagruel quando trata do seu casamento.

«O doente de scisma», «As velhacarias de Escapino», «O senhor de Pourçeaugnac», acrescentam criticos de além Reno, provam que Molière envelheceu sem que o seu talento tivesse atingido uma maturidade que lhe faria certamente pôr de parte obras tão pouco cuidadas.

As obras de mais alta comedia não as atribuem os comentadores germanicos a um esforço no sentido da perfeição, más a uma simples ambição de ser considerado, no seu tempo, como um escritor, ambição falhada, acrescentam os do comentario, por isso que o «Misantropo» que arrasta dificilmente a sua acção e «As sabichonas», «que não tem enredo, nem interesse nem desenlace», não chegam a ser peças e são apenas dissertações dialogadas.

Quando Talma e os seus companheiros foram a Erfurt representar perante a celebre plateia de reis, Napoleão não quiz que se representasse Molière. «Não o compreenderiam na Alemamanha, disia ele. E' preferivel mostrar aos alemães a belesa, a grandesa, da nossa literatura tragica. São mais suscétiveis de a apreciar do que á profundidade tão humana de Molière.»

Depois desta apreciação do papão da Corsega emitiram-se alem Rheno as opiniões que acima ficam indicadas e que Mauricio Albert aponta no seu estudo sobre o renovador da comedia franceza.

O proprio Goethe, já citado como o unico alemão que sentiu e compreendeu a obra de Molière, dizia falando de um dos maiores criticos de que a Germania se ufana, o celebre Schlegel:—«Para os alemães um espirito solido como o de Molière é um espinho cravado num olho; sentem que ele não tem uma unica gota de sangue que lhes possa pertencer e não o podem suportar.»

Parece que não é com indiferença que a Republica Imperial vê celebrar-se com tão legitimo orgulho em França o tricentenario de uma gloria tão autenticamente nacional. Para contrapôr ás cerimonias de Paris alguma cousa que a console vae festejar o jubileu ou caso parecido do inventor dos gases asfixiantes.

* * *

Moliere teve necessidade de endereçar a Luiz XIV varios memoriais. Alguns deles e principalmente o que se refere á primeira probibição de «O Tartufo» são admiraveis peças literarias, admiraveis pelas ideias que exprimem, admiraveis pela lingua purissima em que são escritas.

Outros ha onde o favor manifestado pelo Rei Sol ao autor, que ele devia mais tarde ingratamente abandonar, autorisa este a, sem deixar de manifestar o respeito devido ao soberano, dar largas ao seu espirito de uma tão pessoal ironia.

Assim, no proprio dia em que finalmente se ia representar livremente «O Tartufo», Molière entregava nas mãos do grande Rei o seguinte requerimento:

«Senhor:

Um medico de grande honestidade de quem tenho a honra de ser doente promete-me-e a tal quer obrigar-se perante notario—fazer-me viver mais trinta anos, se eu conseguir obter para ele uma mercê de vossa Magestade. Declarei, perante a sua promessa, que tanto lhe não pedia e que me contentava com que ele se comprometesse a não me matar desde já. A mercê que ele pede, Senhor, é para seu filho, um canonicato da vossa real capela de Vincennes.

Ousarei pedir mais este favor a vossa magestade no proprio dia da resurreição do «Tartufo», resuscitado unicamente pela vossa bondade? Por este primeiro favor me vejo reconciliado com os devotos; pelo segundo me reconciliaria com os medicos. Serão sem duvida, favores de mais para mim; mas talvez não sejam demasiados para vossa magestade e espero, com respeitosa esperança, a resposta deste meu pedido».

O medico, a favor do qual Molière solicitava Luiz XIV era o senhor de Mauvilain. Estava um dia em Versailles com Molière no jantar do rei, quando este veiu a passar e, vendo os juntos, perguntou ao que era então director dos seus comediantes:

—«Este é o vosso medico? E que faz ele em beneficio da vossa saude?

—«Senhor, respondeu Moliere, discutimos ambos, ele indica-me remedios, eu não os tomo e curo-me por isso rapidamente.

Deve acrescentar-se que Molière obteve o Canonicato para o filho de Mauvillain. Luiz XIV era um homem de espirito. Houve alguns reis assim deve dizer se de passagem.

SEGREDOS A TODA A GENTE

As mulheres e o jogo

«Feliz ao jogo—infeliz ao amôr». E' um velho ditado que ha muito corre Portugal, de boca em boca, como um segredo. E' uma verdade a mais—as mentiras são afinal as unicas verdades—que a filosofia bisonha dos seculos encastoou, como uma joia, na sua arte de viver. Entretanto, meus senhores,—tenho o dito tanta vez—quando se trata de mulheres não ha verdade que se não subverta nem mentira que se deixe de aceitar. Parece á primeira vista que existe de facto uma contradição entre o jogo e o amor; por consequencia entre o jogo—e as mulheres. Não é bem assim. Ha, pelo contrario até entre as mulheres e o jogo uma estreita correlação. O que são as mulheres para os homens? Apenas um «jogo de damas». Quando uma mulher engana—é a «batota». Quando um homem vence—é um trunfo, na «manilha», por exemplo. Ha mulheres que se parecem—com uma «bisca». Ha até maridos que são—«o burro em pé». O ás de copas parece-se com um corcção. As espadas são as setas de Cupido. Os proprios reis-de-paus são cle... Mas não falemos em coisas tristes. Como veem isto de mulheres tambem é um jogo—em que os unicos que ganham são afinal os unicos que perdem...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

Mr. Berthelot

No paquete S. Miguel parte no proximo dia 20 para o Funchal, acompanhado de sua Esposa, Mr. Berthelot.

Os soviets

Aceitam as resoluções de Cannes

PARIS, 17.—Segundo o artigo de fundo do «Temps» o representante dos «soviets» em Londres entregou uma nota aceitando as resoluções da conferencia de Cannes.

Lord Curzon voltou para Londres.—(H.)

O general Gourand na Belgica

BRUXELAS, 18.—Chegou o general Gourend, dirigindo-se ao Chateau de Laeken onde os soberanos belgas ofereceram um banquete em sua honra. O general visitará o campo de batalha de Waterloo e será recebido em Malines pelo cardeal Mercier, e seguindo depois para Louvain onde discursará no Instituto Saint Thomas aos estudantes da Universidade desta cidade.—(Int. Am.)

"A Capital„ no Ministerio do Trabalho

O caso dos Bairros Sociais

O sr. ministro do Trabalho recebe-nos, após uma longa meia hora de espera na sala dos seus secretarios, no seu amplo e confortavel gabinete.

Um vigoroso «shake-heands», um cumprimento, e s. ex.ª pergunta:

—Então, meu caro jornalista, que o traz por cá? Politica?

—Unicamente o desejo de ouvir v. ex.ª acerca do caso dos Bairros Sociais.

—Mas, meu amigo, sobre esse assunto unicamente lhe poderei dizer o que v. já sabe. O decreto com força de lei n.º 5443 autorisou o governo a negociar na Caixa Geral de Depositos um emprestimo de 10.000 contos, destinados á compra de propriedades, aquisição de materiais e ao pagamento das restantes despezas, relativas á construção de cinco bairros para habitação de operarios e das classes menos abastadas.

«Ora esses bairros, como v. sabe, estão actualmente na necessidade de que o governo faça desenvolver os trabalhos de construção dos seus edificios, tornando-se necessario, para isso, que se conheça no seu aspecto técnico e administrativo a situação dos Bairros Sociais.

O governo tem de ponderar as circunstancias com respeito ao desenvolvimento a imprimir aos trabalhos dos edificios a concluir, e bem assim dos trabalhos a realisar nos bairros que se acham projectados. E isto, já se vê, tendo em linha de conta os superiores interesses da Fazenda Publica.

—A quanto montavam as somas já dispendidas com a construção dos bairros sociais?

—Aproximadamente á quantia de 7:250 contos, além de 400 e tantos contos de juros e amortisação dos emprestimos efectuados pela Caixa Geral de Depositos.

—Os trabalhos já efectuados no Bairro do Arco do Cego e os terrenos adquiridos devem já, atendendo á sua valorisação, valer cinco ou seis vezes mais do que o capital empregado?

—Sim, devem valer cinco ou seis vezes mais do que a soma dispendida com a aquisição dos terrenos e materiais diversos. Tudo comprado comprado antes da subida colossal do preço dos materiais...

—Os trabalhos não paralisaram, nos bairros em construção?

—No Bairro do Arco do Cego os trabalhos continuam. Para evitar uma possivel alteração de ordem publica despedindo-se o pessoal ali empregado, as obras continuam. Foi nomeada uma comissão para proceder a um rigoroso inquerito, e o seu relatorio deve ser entregue dentro do praso maximo de vinte dias, para que se não eternisem os seus trabalhos, o que por varias vezes tem sucedido.

—E após a entrega desse relatorio?

—Estudar-se-ha seriamente a questão dos Bairros Sociais. Por enquanto as obras continuarão sendo pagas por um levantamento de 600 contos do credito de dez mil aprovados pelo Parlamento.

—E as obras dos outros bairros?...

—A esse respeito nada sei. E' provavel que os terrenos já adquiridos para a sua construção sejam arrendados, e a importancia das rendas venha a custear as despezas com a construção do Bairro do Arco do Cego.

«Em todo o caso, haja o que houver o governo não descurará o grave problema da falta de habitações.

«E olhe que a construção do Bairro do Arco do Cego já vem resolver, em grande parte, a falta das habitações.

—E já ha muitos requerimentos pedindo a cedencia dessas habitações?

—Creio que ha dez vezes mais pedidos do que habitações!... Se a unica ambição, hoje em dia, dos empregados publicos, é a posse duma habitação nos Bairros Sociais!

A homenagem a Moliére em França

PARIS, 16.—Teve logar na camara municipal a recepção em honra dos delegados extrangeiros ás festas do tri-centenario de Moliére. O ministro da Instrução e o director das Belas Artes assistiram a recepção. O presidente do Conselho Municipal discursando, saudou os delegados extrangeiros dizendo que aliados ou amigos dos quatro cantos do mundo tinham vindo ao logar onde ha 300 anos nasceu um dos homens que mais honraram a humanidade.—(H.)

Eleições á porta...

Fala o sr. Falcão Ribeiro

Na sala dos secretarios do sr. presidente do Ministerio, os governadores civis dos varios districtos esperavam o momento de ser recebidos pelo sr. Cunha Leal.

Encostado a uma hombreira duma das janelas que deita para o Terreiro do Paço, o sr. dr. Falcão Ribeiro, antigo governador civil de Lisboa, conversa animadamente com um dos governadores civis convocados para assistir á reunião.

Aproveitamos o momento mais oportuno e, após os cumprimentos do estilo, perguntamos ao conhecido politico:

—Então, sr. dr. Falcão Ribeiro, que nos diz v. ex.ª acerca das eleições?

—Que quer o meu amigo que eu lhe diga? Que ninguem se entende no meio de toda esta embrulhada?...

—Porque diz v. ex.ª isso?

—Pois o meu amigo não vê que estamos a dois dias das eleições e ainda o governo não sabe com que forças eleitorais conta?!

—Mas o governo não chegou a um acordo com os partidos, em materia de eleições?

—Não chegou, nem seqûer foram ouvidos os partidos.

—Mas o directorio do Partido Democratico?...

—Ah! sim, o directorio do partido democratico foi ouvido...

—Então?...

—Então, meu caro amigo, quer isto dizer que o directorio do partido democratico não traduz nem representa a vontade do partido.

«E a prova de tal facto é o directorio recusar-se, sistematicamente, a que o partido democratico reuna em congresso, pois sabe bem que apenas efectuado esse congresso seria imediatamente substituido.

—Então as eleições?...

—São ainda um grande ponto de interrogação, meu caro jornalista. Olhe, eu sou proposto senador por dois circulos, Coimbra e Vizeu, e se ao governo conviesse que qualquer destes circulos fosse para um candidato governamental eu não teria duvida alguma em transigir, pois o meu maior empenho é não dificultar a acção governamental do sr. Cunha Leal. Assim, do modo como tudo istó é feito, sem que nós sejamos ouvidos, não sei o que será da tremenda embrulhada das eleições.

—«O que lhe posso afiançar é que o novo parlamento será mais uma esfarrapada manta de retalhos, e como não ha tempo nem será possivel já o adiamento das eleições, o que seria molestia, estou em crer que o resultado eleitoral nos reserva muitas e bem desagradaveis surpreza.

Fala o sr. Antonio Mantas

Conversava-se animadamente na sala dos secretarios do ministerio do Interior.

Correndo dum lado para outro, o antigo secretario da Camara dos Deputados, sr. Antonio Mantas, conversava com varios governadores civis reunidos na sala, e que esperavam o momento de ser recebidos pelo sr. Cunha Leal mostrando-lhes varios rectangulos de papel em que por vezes tomava apontos.

Aproveitamos a oportunidade para perguntarmos ao antigo deputado liberal:

—Que nos diz v. ex.ª acerca de eleições?

—Na generalidade?

—Como v. ex.ª quizer.

—Na generalidade como lhe poderei dizer, meu caro jornalista, pois v. sabe bem o quanto as eleições e o seu resultado está ainda envoltos na penumbra.

«Apesar de tudo, sempre lhe direi que, em minha opinião, o governo se descuidou um pouco dos preparativos eleitorais, o que deu em resultado o não se poder já, como era para desejar, calcular precisamente as forças de que dispomos. Por exemplo, pelos meus circulos, no distrito de Faro, o resultado eleitoral é por emquanto um grande ponto de interrogação.

«Calcule v. que o balanço eleitoral que eu fiz dá-me, aproximadamente, uns mil quinhentos e tantos votos para os democraticos; setecentos e tantos votos para os liberais; mil e tantos para os reconstituintes; e finalmente setecentos votos, para mais, para os candidatos monarquicos.

—A victoria para os candidatos republicanos está, «ipso facto», assegurada?

—Não tanto como á primeira vista parece, meu caro jornalista. Por um acordo feito nós garantimos os mil e tantos votos para os reconstituintes, ficando tambem garantida a restante votação republicana.

«Dessa maneira facil seria evitar a eleição dos candidatos monarquicos, porque por esse acordo parecia uma conjunção republicana a opor ás forças eleitorais monarquicas.

—Então?...

—Eu lhe explico a razão porque digo não estar segura a victoria dos republicanos. Ultimamente, e já depois dos acordos eleitorais realisados, querem impôr a eleição de dois candidatos liberais. Ora o eleitorado segundo parece, não recebe com agrado essas candidaturas, e daí a divisão dos votos que virão, certamente, aniquilar as combinações já feitas. Com isso, meu amigo, só têm a lucrar os monarquicos, que pela divisão dos votos republicanos conseguirão aumentar a sua votação.

A minha viagem á Alemanha

— POR —

Charlot

(Charles Chaplin)

Quando a noiva voltou, decidi-me a tentar qualquer coisa para reparar a minha «gaffe»... Desfiz-me em atenções e esforcei-me por lhe fazer acreditar que tudo o que tinha feito era uma brincadeira e que tinha a consciencia da figura que tinha feito. Digo-lhe que de vez em quando me dá um ataque historico, que me causa sempre igual acidente... Sento-me ao pé dela, experimento fazer-lhe uma demonstração... A ideia não é tola de todo, mas a execução saiu mal... Mas eis que o dono da casa engatilha um novo e longo discurso em alemão. Sobre quê? Por minha fé que não sei... Mas ele causa grande impressão no auditorio e, quando termina toda a gente se aperta a mão; segue-se um silencio e a festa terminou... Passamos á sala visinha. Os musicos russos estão longe... Isso enerva-me, porque gostava muito da sua musica de espectros... Mas estão aqui outros... A dança vai começar. Danço com Pola Negri... Mas a atmosfera é gelada... Ninguem consegue expandir-se, apezar do vinho que se bebeu... Dançamos uma dança russa e vamo-nos embora... Quando saimos, noto que os convivas deixam nas mãos dos criados do vestiario qualquer gorgeta... Um Kaufman elucida-me: é costume aqui dar gorgetas aos criados. Felizmente tenho alguns marcos para dar ao rapaz...

No caminho paramos em casa de Kaufman para falar e rir desta noite e depois vamo-nos deitar. No dia seguinte, faço apressadamente algumas compras. Tiram-se alguns «films» da Pola Negri e de mim... com uma multidão em volta de nós. Os meus amigos americanos veem ver-nos. Emquanto me fotografo, compreendo que chegou a ocasião e abraço Pola Negri... para o «film» bom entendido.

O regresso a Paris

Na primeira noite passada em Paris depois da volta da Alemanha, jantamos no Pocardi. A minha intenção era tambem visitar o Louvre para vêr a Venus de Milo, mas não passou de intenção. Fomos ao bairro de Montmartre ao famoso restaurante do Rato Morto. E' ainda muito cêdo, está pouca gente. Foi, de resto, para isso que vim antes da grande concorrencia.

Uma rapariga passa diante da nossa mesa. O seu aspecto é impressionante. Tem cabelos louros e anelados, traços delicados, uma côr palida e dôce, olhos extranhos de côr violeta. Ela apenas passou, e ficou sendo para mim a mulher mais impressionante que vi em toda a Europa.

Apezar de haver só alguns convivas, reconhecem-me. Os francezes são tão expansivos! Gritam-me: Viva, viva, Charlot. Mas eu fico indiferente. Sorrio instintivemente. Estou muito cançado. Vou deitar-me cêdo esta noite.

Peço champagne. A rapariga dos cabelos anelados está sentada numa mesa proxima da nossa.

Interessa-me, mas ela não se volta e não posso examinar-lhe a fisionomia.

Na frente dela está uma amiga sua, uma espanhola muito morena. Desejaria que ela se voltasse. Tem um belo perfil e gostaria de a vêr de frente. Era tão adoravel quando passou diante de nós. Recordo-me do sorriso que lhe aflorava nos labios e deixava entrever ao canto da boca magnificos dentes brancos.

A orquestra começou e os pares dançantes balançam-se no soalho. As nossas duas visinhas levantam-se e vão dançar.

Disponho-me a vigia-las de perto, agora, e talvez possa de novo lançar-lhe um olhar, quando passar deante de nós a dançar. Ha nela qualquer coisa de fino, amavel, distinto.

Não deve pertencer a este meio. Difere das outras mulheres que frequentam isto. Pergunto a mim mesmo porque viria ela a este restaurante. Observo-a, não a perco de vista, mas parece que ela ainda me não notou.

Amo Montmartre; experimenta-se aqui qualquer coisa que não é banal. Emfim! Eil-a que passa deante de mim e que posso olha-la de frente. E' uma verdadeira beleza; as narinas palpitam e sorrindo á sua amiga deixa ver uma fieira de dentes esplendidos.

A figura é expressiva. A musica pára e vão ambos sentar-se.

Noto que não ha nada sobre a sua meza. Não bebem, o que é extranho neste logar.

Nem sandeviche, nem café. Pergunto a mim mesmo quem serão elas. Esta rapariga é alguem, estou bem certo disso. Levanta-se de novo. A orquestra toca alguns acordes dûma melodia russa. Ela cantou. Fascinante. Uma artista, que faz então ela aqui? Preciso de travar relações com ela.

(Continua)

A questão do assucar

As forças vivas deram-se afinal muito bem com os governos outuoristas!

Sr. Director d'«A Capital: Ha tempos o seu jornal tratou o caso escandaloso do assucar que está a vender-se por um preço exorbitante devido á magnimidade com que o então ministro da agricultura sr. Antão de Carvalho tratou os potentados assucareiros. E' tempo de se pôr termo á situação de favor em que esses industriais vêm vivendo, e de voltarmos ao regimem anterior. Como v. disse então—e isso é a expressão da verdade—o Estado mantinha um contrato com os fabricantes e importadores de assucar pelo qual estes eram obrigados a lançar no mercado um determinado numero de milhões de kilos. Como esse sistema tinha o Estado salvaguardado as bolsas de nós todos pois os industriais de assucar não podiam açambarcar nem provocar a alta do preço desse genero de primeira necessidade, indispensavel em casa de ricos e pobres.

Os assucareiros não cumpriram o tratado. Escudados nas suas forças—e eles lá sabem quais são—apresentando permanentemente desculpas de mau pagador, ficaram a dever, isto é, não forneceram ao publico—nada mais, nada menos do que dezasseis milhões de kilos. Uma bagatela, como se vê. Foram dezasseis milhões de kilos que faltaram no mercado e consequentemente que fizeram encarecer o genero. Como procedeu o governo que tem a obrigação de nos defender a todos furtos de ser espoliados por estes e aquetes? Como procedeu o governo? Obrigou os assucareiros a cumprirem o estipulado no contrato? meteu-os na ordem?

Nada disso. O governo cedeu, o governo de então desprezou os interesses do povo, não só consentindo que os potentados do assucar deixassem de fornecer o mercado com dezasseis milhões de quilos, mas—ainda mais—que com o exemplo aberto tratam de tripudiar, negando-se a cumprir o contrato.

O assucar, quando o sr. Antão de Carvalho tão magnanimo foi para os assucareiros, subiu de preço, ainda hoje se mantem pelas alturas dos mil e seiscentos. E' uma expoliação que carece de remedio pronto e energico; é uma extorsão ás algibeiras de nós todos que não pode continuar, que não ha-de continuar.

Os grandes industriais de assucar como Hornung & C.ª, Companhia do Buzi, Muller Incomati, Muller Humpata, Companhia do Boror, Sociedade Agricola do Gande, Companhia Quanza do Sul, Companhia de Angola, etc., estão vivendo num regimen de favor que nada justifica, que nada explica. E por não ter justificação é que dirijo esta carta a V. que tão bem levantou o assunto no seu jornal, para que peça ao governo providencias imediatas.

UM LEITOR D'«A CAPITAL».

Junta Geral do Distrito de Lisboa

Para tratar de assuntos importantes e urgentes reune hoje em sessão plenaria, na sua séde, R. dos Anjos 209, pelas 21 horas, conforme editais de 23 de Dezembro ultimo e 3 do corrente.

Um casamento rial e uma entente balkanica

LONDRES, 18. — A imprensa grega comentando o casamento do rei Alexandre da Servia com a princeza Maria da Rumenia, exprime a sua satisfação pelos laços dinasticos que agora unem a Grecia á Rumenia e á Servia.

Alguns jornais lembram a realisação duma entente destes tres estados sobre os Balkans.—(R.)

Factos e palavras

A PROPOSITO ... DE MOLIÉRE

Molière é, literariamente, o prato do dia. Em toda a parte, todas as nações civilisadas o estão comemorando a esta hora. Nos palcos dos primeiros teatros ressurgem neste instante as obras imortais que um Poeta creou para castigar uma epoca.

Ha uma grande semelhança entre Gil Vicente e Molière. E, alem de traços pessoais que os equiparam, essa semelhança provem principalmente da finalidade que orientou as suas obras.

Ambos penetraram a sociedade da epoca que viveram, descobrindo-lhe os podres, abrindo a bisturi os tumores encobertos, deixando cair o gladio afiado da sua ironia sobre os costumes e os caracteres.

Ambos se serviram da graça, do riso e da chacota para castigar.

Ambos nos deixaram uma obra imperecedoira pela qual nós podemos reconstituir a maneira de ser de duas épocas.

Vivendo isolados no meio das multidões, preocupando-se unicamente com a realisação da obra e que se impossiveram, não se importaram de ferir os fortes, de ridicularisar os potentados.

Moveram contra si as iras. E sem lhes dar ouvidos seguiram o seu caminho.

Mas... todas as sociedades e em todas as epocas tiveram e teem os seus podres.

E a nossa sociedade, a epoca que estamos atravessando tem tanto ou mais que qualquer outra um lado a castigar. Os nossos costumes precisavam que Gil Vicente voltasse.

Que admiraveis obras se fariam se Gil Vicente e Molière erguendo-se das tumbas podessem de novo empunhar as suas penas, erguer o gladio da sua ironia e baixa-lo sobre todos nós.

Fazem falta, palavra!

Fazem mesmo muita falta.

Seria interessante vêr como toda esta sociedade grave, conselheiral e séria tomaria nas mãos deles o aspecto duma barraca de fantoches!

Como seria curioso assistir ao desafivelar das mascaras, ao aparecimento das verdadeiras fisionomias!

Que falta que eles fazem!

BOTTO DE CARVALHO.

◆ ◆ ◆

Uma liga nacional que se formou em Berlim para auxiliar as familias pobres e que tenham filhos, dirigiu ao Governo o pedido de concessão dum fundo especial que lhe permita melhorar as condições de vida de familias numerosas, lembrando que seja criado um imposto especial que deverá incidir sobre as pessoas solteiras e sobre as familias que não tenham descendentes.

A Liga fez egualmente ver ao Governo que sob as novas taxas indirectas os chefes de familia numerosa pagam inevitavelmente impostos que não estão nada em proporção com os que são devidos pelos solteiros ou pelas familias que não teem filhos. A Liga pede para que dez por cento desse imposto seja destinado a fundo especial para a educação das creanças pobres.

◆ ◆ ◆

O «National City Company», comprou papel de 41,2% da Companhia do Caminho de Ferro do Pacifico, empreza canadense, no valor de 25 milhões de dolars. Esta é a primeira transação que a Companhia do Pacifico realisa com capital que não é inglez, o que é considerado nos circulos financeiros desta cidade como sendo uma prova incontestavel de que a bolsa de Wall Street se torna todos os dias o mais importante centro financeiro internacional.

◆ ◆ ◆

O Engineering and Minin Jornal diz que os stocks de cobre nos Estados Unidos em 1920 constavam de 500 milhões de kilos, baixaram para 300 milhões de kilos no fim de 1921. Desde o começo do ano venderam-se 40 milhões de kilos, de cobre, para o consumo interno e 25 milhões de quilos para exportação. Se continuar o consumo de cobre desta forma, dentro de poucos mezes os stocks de cobre nos Estados Unidos ficarão exaustos.

◆ ◆ ◆

Foi inaugurada na Universidade de Amsterdam a faculdade de comercio.

◆ ◆ ◆

Por um telegrama do Governador da Indo-China, sabe-se que a exportação de arroz no ano de 1921 feita no porto Saigon atinge 1.517.000 toneladas numero que até ao presente ano não foi registado, tendo sido o mais favoravel em 1918 que atingiu 1.443.000 toneladas.

QUESTÕES DO DIA

O IMPOSTO DA FOME!...

Não satisfeito com a elevação, até 300 olo, das tarifas ferro-viarias, o Ministerio do Comercio castiga os consumidores com outro gravame nos generos de importação. E as consequencias serão fatais...

Não nos parece que as chamadas «Forças Vivas» tenham graves queixas do outubrismo, antes lhe devem estar extremamente gratas. Os governos saidos do pronunciamento militar de 19 de outubro não se mostraram em nada adversos aos «gros-bonnets» do capitalismo indigena. Apressaram-se, pelo contrario, a dar satisfação a muitas das reclamações dos argentarios, todas elas destinadas, mais ou menos, a acabar a obra esfolatorio do consumidor. Por isso, o custo da vida vai aumentando, em perfeita correspondencia com a divisa cambial, que já contem apenas 4. Bonito serviço!

O delirio de grandezas do mais intelectual dos politicos outubristas produziu o regabofe da reforma do ministerio dos Estrangeiros, com brindes de consulados exoticos distribuidos aos domicilios. Os depenses e propagandistas das grandes congeminações do sr. Veiga Simões rebolam-se nas prateleiras das redacções e inundaram de tropos elogiativos as colunas de certos jornais.

Afinal, a reforma sumiu-se pelo buraco do ponto, tal qual tem acontecido ás peças cerebradas por autores dramaticos incomprendidos. A patada foi formidavel. E agora, que já se foi o mostrengo, é tempo de pensar noutra coisa, ainda pior e de mais perniciosos efeitos que a reforma imaginada pelo chanceler sr. Veiga Simões. Queremos referir-nos ao decreto que aumentou desproporcionadamente os encargos dos navios estrangeiros que servem de veiculo ás importações. Começemos, pois, a analise do diploma, pondo em destaque as consequencias da sua execução. Vamos desê-lo, como do costume, com o menor numero possivel de palavras e muitas e poderosas razões.

◆ ◆ ◆

O decreto em questão é denominado, por antonimia graciosa e inofensivo, de protecção á marinha mercante nacional.

Não é má piada, não senhores! Se os navios mercantes portuguezes povoassem os mares e sofressem coitados, com a concorrencia victoriosa dos navios estrangeiros, poderia admitir-se que se sangrasse, até ao infinito, a bolsa já magrissima do consumidor, afim de que os armadores portuguezes conseguissem encher os porões desertos dos seus barcos. Mas a marinha mercante nacional é o que se sabe, eloquentemente demonstrado com o belissima administração, que se imprimiu e por tanto tempo se manteve, quando o bamburrio da sorte nos presenteou com a frota apresada aos alemães. Em poucos anos, trez no maximo, a administração dos T. M. E. conseguiu fazer dividas já apuradas em dezenas de milhares de contos, mais, muito mais mesmo, que o valor total dos barcos.

Donde se conclue que a frota mercante que tomamos á Alemanha foi, nas nossas mãos desastradas, uma grande espiga!

Mas podia ainda admitir-se que, para salvar os armadores dos restantes barcos nacionais, seria boa providencia afastar a concorrencia de navios estrangeiros, impondo-lhes encargos prohibitivos da frequencia dos portos portuguezes. Podia dizer-se isto, para ofuscar a vista dos ingenuos,—e crêmos mesmo que já se tem pretendido. O argumento, porem não resiste á mais ligeira analise. E, se não, vejamos:

Nós somos um paiz cuja balança comercial está enormemente desequilibrada. Somos um paiz deficitario, não só sob o ponto de vista financeiro como tambem no que respeita á economia interna. Produzimos muito menos do que consumimos. E, por isso, necessitamos de recorrer ao estrangeiro, comprando-lhe o que nos falta para viver vida de gente civilisada ou que com isso se parece. Eis o motivo porque importamos carvão, trigo, ferro, aço, maquinas, material de caminhos de ferro, assucar, arroz, etc. Pode a marinha mercante portugueza transportar, não digamos já tudo, mas até mesmo uma minima parte das mercadorias de que temos necessidade continua e ininterrupta? Não, manifestamente. E daqui se conclue que, afastando sistematicamente os navios estrangeiros da frequencia assidua dos nossos portos continentais, não fazemos senão agravar a crise nacional, sem oter vantagens apreciaveis, sob qualquer ponto de vista. Os barcos portuguezes, insuficientissimos para as necessidades deficitarias do nosso comercio internacional, não serão beneficiados, porque não é carga que lhes falta, os estrangeiro, mas somente boa administração exercida por quem saiba do «metier».

Toda a mania portugueza é saber de tudo, menos da profissão propria e costumeira, criterio simplista que, aliás, é vulgar e perfeitamente explicavel nas gentes ignorantes, os navios mercantes do Estado são administrados por quem calha, sempre sob a influencia nefasta da mania politica de dia solvencia. A mais eficaz protecção que se poderia exercer em favor da marinha mercante portugueza seria, pois, entrega-la á administração de profissionais competentes, que possuissem o saber de experiencias feito e não essa futurista protecção que se pos em letra redonda, no celebre decreto de que nos estamos ocupando.

Se desviarmos, agora, o exame da questão para um outro aspecto, as conclusões a tirar são ainda mais de assombrar, condenando, sem apelação nem agravo, o legislador apressado do decreto que lançou o imposto da fome. A frase não é nossa. Chama-lhe assim o ponderado «Comercio do Porto». Parece, de resto, que tudo se combina no proposito firme de mais angustiosa tornar a vida do povo, forjicando-se leis, a torto e a direito, para irremediavelmente lançar a Nação nas torturas da fome.

E' impossivel pensar doutra forma desde que se faça a aproximação, guiada por bom critico, entre a elevação até 300 % das tarifas ferro viarias e a doutrina do decreto que agravou os impostos pagos pelos navios estrangeiros frequentadores dos portos do continente portuguez.

Com a elevação, até 300 %, das tarifas ferro-viarias, a vida modesta dos trabalhadores—e quando empregamos este termo incluimo-nos a nós proprios, que melhor ou peor, lá vamos conseguindo vegetar á custa do trabalho de todos os dias—a vida modesta de todos nós vai sofrer um novo aumento de custo, que já começa e que ainda se não póde terminara. Pois por cima disto, para completar a negra moldura do quadro famelico da população portugueza, ainda a publica administração carrega desproposidadamente os encargos da navegação estrangeira,—impostos que, no fim de contas, seremos nós os consumidores, que teremos de indirectamente esportular, na carestia cada dia maior, das mercadorias que do estrangeiro nos veem.

E entre elas, vem o arroz, vem o assucar, vem o carvão, vem o trigo. E' com tais providencias que se pretende tranquilisar a alma popular? Fomenta seguramente a vida do povo, aquele, que não reconhecem que não ha maior verdade do que a ensinada pelo proloquio popular que afirma a fuga apressada da virtude pela janela, lo o que a fome entra pela porta!

Dissemos que o imposto do comercio maritimo (parece que é este o nome proprio...) fa a concorrer, decisivamente, para o gravame da vida já quasi impossivel. Acrescentamos que será a machadada final. Depois, só o diluvio! Mas como, para o demonstrar, necessitamos de espaço, somos forçados a adiar para os numeros seguintes deste jornal o exame de tão momentosa como importante questão.

CURIOSIDADES

Fontes e o sr. Cunha Leal

Semelhanças da situação politica de 1850 com a de hoje

Não tenho exacta impressão do que fará ou será capaz de fazer o homem que neste momento critico da sociedade portugueza foi chamado a dirigir os destinos da nação, mas é-me agradavel compara-lo, na sua situação dificil, a um outro que ha mais de meio seculo se evidenciou de forma a preparar as constitucionalismo uma era de progresso, de tranquilidade e de civilização a que se não estava muito habituado. O sr. Cunha Leal é um novo; Fontes, em 1850, era tão novo como ele. Bem sei que no seu passado juvenil o grande estadista monarquico não tinha de penitenciar-se tanto como o actual ministro da Republica dos erros passados, mas a verdade é tambem que a esse tempo não havia ainda soprado tão violentamente o vento da insania que ha umas duzias de anos sacode com certa ferocidade usos, costumes, ideais e ambições.

Para se fazer critica historica certa é necessario especialmente compulsar com tino e com senso as circunstancias do momento, o meio em que cada vontade se agitou, em que cada inteligencia teve de operar, em que cada individuo se encontrou á mercê de todas as suas faculdades. Pombal teria sido muito menos fero e cruel se houvesse operado em nossos dias; mas quem poderá hoje asseverar que ele teria sido tão grande como o foi numa segunda metade do seculo XVIII? Um terreno qualquer agricola que hoje dá floridas couves, pode, amanhã, por falta de adubos, por menor humidade do solo por qualquer outro motivo inesperado, degenerar os seus produtos. O mesmo sucede na politica. O sr. Cunha Leal de 1922 está longe de se parecer com o Fontes de 1850, mas o terreno que tem de desbastar é que se assemelha muito ao que pisou o glorioso chefe do antigo partido regenerador. Por isso os queremos comparar.

Portugal havia saido muito doente das longas lutas civis que terminaram em 1834. Durante os primeiros dez anos de regimen liberal, este encontrou-se na incomoda situação em que se póde encontrar hoje uma bola de «foot-ball» á mercê dos pontapés e dos «truces» dos varios grupos desavindos. A ambição de uns, o orgulho de outros, a tendencia natural de todo o individuo, mesmo o mais tolerante e o mais liberal, para querer mandar os outros e não obedecer a ninguem, prolongaram a intranquilidade do regimen monarquico até á Regeneração, e só depois dela, pela acção de Fontes Pereira de Melo é que se conseguiu entrar em um periodo florescente, mantendo-se primeiro a ordem; cuidou-se, a seguir, do fomento do paiz, abriram-se estradas, fizeram-se caminhos de ferro, cultivaram-se terras, administrou-se para as colonias e o paiz pôde então gozar de um meio seculo de relativa felicidade e abundancia.

Ao mesmo tempo em que se debatiam as dificuldades, em que se intensificava o trabalho, em que se desenvolvia a riqueza, procurava-se, como sempre sucede, nos «bas fonds» sociais, ruir verdades e alicerces, e a luta originada por esse embate de intuitos diferentes, se foi intensa, não foi menos longa pela habilidade cuidadosa e preventiva do grande homem que estava á testa da governação publica.

Poderá o sr. Cunha Leal, hoje, dominar com a mesma habilidade a situação grave do momento? Não o podemos afirmar, mas temos o dever de confiar. O chefe do governo apresentou-se a querer governar e impôr que todos lhe obedeçam. Fontes pensou naturalmente o mesmo em 1850. Não o disse, tão alto, como o sr. Cunha Leal, mas naquele tempo, verdade é tambem, não se tornava mister gritar tanto para ser ouvido.

A primeira coisa de que Fontes tratou foi desviar para longe a espada gloriosa que lhe preparára o terreno. A Regeneração vencera, mas Saldanha ia para longe vêr o efeito que ela fazia. Anos depois, o Tomar partia tambem para fóra e la penitenciar-se sob as abobodas colossais de S. Pedro, de Roma, dos ataques violentos á constituição e ás instituições. Aos compassos de um e do outro, trata-se de levar a conciliação e a serenidade. Os mais irrequietos pensaram ainda em reagir, mas recuaram ao primeiro impeto de encontro á forte mão que lhes aparecera a conte-los, e quando ao fim de trinta e oito anos, a doença o veio arrancar de surpresa, Fontes pôde ainda dizer, e viu-se depois com muita razão, á Morte que o espreitava:

—Sinto que faço falta.

E fez. As nações não envelhecem com a facilidade dos individuos, mas tão pouco se crism, medram e florescem como eles. A idade do nós não é a idade dos outros. A historia não decorre com a mesma velocidade para ambos. O que na vida do homem constitue um acontecimento importante e decisivo não passa na vida das nações do mais insignificante episodio. Por isso seria absurdo exigir de um só homem a regeneração de um paiz.

O sr. Cunha Leal tem uma missão a cumprir, é abrir o inicio de um periodo de ordem. Ninguem deve pensar em exigir-lhe que transforme de repente a sociedade portugueza corroida por um trabalho insano e criminoso de demolição, durante anos.

Não podendo matar o microbio, porque se não esmaga assim os infinitamente pequenos, ao menos desviê-lo o caminho para diminuir a sua acção perniciosa.

Revolva-lhes o terreno do «fono em combio», para que eles ao menos o deixem trabalhar em paz durante algum tempo, e se puder fazer surgir do paiz inculto um paiz agricola que possa fornecer o cereal de que tanto se carece, terá prestado o maior serviço nacional.

Em 1850 tambem houve crimes a castigar, abusos a corrigir, indisciplinas a esmagar, como ha hoje, mas tudo isso se fez mais pela acção firme e serena do que pela palavra indiscreta ou inflamada. Os homens de Estado, como o sr. Cunha Leal sabe bem porque ainda recentemente o lembrou, tem de falar pouco e agir muito.

Por isso não é sem certa confiança que o paiz aguarda o cumprimento do seu programa governativo, cuja divisa se póde resumir nesta frase: muitas obras e poucos discursos.

Interesses do Algarve

O governo satisfaz as mais instantes reclamações da propria provincia

Graças ás instancias do sr. Antonio Montas, governador civil de Faro, vão ser satisfeitas algumas das mais urgentes aspirações do Algarve. Assim, foram autorizados dois emprestimos, pela Caixa Geral de Depositos, para a conclusão do caminho de ferro de Portimão a Lagos e para a construção da ponte sobre o Sado, na linha ferrea do Vale do Sado. O primeiro destes emprestimos é de 450 contos e o segundo de 300 contos.

Pelo ministerio competente vai ser requisitado, por conta da indemnização alemã, todo o material necessario para o serviço dos portos do Algarve, devendo o sr. governador civil de Faro promover uma reunião das associações comerciais e industriais da provincia, afim de se fazer o inventario completo desse material. As juntas autonomas dos portos do Algarve colaborarão tambem nesse documento.

Em breves dias vai ser estabelecido um correio postal, diario, para S. Bras de Alportel, do Algarve.

... pela linha ferrea do Vale do Sado.

O sr. Antonio Mantas parte amanhã para Faro. O ilustre magistrado cedeu a sua votação habitual a favor dos candidatos recomendados pelo governo, pão se propondo a deputado para a legislatura que vai ser eleita no dia 29 do corrente.

PELO TELEGRAFO

A proxima conferencia de Genova

Não se sabe se os Estados Unidos aderirão

WASHINGTON, 18.—Não está ainda resolvido se os Estados Unidos tomaram parte na conferencia economica e financeira convocada para o proximo mez de março em Genova. Se fôr aceito o convite do Supremo Conselho é provavel que a pessoa indigitada para presidente da delegação americana seja o secretario de comercio, sr. Hower.

Em certos meios oficiais insiste-se em que seria preferivel a sua permanencia em Washington, onde teria ocasião de prestar serviços mais importantes ao seu paiz com os seus conselhos sobre certas questões que a delegação americana terá que referir a Washington afim de serem resolvidas.—(Lu. Am.)

O parlamento inglez só será dissolvido depois da conferencia

LONDRES, 18.—Não se espera que seja dissolvido o parlamento antes da reunião da conferencia de Genova.

Lloyd George e outros membros proeminentes devem pronunciar importantes discursos esta semana.—(Lat. Am.)

O novo gabinete francês

A questão de Angora

PARIS, 18.—Mr. Poincaré e Lord Curzon chegaram a um acordo na sua entrevista no que se refere á questão de Angora. Poincaré pedio ao ministerio dos estrangeiros para aplanar todas as dificuldades diplomaticas.—(Lat. Am.)

A Alta Silesia

VARSOVIA, 18.—As pretenções da Polonia na Alta Silesia reaparecem com a volta de Poincaré ao poder. As forças polacas avançaram esperando ordens para entrar na Alta Silesia.—(Lat. Am.)

Telegramas entre Lloyd George e Poincaré

PARIS, 18.—Por ocasião da Constituição do novo gabinete os srs. Poincaré e Lloyd George trocaram telegramas de mutua cordealidade e confiança. O sr. Lloyd George, salientando que a segurança do territorio francez contra qualquer agressão alemã, o pagamento das reparações devidas á França e a manutenção constante das estipulações do Tratado de Versailles são considerados pelo governo inglez como de interesse comum para o povo francez e inglez.—(H)

A conferencia do desarmamento

Os problemas pendentes levarão alguns dias a discutir

WASHINGTON, 18.—A delegação franceza deu ordem para disporem das passagens que tinham mandado reservar no transatlantico «Paris» porque a questão dos limites dos armamentos e as resoluções dos problemas do Extremo Oriente levarão ainda alguns dias a discutir.

A delegação ingleza adiou tambem a sua partida.—(Lat. Am.)

A questão irlandesa

Os unionistas

LONDRES, 18.—Consta que os unionistas da Irlanda do Sul se reunirão quinta-feira para discutirem o oferecimento da sua cooperação com o governo provisorio.—(R).

ULTIMA HORA

NA PRESIDENCIA DO MINISTERIO

foram hoje recebidos dois telegramas de certa importancia

O chefe do governo recebeu hoje os seguintes despachos telegraficos, ambos de Paris, com data de ontem:

«Presidente do Conselho de Ministros—Lisboa». Em nome do novo gabinete francez tenho a honra de enviar ao Governo Portuguez os mais auspiciosos votos e peço a v. ex.ª para acreditar no fiel amizade da França (a) *Raymond Poincaré*.

«Presidente do Ministerio—Lisboa» Comunico a v. ex.ª, com grande prazer, que, no decorrer do meu discurso ontem pronunciado no Hotel Claridge, por ocasião do banquete oferecido pela Sociedade dos Autores Dramaticos aos delegados estrangeiros, a alusão, que fiz, á intervenção de Portugal na guerra foi coberta de aclamações, levantando-se os assistentes numa grande ovação a Portugal. Felicito a Republica na pessoa de v. ex.ª (a) *Augusto de Castro*.

Sessão de homenagem a um heroe italiano

Pelas 16 horas, de hoje realisou-se na sala nobre do edificio da Escola Politecnica, uma sessão solene de homenagem, ao heroe italiano Falcier Pauluci.

A assistencia era numerosissima, e encontravam-se representadas, todas as faculdades. O sr. ministro da guerra chegou pouco depois de começar a sessão, tomando lugar junto da presidencia.

O sr. presidente da Republica, fazse representar pelo sr. Jayme Atias.

A esposa do secretario da legação, de Italia ofereceu um rico estandarte com as côres da nacionalidade bordado a ouro, oferta feita á associação dos combatentes daquele paiz.

A sala achava-se vistosamente ornamentada toda com arbustos.

A' hora que fechamos o nosso jornal, está usando da palavra fazendo um eloquente discurso o sr. general Abel Hipolito.

POEIRA da ARCADA

A convite do sr. presidente do ministerio conferenciaram hoje com o sr. Cunha Leal os srs. drs. Armindo de Faria, medico em Vizela e Antonio Maria Ferreira Junior, advogado em Vila do Conde.

◆ ◆ ◆

Foram transferidos com os respectivos professores as escolas moveis, de Gião para Pereira, freguesia de Augerrilhe, Feira, e de Currol das Romeiras para Rochinha de Cima, Funchal.

◆ ◆ ◆

Continuaram hoje as conferencias entre varios governadores civis e o sr. ministro do comercio sobre assuntos eleitorais.

◆ ◆ ◆

A oficialidade da Guarda Republicana cumprimentou esta tarde o sr. ministro da guerra.

◆ ◆ ◆

O sr. Antonio Montas parte amanhã para o Algarve, afim de tomar posse do cargo de governador civil de Faro.

D. Afonso de Bragança

Pelas 14 horas, largou hoje com destino a Bizerta, o contra torpedeiro Vouga, que vai em escala por Gibraltar, afim de transportar para Lisboa os restos mortais de D. Afonso de Bragança.

A bordo foi despedir-se do sr. capitão-tenente Carvalho Crato, que comandou o comandante do contra-torpedeiro, muitos dos seus amigos.

MUSICA

O proximo concerto Blanch

No concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que se realisa no proximo domingo no São Luiz, apresenta-se pela 1.ª vez em publico a distinta pianista D. Beatriz Coelho, uma das mais notaveis discipulas de Vianna da Motta e que executa o famoso «concerto em la menor» de Schumann com a orquestra, a qual entre outras obras executa toda a encantadora suite da «Arlésienne» de Bizet, o poema sinfonico de Liszt, «Lamento e Triunfo de Tasso», a «Romansa em Fá» de Beethoven, sendo solista o professor Flaviano Rodrigues, e a Marcha militar de Schubert etc.

Faculdade de Letras

A Associação Academica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa promove no proximo sabado, pelas 21 horas, uma festa de recepção aos novos alunos.

Olhamos com interesse estas festas que, felizmente, vêm substituir maus precedentes que entre nós permitiam perseguições e brincadeiras estupidas aos alunos que se matriculavam pela primeira vez nas Universidades.

TEATRO

Lucinda Simões a comediante ilustre, mestra do teatro, realisa hoje no Politeama a sua festa.

O publico acorrerá a felicita-la e terá o subido prazer de nas suas saudações incluir Lucilia, continuadora perfeita e admiravel da obra de sua mãe.

Nota do dia

Um esquecimento

Quando rabisquei a noticia sobre a «premiére» do «Juiz de Fóra», involuntariamente omiti o nome de Rafael Gomes e Salvador Costa.

Parece insignificante um facto destes, e eu sinceramente supunha que ninguem, nem mesmo os actores esquecidos injustamente, ligavam ao facto qualquer importancia. Não há tal. Isso corresponde, pelo menos a ser excomungado, e ha que vi a o publico dizer como as coisas se passaram.

Excepcionalmente, desta vez, faço-o no entanto gostosamente.

Rafael Gomes, no papel do actor Saramago do «Juiz de fóra», tem um pequeno papel extraordinariamente feliz.

Pode dizer-se que o seu trabalho foi mesmo dum notavel espirito comico e duma boa estilisação de realidade.

Eu nunca percebi bem este actor Rafael Gomes.

E' uma creatura inteligente, dispondo de boa figura e de boa voz. No entanto, em certos papeis, ou porque se deixe ir muito ao sabor da sua forma, ou porque se não interessa por fazer um estudo intenso e profundo, eu não o tenho aplaudido sem restrições.

Chegou agora o momento em que, talvez porque estudasse com um pouco mais de amor — (pelo menos estudou com rapidez, em dois dias) foi muito mais completo e deixou de si uma ótima impressão.

Salvador Costa, que faz o galã, se não fez salientar, tambem o que é certo é que não desmanchou em nada o conjunto — é um actor de certos recursos, que aproveitados bem farão dele um bom elemento.

E aos dois, desculpa de os ter posto fóra... do «Juiz de fóra».

O HOMEM QUE PASSA

O tri-centenario de Moliére no Teatro Nacional

E' o seguinte o programa do espectaculo de hoje, no Nacional, em recita de gala, comemorativa do tri-centenario de Moliére, com a assistencia do sr. Presidente da Republica, Ministerio, corpo diplomatico, Camara Municipal, comandante da divisão e demais representantes oficiais:

«Moliére», versos de Gustavo Sequeira, por Eduardo Brazão; Algumas palavras, por Mr. Paul Pempey em nome da Sociedade de Actores Dramaticos Francezes; Leitura de trechos de Moliére, por Eduardo Brazão e José Ricardo; Conferencia por André Brun; O 1.º acto da comedia «O Burguez Fidalgo», por Joaquim Costa, Rafael Marques, Luiz Pinto, Jorge Grave, Augusto de Melo, Leopoldo, Teixeira Soares; O 3.º acto da comedia «As Sabichonas» por Maria Pia, Ilda Stichini, Acacia Reis, Maria Sampaio, Augusto de Melo e Leopoldo; O 2.º acto da comedia «O Medico á força», por Cremilda de Oliveira, Chabi Pinheiro, Luzitana Saial, Carlos Abreu, Santos Melo, Jorge Gentil e R. de Almeida.

Primeiras Representações

TEATRO AVENIDA — O Toureador — *opereta de ... tradução de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.*

A peça

Por muitas e variadas razões merece em absoluto fóros de autentica première a «reprise» do «Toureador», com tanto exito levada bontem á scena pela companhia de operetas de Estevam Amarante.

Mais duma vez tive já ocasião de citar ao publico, com inteira justiça e sem favor, a impressão explendida de conjunto que a companhia do Avenida sempre me produz.

Represento o facto, julgo eu, um dos mais interessantes aspectos de honestidade que em palcos portugueses se tem dado. Nos mais insignificantes rabulas, nos mais sumidos comparsas do pano do fundo, se nota, se sente, uma boa vontade de trabalho, um transparente esforço para acertar uma nobreza agradave de constatar nas possibilidades de cada um.

Ali trabalha-se. Amarante dá um grande exemplo. Os seus companheiros secundam-no. E' um grupo de gente moça. Tem, sem favor a inteira simpatia do publico, e merecem-na.

A peça de hontem, arranjada em portugues pelos escritores consagrados que são os srs. Bermudes, Bastos e Rodrigues — comediografos cheios de «verve» e de expontaneadade, mestres na compreensão humoristica e justa do momento — é uma autentica fabrica de trocadilhos alegres, de situações dum comico irresistivel, de manter a plateia em continuidade absoluta de gargalhada.

Vale como opereta pela deliciosa musica, que, cheia de côr local, a polvilha, e vale como entrecho de «vaudeville» ligeiro, que a anima.

O desempenho

Teve as honras de noite Luisa Satanela, a companheira inteligente de Amarante na vida da sena e... nas senas da vida.

Está mais magra e muito mais bonita. «Bonita» é o termo.

Fica-lhe a matar a magreza — foi o que se chama uma doença a-proposito.

Amarante que tem no principal papel uma autentica criação, continua, com uma firmeza absoluta a manter os seus extraordinarios creditos de grande artista comico, marcando maravilhosamente e duma forma iminente a sua parte.

Não se represeria melhor. Não se estuda com mais carinho um papel; não é possivel ter pelo publico mais respeito, pela sua profissão mais dignidade, pela sua arte mais entusiasmo.

Amarante é uma gloria lidima da minha geração e por isso o saúdo sem restrições.

E' um grande, um primeiro actor. Não é possivel descortinar-lhe uma falha — uma falha sequer de articulação! — A composição comica do seu personagem é colossal de equilibrio e não haverá, em qualquer companhia de operetas italiana, franceza ou espanhola, hoje mesmo muitos actores que o igualassem.

Raquel Barros, gentilissima e muito interessante na parte de «Tereza». Deu uma forma ao papel, inteiramente sua. Gostamos bastante, se bem que o seu temperamento pouco expansivo tivesse feito um grande esforço de adaptação. Foi no entanto e pleno contento. Maria Santos muito natural e sem exagero. Alves da Silva, belo cantor como de costume, vestindo com elegancia.

Scenarios, «toilettes»

A sala

O scenário do primeiro acto pobre. No segundo iluminada a scena com luz demasiada, que fere a vista e escurece as expressões dos actores.

Talvez iluminando as ribaltas e pondo mais verduras naqueles festões se acabe com o tormento daquelas lampadas nos nossos pobres olhos.

As toiletes de Satanela um encanto. Raquel muito bem vestida de espanhola, sendo de grande gosto a toilete negra e o manton de rendas.

Fica-lhe esplendidamente.

Quando, ao entrar em sena, Maria Santos, foi recebida com uma salva de palmas, que era para Satanela.

Entrou de costas e vinha de côr de rosa...

Desaponiamento na sala... Ao pé de mim, uma senhora miope:

Ai como está transtornada a Satanela, coitada...

Estas doenças; arrasam muito!

O HOMEM QUE PASSA

AGENDA DA SEMANA

HOJE — Em S. Carlos, 3.ª recita do «Thais».

— Espectaculo classico no Teatro Nacional, homenagem a Moliére, com uma conferencia por André Brun.

— Festa de Lucinda Simões com a primeira das peças «Idilio de Velhos» e «Visita de casamento», no teatro Politeama.

6.ª-FEIRA — No teatro Apolo festa artistica da actriz-cantora Justina de Magalhães.

SABADO — Recita de homenagem a André Brun adaptador da peça «O Juiz de fóra» no Teatro Chiado Terrasse.

CRONICA LITERARIA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por **Ladislau Batalha**

Antagonismos profissionais

Investigam-se as origens da perseguição aos judeus no Seculo XVI. — Um documento revelador de maus intuitos. — A caça aos judeus. — Vinho choistengo. — A Judenga e o Arabiado

Manteve o monarca grandes atenções para com a judiaria, quiçá instigado pelos proprios interesses materiaes. Ao tratar-se da permissão de transito e hospitalidade aos expulsos é foragidos das perseguições que Espanha lhes promovera, teve o Rei de resistir á opinião contraria manifestada em Conselho.

Que outro movel teria, porem, na solução deste pleito a favor dos judeus senão o de atrahi-los para melhor os espoliar?

Os factos subsequentes confirmam-no. Ha memoria de seiscentas familias israelistas terem pago por sessenta mil cruzados o direito de residencia em terras de Portugal. (1)

Depois de privados os judeus espanhois de tudo quanto fora possivel extorquir-lhes, azedados já os animos pela supremacia assumida por aqueles perante cujo ouro era forçoso curvar, iniciou-se uma perseguição canibalesca. O roubo, a morte, a caça ao judeu tornou-se um espectaculo quotidiano.

Eram uns reduzidos á servidão, outros embarcados e entregues á soldadesca indisciplinada de Arzila e Tanger, e ainda outros enviados para a Ilha de S. Thomé, então deserta e infestada de crocodilos.

Este espirito nacional de saque e espoliação subsistiu e confirma-se em tempos de D. João III.

As prolongadas e dificilimas negociações para introduzir a Inquisição em Portugal são eloquentemente reveladoras de que os motivos religiosos que se invocavam, só serviam a mascarar os intuitos de rapina que o catolicismo acobertava.

Embora em politica não se passem recibos, em verdade escaparam á voragem dos seculos documentos deveras comprometedores e comprovativos de que, então como hoje, procediamos com uma leviandade infantil na solução dos mais graves problemas sociaes e administrativos que se nos deparavam.

Um dos nossos maiores erros, cujas consequencias ainda actualmente estamos sentindo na falta de energias para o trabalho e para a sciencia, foi a perseguição sistematica aos judeus portuguezes sob um espirito mesquinho e miseravel de espoliação e sequestro, tanto como aos que aqui se refugiaram, vindos de Espanha.

Falem por nós os documentos, para que não se atribuam ao historiador intuitos deshonestos.

Nas demoradas negociações para a introdução do Tribunal da Inquisição, Braz Neto, o negociador, em carta a D. João III, mostra que em Roma se considerava a impetração do monarca um desejo de força para roubar e sequestrar as riquezas judaicas.

«Faley o Santiquatro nisto — diz o documento — acheyo um pouco áspero e disse-me que isto parecya que se ordenava para proveyto e aqueryr as fazendas desta gente (os Judeus)» (2).

Efetivamente, confirmando toda a hediondez contida nos conceitos desta carta, verifica-se que, quando Roma propoz conceder-nos plena liberdade para doutrinar, catequisar, perseguir, queimar, expatriar, só recusando-nos os direitos de expropriação e sequestro dos bens dos judeus.

D. João III recusou-se terminantemente a admitir a Inquisição que com tantas instancias solicitava, embora esta viesse fortalecida com todos os poderes para o bom serviço de Deus!

Desde 1522 a 1524, o Rei fora conferindo quasi cegamente privilegios e garantias aos hebreus, reconhecidos unicos sustentaculos capazes de deter na sua carreira vertiginosa a deploravel decadencia financeira em que estavamos prestes a cair.

Fiados nesta simulada protecção, os judeus intensificaram o trabalho, desenvolvendo as suas industrias e comercio, no intuito de aumentar as riquezas proprias, com o engrandecimento da nação que os agasalhava.

Coincidindo, porem, com esta aparente magnanimidade, o Monarca continuava a maquinar secretamente o esterminio da raça hebrea depois da completa espoliação dos seus bens, por meio de um sistema aperfeiçoado de devassas, perseguições e torturas, que á Inquisição incumbiria praticar.

Já D. Manuel, seu antecessor, iniciara o reinado, concedendo alforria a todos os judeus-escravos, sua unica obra generosa para com a raça hebrea.

Pouco depois, obedecendo ás imposições de sua mulher, filha dos reis de Espanha, promulgou o decreto de 5 de Dezembro de 1496, relativo á expulsão sem praso fixo que espiraria em Outubro do ano seguinte, sob pena de morte para os que não sahissem e perda total de bens a favor de quem os denunciasse.

Não foi o decreto acatado na integra. Para isso mesmo ele fôra lavrado, pois as duvidas e pleitos que d'ali provieram, constituiam um novo artificio de espoliação.

Quem examine pormenorisadamente toda a complicada historia das perseguições no periodo que vimos estudando, tem ensejo de certificar-se de que o Judaismo em Portugal foi uma fonte inesgotavel de riquezas estorquidas, a pretesto de perseguições, peitas, concessões, suborno e espoliações, ora pacificas ora de caracter violentissimo.

Nos momentos de perseguição, as medidas tomadas eram de um rigor cuja simples memoria aflige. Não se lhes consentia ausentar-se do Reino, nem dispor dos seus haveres e riquezas, muito menos para fóra.

Uns fugiam para as Conquistas em Africa, para a India, ilhas da Madeira e Açores, simulando que iam para lá viver, no intuito reservado de melhor poderem safar-se para terras onde contavam não sofrer tantas perseguições.

Outros refugiavam-se clandestinamente em Castela e Galiza.

Se, porem, eram apanhados em flagrante de fuga, perdiam fazenda e iam degredados para S. Tomé, que a este facto deve em parte a sua relativa prosperidade.

Chegou a proibir-se-lhes negociar com os Cristãos.

Nem vinho lhes era licito fornecer ás tabernas, sob pena de multas, confisco e açoutes.

No seculo XV falava-se muito do «vinho christengo» que se considerava adulterado e prejudicial á salvação da alma.

A moderna expressão pejorativa de «vinho Latisado» para significar vinho onde o taberneiro misturou agua, deve ser uma sobrevivencia já inconsciente da remota tradição.

Quando presos na provincia, vinham os Cristãos Novos de cadeia em cadeia até Lisboa, sofrendo dos carcereiros por todo o caminho as maiores extorsões e tambem suplicios, cuja intensidade era maior ou menor, segundo as importancias de que dispunham para suborno.

A tributação especial que sobre eles se fazia incidir, era imensa, de caracter verdadeiramente espoliador.

Em memoria da lenda que lhes atribue a venda de Cristo por trinta dinheiros, suportavam por cabeça um imposto odioso e vexatorio, conhecido pelo nome de — «Juderega ou Judenga».

O Rabiado ou Arabiado era um outro tributo que se viam obrigados a pagar para a Coroa, além dos impostos gerais e ainda outros cuja enumeração seria enfadonha.

(Continua)

(1) Mem. Mss. da Ajuda, f. 193, apud Alex. Herculano.
(2) Torre do Tombo — Corpo Chronol. Parte I — Maça 46 — N.º 102.

SPORT

Factos...

Dissemos que os «boxeurs» Silva Ruivo e Faustino Pereira, não estavam preparados para a distancia de 15 rounds, que a F. P. B. marcou para o match, que ultimamente se disputou no Coliseu dos Recreios.

Não foi a nossa opinião isolada, pelo contrario, quasi toda a imprensa concordou ser essa a verdade.

Assim o «Seculo», edição da noite, n'uma critica detalhada do combate disse que:

Ruivo no quinto round mostrou alguma fadiga e acrescenta que «no oitavo round os «boxeurs» se encontram extenuados».

A revista «Foot-Ball» na melhor critica que se escreveu sobre o match diz que:

Oxalá que sirva de lição á F. P. B. porque entre nós, não temos boxeurs em preparação para 15 rounds e no decorrer do match diz que no oitavo round Ruivo está sem folego e que o time é a salvação de ambos».

Acrescentando que:

Nenhum estava preparado para 15 rounds.

Termina dizendo que do oitavo round em diante ambos estavam cançados.

O jornal «O Sport Lisboa», afirma tambem na sua noticia que do «10 round em diante, ambos estão esgotados.

A revista do Porto «Sporting» é de opinião que «no 6.º 7.º round Faustino está fraco, que no 9.º Ruivo está fraco, que no 11.º Faustino sem energia, e Ruivo sem folego.

Enfim todos a «una voce», viram o caso como ele foi.

Contudo o presidente da Federação de Box, diz que estavam muito bem preparados, apezar de na critica dizer, que do 6.º round em diante estavam cançados.

Moralidade. Quem te manda a ti toca rabecão...

RUY DA CUNHA

Aviação

Paulain, o antigo campião ciclista, que como dissemos, foi o vencedor do premio instituido pela casa «Peugeot», para o homem que fizesse o vôo de 10 metros, sem auxilio de motor, declarou que espera fazer um kilometro pelos ares, unicamente pelo esforço muscular.

Para esse fim Paulian, tem que modificar a sua «aviete».

A casa «Farman» vae tentar bater os «records» de duração no ar, ultimamente, estabelecidos pelos aviadores Bertand e Stoison.

Box

O negro Balling Siki vae reaparecer em Paris, num «match» contra um dos melhores pesados belgas.

Violus, que esteve entre nós, está fazendo cartaz em Paris.

Agora vae encontrar Demey, de quem dizem muito bem.

CONTOS D'«A CAPITAL»

MALMEQUER

POR LUIS RIPADO

Quando ontem entrei no cemiterio dos Prazeres, vinha saindo uma elegante e formosa rapariga, toda de negro, olhos grandes, cheios de suavidade e de tristeza.

Mal o «Jockey» fechou a portinhola do «coupé» que a aguardava, o cocheiro partiu á desfilada, enquanto o Magalhães, pondo a descoberto a calva reluzente, sorrindo me dizia:

—Não sabes quem ali vai?

—Sei. Aphrodite vestida de negro. E' das tuas relações.

Dize antes, das nossas. Trata-se de Margarida, aquela deliciosa garota que conheceste em Coimbra, nesses tempos que não voltam mais...

—E' extraordinario! Ninguem a reconheceria naquele trapo negro. Era tão alegre...

—...O eterno paradoxo das mulheres perdidas...

—Que veio ela fazer ao cemiterio?

—Não sabes? Visitar a campa do antigo amante, o Sergio...

—E' longe daqui?

—Queres vê-la? Vale a pena! E' um jardim. Segue-me. Não cortes por esse atalho... Sempre em frente... Aqui a tens.

—Na realidade é um encanto. Nunca julguei que a garota tivesse um gosto tão requintado...

—Todos os dias aqui vem deixar-lhe braçados de lirios e malmequeres, distribui dinheiro pelo jardineiro para que ele lhe conserve o coval bem cuidado e sempre florido.

— Amaram-se então verdadeiramente?

—Como dois anjos. Estou certo que nenhuma rapariga honesta a excederia em afecto...

—Sentimentalismo no caso.

—Conheci esta rapariga em todo o explendor da sua radiante mocidade. Alta, formosa, seu corpo de marmore era um hino de helenica beleza, onde os cabelos acendiam lambadas e os olhos languidos e sensuais atraiam como o canto das sereias...

—Ainda hoje é seductora?

—O Sergio conheceu-a como todos nós, nesta Lisboa do vicio, numa ceiata no Tavares, mas teve a felicidade que nós não tivemos, de lhe agradar a ponto de poder beijar-lhe a alma.

Ilusões, esperanças, beijos, sorrisos, lagrimas, castelos erguidos e logo desfeitos de tudo isto houve neste romance d'amor.

Ao entrarmos no humilde quarto do Sergio, tinhamos a ilusão de que transpunhamos o limiar do Paraiso. Tudo ali respirava paixão!

Ela tinha a sublime arte de doirar todas as coisas da vida, e era como aquelas mulheres de que fala d'Annunzio, cujas bocas, ao passar, inflamam d'amor o ar que respiram...

O quarto do Sergio era o seu santuario: ali vinha purificar-se da sua vida intensa de pecadora.

Trocados os ultimos beijos, soltos os braços do pescoço do amante, voltava desempenhar o seu papel na vida; e então voltava a ser a Margarida que o teu «spleen» procurava, a mundana encantadora e perfida, com o seu ar «canaille» e o seu perfume estonteante de violetas, a atrair-nos com seus olhos languidos e surmoia e o seu sorriso scintilante de marmores e seduções.

—E afinal como acabou esse romance?

—Pela morte dele. O Sergio suicidou-se.

—Pobre rapaz.

—Estava para casar. A noiva uma burguezinha honesta ao saber que era atraiçoada, não resistiu ao desgosto. O sol da desgraça queimou aquela açucena ainda na haste!

—Pobre criança!

—O Sergio sentiu então um grande vácuo na existencia.

Tenalhado num incomensuravel remorso, tornara-se lugubre e taciturno. Já não visitava a amante. Passava os dias no cemiterio conversando com a noiva, desfolhando malmequeres, florsinhas que ela amava,

Um dia encontraram-no morto no seu quarto de estudante. Satisfazendo-lhe o pedido que deixava ao morrer, a familia enterrou-o num coval junto da sua noiva.

E desde então duas mulheres veem trazer-lhes flores singelas e orvalhar-lhes as sepulturas de lagrimas: a mãe da noiva e a amante do Sergio.

—Tem graça! O que é o pecado! Quer dizer, aquelas duas almas noivando na pureza do espaço, nem mesmo na morte puderam ser felizes: entre elas lá está o Pecado a separa-las para sempre. Chega a ser um sacrilegio!

—Não digas isso, meu amigo! O amor, quando é sincero, é santo e abençoado. Se Cristo perdoou a Madalena porque muito amou, porque não hão-de os noivos agora felizes na morte, perdoar á infeliz pecadora que se redimiu amando...

—Não! A noiva de Sergio nunca lhe perdoará!...

—Enganas-te. Já lhe perdoou.

—Como o sabes?

—Pelos malmequeres que Margarida colheu e desfolhou na sua campa.

—E que diziam eles?

—Que ela lhe queria muito...

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3982-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães. Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 19 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2298 — Endereço tel. CAPITAL. Oficina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

QUESTÕES DO DIA

O IMPOSTO DA FOME!...

Onde se demonstra que o denominado imposto do comercio maritimo será decisivo para dar fim ás querelas, matando á fome os querelantes...

Em regra, um unico ponto de vista guia os estadistas portuguezes, quando procuram solucionar as questões que encontram ao tomarem conta do Poder. Esse criterio é puramente fiscal. Arrancar dinheiro á Nação para suprir as deficiencias dos orçamentos do Estado, eis o grande problema! Pouco importa que, para arrecadar mais ovos, se mate a galinha; a questão principal, mesmo a unica, é esta: extorquir dinheiro á actividade publica, ainda que ela tenha que desaparecer totalmente. A simplicidade desta concepção administrativa evidenciou-se, mais uma vez, no Ministerio do Comercio, que se apressou, mais do que era legitimo, a mandar executar o decreto monstruosamente denominado de proteção á navegação mercante portugueza, embora se corra o risco de matar á fome a população trabalhadora de Portugal. Já demonstrámos, duma forma que nos parece irrespondivel, que a cobrança do imposto não servirá para proteger a marinha mercante; vamos expor, cruamente, as consequencias a que a sangria fiscal arrastará a vida nacional, influindo catastroficamente em todos os ramos da nossa economia. E é muito facil fazê-lo, porque basta analisar a influencia que a cobrança do imposto vai exercer, para uma maior carestia da vida, incidindo sobre o preço dos generos alimenticios indispensaveis á manutenção das forças fisicas do individuo.

Tratemos de exemplificar, apresentando alguns casos, dos mais vulgares:

Um vapor de pequena tonelagem, 1.400 por exemplo, pagava pela lei revogada 1.400 escudos. Pois agora, graças á influencia exercida pelo decreto tão apressadamente posto em execução pelo Ministerio do Comercio, pagará 17 mil escudos. Simplesmente uma diferença, para mais, de 15.600 escudos!

Admitir que o armador se resignará a entregar esse aumento ao fisco portuguez, sem tratar de o compensar numa correspondente elevação de frete da mercadoria, é dar foros de verdade ao absurdo. Será o consumidor do genero importado que pagará tudo,—e ainda mais alguma coisa, como é da invariavel costume em casos tais.

E' claro que se houvesse superabundancia de praça em navios nacionais e estes fossem em numero mais que suficiente para bastar a todas as necessidades do nosso comercio de importação, evidentemente que resultaria vantagem para a marinha mercante portugueza, que concorria vantajosamente com similar instituição estrangeira. Mas a hipotese não se dá, desgraçadamente. Já o demonstrámos no artigo anterior.

De modo que o comercio importador, forçado, pelo imperio das circunstancias, a carregar em barcos estrangeiros, a estes entregará, egualmente, o imposto cobrado pelo fisco portuguez, indo embolsar-se, por sua vez, na elevação do custo do genero importado, vendido a retalho. O beneficio será, unica e simplesmente, para o armador estrangeiro, que se compensará no montante do frete, aproveitando a oportunidade para o elevar mesmo além da compensação e lançando para as costas do governo portuguez, que os tem largas, o odioso da extorsão. E eis aqui como a chamada lei de proteção á marinha mercante nacional redunda simplesmente em escandaloso favoritismo aos armadores estrangeiros. Deve confessar-se que, no genero, é uma coisa perfeita!

Um outro exemplo demonstra quanto o proprio Estado é prejudicado, apesar de cobrar um imposto que excede tudo quanto se poderia prever de humanamente possivel. Referimo-nos á importação de trigos que, como se sabe, é feita por conta do Estado.

Suponhamos um vapor carregado com 6:000 toneladas de trigo importado da America. Antigamente pagava 6:000 escudos de imposto do comercio maritimo. Agora pagará 73:000 escudos. Uma diferença de 67:000 escudos! Ora estes 67 contos serão desembolsados, primitivamente, pelo proprio Estado, que é importador ou então, pela firma ou pelas firmas portuguezas, que com ele contrataram a importação.

E, em qualquer dos casos, ou o Estado se resigna a perder os 73.000 escudos ou tem, fatalmente, de os distribuir no preço do trigo e do pão, que com ele se faz, e constitue, muitas vezes quasi exclusivamente, a alimentação das classes menos favorecidas da fortuna. E' o Imposto da Fome, lançado impiedosamente sobre os Miseraveis! E se Portugal, como realmente acontece é um paiz de pão caro passará a ser um paiz de pão carissimo. E, se Portugal, é como realmente é, um paiz de mau pão, passará a ser um paiz de pão pessimo.

E com pão pessimo e carissimo condena-se á morte por inanição uma parte da população portuguesa e depaupera-se horrivelmente a geração futura, já presagiamente condenada por outros factores entre os quais se contam as miserias inextinguiveis da tuberculose e da sifilis.

Eis como se desenha um pavoroso futuro á desgraçada população do Portugal de amanhã!...

✦✦✦

Os dois exemplos que acima vão expostos são suficientes para esclarecer a opinião publica sobre o que é, o que vale e para que serve o «Imposto da Fome». Mas ha mais, senão melhor, pelo menos tão bom como o que exposto fica. Temos de o reservar para outro artigo.

As finanças da Europa e os Estados Unidos

Um delegado do governo de Viena chega a New York

NEW-YORK, 19.—O dr. Clemous Pirquet, de Viena, chegou a esta cidade com a missão de insistir junto do congresso para que este corpo legislativo apresse a discussão da moratoria da divida de 25 milhões de dollars.

A renuncia da reclamação desta divida pelos Estados Unidos, é um dos alvos do sr. Schuler, ministro assistente das finanças da Austria.

A comissão financeira da Liga das Nações elaborou um complicado plano de restauração da Austria que está pronta a executar se todos os paizes que tenham reclamações ou creditos de guerra contra a Austria renunciarem a recebe-los durante vinte anos.

A França, a Inglaterra, e outros paizes já concordaram em esperar. Herr Schuler declarou que umas setes nações não aceitaram ainda a moratoria, mas estão dispostas a faze-lo, se os Estados Unidos a aceitarem.

Os 25 milhões provem da importancia do trigo fornecido á Austria, depois do armisticio, pela Corporation de Cereais dos Estados Unidos e vencem-se daqui a tres anos.—(Lat. Am.)

Com a corda na garganta...

WASHINGTON, 19.—Consta á «Chicago Tribune» que uma nação da Europa já informou os Estados Unidos da sua impossibilidade de pagar-lhe os juros que se vencem no proximo mez ... —(R).

Já não se receia o raquitismo

Desde que se descobriu a «Lipobiase», extracto glicerinado de oleo de figado de bacalhau, para tonico das creanças, auxiliado com a «Farinha Lacto-Bulgara Lecilinada» de que é depositario exclusivo Raul Vieira Ltd. Rua da Prata, 51.

Sem pão e sem casa!...

Eis a triste condição a que muito possivelmente, ficará reduzida a população de Lisboa, em breves tempos

Com o aumento imoderado das tarifas ferro-viarias e com o lançamento do nunca assás celebrado Imposto da Fome, vamos todos nós, portuguezes de trabalho, ficar reduzidos a comer o pão que o diabo amassou,—e em quanto o houver!... Para complemento de tão boa obra, o Estado esforça-se por nos arrancar o abrigo, forçando-nos a procurar na vida ao ar livre o meio de fugir á implacavel ganancia do fisco. Andaremos a monte, todos nós e daqui a pouco tempo, perseguidos pelos malsins das Execuções Fiscais!

Já aqui expozemos, com clareza, a injustiça da chamada contribuição sumptuaria sobre rendas de casas. A propria palavra diz que o imposto é lançado sobre o luxo. E para o legislador, foi considerado luxo habitar um casebre de 50 escudos mensais de renda. Nós preguntamos simplesmente a esses luminares onde vão eles descobrir uma habitação onde se pague renda inferior a 50 escudos mensais. E' verdade que eles poderão responder-nos que até ha habitações gratuitas, como por exemplo, as furnas de Monsanto, os bancos dos passeios e avenidas ou qualquer cubiculo regeitado pelos cães vadios.

Todos sabem (menos os legisladores e os nossos tão apreciados e benquistos Homens de Estado) que um andar de predio se não obtem por menos de 200 ou 300 escudos mensais; e as proprias casas antigas, cujos inquilinos foram beneficiados pela lei do inquilinato, sofreram uma elevação no preço das rendas, apezar de serem habitadas, em regra, por familias pobres, cujos chefes vivem «au jour le jour», horrivelmente castigados pela continua elevação do custo da vida.

Exigir, pois, uma contribuição sumptuaria de 120 escudos a quem habita um pardieiro de renda mensal de 50 escudos, é escarnecer da pobreza alheia, mostrando um desconhecimento criminoso das precarias condições economicas da cidade de Lisboa.

E esses 120 escudos são um minimo, porque sobre as rendas superiores a 50 escudos incidem contribuições que são de pôr os cabelos em pé!

Convem recordar, a proposito, que o povo de Lisboa reclamou do Governo Provisorio da Republica a abolição da contribuição de renda de casas, logo após o movimento que deu ganho de causa ás democraticas instituições.

Foi mesmo nessa ocasião que o sr. Afonso Costa pronunciou aquele celebre discurso em que afirmou que o proprietario era apenas mero detentor do que dizia ser seu. O sr. Afonso Costa deixou discipulos, que parece querem suplantar o grande e inventivel Mestre. Agora, já nem se distingue entre o proprietario rico e o inquilino pobre.

Este é tambem um mero detentor e foi talvez por isso que se lhe arrumou para cima com a contribuição sumptuaria, forma hipocrita do restabelecimento da odiosa decima de renda de casas. O pobre diabo que paga 50 escudos por um miseravel tugurio onde esconde a sua miseria e que, portanto, não conseguirá, por mais que faça, reunir para entregar ao Estado a contribuição de 120 escudos que incidir sobre o seu luxuoso viver, esse desgraçado que dificilmente ganha os indispensaveis escudos para a gamela diaria com que mata a fome a si, á mulher esqueletica e aos filhos raquiticos e famintos, esse parta da sorte ingrata verá a sua casa invadida pelo fisco, será despejado do catre onde dorme e das esfarrapadas roupas com que se cobre e lançado, á coronhada, se fôr preciso, para a intemperie das ruas!

Eis o que nos espera, se a lei não fôr revogada. A esperança, porém, que nos resta é que não haverá forças humanas capazes de executarem tão apavorante crime!...

SEGREDOS Á TODA A GENTE

Os pobres

Nunca houve tantos pobres em Lisboa—salvo no tempo em que o riquissimo Bekford se permitiu ao luxo de vir passar um tempo, entre os laranjais floridos e os quinteiros viçosos deste Portugal risonho, alegre e feliz. Não sei ainda como os pobres de Lisboa não ressurgiram já, com os novos estatutos aprovados pelo ministerio do Trabalho, a sua antiga associação de classe, que tão celebre se tornou e tão decisiva influencia teve na alta sociedade portugueza no seculo XVIII. E' natural que a isso se oponham os altos interesses da Assistencia Publica—instituição modelar á sombra da qual se justifica o habito rendoso de pedir esmola, nas ruas de Lisboa. O certo é que se ressurgir de novo, em pleno seculo XX a associação do seculo XVIII —assistiremos ao caso curioso e inquietante de ver ulistar-se, como socia, a maioria da população portugueza. Mas condições economicas produziram tantas e tão complexas modificações na vida dos paizes e por consequencia na vida de cada um de nós, que hoje, meus amigos, para tudo é necessario ter dinheiro—até para estender a mão á caridade publica. Até para não ter dinheiro.

—Dê cá meio tostão, disse um avarento, dando um tostão a um pobre.

—Não tenho, meu senhor,

—Bem. Outro dia lhe darei esmola.

—Valha-nos Deus, exclamou o pobre, até para pedir hoje é preciso ter dinheiro...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

O novo governo dos soviets

HELSINGFORS, 19. — A lista dos comissarios do povo russo, ficou assim constituida: presidente Lenine, vice-presidente Rykov, comissario do trabalho Shmidt, comissario dos correios e telegrafos Dovgalewsky, comissario dos abastecimentos Brukhanov, comissario do Comercio exterior Krassine, comissario do interior e dos transportes Dzerjinsky, comissario da guerra e da marinha Trotsky, comissario dos negocios estrangeiros Tchitcherine, comissario da justiça Kouresky, comissario da saude publica Samochke, comissario das finanças Krestinsky.—(R).

VELHINHOS

QUADRO RUSTICO

por D. Laura Robido Guimarães

A Tereza Leitão de Barros

Cai neve lá fóra. De vez em quando o vento bate rijo de encontro ao portal, mal seguro nos gonzos ferrugentos, ameaçando abrir-se e deixar entrar o frio da noite.

Na lareira enfumada, ardem lentamente os restos de troncos de azinheira espirrando por momentos fagulhas luzentes e, como em fogos de artificio, veem-se subir cheias de vida, mas breve desaparecem no mistério das trevas, como ilusões que se acabam, esperanças que morrem...

A candeia alumia froixamente, dando, com a sua claridade vacilante, tons fantasticos aos cangirões de barro, ás louças modestas, aos metais areados, que, junto a restos da ceia, ainda se conservam sobre a mesa de solidas madeiras, á qual tantas gerações se assentaram na Noite de Natal para festejarem o Nascimento de Jesus!...

Hoje, os filhos e os netos tinham abalado para irem ouvir a Santa Missa. Ficava longito a Igreja da sua freguezia, mas os sinos tocavam tanto a chamarem, alegres e apressados!... Ouviam-se tão bem a vibrar lá distantes, na atmosfera limpida desta noite de inverno, de uma luz azulejante e egoural... nem davam conta que a distancia era grande, e os passos soavam mais apressados na terra endurecida dos caminhos, ligeiros, sem canceiras nem enfados, impacientes por chegarem!...

A's vezes uma estrella corria no céu, deixando um traço luminoso, rapido, sem dar tempo a formular um desejo, conforme diz a crença popular; só no pensamento acudia o simbolico «Deus te guie!» e os olhos ficavam-se a fitar o vasto espaço, tão distante, e tão profundo.

Na lareira continuava a luzir o brazido. Dois velhinhos sentados junto dela, um ao lado do outro, falavam baixinho, lentamente, com voz tremula, cançada; ela passava maquinalmente entre os dedos, já deformados, as contas de um rosario, ele, encostava-as mãos hesitantes ao cajado, que o amparava no seu andar incerto.

—«Lembras-te, Maria, quando eramos novos?... quando eu te esperava na volta da estrada para irmos juntos ouvir a missa desta noite?! Louvado seja Deus! quantos anos já lá vão! nem eu sei bem quantos, mas são muitos com certeza...

—«Sim! sim! bem tempo, meu homem, eramos novos, fortes, cheios de saude, o trabalho não nos fazia medo, nem nos dava canseiras! a pobreza não nos amofinava... trabalhavamos com alma... os anos passavam, num instante, sem darmos por eles!! Meu pai não levou em gosto que fosses o meu derriço... e anda lá que não deixava de ter sua razão...—e sorria, mostrando as gengivas sem dentes—sim... tu não fosto nenhum santo... as moças desse tempo que o digam... se ainda podem falar! E para varreres uma feira quando pegavas no vinho?! não fazias ceremonias... boas inquietações me davas...

—Pois sim!... mas sempre casámos... e dize lá se estás arrependida?!... tivestes muitas razões de queixas?!... e cá quinando uma risadinha—Não tivemos um rancho de filhos que se podem ver?!... Sádios, desempenados... As cachopas já todas casadas, os maridos, criando os filhos... olhando pelo que é seu!... E eles?... é vê-los no amanho das lavouras, á torreira do sol, sem medo ao calor, nem ao frio!... olha lá! ninguem abre um rêgo nas terras com mais certeza do que o nosso João... e como ele fala aos animais?!... Chega... «Esperto...» anda p'ra diante «Mourisco...» sempre a cantar ao arado, é um gosto ouvi-lo!... Ai! Maria, a gente nunca havia de envelhecer!... E ao chegarem as ceifas, o nosso Zé como ele aí se desunha, todo o santo dia que nenhum lhe põe o pé adiante!... não descança enquanto não vê o trigo todo nas eiras... quem pudesse fazer como eles... quem pudesse!... Agora estou p'ra aqui... não presto para nada... as mais das vezes a gemer com dôres, a vista a fugir... as pernas já parece que não podem comigo!...

—Então que lhe há-de fazer Manel!... já fomos novos, já fizemos o nosso dever... agora é vê-los a êles a medrarem e nós... a minguarmos. Tambem eu não penha na ideia que esse tempo havia de acabar, e acabou!... Quando me nascia um filho parecia que até os dias eram maiores para a labuta, era uma sorte grande que me entrava em casa!... e todos se criaram, e saltavam e riam ao redor de mim... nunca me enfastiaram os filhos...—e a sua voz entrequecida tinha uma ternura infinita no seu tremor de carinho.—

—Eu fazia a arrumação da casa, numa volta de mão!... em havendo um léu, caminho do rio lá estava a lavar e a bater a roupa, as meudas a chafurdarem na água... e a gritarem como cotovias...

—Bom susto nos pregou o Jóquim, daquela vez que lá caiu... lembras-te?...

—Se me lembro!! foste tu quem lhe valeu... ouviste-me a chamar tão aflita!

—Paderal com tanta sorte que a nossa courela era ali perto, e eu, a trabalhar nos alqueives e sempre a vê-los...

—Ao meio dia, vinhas tu ter com a gente, e seguiamos juntos caminho de casa. O jantar pronto, e tudo a comer em volta daquela mesa... a canalha meuda... toda lambuzada de sopa... os olhitos muito vivos... o Antonio sempre a bulhar com os irmãos... era o mais rebelde... um vivo azougue!... mas todos comiam como lobos... Graças a Deus! Hoje são os netos, mas esses não os verei por muito tempo. Quando eles casarem, estaremos nós há muito com Deus!... Paciencia...—e os dedos tremulos principiaram de novo a passar lentamente as contas meudinhas do rosario.

—Que remedio! — dizia-lhe ele, olhando tristemente a lareira, e com o cajado revolvia a cinza apagada... mortos... onde já não havia lume, nem luz, nem calor...

—Tudo se acaba!—murmurou, os olhos a fecharem-se-lhe com sono, mas... num esforço sacudindo o entorpecimento, e querendo fitar mais uma vez a sua fiel companheira de tantos anos, companheira na alegria e nas tristezas, na decrepitude desolada, como o tinha sido na mocidade em flor, balbuciou, vendo-a já a dormir serenamente, as contas do rosario a desprenderem-se-lhe das mãos:

— Estamos velhinhos!... estamos velhinhos!...

E adormeceu tambem...

Lisboa, 1 de janeiro de 1922.

ARTE E ARTISTAS

A exposição de Alberto de Souza

Alberto de Souza, o pintor admiravel de arquitetura, expõe mais uma vez no velho convento do Carmo, o melhor ambiente que a sua obra de artista soube escolher para emoldurar os seus cartões.

Como sempre são os interiores, os aspectos das velhas catedrais que marcam no 1.º plano, na serie esplendida de Viseu, na «Sala dos Actos Privados» da Universidade de Coimbra no «interior de um bric-a-brac» obras completas em que o artista, na posse perfeita do seu talento e de um equilibrio estavel, se afirma na plenitude de um homem que venceu.

Não encontramos um cartão fraco, hesitante; por todas parte ha o cuidado do detalhe que prende a atenção acusando uma tecnica segura de mestre.

Quizemos trazer todos os quadros na retina; e agora á hora em que escrevemos, relembramos as horas passadas em absorta contemplação de tantas obras que como a «Capela dos Remedios», impozeram definitivamente um grande artista.

As tragedias do mar

Um transporte americano em perigo

WASHINGTON, 19.—O transporte da esquadra americana Crook telegrafou pela telegrafia sem fios que se acha a caminho de Nova York navegando a toda a velocidade para evitar um terrivel furacão, metendo agua por ter algumas placas amolgadas. O transporte conduz 912 oficiais repatriados e tropas. Julga-se que apezar do Crook ter mandado radios não estará em perigo de naufragio a não ser que o furacão tome a direcção norte e alcance o transporte. Neste caso as vidas das pessoas a bordo perigariam. Os radiogramas do Crook pedem aos navios proximos que estejam prontos ao primeiro aviso para prestar socor ro se fôr preciso.—(Lat. Am.)

A REFORMA DO MINISTERIO DOS ESTRANGEIROS

NOTA OFICIOSA

Não é exato que o sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros tivesse conferenciado com o sr. dr. Veiga Simões, antigo titular da pasta, acerca da redação do decreto que suspende a execução do diploma organico daquela secretaria de Estado, assunto este de que não se tratou.

A minha viagem á Alemanha

— POR —

Charlot

(Charles Chaplin)

A canção é triste, simples, com as modulações insinuantes proprias da musica russa. A orquestra em que os violões e os violoncelos predominam, toca com um sentimento penetrante como se á volta de nós se estendesse um estranho encanto.

Ela tem elegancia e graça; ela força a atenção, mesmo aqui neste restaurante. A canção faz-se um pouco melancolica. Ela canta agora com todo o sentimento, como se estivesse a representar um drama.

E bruscamente tudo muda. A musica toca com entusiasmo selvagem. Ela segue-a. Balança a cabeça como uma boemia hungara; dir-se-ia que ela inflama cada nota. Mas apenas começado, o entusiasmo da musica apleca-se e, então, com uma estranha doçura ela põe-se a cantar de maneira langorosa. Por momentos parece exprimir a inquietação; depois com um esforço apenas sensivel, tanto ele é graduado, o tom eleva-se e sobe em crescendos tragicos para atingir os paroxismo e apaziguar-se de novo. E' penetrante, comovente e triste.

A sua personalidade revela-se em cada um dos sentimentos que o canto exprime. Ela é ao mesmo tempo cheia de finura, de ardor, patetica e selvagem. Quando ela terminou, aplaudiram-na com indiferença, salvo alguns admiradores expontaneos que assistem, ao passo que outros apenas reparam nela.

Mas ela não se inquieta. A vêr a sua cara, adivinha-se que para ela a unica satisfação está no proprio canto. Que maravilha, cantar assim com o coração, com a alma e com a voz ao mesmo tempo. Ela sorria discretamente e sentou-se modestamente.

Adivinhava-o, ela é russa. Tudo nela dá que pensar. Ela é a alma do temperamento, do talento, de emoção verdadeira, e dizer que tudo isto está encafuado no restaurant do Rato Morto! Que sensação ela produziria na America com um pequenissimo reclame! Não são mais que pensamentos fugitivos, mas uma série de projectos se apresenta ao meu espirito.

Julgo vêl-a nas «Folies» com uma «toilette» esplendida e cantando precisamente a canção que acabou de nos fazer ouvir. Não compreendi uma só palavra, mas cada silaba acordou em mim um sentimento. A arte é uma coisa universal que não tem necessidade de linguagem. Ela possue tudo, na verdade, desde a gentileza á paixão e com isto uma beleza rara. Aplaudo muito, muito e ela vê-me; corri e para mim é isso o bastante para me consolar.

Elas puzeram-se a dançar de novo, as duas e enquanto elas estão fóra da minha vista, chamo o criado e mando-lhe trazer uma garrafa de champagne para a mesa delas. Quando voltam, veem a garrafa, chamam o criado e o perguntam-lhe quem a oferecera. O criado recusa-se a responder.

—Bem! Tanto pior, e muito obrigado, seja a quem fôr, disse ela.

Então o criado, com toda a ingenuidade dirige-se a nós para nos transmitir os agradecimentos e elas ficam sabendo que fui eu. Sorriem um pouco, mas não olham para nós.

O criado informa-me que ela está contratada no café. O patrão do estabelecimento aproxima-se então de nós e apresenta-no-la e ela sentase numa mesa emquanto a sua companheira de cabelos pretos executa outra dança.

Fala duma maneira encantadora e sem nenhum embaraço.

Fala tres linguas: francez, inglez e russo. Seu pai era um general do regimen do czar. Compreendo agora o que de impresso ha no seu aspecto.

—E' bolchevista? pregunto-lhe.

Ela cora, os labios fazem um trejeito de desprezo e a boca assomam palavras inglezas. Diz-se o que todos ela era fogo.

—Não, respondeu por fim. Eles são maus. Bolchevista é sinonimo de malvado.

Os olhos despedem relampagos ao dizer isto.

—Então é burgueza?

—Tambem não.

A voz é palpitante de vida, mas o vocabulario é pobre.

—Bolchevista, boa ideia para entreter o espirito, mas pessimo na pratica.

—Viu alguns exemplos em abono dessa opinião?

—Vi. Meu pai, minha mãe, meu irmão, todos estão na Russia e muito pobres.

Minha mãe é bolchevista, meu pai burguez. Os bolchevistas foram odiosos para mim. Insultaram-me? Que havia de fazer? Fugi. A ideia bolchevista é boa, mas tão para pôr em pratica.

—E Lenine?

—Homem habilissimo. Trabalha sem descanço pelo bolchevismo, mas este não é bom para toda a gente. Apenas bom para entreter o cerebro.

(Continua)

A questão das aguas

Vae o sr. ministro do Comercio resolver, segundo se diz, no que pertence ás suas atribuições, a grave questão do abastecimento das aguas á cidade de Lisboa, a eterna questão que todos os anos provoca, ao aproximar-se o verão e portanto a falta de agua, as mais clamorosas reclamações, que logo cessam apenas chega o inverno. Mas o sr. ministro do Comercio, atendendo á situação do pessoal da Companhia, que pede com justificados motivos, fortes aumentos nos seus vencimentos e salarios, o que custará algumas centenas de contos e receando que a Companhia deve ser aliviada de seus encargos, agravados principalmente pela crise cambial, de trocas a que vae o acrescimo no consumo do vel e as materias primas, limitar-se-há a uma solução provisoria que de ... já ... novo contrato ainda dorme nos arquivos parlamentares, e cuidará «seriamente» das obras «indispensaveis» que é preciso realizar para que já no proximo verão, daqui a seis meses apenas, o perigo seja menor e não corramos os maiores riscos?

Como entendemos que os operarios da Companhia das Aguas tratem dos seus interesses e que igualmente os defenda todo o restante pessoal, aflito com a carestia da vida. Não levamos a mal que a Companhia a braços com uma crise tremenda e tendo sobre si a responsabilidade tremenda do abastecimento da cidade, procure os recursos indispensaveis para viver.

Mas um homem novo como é o sr. ministro do Comercio e desejoso de marcar a sua passagem pelo governo não pode cuidar só do pessoal ou da propria Companhia sem lhe olhar estas coisas de muito mais alto e daí ha o andamento que o «empata» nacional tem retardado tanto tempo.

Tem que aumentar-se o preço da agua? Pois que esse sacrificio se faça mas seja util, que se não limite a um «expediente», mas se traduza numa «solução».

A cidade receberá bem o sacrificio desde que ele reverta na sua segurança, entendo-se abertamente nas obras a realisar, ao menos nas de maior urgencia.

Diz-nos não que custa milhares de contos a duplicação dos syphões e a construção de grandes reservatorios. Mas se tudo isso não se faz duma vez, nunca se fará se não se começar.

Exortamos pois o sr. ministro do Comercio a que tirando á Companhia o pretexto para desculpas de falta de recursos desde que lhos faculte no aumento do preço, lhe exija rodeando-se de todas as cautelas que dê começo logo a seguir ás obras mais importantes de modo que em 1922 Lisboa esteja já ao abrigo do perigo que todos os anos a sobresalta.

Infelizmente esta questão das aguas tem-se arrastado de ano para ano sem ninguem a resolver.

Só vemos lastimas por parte da Companhia, evasivas dos poderes publicos. Agora o sr. ministro do Comercio vai entrar resolutamente na questão?

Pois não se prenda com restricções que só redundam em prejuizos. Já que o consumidor tem que ver cotada alto o preço da agua, que ao menos saiba e reconheça que assim pode dormir tranquilo sem o espectro da falta de agua á sua cabeceira!

Caixa Geral de Depositos

Nota dos individuos falecidos no estrangeiro e ultramar, e cujos espolios deram entrada na Caixa Geral de Depositos durante o mez de dezembro proximo findo:

André João Pereira, Francisco Trocho, João das Chagas Carocho, Joaquim Pinto dos Santos, José Rodrigues Folgado, João do Coyri O'Niel, João Correia, Jacques Cherson, José Pereira, Americo da Costa Campos, Augusto de Sousa Neves.

O FUTURISMO

Em todos os tempos e em todas as manifestações da actividade mental do homem ha moços que por abrirem os olhos á luz pensam que descobriram o mundo.

O futurismo é uma manifestação da ingenuidade juvenil. Labrigados com a seiva desbordante da mocidade, os jovens raramente percebem que essa fase por que eles passam, já os velhos a viveram tambem, provando-lhe os mesmos sentimentos e as mesmas sensações, que mais tarde a experiencia corrigiu, pondo tudo em sua verdadeira luz.

O futurismo é um fenomeno psicologico contemporaneo da humanidade. Todo o rapaz é sempre de opinião que os velhos não compreenderam a vida e que só ele moço é que soube vel-a sob o seu verdadeiro prisma.

Nós todos passamos por essa fase de entusiasmo e de encantamento, para depois entrarmos no periodo dos desilusões e dos desencantos.

Portanto, é preciso muito cuidado com os entusiasmos juvenis. Todo o futurismo, fruto do ardor da mocidade, que pretender desconhecer os esforços passados da humanidade inteira, é ingenuidade.

Todos os genios da humanidade, do passado inteiro, foram futuristas nesse sentido em que eles foram personalissimos, tendo tudo submetido á sua maneira e concepção propria, mesmo porque se assim não fossem, eles não seriam genios. A banalidade é a negação do genio. Genio é o que faz outra algo de novo para a humanidade.

Todo o futurista é um ingenuo convencido que só ele tem talento e o resto da humanidade inteira, presente e passada, se compõe de imbecis. Qualquer futurista pretende ser um reformador integral de tudo, sem se lembrar de que para tanto lhe falta o genio, unica coisa capaz de transformações.

O futurismo só é legitimo enquanto ele pretende que a arte e a literatura correspondam ao pensamento, ao sentir e á vida actual do homem em todas as suas manifestações.

Na maior parte dos casos o futurismo é simplesmente incultura, ignorancia, falta de estudo, preguiça de trabalho, com a consequente pretenção de tudo querer mudar sem se dar a paciencia de estudar o esforço das gerações passadas. O futurista tem a ingenuidade de pensar que ele só é inteligente e que os milhões de homens presentes e passados da humanidade inteira são uns imbecis que nada viram e nada souberam compreender.

O futurismo é capaz de todas as aberrações e está estragando e inutilizando muitos jovens que, melhor orientados, e se soubessem estudar seriamente, poderiam ser uteis á arte e á literatura.

O futurista em regra é um novo que, ou não tendo talento ou não tendo estudo de estudar, quer chamar a atenção sobre si, e, para tanto, não vê outro meio senão o escandalo e a extravagancia, o absurdo e a fantasia das suas inovações muito vez grotescas e insensatas.

O futurista em regra não estuda nem conhece a literatura classica e pretende tudo mudar, tudo desconhecendo. O futurismo é em politica o bolchevismo que deu na Russia os tristes resultados consistentes na miseria e na fome generalisadas no paiz inteiro por milhares de individuos.

O futurismo, pretendendo inovar, traz dogmas e, portanto, inutilizou-se e morreu. Toda a escola em arte e em literatura é uma asfixia. Nenhum genio jámais pertenceu a nenhuma escola. Só os imitadores, os pygmeus pertencem a escolas. Cada genio tem a sua propria escola. Quem imita ou segue escola não tem poder criador. Quem se submete a uma escola não tem individualidade nem idéas proprias.

Tudo quanto pensamos, tudo quanto temos no cerebro, toda a nossa idéas, a arte, a sciencia, a literatura, tudo isso é fruto do trabalho das gerações passadas, que no-los legaram. Como pretender ignorar e despresar tudo isso? Fazendo-o, não vamos muitas vezes senão repisar o que já foi feito e dito ha muitos seculos atraz.

Nem cincoenta milhões de futuristas valem um Shakespeare, um Miguel Angelo, um Beethoven.

Os futuristas pretendem ser uns vicentes, uns apostolos de uma nova verdade. São outros tantos Mahomets o têm a mesma intolerancia. Ou se crê neles ou eles fulminam os scepticos com o anathema do dogma futurista. Eles são videntes ou apostolos, na propria opinião, e tanto vale qualifica-los como uns ingenuos, porque o mundo está á vista de todos, tal qual ele é, desde que existe a humanidade e está evidentemente, para saber ver e raciocinar, não ficou á espera, ha vinte seculos, dos futuristas.

O fenomeno do futurismo é conhecido da psychologia humana ha muitos seculos. Em todos os tempos, em todas as manifestações do espirito ha moços inexperientes que, por abrirem os olhos á luz pensam que descobriram o mundo. O futurismo é uma manifestação da ingenuidade juvenil. O futurismo é um fenomeno psychologico contemporaneo da humanidade. Adão, os vinte anos, era futurista, aos trinta, sceptico, e aos quarenta, realista.

Todo o moço é sempre de opinião que os velhos não souberam nem saber compreender a vida e só ele, o jovem de vinte anos, é que sabe vel-a sob o seu verdadeiro prisma.

Ha sempre na humanidade, em todas as suas manifestações de vida, um espirito louvavel de renovação que leva ao progresso, uma vez contido dentro dos limites da razão, da reflexão. Esse espirito, porém, tornase condemnavel quando se transforma em espirito de novidade que se apossa de tudo quanto é novo pela só razão que é novo.

Nem tudo que é novo presta só porque é novo. Nem tudo que é velho é condemnavel só porque é velho.

Em quasi todos os futuristas ha uma notavel falta no estudo como tambem em regra ignoram eles tudo quanto é sciencia.

A Arte tem que evoluir diariamente, mas por outro lado ela obedece a principios eternos e imperecíveis. O mundo é sempre o mesmo mundo e o homem é sempre o mesmo homem atravez de todos os seculos. A beleza é o que agrada aos sentidos ou ao espirito do homem. Se a arte é a natureza vista atravez dum temperamento, ela obedece a normas tão eternas como eternos são os fenomenos naturais todos em que ela se baseia.

Todas as belas artes devem fundar-se em conhecimentos scientificos. Todas as belas artes são mais ou menos representações de fenomenos objectivos ou subjectivos e, portanto, elas são obedecidas e agradaveis na proporção em que se conformam com as leis naturais que presidem a manifestação desses fenomenos. Sem o conhecimento intuitivo ou raciocinado desses fenomenos não ha artista que preste.

A escultura, a pintura, a musica, a poesia, todas as artes dependem do poder de observação do artista. O homem que não sabe observar é um desequilibrado. A escultura ha-de fundar-se eternamente no conhecimento do corpo humano, em todas as suas partes, ossos, musculos, tecidos e assim por deante. Na pintura igualmente não se deve observar-se as leis naturais da perspectiva, do desenho e outras que caracterizam o universo visivel. O que não for baseado nisso, é fantasmagoria. Miguel Angelo e Leonardo Da Vinci eram grandes homens de sciencia, observadores sagazes da natureza humana e dos fenomenos universais, antes de serem artistas.

O futurismo é, pois, uma manifestação morbida de desorientação de espiritos que, por ignorancia ou preguiça, não querem saber o que a humanidade já produziu e pretendem tudo reformar de acordo com concepções cerebrinas engendradas pelo vacuo mental ou pelas anomalias de mentes tarados.

M. P. S.

Economia á americana

Lição aos povos dissipadores

Numa recepção de jornalistas na Casa Branca, em Washington, fez ha pouco o presidente Harding a seguinte comunicação:

«Constato com satisfação que o orçamento americano para 1922 acusa economias de mais de 1 1/2 biliões de dolars.

Não ficaremos, porem, por ahi, porque esperamos durante o ano, economisar mais um bilião.

O orçamento de 1923, em comparação com o de 1921, deverá acusar uma economia de mais de 2 biliões».

A's varias perguntas dos jornalistas disse o presidente Harding:

—Procurem Darves.

Os jornalistas procuraram então o general Charles G. Darves, director do orçamento dos Estados Unidos.

Quais são os seus poderes?—perguntaram-lhe. Devem ser extraordinarios!

—Não tenho poderes alguns—respondeu ele. Pelo menos são muito limitados.

Não tenho o direito de dar uma ordem. Não tenho o direito de assinar nas minhas relações com os ministros, qualquer documento oficial. Não tenho o direito de examinar qualquer documento nos ministerios. Só tenho o direito de obter informações. Sou simplesmente um colecionador de factos que se relacionem com gastos monetarios. Posso, no entanto, mandar reunir os ministros, secretarios de Estado e funcionarios superiores e pedir-lhes simplesmente: Tenham a bondade de me dar este ou aquele esclarecimento sobre o seu orçamento. Queiram explicar-me porque se fez esta ou aquela despeza? Queiram dizer-me porque precisam de tantos empregados?

Teem que responder-me. Tudo se resume nisto.

Não posso indicar uma diminuição de despezas e não posso despedir um unico empregado. Esse direito só o tem o presidente. Este, no entanto, recebe-me a qualquer hora. Digo-lhe, por exemplo:

«Aqui tem os estudos; depois de pesquisas minuciosas, podemos diminuir esta despeza, ou aquela repartição pode trabalhar mais economicamente.»

A's vezes dão-me razão, outras vezes não.

Trabalho ha seis mezes. Findo o primeiro mez, tinha feito de economias 110 milhões de dollars. Agora acusa o orçamento para 1922 uma economia de 1.570.118:323 dollars e 30 cents. Peço para não esquecer os 30 cents, representam uma insignificancia, mas os biliões compõem-se destas insignificancias.

O primeiro ministro que se sentou aqui, em frente do minha secretária, foi o ministro das Finanças.

Considero esse dia historico. Foi numa tarde de julho de 1921 que o ministro, em resultado do meu pedido telefonico, me procurou—o seu subordinado. Deu me os esclarecimentos que lhe pedi. Dau o exemplo: Meus processos? Oh! muito simples.

Nunca ha bons e bem pagos empregados de mais; mas ha sempre muitos empregados com salarios inferiores que são surperfluos e não prestam. Ahi sou inteligente: porque são esses os mais dispendiosos.

O metodo consiste ainda em que animo os funcionarios, os mais elevados como os mais inferiores, a exercerem economia nas mais pequenas coisas. Fundo assim, por dizer, premios para economias.

E' preciso interessar o pessoal que deve ser economico, financeira e moralmente, financeiramente em lhe pagando bem, e moralmente não lhe ordenando, mas incutindo-lhe a responsabilidade de economia.

Cito muitas vezes a velha frase espanhola que devia fixar-se em todas as portas de repartições do Estado: «Não importa o entusiasmo com que és cortejado quando aqui entras, mas sim se se curvam respeitosamente quando um dia daqui saires!»

O director do orçamento americano custa ao Estado 168.750 dollars anualmente, e poupa-lhe 2 biliões.

E' caso para pensar.

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DA RÉCITA DOS QUINTANISTAS DE DIREITO

Ontem á noite os quintanistas de Direito da Universidade de Lisboa reuniram-se para ouvirem a leitura da revista que este ano ha de subir á scena.

Reunião de rapazes, a maior parte rodando pelos 21, teve aquela nota de alegria que só os rapazes sabem dar.

Os comentarios que atravez dos quadros se foram fazendo á vida de estudante, aos lentes e ao meio em que vivemos eram sublinhados com francas gargalhadas.

Por vezes no piano surgia a musica que serviria para este ou aquele numero. E logo se cantava, musicas em voga de todos conhecidas com um grande entusiasmo.

A festa promete ser brilhante e... oxalá que o seja. Ninguem o deseja mais ardentemente do que eu.

A revista dos quintanistas é das mais lindas recordações da vida de estudante. E' o canto do cisne, a ultima explosão de alegria dum grupo de amizades, fomentadas nos bancos duma escola durante toda uma mocidade buliçosa e irreverente, é a despedida de uma vida despreocupada, o primeiro sinal de sentido para o futuro—homem serio!

E' por todos os motivos uma festa encantadora, noite que pela vida fóra se recorda com saudade.

Hoje com as experiencias da vida que passa, foram a pouco e pouco esquecendo as tradições da Academia. Poucas são as que restam. Que elas se conservem pela grande beleza que encerram.

Tempos de estudante!

Lembra-me aquela quadra de Coimbra:

....

«A's vezes tenho vontade
De botar luto por mim»

BOTTO DE CARVALHO.

❖ ❖ ❖

O relatorio anual da Companhia Swift, grandes exportadores de carne, acusa 12 milhões de dollars de lucros. Esta importante quantia é excedida pela importancia das perdas dos valores do inventario de 20 milhões de dollars. O relatorio diz que o «deficit» total da Companhia incluindo 12 milhões de dollars de dividendos, deve ser de 19812291 dollars. O activo da Companhia é superior a 20 % ao passivo. A direcção, por estes dados, preconiza um futuro prospero á empreza.

❖ ❖ ❖

O secretario do comercio, americano sr. Hower e o sr. Mac Adamo, da Associação dos Banqueiros da America, concluiram as combinações que estavam pendentes para uma cooperação entre o governo americano e banqueiros promovendo a industria bancaria dos Estados Unidos no estrangeiro. Agentes do ministerio do Comercio investigarão as condições dos paises que desejam contrair emprestimos nos Estados Unidos. Os emprestimos serão realisados, com prometendo-se os paises devedores a comprar materiais e fornecimentos nos Estados Unidos.

❖ ❖ ❖

Na america nos cinco dias de 3 a 8 de janeiro passaram-se 1490 passaportes, para viagens no estrangeiro e nos ultimos quatro dias de dezembro 1266 passaportes.

❖ ❖ ❖

Segundo um telegrama publicado ontem nos jornais, os famintos russos da Região do Volga degeneraram em antropogafos, tendo se registado já varios casos de antropofagia.

Bem que esteja muito em voga qualquer cidadão declarar-se «comido», ou afirmar categoricamente que «comeu» os outros, a verdade é que na Europa estava de ha muito banido o uso do homem comer o homem no sentido rigoroso da palavra, havendo apenas umas «comidelas» que podiam fazer voltar o nariz mas não punham os cabelos em pé!

Agora porém, é outra coisa.

Na Russia a fome apertou duma maneira horrorosa, e os miseros, considerando que era erro dar aos vermes aquilo de que tanto precisavam, foram adubando a panela com as melhores postas do seu semelhante que possivelmente nas mãos dum cosinheiro habil pode dar petiscos daqui (polegar e indicador na ponta da orelha).

E aqui temos nós mais um progresso que esta Europa retrograda e atrazada fica devendo ao bolchevismo idealista e adeantado.

❖ ❖ ❖

Os leitores sabem o que são microlepideteros? São—vejo-o agora—as mariposas pequenas que causam ás videiras mais prejuizos do que as grandes. Pelo menos é isto o que se depreende do artigo de Pierre Larne publicado na «Revue Scientifique». Entre os varios lepidoteros cita a «piral» (Oenophtira pileriana) que tem quatro traços vermelhos nas azas anteriores; a «cochilis» (Clista ambiguela) que tem uma lista parda nas azas; e a «endemia» (Polierosis botrana) que tem muitas côres. Estes bichorocos que, pelo visto, não tem que fazer, alem do ataque ás vides, atiram-se ainda a outros vegetais; a vide é, porem, aquela que mais sofre as suas furias, desesperando os lavradores.

A «piral» só tem criação uma vez por ano, a «cochilis» duas e a «endemia» trez. A primeira prefere as folhas, as outras as raizes.

Para combater estas «açambarcadeiras» é mister favorecer a procriação dos passaros insetivoros que comem larvas aos milhões. O tratamento mais eficaz e queimar as larvas com agua a ferver—o que as deixa muito consoladas. A caça ás borboletas, durante a noite, feita com lampadas electricas, dá, tambem, optimos resultados, devendo matar-se-lhes os ovos com pulverisações insecticidas.

Aqui está um conselho aos vinhateiros.

❖ ❖ ❖

Em Paris uma mulher que acusara um visinho de lhe roubar quarenta mil francos, reconhecendo pouco depois que acusara um inocente, sentiu tantos remorsos que tomou a deliberação de afogar num rio em que se deitou, acabando com a existencia.

A pobre mulher! Se ao menos ao morrer tivesse legado a consciencia a alguns açambarcadores, ainda o seu sacrificio não seria de todo perdido.

Assim...

Assim, que Deus a livre de saber o pasmo que o seu «gesto» terá causado a vários beneméritos que não se arrependem nem de acusações falsas... nem de roubos verdadeiros.

As artes

—Continuam abertas as exposições Carlos Perfiro e Alberto de Sousa.

MADRID, 19. — Realisar-se-ha no proximo mez de Maio nesta cidade a exposição nacional de Belas Artes.—(R).

ULTIMA HORA

POLITICA

Ordem publica e eleições—Não ha, por emquanto motivo para graves apreensões...

Se bem que o governo conta, absolutamente, com garantias suficientes para a manutenção da ordem publica, parece certo que varios elementos que lhe são adversos, se propõem recorrer a todos os meios para o derrubar, antes de chegar o dia 29 do corrente, fixado para a consulta aos colegios eleitoraes. Os agitadores contam com acontecimentos perturbantes, entre os quais avulta a «gréve» dos electricos, que parece inevitavel, mercê da intransigencia da Camara Municipal de Lisboa. E esta, como se sabe, é quasi exclusivamente composta de partidaristas democraticos.

Os telegrafistas de Lisboa parece que tambem dão mostras de irrequietismo, aparentemente fundado no facto de ainda não terem sido atendidas as suas reclamações sobre as subvenções diferenciais. O nervosismo da classe era, ontem, evidente. E' possivel que hoje, durante o dia, se modifique para melhor.

Embora se guarde sobre isso uma certa reserva, o facto é que teem sido instados alguns dos antigos parlamentares para comparecerem numa projectada reunião do Congresso dissolvido, a efetuar-se no norte. E' a reedição da «mitrala» e da «cambrada.» Os promotores estão, todavia, bastante desanimados, graças á repulsa, quasi geral, da idéa.

O que tambem é certo e absolutamente positivo é que o governo ou, mais propriamente, o seu chefe, sr. Cunha Leal, mantem o proposito firme de realisar o acto eleitoral, só desistindo desse proposito em caso da falta completa da força material que o mantenha e o ajude a consolidar a ordem publica. O Governo está, aliás, completamente persuadido de que tal força lhe não virá a faltar.

Devido a toda esta aparente instabilidade, consequencia da desordem que se apoderou de muitos espiritos, admitta-se hoje a hipotese duma crise parcial do gabinete, mas nos centros oficiais era o facto desmentido da mais categorica maneira. Segundo os mais proximos amigos do Chefe do Governo, não se dará crise alguma, pelo menos uma crise que impeça o sr. Cunha Leal de fazer as eleições, reentrando-se assim e de vez, se os politicos permitissem, na normalidade constitucional.

Uma manifestação militar no norte?

Acerca dum possivel movimento militar que, segundo constou, se preparava no norte do paiz não conseguimos obter nenhuma confirmação oficial. A versão tinha chegado, todavia ao conhecimento do governo.

Durante o dia correu o boato de que as juntas militares preparam para hoje um movimento militar.

Sabemos que nas regiões oficiais igual boato constou, mas por noticias procedentes do Norte, ainda segundo as estações oficiais, nada constava, sendo o socego absoluto.

Os monarquicos preparam um movimento de opinião para muito breve

Constou-nos que os monarquicos das duas facções se entenderam para a realisação de duas manifestações, uma no dia 23 do corrente, em comemoração da derrota do Monsanto e outra no dia 1 de fevereiro, em homenagem aos principes victimados a quando do regicidio.

Estas duas manifestações serviriam de pretesto para uma verdadeira parada de forças.

Provedoria da Assistencia Publica

Visita do sr. ministro do Trabalho

O sr. dr. Alves dos Santos, ministro do Trabalho, visitou pelas 14 horas de hoje todas as dependencias daquela benemerita instituição.

O sr. ministro do Trabalho foi acompanhado nessa visita, bastante demorada, pelos seus secretarios e provedor da Assistencia Publica.

POEIRA DA ARCADA

Realisou-se hoje uma demorada conferencia entre o sr. ministro das Finanças e os srs. Inocencio Camacho e Adrião de Seixas, respectivamente, governador e secretario geral do Banco de Portugal, e dr. Alberto Xavier, director geral da Fazenda Publica. Consta que se tratou da questão cambial.

❖ ❖ ❖

Vai ser alterado o artigo 16.º do regulamento de colocação de menores da Provedoria Central da Assistencia de Lisboa, a qual fica subordinada directamente ao Provedor e constituindo um serviço identico ao de socorros.

❖ ❖ ❖

Pelo vapor «S. Miguel» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Açores e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

❖ ❖ ❖

O sr. Raul Esteves dos Santos secretario do sr. governador civil, conferenciou com o sr. Carvalho Santos, chefe do gabinete do sr. ministro do Interior.

❖ ❖ ❖

Deve ser publicada amanhã a «Ordem do Exercito», da 2.ª serie.

Proprietarios e construtores

O sr. ministro das Finanças não atendeu as suas reclamações

Os proprietarios pensam em lançar ao paiz um manifesto

Extraordinariamente concorrida efectuou-se, pelas 15 horas de hoje, mais uma reunião dos proprietarios e construtores para tratar das suas reclamações.

O sr. Carvalho da Silva, que presidiu a reunião, expoz detidamente as «démarches» realizadas pela comissão junto do sr. ministro das Finanças, declarando que o ministro lhes respondera que para não fazer ditadura não poderia atender as reclamações, embora justas, que lhe eram apresentadas pelos comissionados.

O mesmo ministro continuou o orador, declarou á comissão que á proxima abertura do Parlamento levaria um decreto propondo a [illegible] ção da contribuição sumptuaria.

O sr. Carvalho da Silva, [illegible] se aos representantes da imprensa pede a todos os jornais que enviem representantes seus junto das repartições de finanças para ali, como ele, verificarem o estado da miseria e de aflição em que muitos proprietarios estão vivendo já pelos enormes encargos com que constantemente os veem sobrecarregando.

O orador lembra o lançamento de um manifesto ao paiz, onde claramente seria exposta a situação aflitiva em que muitos dos proprietarios se encontram.

Ficou resolvido que na proxima terça-feira se efetue nova reunião de proprietarios, construtores, fornecedores de materiais de construção e demais partes interessadas.

Nesse mesmo dia deve a referida comissão pensar novamente avistar-se com o sr. ministro das Finanças e com o chefe do governo.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

Wilson vai intervir

WASHINGTON, 19. — Consta que os senadores democraticos receberam por informações particulares, a noticia que o ex-Presidente Wilson decidiu usar da sua influencia contra a ratificação do quadruplo tratado do Pacifico. No entanto, ignora-se que autoridade podem ter estas informações.—(R)

Um acordo entre os delegados da China e do Japão

WASHINGTON, 19.—Os delegados chineses e japoneses da conferencia do desarmamento chegarão a um acordo sobre a questão de Shantung, tendo o projecto sido esboçado pelos srs. Balfour e Hughes depois de acalorada discussão. Os detalhes do acordo não foram ainda publicados, porque teem que ser antes submetidos á aprovação do governo da China e do Japão, mas consta que uma das condições impostas, é a retirada das tropas japonesas que guardam a linha ferrea de Shantung.—(Lat. Am.)

A conferencia de Genova

A atitude dos Estados Unidos

WASHINGTON, 19.—Em resposta ao convite para fazer parte da conferencia de Genova, o Governo americano informou o Gabinete de Roma que os Estados Unidos desejam assistir a essa conferencia desde que a questão da anulação das dividas da Europa da America não seja ali discutida.—(R.)

O novo governo francez

O que a França quer fazer da Alemanha

BERLIM, 19.—As revelações do ex presidente Wilson sobre a execução do Tratado de Versailles indicam a discordancia existente em França pois exige da Alemanha reparações imensas e simultaneamente concebe o desejo de destruir a Alemanha tanto economica como industrialmente.

A França receia que a Alemanha se restabeleça economicamente e que de novo a possa atacar. Esta apreensão sendo a caracteristica da politica geral da França é tambem o programa especial do novo ogverno.—(R).

Francisco Augusto d'Assis Parreiras

Missa do 7.º dia

Maria Julieta Goulart Parreiras Monteiro e Eurico Rogero Monteiro, participam a todas as pessoas das suas relações e amisade, que amanhã, 20, será resada uma missa, na Igreja da Encarnação, pelas onze horas e trinta minutos, por alma do seu chorado e saudoso Pai e Sogro, agradecendo a todas as pessoas que a ela se dignarem assistir.

Companhia dos Tabacos de Portugal

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL ESC. 9.000.000$00

Por ordem do Ex.mo Sr. Presidente da Assembléa Geral e a pedido do Conselho de Administração e nos termos dos Estatutos da Companhia é convocada a reunião de uma Assembléa Geral Extraordinaria para o dia 2 de Fevereiro, pelas 14 horas, na séde da Companhia, Avenida da Liberdade, 12, 1.º, a fim de:

1.º—Prover a a vaga da presidencia do Conselho de Administração, aberta pelo falecimento do Ex.mo Sr. Francisco da Silveira Viana.

2.º—Apreciar e votar quaesquer modificações estatuarias, que se lhe afigurem convenientes.

Esta assembléa compõe-se dos Acionistas de 50 ou mais Açõe3 nominativas inscritas nos registos da Companhia, trinta dias antes da reunião, e dos Acionistas de 50 ou mais ações ao portador, que as houverem depositado para esse efeito, com dez dias de antecedencia pelo menos. O deposito especial para esta Assembléa e cujo prazo termina em 23 do corrente, é realisavel nas caixas dos seguintes estabelecimentos:

Em Lisboa: na séde da Companhia.

No Porto: no Banco Aliança.

Em Paris: no Comptoir National d'Escompte.

Os Srs. Acionistas habilitados a tomar parte na dita Assembléa podem fazer-se representar por mandatarios, que dela façam parte, mediante procuração, segundo a formula adotada pelo Conselho de Administração o que se encontra impressa em qualquer dos referidos estabelecimentos.

A entrega destas procurações deve ser feita até á vespera do dia da reunião.

Lisboa, 18 de Janeiro 1922.

O Secretario da Mesa da Assembléa Geral,

(a) Henrique Carlos dos Santos Alves

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

O proximo concerto 8.º de assinatura, da «Orquestra Simfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, é do maior interesse não só pelo programa que é notavel, como pelo facto de se apresentar pela primeira vez em publico a distinta pianista D. Beatriz Coelho, uma das mais notaveis discipulas do grande Viana da Mota, que executará o famoso «Concerto em lá menor» de Schumann, com a orquestra, á qual entre outras obras executará o brilhante poema simfonico de Liszt, «Lamento e Triunfo de Tasso», toda a encantadora suite de «Arlesienne», a «Romanza em Fá» de Beethoven, sendo solista o distinto professor Flaviano Rodrigues, a «Marcha militar» de Schubert, etc.

"OS SPORTS"

Este bi-semanario de propaganda de educação fisica e sports vai organisar

UM «CROSS-COUNTRY»

cujo regulamento já aprovado pela F. P. de Sports Atleticos vai ser enviado aos clubs.

Provas automobilistas

de velocidade e turismo organisadas de colaboração com a revista «Sporting» do Porto.

TEATRO

TEATRO POLITEAMA—*Idilio de velhos—2 actos de Juan Antonio Lavertany, trad. Alberto Morais e Mario Duarte.* — — — — —
Visita de nupcias—*1 acto de Dumas (filho, trad. Melo Barreto.*

Como eu lamento que o critico da «Capital» não podesse assistir ao espectaculo de hontem no Politeama, colocando-me a mim na embaraçosa situação de ter de voltar a ocupar um logar onde alguns anos estive. E lamento-o porque não tendo a sua benevolencia simpatica eu vejo-me em face dum espectaculo absolutamente ridiculo, atingindo as proporções duma troça para com o publico, e para o qual não posso ter palavra alguma agradavel.

Só o nome de Lucinda Simões, o dia da sua festa, um publico que ia festejar uma gloriosa artista para fazer estancar o desagrado manifesto da plateia pelo espectaculo sem uma parcela de brilhantismo, sem um rasgo no desempenho, sem «nada, nada, nada.»

Perdão; seria uma injustiça não apresentar aos leitores um nome que sem fazer parte do espectaculo deu a unica nota interessante da noite, Brunilde Judice, recitando duas poesias, uma de Campoamôr, em hespanhol, outra, um admiravel, vibrante soneto de Olavo Bilac. A sua dicção é explendida, mais uma vez revelou talento, dramatico, ingenuo, sentido na recitação das duas poesias dando-lhes um relevo invulgar. E agora sim, podemos, acrescentar, mais «nada, nada, nada.»

As peças

Não escolheu Lucinda Simões para a sua festa nenhuma obra em que as suas faculdades scenicas tivessem uma larga ocasião de serem saboreadas pelos seus admiradores. Não quiz por exemplo repor, a «Conspiradora» mesmo «A cadeira n.º 13», ou outra peça do seu repertorio moderno, e escolheu, santissimo Deus, dois actos espanhois e um acto de Dumas capazes de aborrecer o mais esforçado admirador.

A «Visita do casamento» de Dumas (filho) que Melo Barreto, apressadamente mas com «savoir faire» traduziu, foi posta em scena atabalhoadamente para suprir o acto prometido da «Bataille». E' uma peça num acto e não o classico «lever de rideau» pois apesar dos enormes cortes nos papeis ainda resultou longa para o entrecho limitado que comporta. E' em duas palavras, a visita dum joven e esposa á antiga amante; numa velocidade teatral hoje já não tolerada, com saidas para o jardim na altura conveniente chega á seguinte moral: o marido que volta a desejar instantaneamente a sua antiga amante ao saber que ela é seria, vai buscar a esposa e sai com ela sob a seguinte frase: «Para amar uma mulher seria escuso de ficar aqui; tenho a minha». E a condessa sai de braço dado pela e. s. mandando pôr o jantar na mesa. E' autentico Dumas (filho).

Quanto ao «Idilio de velhos», fez adormecer meia plateia. Peça de intuitos muito restritos, é um exemplar distinto daquele genero de obras que ou são extraordinariamente graves, sentimentais comovedores, ou caem no ridiculo. Um velho de 83 anos esperou até esta idade pela sua namorada conservando o mesmo amor, as mesmas esperanças. Limitado na acção, faltava-lhe o estilo, a literatura, o talento dos Quinteros para desse nada surgir uma obra teatral. Porque só salvaria uma peça deste genero, a sua elevação literaria, a poesia em que se repassa. A' peça de ontem faltaram-lhe esses elementos ou perderam-na na versão, o que nos custa um pouco a acreditar sendo um dos nomes que afirma o mesmo que manteve brilhantemente o encanto literario do «Centenario».

Por isso foi arrastada, adormecedora pecita escolhida para a festa de Lucinda, e ainda para mais vitima dum desempenho que levou ao extremo o ridiculo de tudo aquilo... Emfim, oremos que mal anda a joven empreza que se destina ao Brazil aumentando o seu fraco activo com peças de tão mesquinha utilidade scenica e de tão parco relevo artistico. De todo o balanço desta epoca que prometia brilhantes rasgos, o Politeama dá-nos a tentativa bela da peça de «Wilde» e a estafada «Zázá». E' pouco, é muitissimo pouco, e nós desejavamos que aos nomes de Lucinda, Lucilia, Erico Braga, Ribeiro Lopes, Brunilde para nós tão simpaticos, só tivessemos a juntar palavras de grande, farto e sincero elogio.

O desempenho

Na primeira pecinha passou Lucilia Simões. Não tinha nada que fazer. Disse com intenção, mas bailou muito os hombros num nervosismo colleante que está sendo na sua nova vida de teatro uma repetição constante. Depois Lucilia Simões continua a vestir mal; a sua elegancia tão apregoada está «demodé», a sua modista não conhece os modernos segredos da «toilette»; depois ao seu vestido negro, ficam mal, detestavelmente aqueles sapatos e meias «gris». A não ser que Lucilia Simões, apesar de ser a festa de sua mãe, não quizesse importar-se muito com a representação dum tão curto acto.

Erico Braga foi um galã semi-comico, e Calazans ajudou o melhor que poude, bem como Maria Corte Real, elegantemente vestida, e que na sua ingenua conseguiu uma ligeira nota de interesse. E quando uma artista no limiar da sua arte consegue interessar é porque tem qualquer coisa já, capaz de desabrochar á força de estudo e perseverança.

No «Idilio de velhos» destacou-se Lucinda Simões, mas sem nos dar sequer um pequeno esforço, sem nos dar mais do que tres ou quatro frazes ditas com aquela naturalidade que é o seu segredo de mestre.

A seu lado Ribeiro Lopes, o interprete inteligente da «Mulher sem importancia», sosobrou completamente ao peso dos anos. Um octagenario traido a cada momento, ligeirinho nas pernas esguias, especie de figura cortada em pau... tão ingrata! tão ingrata é a vida do teatro!

Ajudaram a estragar a peça já de si tão debil, João Lopes num esguio padre sem caracteristicos, Lino Ribeiro, acolhido com sorrisos pela plateia, e dois pequenótes Carlos Alves e Maria Avila; estes por duas vezes iam estourando por completo a peça, nuns dialogos longos, insipidos, em corridinhas, articulações horrorosas e uma linguagem tremenda como «ele diz... e eu digo... ela responde eu digo... etc.»

Scenarios

Apressadamente se adaptou o scenario do 4.º acto da peça de Wilde para a «Visita do casamento», num arranjo «ad hoc» e pintou um bosque bem tratado para o 1.º acto do «Idilio». Simplesmente os efeitos de luz se não compreenderam. A tarde cai, ensombreando-se, escurecendo o fundo, e ficando o primeiro plano muito scenamente iluminado.

Um detalhe curioso. Na peça «Visita do casamento», fala-se em 1913. E nós lembramo-nos que foi Alexandre Dumas que a escreveu. Não seria acertado para evitar as anomalias, sem perder o caracter de peça de «actualidade» suprimir as datas.

E acabou-se. Venha o critico da casa.

Está tudo dito. Ah! esquecia-me: o resto muito bem.

ARMANDO FERREIRA

OS 300 ANOS DE MOLIÉRE

A noite de ontem no Nacional

A conferencia de André Brun. Uma carta de Alvaro Lima

Realisou-se ontem no Teatro Nacional Almeida Garret a comemoração do tri-centenario de Moliére. Recita de gala, recita oficial, oficial em tudo.

A nota dominante foi, alem da representação do «Medico á força» a conferencia magistral do nosso brilhantissimo colega de redacção André Brun e a palestra do sr. Paul Pompet.

André Brun, que manteve a assistencia comovidamente presa da sua espiritual evocação, foi, como sempre duma notavel elegancia tendo produzido uma oração a todos os titulos notavel e á altura não só do nosso primeiro teatro, como do nome já iminente entre os escritores de teatro que é o seu. Versando, numa resenha levemente critica e conceituosa, a vida e a obra de Moliére, fugindo com raro instincto a «gaucherie» de citações impertinentes, Brun, conseguiu, sem favor resolver esse tremendo problema que era, perante um publico selecto, falar do autor adoravel das «Femmes Savantes»

A leitura dos versos de Gustavo Sequeira, o nosso tão brilhante colega de «A Manhã» deixou tambem uma funda impressão, não sendo menos feliz a ideia e a materialisação da palestra Pompet.

As representações dos «Medico á força», do «Burguez fidalgo» e doutros trechos de Moliére constituiram o resto do espectaculo.

Muito notado nos corredores foi a ausencia do elemento feminino das societarias do Nacional. Dizia-se que não haviam querido prestar o seu concurso, por mero comodismo. Nesse sentido recebemos uma carta do nosso amigo e brilhantissimo critico teatral sr. Alvaro Lima, que gostosamente publicamos, não só pela autoridade indiscutivel de quem o afirma, mas porque a materia nela versada nos não é nem indiferente nem adversa.

Alvaro Lima, que ha 5 ou 6 mezes não escreve, quiz dar-nos o prazer de nos mostrar que se encontra, felizmente, cada vez mais preso ao teatro.

Tem a palavra o ilustre colega o jornalista teatral:

Meu caro Leitão de Barros. — Sabe o meu querido amigo o quanto ando, de ha muito, afastado das coisas de teatro. O facto, porem, de não escrever, presentemente, em qualquer jornal, por forma alguma significa desinteresse e assim é que, ficaria mal comigo mesmo se me não associasse de alma e coração, á recita oficialmente promovida hontem no teatro Nacional, festejando o tri-centenario do grande Moliére. Justamente, talvez, porque tenho cultivado o teatro, somente por «delitantismo», dificilmente perdôo o que reputo falta de respeito e pouco amor pela profissão exercida tão certo é, infelizmente, que cada vez se vai tornando mais resumido o numero de comediantes que possam ser classificados de artistas. E' por isso, meu caro Leitão de Barros, que eu não poderia deixar passar em claro, o que hontem tive ocasião de observar no nosso primeiro teatro de declamação, chamando para o facto a atenção dos senhores comissario do governo e administrador daquele teatro, aos quais presto a justiça devida ao seu «savoir faire» e ao bom desejo que tem de bem desempenhar os espinhosos cargos que exercem.

Tem o Teatro Nacional no quadro de 18 societarios, preenchido, presentemente, apenas por 14 artistas, dos quais 6 actores e 8 actrizes. Pois, ao passo que todos os homens, conscios dos deveres que lhe impõe a sua Arte, imediatamente anuiram ao convite do sr. administrador, das actrizes compareceram apenas as Senhoras Maria Pia e Ilda Stichini, faltando, portanto as seguintes: Augusta Cordeiro, Laura Cruz, Albertina d'Oliveira, Helena de Castro, Jesuina Motilli e Palmira Torres. Por aqui se vê, o respeito que lhes merece o novo administrador e a forma porque, se usa e abusa da benevolencia que, por delicadeza, tem havido para com estas «estrelas» que engordam em casa, aguardando serenamente o primeiro dia de cada mez para se apressarem a receber os seus ordenados.

Desculpe, meu caro amigo, a massada, mas decerto está, como eu, convencido de que, dia a dia, se vai perdendo o pouco pudor que já resta, mercê da má compreensão dos deveres e obrigações contrahidas. Seu amigo

ALVARO LIMA.

Noticiario

Portugal

—A companhia Ruas que se estreia no Apolo a 4 de março deve apresentar-se com a revista fantasia «Belo sexo» que no teatro Nacional do Porto obteve o mais brilhante sucesso.

—Amanhã no Salão Foz é o actor Matias de Almeida quem substitue por deferencia especial o seu colega Antonio Gomes (da Trindade) no «compere» da revista «Bichinha gata»...

Esse artista deixa de representar temporariamente e com curta interrupção em consequencia de ter de se sujeitar a uma operação cirurgica.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—Em S. Carlos, segunda representação do «Fausto» de Gounod.
AMANHÃ—No teatro Apolo festa artistica da actriz-cantora Justina de Magalhães.
SABADO—Recita de homenagem a André Brun adaptador da peça «O Juiz de fóra» no Teatro Chiado Terrasse.

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES AO BORRALHO

Dizemos com frequencia que os olhos falam tanto como a boca, mas nunca se ouve dizer que as mãos falam; no entanto elas são tão expressivas como os olhos e ás vezes mais do que a boca.

A boca mente, as mãos nunca.

Em quantas ocasiões os labios formam um não e a crispação nervosa da mão é um sim enfatico!

A mão tem gestos convulsivos que revelam maior dôr do que todas as lagrimas e de que todas as palavras; gestos alados que são uma caricia; vibrações alegres que só lhes falta o ruido para serem gargalhadas.

Eu adoro ler o interessantissimo livro das mãos e muitas vezes numa conversa animada as respostas dos meus interlocutores me são dadas pelas mãos.

Talvez seja por isso que quem não sabe onde as pôr nunca é interessante na sua conversa, falta-lhe um complemento á voz.

Em muitos casos esquecemos a expressão e a voz dalguem que nos é pouco conhecido mas lembramo-nos dos gestos: é que as mãos falaram e revelaram que esse alguem era artista, interessante, amante do belo ou pelo contrario gritara-nos na sua voz que tambem sabe ser aspera, que pertenciam a uma natureza brutal e até cruel.

Que não sou só eu a sentir essa atracção mostra-nos a predileção de muitos poetas pelas mãos.

Eugenio de Castro contou-as, Alfredo Pimenta—o poeta das mãos—como lhe chamaram, dedicou-lhes poesias cheias de melancolico ritmo, D'Annunzio—poeta da prosa—embala-nos a alma num sonho encantador com as suas palavras sobre as mãos.

E' curioso ver como as raças são tambem caracterisadas pelos movimentos das mãos. os povos do norte reservados e frios conservam-nas numa imobilidade quasi permanente, mas os impulsivos, os apaixonados, os sentimentais temo-las em perpetuo movimento; graciosas e leves; fortes e viris; crueis e preversas teem uma linguagem expressiva e clara.

E eu prefiro as pessoas que falam com um bater de mãos, recordam-me os passarinhos que tambem se exprimem muitas vezes pelo bater das suas azas.

FRIOLEIRAS

O que dizem as mãos

A mão curta com os dedos muito juntos denota uma natureza brutal e conflitosa, um espirito logico, metodico e parcimonioso.

A mão comprida indica um caracter dissimulado, caturro e manhoso.

Quando a palma é comprida e os dedos curtos, o seu possuidor tem o espirito superficial, incapaz de pensamentos profundos e de trabalho seguido.

Se a palma é pequena e os dedos compridos mostra uma natureza afectuosa, meiga e leal, mas um pouco estouvada.

TRABALHOS FEMININOS

Ponto de «crochet imitando «tricot»

Agora está em grande voga a malha; todos os dias aparece um novo ponto.

Este que vou descrever é muito simples, dá perfeitamente a ilusão do «tricot» e é muito flexivel.

Faz-se com uma agulha de chochet vulgar; depois da cadeia meta-se exactamente como se fosse para o ponto baixo de crochet, e puxa-se a lã sem dar laçada alguma.

CONSELHO PRATICO

Como limpar moveis que não são envernizados.

Os moveis de pinho e outras madeiras ordinarias que não forem envernizados são esfregados com agua e sabão; quando teem nodoas ou estão encardidos é bom pulvilhá-los com pó de tijolo ou cré, esfregondo-se depois com uma escova dura. Limpa-se em seguida com um pano molhado em agua sem sabão e muito bem torcido.

HIGIENE DA BELESA

Banhos

Conforme a qualidade das peles assim se devem tomar os banhos.

Por exemplo as pessoas que teem a pele seca devem juntar ao seu banho:

250 gramas de linhaça; 1 kilo d'especies emolientes; partes iguais de alteia, folhas de malvas, verbasco branco, alfanaes de cobre tudo fervido em 5 litros de agua. Coa-se e deita-se no banho.

Para as peles oleosas é conveniente tomar sempre o banho quente e juntar-lhe 250 gramas de borato de soda e de carbonato de soda.

ARTE DE COSINHA

Cenouras á flamenga

Descascam-se e cortam-se em rodelas cenouras não muito grandes, e escaldam-se em agua a ferver. Depois de as deixar escorrer, colocam-se numa outra caçarola com um bocado de manteiga, caldo, uma pitada de sal e coze-se em lume vivo. Depois deita-se-lhe uma colher de molho de farinha cozida em azeite e salsa picada. Serve-se muito quente.

VERSOS

(Excerto do *Cucaleiro das mãos irresistiveis*, de Eugenio de Castro)

Reparai bem: por seu variado aspecto
P'la propria cor e pelos movimentos
Mãos ha que são fieis espelhos d'alma.
Ha mãos contentes, como ha mãos bisonhas
Mãos frias e mãos meditativas,
Umas ingenuas, outras depravadas
Eco e instrumento de paixões diversas,
E' a mão que maldiz e que abençoa,
E' a mão que mata e a mão que acaricia
E' a mão que sustem e que despenha.
....
Vede que expressão vária as mãos acusam
Conforme rezam, palidas, erguidas
Ou se torcem, convulsas, com remorsos,
Ou estranguladoras, se enclavinham,
Ou acariciadoras, se aveludam.
....
As mãos falam, irmão, as mãos revelam
Tudo quanto cá dentro está escondido.

SPORT

A boa doutrina

Fundou-se a «Federação Socialista de Desportes Atleticos», que pretende fazer propaganda de educação fisica no meio do operariado.

Numa circular diz que «A Federação Socialista de Desportes Atleticos, quer arrancar á morbidez doentia de todas as propagandas dissolventes, salvar do abismo pavoroso em que se afundam—alcoolicos, sifiliticos e tuberculosos—os homens de amanhã».

E acrescenta «Que por todo o Portugal, em cada freguezia, em cada logarejo, a mocidade que trabalha se agrupe, se associe, para a cultura fisica, para o aperfeiçoamento mor..., e nós conquistaremos, entre os povos cultos, entre as raças fortes, aquele lugar que de direito nos pode pertencer».

E' a doutrina que ha longos anos andamos espalhando e que felizmente vai criando raizes.

O aperfeiçoamento moral, está a par do desenvolvimento fisico. O homem forte é na grande generalidade bom, e o forte pela educação fisica e a pratica dos sports, faz afastar a mocidade de muitos perigos, que lhe depauperam a robustez, tornando-o inapto para a luta da vida.

O apelo que a F. S. D. A., faz é nada mais nada menos de que o desejo que a educação fisica seja tornada obrigatoria.

Ora entre nós a começar pelo Estado que não lhe tem prestado o cuidado devido, quasi ninguem ainda pensou na necessidade absoluta de regenerar a raça pelo trabalho fisico bem orientado.

Vem pois preencher uma lacuna a F. S. D. A. que tem em nós um modesto auxiliar.

RUY DA CUNHA

Box

Como já tinhamos aqui dito Carpentier bateu o australiano Cook ao 4.º round. Os ingleses tinham interesse pelo combate, pois querem á viva força arranjar algum inglez, que consiga vingar os sucessivos cheques que os seus campeões teem sofrido das mãos de Carpentier.

Os franceses não ligavam importancia ao match, visto que a victoria de Carpentier era certa, atendendo á pouca classe de Coolk.

O combate resumiu-se em Carpentier, durante os trez primeiros rounds fazer um jogo de espera, até que no 4. round, faltou da esquerda, o inglez descobriu-se, e Carpentier, dum crochet do direito enviar o seu adversario para o pais dos sonhos.

Esgrima

E' no dia 30 deste mez, que finalmente se vão encontrar num match ao florete a 20 toques o campeão de França Gaudin, e o italiano Aldo-Nadi.

O encontro é feito no Circo de Paris, e com um programa interessante, de sportmans e atores de nomeado.

NOTICIARIO

CAMPEONATO DE LUTA

Nos dias 21, 22 e 23 de Abril deste ano, realisa-se no G. C. P. o campeonato de Portugal de luta greco-romana.

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3983-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 20 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

MOMENTO POLITICO

A eleição por Lisboa

Historia das negociações para a organisação da "lista unica,, dos republicanos — Apresentam-se duas hipoteses para o triunfo dos republicanos -:- -:- na eleição decisiva por Lisboa -:- -:-

Apesar das habilidades abundantemente desenvolvidas pelos partidaristas de «nuances» varias, não houve forma, até agora, de concertar uma lista unica que dispute vantajosamente as eleições de Lisboa aos monarquicos, irreductiveis inimigos, como é natural, do regimen republicano. A verdade é que cada qual puxa a braza á sua sardinha, sem curar primeiro que tudo, como era do seu dever de leal e sincero republicano, da segurança, da prosperidade e da gloria da Republica. A historia do que se tem passado resume-se em poucas palavras:

Os democraticos dispõem, realmente, duma grande força eleitoral em Lisboa. E' claro que só falamos da capital da Republica, por ser este o ponto de vista que neste instante nos interessa, mas não pretendemos negar, com isso, que a sua força eleitoral não seja tambem grande em todo o paiz. Sentindo-se fortes em Lisboa, graças ás praticas demonstrações obtidas pelos resultados eleitorais a quando das mais recentes consultas nos respectivos colegios, os democraticos alegam, quando os convidam para a «lista unica», que não estão dispostos a dar votos a quem os não tem, favorecendo a entrada no Parlamento a adversarios politicos. Esquecem-se do que, com boa razão, seria preferivel dar esta publica demonstração de sacrificio á Republica, que apresentar o flanco aos monarquicos e deixar que estes os batam a eles e a todos nós, republicanos. Mas não ha negar que estão no seu direito recusando distrair a sua votação em favor de reconstituintes ou liberais.

Tem estes, ao menos, a compreensão nitida da gravidade do momento eleitoral? Tambem não. Se os democraticos fecham os olhos para não verem o abismo, os liberais e os reconstituintes não tem dado senão demonstrações de pretenderem lucrar partidariamente com a situação, sem atenderem á realidade flagrante da sua fraqueza eleitoral em Lisboa. Os liberais, sendo governo, perderam as minorias em Lisboa; e os reconstituintes, mais infelizes ainda, não conseguiram arrebanhar senão umas centenas de votos. De todos os partidos republicanos, com excepção dos democraticos, apenas o P. R. Presidencialista deu provas de vitalidade, aliás com surpresa geral, nas ultimas eleições parlamentares por Lisboa.

Reconhecendo a sua fraqueza, os liberais e reconstituintes não deviam fazer exigencias descabidas aos democraticos. Segundo informações que temos por fidedignas, ambos esses partidos exigiram uma despropositada inclusão de nomes de amigos seus na «lista unica». Resultado: os democraticos recusaram e a «lista unica»... foi um ar que lhe deu!

Uma circunstancia pode fazer falhar, todavia, os calculos dos democraticos acerca do resultado final das proximas eleições por Lisboa. E vem a ser que o partido democratico conta, naturalmente, com os votos de todos os partidarios, e pode acontecer que lhes faltem os votos dos democraticos-outubristas. Efectivamente, não é segredo para ninguem que o movimento de 19 de outubro foi auxiliado poderosamente por elementos civis e até militares, todos eles filiados no partido democratico. Isto é tão verdadeiro que o directorio do P. R. P. desistiu de irradiar esses elementos, por ter verificado que eles são tão numerosos que o seu afastamento do partido teria como consequencia imediata um notavel enfraquecimento. Pr esumimos, pois, que os votos desses democraticos-outubristas serão desviados em favor da lista outubrista-radical, o que enfraquecerá tão decisivamente a lista democratica que pode muito bem acontecer que os vencedores de hontem sejam os vencidos de 29 do corrente. E a favor de quem? Dos monarquicos. Eis o que é para receiar!

❖ ❖ ❖

Apresentamos dois remedios para este evidente mal. Naturalmente, nenhum deles será adoptado. Mas isso não é comnosco.

Consiste o primeiro em não apresentar lista republicana de oposição á democratica. Todos nós, republicanos, votariamos nos democraticos, de chapa. Pela parte que nos toca, o espirito de sacrificio e transigencia que nos domina é tão absoluto que até votariamos, se fôsse indispensavel... no sr. Afonso Costa!

O segundo remedio, imensamente mais falivel que o anterior, consistiria em apresentar uma unica lista republicana contra a democratica e, naturalmente, tambem contra a monarquica. Se é certo que a vitoria republicana não seria tão certa como na primeira hipótese, tambem não deixa de ser verdade que as probabilidades do triunfo sobre os monarquicos não deixariam de ser numerosas.

Em contraposição a tudo isto diremos que a dinamisação dos votos republicanos distribuidos por varias listas dará ganho de eleição aos monarquicos, com todas as consequencias funestas de desprestigio para as Instituições Republicanas.

E, agora, façam o que quizerem, que a nossa responsabilidade moral está absolutamente a coberto!...

QUESTÕES DO DIA

O IMPOSTO DA FOME!...

Uma unica solução se apresenta para resolver esta questão — Se, porem, a não quizerem adoptar, é porque são cegos, mudos e crueis!...

O nosso povo é duma admiravel ingenuidade, que jámais se desmente. Os especuladores politicos são habeis em descobrir a forma de o iludir, pondo-lhe diante dos olhos, numa miragem enganadora, palavrões que não tem significação precisa, mas que vão adormecendo as veleidades patrioticas deste paiz de eternos ilotas.

Quando o povo se queixa da fraqueza da marinha de guerra, lança-se a ideia bombastica da grande esquadre de «dreadghnouts» que se construirá; quando o povo fala no desamparo da Outra Banda, logo se lhe arremessa com o projecto esplendoroso duma ponte sobre o Tejo ou dum tunel ligando o Caes do Sodré com Cacilhas; quando a Nação faz observações sobre a aridez do Alemtejo, rabisca-se no papel um grande, um imenso plano de irrigação, com canais como os do planeta Marte e agua a jorros, desviada dos rios que banham a região; finalmente, e para encurtar razões, se o cambio desce, auxiliando numa geometrica progressão, a carestia da vida, logo o sr. Ministro das Finanças celebra conferencias com o sr. Inocencio Camacho, Governador do Banco de Portugal, e envia para os jornais notas sibilinas, que só o enganam a ele, sobre possibilidade proxima dum recurso ao credito externo. E' enfim, um nunca acabar de «bluffs», uns inéditos e outros sediços, mas todos eles apenas destinados a exercer uma impressão passageira na imaginação popular. Mais nada! O que é pratico, não se faz. Os problemas não são resolvidos. A solução é apenas adiada.

E, pouco depois, não se pensa mais nisso e está a questão acabada. Entretanto, o paiz consome-se a si proprio ou é devorado pelo Estado, assim separado é até inimigo da Nação. Ha, porventura, mais triste e desalentadora situação?...

Com o caso do «Imposto da Fome» adopta-se, para ganhar tempo, o mesmissimo recurso aos tropos hipnoticos de identicos processos de indecisão e protelamento da questão. Ao «Imposto da Fome» chamou-se, pomposamente, «Imposto do Comercio Maritimo» e alegou-se que ele serviria para proteger a marinha mercante contra a concorrencia do estrangeiro. Com esta léria da proteção á marinha mercante nacional pretendeu-se, simplesmente, iludir o povo, fazendo-lhe acreditar que o sacrificio que dele se exigia era destinado a aumentar a frota mercante, pondo-a em boas condições de concorrencia. E foi-se ainda dizendo, para mais segurança no resultado da hipnotisação da vontade popular, que se tratava dum «imposto de comercio maritimo», para que a Nação ignorante supozesse que só o pagariam os homens do mar ou que com estes tivessem directas e intimas relações. Tudo «truc», todo «bluff»! Quem paga o «Imposto da Fome» somos, afinal, todos nós consumidores, que veremos agravado o preço das subsistencias e das materias indispensaveis a uma vida que não se aproxime da do longiquo ascendente troglodita.

No Porto, por exemplo, o arroz subiu 20 centavos em quilo, porque esse cereal foi importado e chegou áquela cidade num vapor estrangeiro. E foi para conseguir este resultado que o sr. ministro do Comercio se apressou em mandar executar o decreto logo que subiu a escadaria do seu ministerio. E isto sem demora, a toda a pressa, logo a partir do dia 10 deste mez. Não seria preferivel relegar o assunto para o Parlamento, de modo que os representantes da Nação podessem avaliar das virtudes do decreto (que são nenhumas) e dos inconvenientes da sua execução, que são tremendos?...

O governo, aliás, já deve ter sentido as dificuldades, até mesmo, o beco sem saida, em que o lançou a decretação do «Imposto da Fome.» Essas dificuldades são de toda a ordem, até mesmo externas. Assim, nós sabemos e desafiamos qualquer desmentido, que os ministros da França, Inglaterra e Belgica já reclamaram contra o imposto e fizeram-no, não em seu nome pessoal e com caracter amistoso, portanto, mas em nome dos seus governos, dando feição de questão diplomatica ao grave assunto em debate. Que teria respondido o governo, se é que respondeu alguma coisa? Ou preferirá adoptar, para com este caso melindrosissimo, a tradicional tatica chineza, já celebrisada, em circunstancias diversas, na tatica de contemporisação do romano Fabio? Eis o que seria interessante saber-se...

Entretanto, não deixam de merecer registo os resultados praticos já obtidos com a aplicação do decreto. Pondo de parte, por agora não definitivamente, a desordem que o «ukase» do sr. ministro do Comercio lançou nos serviços burocraticos das alfandegas nacionais, não falando novamente, por ser desnecessario, na influencia que o «Imposto da fome» está já exercendo na carestia da vida, conforme o exemplo atraz apontado, não mencionando estas e outras circunstancias, vamos limitar-nos a constatar como é pago o «Imposto da fome», aparentemente incidindo sobre os armadores estrangeiros, mas realmente esportulado pelos consignatarios portuguezes ou estabelecidos em Portugal. Eis, portanto, como se passam as coisas:

Analisemos, em primeiro logar, o periodo transitorio, isto é, aquele que surpreendeu os barcos em viagem para os portos portugueses, desconhecendo, portanto, a decretação subita do «Imposto da fome». O imposto é nesta hipotese, pago pelos consignatarios, se quizerem levantar a mercadoria, porque os armadores ou seus agentes a não entregam sem serem embolsados. Casos semelhantes se estão dando e hão-de repetir-se até surgir a segunda hipotese.

Esta é a do que os armadores carregam, com conhecimento da incidencia do imposto.

Neste caso, é simples o que acontece: os armadores, carregam no frete com a quota parte correspondente ao «Imposto da fome».

Resultado final:

Quem paga é o consumidor, sempre e em todas as hipoteses, no trigo de que se faz o pão, no arroz que se importa, na semente de batata que vem de França, nos adubos agricolas que não temos, no carvão e no ferro indispensaveis ás industrias, etc., etc. Somos nós todos que pagamos, nós que trabalhamos de sol a sol, nós que já não sabemos a forma de alimentar a familia, nós que somos o «arre burrinho» de toda a engrenagem administrativa do Estado, que principiou por nos tirar a pele, em seguida nos comeu a carne e já se apronta para nos devorar os ossos.

Vai sendo tempo de pensar no monumento que perpetuará, atravez de todos os seculos dos seculos, a magnificente ideia que foi a origem do «Imposto da fome!...

A minha viagem á Alemanha

— POR —

Charlot (Charles Chaplin)

A viagem efectuou-se sem incidente. Aterramos e logo me dirigi á minha casa onde encontrei uma palavra de Douglas Fairbanks que está em Paris com Mary Pickford. Estão hospedados no hotel Crillon e pedem-me para lá ir conversar com elas. Mas eu estou muito fatigado e Douglas prometeu-me assistir á primeira do grosse no Trocadero.

Da tarde levam-me 250 programas para eu assinar.

Vende-los-hão esta noite por cem francos cada um.

A' noite vou ao Trocadero; queria entrar por uma porta furtiva, mas foi impossivel. E' a mais formidavel manifestação que tenho visto. A multidão forma verdadeiros blocos que se esmagam nas ruas e os agentes não sabem onde acudir. E' dia de festa hoje em Paris por causa desta representação.

A receita do espectaculo é, inteira, para o fundo de socorros ás regiões devastadas pela guerra; toda a «élite» do paiz está aqui. Introduzem-me junto do embaixador, M. Herrick, depois levam-me ao meu camarote e depois apresentam-me aos ministros do gabinete francez.

Não quero experimentar recordar-me dos nomes, mas eis a lista feita pelo meu secretario:

M. Minard, representando M. Millerand; M. Jusserand, M. Herbette, M. Carteron, M. Loucheur, ministro das regiões libertadas; M. M. Hermita, Coll e Mrs. H. H. Harjes, miss Hopes Harjes, M. Mrs. Ridzly Carter; mrs. Artor James; mrs. W. K. Vanderbilt; mrs. Pintherterd Stuyvesant; Walter Berry; M. de Errazer, marquez de Vallombrosa, M.elle Cecile Sorel, Robert Hertetter, M. Bigron Kuhn, mr. e mrs. Chas. G. Loeb, mr. Florence O'Neill, m. Henri Letellier, M. Georges Carpentier, Mr. Paul C. Otey, Mr. e Mrs. George Kenneth Eno, princeza George da Grecia, princeza Xenia, principe Cristovam, lady Sarah Wilm, Mrs. Elsa Maxwell, princeza Sutzo, vice-almirante e Mrs. Alberto P. Neblack, conde e condessa Cartelló, duqueza de Talleyrand, coronel e Mrs. N. D. Joy, coronel Biman-Varilla, marqueza de Talleirand-Peregord, marquezes de Chambrun, misse Vegla Cross, miss Elsie de Wolf, marquezes de Dampriese e Mr. e Mrs. Teodoro Rousseau.

Sou informado de que ela foi educada num convento e que perdeu todos os vestigios da familia. Ganha a sua vida cantando no café. Confessou-me que nunca me tinha visto no Cinema.

Pergunto-lhe se ela gostaria de figurar num «film». Os seus olhos acendem-se:

—Se tivesse ocasião, disse-me ela, tenho a certeza de que me sairia bem. Mas, ajuntou, não é facil apanhar a ocasião...

Tem justamente vinte anos e ha 15 dias apenas que vive em Paris. Veio da Turquia onde se refugiara, fugindo da Russia.

Explico-lhe que é necessario que ela se submeta a diversas provas fotograficas e prometo-lhe fazer tudo o que puder para lhe encontrar uma boa colocação na America.

Agradece-me e leio no seu olhar um reconhecimento infinito. Ela dá-me a impressão de ser uma combinação de Mary Pickford e de Pola Negri com alguma coisa de original a mais: a beleza que lhe era propria e a sua personalidade.

O seu nome é Shaya. Tomo nota num livrinho; ela dá-me a direção da sua morada e prometo-lhe mais uma vez fazer por ela tudo o que estiver ao meu alcance e tal é a minha intenção. Separamo-nos então desejando-nos uma boa noite.

Ela afirma-me que tem confiança em mim e que está certa de que eu cumprirei a promessa. Como é, pois, que ela se conservou de aí em diante oculta?

No dia seguinte tive que assistir a um «garden-party» em casa de sir Philip Sassoon.

Resolvo ir para lá de aeroplano e largo do aerodromo do Bourget num avião das Messageries aeriennes.

A meu pedido aterramos em Loympane, no Kent, e dessa maneira evito a multidão que não teria deixado de me assaltar em Londres.

Viagem impressionante. E que chegada! Sensacional...

Tinha prometido á primeira «gosse» em Paris. Volto para a capital franceza pela mesma via por onde vim, em avião.

(*Continua*)

A Europa economica

A situação da Alemanha

BERLIM, 20—As Associações Comercial e Industrial alemãs na sua reunião conjunta, apreciando as medidas de auxilio á Alemanha propostas pela «Entente», assim como o adiamento temporario dos pagamentos concedido em Cannes, consideram insuficientes esses meio para que a Alemanha consiga restaurar a sua situação economica, tanto mais que se espera que ela seja sobrecarregada com novos encargos.

Os que assistiram a essa reunião ficaram convencidos que a situação só melhorará exclusivamente pela restauração de toda a economia da Europa, e quando a Alemanha seja admitida, com eguais direitos aos das outras nações, nas conferencias que tratem da solução do problema europeu.—(R.)

A gréve no Ruhr?

PARIS, 20.—O sr. Poincaré conferenciou com o ministro do Trabalho sobre os preparativos para a ocupação do districto do Ruhr.

Estão sendo enviados ferroviarios franceses em grande numero para a Renania a fim de tomarem conta dos meios de transporte para as tropas francesas, caso os ferroviarios alemãis se declarem em greve naquele districto.—(R.)

Os Estados Unidos e a conferencia de Genova

WASHINGTON, 20.—A resposta do governo americano ao convite para a Conferencia de Genova, diz que os Estados Estados Unidos não desejam fazer parte dessa conferencia se a presença da Russia importar no reconhecimento oficial do Governo dos Soviets, ou se o problema das dividas da Europa aos Estados Unidos fôr ali discutido.—R.

SEGREDO A TODA A GENTE

Pretenciosas

Que ideia devemos nós fazer duma mulher que abre o seu saquinho de mão, tira um espelho, uma borla de arminho e diante de nós arranja a cara e dá brilho ás unhas? E' um dos grandes problemas que não póde deixar de interessar todos aqueles que dentro da «fait-divers» feminino, procuram explicar os pequeninos e quasi sempre incompreensiveis pormenores. Uma mulher que faz dum electrico, duma sala, dum canto qualquer onde haja mil olhos que a espreitam, que a persigam, que a devorem, o seu quarto de «toilette»—é seguramente uma mulher pretenciosa e descarada cujo quarto de «toilette» está ao alcance de todos nós. Os quartos de «toilette», são por assim dizer, as pequeninas salas doiradas onde tantas vezes a fealdade espera a beleza, onde a beleza espera a volupia onde a volupia espera o amor e onde o amor... Uma rapariga que dá «rendez-vous» diante de toda a gente, a beleza, á volupia e ao amor no seu quarto de toilette—é uma rapariga que tem excelentes relações, excelentes de mais para que nós não possamos afirmar que ela está péssimamente relacionada...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

O abastecimento de aguas da cidade

E' preciso não deixar que esta questão -:- assuma um aspecto inquietador -:-

Lembramo nos, em geral, de Santa Barbara quando troveja. Para fazermos excepção, desta vez, pelo menos, a essa inconsciencia tão do nosso feitio de portuguezes, vamos lembrar, em pleno inverno, que temos de tratar do abastecimento das aguas da cidade de Lisboa a qual, ha alguns anos para cá, corre sério risco de passar sêde no verão.

E' problema que se nos apresenta com um aspecto cada vez mais imperioso. A cidade tem tomado um grande desenvolvimento, tanto sob o ponto de vista da sua area como da sua população e os habitos de limpeza e higiene tem-se felizmente tornado de uso muito comum. O gasto de agua é, porisso, muito superior ao de alguns anos atraz e cada vez aumenta mais.

As obras para abastecer de agua a cidade de Lisboa, levando-a a casa de cada consumidor, realisaram-se ha 45 anos. Constituem um notavel trabalho da engenharia do tempo e a cidade pode apreciar e gosar a comodidade de tão importante melhoramento.

A agua era abundante e chegava á vontade para todas as necessidades da população. A cidade desenvolveu-se porém, rapida e descomunalmente e a escassez de agua no tempo da estiagem é problema que veiu de ha muito tempo a agravar-se todos os anos, até que chegou á sua maxima acuidade no verão do ano findo em que a agua esteve a ponto de escassear inteiramente.

Já no tempo da monarquia o problema se erguia diante dos olhos de quem tinha por dever olhar por essas coisas, mas foi sempre adiado para um «amanhã» tão longinquo que ainda não chegou.

Em 1911 foi a questão posta pela primeira vez ao governo da Republica que tambem dela desviou os olhos para não ter que se incomodar a resolver coisas sérias e de utilidade geral.

Pensou-se então em fazer uma captação de aguas a 9 quilometros a montante de Santarem, em Azoias. Era um notabilissimo projecto, completo, assegurando o abastecimento de aguas para um muito maior desenvolvimento da cidade.

Foi orçado então em 20 mil contos despeza que foi julgada consideravel.

Hoje essa proposta seria, por assim dizer, irrealisavel, visto que não custaria menos de 125 mil contos.

Mais tarde pensou-se em captar as aguas em Rio Maior, mas seria necessario aumentar de 24 quilometros o canal do Alviela o que seria ainda excessivamente caro.

Veio então a ideia, e essa realmente economica, sendo, portanto, a preferivel nas circunstancias actuais, de captar as aguas em Ota a 1600 metros do canal do Alviela. Ha de permeio umas pequenas alturas do terreno, tornando-se necessario elevar as aguas, mas é isso obra de pequena despeza relativamente.

E já que se encontrou uma solução pratica e economica, preciso é que se não demore a sua realisação.

E' esta a primeira coisa a fazer para resolver a momentosa questão das aguas de Lisboa, mas não é tudo.

❖ ❖ ❖

Este problema das aguas tem aspectos curiosos que demonstram que ele tem sido encarado, como, de resto, é costume entre nós considerar todos os problemas de utilidade geral, de uma maneira defeituosa, deformada.

O canal do Alviela dá por ano 14 milhões de metros cubicos de agua. Pois desses 14 milhões só 3 vêem para o consumo dos habitantes porque os 11 restantes são consumidos pela Camara Municipal e pelo Estado. Não é um curioso fenomeno, este dos serviços publicos gastarem quasi o triplo da agua consumida pelos 500 mil habitantes da cidade de Lisboa?

Os reservatorios da Companhia comportam 165 mil metros cubicos de agua. E' agora para 3 dias de consumo da cidade. Se por infelicidade suceder um dia uma avaria grave no canal ou no sifão que leva mais do que aqueles tres dias a reparar que ha-de ser de nós?

Evidentemente, alem das obras de captação de aguas em Otão, ha-de ser necessario proceder a outras que tinham por fim pôr o canal ao abrigo de acidentes e aumentar-lhe a capacidade.

O canal tem 114 quilometros de extensão dos quais 18 quilometros são de sifão.

No canal passam 65 mil metros de agua, mas no sifão passam apenas 40 mil. Ha, pois, necessidade tambem de construir outros sifões que além de dar larga vasão ás aguas do canal ponham a cidade ao abrigo das consequencias de qualquer avaria que venha a suceder a algum deles.

Estas obras juntas á construção de novos reservatorios que elevem as reservas de agua a 400 mil metros, agua para 12 dias, deixar-nos-hão tranquilos acerca da possibilidade de qualquer acidente proveniente de avaria ou estiagem.

O que é necessario é pôr mãos á obra para que, quando chegar o momento das aflições, não nos reste apenas o recurso do macaco que está prestes a afogar-se.

Não se adormeça, como de costume, sobre tão palpitante assunto em que vai o socego e a tranquilidade da população de Lisboa.

Parece que o preço da agua vai aumentar para 60 centavos.

Na verdade a agua é gratuita.

Ha na cidade 135 chafarizes e 90 marcos fontenarios onde quem quizer pode ir buscar coisa alguma.

O que se paga é a comodidade de ter agua dentro de casa, tal qual como antigamente se pagava ao galego que nos trazia a casa o barril.

Triste é ter de se sofrer esse aumento, mas felizes seriamos se todos os aumentos que sofremos, tivessem sobre o orçamento caseiro a pequenissima influencia deste.

São de algumas dezenas de milhares de individuos os consumidores que não passam de um metro cubico mensal e que, por isso, senão o seu orçamento sobrecarregado apenas com 20 centavos mensalmente. São tambem de algumas dezenas de milhares os que atingem o consumo de cinco metros que terão a sobrecarga de um escudo por mez. Nem uns nem outros terão razão para se queixarem deste aumento pequenissimo na sua despeza mensal, atenta a alta comodidade de ter agua de portas a dentro, na cosinha, sempre pronta para as necessidades ocorrentes.

Apenas 5 mil consumidores ascedem o consumo mensal de cinco metros cubicos, mas esses são naturalmente aqueles que pagam tudo pelo preço que lhes pedem, a olhos fechados, ou então fabricas, oficinas, padarias, etc., etc.

O aumento do preço da agua suporta-se, pois, muito bem, mas o que é preciso é que, quanto antes, se metam mãos ás obras indispensaveis para que a cidade seja abundantemente provida, porque aquilo que não se suportará facilmente, é pagarem os avençados aos cinco metros a agua que... lhes não chega ao contador. Isso é que não.

A doença do Papa

ROMA, 20.—O Papa continúa gravemente enfermo. O «Observatore Romano» desmente que a doença apresente um caracter perigoso.—R.

O acordo franco-espanhol

MADRID, 20.—As linhas gerais que servem de base á negociação do acordo comercial entre a Espanha e a França são excepcionalmente proteccionistas, adaptando-se ás aspirações de ambos os paizes.—R.

Amanhã

A semana literaria

por ARMANDO FERREIRA

A festa de amanhã no Teatro Terrasse

Recita de homenagem a André Brun

A empresa do Teatro Terrasse, querendo significar o seu apreço a André Brun adaptador da comedia «O juiz de Fóra» que tão grande exito ali está obtendo, oferece amanhã ao nosso querido camarada de redacção uma recita de homenagem.

André Brun dirá no final do primeiro acto versos seus ineditos «A tragedia do Quintela», que constituem uma delicada pagina de humorismo.

"Fóra de portas,,

O sr. dr. Fernando Emidio da Silva, ilustre lente da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa acaba de publicar um novo livro, «Fóra de portas» interessantissimo, como todos que saem da pena do distinto economista. Agradecemos muito reconhecidos o exemplar que nos foi enviado.

"A CAPITAL"

publicará brevemente

DUAS EDIÇÕES

Triste sorte!

Os «gobelins» austriacos, no prégo!...

LONDRES, 20.—A famosa colecção de «Goberlins», da Austria, foi empenhada a um sindicato americano por 12.000.000 de dollars e vai em breve ser remetida de Viena para Nova York. Estas tapeçarias são em numero de 900 e passam por ser a mais valiosa colecção da especialidade...

Factos e palavras

...DE VARIAS COISAS

Aterradoramente continuam os jornais a noticiar os estragos e as mortes produzidas pelo tufão no norte do paiz. Gente que andava na labuta do mar alto, gente que em sua casa ou nos caminhos andava lutando pela vida, encontrou subitamente a morte á sua frente.

Foi o tufão que passou, o vendaval que fustigou a terra, que abateu gigantes e que se sumiu...

A terra refrescada, renasceu sorridente, plena de seiva e de novas energias.

Mas... á custa de quanto sofrimento, de quanta dôr, de quanto luto...

A vida!...

❖ ❖ ❖

Houve quem fizesse espanto, admiração, surpresa pelo facto daquele marinheiro, na recita de Molière, ter esperado que um seu superior lhe désse licença para se sentar.

Eu não compreendo bem qual a razão que deu origem a este espanto.

Foi o facto de o marinheiro o ter feito?

Mas ele não fez mais do que observar as regras fundamentais da disciplina.

Ele não fez mais do que cumprir a sua obrigação.

Nós é que andamos tão pouco habituados ao cumprimento das obrigações de cada um que quando as vemos realisadas estranhemos.

Havemos de concordar que quem esteve no bom caminho, quem esteve dentro da verdade foi ele, o marinheiro.

E no entanto ha-de haver menino que lhe chame tolo.

❖ ❖ ❖

Durante a representação do festival de Molière houve um caso curioso.

Um espectador declarou-se roubado porquanto... não era aquilo que ele queria vêr. Alguem lhe perguntou se não tinha lido o cartaz.

—Li, sim senhor. Mas lá diz: Tricentenario.

Terceira representação do centenario seria por um tal Molière. Era uma peça inteira, não são estes retalhos.

E fossem lá convence-lo de que não tinha razão!

BOTTO DE CARVALHO.

❖ ❖ ❖

As joias do czar foram entregues por um representante dos «soviets» ao industrial alemão Stinnes como garantia dos capitais que este vai empregar em diversas explorações na Russia.

Os «soviets», logo que tomaram posse do governo do grande imperio, a primeira coisa que fizeram foi anular a divida externa, deixando os credores a apitar.

Ficaram assim com o credito que se está vendo—para garantirem uma empreza industrial teem de empenhar as joias da corôa, deixando sem ter com que enfeitar-se qualquer camerada que amanhã venha a proclamar-se... imperador.

❖ ❖ ❖

O conselho de embaixadores em Paris autorisou a Alemanha a construir um novo zepelin para os Estados Unidos. Esta autorisação não tem relação alguma com o projecto de uma carreira aerea entre Berlim, Nova York e Chicago, apesar de se dizer em Londres que este zepelin se destina para esse fim. A maquina representa a parte a que os Estados Unidos teem direito pela divisão de zepelins gigantes em construção, na Alemanha, quando se firmou o armisticio. A França, a Inglaterra e a Italia receberam zepelins, mas os outros foram destruidos. A Alemanha prontificou-se a substitui-los por dinheiro ou por outros novos e os Estados Unidos resolveram pedir um dos maiores e dos mais aperfeiçoados. Quando o zepelin estiver pronto, o que levará ainda alguns mezes, será tripulado no vôo para os Estados Unidos por uma tripulação mixta de alemães e americanos.

❖ ❖ ❖

Com excepção do «Times» toda a imprensa de Londres se opõe á extradição dos alemães chamados criminosos de guerra.

O «Daily Chronicle» declara que o assunto está liquidado em Inglaterra, desde que nenhum protesto foi oficialmente feito contra as sentenças do tribunal de Leipzig.

❖ ❖ ❖

Vão ser brevemente apresentados ao congresso americano dois projectos de grande alcance, cuja oportunidade e conveniencia serão provavelmente estudadas pelos interessados antes de se proceder aos estudos necessarios para as realisarem. Os projectos são: 1.º A construção em cooperação com o Canadá; dum canal no rio S. Lourenço, dando ingresso á navegação até aos portos dos Grandes Lagos, o que barateará o custo dos transportes de cereais e outros produtos do West, para serem exportados pelo Atlantico. 2.º A forma de subsidiar ou do governo prestar auxilios financeiros para desenvolver a marinha mercante dos Estados Unidos, assunto que está sendo estudado pelo Shipping Board para ser apresentado ao congresso pelo presidente Harding.

❖ ❖ ❖

Em Madrid teem havido repetidas manifestações contra as «juntas militares»; com furto vivorio e morrorio e a correlativa pancadaria, ficando, como é de uso em casos tais, varias pessoas feridas.

O caso é de certo modo molindroso, pois se encontrando por ora resolvido nem sendo facil prever qual solução terá.

O que é facil de prever é que se as manifestações continuam em Madrid, não tarda que os jornais espanhois informem o mundo de que ha revolução... em Lisboa.

❖ ❖ ❖

O governo vai aceitar a proposta do industrial Ford para arrendar as quedas de agua chamadas «Muscle Shoals» no rio Tenessee para construir uma fabrica de nitratos, adubos, aluminios e outros produtos, sem a força motriz fornecida pelo grande volume de agua do rio. Durante a guerra o governo americano começou os trabalhos de um gigantesco projecto para aproveitamento de energia electrica, mas com a paz o projecto foi abandonado, e agora, o sr. Ford vai realisa-lo. O governo hesitou em aceitar a proposta porque o conhecido fabricante de automoveis pedia o exclusivo da exploração de «Muscle Shoals» por 100 anos, com a clausula de renovação. Esta condição da proposta teve que ser modificada.

O novo governo francez

Poincaré perante o Parlamento

A sessão

PARIS, 20.—O presidente da Camara dos deputados, mr. Raul Peret, abriu a sessão estando presentes 560 deputados. Poincaré leu a declaração ministerial.

A Camara aplaudiu quasi unanimemente a passagem referente á obrigação da Alemanha reparar os prejuizos que causou e á relativa á emissão de papel e ás exportações. Os aplausos redobraram saudando a declaração que subordina o começo da evacuação da margem esquerda do Reno á execução de todas as clausulas do tratado.

A passagem relativa á conferencia de Genova foi muito aplaudida levantando, porém, protestos de extrema esquerda.

A peroração é aplaudida pelo centro, esquerda e direita, associando-se Briand aos aplausos.—(Lat. Am.)

A declaração ministerial

PARIS, 19.—A declaração ministerial lida nas camaras francesas diz que a unica ambição do gabinete é assegurar a estreita colaboração com o parlamento e o respeito dos tratados, que fixaram as condições da paz conforme as declarações que foram feitas pelo sr. Leon Bourgeois, presidente do Senado e pelo sr. Peret presidente da camara dos deputados.

Entre os projectos urgentes que o governo tenciona apresentar ao parlamento, a declaração cita o orçamento das despesas recuperaveis, a organisação da defesa nacional e a redução do serviço militar. Em seguida fala das reformas financeiras e acrescenta que, não obstante a energia e os esforços empregados, as finanças francesas só poderão salvar-se se a Alemanha executar finalmente os seus compromissos e reparar os danos que causou.

Seria a mais escandalosa das iniquidades se a França vitoriosa e atacada sem justificação alguma, principalmente em dez dos seus departamentos, tivesse que restaurar á sua custa as ruinas produzidas e obrigasse os contribuintes a pagar as pensões ás vitimas desses ataques. A declaração alude em seguida á propaganda que representa a França acusada de uma especie de loucura imperialista, alimentando secretamente propositos suspeitos, quando a guerra lhe infligiu tantos lutos e sacrificios e comprou mais cara que os outros a paz, que ela quere consolidar. A França só pede que sejam respeitados os tratados assinados e os pagamentos que lhe são devidos e nesta questão não pode ceder. Examina a situação financeira alemã, enumera os numerosos factos que desmentem a sua pretendida insolvabilidade e conclui por dizer que se o estado se arruina, a nação, que aceitou o tratado de Versailles, os estados do pagamento, o ministro das reparações e o ultimatum dos aliados, enriquece-se. Defendendo os seus direitos, a França defende os acordos internacionais não obedece de modo algum a um espirito de odio e a sugestões de egoismo, deseja apenas, vivamente vêr a Europa e o mundo escaparem a um doloroso mal estar, mas a reorganisação economica geral depende antes de tudo da restauração das provincias devastadas e em particular da Belgica e da França.

Condenar a França e a Belgica á ruina seria um revez inevitavel em todas as tentativas por maiores que elas fossem e o problema das reparações domina todos os outros; é preciso examinar se a Alemanha falta ao cumprimento das suas obrigações e adoptar as medidas necessarias, depois de avisar a Comissão das reparações. A primeira será, independentemente do Reich, a emissão de papel e a questão das exportações. Em quanto outras condições do tratado de Versailles, tais como a do desarmamento e o castigo dos culpados não forem executados, deveremos conservar integralmente as sanções tomadas e, em caso de necessidade, adoptar outras novas. Ficaremos assim autorisados a declarar que os prazos para a evacuação da margem esquerda do Reno começarão a contar-se em harmonia com a tese que a França sempre tem sustentado.—(H.)

Respondendo a uma interpelação

PARIS, 19 ás 19, — Respondendo a uma interpelação que lhe foi feita na camara dos deputados, o sr. Poincaré pediu á camara que o julgasse pelos seus actos futuros, acrescentando que como presidente do conselho, no tempo do presidente Fallières, conseguiu afastar a tempestade que rebentou nos Balkans, não obstante os esforços da França. Vivos aplausos. O sr. Poincaré diz que não receia os julgamentos da historia, mas os enganos dos falsificadores. Desde 1914 o seu unico desejo foi assegurar a vitoria da França e agora pede o apoio do parlamento para a tarefa da concordia nacional. Em seguido comenta a declaração ministerial e lembra que declarou sempre que as reuniões do conselho supremo não permitiam chegar rapidamente ás soluções pelas vias diplomaticas, mas que elas apenas devem preparar o respectivo dossier.

Depois da guerra, cada qual vê apenas o seu mal; todavia a França tem direito a dizer que foi ela quem mais sofreu, que o seu exercito sustentou o mais rude esforço, e que os seus soldados se fizeram matar, não só pela França, mas tambem pelas nações que vieram em seguida colocar-se ao seu lado. A situação financeira da França exige imperiosamente que tudo o que pode ser pago o seja, mas ainda assim com os seus orçamentos desequilibrados satisfará o seu deficite sem querer se submeter ao conjunto dos remedios que fez á Alemanha. O sr. Poincaré lembra que uma brochura oficial estabeleceu a cumplicidade do estado maior e do alto comercio alemão nas devastações sistematicas das culturas e das industrias francesas. Toda a renuncia do nosso credito seria um incitamento para recomeçar. O orador chega á responsabilidade da guerra e diz que a historia tornará a Alemanha responsavel com a cumplicidade da Austria-Hungria.

A Alemanha agravou os prejuizos causados com as sevicias infligidas ás mulheres, aos velhos e aos passageiros dos navios mercantes. A comissão juridica interaliada dos culpados resolveu que os culpados seriam entregues aos tribunais, em harmonia com as estipulações do tratado de Versailles.—(H.)

E' preciso apoiar o direito da França

PARIS, 20.—Na declaração ministerial o sr. Poincaré disse que a Alemanha procurará utilisar a conferencia de Genova para trazer á discussão o tratado de Versailles, afirmando que a França tomará todas as precauções contra a Alemanha. Relativamente ás garantias tomadas em Cannes a respeito da Russia, especialmente as dividas aos aliados, o sr. Poincaré exprimiu a necessidade de sua aceitação sem equivocos. Sobre a questão de Tanger o governo esforçar-se ha por obter uma solução satisfatoria, que dissipe todo o mal entendido entre a França e a Inglaterra. O pacto franco-inglez os mutuos esforços pelo interesse comum. Os oradores socialistas disseram que os operarios alemães aclamaram uma Alemanha amiga dos francezes. A esse respeito o sr. Poincaré recorda que foram descobertos alguns obuzes contra esses que aclamaram. Aceita no entanto o augurio de que a Alemanha se democratizará e se tornará pacifica, mas entretanto constata como fez o sr. Briand em Washington que a Alemanha ainda não desarmou nem moral nem materialmente.

Terminando, disse que é conhecedora do seu proprio valor e falando aos seus amigos num pé de egualdade, que a França deve prosseguir as conversações com os aliados, julgados entre si pelo tratado de Versailles que obriga a Alemanha para com eles mais do que nunca importa manté-lo. A França esforçar-se-ha por chegar lealmente a acordo com os seus aliados, excminando as questões que importa regular rapidamente. Seguirá com simpatia os progressos da Pequena Entente e continuará a ter um concurso mais activo á Sociedade das Nações. A respeito da conferencia de Genova insistirá pela aceitação ou recusa, antes de qualquer discussão pelos delegados, das condições do protocolo de Cannes, não aceitando qualquer discussão directa ou indirecta dos tratados de Paz. A falta de garantias precisas a este respeito, a França ver-se-ha obrigada a retomar a sua liberdade de acção, e julgar-se-ha muito feliz em concluir com a Inglaterra, em perfeito pé de egualdade um pacto que consolide a paz.

Deverá igualmente tentar evitar com a Italia e a Inglaterra a renovação das hostilidades greco-turcas e realizar certos beneficios em relação á convenção de Angora. Poderá assim a França exercer mais livremente o mandato na Siria. Dedicar-se-ha tambem a manter seguras e amigaveis relações com os aliados, especialmente com os Estados Unidos, que deram com a conferencia de Washington brilhantes provas de nobres sentimentos. Empregará com eles somente a linguagem da moderação e franca amisade; mas tem a certeza de que se não melindrarão quando a França sustentar firmemente os seus direitos, da mesma forma que sustentam os seus. Apelou para a Camara para apoiar o direito da França.—(H.)

Uma moção de confiança

PARIS, 19.— Depois de lida a declaração ministerial do sr. Poincaré ter respondido ás diversas interpelações que lhe foram feitas, a camara aprovou por 472 votos contra 107, um voto de confiança ao governo.—(H.)

O ressurgimento economico da Europa

A grande guerra abalou profundamente a actividade industrial e comercial da Europa. A Alemanha, embora não tocada, durante as hostilidades na sua vida industrial interna, pediu a paz e luta com as imensas responsabilidades tributarias desse doloroso pedido; a Austria, retalhada pelas disposições geograficas do Tratado de Versailles, já não reconhece nos farrapos o que está reduzida, na sua antiga grandeza; a Italia, vexa-la por enormes dificuldades financeiras, viu interrompida a evolução progressiva em que entrára no principio do seculo; a Hespanha fortalecida pelos resultados felizes da sua neutralidade encontra-se a braços com uma dissolução politica e social; e, finalmente, a Inglaterra, sendo a nação que menos sofreu no conflito, queixa-se da sua paralisação fabril, dos seus milhões de desempregados, da sua eterna questão irlandeza que recente acordo não promete resolver tão de pronto como seria para desejar.

E' certo que a guerra causa tantos vencidos como os vencedores. A vitoria extenua tanto como a derrota; e o fragor das batalhas, onde vencedores e vencidos colhem alternativamente os louros do triunfo, servindo para adornar os muzeus com os trofeus da gloria, serve tambem para os atuar nas estatisticas economicas a depressão representativa do custo amargo da guerra.

Toda a Europa se encontra deprimida, arrozado, violentado; é preciso fazê-la ressurgir, levantá-la á sua antiga prosperidade, resgatar-lhe as perdas incalculaveis que sofreu. Como? Cogitam os estadistas, estudam os economistas em conferencias sucessivas; e cabe agora a vez de se pronunciar no Conselho Supremo dos aliados. Numa recente conferencia efectuada em Paris, os membros desse Conselho inclinaram-se a adoptar um alvitre da Inglaterra que consiste na formação de uma forte empreza internacional de comercio e industria, cujo objectivo seja o ressurgimento economico da Europa.

Já vimos que a Conferencia Financeira de Bruxelas falhou deploravelmente. Reunira-se para o estudo do problema monetario e cambial da Europa, e examinara a possibilidade do auxilio as nações mais molestadas pela guerra. Na falta do Negondo-se a Inglaterra, á assistencia que lhe era solicitada, como detentora do maior tesouro europeu, lançaram-se as vistas para os Estados Unidos da America, e os resultados colhidos foram por igual equivalentes a zero. Essa Conferencia de Bruxelas teve de ficar no campo da teoria, absolutamente impossibilitada de colher resultados praticos.

Agora o plano de uma corporação internacional de industria e comercio, visando ao desenvolvimento dos caminhos de ferro, da marinha mercante, das minas, da exploração industrial e bancaria em todos os paizes da Europa, conquanto grandioso, não será, a nosso vêr, mais fecundo do que o similar, ha pouco projectado para a Russia, onde o bolchevismo de Lenine consentia, para salvação da patria, numa vasta organização burgueza e capitalista, a cargo das nações vitoriosas. Não nos parece a solução do ressurgimento europeu por via desse plano, pela razão simples de que as potencias menos desorganisadas pela guerra não fariam outra cousa senão arruinar ainda mais as que tentassem socorrer.

Por ventura, o comercio e a industria visam á alguma cousa mais do que os interesses particular dos paizes que exercem essas funções?

Ora, se a proposta partiu da Inglaterra, e se esta nação, possuindo magnificos recursos de trabalho, tem ao mesmo tempo varios milhões de desempregados, seria acto particularmente que a execução do plano interessaria. Se este plano chegar a iniciar-se, os paizes que se associem nele não tardarão a reconhecer que a maior soma dos lucros caberá á nação proponente.

Nós bem sabemos que em materia de trabalho, quem, o puder fazer que lhe receba os frutos; e quem, como Portugal, o não saiba ou não posse realisar, que coma o pão uno unico, e se deixe arrastar economica e financeiramente pelo cambio ou libra e da peseta. Isto é um facto incontestavel. Os paizes que porfiam em ser pobres, ou hão-de manter-se na sua pobreza, ou teem de permitir que o estrangeiro venha ás suas terras explora-los.

Mas a questão da empresa internacional de ressurgimento europeu não é por isso mais prometedora de exito. As nações vitimadas pela guerra hão-de erguer-se da sua decadencia pelo esforço proprio de cada uma, isto porque a riqueza dos que são ricos depende em grande parte da pobreza das que são pobres. Se a Historia não nos ensinasse esta verdade, ensinar-no-la a logica e os principios indiscutiveis da Economia Politica. No conflito dos interesses não vencem todos; para que um ou outro ganhem, ha-de os restantes perder.

De resto, o levantamento da Europa não pode ser igual e simultaneo para todos os paises que a formam. Povos de diversos recursos, de varia indole e diferentes circunstancias, enquanto uns lidem pela sua emancipação, outros fraquejam; ao passo que estes lançam mão de todos os expedientes, aqueles ainda não acordaram do sono; e a medida que os mais conscientes recuperam as suas forças, os mais mortiços vivem de revoluções.

Dissemos em tempo num dos nossos artigos, que ao acabar duma guerra, a nação vencedora não é a que impõe a paz e agita no ar as suas bandeiras gloriosas; a nação vencedora é aquela que, finda as hostilidades, se encontra mais bem provida de meios para a sua reabilitação economica no mais curto prazo possivel. Os factos estão a darnos pleno assentimento. A Alemanha vencida dispõe duma energia de trabalho tal, e revela uma tal diplomacia, que não só está produzindo mais do que outrora, mas acaba de conquistar o grande beneficio de pagar aos seus credores, mediante produtos fabricados.

Ponha a Europa os olhos na formidavel capacidade economica dos alemães, e siga-lhes o exemplo, trabalhando cada paiz isoladamente, cada qual em beneficio proprio. Ao mesmo tempo trabalhem se quizer libertar-se dos terriveis efeitos da guerral

Asilo-Oficina de Santo Antonio

Nesta casa de educação realisou-se ontem á noite uma sessão de homenagem a Jeronimo Augusto de Carvalho e Borges de Carvalho, socios beneméritos do Asilo, falecidos no ano passado. Depois de ser aberta a sessão pelo presidente sr. dr. Pereira dos Reis, procedeu-se ao descerramento das fotografias dos homenageados, usando da palavra os srs. Zizarte de Mendonça, Alves e Boto de Carvalho depois do que o sr. presidente encerrou a sessão num brilhante discurso.

Além dasfamilias dos homenageados assistiram muitos socios e convidados.

Associação Promotora de Ensino dos Cegos

Asilo-Escola Antonio Feliciano de Castilho

Teem continuado a afluir todos os dias á séde deste Asilo, rua Correia Teles, a Campo de Ourique, as entregas de bilhetes da Companhia Carris de Ferro, atingindo já novamente o seu numero muitos milhares.

Abençoada empreza em favor dos ceguinhos em que tambem teem cooperação as criancinhas, indo ali por sua mão fazer entrega de massinhos de bilhetes.

A direcção desta instituição de caridade acha-se muito reconhecida para com todas as pessoas que teem ofertado bilhetes, não esquecendo a parte importantissima que cabe nesta cruzada á imprensa e ao comercio de Lisboa.

ULTIMA HORA

Eleições

A "Lista Unica,,

Informam-nos de que se renovam as negociações para apresentação duma unica lista republicana na eleição por Lisboa e que elas se apresentam, agora, sob uma feição muito favoravel. A iniciativa parece ter partido do governo.

Dr. Francisco Gentil

Na lista dos candidatos governamentais, hoje publicada nos jornais da manhã, vem o nome do sr. dr. Francisco Gentil, proposto pelo circulo de Extremoz. Sabemos que o ilustre professor não aceita candidatura alguma, pois o trabalho da sua clinica não lhe deixa tempo livre para se ocupar de assuntos politicos.

Propõe-se candidato a deputado por Moçambique, o capitão de infantaria sr. Delfim Costa, que foi chefe de gabinete do antecessor do actual ministro das Colonias.

No Tribunal de Marinha

Conselho de guerra

Presidido pelo capitão de mar e guerra sr. Francisco Eduardo dos Santos, realisou-se hoje, pelas 12 horas, no Tribunal de Marinha, o julgamento do 2.º tenente Jacinto Leopoldo Monteiro Rebocho, acusado de, na noite de 19 de Outubro, se recusar a ir comandar uma força de marinha.

O julgamento terminou pouco depois das 14 horas, sendo o réu absolvido.

ponte sobre o Tejo

O engenheiro, sr. Afonso Pena, autor do projecto sobre a construção duma ponte sobre o Tejo, conferenciou hoje com o sr. dr. Nuno Simões, titular da pasta do Comercio.

O sr. Afonso Pena realisa hoje, pelas 21 horas, na Sociedade dos Engenheiros Portuguezes, uma conferencia que versará sobre alguns interessantes pontos do seu projecto para a construção da ponte sobre o Tejo.

De viagem

A bordo do vapor «S. Miguel» da Empreza Insulana de Navegação partiu hoje para a Madeira e Açores, de visita, mr. e madame Barthelot.

Ao cães de embarque, além de muitas pessoas da colonia e da delegação franceza de Lisboa, foram apresentar as suas despedidas dos ilustres viajantes, o sr. ministro da França e sua esposa.

—Tambem no «S. Miguel» seguiu para o Funchal o antigo ministro sr. Peres Trancoso acompanhado de sua esposa, que ali vai proceder á continuação de inquerito economico.

O Papa

Agravou-se o estado de saude

ROMA, 20.—Dizem os jornais que o estado de saude do Papa que hontem era estacionario se teria agravado, atingindo a temperatura da noite passada, 39 9.—(H.)

POEIRA da ARCADA

Conferenciou hoje, demoradamente, com o sr. presidente do Ministerio, Madame Penha Coutinho Nôr de Vasconcelos.

❖ ❖ ❖

Uma comissão de industriais de Setubal conferenciou hoje com o chefe do distrito sobre interesses daquela cidade.

❖ ❖ ❖

Uma comissão de descarregadores do mar e terra do Barreiro apresentada pelo sr. Reyder da Costa conferenciou hoje com o sr. governador civil de Lisboa.

❖ ❖ ❖

O sr. ministro das Finanças teve hoje conferencias com diversas entidades da praça de Lisboa sobre a questão cambial.

* * *

O sr. general Sousa Rosa, comandante da 3.ª divisão do exercito, conferenciou hoje com o sr. ministro da Guerra.

❖ ❖ ❖

Foi exonerado, por falta de posse no prazo legal, do professor da escola de Marmeleiro, concelho da Certã, a sr.ª D. Fernanda de Almeida Mateus, sendo provida temporariamente naquela escola, a sr.ª D. Elvira Eliseu.

❖ ❖ ❖

Foram autorisados a continuar no exercicio de funções, os professores srs. José Bernardo Loureiro Diaz, da escola de Ronha, concelho de Pombal, e Joaquim Rocha, da escola n.º 1, de Aveiro, que atingiram o limite de idade.

* * *

O sr. Manuel Higino Fernandes, inspector do circulo escolar, distrito do Funchal, foi transferido, a seu pedido, para o circulo oriental do mesmo distrito.

Higino de Mendonça

O seu funeral

Pelas 15 horas, de hoje, realisou-se o funeral do capitão de mar e guerra e antigo jornalista sr. Antonio Higino de Mendonça.

Sobre o feretro foram colocadas corôas e ramos de flores. A urna ficou depositada em jazigo de familia no cemiterio oriental; organisaram-se varios turnos.

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

Como é natural, está despertando grande entusiasmo o concerto do proximo domingo, da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, no São Luiz, pois que, além de um belo programa, apresenta-se pela primeira vez em publico uma pianista distintissima, D. Beatriz Coelho, uma das mais notaveis discipulas de Vianna da Motta, que executará, com orquestra, o grande «Concerto em lá menor», de Schumann, executando-se tambem, completa, toda a «suite» de «Arlesienne», a «Romanza em fá», de Beethoven, sendo solista o professor Flaviano Rodrigues, o poema sinfonico de Liszt, «Lamento e Triunfo de Tasso», a «Marcha militar», de Schubert, e outras obras.

CRONICA LITERARIA

Flaubert

No calendario da grande arte, daquela que não cede nem transige, e, por isso mesmo, realisa plenamente seu destino maravilhoso, a creação da beleza, rutilou hontem, este nome formidavel. Ha cem anos, no dia 11 de dezembro nasceu o homem singular que trazia a missão de insurgir-se alternadamente contra os dois despotismos literarios, cujo duelo caracterisa os meiados do seculo desenove, e, por essa rebeldia contra a pretenciosa chinesice das escolas, constituir-se em modelo para todos os enamorados da perfeição, sejam melancolicos ou freneticos.

As formulas valem pelo que produzem a sua influencia. E' pueril que se discuta a superioridade teorica dos métodos, A' hora da execução, desmoralisa-se, degrada-se o instrumento considerado mais perfeito, se o acaso o não levou ás mãos do melhor artifice. Em ultima analise, uma só estetica, uma só filosofia da arte existe: a que, formada pelas regras a que o artista de genio parece ter obedecido no delineamento de sua obra, vive tão sómente para a interpretação e o louvor dessa obra, sem a veleidade ao mesmo tempo sacrilega e infantil de confeccionar receitas para uso e comodidade dos pretensos imitadores.

Mostrar-se-ia ignorante de uma das partes mais interessantes da obra de Flaubert, quem asseverasse que ele se conseguia esquivar a esse pendor, tão generalisado entre todos os artistas, para fazer obrigatoria a aceitação das regras predilectas. A sua correspondencia equivale a um longo curso de estetica. Exuberante, pletorico, sanguineo, era inevitavel que discorresse com exaltação sobre as particularidades do seu oficio, e natural que a ambição lhe nascesse de fixar em dogmas os processos de cuja utilização lhe parecia resultar a perfeição do seu trabalho.

Ondulam, porém, as suas teorias, enlaçam-se e metamorfoseiam-se para as combinações mais imprevistas, porque a propria arte em que se inspiram, de que se pretendem corollarios, se agita continua e convulsivamente, numa evolução caprichosa e indefinida. Obedeça alguem, dotado de paciencia, tenacidade e boa fé, ao catecismo que seria facil confeccionar-se, reunidas e catalogadas que fossem, ás máximas esteticas do mestre, e de duas uma: ou esse alguem possue genio e, em tal hypothese, sua personalidade lhe atraiçoará os propositos, coagindo-o a fraudes subtis, em que emergirá victoriosa a indomavel indisciplina dos espiritos originais, ou aquele insubstituivel atributo lhe falta, e, nesse caso, ter-se-ha em tão triste aventura um capitulo novo, e não dos menos hilariantes, para a historia simultaneamente sombria e grotesca de Bouvard e Pécuchet.

Flaubert é o maximo, o inexcedivel professor de arte, quando, ao invés de professor, executa. Ao trabalho—espetaculo incomparavel!—ele se desdiz, se contradiz, se desmente. Por vezes, obstina-se com anciedade morbida, na enervadora tarefa de kodakisar a realidade, surpreendendo-a em sua suprema hediondez, ele que melhor compreendera aquela região do entusiasmo, de que Madame de Staël foi a maior profetisa, o partidario intransigente da alucinação voluntaria que era essencia da idéa romantica, o arrebatado admirador de Vitor Hugo, o mais delirante cultivador das ficções.

Outras vezes, evade-se do seu meio e seus opostos, recolhe-se ao mundo tumultoso das imagens, vive intensamente a emoção pura, aquela cujo sentimento da natureza ora capaz de operar este milagre: fazel-o experimentar os signais da entoxicação pelo arsenico, á medida que lograva descrever, com a rectidão e a minudencia de um clinico, a marcha do envenenamento de sua heroina.

Na propria evocação de Carthago, não se harmonisam, não fundem o realista e o romantico: ao contrario, batem-se encarniçadamente, o ora pertence a vitoria ao imaginativo, ora cabe ao observador que possuia o previlegio de ver as civilisações mortas como via a civilisação de seu tempo. Ao lado dessas formas surpreendentes de duplicidade dessas incoerencias perturbadoras, a maxima expressão, nesse homem, do poder que tem o genio, e somente ele, de se equivocar sobre si mesmo; Dumas via brutabilidade doentia, sintoma do «mal sagrado» que aumenta o prestigio de sua obra, juntando-lhe a grandeza do sofrimento, porenamente saciado pela emoção, morrer sem trégua de uma sensação convertida em desfibrador vicio do espirito, ele recomendava, pregava, impunha a impassibilidade absoluta, afirmando-a salutar á eclosão da obra prima, indispensavel á serena e lenta germinação da beleza.

Porque foi assim, inconsequente e contradictorio, arrebatado numa e noutra direção pelo seu ideal de uma arte perfeita, ficou entre as duas escolas rivais, dominando-as igualmente, representando a mais nobre expressão das respectivas tendencias, mas sem a gloria precaria, perigosa, de personificar uma ou outra. Não se fez para os homens verdadeiramente geniais a função orgulhosa, vagamente ridicula, de presidir e chefiar cenaculos.

Mesmo na literatura, na arte em geral, o egoismo é odioso e grosseiro, a sensibilidade humana, deixando á margem do caminho, imoveis inuteis, quais mumias genuinas, os pretensos dictadores do gosto. Hugo e Zola já nos enfadam.

Ledes é um dever de erudição, que os liceus tornam compulsorio. Flaubert, entretanto, conserva toda a sua faculdade assombrosa de interessar e deleitar.

Posso que as proporções relativamente diminutas da sua obra não são estranhas á delicia com que dela nos aproximamos ainda hoje.

Não pode produzir tumultuariamente quem possui o respeito da propria ideia; tem de fital-a demoradamente para bem conhecê-la; segui-la a pouco e pouco para depois a possuir, amante submissa e sem vontade; e, para não mostrar indignos dela, trabalhar com afan, com amor, quasi religiosamente, a forma que deverá perpetuá-la.

Mas ninguem se equivoque, sobre o real sentido dessas lamentações. E' a sensibilidade que sangra. No intimo ele adora a sua fortuna, e seria incapaz do gesto que liberta. Além de ser ...lo bem o sabia—uma das estradas, talvez a unica, para o ideal, a dor é uma aristocracia. «Ha tantas pessoas, de alegria imunda e ideal restricto, que devemos abençoar nossa desgraça». Homens sobre os juvisilidades, incuravel. E será licito afirmar-se que são realmente dores as dores do pensamento? Não estará nelas, ao contrario, o refugio para os que sofrem a terrivel dor de viver? Não representarão as angustias de crear beleza aquela orgia de mundo—aquela orgia perpetua do Mestre?

Ai está, não se nota a explicação do sabor persistente que se encontra na grandeza da influencia que ele com exercido, exercerá sempre, sobre as sucessivas gerações de artistas. Foi-lhe um supplicio indescriptivel aquilo a que ele chamou, tão expressivamente «les affres du style». Sua correspondencia encanta-me como a biografia de um espirito que se encolausura, ferozmente, no proprio sonho de arte. Tantalum, nela os gritos de sua agonia, na ancia indefinida, perpetuamente renovada, de entender a perfeição—essa nuvem.

«E' mais facil reunir-em-se fortunas colossais, habitar-se um palacio cheio de obras primas, do que escrever uma boa pagina e ficar-se contento consigo».

Consoladora, serenadora filosofia, a que se desprende da vida e da obra de Flaubert. Louis Bertrand, panegirista singular, acha-lhe poucos idéas. Ei vacilo, deslumbrado (antes a mésse interminavel. Pensador sem o quer parecer, sugeriu a um grande filosofo, Gaultier, uma doutrina capaz de explicar a nossa eterna ancia por ser o que não somos, o bovarismo. Ninguem como ninguem, deixou-nos uma transposição estetica desse filosofia, no exemplo do quanto pode fazer que nos avisinhamos da perfeição o proposito inquebrantavel de atingila. Não ha diferença fundamental entre os sonhos de gloria que tornam romanticos, e idialistas, em sua vida interior, todos os burguezes, e aquela aspiração a uma vida intensa e distincta, por que se manifestou o instincto desgraçado a mais desventurada burguesia de Liaville.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Nesta epoca de revolução social em que a sociedade está voltada de cima para baixo, as fortunas fazem-se enquanto o rei dos infernos (gostam do eufemismo?) esfrega um olho.

Um dos maiores inconvenientes que este estado de coisas apresenta é a diferença intelectual que se nota entre pessoas que frequentam o mesmo meio e a dificuldade que ha, portanto, em se arranjarem casamentos iguais.

Repara-se especialmente nos homens uma grande falta de educação e cultura a mulher adapta-se melhor, adquire facilmente umas tintas de literatura e se é inteligente educa-se o bastante para se interessar pelos assuntos do dia.

Na aristocracia e no povo não se dá tanto este caso, em geral homens e mulheres medem-se pela mesma craveira intelectual e social, na classe média é que se veem estas desigualdades de educação e fortuna e portanto se repararmos veremos que é onde ha menos casamentos.

Porquê? Porque quasi sempre os meios de fortuna não correspondendo á cultura intelectual prefere o trabalhar e ficar solteiro, especialmente a mulher, a fazer uma aliança desegual de espirito.

Não é o nascimento humilde que assusta mas sim a ignorancia.

E' tão triste um casamento em que o marido não possa trocar impressões com a mulher sobre o seu trabalho, em que os assuntos que lhe ocupam o espirito sejam sem interesse algum para a mulher!

E é tambem tão atrozmente horrivel para uma mulher estar ligada a um homem seu inferior, a um homem de quem tenha de córar pela sua ignorancia, a quem se veja obrigada a explicar a mais leve alusão literaria ou artistica.

Antes mil vezes não casar!

O casamento só pode dar bom resultado sendo igual, especialmente no que diz respeito á cultura e á educação.

Por melhor que seja um homem não pode fazer uma mulher feliz se fôr mal educado e não ser que ela seja igualmente mal educada; nesse caso devem-se entender e os amigos põem-lhes na «corbeille» um exemplar do «Manual das Regateiras».

FRIOLEIRAS

Os autores e a publicidade

Quem escreve livros está agora atravessando uma crise medonha, especialmente os que não teem ainda nome.

Ha dias queixava-se-me um novel autor que a publicidade nos jornais estava carissima e que não sabia como fazer reclame dos seus livros.

Sou muito moderna, quasi futurista, mas ha uma coisa em que estou muito atrazada; detesto o reclame, porem compreendo-lhe a necessidade e movida de piedade ante a desolada expressão do meu interlocutor, dei-lhe uma ideia: escrever á maquina bocadinhos de papel com elogios á sua obra e ir espalhando-os pelas ruas e pelos electricos.

Com grande admiração e gaudio meu aceitou o conselho e estou agora alerta, esperando a chuva dos tais papelinhos.

Tudo tem um lado serio e essa conversa fez-me pensar no assunto, cheguei á conclusão que se devia encarregar dessa publicidade cram as livrarias que poderiam ter um Departamento de informações, onde todos os autores dessem o nome das suas obras e onde os leitores fossem informar-se dos livros a aparecer ou recentemente aparecidos e do seu genero.

Nesses Departamentos tambem se deveria tratar de livros estrangeiros para que não houvesse tanta ignorancia sobre o movimento literario moderno. Quem escreve estas linhas teve o jornal «A Comedia» e tentou mandar vir por varios vezes os livros que ali apareciam, pois após uma grande peregrinação pelas livrarias teve de os mandar vir directamente de Paris.

TRABALHOS FEMININOS

Tapetinhos

Sobre as toalhas de xadrez usam-se pequenos tapetes bordados em diferentes tons das mesmas côres que o xadrez.

Ficam bonitas feitas em linho granito, a ponto sobreposto, em diferentes tons; os mais escuros devem sempre ser colocados na base das é ptalas.

Os estames das flôres bordam-se num tom muito escuro. As folhas em claro e as hastes em escuro. A mesa ficará assim linda com aquelas sombras diversas duma mesma côr.

MODAS

A grande variedade nas modas é trazida pelas mangas. Mangas curtas ou cumpridas, todas são da mais alta fantasia.

Em primeiro logar veem as mangas pagodes e a sua diversidade é enorme.

Mais largas, mais estreitas, mais curtas, mais cumpridas, cortadas com bordados, com bainhas abertas, com pregas. Umas são lisas no hombro, pregueando á medida que descem; outras são franzidas em baixo; muitas vezes fazem-se de tecido diferente ao do vestido, em mousseline de sêda, tule ou renda para destacar um pouco a impressão de peso que dão.

Não lhes posso dizer tudo quanto agora se chama manga umas fitas, umas franjas, umas rendas que cobrem os braços mas que não lembram em mais nada mangas, tomasse com a maior sem-cerimonia esse nome. Nos factos de noite não as ha ou então são imensas como azas.

HIGIENE DA BELESA

Sabão depilatorio

Este sabão deve ser mandado fazer a um bom farmaceutico:

Glicerina, 3,73 gr.; manteiga de cacau, 7,46 gr.; oleo de ricino, 14 gr.; banha, 7,46 gr.; agua de soda, 25 gr. p. oto; amido, 0,94 gr.; sulfureto de sodio, 7,46 gr.; essencia de citronela, 0,94 gr.; agua, 16,74 gr.

Esfregar todos os dias o lugar que se deseja depilar.

SONETO

Amor, escudo de amantes

Senhora, se não levo ás vossas aras
um sacrificio igual, levo por ele
um impossivel tal, que o vencer dele
no mundo se no mundo sei que as fará raras.

Com mãos vence de gloria sempre avaras
quem vence humilde fado, este ou aquele.
Oh! Deixai que a fortuna me atropele,
que tão grandes vitorias não são caras!

Gloria vos pode ser ir defendendo
a vida contra quem com torpe estudo
em persegui-la á sorte não dispensa,

e obrigação tambem, em conhecendo
que, se no vosso amor não acho escudo,
não me fica no mundo outra defensa.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO.

PENSAMENTOS

Ha mais egualdade na sociedade do que na natureza.

RFY.

A gloria e a miseria do amor residem na sua sobrevivencia á felicidade.

RIVOLLET.

SPORT

Arbitragens

Dissemos aqui, e continuamos a dizer, que se a decisão do ultimo combate de «box», fôra justa a arbitragem, isto é, a direcção do combate jo a indolente.

«Que não, que tinha sido boa etc». Mas, como pela boca morre o peixe, é como quem escreve sem convicção cai em contradição passados dias lá veio a prova de que a razão está sempre pelo meu lado.

E assim falando com clareza diz «Time que as faltas de box levam quasi imediatamente á desclassificação».

Acrescentando que «só com a aplicação integral dessa doutrina, se conseguirá dar a um combate de box a fisionomia que o deve caracterisar».

E' essa, a boa doutrina, a unica que deve ser defendida, para não car com o «box» em pantanas.

Ora o que não bate certo, o que se não admite é que se desculpem as deficiencias da arbitragem, dizendo que se os arbitros teem contemporisado é por medo do publico...

Quem tem medo, compra um cão...

No «sport», ou por outra em cada «sport», ha regras que devem ser acatadas, sobretudo no começo para que os «profanos» logo de entrada vejam o que é bom, e o que é mau.

O contrario, é falsear a verdade, é fazer «sport» de pacotilha, é levar o publico para um caminho errado.

E' por essas razões que o proprio «Times» expõe, que tornamos a repetir, que a arbitragem do ultimo combate foi indolente, pois Raivo cometeu, e muitas vezes, faltas, que o arbitro nem ao de leve tentou reprimir.

«Quod est est, como diz o cauteleiro fardado.

RUY DA CUNHA

Ministros sportivos

A ultima modificação no gabinete francez, nao alterou em nada o subsecretariado dos sports, que ficou como estava a cargo de Henry-Pathé.

Natação

A celebre nadadora Kelerman, que tão conhecida é em França esta fazendo uma «tournée» pela Nova Zelandia.

Kelerman além duma nadadora de classe é um modelo de plastica.

Box

Parece assente que o campeão do mundo Dempsey faça uma «tournée» pela Europa, sendo possivel que nessa ocasião se faça novo encontro com Carpentier.

NOTICIARIO

O FOOT BALL DE DOMINGO

Realizam-se no domingo os seguintes jogos do campeonato da segunda divisão:

1.ª categoria—Vitória contra Carcavelinhos, nas Laranjeiras, ás 13 horas, juiz João Armour; Belenenses contra Atletico, nas Laranjeiras, ás 15, juiz Jorge Vieira.

2.ª categoria—Vitória contra Carcavelinhos, em Bemfica, ás 15, juiz Jaime Ribeiro; Belenenses contra Atletico, em Bemfica, ás 12, juiz Antonio Pimenta.

3.ª categoria—Atletico contra Carcavelinhos, em Palhavã, ás 13, juiz Diogo Ferreira.

4.ª categoria—Atletico contra Carcavelinhos, em Palhavã, ás 11, juiz Alvaro Ferreira.

—E do campeonato de promoção:

1.ª categoria—Chelas contra Portugal, em Chelas, ás 15, juiz Eduardo Pedro Gomes; C. Quebrada contra Royal, no Lumiar A, ás 15, juiz Ivo Torres de Sousa.

2.ª categoria—União Comercio contra Royal, no C. Grande A, ás 13, juiz Jaime Gonçalves; União Lisboa contra Portugal, em Chelas, ás 13, juiz Augusto Lopes; Sacavenense contra C. Quebrada, em Sacavem, ás 13 juiz José Vicente Gabriel.

3.ª categoria, 1.ª serie — União Lisbon contra Fosforos, em Chelas, ás 11, juiz Teofilo Constantino; C. Quebrada contra Portugal, no Lumiar A, ás 13 juiz Antonio Torres de Sousa.

BOX

Campeonato de Portugal

O campeonato de Portugal amador realizar-se-á no Porto, no dia 5 de fevereiro. A partida dos campeões do sul será no «rapido» do dia 4. No dia 3 far-se-á no G. C. P.

A pesagem e revisão a todos os campeões do sul, para o que se pede o comparencia dos srs. Faustino Correia Rodrigues, Sobral Dias, Abel da Cunha, Aragão de Andrade e João Rosa Brito, será ás 21 horas desse dia.

No caso de falta ou excesso de peso de qualquer destes, tomará o seu lugar o segundo classificado da categoria.

Os clubs a que pertencem os referidos campeões deverão fornecer a cada um jogo de luvas de 6 onças para as categorias até leves e de 8 onças para as seguintes.

Igualmente deverão os concorrentes do norte apresentar as luvas fornecidas pelos seus clubs.

No caso que algum campeão do norte ou sul tenha impedimento que o obrigue a desistir da prova, deverá disso dar conhecimento á F. P. B., até ao fim do mês corrente, podendo os campeões do norte fazê-lo por intermedio do delegado da F. P. B. no Porto.

PEDESTRIANISMO

Por organização dos srs. Cecilio Costa e Virgilio de Oliveira, socios do Royal F. B. Club, realisa-se no dia 29 do corrente uma corrida pedestre para principiantes que nunca tenham obtido premios noutras corridas, sendo o percurso de 2 voltas ao Campo Grande e sendo disputadas uma taça, tres medalhas e um premio de consolação.

Tambem nos informam de que só se aceitam inscrições apresentadas por clubs e até ao proximo dia 25, devendo toda a correspondencia ser dirigida a Cecilio Costa, Travessa do Pasteleiro, 42-2.º.

NOVOS CLUBS

Nucleo Portugal

No dia 1 de janeiro corrente inaugurou a sua séde na rua Manuel Bernardes, 38-1.º, este club.

Vota-se á cultura fisica, executando todos os desportos á medida que o seu exercicio lhe seja possivel, promovendo festas de todos os generos, jogos, etc. que na sua séde quer em outros quaisquer clubs.

TIRO AOS POMBOS NO LISBOA GINASIO CLUB

No proximo domingo, realisa este Club a sua 1.ª «poule» de Tiro, inter-socios, havendo um grande numero de atiradores inscritos.

São conferidas uma medalha de vermeil ao 1.º classificado e uma de prata ao 2.º.

Neste club ha hoje, á 20,30, reunião de assembleia geral, para leitura e discussão do relatorio e contas da gerencia de 1921 e do Parecer do Conselho Fiscal, discussão duma proposta de alteração nos estatutos e eleição dos corpos gerentes para o ano corrente.

No caso de não se reunir numero suficiente de socios, realisar-se-ha a assembleia depois de amanhã á mesma hora, com qualquer numero de socios.

OS CONTOS DE "A CAPITAL,,

O sr. administrador

por LUIZ R. PADO

Diogo José Bernardo, o administrador do concelho de X. por obra e graça do «D. Politiquice», era um homem valente, activo e mais energico que uma limonada de citrato de magnésia de força dupla.

Era mestre no jogo do pau, afrontava sem medo a boca dum bacamarte, e quando percorria a vila todo empertigado no seu médio macho, com gualdrapa e cabeção vermelho de borlas, e tacheira de chapas amarelas, fazia mais vista que o Sancho Pança aliás o D. Quichote.

Homem de acção, levára toda a vida a combater pelo ideal, e não tivera tempo de se familiarisar com os misteriosos caracteres do alfabeto, mal sabendo garatujar o nome, o que não o impedia — diga-se do passagem — de ser um bom administrador.

Tinha um sobrinho que andava nos estudos e lhe redigia os oficios, tratando-lhe do expediente sempre em dia.

O governo depositava nele inteira confiança, porque o Diogo era homem fadado para resolver casos bicudos, sendo pela força o direito ao menos pelo direito da força...

Em questões de ordem publico, não era preciso chegar ás do cabo: o seu cacete fazia sobre os subordinados o efeito da cabeça de Meduza: — petrificava-os.

Um dia estava o nosso heroi fingindo que assinava o expediente, quando recebeu um decreto, dimanado do Ministerio do Interior, sobre censura á imprensa. Os jornais excediam-se em diatribes contra o governo e era preciso, usa uma vez, sufocar a liberdade do pensamento.

O artigo 2.º do Decreto dizia: «Nos concelhos onde não se imprimam publicações diarias, a censura á imprensa (incluindo panfletos e outras publicações) será feita pelos respectivos administradores do concelho, que, por este serviço, perceberão a gratificação de 20$00».

O caso era serio. O nosso homem coçou a cabeça, fitou no sobrinho as suas olhos de Catão Censurino, arrebitou as orelhas, e no intimo regulou-se todo com a ideia de que ia receber mais vinte escudos por tão espinhoso tarefa.

Ai, dos Aretinos, dos Clavijos e dos Leninos do concelho! A sorte Troia! ... que se acautelassem!

A sua tesoura ia ser mais implacavel que a de Atropos!

Os redactores da «Aurora do Porvir» viram o diabo em dia. Perderam o apetite, e os mais brilhantes periodos dos seus artigos eram devorados pelo Minotauro do sobrinho do administrador que não era para graças...

Muitas vezes dissera ao tio que se acautelasse com a tinta vermelha.

Maximo Gorki, na Russia, esvurmava as coleras em tinta escarlate.

O tio era vermelho como o sangue.

Era por isso que o sr. Guerra Junqueiro queria que a bandeira da Patria continuasse a ser azul e branco...

Um telegrama urgente chamou o sobrinho a Lisboa, e o sr. administrador, em certa sexta-feira, viu-se privado do seu braço direito, ou melhor dizendo, da luz dos seus olhos.

Ora nesse dia o Diogo encontrou sobre a secretaria o manuscrito dum panfleto em verso.

Arregalaram-se-lhe os olhos nele. Diacho!

De principio ao fim era escrito a tinta vermelha!

Não sabia ler, não podia decifrar os arcanos terriveis daquele misterio, mas aquilo cheirava a bolchevismo como burro!

«Ecce Homo!»

O Lenine entrara-lhe em casa de chapeu na cabeça!

Era preciso agir, e já!

O exemplo tinha que ser terrivel!

Mandou imediatamente fazer um côrco em forma á casa onde habitava o bombastico poeta, e a frente dos mais terriveis cabos da policia, subiu as escadas e, aos pontapés, atirou com o poeta cá para baixo.

O povo, rugindo, atirava-lhe pedras, cobria-o de insultos.

—Matem-o ao calabouço! berrava o administrador com voz de bordão.

—Eh! bolchevista! Ladrão da nossa honra! Dos nossas terras e das nossas mulheres! Toma!

E zás! um pedregulho arremessado por um conservador, atingindo a cabeça do poeta, foi afectar-lhe o cerebelo e deu com ele em «futurista».

—A tremer, o pobre rapaz, debatendo-se, gritava:

—Mas porque me prendem? Que mal fiz eu?

—Inda o pergunta? exclamava o Diogo. Escreveu um livro vermelho, e bolchevista!

—Perdão, sr. administrador! V. S. não leu os meus versos...

—Não li os seus versos! exclamou o censor, rubro de colera. Você atreve-se a dizer uma cousa dessas?!

—O meu livro, soluçava o poeta, é um poema consagrado a vida de N. S. Jesus Cristo! Foi escrito com o sangue que escorre das suas feridas, das cinco bentas chagas do nosso Salvador!...

—Pois sim, pois sim, farto de lerios ando eu! Você não me convence, a mim, administrador do concelho, que passados tantos seculos, as chagas de Cristo ainda deitem sangue...

Calaboiço com ele!

TEATRO

Noticiario

Portugal

O sr. Macedo Soares, secretario da embaixada do Brazil, oferece na sua residencia, na proxima terça-feira, um chá, para o qual convidou grande numero de intelectuais a fim de assistirem á leitura da peça do sr. Samuel Maia.

—Os que ainda recordam o que foi a interpretação, num conjunto admiravel e pouco vulgar, da comedia «O Conde Barão» quando da sua estreia, não quererão decerto deixar de aproveitar a oportunidade excepcional que se lhes oferece no proximo dia 25, no Teatro Avenida, para de novo a saborearem; aqueles que não tiveram esse ensejo não quererão perder esta ocasião unica de a apreciarem. No mesmo espectaculo André Brun fará uma conferencia de especial interesse.

Chegou esta manhã a companhia Alves da Cunha.

—Apesar do enorme e brilhante exito que obteve a opera «Fausto» de Gounod, sob a direcção de Vittorio Gui e em que os principais papeis foram desempenhados pela cantora da Opera de Paris, Mireille Berthon, pelo tenor dos primeiros teatros de França, Jean Sullivan e pelo baixo Cirino, é amanhã, sabado, que pela ultima vez sobe á scena esta opera nesta temporada, em 18.ª recita ordinaria, para poder ser montada a opera «Aida», que se está preparando com um cuidado excepcional, de modo a efetuar desta opera uma representação memoravel, outro tanto sucedendo com a «Parsifal» de Wagner, que já entrou em ensaios.

—Está concluindo uma revista em 2 actos e 9 quadros, os nossos colegas na imprensa, srs. Ivo de Monforte e Nuno de Sant'Iago, intitulada «Na menina do olho»... com destino Saião Foz.

—Henrique Alves tem o principal papel—uma creação—na peça «O Fado», que vai em festa de José Santos.

—Rosa Mateus leva na sua festa a sua interessante opereta num acto, uma só vez ouvida no S. Luiz.

—Tambem a recita do Vila Nova, amanhã, conta com atrativos especiais.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—No Teatro Apolo, festa artistica da actriz-cantora Justina de Magalhães.

AMANHÃ—Recita de homenagem a André Brun adaptador da peça «O Juiz de Fóra», no Teatro Chiado Terrasse.

—Ultima representação em S. Carlos da opera «Fausto» de Gounod.

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.° 3984—12.° ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.° | LISBOA — Sabado 21 de Janeiro de 1922 | Telefone n.° 2293—Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

VIDAS ATRIBULADAS

A contribuição sumptuaria sobre as rendas de casas tem que ser suspensa, por inexequivel, até que o Parlamento sobre ela se pronuncie. Sustenta-la, atravez de tudo, é dar alma ás pedras das calçadas!...

Segundo lemos nos jornais da manhã, o sr. ministro das Finanças anunciou que a lei da contribuição sumptuaria seria revista no Parlamento.

Sem intuitos de desagradar ao ilustre titular da pasta das Finanças, vamos fazer, por obrigação profissional, algumas considerações sugeridas pelo laconismo da noticia, que, por força, não é senão incompleta. Nós não sabemos, aliás, se o sr. ministro das Finanças pertence ou não aquela escola afonsista que aconselhava que os ministros não devem ler jornais, a não ser aqueles que os cobrem de aduladores ditirambos. Pouca leitura teriamos nós, nesse caso, porque conservamos, atravez de todas as vicissitudes, a velha pecha de escrever claro em linhas direitas, importando-nos pouco ou nada que isso agrade ou desagrade aos poderosos! Felizmente que não passa de uma ingenuidade a basofia dos politicos que alegam não ler jornais. E é por isso que estamos na plena convicção de que o sr. ministro das Finanças não é, por forma alguma, estranho á influencia da prosa de «A Capital».

Posto isto, voltemos á materia, como diria o sr. ministro do Trabalho se ainda estivesse a reger as suas complicadas cadeiras de psicologia para uso externo.

Ha um ponto que merece a nossa atenção. Os estadistas portugueses, parecem viver, não na terra, mas no mais longiquo planeta do sistema solar, que é Neptuno, se o sr. Antonio Cabreira e a sua Academia, dão licença. E parece que assim é, tão evidentes e repetidas demonstrações eles dão do desconhecimento pratico da vida terraquea. Não, sr. ministro das Finanças, não é assim! Não basta levar a lei ao Parlamento. E' indispensavel suspendê-la sem demora, ordenando, ao mesmo tempo, a anulação dos processos fiscais já iniciados para a cobrança coersiva do imposto impossivel. E, para lh'o demonstrar, sr. ministro das Finanças, basta pôr-lhe diante dos lindos olhos alguns quadros de miseria e desespero, que são do nosso conhecimento directo. Ora ouça, por favor! E invocariamos até a caridade, se não suspeitassemos que o ilustre titular das avariadas finanças portuguesas pertence áquela classe de pessoas estimaveis que cultivam a virtude mas embirram com a palavra por estar incluida na lista teologal.

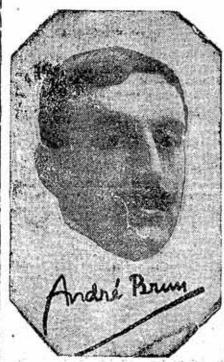
O primeiro caso passa-se com um major do Exercito. O oficial arrendou um casinhoto qualquer pela «modica» renda mensal de 100 escudos, mais ou menos. O fisco exigiu-lhe 200 escudos de contribuição sumptuaria. Não pagou, é claro. Onde havia ele de os ir buscar, se já realisou todos os adiantamentos possiveis e imaginaveis, para ir ocorrendo ás necessidades da alimentação diaria, de si e da sua familia? Foi executado como é da lei.

E está em vesperas de ser privado da mobilia, que foi penhorada para garantia da divida que lhe é impossivel satisfazer. Impossivel, sim, sr. ministro. Porque embora isso possa parecer-lhe estranho, olhe que ha muita gente, mesmo muitissima, que não tem forma de arranjar duzentos escudos juntos...

O outro caso, é ainda mais triste. Trata-se dum caixeiro de praça, que gasta os dias correndo a cidade para arranjar umas cedulas com que iluda a fome da mulher, de mais quatro crianças que são os filhos com que Deus abençoou tão auspiciosa união e uma pobre velhinha, a quem o mesmo Deus recusou a vista com que poderia contemplar os netos. Esta familia, depois de muitos baldões da sorte, arranjou num extremo da cidade um covil onde se abrigou, pagando 70 escudos mensais.

Cai-lhe agora o fisco em cima e exige ao desgraçado caixeiro que lhe entregue cento e tantos escudos. O homem, espavorido, largou a casa, meteu os tarecos num quarto alugado e... anda a monte, fugido ás Execuções Fiscais.

Não é preciso apresentar mais exemplos. Para quê? Se o sr. Ministro das Finanças quizer, chame ao seu gabinete um qualqual oficial de deligencias das Execuções Fiscais e ele que o informe das miserias e dos desesperos que vão por essa cidade fóra. Nem em Neptuno, ex.mo sr.!...

E' simples o que ha a fazer. E' mesmo a unica coisa rasoavel. Suspenda-se a execução da lei até á revisão do Parlamento. Ao mesmo tempo e como consequencia necessaria, arquivem-se os processos fiscais instaurados ou em via disso. Cessem, emfim, todas as perseguições! Porque, sr. Ministro das Finanças, se tal se não fizer, quem sabe lá o que pode vir a acontecer?

ANDRÉ BRUN

Esta noite, na pequena "boite" do Terrasse, André Brun vai ter, na intimidade de alguns amigos e de muitos espiritos, seus sinceros admiradores, uma noite de carinhoso acolhimento e de homenagem justa.

Esse escritor sincero e elegante, esse coração generoso de artista, esse belo temperamento de dramaturgo e de cronista, scintilante de bom humor, vivo, subtil, "raisonneur" da vida, "blagueur" impenitente da esquina de todas as ruas—esse homem que toca de graça ou de sentimento tudo o que escreve, já tem, emfim, no seu grande publico, o bom amigo indiferente a calunias, livre de "coteries", independente de influencias.

O autor sentimental, da "Visinha do lado", o homem que escreveu a sorrir o "Cavalheiro Respeitavel" o adaptador felicissimo da "Prise de Berg op Zoom" o cronista do "Sem pés nem cabeça", do "Sem cura possivel", do "Cada vez peor", o creador do "Praxedes"—verdadeiro achado de boa graça, de verdade flagrante—esse homem que mantem hoje, com firmeza, com interesse, com vivacidade, a tradição quasi perdida do nosso humorismo, esse homem que é—com poucos mais, Feliciano Santos, Roldão, Lino Ferreira e a parceria Bermudes, o que vai á frente na missão sagrada e nobilissima de fazer rir—esse homem merece de nós todos um respeitoso culto.

Soldado sem ser militarão, culto sem ser pretencioso, republicano sem ser revolucionario, humorista sem ser demolidor, elegante sem ser afectado, este André Brun, camarada de redação, homem de grande nariz e grande caracter, que frequentou as Sousas, que conheceu as Pires, que escalpelisou as Macedos, que tem passado a vida, desde a salinha quente e aconchegada do velho Ginasio, ao palco aristocratico do D. Amelia, a iluminar-nos a existencia com a sua "verve", a encantar-nos o espirito com a sua ternura—tem em mim seu anonimo admirador do "promenoir" desse mesmo velho Ginasio e seu admirador ainda, nestes "fauteuils" incómodos da critica, um amigo.

E' grato a quem "passa" como nós, neste ambito limitado dos teatros e dos jornais, sem tempo quasi para admirar, com a preocupação restrita de olhar e girar, saudá-lo a ele, André Brun, a ele que já agora, quer queira quer não, ha-de "ficar", "ficar" como quem que, na literatura contemporanea, foi o mais leve, o mais despretencioso, o mais encantador cronista da vida lisboeta.

O HOMEM QUE PASSA

POLITICA

Estão concluidas com exito feliz, as negociações para a apresentação ao eleitorado da lista da Conjunção Republicana

Nós não dizemos que os monarquicos tenham sido mal pagos porque, na realidade não se lhes fez nada para isso. Mas não ocultamos que a noticia do exito propicio das negociações a que, tão inteligente e delicadamente se votou o sr. Alves dos Santos, ministro do Trabalho, nos satisfez completamente. O triunfo republicano nas eleições por Lisboa está assegurado.

Na lista da Conjunção Republicana entrarão nomes representativos dos partidos constitucionais, sem exclusão dos socialistas, e apenas com excepção do P. R. P., que prefere agir isoladamente. E' certo, todavia, que os proprios democraticos veem, com agrado, a apresentação da lista da Conjunção, que assegura a vitoria eleitoral nas minorias, ficando as maiorias para o P. R. P.

As negociações terminaram esta manhã. Uma comissão eleitoral organisou-se imediatamente, instalando-se num gabinete do Ministerio do Interior, afim de dar principio aos seus trabalhos. Segundo ouvimos e cremos ser certo, vai intensificar-se a propaganda republicana, realisando-se num dos primeiros dias da semana proxima um grande comicio em Lisboa.

Coherentes com os principios republicanos que sempre defendemos, afirmamos ao povo de Lisboa que deve unir-se, como nos dias em que maior perigo correu a Republica, afim de votar unanimemente na lista da Conjunção Republicana. Eis qual é, no dia 29 do corrente, o dever de todos os sinceros republicanos.

A' urna, pela Republica!

Conselho de ministros convocado com urgencia

Hoje, cerca das 12 horas, reuniram-se em conferencia, na Presidencia do Ministerio os srs. Cunha Leal, chefe do governo, coronel Freiria, ministro da Guerra, e Freire de Andrade, director da Companhia dos Electricos. A conferencia teve por objectivo o estudo da situação criada pela greve dos electricos.

Terminada a conferencia, o sr. presidente do Ministerio convocou um conselho de ministros extraordinario, expedindo-se imediatamente os avisos.

O conselho começou ás 14 horas e realisa-se no salão da presidencia do Ministerio.

E' natural que o conselho resolva adoptar as providencias necessarias para fazer cessar, sem demora, a anormalidade da falta de transportes citadinos. Esta hipotese é tanto mais crivel quanto é certo que o chefe do governo nos declarou que a «chômage» do pessoal dos electricos não passará do amanhã.

O abastecimento de aguas da cidade

A agua é, como toda a gente sabe, absolutamente indispensavel á vida. Ninguem póde viver sem agua e se, por acaso, ela viesse a faltar algum dia passariamos por um transe aflitivo. Em Lisboa não estamos absolutamente livres de o experimentar numa estiagem mais prolongada que de costume e que muito bem póde vir a suceder em qualquer ano. Ou então por qualquer avaria grossa no canal do Alviela.

O problema de abastecimento de aguas á cidade de Lisboa é momentoso, é necessario, é indispensavel resolve-lo para não sofrermos alguma brusca surpreza desagradavel.

A cidade de Lisboa com respeito a aguas está sobre brasas, perfeitamente á mercê do acaso.

Basta que haja uma avaria no sifão das Sete Valas para que Lisboa fique sem agua, não só durante o tempo gasto a concertar a avaria, mas ainda depois durante os dias que a agua leva a vir da origem até cá.

Seria para a população um desastre de tão graves consequencias que nem queremos demorar-nos a examinal-as.

A questão tem sido posta por varias vezes, mas a verdade é que por desleixo, incuria e preguiça se tem deixado perder as boas ocasiões para a resolver. Agora, está claro, fica tudo mais caro, mas não seja isso razão para protelar ainda mais a resolução, porque então pode-nos sair carissima.

Qualquer das tres entidades, ou todas tres combinadas, companhia, Camara Municipal e Estado, tem de meter ombros á empreza depois de encontrar os recursos necessarios.

Está pendente da aprovação do Parlamento um projecto de lei pelo qual a troco da autorisação para elevar um pouco o preço da agua, se estabelece para a Companhia a obrigação de efectuar as obras necessarias, mas limita-se o dividendo da Companhia a 6 por cento.

E' a unica companhia das que teem contracto com o Estado, para a qual se estatue limite de dividendo. E' uma recepção que não tem justificação, nem explicação plausivel.

Uma dessas companhias, por exemplo, tem aumentado prodigiosamente o preço dos seus artigos e continua a distribuir dividendos de 20 por cento, outra em egualdade de condições distribuiu 9 por cento.

Porque razão, pois, se ha-de estatuir que a Companhia das Aguas não possa distribuir mais 6 por cento de dividendo? Será porque aquelas teem capitais estrangeiros, emquanto que nesta ha só capitais portuguezes?

Com efeito, a Companhia das Aguas é uma das raras companhias portuguezas até a medula.

Só ali ha capitais portuguezes e, coisa notavel, é a companhia onde mais tem acudido a pequena capitalisação, as pequenas economias. E isto deve ser uma razão de peso bastante para que ela seja tratada pelo Estado, já não dizemos com favor, mas com justiça.

AOS SABADOS

A Semana Literaria

Ao regressar ao ingrato logar de noticiarista do movimento literario, constato que os nomes marcantes são ainda os mesmos. Nenhuma revelação prometedora, nenhum novo astro. O ano cerrou-se sobre muitos livros de versos inexperientes, sobre nenhuns valores no romance, sobre fracos volumes de teatro. E quando recomeço, venho topar ainda as cronicas de Julio Dantas, as reimpressões de Sousa Costa, os versos de Alfredo Pimenta, os estudos do conde de Sabugosa e pouco mais. Gente dispersa, novos desorientados, talentos perdidos, brotoeja de ambições, gritos isolados, tendencias indefenidas...

O LIVRO DAS CHIMERAS por *Alfredo Pimenta*. Ed. Portugalia. Lisboa 1922.

Alfredo Pimenta publica um novo volume de versos; este é «*Livro das Chimeras*» *que, para consolação das proprias saudades e para perpetuação de instantes transcendentais o autor escreveu, quando, tendo descido da Torre do seu orgulho, entrava na catedral magnifica da sua humildade.*

Alfredo Pimenta mercê do seu esforço, da sua intelectualidade, dum trabalho arduo que o faz aparecer sob todos os aspectos literarios e artisticos, cronicas dispersas, artigos politicos, paginas de arte, livros de versos, impõe a sua personalidade vencendo a corrente de más vontades que contra o seu nome se levantaram mercê dessas luvas amarelas, irritantes, paradoxais que num parlamento da Republica eram a unica nota clara sobre um fundo muito negro. E' possivel que seja ir muito longe em atribuir a essas luvas simbolicas o destaque de Alfredo Pimenta, a campanha surda dos seus inimigos e rivais; seja como fôr, pondo de parte, na analise da sua obra literaria e politica, encontra-se no activo de Alfredo Pimenta, mormente de 1916 para cá, um punhado de obras que se vai fincando na opinião publica, de forma a tornarem-no uma figura destacada.

E o dificil na vida é sair-se da massa, do senhor «tout le monde», da igualdade em chateza. Alfredo Pimenta tem uma originalidade, tem um genio que cria e em que persiste até que fique gravado bem no nosso espirito. Esteta por excelencia, torturado, vencido que quer vencer, a sua poesia e o seu valor encontra-se logo na primeira poesia do seu novo livro e que por si só basta para quebrar os braços e as ironias aos que pretendam amesquinhar a sua obra:

> Venho trazer te os meos versos,
> Meos tristes versos sem côr,
> Que são os echos dispersos
> Dos meos dezejos de amôr,
> P'ra que os leiam encantados,
> E nos cantem embalados,
> Teos lindos labios em flor

O volume que termina por um belo punhado de sonetos, tem nalgumas poesias como as «Horas de insonia», um perfume demasiado entontecedor que os leva além de toda a moral e que sem deixar de serem poeticamente perfeitas, as torna libertinamente excitantes, envenenadoras, luxuriosas. Assim a poesia citada, termina

> *Quero despir-te toda inteiramente*
> *P'ra inteiramente te cobrir de beijos.*

e que, apesar de incorrer no delito da libertinagem poetica não chega á beleza dos tercetos do XIX soneto.

> Dois minutos apenas... e fugiste!
> A flor da tua boca não insiste,
> E tu nem vês sequer que me tentei...
>
> Mas tive a sensação ardente e louca
> De ter dado, na flor da tua boca,
> O beijo, meu amor, que te não dei!

Mas se é um «livro de Chymeras» e o autor é Alfredo Pimenta...

ESPIRITUAIS por *Oliva Guerra*, Ed. da autora—L. 1921.

Apostamos em que o leitor se não recorda. Mas lembramo-nos nós. Em 1919, uma pequena «plaquete» prefaciada por Freitas Branco, sobre os mestres de piano, lançava o nome de Oliva Guerra. Viemos encontrá-lo firmando um volume de versos. E' uma ascenção. E, pelo novo encontro rejubilamos; Oliva Guerra não esconde o «anseio de esquiva gloria possuir, prender» (pag. 9) e por isso arrojadamente na esteira de outras poetisas recentemente vindas á tona da vida, lança os seus versos «Espirituais».

São, porque não dize-lo versos torturados, mais frutos duma inteligencia, dum trabalho, dum desejo de luta e de aspiração do que o resultado de inspiração, de poesia; aqui, ali, a todo o momento a ideia escaldante, «o pouco de muito que sente dentro da sinfonia» (pag. 8), esbarra na perfeição rica, harmonica do verso, não correspondendo a grandeza e profundidade das suas ideias. A eito, no 3.° soneto do «Tristão e Isolda».

> A morte vem, libertação suprema,
> Suas almas soltar, emfim, da algema
> Em que as prende a substancia corporal.

A 3.ª parte do livro «Amor», muito feminina, é mais bela, mais completa e pode prender a atenção um quarto de hora, até ao fecho do livro em que se dirá «Ainda bem», não com intenção, mas a terminar o ultimo soneto, num desejo que a propria poetisa expressa.

> Aprendi neste amor o que é viver:
> Sou feliz. Este amor tinha que ser...
> Tinha que ser, amor... Ainda bem.

PÃO DO EXILIO por *Salema Vaz*, Ed. Portugal Brazil Lisboa-Rio

E' curioso que hoje só encontramos nomes já conhecidos.

Salema Vaz que saudámos em 1919, pelas «Desgarradas», no ano seguinte pelas redondilhas «Terras de Ninguem», envia-nos o novo volume «Pão do Exilio».

Apesar do belo papel «couché», da amavel oferta, e da simpatia pelo autor mentiriamos se dissessemos que o novo livro é superior aos seus mais velhos. Salema Vaz temperamento poetico, valor real perde-se no seu sentimentalismo, adelgaça em subtilidades as suas emoções a ponto de escrever

> Assim te quero, ó minha Bem-Amada!
> Plos braços teus, que são
> «De biscuit»!
> E de cuja perfeição,
> Copia não vi!...

Em compensação o lenda ilhéo «Cedro de Amor», e alguns sonetos atenuam as horrorosas impressões dos versos que por precipitação maculam a perfeição do volume. Aguardamos melhor, sempre melhor.

RESSURREIÇÃO DOS MORTOS (2.ª *Souza Costa*. Ed. Portugal Brazil.

Quando apareceu este romance no mercado, vaticinámos uma breve reedição. Ei-la. «Malgré» as correntes modernas, Souza Costa, vende-se, vende-se bem, consegue esgotar-se e reeditar-se com facilidade. A «ressurreição dos mortos» tem elementos de sóbra para um sucesso literario, num paiz em que um romance é «avis rara», e mais de cem paginas impressas aterrorisam os leitores. Mas o colorido paisagista, e discritivo farto de Souza Costa, o estudo regional do nosso Douro vencem a apatia do publico e... o que é mais, reeditam-se. Custe a quem custar.

REGISTO DE ENTRADAS

«Ironia dos Namorados», Marialha de Campos.

«Galos de Apolo», Julio Dantas.

«Fora de Portas», Fernando Emidio da Silva.

«Noite de Santo Antonio», Vasco Mendonça Alves.

O senhor café

Não sei se sabem que o café da Brasileira subiu—e subiu porque não podia deixar de subir. Eu só me admiro de ter subido tão tarde—eram dez e meia da noite. Em todo o caso subiu.

O café da Brasileira tem fama—fama de muita coisa. Ha quem diga, com gravissimos fóros de verdade, que a maioria das revoluções portuguesas destes ultimos tempos tem saido duma chicara de café—do café da Brasileira. Não sei. Entretanto é horrivel que seja assim o que só mostra as excelencias do café. Mas os revolucionarios desta Lisboa pacifica e risonha; que tomara que a deixem, não vão á «Brasileira» tomar apenas café. Vão sobretudo dar fé. Fé e café—sem ca. E ca não é mais do que a abreviatura de cana. Logo fé é café sem cana. Ora isto é em mentira. A fé dos revolucionarios alfacinas é com cana—mas sem café.

Santo Deus. Ao que nós chegâmos. Uma pequenina chicara de café por dois tostões! E o café é cada vez mais fraco. Em compensação o preço é cada vez mais forte.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

LER NA 2.ª PAGINA

"MIGALHAS,,

POR

ANDRÉ BRUN

Um caso ridiculo

E' o que se dá com o facto dos estrangeiros verem importarmos especialidades farmaceuticas para o tratamento do reumatismo e da gota, tendo nós o «Diurenal», diuretico renal, eliminador eficaz do acido urico que a considera como uma das descobertas terapeuticas que mais nos honra em qualquer parte do mundo.

A minha viagem á Alemanha

— POR —

Charlot

(Charles Chaplin)

O meu camarote estava ornamentado com bandeiras americanas e francesas. Os aplausos são tão continuos que me embaraçam, mas ao mesmo tempo sinto um prazer delicioso, o mesmo que Dory sentiu quando os seus «Trez mosqueteiros» passaram no Cinema.

Os programas que eu assinei, venderam-se logo todos, assino muitos mais, quantos posso, e todos se vendem.

Fotografam-me em todas as posições, até de costas. E' um triunfo continuo. O film passa, mas eu desinteresso-me porque ha para mim muito mais que ver na sala dos espectadores.

No fim do film, vem um mensageiro da parte do ministro chamando-me porque ele quer condecorar-me. Que entalação! Que vou eu dizer, eu que não preparei coisa alguma para dizer. Lembro-me com horror do susto que passei a redigir o discurso que devia pronunciar á minha chegada a Southampton. Mas agora ainda é peor. Não chego a reunir duas ideias. Eu devia ter previsto isto.

O mensageiro espera com uma ponta de impaciencia. Encho-me de coragem e dirijo-me com ele para o camarote ministerial com a anciedade que deve experimentar um condenado á aproximação da guilhotina.

Apresentam-me a cada um dos ministros. O da instrução publica faz um discurso. Traduzem-me ao mesmo tempo, mas mal. Ao passo que o ministro fala, eu penso em qualquer coisa de conveniente e elegante para responder, mas não me acodem senão ideias banais.

Emfim o ministro acabou e eu então não tenho senão uma palavra, em francez: «Merci». Ainda era a melhor que eu podia dizer. Mas os aplausos continuavam. E' preciso que eu diga alguma coisa.

Levanto-me do meu camarote, falo do cinema e sobretudo da alegria que sinto em concorrer para uma tão nobre causa como o socorro ás regiões devastadas.

Os espectadores estão contentes ou, pelo menos, parecem estar. Ha um entusiasmo louco; muitos homens de barba abraçam-me antes que eu possa sair. Estou bloqueado; a multidão não arreda pé. Por fim os lustres apagam-se, mas nem assim. A multidão permanece obstinada.

Chega então um guarda e oferece-se para nos fazer sair por uma porta falsa. Seguimo-lo e escapamo-nos depois de termos atravessado ainda uma multidão que fazia uma algazarra enorme na rua. Encontro Canal que me felicita e dirigimo-nos para o hotel Crillon para ver Dory-lhary. Felicitam-me tambem e então conteilhes a minha deploravel atrapalhação no momento em que o ministro me condecorou.

Os meus amigos esforçam-se por me consolar e mudam de conversa, dizendo-me que o general Pershing ocupa um quarto visinho do deles. Digo-lhes que aposto em como o general nunca travou batalha igual áquela em que eu acabava de sofrer uma derrota.

Pedem-me então para vêr a condecoração. E' verdade que eu mesmo ainda a não vi. Desenrolo o pergaminho e Dany lê em voz alta as palavras magicas pelas quais o ministro da instrução publica e das Belas Artes confere ao artista dramatico Charles Chaplin o titulo de oficial da Instrução Publica.

Ali ficámos a conversar até ás 3 horas da manhã; dirigi-me então para o meu hotel, fatigado, mas feliz. Só esta noite valeu bem a viagem da America.

Encontrei no meu quarto um bilhete de Skeys. Diz-me que estava no Trocadero na galeria a vêr o «Gosseo» e diz: «Sim, vi o film. Você é um grande homem. O meu coração está cheio de alegria. Você deve ser feliz. Eu rio e choro ao mesmo tempo. Skeys».

Este bilhete não foi dos menores prazeres que tive nesta noite.

No dia seguinte almocei com Elrie e Welf, no Trianon em Versailles. Conheci alguns dos poetas e dos artistas francezes mais conhecidos e voltei a Paris depois de ter passado uma manhã interessante e agradavel.

ORDEM PUBLICA

O «Grupo dos Treze», a «gréve» dos electricos e a proximidade do acto eleitoral — O governo deve ter mão de ferro para prevenir e reprimir desordens

Esta madrugada a policia invadiu o Centro Antonio Maria Baptista, surpreendendo, numa das salas, um numeroso grupo de individuos, que se ocupavam dos planos duma nova revolução. Foram presos, entre outros, os seguintes cidadãos, que pertencem, conforme se julga, ao famoso «Grupo dos Treze»: Aurelio Daniel, vice-presidente do «Grupo dos Treze», um pasteleiro de nome Alves, o 1.° cabo José Faustino, da Guarda Republicana, Manuel Henriques Junior, comerciante e Manuel Domingues Agostinho, empregado no comercio. Alguns conjurados conseguiram evadir-se, mas sabe-se que á reunião assistiam tambem sargentos da guarda.

Convem recordar que este «Grupo dos Treze» goza da fama de ser o asilo de revolucionarios intransigentes e um dos braços do outubrismo radical.

Por outro lado, temos que rebentou, inesperadamente a «gréve» dos electricos. E, á boca pequena, fala-se na possibilidade da eclosão doutras «gréves».

E' possivel que todos estes acontecimentos e outros que se prevêem, possam filiar-se nos manejos para alteração da ordem publica, de que já demos alguns discretos informes. E' positivo que certos politicos partidaristas veriam, com bons olhos, um adiamento do acto eleitoral, ainda que para tal conseguir fosse mister manchar novamente de sangue as paginas da historia da Republica.

O governo continua, aliás, no proposito firme de garantir ao povo o seu direito de voto. As dificuldades que lhe forem opostas, serão removidas. E não seremos nós, que sempre defendemos a ordem e a legalidade, que censuraremos o governo se ele para garantir a liberdade dos cidadãos, usar dos meios que as leis lhe dão. Esteja o governo vigilante e, sem precipitações impulsivas nem inuteis violencias, mas com firmeza inflexivel, force á tranquilidade aqueles cidadãos que, por acaso, se demonstrem incompativeis com a vida normal da Nação

A doença do Papa

O seu estado é desesperado

ROMA, 21.—O papa continua inspirando serios cuidados. O Vaticano informou o governo de que o seu estado é desesperado.

O testamento

ROMA, 21.—O papa entregará ás quatro horas o seu testamento ao Cardeal Gasparri.—(R.)

Os dois pulmões de S. S. não funcionam

ROMA, 21. — Manhã. — O Doutor Battistino mostra-se pessimista a respeito do estado de Sua Santidade, dizendo só poder ter esperança no sobrenatural. A febre não é excessiva nem mesmo as pulsações, mas o que impressiona são as respirações em numero de 54 por minuto, dahi a ameaça da sufocação. A pneumonia está localisada no lado direito; mas os dois pulmões não funcionam por causa do catarro.—(H.)

Não ha esperanças de salvação

ROMA, 21.—O Papa pelas 11 horas vendo Nasalli Rocca, novo arcebispo de Bolonha, de que em tempos o Papa foi tambem arcebispo, pediu-lhe noticias da diocese e falou em seguida com Menozoni, bispo de Placencia, mantendo-se como se se tratasse duma audiencia ordinaria.

Pelo meio dia o Papa estava mais enfraquecido tendo desaparecido as esperanças que até ahi se manifinham. As condições gerais peoraram. O pontifice esgota-se lentamente. Pelo meio dia e meia hora entrou no

...aposento do Papa o principe Chigi que em caso de morte do pontifice exercerá as funções de marechal do conclave. A'e 12 horas e 35 minutos o dr. Battistine visitou o doente dizendo que a situação do doente era mais grave e até desesperada.—(Lat. Am.)

Já se recorreu ao auxilio do oxigenio

ROMA, 21.—Madrugada.—Continua grave o estado do Papa. A's 10,45 tinha podido expectorar um pouco, o que havia feito surgir a esperança de melhoras. Pelas 11 horas piorou novamente, tendo que recorrer-se ao auxilio do oxigenio. Mgr. Zamperini, capelão dos Palacios apostolicos o Mgr. Respighi, mestre de ceremonias, o Mgr. Gigone camareiro secreto conservam-se á cabeceira do doente. Mgr. Zamperini ordenou orações em todos os institutos catolicos de Roma. Reina grande consternação no Vaticano. Alguns cardeais permanecem na ante-camara.—(H.)

O Papa ouviu com plena lucidez a profissão de fé do cardeal Georgi

ROMA, 21. — O Papa ouviu com plena lucidez e acompanhou com perfeita inteligencia e profunda emoção a leitura da profissão de fé feita pelo cardeal Georgi. Depois de ter recebido a mensagem o papa dirigiu-se ao cardeal Silé, dizendo-lhe «Peço-vos para me encomenderdes á Virgem de Pompeia». Antes de receber o Viatico foi-lhe ministrada a Extrema-Unção.—(B).

Estão-lhe sendo ministradas injeções de oleo de camfora

ROMA, 21.—Agravou-se o estado de saude do Papa. A respiração mantem-se em 54. Foram-lhe ministradas injeções de oleo de camfora.—(H).

O irmão de Bento XV está á sua cabeceira

ROMA, 21. — Entre os primeiros prelados que acorreram de manhã a visitar Sua Santidade foi Mgr. Pizzardo, substituto do Secretario de Estado. Sua Santidade, logo que o viu, levantou a mão para lhe lançar a benção, esboçando um leve sorriso. Contudo ás 6 h. e 15' teve uma nova crise pelo que se mandou chamar imediatamente o marquez Joseph dela Chiesa, irmão do Papa, que entrou na camara de Sua Santidade ás 6 h. 30'. Tambem foi chamado imediatamente o cardeal Gasparri. O Sumo Pontifice sofre muito de falta de respiração. A's 7 h. e 30' o cardeal Giorgi leu as orações dos moribundos. Os professores Marchia, Fava e Bignani entram no Vaticano enquanto os cardeais Battistini se encontram á cabeceira durante a visita medica. Por um momento temeu-se um desenlace, mas em breve Sua Santidade teve um ligeiro alivio.—(R.)

Contadoria da Misericordia de Lisboa

Até 15 de Fevereiro recebem-se requerimentos para as esmolas de 2$25 deixadas pelo bemfeitor M. Antonio Nogueira de Sousa aos pobres das freguezias da Encarnação e Camões, preferindo cegos e viuvas com filhos de 8 anos e para as esmolas de 4$50 deixadas pela bemfeitora D. Eusebia Felicidade da Silva Nobre a chefes de familia cegos ou paraliticos, das freguezias da Encarnação, Restauradores e Camões.

Um banco assaltado

LONDRES, 21.—A sucursal do «Royal Bank» em Granton, Edinburgo, foi assaltada por trez homens mascarados, os quais ameaçando com revolveres os empregados, roubaram duas mil libras em notas, conseguindo desaparecer sem que fossem ser presos.—(R.)

Migalhas

Ora graças!

O nosso amigo Praxedes, a quem sua esposa a mendo diz—«Para cá vens de tu carrinho!», está livre durante umas seis semanas de ouvir esse remoque conjugal. Se lá quizer ir ha-de ser nas pernas, que Deus lhe deu para que ele ambule na existencia, já que teve o mau senso de surgir nela.

Como v. ex.as haviam de ter notado, nestes ultimos quinze dias, a não ser a descida do cambio e uma conferencia que fiz numa recita oficial, a Providencia tinha-nos poupado calamidades de vulto. Vivia-se, com dificuldade é certo; mas ia-se vivendo. Ha tres ou quatro dias para nos alegrar a existencia tinha-se falado de um levantamento militar no Norte; mas, ao que parece os senhores guerreiros do Septentrião tinham-se voltado para o outro lado e desistido de se levantar.

Ora isto não podia continuar assim e o pessoal dos eletricos, que garante habitualmente ás pessoas de sexos diferentes os transportes em comum, acaba de se pôr em greve. Vamos durante um mez, talvez dois, quem sabe trez, conhecer o encanto das longas caminhadas na lama, entre outros a industria dos teatros de que vive mais gente do que a de Sto. Amaro vai ter que somar aos seus prejuizos anteriores mais um marasmo formidavel e vamos ver circular na cidade as galeras, «chars-á-bancs», carroças do lixo e outros pitorescos veiculos que periodicamente reaparecem á beira das ruinas do Rocio.

Esta nova gréve não nos surpreende, porque de ha muito estava anunciada. Um engenheiro dos eletricos, com quem eu falava ha tres semanas, garantia-me, além disso, que era perfeitamente evitavel, mas que por isso mesmo ninguem fazia nada para a evitar.

Com efeito, das duas uma: ou ela tem a solução favoravel aos grévistas que estes esperam ou não tem. Se tem e se é possivel que a concedam ao cabo de tres meses,—quem sabe?—de quatro,—sabe Deus!—não seria mais inteligente e mais pratico que a tivessem dado ontem para que hoje não andassemos a pé? Se não tem, se os grevistas hão de voltar ao trabalho daqui a um semestre, talvez dois,—quem poderá dize-lo?—sem conseguirem o que desejam, para que vem eles somar mais esta arrelia inutil ás muitas que já nos afligem? Dir-me-hão que eles são de opinião que sim e a Companhia da opinião contraria. Se a gréve estava prevista, não teria sido natural que um terceiro «quidam»—o governo, a Camara Municipal, um arbitro escolhido por ambas as partes, que sei eu?—tivesse procurado dar ao caso e a tempo uma sentença clara e imparcial?

Assim encontramo-nos em face da mesma situação que já tivemos ocasião de gosar tres ou quatro vezes nos dois anos. ter de andar a pé, vermos a nossa vida e muita vez os nossos interesses mais directos altamente prejudicados e não sabermos ao certo quem havêmos de amaldiçoar se a Companhia que se chora em cartazes, se os empregados que se lamentam na praça publica.

Estes ultimos—preciso é que saibam—reduzem muito as simpatias que os podiam acompanhar sabotando o material, o que parece demonstrar que receiam não ser tão indispensaveis como á primeira vista parece e temerem que os carros saiam mesmo sem a intervenção dos seus conductores habituais, e procurando, portanto, impôr pela violencia a razão que talvez tenham.

Ha neste proceder matéria para nos irritar, a nós, respeitavel publico a quem ninguem,—governo, companhia e proletarios conscientes,—guarda respeito e o pessoal dos electricos ficaria certamente mal disposto, se, em resposta aos seus actos de sabotagem, todos nós adoptassemos para com ele o procedimento que, em França e por ocasião da ultima greve de caminhos de ferro, fez abortar esta em poucos dias.

Na maior parte das cidades de provincia francezas, os talhos, os padeiros, os leiteiros, os medicos, os farmaceuticos recusaram os seus serviços aos grevistas, que tinham suspendido o trafico dos artigos de alimentação, entre outros,

Pois se ámanhã o padeiro, que não pode andar de electrico, deixasse de vender pão ao grevista que o força a andar a pé, se o medico negasse os seus serviços a quem lhe dificulta o exercicio da sua profissão, mórmente nesta ocasião em que o estado sanitario da capital é tão pouco brilhante, se—para não deixar de haver justiça—egual procedimento se adoptasse para com os directores da companhia, os membros do governo e os vereadores da Camara Municipal, é muito possivel que chegasse rapidamente a uma solução.

ANDRE BRUN.

Factos e palavras

... DO CASO DO DIA

Era fatal. Tinha que ser. Nem eu podia hoje escrever sobre outro assunto que não fosse este: a greve dos electricos.

A estas horas Lisboa anda de mau humor, a sobrancelha carregada, a boca comprimida, o nariz afilado. Tiraram-lhe os carros, e ou paga um dinheirão ou anda a pé.

Ora obrigar o lisboeta a andar a pé, é a maior partida que lhe podem fazer:

Ele consente que o pisem, que o roubem, que o apertem, mas andar a pé isso não.

Ele pede por amor de Deus que o deixem ir pendurado, que o deixem ir no estribo, no salva-vidas, agarrado ao troley, mas a pé... isso não.

E é tal a sua mania que é capaz de ir a pé desde o Rocio ate ao Terreiro do Paço apanhar lugar num carro que o leve ao Intendente.

De modo que quando eles faltam, como hoje fica furioso.

O primeiro dia de greve anda a pé. Anda furioso mas anda... que os automoveis são caros.

Mas depois é superior ás suas forças e ele ahi vai de automovel tratar dsana vida.

Ora isto de automoveis de carreira dá por vezes lugar a scenas curiosas.

Durante a ultima greve tomei um automovel no Rocio que me levasse á Estrela. Lotação completa: 5 pessoas.

Ao lado do chauffeur um cavalheiro gordo que saiu na Avenida, nos dois bancos da frente dois cavalheiros taciturnos que ficaram no Rato. No banco de traz eu... e uma linda rapariga de vinte e tantos anos.

Seguiamos sosinhos para a... Estrela.

O automovel, um lindo carro branco, levava a capota aberta.

O chauffeur bem fardado guiava senhor do seu papel e nós dois seguiamos lado a lado como qualquer casal de pombos... amuados.

A certa altura cruzei com uns amigos. Disse lhes afectuosamente adeus. Eles porém respeitosamente tiraram-me o chapeu. Ela notou e fez-se vermelha.

Depois não se conteve e disse-me:

—Parece que vamos juntos.

—Realmente vamos ao lado um do outra.

—Mas não deviamos ir. E' um comprometimento para mim.

—Não compreendo.

—Quem nos vir ha de dizer que vai comigo.

E não diz mentira nenhuma. Eu vou com V. Exa. e V. Exa. vai comigo.

—E acha natural?

—Tão natural como se fossemos assim num carro electrico.

—E' diferente.

—Não me parece.

Todo o resto do caminho foi originalmente preenchido por uma das mais tremendas represenões que até hoje tenho ouvido.

De repente mandau parar o automovel. Era na rua Ferreira Borges. E já na rua ainda me disse:

—Fique sabendo que me pode ter comprometido seriamente.

—V. Exa. esqueceu-se duma coisa.

—De quê? Dalgum embrulho?

—Não, minha senhora. De vir calada para se não comprometer ainda mais.

BOTTO DE CARVALHO.

❖ ❖ ❖

Devido a um telegrama enviado de Rosta para Cristiania, detalhando os trabalhos realizados no Polo Norte para encontrar vestigios da expedição Amundsen, e os professores Tersen e Knudsen, foi chamado a capitulo o conhecido explorador polar, o valente capitão Isachsen. Em sua opinião a expedição Bagitheff, á qual o telegrama se refere, deve ser a enviada em socorro do capitão norueguez Jacobsen.

Bagitcheff, que foi chefe da «equipe» da expedição Toli, em 1900, e que conheceu perfeitamente aquelas paragens, foi em companhia de Jacobsen. Quanto á parte do telegrama referente a ossos e cadaveres queimados, julga o explorador que se trata dos restos dos animais que Tersen e Knudsen tiveram de sacrificar, focas, etc. Todavia, como estes são os unicos vestigios deixados pelos valorosos exploradores, e como nunca mais deles houve noticia, é bem provavel que tenham adormecido, para sempre, entre os gelos eternos do polo. Na opinião de Isachsen, não é prudente tentar expedições baseadas ou esperançadas em antigos depositos de viveres, e aconselha que as expedições não deviam efetuar-se no outono que é a peor estação.

O polo Norte é ainda um misterio

❖ ❖ ❖

Tokio será em breve a terceira cidade do mundo. O «mayor» da cidade, barão Gote, apresentou ao municipio uma proposta que foi aceite, para que os limites da cidade sejam ampliados em varias direções, de 4 para 5 quilometros. Com este aumento de area, a cidade ficará com uma população de 3.360.000 habitantes.

❖ ❖ ❖

A oficina da Confederação Geral do Trabalho internacional, reuniu-se ha poucos dias e resolveu fazer uma chamada aos partidos operarios de todos os paizes para chegar á união proletaria internacional e combater o inimigo comum, a burguezia.

❖ ❖ ❖

Encontra-se em Paris o notavel romancista hespanhol Blasco Ibanez, que representa a Espanha nas festas do tricentenario de Moliére.

❖ ❖ ❖

Da Russia dizem que os jornais que ali se publicam elevaram os preços da assinatura e venda avulso pela extraordinaria escassez de material. O «Investia» de Moscou estabeleceu o preço de 40 mil rubles por mez em Moscou e 45 mil nas provincias. Avulso custa cada numero 2 mil rublos.

Congresso Municipalista

Numa sala da Camara Municipal de Lisboa, reuniu ontem a comissão organisadora deste Congresso, com a assistencia dos senhores: Costa Gomes, Ramos da Costa, Agostinho Fortes, Dias da Silva e Eloy do Amaral. Tomou conhecimento de muito expediente e adesões recebidas, mandando proceder desde já á composição e impressão de teses, para o que foi nomeada uma comissão revisora, composta dos senhores: Costa Gomes, Ramos da Costa e Agostinho Fortes. Tendo algumas Camaras ponderado a conveniencia de se adiar a data da realisação do Congresso, a fim de dar mais tempo á elaboração e impressão das teses que desejam apresentar, e bem assim por motivo da inesperada coincidencia com o periodo eleitoral que está decorrendo, a Comissão, reconhecendo a rasão dos motivos apresentados, resolveu adiar a reunião do Congresso para nova data, que será comunicada com a precisa antecedencia, proseguindo, porem, com toda a actividade nos seus trabalhos para que o mesmo Congresso constitua uma demonstração evidente da vitalidade dos corpos administrativos.

Em volta de Salomé...

Um caso extrânho

CHICAGO, 21. — A celebre artista Mary Garden não realisou a sua terceira aparição na opera «Salomé» como estava anunciado, porque os criticos classificaram a sua intepretação como uma «exibição obscena e imoral de uma joven demente pela paixão». Esta personagem constitue um dos papeis predilectos da artista. A peça foi aqui prohibida em 1911, fazendo-se agora a sua «reprise» porque a artista julgou, segundo afirma, que os tempos tinham mudado.—(Lat-Am).

As tragedias do mar

O «Crook» entra em New-York

NEW-YORK, 21.—O transporte de guerra «Crock» com 980 oficiais, tropas das forças americanas na Alemanha, 16 alemãs, noivas de soldados americanos e sete crianças, conseguiu finalmente entrar neste porto depois de uma corrida de 450 milhas, que durou tres dias, acossado na retaguarda por um tufão que prometia submergi-lo se o alcançasse. Nas ultimas doze horas da corrida o primeiro engenheiro e a tripulação sustentaram uma luta horrivel contra o temporal. O transporte conduzia tambem os cadaveres de 625 soldados americanos.—(Lat-Am).

Pelo Telegrafo

A Europa economica

As preocupações dos Estados Unidos

WASHINGTON, 21. — O senador Maclormick vai interpelar o ministro do Interior sr. Hughes, pedindo-lhe informações sobre os gastos dos paizes que são devedores aos Estados Unidos. A França — diz o senador — com uma população de 40 milhões tem um exercito de mais de 800000 homens, a Italia 450000 e a Polonia igual numero. O custo do exercito francez é igual duas vezes á importancia do deficit ordinario do orçamento. Como podemos auxiliar a Europa se ela não se dispõe a ter a sua casa em ordem? Que interesses podem ter os Estados Unidos em mandar delegados a Genova para dizerem que não podem ajudar um grupo de Estados cujos deficits politicos e financeiros prohibem que lhes proporcionemos os auxilios de que carecem?

Os algarismos do senador Maclormick mostram que estão em armas 2 milhões de homens dos paizes citados e que as suas populações reunidas a pouco mais sobem do que a dos Estados Unidos.—(Lat. Am.)

Foi votado o orçamento alemão

BERLIM, 21.—Foi votado o orçamento dos pagamentos ocasionados pelo Tratado da paz. A despeza importa em 187.500 milhões de marcos, dos quais cento e trinta e cinco mil milhões são destinados aos pagamentos das reparações e mil oitocentos milhões destinados á manutenção da Comissão inter-aliada.—(R.)

Os soviets e a conferencia de Genova

COPENHAGUE, 21. — de Moscou que as questões que o governo dos soviets proporá ao exame da conferencia de Genova são as seguintes:

Pagamento das dividas da Russo; compensação das dividas contraidas pela Russia por causa das intervenções estrangeiras; restituição a Russia dos navios mercantes apresados por Denikine, Yudenich e Wrangel; questão da Siberia Oriental; restauração da Russia e questão das nacionalidades. O governo russo será representado em Genova por Tchitcherine, Laraup e Lunacharsky.—(Lat. Am.)

O novo gabinete francês

A impressão da Alemanha

BERLIM 21.—A «Deutsche Allgemeine Zeitung» referindo-se ao programa do sr. Poincaré lido na Camara dos Deputados, diz que deixa as declarações do sr. Poincaré produziram a impressão causada pela sua propria monstruosidade. O governo alemão aguardará certamente a primeira ocasião para refutar o seu discurso e definir a posição da Alemanha. A «Vossische Zeitung» diz não a surpreender, devido ao passado do sr. Poincaré, as suas acusações contra a Alemanha. Julga que a sua politica será esmagada pela ideia triunfante da Europa, logo que ele tente realisar os seus planos.—(R.)

A conferencia do desarmamento

O regimen da porta aberta na China

LONDRES, 21. — O correspondente do «Times» informa que uma parte da imprensa americana exprime o seu desapontamento por ter sido retirada a clausula quarta da proposta que o sr. Hughes apresentou na Conferencia de Washington, que tratava do regimen da porta aberta na China.

Esta clausula traria as questões já existentes para a alçada da comissão de referencia, mas o Japão objectou ao seu efeito retroactivo. O sr. Hughes aceitou o ponto de vista de que sob as outras clausulas as potencias obteriam os mesmos efeitos.

MUSICA

O concerto Blanch de amanhã

Damos em seguida, completo, o magnifico programa do concerto de amanhã no São Luiz, da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, no qual toma parte a notavel pianista D. Beatriz Coelho, uma das mais notaveis discipulas do grande Viana da Mota, que se apresenta pela 1.a vez em publico.

1.a parte.—I, (L'Arlesienne), 2.a suite, Bizet, a) Pastorale; b) Intermezzo; c) Menuet; d) Farandole: II, (Romanza em Fá), Beethoven, violino solo, sr. Flaviano Rodrigues.

2.a parte.—III, Concerto em lá menor, op. 54, Schumann, para piano e orquestra, a) Alegro; b) Intermezzo: Andantino gracioso, c) Vivace: Piano, D. Beatriz Coelho.

3.a parte.—IV. «Tasso, Lamento e Triunfo» poema sinfonico, Liszt; V, «Marcha militar», Schubert.

Não ha razão para o carvão ter subido de preço

Uma nota oficiosa dos C. F. S. S.

Constando á Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste que alguns dos comerciantes de carvão da praça de Lisboa teem aumentado consideravelmente o preço deste combustivel, com o fundamento de que o seu transporte desde os centros de produção até á capital foi sobrecarregado com o recente aumento das tarifas ferroviarias, a mesma Direcção faz publico, para conhecimento dos interessados, que o referido aumento não incidiu sobre os transportes de carvão vegetal, nem sobre o doutros generos de consumo de primeira necessidade.

ULTIMA HORA

POLITICA

As eleições

A lista que a Conjunção Republicana apresenta ao eleitorado de Lisboa é a seguinte: reconstituintes, José Maria Alvares e Rego Chaves; liberais, Zacarias Gomes de Lima e Arnaldo Bigotti; presidencialistas, Tamagnini Barbosa e Feliciano Costa; socialistas, Ramada Curto e Augusto Dias da Silva; independentes, Aquilino Ribeiro e Trindade Coelho.

Diz-se como certo que o sr. dr. Trindade Coelho não aceitará a candidatura, tornando essa recusa publica, em carta que os jornais de amanhã darão á publicidade. Sendo assim, a lista sofrerá algumas alterações, que talvez se não resumam apenas á substituição do nome do ilustre jurisconsulto pelo de um outro homem publico.

Um comicio, amanhã, no Teatro Nacional

A Conjunção Republicana apresenta amanhã ao eleitorado os seus candidatos, em comicio que se realizará no teatro Nacional, começando ás 14 horas. Presidirá ao «meeting» uma figura categorizada da Republica e discursarão alguns candidatos, um por cada partido da Conjunção.

A' noite devem realizar-se sessões nos centros republicanos.

Tudo faz prever que a propaganda da Conjunção Republicana será intensiva, durante toda a semana. Ha de ficar demonstrado, mais uma vez, que a cidade de Lisboa, como aliaz todo o paiz, quer a Republica e só a Republica. O grito de guerra dos republicanos deve ser este:

«A' urna, pela Conjunção Republicana!»

Ordem publica

Nos ultimos dias circularam algumas versões acerca de malevolas intenções de certos politicos. Alguma coisa já dissémos, a tal respeito. Por agora, apenas acrescentamos que as intrigas dos inimigos das Instituições quasi conseguiram dar viabilidade a uma Junta Militar, que se tentou formar com oficialidade da guarnição militar do Porto,

Afinal, a Junta dissolveu-se, reconhecendo o ludibrio em que ia caindo.

Este incidente não escapou á oficialidade de Lisboa, que, por sua vez, desistiu de adoptar providencias contra as pretensões do falhado movimento nortista.

Nas regiões oficiais acredita se que não ha, presentemente, nenhuma razão para alarmes.

Informações doutra origem são concordes em dar como certo algum nervosismo da parte dos monarquicos, que chegaram a acumular na fronteira espanhola de Galiza alguns dos seus elementos expatriados.

Seja como for, o que é verdade, é que a ocasião não é para degladiações entre republicanos. Pelo contrario: é indispensavel a união, como aconteceu, por exemplo, em Monsanto.

Conselho de guerra

Pelas 12 horas de hoje começou no tribunal de marinha, o julgamento do 2.º tenente medico sr. Mario Garcia da Silva, acusado de no dia 21 de Outubro findo se ter recusado a ir prestar serviço a bordo do cruzador «Vasco da Gama», a cuja guarnição pertencia.

Ao conselho de guerra presidiu o capitão de mar e guerra sr. Paiva Curado, servindo de vogais os srs. capitão de fragata Constantino Lima e os srs. tenentes Alves de Sousa, Guilhermino Pires, Estevam Cataino e José Viegas Ventura Junior.

Os inqueritos

O contra almirante sr. Silveira Moreno dá por findos os seus trabalhos

O contra almirante sr. Silveira Moreno deu hoje por findos os seus trabalhos sobre os acontecimentos ocorridos dentro do Arsenal de Marinha na noite de 19 de outubro.

Ainda hoje ali esteve um marinheiro que se supunha ter tomado parte na «camionete fantasma».

Como se tivesse provado o contrario foi mandado em liberdade.

A gréve dos Electricos

Pelas 14 horas, de hoje reuniu em assembléa geral o pessoal da C. C. F. para tratar, conjuntamente, com a comissão de melhoramentos, das reclamações de melhoria de situação. A sessão, que foi muito concorrida, ainda não terminara á hora em que encerramos o nosso trabalho de reportagem. O pessoal mostra-se disposto a manter-se em greve, até final e completa satisfação das suas reclamações.

As estações do Arco do Cego, e Santo Amaro continuam guardadas por praças da G. N. R., não sendo permitida a permanencia a pessoa alguma, junto das estações.

No Rocio e Terreiro do Paço fazem carreiras alguns automoveis.

Da parte do publico tem havido protestos sobre o exagero de preços que exigem por cada carreira, pois que pedem para a Estrela, Campo Pequeno e Campo de Ourique 1$50, Campo Grande 2$00, Santo Amaro e Belem 1$50, 2$50 etc.

Algum pessoal grevista esteve de tarde no governo civil pedindo para que os seus camaradas fossem postos em liberdade,

O governo convidou a comissão de melhoramentos para uma conferencia no Ministerio do Interior.

Cerca de 200 empregados que trabalham nas estações do Arco do Cego e Santo Amaro que a G. N. R. impediu que dali saissem, foram deixados sair em liberdade pelas 13 horas de hoje.

O pessoal cortou tambem todas as comunicações telefonicas entre as estações do Arco do Cego e Santo Amaro, tendo sabotado todos os carros.

A greve ficará hoje mesmo solucionada?

Parece que ainda esta noite ficará solucionada a gréve dos electricos. A formula de solução consiste num adicional de 5 centavos sobre o preço da passagem, sendo tal receita arrecadada pelo Estado e paga pelas forças dela numa subvenção ao pessoal dos eletricos.

O conselho de ministros, reunido para tratar do caso, ainda não terminara ás 17 e meia horas

A reforma do Ministerio dos Estrangeiros

Um jornal da manhã dá a noticia de que o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros conferenciou ontem sobre o provimento do logar de ministro em Madrid e afirmando que foi para se fazer determinada nomeação que foi suspensa a reforma.

Devemos dizer que a reforma foi suspensa porque era inconstitucional e porque acarretava um extraordinario e consideravel aumento de despeza como n'«A Capital» se demonstrou largamente. A nota em questão deve ter sido dada por algum dos famosos adidos que o sr. Veiga Simões estava na disposição de contratar.

Tambem num jornal da manhã vem publicada uma carta do sr Veiga Simões em que dá a entender que nem por hipotese discutiria com o atual titular da pasta dos estrangeiros, a sua reforma.

Realmente e a primeira vez, desde ha muito tempo—e já aqui temos dito que o sr. Veiga Simões foi um brilhante colaborador do nosso jornal—que achamos razão a s. ex.a.

Não se pode, de facto, discutir a reforma do sr. Veiga Simões; ha só uma forma de a tratar:—arquivando-a e com algum cuidado...

A doença do Papa é a gripe

PARIS 21.—Dizem de Roma que o Papa sucumbe a um forte ataque de gripe pneumonica bem caracterisada.

Em estado comatoso

ROMA, 21. Urgente.—O estado do Santo Padre agravou-se nos ultimos momentos, entrando em delirio inconsciente. O cardeal Gasparri declarou que se perderam as esperanças de o salvar.—(R.)

O Papa já morreu?

ROMA, 21 — Foi telegrafado esta madrugada a todos os Nuncios que Sua Santidade estava moribundo.—(E).

FÓRA DE PORTAS

por Fernando Emidio da Silva

UM SARAU DE ESTUDANTES

A festa com que os estudantes estrangeiros da Sorbonne solenizaram, em Julho ultimo, o fecho do ano lectivo realisou-se na chamada sala da Concórdia, boulevard St. Germain. Vinte e duas nacionalidades encontravam ali a melhor representação do seu sorriso. Ramus poderia repetir as palavras da Renascença: «Esta Universidade não é uma Universidade de uma cidade sómente, mas de todo o mundo universal». Ali estava com efeito, a flôr da mocidade dos dois mundos. A mocidade—ceifada pela guerra. A mocidade, salva da tormenta, que proclamava emfim o direito de viver. Julguem por aí do sarau. Era o abrir das rosas das roseiras. E era uma alegre torre de Babel. De Portugal á Grecia—toda a Europa neutra e aliada. A America que atravessara o Atlantico; o Japão que passara um continente e dois mares: ninguem faltava nessa noite. Da Russia desmembrada tinham vindo as gentis loiras da Polónia e da Filandia, e não sei se da Lituania, da Estonia e da Ukrania... Havia tcheco-slovacos e Yugoslavos. Havia romenos e gregos.

Os neutrais marcavam pelas exportadas juventudes a feliz cotação dos seus cambios.

A bem dizer não existia neutro que lá não estivesse. Eu vi suecos, noruegueses, espanhoes, dinamarqueses, suiços, holandezes... As grandes tragedias pendentes, sobre as quais passara em vão a paz de Versailles, tambem se curvavam patentes. Da Russia viam-se foragidos á inclemencia dos homens e dos tempos: estranhos, scintilantes olhares de raças novas e fortes. M.elle Tatiana de Sanzéwitch, por exemplo, ostentava nos seus prodigiosos quinze anos um talento famoso de pianista, já coroado pelo «grand prix» do Conservatorio. Outros russos resplandeciam. Cantou algumas arias um antigo soprano da opera de Vienna, hoje cursando letras. Da Armenia martirisada tambem emigrara um sorriso de mulher. Os grandes aliados brilhavam igualmente. Havia belgas, Havia italianos. Havia ingleses. No seculo XVIII, já lord Chesterfield mandava os seus filhos a Paris, para lhes tirar a «ferrugem de Cambridge». Mais uma vez John Bull, matriculado exportador de gentes e carvões, expedira em series o costumado stock humano do seu fabrico—com duas ideias nos miolos para acreditar a mercadoria e com duas solas nas botas para jogar o «foot-ball»...

Todos estes mundos ardentes se encontravam—na sala da Concordia. Assim eles se tivessem encontrado na galeria de Versailles.

Todo sorria. Sorriam os trinta anos que são os mesmos em todas as patrias e foram sempre os mesmos em todos os tempos. Esse riso fazia de esperanto. Falavam todos por ele. Entendamo-nos, no entanto. Não era o rir do Bal-Tabarin. No Bal-Tabarin ha só estudantes. Aqui havia estudantes e professores.

Mas se os professores eram o «moderador» o «legislativo» estava democraticamente na plena posse academica. Os estudantes davam a lei. E o sarau fabricado por eles tinha o ar das conhecidas oficinas onde se fabrica a lei. Com uma diferença a favor. A de que todo aquele tumulto era um alegre tumulto.

E com uma diferença contra. A de que toda aquela gente falava bastante mal o francez.

Falar bem o francez? Mas nem sempre se falou bem o francez—na Sorbonne. Dantes, na Sorbonne, falava-se bem o latim. Foi ha dois seculos apenas. Quando Rollin escreve em francez o seu famoso tratado, désculpa-se de uma tentativa, «dans un genre d'écrire qui est presque nouveau pour lui». E d'Aguenoau dispara-lhe este elogio imprevisto: «Vous parlez le français comme si c'était votre langue naturelle».

Eu não vou descrever o sarau. Descanse o leitor. Um sarau de estudantes é como certas comedias do Ginasio. Fazem rir. Mas não se descrevem. E um sarau de estudantes é como uma sessão de certo Parlamento. Vista uma, viram-se todas. Dir-me-hão talvez. Estudantes de vinte e duas patrias hão de fazer uma obra distinta?

O que fazem é uma confusão maior. Um sarau academico de vinte e duas pátrias funciona neste particular como a Sociedade das Nações. Ninguem se entende...

Simplesmente...

Eu não sei se o sr. Wilson saberia compôr o programa daquela festa. O sr. Wilson dá-nos os trovões do Sinai com o bater de um pau numa lata? Mas é preciso não deixar ver o batuque nos bastidores... O sr. Wilson dá nos o «Cantico dos Canticos» com os sôpros de um fole numa flauta? Mas não ha area que se suporte com uma só nota em falsete.

Eu concedo, porem. Sobejassem ainda ao sr. Wilson predicados de gracioso: o que até hoje, suponho, ninguem lobrigou nesse empolado teólogo. Ha uma cousa que o sr. Wilson seria incapaz de contratar para Genéve: o fino espirito dos comparsas daquele sarau de estudantes...

Ah! o gracioso, o delicado, o inolvidavel remate que a mocidade e vinte e duas patrias encontrou, unisona, como medida comum dos sentimentos dispersos. Eu desafio o sr. Wilson a afinar com igual acerto a sua destrambilhada orquestra. Imagine, de resto, o leitor. Aqueles rapazes tiveram uma ideia emdiabrada. A de fazer conjugar sucessivamente o presente do indicativo do verbo «amar» nos dezasseis idiomas falados pelas vinte e duas nações representadas no sarau.

«Eu amo, tu amas, ele ama...» Aí está uma proeza que excede as faculdades dos diplomatas de Genéve. Faltam-lhes os vinte anos. E faz pena Porque não sei de verbo, cuja conjunção mais se recomende, como exercicio gramatical, aos plenipotenciarios da paz...

Assim terminava, com efeito, por parte dos estudantes estrangeiros da Sorbonne, o programa da sua festa. O presente do indicativo do verbo «amar», na sua variação idiomatica, desfilando aos nossos ouvidos como um indice etnologico. Mais ainda. O verbo supremo da vida como que definindo, de paiz para paiz, todos os recantos da terra. O «home» inglez que as noivas vindas do mar isolam na sua paz recolhida e discreta. A paixão slava, misteriosa como as brenhas de suas barbaras falas. O coração da Noruega, rugado de escarpas agrestes como os «fiords» das suas costas. Arroubos misticos em louras mocidades do norte; untados quebrantos em raças velhas e gastas; coleras e rezas; fulgores e perfidias; esperanças e saudades; o bem infinito e o infinito mal de amar: toda a humana tragedia e todo o destino dos homens transparecendo afinal nas conjugadas tres pessoas, singulares e plurais, do verbo fatidico. Porque atravez do espaço, do tempo, dos preconceitos, das latitudes e das raças: não ha outro motor que nos ásperos trilhos da terra encaminhe os passos oscilantes e não ha outro facho que acenda a nossos olhos mortais as estrelas do céu...

Eu amo, tu amas, ele ama... ou ela ama...

O feliz achado dos rapazes! Ninguem se entendia. E todos estavam de acordo. Até nos confins da Finlandia se falava de amor, numa linguagem que parecia feita do roçar de pedras rugadas... Até na Grecia, longiqua e dubia, o puro amor não perdera o lugar dos dicionarios vigentes. O leão de Castela abanava aos ventos a juba orgulhosa: «Eu amo...» O leopardo britanico sorria á sua presa: «tu amas...» Os gelos da Scandinavia derretiam-se ao calor do Meio-Dia. «Eles e elas amam», tambem por lá...

No palco só faltava Chantecler—para cantar ao sol nascido.

Os estudantes estrangeiros da Sorbonne não o esqueceram porém. Ao terminar a ultima variante da conjugação enunciada, um academico belga disse, em puro francez, estas palavras galantes:

—Meus senhores e minhas senhoras, E' provavel que v. ex.as não tenham entendido o que os meus camaradas acabam de dizer. Vou traduzi-lo em francez. Os meus colegas, cada um no seu idioma proprio, disseram exatamente o seguinte:

J'aime
Tu aimes
Il aime
Nous aimons... la France!

Eles amavam—a França!

E de pé, na sala como no palco, publico e actores—todos cantaram em côro a Marselheza.

O belo fecho do sarau! Para a Universidade e para a França—era toda uma victoria politica.

A Universidade não moldara só as inteligencias. A patria ganhara os corações. Atravez da Sorbonne palsava a alma da nação. Alguma coisa dessa alma ia partir com todas aquelas gentes estranhas...

Mas não era só uma vitoria politica. Eu não vi até que ponto os estudantes estrangeiros da Sorbonne iriam fazer irradiar o pensamento francez. Eu não sei até que momento perdurariam nos afectos as recordações da mocidade. Pode ser que esquecessem em breve a França hospitaleira. Pode ser que das lições dos mestres nada levassem comsigo.

Duas cousas, no entanto, pareciam adquiridas por eles.

A cortesia franceza, o espirito de Paris.

TEATRO

Nota do dia

A Casa Gil Vicente

Os teatros de Lisboa consagram, na sua quasi totalidade, o dia de hoje a uma grande e benemerita obra. Trata-se da «Casa Gil Vicente», albergue, asilo, repouso para os artistas de teatro quando impossibilitados de trabalhar.

Ainda ha dias, esse sempre brilhante espirito que é André Brun, conversando com gente de teatro, no palco do «Terrasse», prometia começar a trabalhar para que dentro em breve a ideia magnifica que ainda está no dominio das hipoteses se torne uma realidade palpavel e evidente. Em nosso entender o primeiro passo para a abertura da «Casa Gil Vicente» está na solidariedade que é urgente establecer entre os artistas de teatro. André Brun compreendeu-o perfeitamente e com o auxilio da companhia do Terrasse realisou uma matinée onde toda a gente de teatro teve ocasião de conversar, de trocar ideias, de se aproximar de se unir.

Ha um nome porem, nesta cruzada que não devemos nem queremos esquecer: Casimiro Tristão. E' ele mesmo quem nos comunica que a abertura da «Casa Gil Vicente» se fará em breve. Que as suas palavras de esperança não sejam lançadas ao vento e se tornem uma realidade.

Para o Asilo Santo Antonio

E' enorme e justificado o interesse pela recita de quarta-feira no Teatro Avenida, a favor do Asilo-Oficina Santo Antonio de Lisboa, não só pelo fim a que é destinado o seu produto, como pelos valiosissimos elementos que se reuniram para lhe dar um desusado brilho. Tem principalmente despertado a maior curiosidade a reposição «Conde Barão» pela junção, neste unico espectaculo, das companhias de Chaby Pinheiro e Estevam Amarante; a comedia, tambem de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, «Casa com escritos», desconhecida para a maioria do publico; a conferencia por André Brun, etc.

Noticiario

Portugal

No Teatro Chiado Terrasse a seguir ao «Juiz de fóra» manter-se-ha uma nova adaptação de André Brun.

—E' hoje que no Apolo, com um programa atraente, se realisa a recita especial do benquisto Vila Nova que todo o meio teatral portuguez conhece e muito estima.

—Na proxima semana serão cantadas em S. Carlos a «Aida» e a «Tosca».

—Está resolvido que esta epoca será cantada em S. Carlos a opera de Wagner «Walkiria».

—A peça «A Primerosa» que está em ensaios no Nacional terá como principais interpretes Irene Grave, Albertina de Oliveira e no papel que foi desempenhado por Ferreira da comparecerá o actor Jorge Grave.

—E' hoje a reaparição de «Zazá» no Politeama, ensaiando-se a toda a velocidade a «Oitava mulher do Barba Azul».

AGENDA DA SEMANA

HOJE — No Teatro Chiado Terrasse, recita de homenagem a André Brun, adaptador da peça «O Juiz de Fóra».

BOAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES DE UM RATINHO

Estava eu á saida do Nacional, a noite da recita de homenagem a Molière, contemplando tristemente o que julgava ser parreiras ambulantes, donde pendiam enormes cachos de frutos exoticos, mas que me afirmavam sob palavra de honra serem os ultimos carros que me deviam levar para casa, quando ouvi junto de mim uma voz pequenina e afiautada que me dizia:

—Então como está, D. Tanagretto?

Voltei-me surpreendida e ao ver o meu amigo ratinho recebi-o optimamente como ao grande Elias.

Depois de passadas as primeiras efusões perguntei:

—Vem tambem da recita de gala?

—Creio que sim.

—«Crê» que sim, então não sabe donde vem?

—Se quer que lhe fale com franqueza, tenho um certo medo de me ter enganado de teatro porque as toilettes eram quasi todas de passeio, os camarotes na sua maior parte encontravam-se sem ninguem, a unica coisa diferente das outras noites era um grande camarote vasio, muito iluminado onde creio que assistia ao espectaculo Sua Magestade o Inverno, pelo frio que vinha de lá.

Bem, bem, o sr. ratinho está um pouco thalassa, lembre-se que está junto da Brazileira e mudemos de conversa. Diga-me as suas impressões. Gostou da festa.

Gostei. Aquela scena do principio recordou-me muito as nossas batalhas de flôres. «Lá vai o raminho! Que entusiasmo louco! Uff, desta já eu estou livre!» Depois Depois veiu um senhor estrangeiro que me agradou muito ouvir, não percebo francez.

—Pois olhe, desse gostei eu, pelo menos foi um estrangeiro que se referiu a nós, fazendo-nos justiça, que reconheceu um dos nossos classicos como precursor de Molière e que me permitiu alimentar a esperança de ver a graciosissima farça de D. Francisco Manuel de Melo «O Fidalgo Aprendiz» no palco do Teatro Nacional, visto ter já a consagração dum estrangeiro.

—Não se zangue que não vale a pena. Em seguida veiu a conferencia de André Brun.

—Ah! não diga mal desse, não acredito que não gostasse e que ele não o interessasse e lhe prendesse a atenção. Fez aparecer ali diante de nós, tão vividamente a figura de Molière, que, por vezes, cheguei a esquecer-me que era apenas um busto que ali estava, para o sentir, vivendo e sofrendo entre nós. Pobre Molière, pobre, Genio infeliz como todos os Genios, como alguns de nós gostavamos de ti não só com o espirito com tambem com o coração e com certeza o conferente era um deles, falando com a sua voz clara, pausada e lenta em que se sentia a sinceridade da sua emoção e a grandeza da sua admiração pelo Genio e pelo homem.

—Sim, tem razão, eu lhe digo, eu sou amigo dele...

—Não diga mais, se é amigo dele, já sei, gostou, mas... sim, foi bem, porém... era melhor que... mal não foi, mas bem a valer tambem... Sabe que mais; Deus nos livre dos nossos amigos, que dos nossos inimigos nos livraremos nós. Olhe, os amigos não sei se gostaram; o publico gostou porque lhe fez uma quente ovação. O resto do espectaculo agradou-lhes?

—Muito, tenho um visinho que é exactamente o Joaquim Costa, e se não é mano daquele burguez é primo em primeiro grau, fez uma fortuna a vender sola; conheço umas senhoras que estão sempre de olhos em alvo, diante de todas as poetas, pretenciosos que lhe aparecem e sabichonas conheço muitas... olhe, mesmo a D. Tanagrette, quando põe os oculos de ouro e principia a pontificar...

—Bem, isso não vala, os presentes são sempre exceptuados e vem ahi o meu carro.

Então, boas noites, minha senhora.

CONSELHO PRATICO

Para tirar nodoas de alcatrão

Muitos dos vestidos voltaram das praias com nodoas de alcatrão e as donas contemplam-nos com olhos desolados.

Pois consolem-se, minhas senhoras, eis o remedio:

Em primeiro logar, amolece-se o alcatrão com um bocado de algodão molhado em azeite, depois esfrega-se com benzina ou terebentina e a nodoa desaparece por completo.

A NOSSA CASA

Biombo contra as moscas

Facilmente se faz este biombo juntando quatro bocados de madeira de 2 pol. por 1½ pol. Sobre esta moldura fixa-se uma rede meuda ou cassa. Quando se abrir a janela, coloca-se o biombo prendendo-o aos lados com uns fechos de entalar.

MEDICINA CASEIRA

Unhas encravadas

E' um dos martirios provocados pelo calçado apertado. Logo que se veja que a unha está estrando na carne e inflamando-a é preciso pôr entre a unha e a carne um pouco de algodão hydrofilo. Todos os dias se renova esta operação, aumentando a pouco e pouco a quantidade de algodão que se meta cuidadosamente com a ponta da tesoura.

A ferida cura-se gradualmente, mas é preciso trazer o calçado largo durante o periodo de tratamento.

GULOSEIMAS

Pão suisso

4 ovos, o pezo deles em farinha 250 gramas de assucar, 1 colher de manteiga, 1 colher de chá de soda, uma colher de sopa de leite e essencia de baunilha.

Estende-se o polme numa lata baixa, mete-se num forno quente por 10 minutos; deita-se sobre uma folha de papel coberta de assucar pilé, corta-se um bocado das bordas, unta-se de doce que se quizer e enrola-se.

PENSAMENTOS

A atenção daquele que escuta é o acompanhamento á musica de quem fala.

C. JOUBERT.

São sempre as nossas fraquezas que nos irritam.

(JOUBERT).

Não andar de cabeça baixa, deve ser preciso levantar os olhos para ver o teu caminho.

ZAMENSASAIS.

RESPOSTA AO INQUERITO

Preferia ser amada mas á falta disso quero pelo menos amar, porque sem amor de qualquer fórma é que a vida não tem valor nenhum.

COQUETTE.

Vai por bom caminho e segue.

Nem amar nem ser amada, o flirt é a unica coisa que vale na vida.

UMA FLIRT.

SPORT

Coisas do Ring

O leão russo

A vitoria de «George Hackenschimit», o leão russo, no campeonato do mundo de luta causou enorme sensação no meio de «Sport».

Numa epoca em que «Pores» estava em forma e havia homens da classe de «Padaukos, Petersen e Raul de Loucher», a aparição dum desconhecido, diante do qual ninguem resistia, causou panico entre os «celebres» do «ring».

Foi o primeiro e unico Torneio em que o russo entrou, pois até se retirar, invencivel em luta romana, e quasi invencivel em luta livre «genge» só lutou em «matchs», recusando até um contrato em branco, para um Torneio nas «Folies Bergeaes».

Para repousar do campeonato foi o hercules russo, descançar uns dias á Belgica.

Nessa ocasião um inglez de nome «Sampson», trabalhava num teatro em Londres, e todas as noites para intermedio do seu «manager» desafiava qualquer lutador do mundo, e especialmente o campeão «genge» Hackenschimit...

«Fenge» soube do caso e, debaixo do mais rigoroso incognito chegou a Londres, comprou um camarote para o teatro em questão, e tendo-se despido, envolto num «chambre», esperou tranquilo o numero do atleta inglez.

«Sampson», chega, faz o costumado desafio, e ainda o «speaker» não acabara de falar, o russo salta para o palco, despe o casaco, e formidavel, com uma musculatura de 45 centimetros de «biceps», 50 de pescoço e 75 de coxa, pede para combater de seguida.

Alvoroço do publico, atrapalhação do inglez que pede para ser adiado o desafio.

No dia seguinte Sampson saiu de Londres e o leão russo ficou sendo o idolo dos ingleses, que durante anos fixou ali residencia, vencedor de todos que tinham a veleidade de o querer tombar.

❖ ❖ ❖

Noutra ocasião o turco Madrali-Hamed enorme com 11 quilos de peso apareceu em Inglaterra, precedido de grande reputação.

E' claro tratou-se logo de o opôr ao russo, e diante de milhares de espectadores e para disputa dum premio importante puzeram-se os dois em guarda.

O turco cheio de confiança no seu peso e no seu valor que era muito, entra em força, dá uma forte tirada de nuca, que fez oscilar o russo este recua salta como um leão, cintura de frente o seu adversario e com uma violencia inaudita derruba-o fazendo lhe assentar os hombros no chão.

Durara a luta 44 segundos.

O turco levanta se a custo tendo na queda fracturado um braço.

RUY DA CUNHA

Ciclismo

O marselhez Gauay, que debutou em Paris como corredor de meios-pesados, fez uma estreia brilhante, batendo dois dos melhores especialistas numa corrida com «entraineurs» mecanicos.

Foot-ball

A «equipe» de França bateu a Belgica num «match» de «foot-ball» diante duma assistencia superior a vinte mil pessoas.

Pesos e alteres

Em Reval vai realizar-se um campeonato do mundo de força para amadores.

A data escolhida é o mez de abril.

—No Ginnasio Club estão animados os treinos de pesos e alteres, vendo-se entre os especialistas, Mario Costa, Serpa Pimentel, Mota Marques, etc.

Esgrima

O mestre de armas Adolfo Rouleau, uma das melhores laminas de França, foi agraciado com o grau de cavaleiro da Legião de Honra.

Box

A embaixada de França em Londres ofereceu um almoço na séde da legação, ao campeão de «box» Carpentier, depois da vitoria deste sobre Cook.

NOTICIARIO

NOVOS JORNAES

Iniciou a sua publicação um novo orgão de propaganda de «sports», com o nome de «Eco Sportivo».

Longa vida.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

E' amanhã, pelas 14 horas, que o Gimnasio Club organisa uma festa ginastica com a colaboração de varios elementos que se dedicam á gimnastica artistica. Far-se-ha a entrega dos medalhas das provas finais das classes infantis de gimnastica e dança. No programa, além de outros numeros, apresentar-se-ha um numero aereo em barra fixa e argolas, etc. A festa termina por um baile sob a direcção do sr. Magalhães Pedroso.

LIGA DE NATAÇÃO

O resultado da ultima eleição foi o seguinte: Direcção—Presidente, Vieira da Cruz; Secretario, José Ferreira de Almeida; Tesoureiro, J. da Silva Peliz. Conselho Fiscal—João Formosinho Simões, Alexandre da Fonseca e José de Almeida Cassar.

CLUB DE FOOT-BALL OS BELENENSES

A Assembleia Geral deste Club, realisada em 23 do corrente, procedeu á eleição dos novos corpos gerentes para o exercicio de 1921-1922 que deu o seguinte resultado:

Assembleia Geral: Presidente, Americo Pinto da Rocha; Vice-Presidente, Luiz Vieira; 1.º Secretario Alfredo dos Santos; 2.º Secretario, João Tavares.

Conselho Fiscal: Presidente, Octavio Pinto da Rocha; Vogal, Antonio Afonso de Paiva; Relator, Germano Torrado.

Direcção: Presidente, Francisco Reis Gonçalves; Vice-Presidente, Antonio Maria Ribeiro; Tesoureiro, Joaquim Dias; Secretario, Francisco Nunes; vogal, Eugenio Picardo.

UMA FESTA DE BOX

Na 3.ª feira, 24, realiza-se no Gimnasio Club mais uma festa nocturna de «Box» com um interessante programa, figurando entre os combates o encontro entre Abel da Cunha, campeão dos leves, e Aragão Andrade, campeão dos meios médios, em 10 «rounds» de 3 minutos com luvas de 8 onças. Além deste haverá outros combates entre Cesar Ribeiro e Sobral Dias, campeão dos levissimos Coutinho e outros.

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3985—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 23 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2233—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

MONSANTO

Notas para a historia do movimento de ha tres anos

POR ANDRÉ BRUN

Por toda a parte surgiam indicações de que os monarquicos de Lisboa estavam dispostos a recomeçar na capital o gesto com que tinham reimplantado a monarquia no Porto.

Pela minha parte tinha informações seguras. Duma vez que subia a Avenida, um contratador de bilhetes de teatro, que conheço ha longos anos, chamou-me misteriosamente e, levando-me para uma travessa escura das bandas da Alegria, contou-me que um monarquico, que o supunha correligionario, acabava de lhe dizer sob segredo que ia ao acampamento da Rotunda conferenciar com oficiais sobre os detalhes de execução do movimento que dentro de algumas horas se devia realisar. A esta informação se mavam-se muitas outras de varia origem.

A situação era clara. As tropas da guarnição estavam todas elas comandadas por oficiais monarquicos. A' imposição desses oficiais devia ou o ter sido preso quando chegára a Lisboa, regressado da «front» na intenção de, passando aqui alguns dias de licença, tratar na imprensa, como tratei, da desgraçada situação do C. E. P.

Solto depois de largas semanas de captiveiro em calabouços, quartois e no forte de Elvas, eu viera encontrar em Lisboa esses elementos monarquicos animados pelo successo do Porto e confiados em que, encarcerados quasi todos os oficiais republicanos, nada se oporia em Lisboa ao plano que tinham traçado.

Em certa altura eu fui informado por uma indiscreção do telefone do dia e da hora em que se devia proclamar a monarquia em Lisboa, arvorando-se no Castelo a bandeira azul e branco enquanto as tropas saudariam no Rocio o emblema restaurado.

Eu estava absolutamente só, alheio a qualquer ligação partidaria ou conspiratoria. Os poucos republicanos de categoria que estavam soltos e que por acaso encontrava manifestavam a sua impotencia e o seu desanimo. A' primeira vista a Republica estava perdida. Não havia na aparencia nada que se podesse contrapôr ao movimento militar e ás forças do corpo de tropas da guarnição. O governo era mais que suspeito. Foi assim que uma tarde subi as escadas do ministerio do Interior. Era chefe de gabinete da presidencia um homem que não conhecia pessoalmente, que eu tinha por honrado e sério, de quem nunca ouvira, no meio militar, dizer senão bem, o que é raro. Era Freitas Soares. Pedi que me anunciassem. Enquanto esperava, alguem que passa por ser republicano, chamou-me para o pé de um reposteiro e disse-me quo a Republica estava perdida.

—Talvez não, respondi eu.

—Que fazer?

—Vamos a procurar um meio de a salvar.

Freitas Soares, que eu encontrei tal como eu o julgava, disse-me em breves palavras que a situação era gravissima. O conselho de ministros reunido chamára o comandante do corpo de tropas e este, a perguntas que lhe tinham dirigido acerca do estado moral dos seus subordinados, declarára que «estavam dispostos a manter a ordem». Em bom portuguez queria isto dizer: «tusilar na rua os que no dia seguinte, ao ver a bandeira monarquica no Castello, saissem a dar vivas á Republica».

Em dez minutos de palestra, pois não havia um minuto a perder, concordamos que só havia uma taboa de salvação: crear uma força que se opusesse ao projectado movimento e essa força só o povo republicano na podia dar. Viria o povo á chamada que se fizesse? Desiludido como tinha o direito de estar pelos crimes dos que a palavra—pelos crimes dos politicos, viria ele em defesa do um regimen pelo qual se tinha sacrificado sem ver o resultado desses sacrificios? Esse era o problema. Eu confiava no povo, apesar de tudo, e não me enganei. Trabalharam os telefones e de manhã, em sua primeira pagina o «Seculo» publicava o apêlo dos voluntarios ás armas. Marcava-se como ponto de reunião o Campo Pequeno.

❖ ❖ ❖

Quando ali cheguei, fez agora tres anos, fiquei posme. Uma multidão formidavel se agitava em torno da praça de touros. Pois ouvíade notára que as lojas tinham fechado afim que os empregados e os patrões podessem concorrer ao chamamento. Era preciso, no entanto organizar essa multidão onde havia de tudo, operarios, burguezes, funcionarios, gente desocupada, gente de gravata. Todos aguardavam ordens. Quo se ia fazer? Queriam armas.

Então entre o meio dia e as duas da tarde, começou a pôr-se em linha aquele pequeno exercito. Reuniram-se dentro da praça todos os graduados militares que apareciam, oficiais sargentos, cabos. Marinheiros e soldados ficavam de reserva para completar quadros.

Abria-se uma das portas a um certo numero de voluntarios. No meio do redondel, se alinhavam, se numeravam, constituiam peletões, formava se uma companhia, dava-se-lhe comandante, oficiais e guias, saiam por uma porta do lado oposto e iam formar no largo em coluna cerrada de pelotão, dando o flanco direito á linha dos electricos que vai ao Campo Grande.

Cerca das tres horas havia milhares de homens assim formados e organizados. Já não havia comandantes de pelotão e de companhia que chegassem para outros varios milhares que esperavam.

Em certa altura num automovel tinham chegado os ajudantes do ministro da guerra—um deles era filho do falecido Sidonio—e tinham-me comunicado que o ministro viria pela tarde passar os voluntarios em revista. Dali a pouco nova comunicação: o ministro não viria e pedia-me que mandasse destroçar a multidão. Respondi a quem me transmitia o pedido ordem que caso o ministro não viesse, os voluntarios iriam desfilar sob as janelas do ministerio da guerra e que iria eu falar ao chefe do exercito.

Com efeito, cerca das quatro horas e como toda aquela gente mostrasse a justa impaciencia de saber para que a tinham ali reunido, deu-se a ordem de marcha. Pouco antes um amigo dedicado viera dizer-me que os corpos aquartelados em Belem tinham saido para o forte de Monsanto, dando como pretexto que a aglomeração do Campo Pequeno se destinava a ir atacá-los nos seus quarteis.

Pozemo-nos em marcha. Adeante de mim marchava a mais heroolita banda de corneteiros que se pode imaginar. Havia um clarim de artilharia, um policia, um carteiro, alguns tropas, varios paisanos.

Antes de dar a voz de «marche», eu fizera saber aos voluntarios que lhes não consentiria manifestações durante o caminho, que ao menor movimento desordenado abandonaria o comando, habituado como vinha da Flandes a dirigir soldados e não desordeiros.

❖ ❖ ❖

Foi então que rompeu aquela marcha que está na memoria de todos. Do Campo Pequeno até á Avenida milhares de homens formados, acompanhados doutros milhares, desfilavam com um aprumo, com uma ordem que impressionavam e entusiasmavam os que podéram ver esse cortejo, unico creio eu na historia de Lisboa. As janelas enchiam-se de mulheres que nos acenavam com os lenços, os homens bradavam aclamações, vi chorar muita gente. Ao chegar á Baixa, foi entre uma multidão compacta que conseguimos romper. Das janelas era um delirio de palmas e de aclamações. Nos muros do Castelo, onde estava o celebre 33, no Carmo onde se apinhava a guarda republicana, calculo o pasmo que devia causar aquela massa formidavel de patriotismo republicano. A bicha monarquica estava cortada ao meio. Os de Belem já estavam em Monsanto. Os cá de baixo, do Castelo e da Rotunda não chegariam a ir.

Porto do Arco da Rua Augusta um cordão de cavalaria tenta impedir a passagem dos voluntarios. Faço ver ao seu comandante que havemos de passar por força e que é preferivel evitar um conflito cujas proporções ninguem podia ajuizar.

Uma ordem do interior manda retirar a cavalaria e a marcha segue, dá a volta ao Terreiro do Paço. Junto ao ministerio da Guerra, saio da forma e subo as escadas. O ministerio está deserto. O ministro foi a Belem —dizem-me—afim de procurar evitar a ida para Monsanto. Seguimos rua do Ouro e á entrada do Rocio os voluntarios destroçam. Devem receber as ordens necessarias para o dia seguinte por intermedio dos jornais e dos «placards».

A noite já era totalmente caida e havia muito que fazer ainda apesar do golpe tremendo que se acabava de dar nas esperanças monarquicas.

❖ ❖ ❖

Durante a noite trabalhou-se muito. Sabia-se que do madrugada haviam de seguir para Monsanto o resto das tropas. As armas que o ministerio da guerra puzéra á disposição dos voluntarios demais sábia eu que eram inuteis. As culatras estavam na provincia, longe dos arsenais e depositos para os quais nos davam ordens de requisição. Mas tambem sabiamos onde havia armas em Lisboa e, ao alvorecer, estava bamrda a saida do 33, havia no acampamento da Rotunda duas companhias de marinha e grupos organisados de civis que não deixariam sair ninguem para o forte onde já se arvorara a bandeira azul e branca.

Foi o dia de Monsanto, cujos detalhes encheriam largas colunas. Os monarquicos foram vencidos. Devemos o nosso respeito aos que lealmente se sacrificaram pelas suas ideias.

O meu desprezo vai apenas para as creaturas dubias, que atraiçoaram a confiança que nelas se depositava, que fizeram um jogo de mentira e de duplicidade, jogo que não enganou ninguem afinal.

Vencidos os combatentes de Monsanto, foi o ministerio do Interior invadido por todos os ferozes republicanos que na vespera estavam escondidos em todas as carvoeiras e debaixo de todas as camas. Eram tantos que a bicha chegava á rua. No momento de se constituir um governo que defendesse a Republica, recomeçou a politica, a torpe politica a estragar o belo movimento do povo.

A alguem lembro-me ter dito que, se se não constituisse rapidamente um governo de autenticos e energicos republicanos, eu subiria a um banco do Rocio, amotinaria o povo que me conhecia e viria ao Terreiro do Paço despejar para a rua toda aquela caterva de intrigantes, de ambiciosos, avidos de colher o fruto do sacrificio alheio e de pescar nas aguas turvas daquela natural agitação.

Constituiu-se emfim um governo. Havia que resolver a Traulitania. Dias depois eu assistia á tomada de Lamego, via debandar na Régoa as hostes de Couceiro, chegava ao Porto onde a Republica atriumfara de novo.

Encontrei a seguir nos arraiais republicanos a mesma confusão sempre atoada pelos politicos. Vi aqueles que, uma semana antes, se escondiam e choravam sobre o destino da Republica, que eles tinham perdido, impôrem-se as suas ambições, impôrem a sua mediocridade.

Eu, que nunca exerci um logar politico, que nada queria do Estado, que recusára ser ministro da guerra como tantos dos meus camaradas me solicitavam em reunião publica, que não quizéra ser, nem comandante da policia, nem governador civil de Lisboa, senti-me triste, profundamente triste e abalei para Paris a tentar uma vida nova, a vida que hoje tenho, desligado do exercito quasi por completo, guardando dele apenas a minha farda de Flandres.

❖ ❖ ❖

São estas, muito pelo alto e sem descer a detalhes que reservo para outra ocasião, as minhas impressões de horas vibrantes que á Republica viveu ha tres anos e que constituiram para mim o ensejo de prestar ao meu paiz e á Republica o mais desinteressado dos serviços.

O abastecimento de aguas á cidade

O criterio simplista da U. S. O.

A «Batalha» do ho dias publicou uma proclamação chamamos o povo á revolta contra o pretendido aumento do preço da agua e exorta o governo de sr. Cunha Leal a ler o estudo que a União dos Sindicatos Operarios publicou sobre o assunto em Agosto de 1921. O sr. Cunha Leal realmente deve ler esse trabalho para bem apreciar o criterio simplista com que o nosso povo resolve as mais complicadas questões. Para a U. S. O. a agua é de graça. E' claro que a U. S. O. se refere á agua da chuva que facilmente se pode captar dos biqueiros dos predios.

Aquelo custo Aqueduto das Aguas Livres que D. João V mandou construir e que ainda hoje é um monumento notavel, fez-se de graça e mais do que isso—é uma herança do nosso povo—não lhe custou a ganhar. Os 114 kilometros do Canal do Alviela incluindo 18 kilometros de sifões, os reservatorios para 120.000 metros cubicos de agua e 400 kilometros de tubagem em Lisboa, tudo isso foi feito pela União dos Sindicatos Operarios, de graça.

Ela é que cavou a terra, ela é que fabricou o chumbo, ela é que extraiu o ferro das minas, ela é que fez as montagens, e ela é que fez elevar a agua aos quintos andares e em diferenças de nivel de 130 metros. Tudo isto é obra da U. S. O.

E' claro que ha 45 anos semelhante instituição não existia e por isso mesmo é que foi possivel fazer o abastecimento de aguas á cidade de Lisboa. Hoje existe a U. S. O. que no trabalho a que nos referimos estranha que a Companhia tenha nos seus reservatorios grandes quantidades de agua em vez de a lançar toda nas canalisações, mostrando, assim, que ignora a existencia em todas capitais de enormes reservatorios de agua os quais garantem o abastecimento das grandes populações mesmo durante tres ou quatro dias como entre nós acontece, mas sim durante muitos dias.

A U. S. O., a tal que não quer o aqueduto das aguas livres nem as canalisações do Alviela ignora que todos os reservatorios que existem em Lisboa correspondem a uma reserva de 150.000 metros cubicos quando seriam necessarios 400.000 metros cubicos para garantir o consumo da cidade de Lisboa durante dez dias. E quanto levaria a U. S. O. pela construção de novos reservatorios capazes de constituir um reservatorio de 400.000 metros cubicos pelos actuais preços de trabalho?

O que se passa nas nossas colonias

A Camara do Comercio de Moçambique protesta contra uma contribuição

Da Camara de Comercio de Moçambique recebemos o seguinte telegrama para cujo conteúdo chamamos a atenção do sr. ministro das Colonias:

«Protestando contra o regulamento de contribuição industrial, presentemente em vigor pelo decreto conforme se anuncia, o alto comissario podiu a sua suspensão por ser um regulamento atentatorio dos interesses do comercio, do publico e do proprio Estado.

A terra treme

Na America central

LONDRES, 23. — Noticias de Washington dizem que o sismografo da Universidade de Georgetown marcou um grande tremor de terra que se deve ter dado a uma distancia de 2500 milhas ao sul de Washington, na noite de 16 do corrente, tendo começado as 1h 55 e continuado a fazer-se sentir até ás 4 horas da tarde de 17.

Na Inglaterra registaram-se um forte tremor de terra, que registaram aqui nos aparelhos do Observatorio de Oxford e outros.

Pelos calculos dos tecnicos este fenomeno, que foi sentido na America e em Inglaterra, deve ter ocorrido na America Central, provavelmente no mar proximo da costa.—(L. Am.)

Gente que morre

E' consideravel o numero de pessoas vitimadas bela sua leviandade de tomar medicamentos cuja composição não seja conhecida e por isso se aconselha o uso do «Diurenal» (diuretico renal) de efeitos imediatos nos ataques de reumatismo agudo e gota, usado pessoalmente pelo sr. dr. Egas Moniz. E' depositario exclusivo Raul Vieira, Lda. Rua da Prata 55, 3.º

Thais-Mireille Berton

Impressões sobre uma artista

Thais, aquela que nos braços de Nicias acordara desejos, a bailadeira que nos gestos das suas mimicas levava um rubro flamejar de sensualismo, Thais a de passos ritmados, a de atitudes classicas e estéticas, a de fatais encantos, perversa e peregrina de Beleza, ergue-se é minha frente.

Volto de, num teatro, executar o mais extranho dos bailados que conheço. Atraz, como cortejo de Rainha, ululá a comitiva dos admiradores, dos foscinados, daqueles que o seu gesto emb iagarou.

O seu andar, tão leve e grácil, dança no meu olhar. Thais corôa-me de rosas e, reclinada sobre os estofos dum sofá, conta-me a historia da sua mocidade...

❖ ❖ ❖

No ambiente estrangeiro dum hotel, Mireille Berton, na sua voz cantante evocadora de veludos, traça-me a sua vida de artista.

—E' a bailarina classica quem fala. Até aos dezasete anos na Opera de Paris, Mireille Berton dançou. E o seu culto pela arte coreografica foi tão grande, que ainda hoje se adivinha na graça do seu andar, nos atitudes, nos seus gestos, a alma duma bailarina.

Os seus bailados eram poemas, poemas de graça e de harmonia, que ela dançava religiosamente.

Um dia... nesse dia alguem notou sua linda voz.

E Berthon cisse que se a sua voz se não prestasse para opera, continuaria os seus bailados.

Estudou, passaram-se anos e uma noite ela apareceu envolta num manto de oiro, os cabelos do sol a scintilarem envolvidos por uma fita grega. As sandalias doiradas aprisionavam-lhe os pés de bailarina.

Mireille Berthon realisara a realização de Thais.

E era Thais quem pisava aquele solo interpretando os seus bailados...

❖ ❖ ❖

Atanael-Paphnuce, coindo de joelhos, ás mãos postas, exclama:

—Piedade, Senhor!

Thais, onte a loucura dessa monge que o procura levar á adoração de Jesus Cristo, toca-lhe as faces que o sol do deserto bronzeára com seus dedos finos rebrilhando em joias.

Mas as palavras do monge acordam em Thais as vozes duma infancia que se apagára na memoria. E Thais medita...

Mireille Berton erguendo as sobrancelhas numa expressão deliciosa conta-me como pretende interpretar Thais.

Bailarina pôude ressuscitar a bailadeira. Depois não basta apenas saber contar. E' preciso sentir, animar a expressão, falar nas atitudes, modelar num conjunto os labios e o olhar. E a sua grande preocupação é ter em scena uma enorme naturalidade. Depois recordar a época nos pequenos detalhes que podem oferecer a impressão de conjunto.

Mireille Berthon não é apenas a cantora. E' sobretudo a Artista, que conhecendo o valor dos pequeninos nadas procura a sua Arte, cultiva-a, ergue-lhe um altar e adora-a...

❖ ❖ ❖

Thais, a classica nudez provocadora envolta nas vestes puras de religião, sacrifica-se a Deus...

Mireille Berthon evoca ainda a sua Arte. Fala-me do seu amor por ela, o seu desgosto de não poder continuar fazendo bailados classicos. A moderna orientação dos bailados russos toma encantamento nas suas palavras.

Então, mais claramente as suas attitudes de bailarina desenham-se defronte dos meus olhos.

Evoco as estatuetas gregas. E fico sem saber se elas fossem pensar em Mireille Berthon, se Mireille Berthon provoca a sua imagem...

A Thais e o maior successo da artista. Mas a artista prefere o Romeu e Julieta.

E é curioso notar a maneira como ela fala dessa opera.

—Quando a canto não vejo sequer os outros. Canto-a para mim. Sinto-a, penetro-me, fascina-me.

E nos meus olhos Mireille Berthon enquanto me descreve a grandeza do seu amor pela Arte, como é bom sentirmo-nos isolados, vivendo para ela, fazendo dela toda a razão da nossa vida, a nossa finalidade, a nossa maior ventura, toma a expressão quieta de quem sonha.

E as palavras voando dos labios finos teem a musica duma oração que se murmura.

❖ ❖ ❖

Atanael—Paphnuce, num beijo mau tocou os labios de Thais.

Salvando aquela alma, perdera a sua.

E ao fugir como um louco, a expressão mudára-lhe os feições. Parecia um vampiro.

E nos meus olhos Thais num sorriso divino morrêra...

BOTTO DE CARVALHO.

O PREÇO DOS LIVROS

-:- NUM PAIZ DE ANALFABETOS -:- OS LIVROS CUSTAM UMA FORTUNA

Desde longa data, que todos nós adoptámos como causa latente do nosso mal social, a pouca ou nenhuma ilustração do nosso povo.

As estatisticas do analfabetismo são desoladoras, e pouco ou nada se tem feito para melhorar esta condição degradante.

O ensino antes de se difundir dificulta-se, tornando-se o estado de estudante somente acessivel a quem possuir uma fortuna, que lhe permita arcar com a despeza extraordinaria de livros e matriculas especialmente dos primeiros, objectos raros, para raros apenas.

Isto acontecia em plena idade media, quando os homens que sabiam lêr e escrever gosavam dos favores dos reis, e eram olhados pela massa bronca do povinho como seres estranhos, e quem sabe se de pacto com o diabo.

Pois precisamente o mesmo está sucedendo entre nós.

Os livros de ensino, desde a cartilha das escolas, até aos tratados de especialidade dos cursos superiores, atingiram um preço desconmunal que torna impossivel a sua posse aos estudantes menos abonados.

Como poderá um pai empregado publico por exemplo, que matricula um filho no liceu, satisfazer, a longa lista de livros de apetrechos, das mil e uma coisas que o professor, inconsciente das dificuldades do lar alheio, exige como indispensaveis.

Todos esses livros, esses apetrechos, novos, custam uma soma que por vezes é impossivel obter do momento, e comprados em segunda mão velhos e anti-higienicos, um preço ainda fóra do alcance dos desfavorecidos da fortuna, quasi sempre espartilhados numa maldita classe media, a mais sacrificada de todas.

Mas se isto acontece no curso liceal, muito peior é nos cursos superiores.

Ali vencer a dificuldade dos livros é quasi impossivel. Se o estudante pobre conseguir á custa de sacrificios vencer o curso do liceu, é quasi certo que não vencerá o curso superior.

Uma vez matriculado, o que já não é pequeno dispendio, convem que munir-se da «sebenta», moleta indispensavel para seguir o curso, especie de preparado concentrado da sua sciencia, para uso de candidatos ao bacharelato. Pois estes livros que antigamente se vendiam por uns tostões, só se obtem hoje por menos de 10, 15, 25 e 30 escudos cada.

Mas, mais alguma coisa do que a sebenta sem gramatica, é preciso ver isto especialmente nos cursos de direito e letras. O aluno a pouco e pouco vai desenvolvendo o espirito, sentindo a necessidade de novos livros que lhe abram outros horisontes.

Lá fóra esse aluno tem ao seu alcance as edições dos classicos ao preço actual de um franco e cincoenta, (95 centimos antes da guerra) e as edições modernas por preços que se não comparam com os nossos.

Assim os livros das coleções de 75 e 95 centimos antes da guerra, vendem-se atualmente a 1,50 francos ou 1,75 francos, e os livros dos melhores autores modernos a 6 francos. Estes preços para os francezes são muito acessiveis (dose tostões e meio ao par) mas com um cambio desgraçado chegam-nos a seis escudos, e cincoenta centavos cada um o que é exorbitante.

Uma volta pelo livreiro o tres ou quatro volumes escolhidos, e estará desiquilibrado um pequeno orçamento de estudante.

Os livros de estudo dos nossos mestres nacionais estão quasi completamente esgotados, e as reedições raras, oferecem-nos um volume por 12 escudos, como recentemente aconteceu com a nova edição da «Historia de Literatura Portugueza» do sr. dr. Mendes dos Remedios, erudito professor da Universidade de Coimbra.

Este problema das reedições das obras dos professores das nossas Universidades devia ser tomada em conta pelo governo de forma que essas obras podessem figurar em todas as estantes de estudantes e não como agora fossem quasi sempre desconhecidas, ou quando muito conhecidas em frases, que passaram para sebenta.

Em resultado desta incuria, faz-se uma exploração com os poucos exemplares que ainda existem, os quais atingem preços fabulosos. Assim por exemplo o primeiro volume do Direito Civil do sr. dr. Guilherme Moreira, rarissimo, tem-se vendido a 100 e 120 escudos, o segundo que trata de «Origações» não se apanha por menos de 60 escudos. O tratado de Direito Internacional do sr. dr. Machado Vilela custa (se ainda restam alguns exemplares) a bagatela de 12 escudos, e mais muitos reais.

Os livros dos nossos mestres, que alguns são e de valor, só existem para o estudante na rompé da sebenta, que doutamente manda consultar o doutor A ou o doutor B, nunca eles são os companheiros fieis de suas estantes, porque os magros cobres da mesada paterna, mal chegam para almoçar e jantar todos os dias.

Ora este grave problema, que já fóra mereceu as atenções dos governos, entre nós é muito secundario infelizmente. Em materia de instrução temos tudo por fazer, e continuamos dopraços cruzados a berrar que somos um paiz de analfabetos. Mas como havemos de incutir nas gerações das escolas o gosto pelos livros, e o amor, a sciencia bem fundamentada, se não pomos ao alcance dos que estudam os meios indispensaveis para isso?

Entre nós estuda-se por obrigação, e não por gosto, porque o ambiente escolar tem sempre um aspecto de hotel para pouca permanencia.

A camaradagem escolar, não tóbria tecida por um intercambio de idolos, tende a desaparecer, e a unica manifestação que afiora é constituida pos pequenos cenaculos literarios de café, centros de covaqueira demolidora onde os que chegam aprendem a maldizer-nos que já estão, ensaiando assim os primeiros passos para futuros magnatas da politica.

E é nestas condições verdadeiramente calamitosas, que educamos as gerações de amanhã.

A morte de S. S. Bento XV

O cadaver já está em exposição

ROMA, 22. — Os restos mortais do Papa, revestidos e ornados segundo o cerimonial de estilo, foi exposto solenemente na sala do trono. Reuniu-se o sacro colegio, recebendo os cardiais instruções relativamente aos preparativos para os funerais e para a reunião do conclave.—(H).

Os pesames do governo francez

PARIS, 22.—O sr. Milerand mandou esta manhã apresentar as suas condolencias ao nuncio, monsenhor Cerretto, e adiou o banquete das recepções diplomaticas, que tinha sido marcado para o dia 25 do corrente. O sr. Poincaré tambem apresentou esta tarde as condolencias ao nuncio, em nome do governo.—(H)

A eleição do novo Papa

Uma brevissima noticia acerca dos provaveis candidatos ao Supremo Pontificado

Tres nomes se indicam para a cadeira de S. Pedro, vaga pelo falecimento de Bento XV: cardeais Maffi, Gasparri e Vanutelli. Estes prelados representam, cada um deles, uma tendencia diferente no governo da Igreja Catolica.

O cardeal Maffi é um sacerdote de vida austera, intransigente em pontos de doutrina, muito tradicionalista e adversario, portanto, dos chamados modernismos. O cardeal Gasparri, que foi secretario de Estado de Bento XV, continuaria, por certo, a politica do seu chefe, o que, de resto, é bem natural, porque a sua personalidade teve ja impresso no governo da Igreja; ao cardeal Vanutelli são atribuidas tendencias de modernisação da Igreja no sentido precisamente principalmente pelos dos homens da Igreja francesa.

E' pouco provavel que o ex-secretario de Estado cardeal Gasparri obtenha do colegio cardinalicio uma sanção completa a sua candidatura. No exercicio do alto cargo que desempenhou não satisfetes, naturalmente, todas as ambições e mesmo as mais legitimas ambições. Se não se criam inimigos fazem-se, pelo menos, adversarios. E' provavel, pois, que os cardeais, que são os eleitores, o não escolham para sucessor de Bento XV.

Não é de supôr também que Vanutelli seja mais feliz. A Egreja Catolica caminha, quer-nos parecer, para uma modernização, que foi iniciada por Leão XIII e continuada por Bento XV, embora se diga que Pio X representou, a tal respeito, uma solução de continuidade, desejando fazer regressar a politica pontifical ás rigidas regras da tradição.

A tendencia modernista encontraria em Vanutelli um Papa audacioso. Por isso mesmo, não é natural que escolham os seus pares, entre os quais predomina, por enquanto, a opinião tradicionalista. Nestas condições, por exclusão de partes, o cardeal Maffi é o mais provavel sucessor de Bento XV.

Prelados portuguezes que vão a Roma

Vão a Roma, assistir aos funerais do Papa Bento XV, o sr. Cardeal Patriarca Mendes Belo e os srs. Padre Antonio Joaquim Alberto e Padre João Crisostomo Freitas Barros. Os passaportes serão diplomaticos.

Monsenhor Amadeu Ruas conferenciou esta tarde com o sr. Presidente do Ministerio acerca da viagem do sr. Cardeal Patriarca Mendes Belo a Roma.

Factos e palavras

A PROPOSITO

... DESTA ENGRENAGEM

Um amigo meu tinha um relogio de algibeira, formato antigo, tipo «cebola» e que um antepassado lhe deixara para perpetua recordação.

O relogio era bonito, pesado e bom. Funcionava muito bem, comparecendo sempre os ponteiros no sitio proprio a horas certas.

O meu amigo trazia sempre o relogio na algibeira e fiava-se nele para se guiar nos seus multiplos afazeres. Em vista do que ele era o que vulgarmente se chama uma pessoa pontual.

Ora um belo dia o meu amigo começou a andar atrazado. E qual não foi o nosso espanto ao ter constatado que a culpa era do relogio que se atrasava. Podem calcular qual não foi o desgosto do meu amigo. Andava inconsolavel.

Um velho conhecimento ofereceu-lhe os seus prestimos no sentido de lho arranjar.

Passaram-se uns quinze dias. E uma bela tarde o cavalheiro aparece sorridente com o relogio numa das mãos e na outra um minusculo embrulho.

—Então?

—Então aqui está o relogio concertado, funcionando maravilhosamente.

—E isso o que é?

—Isto são tres rodinhas da maquina que sobejaram.

O homem tinha descoberto que a engrenagem tinha rodas a mais.

Ora eu desde que dou pela minha existencia á face do globo que oiço os mestres fazerem esta comparação:—o corpo humano é como uma maquina. Como uma maquina é a governação dos povos.

De modo que puz-me a matutar nesta historia da governação dos povos e das maquinas, lembrei-me do relogio e perguntei a mim mesmo.

—Quem sabe se nós teremos tambem algumas rodas a mais na maquina da nossa governação?

Quem souber que me responda que eu não sei...

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

A «Gaceta» de Madrid publicará brevemente a convocação para a exposição nacional de 1922 que se realisará no proximo mez de maio.

A decima terceira exposição internacional celebrar-se-ha este ano em Veneza onde a Espanha terá um pavilhão proprio onde os artistas espanhoes mais notaveis exporão as suas obras.

❖ ❖ ❖

Os jornais americanos põem em relevo o absurdo da nova lei de emigração, pois dá logar a que se repitam casos como este: Uma mulher polaca que vive em Chicago ha 11 anos regressou de uma viagem á sua patria no dispor-se a desembarcar em New-York com seus quatro filhos, dos quais um de treze mezes. Desembarcaram a mãe e treze filhos, mas as autoridades negaram-se terminantemente a deixar desembarcar o quarto pretendendo que o numero de polacos cujo emigração é permitida pela referida lei, se ava já preenchido com os que haviam desembarcado.

Uma junta de medicos decidiu que era impossivel separar os gemeos siamezes, Josefina e Rosa, ligados pela cintura, sem que a vida, pelo menos de um perigasse. Os gemeos, que contam 44 anos, pediram aos medicos que os examinassem bem, porque temiam que a morte de um acarretasse a do outro. Um dos gemeos tem um filho de 11 anos.

❖ ❖ ❖

A população de Guern (Morbihan) está sob uma emoção terrivel com os factos que se desenrolam na vila Lormalo, onde vive o lavrador Guéganic. Situados perto da egreja e do cemiterio, a habitação é teatro de acontecimentos sobrenaturaes, e de toda a parte vai multidão enorme ver a casa encontado, contra a qual, quer de dia quer de noite, são arremessadas pedras misteriosas contra as janelas que ficam com estilhaços umas apoz outras. Guéganic calafetou uma das janelas com palha e rodeou-a de madeira. Foi o mesmo que nada: a palha e a madeira ficaram intactas; o, todavia, as pedras estilhaçaram os vidros. Esse arrombamento produziu-se de maneira a mais misteriosa.

As diversas entradas, foram cada qual por sua vez metodicamente guardadas. Pois os vidros continuam sendo estilhaçados. Os habitantes da aldeia, auxiliados pelos das aldeias vizinhas, armados de espingardas e munidos de lanternas, guardaram interior e exteriormente o edificio, nas suas côrtes, outros dissiminados nos clareiras. Mas os espiritos continuaram a sua obra destruidora! O maire, Mr. Bellec e os padres têm-se visto e desej do para acalmar a multidão, tendo sido indispensavel, para isso, chamar a guarda de Pontivy.

E' curioso verificar que, durante a presença das autoridades, nenhuma pedra surge. Os habitantes creem no poder do sr. Diabo, pois que as pedras lançadas ao fogo, tornam-se vermelhas.

Os guardas de segurança estão, porém, á data das ultimas noticias, dispostos a fazer uma sortida, a vêr se aquelo terror se dissipa.

❖ ❖ ❖

As artes

Jorge Barrados vai amanhã abrir uma exposição de trabalhos seus no Porto.

Jorge Barrad s é um dos novos que tem conseguido triunfar com rapidez, impondo-se por uma obra original, por um espirito fino, por uma observação viva o por um traço caracteristico capaz de fazer a consagração dum artista em qualquer parte do mundo.

No nosso pequeno meio, o valor de Jorge Barradas vê se em dificuldades para conter o seu desejo de trabalho, a produção larga, porque o joven artista encontra limitados o seu campo de acção; comtudo ele aparece em todas os magazines, nos «jornais», nas reportagens, abre exposições, trabalha em cartazes, delalha o mais que pode o ambito da sua interferencia. Não lhe chegou Lisboa, e foi a Vigo, coroado de sucesso fazer uma exposição; agora vai ao Porto apresentar umas dezenas de novos cartões, muito originais, muito artisticos e que o Porto reconhecerá com a sua magnanimidade proverbal.

Os nossos desejos de vermos Jorge Barrados, colaborador que tem sido por vezes de «A Capital», triunfar em toda a parte, acompanham-no.

—A exposição Carlos Porfirio, que constituiu um grande exito no nosso meio artistico, continua aberta ao publico. Projecta-se realisar no Salão da «Ilustração Portugueza» uma festa de arte. Muitos dos quadros que Carlos Porfirio expõe—e são do melhor que temos visto ultimamente—estão já vendidos.

PELO TELEGRAFO

A conferencia do desarmamento

A delegação franceza

WASHINGTON, 23.—Um dos ultimos actos de mr. Briand antes de apresentar a demissão do gabinete francês, foi telegrafar ao sr. Sarrault, que passou ao posto de chefe da delegação franceza quando se retirou o sr. Briand, pedindo-lhe para continuar a ocupar o seu logar emquanto durasse a conferencia.—(Lat. Am.)

Continuam as discussões

WASHINGTON, 23.—As discussões da conferencia teem continuado, obtendo-se geralmente resultados compensadores, sendo o ultimo o acordo feito entre as delegações da China e do Japão, para que se abrisse o porto de Tsing-Tao.—(Lat. Am.)

O tratado do limite de armamento

WASHINGTON, 23.—O tratado do limite de armamento, geralmente conhecido pelo pacto do radio já está feito, excepto na parte referente ás fortificações. Espera-se que esta fique imediatamente resolvida para que o texto final seja submetido á apreciação das varias delegações afim de que estas o remetam para ser aprovado pelos respectivos governos. No entanto a votação da conferencia continua fixa em Paris, esperando-se ávidamente noticias da nova situação francesa.—(Lat. Am.)

A guerra de Marrocos

As condições para a entrega de prisioneiros

TETUAN, 23.—Parece que as condições impostas por Abd-El-Krim para a entrega dos prisioneiros que tem em seu poder serão as seguintes:

Os espanhois entregariam no povoação de Axdir todos os prisioneiros muçulmanos que teem em seu poder.

Abd-El-Krim dividiu os prisioneiros espanhoes em duas categorias: soldados e paisanos e oficiais entre os quais se encontra o general Navarro, negociando só a entrega do primeiro grupo pelo qual exige cerca de trez milhões de pesetas, reservando-se para entrar em negociações acerca do segundo pelo qual exigiria um milhão de pesetas. Este dinheiro seria empregado para activar a resistencia contra os espanhois enviando parte dele ao Raisul. Este dinheiro daria a Abd-El-Krim largos meios de resistencia atendendo a que os unicos recursos que dispõe são quinze mil duros mensais dos rendimentos das alfandegas que estabeleceu.—(R.)

O rei partirá em principios de Fevereiro

MADRID, 23.—Em virtude de estar normalisada a crise politica, parece certo que a viagem do soberano a Marrocos se efectuará nos primeiros dias de fevereiro.—(R.)

POLITICA INTERNACIONAL

O ministerio Poincaré

A situação actual da França — A reconstituição da Alemanha — Uma proxima guerra?

O novo ministerio francez, presidido por M. Raymond Poincaré, causou talvez ainda mais panico que sensação, nos meios diplomaticos europeus e americanos. O antigo presidente da Republica, o primeiro que volta á vida activa da politica depois de expirado o septenato do seu alto cargo, tem expandido de forma exuberante em conferencias, em discursos e em artigos qual a sua opinião na resolução dos problemas mais vitais actualmente em debate.

So as camaras francezas aceitam o seu ministerio, se o presidente Millerand o convidou a formar governo, é porque aceitam as suas doutrinas, é porque as suas teorias exprimem o parecer e as aspirações da maioria do povo gaulez francez.

Duas correntes, hoje fortissimas, se acentuam em França: a do imperialismo, em que predomina o elemento militar, e por consequencia a imposição rigorosa das sanções á Alemanha; a moderada, apoiada principalmente nas esquerdas.

M. Aristides Briand estadista habil, pois o tem demonstrado em situações dificeis, encontrou já na conferencia de Washington embaraços graves que o puzeram a dois dedos do seu completo malogro por causa da tonelagem dos submarinos. A par disto, uma parte da Inglaterra já não dedica á sua visinha do outro lado da Mancha aquele bom entendimento preconizado e creado pelo rei Eduardo VII. Prova isto á evidencia, a atitude, e a linguagem proveniente dessa atitude, da imprensa de Londres e provincia.

Outro facto existe, e por demais significativo: o Reischbank, isto é o Banco nacional alemão, vai transferir para o Banco de Inglaterra toda a sua reserva em ouro.

❖ ❖ ❖

Gritam os orgãos de maior informação e circulação, orientados por quem baralha as cartas nas chancelarias, que da intransigencia da França pode nascer uma nova guerra. Não escondem esses orgãos, nas suas entrelinhas, que tal sucedesse ou sucedes a aliada de ontem ficaria isolada e correria todos os riscos exclusivamente por sua conta.

A França está exausta e combalida o mão de obra no seu quiz é mais cara que em todas as outras nações limitrofes. Envida no presente momento esforços colossais para equilibrar as suas finanças, não recusando mesmo ante o extremo de demitir cerca de cincoenta mil funcionarios, sentenciados a irem exercer o sua actividade em logares particulares.

A sua natural e agora lendaria adversaria, a Alemanha, acha-se em condições incomparavelmente peores. Desarmada, arruinada, a sua situação é má, mas não é concertesa cor do que em 1806 quando Napoleão I su punha tela posto completamente a sua mercê. Depois das derrotas de Eylau e de Friedland até 1813 foi o povo alemão se juntou e vibrou na mesma patriotica.

Após a retirada da Russia o glorioso caudilho, aquele que até hoje não teve nenhum sucessor encontrou ás suas costas, na retaguarda dos seus exercitos desmoralisados e dizimados uma população inteira que queria ser livre, uma potencia militar que queria aspirava a obter um desforra retumbante e que alcançou com Blucher, no lado de Wellington, em Waterloo.

A organisação militar da Alemanha, não obstante todas as diligencias em contrario, conserva-se intacta. De um instante para o outro tudo se mobilizará o concertesa desde os simples companhias até aos numerosos corpos de exercito. A área do antigo imperio desenvolve-se em regiões tão acidentadas e os seus habitantes são tantos que a fiscalisação dos oficiais francezes e a ocupação das tropas não abrange senão zonas limitadas. Cada um que vive na sua terra conhece-lhe todos os recantos e meandros ignorados dos forasteiros por muito espalhada que esteja e por muito habil que seja a rêde da espionagem utilizada em seu serviço.

❖ ❖ ❖

Falta-lhe material, armamento, a formidavel maquina aproveitada pelo homem para sua defesa e ofensiva. Depressa a encontrariam. A que não possua ou esteja sonegada fornecer-lha-ia a Russia. Os aliados, a propria França, enviaram para o emporio moscovita toi copia de artilharia e maquinas militares de toda a especie que os alemães não romperiam as hostilidades de mãos vasias.

Os russos de todos os credos, desde o mais arreigado tsarista ao mais fervoroso discipulo de Lenine, não levam a paciencia que a Polonia ressuscitasse e readquirisse a sua perdida independencia. E' um traço de união comum e utilitario que liga a Alemanha á Russia. Uma investida desesperada sobre a França, não tornando a cometer o erro de invadir a Belgica, isto é de ameaçar a Inglaterra, e um golpe de mão sobre a Polonia, mudaria a face a muita coisa.

Com dificuldade qualquer governo, por muito prestigio que gose e por muito popular que seja, tornará a arrastar as populações em peso a uma guerra de louco, e geral exterminio como a passada conflagração.

E' isto que a imprensa da totalidade dos paizes mostra á franceza a titulo do conselho amigavel. O militarismo daquela nação não quererá ver o que se afigura claro a todos?

Clama-se de todas as bandas que é necessario proceder-se sem perda de tempo á reconstituição economica e financeira da Europa. A Inglaterra quer auxiliar a Alemanha, a America do Norte já a auxilia, o Brazil abriu-lhe os seus mercados e os seus portos, todos as outras potencias lhe demonstram benevolencia. A França parece não querer ver isto, nem lembrar-se que o Universo, que se viu momentaneamente livre do militarismo alemão, não desejará de modo nenhum que se levante outro em sua substituição.

MUSICA

S. LUIZ

ORQUESTRA SINFONICA PORTUGUEZA

O concerto de ontem ao S. Luiz deixou jicar uma bela impressão no espirito do publico. A orquestra apresentou-se mais cuidada, tendo Blanch recebido os aplausos a que o seu valor lhe dá direito.

O concerto abriu pela 2.ª suite da Arlesienne de Bizet destacando-se o Intermezo que foi bisado e que valeu a José Henriques dos Santos uma ovação.

O ultimo andamento foi muito bem executado.

A Romanza em fa de Beethoven fechou a primeira parte. Flaviano Rodrigues muito correcto.

A segunda parte era o sucesso da tarde. D. Beatriz Coelho interpretou ao piano acompanhada pela orquestra o concerto em la menor, op. 54 de Schumann.

D. Beatriz Coelho foi longamente ovacionada. Possuindo uma tecnica admiravel afirmou-se uma artista de grande merecimento. E' consolador vêr entre os artistas novos afirmações de esta natureza.

Bem haja Pedro Blanch por os trazer a publico. E' indispensavel que o continue fazendo para o que terá o aplauso de todos. Pena é que Pedro Blanch não queira aliar a apresentação dos novos artistas com a execução de originais portuguezes.

Mas... já é alguma coisa digna de nota e de louvor.

Na terceira parte «Tasso lamento e triunfo» de Liszt. Foi muito feliz a execução deste poema sinfonico.

A orquestra sob a regencia de Pedro Blanch deu-lhe todo o esplendor. Foi a melhor execução do concerto.

A fechar, a marcha militar de Schubert, muito bem.

B. C.

"Antiqualhas historicas"

Na proxima quinta-feira, 26 publica-se nesta interessante secção do nosso jornal o professor Ladislau Batalha a continuação dos seus estudos sobre origens e determinantes da perseguição aos judeus no seculo XVI, suas consequencias deploraveis e influencia no desenvolvimento da nacionalidade portugueza.

Proprietarios e construtores

Em virtude do sr. Carvalho da Silva se encontrar no Porto não se realisou a anunciada reunião dos proprietarios e construtores de casas para tratar das reclamações a apresentar ao governo, devendo efetuar-se na proxima quinta-feira.

O que se passa em Macau

HONG-KONG, 21.—A pedido da Associação dos negociantes chinezes o governo de Macau telegrafou á companhia «British River Steamboat» oferecendo-se para colocar marinheiros á sua disposição como tripulantes dos vapores da companhia, a fim de poder ser restabelecido o serviço entre Macau e Hong-Kong.

A administração da companhia tenciona conferenciar com o governador de Hong-Kong antes de dar uma resposta.—(H).

QUEM DÁ AOS POBRES...

Grande festa de caridade

Efectua-se na proxima 5.ª feira, no Monumental Club

A direção do Monumental Club, a exemplo do que se tem feito em outros clubs, efectua na proxima 5.ª feira uma grande festa de caridade, cujo produto será entregue ao sr. ministro do Interior afim de ser destinado aos estabelecimentos de caridade que estão lutando com falta de meios.

Para a festa de caridade, conta a direção do Monumental Club com a cooperação dos nossos principais artistas de diferentes teatros, os quais se não negaram auxiliar tão humanitaria iniciativa.

Brevemente publicaremos o programa definitivo dessa grande e altruista festa.

O novo embaixador da Italia em Paris

Será o conde de Sforza

PARIS, 23.—A Agencia Havas confirma que o governo francez deu o seu «agrement» para a nomeação do conde de Sforza para embaixador da Italia.—(H.)

ULTIMA HORA

AS CASAS

O problema da desabitação, que ameaça as classes pobres e mesmo as remediarao, não parece merecer as atenções do sr. ministro das Finanças... Pois mau, muito mau é isso!...

Não somos capazes de compreender as graves e ponderosas razões que impedem o sr. ministro das Finanças de examinar e resolver, pelo menos transitoriamente, o problema da desabitação, com que está sendo ameaçado, pelo Estado, uma parte da população da cidade. Parece certo que o ministro já reconheceu que a contribuição sumptuaria, incidindo sobre rendas de casas superiores a 50 escudos mensais, é iniqua, cruel e incobravel. E' iniqua porque atribuir habitos de luxo a quem habita um cubiculo de 50 escudos mensais de renda, é simplesmente uma irrisão, um escarneo arremessado á cara dos outros; é cruel porque, se fosse paga tal contribuição, a pobreza dourada dos remediados transformava-se em miseria repelente e na aniquilação da saude das familias castigadas no seu luxo... de 50 escudos mensais; é incobravel porque as familias atingidas pela lei não poderão, pelo menos na sua enorme maioria, reunir a quantia, para elas fabulosa, que lhes exige o fisco...

Ora, se tudo isto é assim (e, até agora, ainda não foi contestado... nem o pode ser) porque se não impede a execução, do decreto iniquo, irrisorio e cruel?...

E' possivel que o sr. ministro das Finanças esteja muito embaraçado com o aspecto legalista da questão. Efectivamente, nós reconhecemos que a lei, tendo sido votada pelo Parlamento, só a este compete derroga-la ou modifica-la. O contrario seria exercer ditadura financeira...

Está muito bem. Mas uma coisa é derrogar ou modificar uma lei e outra, muito diferente, é suspender a sua execução, até ulterior exame e resolução do Poder Legislativo. Isto pode o governo fazer, sem ofender a Constituição, que, apezar de esfarrapada sempre que convem aos interesses politiqueiros em jogo, de tantas minhocas ensina a cabeça dos governantes que se trata do bem publico.

E' urgente suspender o andamento dos processos de execuções fiscais por motivo da falta de pagamento voluntario da contribuição sumptuaria sobre rendas de casa. E' urgente e é inadiavel.

Mas o governo, positivamente não o quere fazer?

Isso é que deveria saber-se ao certo. O sr. ministro das Finanças poderia, se quizesse, enviar aos jornais uma nota oficiosa, dando conta das suas intenções. Com o Parlamento fechado, não ha sonão este processo de se porem os governantes em contacto com a opinião publica. Com aquela mesma opinião que eles não se cansam de dizer que querem respeitar e cujos favores, de tempos em tempos, quando cheira a chamusco se não privam de mendigar...

Preso ha 10 dias

O sr. Cunha Leal deve intervir

Está preso ha dez dias o sr. Araujo Regalo, calaborador de varios jornais, já passou pela «Capital». Está preso porque num jornal se tenha publicado uma entrevista que foi julgada atentoria da ind pendencia nacional. Está preso o sr. Araujo Regalo e nada indica que seja, em breves dias posto em liberdade. No entanto, as investigações do delicto praticado estão concluidas pela propria confissão do sr. Araujo Regalo e não se calcula quando o preso será posto em liberdade ou enviado para o tribunal regular.

O sr. ministro do interior não falou ainda com o preso Araujo Regalo. Quando falar perceberá logo a razão do artigo e concertesa o que não será capaz de perceber é a razão da prisão. Nada ha mais ridiculo do que esgrimir com crenças, com velhos ou com doentes. Experimente o sr. Cunha Leal: fale com Araujo Regalo e verá como depois de ter falado com ele o manda pôr em liberdade.

Questões do dia

Tudo vai bem, mas os electricos continuam parados e a cidade é victima dessa paralisação. Afinal, de quem é a culpa?...

... Mas então, pergunta toda a gente, porque continua a greve dos electricos, se as reivindicações dos grevistas já foram satisfeitas?

Vamos a ver se é possivel com a simples narrativa do que se tem passado, apurar responsabilidades e definir atitudes.

A greve começou no sabado. O pessoal dos carros electricos fez as suas reclamações. O governo ouviu-as. Estudou o problema. E encontrou a solução do imposto de 5 centavos em bilhete de transito, que o passageiro teria de pagar. Com a receita pagar-se-hia a subvenção no pessoal, isto é, seriam satisfeitas as reclamações dos grevistas. Estes, reunidos, aceitaram a plataforma. E já ontem ou, o mais tardar, hoje de manhã, deviam circular os carros da poderosa companhia de Santo Amaro.

Surgiu, porem, um incidente. A companhia dispensou do serviço dois empregados, porque fizeram «sabotagem». E o pessoal, solidario com os dois companheiros, verdadeiro, ou falsos «saboteures», negou-se a pegar no trabalho. Continua a greve, pois.

Ora isto de «sabotage» tem que se lhe diga. Sempre que rebenta uma greve nos carros electricos, o noticiario dos jornais regista casos de «sabotages», impeditivos da circulação dos carros, mesmo que outro pessoal, que não o grevista, se disponha a trabalhar. Uma vez solucionada a greve, sempre a contento dos grevistas e da companhia de Santo Amaro, logo os carros circulam, remedia-se a «sabotage» instantaneamente. E porquê? Simplesmente porque o acto de «sabotage» se limitou ao desaparecimento de peças essenciais ao manejo dos veiculos. E quem foi que os fez desaparecer? Naturalmente quem tinha interesse na suspensão das carreiras dos electricos...

O caso presente é este: o governo quer que os carros circulem e, para isso, até fez ditadura financeira, lançando um imposto. Não o censuraremos. Entre d is males preferimos o menor ao maior, e este, afinal de contas, é o de não haver transportes citadinos. Os grevistas tendo ganho a centessima greve destes dois ultimos anos, não desejam, quer-nos parecer, protongar por mais tempo as ferias com que nos brindaram, se bem que não percam nada com isso, visto que os dias de «chômage» lhe serão pagos, com é já do direito consuetudinario desta especie de negocios. Resta apenas saber se a Companhia convem a paralização, mas isso idio-ha o leitor...

O que é certo, é isto: o dinheiro cobrado pelo imposto teria de ser creditado ao governo e não iria atestar os cofres do sindicato do Santo Amaro. Da modo que, solucionada toda a questão, nada com isso ganharia a Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

Somos forçados a pedir ao governo que empregue os meios necessarios para se restabelecer a circulação dos carros electricos em Lisboa. O Estado dispõe de demonstrações suficientes de benevolencia e de espirito de transigencia; o publico aguentou a pé firme a sangria do meio tostão; os operarios não desejam, naturalmente, criar para si o privilegio de comer sem trabalhar, o que, de mais a mais, é contrario á doutrina do profeta Lenine e mais do seu discipulo Trotsky... E tudo isto bem somado e tirado as suas provas deve dar certo... para que os carros circulem.

Porque não resultando assim, para que diabo existe uma sociedade organisada, que transmite á «elite» dos cidadãos as funções de governarem os outros, que somos nós todos, sem exclusão dos extrangeiros que entre nós vivem?...

Sufragios por alma do sr. Braamcamp Freire

Sufragando a alma do sr. Anselmo Braamcamp Freire, celebrou-se hoje, de manhã, uma missa na egreja do Carmo, tendo assistido a esse acto bastantes pessoas.

O sr. Presidente da Republica tambem se fez representar.

POLITICA

A lista definitiva da Conjunção Republicana

Eis a ultima redação da lista para deputados e senadores, recomendada pela Conjunção Republicana ao eleitorado de Lisboa:

Para deputados. Circulo Ocidental:

B urbon e Menezes, Arnaldo Rigotti, Augusto Dias da Silva, José Feliciano da Costa Junior, José Maria Alvaro e general Gomes da Costa.

Para deputados. — Circulo Oriental:

Ramada Curto, Rego Chaves, João de Deus Ramos, Tamagnini Barbosa, Vasco de Vasconcelos e Zacarias Gomes de Lima.

Para senadores:

José Francisco da Silva e José Jacinto Nunes.

Não encontramos confirmação, antes pelo contrario, á noticia que apareceu num jornal da manhã sobre uma pretensa oposição do Partido Liberal a inclusão de certos nomes nas listas da Conjunção Republicana. Acreditamos que os partidos coligados mantêem completo acordo no ponto de vista eleitoral de Lisboa.

Eduardo de Sousa

O sr. Eduardo de Sousa, antigo jornalista e parlamentar, apresenta a sua candidatura a senador pelo distrito de Braga.

Congresso do Professorado das Escolas Primarias superiores

A sessão preparatoria

Numa das salas da Sociedade de Geografia foi inaugurado hoje, pelas 13 horas, o congresso dos professores das Escolas Primarias Superiores.

Presidiu o sr. Costa Cabral, tendo como secretarios os srs. Hugo de Baja e Joaquim de Carvalho.

Aberta a sessão, entrou em discussão o regimento que hade regular o congresso.

Todos os artigos foram aprovados á excepção do 7.º, seus paragrafos e os paragrafos do art. 4.º que foram eliminados.

Foi tambem aprovado um aditamento destinando meia hora antes da ordem dos trabalhos para se discutir qualquer assuntos.

Depois da verificação de poderes, deu-se começo aos trabalhos da ordem do dia.

Foi lida na mesa uma proposta dos professores da Escola Primaria Superior de Portalegre que preconisava que se elegesse uma comissão composta de tres membros encarregada de elab rar um projecto de reforma do ensino na Escola Primaria Superior segundo o resultado dum inquerito questionario que procederia de cada Escola Primaria Superior.

Apoz varias explicações não chegou essa proposta a entrar em discussão.

O sr. presidente fez depois algumas considerações sobre a fixação de quadros, secretarios das escolas e bibliotecarios.

A' hora dali retirarmos contiduav a sessão, devendo a de amanhã come çar pelas 12 horas.

A questão dos cambios

Numa entrevista concedida a um jornal da noite o sr. ministro das Finanças atribuiu a maioria das causas que agravam os cambios ao que s. ex.ª muito pitorescamente chamou os «zangões». E nesse mesmo jornal embora como informação de origem diferente vem alguns nomes como sendo de pessoa que fazem jogo de bolsa, ilicitamente, ou seja fora das prescrições legais. Os jornais de hontem, por sua vez dizem que foi preso o sr. Vitorino de Almeida Junior, um dos nomes incluidos na tal lista. Entretanto porque foi este preso e os outros não? Se o mal do cambio vem dos cavalheiros a solução é simples e facil: pren lê-los todos.

A greve dos electricos

A' hora de fecharmos o nosso jornal fomos informados de que o sr. presidente do Ministerio se encontra com Santo Amaro conferenciando com a Direcção da Companhia Carris para uma rapida solução a dar á greve dos electricos que tantos prejuizos vem trazendo ao publico.

TEATRO

Nota do dia

Augusto Pina

Homem de teatro, na acepção mais justa do termo, «gentleman» de maneiras, viajado e culto, foi Augusto Pina bem escolhido para o cargo de administrador, que a Sociedade Artistica do teatro Nacional lhe entregou.

Presta-lhe hoje homenagem a «Capital» velho jornal de tradições republi-

canas, homenagem que lhe deve jus sem grata.

Ao director artistico das duas brilhantissimas épocas do Trindade, ao scenografo interessante de tantos trabalhos, auguramos no seu novo cometimento um exito digno do seu nome.

Em menos duma semana tivemos ocasião de referir-nos a duas manifestações do teatro Nacional: a primeira representação do «Centenario» e a comemoração de Molière.

A primeira foi uma notabilissima afirmação. A segunda deixou bastante a desejar.

Aplaudimos sem restrições e condenámos sem receio.

Escrevendo com isenção julgamos prestar-lhe o melhor serviço.

Augusto Pina pode e deve fazer uma obra que fique. Ha muito a esperar da sua ação dentro da casa de Garrett.

O que se sentiu na festa de Molière, foi, o que até certo ponto é justificavel que o scenografo Pina era absorvido pelo administrador Pina. Quer dizer que o funcionario precisa dum artista junto de si, ou o artista dum empregado. Assim ficará certo.

De resto colaboradores não lhe faltam. Quem tem a seu lado Eduardo Brazão e José Ricardo, Ilda Stichini e Maria Pia, além de tantos outros de valor, está seguro.

Com uma grande esperança lhe escreve estas linhas, que mais valem pelo seu sitio onde são escritas alguem que sinceramente muito quer ao teatro.

O HOMEM QUE PASSA

A festa do Asilo-Oficina Santo Antonio

Ainda um novo elemento, o de maior valor, figurará no explendido programa da récita de quarta-feira no Avenida:—Eduardo Brazão tambem preencherá um numero do artistico intermedio a que já nos referimos, no qual André Brun fará uma interessantissima conferencia sobre «A arte de ser novo pobre».

Noticiario

Portugal

A companhia Alves da Cunha deve brevemente ir de novo a Coimbra, dando nessa ocasião tambem alguns espectaculos em Santarem.

Alves da Cunha começa hoje a ensaiar um original portugues, com o qual dará em Lisboa uma unica representação.

—O «Fado» de Bento Monteiro representa-se esta noite pela unica vez no Apolo em festa do ponto João Santos, havendo tambem um acto de variedades.

A revista ali em scena vai ámanhã em recita da empresa, sai a 25 porque a festa de Rosa Mateus tem um programa interessantemente novo e volta para fazer as festas de Judith de Souza das coristas e de Dora Vieira e fazer o seu ultimo domingo no popular teatro da R. da Palma.

—Realiza-se amanhã terça-feira, ás 21 horas, a primeira representação nesta epoca, da tão conhecida e apreciada opera de Puccini, «Tosca», em 20.ª recita de assinatura ordinaria. Esta opera que ha muitos anos não vai á scena neste teatro, esta confiada á direção do maestro Pedro Blanch, e nela tomam parte, nos principais papeis da «Tosca», Scarpia e Cavaradossi, a primeira soprano da Opera de Paris, Mireille Berthon, consagrada já em Lisboa como uma grande artista, o baritono Formichi, que este ano conseguiu a reputação de um dos primeiros baritonos que nos teem visitado, e o tenor Sagnariol, um dos novos atualmente em carreira que melhores dotes naturais possui. Os restantes papeis são desempenhados pelos cantores caracteristicos Spadoni e Fernandez, que no seu genero são dos mais reputados. Quarta-feira deverá ser, em 5.ª recita extraordinaria, a estreia da grande opera de Verdi, «Aida», sob a direção de Vittorio Gui, que no principio da sua carreira o regeu em Italia, consagrando-se logo como um grande director de orquestra. A representação da «Aida» está despertando um enorme interesse por o seu desempenho estar confiado a cantores de excepcional valia, a soprano Annita Conti, a mezzo soprano Maria Capuana, o tenor Sullivan, que cantará a sua parte em italiano, o baritono Formichi e o baixo Griff. A enscenação é cuidadissima, devendo a opera revestir um brilhantismo desusado.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

REFLEXÕES AO BORRALHO

Ha duas coisas que nunca me deixam impassivel é o toque do correio e a campainha do telefone. E' o imprevisto, é a novidade.

A sensação que me dá a carta difere da que tenho com o telefone.

A carta revela-se mais depressa, a letra do envelope diz, em geral donde vem, e assim sabemos imediatamente quem nos escreve, por isso ha pouco imprevisto. A curiosidade depressa fica satisfeita, mas o coração entra muito em scena; quando a letra é duma pessoa querida, os nossos olhos fitam demorada e carinhosamente as curvas das letras, a pressa ou a lentidão com que foram feitas, queremos prescrutar sob que impressão foi escrita, qual o estado do espirito da pessoa que no-la manda, se agitado ou calmo, se terno ou encolerisado.

Nunca abro uma carta logo que a recebo, primeiro faço este exame demorado que me delicia e que é o antegoso da carta, nalguns casos esse antegoso dá muita mais felicidade que a leitura dalgumas linhas escritas á pressa, por vezes frias e bruscas se, pelo contrario a carta é amiga e terna, tivemos dois prazeres, o de espectativa e o da realidade.

E' muito bom receber cartas; é uma alegria feita de paz e socego; o telefone sobresalta, inquieta e ao mesmo tempo atrae dessa atração que tem a mascara e o misterio.

Que voz irá sair daquele dominó negro? uma voz que acarinha ou que magoa, que chama ou que repele? Mas quando, a voz que vem é «a Voz» que intensidade de alegria ela nos causa, que vibração de nervos, como nunca, nos pode dar a letra á qual apenas a nossa imaginação empresta vida.

A voz, tão expressiva que é quasi um gesto, tem o privilegio de se prolongar, de ecoar durante horas e horas no coração e no ouvido.

Creio que Deus na sua infinida bondade nos deu a voz para que as horas amargas fossem compensadas pela doçura imensa de ouvir uma voz querida pronunciar o nosso nome.

E porque o telefone no transmite muitas vezes, vozes amadas e amigas bemdito seja com todo o cortejo de contrariedade e impaciencias que nos acarreta.

ARTES FEMININAS

Um biombo artistico

Um dos moveis que torna a nossa casa mais confortavel e elegante é o biombo ligeiro e artistico que se muda facilmente de um lado para o outro.

Para quem sabe pintar a oleo é muito facil arranjar um bonito movel destes a escolha do motivo é que preocupa um pouco.

Lembro pois a essas senhoras que as fabulas e lendas dão assuntos explendidos.

Por exemplo a «Cegonha e o Grou», e «Leão e o Burro» mais artistico «O julgamento do amor». Em cada uma das faces podia pôr-se uma scena da fabula.

Tomemos por exemplo «A Cigarra e a Formiga». A primeira face representaria a formiga trabalhando e a cigarra cantando. A segunda, a casa confortavel da formiga e a cigarra, pedindo esmola e sendo expulsa a terceira, uma paisagem de inverno e a cigarra morta.

A pintura poderia fazer-se em dois tons, creme e vermelho escuro ou então nas suas côres naturais. Eu preferia a primeira maneira, mas isso é uma questão de gosto.

CONSELHO PRATICO

Para se escolher peixe

Não ha nada que exija mais cuidado do que a escolha de peixe, porque muitas vezes resultam doenças graves do mau estado desse alimento.

As seguintes regras ajudarão o principiante:

Pescada.—Os olhos devem estar brilhantes e é conveniente reparar que a parte superior tenha uns reflexos prateados e azulados.

Salmão.—Deve sêr dum côr de rosa vivo, as escamas brilhantes, as guelas vermelhas e para ser bom, este peixe precisa ser muito duro.

Linguados.—Os melhores são dum branco créme. Evitem cuidadosamente os que tiverem uma côr azulada na parte inferior.

MEDICINA CASEIRA

Para curar dores no corpo

Depois duma longa jornada, dum comprido passeio ou de exercicios violentos, o corpo sente-se fatigado e dorido.

Eis uma simples gimnastica que faz um grande bem e dá uma sensação de repouso:

De pé, levantando os braços até se encontrarem os polegares.

Juntar as mãos na frente e levá-las até ás costas, passando por cima da cabeça.

Descançar as mãos nas ancas.

Juntar as mãos sobre a cabeça e pôr-se em bico dos pés.

Deitar-se de costas e depois sentar-se rapidamente.

Em seguida a estes exercicios toma-se um banho tepido, fazendo depois uma maçagem.

ARTE DE COSINHA

Lagosta á americana

Escolhe-se uma lagosta muito fresca, ainda viva, se fôr possivel, prepara-se como de costume e põe-se numa caçarola com quatro decilitros de bom vinho branco, 19 gramas de sal, um pouco de pimenta, alho, salsa, louro e toucinho, fecha-se a caçarola muito bem e deixa-se sobre fogo forte. No fim de dois minutos de ebulição, volta-se a lagosta e torna-se a tapar imediatamente; depois de cinco minutos de cozimento a fogo vivo, põe-se de lado no fogão e deixa-se aboborar durante vinte minutos. Tira-se a lagosta, deixa-se escorrer, corta-se aos bocados, tendo o cuidado de apanhar o môlho que escorrer da lagosta.

Depois de escorrer tambem a caçarola põe-se uma cebola muito picada com vinte gramas de manteiga que se põe ao lume dez minutos sem deixar tomar côr, junta-se-lhe dez gramas de farinha, mexe-se até que aloire levemente e deita-se-lhe pouco a pouco o molho da lagosta e um tomate cortado, quando levantar de novo fervura mete-se os bocados de lagosta neste molho e deixa-se aboborar durante cinco minutos e serve-se.

HIGIENE DA BELESA

Carmim liquido para os labios

Agora que toda a gente se pinta inclusivé alguns jovens elegantes, vem a proposito dar uma formula simples e caseira:

4 gramas de carmim,
7 » de amoniaco liquido
250 » de agua de rosas

Deixa-se macerar dois dias em meio litro de agua e junta-se 7 gramas de alcool de rosas.

No fim de oito dias côa-se e enfrasca-se.

SONETO

Mater dolorosa

Quando se fez ao largo a nave escura
Na praia essa mulher ficou chorando
No doloroso aspecto figurando
A lacrimosa estatua da amargura

Dos ceus a garça era tranquila e pura
Dos gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulo, voando
Dos mares sobre a cerula planura

Nas ondas se'atufára o sol radioso
E a lua sucedera, astro mavioso
De alvôr banhando os alcantis das fragas

E aquela pobre mãe não dando conta
Que o sol morrera e que o luar desponta
A vista embebe na amplidão das vagas

Gonçalves Crespo

PENSAMENTOS

A consciencia da nossa força aumenta-a.

Lawence-Jones

SPORT

Esgrima

O professor Conté, que estabeleceu residencia em Madrid, deve participar em breve numa prova, que se realisará em Paris.

Conté, que é um atirador de sabre extraordinario, esteve em tempos entre nós com o amador conde de la Falaire.

Remo

O campeão do mundo profissional Hadfield, vai pôr o seu titulo em jogo contra Padon.

O match terá logar na Austria.

Ciclismo

Em Bruxelas estão tratando da corrida anual dos seis dias, na qual devem entrar os melhores especialistas francezes como Brocco, Dupuy, Berthet etc.

Box

Harry Wily, o negro, que pensam opôr a Dempsey, foi batido por desclassificação pelo seu compatriota Bill Tate, tambem negro.

—O campeão do mundo Kilbane, declara que deseja encontar o frances Criqui, se este vencer Ledux.

O combate seria para disputa do campeonato do mundo dos «levissimos».

—Os melhores «pesados» da Europa são actualmente Campentier Niles que é o campeão oficial da França, e o inglez Kid Lewis.

—O campeão de França dos leves Papin, foi agora derrotado de tal maneira em Inglatérra, que a imprensa aconselha o a retirar-se do «ring»

Motociclismo

A volta da França em motociclete, organisada pelo «Motociclo Club de França», realisa-se em 25 de Março e o percurso total é de tres mil e setecentos quilometros.

Podem concorrer motos e side-cars com um e dois logares.

FOOT-BALL

O resultado de hontem

Nos desafios de hontem o Victoria venceu o Carcavelinhos, por 6 goals a 3, e os Belenenses ganharam a Casa Pia por 1 a 0.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Foram ontem á tarde destribuidos os premios á classe infantil, que constavam de medalhas de prata. Em seguida realizou-se a matinée, pelos alunos da classe de gimnastica aplicada sob a direcção do professor sr. João Possolo.

Findou a festa com um animado baile que se prolongou até perto da 21 horas.

AVIAÇAO

Já se encontra, no Tejo, a bordo de um barco inglês, um hidro-avião tipo «Faisey» com que o magnifico aviador português ex.mo sr. Sacadura Cabral, vai tentar fazer a travessia Lisboa Brasil.

NOTICIARIO

A REVISTA FOOT-BALL

Entrou no terceiro ano de publicação a revista «FOOT-BALL,» de que é actual director o nosso amigo Cantherino.

Longa vida.

O SPORT NO PARQUE MAYER

E' o antigo jornalista sportivo José Pontes, que de colaboração com o emprezario Luiz Galhardo, organisará varios espectaculos de sport no recinto do parque Mayer.

CONTOS D'«A CAPITAL»

A suprema caridade

A aldeia caira em poder dos prussianos. Todas as manhãs o clarim, em notas vibrantes, tocava á alvorada...

Nas casas tudo se movimentava de alto a baixo. As janelas abriam-se, rangiam-se os ferrolhos. Um minuto depois, grupos de soldados altos e ruivos, meio vestidos, espalhavam-se pela rua, saudavam-se com exclamações rudes, apertando-se vigorosamente as mãos.

Os poços e as fontes eram logo assaltados. Cada um por sua vez vinha colocar a enorme cabeça sob o jacto de agua gelada.

Sacudidos ao principio por um violento arrepio, davam grunhidos e praguejavam de satisfação, agitando-se comicamente, como cães depois de um banho.

Revigorados com este «duche» energico, trocavam pancadas amigas e reentravam nas casas para se acabarem de vestir e apresentar ao serviço.

Os habitantes da localidade não eram tão madrugadores. Como que convalesciam das recentes emoções.

Ameaçados, depois da declaração de guerra por uma invasão atroz, respiravam agora que a ocupação era um facto consumado.

Na ausencia dos seus melhores defensores, partidos para a fronteira, esta população tinha tremido por muito tempo, julgando ser degolada e posta a saque por inimigos furiosos.

Ora a verdade é que tudo se passára sem excessivos rigores. Os bons camponezes ficaram surpreendidos com isso, e a seus odios patrioticos misturava-se o desdem para com estes Bavaros, evidentemente escravos, que obedeciam aos chefes com uma docilidade de carneiros.

Num pronto, as bisbilheteiras do logar tinham conseguido domesticar estes vencedores simplorios. Atravez das vidraças de cada habitação podiam-se ver gigantes barbados entregando-se aos cuidados do trabalho caseiro, com o fim de diminuir algum tanto a tarefa dos seus hospedeiros.

Uns debulhavam legumes, outros rachavam lenha, varriam as lojas ou lavavam a loiça.

A's vezes, creanças folgazãs arremessavam-se descuidosas de encontro ás pernas dos soldados, os quais procuravam retê-las e fazer-lhes festas, mas, já patriotas, os fedelhos repeliam, a pontapés e a soco, as tentativas de reconciliação do inimigo.

Um corpulento fulano, de aspecto bonacheirão, tinha instalado sobre os joelhos um rapazito que lhe arrançava a barba; em vez de se irritar, o gigante sorria para a audaciosa creança, pensando no filhinho que deixára longe, no seu paiz natal.

No cêntro desta aldeia movimentada uma casa, junto á igreja, fica estranhamente silenciosa. Se as bandeiras duma janela do primeiro andar se não abrissem de manhã e fechassem á tardinha, dir-se-hia desabitada.

Os que passavam lançavam-lhe olhares inquietos e trocavam misteriosas converesas.

Unicamente dois visitantes lhe transpunham o limiar varias veses por dia; oficiais prussianos, dos quais um levava debaixo do braço uma caixa de farmacia. Quando saiam, as suas fisionomias exprimiam invariavelmente uma desanimada tristeza.

No melhor leito desta habitação, entre cortinados claros, onde se desenham borboletas volitando de flor em flor, repousa um mancebo loiro e imberbe, em cujo rosto se divisa a prostração.

De vez em quando, abre os olhos azuis, passeia-os em redor, como para se assegurar duma presença querida, depois fecha-os sem ousar sorrir.

Uma mulher ainda joven, morena e graciosa, está sentada perto, absorvida pela leitura, embora o seu espirito esteja bem longe dali.

Sonha, remonta o passado, desde o principio do seu grande amor que lhe iluminou a vida obscura. Retrata na imaginação o ridente idilio que a encaminhou ao casamento por um tapete de flores.

Ambos belos, trabalhadores, honestos e contentes com o pouco que Deus lhes dava. Clemencia, a costureira, e Pedro, o carpinteiro, tinham nascido um para o outro.

A felicidade deste casal, completa com o nascimento duma filhinha, durava já uns bons tres anos, quando rebentou a guerra, esse flagelo maldito que ceifa tantas existencias e despedaça tantos corações!

Clemencia estremecia, lembrando-se da partida de Pedro, dos adeuses pungentes, do ultimo beijo, e do olhar profundo, prolongado, onde cada um se esforçava por gravar, definitivamente, a imagem querida...

Desde então, uma anciedade devoradora tinha perturbado os dias e as noites da pobre mulher. Dum momento para o outro não podia uma nova fatal trespassar-lhe o coração?

A invasão, a imediata ocupação da aldeia pelo inimigo, tinham sem duvida exasperado a sua dupla dôr de esposa e de franceza.

Para cumulo de amargura, fora obrigada a ceder o seu melhor quarto, o santuario das suas intimas alegrias, a um oficial prussiano gravemente ferido.

Isto revolta-a tanto, como se fosse uma profanação.

Após uma ordem brutal e algumas prescrições breves acerca dos cuidados que o doente requeria, o major afastára-se, e Clemencia compreendeu que a elevavam á dignidade de enfermeira.

Era um dever de humanidade, mas a sua alma revoltada repeliu-o a principio com horror.

Cuidar deste inimigo que, antes de cair, tinha matado muitos franceses... e, quem sabe?... talvez Pedro!...

Lançando ao ferido, que parecia dormir, um olhar cheio de odio, murmurou enraivecida:

—Oh! a ti — sabes?—não te estorvo de morrer... não serei eu quem to impedirá!

Mas logo uma voz dolorosa a sobresaltou:

—Tranquilise-se, senhora eu não a embaraçarei por muito tempo...

Assim, o desgraçado tinha ouvido as palavras de maldição! Entretanto o seu rosto não exprimia nenhuma censura, nenhum resentimento, mas unicamente a calma e a indiferença sublime de alguem que adivinha o seu fim proximo.

Aterrada, Clemencia baixou a cabeça. De repente, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos; pareceu-lhe que um laço se quebrava nela, e que a sua alma obscura, entorpecida pelo erro, se virava subitamente para a luz.

As palavras que tinha deixado ouvir pareceram-lhe então impias, barbaras, execraveis, e causaram-lhe tal horror, que fugiu como uma louca sem mesmo ousar pedir perdão...

Mas, a partir deste dia, a joven foi para o tenente Karl Broemer uma ideal irmã de caridade.

Agora ela compreendia que todo o rancor deve cair diante do sofrimento e da sombra da morte; que um ferido não é mais que uma vitima digna de dó, qualquer que seja a sua nacionalidade.

O dia morre no horisonte, o sol parece um brazeiro cujo ardor se extingue a pouco e pouco.

Clemencia poisa o livro e dirige-se para o grande armario de carvalho que abre de vagarinho.

Um cheiro a roupa fresca, lavada, recendendo a alfazema, espalha-se no quarto. A joven toma diversos objectos dirige-se depois cautelosamente para uma mezinha colocada perto do leito e prepara uma porção.

O ferido, saindo duma sonolencia teimosa, contempla a sua enfermeira.

Clemencia repara neste olhar e assustasse; os grandes olhos azues do oficial tornaram-se ternos e embaciados, emquanto o suor lhe banha a fronte livida.

—Sofre, sr. tenente? pergunta ela. Oh! como queimam as suas mãos!...

—Chame-me Karl, quer? suplicou o desgraçado, cujas pupilas revelam um desespero horroroso. Poderei então chamar-lhe Clemencia com um grande prazer para mim, ao passo que a senhora pouco se comprometerá...—e tentou sorrir-se, embora isso fosse superior ás suas poucas forças.

—Beba, Karl, diz Clemencia cedendo ao inocente capricho.

Ela ajuda-o a levantar-se e ampara-o, emquanto o ferido bebe a poção a pequenos tragos.

—Obrigado, suspirou ele; como é bondosa!

Com a cabeça apoiada nos travesseiros, Karl, fatigado pelo esforço feito, continuou a falar com uma voz lenta e quebrada:

—Minha querida irmã da caridade, vou-lhe pedir ainda mais um favor... o ultimo... conhece o sargento Hoffmann, um valente rapaz que me é muito dedicado; peço-lhe o favor de lhe dizer que eu pensei nele antes... de me ir embora...

Por favor, não me interrompa... quem sabe se de repente... Agora, traz-me aqui o meu «dolman»?

Com os olhos rasos de lagrimas Clemencia apressou-se a levar-lhe o uniforme.

Ele tirou dum bolso interior duas fotografias que contemplou com ternura, depois de as ter tocado com os labios esbranquiçados:

—Eis duas imagens queridas que duvidei mostrar-lhe ha mais tempo bonitas, não são?... Minha mulher e a minha pobre filhinha, da mesma edade talvez que a sua.. Ah! sim custa muito mais a morrer quando se morre longe dos nossos!...

Uma tal expressão de desespero convulsionou o rosto do infeliz, que a sua enfermeira a custo retinha os soluços, querendo protestar, mas em vão, porque a implacavel Ceifeira estava ali, esperando a sua presa.

—Depressa, vá buscar a sua filha, suplicou o moribundo.

Clemencia saiu correndo do quarto e voltou logo, trazendo nos braços a loira filhinha toda sorridente.

O coração da joven mãe tinha adivinhado qual o engodo ilusorio de amor implorado pelo oficial que ia morrer. [illegible] dedos do agonisante [illegible] e inclinada para [illegible]

—Karl, meu querido Karl.

Supremo consolo, piedosa ilusão devido á sublime caridade duma mulher! Desta forma o tenente Karl Broemer podia acreditar que morria na sua casinha á margem do Sprée, chorado por dois entes queridos...

Um ultimo suspiro...

Depois, cedendo a uma piedade invencivel, inclinou-se mais, e poisou religiosamente os labios na fronte ja fria do inimigo.

A CAPITAL

Diario republicano da noite

3986

N.º 3987-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 25 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Questões do dia

O governo e a Camara Municipal na questão da ultima paralisação do serviço dos carros electricos

Já houve um vereador que chamou Lisboa, muito a proposito, a cidade martir. A frase é de efeito, embora naturalmente tenha sido suprida pelo que aconteceu á desgraçada Reims. Seja assim ou doutra forma, devemos concordar que nós somos, realmente, verdadeiros cidadãos torturados pela inconsciencia e incuria da deliciosa edilidade que o destino nos reserva, para castigo dos nossos grandes pecados.

Lisboa é, efectivamente, uma cidade martir. Não falamos da desordem anormal na vida citadina, produzida pelas endemias revolucionarias ou grevistas. Por emquanto, podemos consideral-as como casos extraordinarios, se bem que demasiadamente frequentes. Referimo-nos, porém, á vida diaria, tornada quasi insuportavel pelo pessimo estado em que a Camara Municipal mantem a cidade.

Não é feito de proposito, evidentemente. Mas parece que o é!

As calçadas da cidade são o que se sabe. As ruas estão cheias de buracos e a imundicie acumula-se por todos os cantos. Os esgotos são do tempo do arroz de 15, incapazes de rivalisar com anacronismo, com outra qualquer cidade do mundo, a não ser lá para os confins da Asia, entre os amarelos do tempo de Confucio. Não dizemos nada quanto á dedicação dos Bombeiros Municipais, porque ela não pode ser excedida; mas é de justiça confessar que o seu material é ridiculo, até em aparencia, e tão «démodé» que se assemelha a brinquedo de liliputeanos. O serviço das aguas potaveis é tão bom ou tão mau, que só por um acaso da sorte benevola é que, dum dia para o outro, não amanhecemos sem o precioso liquido nos contadores, mesmo em pleno periodo chuvoso de inverneira brava. O serviço de limpeza publica faz-se em pleno dia sendo frequente que, ás 11 horas, param os electricos nas proximidades da praça da Figueira, esperando, em fila, o deslocamento bruto dos carros do lixo.

A iluminação publica é a beleza que se vê ou antes que se não vê, graças á cidade que, durante a noite, mergulha em apocalipticas trevas. E a tracção eletrica dos carros de passageiros pára de tempos a tempos, com geral aprazimento da edilidade, que aproveita a ocasião para discutir, interminavelmente, com a respectiva companhia concessionaria.

Desta vez, o chefe do governo resolveu a crise da paralisação dos electricos em vinte e quatro horas. A energia e o «savoir faire» do sr. Cunha Leal indignaram os vereadores, que perderam uma excelente ocasião para renovar os seus discursos improdutivos, emquanto nós todos, com grande gaudio dos sapateiros, gastavamos botas e pés em calcurriar as lamacentas artorias da cidade. E o menos de que a camara acusa o governo é de ter feito uma dictadura, invadindo as atribuições da sua autonomica administração.

A Camara Municipal de Lisboa tem razão. O sr. Cunha Leal, podia, se quizesse — mas, felizmente, não quiz, deixar correr as coisas á revelia, tanto se lhe dando como se lhe deu. Empurrava tudo para a Camara Municipal e ela que se aviesse como podesse. Não faria dictadura. E não teriamos carros nem á mão de Deus Padre!

A Camara Municipal de Lisboa é, realmente, em extremo legalista. Dictadura é que ela não faz! O seu respeito á Constituição é tão religiosamente observado que o Rocio se encontra, desde ha anos, demolido e não se conserta nem por um decreto.

E se o governo mandasse dictatorialmente concertar o Rocio?...

Não se descobriu o oiro sintetico

BERLIN, 25. — Isher informou os correspondentes dos jornais inglezes que é falso que tenha descoberto o oiro sintetico. Disse que quem lhe falou nisso foi um companheiro de viagem no comboio de Men-Haven para New York. No entanto está convencido que é uma descoberta a fazer e alguns sabios quimicos alemães estão tratando dessa importante descoberta que causaria uma baixa mundial no oiro o que muito beneficiaria a situação economica da Europa. — (Lat.-Am.)

PARIS E MOLIÈRE

A CRISE E AS FESTAS DE MOLIÈRE -:- «O HOMEM DA PAZ» -:- O PONTO DE ENCONTRO DOS HOMENS DE GÉNIO -:- MOLIÈRE NA FACULDADE DE MEDICINA -:- AS ESTATISTICAS DA NATALIDADE -:- UMA CAUSA DO MAIOR NUMERO DE DIVORCIOS -:- REPERCUSSÕES -:- ENVENENAMENTOS -:- ENIGMAS FEMENINOS -:- UM MARIDO GENEROSO

Os convidados estrangeiros para o tri-centenario de Molière presencearam muitos espetaculos. Não tinham previsto que iam presenciar uma crise ministerial, com todas as suas peripecias. Puderam seguir de perto o ondular das opiniões e lançar um rapido olhar para os embates politicos.

O heroi da festa, para que foram convidados, receou, por momentos, o desenrolar dos acontecimentos. Um presente comovedor arriscava um mau juizo sobre um passado glorioso.

Mas o programa das solenidades, no fim de contas, não sofreu nenhum córte e, por uma feliz cartada das combinações do novo gabinete é o mesmo ministro das belas-artes quem tendo recebido os ilustres hospedes, continuou a presidir á sua recepção.

Neste tempo erissado de dificuldades, não é inoportuno lembrar as palavras de Saint-Beuve, que chamava a Molière «o homem da paz», pois que todos os homens, fossem de que nação fossem, podiam unir-se para reconhecer nele o mais verdadeiro pintor da humanidade e para aproveitar lições da sua obra, para aceitar o ideal de generosidade e de direito, que resaltam nas suas palavras satiricas.

Desempenha de facto Molière este papel, neste periodo da sua glorificação, num palco maior que o calcado por ele, mas por quanto tempo serão escutados os conselhos da sua grande sombra?

Consta que os franceses desejam mudar o nome da Avenida da Opera. E' dar-lhe o nome de Molière. Assim, dentro em pouco, seria possivel tornar visinhos, no grupo das mais belas arterias de Paris, os nomes dos genios europeus, Molière, Dante, Cervantes, Shakespeare, Goethe.

Como vêmos, não houve homenagens que não se fizessem a Molière. Portanto, a ideia era espiritual. Não se pode... chegar a um acordo sobre a sua realisação.

Foi tambem anunciado um banquete de medicos para festejar o ridiculo encarniçado feito á medicina e aos medicos.

Não foi sómente para atestar que os medicos de hoje são pessoas de espirito, incapazes de rancores. Mas a medicina não deve muito a Molière? A' força de zombar dos medicos do seu tempo, constrangiu os seus sucessores a renunciar á sua solenidade, que era sómente burlesca, e ao seu empirismo.

A dureza do autor comico incitou reflexões uteis, que os levaram ao progresso. A proveta, a batina, o capuz ou o chapeu ponteagudo já não representam a sciencia.

Torna-se agradavel revelar Molière como o renovador da medicina e sempre dá ocasião a «blagues» picarescos e a «toasts» engenhosos.

Não é verdade, porem, que, ha trinta anos, aproximadamente, um medico francez, dr. Leon Petit, pediu instantemente que se erigisse um busto de Molière na Faculdade de Medicina, em frente aos de Hipocrates e de Galleno, com uma inscrição comemorativa de que ele era o homem que mais contribuira para o desenvolvimento da medicina moderna?

Em que circunstancias não se pode invocar Molière?

As ligas contra a despopulação teriam boas rasões em se colocar sob a egide do poeta que nunca deixou de ridicularisar os casamentos novos e sãos, e que desejou aos maridos ter tanto quanto lhes fosse possivel, «creanças de que fossem pais».

E não se dava, na «troupe» dele, o exemplo da fecundidade? M.elle Beauval, que foi a «bicole do Bourgeois gentilhomme» e a «Zerbinette» dos «Fourberies de Scapim», não teve vinte e quatro filhos, o que, salvo o tempo das «délivrances», não a impediu de cumprir rigorosamente o seu serviço no teatro?

As estatisticas que foram publicadas ha pouco sobre a natalidade franceza indicam um descrescimento em relação ao ano precedente, o de 1920. Houve um belo começo, apoz a guerra: não durou muito; voltaram aos habitos de prudencia.

A isca da medalha que prometeram ás mães de numerosa prole não pareceu uma garantia bastante.

Na verdade, apesar de todas as exortações aos maridos, como acontecer de outro modo, com a carestia da vida, causa essencial da diminuição do numero dos nascimentos?

A questão da falta de habitação mistura-se intimamente com a carestia, e eis porque a sua solução seria capital.

Para sustentar filhos é preciso alojamento e dinheiro.

Apoz as hostilidades, os que atravessaram a longa prova apressaram-se em crear um interior. Mas onde encontrar um alojamento?

Muitos casais foram forçados ou a acomodarem-se nos pequenos quartos de solteiro que o novo marido tinha antes, ou a aceitar a hospitalidade dos parentes dela ou dele. Eram, pensavam eles, um andar provisorio: modo de ganhar tempo para preparar uma outra instalação. Mas a crise das habitações está longe de uma resolução. E' preciso continuar num logar acanhado, ou sem liberdade completa: a desejada. Como não juntar inquietações ás alegrias permitidas aos casais que vivem nas suas casas, ou nos seus andares?

Se a natalidade diminuiu, em compensação os divorcios aumentaram sensivelmente: Explicam-se, na sua maior parte, pelo mesmo motivo da impossibilidade de encontrar uma casinha conveniente. Os caracteres devem-se azedar. A' habitação com os parentes da mulher ou do marido oferece mil ocasiões de questiunculas, tornando-se por fim insuportaveis. A excessiva solicitude de uma sogra leva muitas vezes o genro á exasperação. Quantos assuntos para querelas constantemente em pé, finalmente, e tendentes a produzir a rutura dos laços que se tinham apertado numa esperança de felicidade! Podemos ter a certeza de que a falta de comodidade da casa é o fundo de muitas dessas separações, e, posto que possam oferecer um tema aos humoristas, valia bem a pena tomar esta constatação a sério.

Essas separações legais merecem-nos desconfiança, mas mudam muito os nossos tempos. Para que separações tragicas?

E por abordar a tragedia, lembro-me que em Paris houve o envenenamento de uma mulher, madame Ryan. Segundo as acusações que ela deixou, foi o seu marido que a obrigou a tomar duas pastilhas de sublimado corrosivo. E' um enigma que a policia franceza não sabe resolver. Demais viviam num hotel. Que coacção se póde exercer numa mulher que, num hotel, rodeada de tanta gente, não gritasse por socorro? Madame Ryan, atentando voluntariamente contra a vida, não quiz talvez perder o homem que ela odiava?

A hypothese torna-se verosimil se nos lembrarmos de algumas historias contadas por Lombroso, que anotara muitos traços da perversidade dos moribundos, sonhando com uma vingança postuma, que compensasse a morte e todos os sofrimentos. A mulher pode ser implacavel nos seus resentimentos. O exemplo mais caracteristico foi o de uma concubina repudiada que, matando-se, deixou pesar uma acusação infamante sobre a cabeça do ingrato amante. As suas ultimas palavras foram para o acusar de lhe ter roubado um anel de preço. Ora, o anel, tinha-o ela engulido, o que, por felicidade do desgraçado já condenado, foi revelado pela autopsia.

Ha ainda uma outra scena de envenenamento, mas singularmente cómica. E' o caso que se deu com um juiz de paz de Brest, que varias vezes perdoou á mulher que desejava desembaraçar-se dele. Quando a justiça interveio, Seveleder foi o primeiro a defender, generosamente a culpada. Deixou Brest e partiu, com ela, para Marrocos, onde esperava viver tranquilamente. Eis porem, que tornam a prender madame Seveleder. Desta feita, o marido zangou-se. Ele, que era o interessado, ele melhor que ninguem sabia — assim lhe parecia — se devia ou não absolver, e ter-lhe ou não rancor; declarou-se até perfeitamente feliz, após o pequeno incidente que perturbou a sua existencia conjugal. Que tinha o mundo com ele? Mas foi em vão que protestou e que repetiu, com uma variante das palavras de Molière (porque Molière é visto em toda a parte): «E se me agrada a mim ser envenenado?»

E eis como foram as festas á Molière, vistas fóra do programa, através da imprensa franceza.

Vale, para nós como homens e como portuguezes, como uma experiencia moral.

G. A.

Eleições á porta...

Fala o aviador sr. Lelo Portela, ex-governador civil de Lisboa

Ha dias, quando da partida para Vila Real do sr. Lelo Portela, o antigo governador civil de Lisboa, tivemos ocasião de trocarmos algumas palavras com s. ex.ª ácerca das proximas eleições.

Após várias considerações do distinto capitão aviador sobre o possivel resultado do acto eleitoral, o sr. Lelo Portela exclama, referindo-se ás candidaturas monárquicas:

— Eu admiro-me da facilidade com que muita gente acredita na possivel victória dos monárquicos!

«Eu não sei, nem o afirmo, que o tão apregoado perigo monárquico seja uma interessante especulação cujo alcance é facil prevêr; mas do que estou absolutamente convencido é que os monárquicos não teem no país o necessário eleitorado que lhes assegure uma regular representação parlamentar.

— Mas lembre-se do numero de eleitores que os monarquicos fizeram ultimamente inscrever.

— Sim, bem sei, mas esses eleitores não lhes vão assegurar a vitoria eleitoral, fique v. certo. Quando muito e isto muito por cima, os monarquicos conseguirão cinco ou seis deputados. Em Lisboa, meu amigo, as maiorias estão garantidas para os democraticos, e as minorias pertencerão fatalmente aos governamentais.

— Que diz V. Ex.ª da lista da conjunção republicana?

— Que quer v. que eu lhe diga? Que aprovo, em absoluto, a atitude do directorio do P. R. L. Os liberais não podem nunca entrar numa lista de conjunção republicana ao lado dos «outubristas», pois é ainda bem recente a noite sangrenta de 19 de outubro, em que pereceram o nosso malegrado Antonio Granjo e os outros republicanos a quem a Nação tanto devia. Não quero dizer com isto que sejam os candidatos «outubristas» culpados desse morticinio, mas o que é certo é que a revolução de 19 foi a sua causa, e eles os organisadores do movimento revolucionario. Já vê o meu amigo que de modo algum os liberais podem enfileirar ao lado dos candidatos «outubristas», ainda quando isso seja para evitar uma victoria eleitoral monárquica, victoria que é, aliás, bastante discutivel.

— V. Ex.ª propõe-se como liberal?

— Não, senhor; proponho-me pelo circulo de Vila Real como deputado independente.

E com um sorriso que muito quer dizer, o capitão sr. Lelo Portela acrescenta:

— Vou disputar a eleição ao sr. dr. Nuno Simões, ministro do Comercio!...

— O sr. dr. Nuno Simões propõe-se tambem por Vila Real?

— Sim, e o seu nome vem incluido nas listas democraticas. Se S. Ex.ª já foi democratico, não é o facto motivo para admirações!...

Medicos e doentes

Como quer você, meu amigo, que eu lhe aconselhe algum remedio para os seus ataques de reumatismo e para a sua doença de coração — se eu de medicina sei apenas que estar doente não tem senão vantagens para os medicos e inconvenientes para a vida? Se você tivesse paciencia e saude, dizia-lhe que consultasse a figura grave de Hipocrates; os velhos medicos filosofos, o caduco Acio, por exemplo; as togas resplandecentes dos archiatras romanos; os cirurgiões Herasistrato e Henophilo; os mestres bisantinos; o «Canon Medecinal» o «Kitab-el-Kulhyat» onde se ilumina toda a sciencia dos arabes; que expozesse o seu caso clinico a Chauliac, medico dos papas de Avinhão; a Harvey; a Fallopio; a Vezalio; aos capelos amarelos de Ferrára e de Pisa; a Pasteur; a Kock, a Roux; a Netchnikoff cuja bela cabeça ainda ha pouco vi num «panneaux» de Veloso Salgado; e todos os mestres da sciencia moderna; que se deixasse auscultar por Laennec, vacinar por Jenner, operar por Dupuytreux e por Charcot — e se depois, meu amigo, você tivesse a coragem de escapar a esta pleiade brilhante aconselhava-lhe a que arranjasse dois namoros em pontos opostos da cidade. Nada melhor para resolver, ao mesmo tempo, os seus ataques de reumatismo — e a sua doença de coração. O melhor medico é ainda o amor, creia. Seu amigo.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

Não são os medicos

Os culpados do grande numero de especialidade estrangeiras consumidas no paiz. O publico é que sugestionado pelos reclames medica, sem querer saber dos riscos que corre em se expôr a ingerir medicamentos de composição desconhecida. Usai pois o «Diurenal», o maior diuretico de acção garantida, do qual é depositario exclusivo Raul Vieira Lda, Rua da Prata 55.

O PROBLEMA DAS AGUAS

Ignorancias da União dos Sindicatos Operarios

Torna-se urgente achar uma solução para o caso

Como dissemos a União dos Sindicatos Operarios publicou em Agosto de 1921 um estudo sobre a questão das aguas em Lisboa. Esse folheto foi distribuido por milhares de pessoas porque a sua tiragem foi de milhares de exemplares. Nele vem inserta esta estupenda e sensacional conclusão: **Não ha necessidade da construção de novos sifões.** Pronto. Está tudo arrumado. A União dos Sindicatos Operarios entende que não ha necessidade de mais sifões e por esse motivo não se farão mais sifões...

No mesmo trabalho depois de ingerir as trez conclusões do relatorio, diz-se: **Certamente causará admiração a muita gente que sejamos nós operarios, os menos instruidos que vimos opormo-nos a essa manigancia, que a companhia das aguas pretende realisar, etc.** — Não ha duvida, menos instruidos mas em compensação mais atrevidos.

Realmente haver um organismo que se propõe transformar a moral social, dando ao existente um aspecto diferente por uma mudança radical no sentido dum melhor aperfeiçoamento, haver um organismo desses que tenha a coragem de num assunto absolutamente tecnico sobre que tem sido consultados os mais ilustres engenheiros — e a engenharia portuguesa tem figuras de alto valor que podem hombrear com a engenharia estrangeira — fazer tal afirmação, só vem demonstrar que os operarios, se foram operarios que influiram no estodo que estamos apreciando, são duma absoluta ignorancia e dum absoluto atrevimento.

Já dissemos que ha diferença sensivel entre o calibre do canal e o calibre dos sifões. Fez-se assim ha 45 anos por motivos de ordem tecnica. A agua captada no Alviela pode entrar realmente em maior quantidade no canal, mas não pode passar pelos sifões visto o calibre destes ser inferior. E' bom explicar que os sifões neste caso correspondem ás chamadas obras de arte das linhas ferreas e foram especialmente construidos para vencerem dificuldades de terreno.

A agua não se regula pelo calibre do canal, mas sim pelo calibre do sifão, e desta forma aumentar o calibre dos sifões até igualar o calibre do canal corresponde a fazer correr em toda a construção maior volume de agua — toda a agua que o canal comporta. Entendeu a União dos Sindicatos Operarios?

O que pretende a Companhia? Duplicar os sifões e fazendo-o não só consegue o que acabamos de referir mas ainda uma outra coisa de maior interesse para a população da cidade: pôr-se a coberto do desarranjo dum dos sifões.

Ha anos houve uma avaria grave num dos sifões. Para a reparação centenas de homens estiveram ocupados trabalhando de dia e de noite, durante 73 horas, muitas vezes com agua até á cintura. O engenheiro que dirigia esse trabalho morreu ao fim de 15 dias, tão grande foi o esgotamento produzido pela intensidade de nervos dispendida. Durante as 73 horas que durou a reparação, todos, desde o engenheiro até ao mais simples trabalhador, todos contaram o tempo, minuto a minuto, receosos de não acabarem a reparação antes de esgotada a ultima gota de agua existente nos reservatorios de Lisboa.

A gente que na União dos Sindicatos Operarios fabrica folhetos, gréves e manifestações é certamente incapaz de perceber este esforço e muito menos capaz de o realisar. O autor do folheto se lá estivesse prolongaria tanto quanto possivel a sua tarefa para ter o prazer de verificar que a corrente da agua se tinha restabelecido alguns minutos, algumas horas, alguns dias, alguns meses depois de se ter exgotado por completo a agua em Lisboa.

E aqui têem os leitores a razão porque a U. S. O. proclama cheia de simplicidade: **Não ha necessidade da construção de novos sifões.**

Lançar mais agua no consumo de Lisboa e garantir a segurança de instalações tão complexas é uma coisa que a União dos Sindicatos Operarios não é capaz de perceber. Lá tem as suas razões.

O caso das aguas porem é que não pode ficar eternamente assim. Deixe o governo a U. S. O. e trate de resolver tão magno problema.

A morte do Papa

O cardeal Mercier, sumo pontifice?

A extraordinaria figura do arcebispo de Malines seria vista com profundo agrado na suprema chefia da Egreja por varias nações e inumeros fieis. Diz-se, porém, que, a despeito do seu singular prestigio, a sua candidatura, se fosse posta, encontraria objeções por virtude do papel que o grande prelado desempenhou durante a guerra, aliaz singularmente simpatico. A questão da neutralidade persiste, sem embargo de estar feita a paz para quem haja de reger o rebanho de Cristo.

Um cardeal «papabile»

Um dos cardeais com maiores probabilidades de ser eleito é o arcebispo de Pisa, cardeal Maffi, que no primeiro escrutinio do conclave de 1914 obteve 30 votos com 58 eleitores, votação que se manteve igual no segundo escrutinio.

Maffi terá hoje os mesmos partidarios? E' possivel, desde que se saiba que ele compartilha as ideias de Bento XV, e que este criou vinte e dois cardeais. Se o arcebispo de Pisa fosse eleito Papa, o trono pontificio viria a ser ocupado por um grande homem de sciencia.

Pietro Maffi nasceu em 1858 e ordenou-se em 1881. Consagrou-se largos anos ao ensino, nomeadamente ao da filosofia e ao estudo das sciencias naturais, da astronomia, da geodinamia e da meteorologia. Organisou, para isso, no seu seminario gabinetes de fisica e de historia natural, e fundou tambem um observatorio que foi inaugurado pelo celebre padre Denza. Foi um dos iniciadores da «Rivista di scienze fisiche e matematiche» e é autor de numerosos artigos scientificos. Foi sagrado, em 1902, bispo titular de Cesaréa de Mauritania, e promovido a arcebispo de Pisa em 1903. Dois anos depois era nomeado director e administrador do Observatorio do Vaticano e em 1907 criado cardeal-presbitero. O cardeal Della Chiesa apenas obteve no conclave de 1914 mais 9 votos do que o arcebispo de Pisa, e ao decimo setimo escrutinio, quando este prelado, só nos dois primeiros, alcançou a brilhante votação de trinta, como acima dissemos. Será ele o sucessor do grande pontifice agora falecido?

As liberalidades do defundo Papa

Bento XV exercia largamente a caridade. Citaremos apenas alguns factos mais publicos, relativos ao ano de 1920: em Fevereiro, enviou 30.000 cobertores de lã para as creanças pobres da Austria; fez remeter 200.000 liras ao arcebispo de Praga para os pobres da Tcheco-Slovaquia; ás creanças francezas das regiões devastadas destinou 35.000 francos e mais 200.000 liras; em março, enviou 100.000 liras para os orfãos da guerra francezes; em abril, remeteu para as creanças da Tcheco-Slovaquia um terceiro donativo em dinheiro (1 milhão de liras) alem de 100.000 liras para o clero necessitado; ainda no mesmo mez, entregou ao sr. Renner um cheque de um milhão de liras para as obras de beneficencia do cardeal Piffi; em setembro, remeteu ao vigario apostolico do Tche-li central, na China, 50.000 liras para os famintos do seu vicariato; em 20 de novembro, a subscrição aberta pelo Pontifice no «Osservatore Romano» para as creanças famintas da Europa central atingira mais de 15 milhões de liras.

Não referimos os donativos distribuidos pelo Papa nesse ano em favor da educação eclesiastica, da reparação de egrejas, etc.

Bento XV e Portugal

Por duas vezes nos ultimos tres anos Bento XV, em documentos pontificios, lembrou aos catolicos portuguezes que deviam obedecer aos poderes civis estabelecidos. Em 18 de dezembro de 1919, na carta «Celeberrima evenisse», ao cardeal Mendes Belo, recomendava essa obediencia, e por ocasião das festas do Beato Nun' Alvares Pereira exortou, de novo, os bispos e o clero portuguez a acatar o poder civil, recordando os ensinamentos de Leão XIII e que a Egreja está fóra de todas as facções politicas. Foi Bento XV quem restaurou o bispado de Leiria, em 17 de janeiro de 1918, e para ele nomeou o conego portuense rev. Correia da Silva, elegendo o bispo em 15 de janeiro de 1920.

As tendencias do conclave

ROMA, 25. — O Jornal "Paese" nota uma tendencia minuscula do conclave para insinuar a elevação dum Papa, não italiano. — (II).

Bento XV será sepultado esta noite

ROMA, 25. — O Papa será sepultado esta noite ao lado de Pio X. — (Lat-Am.)

Arte portugueza na Argentina

No atelier de João Reis

No seu atelier da rua da Trombeta, João Reis, o moço pintor, que se afirma brilhantemente, traduzindo em telas cheias de côr a beleza incomparavel da nossa paisagem, recebe acolhedoramente o jornalista.

O ambiente tem o cunho caracteristico dos «ateliers»; um desalinho elegante inconfundivel, que só existe em casa dos artistas.

Uma penumbra suave, e uma atmosfera de molde a acariciar a sensibilidade friorenta dos modelos.

Estão, alem do artista, dois amigos. Um deles é o distinto jornalista e caricaturista Joaquim Guerreiro.

— Vimos, para que nos fale da sua proxima exposição na Argentina.

— Pouco lhe poderei dizer que interesse. Procuramos levar lá fóra, mais uma vez os nossos trabalhos. O futuro dirá do resultado.

— Essa viagem tem algum caracter oficial?

— De modo nenhum.

E' absolutamente particular. Vamos, meu pai, Joaquim Guerreiro e eu. Exporei alguns dos meus quadros, que o publico de Lisboa já conhece. Meu pai tem concluidos novos trabalhos, Joaquim Guerreiro, fará conferencias sobre a nossa literatura, a nossa arte, a nossa maneira de ser.

Vamos os tres levar alem-atlantico um bocadinho de Portugal, na esperança de um bom acolhimento.

— Que é quasi certo.

— Meu pai conta lá admiradores, e o sr. ministro da Argentina junto do governo portuguez, que alem de um habil diplomata é um requintado artista, tem-se interessado muito por esta viagem.

Se esta tentativa alguma coisa representa, é uma boa vontade de servir o paiz, tornando-o conhecido lá fóra.

Joaquim Guerreiro, que tem escutado as sobrias palavras do artista, diz-nos agora do seu entusiasmo pela obra do mestre Carlos Reis, e pelo seu lar bem portuguez, na Quinta dos Lagares de El Rei.

— Carlos Reis é um grande educador e um devotado patriota. Na formação intelectual de seus filhos, foi sempre sua intenção constante, o despertar lhes o culto das nossas coisas o conhecimento da nossa lingua, da nossa literatura, da nossa arte.

Esse culto, que prepassa em toda sua obra, suceder-se-ha nas gerações dos seus, que ele enucou; e é animado dessa ideia que ele tem ultimamente trabalhado, para levar lá fora a sua arte visicadamente portugueza.

— E contam demorar-se muito tempo em Buenos Aires?

— Até julho gostariamos muito de visitar tambem o Uruguai, mas crei que nos escaceará o tempo.

— O governo argentino concede-lhe algumas facilidades?

— Por emquanto, contamos só com a boa vontade das classes cultas. Já por varias vezes teem manifestado a sua simpatia pelo sr. Carlos Reis e o desejo de que exposesse na Argentina.

«Acedemos de boa boa vontade a esse desejo, e posso assegurar-lo, os trabalhos do sr. Carlos Reis honrarão bem o nome portuguez. De João Reis, todos nós sabemos como se afirmou na sua ultima exposição. Poucas vezes um novo, se impõe tão definitivamente.

Mas agora reparo, diz-nos Joaquim Guerreiro, não sou eu que dou a entrevista; habito de jornalista como vê. Se é que quizer fazer disto uma entrevista... E' pouco mais do que uma noticia.

João Reis, parco de palavras e de gestos, impecavel, quasi protocolar, nada mais tem a acrescentar ás palavras do amigo.

Tinha terminado a entrevista. O jornalista ergue-se, fixa por instantes um lindo quadro onde ha roupa a secar á luz crua do sol de agosto, talvez a melhor obra de João Reis, e acompanhado pelo artista desce do atelier.

Vinha entrando Carlos Reis, a quem o jornalista tem o prazer de apertar a mão.

Fala-se novamente da Argentina.

— Quer v. ex.ª acrescentar algumas palavras a nossa entrevista?

— O João já lhe falou, está bem, é o bastante.

Saimos.

A ex-imperatriz Zita chegou a S. Sebastian

SAN SEBASTIAN, 25. — A ex-imperatriz Zita chegou a esta cidade. — (Lat-Am.)

Doenças rubras dos Porcos

Um apelo ao sr. ministro da Agricultura

Diz-se que a peste porcina matou este ano animais no valor de 50 mil contos. Na verdade não ha nenhuma estatistica que o confirme, mas parece-me exagero. Supondo que nesta mortifera doença a mortalidade assumiu agora entre nós apenas 10 o|o, da população acima acusada pelo recenseamento de 1870, as perdas ocorridas não importariam em menos de 6 mil contos.

Não é, porem, só a peste porcina que assim fla ela os animais. Outras doenças ha que igualmente os vitimam intensamente, como a carbunculose, a variola e as doenças rubras, congeneres da peste, para falar apenas das mais terriveis epizootias.

Se cuidadosa e cautelosamente perservassemos do descalabro esta riqueza, que todos os anos a voragem da morte pavorosamente arrebata no seu sorvedoiro, teriamos em cada ano, por passar do nosso consumo, um excedente de animais para exportação, cuja saida representaria um consideravel fluxo de oiro que viria atenuar a nossa crise economica.

Mas, quem pensa nisto em Portugal? Mal ira, porém, áquele que pense que só no intuito de salvar a nossa riqueza pecuaria, nos deve preocupar a questão dos flagelos animais.

Ela tem que visar ainda muito mais alto, tem que visar a saude publica, sabido que ha doenças nos gados transmissiveis ao homem, e quando o não sejam, elas alteram de tal forma as carnes, que as tornam improprias para o consumo humano.

A carbunculose é transmissivel ao homem, e causa nele a epustula maligna, de que em todos os pontos do paiz morre tanta gente.

A peste porcina não o é, mas torna a carne por ela atingida incapaz para a alimentação do homem.

Ha pouco não faltou na imprensa de Lisboa quem, fiado na intransmissibilidade da peste porcina para nós, viesse insinuar no animo do publico o consumo de tais carnes na alimentação. Aquele que assim aconselhou a outros que fizessem este uso para salvar os seus interesses como lavrador e os interesses dos lavradores seus parceiros na exploração agricola tem primeiro que dar por si e pela sua familia o exemplo de consumir tais carnes em sua casa e á sua mesa.

Com vista ao sr. Matos Braamcamp a quem me prontifico a fornecer, por esse seu gesto nobre e brioso, carne pestifera de graça. E' aproveitar.

Muita cautela deve haver no consumo das carnes de porco, que do ordinario se comem mal passadas, e quando defumadas e preparadas sob a forma de paios, presuntos, chouriços, chegam-se a comer por vezes em cru.

Por certo que no Matadouro municipal de Lisboa se exerce a precisa fiscalisação sobre as carnes ali abatidas. Por certo que á entrada das carnes pelas barreiras os fiscais tecnicos municipais não as deixam passar sem ser em estado são.

Sei isso. Mas sei tambem que muito carne morto fora de Lisboa entra clandestinamente pelas portas escapando á fiscalisação, como matadouros ocultos ha por essas hortas que verdejam dentro da cidade, fazendo-se nelas chacina de toda a sorte de gado suino que entra depois nos açougues, vendendo-se essas carnes com as outras e não sendo facil distingui-las das sans, nem destindar a sua procedencia pela estampilha sanitaria.

Por outro lado sobre as carnes defumadas e preparadas, não é possivel exercer a fiscalisação com o preciso rigor que seja garantia da sua inocuidade para a saude publica.

E se não falta por ai gente no paiz que desenterre os cadaveres dos animais mortos pelas mais terriveis zoonoses, alguns factos neste sentido teem ja vindo a publico em correspondencias de jornais, e ainda que os não desenterre, se não falta quem apenas morra um animal ou dê noticia de estar doente, no segundo caso o mate e em ambos o aproveite para fazer chouriços, presuntos, paios, que depois se mandam para Lisboa, vê se que a fiscalização das carnes defumadas e ensacadas é apenas uma formula para inglez ver.

Destas considerações resulta a absoluta necessidade de pormos o Laboratorio de Patologia Veterinaria, em Bemfica, em estado de funcionar capazmente e dignamente cumprir a missão para que foi criado.

No combate das doenças contagiosas a profilaxia é o essencial, o processo curativo é o menos. E entre os meios profilacticos, o emprego de sôros e vacinas como preventivos torna-se uma medida de primeira necessidade.

Por isso não devemos estar todos os anos a continuar a repetir a triste lição seguida até aqui. Não podemos estar á espera de que se declarem os flagelos nos animais para então se estar a preparar sôros e vacinas na ocasião. E' necessario que sôros e vacinas estejam preparados a tempo, antecipadamente e em quantidade precisa para com eles se poder satisfazer a todas as requisições e intervir de pronto em qualquer foco que surja, empregando-os curativa ou preventivamente.

Ora o Laboratorio de Bemfica não está em condições de atender a reclamações da lavoira e dar justa satisfação aos seus interesses no que diga respeito a um eficaz combate de doenças contagiosas dos animais.

Para tanto falta-lhe o principal. Carece de devidas instalações para alojamento de animais, carece de material capaz para a boa execução dos seus trabalhos e carece em absoluto de animais para as suas experiencias e preparo de sôros, vacinas e agentes diagnosticos em quantidade indispensavel e a tempo de os fornecer á medida que sejam requisitados.

Urge, por isso, acudir desde já ao laboratorio de Bemfica reforçando a sua dotação e pessoal para que seja um estabelecimento verdadeiramente util.

Chamando para este facto a atenção do sr. Ministro da Agricultura e pedindo a sua intervenção no sentido em que indico cumpro o meu dever de cidadão portuguez e interessado na solução desta questão.

E quer-me parecer que o sr. Mariano Martins, que tão criteriosamente vem gerindo a sua pasta com aplauso de todos, satisfazendo esta aspiração anciosa da lavoira portugueza deixará assinalada a sua passagem pelo ministerio da Agricultura por um ótimo serviço prestado ao paiz, em cuja realisação encontrará como seu colaborador dedicado o director geral dos serviços pecuarios.

A. B.

Companhia Carris de Ferro

Do sr. A. O. Kalkhorst recebemos a seguinte carta

Santo Amaro, 24 de Janeiro de 1922.

Sr.—Com referencia á declaração feita nos jornais desta manhã, que eu havia sido induzido a consentir na readmissão de dois empregados no serviço desta Companhia depois de a ai haver obstado, permita-me v. dizer não ser perfeitamente exacta essa afirmação.

Com o fim de não prejudicar o publico aceitei a indicação de s. ex.ª o presidente do Ministerio para que todo o pessoal fosse readmitido imediatamente, afirmando porém, de acordo com os meus colegas da direcção, que não deixaria de proceder disciplinarmente contra os actos de violencia exercidos pelo pessoal sobre os seus chefes, antes de declarada a gréve. Ficou combinado que o pessoal disso fosse avisado, pois eu não desejava que ele regressasse ao serviço sob a falsa impressão que não seriam tomadas nenhumas medidas disciplinares.

O representante do pessoal recebeu da direcção da Companhia instrucções para informar o pessoal desta condição.

Apez uma demorada conferencia, o pessoal anuiu em regressar de novo ao trabalho nesta noite—o que fez.

Com toda a consideração sou — De v. (a) *A. O. Kalkhorst.*

A viagem do principe de Galles

Saudações de Lloyd George

LONDRES, 25.—Lloyd George telegrafou ao principe de Galles exprimindo-lhe o alto conceito que o governo formava pela maneira como o principe se estava desempenhando da sua alta missão na India e pela profunda impressão que ali tinha causado.

O primeiro ministro dizia tambem no seu telegrama que não só por intermedio de informações oficiais mas tambem por informações doutra ordem tinha chegado ao conhecimento do governo que em todas as regiões da India que o principe tinha visitado tinha radicado no animo de todos profundas simpatias e tinha sensibilisado o coração dos Indios.

O principe respondeu agradecendo e cumprimentando o primeiro ministro e o governo e dizendo que tinha encontrado por toda a parte grande cordealidade e boa vontade tendo os principes e o povo da India mantido firmemente as tradições do passado.

O principe acrescentou que se sentiria orgulhoso se a sua visita á India tivesse concorrido para manter o sentimento de mutua compreensão que é necessario que prevaleça em todo o Imperio Britanico.—(R.)

Factos ·:· ·:· ·:· e palavras

...DO QUE UMA SENHORA DISSE

Ontem á tarde ouvi, sem ter sido indiscreto a seguinte conversa:

Uma senhora, falava, a outra ouvia e aprovava com visivel satisfação.

Dizia ela:

—Decididamente o Cunha Leal é um homem que me enche as medidas.

Que tipo tão interessante!

Vê lá tu como ele resolveu esta gréve dos electricos! Tem sempre um argumento para tudo, uma resposta afiveldo; e os gestos? Que lindos e nobres gestos que ele tem.

Figura rude de montanhez, tem energia tem gaudesa...

Pois é verdade.

A solução da greve dos electricos agradou-me.

Só tenho pena duma coisa. E' que o Cunha Leal não ordene que os carro partam todos do Rocio. Esta coisa de ter que ir aos Restauradores irrita-me.

O Cunha Leal podia-o bem fazer era uma bela ideia.

Ficava tão satisfeita se ele o fizesse...

Assim falou entre outras coisas que disse a tal senhora.

Falou como mulher... e como mulher pensou.

Mas agora pergunto eu:

—V. Ex.ª minha querida senhora, que com tanto calor e tão sinceramente emitiu aquela opinião julgará que o sr. Presidente do Ministerio não tem mais nada em que pensar?

Pois então julga muito mal.

E agora sempre direi:

—Olhem que bonito futuro que nos esperava no dia em que as mulheres fossem ao Parlamento e começassem todas a emitir deste modo a sua opinião.

Senhor Deus: Tende piedade de nós!

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

A execução do tratado de Versailles lhes seria facil se a Inglaterra visse da mesma maneira que a França a questão das reparações.

Infelizmente não é assim. A federação das industrias britanicas, por exemplo, redigiu um relatorio em que diz que obrigar a Alemanha a cumprir todas as estipulações resultantes do tratado de Versailles daria logar a uma grande perturbação financeira mundial e que as industrias britanicas em particular ficariam completamente desorganisadas. Esta opinião é perfilhada pelos homens de negocio inglezes.

A Barclays Bank exprime-se nestes termos: As reparações não podem ser pagas senão por exportações alemãs de mercadorias ou serviços. Como a absorção economica mundial é limitada, estas exportações alemãs tomarão nos variados mercados o logar que sem elas seria dado a mercadorias doutras proveniencias. Na Inglaterra tomariam o logar dos produtos inglezes.

❖ ❖ ❖

Tem-se notado nos ultimos dias grande animação na sala de «bacarat» do casino de Nice, tendo havido as maiores bancas da estação. A maior banca individual foi de 4000 libras. O sr. Sievier, conhecido «sportman» inglês, jogando ao «chemin de fer», ganhou numa noite, em pouco mais de uma hora, 7000 libras. Desde o começo da estação tem-se jogado fortemente, havendo até agora, a sorte corrido propicia para as bancas.

❖ ❖ ❖

Sir Thomas Braclay que se encontra em Berlim disse que Lloyd George se considera como o medico assistente da Europa e que considerava necessario declarar-se sem reservas aos seus doentes a França e a Alemanha aquilo que eles necessitavam. Lloyd George foi apoiado pela opinião publica inglesa quando declarou francamente ao sr. Poincaré a posição que desejava manter. O sr. Braclay disse tambem que era necessario que se não interpretasse mal a atitude de Lloyd George supondo-se que ele desejava favorecer a Alemanha em detrimento da França.

❖ ❖ ❖

Lord Atholstan, proprietario dum jornal de Montreal, anuncia que oferece um premio de cem mil dollars ao medico ou ao estudante de qualquer reconhecida Universidade que dentro de cinco anos descubra o tratamento para a cura eficaz do cancro. Este premio será conferido pelo «Royal College» de Medicos e Cirurgiões de Londres.

* * *

Nos paizes estrangeiros substituiram tambem os mercadores inglezes porque os interesses inglezes não se restringem ao territorio britanico e a propriedade de qualquer nação industrial depende da prosperidade dos seus clientes, e portanto os interesses economicos da Grã-Bretanha podem ser lesados nos Estados-Unidos, na China, em Manchester, ou em Sheffield.

Disto conclue-se que a Inglaterra, não tem interesse em que a Alemanha seja obrigada a pagar até ao extremo limite das suas forças devendo de preferencia procurar-se manter o equilibrio industrial e procurar se receber as quantias maximas arbitradas para as reparações.

A França diz: As finanças francezas só se podem salvar se a Alemanha cumprir o tratado de Versailles. A industria ingleza responde que ficará arruinada se isto suceder. Como se vê o problema é dificil, a oposição das duas teses é grande e o futuro das relações anglo-francesas depende da sua resolução.

O ESPIRITISMO

O jornal parisiense «Le Matin» destinou 150.000 francos ao desenvolvimento das sciencias psiquicas—O espiritismo será, realmente, um novo ramo de sciencia em estado incipiente?...

Ha ainda muita gente, inteiramente mesmo nas classes mais cultas da sociedade, que não aceita que a formul espirito não seja, pura e simplesmente, um produto do charlatanismo habilidoso. Acontece sempre assim com doutrinas novas chocando fundamentalmente as ideias preconcebidas.

O tempo, auxiliado por incessantes investigações de eruditos apaixonados, tem lentamente triunfado do negativismo sistematico a que se apegam as consciencias «arrieres». Presentemente, o espiritismo é estudado nos grandes centros da cultura espiritual, procurando-se aprofundar o problema do Alem-Tumulo e estabelecer possivelmente, relações de caracter permanente entre os seres que povoam o Universo, qualquer que seja a modalidade vital que as anima.

Alguns homens de sciencia, mundialmente reconhecidos, como tais, conseguiram (segundo afirmações testemunhadas que tornaram publicas) obter fenomenos espiritos surpreendentes. Williams Crooks, o celebre descobridor do tallium e o precursor dos raios X teoricamente exemplificados nas experiencias que demonstraram a existencia dum quarto estado de materia que denominam de radiante, Williams Crooks, que foi presidente da Academia de Sciencias de Londres, dedicou-se durante alguns anos, a experiencias espiritas, auxiliado por um «medium» de singulares faculdades materialisadoras. Quando o sabio britanico iniciou as experiencias queria destruir, duma vez para sempre, a superstição nascente, demonstrando como se executavam as charlatanescas materialisações; o resultado das investigações resultou, porem, o mais positivo possivel e Williams Crooks declarou que se rendia á evidencia. «Eu não sei como isto é, concluiu.

O que sei, porem, é que é!» Simplesmente a titulo de informações para as pessoas ainda desconhecedoras destes assuntos, convem dizer, antes de mais nada, que a materialisação no seu mais elevado grau de perfeição e, por assim dizer, uma ressurreição momentanea, reaparecendo perante o experimentador o envolucro corporio animado pelo espirito do morto.

Após muitas e pacientes experiencias, onde gradualmente se foi subindo do imperfeito para o perfeito, William Croocks afirmou ter obtido a materialisação completa duma mulher, que em vida se chamou Kate King e fez o seu estadio terroqueo na India Ingleza. Kate King chegou a apresentar-se perante Crooks e os seus colaboradores em estado perfeito da vida aparente, tal qual como nós ou o leitor, no instante em que escrevemos ou no momento em que somos lidos. Mas ainda mais; numa sessão que ficou celebre e foi decisiva para se formar convicção da verdade que os experimentadores tinham diante dos olhos, Kate King formou-se e dissolveu-se á vista de toda a assistencia.

Nesta experiencia, a materialisação fez-se em luz tenue, coada atravez de vidros encarnados, luz que era suficiente, em todo o caso, para se aperceber completamente o fenomeno. Kate King foi então solicitada para permitir que se acendessem os bicos de gaz de todo o aposento. Primeiramente, proibiu que o fizessem, porque, alegou, a luz intensiva a faria sofrer muito; mas, a instancias repetidas acabou por se conformar.

A sala foi logo iluminada por todos os bicos de gaz e ficou, portanto, inundada de luz. O que se passou, foi verdadeiramente extranho. Kate King estava de pé. Logo que a sala se encheu de luz, o corpo de Kate King pareceu vacilar, como que não se podendo conservar erecto. Alguns segundos se manteve nesse estado vacilante. Depois, começou a dissolução de cima para baixo, como se o corpo fosse constituido por um bloco de gelo e se derretesse ao calor. Essa dissolução apressava-se de instante para instante. Bastavam poucos minutos para desaparecer totalmente da vista dos espectadores,—da vista daqueles que, ha poucos instantes, contemplavam um corpo de mulher, em perfeito estado fisico e animado de plena vida aparente.

Outros experimentadores, (entre os quais citaremos, ao acaso da memoria que nos vae sugerindo, aliaz, todo este artigo, os seguintes: o russo Aksakoff, o astronomo Camilo Flammarion, o fisico coronel de Rochas, o homem de letras Gabriel Delanne, o criminalista Lombroso, o advogado Sousa Couto, a publicista Madam Lacombe, etc.) obtiveram fenomenos semelhantes aos de Crooks, embora não tão perfeitos, que nós saibamos.

Assim, Lombroso conseguiu a moldagem em gesso de mãos materialisadas, o coronel Rocha demonstrou a exteriorisação da sensibilidade humana transmitida, por momentos, a objectos inanimados, Flammarion não põe em duvida a escrita directa em mensagens do Alem-Tumulo e Gabriel Orleans publicou, se não estamos em erro, muitas comunicações inteligentes, não pertencendo ao plano onde se produz a vida terraquea. Recordamos, a proposito, que um experimentador portuguez dotado, ele proprio, de qualidades mediunimicas, deu publicidade a um livro—um, pelo menos—onde apareceram comunicações que ele afirmava lhe eram ditadas pelos espiritos sobreviventes a corpos mortos de insignes escritores portuguezes.

Simplesmente a titulo de curiosidade e sem que liguemos á anedocta maior importancia do que ela realmente tem, diremos que o Papa Leão XIII, assignalado na historia como um dos maiores politicos da egreja catolica, gosou da fama de espirita convicto e de audacioso experimentador.

❖ ❖ ❖

E' este problema, muito sumariamente exposto, que «Le Matin» se propõe aprofundar. O seu convite é dirigido a todos os experimentadores do mundo e, principalmente, aos «mediuns», que são os agentes de que os mortos se servem para estabelecerem relações com os vivos. O premio de 150.000 francos divide-o o jornal em trez frações, de 50.000 franco cada uma, afim de fazer uma distribuição mais equitativa. Eis como «Le Matin» expõe o programa:

«Entre os fenomenos mais caracteristicos e cuja existencia real, na hora presente, maior controversia provocam, distinguem-se os seguintes: a «hesitação», isto é, a faculdade que o «medium» possue de deslocar objectos sem contacto e sem ser por meio de forças fisicas conhecidas; a «electoplasmia» ou a faculdade que o «medium» tem de produzir materialisações visiveis emanando do seu proprio corpo e que afectam a forma de rostos ou membros humanos; finalmente a «escritura imaterial» ou a faculdade que o «medium» tem de provocar, sem contacto, sobre uma ardosia ou num papel, frases escritas a giz ou lapis, frases ou sinais de que o «medium» não é o autor».

Para a produção de cada um destes fenomenos é conferido o premio de 50.000, francos; se um «medium» os produzir a todos, o premio será na totalidade do 150.000 francos.

«Le Matin» convida os «mediums» a inscreverem-se, enviando as adesões no seu «serviço do concurso do ocultismo».

Haverá em Portugal um «medium» digno de inscripção no concurso de «Le Matin»?...

Por sentença de 22 de Dezembro ultimo com transito em julgado, proferida nos autos civeis de acção de divorcio litigioso, com assistencia judiciaria, em que são autora Maria Branquinho Cardoso e reu Alfredo Antonio Dimas, moradores respectivamente na R. de Marcos Portugal n.º 67, 4.º e na R. Eiffel n.º 17, 1.º andar desta cidade, foi autorisado o divorcio destes conjuges e declarado dissolvido o seu casamento.

Lisboa, 4 de Janeiro de 1922.

O Escrivão do 1.º of.º da 2.ª vara civel—*Julio Goulart de Brito.*

Verifiquei a exactidão. O Juiz de Direito da 1.ª vara civel pelo da 2.ª.

MUSICA

Um notavel concerto no São Luiz

O concerto de domingo, fóra da assinatura, da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, é um grandioso «Festival russo», no qual toma parte o notabilissimo pianista portuense Luiz Costa, que executará pela primeira vez em Lisboa o grande concerto de Tschaikowsky, para piano e orquestra, considerada a obra prima do grande compositor, o que torna este concerto um dos mais notaveis da temporada, executando ainda a orquestra obras de Glinka, Romsky-Korsakoff, Borodine e outros autores.

ULTIMA HORA

A morte do Pápa

A questão da nacionalidade do novo Papa

ROMA, 25.—«Il Giornale» de Italia diz que no Banco de Roma serão depositados cinco milhões de liras para a propaganda em favor dum Papa italiano. A eleição dum cardeal estrangeiro é impossivel e inconvenientissima para a politica relativa ás relações da Santa Sé com o Quirinal.—(Lat-Am.)

Congresso do Professorado Primario

A sessão de encerramento

Realisou-se hoje, na sala Algarve da Sociedade de Geografia, a sessão de encerramento do congresso do professorado das Escolas Primarias Superiores.

Presidiu o sr. dr. Domingos de Figueiredo, secretariado pela sr.ª D. Maria da Piedade Fernandes Costa e Joaquim de Carvalho.

Antes da ordem foram aprovadas saudações aos srs. drs. João de Deus Ramos, Leonardo Coimbra, Domingos de Oliveira e a comissão organisadora do congresso, em especial ao seu secretario.

Entrou em seguida em discussão uma proposta da reorganisação do ensino das E. P. S. apresentada pela comissão organisadora.

Na especialidade, falaram os srs. Sousa Vairinho, Monteiro de Andrade, Passos, Carvalho e Silva, Serafim Alves da Silva, dr. Fernandes Lopes, Alfredo Fernandes e Bernardo do Amaral.

A sessão continuava á hora de fecharmos o jornal.

Foi hoje posto em liberdade o general sr. Gomes da Costa

Por ter completado os 20 dias de prisão impostos pelo sr. ministro da guerra ao general sr. Gomes da Costa, saiu hoje este oficial do Forte de Caxias, onde estava cumprindo a pena.

A questão dos eletricos

Reunião dos portadores de «passes»

Reunem amanhã, pelas 21 horas, no Ateneu Comercial de Lisboa, os antigos portadores de assinaturas dos electricos.

Nessa reunião a comissão delegada dará conta dos trabalhos até agora realisados, devendo depois, ficar resolvida a melhor forma de agir para que as suas reclamações sejam atendidas.

POLITICA

As eleições e os boateiros

Vamos andando, dia a dia, mais proximos do dia 29. Eleições á porta!

Temos dito que ha quem não goste. Um outro adiamento eleitoral viria a calhar para os profissionais da desordem. Por isso os boatos fervilharam ontem. O que se pretende, afinal, é perturbar as autoridades, que não desistirão de realisar o acto eleitoral, no dia fixado.

Não queremos reproduzir aqui mesmo a titulo de simples eco, as «barbaridades» que se teem feito circular. Cremos que o governo dispõe de meios mais que suficientes para manter a ordem publica. E isto de andar a dizer que se vai fazer não se fazendo, vale tanto como um fosforo ardido. Desordens para a madrugada que ja passou em tranquilidade absoluta, outras desordens para o dia 27, umas arranjadas por estes, outras por aqueles... No fim, tudo dará certo que as eleições hão de fazer-se.

Tribunal de Defesa Social

Pelas 12 horas de hoje começou no Tribunal de Defesa Social o julgamento de 4 individuos acusados de vadios e alguns de bombistas.

O tribunal é constituido pelos juizes srs. drs. Joaquim Crisostomo, Barbosa Viana e Ferreira de Sousa.

Parece que alguns dos reus serão absolvidos. O Parque Eduardo VII enquanto se realisando o julgamento esteve guardado por algumas patrulhas da G. N. R.

POEIRA DA ARCADA

Uma comissão de industriais de Setubal, acompanhada pelo administrador do concelho, procurou hoje o sr. presidente do ministerio para solicitar a construcção de um bairro social naquela cidade.

❖ ❖ ❖

Amanhã são expedidas malas postais pelo vapor «Gil Eanes» para a Madeira, Açores e Africa Oriental, via Madeira, e pelo «Alba», para Dakar, Pernambuco, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral para a ultima.

❖ ❖ ❖

O sr. dr. Henrique Cortez, medico em Vizeu, vem brevemente a Lisboa, realisar uma conferencia publica sobre astronomia e oceonografia, trabalhos a que se tem dedicado com certo exito e excepcional proficiencia.

Editado pelo Instituto Etnografico da Beira, o sr. dr. Cortez, publicou ha pouco um opusculo ácerca daqueles trabalhos, tendo recebido penhorantes testemunhos de apreço de intelectuais pela sua obra.

TEATRO

O que foi o ano teatral em Londres e Paris

O «Times» jornal sempre bem informado em todos os assuntes publicou na sua revista do fim do ano um artigo em que noticia quais são as peças que obtiveram maior exito artistico ou pecuniario nas principais capitais europeias.

Em Londres a representação mais importante foi a obra de Bernard Shaw «Heartbreak House». A despeito da sua fama europeia, a peça teve uma recepção fria, mas deu grossos lucros. No entanto, foi um dos autores mais representados. Teve uma porção de «reprises» no Court e no pequeno Hampstea Everyman Theatre. Ainda estão em scena «Man and duperman», «Major Barbara» e «John Bull's Other Island».

Houve mais «réprises» em Londres. A mais triunfante foi a da peça «Quality Street», de «Sir» James Barrie. Vem depois «The Tempest», «Henry IV» e «Othello» de Shakespeare. Segue-se lhe «The Stoops to Conquer»; e as produções de Ben Jonson, «Volpone» e «Bartolomew Fair», bem como «The Witch of Edmonton» e a de Udall, «Relph Roister Doister». A magica «Chuu Chin Chow» subiu á scena em 1916 e só sairá em fins de julho deste ano de 1922. Obteve excelente acolhimento a amarga comedia de Mr. John Garlsworthy «A Family Man». A magica «The Betrothal», no Gaiety Theatre proporcionou magnificos lucros ao empresario.

A peça de Misse Clemence Dane, «A Bill of Divorcement», mereceu elogios a critica, bem como uma fantasia da mesma autora, «Will Shakespeare». No fim do ano representou-se a comedia do Mr. A. A. Miln's, da época chamada vitoriana, «The Truth About Bi y !s», cheia de enredo e de equivocos á moda antiga. Tambem figurou no galarim das peças aplaudidas a de Mr. Keneth Burnes, «Undercurrents».

Alem das peças estrangeiras, traduzidas, e que foram representadas nos proscenios de Berlim e Viena de Austria, os auctores nacionais viram as suas obras postas de pé com desusado brilho e propriedade. Assim Herbart Hauptman teve a sua tragicomedia «Peter Bruner», escrita em 1911, mas que se conservava inedita interpretada pelos principais artistas das duas capitais, a da Alemanha e a da Austria. O mesmo sucedeu a Hermann Sudermann com a sua modernissima obra «Notruf». A primeira representação, do «Der abtrunnige Zar», de Carl Hauptmann, realisou-se em Gera, dois outros mezes depois da sua morte, em fevereiro de 1921. Entre um numero rasoavel de peças politicas, baseadas na revolução alemã, os criticos mencionam com louvores «Wahnschaffe», de Rol Lanckoer. «Die Usberlebenden», de Heinrich Lilienfein, e «Masse-Mensch», de Ernest Toller, revolucionario bavaro, agora preso.

A peça franceza «Debureau», de Sacha Guitry não agradou em Londres quando ali representada. Muito melhor exito teve o «Daniel», interpretado por Sarah Bernhardt.

O ano teatral em Paris começou com um peça de Henri Baraille e terminou com outra do mesmo autor. A peça do principio do ano foi «L'Homme á morose» e a do fim foi «La Possession».

A primeira gira sobre uma rapariga que se desiquilibra por causa do luxo; a segunda é a historia de um conquistador; o é das melhores que apareceram durante o ano.

Praticamente todas as outras peças cons tinham já sido vistas. Dos acontecimentos teatrais de mais sensação em Paris foi o exito da companhia russa «Chauve Souris», que mais tarde se apresentou em Londres.

Em Paris houve duas peças do repertorio inglez que obtiveram excelente acolhimento o «Taming of the Shrew», posta em scena pelo actor-director Gemier, e a «Twelfth Night» no Vieux Colombier.

No ponto de vista musical não houve nenhum trabalho novo, de importancia, na Europa ou na America.

Em Londres cantou-se «The Beggar's Opera», no Hammersmith.

Na opereta fez-se a «reprise» da «Roddigore» e de outra em um acto «Savitri». O articulista cita ainda o «Hymn of Jesus de Hlst», que foi ouvido com prazer pelos amadores dos grandes trechos sinfonicos.

Eis o que houve lá por fóra. Cá por casa as peças triunfais, frequentadas, lucrativas, foram as revistas.

Escusa de se pensar noutra coisa em Portugal.

Noticiario

Portugal

A festa do actor Teodoro Santos realisa-se a 15 de Fevereiro, no Teatro Terrasse, com «O Milagre da Boneca».

E' possivel que represente um en treacto dum conhecido actor dramatico.

—Os ensaios da «Fifi» no Avenida têem continuado com grande entusiasmo. Diz-se que os versos são dos melhores que têem aparecido em opereta.

—A companhia Lucilia Simões já não representa a peca de Antonio Ferro.

—Os principais papeis do film «O Rei da Força», editado pela nova empreza «Enigma-Film», são desempenhados por Ruy da Cunha, Duarte Silva, Coelho Machado, Alvaro Batista e Armando Cruz e pelas senhoras D. Amelia Perry e Liria Albuquerque.

AGENDA DA SEMANA

HOJE—No Teatro de S. Carlos primeira neste epoca da «Aida» de Verdi.

—Festa a favor do Azilo de Santo Antonio com o 1.° acto do «Conde Barão» com Chaby e Amarante, a comedia «Casa com escritos» e um sensacional acto de variedades.

—O actor Rosa Mateus realisa no Apolo a sua festa com a opereta «Boa Viagem» e a revista «Burro em pé».

AMANHA—Festa da actriz Judith de Souza no Teatro Apolo»

6.ª FEIRA — Primeira representação em quinta recita de assinatura no Teatro Politeama da comedia «A 8.ª mulher do Barba Azul».

MUSICA

S. CARLOS

TOSCA

A empresa do Teatro de S. Carlos que, para se desempenhar da sua missão tem de lutar com dificuldades extraordinarias, a empresa do Teatro de S. Carlos, que algumas noites brilhantes nos deu já este ano, teve hontem o seu segundo espectaculo menos feliz.

Hoje, e no Teatro de S. Carlos tão cheio de tradições, não se pode fazer executar uma «Tosca» sem a garantia, pelo menos, dum conjunto perfeito.

Ora a «Tosca», que hontem á noite nós ouvimos, enfermou exactamente do conjunto. Foi um espectaculo cheio de altos e baixos.

Mireille Berthon, que fatalmente se havia de ressentir do ambiente em que representou deu-nos uma «Tosca» cheia de verdade. Pena foi que a tivesse cantado em francês, quebrando assim certos efeitos.

O primeiro acto, a «romanza» do segundo e toda a scena final foi muito bem cantada. Além do que foi, como sempre, uma grande atriz, vestindo muito bem. No final do segundo acto, a sua expressão teve pavor sendo interessante de verdade a maneira como colocou a cruz sobre o peito de Scarpia. Principalmente nas scenas com Formichi foi Mireille Berthon uma grande artista.

Formichi tem no Scarpia um belo trabalho. Desde a caracterisação correcta, sobria, vincando o caracter do papel com um desenho de boca, muito feliz desde a maneira cuidadosa como se vestiu, até aos mais pequenos detalhes foi um grande artista.

Patenteando bem a belesa da sua voz, cantando sempre com uma intuição notavel, foi primoroso na representação. Scarpia, jesuita, perverso, adulador, foi bem a interpretação dada por Formichi.

Bagnariol... Bagnariol tem uma voz com um timbre interessante. Mas conhecendo bastante pouco a «Tosca» não poude manter o equilibrio com os restantes artistas.

Cantor ainda novo, no começo duma carreira que pode ser brilhante, não deve desanimar. O publico do S. Carlos, que hontem se mostrou benevolente, deve-lho ter dado a entender. No entanto a sua interpretação de Cavaradossi foi fraca na maneira como cantou, bastante fraca ao modo como representou.

O Cavaradossi de hontem estava pouco apaixonado por «Tosca» e «Tosca» amou-o um pouco demasiadamente.

Spadoni cujo valor nós já tinhamos notado na Butterfly fez um spoletta digno de nota. Tendo composto um belo tipo, representou muito bem e disse com bastante intuição.

Eranzkin e Fernandez bem.

A orquestra dirigida por Blanch muito bem.

Córos muito bem, mise en-scene interessante.

O electricista continuou, como de costume, a brincar com as luzes.

B. C.

VIAGENS NO ORIENTE

Ceylão

POR D. Miguel de Alarcão

A revolta dos hindús contra o dominio britanico poz mais uma vez em fóco essas misteriosas regiões orientais, terra dos Vedhas e dos brahmanes, das bailadeiras e dos pagodes, dos rajahs cobertos de pedrarias, dos juncais espessos onde as féras espreitam, dos elefantes transportando a dôrso ricos palanquins, das minas de pedras preciosas, como as de Golconda ou de Elora.

Havia muito tempo que eu desejava ir á India, na vaga esperança de lhe devassar parte dos reconditos arcanos, esperança como tantas outras decaída com o correr dos tempos, como tantas outras desfeita em fumo, e que ninguem até hoje ainda logrou realisar. Os segredos das suas religiões, das grutas misticas, dos pagodes escavados durante seculos no seio dos monumentais rochedos, das suas minas, se ainda as ha,—esses guarda-os a India ciosamente, com o poderoso apoio do sectarismo brahmanico. Só lá, ao chocarmos com as dificuldades opostas ao nosso intento, compreendemos a loucura e a vaidade de semelhante empreza.

Foi, pois, com imensa satisfação que em 1905 recebi a noticia da minha nomiação para uma comissão de serviço na India. Parti do Tejo em fins do outono, num desconfortavel vapor da Companhia Transatlantica Hespanhola, quando já nas ruas de Lisboa apareciam os abafos luxuosos e as peles caras; mas no Mar Vermelho tornámos a encontrar a temperatura do estio e começaram a usar-se as «toilettes» ligeiras e os fatos de linho branco.

Passado o Guardafui, deixámos a estibordo a ilha de Socotorá e durante oito a dez longos dias, até Ceylão, não tornámos a ver terra, a não ser no penultimo, por bombordo, as Ilhas Lakedivas, mosqueando o horisonte, perdidas na bruma.

Ao inclinarmos para o Equador, o calor ia-se tornando mais intenso e a viagem decorria numa monotonia insuportavel.

Afóra meia duzia de passageiros portuguezes, que tambem se destinavam á India, e de um aborrecido diplomata espanhol—«el senhor consul», como lhe chamavam—e das suas espalhafatosas filhas, todos impando de orgulho e de basofia e que felizmente ficaram em Port-Said, o resto dos passageiros de primeira classe compunha-se de padres, de frades e de irmãs de caridade, que recolhiam ás suas missões. Por isso, a não ser ás horas das refeições, por toda a primeira camara se ouvia apenas o resmonear dos breviarios lidos e o ciclo das orações, acompanhadas do bater espaçado das contas dos rosarios, que os dedos ensacados das irmãs iam passando.

Todas as tardes havia terço, rezado pelo capelão de bordo, e emquanto ele durava nem um murmurio era permitido, e mesmo as creanças eram impiedosamente relegadas para que não podessem perturbar a cérimonia.

No mar, quasi espelhado, apenas umas largas ondulações imprimiam ao paquete um arfar muito suave; sómente quando a noite caia, sucedendo quasi sem crepusculo ao dia, uma ligeira aragem refrescava os corpos abatidos por doze horas de um calor de fornalha e as estrelas, que erám as mesmas que viamos na Europa, pareciam ter mais brilho, e o ceu parecia mais azul e mais profundo.

A's vezes, lá da proa, entre os passageiros de terceira, um zangarreio de viola cortava a calma noturna e uma voz elevava-se no ar tranquilo, nos interminaveis ais de uma malagueña, chorando as saudades da terra natal já distante e de que cada volta da helice mais nos afastava, e onde esses lamentos nunca chegariam, por mais que as ondas sonoras se alargassem indefinidamente...

Uma manhã, acordei mais cedo do que o costume, com o ruido do movimento desusado que ia no convez. Como já na vespera se anunciava para esse dia a chegada a Colombo, vesti-me rapidamente e subi á tolda.

De facto, preparava-se a entrada no porto e Ceylão surgia no horisonte, emergindo das ondas.

Ao principio, era uma massa confusa; depois, foram-se precisando os contornos, desenhando um cone, o pico de Adão, de 2260 metros de altitude; mas a distancia e a posição em que estavamos não permitia diferença-lo de um outro proximo e um pouco mais baixo, que nele se projetava —o pico de Kandy.

A' medida que nos aproximavamos iam-se precisando as cousas e acentuando os detalhes da luxuriante vegetação que veste toda a ilha, mesmo nas suas maiores altitudes, como sucede na zona torrida.

Eram dez horas quando, imobilisado o paquete em frente de Colombo, a ancora *mordeu o fundo*. A toda a força dos remos, puxados por bronzeados remeiros semi-nus, aproximava-se uma flotilha de barcos e alguns bojudos vapores de reboque arrastando pesados lanchões, emquanto ligeiras gazolinas evolucionavam em torno de nós.

Do grupo dos escaleres destacou-se um em que flactuava uma bandeira amarela e atracou ao vapor. Momentos depois, a «visita de saude» subia a bordo.

Dada a livre pratica, segui para terra num dos barcos tripulados por indigenas, que, diga-se de passagem, sabem muito bem explorar os forasteiros no preço do curto trajecto. O desembarque efectuou-se numa ponte larga e elegante, no extremo da qual está instalado o posto da alfandega, onde não nos quizeram ver a bagagem, contentando-se delicadamente com a declaração de que nada trazia sujeito a direitos.

Na parte proxima ao cáis, Colombo tem um aspecto alegre: bons edificios e ruas largas, com amplos passeios, geralmente abrigados do sol pelas varandas, que correm ao longo de todos os andares, formando toldos. O calor era intensissimo, um pouco humido, como acontece em todos os climas insulares, e do sólo de tom fortemente avermelhado vinha um bafo quente e estonteante.

A'quela hora circulavam poucos transeuntes: raros europeus vestidos de branco, com grandes «helmets» de cortiça, cuja viseira lhe cobria os olhos, e maior numero de indigenas, de péle acobreada e dôrso nú, ou apenas coberto por um leve pano de côres vivas.

Rarissimas carruagens se viam, mas em compensação abundavam os «ring shaws», carrinhos ligeiros, de duas rodas e com capota, que transportam apenas uma pessoa, puxados por um homem colocado entre os varaes, que segura com as mãos, emquanto uma correia, que parte daqueles, lhe passa pelos hombros. Estes desgraçados que, transportando passageiros, andam sempre num trote que não cede ao de um bom cavalo, percorrem, umas poucas vezes por dia, a cidade de um ao outro extremo, com os troncos nús reluzentes do suor, ao torrido calor do sol equatorial. Quasi todos *morrem novos*, ou positivamente esfalfados por um trabalho extenuante ou vitimados por congestões e insolações.

Antes de tudo, precisava eu ir á Agencia da Companhia de navegação, saber quando tinha vapor para Bombaim, para onde era a passagem directa tomada em Lisboa. Deixei a bagagem em deposito na alfandega, e embora me repugnasse um meio de transporte em que um meio semilhante servia de besta, não tive remedio senão aproveita-lo por desconhecer a cidade, e a temperatura ser pouco convidativa para passeios.

O representante da Companhia Transatlantica era um suisso alemão, que falava mal o francez e pior ainda o inglez. Ora como eu não conhecia o alemão, havia uma certa dificuldade em nos entendermos, e em eu concluir que só d'ali quinze dias teria vapor para Bombaim, mas que no entanto me podia ser fornecida a passagem em caminho de ferro, que iria tomar a Tuticorin, embarcando em Colombo num dos paquetes que todas as tardes partem deste para aquele porto, atravessando o golfo de Manaar.

Como de Tuticorin a Bombaim a linha ferrea pertence a trez companhias diferentes, com trasbordo em cada «terminus», e me eram fornecidas requisições independentes para cada uma, permitindo-me varias paragens, e o ensejo de ver alguma coisa da India meridional, ainda que muito rapidamente, aceitei, resolvendo demorar-me dois dias em Ceylão, porque não podia dispor de mais tempo.

Do escritorio da agencia, levou-me o ring-shaw a um dos dois bons hoteis de Colombo, o «Grande Oriental». Tanto este como o outro, o «Bristol», são hoteis modernos, providos de todas as comodidades e confortos que, de resto, o seu preço elevado impunha. Custava então a diaria uma libra, e como já lá vão desesseis anos, com os preços actuais, qualquer destes hoteis só deve ser hoje acessivel a nababos. Todavia, quem não fizer questão de conforto, e mesmo de aceio, encontra facilmente hospitalidade por preços muito mais modicos.

Aproveitei a tarde, depois do declinar do sol, para visitar a cidade, visita que me confirmou a primeira impressão recebida. E' uma terra modernisada, com bons estabelecimentos, muito comercio e grande movimento maritimo, sendo como é, ponto forçado de escala nas travessias entre o Extremo Oriente e a Europa. Muitissimo quente, de um calor humido e enervante, só á noite a brisa do mar refresca os corpos esquentados, e permite que os pulmões recebam um pouco de ar. Assim, como na maioria das cidades da zona torrida, o movimento inicia-se cedo, paralisa-se pelo meio dia, para só recomeçar tarde.

Como o «manager» do hotel me tivesse dito que ainda havia em Ceylão quem falasse portuguez, reminiscencias dos tempos do nosso antigo dominio na ilha, conservadas e transmitidas em algumas familias de geração para geração, manifestei-lhe o desejo de falar a alguma dessas familias, prometendo-me ele mandar aviso a uma para vir ao hotel depois do jantar.

A proposito não devo deixar de me referir á sala de jantar do Grande Oriental, que é realmente uma maravilha no seu genero. Ocupa um dos angulos do edificio, recebendo portanto luz por dois dos seus lados, que são formados por chapas de cristal, encaixilhadas em ferro, a toda a altura e largura destas duas faces. Situada no rez-do-chão do edificio, tem toda a altura deste, dando os andares superiores sobre ela, por meio de elegantes varandas, numa das quais toca um sexteto. A miseria chega assim atenuada aos ouvidos dos comensais, permitindo conversas que naquele meio de britanica aristocracie, são sempre discretas. Do tecto pendem fios nos extremos dos quais giram horisontal e silenciosamente, grandes ventoinhas que refrescam o ambiente, e durante a noite a profusão das lampadas electricas tornam-na tão clara como de dia.

Claro é que, para o jantar, segundo o velho e bem entendido habito inglez que considera a refeição da tarde como uma verdadeira solenidade, a «toilette» é obrigatoria. Os creados que servem ás mezas, indigenas vigiados por correctos «maitres de hotel», deslisam sem ruido, e servem-nos, silenciosamente. Ha em tudo aquilo, um certo ar de bem estar, de conforto e de distinção, pouco comuns *num hotel*.

Depois do jantar, esperava-me no grande «hall» aberto sobre a rua uma velha ingleza, acompanhada de dois rapazitos de uns dez a doze anos, seus netos. Eram uma das tais familias que ainda falavam o portuguez, por tradição. A velha envolvia-se nuns panos acizentados, que se lhe prendiam na cabeça, cingiam na cintura, caindo depois até ao artelho; de entre os panos, que uma das mãos sujeitava na altura do pescoço, saiam os braços nus e acobreados, cobertos de pulseiras. Toda encolhida, a face bronzeada, apergaminhada e rugosa não indicava idade apreciavel, conhecido como é, que nos climas tropicais as mulheres se desenvolvem e envelhecem rapidamente. Os pequenos vestidos com uma certa garridice, ao uso indigena, tinham ambos fisionomias indefiniveis, e de fuinhas astutos e medrosos.

Dirigiu-se-me a velha, a uma indicação do «manager», falando uma lingua, em que se distinguiam sons portuguezes, mas que só ao cabo de um pouco de atenção logrei perceber. Era portuguez, era, mas que desfigurado!...

A construção da frase era perfeitamente quinhentista, mas as palavras e a pronuncia deturpados pelos vicios transmitidos de geração para geração, agravando-se com o tempo, a falta de correcção. Quando falado pelas duas creanças, entre aquele portuguez de sabor antiquado e as bôcas juvenis que o pronunciavam, havia um contraste tão exotico como original. Ao fim de meia hora de conversa, em que pouco os entendi e eles não me entenderam melhor, avó e netos foram-se embora. Que juizo iriam fazendo destes portuguezes de agora que não entendiam a lingua dos seus antepassados, que entre eles, «cuidadosamente», se transmitia de geração para geração?

No entanto, eu pensava no nosso dominio tão colossal, tão extenso outrora e tão reduzido hoje, que aquela terra que eu pisava fôra de portuguezes, teatro de façanhas de portuguezes, e que agora pertencia a estranhos; que em toda aquela India que eu ia ver, decerto se me deparariam inumeros padrões das nossas glorias passadas, da grandiosa epopeia que representa o dominio da extensão do mar que vae de Ormuz a Malaca, e da grande parte do seu litoral. Hoje... resta-nos a nesga de Goa, os pontos isolados que são Damão e Diu, encravados nas possessões inglezas. Tanto sangue derramado, tanto heroismo, tantos esforços consumidos...

Fui deitar-me cedo, porque queria tomar na manhã seguinte o comboio para Kandy, a antiga capital dos reis cingalezes, agora um centro elegante de vilegiatura em Ceylão.

SPORT

Uma scena de cinema

Em Algés, á porta dum «cabaret», jogam as cartas tres pessoas, que facilmente se advinha como artista de circo.

Um deles, hombros largos, compleição atletica, com uma camisola forte de malha, um «Kepi» até ás orelhas, outro mais idoso, cara expressiva, dá bem a sensação do «clown». A terceira personagem, é uma rapariga, graciosa em extremo, em que não será dificil advinhar qualquer completista ou «danseuse»...

Jogam, riem com a despreocupação dos artistas nomadas, quando, surgindo de lado um tipo elegantemente vestido, monoculo, feições cançadas de «noceur», depois de fixar insistentemente a artista, dirige se á meza do jogo, e empurra brutalmente o atleta.

Este volta-se, ha na sua fisionomia um espanto, da provocação que não pode compreender.

O outro olha-o ironicamente. O atleta esboça um gesto de ameaça, mas os companheiros segaram-no, e então o «dandy» puxa pela carteira, tira um bilhete que entrega ao artista...

E' um desafio em forma...

O hercules, procura tambem a carteira, mas vê que está em camisola.

Pede um lapis, escreve nervosamente o seu nome num dos cantos da meza de mormore, levanta o braço, dá soco nesta que parte, e apresenta o bilhete de novo genero, ao provocador, que fica perturbado.

Haverá depois algum duelo?

E' o que os leitores verão, no film o «Rei da Força», que em breve estará no «ecran».

Escusado será dizer que o atleta, é este seu criado.

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

BOX NO GINASIO CLUB

Conforme noticiamos, realisou-se ontem, no Ginasio Club Portuguez, uma «soirée» de «box».

Efectuaram-se quatro combates. O primeiro encontro foi entre o sr. Faustino Rodrigues e Cesar Rumina, de categoria dos minimos, tendo o «match» sido dado como nulo.

Em seguida defrontaram-se os srs. Araujo e Coutinho, da categoria dos meios leves, tendo o arbitro dado a vitoria aos pontos ao sr. Coutinho.

O terceiro «match» foi entre o campeão dos leves, sr. Abel do Cunha e o campeão dos meios médios, sr. Aragão Andrade, tendo a vitoria cabido, aos pontos, ao primeiro.

O ultimo combate foi entre os srs. Francisco Brito e Sobral Dias, campeão dos levissimos, tendo o «match» sido dado como nulo. Os combates foram todos, com exceção do Cunha-Aragão, que se efectuou em 10, em 7 «rounds» de 2 minutos.

GREMIO LISBOA

Vai em breve disputar-se neste club um campeonato de bilhar.

CAMPOS JUNIOR

Este nosso amigo, foi convidado pela empreza do «Coliseu dos Recreios», para fazer a publicidade de alguns numeros de «Sports», que eventualmente ali possa trabalhar.

«Campos Junior», em virtude dos seus afazeres não pode aceitar.

NOVOS PROFISSIONAES

Consta-nos que talvez num numero aereo, que trabalha no «Coliseu» se estreie como artista, o excelente amador Angelo de Mendonça.

FOOT-BALL

No dia 31 jogam em Palhavã, pelas 15 horas os 1.ºs teams do «Imperio» e «Internacional», para o campeonato da 1.ª divisão e 1.ª categoria. Juiz o sr. Rogerio Peres.

FEDERAÇÃO SOCIALISTA DE DESPORTOS ATLETICOS

Recebemos dos directores da F. S. D. A. uma carta que agradecemos.

A Aliança franco-britanica

Num dos numeros, que ultimamente temos recebido, da «Leipziger Newestle Nachrichten» fazem-se algumas considerações ácerca das divergencias que entre os governos da França e da Inglaterra, têem sido para a resolução das questões do desarmamento e das reparações e acentua-se que a opinião publica britannica não veria com bons olhos uma aliança franco-britanica.

Estas são as razões porque as transcrevemos:

«Briand não parece ter sido bem informado a respeito das disposições da Inglaterra para com a França, senão não teria na vespera da sua partida para Cannes mandado oferecer ao povo inglez, pelo «Daily Mail», uma aliança, como a melhor base para reconstituição eficaz e duradoura da Europa.

Póde dizer-se, sem exagero, que a opinião publica na Inglaterra não verá com bons olhos tal chança.

Se Briand quizesse saber quais eram os pensamentos e disposições que predominavam nos circulos intimos de Lloyd George na vespera da conferencia de Cannes, faria bem em estudar atentamente um artigo que o orgão oficioso da coaligação, o «Daily Chronicle», publicou e cujo titulo é «A Entente poderá sustentar-se». Sob o pseudonimo «Politicus» esconde-se com certeza Philip Kerr, que desde 1917 até ha pouco foi secretario particular de Lloyd George e teve um papel importante na conferencia de Versailles. Ainda hoje esta intimamente relacionado com Lloyd George. Este facto dá uma nota importante ao artigo.

Kerr começa por expor que a Entente, hoje não tem bases solidas, pois as opiniões da Inglaterra e da França divergem em dois pontos fundamentais, na questão das reparações e na questão do desarmamento. As diferenças a respeito da Turquia e da Russia são secundarias.

«A França, diz Kerr, afirma que a Alemanha tem de pagar as verbas estipuladas pelo tratado de Versailles até ao ultimo centimo.»

Foi a Alemanha quem fez a guerra e quem devastou a França e a Belgica. Portanto a Alemanha lhe tem de pagar.

A Inglaterra pelo contrario diz:

«A minha região devastada são os meus 2 milhões de habitantes desempregados.

Cada nova crise franco-alemã aumenta o dominio das minhas devastações.

Em quanto se não resolve a questão das reparações sobre uma base pratica comercial o comercio não se póde sanar, porque a Alemanha não poderá reparar as suas finanças e não se poderá pensar em uma estabilisação da moeda.

Uma solução efectiva da questão das reparações numa base pratica trará aquele resurgimento comercial europeu que para mim é um ponto vital. Para o efectuar até me prontificaria a renunciar as minhas pretensões na Alemanha. Mas não posso consentir em ajustes que protraissem eternamente a atual instabilidade e as perturbações economicas».

A questão das reparações liga-se para a Inglaterra com a questão do armamento.

A França só considera eficaz a violencia e vê em Washington na Liga das Nações, só novos campos para intrigas diplomaticas.

Porém a Inglaterra crê na possibilidade do renascimento da Europa, a qual construirá a sua paz e a sua segurança sobre uma outra base do que o predominio militar duma unica potencia ou no armamento á porfia de todas.

A Inglaterra crê tambem que o desarmamento radical será para a França como para todos os estados europeus a presuposição de um saneamento economico.

Kerr acrescenta mais que á Entente só se pode dar uma base solida, se a França renunciar ás duas diferenças fundamentais do seu ponto de vista e promete-lhe como recompensa reconhecer a sua prioridade na questão das reparações assim como a garantia de neutralidade na região do Rheno.

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3987 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 26 de Janeiro de 1922 | Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

As monarquias

vão desaparecendo por toda a parte — Em Portugal parece persistir, apesar de tudo, a ilusão restauracionista...

Dizem os despachos telegraficos de hoje que o primeiro ministro hungaro, discursando na Assembleia Legislativa, declarara finda, duma vez para sempre, a questão dos Habsburgos, cujas reivindicações ao trono se podiam considerar impossiveis de satisfazer.

E'-nos indiferente que a Hungria tenha no seu trono este ou aquele rei. Constatamos o facto historico do momento presente: os povos expulsam os soberanos e substituem-se a estes, segundo uma formula democratica, mais ou menos radical. Mas a verdade é que isso nos é fundamentalmente indiferente. E dizemos mais: os reis dos outros são-nos simpaticos. Não queremos disso em Portugal, mas admitimos, sem desprazer, que outros paizes os guardem, ainda que não seja senão para o efeito decorativo e para distrair a monotonia do conjuncto. E, nesta ordem de ideias, as declarações do primeiro ministro hungaro surgiram-nos algumas considerações, fundadas na observação dos factos que se passam em Portugal.

Se entre os «gros-bonnets» das duas facções em que se divide o pretendentismo portuguez houvesse alguem parecido com o primeiro ministro hungaro, tambem esse eminente monarquico repetiria, tal qual o seu correligionario de Alem-Danubio, que a causa dos Braganças é insustentavel, ou o pretendente seja o ex rei sr. D. Manuel ou o jovem principe do ramo miguelino, o sr. D. Nuno.

Porque, analisadas as coisas com olhos de ver e não diminuidos por paixão politica, temos todos de reconhecer que uma restauração monarquica seria em Portugal... a guerra civil.

Só é esta a ordem com que os divergentes ramos restauracionistas nos querem presentear, dela nos livrará o bom senso popular, que já por vezes ensinou aos combativos restauracionistas o caminho da derrota ou do exilio. E que a guerra civil seria, pelo menos, um facto provavel, é facil de conjectorar, desde que o ex-rei D. Manuel não aceita o sr. D. Nuno, nem este aquele, nem a paz é possivel entre os belicosos integralistas e os conselheiros partidarios da carta outorgada. Em todo o caso, como estamos livres da restauração, tambem não ha que recear um segundo periodo de guerras liberais ou anti-liberais.

Mas temos as eleições. Nesse campo da batalha a luta é incruenta, aparte os incidentes e o sangue derramado pelos carneiros esfolados. E é nesse terreno que os monarquicos se aprestam para bater os republicanos. Em Lisboa, é claro. Porque, no resto do paiz, herdado da monarquia no mais deploravel estado de deseducação civica, não tem realmente uma decidida importancia que o eleitorado caciqueiro conduza a S. Bento alguns partidaristas monarquicos,— não muitos, todavia.

Seria deploravel que os republicanos não triunfassem, absolutamente e em Lisboa, das listas monarquicas. Não resultaria entretanto perigo grave para a estabilidade das Instituições Republicanas se, por acaso, os monarquicos conseguissem levar a S. Bento alguns deputados eleitos por Lisboa. O mais simples balanço das forças eleitorais, evidenciadas nas urnas, demonstraria que o triunfo monarquico fôra apenas devido á cisão republicana. O significado politico ficaria destarte, singularmente diminuido de importancia. Mas é inegavel que o acontecimento prejudicaria moralmente o regimen republicano, porque o estrangeiro, ignorante das circunstancias do momento, havia de interpreta-lo, por força, duma forma pouco favoravel á popularidade das Instituições Republicanas.

Entendemos, pois, que aos republicanos compete o dever de concorrerem ás urnas, dando o seu voto como quizerem e entenderem, mas por forma que ele seja efetivamente util ao prestigio e á gloria da Republica. Se os republicanos, influenciados por despeito, por odios ou por quaisquer outros maus sentimentos, mutilarem as listas, cortando este ou aqueles nomes, votarão de facto na lista monarquica, porque lhe aumentarão as probabilidades de triunfo. Mau serviço será esse!

Cremos que do resultado da vitoria eleitoral do dia 29 do corrente depende, absolutamente, uma epoca de tranquilidade publica e equilibrio politico, que surgirá se a vitoria republicana for decisiva. Mas se, por acaso, os monarquicos conquistarem algumas cadeiras parlamentares por virtude das eleições de Lisboa, a Republica terá de marcar esse facto com um aviso salutar e precaver-se contra mais grave e directo ataque. A causa da restauração monarquica já teve as suas «chances» e uma foi, na realidade, de inspirar cuidados. A Traulitania é ainda de data recente:

A PONTE SOBRE O TEJO

:-: Trocando impressões :-: com o auctor do projecto

D. Afonso Peña, o distinto engenheiro autor do projecto para a construção da ponte sobre o Tejo, saía do ministerio do Interior sobraçando uma volumosa pasta em marroquim, na qual se podia ler, em letras douradas: Plantas—Ponte do Tejo.

Nós já ha dias tinhamos procurado o ilustre engenheiro, mas os seus muitos afazeres não lhe tinham permitido, nessa ocasião, que nos désse os esclarecimentos que desejavamos sobre a construção da ponte.

Aproveitando o momento, e após o «shake-hands» do estilo, fomos conversando com o sr. Afonso Peña sobre o magno assunto.

—Acerca dos esclarecimentos que v. pretende acerca da construção da ponte sobre o Tejo, já eu falei na conferencia que realisei na Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes. Alguns dos meus ilustres colegas portuguezes manifestaram certas duvidas sobre a viabilidade do meu projecto, baseados em certos e determinados detalhes técnicos, detalhes que, aliás, já eu tambem estudara.

«Sendo um dos objectivos da construção da ponte fazer a ligação dos caminhos de ferro do Norte e do Sul, necessaria se tornava a colocação de pilares mais fortes que aqueles ordinariamente empregados em semelhantes construções hidraulicas.

«Eu estudei, no meu projeto, o emprego da tração electrica, pois encontro nesse meio de locomoção vantagens que desnecessario se torna encarecer, tanto mais que se harmonisaria com os projectos já estudados, de caminhos de ferro de cintura.

«Após varios e demorados estudos, cheguei á conclusão de que de todos os sistemas de pontes o mais economico é, indiscutivelmente, o do cimento armado, por ser esse tambem o de mais facil execução.

«A sua conservação é maior que nas pontes de ferro, que facilmente se deixam oxidar pela ação continua do mar. Quanto á sua estabilidade e resistencia escusado será falar, porquanto já está reconhecido que tais pontes são indiscutiveis, por ser o cimento armado aquele que melhores condições oferece.

«O cimento armado obedece aquelas leis mecanicas que, fundamentadas na teoria matematica da elasticidade, teem sido sancionadas pela experiencia de muitos anos. Não ha duvida de que o problema da cimentação é, de todos, aquele que mais dificil se apresenta, mas a sua solução já foi por mim perfeitamente estudada, e é essa, certamente, a parte mais interessante do projecto por mim elaborado. Alguns dos meus ilustres colegas portugueses mostram pouca confiança na parte respeitante á cimentação, talvez por ser agora a primeira vez que o meu sistema é experimentado, mas o futuro dir-nos-ha que nada existe que justifique esse receio, e eu em futuras conferencias me encarregarei de o demonstrar, de maneira a convencer todos da eficacia do projecto que apresentei.

—Que altura terá o taboleiro da ponte, acima do nivel da agua?

—Quarenta metros. E' o suficiente para, na preamar, deixar livre a navegação, ainda mesmo dos maiores navios. De resto, não haveria inconveniente em elevar, de alguns metros, a altura do taboleiro, se bem que isso seja absolutamente desnecessario.

A morte da Papa

D. Antonio Mendes Belo a caminho de Roma

No sud-express, seguiu hoje com destino a Roma o sr. D. Antonio Mendes Belo, Patriarcha de Lisboa.

Sua Eminencia, fez-se acompanhar pelos Revs. João de Freitas Barros, e Antonio Joaquim Alberto, indo á gare da estação despedir-se do ilustre Prelado alguns conegos e beneficiados do cabido da Sé, estando tambem ali o sr. Arcebispo de Mytilene.

Sua Eminencia deve estar de volta no meado de Fevereiro.

—convem não esquecer que para vencer em Monsanto, foi preciso apelar para o povo, que soube impor a sua vontade ao inimigo, forçando-o á capitulação, apoz uma batalha que durou dias. E' certo que Monsanto não foi senão o produto duma politica inintelígente servida por consciencias venaes ou traiçoeiras. Mas os republicanos, unindo-se todos num bloco unico, onde se destacavam os proprios sidonistas, tomam de assalto a fortaleza e repelem de lá os ultimos partidarios da monarquia derrubada em 5 de Outubro de 1910.

Pois a eleição de Lisboa tem certas semelhanças com Monsanto. Faz-se agora outra batalha. E' forçoso vencer os monarquicos. E é por isso que aconselhamos o exercicio do direito de voto a todos os correligionarios, qualquer que seja a sua modalidade republicana. Unamo-nos e venceremos!

O PROBLEMA DO TURISMO

KARLS-BAD e GEREZ

Conversando com o ilustre engenheiro sr. M. Roldan y Pego

A conversa começou assim:

—Sabemos que v. ex.ª apresentou ao sr. ministro do Comercio um interessante projecto de turismo.

O senhor engenheiro Roldan y Pego sorriu:

—Não, não é bem assim.

Um ministro antecessor do sr. dr. Nuno Simões, pediu-me realmente uns estudos, que possuia sobre turismo; isto muito antes do 19 de outubro. Depois sucederam-se os acontecimentos, um ministro, outro ministro...

Veio agora o sr. dr. Nuno Simões, que é um dos directores da Propaganda de Portugal, e chamou-me ao seu gabinete para falarmos deste problema, que necessita hoje mais do que nunca ser tomado a serio. Mas agora aproximam-se as eleições, e a nossa conversa como é facil prever ficou interrompida.

—Mas v. ex.ª tem já um criterio definido sobre o que deveria ser o turismo entre nós.

—Sim, tenho. Era no entanto talvez melhor falar primeiro ao ministro; depois estou ás suas ordens.

Precisamos muito de uma grande propaganda na imprensa. No entanto podemos conversar alguns minutos sobre turismo, e muito em especial sobre o Congresso de Monaco, a que temos ligados altissimos interesses.

Como toda a gente sabe, em Portugal a respeito do turismo estamos ainda na idade da pedra lascada. Apesar de vivermos num paiz fadado pela natureza, para ser um centro explendido de turismo, hoje vivemos ainda como hontem, na primitiva noção de que quem sai das cidades não deseja encontrar comodidades nos montes, e se sujeita a regressar á vida das cavernas.

Encarando de frente o problema do turismo, necessitamos sem mais demoras, olhar a serio pela reparação das estradas, que apresentam um desolador aspecto de carregos medievais.

Aqui a dois passos de Lisboa, a estrada de Cintra é um calvario horrivel.

Cintra figura em todos os guias, e é para os estrangeiros, em especial os inglezes, um ponto certo de visita.

Vem-se pensando na Cintra de Lord Byron, ainda no mar alto, e uma vez feito o desembarque, a ideia de um automovel surge logo no espirito do viajante, que não recua perante os 70 ou 80 mil reis que lhe pede o «chauffeur».

A viagem é um horror!

Não ha forças humanas que resistam.

Chega-se lá, com vontade de enfiar na cama, e mandar chamar o medico. E depois os hoteis santo Deus! Quartinhos acanhados, mal mobilados sem casa de banho, sem compartimentos de luxo, um horror!

Nós portuguezes sujeitamo-nos a tudo de bom grado, mas o estrangeiro, mais civilisado não aceita, por melhor que seja a paisagem que lhe ofereçam.

A natureza é um detalhe do momento. Depois quer o seu banho, a sua casaca para jantar, a orquestra de zingaros e o «flirt» ou uma partida de «bridge». Está tudo tão confortavelmente, como o poderia ter em Paris, Londres ou New-York.

Se o viajante preferir o comboio ao automovel, saberá na estação que temos só dois comboios por dia, apinhados de gente, cheios de fumo e sem luz.

E então enfastiado com esta Marrocos, sem graça e sem conforto, pega na «valise» e vae-se embora, convencido de que isto é inabitavel.

Resultado: Uma propaganda demolidora, afastando o turismo.

Quanto a aguas, é ahi que reside na nossa maior riqueza, para atrair o extrangeiro, as nossas estações aparte Vidago, Curia e Luzo, que já são aceitaveis, são antes, pelas condições de alojamento, estações de doença do que de cura.

O nosso paiz que é dos mais ricos do mundo em aguas minerais, e quasi desconhecido, mercê da nossa incuria, que nos leva a ignorar o que é nosso, e a voltar as costas ao extrangeiro.

A Alemanha, por exemplo, possuindo sómente quatro qualidades de aguas aproveitaveis, soube tirar delas o mais invejavel dos partidos. Karls-Bad tinha visitantes de todo o mundo.

Depois da guerra no Congresso de Monaco os aliados procuraram fundar uma liga de protecção ás termas dos paizes aliados, fazendo frente ás estações alemãs.

Ficou assente, que uma vez que algum dos paizes aliados possua aguas do tipo das alemas, as nações amigas fariam derivar o seu turismo para lá, impedindo a ida para a Alemanha.

Ora precisamente a unica agua no mundo no tipo da de Karls-Bad, é a nossa do Gerez. Isto já se tem dito, e ninguem pensou ainda no que este facto representa, para a economia do paiz.

Com o auxilio dos aliados, uma vez que transformassemos o nosso pobre Gerez, numa estação de cura de primeira ordem, teriamos no nosso territorio uma segunda Karls-Bad, com os seus milhares de turistas, os seus hoteis e casinos monumentaes, e uma fonte inexgotavel de ouro para o paiz.

Mas não só a agua do Gerez tem estas propriedades; quasi todas as nossas aguas são similares das melhores do extrangeiro.

Pertissimo de Lisboa, ficam as Caldas dos Cucos, de primeira ordem para artriticos, mas no mais primitivo estado para receber visitantes.

O hotel, unico, foi improvisado em dois chalets, com um total de doze quartos habitaveis. Os restantes, são nas aguas furtados, e nas lojas terreas e humidas. Isto numa estação de cura para artriticos, é extraordinario!

E depois os transportes para lá uma miseria.

Uma vez, que fosse tomado a serio este problema, estas termas transformadas, e com um serviço regular de cambios rapidos, ficariam excelentemente situadas para quem tem afazeres na capital, porque poderia fazer a mesma vida, que fazem os veraneantes de Cintra e Estoris.

No norte em Melgaço, temos uma agua que rivalisa com a de Mandariz em Hespanha, mas v. imagina lá o que é Melgaço! Tudo quanto ha de mais primitivo, que faria recuar de pavor o mais intrepido viajante.

E mais, muitas mais...

Aguas não nos faltam, condições para adaptarmos um grande plano do turismo, tambem não; mas continuamos a dormitar sem dar acordo ao que se passa além fronteiras.

Assim premaneceremos para o extrangeiro um «tabu» longinquo, que não se localisa facilmente.

—E como julga v. ex.ª, que deveria ser iniciado esse grande plano?

—Primeiro as estradas, depois os hoteis, os atrativos e adaptar a natureza bruta ás exigencias dos civilisados. Para isso, é preciso captar simpatias, chamar capitais, proteger iniciativas. Mas tudo isto subordinado a um grande plano, conscenciosamente elaborado.

Eu falarei ao ministro depois das eleições, e então fico ao seu dispôr para uma intervista.

UMA QUESTÃO

O IMPOSTO DA FOME!...

Apezar das nossas reclamações, reflexo da opinião publica, o governo mandou efectivar a cobrança do imposto do comercio maritimo

A nossa voz não clamou no deserto. Antes assim tivesse acontecido! E dizemo-lo, porque os poderes publicos só nos ouviram para executar o contrario do que aconselhamos. Efetivamente, tendo «A Capital» noticiado que as alfandegas não cobravam o novo imposto, nem mesmo o antigo, por ainda se não ter regulamentado a lei recentemente decretada, o governo apressou-se a ordenar ás alfandegas que tornasse efectiva, sem mais demoras ou hesitações, a cobrança, seguindo á risca o disposto no decreto que aumentou desmesuradamente o imposto aos navios estrangeiros demandando portos nacionais.

O governo comete um erro e muito grave. Dissemos-lhe, a tempo e horas, que não é de boa politica ir esticando até ao infinito a capacidade tributaria da Nação, abusando da ignorancia do povo, sistematicamente mantido nas trevas do analfabetismo e não possuindo, por conseguinte, um criterio suficiente para avaliar das leis senão pelos seus efeitos.

O imposto do comercio maritimo está já concorrendo, muito sensivelmente para a alta incessante das subsistencias de importação e das materias primas necessarias á manutenção das industrias e ao amanho dos campos. Já o aumento das tarifas ferroviarias mereceu condenação; mas somar a esse factor de elevação do custo da vida aquele que resulta da aplicação dos aumentos tributarios no comercio maritimo, é decuplicar o mal e transforma-lo em inextinguivel fonte de queixas, resistencias e amarguras. Não o entende assim o governo. Pois engana-se. E ha-de reconhece-lo mais tarde, talvez quando já não haja remedio á situação desgraçada deste povo de estomeados. Não desistimos, naturalmente, de continuar a pugnar por uma coisa que é vital para o futuro da nacionalidade. Mas, por hoje, limitamo-nos a constatar o facto: o governo só nos ouviu para persistir no erro!

Uma descoberta notavel

Consistiu em se conseguir a expulsão do acido urico do organismo, pelo aumento da permeabilidade renal e estimulo da celula hepatica que se produz com o emprego do **Diurenal**, o especifico maravilhoso no tratamento do reumatismo e da gota aguda. Depositario exclusivo Raul Vieira, L.da, Rua da Prata, 61.

O problema das aguas

Ainda o folheto da U. S. O.

O que é a camaradagem operaria

As vinte paginas que constituem o folheto publicado pela União dos Sindicatos Operarios tratando da questão das aguas só tem um fim: impedir que a companhia eleve o preço da agua. A' primeira vista parece uma ideia muito interessante, mas o que é certo é que inultimente se encontrará no folheto qualquer apelo para um outro facto muito mais grave: a redução do preço da mão de obra ou do preço dos materiais.

Pretende-se aplicar á Companhia das Aguas uma regra que se não aplicou ainda a nenhuma outra companhia ou empresa: a prohibição de aumentar os seus preços.

Não se lembra a U. S. O.—porque considera a agua um elemento natural e portanto gratuito — que o trabalho da elevação da agua custou em 1914 apenas 54.000$00 (cincoenta e quatro contos) e em 1921 a pequena quantia de 1.100:000$00 (mil e cem contos). R pare a União dos Sindicatos Operarios nesta diferença colossal de 1914 para 1921, para o mesmo trabalho, para a mesma quantidade de combustivel e para a mesma quantidade de agua. Foram 1.050:000.00 (mil e cincoenta contos) a mais!!!

A União dos Sindicatos Operarios, porem, não se preocupa com isto. Porquê? Serão os 400 operarios despedidos por ocasião da ultima gréve em virtude de terem praticado actos graves de «sabotage», quem provoca esta companhia? ou havera em tudo isto o dedo do gigante, o «meneur» de «frack» e chapeu de côco a empurrar o operariado para uma campanha sem fundamento, procurando unicamente satisfazer os seus interesses e saciar os seus odios?

Ha porem um facto que convem apontar: o pessoal da Companhia das Aguas protesta contra a atitude da U. S. O. porque essa atitude só pode ter como resultado o não aumento dos seus salarios.

Efectivamente no relatorio da União dos Sindicatos Operarios que vimos examinando não ha uma só palavra referente ao pessoal da Companhia das Aguas. Ja e ter camaradagem!...

Mireille Bernon

Ao contrario do que tinha resolvido não partiu hoje para Paris esta artista que em S. Carlos tão grande interesse despertou.

Em recita de despedida cantará ainda no domingo e pela ultima vez a opera «Thais».

O sorriso

As elegantes do seculo XVIII especie de bonequinhas de Saxe, que podiam dar ainda, hoje, ás meninas da moda excelentes lições de arte de namorar — não riam nunca: sorriam sempre. E' certo que o riso é um pouco da nossa graça, mas o sorriso é mais ainda — porque é um pouco da nossa alma. Quando uma mulher sorri — entrega-nos, como uma joia, alguma coisa de si, um quasi nada da sua emoção da sua beleza, do seu espirito, da sua sensibilidade. Um sorriso é uma revelação? Uma revelação ás vezes—uma fatalidade? Não importa. Que sorriam sempre as mulheres—para nos seduzir, para nos perturbar, para nos dominar, para nos matar. Mas o sorriso tem a sua côr— e essa côr não nos engana nunca. O sorriso duma rapariga nova—é sempre côr de rosa: o das velhas—côr de rato. O primeiro encanta; o segundo morde. O sorriso das viuvas—é lilás; o das divorciadas—Quasi verde; o das mulheres solteiras que fizeram trinta anos—amarelo. Este é desolação; aquele esperança ainda; o outro—melancolia já. Quaes são as mulheres que sorriem melhor? As que teem a boca pequena. Quaes são as mulheres que sorriem mais? As que teem os dentes bonitos.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

Filmando as Piramides

CAIRO, 26.—«The American Fox Film Company» começou a tirar fitas perto da Esfinge e das Piramides para o film «O rei pastor». Cinematografaram-se scenas representando o exodo do povo de Israel em que entraram mais de mil naturais e umas centenas de camelos. O resto do film será completado na Palestina.—(Lat. Am.)

HUMORISMO

A arte de ser novo pobre

Conferencia realisada hontem, na festa do teatro Avenida a favor da Associação Protectora da Infancia - Asilo Oficina Santo Antonio de Lisboa -:- -:- -:-

por **André Brun**

Minhas senhoras,
meus senhores:

Uma conferencia é, em geral, uma massada composta de tres elementos: um auditorio, uma mesa com um copo de agúa em cima e um conferente. Ha um quarto elemento que é quasi sempre, como aquela senhora do Politeama, sem importancia e esse é o assunto.

O auditorio e o conferente pertencem ao reino animal, a mesa ao reino vegetal, a não ser que seja de bronze ou de ferro esmaltado porque então pertence, como o copo de agua, ao reino mineral.

A diferença muito sensivel que ha entre o auditorio e o conferente consiste em que o auditorio está calado, veiu porque quiz e pode-se ir embora quando lhe apetece e o conferente fala, veiu na maior parte dos casos porque não teve outro remedio e, apesar do seu bom desejo, tem de ficar até ao fim da conferencia.

Os conferentes dividem-se em duas classes: uma muito perigosa: a dos conferentes que improvisam, outra por assim dizer inofensiva: a dos conferentes que leem.

Os conferentes que improvisam sabe-se sempre quando começam; mas nunca se pode prever quando acabam. Anunciam um assunto, pelo meio do caminho saltam para outro, volta e meia engasgam-se, perdem o fio á conversa, voltam atraz e quando toda a gente supõe que a coisa vai ficar por ali bebem uma pinguinha de liquido e, como os comboios depois de meter agúa nas estações, apitam e eles ai vão outra vez sabe Deus até onde e só ele sabe até quando.

Uma vez, ha muito tempo, assisti a uma conferencia de um improvisador que se chegou ao estrado, cumprimentou as pessoas que estavam, disse o tradicional: «Minhas senhoras e minhas senhoras», procurou juntar as ideias, começou a empalidecer, a encher se de suores frios, repetiu o «Minhas senhoras e meus senhores» e de repente exclamou:—«Não posso. Prefiro ir-me embora». E foi.

Ora este é um caso excessivamente raro. Um conferente que dá só as boas noites ao auditorio e se retira imediatamente é uma felicidade extraordinaria. O caso que eu acabo de contar passou-se ha quasi vinte anos e ainda hoje se fala nele.

Em geral um conferente improvisador não larga assim o publico. Quasi todos ainda por cima anunciam que vão ser breves e quando o auditorio imagina que é uma estopada de cinco minutos, por pouco que os rapazinhos se julguem eloquentes, nunca fazem a coisa por menos de uma hora de saliva.

Ora eu pertenço á classe dos conferentes que leem. Trago aqui um certo numero de folhinhas de papel escritas. Não são muitas e a escrita não é apertada. Por conseguinte, v. ex.as não teem outro remedio senão resignar-se com a consoladora ideia se que, quando eu tiver acabado de ler os meus papelinhos, vou-me embora infalivelmente.

Como tive a honra de dizer a v. ex.as ha nessa conferencia um elemento ao qual não podemos deixar de nos referir: é o assunto e, se me permitem esta liberdade, sempre lhes direi que o assunto que escolhi para esta noite são alguns breves rudimentos de «A arte de ser novo pobre».

Talvez v. ex.as preferissem outro mas com esta terrivel greve dos electricos que houve estes dias não tive tempo de ir a casa de cada uma de v. ex.as perguntar-lhes o que desejavam que eu escolhesse para thema e pareceu-me que este interessaria a um certo numero das pessoas que me escutam.

❖ ❖ ❖

Nascer pobre é relativamente facil e é uma coisa que acontece todos os dias pelo mundo inteiro a milhares de pessoas, se dermos credito ás estatisticas. Quanto ao incomodo que isso dá é muito parecido com o viajar á noitinha na plataforma de um eléctrico para Gomes Freire.

O dificil é viver pobre e principalmente quando se é novo pobre. V. ex.as decerto não ignoram e eu não corro o risco de ser indiscreto dizendo-lhes que houve, aqui ha tempos, uma questão entre alguns povos da Europa onde vieram intrometer-se outros das restantes quatro partes do mundo e da qual se originou uma balburdia em que se engalfinharam todos e durou cerca de cinco anos.

Entre outras consequencias resultou dessa guerra, não o triunfo do direito e da justiça, como todos os cartazes e programas anunciavam e certos ingénuos, entre os quais tomo a liberdade de me contar, supunham, mas que certos sujeitos que vendiam castanhas assadas, burrié ou não vendiam mesmo cousa nenhuma passaram a vender pinhais, camions e transportes maritimos do Estado e a ter automovel e hespanholas nas Avenidas Novas.

Ao passo que isto acontecia outras pessoas, que ha seis ou sete anos viviam sofrivelmente com pequenos ordenados e pequenas pensões, viram de repente as pescadas de quartinho passarem a vinte mil réis, os velhos carapaus da nossa infancia valerem quinze tostões cada um e tudo o que parece indispensavel á vida crescer desmedidamente em preço ao passo que os rendimentos ou ganhos de muitos patriotas estimaveis se mantinham numa modestia que envergonha a da violeta dos bosques.

Há uns certos pobres—dizem eles—, estivadores dos cais do porto ou guarda-freios dos electricos, que todos os tres mezes se poem em gréve, mobilisam a guarda republicana, assaralhopam os governos e interessam a opinião publica. Esses acabam sempre por restabelecer o equilibrio entre o preço do feijão encarnado e os seus ordenados que eles apregôam diminutos.

Mas que hão de fazer as viuvas dos majores reformados, os pequenos empregados de carteira, os funcionarios de meia tijela, os jornalistas de segunda e terceira ordem, os actores de pano de fundo, as modistas de terceiro andar, as senhoras que pedem auxilio de cavalheiro respeitavel, as professoras de piano, os oficiais do exercito que não são revolucionarios civis e aquelas tias velhas que tencionavam deixar-nos algumas inscripções, os novos pobres enfim?

Ora é a esses todos que eu me vou permitir dar alguns breves conselhos. Se os não entenderem e os não tomarem, a culpa não terá sido minha. Eu terei feito o que podia e, como diz o dictado: quem dá o que tem, tarde se arrepende e endireita...

❖ ❖ ❖

A unica defesa de um novo pobre contra as dificuldades da vida actual, é, quanto possivel, o regresso á simplicidade da vida primitiva. Parece uma charada do «Pimpão» mas eu explico.

Quando o Creador poz Adão e Eva fóra do paraiso e lhes intimou que passassem a tratar da existencia conforme pudessem, os nossos primeiros pais, cujo retrato a crayon se conserva nas gaiolas do Jardim Zoologico sob o aspecto do Faustino e da Catarina, achavam-se, pouco mais ou menos, na situação de um novo pobre de agora. Não tinham cinco reis no bolso e tinham que comer no dia seguinte. Que fizeram eles? Adão foi porventura a uma loja de modas encomendar seis vestidos para Eva e quizeram por acaso, tomar uma Rolls-Roy, ce á porta do Paraiso? Evidentemente não.

Limitaram as suas ambições ao que as circunstancias lhe permitiam. Pois toda a grande sciencia da vida está nisso: sabermos limitar as nossas ambições, emquanto, as não podemos satisfazer.

Quem tem procurado torná-las ilimitadas tem sido a civilisação. Foi ela que creou o Sud-Express, o telefone, o automovel, os concertos sinfonicos, os vestidos alfaiate, a maionaise, a poesia lirica, os carros electricos, os pianos, os predios com ascensor, as toilettes decotadas, os sapatos de polimento e as «gabardines» impermeaveis.

São porventura estas coisas indispensaveis á vida? Evidentemente que não. Ha nos arredores do lago Tanganika e nas florestas virgens da Polinesia milhares de seres humanos que desconhecem tudo isso e que não deixam, afinal, de viver tranquilamente as suas vinte e quatro horasinhas por dia.

Tratem, pois, os novos pobres de, vencendo preconceitos toleraveis em tempos de vacas gordas, pautarem a sua vida dificil pelas regras simples por que se regiam outr'ora os nossos primitivos e se regem ainda hoje os que chamamos selvagens por viverem fóra das imposições ridiculas da civilisação.

Simplifiquemos os problemas da

vestuario, da habitação e da alimentação.

❖ ❖ ❖

Eu bem sei que, de começo, pareceria estranho ver uma pensionista do Estado passear de tanga na Rua Nova do Carmo; mas deixem-me dizer-lhes que, com os vestidos de costas e fronte decotadas e com as saias pelo joelho, as mulheres não tem andado muito longe da tanga em questão. Seria simplesmente substituir por uma necessidade o que tem sido imposto pela moda, uma outra extravagancia da civilisação.

Pela sua parte os homens andam muito fóra da verdadeira verdade cuidando que as camisas de zéfir, os fatos de bom cheviote, as peúgas de côr e os sapatos de vitela americana, são indispensaveis ao equilibrio europeu. Um simples cobertor de papa com uma abertura para meter a cabeça e um bolso interior para guardar a cedula pessoal é quanto basta no inverno para satisfazer a moral hipocrita dentro da qual andamos sucerrados.

No verão um numero de oito paginas de um jornal de domingo chega e sobeja, e não ser para o nosso querido amigo Chaby, que esse precisa pelo menos do numero do «Seculo» do Ano Bom ou do numero do Natal do «Diario de Noticias».

❖ ❖ ❖

Outro problema que aflige os nossos pobres é o da habitação. Pois direi que não ha necessidade nenhuma de habitar na Avenida Duque de Loulé. Aqui estou eu que vivi cerca de dois anos num buraco cavado no chão e não me dei peor por isso. Nunca me preocupei nesse tempo com senhorios e contribuições e, quando não me sentia bem num buraco, ou me davam cabo dele cavava um outro ao lado e mudava-me para 1½ sem exigir trespasse nem vender os oleados nem pôr escritos.

Ora, graças a Deus, não faltam em Lisboa buracos onde uma pessoa do bem se possa encaixar. Depois do terratoto de 1920, que deixou a perder de vista o terramoto de 1775, abundam até os que a Camara manda abrir ou deixa abertos em plomo Rocio mesmo.

A questão é só saber organisa-los e nesse respeito eu poderia fazer mais quatro ou cinco conferencias e como em alguns milhões de homens que durante meses e mezes não conheceram outra existencia e conseguiram conformar-se com ela.

❖ ❖ ❖

Simplificados assim os problemas do vestuario e da habitação, resta-me apenas dizer alguma cousa sobre o da alimentação. Está provado que toda a gente come demais e a demonstração é simples. A qualquer pessoa e mesmo que não seja por impossibilidade de maior, tem acontecido o estar um dia todo sem comer. Nunca ninguem morreu por causa disso. Logo é simples comer apenas tres vezes por semana. Tambem tem acontecido a toda a gente deixar um dia de almoçar ou de jantar. Por conseguinte podem-se perfeitamente reduzir as refeições a uma por dia. Se aparecerem-me que não ha ninguem que não consiga de uma maneira ou de outra fazer-se convidar, de vez em quando por um amigo, parente ou conhecido, chega-se á conclusão que a resolução do problema da alimentação cabe perfeitamente dentro das posses dos novos pobres a quem dirijo os meus conselhos e desde que eles não levem a fantasia da sua gula até áqueles acepipes extravagantes que fazem a fortuna das estações de aguas e a fama dos especialistas de doenças de estomago.

❖ ❖ ❖

Mas se, por influencia atavica ou contagio do meio, os meus amigos novos pobres estão convencidos de que só um primeiro andar na Avenida, uma mobilia em mogno queimado e uma omelette de pontas de espargos, podem dar a felicidade, então contra isso nada posso e não ha que querer progar a esses hereges. O unico recurso que resta a esses novos pobres é tratarem de ser novos ricos, se é que é possivel ainda sê-lo, com a restrição dos creditos nos Bancos e com a concorrencia que tem havido a tais lugares.

Como sabem Diogenes vivia dentro de uma pipa e sentia-se absolutamente feliz. Só pedia que lhe não tirassem a luz do sol. Ora a luz do sol, ó creio eu, a unica coisa que em Portugal os governos não nos podem tirar para o dar aos financeiros e ao pessoal dos eletricos.

Por conseguinte, novos pobres, meus amigos e meus camaradas, restavos apenas adquirir uma filosofia baseada nos principios que a largo traço expuz e que não são tão idiotas como á primeira vista parecem. Não creiam que as pessoas que tem automovel, telefone, gaz encanado e vestidos caros são mais felizes por causa disso. Não imaginem que o «foie-gras», a perdiz trufada e os vinhos velhos podem tornar ditosos os que não tiverem a sua consciencia tranquila. Não se prendam as mulheres com os atavios das outras. Venus é a formosa entre as formosas e principalmente sempre explendorosamente nua. Nunca um casaco de peles de coelho contos tirou um ano de certidão de idade de uma velha e ha mocidades e belezas vestidas de chita muito mais ... a ... ultima no inferno a decrepitudes e fealdades vestidas nas primeiras modistas.

❖ ❖ ❖

Terminarei esta desconsolada palestra dizendo como comecei: nascer pobre é facil. Mas viver pobre tambem não é dificil. Basta para isso arrancar do coração duas hervas daninhas: a ambição e a inveja, e do espirito um escalracho não menos prejudicial: o da tolice.

Quem souber faze-lo viverá relativamente feliz ainda mesmo que o macarronete passe a custar vinte escudos o quilo e os ovos de galinha pinta valham o peso do ouro de uma avestruz.

Dir-me-hão que para se saber ser novo pobre é preciso ser inteligente. Evidentemente. Muito mais do que para fazer conferencias em festas como esta, altamente simpatica pelos fins que a promovem e em cujo programa brilhante ha apenas uma falha e essa por culpa dos seus organisadores: a da minha tão desluzida colaboração.

ANDRE BRUN.

PELO TELEGRAFO

As finanças da Alemanha

As divergencias politicas

LONDRES, 26.—Devido ás divergencias entre os partidos politicos na Alemanha o governo Alemão ainda não conseguiu elaborar o programa sobre a reorganisação das finanças do Imperio, que devia ser entregue até amanhã á Comissão de Reparações.—(R).

A questão do Proximo Oriente

Uma reunião de embaixadores

LONDRES, 26. — Os Ministros dos Estrangeiros de França, de Inglaterra e de Italia reunir-se-hão em Paris em 1 de Fevereiro, onde discutirão a questão do Proximo Oriente. Julga-se que os nacionalistas turcos serão talvez convidados para essa reunião.—(R).

A proxima conferencia de Genova

A delegação bulgara

LONDRES, 26. — A delegação da Bulgaria á conferencia de Genova será composta dos srs. Stambouliski, presidente do conselho, Tourlokoff ministro das Finanças, Stoyanoff director dos serviços da via publica e Popoff director da estatistica. Os delegados da Letonia serão os srs. Mejerovice presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros e Kalaning ministro das finanças.—(R.)

O que se passa em Espanha

Sanchez Guerra chefe dos conservadores

MADRID, 26.—Foi eleito chefe do Partido Conservador o sr. Sanchez Guerra, o qual no seu discurso expressou o desejo de continuar a politica de Dato. A eleição, que se realisou no Circulo Conservador, foi concorridissima.—(R).

O novo «modus vivendi» com a França

MADRID, 26.—Confirma-se a noticia de já ter regressado á Paris o delegado francês que negociou com os tecnicos espanhoes o novo «modus vivendi» entre a França e a Espanha.—(R).

O pacto anglo-francês

O que a França quer

LONDRES, 26.—Devem realisar-se hoje as conversações entre Lord Curzon e o Embaixador da França sobre o pacto anglo-francês.

Consta que a França deseja que a duração do pacto seja de trinta anos, que as obrigações sejam reciprocas e que no tratado seja incluido um compromisso naval e militar que obrigue as duas nações a intervir no caso da Alemanha atacar a Polonia.—(R)

Factos e palavras

...DUMA OPINIÃO ABALISADA

Conheço um homem, uma bela pessoa, de sessenta e tantos anos de idade, que por varios motivos não ia ao teatro ha uns bons dez anos.

Metido em casa tinha-se afastado de todo o movimento teatral, ele que na sua mocidade fôra um frequentador assiduo de plateias e de palcos.

Pois este homem lembrou-se aqui ha dias de ir a um teatro. E desejoso de passar uns momentos distraido, sem preocupações nem terrorismos, resolveu ir á primeira sessão da «Bichinha gata».

Encontrei-o no dia seguinte.

—Então que tal?

—Bem, bem, eu lhe digo: a Raça definha miseravelmente.

—Mas então você queria encontrar ensinamentos filosoficos ali?

—Não é isso que eu digo. Definha fisicamente.

—Então porquê?

—Olhe meu amigo, aquelas coristas são um terrivel specimen da Raça. Que pernas tão magrinhas! Parecem esta bengala.

E depois aquela moda de mostrar as costas está muito bem para quem as tiver. Agora quem só possue o esqueleto metido dentro dum saco de pele, que as esconda.

No meu tempo, meu amigo!...

Este meu amigo é uma pessoa possuidora de opiniões abalisadas.

Fiquemos pois sabedores de que a Raça definha.

E para o provar junta-se um documento: As pernas e as costas das coristas.

Que diria o meu amigo se visse uma que anda ha seculos peregrinando pelos palcos de Lisboa, e que é possuidora dum verdadeiro talho, com miudezas, toucinho e tudo?

BOTTO DE CARVALHO

❖ ❖ ❖

New-York está sob um dos mais espessos nevoeiros de que ha memoria. Mais de vinte grandes transatlanticos estão ancorados fóra do quadro, esperando que se dissipe o nevoeiro para seguirem viagem.

Recebeu-se nos Estados Unidos a noticia da morte do coronel Young, o mais conhecido oficial de côr da America, o um dos poucos pretos graduados da Academia Militar de West Point. O triste acontecimento deu-se na Nigeria, aonde o falecido ocupava o cargo de adido militar americano. O coronel Young comandou o esquadrão de cavalaria que ha anos libertou o major Tompkins, em Parral, no Mexico.

❖ ❖ ❖

O presidente Harding nomeou a comissão que vai representar os Estados Unidos na exposição do centenario da independencia do Brazil, que se realisará no Rio de Janeiro. O congresso já destinou 1 milhão de dollars para os gastos da representação americana. Desta soma, 250.000 dollars serão aplicados á construção de um edificio permanente que mais tarde será convertido em palacio da Embaixada dos Estados Unidos.

❖ ❖ ❖

A marinha mercante belga manteve-se o ano passado num equilibrio de actividade normal, do mesmo modo mantendo-se actualmente os barcos de pesca. As embarcações de pesca actualmente são um total de 360 navios, sendo 35 a vapor, 18 com motores e 316 barcos a vela.

Pertencem 136 ao porto de Ostende, 67 a Blankenberghe, 65 a Hóyst, 57 a De Panne, 18 a Zebrugge, 10 a Nieuport, 5 a Coxyde e 4 Costduinkerke.

✻ ✻ ✻

A produção das ligas metelicas (fonte) na Inglaterra elevou-se a 273.000 toneladas em dezembro ultimo, pouco superior á de novembro. Ao contrario a produção do aço desceu de 412.000 toneladas para 381.000. O total de produção de liga em 1919 foi de 7.398.000 toneladas em 1920, 8.037.000 em 1921 de 2.611.400. O total da produção do aço foi de 7.894.000 toneladas em 1919, de 9.056.800 em 1920 e de 3.624 em 1921.

Desde os prejuizos de maio e junho causados pela greve mineira, a produção mensal sofreu alternativas de altas e baixas. Estes resultados ainda estão longe dos obtidos no ano passado em epoca identica. A produção geral do ano desceu de 8 milhões de toneladas para 2 milhões, a liga metalica e de 9 milhões para 3 o aço.

❖ ❖ ❖

As letras

Recebemos o primeiro volume da nova «Biblioteca Ideal» de que é director o sr. Henriques Marques Junior o qual contem o D. Quixote de la Mancha». Agradecemos o volume recebido.

—Dentro em breve deve reaparecer a «Alma Nova».

❖ ❖ ❖

As artes

O quadro de Van Dyck «A mulher de cabeção de rendas» que foi roubado do museu nacional de Ynnsbruk no mez de outubro, foi apreendido em Aix-la-Chapelle e presa a pessoa que cometeu o roubo.

MUSICA

S. Carlos

AIDA

Ao traçar estas linhas tenho ainda nos ouvidos o entusiasmo que no publico de S. Carlos despertou a representação da «Aida» tal como foi feita ontem.

Opera que o nosso publico conhece e a ter ouvido repetidas vezes, algumas delas em desempenhos primorosos, opera de encantos que não morrem, cheia de efeitos, maravilhas de orquestração e de som, teve ontem em S. Carlos um desempenho oferecendo um conjunto que se pode, sem favor, chamar brilhante.

Posta em scena com um especial cuidado, ela representou um triunfo para a empreza, que se tornou digna de todos os elogios.

A' frente do sucesso obtido, figura Gui. Foi magistral a maneira como ele dirigiu a orquestra, como ele dirigiu toda a representação. A ovação que teve no final da primeira parte do concertante do 2.º acto, as ovações que teve no finais dos actos, em chamadas especiais, foram bem o espelho do entusiasmo que despertou no publico.

E estas palavras não serão mais que uma palida imagem dos elogios que merece.

Achille Clivio pela maneira brilhante como apresentou os coros, merece tambem uma referencia especial.

Anita Conti, desempenhando o papel de «Aida», era a estreia da noite. A sua interpretação agradou em absoluto. Com uma voz de que sabe tirar belos efeitos, canta muito bem, tendo sido justos os aplausos no terminar a «romanza» do terceiro acto. Todos os duetos foram cantados com enorme beleza.

Maria Capuana, no papel de maior responsabilidade que tem interpretado durante a epoca, deu-nos uma Amnéris cheia de brilho, tendo sido muito feliz principalmente nos duos. Pena foi aquele e sido guizalhante, que por vezes dava uma impressão desagradavel.

Jean Sullivan foi um Radamés digno das ovações que recebeu.

Durante toda a peça manteve o mesmo brilho. A «romanza» do 1.º acto «Celeste Aida», foi cantada com uma grande elevação. Na galeria dos que em S. Carlos teem cantado a «Aida», Sullivan não fica mal colocado.

Formichi, o grande actor de sempre, numa optima caracterisação e com uma entrada em scena admiravel, imprimiu a sua voz um encanto enorme. Houve-se de modo a merecer durante o terceiro acto um bravo justissimo.

Griff muito bem.

Branskia e Prati bem.

Bailados correctos, sendo interessante o bailado dos negritos, desempenhado por crianças duma maneira não correcta, que mereceu uma salva de palmas.

«Mise-en-scène» bem cuidada, sendo pena que no 2.º quadro do 2.º acto não tenham prolongado mais a scena. Seria mais brilha te o efeito.

E o eletricista, afinal, não brincou com as luses.

B. C.

A morte do Papa

Uma coincidencia

No mesmo dia em que faleceu no Vaticano o Papa Bento XV, finava-se em Toledo o arcebispo primaz, cardeal Almaraz, que foi amigo intimo do Pontifice.

Essa amisade provinha da epoca em que Bento XV desempenhava o cargo de secretario da nunciatura de Espanha, sendo então o cardeal Almaraz deão da catedral de Madrid.

Quando o cardeal Almaraz visitou em Roma o Pontifice, Bento XV, abraçando-o afetuosamente, disse-lhe:

—Só bem que pela alta dignidade que ostento seja teu superior espiritual é que o meu cargo exija o tratamento de Sua Santidade, continuarás como sempre a tratar-me por tu.

O camerlengo do Sacro-Colegio

Em dezembro de 1920, foi nomeado camerlengo do Sacro-Colegio o cardeal Merry del Val que conta hoje 56 anos de idade e que foi secretario de Estado de Pio X.

Espanhol de origem, nascido em Londres, tendo exercido cargos importantes, é desde 1914 arcipreste do Vaticano e prefeito da Fabrica de S. Pedro, Arcebispo titular de Nicea, sagrado em Roma pelo cardeal Rampolla em 1900, conduziu a politica da Santa Sé num sentido diferente da orientação do predecessor de Pio X, quer dizer alheando a Santa Sé, por uma extrema severidade, das relações que depois Bento XV se empenhou em restabelecer com os Estados.

O corpo diplomatico junto da Santa Sé

Teem embaixadores junto da Santa Sé os seguintes paises: Alemanha, Brazil, Chili, Espanha, França e Perú; teem ministros os seguintes: Inglaterra, Argentina, Baviera, Belgica, Bolivia, Colombia, Costa Rica, Holanda, Hungria, Monaco, Nicaragua, Polonia, Portugal, Prussia, Romenia, Servia, Checo-Slovaquia, Venezuela, Yugo-Slavia, Uruguay.

O ministro de Portugal junto do Papa, dr. Joaquim Pedro Martins, foi nomeado em agosto de 1919, apresentando as suas credenciais em 22 de setembro do mesmo ano. O nuncio apostolico monsenhor Locatelli, esta va em Lisboa desde julho de 1918.

Quem será o novo Pontifice?

ROMA, 26.—Efectuou-se ontem a inumação do Papa com a assistencia do corpo diplomatico e de todos os dignitarios do Vaticano.

O conclave foi adiado para alguns dias mais tarde por estarem doentes muitos cardeais.

Entre os candidatos as que tem mais probalidades são Merry del Val que seria um Papa intransigente em questão de relegião ou secretario de Estado Gasparri que seguiria a politica de Bento XV.—(Lat. Am.

Onde foi sepultado Bento XV

ROMA, 26, — A' semelhança de Pio X, Bento XV ficou depositado no Vaticano proximo deste e da rainha Cristina da Suecia, numa simples sepultura. Espera-se da munificiencia dos devotos que lhe seja feito um tumulo monumental como fizeram a José Sarto as senhoras polacas.

Bento XV conseguiu reatar relações com alguns paizes divorciados da egreja e se tivesse vivido teria conseguido que o governo italiano reconhecesse os direitos da egreja.—(Lat. Am).

A caminho de Roma

PARIS, 25.—Os cardeais francezes Dubois e Leçon e o cardeal belga Mercier, seguiram para .—(H)

Bento XV será inhumado hoje

ROMA, 25.—A inhumação de Sua Santidade deve realisar-se amanhã 5.ª feira ás 3 horas da tarde. Assistirão ao acto somente os cardeais os membros do corpo diplomatico acreditado junto do Vaticano e os representantes do patriciado romano.—(H).

MUSICA

Grandioso festival russo no São Luiz

O concerto do proximo domingo no São Luiz, que é extraordinario, fóra da assinatura, é consagrado pela «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, a um grandioso «Festival russo», que tem a notabilissimo a apresentação do insigne pianista portuense Luiz Costa, um grande artista e, ao mesmo tempo, verdadeiro mestre, que executa pela primeira vez o «celebre concerto» para piano e orquestra de Tchaikowsky, verdadeira obra prima considerada das mais notaveis no genero.

A orquestra que é numerosa, executa pela unica vez a famosa «ouverture» solene «1812», de «Vida pelo Czar», de Glinka, as «Danças guerreiras do principe Ygor», de Borodine, o extraordinario «Capricho espanhol», de Rimsky-Korsakow e outras notaveis.

Sempre as mulheres...

O seu papel na vida publica

Tem-se discutido na Alemanha com certa intensidade, nos ultimos tempos o papel que as mulheres devem representar na vida publica. A associação de jurisprudencia medica desta cidade tratou do problema estudando a tese se as mulheres são capazes de desempenhar cabalmente as funções de juizes.

O assunto foi discutido por medicos e jurisconsultos. O juiz Sirdelmann de Potsdam mostrou-se hostil á admissão das mulheres nos tribunais.

Referiu-se a diferenças fundamentais de psicologia entre os dois sexos e declarou que as mulheres eram incapazes de examinar os factos libertando-se de influencias emotivas. Madame Margaret Berent doutora em leis defendeu eloquentemente as mulheres.

Disse que Platão advogava a participação das mulheres nas funções publicas. Acrescentou que a participação nos tribunais era uma função tão importante que se as mulheres fossem privadas dela ficariam por esse motivo num grau de inferioridade em relação aos homens.

Refutando as afirmações do juiz Stadelmann de que as mulheres como juizes fariam perigar a justiça disse que exemplos varios provavam o contrario.

Desde 1914 as mulheres alemãs eram admitidas nos tribunais comerciais cuja responsabilidade não é inferior á dos tribunais criminais e que se as mulheres fossem admitidas nestes ultimos certamente fariam parte de tribunais mixtos.

O argumento de que o trabalho exigido ao juiz é muito violento não colhe, porque na verdade milhões de mulheres fazem trabalhos mais violentos em fabricas, nos campos e em suas casas do que os homens.

O doutor Albert Monn, personalidade nos tribunais alemães, disse que era de opinião que só as capacidades dos candidatos e não o seu sexo deviam ser tomadas em linha de conta. Admitiu que as mulheres não possuem a capacidade dos homens de pensar abstratamente e estão sujeitas a meudo a graves doenças, mas por outro lado as mulheres teem uma intuição mais subtil.

Apoiando-se nos exemplos estrangeiros especialmente na America o doutor Monn é de opinião que as mulheres podem exercer as funções de juiz.

Festas de caridade

O Dispensario das Mercês distribui no proximo dia 15 de fevereiro um bodo a 200 pobres, inaugurando por essa ocasião o retrato do ilustre presidente desta instituição sr. Alfredo da Silva.

Ecos & Noticias

ANIVERSARIO

Passa hoje o aniversario natalicio do sr. Antonio Pedro da Silva, digno tesoureiro dos matadouros municipaes de Lisboa.

FALECIMENTO

Na sua residencia, Costa do Castelo, 11, 1.º, faleceu hoje a sr.ª D. Maria Luiza da Silva Pereira e Cunha, viuva, de 82 anos. Era mãe dos srs. Bartolomeu da Silva Pereira e Cunha, chefe de serviço, e Firmino da Silva Pereira e Cunha, escriturario principal do Sul e Sueste.

Dotada de qualidades de coração, deixa imersos em profunda magua seus filhos e pessoas que com ela privavam.

O funeral realisa-se amanhã, pelas 13 horas, para o cemiterio dos Prazeres, da egreja de S. Cristovão.

Quem dá aos pobres...

Uma festa de caridade no Monumental Club

Como noticiámos, efectua-se hoje, nos vastos e luxuosos salões do Monumental Club uma festa a favor das casas de caridade, festas que se reproduzirão seguidamente em outros Clubs frequentados pela nossa melhor sociedade.

Não quizeram os nossos principaes artistas de deixar de cooperar nesta humanitaria festa, tendo a comissão conseguido a adhesão dos seguintes artistas: D. Sofia Santos, Chaby Pinheiro, Erico Braga, Henrique Alves, Nascimento Fernandes, Otelo de Carvalho, Rafael Marques, Fernando Pereira, Silas Ribeiro e outros.

Tomam tambem parte nesta festa as notaveis bailarinas «Hermanas Gorjo», e a interessante cançonetista Nely Garden.

A comissão promotora reserva grandes surprezas para esta generosa festa de caridade.

Ultima Hora

Buscas domiciliarias

Apreensão de armamento

Como durante a noite se tivessem avolumado os boatos de perturbação da ordem foram tomadas medidas de prevenção na P. S. E., policia de segurança publica e de investigação criminal, prevenções que terminaram pelas 5 horas da manhã, tendo-se conservado no Governo Civil, até a aquela hora todos os oficiais da policia, chefe do districto e seu pessoal de gabinete.

Durante o dia de hoje por elementos das tres referidas corporações policiais foram passadas rigorosas buscas nos domicilios de alguns socios do conhecido «Grupo dos 13».

Essas buscas, motivadas pelo conhecimento de que ali se guardava armamento escondido, deram em resultado serem apreendidas algumas centenas de espingardas.

De tarde corria com insistencia o boato de que algumas prisões estão eminentes.

As investigações

Deve sair amanhã no «Diario do Governo» o decreto nomeando o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, para proceder aos inqueritos sobre os acontecimentos da noite tragica.

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque que teve hoje uma demorada conversa com o sr. presidente do Ministerio.

Uma esquadra ingleza no Tejo

Pelas 15 horas de hoje deu entrada no Tejo uma esquadra ingleza de cruzadores ligeiros, sendo recebido com uma salva de 21 tiros.

A esquadra fundeou no quadro dos navios de guerra.

Cruzador "Republica"

Pelas 13 horas, de hoje, levantou ferro com destino aos Açores o cruzador «Republica» indo a bordo despedir-se muitas familias, dos espiritos que no mesmo barco seguiram viagem.

Nova reunião de proprietarios e construtores

Sob a presidencia do sr. Carvalho da Silva reuniram hoje novamente na séde da associação lisbonense dos proprietarios, os proprietarios e construtores para uma vez mais apreciarem a melhor forma de conseguir a satisfação das suas reclamações já do conhecimento do governo.

Na mesa foi lido um telegrama de saudação e adesão as resoluções tomadas da associação dos proprietarios agricultores do norte de Portugal e uma carta enviada pela proprietaria sr.ª D. Guilhermina Gomes Meyreles queixando-se de que por um andar que tem alugado por 2$80 acaba de receber um aviso para ir pagar na tesouraria de Finanças a quantia de 1:149$50.

Depois do sr. Carvalho da Silva expôr o que se passara na reunião dos proprietarios e agricultores do Porto, acordou se em dar uma nova redação, em virtude dum oficio procedente do gabinete do sr. ministro das Finanças, á representação que uma vez ia ser entregue ao governo por uma comissão de interessados.

A mesma comissão pretende do sr. ministro das Finanças a prorogação em mais 8 dias de praso para o pagamento das contribuições.

A ex-imperatriz Zita

Na côrte espanhola

MADRID, 25.—Ao meio dia e vinte e cinco minutos chegou a ex imperatriz Zita que era acompanhada desde a fronteira por um coronel ajudante de campo do rei e que foi recebida na gare pelo soberano, pela sr. Maura e pelas diversas autoridades civis e militares. Em seguida dirigiu-se ao palacio do Oriente onde visitou a rainha Vitoria que se encontra indisposta, e teve uma entrevista muito afectuosa com a rainha Cristina. Almoçou com os soberanos, a quem manifestou o desejo de se demorar alguns dias em Madrid antes de continuar a viagem para Lisboa e Funchal.—(H)

Zita só chegará sabado a Lisboa

MADRID, 25.—A ex-imperatriz Zita, de Austria, que devia partir esta noite para Portugal, só partirá amanhã ou depois de amanhã.—(H.)

Os filhos de Zita a caminho de Lisboa

MADRID, 26.—O representante da Espanha em Berne comunicou ao governo espanhol que os seis filhos do ex-imperador Carlos, de Austria, partiram de Zurich para Lisboa, via Madrid.—(H.)

POEIRA da ARCADA

Consta que o sr. ministro da Guerra vai alterar de 20 para 19 dias de prisão correcional o castigo imposto ao sr. general Gomes da Costa que ontem se apresentou ao sr. coronel Freiria.

❖ ❖ ❖

Por motivos de doença o sr. Presidente da Republica não tem assinado ultimamente nenhum decreto. Assim só hoje é que o sr. dr. Antonio José de Almeida pode assinar o decreto nomeando o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque para o cargo de adjunto do director da policia de investigação; diploma que por estes dias será publicado na folha oficial.

❖ ❖ ❖

Estando a vigorar nos liceus o regulamento de educação fisica, o sr. dr. Pinto de Miranda, inspector de ginastica, principiou já a sua inspecção aos liceus de Lisboa. Logo que termine esse serviço ... percorrerá os liceus da provincia.

TEATRO

Nota do dia

Por muito que se diga, por muito que se barafuste, é ainda um facto insofismavel que os originais portugueses não tem, na grande maioria de pessoas que dirihem entre nós companhias de teatro; proteção alguma. Se é certo que um nome feito tem a porta aberta, não sendo raro andarem as empresas a pedinchar aos autores já gostos obras e mais obras, não é menos certo que o autor estreante é sempre, sempre!—recebido como eterno sorriso amare'o, em que se nuda de conversa habilmente e em que se adia a leitura da peça para momento mais oportuno.

Não tem conto as peças antnuciadas nas secções teatrais, que não vão avante—e quasi sempre porque é dificilimo fazê-las aceitar, ou sequer conseguir atenção para um primeiro trabalho.

Ainda ha tempos li, com grande prazer a noticia e que Norberto Lopes, um dos mais vivos jornalistas da geração modernissima e cujas reportagens no «Diario de Lisboa» tem marcado, e Chianca de Garcia, um outro temperamento cheio de aptidões, tinham uma obra entregue na Companhia Palmira Bastos. E li essa noticia com alegria, porque eram mais dois rapazes da minha geração e de valor, que trabalharam, com vontade e com entusiasmo, para o teatro.

Pois, senhores, a peça, na temporada que a ilustre atriz fez no Porto, não foi á scena.

E quando irá?

Não se sabe. O que se sabe, o que se tem a certeza, é que se os dois autores não andarem de chapeu na mão, a pedir a A, a lisongear B, e a prometer a C — a peça só irá por milagre — e agora sem Papa, os milagres estão carissimos.

O HOMEM QUE PASSA

Uma noite interessante e notavel

A Festa do Azilo de S.to Antonio

Brazão e André Brun. Chaby e Amarante. A reprise sensacional do «Conde Barão»

Foi hontem no Avenida

Annunciaram os cartazes o concurso de Chaby e de Amarante, afora o nome sempre glorioso do Brasão, e a colaboração do André Brun, o espirituosissimo conferencista do mais essa encantadora palestra que foi a «Arte de ser novo pobre».

Bastava a «reprise» notavel e unica dum acto do «Conde Barão», com Chaby e Amarante, «reprise» sensacional pela interpretação superior que os dois grandes mestres da nossa scena contemporanea lhe dão, para tornar atraente o espetaculo de ontem. Mas, além disso, André Brun, com o seu espirito e a sua ternura por essa grande obra de bem que é o Asilo de Santo Antonio, quiz escrever uma pequenina obra prima de graça e de bom humor, com que deliciou—(e este deliciar vai sem sombra de convenção) a assistencia da sala do Avenida, ontem á cunha... e mais do que nunca leal.

Eduardo Brasão, actor grande entre os grandes, foi, na recitação dum soneto verdadeiramente superior. Ha muito tempo que não ouvimos, em recitação, ninguem, nem mesmo o proprio insigne artista, tão notavelmente. Outem, esse actor deu uma lição memoravel da arte do dizer—lição que por si valeu um curso regular, com exames de frequencia, requerimentos e exercicios escritos.

Seguiram se as canções pelas crianças do Asilo, que foram, na simplicidade encantadora dos seus bibesinhos de chita negra, uma nota cheia de ternura. Que os rostos lindos, afogueados naquele brilho de festa da sala; que de olhitos vivos e espantados, naquele mistério dourado do palco; que de expressões suaves e tristes, de pequeninas virgens, apartadas ao acaso no mundo e recolhidas ali, como flores cuidadas amorosamente.

Bendites estas almas, que ainda hoje, neste seu entender de principios e neste invertario tumultuar de egoismo, conseguem a doce serenidade de acolher, ou resguardar aquelas debeis e inocentes florestas do mundo. Bendita!

* * *

Fez-se, com o «Conde Barão», a reprise da «Casa com escritos», devido tambem a pertencia do Felix Bermudes, Ernesto Rodrigues e João Bastos, os tres tão notaveis comediografos — talvez mesmo os criados do «vaudeville» moderno em Portugal. E' a boa graça—não a boa graça portuguesa, que é um mito convencional, mas a boa graça, propria para o nosso temperamento, para a nossa educação e para a nossa cultura.

Algumas palavras, nesta rapida noticia ha ainda a dizer acerca da representação de Amarante e do Chaby do «Conde Barão», não porque não esteja já tudo dito, mas porque, apoz, destes pontos de referencia, que entre a primeira representação e a de agora surgiram, algumas observações são justas.

Pareceu-nos que Jesuina de Chaby a inteligentissima artista, que cada vez mais na grande escola da naturalidade do Chaby Pinheiro, mais se notabilisa, marcou talvez um pouco demasiado o papel.

Ele tem já de si tanto desenho—Chaby foi o Chaby de sempre, enelsa ao pé de nós, se lamentasse o facto de aumentar um pouco o texto da peça.

Amarante foi o grande actor inimitavel, o interprete extraordinario do saloio portuguez. Que grande instinto que superior compreensão historica não está ali, naquele exemplo de honestidade de trabalho, de esforço e de talento real.

Uma das grandes qualidades deste Amarante é justamente a de nunca se repetir.

A de estudar cada papel com um novo e sempre crescente entusiasmo, o de observar detalhadamente cada inflexão —a de trabalhar emfim.

Por isso Amarante nos obriga—a mim pelo menos—a dizer dele o melhor possivel, a escabichar adjectivos menos gastos com mediocridades, a elevá-lo ao seu grande lugar, a apontá-lo como um exemplo impecavel...

E, se algum valor tem o meu elogio é apenas o de não o conhecer senão na meia duzia de dias, o não lhe dever favores especiais, o de não ter peças para ele, o de nada pretender senão que ele mantenha—e mantenha-os seus creditos de verdadeira gloria da scena portuguesa de hoje.

O HOMEM QUE PASSA

Uma caricatura do programa

Numa festa retumbante
Se reunem hoje aqui
Santo Antonio d'Amarante
Com seu menino Chaby

Noticiario

Portugal

E' a seguinte a distribuição do novo quadro que se estreia hoje no Salão Foz, ampliando a revista «Bichinha Gata»...:

Boneca e Maria Amelia, Laura Costa; Comissaria, Julia d'Assunção; Conquistadora e Maria Augusta, Lina Domoel; Alice e Brazileira do Chiado, Rosalina Sayal; Brazileira do Rocio e Capitolino, Tina Coelho; José Antonio, Otelo de Carvalho; Zé Calado, Matias d'Almeida; Manelo, Martins dos Santos; Liró, José David; Pirso, Pestana de Amorim; Dádá, Julio Martins; Bôneco, Reginaldo Duarte; Coxo, Garcia Nunes.

—A estreia da companhia Ruas efetua-se em Lisboa, no teatro Apolo, com a «premiére» da peça «Belo sexo», que é uma revista fantasia em um prologo, dois actos e catorze quadros, original de Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa, com musica de Alves Coelho e Ascenção Barbosa.

A peça obteve enorme exito no Nacional, do Porto.

CRONICA LITERARIA

ANTIQUALHAS HISTORICAS

por Ladislau Batalha

Antagonismos profissionais

ORIGEM DA PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS NO SECULO XVI -:- O JUDEU E O PORCO -:- UMA BULA DE CLEMENTE VII -:- A INTERVENÇÃO DE FRANCISCO I E CARLOS V -:- OS SONHOS DO QUINTO IMPERIO

Aos judeus aplicavam-se alcunhas deveras infamantes.

Os Cristãos tratavam-nos por nomes muito injuriosos como — cães, perros, rabudos, marranos ou marrões.

Esta ultima designação significativa de suino desmamado, certamente ligava-se com o tabú mosaista que lhes proibia comer carne de porco.

Ainda hoje o rapazio, quando se propõe fazer pirraça a um c.legial judeu, diz-lhe de longe:—Gri gri, queres mais toucinho?

Confirma-se a conjectura em um antigo adagio que Antonio Delicado registou:

—«A judeu nem a porco, não metas no horto».

Ve-se aqui, não só a aliança prejorativa do judeu com o porco, mas ainda a ideia de pestilencia e mau contagio, então já atribuida aos suinos que a profilaxia moderna por isso mesmo não tolera em convivio com as povoações urbanas.

Daqui a generalisação da crença propalada de que os judeus eram imundos e cheiravam mal.

Não tinhamos o exclusivo deste preconceito. Os da Alsacia ainda hoje tratam ironicamente os judeus pelo nome de—«Stinker»—(fedorentos).

Na Beira Baixa corre uma trova popular que reza:

«Vila Nova, Vila Nova,
«Vila Nova de Foscoa,
«Se não fossem os judeus
«Vila Nova era boa. (1)

O autor das «Infermidades da lingua portuguesa» ain a regista uma expressão cujo emprego condenapor menos vernacula: —«E' Christão-Velho como burro».

Nas revoluções do principio do seculo passado, cantava-se:—«Fora malhado! Chiça, Judeu!»—embora não faltasse quem desde os velhos tempos visse antecipadamente modificando o conceito com est'outro anexim:—«Não estavam todos os Judeus na Rua Nova»—a significar que nessa especie de antiga Rua dos Capelistas, não só os Israelitas, mas tambem os Cristãos se entregavam á usura.

Do velho odio artificialmente inveterado, subsistem expressões já empregadas com esquecimento da intenção inicial, como esta—«Judiaria!, «Judeu!»—no sentido de má acção ou pessoa má, que pratica crueldades.

No sentido de ganancioso e usurario continua a dizer-se de qualquer pessoa, que ela é—um judeu.

«Os judeus da Finança» é expressão vulgar de emprego muito generalisado por toda a Europa.

Outras muitos reminiscencias da velha judiaria existem no anexirismo portuguez. Mas reconhece-se que se fixaram a medo, só subsistindo as de espirito pejorativo, embora não tivesse faltado quem, durante os ominosos tempos da perseguição, as visse com maus olhos e surdamente se insurgisse.

Bom exemplo encontramos, por muitos outros não citar, no caso de um Bispo do Funchal—D. Diogo Pinheiro—e do um outro do Algarve que, conhecedores da verdadeira origem da causa e da fazenda dos judeus, em era a mais cubiçada, a luta foi assombrosa. O oiro jorrava em catadupa, corria a flux.

Ainda conseguiram a célebre bula—«Pastoris de ternis»—em que vinham exaradas medidas sobremaneira liberais para por cobro a muitos abusos e desvarios do fanatismo e da preversidade.

Os maiores esforços, porém, foram todos impotentes e insuficientes para contrapor aos mais altos interesses internos e externos, postos em jogo para a solução deste imenso e formidando negocio.

E' certo que entre nós era tanta a crápula e deshonestidade de costumes, que o proprio Papa Clemente VII se sentiu cair das naves, publicando a celebre bula—«Nos autem qui non sine gravi mentis nostrae perturbatione accepimus quod... etc.»—em que, como represalia e cheio de indignação, proclamou para os Cristãos-Novos um perdão geral, não hesitando em assumir pessoalmente a responsabilidade dos males que pudessem advir do cumprimento das prescrições impostas (3).

Tudo, porém, baldado! O Tribunal do Santo Oficio, que fez 90.000 processos em Portugal, condenando 32:000 pessoas e matando só pelo fogo 1:000, não foi obra exclusiva de D. Manuel e D. João III.

Estes serviram, tambem inconscientemente, os interesses sugeridos pelas deploraveis lutas entre Francisco I e Carlos V.

Tanto eles, como os Papas Clemente VII e Paulo III, procederam e houveram-se no decurso das negociações para a expoliação dos judeus e introdução do pavoroso Tribunal, não de «motu» proprio, mas impelidos pelas influencias e sugestões dos dois grandes Imperadores, que então eram os árbitros dos destinos da Europa.

A ambição do sonhado Quinto Imperio de que D. Manuel I aspirava fazer-se proclamar Imperador, ilroutlhe todas as energias para proceder, a D. João III, menos atilado, vencera-no pelo fanatismo.

Pode com segurança afirmar-se que o negocio da Inquisição e da Judiaria foi um terrivel sindicato, como modernamente sóe dizer-se, em que Portugal e Roma ou fossem D. João III e Paulo III, embora acionados, ora consciente, ora inconscientemente, pelos dois arbitros dos destinos da Europa, buscavam tirar os maximos vantagens da perseguição sistematica aos judeus.

Já nesse tempo não eramos tão independentes como em geral se julga. Até mesmo em relação á visinha Espanha, os nossos destinos andavam dependentes do capricho dos Reis nessas vergonhosas lutas palacianas para a escolha de noivas com cujos dotes e heranças se tornasse possivel o sonho do Quinto Imperio.

A insistencia de D. João III para que se apressasse a introdução do Tribunal do Santo Oficio, obedecia ás sugestões arteiramente provocadas por Carlos V, interessado em descuidar em Portugal a mais furiosa perseguição aos judeus.

Por outro lado auxiliava-lhes quanto possivel a emigração para que com a sua inexcedivel actividade e sabedoria, fossem fomentar a riqueza e prosperidade dos Paizes Baixos em cujo engrandecimento se achava muito interessado.

Com efeito, á preço da nossa maior decadencia, prosperaram e desenvolveram-se os paizes do Centro e Norte da Europa.

Spinoza, um grande filosofo, fundador d'Escola e propagador de principios liberrimos em obras que ficaram e se lêem, nasceu em Amsterdam filho de pais israelitas portugueses que daqui fugiram ás perseguições.

Por toda Holanda, Belgica, Dinamarca, Alemanha, Escandinavia e Russia ainda abundam nomes portugueses de homens notaveis na sciencia, no comercio e na industria, representantes da velha judiaria que de Portugal conseguiu escapar ás fogueiras.

(Continua)

1)—Thomaz Pires—Cantos Populares Portugueses—N.° 9723-IV-35.
2)—Alex. Hercul.—Historia das Origens da Inquisição—Parte III.
3)—Torre do Tombo—Bulias. Gaveta 2.ª—Maço 2.

CONTOS D'«A CAPITAL»

O ABUTRE

POR LUIZ RIPADO

Não é inutil nem sofrer, nem fazer sofrer, e não ha grito que se perca no mundo.

Raul Brandão

O leitor conhece-os tão bem como eu. Pertencem á legião da Miseria e, decerto os tem visto por ai arrastando consigo o cadaver da Fome.

Ele, cincoenta anos, perfil de Desgraça, seco, amarfanhado e roto, a voz apagada, um distico ao peito:

Já vi... Agora não vejo... Imploro a proteção do publico».

Ela, magra, a face ressequida, o nariz adunco, nervos repuxados, os olhos fundos, aparenta mais edade. No seu chale miseravel é uma figura horripilante de Tragedia, a mão como uma garra que se fecha sobre o braço do companheiro, a quem, tambem quasi cega, conduz pelas trevas da amargura.

Ao ve-los, uma piedade sincera se apodera de mim, e não me insurjo contra o destino, contra Deus, porque sei que ha outra vida, outra vida mais feliz, onde todos havemos de ser felizes...

Aquelas duas noites ampararam-se mutuamente, vivem resignados através do negrume cerrado da sua existencia.

Não estendem a mão á caridade. Vendem cautelas. São dois desprotegidos da sorte oferecendo em numero a quem passa, um numero que, nas suas mãos é azar, mas que pode levar a Fortuna ao lar de muitos.

A' sua mansarda pobre e de paredes denegridas, não! Nunca pensaram nessa possibilidade.

Nasceram para sofrer, e não é em vão que se sofre!

Creem em Deus, e essa crença ampara-os na vida.

E no entanto, Deus roubou-lhes tudo. Tinham um filho, que ela criara a custo, mirrando-se para lhe dar o leite, perdendo anos de vida para que lhe não faltasse o alimento.

Cresceu o quando chegou á idade de olhar pelos velhos, a Patria reclamou-o, mandaram-no para a França, e lá morreu na grande guerra.

Parentes, amigos, foram-nos abandonando a pouco e pouco.

O marido, que trabalhava como um moiro, perdeu a vista numa explosão duma pedreira.

Restava-lhe a voz, mas essa mesma foi-a perdendo... O seu pregão rouco vai-se apagando a pouco e pouco, como a luz mortiça duma lampada á mingua de oleo.

Que misterio os retem neste vale de lagrimas?

Para que vivem?

Sabe-o a velha, e nas noites longas, mastigando a dura codea, vai-o contando ao companheiro:

—Sabes para que vivemos?

—Eu não.

—...Para que os outros riam, Compreendes... Para que vivem as moscas? Para que as aranhas tenham que comer. Nós vivemos para sermos o divertimento dos outros. E' o nosso destino.

E' é verdade.

Quando ao cair da noite, ela conduz o companheiro para a mansarda denegrida e triste, casquilham na rua os risos dos garotos. A velha estremece. Tem medo.

«E' a rir que a infancia mata» disse Vitor Hugo.

E ela que tem atravessado a vida atrozmente resignada, sente uma revolta surda estalar-lhe no peito.

Exalta-se... Ela receia exaltar-se, mas não pode conter o odio formidavel que explode rebentando a represa dos soluços.

Perseguem-na com chufas, com gritos, impropérios e gargalhadas.

E ela, torturada pela séde da vingança, brandindo no ar, em esgares dum comico irresistivel, a sua bengala inutil, impotente, distribue bengaladas a torto e a direito, zurzindo ás cêgas, culpados e inocentes, toda a gente que passa, horrivel, as cordoalhas esticadas do pescoço inspirando horror, louca de raiva, a sua face magra lembrando o rosto da tragedia, ao mesmo tempo que o riso do Riso...

E o povo ri, gosa, empurra-a, puxa-lhe pelo chale que se rasga.

Os risos estrugem no ar, sonoros, cortantes como laminas de punhal retalhando feridas.

Subito, um garoto mais atrevido passa-lhe uma rasteira, e a velha perde o equilibrio, cae automaticamente, rola pela calçada espapando-se com a terra, amarfanhada, torturada, aniquilada—enquanto o companheiro, tateando, procura levanta-la, mal podendo erguer a voz num gemido, impotente para gritar, as lagrimas nos olhos, pedindo socorro num esforço supremo.

Todos riem.

E ao olhar aqueles farrapos humanos, aquela miseria sem conforto, o chale rasgando-se nas pedras, pedaços negros esvoaçando no ar, eu tenho a impressão de que um abutre distendendo as azas negras, paira sobre aqueles dois seres, enorme, insaciavel, pronto a devora-los...

E' a dôr humana!

SPORT

O Sport no Exercito Francez

Na escola de Saint-Cyr em França, o gosto dos sports, tem aumentado de tal maneira, que entre 780 alunos, aspirantes a oficiais, 750 são sportmans, de primeira ordem.

O foot-ball, o remo e a esgrima são os que contem mais adeptos.

Box

Parece que o desafio entre o famoso «Carpentier», e o inglez «Kid Lewis», vai avante. No caso de o combate se realisar, o local escolhido é o Olimpia de Londres.

—«Dempsey», o campeão do mundo, vai encontrar-se de novo com «Bill Brennan», a quem em tempos já bateu.

Esgrima

Pini, o mais celebre esquinista que tem aparecido, na moderna geração, e que veio a Paris assistir ao encontro entre Gaudin e Nadi, acaba de completar uma grande obra sobre esgrima, que deve causar sensação, pelas opiniões que expende sobre a esgrima moderna.

Numa reunião de gala, de esgrima em Paris, o actor que fez o papel de actagnaes no «film os tres mosqueteiros», fará uma demonstração da esgrima daquela epoca, sob a direcção do conhecido atirador Joseph Renaud.

Pesos e alteres

Na lista dos «recordmans» do mundo, que o Halterophile club de França, acaba de publicar, figura ainda o nome de Manuel da Silveira, em o record do mundo amador do «devoluptè» esquerdo de 51 kilos.

Aviação

O aviador inglez Ross Smith está fazendo preparatorios para a volta do mundo em hidro-avião.

FEDERAÇÃO DE ESGRIMA

Reuniram os delegados das salas de armas de Lisboa e Porto, para organisação definitiva da Federação Portugueza de Esgrima. Compareceram os srs. Carlos Farinha da Sala Carlos Gonçalves; dr. Manuel Queiroz, do Centro, de Esgrima; Antonio Flores, do Grupo de Armas e Sport; dr. Salazar Carreira, do Sporting Club de Portugal; João Formosinho, do Ginasio Club Portuguez, e A. Amaral, de Lisboa Ginasio Club. O Grupo de Armas e Sport do Porto estava representado pelo sr. dr. Manuel Queiroz.

Depois de larga discussão, foi dado á comissão já nomeada, quando da reunião feito pelo Centro de Esgrima, plenos poderes e confiança para proseguir os seus trabalhos, devendo em breve ser discutidos e aprovados os estatutos e regulamentos do novo organismo.

TAÇA DO INSTITUTO DE AGRONOMIA

Como ha dias noticiamos realisa-se no dia 31 do corrente o «Campeonato de Espada» inter-escolar superiores, para a disputa da Taça Instituto Superior de Agronomia. Antes do começo deste campeonato alguns dos nossos melhores atiradores de florete, espada e sabre farão assaltos de demonstração.

A comissão desportiva deste Instituto tem recebido bastantes inscripções de quasi todas as escolas de Lisboa por que, tendo despertado grande interesse no nosso meio desportivo, este torneio promete revestir grande brilhantismo.

Esta prova realizar-se-ha numa das vastas salas do edificio do Instituto Superior de Agronomia, na Tapada da Ajuda, devendo começar pelas duas horas da tarde.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Está marcada a data do Criterium Padinha para 12 de Março e o Campeonato de Pesos e Alteres para 1 e 2 de Abril, provas que este club organisa, e para os dias 5, 6 e 7 de Março para o campeonato de luta, tencionando de combinação com a Revista «Sporting do Porto», organisar no fim do mez de maio—O Campeonato Nacional de Luta entre os finalistas do Campeonato local de Lisboa e Porto, que certamente deverá despertar bastante interesse, pois a realisar-se o referido campeonato será a primeira vez em que em luta se realisará uma prova entre Lisboa e Porto.

NOTICIARIO

ANTONIO MARTINS

Em honra do mestre de armas Antonio Martins, vae no Ginasio Club realisar, uma comissão de socios, uma festa do «sport», que deve ser interessante.

Ecos de Landru

Como o condenado á morte recebeu o novo gabinete francez

Foi por um dos seus guardas que o condenado e celebre Landru tomou conhecimento da demissão do governo Briand e da subida ao poder do antigo presidente Poincaré.

Posto que condenado á morte o barba-azul de Gambrais não se desinteressou ainda dos negocios do mundo em geral e dos da politica franceza em particular.

—Já esperava isso, declarou Landru. O governo que deixa condenar um inocente tem fatalmente que receber uma punição. Tenho muitas esperanças em Barthou, novo ministro da Justiça.

—Mas, observou-lhe o guarda, Barthou fazia parte do antigo ministerio?...

—E' facto, mas como ministro da Guerra. Se ele sobraçasse a pasta da Justiça, não estaria eu aqui, conde nado á morte. Do resto eu tenho confiança: a verdade acabará por vir á tona da agua.

Assim falou Landru...

A CAPITAL

Diario republicano da noite

3988

N.º 3987-12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 27 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71

Preço 10 centavos

A cidade do misterio

Numa entrevista recente o sr. governador civil de Lisboa tornou publica a declaração do que nos arsenais faltaram doze mil espingardas, desaparecidas por motivo das frequentes e periodicas revoluções, que tanto teem ensanguentado e deslustrado as paginas da historia da Republica. Por outro lado, não é segredo para ninguem que os «stoks» de armas de guerra que existiam no comercio foram consideravelmente diminuidos, graças ás compras dos particulares, por pronto ou a retalho. E não acrescentamos ao quadro a sombra negra das fabricas de bombas, com larga produção do genero, porque não vale a pena recordar o que é de todos conhecido, nem estar a falar continuamente, em coisas tristes.

Tudo isto nos confirma na ideia, já velha, de que não é flor murcha de resequida retorica afirmar que todos nós, cidadãos pacificos e que para o trabalho vivemos, andamos a pisar um terreno vacilante, que esconde um abismo ou nos aguentamos sobre a lava, mal esfriada, dum vulcão dando sinais de erupção proxima.

Para livrar a cidade do perigo ameaçador, mandou o sr. governador Civil fazer buscas domiciliarias. Foram visitadas muitas habitações, mais de quinhentas, diz a versão oficial. Mas o que se não disse e isso é que poderia servir-nos de sinal barometrico para a provisão da tempestade ou do bom tempo, é quantas armas de guerra foram apreendidas. Ficaria sensivelmente diminuido o «deficit» dos 12.000, acusadas nos cadastros oficiais? E' duvidoso. E podemos dar como certo que se não encontraram fabricas de bombas, visto que de tal não rezam as versões do Governo Civil.

Não sabemos, aliás, se este serviço de buscas domiciliarias é bem ou mal feito. Porque, dada a organisação dos salvadores nacionais em associações secretas, nos grupos de 13 ou mais, não nos repugna acreditar que, por alta madrugada e a poucas horas da deligencia, algum «gros-bonnet» do revolucionarismo nacional tivesse sido prevenido, mesmo por um simples recado de telefone, da eminencia das buscas domiciliarias.

E caso essa hipotese se tivesse verificado, claramente que a diligencia policial resultaria improdutiva, continuando as 12.000 espingardas na posse dos salvadores chefiados pelo «gros-bonnet», á espera duma oportunidade para nova arsenalisação. Isto, repetimos, não passa duma hipotese, até mesmo improvavel. Em primeiro logar, porque não supomos que exista alguem com audacia suficiente para trair o bravo oficial Agatão Lança, governador civil de Lisboa; e ainda menos é crivel que o sr. Ministro do Interior podesse ser contrariado nas suas intenções por inconfidencias absolutamente extemporaneas e injustificadas.

POLITICA

O sr. Brito Camacho fica, o sr. Alvaro de Castro não vai e o resto... são boatos fantasistas

Um jornal da manhã estampou hoje uma noticia sensacional. Segundo a versão citada, o sr. Brito Camacho regressaria brevemente á Metropole, abandonando o seu vice-reinado de Africa para se dedicar, outra vez, ao bem publico do Continente, projectado, a golpes de talento e fogo de vistas, das alturas do resuscitando Unionismo. Para substituir o sr. Camacho no governo de Moçambique, passava ás aguas o sr. Alvaro de Castro, que desistia de se consagrar ao bem publico do Continente, despedido das alturas da Reconstituição Nacional.

Por cima de tudo isto e como «mot de la fin», gracioso mas não inofensivo, o sr. Cunha Leal iria presidir ás fusões partidaristas, arregimentadas por aqui e por ali.

Segundo informações que colhemos em origens autorisadas, entre as quais citaremos a propria presidencia do Ministerio, a noticia é, pura e simplesmente, uma fantasia jornalistica sem o menor fundamento.

Não nos admira que ela tivesse surgido. Pois não estamos nós em vesperas de eleições?...

MUSICA

O grandioso festival de domingo no São Luiz

O concerto do proximo domingo no São Luiz, que é extraordinario, fóra da assinatura, é consagrado pela Orquestra Sinfonica Portuguesa, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, a um grandioso «Festival Russo», que tem a notabilizá-lo a apresentação do insigne pianista portuense Luiz Costa, um grande artista de enorme talento, verdadeiro mestre, que executa pela 1.ª vez o «Celebre concerto» para piano e orquestra, de Tchaikowsky, verdadeira obra prima, considerada das mais notaveis no genero. A orquestra que é aumentada, executa pela unica vez a famosa «ouverture» só ene «1812», a «Vida pelo czar», de Glinka; as «Danças guerreiras do principe Igor», de Borodine; o extraordinario «Capricho espanhol», de Borodine, e outras obras notaveis.

Eleições á porta...

Fala o sr. dr. Alberto Xavier

O sr. dr. Alberto Xavier, director geral do Ministerio das Finanças, é, sem duvida alguma, um dos elementos mais prestigiosos e que mais influencia tem a dentro do Partido Reconstituinte. Ainda ha pouco, regressando o jornalista de Algés, encontrámos no electrico o sr. dr. Alberto Xavier, que, ao que nos constava, passara alguns dias em Extremoz fazendo a sua propaganda eleitoral.

Um aperto de mão e perguntamos ao conhecido politico:

—Então, sr. dr., que nos diz v. ex.ª das eleições?

—Regressei esta manhã do Alemtejo e sei tanto de eleições como v. [...]

—Mas no seu circulo...

—Ah! no meu circulo as eleições estão feitas!... Não oferecem já surpreza.

—Como? Já estão feitas as eleições no circulo de Extremoz?

—Sim, já estão feitas em face da desistencia do sr. dr. Francisco Gentil...

—Ignoramos a desistencia do sr. Gentil.

—O sr. dr. Gentil proibiu terminantemente que apresentassem o seu nome como candidato, e com uma certa razão. Ninguem lhe pediu autorisação para o fazer, e s. ex.ª no circulo de Extremoz poucos ou nenhuns conhecimentos tem.

—Mas além do dr. Gentil ha ainda o candidato outubrista, sr. Abranches Ferrão...

—O sr. Abranches Ferrão poucas ou nenhumas simpatias possue em Extremoz e, além disso, o respectivo juiz de direito deu como nula a apresentação da sua candidatura, por ela não ser feita nos termos legais e exceder o prazo marcado para essa apresentação. Já vê o meu amigo que sem estas duas candidaturas esta, «ipso facto,» realisada a eleição.

—V. Ex.ª é então eleito?...

—Sim, são eleitos um candidato reconstituinte, que sou eu, um democratico, que é o sr. Sebastião Heredia, filho do falecido visconde da Ribeira Brava, e um candidato liberal. Hoje, ás 11 horas, devia ter ficado arrumada a nossa eleição.

—Quantos deputados calcula v. ex.ª que trará o seu partido ás camaras?

—Mais trez ou quatro que nas ultimas eleições. Uns 15 a 16 deputados, calculo eu.

—Desta vez o sr. dr. Alvaro de Castro propõe-se por Moçambique? Esperavamos que s. ex.ª fosse eleito por Bragança, tendendo á influencia do dr. Lopes Cardoso.

—Sim, mas o dr. Alvaro de Castro não tinha agora necessidade de se propôr por um circulo em que só a influencia alheia o poderia fazer eleger. O sr. dr. Alvaro de Castro possue numerosos amigos pessoais e politicos em Moçambique, e podendo ser eleito com as suas forças próprias...

... após as reticencias, s. ex.ª acrescenta:

—De resto, em Moçambique, estão fartos da pouca estabilidade dos seus representantes no Parlamento, porque, com a demora das viagens, quando chegam a Portugal os processos da eleição, já os parlamentos estão dissolvidos...

«E assim, em Moçambique, só elegeriam um candidato sob a condição de ser êle o sr. dr. Alvaro de Castro.

—Que nos diz v. ex.ª da lista da conjunção republicana?

—Que quer o meu amigo que eu lhe diga? Eu, pelo que me diz respeito voto na lista da conjunção, sem me importar se nessa lista vão os nomes dos srs. Tamagnini Barbosa ou Feliciano da Costa. Não é nos sidonistas que se vota: é nos republicanos que querem evitar o desprestigio para a Republica duma vitoria eleitoral monarquica.

«De resto, meu caro amigo, é já incompreensivel a guerra aberta que se tem feito e faz aos presidencialistas,

«Que fizeram a «Leva da Morte», dizem. Mas, pergunto eu: não será maior a tragedia, o crime, da noite sangrenta do Arsenal?

Chegavamos ao Terreiro do Paço, o sr. dr. Alberto Xavier dirige-se para o Ministerio das Finanças e nós acompanhamos s. ex.ª cavaqueando ainda.

Fala o sr. Manuel Fazenda Jr.

Encontrámos ontem, na estação do Rocio, o sr. dr. Manuel Fazenda Junior, antigo parlamentar do partido liberal.

S. e x.ª, ao que nos disse, segue para o Norte em propaganda eleitoral. Aproveitámos a ocasião para trocarmos algumas palavras sobre eleições e sobre o momento politico.

—A Republica, meu caro jornalista, precisa de tranquilidade e de muito socego para inaugurar no paiz a era do trabalho e de regeneração economica que ainda nos poderá salvar da derrocada final. Ainda ha dias numa entrevista publicada no «Diario de Noticias», o sr. Antonio Maria da Silva fazia curiosas e verdadeiras declarações sobre o estado actual do paiz.

«Não ha duvida alguma que, após a tentativa de restauração monarquica, em Monsanto e no Norte, que a série de movimentos revolucionarios, gréves e outras perturbações de ordem publica tem aumentado muito consideravelmente. E' isso devido a quê? Não me cabe a mim, seguramente, apreciar tais factos, mas sempre lhe irei dizendo que disso são culpados, principalmente, os elementos extremistas da Republica.

«Ora veja o meu amigo o que se deu com a lista da conjunção republicana.

«Os democraticos resolvem disputar, sós, as maiorias e...

—Mas os liberais, segundo as declarações do seu directorio, tambem não fará parte da conjuncão republicana...

—Bem o sei, meu amigo, mas isso tem a sua explicação. Como queria o senhor que nós, liberais, fizessemos parte duma lista eleitoral ao lado dos «outubristas», dos principais causadores das mortes tragicas da noite de 19 de Outubro? Não quero dizer que fossem eles, os candidatos «outubristas», os culpados dessas mortes, mas o que é certo é que só ao movimento revolucionario por eles efectuado se deve o morticinio do Arsenal.

—Os candidatos da lista da conjunção terão probabilidades de ser eleitos?

—Não sei, meu amigo. Em minha opinião parece-me que os candidatos da conjunção, conseguirão, quando muito, dois ou tres deputados.

«V. sabe quão faccioso é o eleitorado em Lisboa. Uns riscarão das listas os nomes dos candidatos sidonistas, outros os dos socialistas, outros os dos governamentais, enfim, cada qual procurará, tanto quanto possivel, fazer eleger os seus amigos politicos e pessoais, pondo os seus nomes nas listas e riscando os dos candidatos que lhes não sejam afectos.

—E dos monárquicos?...

—Da eleição dos seus candidatos? Parece-me que desse facto o perigo não é muito grande. Pode ficar certo que os monarquicos conseguirão, o muito, uns 6 a 7 deputados. E em Lisboa, não tenham ilusões, as maiorias pertencerão, certamente aos democraticos.

—E dos governamentais?...

—Ah! esses talvez consigam a eleição de dez ou doze deputados, e isso mesmo se tiverem feito alguns acordos com os vários partidos dos diferentes circulos.

—Então as eleições?...

—São ainda um grande pont interrogação, meu amigo.

Um tratado entre a Alemanha e os Estados Unidos

BERLIM, 27.—O «Temps» informa que o presidente Harding, o sr. Hughes e os «leaders» republicanos resolveram encetar as negociações para a realisação dum tratado entre a Alemanha e a America, o qual incluirá a organisação duma comissão de arbitragem para liquidar todas as reclamações originadas pelos compromissos de guerra.—(R.)

Migalhas

Enquanto passam os tufões

D. Aninhas acordou espavorida na sua cama ao som terrivel do vento açoutando as vidraças, fazendo gemer as portas em seus gonzos e uivando na rua como um lobo com fome pela serra.

E, como ela me fitasse com os seus grandes olhos interrogativos, tive que lhe explicar:

—«E' o Pae do Ceu que está zangado com os homens.

—«Os homens fizeram maldades?

—«Não se cançam nunca de as fazer. Não dormem de noite a scismar no mal que hão-de fazer de dia.

—«Não querem comer a sopa?

—«Peor. Não tratam senão de querer comer a dos outros.

—«Não querem ir ao colégio?

—«E' como se lá não fossem. Nunca aprendem nada. Debalde a vida lhes dá as suas lições crueis. Não tiram delas o minimo proveito.

—«E o pai do Ceu ralha?

—«Isto não é nada, minha filha. Duma vez tão zangado o puzeram que mandou um diluvio, muita agua muita agua, em que morreram afogados todos os homens excepto uma familia que ele tinha avisado de vespera e se metera num grande bote. Pois nem essa familia teve emenda.

O pai, talvez aborrecido de ter visto tanta agua junta, tornou-se um piteireiro de marca. Dos filhos, um tão falto de respeito se mostrou para com o chefe da casa, que a cara se lhe fez preta e sem ser de vergonha. Outro foi a semente donde brotou a floresta de judeus que hoje nos encobre a luz do sol e ao pé da qual o pinhal da Azambuja é um modesto pé de salsa.

Os homens, minha filha, são como tu: por mais que se lhes ralhe não fazem caso e o Pai do ceu é como eu: mal acaba de zangar-se logo se arrepende. Olha para nós, vê-nos tão pequenos, reconhece que, se somos maus, a culpa é dele que não nos fez melhores quando em sua onipotencia nos podia ter creado perfeitos e, tal como o teu papá, arrecada a furia com que nos ameaça para a desembainhar daí a tempos outra vez, numa hora de peor humor.

O tufão de hoje será amanhã um lindo dia de sol, assim como a carantonha que te fiz de manhã se mudou no sorriso com que te falo. Os pais são fracos e é dessa fraqueza que se estriba a força da maldade dos filhos. Desce a agua dos diluvios, extinguem-se os incendios de Sodoma e Gomorrha, a furia dos tufões acalma-se. E, assim como tu, mal vês o papá mais tranquilo, voltas a bulir onde não deves e a fazer o que te proibem, assim os homens, esses eternas creanças...

Nisto reparei que D. Aninhas tinha adormecido. Com efeito, não ha nada para chamar o sôno como uma lição de moral.

ANDRÉ BRUN

SEGREDOS A TODA A GENTE

Papel da musica

Todos nós, que temos a fatalidade de não viver em casas independentes, estamos inexoravelmente condenados a uma atrocidade feroz: ter uma visinha que toca piano. Ha tempo, um ministro das Finanças—que não era surdo de todo—lançou sobre eles uma contribuição especial e pesada. Todos nós respirámos. Todos nós tivemos um instante de regosijo. Todos nós, por assim dizer, embandeirámos em arco. Os pianos iam enfim emudecer, na névoa espessa das salas. Nunca mais teriamos o sacrificio de ouvir atropelar Chopin. As mãos quentes e buliçosas das meninas de Lisboa iriam, em breve, mudar de vida—para tranquilidade dos lisboetas. Mas afinal—que tremenda desilusão!—tudo saiu errado! Os pianos voltaram, furiosos; os dedos leves, esguios, vertiginosos das meninas da cidade, atacaram de novo, impetuosamente, a musica classica; se ontem tinhamos rumor, hoje temos ruido; se outem tinhamos resignação, hoje temos pavor—e se isto continuar assim, meus amigos, só encontro uma solução compativel com a nossa dignidade de portuguezes: ensurdecer. Protestar? E' inutil. Amanhã os proprios pianos viriam argumentar, talvez, que o que se ouve não são as meninas que tocam: são as criadas que passam o dia apenas a limpar as teclas. E perante uma questão de higiene, meus senhores...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

A morte do Papa

O poder do Vaticano — O Sacro colegio—Exercito pontificio

Morreu o papa Bento XV. A esta hora a sua biografia é conhecidissima nos seus mais minuciosos pormenores. A sua acção foi pacifica e conciliadora. Possuiu o valioso segredo de pouco dar de falar de si. Revela sempre altissimas qualidades da parte de quem, ocupando uma posição em evidencia, sabe fugir á notoriedade.

Italiano de nascimento, prelado de uma das dioceses da sua patria, a situação criada pela guerra ainda lhe dificultou mais a sua missão do Pontifice. Chefe da Igreja Catolica Apostolica Romana, á frente do sacro colegio, encontrava-se em presença de antigos colegas oriundos de paizes, nesse momento radicadamente inimigos, como eram os cardeais francezes, belgas, inglezes, americanos, austriacos e ainda provenientes doutras nações.

Cá fóra raras vezes transpiram os ecos das brigas renhidas que se devem ferir entre todas essas eminencias que, no presente momento são setenta e uma, dos quais trinta pertencem á nacionalidade italiana. Pode imaginar-se o que ribombará por baixo das purpuras cardinalicias de despeitos, de explosões reprimidas ou expandidas, de embates de orgulhos, de furias, de rivalidade, de ambições sopeadas, das mil paixões humanas que hão de chocar-se na arena daqueles peitos, embora de sacerdotes, por mais virtuosos e mesmo santos que sejam.

O Papa tem, portanto, de ser um piloto extremamente habil para singrar e não naufragar neste mar calmo na aparencia, mas revolto no fundo.

❖ ❖ ❖

Os antigos estados pontificios reduzem-se hoje ao Vaticano, aos jardins que o rodeiam e ao «castelo» de Castelgandolfo.

Esta propriedade não gosa de extraterritorialidade como gosam as propriedades dos embaixadores acreditados junto de Sua Santidade. A chamada «lei das garantias» tornou obras de arte nacionais as magnificas colecções do Vaticano. O Papa é apenas seu detentor.

Quando Sua Santidade exercia o poder temporal tinha um rendimento de perto de quatro milhões de liras. Quando Pio X subiu ao sólio a Santa Sé dispendia sete milhões de liras por ano distribuidas da seguinte forma: quinhentas mil libras para os cardiais e nuncios; dois milhões e quinhentas mil liras com o custeio do Vaticano e jardins; um milhão e quinhentas mil liras destinados ás escolas catolicas de Roma e aos capelães; igual quantia para socorrer os necessitados e os padres invalidos; um milhão para despezas diversas.

Nas despesas do Vaticano entra o soldo pago ao exercito pontifice. Compõe-se da Guarda Nobre, da Guarda Suissa, da Guarda Palatina e de um corpo de gendarmes: seicentos homens.

A Guarda Nobre foi creada por Pio VII no seu regresso de Fontainebleau. Destina-se a escoltar o soberano pontifice. Leão XIII reorganisou este corpo.

Compõe-se de um capitão, de um tenente, de um alferes, de oito aspirantes, oito cadetes e de cincoenta guardas. Só se é admitido entre os 21 e 25 anos. Para se entrar ali é necessario possuir um titulo de nobresa, antigo, gosar uma riqueza que lhe permita viver com desafogo e fruir excelente saude. Os guardas-nobres teem um posto elevado no exercito pontificio. Os capitães são tenentes-generaes, os tenentes e alferes são brigadeiros generais; os aspirantes coroneis; os cadetes, tenentes-coroneis; os simples guardas, capitães e tenentes.

Auferem numerosos privilegios. São dispensados dos jejuns e da abstinencia; são eles quem distribuem as medalhas de S. Pedro, os cirios da Candelaria, etc., etc.

A Guarda Nobre só presta serviço ao Papa. Logo que Sua Santidade se retira tambem ela se retira. Os clarins ou trombetas da Guarda Nobre, conhecidos pelo nome de trombetas de prata, tocam em S. Pedro quando o Papa ali oficia pontificalmente. A marcha das «trombetas de prata», composta, por Silveri, só pode ser tocada em S. Pedro. E' proibida em qualquer outra igreja. E' aos guardas nobres que incumbe a missão de levar aos prelados residentes fora de Italia, a participação da sua elevação, ao cardinalato, e entregar-lhe o barrete, primeira insignia da dignidade cardinalicia. Os guardas no desempenho dessa missão vestem o grande uniforme.

❖ ❖ ❖

O patrimonio consiste, em geral, nos rendimentos dos capitais colocados. Um cardeal, uma especie de ministro das Finanças Monsenhor Folki, entregou-se a especulações pouco felizes. Os direitos da chancelaria tambem fornecem uma verba importante, proveniente da colação dos titulos de nobreza e das ordens de cavalaria.

Para se obter uma distinção honorifica da Santa Sé é necessario que a pretensão seja recomendada pelo bispo da sua diocese. Forma se então um processo um tanto complicado. Antigamente os direitos de mercê eram de mil liras para simples cavaleiro e de seis mil para comend r

As ordens pontificais são: A Rosa de Oiro, só concedida ás mulheres dos chefes de Estado, ás princesas e ás grandes damas; a Ordem Pontificia de Cristo, reservada ás testas coroadas e aos principes; São Gregorio, o Grande; S. Silvestre; Pio IX; Santo Sepulcro, a menos apreciada.

Os direitos de mercê são identicos aos de cima. Um titulo de conde paga 12.000 liras; o de duque 16.000, o de principe 20.000. As dispensas tambem proporcionam avultadas receitas. O denominado dinheiro de S. Pedro orça por dez milhões de liras. São óbolos que vão de todas as partes do mundo.

Bento XV compreendeu como poucos dos seus antecessores que o seu papel era o de pôr em acção o seu poder conciliador, o seu poder moderador. Foi o que fez no tempo da guerra, foi para esse que apelou na questão da Irlanda.

Conseguiu congraçar o governo francez com a Santa Sé. Demonstra esta vitoria a sua habilidade diplomatica e a ductilidade das suas faculdades.

Quem sucederá a Bento XV?

Citam-se como provaveis sucessores de Bento XV, alem dos cardiais Moffi e Gasparri, os cardiais de Lai, Bisletti e Lega.

Caetano Bisletti nasceu em 1856; fez os seus estudos no Colegio Capranica e em seguida na Academia dos Nobres Eclesiasticos. Ordenou-se em 1878; serviu no Vaticano, em cargos de responsabilidade, sob Leão XIII e Pio X, foi criado cardial-diacono em 1911. E' grão-prior da Ordem soberana de Malta desde 1914 e hoje o primeiro cardial-diacono. Doutor «in utroque», desempenha tambem as funções de Prefeito da congregação dos seminarios e estudos universitarios.

Caetano De Lai nasceu em 1853, ordenou-se em 1876 depois de doutorado em varias faculdades; exerceu o magisterio e desempenhou varios cargos importantes na curia. Foi criado cardial-diacono em 1907 e sagrado bispo de Sabina em 1911. E' o secretario da Congregação consistorial. No conclave de 1914 representava, segundo se disse, uma corrente reacionaria, que foi vencida.

Miguel Lega, nascido em 1860, ordenado em 1883, tendo feito antes o serviço militar. Doutorou-se e exerceu o magisterio e em seguida importantes cargos na Curia. Autor de tratados de direito canonico apreciados. Criado cardeal diacono em 1914. E' o prefeito da Congregação dos Sacramentos.

Outros cardeais, em condições de serem eleitos:

Basilio Pompili, nascido em 1858, ordenado em 1883 e criado cardeal diacono em 1911. Foi nomeado vigario de Sua Santidade em 1913 e sagrado, no mesmo ano, arcebispo de Philippes. Optou em 1917 pelo bispado de Velletri. E' o arcipreste de S. João de Latrão.

Teodoro Valfré di Bonzo, nascido em 1853, condiscipulo de Bento XV, sagrado bispo de Cunéo em 1885 sucessivamente bispo de Como e de Vercell, arcebispo titular de Trebizonda e nuncio em Viena de Austria em 1916, cardeal-presbitero em 1919, Prefeito da congregação dos religiosos.

Grestes Giorgi, nascido em 1856, ordenou-se ao mesmo tempo que o falecido Bento XV em 1878, fez toda a sua carreira no Vaticano; criado cardeal-diacono em 1916 e nomeado grande penitenciario em 1918.

Gennaro Granito Pignabelli di Belmonte, nascido em 1851, ordenado em 1879, conselheiro de nunciatura em Paris 1897, ali encarregado de negocios 1899, sagrado em 1899 bispo de Edessa, nuncio apostolico na Belgica 1899, na Austria-Hungria 1904, demissionario 1911, representou o Papa na coroação de Jorge V de Inglaterra 1911. Criado cardeal-presbitero 1911, é bispo de Albano.

A composição do Sacro-Colegio

O Sacro-Colegio deve ter o numero total de setenta cardeais, mas rarissimamente esse numero terá sido atingido. Supômos que as vagas serão neste momento dez. Os cardeais criados por Bento XV foram vinte e dois. Durante o seu pontificado, devem ter falecido vinte e nove ou trinta.

O decano do Sacro-Colegio é hoje o cardeal Vicente Vannutelli, que foi nuncio apostolico em Lisboa e que de Portugal saíu para o cardinalato. Nasceu a 5 de dezembro de 1836, contando, pois, 85 anos. A sua carreira diplomatica exerceu-se na Holanda, Belgica, Turquia e Portugal. Foi incumbido de missões extraordinarias em varios paizes, por ocasião de solenes actos oficiais (como a coroação de Alexandre III) e de congressos religiosos internacionais. O decano de idade é o cardeal norte-americano Gibbons que tem 87 anos, feitos em julho ultimo.

Ha sete cardeais octogenarios, vinte e um septuagenarios, vinte e dois sexagenarios, seis entre os cincoenta e dois e os cincoenta e oito anos, e um com quarenta e oito, que é o mais novo, o cardeal Ascalesi, arcebispo de Benevente e que pertence aos Missionarios do Precioso Sangue.

Cardeais, segundo as nacionalidades:

Italianos, 30; franceses, 6; espanhois, 3; ingleses, 3; austriacos, 2; polacos, 2; e 1 por cada um dos seguintes paizes: Alemanha, Belgica, Brazil, Holanda, Hungria, Portugal, Tcheco-Slovaquia e Estados Unidos.

Dos actuais membros do Sacro Colegio ha tres, pelo menos, que conhecem Lisboa:

O problema das aguas

A U. S. O., no seu furor destrutivo, nem quer lêr o que está escrito — E' verdade que, se lêsse, não compreendia!...

E' absolutamente inutil tentar fazer rebentar a verdade no cerebro marmoreo da U. S. O. Não é, pois, intuito nosso consegui-lo. A' U. S. O. convem a desordem e é para lá que empurra, sistematicamente tudo e todos. Consideraria um dia venturoso aquele em que faltasse a agua em Lisboa e seriam venturosissimos os seguintes, quantos mais melhor.

A U. S. O. teria mais uma vez ocasião de apelar para a revolta e de lançar as culpas do cataclismo para aquela classe de individuos que denomina de argentarios, aninhados, segundo a U. S. O., nos sifões e canos da Companhia das Aguas.

Entretanto, se a U. S. O. passasse os olhos pelos relatorios da Companhia, teria ocasião de verificar—se soubesse lêr e assimilasse a leitura, que os argentarios da Companhia das Aguas são bem modesta gente, mais pobre que mesmo remediada.

Assim, facilmente se verifica, pela relação dos acionistas da Companhia das Aguas, que os portadores de ações, com os seus votos nas assembleias gerais, são pequenos capitalistas, mesmo insignificantes. Citamos numeros para prova do que afirmamos:

Portadores de ações no valor de 1 a 3 contos existem 725 acionistas, dos quais mais de 400 não tem-na Companhia senão 1 conto cada um; 89 acionistas possuem ações no valor de 3 a 5 contos cada um; com 5 a 10 contos ha 65 acionistas; com 10 a 20 contos, 57; com 20 a 30 contos, 18 com 30 a 40, 7; com 40 a 60, 4; finalmente, só existem 2 acionistas portadores de ações no valor de 60 a 93 contos.

A Companhia das aguas é, pois, preferida, sem contestação possivel, pela pequena economia, pelo pé de meia burguez. E, o que é ainda mais interessante, e que todos os acionistas são portuguezes, não se encontrando, na respectiva relação um unico nome de estrangeiro, uma unica firma ou empreza estrangeira.

Pois é a esta gente que a U. S. O. chama argentarios e deshumanos capitalistas. Se a pura razão das coisas e os mais elementares principios da justiça e equidade atenuassem o faciosismo cego da U. S. O. ela veria, agora, que bate em si propria, porque a maior parte dos acionistas da companhia das aguas são, com certeza, bem mais pobres que muitos dos grandes reformadores sociais que se albergam na U. S. O. e se cobrem com a sua bandeira vermelha.

Mas ha ainda mais.

E' que os acionistas da Companhia das Aguas, que dispuzeram das suas pequenas economias afim de que a cidade fosse dotada dum serviço de aguas potaveis aos domicilios, sem excepção das habitações dos dignos camaradas da U. S. O., nunca receberam a menor remuneração do seu capital, á excepção duns 8 a 10 anos, em que o dividendo por acção não foi superior a 5 %. E entretanto a Companhia existe ha cerca de 150 anos!

Vê-se quanta justiça dispende a U. S. O. classificando de argentarios exploradores os benemeritos, embora modestos, acionistas da Companhia das Aguas!

Uma tal situação é insustentavel. O projecto de lei que está no Parlamento curou de a remediar, atribuindo a este capital o juro de 6 %.

Cremos que o publico está já um pouco elucidado com respeito a esta questão, que é, para ele, da maxima importancia. Os folhetos dissolventes da U. S. O. não conseguem, por certo restabelecer a confusão propagando o erro. E o operariado que vive da Companhia e que será o primeiro a sofrer com os males dela, não seguirá se souber o que faz, as incitações da U. S. O.

Factos e palavras

A PROPOSITO

...DE PROTESTOS

O «Diario de Noticias» de hoje, em artigo de fundo, constata e protesta contra a obra meramente «protestativa» da Camara Municipal de Lisboa.

Muito bem! Tem carradas de rasão! E ainda terá mais rasão se á obra meramente «protestativa» da referida Camara juntar a sua obra destruidora. E se á sua obra destruidora juntar a sua atitude eternamente passiva isso então nunca mais deixa de a ter.

Mal comparado esta ditosa Camara lembra-me aqueles meninos do liceu que, quando o sr. professor faz uma pergunta, levantam o dedo, espetam o braço, esganicam se todos.

—Diga lá o menino que está ai tão aflito.

Bumba! sai asneira!

E' o caso. Em vez da pergunta ha a solução do problem grave.

Mas a Camara feita menino de liceu levanta o dedo.

—E' a mim que me compete resolver a questão. Eu sei, eu sei...

E o mestre diz:

—Resolva-lá a Camara.

Bumba! Saiu asneira!

Electricos, aguas, pavimentos, ruas, Rocio, gasolelros, estradas, carroças do lixo, iluminação, emfim, e todo o resto interminavel que me não lembra, mas que existe:—eis as flores que hão-de compôr a corôa funebre oferecida com eterna saudade pelos municipes quando a Camara fôr a enterrar.

Pelo exposto e pelo basto libelo acusatorio espalhado nos jornais de ha uns anos a esta parte, tem o «Diario de Noticias» carradas de rasão.

E no entanto...

... O P. R. P. apresenta na montra do seu armazem eleitoral, coroado de loiros, o nome do sr. presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa!

BOTTO DE CARVALHO

O Ministerio da Agricultura calcula a produção agricola dos Estados Unidos, no ano findo, em 5675$77000 dolars. Estes algarismos são menos 340,000000 do que o valor das colheitas do ano anterior e 8000000000 menos do que ha dois anos, em que os produtos agricolas atingiram o seu preço mais elevado. Se houve duas colheitas que chegaram ao valor de 1 bilião de dolars, ou mais, a do trigo e a do feno, emquanto que no ano precedente houve quatro colheitas que excederam essa soma. No geral, a colheita de todos os produtos foi inferior á do ano anterior apesar da area cultivada ter sido maior, excepto a da plantação do algodão.

❖ ❖ ❖

O marechal Foch foi uma noite destas rijamente admoestado pela «ouvreuse» de um teatro. O marechal achava-se na primeira fila dos fauteuils, da Comedie Française, e no ultimo entreacto foi buscar o seu sobretudo ao bengaleiro. Ao retomar o logar colocou o sobretudo na grade que estava na sua frente, o que é contrario ás disposições da casa. Uma das «ouvreuses» notando-o, dirigiu-se ao marechal, repreendendo-o pela infracção cometida. O general muito submissamente, retirou o sobretudo da grade e pô-lo nos joelhos, e a empregada afastou-se sem desconfiar que tinha dado uma grande descompostura no notavel generalissimo dos exercitos aliados.

❖ ❖ ❖

A importação de ouro nos Estados Unidos em 1921 foi 691.267.000 dolars comparado com 417.068.000 dolars em 1920. Aquela importancia é maior que se recebeu num ano. A maior parte veio da Inglaterra, da França e da Suecia. As remessas que vieram deste ultimo paiz supõe-se que sejam na maioria de ouro da Russia, remetido indirectamente. A exportação de ouro em 1921 atingiu 238.880.000 dolars, comparado com 22.691.000 dolars em 1920.

❖ ❖ ❖

Nos planos de vilegiatura de mr. Briand acha-se incluido um cruzeiro de pesca de sardinha, em Arcachon, um dos divertimentos favoritos do notavel estadista. O seu amigo, dr. Chatain, já partiu para Arcachon, para comprar um barco e contratar a tripulação para começar o seu cruzeiro daqui a umas semanas.

CARTA DE INGLATERRA

A imprensa ingleza.—Nobre atitude da imprensa britanica durante a guerra.—Como se escrevem os jornais.—Nas ilhas britanicas publicam-se para cima de 3.000 jornais. —Jornais e revistas humoristicos, verdadeiro modelo no genero.

O papel que alguns jornais tem representado na vida publica ingleza é notavel.

O «Daily Telegraph» é um poderosissimo orgão meio conservador e de convicções bem solidas e assentes. A sua influencia é cada vez maior, os seus serviços de informação são excelentes e é um jornal particularmente estimado por todo o grande mundo britanico que se ocupa de negocios. E' seu proprietario Lord Burnham.

A aparencia e o bem acabado do «Morning Post» deleita a vista de muitos jornalistas adestrados. As suas colunas literarias e as suas criticas de arte e de teatro são ótimas. Segue as ideias politicas da mais extrema direita. E' o unico jornal inglez que se opoz ao acordo irlandez. A propriedade dele pertence á familia de Lord Bathurst.

A «Westminster Gazette» foi até muito recentemente um jornal da tarde. Tem um alto caracter literario e advoga os principios do partido liberal independente que o sustenta e cujo chefe é o sr. Asquith.

O «Daily News»—de que Charles Dickens, talvez o maior dos romancistas britanicos, foi em tempos editor—herdou dele o em geral continua vivendo e possuindo uma alta reputação literaria. Em politica é liberal com uma certa tendencia para o partido trabalhista. Está na posse de uma ou duas familias Quaker, e especialmente da familia Cadburys, e tem sempre mostrado um activo interesse pelo progresso social. A sua circulação é de 600.000 exemplares aproximadamente.

O «Daily Cronicle» pode gabar-se de muitas glorias jornalisticas; alem disto foi o primeiro jornal de Londres que estabeleceu a inserção duma pagina literaria. E' o mais forte e o mais solido defensor do sr. Lloyd George e da sua Coalição Governamental. E' sempre bem informado sobre os acontecimentos politicos. A sua circulação anda por 700.000 exemplares.

O «Daily Mail» é o irmão mais novo e menos importante do «Times» sendo tambem seu proprietario Lord Northcliffe, jacta-se quotidianamente de ter 1:300.000 leitores e as suas vistas e apreciações politicas são geralmente uma viva parafrase dos exprimidas pelo «Times». Publica-se igualmente em Manchester e em Paris.

O «Daily Express» cujo proprietario é Lord Beaverbrook não é diferente do «Daily Mail» e apresenta por uma forma mais distinta do que qualquer outro jornal britanico os traços dos metodos jornalisticos americanos. Circula diariamente com 500.000 exemplares, pouco mais ou menos.

Alem destes ha em Londres tres jornais da manhã ilustrados, são: «Daily Graphic», o «Daily Mirror» e o «Daily Sketch». Teem uma larga circulação, mas politicamente são sem importancia. Tambem ha alguns jornais exclusivamente financeiros desportivos. O «Evening Standard», o «Star», a «Pall Mall Gazette» e o «Evening News», são jornais londrinos da tarde. São todos brilhantemente escritos e dirigidos e bem impressos, mas a sua importancia politica não se pode comparar com a dos jornais da manhã. A sua circulação varia de 300.000 a 800.000 exemplares, rivalizando o «Evening News», cujo proprietario é Lord Northcliffe, com o «Star», propriedade da familia Cadbury, quanto á tiragem.

Durante a guerra foi preciso, como era natural, em virtude das prescrições do «Realm Act», criar uma comissão para censura dos jornais. Os jornais britanicos chegavam á Holanda muito rapidamente e os agentes alemães estudavam-nos com o maximo cuidado e atenção por motivo das informações neles contidas e que mereciam ser telegrafadas para Berlim. Reconhecendo a necessidade militar da referida medida a imprensa britanica concordou da melhor vontade com a censura. Algum tempo depois até foi deixado á discreção dos editores-directores dos jornais a selecção das noticias e dos artigos que deviam ser submetidos aos censores. Os jornalistas desempenharam esta missão com uma tal circunspeção e tão patrioticamente que ha a certeza de que os alemães tiveram grande dificuldade em obter pela imprensa britanica qualquer informação de alguma importancia. Os editores dos jornais e os jornalistas viviam em intimidade com as autoridades durante a guerra e houve sempre segredos confidencialmente conservados pela imprensa britanica por um qualquer dos quais o alto comando alemão teria dado o maior prazer de pagar muitos milhares de libras. A comissão da imprensa foi uma das instituições do tempo de guerra que primeiro desapareceu depois da conclusão do armisticio.

Um ponto interessante do desenvolvimento do jornalismo britanico posteriormente á guerra é a importancia que se liga ao «Correspondente Diplomatico». Os assuntos estrangeiros, os quais antes eram considerados com interesse, por pequeno numero, são agora estudados pelo publico britanico com intensa avidez e cuidado. Os assassinos disseram e ensinaram ao povo na longinqua cidade de Sarajevo que os contratos e alianças internacionais podem afectá-lo até o ponto extremamente importante de o obrigar a abandonar o lar e o levar para as humidissimas e perigosissimas trincheiras. Por consequencia, o povo britanico tem opiniões definidas sobre estes assuntos, e os correspondentes diplomaticos que estão encarregados de satisfazer a este interesse do publico são, em geral, homens adestrados na materia. Escrevem com plena consciencia das suas responsabilidades.

Eles teem—assim como igualmente todos os correspondentes estrangeiros de permanencia em Londres—completa liberdade de pedir informações no Ministerio dos Negocios Estrangeiros; estas são-lhes dadas com estricta imparcialidade sem a menor preocupação relativamente a côr que possa ter o jornal que eles representam; não se tenta de modo nenhum exercer influencia sobre ele; são lhes dadas informações acerca dos factos e assuntos alemães e eles escrevem, redigem a respeito de tudo as conclusões que lhes apraz.

As paginas financeiras e comerciaes revestem naturalmente importancia quando o mundo dos negocios é tão numeroso como na Gran-Bretanha. Depois, como era de esperar, ha sempre pelo menos uma pagina consagrada aos desportos, visto como o interesse pelo foot-bal, cricket, pelas corridas de cavalos, pelo tennis, pelo golf e pelo box e perfeitamente comum a todos os leitores de jornais na Gran-Bretanha. Neles ha tambem colaboração teatral e musical; e, como já acima dissemos, sobre literatura a critica é completa e cuidada. Ha sempre a tendencia para distinguir entre o jornalismo considerado como tal e a literatura.

E' certo, porém, que muito do que se escreve e se encontra nos artigos de fundo, e bem assim os artigos especiais e as criticas literarias da imprensa ingleza muito poderiam ser colocados numa categoria alta demais e merecem muito mais do que um efémero estudo. Como specimens do jornalismo inglez poderá ler-se o «Sunday Observer» ou o «Sunday Times»—para citar dois periodicos semanais ainda não mencionados.

Ha efectivamente para cima de 3:000 jornais que se publicam nas ilhas britanicas com exclusão das inumeraveis revistas e jornais tecnicos. Ha uma forte e importante imprensa na provincia, e os nomes de «Manchester Guardian», do «Yorkshire Port», do «Scotsman», do «Glasgow Herald», do «Sheffield Telegraph» e do «Birmingham Post» acodem-me neste momento á memoria. O «Manchester Guardian»—o grande e influente diario liberal do norte—tem uma influencia excepcional nas esferas politicas e literarias. E' propriedade do seu editor C. P. Scott, uma figura eminentemente notavel e ilustre do jornalismo britanico, e que é ao mesmo tempo um idealista e um fino homem de negocio. Todos respeitam o «Manchester Guardian» mesmo os seus maiores adversarios politicos.

Se o espaço o permitisse muito se poderia escrever das revistas semanais politicas e literarias, tais como o «Spectator», conservador, o «New Statesman», socialista, e a «Nation» radical, bem como a respeito das publicações mensais e trimestrais. O «Punch» é inquestionavelmente uma instituição nacional. Tem uma maneira privativa, um belo temperamento humoristico, um habil e incisivo espirito, um fino sarcasmo e um equilibrado talento de tratar os assuntos. Os seus versos e as suas gravuras, ou melhor as suas caricaturas, lindamente desenhadas e nunca favorecendo o vicio nem os maus instintos, contribuem certamente para tornar agradaveis e salutares as controversias politicas britanicas. O «Punch» está em perfeito contraste com as acerbas e feias produções que em tantos outros paizes passam por serem jornais humoristicos.

Pelo seu asseio na apresentação das noticias, pelo seu judicioso conjunto de qualidades literarias e de clareza, pela consciencia das suas responsabilidades, pela sua influencia como veiculo da opinião nacional, e acima de tudo pela sua inatacavel independencia, a imprensa da Gran-Bretanha, tomada em globo, deve ser considerada como um bem nacional cujo valor não é por certo facil de chegar a apreciar devidamente.

CRONICA SCIENTIFICA

Automatismo novo

Todos sabem o que quer dizer um automato. Pelo menos, e infelizmente, não ha hoje ninguem que ignore o que seja uma pistola automatica. Tornaram-se tão frequentes os tiroteios! E' tão belicoso ainda o mundo que o mundo inteiro atravessa! Mas, se todos falam em automatismo, poucas pessoas saberão, todavia, atribuir ao termo a sua verdadeira significação, que ele proprio, descontente com ela, parece querer evitar, especializando-se, restringindo-se, tomando acepções novas e diversas segundo o ramo de actividade a que se aplica.

Nem só nós somos teimosos: não-no tambem as palavras—expressão do nosso irrequieto espirito. Quantas e quantas significam hoje o contrario de aquilo para que avoengos nossos, gregos e romanos, arabes e provençais, as inventaram!

«Automaton», segundo os dois elementos helenicos que entram na composição da palavra, deveria significar «o que por si proprio se move»; mas então teriamos que só os animais o são, se é que nestes não vem tambem de fora o sopro de vida que os anima, e que, ao abandoná-los, os deixa tão inertes como uma pistola automatica sem heroi ou revolucionario prestes a impulsionar-lhe o gatilho... Automatismo, sim, seria o ideal—motu continuo para os seres sem vida, vida eterna para os mortais... Mas, em verdade, a ideia é mais modesta, mesmo muito mais, do que o seu pomposo nome.

Em mecanica, o «automato» é o engenho que em si proprio contem o principio do seu movimento, com tanto que esta potencia entre como elemento na construção da maquina. Em fisica medica, chamam-se «automativos» todos os movimentos que, como a respiração, a circulação, as contracções gastricas, os movimentos peristalticos do intestino, se executam sem intervenção da nossa vontade. Em filosofia antiga, ao contrario, era esta mesma vontade que se denominava «faculdade automatical» E o vulgo, esse, contenta-se sempre em chamar automato, como sinonimo de androide, qualquer boneco imitador da forma humana e provido de molas que lhe permitissem arremedar os nossos movimentos, a exemplo do celebre tocador de flauta, cujo autor, Vaucanson, fez as delicias da França palaciana, pelos meados do seculo XVIII. Esse não se limitou a construir bonecos humanos; deu-se tambem á graça de reproduzir, com pormenores de tecnica, os mais curiosos representantes da fauna, e o seu «pato» articulado, tão fleumatico na marcha como expedito na natação, passou á historia das infantilidades graças as quais um certo seculo povoava os seus salões.

Hoje, inteiramente pratico, o homem vai buscar a energia dos elementos, ou para a deter no momento proprio, ou para a desdobrar, ou para a transformar ainda em energias novas e movimentos diversos.

O freio automatico dos funiculares é um caso interessante de detenção. Os dois veiculos executam normalmente os seus movimentos, seguindo um cabo os une. Quebrado este, é a falta do proprio peso dos carros a manter em tensão uma alavanca e que o cabo se prendia, que determina a retracção dessa alavanca e subsequente queda de um enorme peso, arrastando consigo o travão que detem o carro prestes a despenhar-se...

Nas pistolas automaticas ha um desdobramento na energia explosiva que faz partir a bala e recuar a arma. Antigamente era o atirador quem recebia na mão essa pancada poderosa. Hoje o seu poder aproveita-se, porque, recuando apenas uma parte movediça da pistola, esta lança fóra o projectil queimado e recebe ao mesmo tempo um outro novo, que uma simples mola vertical lhe envia, e que outra mola horisontal introduz no cano.

O motorista (chamemos assim ao «chauffeur») de D. Carlos lembrou-se de aproveitar uma outra força. E' a que as molas dos automoveis desenvolvem, ao chocarem-se nos desnivelamentos das estradas. Esse movimento vertical de abaixamento e elevação dos carros, a cada covo do caminho, foi transmitido a pequenas bombas que armazenam em recipientes proprios algumas atmosferas de ar comprimido. Este, por sua vez, quando posto em liberdade, através de uma canalisação, vai actuar nos freios, e trava o veiculo.

Todos conhecem os distribuidores automaticos de artigos varios—caixeiros mudos, sempre prontos a atenderem amavelmente o freguez. Em Portugal o seu emprego não é muito frequente, mas lá fóra, onde o cliente pela por vezes se apresenta em massa, quantos e quantos objectos são constantemente vendidos por esses comerciantes que não discutem, nem abatem preços! Ha estabelecimentos que não têm outra especie de balcão, e onde se acumulam duzias dessas apparelhos. Nada mais simples: é o peso ou a massa da propria moeda que se lança, a força motriz dessas maquinas. E, quanto a moeda, não tem o peso ou o volume requerido, o caixeiro não se mexe...

Na França e noutros paizes ha muito se tinha adoptado este sistema como meio mais expedito de vender bilhetes, e principalmente bilhetes de plataforma (traduzamos assim o francez «gare») nas estações de maior movimento. Mas surge agora um aperfeiçoamento maior: ha aparelhos que não só entregam, mas tambem fabricam, numeram e contam os bilhetes que antigamente os passageiros esperavam lhes fossem entregues na portinhola (perdoem-me os galicistas ou não dizer «guichet»...). Estas maquinas fazem ainda toda a escrita da estação e impedem absolutamente qualquer fraude.

A primeira rede que adoptou este sistema foi a do metropolitano, em Paris.

As maquinas são accionadas por um motor electrico, que trabalha enquanto se carrega numa manipulo, for decendo bilhetes da classe e destino pedidos antecipadamente por meio de um ponteiro num quadro distribuidor. Estes bilhetes são de colina maleavel que a maquina recebe em longas tiras suficientes para dois mil bilhetes, enroladas sob a forma de bobina. O aparelho desenrola-as, depois imprime-as, a seguir corta os bilhetes um a um, e entrega-os fazendo ao mesmo tempo a escrituração, tudo isto com a velocidade de cem bilhetes por minuto! Ha uma bobina para cada classe outra para a ida e volta, outra ainda para os meios bilhetes, correspondendo a cada uma côr diferente na cartolina, manipulo e dispositivos completamente separados no aparelho. Todo o engano é impossivel: a maquina pára quando mal comandada ou quando se quebre a tira do cartão. Faz lembrar nisto o celebre quadro de xadrez electrico, que o grande engenheiro Torres de Quevedo trouxe a Porto, no ultimo congresso. Não se entende com maus jogadores...

Mas tomemos o nosso bilhete «automatico», e sigamos no comboio. Um outro invento nos impressiona em varias linhas da França e de outros paizes: acabaram-se os guardas nas passagens de nivel, e, no entanto, ao passo do trem, todas as cancelas estão fechadas! E' o proprio comboio que as fecha e as volta a abrir logo que tem passado!

Como os leitores terão calculado já, só a electricidade podia operar este milagre, e é sobretudo nos caminhos de ferro electricos que ele se observa. Nas proximidades da passagem de nivel ha ao lado do cabo principal de energia, dois outros fios entre os quais a passagem do «troley» estabelece corrente. Esta vai actuar num motor electrico que simultaneamente baixa a barreira (trata-se de uma haste movel no sentido vertical em forma de um eixo horisontal), faz retinir uma campainha e acende sinais luminosos, manobras estas que combinadas impedem o avanço de veiculos e transeuntes, quer de noite quer de dia.

Passado o comboio, a corrente electrica deixa de actuar no motor, e a barreira sobe em virtude de um peso que tem na extremidade oposta á que se abaixou. E', pois, uma alavanca interfixa de movimentos automaticos...

E, se eu lhes contasse mais maravilhas de automatismo? Se lhes dissesse, por exemplo, que os faroes já não precisam de faroleiro, que é a luz do dia quem os apaga, e que as trevas da noite só por si os reacendem? Não acreditavam talvez... Por isso prefiro preparar a sua curiosidade e satisfazê-la apenas em proxima revista. Já Montaigne dizia: «O melhor livro é o que se não acaba.» E isto, sem ser um livro, tem todavia a pretensão de não fatigar o leitor.

CARLOS SANTOS.

ULTIMA HORA

Esquadra ingleza

Acompanhado pelo sr. ministro da Inglaterra, foi hoje apresentar os seus cumprimentos ao sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, o comandante da esquadra ingleza surta no Tejo.

O sr. capitão de fragata João Manuel de Carvalho tambem foi convidado pelo sr. ministro de Inglaterra a assistir a uma «soirée» que deve realisar-se num dos proximos dias na Legação de Inglaterra.

O sr. Lieutenant Comander G. S. L. Marx, B. V. H., M. S. Dalbi, comandante de um dos cruzadores inglezes, conferenciou hoje com o sr. governador civil sobre o policiamento que a sua policia de bordo irá fazer na cidade sobre os subditos do seu paiz.

Reunião da comissão da conferencia da Paz

Pelas 14 horas de hoje, reuniu no Ministerio dos Estrangeiros a comissão da conferencia da Paz, tendo se ocupado de assuntos relativos ás reparações alemãs e das providencias a adoptar respectivamente aos portadores de titulos de venda austriaca.

POEIRA DA ARCADA

O sr. Agatão Lança, conferenciou hoje com o sr. ministro da Marinha.

Proprietarios e construtores

Reuniram hoje mais uma vez os proprietarios e construtores de predios, para a apreciação duma representação a ser entregue ao sr. ministro das Finanças, pedindo a prorogação em mais 15 dias para pagamento da contribuição predial, urbana e sumptuaria.

Falaram os srs. Carvalho da Silva, Fernando Bacelar, João Carvalho e Carlos Pinheiro.

A questão das aguas

Uma comissão da U. S. O. procurou hoje o sr. governador civil com o qual conferenciou sobre o comicio que no proximo domingo a U. S. O promove sobre a questão das aguas.

As buscas domiciliarias

Apreensão de bombas

A policia efectuou mais uma busca num quintal da residencia de um socio do «Grupo dos 13», apreendendo ali 6 bombas de grande potencia.

Sabemos que novas buscas se irão efectuar.

As espingardas apreendidas vão ser distribuidas pelos soldados a que pertenciam e dali haviam sido retiradas.

Continua sendo procurado pela policia o sr. Vasco Fernandes, mas parece que se ausentou de Lisboa.

O sr. major Marceiros esteve no gabinete do sr. governador civil protestar contra a busca que lhe foi feita em casa.

Reclamações

Uma numerosa comissão delegada das associações de recreio procurou hoje o sr. governador civil, protestando contra a contribuição lançada pela Camara Municipal de Lisboa sobre aquelas sociedades, vendo-se obrigadas a encerrar as portas.

Instituição de credito agricola

Conferenciaram hoje com o sr. governador civil os srs. drs. Lago Cerqueira e José Bessa de Carvalho, sobre assuntos que se prendem com a instituição de credito agricola.

Explosão de bombas

Continuam presos, á ordem do P. S. E. Marcelino Ribeiro de Moura e Mario Henriques Fernandes, tomados como autores do lançamento de uma bomba que ha dias rebentou na rua do Loreto á passagem dum electrico.

Coronel Eduardo Augusto de Sá

Homenagem prestada pelo Gremio Tolerancia-Luso Escossês

Comemorando o passamento do seu presidente honorario e socio efectivo, coronel Eduardo Augusto de Sá, reuniu em sessão solene, na quarta feira ultima, o Gremio Tolerancia Luso Escossês, assistindo grande numero de associados, bem como as senhoras da familia do extinto, altos corpos directivos e representantes de outros gremios.

Feito o elogio funebre por um dos associados que num rasgado e sentimental discurso poz em relevo as virtudes civicas e profissionais do venerando ancião, usaram da palavra varios oradores que proferiram brilhantes discursos pondo em destaque todo o merecimento da obra humanitaria de Eduardo de Sá e a perda irreparavel que a sua morte representa para a colectividade e principalmente para o Asilo de S. João de que foi desvelado protector.

A solenidade, que foi revestida da maxima sumptuosidade, impressionou vivamente todos os assistentes alguns dos quais, embora antigos associados, confessaram não terem presenciado, em sessões desta natureza, a grandiosidade e o sentimento de que esta foi acompanhada.

FESTIVAL WAGNERIANO

Realisa-se, amanhã, ás 14 horas, na parada do Quartel do Carmo, um interessante festival artistico, com peças escolhidas de Wagner, pela banda do comando geral da G. N. R. sob a regencia do maestro Fernandes Fão. Os amadores de boa musica não devem faltar a este concerto de arte.

PELO TELEGRAFO

A proxima conferencia de Genova

Os comentarios da imprensa ingleza

LONDRES, 27.—Nos comentarios que a imprensa ingleza dedica á proxima conferencia de Genova fazse referencia á importancia que terá a participação nessa conferencia das potencias mais novas da Europa central, as quais se julga que contribuirão com planos de utilidade.

Os jornais referem-se, por exemplo, á politica economica que será seguida pelo Chefe do Governo da Tcheko-Slovaquia, em face das dificuldades sem precedentes resultantes das condições em que a Europa se encontrou depois da guerra; é feita referencia tambem ao apelo urgente da Austria para a solução imediata dum emprestimo de dois e meio milhões de libras esterlinas, pedido este que, segundo consta, tem sido pessoalmente examinado pelo sr. Lloyd George e por sir Robert Horne, chanceler do tesouro.

Diz o «Evening Standard» que ha neste pedido duas questões principais a examinar; a primeira é se a Grã Bretanha deve resolver o assunto por si só, ou se deve pedir a cooperação dos aliados; a segunda diz respeito ás garantias.

Diz-se que em vista de toda a circulação na Austria representar hoje sómente acerca de quatro milhões esterlinos, esse emprestimo, nas condições em que é pedido, deve ter um efeito relativamente benefico, caso se realise. O «Evening Standard» declara que o emprestimo será concedido como sendo, paramente, um adiantamento feito pela Inglaterra. Em tal caso o governo britanico esperaria que lhe fosse dada uma garantia em como esses dois e meio milhões esterlinos seriam unicamente utilisados em financear o comercio e em consolidar o cambio austriaco.

A «Westminster Gazette» tambem julga que ha a ideia que esse emprestimo seja sómente feito pela Grã Bretanha.

Acrescenta este jornal que embora houvesse conveniencia em que o emprestimo em questão fosse realisado em conjunto pelos aliados, receia-se, nos circulos bem informados, que essa ação conjunta não possa ter a rapidez que as más condições da Austria exige.

No entanto, não ha por emquanto nenhuma informação oficial sobre a solução deste problema.—(R).

A Alemanha perante a França

O discurso de Wirth no «Reichstag»

BERLIM, 27.—O chanceler Wirth acaba de apresentar ao «Reichstag» as declarações que eram tão anciosamente aguardadas, mas o efeito do seu discurso na audiencia não teve grande exito.

O compromisso relativo ao programa dos impostos, do qual depende a continuação do gabinete de Wirth, foi efectuado no ultimo momento, baseado num emprestimo forçado dum bilião de marcos ouro, livres de qualquer imposto nos primeiros tres anos. Esta solução foi aceite por todos os partidos, excepto pelos socialistas independentes e pelos nacionalistas.

O chanceler pouco atacou o gabinete do sr. Poincaré, na esperança que a França ainda venha a auxiliar a sua politica. O seu discurso visou em especial a agradar a todos os partidos, afim de que eles auxiliem o seu gabinete, o que é uma tarefa dificil em visto do facto de uma parte apoiar a maioria socialista e a outra parte o partido do povo, o qual teoricamente luta pela restauração da monarquia.

Toda a assembléa aprovou a parte do seu discurso que se referia a «não ser possivel nem viavel qualquer governo que aceite o pedido da Entente para a entrega dos criminosos de guerra».

A impressão, em geral, é que o gabinete de Wirth se manterá até á conferencia de Genova.—(R).

TEATRO

Figuras de teatro

AS IRMÃS CORIOS

Teve Lisboa primeiramente ensejo de as admirar na companhia Esperanza Iris. Depois o lindo sol de Portugal atraiu-as de novo e ha algumas semanas que no pequeno palco de um dos nossos clubs mais elegantes, elas nos fazem a graça de nos deixar admirar a sua beleza de mulheres e a sua privelegiada alma de artistas.

Não são as Corios umas bailarinas indiferentes como tantas que teem desfilado nos nossos palcos. Bailarinas de raça, amando a sua arte com devoção, elas deixam em quem as vê uma impressão duradoura e que nos consola da banalidade de todos os dias.

Errantes como as aves migradoras vêlas-hemos partir em breve em damanda das terras de França e de Hespanha, onde as aguardam sinceras admirações. Que tornem breve é o que desejam os numerosos amigos e admiradores que souberam grangear em Lisboa.

Nota do dia

Ao respeitavel publico

Entre as muitas e variadas gralhas que a minha caligrafia e a ortografia de outras pessoas ontem originaram e com as quais gentilmente foram mimoseados os nossos queridos leitores, algumas ha que não podem dêixar de ser vostas a claro.

Assim eu chamei creadores e não «creados» aos srs. Felix Bermudes, Esnesto Rodrigues e João Bastos, embora êles, amavelmente quando me escrevem, ou quando me encontram digam sempre, «creados muito obrigados».

Ainda outra gralha me parece grave: Dizer que estavam lá «boas alunas», quando eu queria dizer apenas «boas almas» almas generosas, tambem não é assim, das mais catolicas transposições...

Emfim, os leitores que desculpem e que perdôem se ontem, o meu pensamento gralhado e as minhas palavras gralhadas, o impressionaram.

O que vale é que tudo passa.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

Entra depois de amanhã em ensaio no Politeama a «Casaca encarnada» do sr. Vitoriano Braga.

—O nosso camarada que assina «O homem que passa», fez para «Ilustração Portuguesa» uma entrevista de semana com Augusto Pina, em que este homem de teatro faz afirmações sensacionais acerca das passadas e da futura gerencia do Nacional.

Aguardamos tais revelações.

—Vai ser entregue no Politeama o «lever-de-rideau» «Idilio das mãos», cujo tema e cuja acção são absolutamente ineditos quer na literatura nacional quer na estrangeira. O seu autor guarda por enquanto o mais rigoroso anonimato.

—Damos em primeira mão a noticia de que o Nacional vai baixar consideravelmente de preços. E' possivel que outros teatros lhe sigam o exemplo.

—E, no proximo domingo, 29, que no teatro dos Anjos reaparece a Companhia infantil que representa a engraçada opereta em verso, de tipos populares «A saluda». Representa-se mais a opereta «Momentos de amor» e dois actos de «variedades». Completam o espectaculo fitas de gargalhada.

AGENDA DA SEMANA

HOJE — Primeira representação em quinta recita de assinatura no Teatro Politeama da comedia «A 8.ª mulher do Barba Azul».

—Beneficio das coristas do Teatro Apolo.

AMANHÃ — Terceira representação em S. Carlos da opereta «Aida».

—Primeira representação no Eden-Teatro da celebre revista «O 31».

—Estreia no Salão Foz do quadro novo «Amostras sem valor» na revista Bichinha Gata.

—Primeira festa artistica da atriz cantora Maria de Lourdes Cabral do Teatro Apolo.

A Provincia na "Capital,,

CASTELO BRANCO, 25.—Por este circulo são candidatos a deputados os srs. drs. Abilio Marçal e Matos Rosa, democraticos; drs. Bernardo de Matos, João Antonio Silveira e Sarmento Osorio, respetivamente liberal, reconstituinte e monarquico.

Para senadores estão propostos os srs. drs. Francisco Antonio de Paula e José Nepomuceno Braz, democraticos; Tomaz de Vilhena e Manuel Martins Cardoso, monarquico e liberal. Em face da força eleitoral dos partidos, o P. R. P. como o mais bem organisado deve ganhar as maiorias. Os monarquicos e sidonistas estão preparando enormes chapeladas.

—Continua chovendo com bastante abundancia, motivo porque os lavradores estão muito satisfeitos, sendo provavel que a produção do presente ano agricola seja muito superior á do 1921, principalmente em cereais, vinho e azeite.—(C.)

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

CARTAS A... VOCE

Fugi de Lisboa amigo, vim procurar um pouco de descanço para os nervos que rugiam e bramiam como feras indomaveis tentando evadir-se da jaula. Vim procurar silencio, queria um silencio profundo e pesado que me envolvesse como uma mortalha e não me deixasse pensar.

Hoje com os nervos mais tranquilos e quebrados, ao som regular e monotono da chuva, venho, conversar consigo.

Obtive o meu desejo. Um grande silencio cheio de paz e socego paira sobre mim, mas os meus nervos tranquilos e quebrados já não o exigem pesado e profundo, entretendo-se e escuta-lo.

E' tão bom escutar o silencio; ao principio parece que tudo morreu, sinto-me completamente isolada, depois, lentas, erguem-se umas apoz outras, vozes, muitas vozes.

Vozes longiquas, tão longiquas que não passam de vagos murmurios e me falam de coisas que não chegaram a existir; vozes dos meu mortos que me vêem assegurar que não morreram, que existem ainda em mim; depois, alacremente, em trapel, chegam vozes ruidosas, alegres, sufocando outras que procuram fazer-se ouvir, plangentes e lastimosas e a minha alma, já não isolada, escuta atenta toda essa multidão que tumultua no silencio e sorri satisfeita e contente.

Como tenue fio de oiro, iluminando o silencio, perpassa constante a sua voz, amigo; pausada e lenta, trazendo sorrisos, por vezes carregada de melancolia; outras, nunca pronunciando palavras de ternura e deixando, no entanto, atraz de si uma grande impressão de carinhosa paz, ela alegra-me o coração, tranquilisa-me o espirito, embala-me a alma e com a serenidade segura de quem se sabe nos seus dominios, afasta brandamente todas as intrusas e a minha alma que continua escutando atenta, o silencio, sorri feliz, ouvindo-a a ela, só a ela e nunca o silencio foi menos isolamento e silencio para

TANAGRETTE

FRIOLEIRAS

Bandeiras novas

A guerra europeia transformou a geografia de tal forma que á não ser os meninos que a aprendam daqui a uns quinze anos, ninguem a sabe e eu só lamento o tempo que perdi a estuda-la, para agora andar sempre as cegas sobre um mapa. Os estados independentes surgem todos os dias e todos os dias vemos novas bandeiras aparecer e tremular por quanto tempo? Ninguem sabe mas emquanto duram observêmo-las, ha algumas interessantes.

Uma das mais curiosas é a nova bandeira da Polonia. Consiste de riscas horizontais brancas e vermelhas, com um escudo vermelho encimado por a aguia branca da Polonia o que apresenta o paradoxo da bandeira de uma Republica ter ainda uma coroa.

A bandeira da Ukrania, azul e amarela pretende ser simbolica. A descrição oficial explica que a bandeira representa o ceu azul cobrindo os mais ricos trigais da Europa.

A da Theco-Slovaquia tem as côres da Bohemia, branco e encarnado com um triangulo de azul emblematico das montanhas azues dos Carpathos.

A da Lituania é vermelha e branca, descrevem oficialmente a côr vermelha, como a cor do sangue coagulado.

A NOSSA CASA

Este movel que lhes vou descrever é muito simples.

Sobre uma base de construção muito singela quatro pernas e uma tabua quadrada— levantam-se os lados que chegam ate meio da tabua encaixando-se na base.

A parte superior é feita duma caixa de pinho em feitio de armario, com duas partas pregadas aos lados a meia altura. O armario é recoberto de coiro escuro e ali, assim como nas tabuas laterais correm ligeiros motivos em estanho ou em couro repousoé. No intervalo que fica entre a tabua que serve de secretaria e o armario colocam-se livros ou quaisquer objectos de escritorio.

CONSELHO PRATICO

Cadeiras de lona

As cadeiras de lona estragam-se muito, em geral, nos sitios em que a fazenda está em contacto com a madeira porque, depois dalgum tempo, corta-se. Para evitar isto, envolve-se a madeira num bocado de feltro ou de tapete velho, de forma a que a lona se apoie sobre uma substancia macia.

TRABALHOS FEMININOS

Um ornamento para o toucador

Arranja-se uma boneca bonita e pequena, faz-se um saquinho do tamanho proporcionado á cabeça onde se metem as pernas da boneca, enchendo-o de alfazema e folhas de rosa, franze-se na cintura tapando o franzido com um cinto que acaba num grande laço. O saco pode ser todo enfeitado com folhas a simular uma saia. E' um «sachet» gracioso e invulgar.

CONSELHOS DUMA ENFERMEIRA...

para persuadir as crianças a deixarem-se tratar

E' preciso evitar a todo o custo que a criança tenha medo do medico e nunca é bom ameaça-la, como castigo, com a sua vinda.

Pelo contrario, o medico déve ser considerado como uma especie de anjo tutelar ou genio bom do qual basta a presença e o olhar para curar.

Fazendo-se isto evita-se muita lagrima á criança e muita massada ao medico, pois, por vezes, o receio infundado do doentinho dá grandes atrazos inuteis.

Por exemplo, mostrar a gargania é uma operação perfeitamente inofensiva mas quantas vezes a criança movida pelo medo, chora e grita para o fazer. Ora isso não aconteceria se se tomasse a precaução de incutir no seu espirito a fé na bondade, no poder e na amizade do medico.

HIGIENE DA BELESA

Contra as sardas

Molha-se um bocado de algodão em agua oxygenada forte e aplica-se sobre as sardas deixando-se ficar ali durante cinco minutos.

Para fazer passar a irritação que esse contacto causa põe-se no sitio um pouco de vaselina pura.

ARTE DE COSINHA

Uma bebida que se emprega bastante em Inglaterra nas soirées, para substituir os vinhos é a seguinte:

Dissolve-se uma duzia de quadrados de assucar para cada garrafa de sifão. Junta-se-lhe duas laranjas, dois limões, um meio ananaz, cortado aos bocados e dois copos de vinho de Bordeus.

Mexe-se muito bem e, quem gostar pode encher de bocados de gelo tres quartas partes da tigela onde se prepara a bebida.

No momento de servir juntam-se quatro garrafas de bom vinho de Bordeus tinto e uma garrafa de champagne. Mistura-se tudo muito bem e juntam-se-lhe 250 gramas de cerejas frescas ou de compota conforme a estação. Serve-se em taças.

Estas proporções convem para 25 pessoas.

Cantigas

Tu chamas-me tua vida,
Tua alma quero eu ser,
Que a vida morre com o corpo
E a alma eterna ha-de ser!

(Popular)

Portugal velho mendigo
Encostado ao seu bordão
Pediu-me uma esmola
Dei-lhe o meu coração.

(Popular)

Que grande sensaboria
E' vêr mundo e conhecê-lo
Que grande graça seria
O que se cala dizê-lo

(D. Francisco de Portugal)

POLITICA INTERNACIONAL

As ideias de Poincaré

A favor da diplomacia tradicional, contra os conselhos supremos.—A conferencia de Genova e a fraqueza da Alemanha e a Russia

Desde que Poincaré abandonou a presidencia da Republica—dois anos a completar no proximo mez de fevereiro — a sua actividade politica multiplicou-se. Dir-se-ia que o Eliseu fôra uma prisão para este espirito combativo, que anciava pela liberdade para manifestar opiniões, tanto tempo comprimidas. Viu-se então que ele não concordava com o tratado de Versailles, no capitulo garantias; e tinha razão. Mas viu-se tambem que ele não concordava com muito do que se fizera depois, e se estava fazendo á data da sua chamada ao governo.

Em primeiro logar — os Conselhos Supremos, o que eram? Assembléas diplomaticas. Os chefes dos governos das principais nações, absorvendo todos os poderes, talhavam e retalhavam definitivamente a sorte das nações. Dir-se-ha que, com os diplomatas, o caso era o mesmo, porque eles não poderiam tomar qualquer deliberação, assinar qualquer tratado, sem a aprovação dos seus chefes—o ministro dos Estrangeiros, o primeiro ministro, ou o chefe do Estado. Eram intermediarios, mas intermediarios uteis. As questões, ás vezes, prolongavam-se de mais, é certo; mas eram maduramente estudadas.

No novo sistema—o dos Conselhos Supremos—a sua curta duração obrigava muitas vezes a soluções improvisadas, e perigosas. Disse-se que esses Conselhos eram muitas vezes incapazes de fazer obra boa; mas eralhes muito facil fazer obra má. Tem se visto pelos sucessivos rombos e emendas que tem sido obrigados a fazer a deliberações por eles mesmo tomadas.

Poincaré acha uteis conversas frequentes entre os ministros das nações aliadas. Logo de entrada conferenciou com Lloyd George; pouco depois com lord Curzon, acerca do tratado de Angora. Mas não quer a «diplomacia de cinema», segundo uma significativa frase sua, num artigo publicado no principio deste mez na «Revue des Deux Mondes».

Estamos tambem entendidos quanto á sua maneira de pensar relativamente á conferencia de Genova—com a Alemanha e a Russia. Num recente artigo, o sr. Poincaré escrevia: «Que pode ganhar a França nesta manifestação «tapageuse»? Nada. Que pode perder? Tudo. O que poderia perder a Alemanha? Nada.

O que tem a ganhar? Tudo.» Mas agora o sr. Poincaré é chefe do governo, e encontra-se ligado pelos compromissos do seu antecessor. Será mesmo o unico artigo da herança do sr. Briand que o sr. Poincaré engeitará, ou antes aceitará de má vontade, porque a continuidade governamental exige que ele respeite os compromissos do seu antecessor.

Receia o sr. Poincaré que, acudindo á Conferencia de Genova, a Alemanha pretende pôr de novo em discussão o tratado de Versailles. Ora a revisão deste tratado, tantas vezes alterado em detrimento da França, não o pode aceitar o governo de Paris, tão claramente se manifestou a opinião. Pois não foi o sr. Briand a terra (ele é que se derrubou) só porque injustas desconfianças o atingiram? O sr. Lloyd George tem, ultimamente, repetido que a França tem toda a razão em exigir as reparações e em procurar garantias para a sua segurança. Isto deveria tranquilisar os franceses se eles não estivessem habituados á inconstancia do primeiro ministro inglez.

Pelo que respeita á Russia, a sua admissão á Conferencia de Genova tambem se presta a muitos equivocos.

O que vai ela lá fazer? Evidentemente, o que ela procura é entrar na sociedade das nações, quebrar o isolamento em que tem vivido, para obter o seu reconhecimento oficial, vantagens financeiras e economicas, e exercer a sua propaganda. Bem sabemos que a resolução adoptada em Cannes no dia 6 de Janeiro—logo ao principiar o Conselho Supremo—termina por estas palavras: «Se, com o fim de assegurar as condições necessarias para o desenvolvimento do comercio na Russia, o governo dos soviets reclamasse o seu reconhecimento oficial, as potencias aliadas não poderiam conceder esse reconhecimento senão quando o governo russo aceitasse as estipulações que precedem».

Estas estipulações abrangem seis artigos, alguns dos quais principalmente visam a Russia, como seja o não consentir fazer emprestimos sem ter a certeza de que os bens e direitos serão respeitados pelos governos que o solicitem (art. 2.º); obrigação de reconhecer todas as dividas e obrigações publicas que «foram» ou serão contraidas pelo Estado, municipios e outros organismos (art. 3.º); compromisso de se abster de toda a propaganda subversiva da ordem e do sistema politico estabelecidos em outro paizes (art. 5.º); compromisso de se absterem de toda a agressão em relação aos seus visinhos (art. 6.º).

Pergunta-se: tendo os bolchevistas russos resolvido aceitar o convite para Genova, quererá isso dizer que aderem a estes principios? Ou antes, irão lá para os discutir, reservando-se toda a liberdade de acção? E' de presumir esta hipotese, e assim a conferencia redundará em simples teatro de controversias, do que os aliados não tirarão grande proveito, e cujos inconvenientes são pelo contrario bem visiveis.

SPORT

NOTICIARIO

DELTA ATHLETIC CLUB

Realisase no proximo dia 4 de Fevereiro na séde do Lisboa-Club, Rua da Atalaia, 120, uma festa de homenagem ao Delta Athletic Club, na qual tomam parte distintos amadores e artistas. Um magnifico Quinteto Tzigano animará esta festa, que será seguida de baile.

CROSS CONTRY

O jornal «Os Sports» vai em breve enviar aos clubs o regulamento duma prova de cross-contry o que organisa.

ASSOCIAÇÃO DE FOOT-BALL

Corre que a A. F. L. vai demitir-se, em virtude, da ida a Madrid do team nacional.

O SPORT NO COLISEU

Confirma-se a noticia que fomos o primeiros a dar, que Angelo Mendonça vai trabalhar como profissional no Coliseu, juntamente com o professor Levy Jenochio. Os dois ginastas farão parte da troupe de voadores que está no Coliseu.

AUTOMOBILISMO

Vai ser levada a efeito a corrida da rampa da Pimenteira, de acordo com o Automovel Club de Portugal e o iornal «Os Sports».

O percurso é de 1506 metros.

A CAPITAL

Diario republicano da noite

3989

N.º 3988—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 28 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Novo gesto do sr. Presidente da Republica

Segundo noticiam os jornais da manhã, o venerando chefe do Estado enviará ao Congresso uma mensagem explicativa e, porventura, até justificativa, das atitudes ultimamente assumidas em frente dos textos expressos da Constituição. E, segundo essas mesmas noticias, depende do Parlamento que o sr. Antonio José de Almeida continue ou não á testa dos negocios do Estado.

Estas versões, transmitidas ao publico, necessitam ser confirmadas oficialmente, para que as acreditemos. Porque, se não estamos em erro interpretativo da letra e do espirito da lei fundamental, o sr. Presidente da Republica não tem o direito de se corresponder com o Parlamento, excepta na hipotese unica de lhe enviar a carta de renuncia, pura e simples.

Perante o Parlamento responde o governo. Usa-se, para isso, redigir um programa governativo, que o presidente do Ministerio lê ao Congresso e sobre o qual se pode estabelecer debate, terminando ou não por um voto de confiança ao ministerio. E que significa o voto de confiança? Isto: que os representantes da Nação absolvem o Poder Executivo de culpas passadas, se acaso as houver, convidando o Poder Executivo a prosseguir na governação da Republica.

Reunido o Congresso que será eleito amanhã, o sr. Cunha Leal, se ainda fôr chefe do governo, não deixará de historiar, perante o Parlamento, a marcha dos acontecimentos.

E' evidente que esse documento não será apenas da sua autoria e responsabilidade. O Chefe do Estado ha-de fazer inserir nele aqueles periodos que julgar indispensaveis para esclarecimento das suas atitudes, que podem ter sido erradas, como é natural em face da sua condição humana, mas que sempre foram sugeridas por uma consciencia pura e sómente impulsionada pelo bem da Nação, tal qual o viu, nos momentos dificeis e perigosos, a mente desinteressada do Chefe do Estado.

O Congresso pronunciar-se-ha sobre esse documento. E depois, o sr. Presidente da Republica adoptará a atitude que lhe for imposta pela vontade da Nação.

Se o Chefe do Estado reconhecer que não lhe falta o apoio da Nação, traduzido pelos seus representantes reunidos em Congresso, fica; se, pelo contrario, o Congresso não sancionar os actos irregulares praticados contra o espirito e a letra da Lei, o sr. Antonio José de Almeida renuncia.

Parece-nos que é este o unico ponto de vista insofismavelmente constitucional. Em contraposição, entendemos que mais uma vez se viola o pacto fundamental da Republica, se ao Congresso se for pedir, em mais ou menos habilidosos termos, um «bill» de indemnidade ás violações praticadas—por força das circunstancias, seja!...—contra a Constituição. Porque, ou se queira ou não se queira, ninguem será capaz de demonstrar que num regimen que não admite, nem mesmo por vaga hipotese, um acto dictatorial, se possa pedir ao Parlamento a votação duma lei absolvendo dum crime considerado como impossivel de existir.

Dir-se-ha que tudo isto são ficções. Não contestamos. Admitimos, pelo contrario, que os Estados modernos vivem sob ficções. E' sobre elas que assenta a civilisação. Não as reconhecer e não as respeitar, é caminhar regressivamente para a barbaria.

Eis as razões principais que nos levaram á convicção de que as noticias acerca da proxima renuncia do Chefe do Estado são simplesmente tendenciosas.

O orçamento brasileiro

Um deficit de 360 mil contos — O Presidente não consente na sua promulgação

RIO DE JANEIRO, 27. — As camaras votaram o orçamento para o ano de 1922. A despesa, segundo esse diploma, excede de 360 mil contos a receita prevista e, por isso, o Presidente da Republica poz-lhe o seu «veto» absoluto, não consentindo que ela fosse promulgada.—(Lat. Am).

AOS SABADOS

A Semana Literaria

Poesias e mais poesias — Os livros que dão que falar — Literatura teatral — Os novos nomes de mulheres na literatura de todo os dias — A arte é o prazer de escrever para crianças : : : : : : : : : : : : : : : : :

IRONIAS DE NAMORADOS, por *A. Marinha de Campos.* Ed. Rodrigues & C.ª, Lisboa.

Se o sr. Marinha de Campos não nos explicasse num curto prefacio qual a sua intenção, a sugestão despreocupada dos seus sonetos, não indicasse á critica que é um «poeta *blasé* a troçar duma poetisa sentimental», o livrinho ser-nos-hia intimamente antipatico, porque nos lembraria as mil parodias da «Ceia dos Cardeais», as dezenas de obras de fancaria que surgem nos rastos duma obra de talento e arte para colherem delas algumas migalhas de aplausos. Partilhar do sucesso do «Namorados», não nos parece o fim do poeta, e por isso aquele sobrancenho carregado com que acolhemos as «Ironias», desanuviou-se um pouco. Certo que tambem desprezo os que não tendo ideias vivem como os parasitas a sugar, a aplaudir, a criticar a obra dos outros, os impossiveis de criarem, de inventarem, de terem originalidade; mas, neste caso do sr. Marinha de Campos ainda esta coesão com a obra de Virginia Vitorino era necessaria para o que o «poeta *blasé*» tinha em vista, «tratar ironicamente e com criterio de homem endurecido os temas interpretados a serio e com sentimento feminil pela ilustre artista dos *Namorados*». E então, estabelecida esta directriz, os sonetos seguem par a par os da poetisa, respondendo-lhe a um «Quando te vi» com um «Quando me viste», aqui uma «blague», ali uma «ironia», as vezes espirito e até mesmo versos regulares.

Vê tu que falta de memoria tenho.
Esqueço-me de tudo. E, caso extranho,
Até me esqueço de esquecer de ti!...

Na maioria, porém, o verso é como o autor diz «malhado em ferro frio», dificel de ler, desharmoniosos, vivendo apenas pelo espirito que pretendem encerrar. E' um livro inofensivo. Virginia Vitorino deve ter sorrido. Nós não bocejámos. E' já alguma coisa.

NOITE DE SANTO ANTONIO por *Vasco de Mendonça Alves.* Ed. Portugal Brazil L.da, Lisboa.

Os livros de teatro são tão raros! O nosso teatro é tão pouco! Vasco de Mendonça Alves é dos modernos um dos que mais tem triunfado. Não é um novo; já teve a sua consagração. Os «Filhos» não esquecem. A «Conspiradora» recorda-se com saudade. Os «Sedutores» eram ainda uma obra a impôr-se. A «Noite de Santo Antonio» passou no Republica; não foi um grande sucesso, mas teve o valor do seu proprio valor.

E agora vinda a livro, saboreada na forma literaria, reconhecem-se nela as qualidades do literato equiparadas ás do dramaturgo. O acto passado numa «Taberna», tendo por fundo a «Noite de Santo Antonio» é dum colorido e detalhe que honram um escritor. Deviam os editores ser mais prodigos em arquivar em livro as melhores peças do teatro contemporaneo, ou aqueles que, mesmo sem conseguirem triunfo de palco, sejam literariamente perfeitas afim de que esses valores não se fecham para sempre na historia da nossa dramaturgia.

Se alguma coisa ha a notar na presente edição é a abundancia de correcções, gralhas tipograficas que enxameiam a edição. E' uma pena porque por vezes chegam a dificultar a percepção da explendida prosa de Vasco Mendonça Alves.

CANTIGAS E MAIS CANTIGAS por *Vicente Arnoso.* Ed. *Lumem,* Lisboa.

O poeta do livrinho «Cantigas... le-va-as o vento» que se exgota em edições varias, o poeta evocativo de «Coimbra Terra de Amores», tem no seu novo livro «Cantigas e mais cantigas» a continuação da sua obra consagrada.

Poeta por temperamento, por raça por sangue, Vicente Arnoso é dos modernos um dos que melhor aprende esta sensibilidade delicada de saber inspirar uma quadra. Com «Augusto Gil», o mestre delicioso da trova popular. Vicente Arnoso continua a tradição dos nossos cantadores. As suas cantigas são liricas, populares, apaixonadas, semi-ironicas, repassadas de sentimento e até vibrantes no seu conceito patriotico como essa simples quadra de abertura:

Não te afundes Portugal:
Não te afundes, toma tento
Não morre na terra quem
Zombou do mar e do vento.

Nada mais, ao saudar Vicente Arnozo, posso fazer do que transcrever algumas das suas belas trovas. Elas valem pelo que encerram na sua melodica simplicidade e na sua toada cantante. A eito:

Podes olhar para mim
Olha bem não tenhas medo.
Os olhos não dizem mais
Do que eu te disse em segredo.

Cavador porque não lês?
—Leio na terra e no ceu—
Quem assim lê, lê melhor
Lê bem melhor do que eu.

Pedi a Deus que me desse
Alguma coisa do ceu;
Quem sabe se foste tu
Aquilo que Deus me deu.

E quem quizer mais que compre o livro.

A LENDA DA PRAIA DO GUINCHO, *por Bertha Leite, Ed. autora. Lisboa*

A' quantidade de mulheres que hoje escrevem não haverá dentro em pouco uma que seja a verdadeira «menagére». Adeus virtudes femininas, adeus lares risonhos, adeus mulheres—mulheres que viestes dar lugar á falange de poetisas, escritoras, jornalistas.

E' raro o dia que não desponta um novo nome de mulher a enfileirar nas hostes dos galerianos da pena.

Berta Leite, desconhecida promessa surge a encimar um pequeno folheto, a «Lenda da praia do Guincho», onde não ha um grito, uma nota aguda de sensibilidade, mas um «guincho», um guincho de criança.

A sua curta novela, sob a forma de lenda, ou lenda estirada em novela tem a aparencia dum estudo literario para um concurso de portuguez nos liceus. E' singelo e ingenuo; ainda incerta, vacilante a prosa, marcando esta frase com tendencias espirituais «Novos, debeis de saude, porque a força a demos toda aos nossos ideais de artistas e de poetas», na dedicacia do pequeno opusculo.

A «Lenda da Praia do Guincho» como obra de valor literario não passa duma lenda. Fica porem como estudo, esboço indicação dum nome que mais tarde ha-de aparecer na reincidencia.

E oxalá que não seja já tão «debil de saude».

ESPERTEZA DE SACRISTÃO por *Ana de Castro Osorio.* Ed. autora.

Da coleção de contos tradicionaes portugueses iniciada pela «Princeza Maria», publicou agora Ana de Castro Osorio um novo fasciculo «Esperteza de Sacristão». Escrita para os olhos da pequenada por Leal da Camara no seu traço forte, cheio de gestos e atitudes de sonho para as crianças, é mais um volumesinho que devemos abençoar. Quem trabalha para a gente miuda, quem constroe assim horas de inefavel bem estar, utopia, meditação, deslumbra a fantasia dos pequeninos, pratica sempre uma obra benefica e salutar.

Escrever para as crianças deve ser tão grato como plantas roseiras...

Eu nunca fiz uma coisa nem outra. Tenho pena.

ARMANDO FERREIRA

REGISTO DE ENTRADAS

«Lusa Epopeia», Quirino Jesus.
«Fóra de Portas», F. Emidio Silva.
«Infanta», Manuel de Figueiredo.
«Olhos cinzentos», João Ameal.
«Miragens torvas», Adelaide Felix.
«Fernão de Magalhães», Antonio Ferrão

Antiqualhas historicas

Na proxima quarta-feira, 1, o erudito professor Ladislau Batalha, principia a publicar na nossa secção um estudo do que era a sahida da Tumba da Misericordia no seculo XVI em Lisboa.

Uma acusação grave

BERLIM, 28.—A «Humanité» demonstra que Poincaré foi o causador de muitas falsificações feitas no livro amarelo a paginas 14 a 101.

As discussões entre os embaixadores lord Curzon e Saint Aulaire deixam ver a diferença de opiniões existentes entre o governo francez e o «Foreing Office» no que diz respeito a garantia dos tratados.—(Lat. Am.)

O Extremo Oriente

Um acordo entre a França e a China

PARIS, 28.—A Camara aprovou o projecto de lei que autorisa o governo a negociar um acordo com a China e fazendo depender as anuidades devidas á França da conclusão de uma operação de credito tendo por objecto a salvaguarda dos interesses morais e materiais da França no Extremo-Oriente. Trata-se da reconstituição do Banco Industrial da China.—(H).

O problema das aguas

Foi autorisado o aumento do preço da agua

O «O Diario do Governo» de hoje publicou o decreto que segue autorisando a Companhia das Aguas a elevar o preço da agua:

«Atendendo ao que representou ao Governo a Companhia das Aguas de Lisboa sobre a urgencia da adopção imediata de providencias que embora transitorias se incompletamente, por agora, possam atenuar a crise do abastecimento de agua á Capital no proximo verão:

atendendo as razões de ordem financeira expostas pela Companhia nas suas representações de 6 de Julho de 1921 e 9 de janeiro corrente, demonstrando ter o agravamento persistente dos cambios determinado um sensivel acrescimo no preço da elevação da agua nos seus maquinismos dos Amoreiras e Barbadinhos, que de 54 contos, em 1914, passou a 1.100 contos no ultimo ano;

atendendo, por outro lado, ás reclamações feitas ao Governo pelo pessoal operario e não operario da Companhia, ao serviço interno e externo, a fim de que ele intervenha e habilite a Companhia com as legais autorizações necessarias para, pelo aumento das suas receitas, poder imediatamente reforçar as subvenções já concedidas, como o exige o aumento do custo da vida.

considerando que o aumento de 50 o/o no preço da agua nao onera as classes indigentes nem quaisquer outros habitantes que prescindam da regalia de tê-la no seu domicilio; e constitue um encargo minimo para a grande maioria dos consumidores que não gastam mais de um metro cubico por mez;

ouvida a consulta unanimemente favoravel da comissão nomeada por portaria de 17 de agosto de 1920 e que elaborou as bases, já aprovadas pela Camara Municipal de Lisboa, para o novo contrato;

ouvido o parecer igualmente favoravel do comissario do governo junto da mesma Companhia e dos representantes do governo e da Camara Municipal de Lisboa no seu conselho fiscal, quer sobre a representação supramencionada de 6 de julho de 1921, que teve favoravel parecer da Procuradoria Geral da Republica, quer sobre a representação de 9 de janeiro corrente, determinada pelas instantes e recentes reclamações do pessoal;

Usando da faculdade conferida e até imposta como obrigação ao Governo na primeira parte da condição 23.ª do contrato aprovado pela carta de lei de 2 de julho de 1867 para que providencie, por sua propria autoridade, a fim de evitar-se interrupção, ainda mesmo parcial, no fornecimento de agua que poderia resultar tanto do adiamento indifinido das providencias urgentes que a referida comissão oficial propoz, como da anormalidade dos respectivos serviços quando desatendidas, por falta de receitas, as reclamações do pessoal no que tenham de legitimo e inadiavel para que bem desempenhem as suas funções,

hei por bem, sob proposta do ministro do Comercio e Cumunicações, ouvido o Conselho de Ministros, decretar o seguinte:

Artigo 1.º—O preço da agua para consumo publico fornecida pela Companhia das Aguas de Lisboa, a partir de 1 de fevereiro será de sessenta centavos por metro cubico.

§ 1.º—São mantidos os preços estabelecidos pelos contratos existentes para o fornecimento de agua ao Estado e Camara Municipal de Lisboa.

§ 2.º—Da receita proveniente do preço da agua fixado neste artigo, depois de sausfeitas as reclamações do pessoal a Companhia só poderá cobrar até á importancia necessaria para perfazer com as demais receitas liquidas o juro de 6 o/o do seu capital, revertendo o restante para o fundo especial destinado á futura diminuição do preço da agua.

Artigo 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

O ministro do Comercio e Comunicações assim o tenha entendido e faça executar.

Paços do Governo da Republica, 27 de Janeiro de 1922.

Como se vê venceu o bom senso. Já ontem referimos que a Companhia das Aguas é uma das mais portuguesas que existem entre nós, pois na relação dos seus accionistas não encontramos um unico nome ou firma estrangeira. Alem disso a Companhia das Aguas é sem contestação a preferida pela pequena economia pois que entre os portadores de acções com ou sem voto nas assembleias gerais ha com acções no valor de 1 a 3.000$00, 725 accionistas dos quais 280 com capital inferior a um conto; 89 possuem acções no valor de 3 a 5 contos; com 5 a 10 contos ha 65 accionistas; com 10 a 20 contos, 57; com 20 a 30 contos, 18; com 30 a 40, 7; com 40 a 60, 4; finalmente só existem 2 accionistas portadores de acções no valor de 60 a 93 contos.

A companhia das aguas existe ha cerca de cincoenta anos. Na maior parte dos exercicios não tem dado dividendo e só uma vez o capital empregado obteve a remuneração de cinco e meio por cento.

Seria interessante, a realisar-se o comicio que está anunciado para ámanhã, promovido pela União dos Sindicatos Operarios, que os oradores se não esquecessem das circunstancias que deixamos apontadas,—Mas esquecem-se, com certeza.

QUESTÕES DO DIA

Vamos escrever acerca da nomeação do novo provedor da Misericordia de Lisboa

Tres candidaturas: Matos Cid, João Pinto dos Santos e Trindade Coelho — A ultima é a mais provavel

O falecimento do sr. Pereira de Miranda que, durante mais de trinta anos, exerceu com notavel competencia, a missão dificil, de superintender nos negocios da Misericordia de Lisboa, abriu a vaga da Provedoria, que ainda não foi possivel prehencher. Não por falta de pretendentes, é claro. Mas simplesmente porque o governo quer colocar á frente daquela casa de caridade um homem que, não sendo politico militante, reuna condições suficientes para ser jubilosamente recebido pela opinião publica.

O lugar era exercido pelo sr. Pereira de Miranda, assistido de trez adjuntos. Um destes, supomos que o sr. Matos Cid, está agora desempenhando interinamente as funções de Provedor. Seria, realmente, uma boa medida administrativa nomear definitivamente Provedor da Misericordia o sr. Matos Cid, suprimir o lugar de adjunto que vagaria com a promoção, o que representaria uma apreciavel economia, e manter os dois outros adjutos nos seus lugares, visto que eles são mais que suficientes para o desempenho de funções pouco trabalhosas, mesmo porque estão praticamente pouco definidas nas leis e regulamentos. Ora esta solução está posta de parte, porque o sr. Matos Cid recusou a nomeação, alegando que o tempo lhe não sobra para atender a sua vasta clientela de advogado afamado, os negocios do seu partido politico, onde é considerado, a justo titulo, como marechal e cuidar ainda por cima dos problemas da Misericordia que, por serem pouco complexos, nem por isso deixam de ser numerosos e demandarem tempo bastante para serem criteriosamente resolvidos.

O governo pensou, então, no sr. João Pinto dos Santos, que já não é politico militante, aliás com pesar de muitissimos republicanos, que bem desejariam te-lo por correligionario e até por mentor. E nós dizemo-lo com tanto maior espirito da imparcialidade, quanto é certo que o sr. João Pinto dos Santos não deixa de estar em cheiro de santidade em qualquer das duas facções do pretendentismo monarquico.

Em todo o caso, ou o sr. João Pinto dos Santos seja republicano ou não seja, o facto é que a sua nomeação para Provedor da Misericordia de Lisboa seria excelentemente recebido pela opinião publica, porque é um homem honrado, porque é um estudioso e porque demonstrou, numa vida publica de brilhante historia, qualidades de sacrificio ao bem comum absolutamente invulgares.

Consta-nos que o sr. Cunha Leal empregou, junto do sr. João Pinto dos Santos, as mais frementes diligencias para que ele consentisse na nomeação de Provedor da Misericordia de Lisboa.

Infelizmente, a boa vontade do chefe do governo esbarrou contra o inabalavel proposito do sr. João Pinto dos Santos, que terminantemente declarou ver-se na impossibilidade de aceitar a honrosa missão, por falta de saude que lhe permitisse assiduidade no desempenho do cargo.

Pensou-se agora no sr. Trindade Coelho. Eis um outro nome que tem as simpatias gerais! Se bem que republicano o sr. Trindade Coelho é um espirito educado com bons principios de tolerancia e justiça. Daria, com certeza, um excelente Provedor da Mesiricordia. Não sabemos, todavia, se ele aceitou o convite que lhe foi feito,—conforme supomos que foi porque, na realidade, não obtivemos uma confirmação positiva á informação que nos foi dada.

Resumindo: quem será o novo Provedor da Mesiricordia de Lisboa?...

Eleições á porta...

Fala o sr. dr. Bernardo de Matos

Eram 14 horas quando encontramos no Chiado o antigo deputado liberal, sr. dr. Bernardo de Matos. S. Ex.ª conversava, animadamente, numa roda de amigos. Feitos os cumprimentos do estilo, esperámos pacientemente o fim da demorada palestra para perguntarmos ao antigo parlamentar:

—Que nos diz v. ex.ª ao atual momento politico?

O sr. dr. Bernardo de Matos sorriu-se e é com um sorriso cheio de bonomia que nos responde:

—Isto de politica, meu caro amigo, é uma coisa tão complexa que a gente tem, por vezes, dificuldade em analisar ou criticar o que, sob esse aspecto, se está passando.

«Eu tenho a impressão, minha opinião pessoal, já se vê, que os espiritos andam exaltados, e que esta atmosfera pesada que nos envolve é o prenuncio de acontecimentos de grande gravidade.

«No entanto e a respeito da situação politica, só lhe poderei dizer o que se passa a dentro do meu partido. Ha quem diga que as discordias e as dissidencias são cada vez maiores no partido liberal, e se acentuam de dia para dia. Não é verdade, asseguro-lhe, pois nunca o Partido Liberal esteve mais unido e numa maior concordancia de ideias, do que actualmente.

«Os liberais resolveram, e muito bem, não entrar na lista da conjunção republicana, quando lhes constou que os outubristas tambem faziam parte numa dessas listas.

A nossa atitude, em semelhante caso, é muito explicavel, porque a tragedia horrosa do Arsenal está ainda bem vincada no espirito de todos nós.

—Quantos deputados, na opinião de v. ex.ª, conseguirá o Partido Liberal levar ás Camaras?

—Nada lhe posso dizer, por enquanto, meu amigo. Mas creio que as eleições excederão a nossa expectativa mais optimista.

—Diz-se, no entanto, que a incompatibilidade dos varios marechais do Partido Liberal virá ocasionar algumas dissidencias?

—Não é verdade o que a esse respeito se tem espalhado. Falou-se, sem fundamento algum, na reorganisação dos antigos partidos unionista e evolucionista, mas eu posso assegurar-lhe que tudo isso nao passa de boatos mais ou menos tendenciosos, cujo fim é desprestigiar o partido.

«O Partido Liberal vai ás urnas unido e disposto a disputar as eleições dos seus candidatos,

—O que é indiscutivel é que o numero de deputados liberais virá a ser muito inferior ao das ultimas eleições?

—Ah! sim, sem duvida. V. compreende, nas ultimas eleições eramos governo, e a situação para nós era mais favoravel. Mas olhe, meu caro amigo, que os liberais não ambicionam agora uma maioria parlamentar... Não desejamos fazer governo e, pelo contrario, temos até muitos desejos de ver governar os outros. Posso ate dizer-lhe, pois creio interpretar os desejos dos meus correligionarios, que o Partido Liberal não recusaria o seu apoio a um governo que nos desse garantias de estabilidade e de conhecimento dos altos negocios da Nação,

E concluindo, S. Ex.ª acrescenta:

—Mas governos assim são tão raros!...

ELEIÇÕES

Amanhã todos devem votar

Os candidatos que se apresentam pelos dois circulos de Lisboa

Lista da conjunção

DEPUTADOS:

Circulo n.º 27—Lisboa Oriental

Amilcar da Silva Ramada Curto
João de Deus Ramos
Francisco da Cunha Rego Chaves
João Tamagnini de Sousa Barbosa
Zacarias Gomes de Lima
Manuel de Oliveira Gomes da Costa

Circulo n.º 28—Lisboa Ocidental

Afonso de Bourbon e Menezes
Arnaldo Bigote de Carvalho
Augusto Dias da Silva
José Feliciano da Costa Junior
José Maria Alvares
Vasco Guedes de Vasconcelos

SENADORES:

José Francisco da Silva
Dr. Jacinto Nunes

Lista do Partido Republicano Portuguez

DEPUTADOS:

Circulo n.º 27—Lisboa Oriental

Dr. Afonso Augusto da Costa
Dr. Alberto Ferreira Vidal
Antonio Maria da Silva
João Luiz Ricardo
José Nunes Loureiro
José da Costa Gonçalves

Circulo n.º 28—Lisboa Ocidental

Albano Portugal Durão
Alfredo Rodrigues Gaspar
Artur de Almeida Ribeiro
Norton de Matos
Rodrigo José Rodrigues
Tomaz de Sousa Rosa

SENADORES:

Herculano Galhardo
Dr. Gaspar de Lemos

Lista dos outubristas

DEPUTADOS:

Circulo n.º 27—Lisboa Oriental

Albino Vieira da Rocha
Alexandre Soares Ferreira de Loureiro
Antonio Bernardo
João da Camara Pestana
João Machado Toledo
Francisco Luiz Ramos

Circulo n.º 28—Lisboa Ocidental

Antonio Pires de Carvalho
Augusto Cesar Taveira
José de Freitas
José Pinto de Macedo
Dr. Orlando Alberto Marçal
Henrique Martins Vagueiro

SENADORES:

José Augusto da Conceição Alves Velez
Salustiano de Sousa Correia.

Lista monarquica

Circulo n.º 27—Lisboa Oriental

DEPUTADOS:

Carlos Machado Ribeiro Ferreira
Fernando Coutinho da Silveira Ramos
Fidelino de Figueiredo
Dr. Manuel Duarte
Dr. Mateus d'Oliveira Monteiro
Dr. Paulo Cancela de Abreu

Circulo n.º 28—Lisboa Ocidental

Dr. Artur Pinto Gouveia
Dr. Antonio de Brito Peixoto de Carvalho e Bourbon
Dr. Antonio de Moraes Carvalho
Artur Virginio de Brito Carvalho da Silva
Dr. Fernando Cortez Pizarro de Sampaio e Melo
Manuel de Lencastre Ferrão de Castelo Branco

SENADORES:

Joaquim Xavier de Figueiredo
Belo de Oriol Pena

As eleições

Ao povo e pelo povo

E' ámanhã, ó povo bom da minha terra, tão tristemente conduzido á pratica de actos de crueldade, que te vais á urna das eleições mais como um automato que se move por impulso alheio, do que como um cidadão consciente e esclarecido que vai eleger um candidato bem certo de que os seus meritos e intenções estarão suficientemente á altura de bem servir a Patria e o Povo.

E' preciso que tu saibas, ó povo tantas vezes iludido, que ha politicos que chegam ao poder sendo apenas profissionais habilitados em manobras eleitorais. E que ha outros que entram na vida politica impelidos por uma devoção patriotica e idealista, e, que em tais casos trabalham para ser eleitos por forma a disporem de força e prestigio que garantam o exito das suas mais nobres aspirações.

Ha portanto o profissional e o humanista disputando uma eleição? Qual deles é que deve merecer as simpatias e preferencia dos votos populares?

Certamente que é o humanista, porque é esse o que sente com coração e com alma o sofrimento do povo e seu estado de ignorancia que o mantem infeliz e o faz ser cruel, sendo bom, e revoltado podendo ser pacifico.

O politico profissional promete muito antes das eleições. Depois de guindado ao poder esquece a devoção do povo que lá o levou, cuida de disputar os seus interesses no parlamento e de excitar contendas quando não consegue os seus fins pessoais. Enquanto que o politico humanista alimenta as suas ambições de um fogo mais puro, mais altruista, mais creador. E o povo pode contar com ele e com o seu idealismo sempre prompto a sacrificar-se pela sua causa.

São bem raros estes temperamentos. E porque cada vez mais se prova que são esses de quem o povo carece, e que é de homens do coração e de espirito bem formado, e não de habeis e astutos politicos que precisam as nações, e que a consciencia do povo deve ser iluminada no sentido da verdade que a faça distinguir uns e outros como quem separa o trigo do joio.

Póde alguem de opinião imparcial e bem intencionada negar que está á frente do governo um desses vultos de politico humanista que acima de si e dos seus interesses coloca os interesses da patria e do povo? Os seus dotes de lealdade, de destreza e de bondade, ficaram bem heroicamente assinalados na noite tragica de dezenove de outubro.

Aceitando o poder quando na sua imaginação de idealista deviam reviver em crispações de tragedia as scenas de barbaridade que por um fio de milagre lhe não roubaram a vida, provou o sr. Cunha Leal que as virtudes mais nobres da raça Lusitana sobrevivem ainda nos eleitos de Deus.

E porque Deus elege certos seres para serem os auxiliares medianimicos da sua bondade infinita que nos inspira pensamentos e obras de resgate, é com a vontade de Deus que deve estar a vontade do povo dando seu apoio eleitoral aos seus verdadeiros amigos. Todo o povo que amanhã fôr ás urnas dando o seu voto ao sr. Cunha Leal pode estar certo de que serve a patria e o povo porque para servir a patria e o povo ele arrisca a vida estando onde está. E' da estabilidade de um governo com a sua orientação conciliadora e moderada, de que Portugal precisa para se refazer de constantes perturbações. Só animos exaltados por fanatismos politicos ou por paixões pessoais, contestam esta verdade. Muitos desses espiritos insurgentes, se arrependerão das suas exaltações se a hora da escravidão nacional os fizer escravos como é de temer...

Entretanto o povo leal e inspirado, que nas intuições do coração ainda representa um guia providente de instintivo e nobre acerto, que faça do seu proprio coração a urna dos seus votos de sentimento patriotico e humanitario, para ir á urna eleitoral levar a sua lista que elegerá no chefe do governo, o advogado dos seus interesses e justa emancipação.

MARIA FEIO

Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa

Realisa-se no proximo dia 30, pelas 21,30 horas, na séde da Associação de Estudantes da Faculdade de Sciencias uma festa de confraternisação academica seguida de baile a que assiste s. ex.ª o sr. dr. Almeida Lima e o corpo docente da mesma Faculdade.

BRINDES

Da Casa Rocha, Amado e Latino, Lda, com séde na R. Nova do Almada, 15, recebemos um interessante calendario de parede para o ano corrente que muito agradecemos.

Sociedade Industrial do calçado "Elite"

Esta sociedade, com séde na rua da Penha de França, 15 (á Graça) inaugura a sua fabrica no proximo dia 31, pelas 14 horas. Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

A Russia vermelha

Narrativas de uma franceza — A implantação da Republica em Voronège — Igualdade Kerenuski — Os proscritos israelitas — Oficiais alemães — O saque — Moizeff — Chkuro — Prisão dos oficiais — A cadeia e os seus jardins — Atrocidades — Chinezes para carrascos

Eis o que nos contou uma franceza, que presenceou o bolchevismo de perto:

Foi no mez de março de 1917, ás onze horas da manhã. Sahia a passear as ruas de Voronège. Notei uma enorme multidão: muita gente que bocejava e discutia. Nos kiosques e paredes ressaltavam, pela sua bravura, um papel que afirmava a abdicação de Nicolau II.

Comentava-se o facto e, como sempre a multidão, os grupos estavam divididos em duas facções: a aprovação e a reprovação.

Ao voltar para casa notei que a senhora abraçava a creada com entusiasmo e me dizia radiante: «Ah! Agora somos eguais, todos iguais...» Palavras e mais palavras, porque não me deixou sentar á sua mesa.

Kerenski, o heroe do dia, obtivera um grande sucesso e passou a ser um grande personagem. E foram agradaveis, rasoavelmente agradaveis, os mezes da sua dictadura. Mezes que decorreram numa atmosfera, relativamente, calma e, por isso mesmo de pouca duração, visto que o homem é o eterno descontente. Dentro em pouco era acerrima a propaganda que se fazia contra a guerra—«o inimigo da humanidade»—dizia-se.

Os soldados mal alimentados, só tinham uma aspiração: voltar para o seio da familia. Esses, tambem, começaram a desertar na sua grande maioria.

No mez de outubro desembarcaram todos os proscritos da primeira revolução, a de 1905.

Depois abriram-se de par em par as portas das prisões, mesmo a dos criminosos.

Em breve, toda a Russia era percorrida por essas hordas de furiosos que empreenderam vingar-se na sociedade de tudo que injustamente tinham sofrido.

A maior parte dos proscritos eram israelitas. Desembarcaram em Arkangel e vinham tão seguros do bom exito que, durante a viagem, repartiram entre si as pastas dos diferentes ministerios.

Com o auxilio dos soldados russos, que se bandeiam sempre com os que eles julgam ser os mais fortes, e á força de dinheiro e de promessas maravilhosas, conseguiram realisar a sua vontade, mais cedo, muito mais cedo do que julgavam.

Os alemães, que eram os oficiais do exercito vermelho, traziam os bolsos cheios de moedas de ouro com a effigie do kaiser Wilhelm II.

De pouco valeu a assistencia de Moscow. Os bolchevistas representavam a maioria e os oficiais russos tiveram que se entregar.

Foi o verdadeiro começo das atrocidades.

Aos camponezes disseram que se ia proceder á divisão das terras dos proprietarios.

Loucos de raiva, contra os que outrora os tinham oprimido, os camponezes queimavam as casas, quebravam moveis, rasgavam montões de roupas, e, como ponto final—matavam os antigos proprietarios.

De aldeia em aldeia, cumpriam o que lhes parecia um dever, sempre acompanhados, ou melhor, comandados por um ou dois galerianos fartamente pagos por Lenine e Trotski, os verdadeiros e unicos instigadores da festa macabra.

Familias e familias fugiam para escapar á carnificina. A's vezes encontravam um refugio momentaneo na casa dos camponezes.

Por fim, até esses não as deixavam partir sem fazer uma partilha do que os fugitivos tinham podido salvar.

Sai, como de costume, no dia da vitoria de Lenine e notei que o povo perseguia alguns oficiais que procuravam escapar-se a todo o transe.

Um velho general, Jasikoft, foi arrancado do cavalo e vi a massa do seu cerebro espalhada no limiar da porta que estava salpicada de sangue. Soube mais tarde que o assassino era um tal Moizeff, o primeiro comunista de Voronege, que sinceramente lastimava o seu crime. Foi fuzilado pelo general Chkuro, chefe do exercito branco. Moizeff recebeu a morte como um castigo justo, sem nenhum traço de revolta.

Poucas horas depois vi uma casa cercada por umas patrulhas de soldados. Temerariamente perguntei a um deles o que faziam, e respondeu-me:

—Aqui estão os galões de um oficial.

—Conhecem-no?

—Não.

—Julgava que deviamos viver como irmãos...

Olharam-se, sorrindo, e disseram-me que, desde pela manhãsinha, ainda não tinham metido á boca nem sequer um pedaço de pão, e já eram quatro horas da tarde.

Aconselhei-lhes que fossem comer, dizendo:

—Digam ao que os mandou prender o oficial que venha ele, já que somos todos iguais. Não se pode sacrificar tanta gente ao bem-estar de um só.

Os soldados foram embora e o oficial deu graças a Deus por se pôr a tempo em logar seguro.

As prisões enfureciam o povo. Causavam sensação.

Prendia-se por um sim, por um sim por um não. Todos os proprietarios, que tinham casa sua, foram para a cadeia e a maior parte fuzilados, mesmo sem julgamento.

Todas as prisões se abriram.

A prisão de Voronège tornou-se notavel pelas atrocidades que lá se cometeram.

No segundo ano do bolchevismo fecharam-se todos os armazens, as mercadorias foram confiscadas em proveito do governo.

Nesse mesmo ano chegou o exercito de Chkuro, general do exercito britanico.

Foi exemplar o seu comportamento nos primeiros quinze dias. Chkuro queria reunir um exercito mais forte. Mobilisou os voluntarios, inscreveu cerca de 2500 homens. Quando quiz marchar sobre o inimigo, 300 somente responderam ao seu apelo.

Com tal exercito que se poderia fazer? Parecia que um mesmo fio unia todos os russos.

Emquanto estiveram ausentes os bolchevistas e os prisioneiros, porque os selvagens nunca abandonam os prisioneiros que lhes servem de refens, os cidadãos podiam visitar a prisão politica, um belo edificio que pertencia á familia Nitchaeff.

A cadeia possue numerosos e vastos compartimentos, adegas profundas e um magnifico jardim que servia de cemiterio aos fuzilados.

Encontraram-se nesse jardim corpos mutilados, entre os quais havia um cuja pele fôra arrancada por breu ebuliente.

Encontrou-se tambem um tonel completamente crivado de pregos. Corria que algumas vitimas eram lá metidas, atirando depois o tonel pelas escadas.

Nesse macabro logar viam-se mãos e pés, cujas unhas estavam crivadas de pontas de madeira.

Havia quem afirmasse que se enterraram pessoas vivas. Essas afirmações mais tarde foram confirmadas pelos medicos.

Sejamos justos. Tais suplicios eram infligidos por chinezes pagos pelos bolchevistas, porque, diziam, não queriam que os russos cometessem atrocidades nos seus irmãos e com as suas proprias mãos.

Era preciso o castigo—afirmavam—mas não queriam ser os carrascos, o que nos faz pensar que não se limitavam somente ás atrocidades que acabamos de expor.

Factos e palavras

DE..

Ha dias em que de toda a parte se erguem sombras a conspirarem contra nós.

Uma vaga irritabilidade despenteia-nos os nervos. O sol magoa a vista, a sombra faz-nos mal.

O silencio pesado e dominante aperta-nos e vence-nos.

O ruido poliphono e desarmonico põe arrepios e frios nos membros lassos.

E as sombras espectrais surgem de toda a parte em rodopios liturgicos, em evocações desordenadas que nós não compreendemos.

Ha dias em que um circulo de ferro corôa a nossa fronte.

Uma cortina cerrou o nosso olhar, desfaz-se em bruma o nosso pensamento.

Nesses dias as pessoas parecem-nos bonecos de movimentos desordenados, e as palavras que proferem, as mais santas, blasfemias e sarcasmos.

Todas as ideas nos parecem ridiculas e mesquinhas.

Todas as vozes enrouquecem na predica dum ideal que se não pode realisar.

As atitudes, as mais belas, parecem-nos forçadas.

E por toda a parte, em volta de nós, pelos espaços, um vacuo, desconsolador, enorme, arrepiante, maquiavelico, obrigando-nos de peregrinação pelo deserto de nós mesmos.

...E nesses dias... coisa alguma pode vir a proposito...

BOTTO DE CARVALHO

Carpentier está com influenza. O medico assistente mandou-o recolher ao leito e disse que deve estar alguns dias sem sair. O celebre pugilista está muito aborrecido por não poder ver sua esposa e filho, com medo de infecção.

A resposta da Bolsa de Berlim, ao discurso de Mr. Poincaré, foi a baixa rapida do marco, fechando a libra a 833 contra 805, que era a cotação cambial. A imprensa alemã está empenhada numa campanha de difamação contra Mr. Poincaré. A Alemanha sabe muito bem que pode perder toda a esperança de recuperar o perdido, se a Inglaterra se compromete a socorrer a França, em caso desta ser agredida pela Alemanha. O desejo veemente dos alemães é estabelecer a discordia em logar duma boa harmonia entre a Inglaterra e a França.

A policia de Madrid recebeu da Alemanha pistolas de gazes para por criminosos fora de combate. Quem estiver na linha de fogo fica sem sentidos por alguns minutos.

A oferta feita por Lord Atholstan, de Montreal, de um premio de vinte mil libras esterlinas a quem descobrir o tratamento para a cura do cancro, acaba de ser reforçada pela nova oferta de mais um premio de 10 mil libras esterlinas, feita por Sir William Veno, quimico em Manchester. Existe, pois, um premio de trinta mil libras que será concedido ao medico formado por qualquer Universidade mundial que prove perante o «Royal College» de Medicos e Cirurgiões de Londres, que descobriu a cura do cancro sem necessitar a intervenção cirurgica.

Dentro de 18 mezes estará restaurada a comunicação telegrafica directa entre os Estados-Unidos e a Alemanha. A «Comercial Cable Company» concordou em lançar um novo cabo de New-York para os Açores, numa distancia de 2302 milhas.

Nos Açores haverá ligação com o novo cabo de Emdem, que a companhia alemã do cabo submarino construiu. O custo desta obra está calculado em 2.500.000 libras esterlinas.

Desde o armisticio que todos os telegramas para a America seguem via França ou Inglaterra, o que era motivo de continuo protesto por parte dos homens de negocios dos Estados-Unidos.

(O sr. Mackay, presidente da Comercial Company declarou que ao anunciar estes projectos, a Companhia não cede nenhum dos direitos que tem contra as nações aliadas no referente aos cabos alemães, dos quais se apossaram, empregando-os para uso proprio.

O novo cabo terá todos os melhoramentos modernos o que permitirá aumentar 30 0/0 a velocidade da transmissão.

MUSICA

O grande festival russo de hoje no São Luiz

O mais notavel concerto que ultimamente se tem organisado em Lisboa é o «Grande Festival Russo» que amanhã realisa no São Luiz a «Orquestra Sinfonica Portuguesa», dirigida pelo maestro Pedro Blanch e no qual toma parte o notabilissimo pianista portuense Luiz Costa, grande artista consagrado. Damos em seguida o magnifico programa:

1.ª parte—I «A Vida pelo Czar», Glinka. II «Capricho Espanhol», Rimsky-Korsakoff: a) Alvorada; b) Variações; c) Alvorada; d) Scena de canto Gitano; e) Fandango asturiano.

2.ª parte—III «Concerto para piano e orquestra», Tschaikowsky: a) Andante non troppo e molto maestoso, Allegro con spirito; b) Andantino simplice; c) Allegro con fuoco, Piano, Luiz Costa.

3.ª parte—IV «Principe Igor, Danças guerreiras», Borodine. V. «1812» ouverture solene, Dschaikowsky. A orquestra é aumentada.

A sumptuaria

Um caso edificante que define bem as enormidades praticadas

Sr. Redactor: Tem-se v. ocupado por mais de uma vez, no seu acreditado jornal, da questão do pagamento das contribuições que agora estão na ordem do dia.

Mas o que se tem dito não é tudo quanto ha para dizer, nem v. conhece tudo quanto para ai se fez em materia de tributações.

Ha mais do que enormidades. Ha verdadeiras monstruosidades. Um pavor.

Vou expôr-lhe o meu caso que é edificante e que define bem a situação.

Habito ha ano e picos um pequeno predio, de construção, não direi só velha, mas antiquada, acachapadissimo, mal reparado, mais que pobre, pobrissimo, cuja renda anterior á guerra era de 7$50. Essa propriedade, sempre habitada por gente de trabalho, gente humilde, operarios emfim, porque nem para um pequeno burguez servia, passou de senhorio e esteve durante algum tempo fechada.

Eu fui á guerra, andei por lá dois anos e no regresso, necessitando de casa, como toda a gente, tive que lançar mão daquela de que me ocupo, á razão de 50$00 mensais.

Era, ao tempo em que a tomei, uma renda esmagadora. Mas tive que fazer das tripas coração, arrancar muitas vezes ao estomago o necessario para pagar essa renda.

E que lhe havia de fazer se me fartei de percorrer Lisboa e não encontrei qualquer outra casa em condições mais favoraveis? Aquela mesmo foi a unica acessivel que se me deparou.

Através de todos os sacrificios, para evitar que me puzessem na rua, fui pagando pontualmente a renda.

Pois muito bem. Depois de tudo isto, como remate animador, vem o Estado e prega-me com a sumptuaria de 181 mil e picos! Cento e oitenta e um escudos e picos, sr. redactor!

Quando recebi aviso, creia v. julguei que estava sonhando. Podia lá ser, sumptuaria por aquilo, por aquele pardieiro, por aquela miseravel cubata?! E olhava espantado para aquele tecto róto, para aquelas paredes sujas, para aqueles cinco compartimentos estreitos, negros dos quais mal cabe uma cama, para aquela pobre casa emfim, habitada sempre por gente mais pobre ainda! Pobre de mim!

Mas era. A verdade, negra, cruel, estava bem patente a meus olhos.

Isto causa mais do que tristeza, sr. redactor.

Um Estado que, em determinadas condições, dá plena liberdade ao senhorio para elevar as rendas quanto e como quizer, pondo as facas nos peitos do pobre inquilino que, para não ir para a rua, tem de lhe satisfazer exigencias exageradas; um Estado que não se importa para nada com as impossiveis condições de vida de cada um de nós, nem para suavisar-lhes um pouco, o mais pequeno esforço inteligente e atilado; um Estado destes, cruel e iniquo, depois de nos abandonar á avidez insaciavel de todos os exploradores e de todos os vampiros, como ultimo sarcasmo vem, no final de tudo, lançar-nos contribuições verdadeiramente pavorosas!

Sumptuaria pelo facto de ter um tecto pobre e humilde onde me abrigue do tempo e onde possa repousar durante a noite das fadigas e canceiras do trabalho para ganhar o sustento diario!

O que se fez é uma iniquidade sem nome.

Compreende-se que essa contribuição incidisse sobre rendas antigas, porque anteriormente a 1914 quem pagava 50$000 de renda de casa, era certamente rico e habitava um palacio. Mas hoje, senhores!

E a par desta situação pelo que me diz respeito, ao senhorio da minha casa aplicaram uma contribuição predial superior a quatrocentos escudos!

O homem, que é um pequeno proprietario, pôz as mãos na cabeça e não sabe o que ha de fazer á sua vida. Foi o seu primeiro expediente elevar-me a renda! E assim eu, modestissimo funcionario publico, tenho por um lado o senhorio a reclamar-me mais renda, e o Estado a extorquir-me cento e oitenta e um escudos e picos de sumptuaria.

Eu julgo endoidecer no meio deste inferno que está sendo a vida neste pobre paiz.

Eu compreendo e concordo que o Estado necessita de dinheiro e de boamente lho darei, mas quanto seja rasoavel e justo. Mas assim, quem pode ter resistencia para tanto?

E a par desta pequena tragedia que é a minha situação, milhares doutras identicas ha por essa Lisboa fóra.

As lagrimas e desesperos em muitos lares. Não sei se haverá alma para cobrar coercivamente essas contribuições, que vão esmagar a vida de muitas familias.

Pela minha parte não pago, porque não posso pagar.

A minha casa está patente para qualquer execução fiscal, porque, sr. redactor, o que tenho dentro, não vale a sumptuaria que incide sobre todo aquele «luxo estontoante»! Que escarneo? Que doloroso sarcasmo!

Levam-me a misera cama de ferro onde durmo e a pobre mesa de pinho onde como! Pois que levem, porque tudo vendido em leilão não dará para pagar a sumptuaria.

A quem pedir providencias?

Sabe-se lá! Governos? Ministros? Autoridades? Tudo palavras vãs!

E' doloroso, principalmente para um republicano como eu, escrever isto, mas é a verdade. Tudo palavras vãs! Tudo bradar no deserto!

Como poderá viver-se neste paiz, se o Estado é o primeiro a tornar impossivel a vida? Foi uma monstruosidade sem nome o que se fez! Só uma inconsciencia rematada ou uma maldade sem nome seriam capazes de tamanhas enormidades.

Não sabendo para quem apelar, visto já saber de antemão que neste paiz, ninguem ha que desça das regiões olimpicas do poder, para escutar a voz humilde dos que reclamam, limitar-me-hei a cruzar os braços á espera dos acontecimentos.

Pagar é que não pago, porque não posso. Que executem e que levem tudo quanto tenho dentro de casa, que nem assim arranjarão para a sumptuaria.

Um assiduo leitor

ULTIMA HORA

O Imposto da Fome

Já está produzindo os seus efeitos—Vai faltar carvão!..

Bem nos esfalfamos nós a reclamar contra o «Imposto da Fome», ridiculamente chrismado de imposto do comercio maritimo. Não fomos iludidos. O «Imposto da Fome» é um facto. E as consequencias estão iminentes.

Algumas carreiras de vapores estrangeiros foram suprimidas, o que determinou que certas quantidades de carvão não entrassem em Lisboa e Porto.

Por emquanto, isto é, nestes dias mais proximos, isso não se fará sentir duma forma evidente. Entretanto, não decorrerão muitas semanas que a falta de carvão não seja evidente, em carecendo os pequenos «stocks» que existem.

E é o primeiro acto da tragedia!...

A morte do Papa

Os preparativos para o conclave

ROMA, 28.—*Ao passo que continuam na Basilica de S. Pedro exequias solenes pelo descanço eterno do falecido Papa, e que se celebram numerosas missas nas grutas do Vaticano junto do tumulo do pontifice, activam-se os preparativos no palacio apostolico para a realisação do Conclave.*

Ranchos de carregadores trabalham afanosamente no pateo chamado dos «papagaios», onde ficará um grande posto de guarda e no pateo de S. Damaso procede-se ao isolamento dos aposentos cardinalicios por meio de anteparos de madeira.

Os aposentos que servirão para os cardeais e seus secretarios estão sendo mobilados. São sessenta. Cada aposento comportará tres divisões, um para o cardeal outra para o seu secretario e a terceira para o criado. Devem estar prontos no dia 31 do corrente. Sobre a porta do quarto de cada cardeal será inscrito a negro o numero que corresponde á cela e aos quartos do secretario e ao criado o mesmo numero a negro e vermelho.

O espaço reservado ao Conclave é muito vasto, compreendendo o pateo de S. Damaso e os aposentos que o rodeiam desde o numero 1 a 15; os aposentos dos numeros 16 a 25 abrem sobre a escadaria da secretaria de Estado, os de 43 a 46 sobre a escada de caracol do pateo de S. Damaso, os de 49 a 56 sobre a escadaria que dá acesso aos aposentos do Papa e os numeros 59 a 60 sobre uma escada coberta de linoleum.

Os guardas nobres, prelados, secretarios e mais funcionarios da côrte pontificia teem de desalojar para dar logar aos conclavistas.

Os cardeais comerão nos seus aposentos ou no refeitorio instalado no salão.

Os secretarios comerão em diversas camaras que a administração do palacio desimpedirá para esse efeito e os criados na caserna dos gendarmes, tudo compreendido no espaço reservado ao conclave.

Os quartos dos cardeais são iluminados a luz electrica e mobilados modestamente. Teem uma cama, mezinha de cabeceira, uma meza, tres cadeiras e um genuflexorio.

Os aposentos são sorteados pelos cardeais que se apresentarem para tomar parte no Conclave.

Os aposentos chamados dos Borgias serão ocupados pelos guardas nobres que prestarem serviço continuo no Conclave.—(Lat. Am.)

Uma missa na catedral de Westminster

LONDRES, 28.—Na catedral de Westminster foi resada uma missa de «Requiem» pelo falecido Papa, á qual assistiu uma enorme multidão. O rei e outros membros da familia real fizeram-se representar e quasi todos os embaixadores e ministros estiveram presentes. A cerimonia foi dum grande imponencia, e ao terminar foi tocada a marcha funebre no grande orgão da catedral.—(R).

Cofre de Amparo ás Viuvas e Orfãos dos Ferro-viarios do Sul e Sueste

Sr. director.—A comissão signataria, organisadora da corrida de touros realisada no Campo Pequeno na noite de 9 de Agosto de 1921, cujo producto liquido,—14.610$10—reverteu a favor do Cofre de Amparo ás Viuvas e Orfãos dos Ferro-viarios do Sul e Sueste e creação dum Instituto, vem, muito reconhecida a v. pela atenção que sempre lhe mereceu, rogar-lhe no seu muito lido e conceituado jornal, fazer constar a todas as pessoas que concorreram directa ou indirectamente para o seu esforço para o maior brilhantismo da referida corrida, o muito que esta Comissão lhes é reconhecida e o que ela sente por só agora lhes poder fazer constar a sua gratidão.

No agradecimento publico que a v. solicitamos, temos interesse em ver mencionado o favor da corrida e para isso pedimos a esclarecida atenção de v.—A comissão: «João Pimenta» e «João Luiz Cabral».

POLITICA

Demissão do ministerio

Com as eleições que amanhã se vão realisar, considerá terminada a sua missão o governo da presidencia do sr. Cunha Leal. O homem com as declarações feitas ao tomar posse do Poder, o sr. Cunha Leal, que manteve a ordem e até, segundo as aparencias, a consolidou, dará por finda a sua missão, entregando nas mãos do Chefe de Estado a organisação doutro ministerio. A indicação da vontade nacional, expressa numericamente nos candidatos eleitos dos diversos partidos politicos, habilitará o sr. Antonio José de Almeida a resolver satisfactoriamente a crise.

O resultado eleitoral pode modificar, sensivelmente, a directriz politica

... é possivel antecipar a noticia mesmo aproximada, do resultado eleitoral. Podem examinar-se, porém desde já, duas hipoteses.

Consiste a primeira em que os democraticos obtenham, sobre todas as outras correntes de opinião parlamentar, uma maioria absoluta. A solução do problema politico fica, nesse caso, bastante simplificada, porque deverá constituir-se um governo democratico, visto que a Nação assim o determinou.

A segunda hipotese admite uma maioria absoluta em caso de coligação de todas as correntes, exceptuando a democratica. Se tal viera produzir-se, ou no inicio das sessões parlamentares ou no decorrer delas, o governo será de conjunção republicana.

Embora as noticias aparecidas acerca de fusões partidarias sejam absolutamente extemporaneas, não é dificil de prever que o curso dos acontecimentos possa ter essa solução, principalmente se tiver viavel a segunda das hipoteses acima expostas.

Não sabemos, evidentemente, a atitude que assumirá o Chefe de Estado perante o pedido de demissão do sr. Cunha Leal. Conjecturamos, apenas, que, ratificando a sua confiança no ilustre estadista, lhe pedirá para se apresentar com o governo da sua presidencia, ao Parlamento, onde declarará aberta a crise.

Será então o momento proprio para se cuidar da substituição do actual ministerio, sem com isso querer dizer-se que, até lá, se não façam as diligencias necessarias para que a crise se resolva logo em seguida a ser oficialmente declarada.

Esquadra inglesa

O banquete na Legação

O sr. ministro de Inglaterra fez hoje os seus convites para o banquete que realisará na legação, no proximo dia 30, ao qual assiste o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, ministro da Marinha e todo o corpo diplomatico.

Morte do bispo de Angra do Heroismo

Faleceu repentinamente em Angra do Heroismo o sr. D. Manuel Damasceno da Costa, bispo daquela diocese.

A repressão do jogo

Foram enviados hoje a juizo os individuos presos ha dias no Club Nacional, devendo sair dali afiançados.

Um escoteiro maltratado

Quando hoje, pelas 14 horas, um escoteiro se dirigia ao hotel Universo receber uma conta da casa onde se encontra empregado, ali foi maltratado e agredido com um molho de chaves pelos criados do referido hotel. Em torno do hotel Universo juntou-se imensa gente, verberando o insolito procedimento, tomando a policia nota da ocorrencia.

Posse do novo adjunto da policia de investigação criminal

Pelas 12 horas de hoje tomou posse no gabinete do sr. governador civil, do logar de adjunto da policia de investigação criminal, o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque.

No acto de posse, bastante concorrido, falou o sr. Agata Lança, governador civil e o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque.

Notou-se a ausencia dos oficiais e directores da policia.

O que vai pela Austria

A convenção para restaurar os Habsburgos

LONDRES, 26.—Segundo um telegrama de Berlim conhece-se o plano da convenção assinada pelo ex-kronprinz Rupprecht e o archiduque Albrecht, para a restauração dos Habsburgos no trono da Hungria em favor do archiduque e com o apoio dos Wittelsbach. Segundo esta convenção, os Habsburgos renunciam as suas pretensões aos territorios alpinos da Austria a favor da dinastia dos Wittelsbach.

Parece que um dos principais autores do plano é o principe Usemburh, agente principal do archeduque para a aquisição de armas. Os autores de esse novo golpe de estado pensavam comprar na Holanda 120 aeroplanos destinados á Hungria, mas o conde Oubland opoz-se dizendo que não se surpreenderá emquanto os cidadãos não se unirem ao grito de guerra para a revanche.—(R.)

TEATRO

Primeiras Representações

TEATRO POLITEAMA — «Oitava mulher do barba azul, comedia de A. Savoir em 3 actos. Adaptação de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

A peça e a tradução

A «8.º mulher do Barba Azul» é uma peça nova e interessante do teatro francês contemporaneo. Todas as estações nós importamos, com os chapeus da moda e as novidades do Cardoso, a ultima peça alegre.

Entregamo-la depois a Lino Ferreira ou á Parceria Bermudes, ou a alguns tradutores menos felizes e apresentamo-la a frio á nossa plateia.

Mesmo que a repetição deste facto fosse censuravel nós não teriamos realmente autoridade para o condenar, visto que para isso seria preciso reconhecer existencia do teatro ligeiro em Portugal, desse teatro do sorriso e do «charme», da graça leve e flutuante, que cá, pelo menos por enquanto ainda não encontrámos.

E' isso que se sente ainda um pouco na adaptação dontem que, apesar de ser feita com um raro equilibrio, com «mão de mestre», como já hoje uma critica acentuou e bem, não tem, nem pode ter para as nossas plateias a expressão do quadro original. O defeito é de origem.

O teatro francês—sobretudo este—é feito «exclusivamente» para ser representado em francês, por artistas de França, com toilettes de França, com scenarios de França.

Ele proprio é uma pintura duma sociedade que nós não vivemos. Assentanos tão mal como na nossa paisagem um telhado de marselha ou um chalet da Suissa.

De resto, em parte alguma do mundo, as emprezas teatrais se preocupam a adoptar peças deste genero, preferindo-as aos originais. Vejam se em Espanha se passa a vida a traduzir todos os «vaudevilles» de exito ou em Inglaterra as plateias sensaboronas de Sua Magestade Britanica suportam a graça de Paris mais do que por desfastio. E' certo que algumas traduções se representam agora mesmo em Madrid, mas são quasi todas do alto teatro, daquele teatro francez traduzivel, pela intensidade das situações ou pelo desenho forte dos caracteres em conflito.

A «8.ª mulher do Barba Azul», não poderá ter em Madrid sombra do exito que teve em França. E Madrid está ainda infinitamente mais proximo de Paris do que Lisboa...

Posto isto, deve no entanto dizer-se que por vezes tem aparecido nos nossos palcos mais probo trabalho de tradução.

Desempenho, Toilletes, Scenarios.

As peças como estas vivem dum brilho de conjuncto, duma vivacidade de representação, duma harmonia, que a Companhia do Politeama ontem nos não deu.

E' claro que Lucilia Simões foi a grande e inteligente artista de sempre, representando com um espirito e um encantador interesse.

Mas, isso não é suficiente. Era preciso ali, para que o desenho do conjunto fosse superior que Lucilia fosse mais «mignone», estivesse mais a caracter com o seu papel. Como se compreende aquele dialogo em que Ribeiro Lopes lhe diz que «ela nas suas mãos não seria nada»... quando Lucilia é muito maior, em todas as direcções..?

Depois, a representação está lenta demasiadamente. Não ha encadeamento de falar nem de scenas, quando as proprias rubricas da peça o exigem. Quanto a nós teriamos talvez posto Erico no papel do americano Brewn.

E na companhia haveria mais quem fizesse o galã de pequenas responsabilidades que fez Erico.

Quer isto dizer que Ribeiro Lopes va mal? Não. Este excelente actor, defende-se sempre e cada vez mostra mais o que é e o que vale.

Mas—meu Deus!—as coisas são o que são. E, Ribeiro Lopes não se pode fazer maior na estatura. Depois é preciso poupar os actores, numa companhia. Não se podem lançar ao publico continuamente fazendo-os monopolisar todos os papeis. Não é justo que assim seja. Fatigam-se os actores e fatiga-se o publico. Erico esteve muito bem no papel de Brewn.

Tem figura e voz para um galã central—porque ha de insistir nessas figuras de ponta de scena? Além de tudo a companhia do Politeama é colossal de tamanho, e um elemento que ficou de fora, algum havia a aproveitar e a lançar mais.

João Calazans esteve optimo, como excelente esteve tambem Alda Rodrigues e João Lopes.

Maria Corte Real exibiu duas maravilhosas toiletes de extremo bom gosto.

Lucilia apresentou-se notavelmente vestida. A sua toilette do 3.º acto era um achado. As minhas felicitações a Madame Demetria, que foi desta vez muito feliz.

Os scenarios sem interesse.

Ouvimos dizer que Erico vae abrir um concurso para as «maquetes» da «Casaca Encarnada»—e ainda bem.

Os rapazes que pintam para o Politeama são conhecedores do seu «métier» mas, repetimo-lo, precisam amodernisar os seus metodos de trabalho. Garantimos-lhe que teremos a maior alegria quando os podermos aplaudir sem restrições.

A mobilia do 2.º acto, horrivel—é o termo. O scenario do 3.º acto, o melhor, é no entanto inferior ao partido que se poderia tirar daquela situação de «décor».

Resumo: «A 8.ª mulher do Barba Azul» é uma peça cheia de interesse e que deixa o espectador bem disposto.

A'parte estes reparos, é uma peça de cartaz para a companhia do Politeama e tem a novidade de apresentar Lucilia num papel novo para a sua gloriosa galeria.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

A companhia Alves da Cunha, parte amanhã para Santarem, Tomar, Torres Novas e Coimbra, para dar uma serie de recitas, tencionando a 5 de Março partir para a Madeira e S. Miguel.

—Deixou de fazer parte da empreza cinematografica «Portugalia-Film» o decorador Julio Rodrigues.

—Foi contratada para a empreza Caldevila a actriz Maria Sampaio que fará parte parte do primeiro film.

—O meteur-en-scene da empreza Enigma-film, que filmou o «Rei da Força» é o habil operador Ernesto Albuquerque.

—Consta que o actor Alves da Cunha, ingressará no theatro Nacional.

—Sabemos que o emprezario sr. Conceição e Silva fechou contracto para a exibição, no Politeama, de films cinematograficos de sensação. Os espectaculos iniciar-se-hão logo que termine a epoca teatral presente, da Companhia Lucilia.

Como se sabe, o sr. Conceição e Silva apresentou, em tempos, films muito interessantes, entre os quais fizeram sucessos os que tinham por titulos «Civilisação» e «Madame Tallien».

—A primeira peça a entrar em ensaios e a seguir á «8.ª mulher do Barba Azul» é a peça franceza «Amour quand tu nous tiens».

—Para a peça «Casaca encarnada» vai a empreza do Politeama abrir um concurso de cartazes e scenarios devendo o juri ser constituido pelos criticos teatrais.

—A seguir á companhia Lucila Simões, durante um mez, trabalhará no Politiama a companhia Ruy Colaço—Robles Monteiro.

—A peça que Alves da Cunha está a ensaiar para levar na unica representação no Teatro de S. Luiz original do engenheiro Coliseu, chama-se «A Vida».

—Foi adiada a primeira representação da «Fifi».

—Saiu a peça «Os Lobos» em edição da companhia Portugueza Editora.

BÔAS NOITES, MINHA SENHORA

PALESTRA AO SERÃO

Tenho uma grande solidariedade com o meu sexo, e defendendo sempre a mulher mesmo quando no meu intimo não estou de acordo com o seu modo de proceder.

Seguindo esta minha norma, tenho encontrado palavras de defeza para todas as fases da sua masculinisação.

Quando arranjou a moda dos cabelos curtos, despojando-se assim dum dos seus mais lindos ornamentos, respondi aos que a atacavam, que os cabelos cortados lhe davam uma certa graça, especialmente se eram acompanhados dum olhar garoto, e que afinal essa aparente masculinisação tinha, como unico motivo, a ideia bem feminina de atrair ainda mais, pelo encanto da novidade, o coração do homem.

Quando, numa loucura de «sport» a mulher começou a andar furiosamente de bicicleta, vestindo umas saias que pareciam calças ou umas calças que pareciam saias—nunca pude chegar a uma conclusão — encontrei-lhe uma atenuante: podiam assim acompanhar os seus maridos, pais e irmãos em longos passeios, evitando-lhes a solidão e cumprindo a sua missão de mulher.

Quando usaram uns colarinhos muito altos e uns «tailleurs» muito justos, argumentei que pela sua simplicidade, refutaram a acusação que o homem lhes fazia constantemente de detestarem a singilesa e de não poderem passar sem mil complicados atavios, mostrando-lhes que, pelo contrario, sabiam ser tão simples como eles e conservar contudo a sua silhueta elegante e distinta.

Quando principiaram a guiar automoveis, fiz notar ás más linguas, que nesse «sport» a mulher mostrava ter uma certa coragem, adquiria o habito do perigo e audacia, acostumava-se a tomar decisões prontas, e que tudo isso, era eminentemente necessario numa epoca em que a vida na sua carreira pertiginosa, já não achava encanto nenhum á mulher timida e fraca. O homem cada vez precisa mais duma companheira que o possa substituir, quando ele fôr chamado a cumprir o seu dever.

Não é nada impossivel que haja ahi ainda umas mil guerras até ao fim do mundo e devemos estar todos preparados para essa eventualidade.

Todas estas telhas femininas desculpem o termo, sim? mas e tão exacto e depois é um privilegio encantador da mulher ter telha—todas estas telhas femininas de que venho falando teem desculpa e são defensaveis, mas agora apareceu uma moda que realmente não encontro palavras para defender e que não defenderei, porque tornou a mulher ridicula.

A mulher do monoculo!

Que monstruosidade! e que ridicula coisa!

Mas, minhas senhoras, porque usam ex.as monoculos?

E' para se tornarem mais bonitas? Que beleza pode dar esse vidro que v. ex.as não sabem pôr com graça?

Não sabem, não podem saber. A mulher não foi feita para o monoculo e o monoculo não foi feito para ela. Aos homens, com o seu ar dominador, a sua «pose», a sua aparente despreocupação de beleza fisica, fica bem o monoculo mas, á mulher!

Eu sou mulher e juro que não ha uma mulher no mundo que ponha monoculo e não ande preocupadissima com a ideia de que o vidro lhe cae ou que está a fazer caretas e uma preocupação dessas não é conducente á elegancia e á graça provocante, necessaria ao monoculo.

Será para mostrarem o seu pessimismo? a sua egualdade ao homem? E' demasiadamente facil de adquirir um egualdade que se compra por uns mil réis num oculista ou em muitos casos num vidraceiro. Essa facilidade tira-lhe o valor. Gostava imenso que as apologistas do monoculo—porque as ha e fervorosas—me explicassem as suas razões e eu publicava-as lealmente.

Senão me quizerem elucidar, minhas senhoras, sobre o motivo que as levou á escolha do novo brinquedo, eu responderei aos vossos detratores:

—Realmente desta vez não sei como defender as manas, apenas direi como Pascal:

«L'oeil a des raisons que la raison ne connait pas».

CONSELHOS DUMA ENFERMEIRA...

Uma das coisas que a enfermeira devo evitar é irritar os doentes e não ha nada que mais os irrite do que ouvir cochichar em volta deles. Portanto a regra da enfermeira deve ser esta: no quarto do enfermo ou se está calado ou então fala-se em voz natural especialmente quando nos dirigimos directamente a ele. Nesse caso é tambem conveniente colocarmo-nos sempre de maneira a que possamos ser vistos pois é muito enervante quando uma pessoa se coloca por detraz da cama e nos fala por cima da cabeça.

E' egualmente exasperante a saida atraz do medico, ouvindo-se junto da porta uma conversa em voz baixa.

Todos em casa devem esforçar-se para que, pelo menos aparentemente, a vida decorra como de costume, evitando-se apenas gritarias e corridas que excitem os nervos do enfermo.

CONSELHO PRATICO

Para concertar as meias das crianças

E' conhecido que as crianças estragam imenso calçado e meias.

Uma maneira explendida de concertar os buracos das meias é coser um bocadinho de pelica fina e macia em volta do buraco, substituindo assim a passagem.

A pelica adapta-se perfeitamente ao pé, é mais resistente e sendo fininha lava-se muito bem.

TRABALHOS FEMININOS

Enxoval de criança feito em casa

As trez qualidades essenciais para a roupa das crianças são,—que aqueça sem encher, que seja bastante larga para não incomodar e que não seja pezada.

A roupa deve ser simples, enfeitada apenas de rendas ou de bordados á mão e agora como as senhoras sabem muitas rendas bonitas empregam-nas muito na roupa branca, tornando-a assim mais elegantes.

Faz-se um vestido muito lindo com flanela fina, bordando de grinaldas e folhas côr de rosa ou azues e pondo-lhe em volta da saia, gola e mangas, «ruches» de valenciana estreita.

HIGIENE DA BELESA

A posição da cabeça

Poucas coisas ajudam a elegancia de uma mulher como a posição da cabeça, todas elas precisam seguir umas regras simples que a ajudarão a alcançar esse almejado fim:

Todas as manhãs devem colocar-se muito direitas deante dum espelho e mover lentamente a cabeça para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, umas dez ou doze vezes, conservando os olhos sempre a direito.

Em seguida faz-se uma maçagem de trez minutos, debaixo do queixo.

A cabeça poisa mais elegantemente sobre o pescoço, depois deste processo, continuado por algum tempo.

ARTE DE COSINHA

Sopa de cascas de ervilhas

Numa epoca em que tudo se deve aproveitar, com certeza esta receita deve agradar ás minhas leitoras.

Lava-se 1 kilo de cascas de ervilhas, deitando fóra todas as amarelas. Deitam-se em agua fria com sal e 1/2 colher de chá de bi-carbonato de soda, cobrem-se e deixam-se ferver, até que estejam razoavelmente tenras.

Passam-se por uma peneira e deitam-se outra vez para o tacho juntando-se-lhe meia chavena de farinha dissolvida em 2/2 decilitros de leite e 50 grs. de margarina, pimenta e noz-moscada. Mexe-se tudo muito bem e serve-se com pão torrado ou frito.

PENSAMENTOS

Ha horas em que a vida nos esmaga e esfarrapa.

TEIXEIRA DE PASCOAIS

A Vida e cheia de asneiras que obteem felizes resultados e de acções sensatas de que só resultam asneiras.

ETREINE REY

A conferencia de Genova

Quarenta e cinco nacões convidadas para Genova — Seria representada toda a Europa exceto a Turquia — 1.000 delegados — Lloyd George assistirá, arrastando consigo Poincaré e Bonini — Lord Curzon e Poincaré

Todas as nações da Europa, exceto a Turquia, 24 ao todo, foram convidadas para assistir á conferencia economica de Genova em 8 de março.

Ha a acrescentar os representantes dos Estados Unidos, Japão e Estados Sul-Americanos, esperando-se que com estes se preifaça o numero de 45 nações que assistirão á conferencia.

Ainda não ha a certeza de os Dominios britanicos serem representados.

O resultado final depende dos varios governos, pois a seleção será feita de acordo com o carater das respostas.

Tudo leva a crer que Lloyd George assistirá e, se isso se der, Poincaré e Bonini, ministro italiano, irão tambem.

A Irlanda, para o efeito de assistir ou não, será considerada como «Dominio britanico, de modo que, depende da resolução em admitir os Dominios, a Irlanda ser representada ou deixar de ser. Comtudo para que mesmo as nações aliadas e até a America teriam empenho em que a Irlanda tivesse lá o seu representante.

Admitindo que o numero de delegados e secretarios de cada nação será de 40 individuos, parece provavel que em Genova se reunirão ao todo 1.000 pessoas.

Será esta a conferencia internacional maior e mais importante até hoje reunida,

A Alemanha, a Austria, a Bulgaria e a Russia serão convidadas a enviar representantes.

Parece que será Tchitcherine e não Lenine o representante do governo dos soviets em Genova.

Tambem se diz que irão a Genova o dr. Wirth e Rathenau, alemães.

A Turquia, que está hoje quasi fóra do quadro das potencias europeias, será a unica nação de importancia que não estará lá,

E' uma nação completamente dividida e ainda se não conhecem definitivamente as posições respectivas dos governos de Constantinopla e Angora.

Lord Curzon, após a sua estada em Paris onde conversou com Poincaré sobre as questões turcas, partiu para Londres,

Nesta conversa, que primou pela rapidez com que foi travada, em virtude dos muitos afazeres do ministro dos Negocios Estrangeiros britanico, Poincaré não teve tempo de aprofundar assuntos, mas de uma maneira geral apresentou os seus pontos de vista relativamente ao tratado franco-turco de Angora e da questão da interferencia entre a Grecia e a Turquia.

Poincaré disse a Lord Curzon que não tinha tempo de consultar e estudar o seu «dossier» relativamente aos assuntos de Angora e, consequentemente, não podia iniciar qualquer negociação por agora, no verdadeiro sentido da palavra.

Contudo apresentou os seus pontos de vista sobre este assunto a Lord Curzon.

Poincaré entender-se-ha com o governo italiano, que está interessado nos negocios concernentes á Asia Menor e essas comunicações serão resumidas e participadas para Londres por intermedio das embaixadas

Calcula-se que, quando estas negociações estiverem adiantadas, se convocará uma conferencia dos ministros dos negocios estrangeiros aliados.

A conferencia realisar-se-ha ou na ultima semana deste mez ou nos principios de fevereiro.

Um dos pontos de vista do governo francez é que todas estas questões devem ser resolvidas antes de se assinar o pacto de garantias anglo-francez, se ele fôr assinado.

Lord Curzon procura ocasião propicia para transmitir a Lloyd George o resultado da sua conversação com Poincaré.

SPORT

O sport e o cinema

Entre nós ha grande dificuldade de se poder filmar, o chamado genero americano, em virtude de como é sabido, os nossos actores pôrem completamente de parte a pratica do sport.

O alfaiate quasi sempre dá ao corpo a elegancia, e a linha, que um quarto de hora de cultura fisica facilmente f...

O que se passa nos homens, dá-se em maior escala no elemento feminino; o que não admira, n'um paiz em que o sport, para as senhoras, se limita a algumas partidas de tennis.

Devem por ahi calcular, a dificuldade enorme, quasi inseparavel, que teve a nova empreza Enihma film em pôr de pé um trabalho desse genero.

Era preciso uma senhora, que montasse a cavalho, que trepasse um muro, que se envolvesse numa luta com apuchs etc.

Hoje todos querem filmar, e os pretendentes apareceram aos cardumes, de todas as edades, côres e feitios...

Mas assim que sabiam do que se tratava, batiam prudêntemente em retirada...

Era o diabo.

De repente alguem disse-me um nome o de Lina de Albuquerque.

Apareceu, começou a trabalhar e durante a filmagem, fui de espanto em espanto, eu que sou dificil.

Foi necessario escalar um muro de 5 metros de altura.

Subimos, e quando cheguei lá acima já ela lá estava...

Montou a cavalo em um «caw-boy» atirou á pistola, lutou, emfim se não fosse ela não se fazia o «film».

Ferida de raspão com um tiro, continuou, e quando eu com um dedo partido dum soco maldado, ou bem dado de mais, como queiram eu fazia cara muito feia. Lina de Albuquerque fazia troça, troça de mim que desempenhava o papel do «rei da força...»

As mulheres são o diabo...

RUY DA CUNHA

Pesos e alteres

O campeonato do norte em França realisa-se a 19 de Fevereiro em Roubaix.

—O grand Prix de Lyon, disputa-se a 5 de Fevereiro, e servirá para apuramento de concorrentes do campeonato de França.

—Em Viena de Austria disputou-se uma prova de força, em que se distinguiu o athleta Mehel que pesando apenas 77 kilos fez em dois tempos 140 kilos.

—O campeão actual de Hespanha, é Luiz Sotto, que executa pesos magnificos.

—Vasseur que esteve ha pouco no Coliseu bateu na sede da Sociedade Athletica de Monmartre, o «record» do mundo da «develope» em alteres separados, fazendo 105 kilos.

Ciclismo

O marselhez Fanny, ficou classificado para o final do campeonato de inverno em França, mostrando assim, que a sua reputação era verdadeira.

—Vai debutar em Paris, numa prova de velocidade o americano Spencer. O seu adversario será o francez Poulani.

Box

Vão encontrar-se Beckel e Cook que foram vencidos por Carpentier, para disputa do campeonato de Inglaterra dos pesados, que pertence ao primeiro.

O combate efectuar-se-ha a 27 de março.

—O suisso Simeth, que entre nós se afirmou e bateu Silva Ruivo, vai encontrar em Paris o boxeur Gaillot.

—O match Criqui-Ledeur, que está despertando enorme interesse em todo o mundo será arbitrado por Descamps, manager de Carpentier.

Aviação

Como já dissemos aqui, o aviador Ross, vai tentar a volta do mundo em aeroplano, calculando levar apenas 60 dias.

Como está longe o romance de Julio Verne...

Automobilismo

A corrida de velocidade na neve, que se deve efectuar a 12 de fevereiro na Noruega, tem recebido imensas inscrições. A corrida será disputada num circuito de 2 quilometros e meio

Academia dos Sports

O jornal «L'Auto» abriu um plebiscito para saber qual o uniforme e do ala que devia ser usado pelos membros da Academia dos Sports em França em sessão de gala.

NOTICIARIO

JORNAIS ESTRANGEIROS

Recebemos o numero unico do «Buletin de la Force», de que é director o atleta Duchateau, que esteve entre nós, quando da «Semana Sportiva», organisada pelo jornal «O Mundo», e que foi vencedor da prova de pesos e alteres.

RUY DA CUNHA

Vae em breve no G. C. P. realisar uma sessão atletica, este antigo campeão, dedicada aos jornalistas de «sport» e amadores de «sport» de força.

Ruy da Cunha está numa forma excelente, tendo nos treinos batido todos os seus antigos «records».

INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

Estão já inscritos os seguintes atiradores: pela Faculdade de Direito, Vasconcelos; pela Faculdade de Sciencias, Antonio Melo Breyner; pelo Instituto Superior Tecnico, Sebastião Heredia e Antonio Garcia; pelo Instituto Superior do Comercio, Carlos de Barros; pelo Instituto Superior de Agronomia, Antonio da Cumara, José Silveira, Benjamim Benoliel e Antonio Belas.

Antes de principiar o torneio haverá tres assaltos de demonstração nas tres armas: florete, espada e sabre. O assalto de florete será feito pelo mestre Antonio Martins com o sr. dr. Manuel Queiroz; á espada encontrar-se-ão os esgrimistas sr. Ruy Meyer e Mascarenhas de Menezes; o assalto de sabre será feito pelo mestre de armas Veiga Ventura, director da Escola Militar de Esgrima, e pelo capitão Mendes, sub-director da mesma Escola.

Esta festa, que se realiza pelas 2 horas da tarde na sala da biblioteca do Instituto Superior de Agronomia, á Tapada da Ajuda, tem despertado um grande interesse entre o nosso meio desportivo.

LISBOA GINASIO CLUB

Com grande numero de concorrentes realizou este Club a sua primeira «poule» de tiro, que foi a 5 tiros, cabendo o 1.º premio, medalha de «vermeil», ao sr. João Rodolfo Moust, que fez 47 pontos, e o 2.º, medalha de prata, ao sr. Anibal de Moura e Sá, por 43 pontos.

Para março proximo está já anunciada outra «poule» com alvo giratorio.

SPORT CLUB DO BOMBARRAL

Os corpos gerentes do Spor Club do Bombarralense para o corrente ano são os seguintes:

Assembleia Geral: presidente, Evaristo Judicibus; 1.º secretario Franklin Nunes; 2.º Joaquim Furtado.

Direcção: Fernando F. Taveira, Raul Batista, Julio Ferreira Santos, Jaime Viegas e Arlindo Rodrigues.

A CAPITAL

Diario republicano da noite

N.º 3991—12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 30 de Janeiro de 1922

Telefone n.º 2233—Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

MOMENTO POLITICO

Demissão do Governo?

O significado eleitoral não é dificil de compreender.—A opinião nacional pronuncia-se claramente pela constituição dum ministerio democratico. —Ha duas forças no paiz: a republicana e a monarquica, sendo manifesta a superioridade da primeira

Não está ainda feito o apuramento completo das eleições legislativas em todo o paiz. Segundo as ultimas noticias pode conjecturar-se que o congresso ficará assim constituido, aproximadamente:

Democraticos.....	80
Liberais.........	24
Reconstituintes...	22
Independentes....	18
Monarquicos.....	10
Catolicos........	8

Procuremos compreender o que isto quer dizer.

Duas forças politicas continuam em presença, absolutamente antagonicas: republicanos dum lado e monarquicos do outro. A Nação, consultada acerca de suas preferencias, respondeu insofismavelmente que não admite o regresso ao passado e quer a permanencia do regimen republicano. Para não dar logar a ilusões, o paiz elege 120 candidatos republicanos contra 10 candidatos monarquicos. Não adicionamos, nem para um lado nem para o outro, os 10 candidatos catolicos, porque eles não fazem questão do regimen, embora aceitem a Republica como de facto e de direito.

Quem pôz a questão assim não fomos nós. Efectivamente o «Correio da Manhã» de outem—jornal que, segundo é de geral dominio, representa um ramo do pretendentismo, emquanto o outro tem por orgão «A Monarquia»—o «Correio da Manhã» escreveu o seguinte, firmado por um dos marechais do manuelismo, o sr. Alfredo Pimenta:

«Os candidatos monarquicos são os candidatos da Patria, os candidatos de uma Reacção energica e salutar contra a Desordem, a Anarquia, a Corrupção e o mal. Estão definidas as situações. Vamos a ver com quem a Patria pode contar.»

Aceite o repto, o paiz não reconheceu a existencia real dos perigos apresentados pela tal Reacção. O paiz disse aos monarquicos manuelinos que não havia perigo de Anarquia, nem de Desordem, nem de Corrupção. E disse-lh'o tão eloquentemente que apenas elegeu 10 dos seus candidatos contra 120 republicanos declarados, numa totalidade de 162 cadeiras. A Nação pronunciou-se, pois, contra a tal Reacção, confessada pelos manuelistas. Foi, mais uma vez, a sanção nacional á vitoria de Monsanto e á destruição, quasi que por espontanea consumpção, da Traulitania portuense, de tragica e ao mesmo tempo grotesca memoria.

Mas ha o caso de Lisboa. Aqui perderam os republicanos as minorias. Mas ganharam as maiorias. Não nos parece que, perante os dois factos conjugados, se possa concluir que os sentimentos da cidade se modificaram sensivelmente. Os monarquicos conquistaram as minorias de Lisboa simplesmente porque os republicanos se dividiram. E ainda por outro motivo: a abstenção do eleitorado foi enorme. Se os dois factores se não tivessem empregado, os monarquicos não arrancariam das urnas um unico deputado por Lisboa. Não houve, pois, uma vitoria monarquica. Não houve tambem uma derrota republicana. Em Lisboa houve, simplesmente, o Acaso, que favoreceu esporadicamente a eleição dos candidatos monarquicos.

Se os monarquicos se iludirem, respectivamente a Lisboa, pior para eles. Se a mente se lhes perturbar a ponto de suporem que a opinião republicana da capital lhes permitirá ir mais alem do que permite a tolerancia pelas opiniões alheias, peior para eles. Aprenderão, á sua custa, que não é possivel reproduzir a tentada da Traulitania...

❖ ❖ ❖

O conselho de ministros foi hoje convocado, pelo sr. Cunha Leal, para as 15 horas, no ministerio do Interior. Embora não nos fosse dado colher a confirmação oficial, crêmos que do conselho sairá a demissão coletiva do ministerio, ficando desde já aberta a crise. Ela é logica, sendo absolutamente constitucional.

A opinião manifestou-se com clareza. Não é necessario esperar mais tempo para a conhecer. A nação quer ser governada segundo as normas preconizadas pelo partido democratico. E', pois, a esse partido que compete organisar ministerio.

As eleições demonstraram que no paiz só ha uma força republicana organisada: é a democratica. O resto são esqueletos de partidos, sem força na opinião. Os liberais são uma facção republicana em decomposição. Apenas os reconstituintes são um valor politico, muito relativo, aliás, e ainda incapaz de exercer governo. De resto, esta facção republicana é, ainda hoje, uma afirmação da vitalidade democratica, mais do que outra qualquer coisa. Pois não foi do partido democratico que ela sahiu? E se para lá voltasse, á semelhança do que fizeram os dessidentes do sr. Domingues Pereira? Então ficariam os democraticos com uma forte maioria absoluta, o que facilitaria singularmente a resolução da crise ministerial que vai dar-se.

Parece que o sr. Cunha Leal não quiz dirigir os trabalhos eleitorais, passando esse encargo ao sr. Nuno Simões, ministro do comercio. Numa entrevista recentemente publicada neste jornal encontram-se, efectivamente, estes periodos:

Ocupa portanto um logar conquistado de direito, (o sr. Nuno Simões) e tanto assim é, que o chefe do governo lho confiou, neste momento de indecisão, o pesado encargo de orientar e dirigir a politica do gabinete.

O dr. Nuno Simões tem sobretudo exercido uma função coordenadora, ligando esforços dispersos, procurando encaminhar forças divididas. As suas tentativas de aproximação e entendimento tem-nas ele visto coroadas de um exito que apenas serve de justificação ao trabalho dispendido.

O sr. ministro do comercio não deve estar a estas horas, muito satisfeito com o resultado do seu trabalho. Vamos dizer porquê.

Sempre se disse que a constituição do parlamento anterior era extremamente defeituosa. Sem uma forte maioria capaz de permitir dar força a um governo homogeneo, reconheceu-se geralmente a existencia duma situação a que se deu o nome de «gachis». Foi isso, segundo as mais criteriosas opiniões, que gerou o mal estar constante, a incerteza e a hesitação politicas. As eleições feitas sob o ministerio Barros Queiroz não destruiram o tal «gachis». Embora seja doloroso constata-lo, as eleições de agora prometem manter o mal estar, embora, segundo nós, sob uma forma um pouco atenuada. Se os democraticos ficam com uma maioria absoluta bem acentuada, não ha «gachis»; mas se fôr verificado o caso contrario, permanece a confusão, originaria da perturbações de toda a especie.

Alguns politicos, deduzindo do passado para o futuro, não consideram facil governar com o Parlamento que as urnas vão evidenciar. Os governos de concentração, pela sua natureza heterogenea, nada produzem de util, porque se constituem sem plano definido, entrechocando-se as opiniões e tendencias das partes componentes. E um governo homogeneo, sabendo para que vai ao poder e o que lá vai realisar, não é facil de constituir, se o «gachis» permanecer, apezar de tudo, na constituição do Parlamento.

A ultima palavra, a este respeito, ainda se não pode dizer. Sómente depois do apuramento final é que se avaliará da longa ou breve vida do Parlamento organisado sob a direção politica do sr. ministro do Comercio.

VISÃO DO INFINITO

"1920 H Z"

é como se chama um novo habitante dos espaços siderais, parente proximo da terra

O observatorio de Alger lançou ha tempos a noticia sensacional de que fora descoberto e identificado um novo planeta do nosso sistema solar, aparentado com a terra que habitamos, por ter sido originado no resfriamento da mesma nebulosa.

Descobrir, nestas alturas da sciencia astronomica, que um planeta ainda desconhecido nos acompanha na viagem atravez os espaços infinitos, subordinado, como nós, á força atrativa do sol, é realmente um acontecimento de sensação, se bem que ele não altere, fundamentalmente ou não, o equilibrio dos astros no espaço.

Os astronomos puzeram ao planeta recem-descoberto o nome bizarro de «1920 HZ». Trata-se dum astro de proporções diminutas, pertencente á multidão de asteroites ou planetas minimos que fazem as suas viagens no espaço compreendido entre as orbitas de Marte e Jupiter. Nesse intervalo giram, efectivamente, um certo numero de pequenos planetas, cuja origem é atribuida e mais ou menos fantasiosamente, ao choque de dois grandes planetas que mutuamente se pulverisaram, numa epoca tão remota que desafia toda a imaginação. Esses dois mundos, girando em torno do sol, abalroaram no caminho; o calor produzido pelo choque fundiu e vaporizou uma parte da sua substancia; outra, resfriada de novo, passou a girar em torno do sol, fragmentada e dispersa.

A essa familia pertence o «1920 H Z». O que mais interessante o torna, é que a curva da sua rotação em torno do sol é muito excentrica, muito mais que as dos outros asteroides, que é quasi circular. Assim, o «1920 H Z», na ocasião em que se encontra mais proximo do Astro-Rei dista delé uns quinhentos milhões de kilometros e afasta-se depois até ao limite maximo de um bilião e quinhentos milhões. A sua orbita, cortando as de Marte e Jupiter, quasi raza pela de Saturno.

Devido á excentricidade da orbita, o «1920 H Z» pode descambar, dum momento para o outro, num vagabundo do espaço, tal qual um cometa. Se, por acaso, ele entra na esfera da ação atrativa dum outro astro, mais poderoso, para ele, que a do Sol, o «1920 H Z» foge-nos e nunca mais o vêmos. Essa preocupação domina os astronomos,—e a nós tambem, mas sómente por contagio.

E para acabar, definitivamente, com o «1920 H Z», diremos que ela possue uma vantagem sobre a terra, visto que a sua rotação em torno do Sol se completa em treze anos dos nossos.

Imagine agora o leitor a felecidade que gosariamos se lá vivessemos. Pelo nosso lado, ainda engatinhavamos, apenas com quatro anos de idade, incompletos, e muitos dos nossos leitores estariam na massa dos impossiveis, não se vendo forçados a cortar nas listas de outem o nome laureado do estadista sr. Afonso Costa ou a substitui-lo pelo nome dum outro estadista qualquer da Republica. Mas nesta terra, que tão rapidamente se move em torno do sol, a vida vai correndo tão veloz, que a velhice nos surpreende antes que aos habitantes do «1920 H Z» caiam os dentes de leite. Tristo condição a dos humanos terraqueos!

Por motivo de ser dia de feriado nacional amanhã, não se publicará este jornal, estando fechados os nossos escritorios e oficinas.

O Dr. Silva Ramos

Será, certamente, o novo Provedor da Misericordia de Lisboa

Segundo nos consta, com visos de completa verdade, o sr. Cunha Leal, chefe do governo e ministro do Interior está no proposito de nomear o sr. dr. Silva Ramos para o logar vago de Provedor da Misericordia de Lisboa.

A escolha parece-nos absolutamente justificada. O sr. dr. Silva Ramos, que exerce já a função de Provedor por ser um dos adjuntos, é um dos mais distintos medicos da capital e, a todos os respeitos, digno da confiança do governo. As suas qualidades de administrador zeloso—, e principalmente, de homem de coração e de caracter, já se teem evidenciado, por vezes, e ainda agora na forma como desempenha as funções interinas da Provedoria.

A nomeação do sr. dr. Silva Ramos teria, ainda, a vantagem de se poder suprimir um dos logares de adjunto, o que representou, sem duvida, uma apreciavel economia.

Portugal na Exposição do Rio de Janeiro

E' necessario que o comercio e as industrias se apetrechem para uma representação condigna nesse grande certamen internacional dum ano

A propaganda que ali fizermos influirá bastante nos problemas da nossa navegação para o Brazil, do desenvolvimento da zona franca do porto de Lisboa, e da assinatura dum acôrdo comercial com a nação irmã

Para todos aqueles que fomentam ou pretendam fomentar a nossa politica economica e ainda para todos os que no estudo desse interessante e complexo problema se dedicam, deve ser hoje ponto assente, axioma indiscutivel que Portugal necessita de ser representado, e bem representado, na exposição internacional do Rio de Janeiro. Nunca será demasiado, portanto, o incitamento que, em nome dos interesses vitais da nacionalidade, se dirija ao nosso comercio e ás nossas industrias.

A's faculdades de expansão economica que o Brasil nos oferece e que poderão tornar-se na mais reconfortante realidade, devemos nós estuda-las com o maximo cuidado e—com a maior prontidão. O tempo urge e a oportunidade da exposição do Rio de Janeiro—convençam-se disto os comerciantes e industriais portuguêses—será talvez unica para conseguirmos que as relações comerciais de Portugal com o Brasil sejam finalmente o que, de ha muito tempo, deviam ser.

❖ ❖ ❖

Pretendemos que a nossa representação comercial e industrial no Rio de Janeiro possa ser a demonstração cabal e comprovada da nossa vitalidade e dos nossos recursos de progresso, não é acreamente que o pretendemos, isto é, sem que ao estudo do melindroso questão tenhamos consagrado muito tempo de aturado estudo.

Ha indicações seguras para o caminho que nós devemos traçar, para a orientação que o nosso comercio e as nossas industrias teem o dever de se fixar. O expoente economico do Brasil aconselha-nos, simultaneamente, o estabelecimento dum acordo comercial e o desenvolvimento da zona franca do porto de Lisboa. Mas como não é com embaixadas literarias ou artisticas que se desenvolvem relações comerciais; se fomenta o intercambio economico ou se promove o acrescimo das permutas ou antes fenomeno gerador de riqueza, sem diminuirmos o papel ou apressarmos a influencia dessas embaixadas—um e outro grandes no campo vasto e belo dos sentimentos e da moral—repetiremos que é com *embaixadas comerciais e industriais* que o *desideratum* duma verdadeira aproximação luso-brasileira pode ser atingido.

Isto, porem, de embaixadas comerciais e industriais não quer dizer representações de caracter politico ou de cerimonial diplomatico. Certamente que o Comercio e as Industrias teem hoje a sua politica interna —a da procura e da oferta—e teem a sua diplomacia tanto para a produção como para a colocação de productos; mas essa politica e essa diplomacia, mais do que nenhuma outra, embora a tendencia já seja geral, é feita de actos contra argumentos, e quanto possivel esgrime com as realidades contra calculos e previsões, contra programas, planos ou hipoteses.

O *rótulo* ainda vale; vale mais a *embalagem*; atrai o aspéto da apresentação geral. O *mostruario*, porem, o mostruario bem cuidado e em grande é que hoje resolve muitos dos mais importantes problemas economicos entre as nações. Esses grandes mostruarios são as exposições internacionais como a que vai realisar-se no Rio de Janeiro, dentro de 7 ou 8 mezes.

❖ ❖ ❖

Aqui tem o comercio e aqui tem a industria porque é necessario, por conveniencia nossa, que os produtos nacionais figurem dignamente representados e dignamente instalados na grande exposição brazileira de setembro proximo, tanto mais que essa exposição deverá manter-se por 12 longos mezes, o que é importante.

Ha mais, porem. Disemos acima que o expoente economico no Brazil nos aconselha ou mesmo impõe o desenvolvimento da zona franca do porto de Lisboa e o estabelecimento dum acordo comercial.

O expoente economico do Brazil—a sua alta valia— afere-se das estatisticas brazileiras, dos nossos relatorios consulares, de varias publicações das Camaras de Comercio Portuguesas nos principais Estados da nação irmã, etc. E ainda recentemente, numa entrevista com um redactor do «Diario de Noticias», o sr. Sampaio Garrido, consul de Portugal no Rio de Janeiro, punha em destaque a opinião criteriosa de que, em face dos progressos assombrosos da exportação brazileira, o problema da nossa navegação para o Brazil só poderá ter proveitosa solução quando, pelo desenvolvimento da zona franca do porto de Lisboa e por um conjunto de medidas que com esse desenvolvimento se ligam, tivermos atraido, chamado a nós, como intermediarios na sua dispersão, a maior parte daquele importante movimento exportador.

O governo italiano ofereceu um dos seus portos, com franquia para auxiliar a importação do café brasileiro no Oriente. A zona franca de Cadiz funciona ha já bastante tempo e com largas ambições de se tornar um entreposto mundial e, muito recentemente, foi decretado o estabelecimento de uma zona franca em Barcelona. O Brasil mantém já um largo comercio de exportação para a Espanha, Italia, Grecia, Argelia, Turquia, Egito, etc., o qual se cifra em muitos milhares de contos de réis.

Não se esqueçam tambem as velleidades do porto de Vigo em concorrencia com o nosso. E depois de tudo bem ponderado, digam-nos se sim ou não se impõe que, energica e decididamente metamos mãos á obra de fazermos do porto de Lisboa o verdadeiro cais de desembarque de toda a America.

Agora, que a grande luta de expansão e concorrencia mundiais se avigoram, temos o dever de chamar a atenção dos exportadores brasileiros sobre nós.

Como patrioticamente divulgava em 1917 em terras de Santa Cruz a Camara Portugueza de Comercio, Industria e Arte, de S. Paulo, o porto de Lisboa é um ponto estrategico comercial de primeira ordem para a distribuição na Europa, ficando equidistante sensivelmente de todos os mercados do velho mundo e na confluencia de todas as vias maritimas. Pode e deve ser o nosso porto o instrumento decisivo da conquista do *hinterland* da peninsula para os produtos americanos, sobretudo para os da America do Sul, tanto mais que os produtos brasileiros não fazem concorrencia aos produtos coloniais portugueses, antes facilitarão a fixidex na colação de preços, estabelecendo um unico mercado regulador para a borracha, o café e o cacau.

Na zona franca e futuramente no porto franco de Lisboa, os produtos podem ser depositados, conservados indefinidamente, manipulados, desdobrados, reempacotados distintamente, pagando apenas taxa de armazenagem e leves tarifas de carga e descarga, leves porque a mão de obra em Portugal, apezar da sua carestia, é mais barata que na maior parte dos outros paizes da Europa.

Finalmente, os produtos depositados na zona franca do porto de Lisboa, podem ser legalmente *Warrantados* para todos os efeitos comerciais.

Absorvidos, desde ha muitos anos, numa luta esteril e por vezes sangrenta de facções, criminosamente nos temos esquecido de fazer a propaganda demonstrativa destas verdades, sendo consolador mas tambem triste que tenhamos de invocar o insuspeito testemunho de concorrentes estrangeiros, quando pretendamos garantir, sendo acreditados, que Lisboa deve ser o cais da Europa. Pois que atentem os maus portuguezes nestas expressivas palavras do ilustre politico espanhol Sanches de Toca, ha anos pronunciadas ou escritas, pouco depois de ter deixado o logar de Presidente do Senado do paiz visinho:

«Portugal necessita, como as suas industrias, desenvolver e prosperar a sua agricultura.

«A luta de tarifas que temos sustentado só tem servido para mutuamente nos aniquilarmos em proveito de outros paizes. A nossa boa vontade para com Portugal e seus progressos, é tal que antes de rebentar a guerra já se tinham organisado capitais para a transformação do porto de Lisboa.

«A sua situação geografica é de tal ordem que ele não pode ficar como está e terá de vir a transformar-se em um novo Hamburgo. Para isto urge fazer dele um porto franco com amplos melhoramentos, mas como porto de transformação de productos pois de contrario seria apenas um porto de passagem, sem valor.

«Necessita o porto de Lisboa de ser *hinterland*; e assim eu julgo que de Lisboa deve partir uma grande linha ferrea que, por Madrid, vá até Berlim, o coração da Europa. Uma outra linha partirá de Madrid para Algeciras, e dali, atravez a Africa, até Dakar. Deste porto a America do Sul a viagem far-se-ia rapida e comodamente, ganhando os viajantes uns poucos de dias.

«Não falemos em Vigo; comparados com Lisboa, Vigo e o Porto nada valem. Feito isto toda a navegação correria a Lisboa, tanto mais que a sua situação relativamente ao Canal de Panamá, é superior a qualquer outras.»

❖ ❖ ❖

A cadeia destas coisas estabelece-se assim. Se para se tratar a serio da nossa navegação para o Brasil, necessario é que tratemos a serio do desenvolvimento da zona franca do porto de Lisboa; egualmente preciso se afirma ser que tratemos a serio desse desenvolvimento, para que a serio possamos tratar dum acordo comercial com o Brasil.

E aqui vem ainda a proposito fazer a transcrição da seguinte ligeira passagem da entrevista do «Diario de Noticias» em que o sr. Sampaio Garrido, criteriosamente se referiu ao interessante assunto.

Reza deste modo:

«As nossas compras são cada vez maiores e isso facilitará esse acordo. Em 1920, importámos do Brasil varias mercadorias no valor de 30 mil contos. Este facto, o aproveitamento da zona franca e o estabelecimento de uma carreira de navegação serão as forças que, conjugadas, poderão criar fundamentos solidos á nossa politica comercial com o Brasil...

«Talvez que, reconhecido o valor da nossa emigração—em cinco anos 223,080 emigrantes—, pesado o ouro das nossas compras, constatados os beneficios da zona franca, venha o Brasil a olhar com mais interesse o facto de tivermos, nos tratados de comercio celebrados com outras potencias, salvaguardado o direito de a ele, como paiz irmão, concedermos favores especiais e incomunicaveis! Talvez que venha a aproveitar-se dessa porta, franca e finalmente aberta, para, sobre uma base de reciproco auxilio e amizade, permutarmos favores que tragam beneficios ao comercio da exportação brazileira e nos assegurem a nós, portuguezes, uma melhor situação dentro do grande paiz ao qual, desde seculos, vimos dando uma parcela muito generosa do nosso sangue!»

Sem propaganda, porém, nada do que deixamos enumerado se conseguirá. E tendo nós discreteado sobre a eficacia duma propaganda pratica, por propaganda pratica entendendo bem a nossa representação comercial e industrial condigna, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro—aqui exortamos os comerciantes e industriais portuguêses mais importantes e acreditados a que preparem as suas embalagens e os seus mostruarios, sem perda de tempo, com o maior cuidado e com o mais esperançado entusiasmo.

O Comissariado da Exposição, instalado na Sociedade de Geografia, fornece todas as indicações necessarias.

Terminamos como começamos, dizendo que a ninguem com categoria para tanto, e haja muita em Portugal, descurar estas questões de tão grande alcance e de tão valiosas consequencias para o futuro do paiz e prosperidade da sua gente.

SEGREDOS A TODA A GENTE

As janelas

Ninguem ignora, creio eu, o papel preponderante desempenhado pelas janelas na vida social das cidades—e principalmente na vida social de Lisboa. Sem uma janela onde se debruçasse ao sol, Lisboa morria de fome, morria de frio, morria de tédio—e não vivia de amor, como vive. E' atravez dela que a cidade domestica e indiscreta comunica com a rua, com os visinhos—por consequencia com a vida. E' atravez dela ainda que as raparigas comunicam com o amor. Se não houvesse um postigo, uma adufa, uma fresta sequer por onde passasse um olhar—Lisboa ficava solteira. Assim havendo janelas não é raro esse olhar mas tambem os sorrisos, as cartas, os beijos—e até ás vezes os rostos. A vida das raparigas de hoje cujas prendas supremas consistem em jogar o bridge e fazer renda inglesa, gira hoje, em grande parte, em volta dumas brise-bise de renda. Logo de manhã a carochinha de todo o ano instala-se comodamente com o açafate de costura e um folhetim de jornal, ao canto da janela para que todos a vejam—precisamente na mesma janela onde, á noite, namora, sonha e espirra. As mulheres, tenho a certeza, estão á janela como se estivessem nas montras: a ver se alguem as leva. Logo convem que essas montras encantem, perturbem, atraiam o mais possivel. Não basta enchê-las de flores ou vesti-las de renda: é necessario torna-las mais comodas, mais uteis, sobretudo mais acessiveis. Como? Por exemplo: construindo junto de cada uma delas uma escada, não a escada de seda de Romeu e Julieta—mas uma escada de fogo...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

A situação em Bombaim

LONDRES, 30.—Telegrafam de Bombaim que a situação da India peora consideravelmente. Julga-se que se não poderá voltar a um regimen de normalidade sem primeiro reprimir desordens e tumultos sangrentos.—(Lit. Am.)

"A CAPITAL" publicará brevemente DUAS EDIÇÕES

O que a ex-imperatriz Zita declarou a um jornalista francez

—Sinto-me completamente repousada, neste momento—começa por dizer a ex soberana ao jornalista por ela recebido num muito modesto aposento do hotel em que passára a noite.

Dei, com meus dois irmãos, um encantador passeio, esta manhã, pelo caes do Garona e fomos depois á igreja do Sagrado-Coração.

Sinto-me inteiramente reconfortada com esta minha curta estada nesta boa terra de França.

Lembras-te, Xavier, quando fomos de Nyon a Saint Corgues para avistarmos a França?

Quer acreditar: Sinto-me aqui como na minha terra.

Esta jovem mãe de seis filhos, e, dentro em breve de sete, revela ao jornalista, á medida que escuta e a olha nos seus sorrisos e na expressão de intima alegria, bem manifesta, muitas coisas valiosas.

Por essa alegria se vê que a ex-imperatriz jámais aconselhou a seu marido qualquer tentativa de restauração.

Quando tem de referir se a seu marido e de pronunciar a palavra «Imperador» sente-se o seu respeito e a sua docilidade obediente pelo homem que tem a responsabilidade do poder —uma especie de impossibilidade moral em discutir as decisões tomadas pelo seu soberano.

Porem, nos seus grandes olhos negros, no seu sorriso tão juvenil e tão alegre que lhe ilumina a todo o instante o rosto, adivinha-se a companheira dedicada e solicita—a companheira admiravel para um soberano desventurado, uma força constante e tenaz que jamais a abandona nas maiores audacias como nos maiores desalentos.

O jornalista quer que desta entrevista as chancelarias nada mais vejam alem do puro e simples interesse humano.

A Europa central, a Hungria e os seus vizinhos, as tentativas de restauração, tudo isto bem pouco entrou como motivo da conversa havida entre o entrevistador e a entrevistada.

O unico proposito e a unica preocupação do jornalista era o de esboçar uma mulher, uma princeza franceza que ocupou, nas mais tragicas circunstancias, um dos mais velhos tronos do mundo e que, actualmente reduzida á pobreza, fala do passado, do presente e do futuro com uma serenidade quasi alegre, o que a torna infinitamente simpatica e respeitavel.

A ex-imperatriz fala da sua recente viagem sem a menor sombra de pezar. Por vezes, ri com intima satisfação:

—Imagine que quando me encontrava já em Zurich, o chanceler da legação suissa, M. Egger, trazia na minha mala de viagem uma grande proclamação do imperador, em pergaminho e pela qual ele abdicava em boa e devida forma, legando os seus direitos ao trono da Hungria a seu filho mais velho, o arquiduque Otto.

Foi este achado «absurdo» que determinou—ao que me parece—a conferencia dos embaixadores na qual ficou resolvido abreviar o mais possivel a minha permanencia na Suissa.

Estava autorisada a permanecer neste paiz até ao dia 31; sendo-me depois encurtada de dez dias.

Quando voltou de Berne, onde fôra mandado para tomar parte nesta grave questão, M. Egger estava visivelmente irritado e contrafeito.

Comunicou-me o meu itinerario. Eu tinha de partir de novo, nessa noite, depois de 25 horas de viagem, de Bordeus, ás 2 horas e 50 minutos, para uma nova viagem de 20 horas.

A viagem de avião da Suissa á Hungria

—Quer ainda, responde-lhe a imperatriz, á travessia da Europa Central em aeroplano.

Já o trajecto de Hertenstein a Zurich, em automovel, não foi sem incidentes. Ia comnosco o conde Ledochowsky, o nosso camarista, a quem nada tinhamos dito para não o perturbar. A meio do caminho, o imperador pô-lo ao corrente das suas intenções. O pobre homem esteve em risco de ser vitima de um ataque. «Estão bem seguros do resultado»? Decerto que não estavamos. Alguns ciclystas reconheceram-nos e por um momento julgamo-nos perdidos.

Chegados ao campo de aviação, o piloto disse-nos que a gazolina estava cheia de impurezas e que a viagem se lhe afigurava escabrosa.

Apesar de tudo, partimos, mesmo assim, e subimos a 3:500 metros. O imperador e eu tivemos vertigens. Estavamos proximos da Baviera quando o motor começou a entrequecer. O piloto Zimmermann olhou-nos com sobresalto. Compreendi o seu pensamento. Teve medo que suspeitassemos que nos queria obrigar a descer na Baviera.

Fazendo esforços, verdadeiramente sobrehumanos, podemos alcançar a Austria. Estavamos gelados. Eu não trazia agasalhos. Somente uma capa de couro, porque eu recebava, no estado em que me encontrava, de levar vestuarios muito abafados.

Subitamente, diz-nos: «Que ninguem fume! Esta-se a dar uma fuga de benzina!»

Enfim, depois de mil emoções, avi-

tamos Viena, Schoenbrunn e o nosso castelo de Luxemburg, onde nós tinhamos vivido tão felizes. Foi um momento de dolorosas recordações aquele em que, depois de passarmos Wiener-Neustadt, alcançamos a Hungria.

Esperava-nos uma surpreza. Tinha havido um mal entendido sobre o dia em que deviamos fazer a nossa entrada e os grandes focos, que deviam assinalar o terreno de aterrissagem, não estavam acesos.

Emfim, o nosso piloto resolveu fazer a descida, mas era bem nem o momento, nem o logar proprio e fomos obrigados a retomar o vôo por mais uma hora, ainda.

Tivemos muitos contratempos. Já se disse que os nossos aviões perderam demasiado tempo em virtude da reunião do conselho de ministros.

Em resultado perdemos tempo mas foi a procurar os nossos amigos e a recuperarmos vagões.

O nosso erro, acrescenta a imperatriz, com uma maliciosa ironia, em toda esta questão, foi o não termos contado com os nabos e as beterrabas. Vira em outubro, na época da colheita dos nabos e beterrabas e todos os vagões estavam ocupados no seu transporte.

Daqui o nosso atrazo e os nossos desencontros.

Sobre estes desencontros o jornalista não diz nada, embora a imperatriz tivesse citado nomes e factos, em virtude de não querer trair a sua confiança, invocando o seu testemunho para culpar uns ou desculpar outros. Tinha-se imposto, a si mesmo, o proposito de não penetrar em questões de ordem politica para não expor nos comentarios da opinião publica uma desventurada mulher que, como mãe de seis filhos, não pode permitir-se o luxo de dar a sua opinião sobre acontecimentos recentes.

Acompanhou seu marido na sua perigosa tentativa.

Expoz-se, a seu lado, com sangue frio e bom humor, a todos os perigos.

Não é justo que esta fidelidade tenha como consequencia lançar sobre os seus hombros qualquer responsabilidade.

Uma inimiga da Alemanha

Porém o que não é do dominio da politica, mas da historia, é a atitude da imperatriz durante a guerra.

Londendorff falou dela como duma inimiga da Alemanha, e este facto decidiu o jornalista a interroga-la sobre os acontecimentos nos quais se encontrou envolvida desde a sua ascensão ao trono dos Habsburgos.

Desde a data do seu casamento, em 1911, que a arquiduqueza Zita conhecia os odios que um dia se deviam tornar ferozes.

Certas arquiduquezas, apaixonadamente germanofilas, sublevaram Viena contra ela: Que virá fazer á nossa côrte, esta franceza? — diziam por toda a parte.

Desde o momento em que a morte do velho Francisco José impoz a Carlos e a Zita o pesado fardo de uma guerra ao lado da Alemanha, em condições que lhe pareciam odiosas e contra a França, os alemães suspeitaram sempre da ação da imperatriz.

Zita foi acusada de fornecer informações ao inimigo, de proteger a evasão de prisioneiros franceses e de abrir as comportas do Piava para inundar o exercito austriaco.

A guerra submarina

—Ainda hoje me recordo—diz a imperatriz—dum extraordinario almoço em que o almirante alemão Holtzendorff, que era nosso hospede, preconisava as vantagens da guerra submarina e os beneficios da guerra em geral.

—Pois sois uma destas pacifistas nefastas que nos paralisam a acção. Eu, juro-vos, no entanto, que no dia 1 de julho de 1917, a Inglaterra virá pedir-nos a paz de joelhos.

O imperador Carlos era absolutamente contrario á guerra submarina. Opoz-se-lhe sempre com toda a sua decisão.

Eu disse a Holtzendorff:

—A vossa guerra é uma coisa abominavel. Não reparais vós que, á vossa roda, milhares de pessoas morrem de fome?

Ele respondeu-me:

—E' excelente o jejum. Eu proprio, quando tenho grandes planos a resolver, não como. Esta abstinencia é util a toda a gente.

—Vós ousais—respondi-lhe—fazer tais afirmações depois de terdes feito tanta honra a um «menu» delicado! Não sei como se não envergonha?

A estas palavras fez-se tão vermelho que eu receei um ressentimento da sua parte.

Alguns meses depois, precisamente no dia 2 de julho, Hindenburgo e Ludendorff jantavam em minha casa.

Não pude resistir á tentação de lhe perguntar:

—E' verdade... a Inglaterra já está prostrada de joelhos?

Hindenburgo, que era um homem delicado, respondeu com filosofia:

—A guerra é uma questão sobre a qual muitas vezes nos enganamos.

Porém Ludendorff ficou tão furioso que eu mudei de motivo de conversa.

As tentativas de paz

Os alemães estavam furiosos contra mim, porque quatro vezes escrevi a Guilherme sobre a catedral de Reims.

A primeira vez respondeu-me que a catedral fôra ligeiramente prejudicada e que já tinha dado as suas ordens para que fosse respeitada. Guilherme desejava a paz, mas o seu sequito não permitia que tivesse opinião. Em 1917, prevenimos a Alemanha de que queriamos a paz.

Ficou resolvido que seriamos livres quanto á escolha dos meios. Meu irmão fez a diligencia que conhece.

Depois disso, Guilherme disse a meu marido:

—Como pudestes vós proceder assim?

O imperador respondeu-lhe:

—Do meu lado procedi com lealdade, porquanto vos preveni do meu proposito, não fizestes vós ao mesmo tempo algumas manobras de paz por intermedio de Prancken e de outros?

Guilherme não deu resposta.

Mais tarde, depois da publicação das cartas de meu irmão, Guilherme quiz impôr á Austria um tratado que o imperador considerava como uma verdadeira vassalagem economica.

O projecto foi apresentado sob um aspecto seductor e os nossos ministros estavam dispostos a assina-lo. Felizmente que o kaiser cometeu uma «gaffe» providencial.

—Em suma, dizia ele, não tendes de que vos lamentar. Vede a Baviera! Ela sente-se muito feliz.

A isto Carlos apressou-se a declarar:

—Sinto-me feliz em ouvir da vossa propria boca que ficamos anexos á Baviera.

E as negociações faliram.

—No verão de 1918 vim com o imperador á famosa entrevista de Hamburgo. Recorda-me de que no salão, depois do almoço, eu notava a assistencia em que havia dois imperadores, duas imperatrizes, os estados-maiores e varios ministros.

Pensei por um momento que se uma bomba que rebentasse no meio de nós faria um acontecimento sensacional.

A imperatriz Augusta vendo-me pensativa, perguntou-me:

—Em que pensas?

Disse-lhe a verdade.

—E' curioso, respondeu-me, se os franceses soubessem que era aqui, seriam bem capazes de nos vir bombardear.

—Quanto a isso, disse-lhe, não acredito que o fizessem.

Os franceses não lançariam propositadamente bombas sobre duas mulheres inofensivas.

Comtudo pode haver equivocos cometidos por jovens aviadores ambiciosos de se assinalarem. Assim, quando do aniversario do rei dos belgas, os aviadores alemães lhe bombardiaram a casa e podendo ter matado sua mulher, foi certamente inadvertencia.

Ficou desconcertada e vi que se tinha ido informar com Londendorff.

A imperatriz Zita evoca todas estas recordações, com espirito e bonhomia, com a consciencia calma de uma mulher que não sente a menor responsabilidade na tragica catastrofe.

Fez todo o possivel por a impedir, pondo mesmo a sua propria vida em perigo na revolução de 1918.

Ela volta para a Madeira para ahi viver no exilio, emquanto que em Doorn «o senhor da guerra» acaba os seus dias na opulencia.

Quanta ironia no contraste destes dois destinos!

Biblioteca Nacional

Não cumprindo a maior parte dos autores, editores e tipografias as disposições legais sobre deposito e registo obrigatorios na Biblioteca Nacional não obstante os seus continuados avisos, ordenou o director deste estabelecimento que se cumprisse rigorosamente a lei, apreendendo-se as obras á venda e multando-se o responsavel pelas transgressões.

Em volta da morte de Bento XV

Uma rapida historia do papado

E', desde muito cedo, por entre os perigos das perseguições e num tempo em que a dificuldade das comunicações, tendia, pelo contrario a afrouxar os laços da hierarquia que o direito ao governo da Igreja foi reivindicado pelos bispos de Roma em nome dos privilegios pessoais do apostolo Pedro, privilegios de que os seus sucessores devem beneficiar, a fim de que a sua autoridade se perpetue, segundo a palavra de Christo, «até á consumação dos seculos».

Depois do martirio de S. Pedro (68) vêmos os seus sucessores intervir muitas vezes como arbitros para apaziguar as dissenções das Igrejas locais: assim, S. Clemente nos divisões da Igreja de Corintho; S. Victor, na questão da data da festa da Pascoa, debatida entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente; S. Estêvão, na questão do batismo dos hereticos; etc. Esta supremacia assim estabelecida sobre a supremacia mesma de Pedro, três circunstancias contribuiram a consolida-la: em primeiro logar, a importancia politica e moral da cidade de Roma; em seguida, o mérito proprio dos seus bispos (sobre 33 Papas que reinaram até ao ano 313, vinte e oito receberam o titulo de martires, e todos são venerados como santos); em ultimo logar, e sobretudo, a pureza da doutrina que eles ensinam, não tendo nenhum deles incorrido nem sequer na mais leve suspeita de herezia. No fim do seculo II, S. Irineu poderá «exaltar a tradição e a fé prégada a todos os homens na Igreja romana... que os apostolos Pedro e Paulo fundaram e estabeleceram. E' preciso que a esta Igreja, por causa da sua eminente supremacia, se conforme toda e qualquer outra Igreja...»

Na pratica, a primazia de jurisdição afirma-se com a primazia da doutrina, e esta afirmação é facilitada pelo concurso dos imperadores. Por um lado, com efeito, na luta entre as grandes heresias, que se segue ao reconhecimento oficial da Igreja, por Constantino, os Papas esforçam-se por ocupar o primeiro logar, quer denunciando o erro, quer provocando, depois confirmando e fazendo executar as decisões dos concilios. O concilio de Nicéa (325) declara o bispo de Roma dotado de uma «supremacia perpetua»; o principio de apelação para Roma, mesmo contra os synodos provinciais é admitido no concilio de Sárdica (347). O concilio ecumenico de E'feso (431) proclama o pontifice romano «o principe, a cabeça, a coluna da fé, o fundamento da Igreja, aquele a quem Jesus deu as chaves do reino celeste».

Por outro lado, em 455, o imperador Valentiniano III, aprovando as reivindicações muito categoricas e energicas de Inocencio I e de Leão o Grande, publica um edito que submete ao bispo de Roma todos os bispos do seu imperio.

A bem dizer, o exercicio desta supremacia foi mais profundo e mais duradouro no Ocidente que no Oriente. Razões multiplas, respeitantes ao mesmo tempo á lingua, á politica, os costumes, afastam a pouco e pouco do Papado as Igrejas do Oriente: o scisma rebentava com Photius (867), para se consumar com Miguel Cerulario (1054). Mas, no Ocidente, a obra do Papado prosegue sem obstaculos, tendendo a alargar no exterior o campo de ação da Igreja e organisa-la a ela mesma interiormente.

Os Papas são padrinhos de baptismo dos Francos (496), dos Burgondes (517) e dos Suavos (551). S. Gregorio o Grande, recebe na Igreja os wisigodos da Espanha (590) e os Lombardos (591); envion missionarios aos anglo-saxões (696 597). A conversão da Frisia e da Germania foi obra de Sergio I e de Gregorio II (670-719).

Nos meados do seculo VIII, é em nome do Papado que S. Bonifacio evangelisa a Germania, criando ali um episcopado disciplinado, e que obtem, no concilio de Francfort, que seja imposta aos metropolitanos a obrigação de esperarem do Papa a remessa do «pallium» antes de entrarem em funções (742). Emfim, alguns anos mais tarde, o advento do imperio Carolingio traz ao Papado um novo concurso. O Papa Zacharias reconhece Pepino o Breve como rei: S. Leão III põe sobre a cabeça de Carlos Magno a corôa imperial. Por sua vez, os Carolingios permitem a constituição de um Estado pontificio, acrescentando aos vastos dominios que os Papas, desde o seculo IV, tinham recebido dos imperadores, a doação autentica de Roma, Ravena e a Pentapolo (741-774) e sobretudo libertando a Santa Sé da tirania dos Lombardos.

Emfim, Carlos Magno e os seus sucessores secundam a obra de organisação da Igreja: Carlos, o Calvo, em 877, aceita os cánones do Concilio de Ravena, decidindo que a investidura dos metropolitanos deve ser aprovada pelo Papa. O Papa é, verdadeiramente, de facto e sem contestação, o chefe da Igreja, a quem é reservado o direito de convocar os concilios, de homologar as suas deliberações, de julgar e de depôr os bispos. Em 1049, o concilio de Reims, presidido por Leão IX, declara o bispo de Roma «primaz apostolico da Igreja Universal.»

No seculo XII, o Papado póde assim aparecer no Ocidente como uma potencia religiosa, moral e politica de primeira ordem. Nicolau II libertou-a da proteção imperial que, a pretexto de a defender contra a turbulencia dos italianos, tinha, por um momento, nos fins do seculo X, pretendido escravisa-la. S. Gregorio VII, por sua vez, proclama a superioridade do poder espiritual, reforma os costumes do clero, restabelecendo no seu rigor primitivo o celibato eclesiastico, e concebe o sonho grandioso de uma Europa catolica federada sob a cruz de S. Pedro.

(Conclue.)

MUSICA

S. LUIS

Orquestra sinfonica portuguesa

A musica russa tão cheia de riquesas orquestrais e de belesas de colorido, fez sucesso no mundo musical, quando a sua expansão se fez.

David de Sousa, que tinha pela musica russa um verdadeiro culto, foi o seu grande propagandista entre nós. De então para cá é costume fazer-se todos os anos o festival russo. E ontem tanto o Politeama como o S. Luis o fizeram.

O programa de ontem no S. Luiz pena foi que nos não desse uma maior representação dos grandes autores russos. Alguns se não executaram que longe estavam de o merecer. Foi pena.

A orquestra ontem apresentou-se bem. Principalmente no «1812» foi muito feliz, sendo bom não esquecer o «Capricho espanhol» de Rymsky-Korsakow. «A vida pelo Czar» de Glinka e «O principe Igor» de Borodine, tiveram tambem felizes execuções.

A segunda parte foi preenchida pela 1.ª audição dum concerto de Tschaikowsky, executado pela orquestra e piano, sendo o professor Luis Costa o solista.

Foi um belo numero em que Blanch dirigiu muito bem a orquestra e em que Luis Costa afirmou o seu talento de pianista.

Conhecido já do publico de Lisboa, teve uma quente ovação de que foi absolutamente merecedor.

A maneira como executou a sua parte cheia de dificuldades e a que soube imprimir um grande brilho, foi realmente notavel.

Bem anda Pedro Blanch em trazer junto do publico os nossos artistas. Louvores a quem de direito.

B. C.

S. Carlos

Recita de despedida de Mireile Berthon

Com uma casa cheia, apesar de ser a quarta representação da Thais e de ser dia de eleições, realisou-se ontem em S. Carlos a recita de despedida do soprano da Opera de Paris Mireille Berthon.

A opera teve como sempre o magnifico desempenho que Berthon e Formichi lhe dão. E, se ainda é possivel dize-lo, os dois artistas estiveram ontem numa noite feliz.

No intervalo dos dois quadros do ultimo acto Mireille Berthon, acompanhada ao piano pelo maestro Versécantou «La chanson triste» de «Duparc» e o «L'Adieu» da «Manon».

A primeira, cheia de leveza e de colorido foi admiravelmente dita.

Mas principalmente na «Manon» foi Mireille fóra do vulgar. O publico coroou este pequeno entreacto com uma calorosa ovação, absolutamente merecida.

E agora que o pano caiu sobre a ultima representação de Mireille Berthon é interessante fazer um ligeiro apanhado acerca da sua estada entre nós.

A critica recebeu-a com um aplauso sensacional. Tanto na Thais como no Fausto como na Tosca ela marcou o seu papel, num cuidado enorme pela sua interpretação, pelo rigor da sua realisação.

Educada na escola franceza preocupa-se a par do canto — é bom frisar que a sua voz cheia de frescura e lindamente conduzida e duma grande beleza—com a mise-en-scène e a representação.

E assim se compreende que a par duma grande cantora ela tenha sido uma grande actriz, como nem sempre se encontra nos tablados de declamação.

Mireille Berthon voltará para a proxima época? Talvez. E então ouviremos a Manon, ouviremos o Roméo e Julieta...

Assim o prometeu.

B. C.

As eleições na Provincia

PORTALEGRE, 30. — As eleições decorreram na melhor ordem no circulo de Portalegre. Foram eleitos deputados:

Baltazar Teixeira e João Camoesas, (democraticos) pela maioria e Sant' Ana Marque (monarquico) minoria.

Pelo circulo de Elvas:

Plinio Silva (democratico) e Ruy de Andrade e Antonio Sardinha (monarquicos).

Para senadores foram eleitos: Jorge Velez Caroço e Catanho de Menezes (democraticos) pela maioria e José Augusto Sequeira (monarquico) pela minoria.

Os candidatos republicanos obtiveram nesta cidade um grande maioria. Viva a Republica.—(C.)

POMBAL, 30.—Votações neste concelho;

Deputados: Pedro Ferreira (liberal) 556; Mario de Aguiar (monarquico) 515; Maldonado de Freitas (reconstituintes) 502; Carlos Pereira (democratico) 479; Manuel Figueira da Camara (monarquico) 480.

Senadores: Julio Dantas (reconstituintes) 733; Augusto Barreto, (liberal) 458; Costa Junior (democratico) 455; Costa Lobo (monarquico) 444.

Factos e palavras

...DE ESTOIROS

Hontem ao cair da tarde, quando a bruma e o cinzento começavam caindo sobre a cidade, quando os resultados das eleições começavam a andar de boca em boca, começaram tambem subindo ao ar os foguetes de regosijo que rematando em heroicos estoiros despertavam a cidade.

Eu estava então no Largo das Duas Igrejas. E era comovedor o vêr como os pobres passaritos recolhidos nas arvores de braços nus, braços nus que de noite eles enchem de folhas, voavam espavoridos.

Nós temos, e muitas vezes já isto se tem repetido, a mania excessiva dos estoiros.

Por dá cá aquela palma estoira-se. E nem sequer reparam que, á força de tanto estoiro, somos nós os que estoiramos qualquer dia.

E as pobres avesinhas que não votaram, que andam mais alto do que nós, e nem sequer teem filiação politica, espavoridas batiam asas, fugiam para logo voltarem e fugirem de novo.

E' a proposito desses pardais que nos enchem de bulicio e de chilreios o Chiado pelo cair da noite, lembra-me aquela senhora francesa que, visitando pela primeira vez Lisboa e atravessando comigo a Praça de Camões me disse olhando as arvores:

—Que lindas as arvores. Parecem cobertas de neve...

Neve?...

Ah! Sim. Neve de passarinho.

BOTTO DE CARVALHO

* * *

Isadora Duncan, após a sua invenção das danças serpentina e luminosa, engendrou tambem a dança politica que, durante a guerra, iniciou. Depois de dançar diante do rei Constantino da Grecia e de Venizelos, Duncan, vencedora, partiu para a Russia. Está em Moscow. Que dança exibirá ela ante os olhos dos russos, habituados aos seus bailados singulares, cheios de gritos guturais?

Sabe-se que foi Lenine quem a chamou, Lenine aterrado com a debandada do «seu povo».

Isadora foi vista por seu irmão Raimundo, na capital do imperio «sovietista». E' ele quem fala: «O povo comove-se vendo-a, como em face do mais alto misterio. Isadora realisa uma obra de arte e de caridade, pois, sem ela, o povo russo afastar-se-ia, dividindo-se ainda mais, se é possivel.»

Isto será verdadeiro? Tem-se visto tanta coisa...

◆ ◆ ◆

Depois de se vêr obrigada a reconhecer a independencia da Irlanda, a Gran-Bretanha encontra-se neste momento a braços com a rebelião sanguinolenta do Egipto e da India, onde a situação é muito grave.

Em Bombaim a revolta mantem-se em estado latente, e no Cairo houve tumultos gravissimos, morrendo 200 pessoas e ficando feridas mais mil.

Vê-se, pois, que os dominios mais importantes jogam as ultimas na ansia de atirarem ao ar com a albarda ingleza.

Liberdade! Liberdade!

As letras

—Assis Esperança acaba de publicar um novo romance «Viver!» editado pela Bertrand.

—«Bucolica» é o primeiro volume da «Lacrimae rerum», versos perfeitos de Vieira de Almeida. A edição é da «Seara Nova», e o livro traz um prefacio do sr. Oliveira Ramos, da Faculdade de Letras.

A viagem de Joffre ao Japão

TOKIO, 30.—O marechal Joffre, acompanhado pela esposa e filha chegaram aqui, demorando-se até 14 de fevereiro a convite do governo japonez. Esta visita tem por fim retribuir a visita a Paris do principe real.

Consta que o navio de guerra «Montcalm» que trouxe aqui o marechal Joffre será oferecido ao Japão, como uma oferta da parte do governo francez. Este cruzador tem 22 anos e foi renovado em 1920.

A familia Joffre tenciona visitar a Mandchuria, a China e as Filipinas antes de partir para a America, onde irão como convidados dos Estados Unidos.—(Lit. Am.)

Universidade Livre

Curso de Direito Comercial

Realisa-se ámanhã nesta colectividade, a 5.ª lição deste curso, que tem sido tratada pelo distinto professor dr. Carneiro de Moura, duma forma interessante e segundo a evolução economica.

Na lição de amanhã, tratará da compra e venda do numerario da socialisação e da distribuição da riqueza. Referir-se-ha tambem á troca ou escambo, ao escambo, ao reporte e ao aluguer. Demonstrará o que é a transmissão e a reforma do titulo de credito nacional. E colectivisação dos mares, dos navios, o proprietario, o capitão e a tripulação. O conhecimento; o fretamento; os passageiros. Privilegios creditarios e hipotecarios em direito maritimo.

ULTIMA HORA

O resultado das eleições

O que pensa o sr. dr. Xavier da Silva das eleições efectuadas hontem

Tem agora a palavra o antigo parlamentar, sr. dr. Xavier da Silva. A «Capital» faz se anunciar a s. ex.ª, e momentos depois é introduzido no gabinete do politico.

O sr. dr. Xavier da Silva vai falar-nos ácerca do resultado obtido nas eleições de hontem.

—As eleições e o seu resultado não me vieram trazer surpreza alguma—afirma s. ex.ª, oferecendo-nos um «fauteuil» e colocando na nossa frente a sua cigarreira aberta—os monarquicos, como eu já tinha previsto, obtiveram nos dois circulos de Lisboa as minorias e, estou certo do que afirmo, teriam mesmo obtido melhor exito se não fosse a atitude tomada pelos partidos, á ultima hora.

—Mas nós ignoramos a que atitude v. ex.ª se quer referir...

—Eu lhe digo. Segundo o que para ai se diz, os liberais e varios outros grupos politicos reconheceram, á ultima hora, a necessidade de reforçarem a votação democratica com os seus votos, se se quizesse evitar a vitoria eleitoral monarquica.

—Mas isso era atraiçoar a conjunção republicana!...

—Bem sei, mas como em qualquer dos casos a lista da conjunção não oferecia garantias de exito, não ha duvida que a resolução tomada veio evitar que o eleitorado monarquico visse aumentada, muito consideravelmente, a sua votação.

—Quantos monarquicos virão a ter assento na camara dos deputados?

—Pelos mapas publicados no «Seculo» e pelas informações que eu tenho calculo que o seu numero não irá alem de doze, o que, relativamente já é consideravel.

—A que atribue v. ex.ª a relativa vitoria dos monarquicos?

—A's continuas dissidencias republicanas e, muito principalmente, aos ultimos acontecimentos.

—Refere-se ao 19 de outubro?

—Sim, e tambem ás repetidas alterações de ordem publica. Certo é que a lista da conjunção veio fazer com que se dividisse muito a votação republicana, em beneficio dos candidatos monarquicos.

«Eu observei, por varias vezes, que grande numero de listas da conjunção tinham nomes de candidatos riscados e substituidos por outros. Assim, não é para extranhar o grande insucesso das listas da conjunção.

—Que opinião tem v. ex.ª acêrca das futuras camaras?

—Que serão a cópia fiel das camaras de 1919: uma verdadeira manta de retalhos, em que os monarquicos, naturalmente unidos, farão uma politica de fiscalisação, proveitosa talvez para a Republica se eles não fizerem a mesma politica obstrucionista das ultimas camaras.

—Que governo sairá do Parlamento para suceder ao sr. Cunha Leal?

—Ah! meu amigo, ai tem v. uma pergunta a que eu, de maneira alguma, posso responder. E' lá possivel prever o que poderá sair dum Parlamento em que nenhum partido tem uma maioria absoluta que lhe permita fazer governo?

E' natural que o sr. Cunha Leal continue á frente do poder, com o apoio da maioria parlamentar, unica fórma de não dificultar a marcha regular da politica portuguesa. Mas é tambem natural que não suceda assim... Emfim, isto está ainda tão nubloso...

E sorrindo, s. ex.ª acrescenta ainda:

—Oxalá que não apareça, mais uma vez, a molestia quasi cronica das dissoluções!... Como a moda pegou tambem isso é de prever!

"Leva da Morte"

Julgamento adiado

Por a defesa ter recusado trez jurados, mais uma vez ficou adiado o julgamento dos individuos acusados de estarem envolvidos no caso da chamada «Leva da Morte».

UM DESABAMENTO

Alguns feridos

Em virtude do temporal desabou na rua de Santo Antonio um barracão que servia de cocheira.

De debaixo dos escombros foram retirados alguns homens feridos, verificando-se não serem de gravidade os ferimentos recebidos.

Tambem ficaram feridos os animais que ali se encontravam.

Esquadra ingleza

Na legação de Inglaterra tem lugar hoje o jantar, oferecido pelo sr. ministro de Inglaterra, ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, ao qual assiste o corpo diplomatico.

POLITICA

A crise ministerial pode considerar-se aberta

A' hora em que fechamos o nosso jornal ainda não terminou o conselho de ministros, convocado para examinar a situação politica, definida desde já pelo resultado das eleições. E' possivel que o conselho termine bastante tarde, porque sómente ás 17 horas é que o sr. ministro dos Estrangeiros pôde comparecer, retido até então no seu gabinete em negocios da pasta.

A opinião entre os politicos é unanime neste ponto: o gabinete Cunha Leal terminou a sua missão. Prometeu manter a ordem e fazer as eleições. Cumpriu. O dever de governar pertence agora a outros, claramente indicados pela vontade popular.

Ha divergencias, todavia, quanto á oportunidade da declaração oficial da crise: deve ser já ou adiar-se até á abertura da sessão legislativa? Duma forma ou doutra, pode considerar-se aberta a crise, pelo menos virtualmente.

Renuncia do sr. Presidente da Republica

Voltaram hoje a acentuar-se os boatos da renuncia do Chefe do Estado, perante o Parlamento, logo que este se encontre definitivamente constituido.

Apezar disso, não falta quem negue que o sr. Antonio José de Almeida tenha realmente o firme proposito de abandonar o exercicio da sua alta magistratura.

As eleições em Lisboa

Os resultados das assembleias da Pena e de Santa Isabel

Só hoje foi possivel concluir o apuramento das listas entradas nas assembleias da Pena e Santa Isabel. O resultado dessas eleições foi o seguinte:

Pena

Democraticos.—Afonso Costa, 126; Alberto Vidal, 121; Antonio Maria da Silva, 116; João Luiz Ricardo, 124; Nunes Loureiro, 119; Costa Gonçalves, 121.

Monarquicos.—Carlos Ferreira, 79; Fernando Ramos, 81; Fidelino de Figueiredo, 79; Manuel Duarte, 80; Mateus Monteiro, 79; Cancela de Abreu, 82.

Conjunção.—Tamagnini Barbosa 45; Rego Chaves, 48; João de Deus Ramos, 52; Gomes da Costa, 53; Ramada Curto, 43; Zacarias Gomes de Lima, 151.

Outubristas.—Machado Toledo, 6; Camara Pestana, 7; Luiz Ramos, 7; Antonio Bernardo, 7; Alexandre Ferreira, 7; Vieira da Rocha, 8; Orlando Marçal, 1;

Para senadores.—Herculano Galhardo, 120; Gaspar de Lemos, 119; Oriol Pena, 85; Jacinto Nunes, 58; José Francisco da Silva, 56; Conceição Veloz, 2; Salustiano Correia, 2.

Santa Isabel

Democraticos: — Portugal Durão, 131; Rodrigues Gaspar, 129; Almeida Ribeiro, 129; Norton de Matos, 131; Rodrigo Rodrigues, 128; Sousa Rosa, 129.

Monarquicos:—Pinto de Gouveia, 147; Antonio Bourbon, 148; Moraes de Carvalho, 148. Carvalho da Silva, 148; Sampaio e Melo, 150; Castelo Branco, 149.

Conjunção:—Bourbon e Menezes, 31; Bigote de Carvalho, 31; Dias da Silva, 25; Feliciano da Costa, 25; José Maria Alvares, 35; Vasco de Vasconcelos, 33.

Para senadores:—José Francisco da Silva, 30; Jacinto Nunes, 37; Herculano Galhardo, 132; Gaspar de Lemos, 131; Oriol Pena, 130; Conceição Velez, 2; Salustiano Correia, 1.

Em sufragio de Bento XV

Na igreja da Encarnação realisaram-se hoje solenes exequias sufragando a alma do falecido Papa. Celebrou a missa o paroco da freguesia, assistindo á cerimonia o sr. Arcebispo de Mitilene.

—Tambem na Igreja de S. Sebastião da Pedreira igual cerimonia se realisou.

A ex-imperatriz Zita

No comboio que entrou na estação do Rocio hoje ás 6,15 da manhã, chegou a ex-imperatriz Zita que como se sabe está residindo na Madeira e foi á Suissa assistir á operação dum dos seus filhos. A ex-imperatriz hospedou-se em casa do sr. Marquez de Lavradio e deve embarcar para o Funchal no proximo dia 2.

Estudantes Argentinos

No Rapido de Madrid, chegou a Lisboa, uma delegação de estudantes argentinos, que veem de percorrer a Europa, e seguem amanhã no paquete Lutecia para o seu paiz.

TEATRO

Nota do dia

A mania da perseguição

Quiz o acaso que a ultima critica feita neste jornal por mim fosse a uma peça do Politeama, e quiz ainda o acaso que ao regressar a esta casa fosse ao Politeama, com o «Idilio dos velhos» que me tivesse de referir. Se não estivesse já feita a noticia da «Mulher do Barba Azul» seria talvez possivel que se quebrasse a impressão que he naque le teatro duma perseguição... em forma.

Se é certo que me preocupam muito pouco as impressões que os outros façam, principalmente as más impressões não deixo porém, de mais uma vez, vir afirmar a norma estabelecida durante anos na secção teatral da «Capital».

Por aqui passaram Carlos Amaro, André Brun, Avelino de Almeida, Mario de Almeida, marcando sempre ou literariamente ou sob um aspecto de argucia e inteligencia a sua independencia de critica. De todos ficou a reputação para o jornal porque todos souberam equilibrar o seu espirito ponder ao serviço do publico e não das empresas.

Aquele que lê, o espectador, o aficionado das primeiras gosta de ver interpretadas as suas opiniões no jornal. E por mais voltas que se deem aos adjectivos uma obra má nunca pode ser boa senão atravez duma injusta apreciação. O que é necessario é o desassombro de o dizer, sem que essas palavras, as mais cruéis, signifiquem prazer ou satisfação dum espirito demolidor. Pelo contrario; o critico que aponte os erros, que não permita passar a sucata literaria ou dramatica faz um bem ao teatro porque o deseja melhor, porque concorre para a selecção; e aos proprios emprezarios e artistas presta um auxilio porque a sua palavra se valorisa para o elogio.

Dificil é encontrar alguem que não traga atraz de si o moço com os seus originais ou dos parentes, que não deseje uma traducçãosinha, ou não encha a carteira dos bilhetes de entrada permanente que as empresas fornecem aos amigos da casa, quando não é alguma ligação com a estrela ou a amizade com o galã. Então a missão do critico teatral está prevertida e pode facilmente ser substituida pelos reclames da empresa.

❖ ❖ ❖

Tudo isto vem a proposito de dois factos.

Quando assinei a noticia critica da «Mulher sem importancia» com a minha opinião pessoal e intransmissivel, ia dando uma congestão ao nosso bom amigo Luiz Pereira a quem se não deverem favores de maior tinha feito acolhido bem na sua questão com Mendonça de Carvalho sobre a «Sombra»; pois este nosso querido amigo andou pelo palco chamando-me «analfabeto», «ignorante» e «matandro» (sic) brandindo a folha maldita onde inserira as minhas recatadas opiniões.

Depois tive por oficio de ajudar ao funeral do Idilio de Velhos, tambem no Politeama e como não pouse firmar um elogio á 8.ª mulher, venho perentoriamente declarar que não se trata duma perseguição em forma, como podem as boas almas julgar. E tanto que para a proxima peça a subir á scena no Politeama eu irei, com a alma branca de imaculada, pronta a tecer só elogios. Oxalá, porém, que o possa assinar. Oxalá que os possa merecer o Politeama, porque afinal é esse o meu unico, vivo e sincero desejo.

Porque ao resto, ate mesmo ás más impressões do nosso amigo, o sr. Luis Pereira, eu não creio nelas... São intrigas de bastidores.

ARMANDO FERREIRA.

Primeiras e reposições

31 — *Revista de Luiz de Aquino, Pereira Coelho e Alberto Barbosa.*

No Eden foi reposto o «31». O «31» não tem critica possivel. Foi reposto por causa da critica... situação porque passava o Eden. Faltam revistas... As velhas ainda são as melhores. Se hoje voltassemos ao «A. B. C...» dos revistas encontrariamos ainda novidades. Foi o que sucedeu ao «31». Só não foi novidade o «17». Era Nascimento Fernandes. Realmente Nascimento Fernandes tem que voltar atraz para tornar a ter graça. Está em 1922 a fazer-se canastrão, ora isso não vale. Por isso o «17», triunfou, fez-nos saudades, fez-nos aplaudir. A seu lado o sr. Costa. Aguentou-se. Mas tambem nos faz saudades. Não dele... mas do outro «31».

Das mulheres Adelina F... e Deolinda de Macedo. Como ... gordado com a crise da vida.. Dantes eram Julia Mendes, Maria Vitoria... as magras.

Os restantes bem. Passei-os em «revista», estão parecidos, saudaveis, bem humorados, com boas côres, melhores do que os dos scenarios que no «31» não valem «zero».

ARMANDO FERREIRA.

Uma gralha muito importante

Na critica que no sabado publicamos sobre a representação da «oitava mulher do Barba Azul» saiu uma gralha que é nosso dever rectificar porquanto altera, em absoluto o sentido do periodo e da propria apreciação da obra.

Onde se lê: «por vezes tem aparecido trabalho mais probo», deve lêr-se: poucas vezes tem aparecido trabalho mais probo»... E' assim que é verdade e assim que fica certo.

Que nos desculpem os adaptadores da graciosissima comedia.

O HOMEM QUE PASSA

Noticiario

Portugal

Afinal, a peça do engenheiro Cohen que o ilustre actor Alves da Cunha representará em recita unica no Teatro de S. Luiz, chama-se «Prometeu» como neste jornal já dissemos.

—A companhia Alves da Cunha estreia-se hoje em Santarem com «As duas causas».

—A companhia Alves da Cunha deve seguir, no dia 5 de Março para as ilhas, onde é esperada com anciedade. No seu regresso a Lisboa é natural que entre no quadro do Teatro Nacional.

—Na revista «P. A. M.» de que, em festa de homenagem a Henrique Alves, a empreza do Apolo fará «reprise» a 3 de fevereiro, aquele distinto artista fará o «compére» que foi creado pelo actor Gomes, da Trindade, havendo grande interesse em verificar que nova modalidade imprimirá Henrique Alves a este seu novo papel.

A curiosidade do publico em poder admirar as belezas naturais do «Avenida Parque», á Avenida da Liberdade, e a suntuosidade do edificio do antigo Palacio Mayer, que conquistou o premio Valmor, pela sua magnificencia architetonica, parece que vai ser satisfeita em breve.

Segundo nos consta ha quem pense em realisar, ali, no proximo carnaval brilhantissimas diversões, que devem dar brado em Lisboa.

—Na peça «Belo Sexo» com que se estreia no Apolo a 4 de Março a companhia Ruas, actualmente no Porto, o actor Alfredo Ruas interpretará seis papeis.

—Conferenciou com o administrador do Teatro Nacional, o poeta Antonio Boto, acerca da sua peça em verso.

—A empresa Conceição e Silva dará uma «matinée» á imprensa com os sucessos cinematograficos de que obteve o exclusivo.

—Dificultou-se a vinda da companhia franceza de M.me Pierat ao Nacional, em virtude das novas exigencias dos actores francezes e duma proposta que a companhia teve de Marselha e Valencia para irem ali.

—A viuva de Fernando de Andrade e a empresa do Ginasio pensam em fazer reconstruir o edificio do antigo teatro do Ginasio, fazendo funcionar como teatro embora contra o parecer que porventura se venha a dar dos bombeiros, visto que pensam em abrir uma saida em tunel para a Rua do Mundo, atravessando um predio das tarseiras do teatro que pertence á viuva Andrade.

—Alves da Cunha que veio o Lisboa e teve uma entrevista com Augusto Pina, em que possivelmente se versou a sua entrada para ali, regressou já ao norte.

—No Apolo sobe á scena brevemente o «Dia de Juizo» de Schwalbach e «Capote e Lenço» da parceria.

—Cremilda de Oliveira fará no «Amigo de Peniche» com que se treia no Porto em declamação, o papel criado por Aura Abranches.

AGENDA DA SEMANA

Dia 1—Festa da Adelina Fernandes no Eden-Teatro.

Dia 2—S. Carlos, 1.ª do Parsifal.

Dia 3—Festa de Henrique Alves no Teatro Apolo. «Reprise» do «P. A. M.».

A'S SEGUNDAS FEIRAS

Antologia portugueza

O sr. ministro

por Camilo Castelo Branco

Tiburcio estreou-se nos tribunais em causas crimes. A imprensa jornalistica publicou trechos dos seus discursos torrenciais de eloquencia comovente; mas ele não se sentia bem; apertavam-se-lhe os horizontes que sonhára. Não queria salvar delinquentes que a sua propria consciencia acusava. Queria salvar a nação. Anciava as glorias honradas do parlamento. Amalia, que lhe conhecia a repugnancia em ir á Relação combinar a defeza com os criminosos, pedia muito ao tio que empenhasse as suas relações para que Tiburcio fosse á camara. O bispo, as autoridades e a fama do orador aplanaram as dificuldades. O dr. Tiburcio foi eleito por Sinfães—acho que foi por Sinfães, devia ser por Sinfães—um alfobre de deputados talentosos que vem sempre á luz politica por aquele ventre laxo e fecundo de Sinfães.

«Debutou esplendidamente» disseram os jornais do governo. A oposição achou-o metaphisico, nebuloso como um patano de madrugada. Defendeu a eleição cruenta do circulo 79, como quem defendia um réo do parricidio, com as mesmas frazes plangentes dos tribunais do crime. A oposição acusava o administrador do concelho como se ele fosse o Mattos Lobo ou o Luis Negro. O mesmo consumo de retorica, cheia de vitriolo, de parte a parte. No fim da legislatura o dr. Tiburcio confessava que, neste diluvio de porcaria, as bestas eram tantas e a arca tão pequena que a final não se salvava ninguem por causa das bestas.

—Eu queria ser ministro tres meses—disia ele um dia a Amalia.—Este paiz grangrenado ainda podia salvar-se com uma grande amputação.

Ela começou a imaginar que o seu marido podia salvar o paiz com uma grande amputação, e o tio conego perguntava ao sobrinho sorridente:

—Mas que diabo tem o paiz? Ninguem lá por fóra me cheira a grangrena. Reinam os rheumatismos e os catarros; mas, quanto a podridão, não sei de nenhuma, fóra dos hospitais. Eu, se fosse a ti, meu Tiburcio, não amputava nada, sendo ministro.

O doutor insistia em voltar ao parlamento. Queria dizer as derradeiras e solemnes palavras, cuspidas á face do cinismo publico, encarvoar com o estigma da infamia a estupida indiferença geral, inclinar-se sobre o leito de Portugal agonisante e psalmear-lhe trenos de destruição como Jeremias sobre o reino de Israel. E o conego:

—Parece-me que voltas aos sermões de casa das Botelhas. Esses sermões do parlamento, se ninguem os encomenda, sempre ha uma nação que os pague;—a pobre nação gangrenada, mas assim mesmo a pagar aos medicos com rara pontualidade! Tiburcio, tira-te de amputações, que te não vá dar a doença nas mãos por causa da hemorragia.

Não obstante, o conego trabalhava para a eleição do sobrinho por um circulo do Porto. Amalia pedia-lh'o com instancia, não só para abrir ao marido a vereda dos conselhos da corôa, mas porque tinha duas irmãs casadas em Lisboa, e queria muito estar perto delas. Padre João Evangelista dava-se com os influentes notaveis, grandes firmas comerciaes, potentados do sufragio que tinham os arsenais da sua popularidade nas confrarias. Aconselhavam-lhe que orientasse o doutor nos mananciaes das irmandades, fontes limpas de votos—que o apresentasse ao Souza Basto, da Trindade, ao Folhadela, ao visconde de Alpendurada, ao Carneiro Geraldes, ao Custodio Pinheiro, ao Torquato, á aristocracia de Cedofeita, ao Figueiredo, ao Dourado, e outros membros da Ordem Terceira de S. Francisco—uns finorios que a sabiam toda.

O doutor não transigia com os maus habitos da mendicidade. Se ele queria jarretar exorecencias cancerasas no organismo nacional, o mais pôdre dos membros era a corrupção do sufragio por meio de dinheiro aos pobres ou de abjecções aos ricos. De mais a mais, o insinuar-se nas irmandades parecia-lhe carolice estupida ou hipocrisia canalha. Apesar da esposa, ele teimava em não ir procurar os irmãos da Ordem Terceira, ao passo que o tio conego mexia os pausinhos, desculpando o doutor com as suas muitas ocupações juridicas. A Ordem Terceira de S. Francisco estava conquistada, desde que o conego fizera inscrever como irmão o doutor Tiburcio Pimenta.

Falava-se muito em reforma ministerial. O ministro da fazenda, em consequencia de se lhe agravar o golpe de um calo, recolhera-se á cama; o da marinha tinha-se constipado a bordo de uma fragata, onde fôra ver se a bolacha tinha o feitio que ele indicara num lindo desenho em que a poesia se dava as mãos com a geometria linear. Estavam cheios de gloria, metidos na cama, um com emplastros emolientes, outro a mastigar pastilhas de Naphé, um repuxo de espirros.

—Se agora estivesses em Lisboa Tiburcio, talvez entrasses para o ministerio—dizia lhe Amalia.

—Não sejas creança. Homens da minha inflexivel independencia só podem ser ministros, se o povo e as armas os impõe ao Poder Moderador. A minha columna vertebral não se curva nem ao povo, nem aos argentarios, nem á camarilha. Nunca passarei de bacharel Tiburcio Pimenta, natural de Gandarela, e advogado nos auditorios do Porto.

—E irmão da Ordem Terceira de S Francisco— acrescentou o conego. Lá te meti, e de lá sairás deputado nas primeiras eleições. Eu conheço o Porto melhor do que tu. Isto aqui é Braga com mais alguns milheiros de almas.

Um dia, ás sete da manhã, puxaram fortemente á campainha do doutor Tiburcio. Desceu a creada á cancela, e viu um homem de boa compostura seraphica perguntando se podia falar ao sr. doutor. Era um sujeito calvo, de oculos verdes, sobre um nariz muito verrugoso, com uma venta obstruida.

—Que ainda estava recolhido.

Que vinha trazer-lhe um oficio a dar parte a sua senhoria que fôra nomeado ministro. E entregou-lhe o oficio.

—Faça favor de dar da minha parte os parabens ao sr. ministro; diga-lhe que é o Lavanha, o irmão Campainha.

—O irmão de quem?

O Campainha, o Lavanha; o sr. doutor bem me conhece, que eu tambem sou escrevente no escriptorio do Bandeira; e já cá tenho vindo com papeis ao sr. ministro. Adeusinho, menina.

A creada subiu muito açodada, ofegante, a chamar a ama:

—O' senhora, o senhora, um oficio a dar parte que o sr. doutor está ministro!

E Amalia, muito alvorotada, correu com o oficio ao quarto, e abriu a janela, exclamando:

—Tiburcio, Tiburcio, parabens! estás ministro! Aqui está o oficio!

E deslacrava o sobrescripto sem o lêr para dar o oficio ao marido que se sentara estrouvinhado na cama, a esfregar os olhos.

O doutor leu:

Ill.mo Sr. Dr. Tiburcio Pimenta. — A Mesa da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, desta invicta e heroica cidade do Porto, tem a satisfação de participar-lhe que hontem, em reunião geral, foi v. s.ª unanimemente eleito Ministro da mesma Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Tiburcio machucou o papel, atirou-o ao tapete, e disse:

—Não valia a pena acordar-me para isto, Amalia!

E ela, com os olhos espantadamente espasmodicos na cara esquisita do marido, disse com um grande desalento:

—Ministro da ordem terceira de S. Francisco! Ora bolas!

O conego, que tinha ouvido falar em ministro, entrou nesta conjunctura, e perguntou o que era. Amalia explicou com muito desdem a nomeação do ministro da ordem terceira; e o tio com gravidade, e um pouco de miguelismo:

—Pois eu antes queria ser ministro da Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas, que ministro da primeira ordem da Senhora D. Maria da Gloria.

A VIDA

por Antonio Nobre

. . . .
Olha em redor, poisa os teus olhos! O que vês?
O mar a uivar! A espuma verde das marés!
Escarros! A traição, o odio, a agonia, a inveja!
Toda uma catedral de lutas, uma egreja
A arder entre clarões de coleras! O orgulho
Insuportavel tal o meu, e o sol de Julho!
Jesus! Jesus! quantos doentinhos sem botica!
Quantos lares sem lume e quanta gente rica!
Quantos reis em palacio e quanta alma sem ferias!
Quantas torturas! Quantas Londres de miserias!
Quanta injustiça! quanta dor! quantas desagraças!
Quantos suores sem proveito! quantas taças
A trasbordar veneno em espumantes bocas!
Quantos martirios, ai! quantas cabeças loucas,
Neste manicomio do Planeta! E as orfandades!
E os vapores no mar, doidos ás tempestades!
E os defuntos, meu Deus! que o vento traz á praia!
E aquela que não sai por ter usada a saia!
E os que sossobram entre a vaidade e o dever!
E os que tem, amanhã, uma letra a vencer!
Olha essa procissão que passa: um torturado
De Infinito! Um rapaz que ama sem ser amado,
E para ser feliz fez todos os esforços...
Olha as insonias duma noite de remorsos,
Como dez anos de prisão maior-celular!
Olha esse tisico a tossir á beira-mar...
Olha o bébé que teve Torre de coral
De lindas ilusões, mas que uma aguia, afinal,
Devorou, pois, ao ve-la ao longe, avermelhada,
Cuidou, ingenua! que era carne ensanguentada!

Quantos são, hoje? Horror! A lembrança das datas...
Olha essas rugas que tem certos diplomatas!
Olha esse olhar que tem os homens da politica!
Olha um artista a ler, soluçando, uma critica...
Olha esse que não tem talento e o julga ter
E aquele outro que o tem... mas não sabe escrever!
Olha, acolá, a Estupidez! Olha a Vaidade!
Olha os Aflitos! A mentira na Verdade!
Olha um filho a espancar o pai que tem cem anos!
Olha um moço a chorar seus crueis desenganos!
Olha o nome de Deus, cuspido num jornal!
Olha aquele que habita uma Torre de sal,
Muros e andaimes feitos, não de ondas coalhadas,
Mas de outras que chorou, de lagrimas salgadas!
Olha um velhinho a carregar com a farinha
E o filho no arraial, jogando a vermelhinha!
Olha a sair a barra a galera «Gentil»
E a Ana a chorar pelo João que parte para o Brazil!
Olha, acolá, no cais uma outra como chora:
E' o marido, um ladrão que vai «pela barra fóra!»
Olha esta noiva amortalhada, num caixão...

Jesus! Jesus! Jesus! o que ai vai de aflição!
O' meu amor! é para ver tantos abrolhos,
O' flor sem eles! que tu tens tão lindos olhos!
Ah! foi para isto que te deu leite a tua ama,
Foi para ver, coitada! essa bola de lama
Que pelo espaço vai, leve como a andorinha,
A Terra?

O' meu amor!... antes fosses ceguinha...

(Do Só)

Um telefone em Tormes!

por Eça de Queiroz

E agora, entre roseiras que rebentam, e vinhas que se vindimam, já cinco anos passaram sobre Tormes e a Serra. O meu Principe ja não é o ultimo Jacinto, Jacinto ponto final—por que naquele solar que decahira, correm agora, com soberba vida, uma gorda e vermelha Teresinha, minha afilhada, e um Jacintinho, senhor muito da minha amisade. E, pai de familia, principiára a fazer-se monotono, pela perfeição da belesa moral, aquele homem tão pitoresco pela inquietação filosofica, e pelos variados tormentos da fantasia insaciada. Quando ele agora, bom sabedor das coisas da lavoura, percorria comigo a quinta, em solidas palestras agricolas, prudentes e sem chimeras—eu quasi lamentava esse outro Jacinto que colhia uma teoria em cada ramo darvore, e riscando o ar com a bengala, plantava queijeiras de cristal e porcelana, para fabricar queijinhos que custariam duzentos mil reis cada um!

Tambem a paternidade lhe despertára a responsabilidade. Jacinto possuia agora um caderno de contas, ainda pequeno, rabiscado a lapis, com folhas, e papeluchos soltos entremeados, mas onde as suas despesas, as suas rendas se alinhavam, como duas hostes disciplinadas. Visitára já as suas propriedades de Montemór, da Beira; e concertava, mobilava as velhas casas dessas propriedades para que os seus filhos, mais tarde, crescidos, encontrassem «ninhos feitos». Mas onde eu reconheci que definitivamente um perfeito e ditoso equilibrio se estabelecera na alma do meu Principe, foi quando ele, já sahido daquele primeiro e ardente fanatismo da Simplicidade—entreabriu a porta de Tormes á Civilisação. Dois mezes antes de nascer a Teresinha, uma tarde, entrou pela avenida de platanos uma chiante e longa fila de carros, requisitados por toda a freguezia, e acogulados de caixotes. Eram os famosos caixotes, por tanto tempo encalhados em Alba de Tormes, e que chegavam, para despejar a Cidade sobre a Serra. Eu pensei:—Mau! o meu pobre Jacinto teve uma recahida! Mas os confortos mais complicados, que continha aquela caixotaria temerosa, foram, com surpreza minha, desviados para os sotãos imensos, para o pó da inutilidade: e o velho solar apenas se regalou com alguns tapetes sobre os seus soalhos, cortinas pelas janelas desabrigadas, e fundas poltronas, fundos sofás, para que os repousos, por que ele suspirára, fossem mais lentos e suaves. Atribui esta moderação á minha prima Joaninha, que amava Tormes na sua nudez rude. Ela jurou que assim o ordenára o seu Jacinto. Mas, decorridas semanas, tremi. Aparecera, vindo de Lisboa, um contramestre, com operarios, e mais caixotes, para instalar um telefone!

—Um telefone, em Tormes, Jacinto?

O meu Principe explicou, com humildade:

—Para casa de meu sogro!... Bem vês.

—Era rasoavel e carinhoso. O telefone, porem, subtilmente, mudamente, estendeu outro longo fio, para Valverde. E Jacintho, alargando os braços, quasi suplicante:

—Para casa do medico. Compreendes...

Era prudente. Mas, certa manhã, em Guiães, acordei aos berros da tia Vicencia! Um homem chegára, misterioso, com outros homens, trazendo arame, para instalar na nossa casa o novo invento. Socceguei a tia Vicencia, jurando que essa maquina nem fazia barulho, nem trazia doenças, nem atraia os trovoadas. Mas corri a Tormes. Jacinto sorriu, encolhendo os hombros:

—Que quereis? Em Guiães está o boticario, está o carniceiro... E, depois, estas tu!

Era fraternal. Todavia pensei. Estamos perdidos! Dentro dum mês teremos a pobre Joana a apertar o vestido por meio duma maquina! Pois não! o Progresso, que, á intimação de Jacinto, subira a Tormes a estabelecer aquela sua maravilha, pensando talvez que conquistara mais um reino a desfiar, desceu, silenciosamente, desiludido, e não avistamos mais sobre a serra a sua hirta sombra cor de ferro e de fuligem.

«Então compreendi que, verdadeiramente, na alma de Jacinto se estabelecera o equilibrio da vida, e com ele a Gran-Ventura, de que tanto tempo ele fora o principe sem Principado. E uma tarde, no pomar, encontrando o nosso velho Grilo, agora reconciliado com a serra, desde que a serra lhe dera meninos para trazer ás cavaleiras observei ao digno preto, que lia o seu «Figaro», armado de imensos oculos redondos:

—Pois, Grilo, agora realmente bem podemos dizer que o sr. D. Jacinto está firme.

O Grilo arredou os oculos para a testa, e levantando para o ar os cinco dedos em curva como petalas duma tulipa:

—S. ex.ª brotou!

Profundo sempre o digno preto! Sim! Aquele resequido galho de Cidade, plantado na serra, pegára, chupára o humus do torrão herdado, creára seiva, afundára raises, engrossára de tronco, atirara ramos, rebentára em flores, forte, sereno, ditoso, benefico, nobre, dando frutos, derramando sombra. E abrigados pela grande arvore, e por ela nutridos, cem casais em redor a bemdiziam.

SPORT

O match Gaudin-Aldo Nadi

Ha muitos anos que nenhuma prova de esgrima desperta o interesse do match Gaudin-Nadi, que é o assunto palpitante nos centros sportivos franco-italianos.

Efectivamente a classe dos combatentes, a circunstancia de serem postas frente a frente duas escolas diferentes, veio fazer reviver a atmosfera de anciedade, que precedeu os duelos Kirchefer Vega e Pessina-Merignac.

Gaudin é o melhor atirador amador de espada do mundo, e o melhor francez incluindo os mestres de armas. Nos ultimos jogos olimpicos foi batido por Nadi, devido a um incidente, que ocasionou uma pequena luxação num pé.

Nadi mais novo, tem sobre Gaudin a força moral de o ter já batido, mas a calma, a sciencia e a pratica deste ultimo, sobretudo na distancia de 20 toques, ha-de pôr as coisas no seu logar.

O assalto é ao florete, não sendo contudo as armas bem eguais. pois ao passo que o florete francez tem o punho liso, o que permite um mais perfeito doigté, *a arma italiana tem o punho de traverica, e com a extremidade ligada ao punho, o que torna a parada autoritaria. Os golpes ao tronco e ao braço do cotovelo para cima, são unicamente os que contam.*

Inclina-se á vitoria do francez.

RUY DA CUNHA

NOTICIARIO

FOOT-BALL

OS RESULTADOS DE HONTEM

Nos jogos de ontem, em primeiras categorias da primeira divisão, o Sporting venceu o Imperio por três bola a zero e o Benfica venceu o Internacional por três a duas.

Em segundas categorias, o Benfica empatou com o Internacional por duas bolas; em terceiras categorias, o Sporting venceu o Imperio por desasseis bolas a zero; em quartas categorias, o Sporting venceu Imperio por duas bolas a uma.

No campeonato de promoção, primeiras categorias, o Sacavenense venceu o Portugal por quatro bolas a duas; em segundas categorias, o Portugal venceu Royal por sete bolas a zero e o União Lisboa venceu o Sacavenense por duas bolas a zero.

OS DESAFIOS DE AMANHÃ

Amanhã no campo de Palhavã, antes do já anunciado jogo Internacional-Imperio, realiza-se um interessante jogo-treino, entre o grupo representativo de Lisboa e o Carcavelinhos Foot-ball Club, arbitrado pelo sr. Rogerio Peres.

O Grupo de Lisboa é constituido pelos srs. Carlos Guimarães, Jorge Vieira, Antonio de Pinho, João Francisco, Vitor C. Gonçalves (capitão), Alberto Nunes, Alberto Augusto, José Maria Gralha, João dos Santos, Domingos Neves e José Rodrigues. As reservas são os srs. Mario Duarte, Joaquim Ferreira, Fernando de Jesus, Alfredo Anacleto, Ribeiro Reis, Jaime Gonçalves e Joaquim Rio.

O Grupo de Lisboa jogará no dia 19 de Fevereiro contra o grupo do Porto.

AS PROVAS ESCOLARES

Tambem amanhã se inauguram as Provas Escolares, realizando-se os seguintes jogos:

Grupo B (internatos) — Casa-Pia contra Pupilos, ás 10,45, juiz Frederico de Barros; Escola Nacional contra Asilo Maria Pia, ás 9,30, juiz Ilidio Nogueira.

Grupo B (externatos)—Afonso Domingues contra Pedro Nunes, ás 12, juiz Candido de Oliveira.

Grupo A (externatos)—Afonso Domingues contra Pedro Nunes, á 1,15 da tarde, juiz Cosme Damião.

Todos os desafios nas Laranjeiras.

NATAÇÃO

No Sport Algés e Dafundo realisou-se a Assembleia Geral que deu os seguintes resultados:

Assembleia Geral—Presidente, José Cordeiro Junior; vice presidente, Fernando P. Sousa; 1.º secretario, Armando Nila e 2.º secretario, Carlos Testa.

Direcção—Antonio Afonso Pala; vice-presidente, Augusto Homem Melo; tesoureiro, Bernardo Pereira; 1.º secretario José Alves; 2.º secretario, Manuel Matias Junior; vogais, Ramiro Monteiro e Jaime Rezende.

Conselho Fiscal—Presidente, Florencio R. Domingues; vice-presidente Rodrigo Bessone Basto e secretario Antonio Basilio Santos Junior.

Comandante geral—Pedro José de Moura.

Secção de Natação— Presidente, Raul Cordeiro; vice-presidente, Luiz Alves Miguel e secretario, José da Costa Marques.

Secção de Remo—Presidente, José Reis; vice-presidente, Jorge Ferro e secretario, Alfredo José Freitas.

Secção de Vela—Presidente, Carlos S. Neves; vice-presidente, Antonio Pimentel e secretario José Ricardo Domingues.

Secção de Motor—Presidente, Manuel Eloy Moniz Junior; vice-presidente, Bernardo Pereira e secretario Domingos Pinto.

Delegado ás Provas de Natação—Eugenio J. C. Picardo.